

OS DIAS DE VINGANÇA

UMA EXPOSIÇÃO DO LIVRO
DE APOCALIPSE



DAVID CHILTON

pm



OS DIAS DE VINGANÇA

UMA EXPOSIÇÃO DO
LIVRO DE APOCALIPSE

DAVID CHILTON

Tradução

Kalebe Elias de C. Barbosa



Publicado originalmente em inglês sob o título
The Days of Vengeance: An Exposition of the Book of Revelation
Institute for Christian Economics
Disponibilizado de forma livre e gratuita por publicador original em website

É permitida a livre reprodução e distribuição do presente material,
sem necessidade de permissão, desde que não o seja para fins comerciais

Pós-Milenismo Produções
www.posmilenismo.com.br
editor@posmilenismo.com.br

1ª Edição: 2025
ISBN: 978-65-01-79179-1

Tradução: Kalebe Elias de C. Barbosa
Revisão: Daniel P. Rodrigues
Diagramação: Daniel P. Rodrigues
Capa: Daniel P. Rodrigues

Citações bíblicas foram extraídas da Bíblia King James Fiel 1611,
salvo indicação do contrário
Copyright © 2017 por BKJ 1611 Editora LTDA

Citações do Livro de Apocalipse na exposição (caps. 1-22)
traduzidas diretamente a partir do texto do autor.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Chilton, David

Os dias de vingança : uma exposição do livro de apocalipse / David Chilton;
tradução Kalebe Elias de C. Barbosa. -- 1. ed. -- Sumaré, SP : Ed. do Autor,
2025.

Título original: The days of vengeance
ISBN 978-65-01-79179-1

1. Apocalipse 2. Arrebatamento (Escatologia cristã) 3. Bíblia 4. Cristianismo
5. Escatologia 6. Exegese bíblica 7. Tribulação (Escatologia cristã) I. Título.

25-315195.0

CDD-228.07

Índices para catálogo sistemático:

1. Apocalipse : Comentários 228.07

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

Ao meu pai e à minha mãe

Mas, quando virdes Jerusalém cercada de exércitos, sabeis então que é chegada a sua desolação. Então, os que estiverem na Judeia, fujam para os montes; os que estiverem no meio dela, saiam; e os que nos campos não entrem nela. Porque dias de vingança são estes, para que se cumpram todas as coisas que estão escritas.

Lucas 21:20-22 – ACF

SUMÁRIO

PREFÁCIO À EDIÇÃO BRASILEIRA	9
PREFÁCIO – <i>Gordon J. Wenham</i>	13
PREFÁCIO DO AUTOR.....	15
APRESENTAÇÃO – <i>Gary North</i>	19
INTRODUÇÃO	39
Parte I: PREÂMBULO: O FILHO DO HOMEM (Apocalipse 1)	87
1. Rei dos Reis.....	89
Parte II: PRÓLOGO HISTÓRICO: AS CARTAS ÀS SETE IGREJAS (Apocalipse 2-3)	123
2. O Espírito Diz À Igreja: Vença!	129
3. O Mandato de Domínio	155
Parte III: ESTIPULAÇÕES ÉTICAS: OS SETE SELOS (Apocalipse 4-7)	177
4. O Trono Acima do Mar.....	181
5. Christus Victor	201
6. No Caminho do Cavalo Branco.....	217
7. O Verdadeiro Israel.....	237
Parte IV: SANÇÕES PACTUAIS: AS SETE TROMBETAS (Apocalipse 8-14)	259
8. Liturgia e História	263
9. Inferno na Terra	277
10. A Testemunha Fiel.....	293
11. O Fim do Princípio.....	305
12. A Guerra Santa	327
13. Leviatã e Beemote.....	355
14. O Rei no Monte Sião.....	383
Parte V: SUCESSÃO E CONTINUIDADE DO PACTO (Apocalipse 15-22)	407
15. As Sete Últimas Pragas.....	411
16. O Juízo Vindo do Santuário.....	421
17. A Falsa Noiva	445
18. Babilônia Caiu!	467
19. As Festas do Reino.....	489

20. O Milênio e o Julgamento.....	513
21. A Nova Jerusalém	555
22. Vem, Senhor Jesus!	583
CONCLUSÃO: AS LIÇÕES DO APOCALIPSE	599
APÊNDICES	609
APÊNDICE A: O Simbolismo Levítico no Apocalipse – <i>Philip Carrington</i>	611
APÊNDICE B: Sionismo Cristão e Judaísmo Messiânico – <i>James B. Jordan</i>	633
APÊNDICE C: Graça Comum, Escatologia e Lei Bíblica – <i>Gary North</i>	645
BIBLIOGRAFIA SELECIONADA	693

ABREVIACÕES

Versões Bíblicas

ACF – Almeida Corrigida e Fiel

Copyright © 1994, 1995, 2007, 2011

Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil

ARC– Almeida Revista e Corrigida

Copyright © 2009 Sociedade Bíblica do Brasil

ARA – Almeida Revista e Atualizada

Copyright © 1993 Sociedade Bíblica do Brasil

A21 – Almeida Século 21

Copyright © 2008 Edições Vida Nova

TB – Tradução Brasileira

Copyright © 1917, 2010 Sociedade Bíblica do Brasil

KJC – King James Clássica

Copyright © 2017 de Editora Hagnos LTDA.

NAA – Nova Almeida Atualizada

Copyright © 2017 Sociedade Bíblica do Brasil.

NVI – Nova Versão Internacional

Copyright © 1993, 2000, 2011 por Biblica, Inc.

NVT – Nova Versão Transformadora

Copyright © 2016 por Editora Mundo Cristão

LTT – Literal do Texto Tradicional

Copyright © 2020 de Hélio de Menezes Silva e BV Books Editora

BTX – Bíblia Textual

Copyright © 2019 de BV Films Editora

NTIA – Novo Testamento Interlinear Analítico

Copyright © 2008 de Editora Cultura Cristã

BJ – Bíblia de Jerusalém

Copyright © 2002 de Editora Paulus

TEB – Tradução Ecumênica da Bíblia

Copyright © 1994 de Edições Loyola

PREFÁCIO À EDIÇÃO BRASILEIRA

Kalebe Elias de Carvalho Barbosa

A escatologia cristã nunca foi um mero apêndice do pensamento teológico, mas sempre exerceu influência direta na maneira como os crentes compreendem sua missão no mundo. “Os Dias de Vingança”, do renomado teólogo reformado reconstrucionista David Chilton, é uma exposição magistral do Livro do Apocalipse a partir da perspectiva pós-milenista preterista parcial, demonstrando que esta revelação de Cristo à sua Igreja é, em *seu cerne*, um tratado de *juízo pactual*. Apocalipse é a proclamação da aplicação judicial da Lei de Deus sobre o Israel apóstata, culminando na destruição de Jerusalém no ano 70 d.C., o que marcou o fim definitivo da Antiga Aliança e a consumação da Nova Aliança em Cristo.

Ao longo da história da interpretação bíblica, diversas abordagens escatológicas surgiram, muitas delas impregnadas de pressupostos errôneos e consequências desastrosas para a vida cristã. O futurismo dispensacionalista, por exemplo, reduziu Apocalipse a um roteiro especulativo sobre eventos mundiais distantes e desconectados da história pactual. Essa visão, amplamente popularizada nos séculos XIX e XX, produziu uma *mentalidade escapista e fatalista*, levando muitos cristãos a uma atitude de passividade diante dos desafios culturais e sociais. O amilenismo, por sua vez, ao espiritualizar excessivamente as promessas de triunfo do Reino de Deus, falha em reconhecer a progressiva expansão histórica do senhorio de Cristo sobre as nações. Ambas essas perspectivas, ao negarem a plena concretização das promessas do Reino de Deus na história, acabam enfraquecendo a compreensão bíblica do mandato cultural e do papel ativo da Igreja na transformação do mundo.

O livro do Apocalipse, frequentemente tratado com especulação e sensacionalismo, é, na realidade, um documento jurídico-pactual que descreve o juízo de Deus sobre a antiga dispensação. “Os Dias de Vingança”, de David Chilton, apresenta essa visão com clareza, demonstrando que Apocalipse é uma proclamação da aplicação das sanções judiciais da Lei de Deus contra a geração apóstata de Israel ou judeus rebeldes, culminando na destruição de Jerusalém em 70 d.C.

A destruição de Jerusalém não foi um evento isolado ou sem precedentes na Escritura. Moisés, ao entregar a Lei ao povo, já havia

anunciado as bênçãos e maldições da aliança. Deuteronômio 28 estabelece as consequências da conformidade e da rebeldia. Entre as maldições e todas as marcas registradas, encontramos a previsão da devastação que ocorreria sobre Israel caso abandonasse o pacto:

O SENHOR trará contra ti uma nação distante, da extremidade da terra, veloz como o voo da águia; uma nação cuja língua não entenderás; uma nação de aspecto feroz, que não terá respeito pelo velho, nem mostrará benevolência ao jovem. (Dt. 28:49-50)

Essas palavras se cumpriram cabalmente no cerco romano de Jerusalém, que resultaram na destruição do Templo e na extinção da ordem sacerdotal levítica. O próprio Cristo, em Mateus 24, ecoa esse juízo iminente, alertando seus discípulos de que aquele evento ocorreria ainda naquela geração.

Isso nos leva à questão fundamental da Segunda Vinda de Cristo mencionada em Mateus 24 e Apocalipse 1. Muitos associam essa vinda ao fim do mundo, mas o contexto bíblico aponta para o juízo histórico sobre Jerusalém. Em Mateus 24:30, lemos:

E então aparecerá no céu o sinal do Filho do homem; e todas as tribos da terra se lamentarão, e eles verão o Filho do homem vindo nas nuvens do céu, com poder e grande glória.

Essa linguagem remete ao Antigo Testamento, onde Deus é descrito como vindo sobre as nuvens para julgar nações específicas (Is. 19:1). A vinda do Filho do Homem, portanto, refere-se ao juízo divino que caiu sobre Israel na destruição de Jerusalém. O mesmo se aplica a Apocalipse 1.7: *“Eis que vem com as nuvens, e todo o olho o verá, até os mesmos que o traspassaram”*

Aqueles que traspassaram a Cristo foram os judeus do primeiro século (At 2.23, 36), o que confirma que essa profecia não se refere a um evento futuro, mas ao julgamento que eles experimentariam em sua própria geração. Jesus já voltou ou veio nas nuvens do céu no século I em 70 d.C.!

As escatologias futuristas distorcem essa realidade. O dispensacionismo inventa um cenário onde Apocalipse trata de um período distante, desconectado do contexto histórico da igreja primitiva. O amilenismo, ao espiritualizar indevidamente profecias, falha em perceber a progressão do Reino de Cristo na história. Ambas as abordagens levam a uma atitude

derrotista, incompatível com o chamado bíblico para discipular das nações.

O pós-milenismo preterista parcial, ao contrário, confirma que Cristo reina agora e que a história está se movendo inexoravelmente para a conquista das nações pelo evangelho. Esse entendimento está intrinsecamente ligado à Teonomia e ao Reconstrucionismo Cristão. o Reino de Deus cresce na terra até que todas as nações se dobrem ao senhorio de Cristo.

O pós-milenismo preterista parcial, defendido por David Chilton e outros grandes expoentes da Teonomia e do Reconstrucionismo Cristão, oferece a compreensão mais consistente e biblicamente fundamentada da escatologia bíblica. Ele reconhece que a grande tribulação e os juízos descritos em Apocalipse tiveram seu cumprimento histórico na queda de Jerusalém e na dissolução do sistema mosaico de cerimônias e sacrifícios ou transição da Velha Aliança. No entanto, ao contrário do preterismo total, que incorre no erro ou heresia de negar um futuro e definitivo juízo final e a ressurreição corporal, o preterismo parcial equilibra a compreensão entre os eventos passados de juízo e a progressiva e inevitável conquista do mundo pelo Reino de Cristo.

O pós-milenismo, em sua essência, está intrinsecamente ligado ao compromisso teonômico e reconstrucionista. Se Cristo é de fato o Rei das nações, então a Sua Lei é o padrão autoritativo válido, único, supremo e absoluto para todos os aspectos da vida humana, incluindo a *esfera civil*. O Reconstrucionismo Cristão, conforme articulado por pensadores como Rousas John Rushdoony, Gary North e o próprio Chilton, defende que a Lei de Deus deve ser aplicada como princípio normativo para as sociedades, rejeitando tanto o humanismo secular quanto a neutralidade política e cultural.

Nesta tradução para o português, meu objetivo foi tornar acessível aos leitores de língua portuguesa uma das obras mais significativas sobre o Livro do Apocalipse. Como idealizador do Instituto do Movimento da Tradição Teonomista Reformada, vejo a necessidade urgente de que mais cristãos tenham acesso a essa compreensão reformada, pactual e historicamente coerente das Escrituras. Minha esperança é que esta obra fortaleça a convicção de que não estamos esperando um fracasso do Reino de Deus na história, mas sim sua vitória crescente, até que todas as nações se curvem diante do senhorio de Cristo.

Prefácio à Edição Brasileira

A escatologia bíblica é esperançosa, pois nos apresenta a mensagem não do fracasso da Igreja, mas sua vitória progressiva sobre todas as nações, conforme a promessa de nosso Senhor.

Que esta leitura encoraje e equipe os santos para viverem com esperança, compromisso e confiança na expansão inevitável do Reino de Deus, para a glória do nosso Rei vitorioso.

Kalebe Elias de Carvalho Barbosa
Goiânia, Goiás, Brasil

PREFÁCIO

Os leitores do Livro do Apocalipse ficam hipnotizados ou mistificados por ele. Os hipnotizados vêm com interpretações tão surpreendentes que os mistificados frequentemente concluem que cristãos sóbrios devem deixar o livro em paz.

O comentário de David Chilton deve ser estudado por ambos os tipos de leitores. Ele mostra que o Apocalipse é um livro, assim como qualquer outro livro do Novo Testamento, dirigido principalmente à igreja do primeiro século e facilmente compreendido por eles, porque estavam completamente familiarizados com o simbolismo do Antigo Testamento. Ele mostra que, uma vez que compreendemos esses modos de expressão, não é difícil entender o próprio Apocalipse também.

O Apocalipse continua sendo, no entanto, um livro desafiador e relevante para nós, não porque ele dá um esboço da história mundial com referência especial à nossa era, mas porque nos mostra que Cristo está no controle da história mundial e como devemos viver, orar e adorar. Num simbolismo vívido e poderoso, ele nos ensina o que significa crer na soberania e justiça de Deus. Que este comentário valioso nos leve a orar com João e a igreja universal no céu e na terra: 'Vem, Senhor Jesus!'

Gordon Wenham
The College of St. Paul and St. Mary
Cheltenham, Inglaterra

PREFÁCIO DO AUTOR

Desde o início, loucos e charlatões tentaram usar o Apocalipse para defender alguma nova distorção do velho lema alarmista: *O Céu Está Caindo!* Mas, como espero mostrar nesta exposição, o Apocalipse de São João ensina, na realidade, que os cristãos vencerão toda a oposição por meio da obra de Jesus Cristo. Meu estudo me convenceu de que uma verdadeira compreensão desta profecia deve ser baseada na aplicação adequada de cinco chaves interpretativas cruciais:

1. ***Apocalipse é o livro mais “bíblico” da Bíblia.*** São João cita centenas de passagens do Antigo Testamento, muitas vezes com alusões sutis a rituais religiosos do povo hebreu pouco conhecidos. Para entender o Apocalipse, precisamos conhecer nossas Bíblias de trás para frente. Uma razão pela qual este comentário é tão grande é que tentei explicar esse extenso contexto bíblico, comentando sobre inúmeras partes das Escrituras que lançam luz sobre a profecia de São João. Também reimprimi, no Apêndice A, a excelente pesquisa de Philip Carrington sobre o simbolismo levítico no Apocalipse.

2. ***Apocalipse possui um sistema de simbolismo.*** Quase todos reconhecem que São João escreveu sua mensagem em símbolos. Mas o significado desses símbolos não é arbitrário. Há uma estrutura sistemática no simbolismo bíblico. Para entender o Apocalipse corretamente, devemos nos familiarizar com a “linguagem” em que ele foi escrito. Entre outros objetivos, este comentário busca levar a Igreja ao menos alguns passos mais perto de uma Teologia do Apocalipse verdadeiramente bíblica.

3. ***Apocalipse é uma profecia sobre eventos iminentes*** – eventos que estavam prestes a acontecer no mundo do primeiro século. Apocalipse não é sobre guerra nuclear, viagem espacial ou o fim do mundo. Repetidamente, ele avisa especificamente que “o tempo está próximo!” São João escreveu seu livro como uma profecia da destruição iminente de Jerusalém em 70 d.C., mostrando que Jesus Cristo havia trazido a Nova Aliança e a Nova Criação. Apocalipse não pode ser entendido a menos que este fato fundamental seja levado a sério.

4. ***Apocalipse é um culto de adoração.*** São João não escreveu um livro didático sobre profecia. Em vez disso, ele registrou um culto de adoração celestial em andamento. Uma de suas principais preocupações, na verdade, é que a adoração a Deus é central a tudo na vida. É a coisa mais

importante que fazemos. Por esta razão, dediquei especial atenção ao longo deste comentário aos aspectos litúrgicos pertinentes do Apocalipse e suas implicações para nossos cultos de adoração hoje.

5. ***Apocalipse é um livro sobre domínio.*** Apocalipse não é um livro sobre o quão terrível o Anticristo é, ou o quão poderoso o diabo é. Ele é, na realidade, como o primeiro versículo diz, *A Revelação de Jesus Cristo*. Ele nos fala sobre Seu senhorio sobre tudo; nos fala sobre nossa salvação e vitória na Nova Aliança, o ‘maravilhoso plano de Deus para nossa vida’; nos diz que o reino do mundo se tornou o Reino de nosso Deus e de Seu Cristo; e nos diz que Ele e Seu povo reinarão para todo o sempre.

Tenho muitas pessoas a agradecer por tornar este livro possível. Primeiramente, sou grato ao Dr. Gary North, pois, sem sua paciência e considerável investimento financeiro, ele simplesmente não poderia ter sido escrito. Na semana em que me mudei para Tyler, Gary me levou em um de seus passeios periódicos para compras de livros em um grande sebo em Dallas. Enquanto eu o ajudava a transportar centenas de volumes cuidadosamente escolhidos para o caixa (eu também comprei alguns livros – uns poucos a cada hora, mais ou menos, apenas para manter minha mão no jogo), Gary me perguntou em qual projeto de longo prazo eu gostaria de trabalhar, junto às minhas outras tarefas no Instituto de Economia Cristã. “Que tal um livro de tamanho médio, estilo popular, nível introdutório e fácil de ler sobre o Apocalipse?”, sugeri. “Acho que poderia escrever algo assim em cerca de três meses.” Isso foi, quase exatamente, há 3 anos e seis meses – ou, como Gary poderia ser tentado a dizer baixinho: Um tempo, tempos e meio tempo. Finalmente, a tribulação terminou.

O livro, é claro, excedeu em muito seu tamanho e escopo projetados. Grande parte disso se deve ao Rev. James B. Jordan e ao Rev. Ray Sutton, pastores da Igreja Presbiteriana de Westminster em Tyler, Texas, que influenciaram grandemente minha compreensão das conexões literárias e simbólicas da Bíblia e de suas estruturas litúrgicas. O Rev. Ned Rutland, da Igreja Presbiteriana de Westminster em Opelousas, Louisiana, leu uma versão inicial de alguns capítulos e, com tato e gentileza singulares, me guiou em uma direção mais bíblica. James M. Peters, o historiador de antiguidades e gênio da computação de Tyler, foi um rico tesouro de informações sobre o mundo antigo.

Há outros que contribuíram de várias maneiras para a produção deste volume. As pacientes e alegres secretárias do ICE, a sra. Maureen Peters e

OS DIAS DE VINGANÇA

a sra. Lynn Dwelle, me auxiliaram com muitos detalhes técnicos e obtiveram livros fora de circulação; elas desenvolveram a virtude de “andar a segunda milha” em uma arte refinada. O tipógrafo David Thoburn, um verdadeiro artista, trabalhou longas horas em supererrogação, resolvendo problemas incomuns e garantindo a alta qualidade e legibilidade do livro. Ele confirmou em grande medida minha convicção de sua habilidade superior. Sua assistente, a sra. Sharon Nelson, foi uma mediadora valiosa, garantindo que nossos computadores permanecessem em pleno funcionamento. Os índices foram preparados por Mitch Wright e Vern Crisler.

Um dos mais notáveis estudiosos da Bíblia de nossos dias é o teólogo britânico Gordon J. Wenham, do *College of St. Paul and St. Mary*, cujos comentários bem escritos e bem informados deixaram uma marca significativa em todo o mundo evangélico. Meu primeiro contato com o Dr. Wenham foi no ano passado, quando, sem aviso prévio, enviei a ele uma cópia do meu livro *Paraíso Restaurado*. Para minha grande surpresa e alegria, ele me respondeu para expressar sua apreciação. Isso me encorajou (embora não sem um grau de temo e tremor) a solicitar seus comentários sobre as provas não revisadas da presente obra. O Dr. Wenham graciosamente dedicou um tempo valioso para lê-lo, oferecer sugestões e escrever o Prefácio. Sou grato por sua gentileza. Naturalmente, ele não pode ser responsabilizado pelas inúmeras deficiências deste livro.

Este último ponto talvez deva ser enfatizado. Este comentário não tem nenhuma pretensão de ser a “última palavra” sobre o assunto; de fato, se minha escatologia estiver correta, a Igreja tem muitos anos para escrever muito mais palavras sobre o assunto! Devo muito às importantes contribuições de muitos outros comentaristas – especialmente Philip Carrington, Austin Farrer, J. Massyngberde Ford, Meredith G. Kline, J. Stuart Russell, Moses Stuart, Henry Barclay Swete e Milton S. Terry – e espero ter feito justiça a eles ao construir sobre seus alicerces. No entanto, estou dolorosamente ciente de que a tarefa de comentar a magnífica profecia de São João excede em muito as minhas habilidades. Onde fui incapaz de expor adequadamente a mensagem do Apocalipse, imploro a complacência de meus irmãos e irmãs em Cristo e desejo sinceramente seus comentários e correções.

Minha amada esposa, Darlene, sempre foi minha maior fonte de encorajamento. Nossos filhos (Nathan David, Jacob Israel e Abigail Aviva) suportaram nosso “exílio em Patmos” coletivo com a verdadeira graça joanina (misturada, talvez, com ocasionais estrondos de trovões boanergeanos também!); e se suas histórias de ninar, de alguma forma, estavam cheias de querubins, dragões, cavalos voadores e espadas flamejantes para além da conta, eles nunca reclamaram.

Finalmente, sou grato ao meu pai, o Rev. Harold B. Chilton, e à minha mãe. Fui imensamente abençoado por crescer em um lar onde a Palavra de Deus foi tão altamente honrada, tão fielmente ensinada, tão verdadeiramente vivida. O ambiente que eles estruturaram era constantemente inundado de grandeza e riqueza musical, enquanto a atmosfera era carregada com discussões teológicas estimulantes, tudo no contexto de cuidar dos necessitados, abrigar os desabrigados, alimentar os famintos e levar a todos a preciosa mensagem do Evangelho. Das selvas fumegantes e arrozais das Filipinas aos gramados sombreados do sul da Califórnia, eles me deram um exemplo notável e inesquecível do que significa servir ao Senhor. Algumas das minhas primeiras memórias são de ver a fé dos meus pais ser provada além do que parecia ser os limites da resistência humana; e quando Deus os provou, eles saíram como ouro. Apresentando o Testemunho de Jesus, sofrendo a perda de todas as coisas para ganhar a Cristo, eles são o que São João nos exortou a ser: testemunhas fiéis.

Este livro é dedicado a eles.

David Chilton
Tyler, Texas
8 de maio de 1986
Dia da Ascensão

APRESENTAÇÃO

Gary North

Com seu primeiro livro sobre escatologia, *Paraíso Restaurado*,¹ David Chilton deu início a um reavivamento escatológico. “Revolução” seria uma palavra muito forte, pois o ponto de vista que apresenta é antigo, remontando à igreja primitiva. Mas da noite para o dia, *Paraíso Restaurado* começou a influenciar líderes religiosos e acadêmicos que acreditavam que o argumento bíblico para a vitória cultural estava morto – uma reliquia do século XIX. Agora temos *Os Dias de Vingança*, uma exposição versículo por versículo do livro mais difícil da Bíblia, o Livro do Apocalipse. O que foi explicado em termos gerais em *Paraíso Restaurado* agora é fundamentado com capítulo e versículo – na verdade, muitos e muitos capítulos e versículos. Este livro se tornará a nova obra de referência sobre o Livro do Apocalipse. Incrivelmente, o estilo de Chilton é tão enérgico que poucos leitores sequer notarão que o autor lançou uma bomba acadêmica. O mundo acadêmico cristão conservador ficará sem palavras; Chilton ofereceu um desafio exegético notável para aqueles que se apegam às escatologias rivais tradicionais, que eu chamo de *pessimilenismo*.

Este não é apenas mais um comentário chato sobre o Livro do Apocalipse. Mesmo que fosse só isso, seria um evento de grande importância, pois a publicação de qualquer comentário sobre o Livro do Apocalipse por um autor conservador e que creia na Bíblia é algo de se comemorar. O comentário amilenista de W. Hendriksen, *Mais que Vencedores*, foi publicado em 1940, e tem menos da metade do tamanho deste, e não está no mesmo patamar em termos de erudição bíblica. *O Apocalipse de John Walvoord*, tem agora mais de duas décadas, e também tem apenas metade do tamanho do de Chilton. Apesar de todo o fascínio pela profecia bíblica no século XX, comentários completos sobre este livro bíblico mais profético são raros.

Eles sempre foram raros. Poucos comentaristas ousaram explicar o livro. João Calvino ensinou em todos os livros da Bíblia, exceto um: Apocalipse. Martinho Lutero escreveu algo na faixa de cem volumes de material – tanto ou mais do que Calvino – mas ele não escreveu um comentário sobre o Apocalipse. Moses Stuart escreveu um ótimo em meados do sé-

¹ David Chilton, *Paraíso Restaurado* (Editora Monergismo, 2024).

culo XIX, mas que está esquecido hoje. O Livro do Apocalipse resistiu a quase todas as tentativas anteriores de desvendar seu segredo dos segredos. Agora David Chilton descobriu esse segredo, essa chave há muito perdida que desvenda todo o código.

Essa chave há muito ignorada é o Antigo Testamento.

O Contexto do Antigo Testamento

“Muito engraçado”, você pode estar dizendo a si mesmo. Tudo bem, eu admito: *é* engraçado, mas no sentido de ser peculiar, não hilário. O que Chilton faz é voltar repetidamente ao Antigo Testamento para entender o quadro de referência do apóstolo João. Essa técnica funciona. É a única que *realmente* funciona!

Aqueles que nunca trabalharam pessoalmente com Chilton não conseguem apreciar prontamente seu conhecimento detalhado da Bíblia, especialmente do Antigo Testamento. Eu o usei dezenas de vezes como minha concordância pessoal. Ele trabalhava no escritório ao lado do meu. Eu gritava para ele: “Ei, David, você sabe onde posso encontrar a passagem sobre ...?” Eu contava uns poucos detalhes sobre alguma história bíblica, ou algum versículo desconexo que estava martelando em minha memória, e ele quase instantaneamente me dizia o capítulo. Ele podia ou não conseguir o versículo exato; geralmente, ele estava dentro de uma margem de erro de três ou quatro versículos. Isso sempre era próximo o bastante. Rara era a ocasião em que ele não conseguia fazê-lo apenas dependendo de sua memória; mesmo assim, ele vasculhava sua extensa biblioteca pessoal até encontrá-la. Nunca demorava muito.

Neste livro, ele pegou sua notável memória do Antigo Testamento e a fundiu com uma técnica interpretativa desenvolvida por James Jordan em seu livro, *Judges: God's War Against Humanism* [Juízes: A Guerra de Deus Contra o Humanismo] (1985).² Jordan trabalha com dezenas de símbolos do Antigo Testamento que ele selecionou das narrativas históricas e das descrições do Tabernáculo e do Templo. Então, ele aplica esses símbolos e modelos a outras histórias bíblicas paralelas, incluindo o relato do Novo Testamento sobre a vida de Cristo e a igreja primitiva. Ninguém faz isso melhor do que Jordan, mas Chilton aplicou com sucesso essa hermenêutica bíblica (princípio de interpretação) ao Livro do Apocalipse de

² Tyler, Texas: Geneva Ministries, 1985.

muitas maneiras criativas. Chilton não é o primeiro expositor a fazê-lo, como revelam suas notas de rodapé e apêndices, mas ele é, inquestionavelmente, o melhor expositor a aplicá-la ao Livro do Apocalipse que a igreja cristã já produziu. Essas histórias e símbolos fundamentais do Antigo Testamento dão sentido às passagens difíceis do Apocalipse. Chilton esclarece as muitas conexões entre a linguagem simbólica e as referências históricas do Antigo e do Novo Testamento. É por isso que seu comentário é tão fácil de ler, apesar da magnitude do que ele realizou academicamente.

A Peça Que Falta: A Estrutura da Aliança

Havia uma peça faltando no quebra-cabeça, no entanto, e isso manteve o livro no computador de Chilton por um ano extra, pelo menos. Essa peça faltante foi identificada no outono de 1985 pelo pastor Ray Sutton. Sutton sofrera queimaduras graves em um acidente de cozinha, e sua mobilidade fora drasticamente reduzida. Ele estava trabalhando em um manuscrito sobre o simbolismo dos sacramentos, quando uma conexão crucial lhe ocorreu. A conexão foi fornecida pelo Prof. Meredith G. Kline do Seminário de Westminster. Anos antes, ele lera os estudos do professor Kline sobre os antigos tratados de suserania do Antigo Oriente Próximo.³ Reis pagãos estabeleceriam pactos com seus vassalos. Kline havia apontado que esses tratados eram paralelos à estrutura do Livro de Deuteronômio. Eles tinham cinco pontos: (1) uma identificação do rei; (2) os eventos históricos que levaram ao estabelecimento do pacto; (3) estipulações (termos) do pacto; (4) um aviso de julgamento contra qualquer um que desobedecesse, mas uma promessa de bênção para aqueles que obedecessem; e (5) um sistema de reconfirmação do tratado na morte do rei ou do vassalo.

Kline desenvolveu algumas das implicações desse esquema pactual. Sutton desenvolveu muitas outras. Essas descobertas notáveis e inovadoras podem ser encontradas em seu livro, *That You May Prosper* [Para Que Prospereis] (1987).⁴ Mas, mais importante, ele notou que essa estrutura

³ Kline, *Treaty of the Great King* (Grand Rapids: Eerdmans, 1963); reimpresso parcialmente em seu livro posterior, *The Structure of Biblical Authority* (Grand Rapids: Eerdmans, 1972).

⁴ Ray R. Sutton, *That You May Prosper: Dominion By Covenant* (Tyler, Texas: Institute for Christian Economics, 1987).

pactual de cinco pontos governa os livros de Salmos, Oséias, Mateus, Hebreus 8 e várias epístolas de Paulo. O desenvolvimento minucioso de Sutton da estrutura pactual deve ser considerado o mais importante avanço teológico no movimento de Reconstrução Cristã desde a publicação das *Institutas da Lei Bíblica* de R. J. Rushdoony, em 1973. Após Sutton identificar essa estrutura pactual de cinco pontos, eu a reconheci nos Dez Mandamentos, pouco antes de terminar meu comentário econômico sobre os Dez Mandamentos.⁵

Sutton apresentou sua descoberta em uma série de estudos bíblicos de quarta-feira à noite. Na primeira noite em que Chilton ouviu, ele ficou estupefato. Ele foi até Sutton após a mensagem e lhe disse que essa era claramente a chave para a estrutura do Apocalipse. Ele estava tentando trabalhar com um modelo de quatro pontos e ficou completamente preso. Chilton voltou a trabalhar em seu comentário e, em poucas semanas, reestruturou o manuscrito. Em poucos meses, ele o terminou, depois de três anos e meio. (Tempo, tempos e meio tempo.)

Teologia de Tyler

Estou confiante de que *Os Dias de Vingança* receberá sua medida de ridicularização – de muitos lados, por muitas razões. O brilhantismo retórico de Chilton tornará essa abordagem arriscada para os críticos responderem por meio de obras publicadas, mas os murmúrios e calúnias não publicados se espalharão rapidamente. Chilton certamente será grandemente criticado por suas incursões no simbolismo bíblico e seu argumento de que a estrutura do Livro do Apocalipse é a mesma que a de Deuteronômio. O que o leitor deve entender desde o início é que tais percepções, embora executadas com grande habilidade, são derivadas das obras de Kline, Jordan e Sutton. Chilton não deve ser apontado como algum tipo de teólogo independente isolado que simplesmente inventou suas descobertas do nada – ou pior, em uma sala cheia de fumaça com odor estranho. Ele chegou a elas enquanto trabalhava com outros homens no que ficou conhecido como “o grupo de Tyler”, localizado em Tyler, Texas, uma cidade de cerca de 75.000 habitantes no leste do Texas.

⁵ Gary North, *The Sinai Strategy: Economics and the Ten Commandments* (Tyler, Texas: Institute for Christian Economics, 1986).

Este livro é um bom exemplo, por bem ou por mal, do que se tornou conhecido como a “teologia de Tyler”. Esta teologia é parte de uma corrente maior de pensamento chamada Reconstrução Cristã, também chamada de “teonomia”, embora alguns membros dessas escolas de pensamento prefiram evitar esses termos. O termo mais amplo é “teologia do domínio”.

Há muitos que defendem a teologia do domínio que não são teonomistas, e há teonomistas que não são “Tyleritas”. Na verdade, eles são declaradamente ‘*não-Tyleritas*’. Eles fazem o impossível para dizer às pessoas até que ponto não são Tyleritas. Eles chegaram bem perto de definir a si mesmos e seus ministérios como “nã-Tyleritas”. (Há uma cena no antigo filme “Drácula” quando o professor mostra um crucifixo a Bela Lugosi, que imediatamente se vira e puxa sua capa sobre o rosto. Penso nessa cena sempre que penso nesses homens falando a outras pessoas sobre Tyler. Um dia, gostaria de mostrar uma placa de “Bem-vindo a Tyler” na frente deles, só para ver o que acontece.) Conheço muitos deles que um dia poderiam estar dispostos a começar igrejas com nomes como “A Primeira Igreja Não-Tylerita de...” Conheço outro que vê o seu grupo como “O Primeiro Estudo Bíblico Não-Tylerita das 11h da manhã de domingo...” Assim, eles não apreciarão o livro de Chilton. Eles culparão Chilton por adotar ideias que foram distribuídas a partir do leste do Texas. Mesmo que, doutro modo, possam concordar com seus argumentos, eles estão infectados com um caso sério de NDA – “Não Descoberto Aqui” – uma enfermidade comum entre intelectuais.

Em suma, eles podem atacar *Os Dias da Vingança*, quando, na verdade, estão atrás de Jordan e Sutton. Os leitores devem estar cientes dessa possibilidade com bastante antecedência. Há mais neste livro do que aparenta.

Duas coisas tornam a teologia de Tyler única no campo da Reconstrução Cristã: (1) sua ênfase pesada na igreja, com Comunhão semanal; e (2) seu uso pesado do modelo pactual de cinco pontos. A teologia do pacto, especialmente o pacto da igreja, não tem sido um foco importante nos escritos de alguns dos líderes do movimento da Reconstrução Cristã fora de Tyler. Teologicamente falando, os “quatro pontos do Reconstrucionismo Cristão” originais que Chilton e eu sumarizamos⁶ – providência (soberania de Deus), pressuposicionalismo bíblico (apologética de Van

⁶ Gary North e David Chilton, “Apologetics and Strategy”, *Christianity and Civilization*, 3 (1983), pp. 107-16.

Til: a Bíblia é o ponto de partida e o tribunal final de apelação), otimismo escatológico (pós-milenismo) e lei bíblica (teonomia) – eram insuficientes. O quinto ponto, o *pactualismo*, e especificamente o modelo de cinco pontos de Sutton, foi adicionado no final de 1985 para completar o esboço teológico.

Os Dias da Vingança diz respeito especialmente à estrutura da aliança do Apocalipse e ao foco histórico de suas passagens de juízo. Se, como Chilton argumenta tão brilhantemente, essas passagens de condenação e lamentação iminentes se relacionam à queda de Jerusalém em 70 d.C., então não há maneira legítima de construir um argumento para uma Grande Tribulação à nossa frente. Ela está muito atrás de nós. Assim, o Livro do Apocalipse não pode ser legitimamente usado para reforçar o argumento para o pessimismo escatológico. Muitos leitores rejeitarão sua tese neste ponto. Aqueles que levam a Bíblia a sério terminarão de lê-la antes de rejeitar sua tese.

Pessimismo

A imensa maioria dos cristãos acredita que as coisas vão piorar progressivamente em quase todas as áreas da vida até que Jesus retorne com Seus anjos. Os pré-milenistas acreditam que Ele estabelecerá um reino visível terrestre, com Cristo no comando e corporalmente presente. Os amilenistas não acreditam em nenhum reino visível terrestre antes do juízo final. Eles acreditam que somente a Igreja, e as escolas e famílias cristãs representarão visivelmente o reino na terra, e o mundo estará cada vez mais sob o domínio de Satanás.⁷ Ambas as escatologias ensinam a *derrota terrena da Igreja de Cristo* antes de Seu retorno físico em poder.

Um problema com tal perspectiva é que, quando as derrotas previsíveis na vida chegam, os cristãos têm um incentivo teológico para dar os ombros e dizer a si mesmos: “É a vida. É assim que Deus profetizou que seria. As coisas estão piorando.” Eles leem as manchetes sombrias do jornal diário e pensam consigo mesmos: “A Segunda Vinda de Jesus está próxima.” A força interior que as pessoas precisam para se recuperar das derrotas externas normais da vida é minada por uma teologia que prega a inevitável derrota terrena para a igreja de Jesus Cristo. As pessoas pensam

⁷ Gary North, *Dominion and Common Grace* (Tyler, Texas: Institute for Christian Economics, 1987), especialmente o capítulo 5.

OS DIAS DE VINGANÇA

consigo mesmas: “Se nem mesmo a santa igreja de Deus pode triunfar, então como é que *eu* poderia triunfar?” Os cristãos, portanto, tornam-se cativos psicológicos de manchetes pessimistas que vendem jornais.

Eles começam com uma falsa suposição: a inevitável derrota da Igreja de Cristo na história pelas forças terrenas de Satanás, apesar do fato de que Satanás foi mortalmente ferido no Calvário. Satanás não está “vivo e passa bem no Planeta Terra”. Ele está vivo, mas não passa bem. Argumentar o contrário é argumentar a favor da impotência histórica e da irrelevância cultural da obra de Cristo no Calvário.

O Reavivamento do Otimismo

Embora as escatologias pessimistas tenham sido populares por um século, sempre houve uma teologia alternativa, uma teologia de domínio. Era a fé reinante dos puritanos naquela primeira geração (1630-1660), quando eles começaram a subjugar o deserto da Nova Inglaterra. Era também a fé compartilhada na era da Revolução Americana. Começou a desaparecer sob o ataque do pensamento evolucionista darwiniano na segunda metade do século XIX. Quase desapareceu completamente após a Primeira Guerra Mundial, mas está retornando rapidamente nos dias de hoje. Os livros de David Chilton sobre escatologia são agora os principais manifestos neste reavivamento do otimismo teológico.

Hoje, o movimento de Reconstrução Cristã recrutou alguns dos melhores e mais brilhantes jovens escritores dos Estados Unidos. Simultaneamente, uma grande mudança na perspectiva escatológica está varrendo o movimento carismático. Essa combinação de erudição acadêmica rigorosa, disciplinada, enérgica e orientada ao domínio com o entusiasmo e o grande número de carismáticos voltados para a vitória criou um grande desafio ao protestantismo conservador familiar, limitado pela tradição, envelhecido e, acima de tudo, orientado ao presente. Isso constitui o que pode se tornar a mudança teológica mais importante na história americana, não apenas neste século, mas em toda a história da nação. Espero que essa transformação seja visível até o ano 2000 – um ano de considerável especulação escatológica.

Se eu estiver correto, e essa mudança ocorrer, *Os Dias da Vingança* será estudado por historiadores como um documento de fonte primária pelos próximos dois ou três séculos.

Produzir Novos Líderes: A Chave Para a Sobrevivência

Como o pessimilenismo não podia oferecer aos estudantes esperança de longo prazo em seus futuros terrestres, ambas as versões capitularam culturalmente. Esse recuo do compromisso cultural culminou durante os anos fatídicos de 1965-1971. Quando o mundo passou por uma revolução psicológica, cultural e intelectual, onde estavam as respostas cristãs concretas e específicas para os problemas urgentes daquela era turbulenta? Nada de substancial veio dos seminários tradicionais. Era como se seus professores acreditassem que o mundo nunca avançaria além das questões dominantes de 1952. (E mesmo em 1952, os professores de seminário estavam, em sua maioria, apenas sussurrando.) Os líderes do cristianismo tradicional perderam a oportunidade de capturar as melhores mentes de uma geração. Eles foram vistos como desnorteados e confusos. Havia uma razão para isso. Eles *estavam* desnorteados e confusos.

Na década de 1970, apenas dois grupos dentro da comunidade cristã vieram perante o público cristão e anunciaram: “Temos as respostas bíblicas.”⁸ Eles estavam em extremos opostos do espectro político: os teólogos da libertação à esquerda e os reconstrucionistas cristãos à direita.⁹ A batalha entre esses grupos se intensificou desde então. O livro de Chilton, *Productive Christians in an Age of Guilt-Manipulators* [Cristãos Produtivos em Uma Era de Manipuladores de Culpa] (1981),¹⁰ é o documento mais

⁸ Francis Schaeffer vinha anunciando desde 1965 que a civilização humanista é uma casca vazia sem futuro terreno. Ele repetiu várias vezes que o cristianismo tem as perguntas que o humanismo não pode responder. O problema era que, como um pré-milenista calvinista, ele não acreditava que quaisquer respostas especificamente cristãs seriam implementadas antes da segunda vinda de Cristo. Ele não dedicou muito espaço em seus livros para fornecer respostas especificamente cristãs às questões cristãs que ele levantou para desafiar a civilização humanista. Ele fez excelentes perguntas culturais; ele ofereceu poucas respostas especificamente cristãs. Havia razões para isso: Chilton e North, *op. cit.*

⁹ Nos círculos altamente restritos do calvinismo amilenista, um movimento de curta duração de acadêmicos holandeses norte-americanos apareceu, 1965-75, a escola da “ideia cosmonômica”, também conhecida como neodooyeweerdianos, nomeada em homenagem ao acadêmico do direito e filósofo holandês, Herman Dooyeweerd. Eles causaram pouco impacto fora da comunidade holandesa norte-americana e, desde então, desapareceram na obscuridade. Seus precursores no início dos anos 1960 foram mais conservadores, mas, depois de 1965, muitos deles se tornaram companheiros ideológicos dos teólogos da libertação. Eles não conseguiram competir com o radicalismo mais extremo representado por *Sojourners* e *The Other Side*, e desapareceram.

¹⁰ David Chilton, *Productive Christians in an Age of Guilt-Manipulators: A Biblical Response* to Ronald J. Sider (4th ed.; Tyler, Texas: Institute for Christian Economics, 1986).

importante nesse confronto teológico. Mas, entre o centro confuso, não houve respostas bíblicas claras para nenhuma dessas duas posições.

O futuro do pessimilenismo está sendo corroído. À medida que as crises sociais do mundo se intensificam, e à medida que se torna aparente que o protestantismo conservador tradicional ainda não tem respostas eficazes, específicas e viáveis para as crises de nossos dias, uma mudança drástica e atualmente imprevisível da opinião cristã provavelmente ocorrerá – um evento análogo ao colapso de uma represa. Haverá uma revolução na maneira como milhões de cristãos conservadores pensam. Então haverá uma revolução no que eles fazem.

Os teólogos da libertação não vencerão esta batalha pelas mentes dos cristãos. Haverá uma reação religiosa contra a esquerda em uma escala jamais vista no Ocidente desde a Revolução Bolchevique, e talvez desde a Revolução Francesa. Quando isso ocorrer, apenas um grupo possuirá em reserva um corpo de recursos intelectuais adequados para conter a maré do humanismo: os reconstrucionistas cristãos, ou seja, aqueles que pregam o domínio e, ainda mais especificamente, aqueles que pregam o *domínio pelo pacto*. Com esse alicerce intelectual, dada a existência de condições culturais, econômicas e políticas catastróficas, eles assumirão a liderança do protestantismo conservador. Os líderes protestantes existentes suspeitam disso, e eles não gostam das implicações. No entanto, eles não estão dispostos ou são incapazes de fazer o que é necessário para conter esse desenvolvimento. Especificamente, eles não estão produzindo os recursos intelectuais para combater o que os reconstrucionistas cristãos estão produzindo.

Em vez disso, eles murmuram. Essa tática falhará.

Silenciando os Críticos

Por mais de duas décadas, os críticos repreenderam os reconstrucionistas cristãos com este refrão: “Vocês simplesmente não produziram nenhuma exegese bíblica para provar seu argumento para um otimismo escatológico.” Então veio *Paraíso Restaurado* em 1985. Um silêncio mortal envolveu os críticos antes vociferantes. Agora vem *Os Dias de Vingança*. O silêncio agora se tornará ensurdecedor. Suspeito que poucos críticos responderão *por meio de obras publicadas*, apesar de que, caso se recusem a responder, eles terão aceitado a validade do relatório do legista: morte por asfixia (notas de rodapé presas na garganta).

Ah, pode haver algumas resenhas de livros escritas às pressas em periódicos acadêmicos cristãos não lidos. O Prof. Lightner do Seminário de Dallas pode escrever uma, como o texto desprezível de uma página que ele escreveu sobre *Paraíso Restaurado*, no qual disse, com efeito, “Veja aqui, este homem é um pós-milenista, e você precisa entender que nós aqui no Seminário de Dallas não somos!”¹¹ Pode haver alguns breves comentários depreciativos em livros de brochura populares sobre o renascimento insignificante e temporário da teologia do domínio em larga escala. Mas não haverá nenhuma tentativa bem-sucedida por parte de *líderes* acadêmicos dos vários campos pessimilenares de responder a Chilton. Há uma razão para isso: eles não podem responder com eficácia. Como dizemos em Tyler, eles simplesmente não têm os cavalos para isso. Se eu estiver incorreto sobre sua incapacidade teológica, então veremos artigos longos e detalhados mostrando por que o livro de Chilton está totalmente errado. Se não os virmos, você pode concluir com segurança que nossos oponentes estão em apuros. Para cobrir seus flancos expostos, eles serão tentados a oferecer o refrão familiar: “Não dignificaremos tais argumentos absurdos com uma resposta pública.” Ou seja, hastearão a bandeira branca intelectual.

No entanto, os críticos do Chilton terão um problema com essa abordagem silenciosa. O problema é o professor Gordon Wenham, que escreveu o prefácio. Provavelmente não há no mundo anglófono um comentarista do Antigo Testamento que creia na Bíblia mais respeitado do que ele. Seu comentário sobre Levítico estabelece um alto padrão intelectual. Se Gordon Wenham diz que *Os Dias da Vingança* vale a pena ser considerado, então deixar de considerá-lo seria um grande erro tático por parte dos pessimilenistas.

Eu irei mais longe do que Wenham. Este livro é um esforço marcante, o melhor comentário sobre o Apocalipse na história da Igreja. Ele estabeleceu o padrão para: (1) seu nível de erudição, (2) suas observações inovadoras em cada e (3) sua legibilidade. Essa combinação única – quase inédita nos círculos acadêmicos – deixa a oposição intelectual quase indefesa. Pode haver alguns especialistas acadêmicos que responderão competentemente a este ou aquele ponto em *Os Dias da Vingança*, mas seus ensaios técnicos não serão lidos amplamente, especialmente pelo pastor ou leigo comum. Também pode haver um ou dois teólogos que tentam

¹¹ *Bibliotheca Sacra* (abr.-jun. 1986).

responder de forma abrangente (embora eu duvide), mas suas exposições confusas ganharão poucos novos seguidores. (Tenho em mente um certo estudioso amilenista que é conhecido por suas percepções únicas sobre o simbolismo bíblico, mas cujos escritos comunicam suas ideias com a clareza dos enigmas zen-budistas ou das coletivas de imprensa de Alexander Haig.)

Eles enfrentam, principalmente, o problema tático de chamar a atenção para este livro dentro de seus grupos de seguidores hermeticamente fechados. Se seus seguidores um dia se sentarem e lerem *Os Dias da Vingança*, o Reconstrucionismo Cristão tomará os melhores e mais brilhantes deles. Por quê? Porque é mais fácil vender a esperança terrena do que a derrota terrena, pelo menos para pessoas que não estão felizes em aceitar sua condição de perdedores históricos. Muitos cristãos hoje estão cansados de perder. Mesmo que isso signifique começar a assumir a responsabilidade – e é precisamente isso que a teologia do domínio significa – um número crescente de cristãos jovens e brilhantes está pronto para pagar esse preço para parar de perder. Assim, qualquer discussão estendida sobre esse livro se torna um dispositivo de recrutamento para o Reconstrucionismo Cristão. Muitos leitores jovens e brilhantes serão informados sobre a existência da teologia do domínio.

Nossos oponentes sabem disso, então não espero ver nenhum esforço sistemático para refutar Chilton com relação à escatologia, assim como não vimos um esforço de um livro inteiro para refutar *Theonomy in Christian Ethics* [Teonomia na Ética Cristã] (1977)¹² de Greg Bahnsen ou *Institutes of Biblical Law* [As Institutas da Lei Bíblica] (1973) de R. J. Rushdoony.¹³ Os críticos em potencial tiveram muito tempo; eles não tiveram muitas respostas definitivas. Acredito que a razão é que o argumento bíblico para a continuidade do padrão da lei bíblica é muito forte. Nossos oponentes prefeririam que ficássemos em silêncio e parássemos de levantar essas questões éticas difíceis. Nossos oponentes estão presos em um grande dilema. Se eles continuarem a não responder, seu silêncio se tornará uma admissão pública de derrota intelectual. Se eles responderem, temos uma oportunidade de responder – e as respostas são onde se marcam os pontos no debate acadêmico. Quando você não responde de

¹² 2nd edition, 1984. Publicado por Presbyterian & Reformed, Phillipsburg, New Jersey.

¹³ Nutley, New Jersey: Craig Press, 1973.

forma eficaz às respostas, você perde o debate. Nossos oponentes entendem as regras do jogo acadêmico. Eles não começaram o confronto.

Ao mesmo tempo, eles precisam das nossas percepções para dar sentido a, pelo menos, algumas da Bíblia. Vi cópias das *Institutas* de Rushdoony à venda na livraria do Seminário Teológico de Dallas. Eles precisam de suas percepções sobre a lei bíblica, mas não conseguem lidar com a teologia subjacente de seu livro. Eles simplesmente o descartam como não tendo importância no que tange a tais questões. Eles fingem que ele não ofereceu um desafio monumental à ética dispensacionalista.¹⁴ Eles fingem que podem usar com sucesso seu livro como uma espécie de obra neutra de referência sobre as leis casuísticas do Antigo Testamento e também, de alguma forma, evitar perder seus alunos mais enérgicos para o movimento reconstrucionista cristão. A carreira do pastor Ray Sutton (graduado do Seminário Teológico de Dallas) indica que eles cometeram um erro.

Em um ensaio popularmente escrito para um público não cristão, dois autores fundamentalistas insistiram que, embora as compreensões de R. J. Rushdoony sobre educação e política sejam usadas por fundamentalistas, eles não levam suas visões do reino a sério. Quando suas escolas cristãs são levadas ao tribunal por algum procurador-geral arrogante do estado, eles chamam Rushdoony para testemunhar em defesa. Isso vem acontecendo desde meados da década de 1970. Eles precisam dele. Eles sabem que precisam dele. No entanto, seus dois críticos fundamentalistas chegaram ao ponto de dizer que quase ninguém no mundo cristão leva suas opiniões sobre o reino de Deus a sério. “Felizmente, podemos dizer com confiança que ele representa um grupo muito pequeno, sem absolutamente nenhuma chance de aplicar sua agenda.”¹⁵

Em termos de números, eles estavam corretos: o movimento reconstrucionista é pequeno. Em termos de jovens que podem escrever, discursar e assumir posições de liderança, os dois autores estavam assobi-

¹⁴ A única tentativa em forma de livro de qualquer acadêmico dispensacionalista de refutar os teonomistas é uma dissertação de doutorado não publicada do Seminário Teológico de Dallas: *Hermeneutical Prolegomena to Premillennial Social Ethics* [Prolegômenos Hermenêuticos para a Ética Social Pré-Milenista] (1982) de Ramesh Paul Richard. Ela não foi publicada, nem mesmo em uma forma retrabalhada. O motivo é compreensível: um título terrível. Pior, a dissertação cedeu muito terreno teológico aos teonomistas. Isso indica a crise que o dispensacionalismo enfrenta hoje.

¹⁵ Ed Dobson e Ed Hindson, “Apocalypse Now?” *Policy Review* (out. 1986), pg. 20.

OS DIAS DE VINGANÇA

ando no cemitério – o cemitério de seu próprio movimento. Se os líderes intelectuais fundamentalistas tradicionais e pessimilenistas realmente tivessem as respostas acadêmicas para os problemas atuais na vida social, econômica e política, eles não estariam bebendo da fonte do reconstrucionismo cristão. Mas eles estão. Eles não têm outro lugar para ir.

Não espero ver *Os Dias de Vingança* à venda na livraria do Seminário de Dallas. Não espero vê-lo na lista de leituras recomendadas de nenhum seminário dispensacionalista tradicional. Se este livro ganhar ampla circulação entre a próxima geração de pastores dispensacionalistas, haverá uma ruptura brusca de liderança dentro do dispensacionalismo. Os melhores e mais brilhantes estarão ausentes. Se os alunos do Dallas Seminary o lerem, e também lerem *Paraíso Restaurado*, os professores de Dallas serão submetidos a um questionamento duro, como jamais viram desde quando a escola foi fundada. (Se os alunos também lerem *That You May Prosper*, de Sutton, o corpo docente terá de lidar com uma revolução teológica.) O corpo docente não está prestes a criar esse tipo de problema de curto prazo para si mesmo, embora essa conspiração de silêncio custará caro ao dispensacionalismo no longo prazo. Esses livros provavelmente também não serão vendidos no Seminário Teológico Grace. E, só para constar, prevejo que você também não verá os livros de Chilton recomendados em seminários não-dispensacionalistas, por razões muito semelhantes: eles são muito quentes para serem manuseados.

Vou ser bem claro: se os membros do corpo docente de qualquer instituição que se autodenomina um seminário teológico que crê na Bíblia não podem arriscar indicar como leitura aos seus estudantes, *Paraíso Restaurado* de Chilton, *That You May Prosper* de Sutton e *By This Standard* de Bahnsen – três livros curtos, de fácil leitura e com poucas notas de rodapé – porque têm medo de perturbar o raciocínio de seus alunos ou porque eles próprios não estão prontos para fornecer respostas às perguntas inevitáveis de seus alunos, então esse corpo docente levantou a bandeira branca para os cristãos reconstrucionistas. Isso significa que nós, reconstrucionistas, vencemos a luta teológica.

Já estamos tomando alguns de seus jovens mais brilhantes e fazendo isso com regularidade. Eles leem nossos livros secretamente e esperam que seus instrutores digam algo em resposta. Seus instrutores se escondem. Eles estão envolvidos no jogo infantil de “faz de conta”. “Vamos fazer de conta que esses livros nunca foram publicados. Vamos fazer de conta

que nossos alunos mais brilhantes não estão sendo tomados por eles. Vamos fazer de conta que essa enxurrada de boletins de Tyler, Texas, não existe. Vamos fazer de conta que o Reconstrucionismo Cristão vai acabar logo. Vamos fazer de conta que outra pessoa escreverá um livro que responda a eles, e que será publicado no começo do ano que vem.” Essa estratégia está tendo o efeito oposto em todo o país. Os boletins dos reconstrucionistas provam isso. Quando professores de seminários passam a jogar um jogo gigante de “faz de conta”, é só uma questão de tempo.

Francamente, é altamente duvidoso que o professor médio no corpo docente do típico seminário que crê na Bíblia esteja pronto para indicar como leitura meu pequeno livro de brochura voltado para adolescentes: *75 Bible Questions Your Instructors Pray You Won't Ask* [75 Questões Bíblicas que seus instrutores torcem para você não perguntar] (1984).¹⁶ É por isso que estou confiante de que o conservadorismo teológico predominante está prestes a ser erradicado. Os professores de seminário que precisam estar na ofensiva contra uma civilização humanista são incapazes de defender suas próprias posições contra livros de brochura cristãos baratos, quanto mais substituir uma ordem humanista arraigada.

Vou falar da forma mais direta possível: nossos oponentes escatológicos não nos atacarão por meio de obras publicadas, exceto em raras ocasiões. Eles sabem que responderemos da mesma forma e que, quando isso ocorrer, ficarão presos. Eles querem evitar esse constrangimento a qualquer custo, mesmo que seja o de ver seus jovens mais brilhantes se unindo ao movimento reconstrucionista cristão. E, francamente, isso nos convém muito bem. Cara, nós ganhamos; coroa, nós ganhamos.

Tradicionalistas Indefesos

Se algum movimento descobre que está sendo confrontado por oponentes dedicados que estão montando uma campanha em larga escala, é suicídio ficar sentado sem fazer nada. É quase igualmente suicídio fazer algo estúpido. O que geralmente acontece é que os líderes de movimentos confortáveis, complacentes e intelectualmente flácidos não fazem nada por muito tempo e, então, em pânico, saem correndo e fazem uma série de coisas estúpidas, começando com a publicação de artigos ou livros que

¹⁶ Publicado por Spurgeon Press, P.O. Box 7999, Tyler, Texas 75711.

OS DIAS DE VINGANÇA

são visivelmente ineficazes aos olhos dos seus membros mais jovens que, de outra forma, se tornariam os futuros líderes do movimento.

A tática mais importante que a liderança existente pode adotar é um programa de convencer os futuros líderes do movimento de que o movimento tem a visão, o programa e os primeiros princípios para derrotar todos os inimigos. Para ser convincente, essa tática requer evidências de tal superioridade. Essas evidências estão atualmente ausentes em grupos pessimilenistas tradicionais. Eles começam com o pressuposto de que Deus não deu à Sua igreja a visão, o programa e os princípios fundamentais para derrotar os inimigos de Deus, mesmo com a vitória de Cristo sobre Satanás no Calvário como a fundação do ministério da Igreja.

Os pessimilenistas tradicionais fizeram um chamado estridente: “Venha se juntar a nós; somos perdedores históricos.” Eles construíram suas instituições atraindo pessoas que estão contentes em permanecer perdedores históricos (antes da segunda vinda).

Entenda que estou discutindo o pessimilenismo *tradicional*. À medida que o clima da opinião cristã muda, descobrimos que pré-milenistas e amilenistas mais jovens, enérgicos e orientados para a ação social estão surgindo agora. Isso continuará. Eles insistem que podem ser otimistas com relação ao reino e ativistas sociais também. Eles insistem em ser chamados de membros do movimento da teologia do domínio. Não vejo nenhuma evidência de que eles tenham se disposto a publicar como suas escatologias estão em conformidade ao otimismo terreno na “Era da Igreja”, mas estou feliz em vê-los chegando a bordo do bom navio do Domínio. O que preciso destacar, no entanto, é que em *todos* os seminários e nas grandes editoras, nenhum otimismo social é visível ainda. Pessimistas tradicionais ainda administram essas instituições. Isso mudará com o tempo, mas provavelmente levará décadas.

O otimismo escatológico é o primeiro passo na jornada de muitas pessoas em direção à teologia do domínio. É por isso que os líderes com perspectivas mais tradicionais estão tão incomodados. Eles reconhecem esse primeiro passo pelo que ele é: o fim da estrada para o pessimilenismo.

Dispensacionalismo

O que a maioria das pessoas não entende é que não houve um comentário dispensacionalista de grande importância sobre o Livro do Apocalipse desde *O Apocalipse*, de John Walvoord, publicado em 1966 pela

Moody Press e reimpresso repetidamente. Ainda mais significativamente, não houve algum comentário dispensacionalista de relevância sobre o Apocalipse antes do livro de Walvoord. Entenda, o comentário de Walvoord surgiu 96 anos depois de *Jesus Is Coming* [Jesus Está Voltando], de William E. Blackstone, o livro que deu início à fase popular do dispensacionalismo nos Estados Unidos. Ele apareceu mais de meio século depois da *Bíblia de Referência Scofield* (1909). Em suma, a exegese que supostamente prova o argumento para o dispensacionalismo veio no final da história do movimento dispensacionalista, quase na época em que R. J. Rushdoony publicou seus livros iniciais relacionados à sociedade e à lei. Os dispensacionalistas podiam apontar apenas um punhado de livros com títulos como *Palestras sobre Apocalipse ou Notas sobre Apocalipse*. Em suma, apenas uma coisa aqui e outra ali sobre o Apocalipse, mas nada definitivo – não depois de mais de um século de dispensacionalismo pré-milenista. A bibliografia no livro de Walvoord lista um pequeno número de comentários explicitamente dispensacionalistas sobre este livro da Bíblia, exatamente aquele que, acima de todos os outros, esperaríamos que os dispensacionalistas dominassem, versículo por versículo.

Seja qual for a nossa conclusão sobre a história do dispensacionalismo, sua ampla popularidade teve muito pouco a ver com qualquer exposição sistemática do livro que os dispensacionalistas afirmam se o que mais possui profecias dentre toda a Bíblia. Na verdade, o dispensacionalista médio provavelmente não possui, não leu e nunca ouviu falar de um único comentário dispensacionalista sobre o Livro do Apocalipse. É duvidoso que seu pastor conheça um, além do de Walvoord, que é cerca de metade do tamanho do de Chilton.

Em contraste, a publicação dos dois livros de Chilton sobre escatologia, juntamente com o livro muito menos exegetico de Rushdoony, *Venha o Teu Reino* (1970, trad. 2025), nas fases iniciais do movimento de Reconstrução Cristã, coloca a exegese fundamental no começo, onde ela pertence. Agora temos o respaldo de um trabalho exegetico básico para a nossa posição. Os dois primeiros livros de escatologia de Chilton são seminais, não definitivos. Ele e outros continuarão a construir sobre seus alicerces. Se não continuarem a construir, então o movimento estará morto. Qualquer movimento que se especialize em reimprimir “clássicos” e não produza material novo e inovador está morto. Nossos oponentes aprenderão em breve que esse movimento não está morto. Mal começamos a publicar.

OS DIAS DE VINGANÇA

O ponto é que é importante lançar os alicerces logo no início se você pretende reconstruir a civilização. Isso é o que os dispensacionalistas não fizeram, entre 1830 até 1966, talvez porque nunca pretenderam mudar a civilização. Eles pretendiam apenas fugir do que consideravam as características mais desagradáveis da civilização moderna, coisas como bebidas alcoólicas, cigarros, filmes e dança social. (Eu sempre digo que se os anti-abortistas espalhassem o boato de que o abortista local dá um copo de cerveja a cada mulher para acalmar seus nervos após um aborto, metade dos fundamentalistas na cidade estariam fazendo protestos em frente à sua clínica dentro de uma semana.)

Amilenismo

Os amilenistas protestantes, que são, em sua maioria, membros de igrejas holandesas ou luteranas, ou de igrejas influenciadas pela teologia da Europa Continental, têm o respaldo de uma tradição acadêmica muito mais forte. Ela remonta a Agostinho. Chilton extrai material dessas tradições amilenistas para explicar o simbolismo bíblico. No entanto, Chilton demonstrou que esse simbolismo pode ser entendido de forma muito melhor dentro de uma estrutura de progresso cristão histórico do que de uma que pressupõe uma derrota histórica crescente nas mãos de violadores do pacto.

A mensagem fundamental da escatologia bíblica é a vitória, no tempo e na terra (na *história*) – vitória abrangente, não simplesmente uma vitória psicologicamente interna, do tipo “sorriso em nossos rostos, alegria em nossos corações”. Em suma, ele faz uso eficaz de suas contribuições acadêmicas, mas não se torna dependente de suas pressuposições escatológicas subjacentes. (Mais uma vez, tenho em mente um teólogo anônimo supracitado, cuja resposta a tudo isso é facilmente previsível: um grande silêncio sepulcral. Mais vale a prudência que a valentia. Ele foi refutado exaustivamente por outro reconstrucionista em um tópico relacionado, então ele é, compreensivelmente, um pouco tímido.)

O fato é que as igrejas amilenistas não são conhecidas por seus programas de evangelismo. (Aqueles que usam os materiais de Explosão de Evangelismo da Igreja Presbiteriana Coral Ridge são exceções a essa regra.) Essas igrejas não estão na arena teológica, desafiando humanistas ou qualquer outra pessoa. Os membros veem suas igrejas como ações de retenção, como fortalezas defensivas ou como portos em meio à

tempestade cultural. Essas igrejas simplesmente não estão na ofensiva. Elas não esperam alcançar nada culturalmente. Elas também não esperam ver uma onda de convertidos. Elas provavelmente não perderão muitas pessoas para o reconstrucionismo cristão tão cedo. A lenta erosão para o liberalismo e modernismo e a teologia da libertação continuará a afligi-los, como aconteceu no passado, mas não haverá grandes deserções. Também não haverá grandes vitórias. Eles permanecerão como postos avançados espirituais e defensivos em meio a um ponto de inflexão na história mundial.

Pré-Milenarismo Histórico

Não há nenhum pré-milenismo histórico (não-dispensacionalista), institucionalmente falando. Os pré-milenistas históricos estão espalhados em igrejas que são dominadas por pré-milenistas dispensacionistas ou amilenistas. O *Covenant Theological Seminary* existe, mas seus graduados são engolidos eclesiasticamente em igrejas que são oficialmente escatologicamente neutras, ou seja, igrejas administradas por amilenistas. O pré-milenismo histórico não tem sido uma força teológica separada neste século.

Conclusão

David Chilton nos deu uma obra-prima. Ele emitiu um epitáfio:

Pessimilenismo

71 d.C. - 1987 d.C.

“Nós pregamos a derrota, e a alcançamos!”

Estou lançando o desafio aos oponentes do movimento da Reconstrução Cristã. Desafio a todos os discordantes, e da maneira inteligente: “Lutem vocês contra o Chilton.” Além disso, “Lutem vocês contra o Bahnsen.” Se alguém quiser lutar comigo, ligarei meu processador de texto e dispararei meu melhor tiro, mas sou um sujeito tão doce e inofensivo que não espero que alguém perca seu tempo tentando me bater. Mas é melhor que alguém em cada um dos campos pessimilenismo rivais comece a produzir respostas para o que os reconstrucionistas cristãos já escreveram. Especificamente, é melhor que alguém já comece a se preparar para escrever um comentário melhor sobre o Apocalipse do que *Os Dias de Vin-*

OS DIAS DE VINGANÇA

gança. Estou confiante de que ninguém pode. A partir de agora, haverá apenas três tipos de comentários sobre o Livro do Apocalipse:

Aqueles que tentarão estender Chilton
Aqueles que tentarão refutar Chilton
Aqueles que fingirão que não há Chilton

Tyler, Texas
17 de dezembro de 1986

INTRODUÇÃO

Autor e Data

Embora a identidade do autor tenha sido muito debatida, não há realmente nenhuma razão para duvidar que ele foi o mesmo São João que escreveu o Quarto Evangelho, como o testemunho praticamente unânime da Igreja primitiva afirma. Ele se identifica simplesmente como “João” (1:1, 4, 9; 21:2; 22:8), aparentemente supondo que ele será reconhecido por seu público do primeiro século com base apenas em seu nome; e ele escreve em um estilo autoritativo, “apostólico”, não meramente a indivíduos, mas à Igreja. Levando em consideração o governo altamente organizado da Igreja, o qual existia desde sua fundação, é improvável que qualquer um, exceto um apóstolo reconhecido, pudesse ter escrito dessa maneira.¹ Além disso, há vários pontos de semelhança entre o Apocalipse e o Evangelho de João. Mesmo uma observação superficial revela várias expressões (por exemplo, *Cordeiro de Deus*, *Palavra e testemunho*) que são comuns apenas ao Evangelho de João e ao Apocalipse; nenhum outro escritor do Novo Testamento usa esses termos da mesma maneira.² Austin Farrer³ chama a atenção para uma série de semelhanças estilísticas entre o Evangelho e o Apocalipse: ambos os livros são organizados em séries de “setes”;⁴ ambos são estruturados em termos da liturgia bíblica/celestial e do calendário das festas; e ambos os livros usam números num sentido simbólico que transcende seu significado literal (isso é óbvio no Apocalipse; cf. João 2:6, 19-20; 5:2, 5; 6:7, 9, 13; 8:57; 13:38; 19:14, 23; 21:11, 14, 15-17).

¹ Compare com o tom da carta de São Clemente aos Coríntios. Como J. B. Lightfoot diz em *The Apostolic Fathers* (Vol. 1, pg. 352): “Verdadeiramente reivindica-se autoridade para as declarações da carta, e não em um tom vacilante, mas a autoridade da irmandade que declara a mente de Cristo pelo Espírito, não a autoridade de um homem, seja bispo ou papa.” Citado em John A. T. Robinson, *Redating the New Testament* (Philadelphia: The Westminster Press, 1976), pg. 328.

² Veja William Hendriksen, *Mais Que Vencedores* (Editora Cultura Cristã, 2021), pp. 18ff., para uma lista de tais similaridades. Por exemplo, ele cita Jo. 7:37 e Ap. 22:17; Jo. 10:18 e Ap. 2:27; Jo. 20:12 e Ap. 3:4; Jo. 1:1 e Ap. 19:13; Jo. 1:29 e Ap. 5:6.

³ Austin Farrer, *The Revelation of St. John the Divine* (Oxford: At the Clarendon Press, 1964), pp. 41ff.

⁴ Um pequeno exemplo disso em João é 1:9-2:11, que segue uma estrutura de sete dias modelada com base na semana da criação; ver David Chilton, *Paraíso Restaurado* (Editora Monergismo, 2024), pp. 73-74.

Há várias indicações bíblicas de que São João era um sacerdote, e até mesmo veio da família do sumo sacerdote.⁵ Seu nome provavelmente era comum naquela família (cf. Atos 4:6; contraste com Lucas 1:61). O próprio São João nos conta sobre seu relacionamento próximo com o sumo sacerdote: Por conta disso, ele conseguiu, em uma ocasião extremamente sensível, obter acesso ao Pátio do sumo sacerdote, usando sua influência com a guarda para conseguir a entrada de São Pedro também (João 18:15-16). Além disso, inúmeras referências tanto no Evangelho quanto no Apocalipse revelam a familiaridade incomum de seu autor com os detalhes dos serviços do Templo. Como Alfred Edersheim observou, “os outros escritores do Novo Testamento se referem a eles em suas narrativas, ou então explicam seus tipos, em uma linguagem que qualquer adorador bem informado em Jerusalém poderia ter empregado. Mas João não escreve como um israelita comum. Ele tem olhos e ouvidos para detalhes que outros teriam deixado passar despercebidos. [...]”

“De fato, o Apocalipse, como um todo, pode ser comparado aos serviços do Templo em sua mistura de serviços proféticos com adoração e louvor. Mas é especialmente notável que as referências ao Templo, com as quais o Livro do Apocalipse está repleto, são geralmente minuciosas, a tal ponto que um escritor que não estivesse tão familiarizado com tais detalhes, como apenas o contato e o envolvimento pessoal com eles poderiam tê-lo tornado, dificilmente os teria notado, e certamente não os empregaria como parte de seu simbolismo. Elas vêm naturalmente, espontaneamente e tão inesperadamente, que o leitor ocasionalmente corre o risco de ignorá-las completamente; e em uma linguagem como a que um profissional empregaria, que viria a ele a partir do exercício anterior de sua vocação. De fato, algumas das mais marcantes dentre estas referências não poderiam de forma alguma ter sido compreendidas sem os tratados profissionais dos rabinos sobre o Templo e seus serviços. A minúcia estudada das descrições rabínicas por si mesma, derivada da tradição de teste-

⁵ Isso é, até certo ponto, comprovado na tradição registrada em Eusébio de que, como Bispo de Éfeso, São João “foi sacerdote e usou a lâmina de ouro” – isto é, o *petalon*, a insígnia do sumo sacerdote usada na testa (*História Eclesiástica* [Editora Paulus, 2014], 5:24:3). É provável, claro, que São João e os outros “ministros da Nova Aliança” usassem um “uniforme” distinto correspondente ao seu status oficial, e é possível que suas vestes e o seu “emblema de ofício” fossem semelhantes aos usados pelo sacerdócio israelita.

munhas oculares, não deixa a mesma impressão que as ilustrações não estudadas de São João.”⁶

“Parece altamente improvável que um livro tão cheio de alusões litúrgicas como o Livro do Apocalipse – com muitas delas referindo-se não meramente a pontos grandes ou importantes, mas a *minúcias* – pudesse ter sido escrito por qualquer outra pessoa que não um sacerdote, e um que já prestara culto real no próprio Templo, tornando-se assim tão intimamente familiarizado com seus detalhes, que eles vieram a ele naturalmente, como parte do simbolismo que ele empregou.”⁷

Nesta conexão, Edersheim levanta um ponto que é mais importante para nossa interpretação do que a questão da autoria humana do Apocalipse (pois, em última análise [ver 1:1] é a Revelação de *Jesus Cristo*). O conhecimento íntimo de São João com os mínimos detalhes da adoração no Templo sugere que “o Livro do Apocalipse e o Quarto Evangelho devem ter sido escritos antes que os serviços do Templo realmente cessassem.”⁸ Embora alguns estudiosos tenham aceitado acriticamente a declaração de Sto. Irineu (120-202 d.C.) que a profecia foi vista “perto do fim do reinado de Domiciano” (i.e., por volta de 96 d.C.),⁹ há considerável margem para dúvidas sobre seu significado preciso (ele pode ter querido dizer que *o próprio* apóstolo João “foi visto” por outros).¹⁰ A linguagem de Sto. Irineu é um tanto ambígua; e, independentemente do que ele estava falando, ele poderia estar enganado.¹¹ (Sto. Irineu, incidentalmente, é a *única* fonte para essa datação tardia do Apocalipse; todas as outras “fontes” simplesmente o citam. Portanto, é bastante desonesto comentaristas alegarem, como Swete o faz, que “a tradição cristã primitiva é quase unânime em atribuir o Apocalipse aos últimos anos de Domiciano.”)¹² Certamente,

⁶ Alfred Edersheim, *The Temple: Its Ministry and Services as They Were at the Time of Christ* (Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Co., 1980), pp. 141f.

⁷ Ibid., pg. 142.

⁸ Ibid., pg. 141.

⁹ Sto. Irineu, *Contra as Heresias* 5:30:3; citado por Eusébio em sua *História Eclesiástica* 3:18:2-3; 5:8:6.

¹⁰ Ver Arthur Stapylton Barnes, *Christianity at Rome in the Apostolic Age* (London: Methuen Publishers, 1938), pp. 167ff.

¹¹ Ver a discussão em John A. T. Robinson, *Redating the New Testament* (Philadelphia: The Westminster Press, 1976), pp. 221ff.

¹² H. B. Swete, *Commentary on Revelation* (Grand Rapids: Kregel Publications, [1911] 1977), p. xcix.

há outros escritores antigos cujas declarações indicam que São João escreveu o Apocalipse muito antes, sob a perseguição de Nero.¹³

Boa parte da presunção moderna em favor de uma data domiciânica é baseada na crença de que um grande e prolongado período de perseguição e matança de cristãos ocorreu sob seu governo. Essa crença, por mais estimada que seja, não parece ser baseada em nenhuma evidência concreta. Embora não haja dúvidas de que Domiciano fora um tirano cruel e perverso (quero enterrar um mito sobre César, não elogiá-lo), até o século V não há menção, em nenhum historiador, de uma suposta perseguição generalizada de cristãos durante seu governo. É verdade que ele exilou temporariamente alguns cristãos; mas estes foram chamados de volta, no fim. Robinson observa: “Quando esse expurgo limitado e seletivo, sobre o qual não se sabe com certeza se levou algum cristão à morte, é comparado com o massacre de cristãos sob Nero, sobre o qual duas testemunhas antigas e inteiramente independentes falam de ‘imensas multidões’ sendo levadas à morte,¹⁴ é surpreendente que os comentaristas tenham sido levados por Irineu, que nem mesmo menciona uma perseguição, a preferir um contexto domiciânico para o livro do Apocalipse.”¹⁵

Portanto, nossa rota mais segura deve ser estudar o próprio Apocalipse para ver quais evidências internas ele apresenta a respeito de sua data. Como veremos ao longo do comentário, o Livro do Apocalipse é principalmente uma profecia sobre a destruição de Jerusalém pelos romanos. Esse fato por si só situa a autoria do livro por São João antes de setembro de 70 d.C. Além disso, como veremos, São João fala de Nero César como ainda estando no trono – e Nero morreu em junho de 68.

Mais importante do que tudo isso, no entanto, temos o ensino *a priori* da própria Escritura de que toda revelação especial terminou em 70 d.C. O anjo Gabriel disse a Daniel que as “setenta semanas” terminariam com a destruição de Jerusalém (Daniel 9:24-27); e esse período também serviria para “selar a visão e profecia” (Daniel 9:24). Em outras palavras, a revelação especial pararia – seria “selada” – no tempo em que Jerusalém

¹³ Ver a discussão detalhada em Moses Stuart, *Commentary on the Apocalypse* (Andover: Allen, Morrill and Wardwell, 1845), Vol. I, pp. 263-84; v. tb. James M. MacDonald, *The Life and Writings of St. John* (London: Hodder and Stoughton, 1877), pp. 151-77.

¹⁴ Robinson tem em mente as declarações do pastor cristão São Clemente (1 Clemente 6) e do historiador pagão Tácito (*Anais* 15:44).

¹⁵ Robinson, p. 233; cr. pp. 236ff.

fosse destruída. O Cânone da Sagrada Escritura foi totalmente concluído antes da queda de Jerusalém.¹⁶ Santo Atanásio interpretou as palavras de Gabriel da mesma forma: “Quando cessaram em Israel profeta e visão, a não ser quando apareceu o santo dos santos, o Cristo? Sinal e marca considerável da presença do Verbo de Deus era não subsistir Jerusalém, não surgir profeta algum, nem revelação por meio de visão. E era perfeitamente exato. Pois, tendo chegado o que os sinais prenunciavam, que necessidade ainda havia destes sinais? Ao aparecer a realidade, para que ainda as sombras? Por esta razão, os profetas falaram até que chegasse a própria justiça, quem redime os pecados de todos. Jerusalém perdurou muito a fim de que os judeus ali considerassem as figuras da realidade futura. Mas, agora, com a vinda do santo dos santos, precisamente foram seladas visão e o reino de Jerusalém deixou de existir. Seus reis foram ungidos até que fosse também ungido o santo dos santos. [...]”

No entanto, se, como vimos, eles não têm rei, nem profeta, nem Jerusalém, nem sacrifício, nem visão, e não obstante, a terra inteira está cheia do conhecimento de Deus,¹⁷ e os gentios rejeitam a impiedade para buscarem o Deus de Abraão, por meio do Verbo, nosso Senhor Jesus Cristo¹⁸

A morte, ressurreição e ascensão de Cristo marcaram o fim da Antiga Aliança e o início da Nova; os apóstolos foram comissionados para entregar a mensagem de Cristo na forma do Novo Testamento; e quando terminaram, Deus enviou os edomitas e os exércitos romanos para destruir

¹⁶ Embora não baseie seu argumento em considerações teológicas, esta é a tese de J. A. T. Robinson em *Redating the New Testament* [Redatando o Novo Testamento]. Ele chega a esta conclusão por meio de um estudo cuidadoso das evidências internas e externas sobre cada livro do Novo Testamento. Um argumento favorável a uma data antiga para o término da composição do Novo Testamento antigo baseado em descobertas arqueológicas é apresentado em David Estrada e William White Jr., *The First New Testament* (Nashville: Thomas Nelson, 1978). V. tb. Ernest L. Martin, *The Original Bible Restored* (Pasadena: Fundação para Pesquisa Bíblica, 1984), para sua interessante tese de que o Novo Testamento foi canonizado por São Pedro e São João.

¹⁷ Santo Atanásio, o “santo padroeiro do pós-milenismo”, aplica assim a promessa “milenar” de Isaías 11:9 aos triunfos da era da Nova Aliança.

¹⁸ Sto. Atanásio, *A Encarnação do Verbo*, 40:1-3, 7 em *Santo Atanásio* (Editora Paulus, 2014). R. J. Rushdoony argumenta similarmente em sua exposição de Dn. 9:24: “‘Visão e profeta’ serão selados ou encerrados, a revelação de Cristo no Novo Testamento sintetizando e concluindo as Escrituras.” *Thy Kingdom Come: Studies in Daniel and Revelation* (Tyler, TX: Thoburn Press, [1970] 1978), pg. 66.

completamente os últimos símbolos restantes da Antiga Aliança: o Templo e a Cidade Santa. Este fato por si só é suficiente para estabelecer a escrita do Apocalipse como tendo ocorrido antes de 70 d.C. O livro em si dá testemunho abundante sobre sua data; mas, ainda mais, a natureza do Novo Testamento como a Palavra Final de Deus nos diz isso. A morte de Cristo nas mãos dos filhos apóstatas de Israel selou seu destino: o Reino seria tirado deles (Mt. 21:33-43). Enquanto a ira aumentava “até o fim” (1 Ts 2:16), Deus deteve Sua mão de juízo até que a escrita do documento da Nova Aliança fosse concluída. Com isso feito, Ele encerrou dramaticamente o reino de Israel, eliminando a geração perseguidora (Mt. 23:34-36; 24:34; Lc. 11:49-51). A destruição de Jerusalém foi o último toque da trombeta, sinalizando que o “mistério de Deus” estava concluído (Ap. 10:7). Não haveria mais escritos canônicos assim que Israel fosse destruída.

Destinatários

Em seu exílio na ilha de Patmos, São João dirigiu o Apocalipse às igrejas em sete cidades importantes da Ásia Menor. Essas sete cidades, conectadas por uma estrada semicircular que atravessava o interior da província, serviam como estações postais para seus distritos. “Então, um mensageiro de Patmos desembarcou em Éfeso, viajou para o norte através de Esmirna até Pérgamo, e daí para o sudeste através das outras quatro cidades, deixando uma cópia do livro em cada uma para circulação secundária em seu distrito. O número ‘sete’ é, naturalmente, constantemente usado no simbolismo do livro do Apocalipse, mas esse fato não deve obscurecer a circunstância de que o livro é dirigido a sete igrejas reais em cidades idealmente posicionadas para servir como pontos de distribuição.”¹⁹

A Ásia Menor era um destino significativo por dois motivos: Primeiro, após a queda de Jerusalém, a província da Ásia se tornaria o centro mais influente do cristianismo no Império Romano: “A província da Ásia emergiu como a área onde o cristianismo era mais forte, com Éfeso sendo o seu epicentro.”²⁰ Segundo, a Ásia era o centro do culto de adoração a César. “Inscrição após inscrição testifica da lealdade das cidades para com

¹⁹ C. J. Herner, “Seven Cities of Asia Minor”, em R. K. Harrison, ed., *Major Cities of the Biblical World* (Nashville: Thomas Nelson Publishers, 1985), p. 235.

²⁰ W. H. C. Frend, *The Rise of Christianity* (Philadelphia: Fortress Press, 1984), pg. 127.

o Império. Em Éfeso, em Esmirna, em Pérgamo e, de fato, por toda a província, a Igreja foi confrontada por um imperialismo que era popular e patriótico, e tinha o caráter de uma religião. Em nenhum lugar o culto a César foi mais popular do que na Ásia.”²¹

Após a morte de Júlio César (29 a.C.), um templo o honrando como como *divus* (deus) foi construído em Éfeso. Os césares que o seguiram não esperaram a morte para receber tais honrarias e, começando com Otávio, eles afirmaram sua própria divindade, exibindo seus títulos de divindade em templos e moedas, especialmente nas cidades da Ásia. Otávio mudou seu nome para *Augusto*, um título de suprema majestade, dignidade e reverência. Ele foi chamado de ‘*o Filho de Deus*’ e, como o mediador divino-humano entre o céu e a terra, ele oferecia sacrifícios aos deuses. Ele foi amplamente proclamado como o Salvador do mundo, e as inscrições em suas moedas eram bem francamente messiânicas – sua mensagem declarando, como Stauffer escreveu, que “a salvação não pode ser encontrada em nenhum outro, a não ser Augusto, e não há outro nome dado aos homens pelo qual eles poderiam ser salvos”.²²

Essa postura era comum a todos os Césares. César era Deus; César era Salvador; César era o único Senhor. E eles reivindicavam não apenas os títulos, mas também os direitos de divindade. Eles taxavam e confiscavam propriedades à vontade, tomavam as esposas (e maridos) dos cidadãos para seu próprio prazer, causavam escassez de alimentos, exerciam o poder de vida e morte sobre seus súditos e geralmente tentavam governar cada aspecto da realidade em todo o Império. A filosofia dos Césares pode ser resumida em uma frase que passou a ser usada cada vez mais conforme a era avançava: *César é Senhor!*

Esta era a principal questão entre Roma e os cristãos: Quem é o Senhor? Francis Schaeffer aponta: “Não devemos nos esquecer da razão de esses cristãos serem mortos. Eles *não* eram mortos por prestarem culto a Jesus. [...] Ninguém se importava muito com quem cultuasse a quem, desde que o devoto não rompesse a unidade do Estado, centrada no culto oficial a César. [...] A razão de os cristãos serem mortos foi o fato de serem rebeldes. [...] Eles adoravam a Jesus, enquanto Deus, [e] adoravam ao

²¹ H. B. Swete, *Commentary on Revelation* (Grand Rapids: Kregel Publications, [1911] 1977), pg. lxxxix.

²² Ethelbert Stauffer, *Christ and the Caesars* (Philadelphia: Westminster Press, 1955), pg. 88.

Deus infinito-pessoal somente. Os cézares jamais poderiam tolerar tal devoção a *um só Deus*. Isso era considerado uma tradição.”²³

Para Roma, o objetivo de qualquer moralidade e piedade verdadeiras era a subordinação de todas as coisas ao Estado; o homem religioso e piedoso era aquele que reconhecia, em todos os momentos da vida, a centralidade de Roma. “A função da religião romana era pragmática, servir como cimento social e reforçar o estado.”²⁴ Assim, observa R. J. Rushdoony, “a estrutura para os atos religiosos e familiares de piedade era a própria Roma, a comunidade central e mais sagrada. Roma controlava estritamente todos os direitos de corporação, assembleia, reuniões religiosas, clubes e reuniões de rua, e não tolerava nenhuma rivalidade possível à sua centralidade. [...] Apenas o estado podia organizar; fora de uma conspiração, os cidadãos não podiam fazê-lo. Simplesmente por esse motivo, a Igreja Cristã altamente organizada era uma ofensa e uma afronta ao estado, e uma organização ilegal prontamente suspeita de conspiração.”²⁵

O testemunho dos apóstolos e da Igreja primitiva não foi nada menos que uma declaração de guerra contra as pretensões do Estado Romano. São João afirmou que Jesus é o *Filho unigênito* de Deus (Jo. 3:16); que Ele é, de fato, “o verdadeiro Deus, e a vida eterna” (1 Jo. 5:20-21). O apóstolo Pedro declarou, logo após o Pentecostes: “E em nenhum outro há salvação, porque não há nenhum outro nome dado aos homens debaixo do céu, pelo qual devamos ser salvos.” (At. 4:12). “O conflito do cristianismo com Roma era, portanto, político, a partir da perspectiva romana, embora religioso, a partir da cristã. Aos cristãos nunca foi pedido que adorassem os deuses pagãos de Roma; meramente era-lhes pedido para que reconhecessem a primazia religiosa do Estado. Como Francis Legge observou, ‘Os oficiais do Império Romano em tempos de perseguição procuraram forçar os cristãos a sacrificar, não a quaisquer deuses pagãos, mas ao Gênio do Imperador e à Fortuna da Cidade de Roma; e a recusa dos cristãos foi sempre vista não como uma ofensa religiosa, mas política [...]’ A questão, então, era esta: deveria a lei do imperador, a lei do estado, governar tanto o estado quanto a igreja, ou tanto o estado e quanto a igreja, imperador e bispo, estavam igualmente sob a lei de Deus? Quem representava a ordem

²³ Francis A. Schaeffer, *Como Viveremos?* (Editora Cultura Cristã, 2003), pg. 16.

²⁴ R. J. Rushdoony, *The One and the Many: Studies in the Philosophy of Order and Ultimacy* (Tyler, TX: Thoburn Press, [1971] 1978), pg. 92.

²⁵ *Ibid.*, pp. 92f.

verdadeira e final, Deus ou Roma, eternidade ou tempo? A resposta romana era Roma e tempo, e, portanto, o cristianismo constituía uma fé de traição e uma ameaça à ordem política.”²⁶

A acusação feita por judeus em um julgamento de cristãos no primeiro século foi a de que “todos estes são contrários aos decretos de César, dizendo que há outro rei, Jesus (Atos 17:7). Esta foi a acusação fundamental contra todos os cristãos do Império. O oficial do império implorou ao velho bispo de Esmirna, São Policarpo, para que renunciasse a esta posição extrema: “Que mal há em dizer que *César é Senhor?*” São Policarpo recusou e foi queimado na fogueira. Milhares sofreram martírio apenas por esta questão. Para eles, Jesus não era “Deus” em algum sentido irrelevante e subjetivo; Ele era o único Deus, Soberano completo em todas as áreas. Nenhum aspecto da realidade poderia ser isento de Suas exigências. Nada era neutro. A Igreja confrontou Roma com a reivindicação inflexível da autoridade imperial de Cristo: Jesus é o Filho unigênito; Jesus é Deus; Jesus é Rei; Jesus é Salvador; Jesus é Senhor. Aqui estavam dois impérios, ambos buscando a dominação mundial absoluta; e eles estavam implacavelmente em guerra.”²⁷

Era necessário que as igrejas da Ásia reconhecessem isso plenamente, com todas as suas implicações. A fé em Jesus Cristo requer submissão absoluta ao Seu Senhorio, em todos os pontos, sem concessões. A confissão de Cristo significava conflito com o estatismo, especialmente nas províncias onde a adoração oficial a César era necessária para a realização dos afazeres cotidianos. Deixar de reconhecer as reivindicações do Estado resultaria em dificuldades e ruína econômicas, e, frequentemente prisão, tortura e morte.

Alguns cristãos tentaram procurar um meio-termo traçando uma distinção não bíblica entre coração e conduta, como se alguém pudesse ter fé sem obras. Mas o Reino de Cristo é universal: Jesus é o Senhor de todos. Para reconhecê-lo verdadeiramente como Senhor, devemos servi-lo em todos os lugares. Esta foi a mensagem principal do Apocalipse para os cristãos na Ásia, e uma que eles precisavam desesperadamente ouvir. Eles viviam no próprio coração do trono de Satanás, a sede do culto ao Imperador; São João escreveu para lembrá-los de seu verdadeiro Rei, de sua

²⁶ Ibid., pg. 93. Rushdoony cita Francis Legge, *Forerunners and Rivals of Christianity: From 330 B.C. to 330 A.D.* (New Hyde Park, NY: University Books, 119151, 1964), vol. I, pp. xxivf.

²⁷ Cf. Swete, p. lxxxi.

posição para com Ele como reis e sacerdotes, e da necessidade de perseverar em termos de Sua Palavra soberana.

Apocalipse e o Pacto

O Livro do Apocalipse é parte da Bíblia. À primeira vista, isso pode não parecer uma observação brilhante, mas é um ponto que é crucialmente importante e quase universalmente negligenciado na prática real da exposição. Pois, assim que reconhecemos que o Apocalipse é um documento bíblico, somos forçados a fazer uma pergunta central: que tipo de livro é a Bíblia? E a resposta é esta: *A Bíblia é um livro (O Livro) sobre o Pacto*. A Bíblia não é uma Enciclopédia do Conhecimento Religioso. Nem é uma coleção de Contos Morais, ou uma série de estudos de psicologia pessoal sobre Grandes Heróis do Passado Distante. A Bíblia é a revelação escrita de Deus sobre Si mesmo, a história de Sua vinda a nós no Mediador, o Senhor Jesus Cristo; e é a história do relacionamento da Igreja com Ele por meio do Pacto que Ele estabeleceu com ela.

O Pacto é o significado da história bíblica (a história bíblica não é primariamente sobre histórias de aventura). O Pacto é o significado da lei bíblica (a Bíblia não é primariamente um tratado político sobre como estabelecer uma República Cristã). E o Pacto é o significado da profecia bíblica também (assim, a profecia bíblica não é “previsão” no sentido oculto de Nostradamus, Edgar Cayce e Jean Dixon). Para um homem, os profetas eram emissários legais de Deus para Israel e as nações, agindo como promotores, trazendo o que se tornou conhecido entre estudiosos recentes como a “Ação Judicial do Pacto”.

Que a profecia bíblica não é simplesmente “previsão” é indicado, por exemplo, pela declaração de Deus por meio de Jeremias:

No momento em que eu falar acerca de uma nação, e acerca de um reino, para remover completamente, e para demolir, e para destruí-lo, se aquela nação, contra quem eu tenha pronunciado, se desviar de seu mal, eu me arrependerei do mal que pensei em fazer com eles.

E no momento em que eu falar a respeito de uma nação, e a respeito de um reino, para construir e para plantá-lo. Se este fizer o mal aos meus olhos, e não obedecer a minha voz, então eu me arrependerei do bem com o qual eu disse que iria beneficiá-los. (Jr. 18:7-10)

OS DIAS DE VINGANÇA

O propósito da profecia não é “previsão”, mas a avaliação da resposta ética do homem à Palavra de comando e promessa de Deus. É por isso que a profecia de Jonas sobre Nínive não “se cumpriu”: Nínive se arrependeu de sua maldade, e a calamidade foi evitada. Como os outros escritos bíblicos, o Livro do Apocalipse é uma profecia, com uma orientação e referência factual específica. Quando o contexto factual da profecia é ignorado, a mensagem que São João procurou comunicar é perdida, e o Apocalipse se torna nada mais do que um veículo para avançar as teorias escatológicas do suposto expositor.

Vamos considerar um pequeno exemplo: Apocalipse 9:16 nos fala de um grande exército de cavaleiros, numerando “miríades de miríades”. Em alguns textos gregos, isso é lido como *duas miríades de miríades*, e às vezes traduzido como *200 milhões*. Tudo que é tipo de explicação fantasiosa e artificial foi sugerida para isso. Talvez a teoria mais conhecida dos últimos tempos seja a opinião de Hal Lindsey de que “esses 200 milhões de soldados são soldados do exército comunista acompanhados por outros aliados orientais. É possível que o poder industrial do Japão se una à China comunista. Pela primeira vez na história, haverá uma invasão total do Ocidente pelo Oriente.”²⁸ Tal adivinhação pode ou não ser precisa em relação a uma invasão chinesa iminente, mas não nos diz absolutamente nada sobre a Bíblia. Para ajudar a colocar a visão de Lindsey em perspectiva histórica, vamos compará-la à de J. L. Martin, um pregador do século XIX que, embora compartilhasse os pressupostos básicos de Lindsey sobre a natureza e o propósito da profecia, chegou à conclusão diferente, e curiosa, de que os “200 milhões” de São João representavam “a força de combate do mundo inteiro” de 1870. Observe o raciocínio astuciosamente científico de Martin, semelhante ao de Lindsey:

Temos um pouco mais de um bilhão de habitantes na Terra. [...] Mas desse bilhão, cerca de quinhentos milhões (metade) são mulheres, deixando uma população média de habitantes do sexo masculino de cerca de quinhentos milhões; e desse número, cerca da metade são menores de idade, deixando cerca de duzentos e cinquenta milhões de homens adultos na Terra. Mas desse número de homens adultos, cerca de um quinto são aposentados – velhos demais para lutar. Esses são fatos estatísticos. Isso deixa exatamente

²⁸ Hal Lindsey, *There's a New World Coming* (Eugene, OR: Harvest House Publishers, 1973), pg. 140.

os duzentos milhões de homens combatentes de João na Terra. E quando provamos uma questão matematicamente, achamos que está muito bem feito.²⁹

Mas Martin acabou de entrar no ritmo. Ele continua com sua exposição, retomando a descrição aterrorizante dos soldados em 9:17-19: “Os cavaleiros tinham couraças de fogo, jacinto e enxofre; e as cabeças dos cavalos eram como cabeças de leões; e de suas bocas saíam fogo, fumaça e enxofre. Um terço da humanidade foi morta por essas três pragas, pelo fogo, fumaça e enxofre, que saíam de suas bocas. Pois o poder dos cavalos está em suas bocas e em suas caudas; pois suas caudas são como serpentes e têm cabeças; e com elas causam dano.” Enquanto os apocalípticos modernos veem isso em termos de lasers e lançadores de mísseis, Martin tinha uma explicação diferente – uma que estava de acordo com o que havia de mais avançado na área militar em sua época, quando Buffalo Bill estava lutando contra os índios Sioux como chefe de batedores da Quinta Cavalaria do General Sheridan:

João está apontando para o modo moderno de lutar a cavalo, com o cavaleiro inclinado para a frente, o que, na sua visão e na de alguém olhando à distância, pareceria a grande juba do leão; o homem inclinado no pescoço de seu cavalo. Ele teria, ao lutar com armas de fogo, que se inclinar para a frente para disparar sua arma, para não abater seu próprio cavalo no qual estava montando. Na época de João, a postura era muito diferente. [...] Agora, quero perguntar aos meus amigos ouvintes se isso não está sendo cumprido de forma tão perfeitamente literal diante de nossos olhos? Não estão todas as nações envolvidas neste modo de guerra? Elas não matam homens com fogo, fumaça e enxofre? [...] Você não sabe que isso é apenas pólvora inflamada? [...]

Poderia um homem sem inspiração, no final do primeiro século, ter falado sobre esse assunto?³⁰

A menos que vejamos o Livro do Apocalipse como um documento pactual – ou seja, se insistirmos em lê-lo primariamente como uma previsão sobre armas nucleares do século XX ou uma polêmica contra a Roma

²⁹ J. L. Martin, *The Voice of the Seven Thunders: or, Lectures on the Apocalypse* (Bedford, IN: James M. Mathes, Publisher, sixth ed., 1873), pp. 149f.

³⁰ *Ibid.*, pp. 151f.

do primeiro século – sua continuidade com o resto da Bíblia será perdida. Ele se torna um apêndice escatológico, uma visão de “últimas coisas” que, em última instância, tem pouco a ver com a mensagem, propósito e questões da Bíblia. No entanto, assim que compreendemos o caráter do Apocalipse como uma Ação Judicial do Pacto, ele deixa de ser um livro “estranho” e “esquisito”; não é mais incompreensível ou decifrável apenas com o Índice completo do *New York Times*. Em seus principais temas, pelo menos, ele se torna tão acessível a nós quanto Isaías e Amós. O Livro do Apocalipse deve ser abordado desde o início dentro de seu caráter de *revelação* bíblica. A compreensão desse único ponto pode significar um “salto quântico” para a interpretação; pois, como Geerhardus Vos deixou claro em seus estudos pioneiros de Teologia Bíblica, “a revelação bíblica está totalmente conectada com o destino de Israel.”³¹

A Ação Judicial do Pacto

O relacionamento de Deus com a nação de Israel sempre foi definido em termos do Pacto, o vínculo matrimonial pelo qual Ele a uniu a Si mesmo como Seu povo especial. Este Pacto era um arranjo legal, um “contrato” vinculativo imposto a Israel por seu Rei, estipulando obrigações e promessas mútuas. Meredith Kline mostrou que a estrutura pactual bíblica tem semelhanças impressionantes com a forma estabelecida para tratados de paz no antigo Oriente Próximo.³² Era assim que funcionava: após uma guerra, o rei vitorioso fazia uma aliança com seu oponente derrotado, fazendo certas promessas e garantindo proteção sob a condição de que o rei vassalo e todos sob sua autoridade obedecessem ao seu novo senhor. Tanto o senhor quanto o vassalo faziam um juramento, e eles estariam unidos em um pacto a partir de então.

Como Kline explica, a forma padrão de tratado no mundo antigo era estruturada em cinco partes, todas as quais aparecem nos pactos bíblicos:

³¹ Richard B. Gaffin Jr., ed., *Redemptive History and Biblical Interpretation: The Shorter Writings of Geerhardus Vos* (Phillipsburg, NJ: Presbyterian and Reformed Publishing Co., 1980), pg. 10.

³² Meredith G. Kline, *Treaty of the Great King: The Covenant Structure of Deuteronomy* (Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Co., 1963); idem., *The Structure of Biblical Authority* (Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Co., second ed., 1975).

Introdução

1. Preâmbulo (identificando o senhorio do Grande Rei, enfatizando tanto sua transcendência [grandeza e poder] quanto sua imanência [proximidade e presença]);
2. Prólogo Histórico (analisando o relacionamento anterior do senhor com o vassalo, enfatizando especialmente as bênçãos concedidas);
3. Estipulações Éticas (expondo as obrigações do vassalo, seu “guia de cidadania” no pacto);
4. Sanções (descrevendo as bênçãos pela obediência e maldições pela desobediência);
5. Arranjos Sucessórios (lidando com a continuidade do relacionamento pactual em gerações futuras).

Um dos melhores exemplos de um documento escrito nesta forma de tratado é o Livro de Deuteronômio, que Kline examina em detalhes em sua obra *Treaty of the Great King* [Tratado do Grande Rei]. (Recentemente, a análise de Kline foi consideravelmente aprimorada no trabalho mais teologicamente orientado de Ray R. Sutton, *That You May Prosper*.)³³ A exposição de Kline mostra como Deuteronômio naturalmente se divide nas cinco seções do pacto:

Deuteronômio

1. Preâmbulo (1:1-5)
2. Prólogo Histórico (1:6-4:49)
3. Estipulações Éticas (5:1-26:19)
4. Sanções (27:1-30:20)
5. Arranjos de Sucessão (31:1-34:12)

Se um reino vassalo violasse os termos do pacto, o suserano enviaria mensageiros ao vassalo, avisando os ofensores sobre o julgamento vindouro, no qual as maldições-sanções da aliança seriam aplicadas. Essa acaba sendo a função dos profetas bíblicos, como mencionei acima: eles eram promotores, trazendo a mensagem de Deus da Ação Judicial do Pacto para as nações ofensoras de Israel e Judá. E a estrutura da ação judicial foi sempre padronizada de acordo com a estrutura original do pacto. Em outras palavras, assim como as próprias alianças bíblicas

³³ Ray R. Sutton, *That You May Prosper: Dominion by Covenant* (Tyler, TX: Institute for Christian Economics, 1987).

OS DIAS DE VINGANÇA

seguem a estrutura padrão do tratado de cinco partes, as profecias bíblicas também seguem a forma do tratado.³⁴ Por exemplo, a profecia de Oséias é ordenada de acordo com o seguinte esboço:

Oséias

1. Preâmbulo (1)
2. Prólogo Histórico (2-3)
3. Estipulações Éticas (4-7)
4. Sanções (8-9)
5. Arranjos Sucessórios (10-14)

Como muitas outras profecias bíblicas, o Livro do Apocalipse é uma profecia da ira pactual contra o Israel apóstata, que irrevogavelmente se afastou do Pacto em sua rejeição a Cristo. E, como muitas outras profecias bíblicas, o Livro do Apocalipse é escrito na forma da Ação Judicial do Pacto, com cinco partes, em conformidade com a estrutura do tratado pactual. Esta tese será demonstrada no comentário; a título de introdução, no entanto, será útil dar uma olhada em alguns dos principais pontos que levam a esta conclusão. (Além disso, forneci uma Introdução a cada uma das cinco partes do Apocalipse, correlacionando a mensagem de cada seção com a passagem apropriada no Livro de Deuteronômio.)

Para compreender a estrutura de cinco partes do Apocalipse, precisamos primeiro considerar como a profecia de São João está relacionada à mensagem de Levítico 26. Como Deuteronômio 28, Levítico 26 estabelece as sanções do Pacto: Se Israel obedecer a Deus, ela será abençoada em todas as áreas da vida (Lv. 26:1-13; Dt. 28:1-14); se ela desobedecer, no entanto, ela será visitada com a Maldição, explicitada em detalhes horripilantes (Lv. 26:14-39; Dt. 28:15-68). (Essas maldições foram mais plenamente derramadas na desolação progressiva de Israel durante os Últimos Dias, culminando na Grande Tribulação de 67-70 d.C., como punição por sua apostasia e rejeição de seu Verdadeiro Marido, o Senhor Jesus Cristo.)³⁵ Uma das características marcantes da passagem de Levítico é que

³⁴ Aliás, a questão não é que a Escritura é modelada de acordo com tratados pagãos; em vez disso, como Sutton argumenta, as formas pagãs de tratados é que foram, em última análise, derivadas da Pacto de Deus.

³⁵ A expressão bíblica *Últimos Dias* refere-se propriamente ao período do Advento de Cristo até a destruição de Jerusalém em 70 d.C., os “últimos dias” de Israel durante o período de transição da Antiga Aliança para a Nova Aliança (Hb. 1:1-2; 8:13; Tg. 5:1-9; 1 Pe. 1:20; 1 Jo. 2:18). Ver David Chilton, *Paraíso Restaurado*, pp. 89-135, 257-311; cf. minha

as maldições são organizadas em um padrão especial: Quatro vezes neste capítulo Deus diz: “eu vos castigarei sete vezes mais por causa dos vossos pecados” (Lv. 26:18, 21, 24, 28). O número *sete*, como veremos abundantemente em todo o Apocalipse, é um número bíblico para completude ou plenitude (retirado do padrão de sete dias estabelecido na criação em Gênesis 1).³⁶ O número *quatro* é usado nas Escrituras em ligação com a terra, especialmente a Terra de Israel; assim, quatro rios fluíram do Éden para regar toda a terra (Gn. 2:10); a Terra[†], como o Altar, é retratada como tendo quatro cantos (Is. 11:12; cf. Ex. 27:1-2), de onde sopram os quatro ventos (Jr. 49:36); o acampamento de Israel foi organizado em quatro grupos ao redor dos lados do Tabernáculo (Nm. 2); e assim por diante (veja sua concordância e dicionário bíblico). Então, ao falar de quatro juízos sétuplos em Levítico 26, Deus está dizendo que um julgamento completo e pleno virá sobre a Terra de Israel por seus pecados. Este tema é abordado pelos profetas em suas advertências a Israel:

E eu irei determinar sobre eles quatro categorias, diz o SENHOR: a espada para matar, e os cães para rasgar, e as aves do céu, e os animais da terra, para devorar e destruir. (Jr. 15:3)

Porque assim diz o Senhor DEUS: Quanto mais, quando eu enviar os meus quatro juízos dolorosos sobre Jerusalém; a espada, a fome, o animal nocivo, e a peste, para cortar fora dela homens e animais? (Ez. 14:21)

A imagem de um juízo sétuplo vindo quatro vezes é mais completamente desenvolvida no Livro do Apocalipse, que é explicitamente dividido em quatro conjuntos de sete: as Cartas às Sete Igrejas, a abertura dos

série de estudos sobre este assunto, publicada na *Geneva Review*, P.O. Box 131300, Tyler, TX 75713.

³⁶ O número sete por si só é usado cinquenta e quatro vezes no Apocalipse; e há muitos exemplos (mais do que pude contar) de palavras e frases mencionadas sete vezes, ou agrupadas em grupos de setes.

[†] Orig. Land. No presente comentário, *Terra*, quando grafada com inicial maiúscula, refere-se, especificamente, à Terra de Israel. Sobre o uso de *γη* como referente geográfico em sentido delimitado, veja Kenneth L. Gentry Jr., *Before Jerusalem Fell* (Institute For Christian Economics, 1989), pp. 128-129; R. C. Sproul, *Os Últimos Dias Segundo Jesus* (Editora Cultura Cristã, 2016), pp. 34-35; Frank Brito, *O Sermão Profético* (Niceia Editorial, 2023), pp. 92-93; Luís H. Schmitt e César F. Raymundo, *Apocalipse Desvendado*, vol. 1 (Academia Apostólica, 2022), pp. 64-65. [N. R.]

Sete Selos, o soar das Sete Trombetas e o derramar dos Sete Cálices.³⁷ Seguindo assim a estrutura formal da maldição pactual em Levítico, São João ressalta a natureza de sua profecia como uma declaração de ira pactual contra Jerusalém.

Os quatro juízos são precedidos por uma visão introdutória, que serve para destacar a transcendência e imanência do Senhor – precisamente a função do Preâmbulo nos tratados da aliança. Ao lermos as quatro séries de juízos, descobrimos que eles também estão em conformidade com o esboço do tratado: As Sete Cartas examinam a história da aliança; os Sete Selos têm a ver com as estipulações específicas estabelecidas na seção correspondente do tratado da aliança; as Sete Trombetas invocam as sanções da aliança; e os anjos dos Sete Cálices estão envolvidos tanto na deserdação de Israel quanto na sucessão da Igreja na Nova Aliança. Assim:

Apocalipse

1. Preâmbulo: Visão do Filho do Homem (1)
2. Prólogo Histórico: As Sete Cartas (2-3)
3. Estipulações Éticas: Os Sete Selos (4-7)
4. Sanções: As Sete Trombetas (8-14)
5. Arranjos de Sucessão: Os Sete Cálices (15-22)

Dessa forma, São João combinou a estrutura de quatro partes da Maldição de Levítico 26 com a estrutura familiar de cinco partes da Ação Judicial do Pacto. A intersecção de uma maldição quádrupla e quártupla está relacionada a outra dimensão do simbolismo bíblica, relacionado às leis de restituição múltipla. Êxodo 22:1 (ARA) ordena: “Se alguém furtar boi ou ovelha e o abater ou vender, por um boi pagará cinco bois, e quatro ovelhas por uma ovelha.” James B. Jordan explica os aspectos simbólicos desta jurisprudência: “Estes são os animais que simbolizam especificamente a humanidade no sistema sacrificial. Eles são, portanto, repetidamente apresentados como analogias preeminentes para os homens (cf. p. ex, Lev. 22:27, com Lv. 12).

“Devemos notar aqui que o verbo usado em Êxodo 22:1, ‘abater’, é usado quase sempre com referência aos homens. Ralph H. Alexander

³⁷ É verdade que maioria dos comentários busca encontrar sete ou mais conjuntos de sete, mas, ao fazê-lo, não estão aderindo ao esboço formal de São João. Certamente, não há nada de errado em tentar descobrir as muitas estruturas sutis do livro; mas devemos pelo menos *começar* com o arranjo explícito do autor antes de fazer refinamentos.

comenta: ‘O significado central da raiz ocorre apenas três vezes (Gn. 43:16; Ex. 22:1; 1 Sm 25:11). A raiz é predominantemente usada metaforicamente, retratando o juízo do Senhor sobre Israel e sobre a Babilônia como um massacre.’³⁸ Isso novamente aponta para um significado básico simbólico desta lei.”³⁹

Jordan continua sua exposição, mostrando que, nas Escrituras, o boi representa principalmente o portador de algum cargo de autoridade em Israel, enquanto a ovelha representa o cidadão comum, e especialmente o homem pobre. A restituição quádrupla é, portanto, exigida para o crime de oprimir os pobres, e a quádrupla, para a pena de rebelião contra a autoridade.⁴⁰ A Ação Judicial do Pacto é estruturada em termos da pena de restituição quádrupla, uma vez que os rebeldes contra o pacto estão se revoltando contra uma autoridade divinamente ordenada; e São João move o processo contra Israel porque ela se rebelou contra Jesus Cristo, seu Senhor e Sumo Sacerdote (Hb. 2:17; 7:22-8:6).

Mas Cristo também era uma ovelha, o Cordeiro sacrificial de Deus (Jo. 1:29; Ap. 5:6, 9). Ele foi injustamente vendido (Mt. 26:14-15), e foi tratado “como [um] cordeiro [que é] levado ao matadouro” (Isa. 53:7, ARA). Além disso, os primeiros cristãos eram, em grande parte, pobres, e foram perseguidos, oprimidos e massacrados pelos ricos e poderosos do Israel apóstata (Mt. 5:10-12; Lc. 6:20-26; Tg. 5:1-6). O Israel incrédulo, portanto, trouxe sobre si todas as penalidades e maldições da aliança, incluindo a quádrupla e a quádrupla, bem como a dupla restituição (Ap. 18:6). (Também vale a pena repetir o que Ralph Alexander disse sobre a palavra *abate* em Êxodo 22:1: “A raiz é usada predominantemente de maneira metafórica, retratando o juízo do Senhor sobre Israel e sobre a Babilônia como uma matança.” Como veremos, São João reúne todas essas ideias, chamando metaforicamente a apóstata Jerusalém de sua época de *Babilônia, a Grande*.) A Grande Tribulação, culminando no holocausto de 70 d.C., foi a restituição exigida pelo roubo e matança dos profetas do Antigo Testamento, dos mártires do Novo Testamento, e do Senhor Jesus

³⁸ R. Laird Harris, Gleason Archer, and Bruce Waltke, eds., *Theological Wordbook of the Old Testament* (Chicago: Moody Press, 1980), pg. 341.

³⁹ James B. Jordan, *The Law of the Covenant: An Exposition of Exodus 21-23* (Tyler, TX: Institute for Christian Economics, 1984), pg. 266.

⁴⁰ *Ibid.*, pp. 266-271.

OS DIAS DE VINGANÇA

Cristo (Mt. 21:33-45; 23:29-38; 1 Ts. 2:14-16); e esses temas compõem própria estrutura do Apocalipse, a Ação Judicial do Pacto final.

Tudo isso é enfatizado ainda mais pelo uso que São João faz da terminologia de Ação Judicial profética: a acusação de prostituição. Em toda a Escritura, Israel é considerada a Esposa de Deus; o pacto é um vínculo matrimonial, e espera-se que ela seja fiel a ele. Sua apostasia de Deus é chamada de adultério, e ela é identificada como uma prostituta. Há inúmeros exemplos disso nos profetas:

Vejam como a cidade fiel
se tornou prostituta!
Antes cheia de justiça e habitada pela retidão,
agora está cheia de assassinos! (Is. 1:21, NVI)

Há muito tempo eu quebrei o seu jugo
e despedacei as correias que a prendiam.
Mas você disse: 'Eu não servirei!'
Ao contrário, em todo monte elevado
e debaixo de toda árvore verdejante,
você se deitava como uma prostituta. (Jr. 2:20, NVI)

E teu renome foi adiante entre os pagãos por causa da tua beleza,
porque era perfeita através da minha beleza, que eu tinha colocado
sobre ti, diz o Senhor DEUS. Mas tu confiaste em tua própria
beleza, e prostituíste por causa do teu renome, e derramaste tuas
fornicações sobre todo o que passava; ela era dele. (Ez. 16:14-15)

Não se regozije, ó Israel;
não se alegre como as outras nações.
Pois você se prostituiu,
abandonando o seu Deus;
você ama o salário da prostituição
em cada eira de trigo. (Os. 9:1, NVI)

Em toda a Escritura, é Israel a quem os profetas caracteristicamente condenam como uma prostituta.⁴¹ Assim, quando São João move a ação judicial contra Israel por sua rejeição a Cristo, a maior apostasia de todos

⁴¹ A imagem figurada de prostituição é consistentemente usada para apostasia da aliança. Há, de fato, apenas dois casos em toda a Escritura em que o termo é aplicado a outras nações. Em ambos os casos (Tiro, Is. 23:15-17; e Nínive, Na. 3:4), eram nações que estavam em aliança com Deus por meio de Israel.

os tempos (cf. Mt. 21:33-45), ele apropriadamente a chama de “a Grande Meretriz [...] a Mãe das meretrizes e das abominações da Terra” (Ap. 17:1, 5).

Há outras indicações dentro da estrutura do Apocalipse de que ele é uma Ação Judicial contra Israel. Os quatro juízos sétuplos são organizados em conformidade geral com a ordem da profecia de Jesus contra Jerusalém em Mateus 24.⁴² Assim, as Sete Cartas (Ap. 2-3) lidam com falsos apóstolos, perseguição, iniquidade, amor que se esfriou e o dever da perseverança (cf. Mt. 24:35, 9-13); os Sete Selos (Ap. 4-7) estão relacionados com guerras, fomes e terremotos (cf. Mt. 24:6-8); as Sete Trombetas (Ap. 8-14) falam do testemunho da Igreja para o mundo, sua fuga para o deserto, a Grande Tribulação e o Falso Profeta (cf. Mt. 24:14-27); e os Sete Cálices (Ap. 15-22) descrevem o escurecimento do reino da Besta, a destruição da Prostituta, a reunião de águias sobre o cadáver de Jerusalém e a reunião da Igreja no Reino (cf. Mt. 24:28-30).

Apocalipse, Ezequiel e o Lecionário

Mas há pelo menos mais um fator que influenciou muito a estrutura do Apocalipse. Ele é construído com estrita adesão a uma das mais famosas Ações Judiciais do Pacto de todos os tempos: a profecia de Ezequiel. A dependência do Apocalipse sobre a linguagem e as imagens de Ezequiel é reconhecida há muito tempo;⁴³ um estudioso encontrou no Apocalipse nada menos que 130 referências separadas a Ezequiel.⁴⁴ Mas São João faz mais do que meramente fazer alusões literárias a Ezequiel. Ele o segue, passo a passo – tanto que Philip Carrington pôde, com apenas uma leve hipérbole: “O Apocalipse é uma reescrita cristã de Ezequiel. Sua estrutura fundamental é a mesma. Sua interpretação depende de Ezequiel. A primeira metade de ambos os livros leva à destruição da Jerusalém terrena; na segunda, eles descrevem uma nova e santa Jerusalém. Há uma diferença significativa. O lamento de Ezequiel sobre Tiro é transformado em um lamento sobre Jerusalém, a razão é que São João deseja transferir para Jerusalém a nota de condenação *irrevogável* encontrada no lamento sobre

⁴² Ver J. P. M. Sweet, *Revelation* (Philadelphia: The Westminster Press, 1979), pp. 52-54.

⁴³ Ver, p. ex., Ferrell Jenkins, *The Old Testament in the Book of Revelation* (Grand Rapids: Baker Book House, [1972]1976), pp. 54/f.

⁴⁴ Albert Vanhoye, “L’utilisation du Livre d’Ezechiel dans l’Apocalypse” *Biblica* 43 (1962), pp. 436-76 (v. esp. pp. 473-76).

OS DIAS DE VINGANÇA

Tiro. Nisso consiste a real diferença nas mensagens dos dois livros. Jerusalém, como Tiro, deve desaparecer para sempre.”⁴⁵ Considere os paralelos mais óbvios:⁴⁶

1. A Visão do Trono (Ap. 4/Ez. 1)
2. Livro (Ap. 5/Ez. 2-3)
3. As Quatro Pragas (Ap. 6:1-8/Ez. 5)
4. Os Mortos sob o Altar (Ap. 6:9-11/Ez. 6)
5. A Ira de Deus (Ap. 6:12-17/Ez. 7)
6. Selo nas Testas dos Santos (Ap. 7/Ez. 9)
7. As Brasas do Altar (Ap. 8/Ez. 10)
8. Sem Mais Demora (Ap. 10:1-7/Ez. 12)
9. A Devoração do Livro (Ap. 10:8-11/Ez. 2)
10. A Medição do Templo (Ap. 11:1-2/Ez. 40-43)
11. Jerusalém e Sodoma (Ap. 11:8/Ez. 16)
12. Cálice da Ira (Ap. 14/Ez. 23)
13. A Vinha da Terra (Ap. 14:18-20/Ez. 15)
14. A Grande Prostituta (Ap. 17-18/Ez. 16, 23)
15. Lamento sobre a Cidade (Ap. 18/Ez. 27)
16. Banquete das Aves Carniceiras (Ap. 19/Ez. 39)
17. A Primeira Ressurreição (Ap. 20:4-6/Ez. 37)
18. A Batalha com Gogue e Magogue (Ap. 20:7-9/Ez. 38-39)
19. A Nova Jerusalém (Ap. 21/Ez. 40-48)
20. O Rio da Vida (Ap. 22/Ez. 47)

Como M. D. Goulder aponta, a proximidade da estrutura dos dois livros – o “acompanhamento” passo a passo de Apocalipse com Ezequiel – implica algo além de um relacionamento meramente literário. “O acompanhamento passo a passo não é geralmente uma característica do empréstimo literário: a obra do Cronista, por exemplo, está longe de acompanhar a narrativa em Samuel-Reis passo a passo, com sua expansão significativa do material sobre o Templo e sua excisão das tradições do norte. Isso é, na realidade, uma característica do uso lecionário, como quando a Igreja estabelece Gênesis para ser lido junto a Romanos, ou Deuterônimo junto a Atos. [...] Além disso, é claro que João esperava que suas profecias fossem lidas em voz alta no culto, pois ele diz: ‘Bem-aven-

⁴⁵ Philip Carrington, *The Meaning of the Revelation* (London: SPCK, 1931), pg. 65.

⁴⁶ Esta lista é baseada em Carrington (p. 64) e em M. D. Goulder, “The Apocalypse as an Annual Cycle of Prophecies”, *New Testament Studies* 27, No. 3 (abril de 1981), pp. 342-67.

turado aquele que lê, e os que ouvem' (1:3, ACF) – A RSV [Revised Standard Version] corretamente glosa 'ler em voz alta'. De fato, o próprio fato de ele repetidamente chamar seu livro de 'a profecia' o alinha com as profecias do AT, que eram familiares [aos destinatários] devido à sua leitura pública no culto.⁴⁷ Em outras palavras, o Livro do Apocalipse foi concebido desde o início como uma série de leituras para o culto ao longo do Ano Litúrgico, para ser lido em conjunto com a profecia de Ezequiel (assim como outras leituras do Antigo Testamento). Como Austin Farrer escreveu em seu primeiro estudo do Apocalipse, São João "certamente não pensou que seria lido uma vez para as congregações e então usado para embrulhar peixes, como uma carta pastoral."⁴⁸

A tese de Goulder sobre o Apocalipse é apoiada pelas descobertas em seu trabalho recente sobre os Evangelhos, *The Evangelists' Calendar* [O Calendário dos Evangelistas], que revolucionou os estudos do Novo Testamento ao colocar os Evangelhos no seu contexto litúrgico adequado.⁴⁹ Como Goulder mostra, os Evangelhos foram originalmente escritos, não como "livros", mas como leituras litúrgicas em série para acompanhar as leituras nas sinagogas (as primeiras igrejas do Novo Testamento). Ele argumenta: "Lucas desenvolveu seu Evangelho pregando para sua congregação, como uma série de cumprimentos do Antigo Testamento; e esse desenvolvimento em séries litúrgicas explica a estrutura básica de seu Evangelho, que tem sido um enigma por tanto tempo."⁵⁰

As estruturas de Ezequiel e Apocalipse se adequam prontamente ao uso lecionário, como Goulder observa: "No que tange à divisão do Apocalipse e de Ezequiel em profecias ou visões, as unidades para os domingos sucessivos, o intérprete tem pouca margem para escolha; uma característica favorável, uma vez que estamos procurando por linhas divisórias claras e incontroversas. A maioria dos comentários divide o Apocalipse em cerca de cinquenta unidades, e elas não divergem muito. Ezequiel é dividido na Bíblia em quarenta e oito capítulos, com muitos dos quais sendo constituídos, de forma autoevidente, de uma única profecia independente.

⁴⁷ M. D. Goulder, "The Apocalypse as an Annual Cycle of Prophecies", pg.350.

⁴⁸ Austin Farrer, *A Rebirth of Images: The Making of St. John's Apocalypse* (Gloucester, MA: Peter Smith, [1949] 1970), pg. 22.

⁴⁹ M. D. Goulder, *The Evangelists' Calendar: A Lectionary Explanation of the Development of Scripture* (London: SPCK, 1978)

⁵⁰ Ibid., pg. 7. Goulder sugere que o Livro do Apocalipse foi escrito da mesma forma, sendo as meditações de São João sobre as leituras litúrgicas em sua igreja.

Além disso, os capítulos de Ezequiel, de modo geral, têm extensão relativamente uniforme. O livro cobre um pouco mais de 53 páginas de texto na RV [Revised Version], e muitos capítulos têm cerca de duas colunas (uma página) de extensão. Algumas das divisões talvez sejam questionáveis. Por exemplo, o chamado de Ezequiel se estende além do muito breve cap. 2 para um final claro em 3:15, e o curto cap. 9 poderia ser agrupado junto ao 8; enquanto há alguns capítulos enormes, 16, 23 e 40, que têm mais de quatro colunas de extensão e que se subdividem naturalmente. Mas uma característica encorajadora já terá se tornado óbvia para o leitor: ambos os livros se dividem em cerca de cinquenta unidades, e o ano judaico(-cristão) consiste em cinquenta ou cinquenta e um sábados/domingos. Assim, temos o que parece ser material para um ciclo anual de Ezequiel inspirando um ciclo anual de visões, que poderia então ser lido nas igrejas asiáticas junto a Ezequiel, e exposto em sermões à luz de seu conteúdo.⁵¹ Goulder continua sua exposição, fornecendo uma tabela extensa que mostra leituras consecutivas ao longo de Ezequiel e Apocalipse, definidas ao longo do ano litúrgico cristão, de Páscoa a Páscoa; as correlações são surpreendentes.⁵²

A ênfase Pascal do Apocalipse também foi trazida à tona em um estudo de Massey Shepherd, quase vinte anos antes de Goulder escrever.⁵³ Shepherd demonstrou outro aspecto marcante da arquitetura do Apocalipse, mostrando que a profecia de São João é disposta de acordo com a estrutura do culto da Igreja primitiva – aliás, que tanto seu Evangelho quanto o Apocalipse “dão seu testemunho a partir da perspectiva da experiência da liturgia pascal das igrejas asiáticas.”⁵⁴

A natureza lecionária do Apocalipse ajuda a explicar a riqueza do material litúrgico na profecia. O Apocalipse certamente não é um manual sobre como “fazer” um culto de adoração; em vez disso, ele é um culto de adoração, uma liturgia conduzida no céu como um modelo para os que estão na terra (e incidentalmente nos instrui que a Sala do Trono de Deus é a única perspectiva adequada para visualizar o conflito terrestre entre a

⁵¹ M. D. Goulder, “The Apocalypse as an Annual Cycle of Prophecies”, pp. 350f.

⁵² Ibid., pp. 353-54. James B. Jordan escreveu uma série de estudos muito útil sobre “Cristianismo e o Calendário”, publicada por um período de três anos em *The Geneva Papers* (first series). Ver esp. No. 27 (January 1984): “Is the Church Year Desirable?”

⁵³ Massey H. Shepherd Jr., *The Paschal Liturgy and the Apocalypse* (Richmond: John Knox Press, 1960).

⁵⁴ Ibid., pg. 82.

Semente da Mulher e a semente da Serpente): “A adoração da Igreja tem sido tradicionalmente, de maneira muito consciente, modelada segundo as realidades divinas e eternas reveladas no [Apocalipse]. A oração da Igreja e sua celebração mística são unas com a oração e celebração do reino dos céus. Assim, na Igreja, com os anjos e os santos, por meio de Cristo, o Verbo e o Cordeiro, inspirados pelo Espírito Santo, os fiéis crentes da assembleia dos salvos oferecem adoração perpétua ao Deus Pai Todo-Poderoso.”⁵⁵

A incapacidade de reconhecer a importância do Apocalipse para a adoração cristã empobreceu muito muitas igrejas modernas. Para dar apenas um exemplo: Quantos sermões foram pregados sobre Apocalipse 3:20 – “Eis que eu estou à porta e bato; se alguém ouvir a minha voz e abrir a porta, virei a ele, e cearei com ele e ele comigo.” – sem reconhecer a referência sacramental bem óbvia? *Claro que* Jesus está falando sobre a Ceia do Senhor, nos convidando a cear com Ele; por que não vimos isso antes? A razão tem muito a ver com uma noção puritana de adoração que vem, não da Bíblia, mas de filósofos pagãos.

Dom Gregory Dix, acertou em cheio em seu estudo abrangente sobre o culto cristão: o puritanismo litúrgico *não* é “protestante”; nem mesmo é cristão. Em vez disso, é “uma teoria geral sobre adoração, não especificamente protestante nem verdadeiramente restrita a cristãos de qualquer tipo. É a teoria operante sobre a qual toda adoração maometana é baseada. Foi enunciada tão bem quanto qualquer um pelo poeta romano Pérsio ou pelo filósofo pagão Sêneca no primeiro século, e eles apenas desenvolvem uma tese de autores filosóficos gregos que remontam ao século VII a.C. Em suma, a teoria puritana é que a adoração é uma atividade puramente *mental*, a ser exercida por meio de uma ‘atenção’ estritamente psicológica para uma experiência emocional ou espiritual subjetiva. [...] Em oposição à teoria puritana de adoração está outra – a concepção ‘cerimoniosa’ de adoração, cujo princípio fundamental é que a adoração como tal não é um exercício puramente intelectual e afetivo, mas um exercício no qual o homem inteiro – corpo e alma, suas capacidades estéticas e volitivas, bem como as intelectuais – deve participar de forma plena. Ela considera a

⁵⁵ Thomas Hopko, *The Orthodox Faith*, Vol. 4: *The Bible and Church History* (Orthodox Church in America, 1973), pp. 64f.; citado em George Cronk, *The Message Of the Bible: An Orthodox Christian Perspective* (Crestwood, NY: St. Vladimir’s Seminary Press, 1982), pg. 259.

adoração como um ‘ato’ tanto quanto uma ‘experiência’.”⁵⁶ É essa visão “cerimoniosa” da adoração que é ensinada pela Bíblia, de Gênesis a Apocalipse. Já que toda a ação do Apocalipse é vista do ponto de vista de um culto de adoração, este comentário assumirá que a estrutura litúrgica da profecia é básica para sua interpretação adequada.

A Natureza do Apocalipse: Apocalíptica?

O Livro do Apocalipse é frequentemente tratado como um exemplo do gênero “apocalíptico” de escritos que floresceu entre os judeus entre 200 a.C. e 100 d.C. Não há base alguma para essa opinião, e é lamentável que a palavra *apocalíptico* seja usada para descrever essa literatura. (Os próprios escritores do gênero “apocalíptico” nunca usaram o termo nesse sentido; em vez disso, os estudiosos roubaram o termo de São João, que chamou seu livro de “O Apocalipse de Jesus Cristo”.) Existem, de fato, muitas diferenças importantes entre os escritos “apocalípticos” e o Livro do Apocalipse.

Os “apocalípticos” se expressavam em símbolos inexplicáveis e ininteligíveis, e geralmente não tinham intenção de se fazerem realmente compreensíveis. Seus escritos abundam em pessimismo: nenhum progresso real é possível, nem haverá alguma vitória para Deus e Seu povo na história. Não podemos nem mesmo ver Deus agindo na história. Tudo o que sabemos é que o mundo está piorando e piorando. O melhor que podemos fazer é esperar pelo Fim – e muito em breve.⁵⁷ Ferrell Jenkins escreve: “Para eles, as forças do mal aparentemente estavam no controle da era atual e Deus agiria apenas no Fim dos Tempos.”⁵⁸ (Isso deveria soar familiar.) Sentindo-se impotente diante do mal inexorável, o apocalíptico “poderia, portanto, entregar-se às especulações mais fantasiosas [...] ele havia descartado este mundo e suas atividades, então não haveria interesse em fornecer soluções viáveis para seus problemas.”⁵⁹ O resultado prático foi que os apocalípticos raramente se preocupavam com com-

⁵⁶ Dom Gregory Dix, *The Shape of the Liturgy* (New York: The Seabury Press. [1945]1983), pg. 312.

⁵⁷ Ver Leon Morris, *Apocalyptic* (Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Co., 1972).

⁵⁸ Ferrell Jenkins, *The Old Testament in the Book of Revelation* (Grand Rapids: Baker Book House, 1976), pg. 41 O livro de Jenkins é uma excelente introdução breve ao pano de fundo e simbolismo bíblicos do Apocalipse.

⁵⁹ Morris, pg. 71.

portamento ético: “Em última análise, o interesse deles concentrava-se na escatologia, não na ética.”⁶⁰

A abordagem de São João no Apocalipse é substancialmente diferente. Seus símbolos não são delírios obscuros nascidos de uma imaginação febril; eles estão firmemente enraizados no Antigo Testamento (e a razão para sua *aparente* obscuridade é esse mesmo fato: temos dificuldade em entendê-los apenas porque não conhecemos nossas Bíblias). Em contraste com os apocalípticos, que desistiram da história, “João apresenta a história como o cenário da redenção divina.”⁶¹ Leon Morris descreve a visão de mundo de São João: “Para ele, a história é a esfera na qual Deus operou a redenção. Aquilo que é realmente crítico na história da humanidade já aconteceu, e aconteceu aqui, nesta terra, na vida dos homens. O Cordeiro ‘como se tivesse sido morto’ domina o livro inteiro. João vê Cristo como vitorioso e como tendo conquistado a vitória por meio de Sua morte, um evento na história. Seu povo compartilha de Seu triunfo, mas eles venceram Satanás ‘pelo sangue do Cordeiro, e pela palavra do seu testemunho’ (Ap. 12:11). O pessimismo que adia a atividade salvadora de Deus até o Fim está ausente. Embora João retrate o mal realisticamente, seu livro é fundamentalmente otimista.”⁶²

Os apocalípticos diziam: *O mundo está chegando ao fim: Desista!* Os profetas bíblicos dizem: *O mundo está chegando ao começo: Mãos à obra!*

Assim, o Livro do Apocalipse não é um tratado apocalíptico, mas sim, como o próprio São João nos lembra repetidamente, uma *profecia* (1:3; 10:11; 22:7, 10, 18-19), completamente de acordo com os escritos dos outros profetas bíblicos. E – novamente em forte contraste com os apocalípticos – se havia uma grande preocupação entre os profetas bíblicos, era a conduta ética. Nenhum escritor bíblico jamais revelou o futuro meramente para satisfazer a curiosidade: o objetivo sempre foi direcionar o povo de Deus para a ação correta no presente. A esmagadora maioria das profecias bíblicas não tinha nada a ver com o equívoco comum de “profecia” como predição do futuro. Os profetas falavam do futuro apenas para estimular a vida piedosa. Como Benjamin Warfield escreveu: “Devemos tentar sempre manter em nossas mentes o grande princípio de que toda profecia é ética em seu propósito, e que esse fim

⁶⁰ Ibid., pg. 60.

⁶¹ Jenkins, pg. 41.

⁶² Morris, pg. 79

OS DIAS DE VINGANÇA

ético controla não apenas o que será revelado em geral, mas também seus detalhes, e a própria forma que assume.”⁶³

O fato de que muitos que estudam os escritos proféticos hoje estão interessados em encontrar possíveis referências a viagens espaciais e armas nucleares, em vez de descobrir os mandamentos de Deus para a vida, é um tributo repugnante a uma fé superficial e imatura. “O testemunho de *Jesus* é o espírito de profecia.” (Ap. 19:10); ignorar Jesus em favor de explosões atômicas é uma perversão das Escrituras, uma distorção blasfema da santa Palavra de Deus. Do começo ao fim, São João está intensamente interessado na conduta ética de seus leitores:

Bem-aventurado aquele que lê, e os que ouvem as palavras desta profecia, e guardam as coisas que nela estão escritas (1:3, ACF)

Bem-aventurado aquele que vigia e guarda as suas vestes. (16:15, ARC)

Bem-aventurado aquele que guarda as palavras da profecia deste livro. (22:7, ACF)

Bem-aventurados aqueles que guardam os seus mandamentos (22:14, ACF).

O Simbolismo do Apocalipse

A profecia é frequentemente descrita como “história escrita com antecedência”.⁶⁴ Como já vimos, no entanto, a profecia é primariamente uma mensagem dos emissários de Deus dentro da estrutura do Pacto, declarada em termos das estipulações e sanções estabelecidas na lei bíblica. Não é simplesmente “previsão”. Certamente, os profetas previram eventos futuros na história, mas não em forma de registro histórico. Em vez disso, os profetas usaram símbolos e figuras emprestados da história, da cultura circundante e da criação. A maioria dos erros na interpretação dos profetas decorre da negligência deste princípio. Certa vez, ouvi um pastor

⁶³ Benjamin B. Warfield, “The Prophecies of St. Paul” em *Biblical and Theological Studies* (Philadelphia: The Presbyterian and Reformed Publishing Co., 1968), pg. 470.

⁶⁴ Um dos maiores popularizadores dessa visão foi o apologista cristão racionalista Joseph Butler, que afirmou que “a profecia nada mais é do que a história dos eventos registrada antes de acontecerem”. *The Analogy of Religion, Natural and Revealed, to the Constitution and Course of Nature* (Oxford: At the University Press, 117361 1835), pg. 310.

pregar uma mensagem muito séria e empolgante sobre estações espaciais e viagens interplanetárias, usando Apocalipse 21:10 como seu texto. Somente na era moderna das viagens espaciais, ele observou, é que a profecia da Nova Jerusalém poderia ser cumprida. Foi, no geral, um discurso muito agradável e uma demonstração maravilhosa da riqueza de aprendizado do pastor no campo da ficção científica; mas o público encantado deixou a reunião no mínimo tão ignorante das Escrituras quanto estava antes de ouvi-la.

A Bíblia é *literatura*: é literatura divinamente inspirada e inerrante, mas continua sendo literatura mesmo assim. Isso significa que devemos lê-la como literatura. Algumas partes devem ser *entendidas* literalmente, e são escritas de acordo – como história, ou proposições teológicas, ou similares. Mas não se esperaria ler os Salmos ou o Cântico dos Cânticos pelos mesmos padrões literários usados para o Livro de Romanos. Seria como ler o solilóquio de Hamlet “literalmente”: “*os dardos e as pedras da ultrajante sorte [...] contra um mar de erros se erguer [...]*” Não podemos entender o que a Bíblia realmente (literalmente) significa a menos que apreciemos seu uso de estilos literários. Entenderíamos o Salmo 23 corretamente se o tomássemos “literalmente”? Não pareceria, em vez disso, meio que tolo? De fato, se tomado literalmente, não seria *verdade*: pois suponho que o Senhor *não* faz todo cristão se deitar em pastos verdes literais. Mas, normalmente, não cometemos erros tão grosseiros ao ler poesia bíblica. Sabemos que ela é escrita em um estilo que frequentemente faz uso de imagens simbólicas. Mas devemos perceber que o mesmo é verdade para os profetas: eles também falavam em figuras e símbolos, valendo-se de uma rica herança de imagens bíblicas que começaram no Jardim do Éden.⁶⁵

De fato, o Paraíso é onde a profecia começou. É importante observar que a primeira promessa do Redentor vindouro foi declarada em termos altamente simbólicos. Deus disse à Serpente:

Porei inimizade entre você e a mulher,
entre a sua descendência e o descendente dela;
Este ferirá a sua cabeça,
e você lhe ferirá o calcanhar. (Gn. 3:15, NVI)

⁶⁵ Ver Chilton, *Paraíso Restaurado*, pp. 25-75.

Obviamente, isso não é simplesmente “história escrita com antecedência”. É uma declaração simbólica, muito parecida com a linguagem evocativa e poética usada por toda a Bíblia, e especialmente no Apocalipse. Aliás, São João nos diz claramente em sua frase de abertura que o Apocalipse é escrito em *sinais*, em símbolos. Ele não pretendia que fosse lido como um jornal ou uma análise do mercado de ações. Ele esperava que seu público respondesse à sua profecia em termos do próprio sistema de simbolismo da Bíblia.

Eu repito: *o próprio sistema de simbolismo da Bíblia*. O significado de um símbolo não é atribuído conforme nossas escolhas; nem São João criou as imagens do Livro do Apocalipse a partir de sua própria imaginação. Ele apresenta Cristo a seus leitores como um Leão e um Cordeiro, não porque ele acha que essas são imagens bonitas, mas por causa das conotações de leões e cordeiros já estabelecidas na Bíblia. O Livro do Apocalipse, portanto, nos diz desde o início que seu padrão de interpretação é a própria Bíblia. O livro está abarrotado de alusões ao Antigo Testamento. Merrill Tenney diz: “Ele está cheio de referências a eventos e personagens do Antigo Testamento, e uma grande parte de sua fraseologia é tomada diretamente dos livros do Antigo Testamento. Estranhamente, não há uma citação direta no Apocalipse do Antigo Testamento com uma declaração explícita de que aquilo é citado a partir de uma determinada passagem; mas uma contagem das alusões significativas que são rastreáveis tanto por semelhança verbal quanto por conexão contextual com o cânone hebraico totalizam trezentas e quarenta e oito. Destas, aproximadamente noventa e cinco são repetidas, de modo que o número real de passagens diferentes do Antigo Testamento que são mencionadas é de quase duzentos e cinquenta, ou uma média de mais de dez para cada capítulo em Apocalipse.”⁶⁶ A contagem de 348 referências claras do Antigo Testamento de Tenney se divide da seguinte forma: 57 do Pentateuco, 235 dos Profetas e mais 56 dos livros históricos e poéticos.⁶⁷

Tenney admite que seus números são conservadores; poder-se-ia até dizer que são muito restritos. No entanto, mesmo usando seus números, é óbvio que o Livro do Apocalipse depende do Antigo Testamento muito mais do que qualquer outro livro do Novo Testamento. Este fato por si só

⁶⁶ Merrill C. Tenney, *Interpreting Revelation* (Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Co., 1957), pg. 101.

⁶⁷ *Ibid.*, pg. 104.

deveria nos alertar de que não podemos começar a entender seu significado sem uma compreensão sólida da Bíblia como um todo. As igrejas primitivas tinham tal entendimento. O Evangelho foi pregado primeiro aos judeus e prosélitos gentios; muitas vezes as igrejas foram formadas por adoradores em sinagogas, e isso era verdade até mesmo para as igrejas da Ásia Menor (At. 2:9; 13:14; 14:1; 16:4; 17:1-4, 10-12, 17; 18:4, 8, 19, 24-28; 19:1-10, 17). Além disso, fica claro em Gálatas 2:9 que o ministério do apóstolo João era para os judeus em particular. Portanto, os primeiros leitores do Apocalipse estavam imersos no Antigo Testamento num grau em que a maioria de nós hoje não está. O simbolismo do Apocalipse está saturado de alusões bíblicas que eram comumente entendidas pela Igreja primitiva. Mesmo nas raras congregações que não tinham nenhum membro hebreu, as Escrituras usadas no ensino e adoração eram principalmente do Antigo Testamento. Os primeiros cristãos possuíam a chave autoritativa e infalível para o significado das profecias de São João. Nossa falha moderna em apreciar esse fato crucial é a principal causa de nossa incapacidade de entender o que ele estava falando.

Por exemplo, vamos pegar um símbolo muito abusado do Apocalipse e aplicar esse princípio. Em Apocalipse 7, 9, 14 e 22, São João vê o povo de Deus selado em suas testas com Seu nome; e em Apocalipse 13 ele escreve sobre os adoradores da Besta, que são designados em suas mãos direitas e testas com *sua* marca. Muitas interpretações fantasiosas foram feitas a respeito dessas marcas – variando desde tatuagens e carimbos de parques de diversão a cartões de crédito e números de CPF – e tudo sem a menor consideração das claras alusões bíblicas. Mas o que os primeiros leitores dessas passagens pensariam? Os símbolos os teriam feito pensar imediatamente em várias referências bíblicas: a “marca” de suor na testa de Adão, significando a Maldição de Deus sobre sua desobediência (Gn. 3:19); a testa do Sumo Sacerdote, marcada com letras douradas proclamando que ele era agora *SANTO PARA O SENHOR* (Êx. 28:36); Deuteronômio 6:6-8 e Ezequiel 9:4-6, nos quais os servos de Deus são “marcados” na mão e na testa com a lei de Deus, e assim recebem bênção e proteção em Seu nome. Os seguidores da Besta, por outro lado, recebem sua marca de propriedade: submissão à lei ímpia, estatista e anticristã. A marca no Apocalipse não deve ser tomada literalmente. É uma alusão a um símbolo do Antigo Testamento que falava da obediência total do homem para com Deus, e serve como um aviso de que aquele a quem adoramos – seja o Deus

verdadeiro ou o Estado autodeificado – exige obediência completa ao seu senhorio.

Esse será o princípio de interpretação seguido neste comentário. O Apocalipse é uma *revelação*: foi feito para ser entendido. Benjamin Warfield escreveu: “Compreender o Apocalipse de João é basicamente fácil: todos os seus símbolos ou são naturais e óbvios, ou têm suas raízes plantadas nos poetas e profetas do Antigo Testamento e na linguagem figurada de Jesus e seus apóstolos. Ninguém que conheça sua Bíblia deve perder sua esperança de ler esse livro com proveito. Acima de tudo, aquele que pode entender o grande discurso de nosso Senhor sobre as últimas coisas (Mt. 24), não deixará de compreender o Apocalipse, que é fundamentado naquele discurso e dificilmente avança além dele.”⁶⁸

A Primazia do Simbolismo

Quão importante é o simbolismo na Bíblia? O grande teólogo holandês Herman Bavinck trata do assunto extensivamente em sua *Dogmática Reformada*.⁶⁹ Falando dos nomes “simbólicos” da Bíblia para Deus, ele diz: “A Escritura não contém somente uns poucos antropomorfismos dispersos, mas é completamente antropomórfica. [...] É por isso que todos os nomes pelos quais Deus chama a si mesmo e permite que nós os usemos para falar com ele são derivados de relações terrenas e humanas.”⁷⁰ “Todas as criaturas, animadas e inanimadas, orgânicas e inorgânicas, fornecem nomes com os quais um pouco da grandeza de Deus nos é comunicada.”⁷¹ “De fato, não podemos falar de Deus de nenhuma outra maneira, pois não vemos o próprio Deus; podemos vê-lo somente em suas obras e chamá-lo de acordo com sua autorrevelação em suas obras. [...] Sobre a terra, pelo menos, não podemos vê-lo face a face. [...] Aqueles, portanto, que contestam nosso direito de usar antropomorfismos, [por] meio disso, em princípio, negam a possibilidade de que Deus, de fato, se revele em suas criaturas.”⁷² “Como seres humanos, temos apenas duas alternativas: ou o

⁶⁸ Benjamin B. Warfield, “The Apocalypse”, in *Selected Shorter Writings of Benjamin B. Warfield* (Nutley, NJ: Presbyterian and Reformed Publishing Co., 1973), vol. 11, pp. 652f.

⁶⁹ Herman Bavinck, John Bolt, org., *Dogmática Reformada*, vol. 2: *Deus e a Criação*, trad. Vagner Barbosa (Editora Cultura Cristã, 2012).

⁷⁰ Ibid., pg. 102.

⁷¹ Ibid., pg. 104.

⁷² Ibid., pg. 107.

silêncio absoluto ou o pensamento e o discurso humanos sobre Deus; ou agnosticismo (i.e., ateísmo teórico) ou antropomorfismo.”⁷³

O simbolismo é, portanto, inescapável: “Portanto, ao mesmo tempo em que é verdade que chamamos Deus por nomes derivados do mundo das criaturas, esses nomes foram inicialmente incriados nessas criaturas pelo próprio Deus. Isso é verdade: primeiro aplicamos às criaturas os nomes pelos quais falamos de Deus porque as conhecemos antes de conhecemos a Deus. Mas, materialmente, elas se aplicam primeiro a Deus e, depois, às criaturas. Todas as perfeições estão primeiro em Deus, depois nas criaturas. Ele as possui porque elas pertencem à sua essência; nós as possuímos apenas por participação. Assim como o templo foi edificado conforme o modelo (τύπος) mostrado a Moisés no monte (Hb. 8:5), assim também toda criatura é primeiro concebida na eternidade e, depois, criada no tempo. Toda paternidade (πάτρια) no céu e sobre a terra é nomeada segundo o Pai (πάτηρ), que criou todas as coisas (Ef. 3:15; cf. Mt. 23:9).”⁷⁴

Bavinck salienta dois pontos muito significativos: primeiro, *toda criação é primariamente simbólica*. Todas as criaturas refletem a glória de Deus e são imagens de algum aspecto ou outro de Sua natureza. A personalidade de Deus está impressa em tudo o que Ele fez. O valor *central* de qualquer coisa é que ela é um símbolo de Deus. Todos os outros valores e relacionamentos são secundários. E, uma vez que o homem é o símbolo primário de Deus, sendo Sua própria “imagem” (tanto individual quanto corporativamente), tudo é simbólico com relação ao homem também; assim, tudo revela Deus e o homem.”⁷⁵

Segundo, *o simbolismo é analógico, não realista*. Nisso, as imagens usadas na Bíblia contrastam marcadamente com as imagens do paganismo. Por exemplo, a Bíblia fala da aliança do casamento como análoga à aliança entre Deus e Seu povo (2 Cor. 11:2; Ef. 5:22-33; Ap. 19:7-9; 21:9-11). A Igreja sempre viu o Livro de Cantares como, em parte, uma analogia de seu próprio romance com o Noivo celestial. Mas isso está longe de implicar que o sexo é um sacramento; nem é uma doutrina de salvação através do casamento. O simbolismo é analógico, não metafísico. Não temos um

⁷³ Ibid.

⁷⁴ Ibid., pg. 110.

⁷⁵ Para uma discussão mais ampla sobre o significado primário do simbolismo, ver James B. Jordan, “Symbolism: A Manifesto”, em *The Sociology of the Church* (Tyler, TX: Geneva Ministries, 1986).

relacionamento sexual com Deus. Há um complexo uno e múltiplo de imagens envolvido no panorama bíblico. A teologia da Bíblia é analógica, não realista. Na salvação bíblica, o homem se torna refeito à imagem de Deus por uma sentença judicial e uma transformação ética - não por uma participação metafísica na essência divina.⁷⁶

Isso significa que o simbolismo bíblico não é um “código”. Não é dado em um estilo simples de “isso-significa-aquilo”: “Símbolos bíblicos são fluídos, não estereotipados.”⁷⁷ Um símbolo bíblico é uma coletividade, referindo-se a várias ideias ao mesmo tempo. O simbolismo bíblico, como a poesia, é uma linguagem evocativa, usada quando a linguagem discursiva e específica é insuficiente. A Bíblia usa imagens evocativas para trazer às nossas mentes várias associações que foram estabelecidas pela própria arte literária da Bíblia.

Austin Farrer apontou uma distinção que devemos sempre ter em mente – a diferença entre *sentido* e *referente*. Enquanto o sentido de um símbolo permanece o mesmo (as palavras “casa branca” sempre significam “casa branca”), ele pode ter vários referentes (A Casa Branca em Washington, D.C.; a casa branca do outro lado da rua; a casa verde que pertence a Fred White; etc.). “As imagens de São João não significam nada que você goste; seu sentido pode ser determinado. Mas elas ainda têm uma multiplicidade surpreendente de referências. Caso contrário, por que escrever em imagens em vez de em prosa fria e factual? Foi dito que o propósito da declaração científica é a eliminação da ambiguidade, e o propósito do sím-

⁷⁶ Portanto, não devemos ficar assustados quando encontramos a Bíblia usando certos símbolos que também são usados em religiões pagãs – por exemplo, as referências bíblicas às estrelas ou às constelações do Zodíaco. (A propósito, “Zodíaco” não é uma palavra do ocultismo; ela simplesmente se refere ao caminho aparente do sol através dos céus, passando “através” das doze principais constelações, da maneira que Deus projetou que acontecesse.) Algumas formas de paganismo ensinam que a água é habitada por espíritos e que (com os encantamentos adequados) sua aplicação pode conferir poderes mágicos. Os cristãos não acreditam nisso. Deveríamos, portanto (para não sermos confundidos com pagãos) abandonar o uso do batismo? Ou deveríamos desistir da doutrina do Nascimento Virginal, com base no fato de que deuses mitológicos engravidaram donzelas terrenas? Tais exemplos podem ser multiplicados muitas vezes. O paganismo, sendo uma perversão da verdade, possui uma miríade de doutrinas que carregam uma certa similaridade superficial com o cristianismo. Isso não significa que devemos ter medo do simbolismo; significa, em vez disso, que devemos recuperar os símbolos roubados para o Senhor Jesus Cristo.

⁷⁷ R. J. Rushdoony, *Thy Kingdom Come*, pg. 174.

bolo a inclusão dela. Escrevemos em símbolo quando desejamos que nossas palavras apresentem, em vez de analisar ou provar, seu assunto. (Nem todo assunto; alguns podem ser apresentados mais diretamente sem símbolo.) O símbolo se esforça, por assim dizer, para *ser* aquilo do que se fala, e imita a realidade através da multiplicidade de seu significado. A declaração exata isola um único aspecto do fato: um teólogo, por exemplo, se esforça para isolar a relação que a morte expiatória de Cristo mantém com a ideia de justiça forense. Mas nós, que acreditamos que a morte expiatória ocorreu, devemos vê-la como um fato relacionado a tudo o que é humano ou divino, possuindo tantos significados quantas são as coisas às quais pode, de diversos modos, relacionar-se. A mera aparência física daquela morte, para alguém que estava ali, de modo algum expressaria o que o cristão compreende que ela, em si mesma, representa; levou muitos anos para a Cruz reunir em torno de si a força de um símbolo por si mesma. São João escreve ‘um Cordeiro em pé como morto’ e significados de escopo e variedade indefinidos despertam na mente que lê as escrituras. Há uma doutrina atual e extremamente estúpida de que o símbolo evoca emoção, e a prosa exata declara a realidade. Nada poderia estar mais longe da verdade: a prosa exata abstrai da realidade, o símbolo a apresenta. E por essa mesma razão, os símbolos têm um pouco da multiplicidade da natureza viva.”⁷⁸

Por exemplo, o número simbólico 666 (Apocalipse 13:18) se refere claramente a Nero César; mas se São João tivesse apenas pretendido que seus leitores entendessem “Nero César”, ele teria escrito “Nero César”, não “666”.⁷⁹ Ele usou o número 666 por causa de um sistema já estabelecido de

⁷⁸ Austin Farrer, *A Rebirth of Images*, pp. 19f. Para os leitores que realmente desejam se dedicar ao estudo sério das Escrituras, sugiro o seguinte como um primeiro passo absolutamente necessário: empacote todos os seus livros sobre hermenêutica em um baú até que você tenha lido *Sound and Sense: An Introduction to Poetry* (New York: Harcourt Brace Jovanovich, 6th ed., 1982), e John Ciardi and Miller Williams, *How Does a Poem Mean* (Boston: Houghton Mifflin Co., 2nd ed., 1975) Almas mais corajosas podem desejar prosseguir com dois livros de Northrop Frye: *Anatomy of Criticism* (Princeton: Princeton University Press, 1957) e (com cautela) *The Great Code: The Bible and Literature* (New York: Harcourt Brace Jovanovich, 1982).

⁷⁹ A ideia de que ele escreveu em “código” porque tinha medo de ser preso por traição é obviamente falsa: os profetas não eram homens tímidos; e de qualquer forma, o Livro do Apocalipse já é “traidor” muito antes de São João começar a falar sobre Nero. Os cristãos poderiam ser mortos por dizerem simplesmente o que São João diz no Capítulo 1 - que Jesus Cristo é “o Soberano dos reis da terra” (NVI).

imagens bíblicas que lhe permitiu dizer muitas coisas sobre Nero ao simplesmente usar esse número. Como Philip Carrington diz: “Muitas pessoas ‘interpretam’ o Apocalipse [...] como se cada detalhe de cada visão tivesse um significado definível que pudesse ser explicado em tantas palavras. Esses comentaristas são racionalizadores, deficientes no sentido místico. O simbolismo é uma maneira de sugerir a verdade sobre essas grandes realidades espirituais que exclui a definição exata ou a sistematização completa; é por isso que é tão empregado na adoração. [...] O símbolo é muito mais rico em significado do que qualquer significado que possamos extrair dele. O mesmo é verdade para as parábolas e ensinamentos simbólicos de Jesus. O mesmo é verdade para os sacramentos e atos simbólicos da igreja, ou mesmo da sociedade. Muitos sistemas lógicos podem ser inventados para explicar o ‘significado’ do aperto de mãos ou de fazer o sinal da cruz; mas por causa de sua simplicidade e universalidade, essas ações significam mais do que as palavras podem explicar.”⁸⁰

Além disso, “os profetas em geral usam uma grande quantidade de hipérbole e exagero pitoresco à maneira da poesia oriental. *Porque os dias do meu povo serão como os dias da árvore* (Is. 65:22). *Todavia eu destruí diante deles o amorreu, cuja altura era como a altura dos cedros* (Am. 2:9): declarações que significam, respectivamente, ‘muito velho’ e ‘muito alto’. Isso remonta à poesia primitiva: *Os montes saltaram como carneiros* [...] *A terra tremeu e foi abalada* (Sl. 114). Poetas, até mesmo poetas ocidentais, sempre continuarão a se utilizar de tal mecanismo. Isso inclui o uso de grandes números; um reinado de quarenta anos significa um reinado de grande duração, e um reino de mil anos significa um reino de grande duração. A poesia de Jesus o leva a um grau superlativo; camelos são engolidos ou passados pelos buracos das agulhas; montanhas são lançadas nas profundezas do mar; um homem fica com um tronco de árvore preso em seu olho.

“Pessoas sem imaginação suficiente para entender e aproveitar isso devem ficar longe do Apocalipse. Assim como uma testemunha tem que entender ‘a natureza de um juramento’, um comentarista deve entender a natureza de um poema, ou mesmo de uma piada. Muitos que são deficientes em um senso de poesia e senso de humor aventuraram-se no Apocalipse, e fizeram uma bagunça com ele.”⁸¹

⁸⁰ Philip Carrington, *The Meaning of the Revelation*, pp. 84f.

⁸¹ Ibid., pp. 136f.

Maximalismo Interpretativo

James Jordan observou uma vez que a maioria dos evangélicos conservadores adota involuntariamente uma abordagem “liberal” em relação às Escrituras em seus sermões e comentários. Os liberais sustentam há anos que a Bíblia não é revelação em si; em vez disso, eles sustentam, é um *registro* [falho] de revelação. Enquanto os evangélicos conservadores professam acreditar que a Bíblia em si é revelação (e como tal é inspirada, autoritativa e inerrante), seus métodos expositivos negam isso. Na prática, os próprios conservadores frequentemente tratam a Bíblia apenas como um “registro” de revelação. Os comentários evangélicos tendem a não lidar com o texto real da Bíblia, tratando apenas dos *eventos* relacionados no texto e prestando pouca atenção à formulação e à arquitetura literária da revelação de Deus. (Ironicamente, como os liberais não acreditam que os eventos realmente aconteceram, eles às vezes tendem a prestar mais atenção ao texto em si. É tudo o que lhes resta.)

A marca de um bom mestre da Bíblia é que ele está constantemente perguntando: *Por que* a história é contada dessa maneira específica? Por que essa palavra ou frase em particular é repetida várias vezes? (E quantas vezes?) O que essa história tem em comum com outras histórias? Como ela é diferente? Por que o texto chama nossa atenção para detalhes aparentemente sem importância? Como os incidentes menores se encaixam no argumento do livro como um todo? Quais recursos literários (metáfora, sátira, drama, comédia, alegoria, poesia, etc.) o autor usa? Por que o livro às vezes se afasta de um relato cronológico estrito (por exemplo, colocando algumas histórias “fora de ordem”)? Como essas histórias estão relacionadas à História maior que a Bíblia conta? O que essa história nos diz sobre Jesus Cristo? O que essa história tem a ver com nossa salvação? Por que Deus se preocupou em nos dar essa informação em particular?

Em seu discurso inaugural como Professor de Teologia Bíblica no Seminário Teológico de Princeton em 1894, Geerhardus Vos falou sobre as vantagens do método da Teologia Bíblica para o estudo das Escrituras; entre essas, disse ele, está “a nova vida e o vigor que ela dá à verdade antiga, mostrando-a em toda a sua vividez e realidade históricas, com o orvalho da manhã da revelação sobre suas folhas que se abrem. Certamente, não é sem importância que Deus incorporou o conteúdo da revelação, não em um sistema dogmático, mas em um livro de história, cujo paralelo em interesse dramático e eloquência simples não pode ser encontrado em lu-

gar algum. É isso que faz as Escrituras falarem, apelarem a e tocarem os corações e levarem as mentes dos homens cativos à verdade em todos os lugares. Ninguém será capaz de manusear a Palavra de Deus de forma mais eficaz do que aquele a quem as câmaras do tesouro de seu significado histórico foram abertas.”⁸²

Uma das descobertas mais importantes que podem ser feitas por alguém que ensine as Escrituras é uma compreensão das imagens básicas estabelecidas nos primeiros capítulos de Gênesis – luz e escuridão, água e terra, céu e nuvens, montanhas e jardins, animais e dragões, ouro e joias, árvores e espinhos, querubins e espadas flamejantes – tudo isso formando uma grande e gloriosa História, o *verdadeiro* “conto de fadas”, um que pode ser compreendido e deleitado até mesmo por crianças muito pequenas.⁸³ *Tudo* nas Escrituras é “simbólico”. Jordan chama isso de “maximalismo interpretativo”, uma abordagem que se harmoniza com o método interpretativo usado pelos Pais da Igreja, em oposição ao “minimalismo” que tem caracterizado os comentários fundamentalistas-evangélicos desde a ascensão do racionalismo.⁸⁴

Um bom exemplo disso é a discussão de Jordan sobre Juízes 9:53: “E uma certa mulher atirou um pedaço de mó sobre a cabeça de Abimeleque, e o seu crânio se quebrou.” (Nota: O texto não diz simplesmente que “Abimeleque foi morto.” Os detalhes estão lá por um motivo.) É importante, por razões simbólicas, que uma *mulher* esmagou a *cabeça* do tirano (ver, p. ex., Gn. 3:15; cf. Jz. 5:24-27); que ele foi destruído por uma *pedra* (cf. Dt. 13:10; Jz. 9:5; 1 Sm. 17:49; Dn. 2:34; Mt. 21:44); e que era uma *mó*, um instrumento de trabalho para vencer a tirania (cr. Zc 1:18-21).⁸⁵

Mas existem limites para o “maximalista”? Como ele evita a acusação de que está sendo meramente especulativo, interpretando o texto de acordo com seu preconceito pessoal ou o capricho do momento? Claro, a acusação de que um intérprete está sendo “especulativo” pode ser, na maioria das vezes, pouco mais do que uma cortina de fumaça para disfarçar a

⁸² Geerhardus Vos, “The Idea of Biblical Theology,” em Richard B. Gaffin, ed., *Redemptive History and Biblical Interpretation: The Shorter Writings of Geerhardus Vos* (Presbyterian and Reformed, 1980), pg. 23.

⁸³ Uma boa introdução aos motivos literários da Escritura é a obra de Leland Ryken, *How to Read the Bible as Literature* (Grand Rapids: Zondervan, 1984).

⁸⁴ James B. Jordan, *Judges: God’s War Against Humanism* (Tyler, TX: Geneva Ministries, 1985), p. xii.

⁸⁵ *Ibid.*, pp. 175f

ignorância do acusador sobre o que o intérprete está falando. A pergunta apropriada, portanto, é se o intérprete está ou não prosseguindo em suas investigações ao longo de linhas de pensamento *bíblicas*. Isso significa que ele deve se ater ao chamado “sentido claro” do texto? Poder-se-ia responder que o “sentido claro” de um homem é a “especulação” de outro. Um hiperliteralista se oporia a qualquer nível de simbolismo. (Por exemplo, um pregador popular realmente ensina, com base no “sentido claro” de Apocalipse 12, que há um dragão real, vivo, cuspidor de fogo, de sete cabeças, voando pelo espaço sideral!) O literalista médio mais comum rejeita todo simbolismo não explicitamente explicado como tal nas Escrituras. Mas nenhuma dessas posições é tolerada pela Bíblia. Deus nos deu princípios para interpretar Sua Palavra, e Ele espera que os usemos. Nosso objetivo *no ensino da Bíblia* é, para ser claro e direto, *ensinar a Bíblia*, de acordo com os próprios padrões de exegese da Bíblia – independentemente de se encaixarem ou não nas noções de “clareza” de todos.

Há pelo menos duas coisas que podem manter um intérprete em um caminho bíblico, evitando as armadilhas da especulação indiscriminada. Primeiro, ele deve ser fiel ao *sistema de doutrina* ensinado na Bíblia. Ler a Bíblia com olhos teológicos, em termos de teologia sistemática e histórica, é um controle eficaz sobre especulação desenfreada. Segundo, o intérprete deve ter em mente que os símbolos na Bíblia não são isolados; em vez disso, eles são parte de um *sistema de simbolismo* dado na Bíblia, uma arquitetura de imagens em que todas as partes se encaixam. Se honesta e cuidadosamente lermos a Bíblia teologicamente e com respeito à sua própria estrutura literária, não nos desviaremos muito.⁸⁶

O Foco Contemporâneo do Apocalipse

O propósito do Apocalipse era revelar Cristo como Senhor a uma Igreja sofredora. Por estarem sendo perseguidos, os cristãos primitivos podiam ser tentados a temer que o mundo estivesse saindo do controle –

⁸⁶ Para mais informações sobre interpretação bíblica, ver Geerhardus Vos, *Teologia Bíblica: Antigo e Novo Testamentos* (Editora Cultura Cristã, 2010); Meredith G. Kline, *Images of the Spirit* (Grand Rapids: Baker Book House, 1980); Vern S. Poythress, *The Stained-Glass Kaleidoscope: Using Perspectives in Theology* (apostila distribuída privadamente, Westminster Theological Seminary, Philadelphia, 1985); Richard L. Pratt, Jr., “Pictures, Windows, and Mirrors in Old Testament Exegesis”, *Westminster Theological Journal* 45 (1983), pp. 156-67. A série de três palestras de James B. Jordan “How to Interpret Prophecy” são uma introdução excelente para a compreensão do simbolismo bíblico.

que Jesus, que reivindicara “todo poder no céu e na terra” (Mt. 28:18), não estava realmente no controle. Os apóstolos frequentemente alertavam contra esse erro advindo de uma visão centrada no homem, lembrando o povo que a soberania de Deus é sobre toda a história (incluindo nossas tribulações particulares). Esta foi a base para algumas das mais belas passagens de conforto no Novo Testamento (por exemplo, Rm. 8:28-39; 2 Co. 1:3-7; 4:7-15).

A principal preocupação de São João ao escrever o Livro do Apocalipse era exatamente esta: fortalecer a fé da comunidade cristã no senhorio de Jesus Cristo, e torná-los cientes de que as perseguições que sofreram estavam integralmente envolvidas na grande guerra da história. O Senhor da glória ascendeu ao Seu trono, e os governantes ímpios agora resistiam à Sua autoridade perseguindo Seus irmãos. O sofrimento dos cristãos *não* era um sinal de que Jesus havia abandonado este mundo ao diabo; ao contrário, revelava que Ele era Rei. Se o senhorio de Jesus fosse não tivesse sentido algum na esfera histórica, os ímpios não teriam razão alguma para incomodar os cristãos. Mas, em vez disso, eles perseguiram os seguidores de Jesus, mostrando seu reconhecimento relutante de Sua supremacia sobre seus governos. O Livro do Apocalipse apresenta Jesus sentado em um cavalo branco como “Rei dos reis e Senhor dos senhores” (19:16), batalhando com as nações, julgando e guerreando em retidão. Os cristãos perseguidos não foram abandonados por Deus. Na realidade, eles estavam na linha de frente do conflito das eras, um conflito no qual Jesus Cristo já havia vencido a batalha decisiva. Desde Sua ressurreição, toda a história tem sido uma operação de “limpeza”, na qual as implicações de Sua obra estão sendo gradualmente implementadas em todo o mundo. São João é realista: As batalhas não serão fáceis, nem os cristãos sairão ilesos. A guerra frequentemente será sangrenta, e muito do sangue será nosso. Mas Jesus é Rei, Jesus é Senhor, e (como diz Lutero) “Ele deve vencer a batalha”. O Filho de Deus vai à guerra, conquistando e para conquistar, até que Ele tenha colocado todos os inimigos sob Seus pés.

O assunto do Apocalipse, portanto, era *contemporâneo*; isto é, foi dirigido e destinado aos cristãos que estavam vivos na época em que foi entregue pela primeira vez. Estamos errados em interpretá-lo futuristicamente, como se sua mensagem fosse destinada primariamente a um tempo 2000 anos depois de São João tê-lo escrito. (É interessante – mas não surpreendente – que aqueles que interpretam o livro “futuristicamente” sempre parecem se concentrar em sua própria era como o assunto

das profecias. Convencidos de sua própria importância, e são incapazes de pensar em si mesmos como vivendo em qualquer outro momento que não o clímax da história.) Claro, os eventos que São João predisse *estavam* “no futuro” para São João e seus leitores, mas ocorreram logo após ele ter escrito sobre eles. Interpretar o livro de outra forma é contradizer tanto o escopo da obra como um todo, quanto as passagens particulares que indicam seu assunto. Para nós, a grande maioria do Apocalipse é *história*: já aconteceu.

O maior inimigo da Igreja primitiva era o Israel apóstata, que usou o poder do Império Romano pagão para tentar acabar com o cristianismo, assim como usara Roma na crucificação do próprio Senhor. A mensagem de São João no Apocalipse era que esse grande obstáculo à vitória da Igreja sobre o mundo logo seria julgado e destruído. Sua mensagem era contemporânea, não futurística.

Alguns reclamarão que essa interpretação torna o Apocalipse “irrelevante” para nossa era. É difícil imaginar alguma ideia que seja equivocada. Os livros de Romanos e Efésios são “irrelevantes” só porque foram escritos para crentes no primeiro século? 1 Coríntios e Gálatas devem ser descartados porque lidaram com problemas do primeiro século? Não é *toda* a Escritura proveitosa para os crentes em todas as eras (2 Timóteo 3:16-17)? Na verdade, são os futuristas que tornaram o Apocalipse irrelevante – pois, na hipótese futurista, o livro tem sido inaplicável desde o momento em que foi escrito até o século XX! Somente se virmos o Apocalipse em termos de sua relevância contemporânea é que ele é algo além de letra morta. Desde o início, São João declarou que seu livro era destinado às “sete igrejas que estão na Ásia” (1:4), e devemos supor que ele quis dizer o que disse. Ele claramente esperava que mesmo os símbolos mais difíceis na profecia poderiam ser compreendidos por seus leitores do primeiro século (13:18). Em nenhum momento ele insinuou que seu livro foi escrito com o século XX em mente, e que os cristãos estariam desperdiçando seu tempo tentando decifrá-lo até que a *Bíblia de Referência Scofield* se tornasse um best-seller. A relevância primária do Livro do Apocalipse era para seus leitores do primeiro século. Ele ainda tem relevância para nós hoje, à medida que entendemos sua mensagem e aplicamos seus princípios às nossas vidas e à nossa cultura. Jesus Cristo ainda exige de nós o que Ele exigiu da Igreja primitiva: fidelidade absoluta a Ele.

A natureza contemporânea do Apocalipse será defendida ao longo do comentário, mas podemos considerar várias linhas de evidência aqui. Primeiro, há o tom geral do livro, que é dominado pelo tema dos mártires (veja, por exemplo, 6:9; 7:14; 12:11).⁸⁷ O assunto é claramente a situação atual das igrejas: O Apocalipse foi escrito para uma Igreja sofredora a fim de confortar os crentes durante seu tempo de provação (que ocorreu, como vimos, sob Nero, não Domiciano). As observações de J. Stuart Russell sobre este ponto são especialmente adequadas: “Um livro que foi enviado por um apóstolo às igrejas da Ásia Menor, com uma bênção para seus leitores, seria um mero jargão ininteligível, um enigma inexplicável para eles? Isso dificilmente pode ser verdade. No entanto, se o livro pretendia desvendar os segredos de tempos distantes, não seria necessariamente ininteligível para seus primeiros leitores - e não apenas ininteligível, mas também irrelevante e inútil. Se ele falasse, como alguns acreditam, de hunos, godos e sarracenos, de imperadores e papas medievais, da reforma protestante e da revolução francesa, que interesse ou significado possível poderia ter para as igrejas cristãs de Éfeso e Esmirna? e Filadélfia e Laodiceia? Especialmente quando consideramos as circunstâncias reais desses primeiros cristãos - muitos deles sofrendo aflições cruéis e perseguições terríveis, e todos aguardando ansiosamente pela hora da libertação que agora se aproximava - que propósito cumpriria enviar-lhes um documento que lhes fosse instado a ler e meditar, mas que se concentrava principalmente em eventos históricos tão distantes que estavam além do alcance de sua compreensão e tão obscuros que até hoje os críticos mais perspicazes dificilmente concordam em um único ponto?

“É concebível que um apóstolo zombasse dos cristãos sofredores e perseguidos de seu tempo com parábolas sombrias sobre eras distantes? Se este livro realmente pretendia ministrar fé e consolo às próprias pessoas para as quais foi enviado, ele deve, inquestionavelmente, lidar com assuntos nos quais eles têm interesse pessoal e prático. E essa consideração muito óbvia não sugere a verdadeira chave do Apocalipse? *Não deveria necessariamente referir-se a assuntos da história contemporânea?* A única hipótese sustentável, a única razoável, é que ele deveria ser entendido por seus leitores originais; mas isso é o mesmo que dizer que deveria tratar dos

⁸⁷ Ver Louis Bouyer, *The Spirituality of the New Testament and the Fathers*, trans. Mary P. Ryan (Minneapolis: The Seabury Press, 1963), pp. 120f.

eventos e transações de seu próprio dia, e estes estavam contidos dentro de um espaço de tempo comparativamente breve.”⁸⁸

Segundo, São João escreve que o livro diz respeito às “coisas que em breve devem acontecer” (1:1), e avisa que “o tempo está próximo” (1:3). No caso de não termos entendido, ele diz novamente, no final do livro, que “o Senhor, o Deus dos santos profetas, enviou o seu anjo, para mostrar aos seus servos as coisas que em breve hão de acontecer.” (22:6). Dado o fato de que uma prova importante de um verdadeiro profeta era que suas previsões se concretizassem (Dt. 18:21-22), os leitores do primeiro século de São João tinham todos os motivos para esperar que seu livro tivesse significado imediato. As palavras *em breve* e *próximo* simplesmente não podem significar nada além do que dizem claramente. Alguns se oporão a isso com base em 2 Pedro 3:8, que “um dia é para o Senhor como mil anos, e mil anos como um dia”. Mas o contexto ali é totalmente diferente: Pedro está exortando seus leitores do primeiro século a terem paciência com relação às promessas de Deus, assegurando-lhes que a fidelidade de Deus à Sua santa Palavra não se desgastará ou diminuirá.

O Livro do Apocalipse não é sobre a Segunda Vinda de Cristo. É sobre a destruição de Israel e a vitória de Cristo sobre Seus inimigos no estabelecimento do Templo da Nova Aliança. De fato, como veremos, a palavra *vinda* como usada no Livro do Apocalipse nunca se refere à Segunda Vinda. O Apocalipse profetiza o julgamento de Deus sobre o Israel apóstata; e embora aponte brevemente para eventos além de suas preocupações imediatas, isso é feito meramente como uma forma de conclusão, para mostrar que os ímpios nunca prevalecerão contra o Reino de Cristo. Mas o foco principal do Apocalipse está em eventos que logo aconteceriam.

Terceiro, São João identifica certas situações como contemporâneas: em 13:18, ele claramente encoraja seus leitores contemporâneos a calcular o “número da Besta” e decifrar seu significado; em 17:10, um dos sete reis está atualmente no trono; e São João nos diz que a grande prostituta “é [tempo presente] a grande cidade, que *reina* [tempo presente] sobre os reis da terra” (17:18). Novamente, o Apocalipse foi feito para ser entendido em termos de seu significado contemporâneo. Uma interpretação futuris-

⁸⁸ J. Stuart Russell, *A Parousia: Um olhar cuidadoso sobre a doutrina do Novo Testamento da Segunda Vinda de Nosso Senhor*, trad. Mateus F. Souza (Revista Cristã Última Chamada, 2020), pp. 595-596.

tica é completamente oposta à maneira como o próprio São João interpreta sua própria profecia.

Quarto, devemos observar cuidadosamente as palavras do anjo em 22:10: “Não seles as palavras da profecia deste livro; porque o tempo está próximo.” Novamente, somos informados clara e explicitamente que a profecia é contemporânea em natureza; mas há mais. A declaração do anjo está em contraste com a ordem que Daniel recebeu no final de seu livro: “Fecha as palavras e sela o livro, até o tempo do fim” (Dn. 12:4). Daniel foi especificamente ordenado a selar sua profecia, porque ela se referia ao “fim”, em um futuro distante. Mas São João é informado para *não* selar sua profecia, porque o tempo do qual ela fala está *próximo*.

Assim, o foco do Livro do Apocalipse está na situação contemporânea de São João e seus leitores do primeiro século. Ele foi escrito para mostrar aos primeiros cristãos que Jesus é Senhor, “o Soberano dos reis da terra” (Ap 1:5, NVI). Ele mostra que Jesus é a chave para a história mundial – que nada pode ocorrer à parte de Sua vontade soberana, que Ele será glorificado em todas as coisas e que Seus inimigos lambeirão o pó. Os cristãos daquela época foram tentados a ceder ao estatismo e às falsas religiões de seus dias, e precisavam dessa mensagem do domínio absoluto de Cristo sobre todos, para que pudessem ser fortalecidos na guerra para a qual foram chamados.

E precisamos dessa mensagem também. Nós também somos sujeitos diariamente às ameaças e seduções dos inimigos de Cristo. Nós também somos instigados – até mesmo por outros cristãos – a cedermos a Bestas e Prostitutas modernas para salvarmos a nós mesmos (ou nossos empregos ou propriedades ou isenções fiscais). E nós também somos confrontados com uma escolha: nos rendermos a Jesus Cristo ou a Satanás. O Apocalipse fala poderosamente hoje, e sua mensagem para nós é a mesma que era para a Igreja primitiva: que “não há um centímetro quadrado de território no céu ou na terra ou debaixo da terra em que haja paz entre Cristo e Satanás”;⁸⁹ que o nosso Senhor exige submissão universal ao Seu governo; e que Ele predestinou Seu povo à conquista vitoriosa e ao domínio sobre todas as coisas em Seu nome. Não devemos fazer concessões e nem dar trégua na grande batalha da história. Somos ordenados a vencer.

⁸⁹ Cornelius Van Til, *Essays on Christian Education* (Nutley, NJ: Presbyterian and Reformed Publishing Co., 1977), pg. 27.

Uma Nota Sobre o Texto

Não professo ser um crítico textual. No entanto, para produzir um comentário detalhado, foi necessário decidir de uma forma ou de outra sobre qual tradição textual do Novo Testamento seguir. A tradução neste comentário é amplamente baseada nas recomendações de Hodges e Farstad em seu ‘Texto Majoritário’ do Novo Testamento Grego.⁹⁰ Os argumentos básicos para a posição do Texto Majoritário foram apresentados nas obras de Jakob van Bruggen,⁹¹ Wilbur N. Pickering,⁹² Harry A. Sturz,⁹³ e outros;⁹⁴ eles não precisam ser reiterados aqui. Gostaria de enfatizar, no entanto, que a questão não é realmente de *maioria* (ou seja, simplesmente contar manuscritos), mas de catolicidade: O ponto do “Texto Majoritário” é que ele é o Texto Católico, o Novo Testamento usado pela Igreja uni-

⁹⁰ Zane C. Hodges e Arthur L. Farstad, *The Greek New Testament According to the Majority Text* (Nashville: Thomas Nelson Publishers, 1982). Ou seja, onde a evidência apresentada por Hodges e Farstad parece inequívoca, eu a segui; onde é menos clara, eu me senti livre para discordar.

⁹¹ Jakob van Bruggen, *The Ancient Text of the New Testament* (Winnipeg: Premier Printing Ltd., 1976); idem, *The Future of the Bible* (Nashville: Thomas Nelson Publishers, 1978).

⁹² Wilbur N. Pickering, *The Identity of the New Testament Text* (Nashville: Thomas Nelson Publishers, 1977).

⁹³ Harry A. Sturz, *The Byzantine Text-Type in New Testament Textual Criticism* (Nashville: Thomas Nelson Publishers, 1984). Sturz assume uma posição muito mais moderada do que Hodges, Pickering e os outros defensores do Texto Majoritário. Seu valioso estudo demonstra que as chamadas leituras ‘Bizantinas’ (ou seja, o Texto Majoritário) são antigas e independentes. Assim, embora ele não acredite que o texto bizantino seja ‘primário’, ele mostra que ele também não pode ser considerado ‘secundário’.

⁹⁴ Cf. David Otis Fuller, ed., *Which Bible?* (Grand Rapids: International Publishers, fifth ed., 1975); *True or False? The Westcott-Hort Textual Theory Examined* (Grand Rapids: International Publishers, 1973); *Counterfeit or Genuine? – Mark 16? John 8?* (Grand Rapids: International Publishers, 1975); Edward F. Hills, *The King James Version Defended!* (Des Moines: Christian Research Press, 1956, 1973). É importante observar, no entanto, que a posição dos defensores do texto majoritário não é exatamente a mesma que a dos defensores da versão King James (ou do Textus Receptus). O argumento deste último grupo é que o texto verdadeiro foi providencialmente preservado nas leituras do Textus Receptus, mesmo nos casos (por exemplo, 1 João 5:7; Apocalipse 22:19) em que a evidência real dos manuscritos gregos é escassa ou inexistente. É interessante que (em contraste com o resto do Novo Testamento) as leituras do Texto Majoritário para o Livro do Apocalipse estão mais frequentemente de acordo com o “texto crítico” do que com o Textus Receptus.

versal de todas as eras⁹⁵ – em contraste com o chamado “texto crítico” da maioria das traduções modernas, que representa uma pequena tradição variante produzida no Egito.

Visão Geral do Apocalipse

O esboço a seguir é simplesmente uma versão mais detalhada da estrutura factual mencionada acima. O Apocalipse é tão complexo que somos tentados a nos entregar a análises estruturais infinitas (algumas serão mencionadas à medida que prosseguirmos no comentário). No entanto, há um ponto adicional que não deve ser ignorado antes de iniciarmos. Todo o livro está envolto no tema do Noivo e da Noiva, e a profecia é dividida bem no meio entre esses dois motivos. Assim:

- I. O Noivo, Capítulos 1-11: Essa seção começa (1:9-20) e termina (00:1-7) com visões do Filho do Homem, vestido de glória.
- II. A Noiva, Capítulos 12-22: Essa seção começa (12:1-2) e termina (21:9-27) com visões da Igreja, vestida de glória.

Esboço do Apocalipse

- I. Preâmbulo: Visão de São João do Filho do Homem (1:1-20)
- II. Prólogo Histórico: Cartas às Sete Igrejas (2:1-3:22)
 - A. Éfeso (2:1-7)
 - B. Esmirna (2:8-11)
 - C. Pérgamo (2:12-17)
 - D. Tiatira (2:18-29)
 - E. Sardes (3:1-6)
 - F. Filadélfia (3:7-13)
 - G. Laodiceia (3:14-22)
- III. Estipulações: Os Sete Selos (4:1-7:17)
 - A. O Trono (4:1-11)
 - B. O Livro Selado (5:1-5)
 - C. O Cordeiro de Pé como Morto (5:6-14)
 - D. Os Primeiros Quatro Selos: Cavaleiros (6:1-8)
 - E. O Quinto Selo: Mártires (6:9-11)

⁹⁵ Por esta razão, é muito lamentável que Hodges e Farstad tenham escolhido ignorar as leituras dos lecionários tradicionais ao compilar sua edição (*The Greek New Testament According to the Majority Text*, pg. xviii).

Introdução

- F. O Sexto Selo: Descrição (6:12-17)
- G. Os 144.000 Selados (7:1-8)
- H. A Multidão Inumerável (7:9-17)

IV. Sanções: As Sete Trombetas (8:1-14:20)

- A. O Sétimo Selo: O Altar de Incenso (8:1-5)
- B. As Primeiras Quatro Trombetas (8:6-13)
- C. A Quinta Trombeta: Gafanhotos do Abismo (9:1-12)
- D. A Sexta Trombeta: O Exército de Miríades (9:13-21)
- E. O Anjo do Juramento (10:1-7)
- F. O Pequeno Livro (10:8-11)
- G. As Duas Testemunhas (11:1-14)
- H. A Sétima Trombeta: O Reino Vem (11:15-19)
- I. A Mulher, a Semente e o Dragão (12:1-6)
- J. Miguel e o Dragão (12:7-12)
- K. A Fuga da Mulher (12:13-17)
- L. A Besta do Mar (13:1-10)
- M. A Besta da Terra (13:11-18)
- N. O Cordeiro e os 144.000 no Monte Sião (14:1-5)
- O. O Evangelho e os Cálices Envenenados (14:6-13)
- P. O Colheita e a Vindima da Terra (14:14-20)

V. Arranjos Sucessórios: Os Sete Cálices (15:1-22:21)

- A. Cântico da Vitória (15:1-4)
- B. Santuário é Aberto (15:5-8)
- C. Os Primeiros Quatro Cálices: A Criação de Deus Se Vinga (16:1-9)
- D. Os Últimos Três Cálices: Está Consumado! (16:10-21)
- E. Babilônia: A Grande Prostituta (17:1-5)
- F. Babilônia: O Mistério Explicado (17:6-18)
- G. Babilônia Caiu! (18:1-8)
- H. Reações à Queda da Babilônia (18:9-20)
- I. Babilônia é Lançada ao Mar (18:20-24)
- J. As Bodas do Cordeiro (19:1-10)
- K. O Cavaleiro no Cavalo Branco (19:11-16)
- L. O Banquete das Aves Carniceiras (19:17-18)
- M. A Destruição das Bestas (19:19-21)
- N. A Prisão de Satanás (20:1-3)
- O. A Primeira Ressurreição e a Última Batalha (20:4-10)
- P. O Juízo Final (20:11-15)
- Q. A Nova Criação (21:1-8)

OS DIAS DE VINGANÇA

- R. A Nova Jerusalém (21 :9-27)
- S. O Rio da Vida (22:1-5)
- T. Vem, Senhor Jesus! (22:6-21)

Parte I

PREÂMBULO: O FILHO DO HOMEM

(Apocalipse 1)

Introdução

O Preâmbulo em Deuteronômio (1:1-5) começa com: “Estas são as palavras...”¹ O texto então identifica o orador como Moisés, que, como mediador da Aliança, foi “ordenado” a dar e expor a “lei” de Deus a Israel. “Yahweh é, portanto, o Suserano que dá a aliança e Moisés é seu vice-regente e o mediador da aliança. Esta seção, portanto, corresponde ao preâmbulo dos tratados extrabíblicos, que também identificavam o orador, aquele que declarava seu senhorio pelo pacto e reivindicava a obediência do vassalo.”² O Preâmbulo em Apocalipse começa com uma expressão semelhante: “A Revelação de Jesus Cristo, que Deus lhe deu para mostrar aos Seus servos as coisas que em breve devem acontecer; e Ele a enviou e significou por meio de Seu anjo a Seu servo João, que deu testemunho da Palavra de Deus e do Testemunho de Jesus Cristo, e de tudo o que ele viu” (1:1-2).

O propósito do Preâmbulo pactual é, portanto, proclamar o senhorio do Grande Rei, declarando sua *transcendência e imanência* e deixando claro desde o início que sua vontade deve ser obedecida pelos vassalos, seus servos. Os tratados bíblicos estabelecem a transcendência e imanência de Deus referindo-se a uma ou mais das três atividades: criação, redenção e revelação. São as duas últimas que são especialmente enfatizadas no Preâmbulo do Apocalipse. Já observamos a ênfase na revelação divina na frase de abertura, e isso é ressaltado nos versículos seguintes. As igrejas devem ouvir “as palavras da profecia” e guardar “as coisas que nela estão escritas”, e o Senhor pronuncia uma bênção especial sobre aqueles que obedecem (1:3); São João novamente fala de si mesmo como alguém que deu testemunho da “Palavra de Deus e do Testemunho de Jesus” (1:9); além disso, ele fala da revelação que veio a ele em termos dos padrões típicos e familiares da revelação pactual ao longo da história bíblica: “Eu estava no Espírito no Dia do Senhor, e ouvi atrás de mim uma forte voz, como o

¹ O título hebraico de Deuteronômio é simplesmente: *As Palavras*.

² Meredith G. Kline, *Treaty of the Great King* (Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Co., 1963), pg. 30.

som de uma trombeta, dizendo: Escreve num livro o que vês...” (1:10-11; veja abaixo).

A redenção também é enfatizada nesta passagem: “Jesus Cristo, a fiel Testemunha, o Primogênito dentre os mortos e o Soberano dos reis da terra [...] que nos ama e nos libertou dos nossos pecados pelo Seu sangue [...] nos fez um Reino, sacerdotes para Seu Deus e Pai; a Ele seja a glória e o domínio para todo o sempre. Amém” (1:5-6). Além disso, Cristo é especificamente declarado como o Redentor, o Filho do Homem, que “vem com as nuvens” em Sua gloriosa Ascensão ao Pai e julgamento vindouro sobre Israel para receber domínio mundial, glória e um Reino; que será visto por “aqueles que o traspassaram” e lamentado por “todas as tribos da Terra” (1:7; cf. Dn. 7:13-14; Zc. 12:10-14; Mt. 24:30; Jo. 19:37; Ef. 1:20-22). A visão de Cristo de São João desenvolve a ideia de Sua obra redentora: Ele é revestido como o Sumo Sacerdote (1:13), revelado como a Glória encarnada de Deus (1:14-15), o Criador e Sustentador do mundo, cuja Palavra poderosa sai para conquistar as nações (1:16); que morreu e ressuscitou dos mortos, e que está vivo para todo sempre (1:17-18).

1

REI DOS REIS

Título e Bênção (1:1-3)

- 1 A Revelação de Jesus Cristo, que Deus Lhe deu para mostrar aos Seus servos as coisas que em breve devem acontecer; e Ele a enviou e significou por meio de Seu anjo a Seu servo João;
- 2 que deu testemunho da Palavra de Deus e do Testemunho de Jesus Cristo, e de tudo o que ele viu.
- 3 Bem-aventurado aquele que lê e os que ouvem as palavras da profecia e guardam as coisas que nela estão escritas; porque o tempo está próximo.

1 São João deixa claro logo no início que seu livro é uma **revelação**, um desvelamento ou declaração dos propósitos de Deus. O escrito não pretende ser misterioso ou enigmático; é, enfaticamente, *uma revelação* de seu assunto. Especificamente, é a **Revelação de Jesus Cristo, que Deus Lhe deu** – em outras palavras, uma revelação mediada por nosso próprio Senhor (cf. Hb 1:2), sobre **as coisas que em breve devem acontecer**. O Apocalipse, portanto, não diz respeito nem ao escopo da história mundial nem ao fim do mundo, mas a eventos que estavam em um futuro próximo para São João e seus leitores. Como veremos ao longo do comentário, o Livro do Apocalipse é uma “ação judicial do pacto”, profetizando o deramamento da ira de Deus sobre Jerusalém. É uma profecia do período conhecido nas Escrituras como “os Últimos Dias”, significando os últimos dias da nação pactual de Israel, a “geração” de quarenta anos (Mt 24:34) entre a Ascensão de Cristo (30 d.C.) e a Queda de Jerusalém para os Romanos (70 d.C.).¹ Ela prediz eventos que São João esperava que seus leitores vissem muito em breve.

Isso claramente milita contra qualquer interpretação “futurista” do livro. Os futuristas diriam que São João estava alertando os cristãos de sua época principalmente sobre coisas que eles nunca viriam, o que implicaria que o Livro do Apocalipse teria sido irrelevante por 1900 anos! Afirmar

¹ Veja David Chilton, *Paraíso Restaurado* (Editora Monergismo, 2024), pp. 123-124, 129-135. Eu expliquei isso com muito mais detalhes em uma série de artigos sobre os Últimos Dias, publicados em *The Geneva Review*, P.O. Box 131300, Tyler, TX 75713.

que o livro tem relevância apenas para nossa geração é egocêntrico; e é contrário ao testemunho do próprio livro. Deve ser enfatizado que a expressão grega para nossa expressão em português **em breve** possui precisamente esse mesmo significado, e aqueles que leram a frase pela primeira vez não teriam entendido que significaria outra coisa (cf. Lc. 18:8; At. 12:7; 22:18; 25:4; Rm. 16:20; Ap. 22:6). Uma interpretação futurista é refutada no primeiro versículo do Apocalipse.

Antes de prosseguirmos, devemos também observar que a declaração de abertura de São João pressupõe a filosofia bíblica da história: Deus é Senhor de tudo, Ele tem um plano todo-abrangente para Sua criação e Ele governa cada átomo da realidade de acordo com Seu plano. Afinal de contas, como Deus conhece o futuro? A Bíblia não indica que Deus tenha algum tipo de bola de cristal com a qual Ele possa perceber eventos futuros. Pense nisso. Não existe realmente algo como “o futuro”, no sentido de algo que esteja “lá fora” e possa ser adivinhado com o equipamento adequado. Dizer que algo está no futuro é simplesmente dizer que ainda não existe. Como então Deus conhece o futuro? A Bíblia dá apenas uma resposta: Deus conhece o futuro porque Ele o planejou:

O SENHOR tem preparado o seu trono nos céus, e o seu reino governa sobre tudo. (Sl. 103:19)

O nosso Deus está nos céus; ele faz tudo o que lhe apraz. (Sl. 115:3)

E todos os habitantes da terra são considerados como nada, e ele faz conforme a sua vontade no exército do céu, e entre os habitantes da terra, e ninguém pode paralisar a sua mão ou dizer-lhe: O que fazes tu? (Dn. 4:35)

Em quem também obtemos herança, havendo sido predestinados conforme o propósito daquele que faz todas as coisas, segundo o conselho da sua vontade. (Ef. 1:11)

Assim, embora “o futuro” ainda não exista, ele é absolutamente certo e seguro, porque o Senhor Todo-Poderoso do universo o planejou infalivelmente. Ele “vivifica os mortos e chama à existência as coisas que não existem” (Rm 4:17, ARA). Deus conhece todas as coisas exaustivamente porque Ele planejou todas as coisas exaustivamente.

Arthur Pink escreveu: “O Senhor Deus onipotente reina. Seu governo é exercido sobre a matéria inanimada, sobre as feras do campo, sobre os

filhos dos homens, sobre os anjos bons e maus e sobre o próprio Satanás. Nenhum movimento de qualquer astro, nenhum piscar de qualquer estrela, nenhuma tempestade, nenhum ato de qualquer criatura, nenhuma ação humana ou missão de anjos, nenhum dos Atos de Satanás – *nada, em todo o vasto universo, pode acontecer sem que faça parte do eterno propósito de Deus*. Nisto há um fundamento para a fé; nisto se mostra lugar para o intelecto descansar. Aqui há uma âncora para a alma, segura e firme. Não o destino cego, o mal desenfreado, não o homem, não o Diabo, mas o Senhor onipotente é que rege o mundo, governando-o segundo o Seu beneplácito e para Sua própria glória eterna.”²

Agora, São João diz que essas coisas a respeito do futuro foram ‘*significadas*’ a ele por meio do anjo. O uso desta palavra nos diz que a profecia não deve ser simplesmente tomada como “história escrita com antecedência”. É um livro de *sinais*, representações simbólicas dos eventos que se aproximam. Os símbolos não devem ser entendidos de forma literal. Podemos ver isso pelo uso do mesmo termo por São João em seu Evangelho (12:33; 18:32; 21:19). Em cada caso, é usado para descrever Cristo “significando” um evento futuro por uma indicação mais ou menos simbólica, em vez de uma descrição prosaica e literal. E essa é geralmente a forma das profecias no Apocalipse. É um livro de símbolos do começo ao fim. Como G. R. Beasley-Murray bem disse, “O profeta deseja deixar claro que ele não fornece fotografias do céu.”³ Isso não significa que os símbolos sejam inteligíveis; a interpretação não é de escolha pessoal por parte de qualquer indivíduo. Nem, por outro lado, os símbolos estão escritos em algum tipo de código, de modo que tudo o que precisamos é de um dicionário ou gramática de simbolismo para “traduzir” os símbolos para o português. A única maneira de entender o sistema de simbolismo de São João é se familiarizar com a própria Bíblia.

2-3 Uma relação importante é estabelecida aqui. O versículo 1 nos mostrou Jesus Cristo dando a Revelação a São João; agora São João afirma que ele mesmo **deu testemunho da Palavra de Deus e do Testemunho de Jesus Cristo**. Assim, vemos que Jesus é o Portador de Testemunho preeminente, testificando a Seus **servos**; e vemos também que São João dá testemunho do Testemunho de Cristo, testifica do Testemunho de

² Arthur W. Pink, *Deus é Soberano* (Editora Fiel, 2002), pg. 47.

³ G. R. Beasley-Murray, *The Book of Revelation* (Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Co., [1974] 1981), p. 51.

Cristo. Ele pode fazê-lo porque é um dos servos de Cristo e se tornou como seu Mestre. Ao dar testemunho, São João é conformado à imagem de Cristo. Esses dois padrões – Cristo e Seus servos dando testemunho duplo, e os servos de Cristo portando Sua imagem – são levados adiante por todo o livro e orientarão nossa compreensão de passagens como 11:4-12.

Uma vez que esse testemunho duplo (o Livro do Apocalipse) é a própria Palavra de Deus, uma bênção – a primeira das sete “bem-aventuranças” da profecia (1:3; 14:13; 16:15; 19:9; 20:6; 22:7; 22:14) – é pronunciada sobre aqueles que são fiéis à sua mensagem. Notemos a forma específica da bênção, pois ela oferece outro indicador importante para o conteúdo do livro: **Bem-aventurado aquele que lê e os que ouvem**. São João escreveu esta profecia, não meramente (ou principalmente) para edificação individual, mas para a Igreja em sua reunião oficial para adoração. Desde o início, o Livro do Apocalipse é posto em um cenário litúrgico, no qual um Leitor lê a profecia para a congregação. A palavra grega para **lê** é frequentemente usada no Novo Testamento para essa atividade litúrgica (Lc. 4:16; At. 13:27; 15:21; 2 Co. 3:15; Ef.3:4; Cl. 4:16; 1 Ts. 5:27; 1 Tm. 4:13). O Livro do Apocalipse, como veremos, trata amplamente da liturgia; de fato, a adoração é um tema central da profecia. Ao nos mostrar como a vontade de Deus é feita na adoração celestial, São João revela como a Igreja deve executar Sua vontade na terra.

Da liturgia da adoração especial, saímos para o mundo, para servir a Deus na liturgia da vida. Respondemos à Verdade (“Amém”) em adoração especial e, então, respondemos ainda mais em adoração geral, ao longo de toda a nossa vida. A bênção de São João é, portanto, não apenas para quem lê e para aqueles que ouvem, mas para aqueles que **guardam** sua mensagem. O objetivo do livro não é meramente nos informar sobre eventos “proféticos”. O objetivo da instrução apostólica é sempre ético: foi escrito para produzir “o amor de um coração puro, e de uma boa consciência, e de uma fé não fingida.” (1 Tm. 1:5, ACF). O Apocalipse nos dá mandamentos para guardar; e, especificamente, os leitores do primeiro século deveriam prestar atenção e obedecer às suas instruções, pois a crise estava prestes a vir sobre eles. O **tempo está próximo**, adverte São João, enfatizando novamente a relevância contemporânea de sua profecia. Ele repete esse aviso no final do livro (22:6-7,10). O mundo antigo logo estaria em alvoroço enquanto reinos tremiam e desmoronavam até seus alicerces, e os cristãos precisavam do Apocalipse como um guia estável durante o

período de mudança dramática que estava por vir. O fim do mundo estava se aproximando – não a destruição do universo físico, mas o fim da velha ordem mundial, o governo do mundo em torno do santuário central em Jerusalém. Deus estabelecera uma nova nação, um novo sacerdócio, uma nova humanidade adorando em um novo santuário. A Casa de Deus estava quase pronta, e a velha habitação provisória, como um andaime, estava prestes a ser removida.

Saudação e Doxologia (1:4-8)

- 4 João, às sete igrejas na Ásia: Graça a vós e paz da parte d'Aquele que é, e que era e que há de vir, e dos sete Espíritos que estão diante do Seu Trono,
- 5 e da parte de Jesus Cristo, que é a fiel Testemunha, o Primogênito dentre os mortos e o Soberano dos reis da terra. Àquele que nos ama e nos libertou dos nossos pecados pelo Seu sangue,
- 6 e nos fez Reino e sacerdotes para Seu Deus e Pai; a Ele seja a glória e o domínio para todo o sempre. Amém.
- 7 Eis que Ele vem com as Nuvens, e todo olho O verá, até mesmo aqueles que o traspassaram; e todas as tribos da Terra se lamentarão sobre Ele. Assim seja, amém.
- 8 Eu sou o Alfa e o Ômega, diz o Senhor Deus, que é, e que era e que há de vir, o Todo-Poderoso.

4-6 São João dirige sua profecia **às sete igrejas na Ásia**. É óbvio pelas descrições que se seguem (capítulos 2-3) que ele definitivamente tinha essas igrejas reais em mente. A noção propagada por C. I. Scofield e outros de que elas representam “sete fases da história *espiritual* da igreja”⁴ é uma mera ficção, sem nenhuma evidência objetiva; e é aplicada de forma bastante arbitrária e seletiva. Há pelo menos três pressuposições falaciosas mantidas por aqueles que defendem essa doutrina.

Primeiro, a doutrina das “sete eras” pressupõe que o Livro do Apocalipse cobre toda a história da Igreja, do começo ao fim. Ao defender sua

⁴ *Bíblia de Referência Scofield* (Oxford University Press, 1909), nota sobre Apocalipse 1:20; essa noção também foi popularizada nas notas de outras “Bíblias de estudo” como a *Thompson Chain-Reference Bible: New International Version* (Indianapolis: B. B. Kirkbride Bible Co.; Grand Rapids: The Zondervan Corporation, 1983), “Outline Studies of the Bible,” No. 4308j (“The Seven Churches of Asia”), pg. 1602.

visão, Scofield diz: “É incrível que em uma profecia cobrindo o período da igreja não haja tal antevisão.”⁵ Bem verdadeiro, talvez; mas quem diz que o Livro do Apocalipse cobre a história da Igreja? São João certamente não. Sua única alegação é que a profecia abrange “as coisas que *em breve* devem acontecer” (1:1), e que o tempo do qual ela fala está *próximo* (1:3). Assim, a pressuposição mais básica da visão das “sete eras” é totalmente falsa.

A segunda pressuposição sustenta que a Igreja terminará em derrota e apostasia: A igreja de Laodiceia, morna, praticamente apóstata, sobre a qual Cristo não tem nada de bom a dizer (3:14-22), supostamente simboliza a Igreja de Jesus Cristo no fim dos tempos. (Um corolário dessa visão é que os “Últimos Dias” mencionados nas Escrituras, nos quais a apostasia é desenfreada, são os últimos dias reais da história da Terra.) O fato de que a Igreja termina em vitória e triunfo é, certamente, o que o presente comentário pretende demonstrar; portanto, nada mais precisa ser dito aqui. Mas é importante observar que a noção de apostasia do fim dos tempos é uma *pressuposição* da visão das “sete eras”; e aqueles que a sustentam estão supondo o que pretendem provar.

A terceira pressuposição, claramente, é que *nós* estamos vivendo na última era da Igreja (novamente, devemos observar que essas pessoas são, muitas vezes, incapazes de pensar sobre si mesmas como vivendo em qualquer outro momento que não o clímax da história). Essa pressuposição é errônea. As profecias da condição gloriosa da Igreja, a serem cumprida antes do retorno de Cristo, estão longe de sua realização. Provavelmente temos milhares de anos antes do Fim. Ainda estamos na Igreja primitiva! E, embora esteja na moda para os intelectuais cristãos modernos falarem de nossa civilização como “pós-cristã”, deveríamos inverter tal descrição e torná-la biblicamente precisa: nossa cultura não é pós-cristã – nossa cultura, em grande parte, ainda é *pré-cristã*!⁶

⁵ Ibid.

⁶ Cf. Loraine Boettner, *Pós-Milenismo* (Pós-Milenismo Produções, 2025), pp. 59-74, 95-100. Benjamin B. Warfield, “Are There Few That Be Saved?” em *Biblical and Theological Studies* (Philadelphia: The Presbyterian and Reformed Publishing Co., 1968), pp. 334-350. Warfield cita William Tenple: “A terra, com toda probabilidade, ainda será habitável por miríades de anos. Se o cristianismo é a religião final, a igreja ainda está em sua infância. Dois mil anos são como dois dias. O apelo para a ‘igreja primitiva’ é enganoso; nós somos a ‘igreja primitiva’”; e James Adderly: “Mas devemos nos lembrar que o cristianismo é uma religião muito jovem, e que mesmo agora estamos apenas no começo da história cristã.” (pp. 347f.)

Portanto, embora não possamos dizer que as sete igrejas representam sete eras na história da Igreja, há um ponto importante a ser observado aqui. O fato de sete igrejas serem mencionadas em um livro repleto de símbolos numéricos não deve ser ignorado. *Sete* é o número nas Escrituras que indica *plenitude qualitativa*, a natureza essencial de algo (como *dez* indica “multidão”, uma plenitude de *quantidade*); aqui representa o fato de que a revelação é destinada a toda a Igreja em todas as eras. As mensagens para as igrejas da Ásia devem ser aplicadas a todos, assim como as cartas de São Paulo aos Romanos e aos Filipenses têm significado mundial. Mas, em nossa aplicação dessas cartas, devemos ter cuidado para não arrancá-las de seu contexto histórico.⁷

São João usa a bênção característica dos apóstolos: **graça** (o favor de Deus concedido àqueles que, à parte de Cristo, merecem ira) e **paz** (o estado de reconciliação permanente com Deus por meio da expiação de Cristo). Essas bênçãos, ele diz, são **de** cada membro da Divindade: o Pai, o Espírito Santo e o Filho. Cada um dos Três participa plena e igualmente na extensão da graça e da paz aos eleitos. O Pai nos escolheu antes da fundação do mundo e enviou Seu Filho para nos redimir; o Filho, em nosso lugar, viveu uma vida perfeita em obediência à Lei e pagou a pena por nossos pecados por completo; e o Espírito aplica a obra do Pai e do Filho por meio da regeneração e santificação. O resumo adequado de tudo o que Deus fez por nós está contido nestas palavras: **graça e paz**.

As Pessoas da Trindade são nomeadas aqui em ordem *litúrgica* (distintamente da *teológica*). A explicação de Michael Wilcock é muito útil: “A visão de João o levará ao santuário celestial, do qual o Tabernáculo judaico era uma cópia e sombra (Hb. 8:5); e talvez a ordem incomum da Trindade aqui (Pai, Espírito, Filho) corresponda ao plano do santuário terrestre, onde a arca no Santo dos Santos representa o trono de Deus, o candelabro de sete braços no Lugar Santo diante dela representa o Espírito,⁸ e no átrio diante dele está o altar, com seu sacerdote e sacrifício, ambos represen-

⁷ Contudo, acontece que há um sentido no qual João intencionou que suas descrições dessas sete igrejas fossem legitimamente relacionadas a sete “eras” da Igreja; veja a introdução à Parte II, abaixo.

⁸ Nota de rodapé de Wilcock: “Compare 1:4 com 4:5, 5:6 e Zc. 4:1-5, 10b: lâmpadas = olhos = espíritos. O simbolismo das lâmpadas em 1:12, 20 não é tão diferente; aqui temos o Espírito, lá temos a morada terrena do Espírito (1 Co. 3:16), que está sendo representada.”

tando, claramente, a obra redentora de Cristo.”⁹

A saudação é uma expressão clara da fé trinitária – posteriormente elaborada em forma de credo nos concílios de Nicéia (325 d.C.) e Constantinopla (381), mas certamente explícita no ensino da Bíblia.¹⁰ A doutrina da Trindade é que há um Deus (uma Pessoa) que é três Pessoas distintas – Pai, Filho e Espírito Santo – e que cada uma dessas Pessoas é em Si mesmo Deus. Não há três Deuses – somente Um. No entanto, essas três Pessoas não são maneiras ou modos diferentes de Deus se fazer conhecido a nós, nem devem ser confundidas umas com as outras; elas são três Pessoas *distintas*. Cornelius Van Til afirma isso tão claramente quanto poder-se-ia fazê-lo: “O Pai, o Filho e o Espírito Santo são cada um uma personalidade e juntos constituem o Deus exaustivamente pessoal. Há uma interação autoconsciente eterna e interna entre as três pessoas da Divindade. Elas são consubstanciais. Cada uma é tanto Deus quanto as outras duas. O Filho e o Espírito não derivam seu ser do Pai. A diversidade e a unidade na Divindade são, portanto, igualmente definitivas; elas são exaustivamente correlativas uma à outra e não correlativas a nada mais.”¹¹

O que isto significa é que Deus não é “fundamentalmente” uno, com as Pessoas individuais sendo derivadas da unidade; nem Deus é “fundamentalmente” trino, com a unidade das Pessoas sendo secundária. Nem a unidade de Deus nem Sua ‘trindade’ são anteriores uma à outra; ambas são fundamentais. Deus é Uno, e Deus é Trino. Existem três Pessoas distintas e individuais, cada uma das quais é Deus. Mas há apenas Um Deus.¹² Em termos mais filosóficos, a unidade e a diversidade (trindade, individualidade) de Deus são igualmente absolutas. Deus é fundamental-

⁹ Michael Wilcock, *I Saw Heaven Opened: The Message of Revelation* (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1975), pg. 34.

¹⁰ Uma das obras mais úteis sobre o significado dos credos, incluindo suas implicações sociológicas, é de R. J. Rushdoony, *Fundamentos da Ordem Social: Estudo Sobre os Credos e Concílios da Igreja Primitiva* (Editora Monergismo, 2019); v. tb. Gerald Bray, *Creeeds, Councils. and Christ* (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1984).

¹¹ Cornelius Van Til, *Apologetics* (apostila de aula, Westminster Theological Seminary, Philadelphia, 1959), pg. 8.

¹² Compare isso com as “ilustrações” da Trindade mais comuns – como um ovo, o sol, uma torta ou água. Elas são geralmente mais equivocadas do que úteis. Na realidade, suas implicações finais são heréticas. Elas acabam dividindo Deus em três “partes” – como a casca, a clara e a gema de um ovo – ou mostrando Deus como uma substância assumindo três formas diferentes, como a água (sólida, líquida e gasosa).

mente Uno e fundamentalmente Trino ao mesmo tempo.¹³

Primeiro, São João descreve o Pai: **Aquele que é, e que era e que há de vir**. Philip Carrington captou o espírito desta expressão, que é de um grego atroz, mas excelente teologia: **o Ser, o Era e o Vindouro**.¹⁴ Deus é eterno e imutável (Mt. 3:6); enquanto os primeiros cristãos enfrentavam o que lhes parecia um futuro incerto, eles deveriam manter em mente a certeza absoluta sobre o governo eterno de Deus. Deus não está à mercê de um ambiente; Ele não é definido por nenhuma condição externa; todas as coisas existem em termos de Sua Palavra inerrante. Sendo ameaçados, sofrendo oposição e perseguição por aqueles no poder, eles deveriam, todavia, alegrar-se no conhecimento de seu Deus eterno que “há de vir”, que está vindo continuamente em juízo contra Seus adversários. A **vinda** de Deus não se refere simplesmente ao fim do mundo, mas ao Seu governo incessante sobre a história. Ele vem repetidamente para libertar Seu povo e julgar os ímpios.¹⁵

Segundo, São João fala do Espírito Santo como **os sete Espíritos que estão diante do Seu Trono**. Embora alguns tenham tentado ver isso como uma referência a sete anjos, é inconcebível que *graça e paz* possam se originar **da parte de** qualquer pessoa além de Deus. A Pessoa mencionada aqui está claramente em pé de igualdade com o Pai e o Filho. A imagem do Espírito Santo aqui (como também em 3:1; 4:5; 5:6) é baseada em Zacarias 4, no qual o profeta vê a Igreja como um candelabro com sete lâmpadas, suprido sem agência humana por um fluxo incessante de óleo

¹³ Sobre o impacto radical da doutrina da Trindade em todas as áreas da vida, veja R. J. Rushdoony, *Fundamentos da Ordem Social* (Editora Monergismo, 2019) e *The One and the Many* (Tyler, TX: Thoburn Press, 1978).

¹⁴ Philip Carrington, *The Meaning of the Revelation* (London: SPCK, 1931), pg. 74. De fato, a frase inteira é um substantivo próprio e indeclinável. O problema gramatical surge da tentativa de São João de traduzir para o grego as nuances teológicas contidas no hebraico de Êxodo 3:14: *EU SOU O QUE EU SOU*. São João não tem medo de massacrar a língua grega para transmitir uma ideia, como em João 16:13, onde ele usa “incorretamente” um pronome masculino para enfatizar a Personalidade do Espírito Santo (*Espírito* em grego é neutro, mas São João queria enfatizar que Ele é verdadeiramente um Ele e não um Isso).

¹⁵ Há várias discussões boas sobre os vários significados de *Vinda* nas Escrituras. Veja Oswald T. Allis, *Prophecy and the Church* (Grand Rapids: Baker Book House, 1945, 1947), pp. 175-91; Loraine Boettner, *The Millennium*, pp. 252-62; Roderick Campbell, *Israel and the New Covenant* (Tyler, TX: Geneva Ministries, [1954] 1983), pp. 68-80; David Chilton, *Paraíso Restaurado*, pp. 79-86, 109-116; Geerhardus Vos, *The Pauline Eschatology* (Grand Rapids: Baker Book House, 1930), pp. 70-93.

através de “sete tubos, um para cada uma das lâmpadas” (v. 2, ARA) – cuja interpretação é, como Deus diz a Zacarias: “Não por força, nem por poder, mas pelo meu Espírito” (v. 6). A obra de preenchimento e fortalecimento do Espírito Santo na Igreja é assim descrita em termos do número *sete*, simbolizando plenitude e completude. O mesmo ocorre aqui em Apocalipse: “Às *sete igrejas* [...] graça a vós e paz da parte [...] dos *sete* Espíritos.” E a obra do Espírito na Igreja acontece em termos do domínio e majestade de Deus, **diante do Seu Trono**. Esta é, de fato, uma ênfase marcante no Livro do Apocalipse: A palavra *Trono* ocorre aqui quarenta e seis vezes (o livro do Novo Testamento que mais se aproxima desse número é o Evangelho de Mateus, onde é usada apenas cinco vezes). O Apocalipse é um livro, acima de tudo, sobre *governo*: ele revela Jesus Cristo como o Senhor da história, restaurando Seu povo ao domínio por meio do poder do Espírito Santo.

A palavra *Trono* é usada especificamente nas Escrituras para se referir à corte oficial de Deus, onde Ele recebe *adoração oficial* de Seu povo no Sábado.¹⁶ Toda a visão do Apocalipse foi vista no *Dia do Senhor* (1:10) – o dia cristão de adoração corporativa e oficial; e toda a ação no livro se concentra na adoração ao redor do Trono de Deus. São João quer que vejamos que a adoração pública e oficial do Senhor Soberano é central para a história – história tanto como um todo quanto em suas partes constituintes (ou seja, sua vida e a minha). O Espírito comunica graça e paz às igrejas, no sentido especial, por meio da adoração pública. Podemos ousar dizer isto: Não podemos ter comunhão contínua com Deus e receber bênçãos Dele, à parte da adoração pública da Igreja, o “lugar” de acesso ao Trono. O Espírito opera em indivíduos, sim – mas Ele não opera à parte da Igreja. Suas obras corporativas e individuais podem ser distinguidas, mas não separadas. A noção de que podemos ter comunhão com Deus, mas nos separar da Igreja e da adoração corporativa do Corpo de Cristo, é uma ideia completamente pagã, totalmente estranha à Sagrada Escritura. A Igreja, *como Igreja*, recebe graça e paz do Espírito sétuplo; e Ele está *continuamente* diante do Trono, a esfera especial de Seu ministério.

¹⁶ Veja, por exemplo, 1 Cr. 28:2; Sl. 132:7-8, 13-14; Is. 11:10. Cf. Meredith G. Kline, *Images of the Spirit* (Grand Rapids: Baker Book House, 1980), pp. 20f., 39ff., 46, 111ff. Como Geerhardus Vos observou, o significado do Tabernáculo no Antigo Testamento que “esse é o palácio do Rei no qual o povo presta deferência a ele” (*Teologia Bíblica: Antigo e Novo Testamentos* [Editora Cultura Cristã, 2010], pg. 187).

“Nossas vidas são atarefadas e barulhentas. É fácil pensar na Igreja e nos sacramentos como se estivessem por nossa atenção com o outro mundo da vida diária, nos levando para alguma outra vida – secreta, rarefeita e remota. Seria melhor se pensássemos naquele mundo prático diário como algo incompreensível e incontrolável, a menos e até que possamos abordá-lo sacramentalmente por meio de Cristo. A natureza e o mundo estão, doutra maneira, além de nosso alcance; o tempo também, tempo que leva embora todas as coisas em um fluxo sem sentido, fazendo os homens se desesperarem, a menos que vejam nele o padrão da ação de Deus, refletido no ano litúrgico, o caminho necessário para a Nova Jerusalém.”¹⁷

O terceiro membro da Divindade (nesta ordem litúrgica) é Jesus Cristo, mencionado por São João sob três designações: **a fiel Testemunha, o Primogênito dentre os mortos e o Soberano dos reis da terra**. R. J. Rushdoony enfaticamente observou como o termo **Testemunha** (em grego, *mártir*), adquiriu conotações estranhas ao significado original da palavra: “Na Bíblia, a testemunha é alguém que trabalha para fazer cumprir a lei e auxiliar em sua execução, até mesmo na aplicação da pena de morte. ‘Mártir’ agora passou a significar exatamente o oposto, ou seja, alguém que é executado em vez de um carrasco, alguém que é perseguido em vez de alguém que é central para o processo judicial. O resultado é uma séria interpretação errônea das Escrituras [...] O significado de Jesus Cristo como ‘a testemunha fiel e verdadeira’ é que Ele não apenas testemunha contra aqueles que estão em guerra contra Deus, mas também os executa. [...] Jesus Cristo, portanto, testemunha contra todo homem e nação que estabelece sua vida em qualquer outra premissa que não o Deus soberano e trino e Sua infalível e absoluta palavra-lei.”¹⁸

O tema de Cristo como a Testemunha preeminente é importante no Apocalipse, como constatamos acima sobre o v. 2. Como forma de suplementar a análise de Rushdoony, podemos observar que um aspecto central do testemunho de Cristo foi Sua morte nas mãos de falsas testemunhas. Aqueles neste livro que dão testemunho à Sua imagem também o farão ao custo de suas vidas (6:9; 12:11). A conotação moderna da palavra *mártir* não é tão absurda e antibíblica como pode parecer à primeira vista; mas é

¹⁷ Alexander Schmemmann, *Church, World, Mission: Reflections on Orthodoxy in the West* (Crestwood, NY: St. Vladimir's Seminary Press, 1979), pg. 226.

¹⁸ Rousas John Rushdoony. *The Institutes of Biblical Law* (Nutley, NJ: The Craig Press. 1973). pp. 573f.

necessário, como Rushdoony mostrou, relembrar o significado básico do termo.

Jesus também é o **Primogênito dentre os mortos**. Através de Sua ressurreição dentre os mortos, Ele alcançou a supremacia, tendo “em todas as coisas [...] a preeminência” (Cl. 1:18). Como Pedro disse no Dia de Pentecostes: “A este Jesus, Deus o ressuscitou, do qual todos nós somos testemunhas. Portanto, tendo sido exaltado pela destra de Deus, e tendo recebido do Pai a promessa do Espírito Santo, ele derramou isto que vós agora vedes e ouvis. Porque Davi não subiu aos céus, mas ele próprio diz: O SENHOR disse ao meu Senhor: assenta-te à minha destra, até eu fazer teus inimigos por escabelo de teus pés. Saiba, pois, com certeza, toda a casa de Israel, que a esse mesmo Jesus, a quem vós crucificastes, Deus o fez Senhor e Cristo.” (Atos 2:32-36). Deus cumpriu a promessa que havia feito muito antes: “Também farei dele o meu primogênito, mais alto do que os reis da terra.” (Sl. 89:27).

São João obviamente tinha essa passagem dos Salmos em mente, pois a próxima designação que ele dá ao nosso Senhor é a de **Soberano dos reis da terra**. A prioridade e a soberania de Cristo estão acima de tudo. Ele não é “apenas” o Salvador, esperando por um futuro evento cataclísmico antes de se tornar Rei; Ele é o Rei universal agora, nesta era – sentado à direita de Seu Pai enquanto todos os Seus inimigos estão sendo postos debaixo de Seus pés. Este processo de tomar domínio sobre toda a terra em termos do Seu título legítimo está em progresso neste momento, e se iniciou quando Ele ressuscitou dentre os mortos. Como Primogênito (e unigênito!), Cristo possui os direitos da coroa de toda a criação: “Toda a autoridade me foi dada no céu e na terra”, Ele afirmou (Mt. 28:18, ARA). Todas as nações foram concedidas a Ele como Sua herança, e os reis da terra estão sob ordem judicial para se submeterem a Ele (Sl. 2:8-12). Comentando sobre o título de Cristo, **Soberano dos reis da terra**, William Symington escreveu: “As pessoas que aqui se supõe estarem sujeitas a Cristo são reis, governantes civis, supremos e subordinados, todos no poder civil, quer nos ramos legislativo, judiciário ou executivo do governo. De tais pessoas, Jesus Cristo é o Príncipe; – *ὁ ἄρχων*, governante, senhor, chefe, o primeiro em poder, autoridade e domínio.”¹⁹

¹⁹ William Symington, *Messias, o Príncipe: O Domínio Mediador de Jesus Cristo*, trad. Joelson G. Pinheiro (Publicações O Pacto, 2023), pg. 182.

Esta, de fato, é precisamente a razão da perseguição de cristãos pelo Estado. Jesus Cristo, pelo Evangelho, afirmou Sua soberania e domínio absolutos sobre os governantes e nações da Terra. Eles têm uma escolha: ou se submeter ao Seu governo e lei, aceitando Seus termos inegociáveis de rendição e paz, ou ser esmagado em pedaços pela vara de Sua ira. Uma posição tão audaciosa e intransigente é uma afronta à dignidade de qualquer humanista que se preze – muito mais para governantes que estão acostumados a se verem como deuses caminhando sobre a Terra. Talvez possamos permitir que este Cristo tenha um lugar no panteão, junto com o resto de nós, os deuses; mas Seus seguidores proclamá-Lo como Senhor de tudo, cuja lei é autoritativa sobre todos os homens, cujos estatutos submetem a julgamento a legislação e os decretos das nações – isso já é demais; é injustificável e não pode ser permitido.

Certamente, teria sido muito mais fácil para os primeiros cristãos pregarem a doutrina escapista popular de que Jesus é o Senhor apenas do “coração”, que Ele está preocupado com conquistas “espirituais” (ou seja, não-terrenas), mas não está nem um pouco interessado em questões políticas; que Ele está contente em ser “Senhor” no reino do espírito, enquanto César é Senhor em todos os outros lugares (ou seja, onde achamos que realmente importa). Tal doutrina não teria sido nenhuma ameaça aos deuses de Roma. Na verdade, César não poderia pedir por uma religião mais cooperativa! O cristianismo desdentado e impotente é uma mina de ouro para o estatismo: ele mantém a atenção dos homens focada nas nuvens enquanto o Estado furta seus bolsos e rouba seus filhos.

Mas a Igreja primitiva não estava ciente desse ensinamento escapista. Em vez disso, ela ensinou a doutrina *bíblica* do Senhorio de Cristo – de que Ele é Senhor de tudo, “Soberano dos reis da terra”. Foi isso que garantiu sua perseguição, tortura e morte nas mãos do Estado. E foi também isso que garantiu sua vitória final. Porque Jesus *é* o Senhor universal, toda oposição ao Seu governo está fadada ao fracasso e será esmagada. Porque Cristo é o Rei dos reis, os cristãos têm a garantia de duas coisas: guerra até a morte contra todos os pretensos deuses; e o triunfo completo da fé cristã sobre todos os seus inimigos.

Por esta razão, São João irrompe em uma doxologia de louvor a Jesus Cristo, **que nos ama e nos libertou dos nossos pecados pelo preço de resgate de Seu sangue, e nos fez Reino e sacerdotes para Seu Deus e Pai; a Ele seja a glória e o domínio para todo o sempre.** Não apenas

fomos redimidos de nossa escravidão, mas fomos constituídos como um Reino de sacerdotes. O Reino começou: os cristãos agora governam com Cristo (Ef. 1:20-22; 2:6; Col. 1:13), e nosso domínio aumentará em todo o mundo (Ap. 5:9-10). Somos um sacerdócio vitorioso e conquistador, que coloca todas as áreas da vida sob Seu governo.

7-8 O versículo 7 anuncia o tema do livro, que não é a Segunda Vinda de Cristo, mas sim a Vinda de Cristo em juízo sobre Israel, a fim de estabelecer a Igreja como o novo Reino. **Ele vem com as Nuvens**, proclama São João, usando uma das imagens bíblicas mais familiares para juízo (cf. Gn. 15:17; Ex. 13:21-22; 14:19-20, 24; 19:9, 16-19; Sl. 18:8-14; 104:3; Is. 19:1; Ez. 32:7-8; Mt. 24:30; Mc. 14:62; At. 2:19). Esta é a Nuvem de Glória, a carruagem celestial de Deus pela qual Ele faz Sua gloriosa presença conhecida.²⁰ A Nuvem é uma revelação de Seu Trono, pois Ele vem para proteger Seu povo e destruir os ímpios. Uma das descrições mais marcantes da “vinda de Deus nas nuvens” está na profecia de Naum contra Nínive (Na. 1:2-8, NVI):

O Senhor é Deus zeloso e vingador!
O Senhor é vingador! Seu furor é terrível!
O Senhor executa vingança contra os seus adversários
e manifesta o seu furor contra os seus inimigos.
O Senhor é muito paciente, mas o seu poder é imenso;
o Senhor não deixará impune o culpado.
O seu caminho está no vendaval e na tempestade,
e as nuvens são a poeira de seus pés.
Ele repreende o mar e o faz secar,
faz que todos os rios se sequem.
Basã e o Carmelo se desvanecem
e as flores do Líbano murcham.
Quando ele se aproxima,
os montes tremem e as colinas se derretem.
A terra se agita na sua presença,
o mundo e todos os que nele vivem.
Quem pode resistir à sua indignação?
Quem pode suportar o despertar de sua ira?
O seu furor se derrama como fogo,
e as rochas se despedaçam diante dele.

²⁰ Veja Chilton, *Paraíso Restaurado*, pp. 69ff., 109ff.; cf. Kline, *Images of the Spirit*.

O Senhor é bom,
um refúgio em tempos de angústia.
Ele protege os que nele confiam,
mas com uma enchente devastadora
dará fim a Nínive;
expulsará os seus inimigos para a escuridão.

Sua vinda nas nuvens, portanto, traz juízo e libertação na história; não há razão, nem no uso bíblico geral deste termo e nem em seu contexto imediato, para supor que o fim literal do mundo físico seja pretendido aqui (embora o sentido possa certamente ser aplicado ao Último Dia também). São João está falando do fato, enfatizado durante todo o período dos “últimos dias” pelos apóstolos, de que uma crise se aproximava rapidamente: Como Ele prometera, Cristo viria contra a geração atual “nas nuvens”, em juízo ardente em ira contra o Israel apóstata (Mt. 23-25). **E todo olho O verá, até mesmo aqueles que o traspassaram** (os gentios, Jo. 19:34, 37): Os crucificadores **O veriam** vindo em juízo – isto é, eles *viveriam e entenderiam* que Sua Vinda significaria ira sobre a Terra (cf. o uso da palavra *ver* em Mc. 1:44; Lc. 17:22; Jo. 3:36; Rm. 15:21). O Senhor usara a mesma terminologia para a Sua Vinda contra Jerusalém no final daquela geração (Mt. 24:30), e Ele até mesmo advertiu o sumo sacerdote: “Vereis em breve o Filho do homem assentado à direita do poder, e vindo sobre as nuvens do céu.” (Mt. 26:64). Em outras palavras, os apóstatas daquela geração maligna entenderiam o significado da Ascensão de Cristo, a Vinda definitiva do Filho do Homem, o Segundo Adão (Dn. 7:13). Na destruição de sua cidade, sua civilização, seu Templo, sua ordem mundial inteira, entenderiam que Cristo havia ascendido ao Seu Trono como Senhor dos céus e da terra. Eles veriam que o Filho do Homem havia vindo ao Pai.

Jesus também disse que “todas as tribos da Terra se lamentarão” no dia de Sua Vinda (Mt. 24:30), que “ali haverá pranto e ranger de dentes” (Mt. 24:51). São João repete isso como parte do tema de sua profecia: **e todas as tribos da Terra [os Judeus] se lamentarão sobre Ele**. Tanto Jesus quanto São João reinterpretaram essa expressão, emprestada de Zacarias 12:10-14, onde ocorre em um contexto original do lamento de Israel em arrependimento. Mas Israel havia ultrapassado o ponto sem volta; seu lamento não seria de arrependimento, mas de pura agonia e terror.

No entanto, isso não nega as promessas em Zacarias. De fato, por meio do juízo de Cristo sobre Israel, por meio de sua excomunhão, o mundo será salvo; e, por meio da salvação do mundo, o próprio Israel se voltará novamente para o Senhor e será salvo (Rm. 11:11-12, 15, 23-24). Porque Cristo vem nas nuvens, na história, julgando homens e nações, a terra é redimida. Ele não vem simplesmente para juízo, mas para juízo que leva à salvação. “Quando os teus juízos ferirem a terra, os habitantes do mundo aprenderão a justiça.” (Is. 26:9, TB). Desde o início, o propósito final da vinda de Cristo tem sido redentor: “Porque Deus não enviou o seu Filho ao mundo para condenar o mundo, mas para que o mundo possa ser salvo através dele.” (Jo. 3:17). Cristo “vem com as Nuvens” em juízos históricos para que o mundo possa conhecer **o Senhor Deus** como a Fonte e Fim eterno e imutável de toda a história (Rm. 11:36), **o Alfa e o Ômega**, o A e Z (cf. Is. 44:6), Aquele **que é, e que era e que há de vir**, a Origem e Consumação eternas de todas as coisas. **Todo-Poderoso** é a tradução comum da palavra grega *Pantokratōr*, que significa *Aquele que tem todo o poder e governa sobre tudo*, o equivalente do Novo Testamento à expressão do Antigo Testamento *Senhor dos Exércitos*, o “Capitão dos Exércitos” (significando os exércitos de Israel, ou os exércitos de estrelas/anjos do céu, ou os exércitos das nações pagãs, a quem Deus usou para derramar Sua ira sobre Seu povo desobediente). Cristo estava prestes a demonstrar a Israel e ao mundo que Ele ascendera ao Trono como Governante Supremo.

Jesus Cristo, Transcendente e Imanente (1:9-16)

- 9 Eu, João, vosso irmão e companheiro na Tribulação, e no Reino, e na perseverança em Cristo Jesus, estava na ilha de Patmos por causa da Palavra de Deus e do Testemunho de Jesus.
- 10 Eu estava no Espírito no Dia do Senhor, e ouvi atrás de mim uma forte Voz, como o som de uma trombeta,
- 11 dizendo: Escreve num livro o que vês e envie às sete igrejas: a Éfeso, Esmirna, Pérgamo, Tiatira, Sardes, Filadélfia e Laodiceia.
- 12 E me virei para ver a Voz que falava comigo. E, quando me virei, vi sete candelabros de ouro;
- 13 e, no meio dos sete candelabros, um semelhante a um Filho do Homem, vestido com uma roupa comprida até os pés e com um cinto de ouro ao redor do peito.

- 14 E Sua cabeça e Seus cabelos eram brancos como lã, tão brancos quanto a neve, e Seus olhos eram como chama de fogo.
- 15 Seus pés eram como bronze brilhando numa fornalha, e Sua voz era como o som de águas correntes.
- 16 Em Sua mão direita, Ele segurava sete estrelas, e de Sua boca saía uma espada afiada de dois gumes; e Seu rosto era como o sol brilhando em sua força.

9 Neste versículo notável, temos um resumo conciso da visão de mundo de São João, sua perspectiva fundamental sobre o que é a vida. Ela contrasta fortemente com as visões da teologia evangélica e dispensacionalista americana moderna, que sustenta que (1) não há **tribulação** para o cristão, (2) Cristo não tem um **Reino** nesta era e (3) o cristão não é obrigado nem esperado a **perseverar**! Mas para São João e seus leitores, a vida cristã envolvia essas coisas. Claro, a tribulação não é toda a história da vida cristã; nem a Igreja sofre de forma idêntica em todos os tempos e lugares. À medida que o Evangelho toma conta do mundo, à medida que os cristãos assumem o domínio, a tribulação é diminuída. Mas é de uma loucura (e perversidade) absoluta os cristãos suporem que são de alguma forma imunes a todo sofrimento. Jesus havia alertado seus discípulos que tribulação, sofrimento e perseguição viriam (Jo. 15:18-20; 16:33; 17:14-15).

Mais especificamente, no entanto, São João tem em mente um período especial de dificuldades; não apenas a tribulação em geral, mas a **Tribulação**, o assunto de muitos escritos apostólicos à medida que a era dos Últimos Dias progredia para seu clímax (1 Ts. 1:6; 3:4; 2 Ts. 1:4-10; 1 Tm. 4:1-3; 2 Tm. 3:1-12). Durante esse período de agitação política e ruptura social, a apostasia e a perseguição irromperam com força, como Jesus havia predito (Mt. 24:4-13). Os cristãos sofreram muito; ainda assim, eles tinham a convicção segura de que a Tribulação era apenas o prelúdio para o firme estabelecimento do governo de Cristo sobre a terra. São Paulo e São Barnabé encorajaram outros cristãos asiáticos a continuar na fé, lembrando-os de que “por muitas tribulações nos importa entrar no reino de Deus” (At. 14:22, ACF). O que deu sentido ao seu sofrimento foi o fato de ele estar em **Cristo Jesus**, em união com Seu sofrimento; como escreveu São Paulo: “Regozijo-me agora no que padeço por vós, e na minha carne cumprio o resto das aflições de Cristo, pelo seu corpo, que é a igreja” (Cl. 1:24).

Assim, a visão de mundo de São João não envolve apenas tribulação. Ele também está **no Reino [...] em Cristo Jesus**. Como vimos acima (v. 5-6), a doutrina do Novo Testamento, baseada em passagens do Antigo Testamento como Daniel 2:31-45 e 7:13-14, é que o Reino chegou na Primeira Vinda de Jesus Cristo. Desde Sua Ascensão ao Trono, Ele tem reinado “acima de todo o principado, e poder, e potestade, e domínio, e de todo o nome que se nomeia, não só neste século, mas também no vindouro. E sujeitou todas as coisas a seus pés” (Ef. 1:21-22, ACF; cf. Mc. 1:14-15; Mt. 16:28; 28:18; At. 2:29-36; Cl. 1:13). Se todas as coisas estão agora sujeitas a Seus pés, o que mais poderia ser acrescentado ao Seu domínio? Claro, os “principados e poderes” ainda precisam ser derrubados; é disso que trata grande parte da profecia de São João. Mas em princípio, e definitivamente, o Reino chegou. Isso significa que não temos que esperar por algum evento redentor ou escatológico futuro antes de podermos efetivamente tomar domínio sobre a terra. O domínio do povo de Deus em todo o mundo será simplesmente o resultado de uma execução progressiva daquilo que o próprio Cristo já realizou. São João queria que seus leitores entendessem que estavam na Grande Tribulação e no Reino – que, de fato, estavam na Tribulação precisamente porque o Reino havia chegado (Dn. 7:13-14). Eles estavam em uma guerra, lutando pela vitória do Reino (Dn. 7:21-22), e, portanto, precisavam do terceiro elemento na visão de mundo de São João: **perseverança em Cristo Jesus**. Perseverança é uma palavra importante na mensagem do Apocalipse, e São João a usa sete vezes (1:9; 2:2, 3, 19; 3:10; 13:10; 14:12).

Aqui, também, há um contraste radical com muito do dispensacionismo moderno. Uma vez que a versão diluída do cristianismo atualmente em voga na América contemporânea rejeita os conceitos da Realeza e Senhorio de Cristo,²¹ ela também rejeita o ensino bíblico sobre perseverança – e o resultado previsível é que comparativamente poucos convertidos do

²¹ Para um exemplo recente dessa posição, veja Norman Geisler, “A Premillennial View of Law and Government”, *Bibliotheca Sacra* (jul.-set. 1985), pp. 250-66. Escrevendo contra o pós-milenarismo de R. J. Rushdoony e outros “reconstrucionistas”, Geisler chega ao ponto de dizer: “Os pós-milenaristas trabalham para fazer uma América cristã. Os pré-milenaristas trabalham por uma América verdadeiramente livre” (pg. 260). A escolha é clara: devemos escolher o cristianismo? Ou devemos escolher a liberdade? Geisler deve ser elogiado por ter declarado a questão com tanta precisão; tecnicamente falando, no entanto, ele não é o primeiro a ter apresentado o dilema dessa forma. Ele está fundamentado em uma tradição antiga (Gn 3:1-5).

evangelicalismo moderno são capazes de permanecer firmes *nessa fé*, ainda que minimamente exigente!²² A doutrina popular da “segurança eterna” é apenas uma meia verdade, na melhor das hipóteses: ela dá às pessoas uma base não bíblica para a garantia (por exemplo, o fato de que elas atenderam um apelo durante uma reunião de reavivamento, etc.), em vez do tipo de garantia dada nas Escrituras – garantia que está relacionada à perseverança (cf. 1 Jo. 2:3-4). A Bíblia não apenas ensina que somos preservados, mas também que perseveramos até o fim (veja Jo. 10:28-29; Rm. 8:35-39; 2 Co. 13:5; Fl. 1:6; 2:12-13; Cl. 1:21-23; 2 Pe. 1:10).

São João diz aos cristãos sofredores, mas reinantes e perseverantes da Ásia que ele é seu **irmão e companheiro** em todas essas coisas, mesmo agora no exílio **na ilha de Patmos**. Esta foi uma punição por sua atividade apostólica, mas a linguagem em que ele expressa isso é interessante: **Por causa da Palavra de Deus e do Testemunho de Jesus Cristo**. São João não diz que está preso em uma rocha no mar por conta de seu próprio testemunho sobre Cristo, mas por conta da Palavra de Deus e do Testemunho de Jesus. Ele sofre porque Deus falou, porque Jesus testemunhou. Cristo, a Testemunha fiel, deu o Testemunho contra os supostos deuses desta era, e eles revidaram aprisionando o apóstolo. É por isso que **a Tribulação, o Reino e a perseverança** que esses crentes compartilham estão todos **em Cristo Jesus**: Seu Testemunho determinou o curso da história.

10 Quando São João diz que **estava no Espírito**, ele não quer dizer que se sentiu bem. A expressão não tem nada a ver com sua atitude pessoal e subjetiva ou seu estado de espírito; mas se refere a uma experiência definida. Esta é uma linguagem profética técnica (Mt. 22:43; cf. Nm. 11:25; 2 Sm. 23:2; Ez. 2:2; 3:24; 2 Pe. 1:21), e se refere ao fato de que o autor é um apóstolo inspirado, recebendo revelação, pois é admitido na câmara do conselho celestial.²³

São João nos diz que esta visão foi vista **no Dia do Senhor**. A origem deste importante termo remonta ao primeiro sábado, quando Deus descansou da criação (Gn. 2:2-3). O termo *descanso* nas Escrituras frequente-

²² Veja Walter Chantry, *Today's Gospel: Authentic or Synthetic?* (Edinburgh: The Banner of Truth Trust, 1970), and Arend J. ten Pas, *The Lordship of Christ* (Vallecito, CA: Ross House Books, 1978).

²³ Veja a discussão sobre o profeta em Meredith G. Kline, *Images of the Spirit*, pp. 57-96; esp. pp. 93f.

mente se refere a Deus assentado em Seu trono como Juiz, recebendo adoração de Suas criaturas (1 Cr. 28:2; Sl. 132:7-8, 13-14; Is. 11:10; 66:1). Este Sábado original era o protótipo do “Dia do Senhor” nas Escrituras, o Dia do Juízo. O Sábado semanal em Israel era uma reencenação (e pré-encenação) do primeiro e último *Dia do Senhor*,²⁴ no qual o povo se reunia para julgamento, execução, a declaração judicial de perdão e a proclamação da Palavra do Rei. Para nós também, este é o significado do Culto Solene no Domingo, o Dia do Senhor, quando nos apresentamos diante do trono de Deus para sermos perdoados e restaurados, para ouvir Sua Palavra e para comungar com Ele (assim, em um sentido *geral* – e não exatamente no sentido especial em que São João o usa aqui – *todos* os cristãos estão “no Espírito” no Dia do Senhor: Na adoração, somos todos arrebatados para a Sala do Trono de Deus.)²⁵ O Culto Solene é o Dia do Senhor em ação.

Uma das imagens bíblicas mais básicas para o Juízo é a Nuvem de Glória, e essa teofania é geralmente associada a três outras imagens: o *Espírito*, o *Dia* (ou *luz*, já que a luz do dia foi originalmente “clonada” da luz da Nuvem²⁶), e a *Voz* (frequentemente soando como uma trombeta; cr. Ex. 19:16-19). Na verdade, essas três são mencionadas logo no início no Jardim, quando Adão e Eva “ouviram a *Voz* do SENHOR Deus atravessando o Jardim como o *Espírito* do *Dia*”, como o texto diz em uma leitura literal (Gn. 3:8).²⁷ O que Adão e Eva ouviram naquele terrível dia do juízo não foi uma brisa suave e fresca soprando pelas folhas de eucalipto - eles ouviram os trovões explosivos do Deus do céu e da terra explodindo pelo Jardim. Foi assustador, e é por isso que eles tentaram se esconder. Repetindo esse tema, São João nos conta: “Eu estava no **Espírito** no **Dia** do Senhor, e ouvi atrás de mim uma forte **Voz**, como o som de uma trombeta.” São João seria arrebatado para a Nuvem de Glória para receber revelação, e esperava-se que seus leitores entendessem essa imagem.

11-15 A Voz de Deus instrui São João a **escrever em um livro** a Revelação e **enviá-lo às sete igrejas** da Ásia. Ele se vira para ver **a Voz** – e vê o Senhor Jesus Cristo. Esse pequeno detalhe estabelece um padrão que se repete ao longo do livro – João *ouve* primeiro, e então *vê*. No final

²⁴ Ver Chilton, *Paraíso Restaurado*, pp. 149ff.

²⁵ Ver Kline, *Images of the Spirit*, pp. 97-131

²⁶ *Ibid.*, pp. 106ff.

²⁷ Para uma exegese completa do texto, ver *ibid.*, pp. 97-131; cf. Chilton, *Paraíso Restaurado*, pp. 70, 150ff.

da profecia (22:8) ele nos diz: “Eu, João, sou aquele que *ouviu* e *viu* estas coisas. E quando ouvi e vi...” Este padrão nem sempre é seguido no livro, mas acontece com frequência suficiente para que estejamos cientes do uso que São João faz dele – pois é ocasionalmente importante para entender como interpretar os símbolos (cf. 5:5-6): A revelação verbal é necessária para entender a revelação visual.

São João de repente se encontra no Lugar Santo, pois vê **sete candelabros de ouro; e, no meio dos sete candelabros, um semelhante a um Filho do Homem**. A imagem aqui é claramente tirada do Tabernáculo, mas com uma diferença significativa: no Lugar Santo terrestre, havia um candelabro, com sete lâmpadas; aqui, São João vê sete candelabros, conectados uns aos outros na Pessoa que está no meio deles. O simbolismo envolvido aqui será discutido no versículo 20; no momento, o que é importante notar é simplesmente o retrato transmitida por essa imagem: Jesus Cristo é o único Candelabro, unindo as sete lâmpadas – cada uma das quais sendo em si um candelabro; Cristo está cercado de luz. Como São Germano, o arcebispo de Constantinopla do século VIII, constatou no início de sua obra sobre a Liturgia: “A Igreja é um céu terrestre no qual o Deus supercelestial habita e anda.”²⁸

A descrição de Cristo nos versículos 13-16 envolve uma mistura de imagens do Antigo Testamento: a Nuvem de Glória, o Anjo do Senhor, o Ancião dos Dias e o Filho do Homem. Nossa compreensão será ampliada se lermos esta descrição em conjunto com as seguintes passagens de Daniel:

Continuei olhando,
até que foram postos uns tronos,
e o Ancião de Dias se assentou.
Sua roupa era branca como a neve,
e os cabelos da cabeça eram como a lã pura.
O seu trono eram chamas de fogo,
e as rodas do trono eram fogo ardente.
Um rio de fogo manava
e saía de diante dele.
Milhares de milhares o serviam,
e milhões de milhões estavam diante dele.

²⁸ St. Germanus of Constantinople, *On the Divine Liturgy*, Paul Meyendorff, trans. (Crestwood, NY: St. Vladimir's Seminary Press, 1984), pg. 57.

Foi instalada a sessão do tribunal
e foram abertos os livros. (Dn. 7:9-10, NAA)

Eu estava olhando nas minhas visões da noite.
E eis que vinha com as nuvens do céu
alguém como um filho do homem.
Ele se dirigiu ao Ancião de Dias,
e o fizeram chegar até ele.
Foi-lhe dado o domínio, a glória e o reino,
para que as pessoas de todos
os povos, nações e línguas o servissem.
O seu domínio é domínio eterno, que não passará,
e o seu reino jamais será destruído. (Dn. 7:13-14, NAA)

Ergui meus olhos e olhei, e observei um certo homem vestido em linho, cujos lombos estavam cingidos com fino ouro de Ufaz; seu corpo também era semelhante ao berilo, e a sua face como a aparência de um relâmpago, e os seus olhos como lâmpadas de fogo, e os seus braços e pés semelhantes em cor ao bronze polido, e a voz das suas palavras como a voz de uma multidão. E somente eu, Daniel, tive a visão; pois os homens que estavam comigo não viram a visão, porém um grande tremor caiu sobre eles, de modo que fugiram e se esconderam. Portanto fui deixado sozinho, e tive esta grande visão, e nenhuma força restou em mim, pois minha formosura foi transfigurada em corrupção, e nenhuma força eu retive. Contudo ouvi eu a voz das suas palavras, e quando eu ouvi a voz das suas palavras, senti então um profundo sono sobre a minha face, e minha face virou-se para o chão. E eis que uma mão me tocou, e me colocou sobre os meus joelhos e sobre as palmas de minhas mãos. E disse-me ele: Ó Daniel, um homem grandemente amado, entende as palavras que eu te falo, e põe-te em pé, pois a ti sou agora enviado. E quando ele falou-me esta palavra, levantei-me tremendo. (Dn. 10:5-11)²⁹

Essas e outras passagens são combinadas para formar a imagem de Cristo na visão introdutória de São João. O fato de ele estar vestido de **uma roupa comprida até os pés e com um cinto de ouro ao redor do**

²⁹ Cf. a discussão deste texto com relação a Ap. 12:7-9 abaixo.

peito³⁰ (cf. Ex. 28:4; 29:5; 39:27-29; Lv. 16:4) são lembretes da vestimenta oficial do Sumo Sacerdote, cuja vestimenta era uma representação do Espírito da Glória, um símbolo da imagem radiante de Deus. “Contribuindo para a impressão de radiância estava o material de linho de cor flamejante prescrito para o éfode, com sua faixa e peitoral, e para a parte inferior da túnica do éfode – uma mistura cintilante de vermelhos e azuis brilhantes com o brilho metálico de fios de ouro. Destacando o efeito ígneo estavam os anéis e as correntes trançadas de ouro, a radiante coroa dourada da mitra e o brilho de pedras preciosas engastadas em ouro nas alças do éfode e do peitoral. O artista dificilmente poderia fazer mais com uma paleta terrena num meio frio para produzir um efeito de luz ígnea.”³¹

Luz ígnea: essa é exatamente a impressão dada pela visão de Cristo aqui. A brancura de Sua cabeça e cabelos (como o Ancião de Dias em Dn. 7),³² o fogo flamejante de Seus olhos (como o trono de Dn. 7 e os olhos do Filho do Homem em Dn. 10), e Seus pés **como bronze brilhando numa fornalha** (o termo para *bronze* pode se referir a uma liga de ouro e prata; cf. Ml. 3:2-3) – tudo isso se combina para produzir o retrato da aparição de Cristo num resplendor fulgurante glória: **E Seu rosto era como o sol brilhando em sua força** (v. 16). Compare com isso a impressionante descrição de Jesus, o filho de Siraque,[†] da glória do Sumo Sacerdote:

Como ele era majestoso, cercado de seu povo,
quando saía de detrás do véu,
como a estrela da manhã em meio às nuvens,
como a lua na cheia,
como o sol radiante sobre o Templo do Altíssimo,
como o arco-íris brilhando nas nuvens de glória,
como a rosa na primavera,
como o lírio junto de uma fonte,
como um broto do Líbano no verão,
como o fogo e o incenso no incensório,
como vaso de ouro maciço,

³⁰ De acordo com Josefo, o sacerdote usava o cinto ao redor de seu peito quando estava em descanso e “não estava realizando nenhum serviço laborioso” (*Antiguidades dos Judeus*, 3:7:2).

³¹ Kline, *Images of the Spirit*, pg. 43.

³² Observe que cabelos *brancos* são gloriosos, em contraste com a cultura de “juventude perpétua” da nossa época.

[†] Escritor do livro apócrifo denominado *Eclesiástico* ou *Sirácida*. [N. R.]

ornado de toda espécie de pedras preciosas,
como a oliveira carregada de frutos,
como o cipreste elevando-se até às nuvens
quando tomava sua veste de gala
e revestia-se de seus soberbos ornamentos,
quando subia ao altar sagrado
e enchia de glória o recinto do santuário;
quando recebia das mãos dos sacerdotes
as porções do sacrifício
ele próprio, estando de pé junto à fornalha do altar,
cercado de coroa de irmãos,
como de seus rebentos, os cedros do Líbano,
cercavam-no como troncos de palmeiras.
(Eclesiástico 50:5-12, Bíblia de Jerusalém)

Completando a imagem gloriosa de Cristo está a declaração de que **Sua Voz era como o som de águas correntes**. São João está identificando a voz de Cristo com o som da Nuvem – um som que, por toda a Escritura, se assemelha a numerosos fenômenos terrestres: vento, trovão, trombetas, exércitos, carruagens e cachoeiras;³³ ou talvez devêssemos dizer que todos esses fenômenos terrestres foram criados para se assemelharem a várias facetas da Nuvem.³⁴ A conclusão deve ser óbvia: O Jesus ressurreto e transfigurado é a Glória de Deus encarnada.

16 Em Sua mão direita, Ele segurava sete estrelas; São João interpretará isso com mais profundidade no versículo 20, mas devemos considerar primeiro a impressão imediata que essa visão daria a São João e seus leitores. As **sete estrelas** compõem o aglomerado estelar aberto conhecido como Plêiades, poeticamente pensado no mundo antigo como sendo amarrado em uma corrente, como um colar. As Plêiades, formando parte da constelação de Touro, são mencionadas em Jó 9:5-9; 38:31-33; e Amós 5:8. O sol está em Touro na primavera (Páscoa), e as Plêiades são, portanto, um símbolo adequado em conexão com a vinda de Cristo: Ele segura as estrelas que anunciam o renascimento e o florescimento do mundo. As outras referências bíblicas deixam claro que Aquele que segura as sete estrelas é o Criador e Sustentador Todo-Poderoso do universo.

³³ Veja Chilton, *Paraíso Restaurado*, pg. 70; cf. Ex. 19:16, 19; Ez. 1:24.

³⁴ Veja Herman Bavinck, John Bolt, org., *Dogmática Reformada*, vol. 2: *Deus e a Criação*, trad. Vagner Barbosa (Editora Cultura Cristã, 2012), pg. 104.

Mas há outra dimensão para essa imagem. O uso simbólico das sete estrelas era bem conhecido no primeiro século, pois as sete estrelas apareciam regularmente nas moedas do Imperador como símbolos de sua suprema soberania política. Ao menos alguns dos primeiros leitores do Apocalipse devem ter ficado boquiabertos com a audácia de São João em declarar que as sete estrelas estavam nas mãos de *Cristo*. Os imperadores romanos se apropriaram de um símbolo de domínio que a Bíblia reserva somente para Deus – e Jesus Cristo veio para tomá-lo de volta, diz São João. As sete estrelas e, com elas, todas as coisas na criação pertencem a Ele. O domínio reside na mão direita do Senhor Jesus Cristo.

Naturalmente haverá oposição a tudo isso. Mas São João deixa claro que Cristo está na ofensiva, saindo para lutar em nome de Seus direitos régios: **e de Sua boca saía uma espada afiada de dois gumes**, Sua Palavra que opera para salvar e destruir. A imagem aqui é tirada da profecia de Isaías: “Ferirá a terra com a vara de sua boca, e com o sopro dos seus lábios matará ao ímpio” (Is. 11:4, ACF). É usada novamente em Apocalipse para mostrar a atitude de Cristo em relação aos hereges: “Eu farei guerra contra eles com a espada da minha boca” (2:16); e mais uma vez para mostrar a Palavra de Deus conquistando as nações (19:11-16). Cristo não está apenas em conflito com as nações, mas Ele declara que será completamente vitorioso sobre elas, subjugando-as por Sua Palavra pura, a espada afiada e poderosa de dois gumes que sai de Sua boca (Hb. 4:12).

A Comissão de São João (1:17-20)

- 17 E quando O vi, caí a seus pés como morto. E Ele pôs sobre mim a Sua destra, dizendo: Não temas; eu sou o primeiro e o último,
- 18 e o Vivente; e estive morto, mas eis que estou vivo para todo o sempre, amém; e tenho as chaves da Morte e do Hades.
- 19 Escreve, portanto, as coisas que viste, e o que elas são, e as coisas que hão de acontecer depois destas.
- 20 Quanto ao mistério das sete estrelas que viste em Minha destra, e dos sete candelabros de ouro: as sete estrelas são os anjos das sete igrejas, e os sete candelabros são as sete igrejas.

17-18 Quando viu o Anjo do Senhor, Daniel diz: “senti então um profundo sono sobre a minha face, e minha face virou-se para o chão. E eis que uma mão me tocou, e me colocou sobre os meus joelhos [...] E

quando ele falou-me esta palavra, levantei-me tremendo” (Dn. 10:9-11). A reação de São João à visão do Senhor glorificado é muito parecida; ainda assim, Cristo lhe diz para não temer. Embora o medo seja uma reação inicial adequada, ele deve ser substituído. Em última instância, a impressionante majestade de Deus não é motivo para terror no cristão; pelo contrário, é a base da nossa confiança e estabilidade. A presença de Cristo é, muito apropriadamente, a ocasião para os incrédulos desmaiarem e se esconderem de puro medo (cf. 6:15-17); mas nosso Senhor vem a São João (assim como a nós) em amor, e o põe de pé. A presença e atividade de Deus na Nuvem era para os egípcios um presságio aterrorizante de sua destruição; mas, para o povo do pacto, Ele era o Consolador e Salvador. O mesmo contraste é estabelecido em Habacuque 3:10-13 (ARA):

Os montes te veem e se contorcem;
passam torrentes de água;
as profundezas do mar fazem ouvir a sua voz
e levantam bem alto as suas mãos.
O sol e a lua param nas suas moradas,
ao resplandecer a luz das tuas flechas sibilantes,
ao fulgor do relâmpago da tua lança.
Na tua indignação, marchas pela terra,
na tua ira, calcas aos pés as nações.
Tu saís para salvamento do teu povo,
para salvar o teu ungido;
feres o telhado da casa do perverso
e lhe descobres de todo o fundamento.

Jesus é Deus, **o Primeiro e o Último**, como o SENHOR diz de Si mesmo em Is. 44:6: “Eu sou o primeiro e eu sou o último, e fora de mim não há Deus.” (cf. Is. 48:12). Apropriando-se de outro título do Antigo Testamento para Deus, Jesus declara que Ele é **o Vivente** (cf. Dt. 5:26; Js. 3:10; Sl. 42:2; Jr. 10:10): Ele é autoexistente, independente, o Controlador de Tudo – e Ele, “tendo sido [...] ressuscitado dentre os mortos, já não morre; a morte não tem mais domínio sobre ele.” (Rm. 6:9). São João pôde ser ressuscitado no versículo 17 por causa da verdade do versículo 18, que Cristo está **vivo para todo sempre**. Como o Senhor Ressurreto, Cristo tem **as chaves da Morte e do Hades**.³⁵ O Império alegava ter toda a au-

³⁵ Adão originalmente possuía a Chave da Morte e do Hades, pois ele era o Sacerdote do Éden, com a responsabilidade sacerdotal de guardar o Portão do Paraíso (Gn. 2:15; ver

toridade, possuindo o poder sobre a vida e a morte, e sobre a sepultura; Jesus declara, em vez disso, que Ele – e não o Estado, nem o imperador, nem Satanás, nem o príncipe da sinagoga – é quem possui o comando sobre toda a realidade. Ele é o Senhor da vida e da morte, de toda a história e da eternidade; e é em termos desse domínio completo que Ele comissiona São João para escrever este livro que tão clara e inequivocamente expõe a verdade de Seu governo eterno e abrangente.

19 A comissão de São João foi interrompida por sua queda em um desmaio mortal; agora que ele foi “ressuscitado”, ele é novamente ordenado: **Escreve, portanto,³⁶ as coisas que viste, e o que elas são, e as coisas que hão de acontecer depois destas.** Alguns intérpretes leem isso como um esboço tríplice de todo o livro: São João escreve sobre o que ele viu (a visão de Cristo), então sobre o presente (as igrejas, nos capítulos 2-3) e finalmente sobre o futuro (capítulos 4-22). Tal divisão é bastante arbitrária, no entanto; o Apocalipse (como todas as outras profecias bíblicas) entrelaça passado, presente e futuro juntos ao longo de todo o livro.

Um significado mais provável desta declaração é que São João deve escrever o que ele **viu** – a visão de Cristo entre os candelabros segurando as estrelas – **e o que elas são**, ou seja, o que elas *significam* ou *correspondem*. A palavra *são* (grego *eisin*) é mais frequentemente usada em Apocalipse nesse sentido (1:20; 4:5; 5:6, 8; 7:13-14; 11:4; 14:4; 16:14; 17:9, 10, 12, 15). Assim, o versículo 20 continua a fazer exatamente isso, explicando o simbolismo das “coisas que viste” (as estrelas e os candelabros). São João é então comissionado a escrever **as coisas que hão de acontecer depois destas**, ou (como ele nos disse no versículo 1) “as coisas que em breve devem acontecer”. Parece que a frase tem a intenção de fornecer um paralelo à descrição daquele “que é, e que era e que há de vir”: Assim, “o processo da história temporal reflete a natureza eterna de Deus”.³⁷

Meredith G. Kline, *Kingdom Prologue* (apostila publicada privadamente, 1981), Vol. I, pp. 127ff. Quando ele abdicou dessa responsabilidade, ele próprio foi lançado na morte, longe da Árvore da Vida, e os querubins tomaram seu lugar como guardiões, segurando a espada flamejante (a chave). Através Ressurreição, Jesus Cristo como o Segundo Adão retornou ao Paraíso como Sacerdote, o guardião do Portão do Éden, para lançar a Serpente na Morte e no Hades (cf. Ap. 20:1-3).

³⁶ O *portanto* mostra a conexão com a comissão original de São João no v. 11.

³⁷ Philip Carrington, *The Meaning of the Revelation*, pg. 95.

Podemos fazer uma pausa neste ponto para considerar um erro que é comum entre aqueles que adotam uma interpretação preterista do Apocalipse. Os dois fatos do estilo simbólico de São João e seu conteúdo claramente antiestatista levaram alguns a acreditar que a mensagem politicamente sensível determinou o uso do simbolismo – que São João escreveu o Apocalipse em um código secreto para esconder sua mensagem dos burocratas imperiais. Esta é a visão de James Kallas (que, incidentalmente, também sustenta que João escreveu na época do imperador Domiciano, em vez de Nero):

Ele escreve em linguagem deliberadamente camuflada. Ele recorre a imagens que os romanos não entenderão. Ele não consegue escrever de forma literal e óbvia. Ele não consegue dizer em termos claros e inequívocos o que está em seu coração. O que aconteceria se ele escrevesse o que acreditava, que Domiciano era um filho blasfemo do próprio diabo? O que aconteceria se ele gritasse que o império romano, em sua exigência de que os homens se curvassem e adorassem César, era um esquema diabólico do próprio Satanás projetado para afastar os homens de Jesus? A carta nunca seria entregue. Ela nunca passaria pelos censores.

E assim ele deve camuflar e ocultar seu verdadeiro significado. Ele deve recorrer a simbolismos não literais, a referências obscuras e aparentemente sem sentido que seus censores romanos veriam apenas como as reflexões senis de um velho louco.³⁸

Pode haver alguma verdade nisso, como uma inclinação tangencial no uso do número 666 em 13:18 em referência a Nero (não Domiciano) – um “código” que os romanos seriam incapazes de decifrar corretamente. Mas, mesmo sem essa referência, o Livro do Apocalipse é um documento que claramente seria visto como um ato de traição, e qualquer burocrata do Estado teria sido capaz de entender isso. Considere o que já vimos na descrição de Jesus Cristo feita por São João: A mera asserção de que Ele é o Soberano dos reis da terra é um ataque à autonomia do imperador. O primeiro capítulo do Apocalipse já seria o bastante para legitimar tal acusação, e o simbolismo não obscurece esse fato nem um pouco. A razão para o uso do simbolismo é que o Apocalipse é uma *profecia*, e o

³⁸ James Kallas, *Revelation: God and Satan in the Apocalypse* (Minneapolis: Augsburg Publishing House, 1973), pp. 58f.

simbolismo é uma linguagem profética. Devemos lembrar também que o governo romano sabia muito bem quem era São João. Ele não era “um velho louco” que havia sido exilado por meras “reflexões senis”. Ele foi um apóstolo do Senhor Jesus Cristo, sob exílio imperial *por causa da Palavra de Deus e do Testemunho de Jesus* (1:9).

20 Jesus explica a São João o **mistério das sete estrelas e dos sete candelabros de ouro**. Aqui, também, é importante enfatizar que estes não são codinomes. O simbolismo bíblico não funciona dessa forma. Em vez disso, o simbolismo bíblico relaciona as coisas entre si; ele constrói associações em nossas mentes e nos pede para que vejamos os objetos a partir dessa perspectiva. Essas declarações sobre as estrelas e os candelabros não são “definições”, mas declaram diferentes maneiras de olhar para os anjos e as igrejas. Os comentários de Michael Wilcock nos ajudam a entender esse uso do simbolismo: “Um estudo preliminar do uso da palavra ‘mistério’ no Novo Testamento mostra que ela não carrega ali seu sentido moderno comum de ‘enigma’. É certamente algo oculto, mas não de tal forma que você possa seguir uma série de pistas para no fim descobrir o significado; ao contrário, é uma verdade que você conhece ou não, dependendo se foi ou não revelada a você.”³⁹ Assim, quando Cristo identifica essas coisas uma com a outra, Ele não está dizendo “que uma é um símbolo enquanto a outra é o que o símbolo ‘realmente’ significa. Ele está dizendo que aqui temos duas coisas que correspondem uma à outra, sendo *igualmente reais a partir de diferentes pontos de vista*.”⁴⁰ Em outras palavras, “nós temos, não uma explicação de um termo simbólico por meio de um real, mas uma declaração de que esses dois termos, que são igualmente reais, são simplesmente intercambiáveis. [...] João não está dando explicações, mas fornecendo equivalentes. Ele não tem por objetivo nos dizer que ‘candelabros’, que não entendemos, significam ‘igrejas’, o que entendemos. Antes, ele visa nos dizer coisas *sobre* os candelabros e a noiva e a cidade e a igreja, os vinte e quatro anciãos e os 144.000 e a multidão inumerável; seu significado já deveríamos saber pelo resto das Escrituras, e ele apenas nos lembra, de passagem, que todos estes correspondem uns aos outros e são descrições diferentes da mesma realidade.”⁴¹

³⁹ Wilcock, *I Saw Heaven Opened*, pg. 153.

⁴⁰ Ibid., pg. 154.

⁴¹ Ibid., pg. 156.

As sete estrelas, portanto, “correspondem” aos **anjos das sete igrejas**.⁴² Anjos e estrelas são frequentemente ligados na Bíblia (cf. Jz. 5:20; Jó 38:7; Is. 14:13; Jd. 13; Ap. 8:10-12; 9:1; 12:4), e aqui os “anjos” das igrejas são associados à constelação das Plêiades (veja os comentários sobre o v. 16). Além disso – e esta é uma daquelas coisas que, como Wilcock apontou acima, “já deveríamos saber do resto das Escrituras” – tanto anjos quanto estrelas são associados a governo e domínio (cf. Gn. 37:9; Jz. 5:20; Dn. 8:9-11; 10:13, 20-21). Agora, quando o Senhor fala às sete igrejas nos capítulos 2-3, Ele se dirige ao **anjo** de cada igreja; claramente, Cristo responsabiliza os anjos das igrejas pela vida e conduta de suas respectivas igrejas. Então, nas últimas partes da profecia, vemos *sete anjos* derramando julgamentos sobre a terra rebelde (cf. Ap. 8-9, 16). Todas essas são *correspondências*: As sete estrelas, a constelação da ressurreição e do domínio, são os anjos, que correspondem ao governo da Igreja.

Um outro aspecto da imagem angélica da Bíblia que fortalece essa interpretação diz respeito ao relacionamento entre anjos e profetas. A principal marca do profeta bíblico era que ele estivera na presença de Deus e dos anjos durante as sessões do Conselho celestial (cf. Is. 6:18; Ez. 1-3, 10), tornando-se assim seu porta-voz autorizado para o povo de Deus (cf. Jr. 15:19). A diferença essencial entre o verdadeiro profeta e o falso profeta era que o verdadeiro profeta fora levado pelo Espírito para a Nuvem para participar dessa assembleia:

Assim diz o Senhor dos Exércitos:

“Não ouçam o que os profetas estão profetizando para vocês;
eles os enchem de falsas esperanças.

Falam de visões inventadas por eles mesmos
e que não vêm da boca do Senhor. [...]

Mas qual deles esteve no conselho do Senhor
para ver ou ouvir a sua palavra?

Quem deu atenção
e obedeceu à minha palavra? [...]

Não enviei esses profetas,
mas eles foram correndo levar sua mensagem;
não falei com eles,

⁴² Um aspecto interessante do pano de fundo conceitual de tudo isso é a referência no livro apócrifo de Tobias aos “sete anjos que assistem diante da glória do Senhor e têm acesso à sua presença” (12:15, TEB; cf. 1 Enoque 20:1-7).

mas eles profetizaram.

Mas, se eles tivessem comparecido ao meu conselho,
anunciariam as minhas palavras ao meu povo
e teriam feito com que se convertessem
do seu mau procedimento e das suas obras más.
(Jr. 23:16-22, NVI)

Os profetas não apenas observavam as deliberações do Conselho celestial (cf. 1 Rs. 22:19-22); eles realmente participavam delas. De fato, o SENHOR não fazia nada sem consultar Seus profetas (Am. 3:7). É por isso que a atividade característica do profeta bíblico é a intercessão e a mediação (cf. Gn. 18:16-33; 20:7, a primeira ocorrência da palavra *profeta* nas Escrituras). Como membros do Conselho, os profetas têm liberdade de expressão com Deus e são capazes de argumentar com Ele, muitas vezes persuadindo-O a mudar de ideia (cf. Ex. 32:7-14; Am. 7:1-6). Eles são Seus amigos, e então Ele fala abertamente com eles (Gn. 18:17; Ex. 33:11; 2 Cr. 20:7; Is. 41:8; Jo. 15:15). Como imagens do Homem plenamente redimido, os profetas compartilharam da glória de Deus, exercendo domínio sobre as nações (cf. Jr. 1:10; 28:8), tendo sido transfigurados eticamente (cf. Is. 6:5-8) e fisicamente (cf. Ex. 34:29). Eles, portanto, assemelhavam-se aos anjos do céu, e por isso não é surpreendente que o termo *anjo* (hebr. *mal'ākh*, grego *angelos*) seja usado para descrever o profeta bíblico (cf. 2 Cr. 36:15-16; Ag. 1:13; Ml. 3:1; Mt. 11:10; 24:31; Lc. 7:24; 9:52). De fato, o Profeta arquetípico nas Escrituras é o Anjo do SENHOR.⁴³

Há, portanto, abundante precedente bíblico para que os governantes proféticos das igrejas sejam chamados de **os anjos das igrejas**. É provável que cada anjo represente um único pastor ou bispo; mas São João poderia estar se referindo às estrelas/anjos simplesmente como personificações do *governo* de cada igreja como um todo. E o Senhor do céu e da terra os segura em Sua **destra**. (Esta é a mesma mão que Cristo usou para ressuscitar São João no v. 17; São João é, portanto, um “anjo”.) Num sentido mais geral, o que é verdadeiro para os anjos é verdadeiro para a Igreja como um todo: São Paulo exortou os filipenses para que se mostrassem “irrepreensíveis e sinceros, filhos de Deus inculpáveis, no meio de uma geração cor-

⁴³ O estudo mais abrangente da ordem profética e sua relação com o Conselho angélico está em Kline, *Images of the Spirit*, pp. 57-96. V. tb. George Vandervelde, “The Gift of Prophecy and the Prophetic Church” (Toronto: Institute for Christian Studies,, 1984).

rompida e perversa, entre a qual resplandeceis como astros [*luminares, estrelas*] no mundo” (Fp. 2:15).

Os sete candelabros são (correspondem a) **as sete igrejas**; e as sete igrejas são, como já observamos, tanto as igrejas específicas mencionadas quanto a plenitude de toda a Igreja em todas as épocas. Em termos do simbolismo do número *sete* em relação à Igreja, o comentário de Vitorino (um bispo martirizado em 304 d.C.) sobre o Apóstolo Paulo é interessante: “Em todo o mundo, Paulo ensinou que todas as igrejas são organizadas em setes, que são chamadas de sete, e que a Igreja Católica é una. E, certamente, para que, antes de tudo, ele próprio também mantivesse o tipo de sete igrejas, ele não excedeu esse número. Mas ele escreveu aos Romanos, aos Coríntios, aos Gálatas, aos Efésios, aos Tessalonicenses, aos Filipenses, aos Colossenses; depois ele escreveu a pessoas individuais, para não exceder o número de sete igrejas.”⁴⁴

O único candelabro (uma árvore estilizada) do antigo Tabernáculo é agora Cristo (a Árvore da Vida) com Seus sete candelabros. Antes, no Antigo Testamento, a Igreja tinha um caráter centralizado e nacional; e a unidade das congregações específicas de Israel era focada geograficamente, em Jerusalém. Mas esse não é mais o caso. A Igreja, o Novo Israel, foi descentralizada geográfica e nacionalmente – ou, melhor, *multicentralizada*: A Igreja ainda é um *sete* – ainda uma unidade – mas o que a mantém unida não é um pedaço especial e sagrado de propriedade imobiliária; a unidade da Igreja está centrada em Jesus Cristo. A Igreja não está mais presa a um lugar, pois foi enviada a todo o mundo para assumir o domínio em nome do Rei universal.⁴⁵ Não há mais nenhum espaço especial na terra

⁴⁴ Victorinus, *Commentary on the Apocalypse of the Blessed John*, em Alexander Roberts and James Donaldson, eds., *The Ante-Nicene Fathers* (Grand Rapids: Eerdmans, 11886) 1970), vol. VII, pg. 345.

⁴⁵ De acordo com Êxodo 18 e Deuteronômio I, o presbitério era organizado hierarquicamente, com “governantes de mil, e governantes de cem, governantes de cinquenta e governantes de dez.” Esta era a base bíblica para a organização hierárquica da igreja primitiva, o bispo da cidade correspondendo ao “governante de mil” (veja James B. Jordan, “Biblical Church Government, Part 3: Councilar Hierarchy – Elders and Bishops”, *Presbyterian Heritage*, No. 9 [janeiro de 1986], P.O. Box 131300, Tyler, TX 75713). Uma sede central (um “vaticano”) pode, portanto, ser útil para o governo da Igreja, embora não seja necessário (há uma distinção entre o que pode ser bom para o bem-estar [*bene esse*] ou a plenitude do ser [*plene esse*] da Igreja, e o que é necessário para o ser [*esse*] da Igreja). O melhor estudo histórico disponível sobre a ascensão do episcopado é J. B. Lightfoot, *The Christian Ministry*, Philip Edgcumbe Hughes, ed. (Wilton, CT: Morehouse-Barlow Co., 1983).

que seja sagrado; em vez disso, o mundo inteiro se tornou “espaço sagrado”, pois Jesus Cristo o redimiui. E ao reconquistar o mundo, Ele recriou a Igreja à Sua imagem. Pois assim como Cristo é visto aqui num esplendor de luz gloriosa, a Igreja que Ele carrega e sustenta é caracterizada pela luz (cf. a descrição da Igreja em 21:9-22:5). As igrejas portadoras de luz, cujos governos brilham como as estrelas, brilham sobre o mundo com a luz de Jesus Cristo, com o resultado de que os homens verão suas boas obras e glorificarão seu Pai que está no céu.

Parte II

PRÓLOGO HISTÓRICO: AS CARTAS ÀS SETE IGREJAS

(Apocalipse 2-3)

Introdução

A segunda parte da estrutura do tratado pactual (cf. Dt. 1:6-4:49)¹ o Prólogo, que narra a história do relacionamento do Grande Rei com o vassalo, lembrando-o da autoridade e fidelidade pactual de seu senhor, listando os benefícios que foram fornecidos, enumerando as transgressões da lei do vassalo, ordenando que o vassalo se arrependa e renove sua obediência, e prometendo recompensas futuras. Um aspecto importante do Prólogo é a *concessão pactual*,² a ordem para tomar posse da terra, conquistando-a em nome do Grande Rei (cf. Dt. 2:24-25, 31; 3:18-22; 4:1, 14, 37-40).³

As Sete Mensagens às igrejas correspondem ao Prólogo do Pacto de várias maneiras. Sua estrutura segue o mesmo padrão geral: o senhorio de Cristo sobre a Igreja, o registro de fidelidade ou desobediência de cada igreja individual, alertas de punição e promessas de bênçãos em resposta à obediência. Além disso, em cada caso, a igreja recebe uma *concessão pactual*, uma comissão para *conquistar, vencer* e exercer domínio sob o senhorio de Cristo (2:7, 11, 17, 26-29; 3:5, 12, 21).

Além disso, cada mensagem em si recapitula toda a estrutura pactual de cinco partes. Considere a primeira mensagem, para a igreja em Éfeso (2:1-7):

1. *Preâmbulo*: “Aquele que segura as sete estrelas em Sua destra, Aquele que anda em meio aos sete candelabros de ouro” (2:1)
2. *Prólogo Histórico*: “Eu conheço as tuas obras...” (2:2-4).
3. *Estipulações Éticas*: “Lembra-te, pois, de onde caíste, e arrepende-te, e pratica as obras que fizeste no princípio” (2:5a).

¹ Veja Meredith G. Kline, *Treaty of the Great King: The Covenant Structure of Deuteronomy* (Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Co., 1963), pp. 52-61.

² Veja Ray R. Sutton, *That You May Prosper: Dominion by Covenant*, (Tyler, TX: Institute for Christian Economics, 1987).

³ Kline, *Treaty of the Great King*, pp. 56ff.

4. *Sanções*: “Senão, virei a ti e removerei o seu candelabro de seu lugar – a menos que te arrependas” (2:5b).
5. *Arranjos Sucessórios*: “... Ao que vencer, darei de comer da Árvore da Vida, que está no Paraíso do Meu Deus” (2:6-7).

Recapitulação da História da Aliança

Discutimos em 1:4 a visão (estranhamente comum entre os “literalistas” modernos!) de que as sete igrejas representam simbolicamente “sete eras da história da Igreja”; e, embora em vários aspectos essa interpretação seja evidentemente errônea, há outro sentido em que essas sete igrejas estão relacionadas a sete períodos da história da Igreja – a história da Igreja do *Antigo Testamento*. Pois as imagens usadas para descrever as sete Igrejas da Ásia progridem cronologicamente do Jardim do Éden até a situação no primeiro século d.C.:

1. *Éfeso* (2:1-7). A linguagem do Paraíso é evidente em toda a passagem. Cristo anuncia a Si mesmo como o Criador, Aquele que segura as sete estrelas; e como Aquele que anda em meio aos candelabros para avaliá-los, como Deus andou pelo Jardim em julgamento (Gn. 3:8). O “anjo” de Éfeso é elogiado por proteger adequadamente a igreja contra seus inimigos, assim como Adão fora ordenado a proteger o Jardim e sua esposa do seu Inimigo (Gn. 2:15). Mas o anjo, como Adão, “caiu”, tendo deixado seu primeiro amor. Cristo, portanto, ameaça vir a ele em juízo e remover seu candelabro de seu lugar, como Ele expulsara Adão e Eva do Jardim (cf. Gn. 3:24). No entanto, o portão do Éden está aberto para aqueles que alcançam a vitória sobre o Tentador: “Ao que vencer, eu darei de comer da Árvore da Vida, que está no Paraíso do Meu Deus.”

2. *Esmirna* (2:8-11). A situação dos Patriarcas (Abraão, Isaque, Jacó e José) e dos filhos de Israel no Egito parece ser refletida nas palavras desta mensagem. Cristo descreve a Si mesmo como Aquele “que estava morto e reviveu”, um ato redentor prenunciado nas vidas de Isaque (Gn. 22:1-14; Hb. 11:17-19) e José (Gn. 37:18-36; 39:20-41:45; 45:4-8; 50:20), bem como na salvação de Israel da casa da servidão. A condição dos esmirniotas de aparente pobreza, mas com riqueza verdadeira, é análoga à experiência de todos os patriarcas, que “residi[ram] como estrangeiro[s] na terra prometida” (Hb. 11:9, BJ). Falsos “judeus” estavam perseguindo os verdadeiros herdeiros das promessas, assim como Ismael perseguiu Isaque (Gn. 21:9; cf. Gl. 4:22-31). O perigo de prisão por instigação de um caluniador é pa-

PARTE II: AS SETE CARTAS

ralelo à vida de José (Gn. 39:13-20), assim como a bênção da coroa da vida para os fiéis (Gn. 41:40-44); Arão também, como a imagem gloriosa do Homem plenamente redimido, usava uma coroa da vida (Ex. 28:36-38). A “tribulação de dez dias” seguida pela vitória reflete a história da perseverança de Israel nas dez pragas antes de sua libertação.

3. *Pérgamo* (2:12-17). As imagens nesta seção são tiradas da peregrinação de Israel no deserto, a morada dos demônios (Lv. 16:10; 17:7; Dt. 8:15; Mt. 4:1; 12:43); os cristãos de Pérgamo também tiveram de morar “onde está o trono de Satanás... onde Satanás habita”. Os inimigos da igreja são descritos como “Balaão” e “Balaque”, o falso profeta e rei maligno que buscaram destruir os israelitas tentando-os à idolatria e à fornicção (Nm. 25:1-3; 31:16). Como o Anjo do SENHOR e o sacerdote Fineias, Cristo ameaça fazer guerra contra os balaamitas com a espada (cf. Nm. 22:31; 24:7-8). Para os que vencerem, Ele promete uma participação no “maná escondido” da Arca da Aliança (Hb. 9:4), e uma pedra branca com um “novo nome” inscrito nela, o emblema do povo da aliança remido usado pelo Sumo Sacerdote (Ex. 28:9-12).

4. *Tiatira* (2:18-29). São João agora se volta para imagens do período da monarquia israelita e da aliança davídica. Cristo anuncia a Si mesmo como “o Filho de Deus”, o Davi maior (cf. Sl. 2:7; 89:19-37; Jr. 30:9; Ez. 34:23-24; 37:24-28; Os. 3:5; At. 2:24-36; 13:22-23). Ele repreende o anjo de Tiatira, cuja tolerância para com sua “esposa, Jezabel,” está levando à apostasia do povo de Deus (cf. 1 Rs. 16:29-34; 21:25-26). Ela e aqueles que cometem adultério com ela (cf. 2 Rs. 9:22) são ameaçados com “tribulação”, como os três anos e meio de tribulação visitados sobre Israel nos dias de Jezabel (1 Rs. 17:1; Tg. 5:17); ela e sua descendência serão mortos (cf. 2 Rs. 9:22-37). Mas aquele que vencer receberá, como Davi, “autoridade sobre as nações” (cf. 2 Sm. 7:19; 8:1-14; Sl. 18:37-50; 89:27-29). A promessa final faz alusão ao salmo messiânico de domínio de Davi: “E ele as regerá com vara de ferro; como vasos de oleiro, serão despedaçadas, como também recebi de meu Pai” (cf. Sl. 2:9).

5. *Sardes* (3:1-6). As imagens desta seção vêm do período profético posterior (cf. as referências ao Espírito e às “sete estrelas”, falando do testemunho profético) que antecede o fim da monarquia, quando o povo pac- tual desobediente foi derrotado e levado ao cativeiro. A descrição da reputação da igreja como “viva” quando ela, na realidade, está “morta”, as exortações para “despertar” e “fortalecer o que resta”, o reconhecimento

de que há “algumas pessoas” que permaneceram fiéis, tudo isso lembra a linguagem profética sobre o Remanescente em um tempo de apostasia (Isa. 1:5-23; 6:9-13; 65:8-16; Jr. 7:1-7; 8:11-12; Ez. 37:1-14), assim como o aviso de juízo iminente (Isa. 1:24-31; 2:12-21; 26:20-21; Jer. 4:5-31; 7:12-15; 11:9-13; Mq. 1:2-7; Sf. 1.)

6. *Filadélfia* (3:7-13). O Retorno do Exílio sob Esdras e Neemias é refletido nesta mensagem, que fala na imagem da sinagoga e da reconstrução de Jerusalém e do Templo (cf. as profecias de Ageu, Zacarias e Malaquias). Os cristãos de Filadélfia, como os judeus que retornam, têm “um pouco de poder”. A referência à “sinagoga de Satanás, que se dizem judeus, e não são” relembra os conflitos com “falsos judeus” em Esdras 4 e Neemias 4, 6 e 13. O aviso de uma vindoura “hora de provação [...] que está prestes a vir sobre o mundo inteiro, para provar aqueles que habitam na Terra” nos lembra da tribulação sofrida sob Antíoco Epifânio (cf. Dn. 8 e 11). Mas Cristo promete ao vencedor que ele será feito “uma coluna no Templo” e compartilhará das bênçãos da “Nova Jerusalém”.

7. *Laodiceia* (3:14-22). O período dos Últimos Dias (30-70 d.C.) fornece os motivos para a sétima e última mensagem. A igreja “morna”, ostentando sua riqueza e autossuficiência, mas cega à sua pobreza e nudez reais, é uma imagem adequada do judaísmo farisaico do primeiro século (Lc. 18:9-14; cf. Ap. 18:7). Sendo avisada de que está prestes a ser vomitada da Terra (a maldição de Lv. 18:24-28; cf. Lc. 21:24), Israel é instada a se arrepender e aceitar Cristo, oferecido na refeição eucarística. Aqueles que vencem recebem a bênção característica da era trazida pela Nova Aliança: domínio com Cristo (cf. Ef. 1:20-22; 2:6; Ap. 1:6).

A Estrutura do Apocalipse Prenunciada

Por fim, as mensagens para as sete igrejas também contêm um esboço em miniatura de toda a profecia. Como notamos, as quatro seções do Apocalipse após o Preâmbulo (Capítulo 1) são estruturadas em termos das quatro maldições sétuplas da Aliança, estabelecidas em Levítico 26:18, 21, 24, 28. Esses quatro conjuntos de juízos no Apocalipse podem ser resumidos da seguinte forma:

1. *Juízo sobre os Falsos Apóstolos* (2-3). Mestres heréticos que propagam falsas doutrinas são expostos, condenados e excomungados por São João e aqueles que são fiéis à verdadeira tradição Apostólica.

PARTE II: AS SETE CARTAS

2. *Juízo sobre o Falso Israel (4-7)*. O Israel apóstata, que está perseguindo os santos, é condenado e punido; o Remanescente crente é protegido do juízo, herda as bênçãos da Aliança e enche a terra com frutos.
3. *Juízo sobre o Rei Maligno e o Falso Profeta (8-14)*. A Besta e o Falso Profeta travam guerra contra a Igreja e são derrotados pelo Verdadeiro Rei e Seu exército de testemunhas fiéis.
4. *Juízo sobre a Prostituta Real (15-22)*. Babilônia, a Falsa Noiva, é condenada e queimada, e a Verdadeira Noiva celebra a Ceia das Bodas do Cordeiro.

Este é o mesmo padrão geral que encontramos nas primeiras quatro mensagens:

1. Éfeso: *Juízo sobre o Falsos Apóstolos (2:1-7)*. Os conflitos de todas as sete igrejas são evidentes na luta desta igreja contra os nicolaítas, “aqueles que se dizem apóstolos, mas não são”.
2. Esmirna: *Juízo sobre o Falso Israel (2:8-11)*. Os esmirniotas estão sofrendo com a oposição “[d]aqueles que dizem ser judeus e não são, mas são uma sinagoga de Satanás”.
3. Pérgamo: *Juízo sobre o Rei Maligno e o Falso Profeta (2:12-17)*. Esta igreja está passando por perseguição e tentação das contrapartes do primeiro século de “Balaque”, o rei maligno de Moabe, e do falso profeta “Balaão”.
4. Tiatira: *Juízo sobre a Prostituta Real (2:18-29)*. A líder dos hereges, que induz os servos de Deus à idolatria e à fornicção, recebeu esse nome em homenagem a Jezabel, a rainha adúltera do antigo Israel.

O ciclo agora começa de novo, de modo que essas quatro primeiras mensagens são “recapituladas” nas últimas três, mas com atenção a detalhes diferentes. Para entender isso, precisamos começar da primeira mensagem novamente. As descrições de Cristo de São João no preâmbulo de cada mensagem são extraídas daquelas na visão do Filho do Homem no Capítulo 1. Mas sua ordem é quiástica (isto é, ele aborda cada ponto na ordem inversa). Assim:

A Visão do Filho do Homem

A. Seus olhos eram *como chama de fogo*, e Seus pés eram *como bronze polido* (1:14-15).

B. De Sua boca saía uma *espada afiada de dois gumes* (1:16).

C. Eu sou *o Primeiro e o Último*, e o *Vivente*; e *estive morto*, mas eis que estou vivo para todo o sempre, *Amém*; e tenho *as chaves* da Morte e do Hades (1:17-18).

D. O mistério das sete estrelas que viste na minha *destra*, e *dos sete candelabros de ouro* (1:20).

As Cartas às Sete Igrejas

D. **Éfeso** Aquele que segura *as sete estrelas* em Sua *destra*, Aquele que anda em meio *aos sete candelabros de ouro* (2:1).

C. **Esmirna** O *Primeiro e o Último*, que *estava morto*, e reviveu (2:8).

B. **Pérgamo** Aquele que tem a *espada afiada de dois gumes* (2:12).

A. **Tiatira** O Filho de Deus, que tem *olhos como chama de fogo*, e Seus pés são como *bronze polido* (2:18).

D. **Sardes** Aquele que tem os sete Espíritos de Deus, e *as sete estrelas* (3:1).

C. **Filadélfia** Aquele que é santo, que é verdadeiro, que tem a *chave* de Davi, que abre e ninguém fechará, e que fecha e ninguém abrirá (3:7).

C. **Laodiceia** O *Amém*, a Testemunha fiel e verdadeira, o Princípio da criação de Deus (3:14).⁴

A repetição do padrão geral é reforçada por outros pontos de similaridade. O paralelo entre Esmirna e Filadélfia pode ser visto também no fato de que ambas lidam com a “sinagoga de Satanás”; e a associação dos “sete candelabros” de Éfeso com os “sete Espíritos de Deus” de Sardes é levada em conta no capítulo seguinte, durante a visão de São João do Trono celestial: “E havia sete lâmpadas de fogo queimando diante do Trono, que são os sete Espíritos de Deus” (4:5).

⁴ Esperaríamos que São João modelasse o Preâmbulo de Laodiceia seguindo B (ou talvez até A) em vez de C; por alguma razão, ele escolheu não tornar a estrutura simétrica.

2

O ESPÍRITO DIZ À IGREJA: VENÇA!

Éfeso: Juízo sobre os Falsos Apóstolos (2:1-7)

- 1 Ao anjo da igreja em Éfeso escreve: Isto diz Aquele que segura as sete estrelas em Sua destra, Aquele que anda em meio aos sete candelabros de ouro:
- 2 Conheço as tuas obras, e o teu labor e a tua perseverança, e que não podes suportar os homens maus – que puseste à prova os que se dizem apóstolos, mas não são, e os descobriste mentirosos.
- 3 E tens perseverança, e suportaste adversidades por causa do meu nome, e não te cansaste.
- 4 Mas tenho contra ti isto: abandonaste o teu primeiro amor.
- 5 Lembra-te, pois, de onde caíste, e arrepende-te, e pratica as obras que fizeste no princípio; se não, rapidamente virei a ti, e removerei o teu candelabro de seu lugar – a menos que te arrependas.
- 6 No entanto, tens isto: odeias as obras dos nicolaítas, as quais eu também odeio.
- 7 Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas. Ao que vencer, darei de comer da Árvore da Vida, que está no Paraíso do meu Deus.

1 A cidade de Éfeso era a cidade mais importante da Ásia Menor, tanto na política quanto no comércio. Era também um importante centro cultural, ostentando atrações como arte, ciência, bruxaria, idolatria, gladiadores e perseguição. A rua principal ia do porto até o teatro e, no caminho, o visitante passava pelo ginásio e pelos banhos públicos, pela biblioteca pública e pelo bordel público. Seu templo para Ártemis (ou Diana – a deusa da fertilidade e da “natureza selvagem”) era uma das Sete Maravilhas do mundo antigo. São Lucas nos conta outro fato interessante sobre a cidade, que tem uma relação importante com as Sete Mensagens como um todo: Éfeso era um viveiro de ocultismo e artes mágicas *judaicas* (Atos 19:13-15, 18-19). Por todo o mundo do primeiro século, o judaísmo apóstata estava se acomodando a inúmeras ideologias e práticas pagãs, desenvolvendo as primeiras cepas do que mais tarde veio a ser conhecido

como gnosticismo – vários híbridos de sabedoria oculta, conhecimento rabínico, religião de mistério e ascetismo ou licenciosidade (ou ambos), todos misturados com uns poucos vestígios de doutrina cristã.¹ Esse charlatanismo religioso híbrido foi, sem dúvida, um terreno fértil primário para as heresias que afligiam as igrejas da Ásia Menor.

No entanto, apesar de toda a depravação multiforme dentro de Éfeso (cf. Ef. 4:17-19; 5:3-12), o Senhor Jesus Cristo havia estabelecido Sua Igreja lá (At. 19); e, nesta mensagem, Ele assegura ao anjo da congregação que Ele **segura as sete estrelas em Sua destra**, sustentando e protegendo os governantes que Ele ordenou: “Ele os enche de luz e influência”, diz o *Comentário* de Matthew Henry; “Ele os sustenta, ou então eles logo se tornariam estrelas cadentes.”² Ele também **anda em meio aos candelabros**, as igrejas, guardando-as e examinando-as, e conectando-as umas às outras por meio de sua unidade Nele. “E eu estabalecerei o meu tabernáculo no meio de vós, e a minha alma não vos abominará. E eu andarei no meio de vós, e eu serei o vosso Deus, e vós sereis o meu povo.” (Lv. 26:11-12).

2-3 A igreja em Éfeso era bem conhecida por seu **labor** e trabalho árduo pela fé, e sua **perseverança** diante da oposição e apostasia, tendo **suportado adversidades** pelo nome de Cristo. Esta era uma igreja que não conhecia o significado de rendição, disposta a adotar uma posição forte pela ortodoxia, independentemente do preço. (É digno de nota que, de todas as epístolas de Paulo às igrejas, apenas aquela aos *Efésios* não menciona uma única questão doutrinária que precisasse de correção apostólica.) Os líderes da igreja não tinham medo de disciplinar os **homens maus**. Eles sabiam da importância dos julgamentos de heresia e excomunhões, e parece que esta igreja teve uma boa parte de ambos: seus líderes **provaram** os falsos “apóstolos” e os condenaram. Os anciãos de Éfeso atenderam bem à exortação que Paulo lhes dera (At. 20:28-30): “Tenham cuidado, pois, de vós mesmos, e de todo o rebanho, sobre o qual o Espírito Santo vos constituiu supervisores, para alimentardes a igreja de Deus, que ele comprou com seu próprio sangue. Porque eu sei que, após

¹ Veja Elizabeth Schüssler Fiorenza, *The Book of Revelation: Justice and Judgment* (Philadelphia: Fortress Press, 1985), pp. 114-32. Para um exemplo do tipo de literatura insana que esse movimento produziu, veja James M. Robinson, ed., *The Nag Hammadi Library* (San Francisco: Harper & Row, Publishers, 1977).

² Matthew Henry, *Commentary on the Whole Bible* (New York: Fleming H. Revell Co., n.d.), vol. VI, pg. 1123.

a minha partida, lobos vorazes entrarão no meio de vós, não poupando o rebanho. E também dentre vós mesmos se levantarão homens que falarão coisas perversas, para atraírem os discípulos após eles.”

Quarenta anos depois, esta igreja ainda era renomada por sua ortodoxia, como Santo Inácio (martirizado em 107 d.C.) observou em sua carta aos Efésios: “Vós todos viveis segundo a verdade, [e] nenhuma heresia se aninha entre vós [e] não dais ouvido a ninguém que vos fale de qualquer coisa, a não ser de Jesus Cristo na verdade. [...] Eu soube que por aí passaram alguns, levando mau ensinamento. Vós, porém, não os deixaste semear em vosso meio, tapando os ouvidos para não receber o que eles semeiam. [...] [Vós sois] ornados em tudo com os mandamentos de Jesus Cristo.”³

Há vários paralelos marcantes nestes versículos: Cristo diz à igreja: “Conheço [...] teu **labor** [literalmente, **cansaço**] e a tua **perseverança**, e que não podes **suportar** os homens maus [...] E tens **perseverança** e **suportaste** adversidades por Minha causa, e não te **cansaste**.”

4-6 No entanto, o Senhor repreende o anjo: **Tenho contra ti isto: abandonaste o teu primeiro amor**. O desejo da igreja por sã doutrina se pervertera num endurecimento contra seus irmãos em Cristo, de modo que lhes faltava amor. É importante observar que mesmo a preocupação mais rigorosa com a ortodoxia não significa automaticamente uma ausência de amor. Apenas uma perversão da ortodoxia é que resulta em dureza para com os irmãos. Cristo não critica os efésios por serem “muito ortodoxos”, mas por abandonarem, deixarem o amor que tinham no início. A questão de “doutrina *versus* amor” é, biblicamente falando, uma questão irrelevante. Na realidade, é um dilema especificamente pagão, buscando separar o que Deus uniu. Os cristãos devem ser ortodoxos e amorosos, e a falta de qualquer destes acabará resultando no juízo de Deus.

Lembra-te, portanto, de onde caíste: os efésios já tiveram uma combinação harmoniosa de amor e ortodoxia doutrinária, e Cristo os chama para se **arrependerem**, para mudarem de ideia sobre suas ações e **praticarem as obras que fizeram no princípio**. O amor não é simplesmente um estado de espírito ou uma atitude; o amor é ação em termos da lei de Deus: “Nisto sabemos que amamos os filhos de Deus, quando amamos a Deus e guardamos os seus mandamentos. Porque este é o amor de

³ Sto. Inácio, *Efésios* 6, 9.

Deus: que guardemos os seus mandamentos; e os seus mandamentos não são pesados.” (1 Jo. 5:2-3; cf. Rm. 13:8-10). O antídoto de Cristo para o mal-estar espiritual da Noiva não é simplesmente uma exortação para mudar sua disposição interior como tal. Em vez disso, Ele ordena que ela mude suas ações, que realize as obras que caracterizaram seu romance com o Noivo no início. Atitudes de arrependimento nutrirão e cultivarão uma disposição interior de arrependimento.

Se eles não se arrependem, no entanto, Cristo avisa: **Virei a ti** em juízo – um alerta declarado por mais três vezes nessas cartas (2:16; 3:3, 11). Como vimos anteriormente (1:7), a **Vinda** de Cristo não se refere simplesmente a um cataclismo no final da história, mas sim às Suas vindas na história. Na realidade, Ele alerta que virá **rapidamente**, um termo enfatizado por suas sete ocorrências em Apocalipse (2:5, 16; 3:11; 11:14; 22:7, 12, 20). O Senhor não está ameaçando a igreja em Éfeso com Sua Segunda Vinda; Ele está dizendo que virá contra *eles*: **Removerei o teu candelabro de seu lugar**. A influência deles será tirada e, de fato, eles deixarão de ser uma igreja. Por falta de amor, toda a congregação está em perigo de excomunhão. Se os presbíteros de uma igreja não conseguirem disciplinar e discipular a igreja em direção ao amor, bem como em direção à ortodoxia doutrinária, o próprio Jesus Cristo intervirá e administrará o juízo – e, nessa altura, pode muito bem ser tarde demais para o arrependimento.

É provável que São João estivesse usando um importante “evento contemporâneo” na vida de Éfeso como base parcial para essa imagem. A linha costeira alterava-se continuamente por causa dos sedimentos trazidos pelo rio Caístro nas proximidades; areia e seixos progressivamente preencheram o porto, ameaçando transformá-lo em um pântano. A cidade corria o risco de ser, para todos os efeitos, **removida de seu lugar**, completamente isolada do mar. Dois séculos antes, um enorme projeto de engenharia havia dragado o porto, ao custo de muito **labor, perseverança e adversidades**. Em meados do primeiro século, no entanto, o porto estava novamente se enchendo de lodo. Tornou-se aparente que, se Éfeso quisesse manter sua influência como um porto marítimo, os cidadãos teriam de se **arrepender** de sua negligência e **fazer as primeiras obras** novamente. Em 64 d.C., a cidade finalmente começou a dragar o porto, e Éfeso permaneceu em seu lugar pelos anos seguintes. (Ao longo dos séculos posteriores, permitiu-se que o assoreamento continuasse sem impedimentos. Hoje, o mar está a quase 10 quilômetros de distância das

ruínas de Éfeso, e o que antes era o porto de Éfeso agora é uma planície coberta de relva e assolada pelos ventos.)⁴

Mas um retorno ao amor não implica em nenhuma redução dos padrões teológicos (num sentido real, significa uma elevação e reforço de um padrão teológico pleno). O verdadeiro amor por Cristo e Seu povo requer o ódio ao mal, e o Senhor os elogia por sua firmeza nisto: **6 No entanto, tens isto: odeias as obras dos nicolaítas, as quais eu também odeio.** De acordo com Santo Irineu, bispo do século II, “os nicolaítas tiveram por mestre Nicolau, um dos sete primeiros diáconos ordenados pelos apóstolos [At. 6:5]. Vivem desordenadamente [...] porquanto ensinam que a fornicção e o comer carne oferecida aos ídolos são coisas indiferentes.”⁵ Se Santo Irineu estiver correto aqui – seu ponto de vista é certamente discutível⁶ – o diácono Nicolau (em grego, *Nikolaos*) apostatou e se tornou um “falso apóstolo”, buscando levar outros à heresia e a ceder ao paganismo.

Uma coisa é óbvia: São João está chamando a facção herética em Éfeso em homenagem a alguém chamado Nikolaos (mesmo se admitirmos que Santo Irineu estava confuso sobre sua identidade). Sua razão parece ser baseada em considerações linguísticas, pois em grego *Nikolaos* significa *Conquistador do povo*. Curiosamente, na terceira das sete mensagens, São João menciona um grupo de hereges em Pérgamo, a quem ele chama de seguidores de “Balaão” (2:14). Em hebraico, *Balaão* significa *Conquistador do povo*. São João está fazendo um jogo de palavras, ligando os “nicolaítas” de Éfeso com os “balaamitas” de Pérgamo; na verdade, ele nos diz claramente em 2:14-15 que suas doutrinas são as mesmas. Assim como *Nikolaos* e *Balaão* são equivalentes linguísticos um do outro (cf. a mesma técnica em 9:11), eles também são equivalentes teológicos. Os “nicolaítas” e os “balaamitas” são participantes do mesmo culto herético.

Esta conclusão é reforçada por uma conexão adicional. Quando comparamos os ensinamentos reais da heresia nicolaíta/balaamita com aque-

⁴ William J. McKnight, *The Apocalypse: A Reappearance*, Vol. I: *John to the Seven Churches* (Boston: Hamilton Brothers, Publishers, 1927), pp. 8lff.; C. J. Hemer, “Seven Cities of Asia Minor”, em R. K. Harrison, ed., *Major Cities of the Biblical World* (Nashville: Thomas Nelson Publishers, 1985), pg. 236.

⁵ Santo Irineu, *Contra as Heresias* 1:26:3 (Editora Paulus, 2014).

⁶ É discutível por dois motivos: primeiro, a questão de se o “Nicolau” de Éfeso era realmente o diácono de Jerusalém; segundo, se a “fornicação” e os banquetes idólatras (v. 14, 20) devem ser tomadas literalmente.

les da facção de “Jezabel” na igreja de Tiatira, mencionada na quarta mensagem (2:20), descobrimos que suas doutrinas são idênticas entre si. Portanto, parece haver uma heresia em particular que é o foco dessas mensagens às igrejas durante os Últimos Dias, uma heresia que buscava seduzir o povo de Deus à idolatria e à fornicção. Como São Paulo havia predito, lobos surgiram de dentro da comunidade cristã tentando devorar as ovelhas, e era dever dos pastores/anjos estarem em guarda contra eles e expulsá-los da Igreja. Jesus Cristo declara que Ele **odeia** as obras dos nicolaítas; Seu povo deve demonstrar Sua imagem amando o que Ele ama e odiando o que Ele odeia (cf. Sl. 139:19-22).

7 Como em cada uma dessas mensagens, a carta à igreja em Éfeso conclui exortando-os a **ouvir o que o Espírito diz às igrejas**. Embora as mensagens sejam diferentes, em termos das necessidades de cada congregação, o Espírito, na realidade, emite um comando básico: **Vença!** O verbo grego é *nikao*, o mesmo que a raiz de *Nicolaíta*; Cristo encarrega Sua igreja da responsabilidade de vencer aqueles que buscam vencê-la. Um lado ou outro será o vencedor nesta batalha. A oposição de Satanás às igrejas surgirá de várias formas, e diferentes igrejas (e diferentes eras da Igreja) terão diferentes problemas a enfrentar, diferentes inimigos a vencer. Mas não importa quais sejam os problemas específicos que ela enfrenta, cada igreja está sob mandato divino de conquistar e subjugar completamente sua oposição. O dever de vencer não é algo reservado a uns poucos “super cristãos” seletos que se “dedicaram” a Deus além dos requisitos comuns para os cristãos. Todos os cristãos são vencedores: *Porque todo o que é nascido de Deus vence o mundo; e esta é a vitória que vence o mundo, a nossa fé.* (1 João 5:4). Os cristãos falados em Apocalipse venceram o diabo “por causa do sangue do Cordeiro e por causa da Palavra do seu testemunho” (12:11). A questão não é de vitória ou derrota. A questão é vitória ou traição.

O cristão vence; e a ele Cristo concede o privilégio de **comer da Árvore da Vida, que está no Paraíso do Meu Deus**. Esta não é apenas uma esperança sobrenatural. Embora a consumação completa desta promessa seja trazida no fim da história, é uma posse presente e crescente do povo de Deus, à medida que obedecem ao seu Senhor e assumem o domínio sobre a terra. Pois a Árvore da Vida é o próprio Jesus Cristo, e participar

da Árvore é possuir as bênçãos e benefícios da salvação.⁷ Em Cristo, o cristão vencedor tem o *Paraíso Restaurado*, nesta vida e para sempre.

Esmirna: Juízo sobre o Falso Israel (2:8-11)

- 8 E ao anjo da igreja em Esmirna escreve: Isto diz o Primeiro e o Último, que estava morto e reviveu:
- 9 Conheço as tuas obras, e a tua tribulação, e a tua pobreza (mas tu és rico), e a blasfêmia dos que se dizem judeus e não são, mas são uma sinagoga de Satanás.
- 10 Não temas o que estás prestes a padecer. Eis que o diabo está prestes a lançar alguns de vós na prisão, para que sejais provados, e tereis uma tribulação de dez dias. Sê fiel até à morte, e dar-te-ei a coroa da vida.
- 11 Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas. O que vencer não receberá o dano da segunda morte.

8 Havia duas características de Esmirna que significavam problemas severos para a igreja ali. Primeiro, o povo da cidade era fortemente devoto ao culto ao Imperador; e, segundo, Esmirna tinha uma grande população de judeus que eram hostis à fé cristã. Para esta igreja fiel, sofrendo poderosamente sob as perseguições desses incrédulos, Jesus Cristo anuncia a Si mesmo como **o Primeiro e o Último**, um nome para Deus tirado de Isaías 44:6 e 48:12. É óbvio pelos contextos desses versículos que a expressão identifica Deus como o Senhor supremo e Determinador da história, o Planejador e Controlador de toda a realidade. A doutrina bíblica da predestinação, quando corretamente entendida, não deve ser uma fonte de medo para o cristão; ao contrário, é uma fonte de consolo e segurança.

O oposto da doutrina da predestinação não é a liberdade, mas a falta de sentido; se os mínimos detalhes de nossas vidas não fazem parte do

⁷ A Cruz por muito tempo tem sido na arte cristã como um símbolo para a Árvore da Vida. Há fortes evidências, no entanto, de que Cristo foi, na realidade, crucificado em uma árvore viva (com seus pulsos pregados no patíbulo que ele carregava e seus pés pregados no tronco; cf. At. 5:30; 10:39; 13:29; Gl. 3:13; I Pe. 2:24 [traduções em inglês vertem o gr. *xulon* como *tree*, i.e., 'árvore', lit. – N. R.]). O símbolo da Cruz é simplesmente uma árvore estilizada, e foi frequentemente retratada em igrejas e tumbas com ramos e folhas crescendo a partir dela. Veja a obra fascinante e informativa de Ernest L. Martin, *The Place of Christ's Crucifixion: Its Discovery and Significance* (Pasadena: Foundation for Biblical Research, 1984), pp. 75-94.

Plano de Deus, se não são *fatos criados* com uma importância divinamente determinada, então eles não podem ter sentido algum. Eles não podem estar “cooperando para o bem”. Mas o cristão que entende a verdade da soberania de Deus tem a certeza de que nada em sua vida é sem sentido e propósito – que Deus ordenou todas as coisas para Sua glória e para o nosso bem supremo. Isso significa que até mesmo nossos sofrimentos são parte de um Plano consistente; que, quando sofremos oposição, não precisamos ter medo de que Deus tenha nos abandonado. Podemos estar seguros no conhecimento de que, uma vez que fomos “chamados de acordo com o seu propósito” (Rm. 8:28), todas as coisas em nossa vida são um aspecto necessário desse propósito. Martinho Lutero disse: “Assim, pois, em primeiro lugar é necessário e salutar que o cristão saiba também que Deus de nada tem presciência de modo contingente; antes, ele prevê, se propõe e faz tudo com vontade imutável, eterna e infalível. [...] Este, pois, é o único e supremo consolo dos cristãos em todas as adversidades: saber que Deus não mente, mas faz tudo imutavelmente, e que a sua vontade não se pode resistir e que não se pode mudá-la ou impedi-la.”⁸

Cristo não apenas é o Primeiro e o Último, mas Ele **estava morto e reviveu**: Ele é completamente vitorioso sobre a morte e a sepultura como as “primícias” de todos aqueles que morrem no Senhor (1 Co. 15:20-22), garantindo nossa ressurreição também, de modo que até mesmo “a morte foi tragada em vitória” (1 Co. 15:54). Independentemente da força e crueldade de seus perseguidores, os cristãos em Esmirna não podem ser derrotados, nem nesta vida, nem na próxima.

9-10 Mas não era fácil ser um cristão em Esmirna. Certamente, eles não foram “arrebataados” de sua **tribulação**; e isso muitas vezes significava **pobreza** também, por causa do seu posicionamento em nome da fé. Talvez eles tenham sido sujeitos ao confisco de suas propriedades (cf. Hb. 10:34) ou vandalismo; também é provável que eles tenham sido alvos de um boicote econômico por conta de sua recusa em se alinhar aos adoradores pagãos do Estado ou aos judeus apóstatas (cf. 13:16-17). No entanto, em sua pobreza, eles eram **ricos** no sentido mais básico e supremo: considerados pelo mundo “como pobres, mas enriquecendo a muitos; como nada tendo, e todavia possuindo todas as coisas.” (2 Co. 6:10). **Conheço**

⁸ Martinho Lutero, *Da Vontade Cativa*, em *Martinho Lutero – Obras Seleccionadas*, vol. 4, trad. Luís H. Dreher, et al (Comissão Interluterana de Literatura, 1993), pg. 30, 34.

tudo sobre o que vocês suportam, seu Senhor lhes assegura; Ele se identifica com eles em seus sofrimentos, a ponto de que “em toda a aflição deles, ele foi afligido” (Is. 63:9; cf. v. 2-3). Como o teólogo puritano John Owen observou, todas as nossas perseguições “são Dele em primeiro lugar, nossas apenas por participação” (cf. Cl. 1:24).⁹

E ele conhece tudo sobre a **blasfêmia** de seus perseguidores também – **aqueles que se dizem judeus e não são**. Aqui, o Senhor é explícito sobre a identidade da oposição enfrentada pela Igreja primitiva: Aqueles que são, doutra maneira, conhecidos como nicolaítas, os seguidores dos falsos apóstolos Balaão e Jezabel, são definidos aqui como aqueles que afirmam ser judeus, filhos de Abraão, mas que, na realidade, são filhos do diabo. Esses são os israelitas que rejeitaram a Cristo e, portanto, rejeitaram o Deus de Abraão, Isaque e Jacó. Um mito popular sustenta que os judeus não-cristãos são verdadeiros crentes no Deus do Antigo Testamento, e que só precisam “adicionar” o Novo Testamento à sua religião que, de outra forma, já seria adequada. Mas o próprio Novo Testamento é inflexível neste ponto: os judeus não-cristãos não são crentes em Deus, mas são apóstatas violadores do pacto. Como Jesus disse aos judeus que O rejeitaram: “Se fôsseis filhos de Abraão, faríeis as obras de Abraão. Mas agora procurais matar-me [...] Vós fazeis as obras de vosso pai. [...] Vós tendes por pai ao diabo, e quereis satisfazer os desejos de vosso pai. Ele foi homicida desde o princípio, e não se firmou na verdade, porque não há verdade nele. Quando ele profere mentira, fala do que lhe é próprio, porque é mentiroso, e pai da mentira.” (Jo. 8:39-44, ACF). A verdade é que não existe um judeu “ortodoxo”, a menos que seja cristão; pois se os judeus cressem no Antigo Testamento, criariam em Cristo. Se um homem não crê em Cristo, ele também não crê em Moisés (Jo. 5:46).

São Paulo escreveu: “Porque não é judeu o que o é exteriormente, nem é esta circuncisão, que é exteriormente na carne. Mas é judeu o que o é no interior, e a circuncisão é a do coração, no espírito, e não na letra; cujo louvor não é de homens, mas de Deus” (Rm 2:28-29). Por esta razão, São Paulo foi ousado o suficiente para usar esta linguagem para alertar as igrejas contra as seduições dos judeus apóstatas: “Cuidado com os cães, aqueles que praticam o mal, os mutiladores que exigem a circuncisão. Pois nós, que adoramos por meio do Espírito de Deus, somos os verdadeiros

⁹ John Owen, *Works*, 16 vols., William H. Goold, ed. (Edinburgh: The Banner of Truth Trust, [1850-53] 1965-68), Vol. 2, pg. 145.

circuncidados. Alegremo-nos no que Cristo Jesus fez por nós. Não colocamos nenhuma confiança nos esforços humanos.” (Fp. 3:2-3, NVT). A expressão traduzida como *verdadeiros circuncidados* é, no grego, simplesmente *circuncisão*, significando um *corte ao redor*; a falsa circuncisão é descrita como *mutilação*, literalmente *concisão*, significando um *corte em pedaços*. A circuncisão dos judeus, o sinal do pacto em que eles confiavam, era, na realidade, um emblema de sua própria mutilação e destruição espiritual, o sinal de que, por meio de sua própria rebelião, haviam herdado as maldições pactuais. O corte do prepúcio sempre foi uma marca de condenação. Para os justos, a aplicação ritual da ira de Deus significava que eles não passariam por sua terrível realidade; para os desobedientes, no entanto, era uma antecipação das coisas que viriam, um sinal certo da destruição total que os aguardava.

Quem é o verdadeiro judeu, então? Quem pertence ao verdadeiro Israel? De acordo com o claro ensino do Novo Testamento, a pessoa (independentemente de sua herança étnica) que foi vestida com Jesus Cristo é a herdeira das promessas a Abraão e possui as bênçãos do Pacto (Rm. 11:11-24; Gl. 3:7-9, 26-29). Mas uma congregação de apóstatas e perseguidores nada mais é, como diz nosso Senhor, do que **uma sinagoga de Satanás**. **Satanás** significa *Acusador*, e a história cristã primitiva está repleta de exemplos de falso testemunho satânico dos judeus contra a Igreja Cristã (At. 6:9-15; 13:10; 14:2-5; 17:5-8; 18:6, 12-13; 19:9; 21:27-36; 24:1-9; 25:2-3, 7). Este ponto é ressaltado pela declaração de que alguns deles seriam lançados na prisão **pelo diabo** (significando *o Caluniador*).

Porque Aquele que conhece seus sofrimentos é também o Primeiro e o Último, o que controla todas as coisas, Ele pode dar o consolo autoritativo: **Não temas o que estás prestes a padecer**. Alguns dos cristãos de Esmirna logo seriam **lançados na prisão** por instigação dos judeus; mas Cristo lhes assegura que isso também é uma parte do grande conflito cósmico entre Cristo e Satanás. As perseguições infligidas a eles pelos judeus aliados ao Império Romano têm sua origem **no diabo**, em sua hostilidade aos seguidores de Jesus Cristo, em suas tentativas frenéticas de mater os restos de seu reino dilacerado. Ele está travando desesperadamente uma batalha perdida contra a marcha implacável das hordas de uma nação de reis e sacerdotes que está predestinada à vitória.

E assim, por trás até mesmo das tentativas do diabo de nos derrubar está o decreto absoluto de Deus. Satanás inspirou os caldeus a roubar os

rebanhos de Jó, e ainda assim a resposta justa de Jó foi: “o SENHOR o deu, e o SENHOR o tomou. Abençoado seja o nome do SENHOR.” (Jó 1:21).¹⁰ Então o propósito divinamente ordenado para a atividade perversa do diabo é **que você seja provado**: como Samuel Rutherford escreveu, “o diabo é apenas o mestre esgrimista de Deus, para nos ensinar a manejar nossas armas.”¹¹ As provações dos cristãos não são ordenadas em última instância por Satanás, mas por Deus; e o resultado não é destruição, mas pureza (cf. Jó 23:10; 1 Pe. 4:12-19). A **tribulação** da igreja em Esmirna seria feroz, mas relativamente curta em duração: **dez dias**. Daniel e seus três amigos foram provados por dez dias, mas passaram no teste e foram promovidos a altos privilégios (Daniel 1:11-21). Da mesma forma, a perseguição judaica à igreja em Esmirna seria permitida a continuar por apenas um pouco mais de tempo, e então a igreja estaria livre: Dez dias de tribulação em troca de mil anos de vitória (20:4-6). Mesmo assim, o tempo de provação custaria a vida de muitos na igreja, e eles são exortados a **serem fiéis até a morte**, a fim de ganhar **a coroa da vida**. Esta não é uma bênção reservada para alguma classe incomumente consagrada de cristãos, pois todos os cristãos devem ser fiéis até a morte. A Bíblia simplesmente não conhece nenhum outro tipo de cristão. “Se perseveramos, também com ele reinaremos; se o negamos, ele, por sua vez, nos negará” (2 Tm. 2:12, ARA). “E sereis odiados de todos os homens por causa do meu nome”, disse Jesus; “mas aquele que perseverar até o fim será salvo.” (Mt. 10:22). A coroa da vida é a própria salvação.

11 O cristão fiel que **vencer** a oposição e a tentação **não receberá o dano da Segunda Morte**. O fato de que isso foi dito originalmente a uma igreja do primeiro século nos ajuda a entender o significado de outra passagem neste livro. Apocalipse 20:6 afirma que aqueles que não são feridos pela “Segunda Morte” são os mesmos que participam da “Primeira Ressurreição”, e que eles são sacerdotes e reis com Cristo – uma bênção que São João já afirmou ser uma realidade presente (1:6). Necessariamente, portanto, a Primeira Ressurreição não pode se referir à ressurreição física no fim do mundo (1 Co. 15:22-28). Em vez disso, deve se referir ao que São Paulo ensinou claramente em sua epístola aos Efésios: “Estando

¹⁰ Veja os comentários de João Calvino sobre essa passagem em suas *Institutas da Religião Cristã*, Lv. II, cap. IV, sec. 2.

¹¹ *The Letters of Samuel Rutherford*, Frank E. Gaebelin, ed. (Chicago: Moody Press. 1951), p. 219.

vós mortos em ofensas e pecados [...] Mas Deus, que é riquíssimo em misericórdia, [...] estando *nós ainda mortos* em nossas ofensas, nos vivificou juntamente com Cristo (pela graça sois salvos), *e nos ressuscitou juntamente com ele*” (Ef. 2:1,4-6, ACF). O cristão, em todas as eras, é um participante da Primeira Ressurreição para uma nova vida em Cristo, tendo sido purificado de sua (primeira) morte em Adão.¹² Ele “tem a vida eterna, e não entrará em condenação, mas já passou da morte para a vida” (Jo. 5:24).

Pérgamo: Juízo sobre o Falso Profeta e o Rei Ímpio (2:12-17)

- 12 E ao anjo da igreja em Pérgamo escreve: Isto diz Aquele que tem a espada afiada de dois gumes:
- 13 Conheço as tuas obras, e onde habitas, onde está o trono de Satanás; e reténs o Meu nome, e não negaste a Minha fé, mesmo nos dias de Antipas, Minha fiel testemunha, o qual foi morto entre vós, onde Satanás habita.
- 14 Mas tenho contra ti algumas coisas, porque tens aí os que seguem a doutrina de Balaão, o qual ensinava Balaque a pôr pedra de tropeço diante dos filhos de Israel, para comerem coisas sacrificadas aos ídolos e cometerem fornicção.
- 15 Assim, tens também os que da mesma forma seguem o ensino dos nicolaítas.
- 16 Arrepende-te, pois; ou então virei a ti rapidamente, e contra eles guerrearei com a espada da Minha boca.
- 17 Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas. Ao vencedor darei do maná escondido, e lhe darei uma pedra branca, e um novo nome escrito na pedra, o qual ninguém conhece, senão aquele que o recebe.

12 Pérgamo era outra importante cidade asiática, e abrigava diversos falsos cultos populares, sendo os mais proeminentes os de Zeus, Dionísio, Asclépio (o deus-serpente que foi oficialmente designado *Salvador*), e, mais importante, o culto a César. Pérgamo ostentava templos magníficos para os Césares e para Roma, e “de todas as sete cidades, Pérgamo era

¹² Claro, também haverá uma segunda ressurreição (física) no final da história, mas isso não é mencionado em Apocalipse 20:6. Veja João 5:24-29, onde Cristo discute ambas as ressurreições.

aquela em que a igreja era mais propensa a entrar em conflito com o culto imperial.”¹³

Para este grande centro de estatismo deificado, Cristo anuncia a Si mesmo como **Aquele que tem a espada afiada de dois gumes**. Roma reivindicou para si a posição de Criador e Definidor de tudo: o poder do Império sobre a vida e a morte era absoluto e final. Mas, enquanto Roma afirmava que seu direito de execução era inato, a mensagem do cristianismo era que todo poder e autoridade fora do Deus trino provém d’Ele – os vários governantes e autoridades são *criados* e recebem seu domínio de Deus (Rm. 13:1-4). É Jesus Cristo quem exerce todo o poder no céu e na terra (Mt. 28:18), e o poder supremo da espada pertence a Ele. Como o Soberano Senhor e Governante dos reis da terra (1:5), Ele estabeleceu a lei para as nações. Se os governantes não aplicarem e fizerem cumprir Seus comandos em toda a sua jurisdição divinamente ordenada, Ele porá sua espada afiada sobre seus pescoços.¹⁴

13 Os crentes de Pérgamo vivem **onde está o trono de Satanás** (cf. comentários em 1:4 sobre a centralidade do tema do trono em Apocalipse). Robert H. Mounce observa várias sugestões quanto ao significado desta expressão (nenhuma das quais deve necessariamente excluir as outras): “Frequentes menções são feitas ao grande altar em forma de trono para Zeus que tinha vista para a cidade a partir da cidadela. [...] Outros tomam a frase em referência ao culto de Asclépio, que foi designado Salvador e cujo símbolo era a serpente (isso obviamente lembraria os cristãos de Satanás; cf. 12:9; 20:2). [...] À medida que o viajante se aproximava de Pérgamo pela antiga estrada do sul, a forma real da cidade-colina apareceria como um trono gigante elevando-se acima da planície. A expressão é mais bem compreendida, no entanto, em conexão com a proeminência de Pérgamo como o centro oficial de culto ao imperador na Ásia. [...] Foi aqui que Satanás estabeleceu sua sede ou assento oficial de Estado. Assim como

¹³ Robert H. Mounce, *The Book of Revelation* (Grand Rapids: Eerdmans, 1977), pg. 96.

¹⁴ Que isso é verdadeiro para todas as nações, e não apenas para o Israel do Antigo Testamento, pode ser visto ao ler (p. ex.) o Salmo 2 e Daniel 4. Discussões abrangentes sobre a lei de Deus no que se refere a nações e governantes estão contidas em James B. Jordan, *The Law of the Covenant: An Exposition of Exodus 21-23* (Tyler, TX: Institute for Christian Economics, 1984); R. J. Rushdoony, *The Institutes of Biblical Law* (Nutley, NJ: The Craig Press, 1973); e Greg L. Bahnsen, *Theonomy in Christian Ethics* (Phillipsburg, NJ: Presbyterian and Reformed Publishing Co., second ed., 1984).

Roma se tornou o centro da atividade de Satanás no Ocidente (cf. 13:2; 16:10), Pérgamo se tornou seu 'trono' no Oriente.”¹⁵

Embora esta última designação – o trono como sede da adoração ao imperador e do estatismo deificado – seja um aspecto central do significado do texto, há uma dimensão muito mais básica que é geralmente esquecida. **Satanás** já foi identificado nessas mensagens como unido à sinagoga, a comunidade judaica incrédula que abandonou o pacto em favor de uma religião mítica. O principal inimigo da Igreja, em todo o Novo Testamento, é o judaísmo apóstata, cujos representantes continuamente arrastavam cristãos perante o magistrado romano (At. 4:24-28; 12:1-3; 13:8; 14:5; 17:5-8; 18:12-13; 21:11; 24:1-9; 25:2-3, 9, 24). Como São João revelará nos capítulos 12-13, Satanás é a força motriz por trás da tentativa judaica/romana de destruir a Igreja.

O relacionamento próximo em Pérgamo entre o judaísmo organizado e os oficiais imperiais, combinado com a oposição do cristianismo ao estatismo e à adoração da criatura, tornou natural que a perseguição e o martírio comessem aqui, entre todos os lugares da Ásia. E, por esse motivo, Cristo considera a igreja em Pérgamo como fiel: eles **retêm** o Seu **nome**, confessando a Ele somente como Salvador, Mediador e Senhor, proclamando que Sua identidade como o elo entre o céu e a terra era absolutamente única. Eles **não negaram** a **fé**, mesmo quando a perseguição amarga veio **nos dias de Antipas [...] o qual foi morto entre vós, onde Satanás habita**. Ninguém sabe hoje quem era esse Antipas, mas é suficiente sabermos que Cristo o destaca para um reconhecimento especial: Ele o chama de **Minha fiel testemunha**. Por seu próprio nome – *Contra Todos* – Antipas personifica a firmeza da igreja de Pérgamo em resistir à perseguição.

14-16 No entanto, nem todos na igreja compartilhavam do caráter fiel de Antipas; além disso, uma ameaça que representava um perigo para a integridade da fé, ainda maior do que o perigo da perseguição, é o trabalho astuto e insidioso da heresia. São João se baseia na história da Igreja no deserto para ilustrar seu ponto: **Tens aí os que seguem a doutrina de Balaão**, cujo nome significa, assim como Nikolaos, *Conquistador* (ou *Destruidor*) *do povo*. Quando foi descoberto que o povo de Deus não poderia ser derrotado em guerra aberta (ver Nm. 22-24), o falso profeta Balaão

¹⁵ Mounce, pp. 96f.

sugeriu outro plano a Balaque, o maligno Rei de Moabe. A única maneira de destruir Israel era por meio da *corrupção*. Assim, Balaão **ensinava Balaque** (cf. Nm. 31:16) **a pôr pedra de tropeço diante dos filhos de Israel, para comerem coisas sacrificadas aos ídolos e cometerem fornicção** (cf. Nm. 25).¹⁶ **Assim, tens também os que da mesma forma** – isto é, em imitação de Balaão – **seguem o ensino dos nicolaítas**: Em outras palavras, aqueles que sustentam o ensino de Balaão e aqueles que sustentam o ensino dos nicolaítas (cf. 2:6) compõem o mesmo grupo. A igreja em Pérgamo estava firme na fé quando se tratava de perseguição direta por um estado ímpio – mas eles estavam sendo vítimas de outras formas de concessões a Satanás.

O que exatamente era a doutrina nicolaíta? São João a descreve em termos da doutrina de Balaão, usando seu antigo erro como um símbolo da heresia contemporânea. Como Balaão, os falsos apóstolos tentam destruir os cristãos corrompendo-os, induzindo-os a **comer coisas sacrificadas a ídolos e a cometer fornicção**. Ambas as práticas eram comuns na atmosfera religiosa pagã da época, e a linguagem de São João parece ser extraída das instruções do Concílio de Jerusalém aos convertidos gentios:

Porque pareceu bem ao Espírito Santo, e a nós, não vos impor mais carga alguma, exceto estas coisas necessárias: Que vos abstenhais de alimentos oferecidos aos ídolos, e do sangue, e das coisas estran-
guladas, e da fornicção; resguardando-vos dos mesmos, fareis bem. (At. 15:28-19)¹⁷

Em desobediência ao verdadeiro Concílio apostólico, os falsos apóstolos nicolaítas advogaram o antinomianismo – o ensinamento de que, talvez pelo sacrifício de Cristo, os cristãos foram “libertos da lei”, em um

¹⁶ Josefo fornece uma versão expandida da história em sua obra *Antiguidades dos Judeus*, 4:6:6.

¹⁷ “Escrevendo a Corinto, cerca de quinze anos após o concílio, São Paulo teve a oportunidade de discutir com cristãos que consideravam o consumo de coisas sacrificadas a ídolos como algo indiferente; e embora ele não tome posição sobre o decreto de Jerusalém, ele se opõe à prática com base no fato de que ofendia os irmãos fracos (1 Co. 8:4, 9-10), e também por causa da conexão que ele considerava existente entre a adoração a ídolos e os espíritos imundos (1 Co. 10:20: *As coisas que os gentios sacrificam, eles sacrificam aos demônios e não a Deus; e eu não quero que tenhais amizade com os demônios*); participar da ‘mesa dos espíritos imundos’ (1 Co. 10:21) era inconsistente com a participação na Eucaristia.” Henry Barclay Swete, *Commentary on Revelation* (Grand Rapids: Kregel Publications, (1911) 1977), pp. 37f.

sentido completamente oposto ao ensino bíblico da santificação. Não era mais pecado, de acordo com eles, cometer idolatria e fornicação; o crente não tinha obrigação de obedecer à lei, mas poderia viver como quisesse (embora eles provavelmente alegassem, como os antinomianos fazem hoje, a “direção do Espírito” como justificativa para suas práticas abomináveis).

Há, no entanto, um aspecto importante da imagem envolvida aqui que não devemos ignorar: os falsos apóstolos estão buscando seduzir os cristãos para a *alimentação idólatra e fornicação*, e isso é análogo à sedução de Eva pela serpente. O ato de ela comer da árvore proibida era, em essência, idolatria; também é falado por São Paulo em termos de fornicação (2 Co. 11:2-3). Mas aqueles que superarem as tentações nicolaítas, diz São João, receberão acesso à Árvore da Vida (2:7). Aqueles que se recusarem a comer a comida de Balaão comerão o maná do céu e serão incluídos no número daqueles cujos nomes estão escritos na pedra (2:17).

Contudo, para que a igreja seja abençoada, o falso ensino não deve ser permitido. Cristo, falando aos líderes da igreja, ordena que se **arrependam**. Os ofensores devem ser reconhecidos em seu verdadeiro caráter como apóstatas heréticos, que causarão a queda da igreja se não forem excomungados. A igreja que falhar em disciplinar seus membros será destruída, mesmo uma igreja fiel e exemplar como a de Pérgamo. O Senhor ameaça que se eles não se arrependerem, **virei a ti rapidamente, e contra eles guerrearei com a espada da Minha boca**; o Anjo do Senhor encontrou Balaão com uma espada desembainhada (Nm. 22:31), e uma espada foi usada para matá-lo (Nm. 31:8). Como já observamos (veja em 1:7 e 2:5), este aviso da Vinda de Cristo não é uma declaração sobre a Segunda Vinda de Cristo no final da história, mas sim se refere a um juízo dentro da história. É um juízo iminente para a igreja em Pérgamo, especialmente em luz do fato de que o juízo estava prestes a ser deflagrado sobre o mundo inteiro (3:10). O mesmo princípio tem sido repetido várias vezes ao longo da história do cristianismo. Onde quer que os hereges sejam tolerados pelo povo ou pela liderança, a igreja está à beira de ser destruída pela ira zelosa de Cristo.

17 O vencedor recebe a promessa de três coisas. Primeiro, Cristo lhe dará **do maná escondido** (ou seja, o maná escondido na Arca, que é Cristo: Ex. 16:33-34; Hb. 9:4) – um símbolo tirado da dádiva sobrenatural do “alimento dos anjos” (Sl. 78:25), dando força e sustento diários ao povo

de Deus durante o Êxodo do Egito. Em essência, é isso que Cristo comunica à Sua Igreja a cada momento. Definitivamente, fomos restaurados à provisão edênica para nossas necessidades, e isso será progressivamente realizado na história até a consumação final e o cumprimento de todos os planos e promessas de Deus para Seu povo.

Segundo, ao cristão é prometida **uma pedra branca**. Isso tem sido visto de várias maneiras como se referindo a um ingresso para um banquete, um símbolo de absolvição (ou seja, justificação) ou algum reflexo de uma prática comum dos dias de João. Embora essas interpretações certamente não precisem ser excluídas, há uma maneira muito mais satisfatória de olhar para essa pedra em termos de revelação bíblica. Há uma pedra branca conectada na Bíblia com o maná, e ela é chamada de *bdélio* (cf. Ex. 16:31 com Nm. 11:7).¹⁸ Além disso, essa pedra está conectada com o Jardim do Éden, e tem a intenção de ser um lembrete dele (Gn. 2:12): A salvação é uma nova criação e restaura o povo de Deus ao Paraíso.

Terceiro, ao cristão é concedido **um novo nome**, falando do novo caráter e identidade daqueles que pertencem a Cristo. Como sempre, Deus, o Senhor, é o Definidor, que nos chamou à existência e nos interpretou totalmente em termos de seu plano predeterminado:

As nações verão a sua justiça,
e todos os reis, a sua glória;
você será chamada por um novo nome
que a boca do Senhor lhe dará. (Is. 62:2, NVI).

O fato de que o nome está **escrito na pedra** parece argumentar contra a interpretação da pedra branca dada acima, pois nunca nos é dito nas Escrituras sobre qualquer escrita de nomes no *bdélio*. No entanto, isso serve apenas para confirmar a interpretação. A pedra que foi marcada com um nome no Antigo Testamento era a pedra *ônix*. Duas pedras *ônix* foram colocadas nos ombros do Sumo Sacerdote, e nelas foram gravados os nomes das tribos de Israel (Ex. 28:9-12). No entanto, a pedra *ônix* não era uma pedra branca - era preta. A explicação para isso parece ser que o *bdélio* e o *ônix* são simplesmente combinados nesta imagem (um recurso comum nas Escrituras) para criar uma nova imagem que ainda retém as associações mais antigas. O elo de conexão aqui é o *bdélio*: ele é associado em

¹⁸ Veja Chilton, *Paraíso Restaurado*, pp. 44f.; cf. Ruth V. Wright e Robert L. Chadbourne, *Gems and Minerals of the Bible* (New Canaan, CT: Keats Publishing, 1970), pp. 16f.

Gênesis 2:12 com *ônix*, e em Números 11:7 com *maná*. Juntos, eles falam da restauração do Éden nas bênçãos da salvação.

Um outro ponto sobre esta promessa deve ser explicado. **Ninguém conhece** o novo nome, diz Cristo, **senão aquele que o recebe**. O significado desta expressão, enraizada em uma expressão idiomática hebraica, é que o nome é “conhecido” pelo receptor no sentido de *possuí-lo*. Em outras palavras, a questão não é que o novo nome seja secreto, mas que seja exclusivo: somente o vencedor possui o nome, a definição divinamente ordenada de si mesmo como pertencente ao pacto do Senhor Jesus Cristo; ninguém mais tem direito a ele.¹⁹ Em sua aplicação particular à situação em Pérgamo, o herege nicolaíta, que, por sua doutrina ou vida, é um traidor da causa de Cristo, não possui verdadeiramente a designação *cristão*. O nome pertence somente aos vencedores. Eles, e somente eles, recebem readmissão no Jardim. Eles ganham entrada por meio do sacrifício de Cristo, em quem foram redefinidos e renomeados.

Tiatira: Juízo sobre a Prostituta Real (2:18-29)

- 18 E ao anjo da igreja de Tiatira escreve: Isto diz O Filho de Deus, que tem olhos como chama de fogo, e Seus pés são semelhantes a bronze polido:
- 19 Conheço as tuas obras, e o teu amor, e a tua fé, e o teu serviço, e a tua perseverança, e que as tuas últimas obras são maiores do que as primeiras.
- 20 Mas tenho contra ti que toleras a tua esposa, Jezabel, que se diz profetisa, e ensina e desvia os meus servos, para que cometam fornicção e comam coisas sacrificadas aos ídolos.
- 21 E dei-lhe tempo para que se arrependesse; e ela não quer arrepender-se da sua fornicção.
- 22 Eis que a lançarei em uma cama, e os que cometeram adultério com ela em grande tribulação, a menos que se arrependam das suas obras.

¹⁹ Essa passagem deve ser comparada a Ap. 19:12-13 e 15-16. No arranjo quiástico dado nesses versículos, o v. 15 explica o sentido do v. 13 (como o sangue veio a estar na veste); e o v. 16 explica o v. 12 (o nome escrito no Senhor). Lá, também, o ponto não é que ninguém saiba *qual* o nome d'Ele – pois o próprio texto nos diz o Seu nome! – mas sim que Ele é o único que o *conhece* no sentido de *possuí-lo*. (veja a discussão de Kline com relação a este ponto em *Images of the Spirit*, pg. 130.)

- 23 E matarei os seus filhos de morte; e todas as igrejas saberão que eu sou Aquele que sonda as mentes e os corações; e darei a cada um de vós conforme vossas obras.
- 24 Mas digo a vós, os demais que estão em Tiatira, que não tendes esse ensino, que não conhecestes as profundezas de Satanás, como eles as chamam – eu não coloco nenhum outro fardo sobre vós.
- 25 No entanto, o que tendes, retende-o até que eu venha.
- 26 E ao que vencer, e ao que guardar as Minhas obras até o fim, eu darei autoridade sobre as nações.
- 27 E ele as regerá com vara de ferro; como vasos de oleiro, serão despedaçadas, assim como também recebi de Meu Pai.
- 28 E eu lhe darei a estrela da manhã.
- 29 Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas.

18 Um dos aspectos mais significativos sobre a cidade de **Tiatira** era o domínio das sociedades de ofício sobre a economia local. Todo ofício de manufatura imaginável era estritamente controlado pelas sociedades: para trabalhar em um ofício, você tinha que pertencer à sociedade apropriada. E ser membro de uma sociedade significava também adorar deuses pagãos; a adoração pagã estava integralmente conectada com as sociedades, que realizavam suas reuniões e refeições comunitárias em templos pagãos. Dois aspectos centrais da adoração pagã exigida eram o consumo de carne sacrificada a ídolos e relações sexuais ilícitas. Qualquer cristão que trabalhasse em algum artesanato ou ofício se deparava, assim, com problemas graves: sua fidelidade a Cristo afetaria seu chamado, seu sustento e sua capacidade de alimentar sua família.

O deus local, o guardião da cidade, era Tyrimnos, o filho de Zeus; e o culto a Tyrimnos era mesclado em Tiatira com o culto a César, que também era proclamado como o Filho de Deus encarnado. O conflito do cristianismo e do paganismo em Tiatira foi imediato e central – e, portanto, a primeira palavra de Cristo para esta igreja é a proclamação de que somente Ele é **o Filho de Deus** (o único lugar no Apocalipse onde essa designação específica de Cristo é usada). A carta para esta igreja começa com um desafio irredutível ao paganismo e ao estatismo, afirmando a singularidade definitiva e absoluta de Jesus.

19-20 Havia muito que poderia ser elogiado na igreja de Tiatira. Ela era ativa em **amor, fé, serviço e perseverança** – de fato, sua atividade estava aumentando: **Tuas últimas obras são maiores do que as primeiras**. Mas, apesar de todas as boas obras da igreja, seu grande defeito aos olhos de Cristo era sua frouxidão doutrinária e moral (assim, os cristãos de tiatira eram o exato oposto dos efésios doutrinariamente corretos). Os presbíteros permitiam que a falsa doutrina tivesse um lugar na igreja. Cristo novamente chama a heresia por um nome simbólico, como Ele fizera antes (*Nikolaos e Balaão*); desta vez, o culto é identificado com **Jezabel**, a rainha perversa de Israel durante o século IX a.C., que levou o povo do pacto à adoração idólatra e adúltera de deuses pagãos (1 Rs. 21:25-26; cf. 2 Rs. 9:22, onde suas ações são especificamente chamadas de “prostituições” e “feitiçarias”). A “Jezabel” da igreja de Tiatira defendia similarmente a concessão ao paganismo. Claro, uma terminologia que soaria muito piedosa teria acompanhado isso – talvez no sentido de que, uma vez que há apenas um Deus, qualquer adoração prestada a falsos deuses seria “na realidade” oferecida ao Deus verdadeiro; ou que, ao se unir aos pagãos em seus cultos religiosos, seria possível dar testemunho do cristianismo; ou que andar junto aos incrédulos permitiria que os cristãos sobrevivessem em vez de serem eliminados pela perseguição; ou talvez que todas as religiões tenham algo a ensinar umas às outras, e que nós, cristãos, deveríamos abandonar nosso absolutismo arrogante e buscar combinar o melhor de nossas tradições com o melhor das tradições pagãs, criando, assim, uma fé verdadeiramente universal, que atendesse às necessidades de *todas* as pessoas e *todas* as culturas.

Independentemente do raciocínio envolvido, a doutrina era heresia e não deveria ser tolerada. Esse é precisamente o termo usado aqui: **Vocês toleram** esta mulher, o Senhor os acusa. E, ao tolerá-la, os presbíteros estavam colocando toda a igreja em perigo, pois ela **ensina e desvia os meus servos, para que cometam fornicção e comam coisas sacrificadas aos ídolos**. Isto deve ser claramente entendido: o cristianismo ortodoxo e bíblico é intolerante. Uma igreja que tolera o mal e a falsa doutrina é uma igreja sob juízo; Deus não a tolerará por muito tempo. Isso não quer dizer que os cristãos devam ser intolerantes para com erros, idiosincrasias e divergências sobre pontos não essenciais uns dos outros. Mas, quando se trata de violações claras da lei bíblica e da doutrina ortodoxa, o governo da igreja é obrigado pelas Escrituras a pôr um fim a isso antes que destrua a igreja.

“Jezabel” estava, em sentido figurado, se não literal, levando os cristãos à fornicção e à comunhão idólatra, o abandono efetivo da fé cristã pelo paganismo e culto ao estado. Havia literalmente uma mulher liderando os judaizantes nesta área local? A possibilidade é ao menos indicada pela acusação específica contra o anjo/bispo de Tiatira: “Toleras **a tua esposa, Jezabel.**”[†] Pode ser que a aqui-herexe de Tiatira fosse a esposa do pastor líder! Por outro lado, Cristo pode estar apontando de uma forma mais geral para a falha do anjo, como Adão, em guardar adequadamente a Noiva – uma função central do chamado sacerdotal. Por ele ter falhado, ela se tornou uma prostituta.²⁰

21-23 Cristo deu **tempo** a Jezabel **tempo para que se arrependesse [...] da sua fornicção**, e ela se recusou a fazê-lo. Devemos novamente enfatizar que esse termo é usado tanto num sentido literal quanto simbólico nas Escrituras. Aparentemente, Jezabel realmente encorajara o povo de Deus a cometer fornicção física em conexão com os ritos religiosos das guildas comerciais; por outro lado, o uso da palavra *fornicação* tem uma longa história na Bíblia como um símbolo de rebelião contra o Deus verdadeiro por parte daqueles que pertencem a Ele (veja, por exemplo, Ez. 16 e 23). Já observamos os aspectos simbólicos da alimentação idólatra e fornicção; é importante também reconhecer que São João descreve a Grande Prostituta da Babilônia, identificada com o judaísmo apóstata, com referências muito claras à história bíblica de Jezabel, a Rainha Prostituta (17:5, 16; 19:2). Isso confirma novamente a interpretação de que as doutrinas dos nicolaítas, dos balaamitas e dos jezabelitas eram idênticas e estavam conectadas com o falso Israel, a “sinagoga de Satanás”.

“Jezabel” tinha que ser punida, e em um jogo de palavras o Senhor declara: **Eis que a lançarei em uma cama!** Como muitas das traduções modernas apontam, este é um leito de *enfermidade*, explicado pela próxima cláusula: **e os que cometeram adultério com ela em Grande Tribulação.** Com humor sombrio, Jesus está dizendo: Você quer “ir para cama” (isto é, cometer fornicção)? Muito bem, aqui está um leito de morte para você! Observemos cuidadosamente também que este juízo do

[†] Leitura conforme o Texto Majoritário do Novo Testamento Grego (cf. Paulo S. Gomes e Odayr Olivetti, *Novo Testamento Interlinear Analítico* [Editora Cultura Cristã, 2008], pg. 910; Pickering, *O Soberano Criador Já Falou* [ed. independente, 2023], pg. 437). [N. R.]

²⁰ Este é um tema importante no Livro dos Juízes. Veja James B. Jordan, *Judges: God's War Against Humanism* (Tyler, TX: Geneva Ministries, 1985).

primeiro século contra os seguidores de Jezabel é falado em termos da Grande Tribulação. Cada indicação bíblica sobre a Grande Tribulação leva à conclusão clara de que ela ocorreu durante a geração após a morte e ressurreição de Cristo – exatamente como Ele disse que aconteceria (Mt. 24:21, 34).²¹ **E eu matarei seus filhos** (seus seguidores; cf. Is. 57:3) **com morte** é, para nossos ouvidos, uma maneira estranha de colocar isso. Mas este é um meio comum hebraico de ênfase conhecido como *pleonasma*, um “duplo testemunho” linguístico para a certeza de seu cumprimento (cf. Gn. 2:17, “Morrendo morrerás”, lit.).²²

O que acontece quando os apóstatas são disciplinados e julgados? **Todas as igrejas saberão que Eu sou Aquele que sonda as mentes e os corações.** O caráter de Deus como o Juiz santo e onisciente é vindicado nas igrejas (e no mundo também, Is. 26:9) quando Ele pune aqueles que se rebelam contra Ele. Aqueles que realmente amam o Senhor atentarão para o juízo e serão estimulados a uma obediência renovada quando forem novamente lembrados de que Ele retribui a cada um de nós de acordo com nossas ações.

24-25 Aparentemente, uma parte central da heresia de Jezabel envolvia uma busca das **profundezas de Satanás, como eles as chamam.** Conectando isso com o que já sabemos de seus ensinamentos, parece que sua doutrina era um ensinamento protognóstico de que os cristãos atingiriam novos e maiores níveis de santificação pela imersão nas profundezas do satanismo: adorando ídolos, cometendo fornicação, adentrando plenamente nas depravações dos pagãos ao redor deles – pecando para que a graça pudesse abundar. O fato de que tal atividade poderia ser tanto sensualmente satisfatória quanto economicamente lucrativa não teria sido ignorado, certamente; mas isso não era tudo. A doutrina de Jezabel de santificação por meio da idolatria e fornicação era simplesmente uma versão ligeiramente cristianizada da mais antiga heresia do mundo, e uma que se manifestou em todas as culturas desde o início: *salvação por meio do caos*. Eva viu caos, a anarquia e a revolução como a chave para a sabedoria e a obtenção do status divino; e a Adúltera original teve muitos seguidores, como R. J. Rushdoony aponta: “O caos como meio de revitalização tem

²¹ Veja Chilton, *Paraíso Restaurado*, pp. 97ff.

²² Isso ressalta o fato de que o autor humano do Apocalipse estava expressando seus pensamentos em modos de expressão hebraicos. Sobre o uso do pleonasma, veja Jordan, *The Law of the Covenant*, pp. 96, 106.

uma longa e contínua história na civilização ocidental e, com a Revolução Francesa, ganhou uma nova vitalidade, pois a revolução e o caos sexual se tornaram os meios para a regeneração social. No mundo da arte, o artista criativo passou a ser visto como necessariamente um anarquista social e sexual, e, no pensamento popular, ordem e moralidade vieram a significar monotonia e fardos enervantes e desvitalizantes, ao passo que a iniquidade passou a ser vista como liberdade e poder. A ‘aventura’ e a licenciosidade sexual da meia-idade surgiram como um desejo de renovação, e as prostitutas negras passaram a ser usadas como um dispositivo de ‘mudança de sorte’, um pecado especial contra a ordem como um meio de recarga da sorte e do poder. Básico a todas essas manifestações, desde o antigo Egito, passando por César, até o homem moderno, é uma esperança comum: destruir a ordem para criar uma ordem renovada, ou, ainda mais diretamente, destruir a ordem para criar ordem.”²³

Mas, Cristo diz, há cristãos fiéis em Tiatira, **que não têm esse ensino**, que não buscaram conhecimento proibido em práticas satânicas, apesar das consequências econômicas e sociais de sua recusa em ceder; **eu não coloco nenhum outro fardo sobre vós. No entanto, o que tendes, retende-o até que eu venha**. Isso, novamente, reflete a linguagem da carta do Concílio de Jerusalém aos convertidos gentios: “Na verdade pareceu bem ao Espírito Santo e a nós, não vos impor *mais encargo algum*, senão estas coisas necessárias: Que vos abstenhais das coisas sacrificadas aos ídolos [...] e da fornicação, das quais coisas bem fazeis se vos guardardes. Bem vos vá.” (At. 15:28-29, ACF). Os fiéis devem continuar praticando os fundamentos da fé, mantendo os padrões ortodoxos de doutrina e vida, até que Cristo venha com tribulação para julgar os hereges e apóstatas que permanecem ilegalmente na Igreja.

26-29 Os cristãos fiéis em Tiatira estavam sofrendo tanto com o mundo pagão do lado de fora, quanto com os hereges dentro da igreja, que cediam ao paganismo. Eles provavelmente foram tentados a duvidar se algum dia venceriam essa luta. Os cristãos mais prósperos e bem-sucedidos eram os mais infiéis a Cristo; parecia que os ortodoxos estavam travando uma batalha perdida. Eles estavam tão impotentes agora que não conseguiam nem mesmo expulsar os apóstatas da igreja. No entanto,

²³ R. J. Rushdoony, *The One and the Many: Studies in the Philosophy of Order and Ultimacy* (Tyler, TX: Thoburn Press, [1971] 1978), pg. 105.

Cristo promete ao anjo/bispo: **Ao que vencer, e ao que guardar as Minhas obras até o fim, eu darei autoridade sobre as nações. E ele as regerá com vara de ferro; como vasos de oleiro, serão despedaçadas, assim como também recebi de Meu Pai.** Esta é uma referência à promessa do Pai ao Filho, conforme registrado no Salmo 2:8-9 (ARA):

Pede-me, e eu te darei as nações por herança
e as extremidades da terra por tua possessão.
Com vara de ferro as regerás
e as despedaçarás como um vaso de oleiro.

Deus Filho recebeu o governo de todo o mundo, e todas as nações estarão sob Seu reinado messiânico (veja também Sl. 22:27-31; 46:4, 10; 65:2; 66:4; 68:31-32; 72; 86:9; 102:15-22; 138:45; 145:10-11). Qualquer oposição oferecida contra Seu Reino será esmagada absolutamente. E a instauração de Cristo como Rei universal, profetizada nesta passagem, claramente ocorreu na *Primeira* Vinda de Cristo, por meio de Seu nascimento, vida, morte, ressurreição e ascensão à glória (isso pode ser confirmado simplesmente consultando as numerosas citações do Novo Testamento dos Salmos 2 e 110, ambos sobre a realza de Cristo).²⁴

O ponto da citação aqui é que os vencedores cristãos, nesta era, têm a promessa de uma parte no reino messiânico de Jesus Cristo, no tempo e na terra. Apesar de toda a oposição, Deus estabeleceu Seu Rei sobre as nações (cf. Sl. 2:1-6). Aqueles que são obedientes aos Seus comandos governarão o mundo, reconstruindo-o para Sua glória em termos de Suas leis. O Salmo 2 mostra Deus rindo e zombando das tentativas lamentáveis dos ímpios de lutar contra e derrubar Seu Reino. Ele já deu a Seu Filho “toda a autoridade no céu e na terra”, e o Rei está com Sua Igreja até o fim dos tempos (Mt. 28:18-20)! É possível que o Rei seja derrotado? Ele, com efeito, advertiu todos os governantes terrestres a se submeterem ao Seu governo, ou perecer (Sl. 2:10-12). E o mesmo é verdadeiro para Sua Igreja. A nação que não nos servir perecerá (Is. 60:12); todos os povos da terra

²⁴ Os Salmos 2 e 110 são os dois Salmos mais citados no Novo Testamento. Para o Salmo 2, veja Mt. 3:17; 17:5; Mc. 1:11; 9:7; Lc. 3:22; 9:35; Jo. 1:49; At. 4:25-26; 13:33; Fp. 2:12; Hb. 1:2, 5; 5:5; Ap. 2:26-27; 11:18; 12:5; 19:15, 19. Para o Salmo 110, veja Mt. 22:44; 26:64; Mc. 12:36; 14:62; 16:19; Lc. 20:42-43; 22:69; Jo. 12:34; At. 2:34-35; Rm. 8:34; 1 Co. 15:25; Ef. 1:20; Cl. 3:1; Hb. 1:3, 13; 5:6, 10; 6:20; 7:3, 17, 21; 8:1; 10:12-13; 12:2.

serão subjugados sob nossos pés (Sl. 47:1-3) – promessas feitas originalmente a Israel, mas que agora serão cumpridas no Novo Israel, a Igreja.

Para a igreja perseguida e aparentemente fraca em Tiatira, isso era uma boa notícia. Na época, eles estavam à mercê de um poderoso poder econômico e político; o estatismo e o culto ao estado estavam aumentando; até mesmo seus companheiros cristãos estavam sendo seduzidos por falsos profetas e hereges. Ser um cristão fiel em Tiatira significava dificuldades e sofrimento, e não necessariamente um tipo de sofrimento muito glorioso, digno de uma manchete. Consistia apenas na labuta diária da fidelidade à Palavra de Cristo; apenas no fato de estar desempregado e inempregável no meio de uma economia em expansão, quando todos ao redor deles podiam conseguir trabalho pelo mero preço de queimar um pouco de incenso, comer um pouco de carne de um altar pagão e se envolver em um pouco de sexo “inofensivo” entre adultos com consentimento. Não havia oportunidade para uma grande cruzada moral; todos simplesmente achavam que você era estranho. E noite após noite seus filhos choravam por comida. Não, esse tipo de martírio não era nada glamoroso. Mas aqueles que permaneceram fiéis receberam a promessa de que venceriam, que governariam com Cristo. A situação seria revertida, as mesas estavam prestes a virar. Cristo estava vindo, para salvar e julgar.

Os sofrimentos desses cristãos não significavam o fim do mundo, mas sim o começo. O que poderia ter parecido com a aproximação de uma longa e escura noite foi, na realidade, o arauto do triunfo de Cristo sobre as nações. Os conflitos que eles vivenciaram não foram um sinal da derrota de Cristo pelo mundo, mas simplesmente a garantia de que a batalha finalmente tinha começado; e a profecia inspirada do Salmo 2 garantia que seu Senhor seria vitorioso, e eles com Ele. Era o paganismo, o estatismo e o judaísmo que estavam prestes a entrar na escuridão, enquanto Cristo apagava as luzes em todo o Israel apóstata e no Império Romano. Mas, para os cristãos, a noite estava terminando; o universo redimido e liberto avançava impetuosamente para um Dia brilhante. Cristo estava prestes a dar a esses vencedores a **Estrela da Manhã**.

3

O MANDATO DE DOMÍNIO

Sardes: Juízo sobre os Mortos (3:1-6)

- 1 E ao anjo da igreja em Sardes escreve: Isto diz Aquele que tem os sete Espíritos de Deus, e as sete estrelas: Conheço as tuas obras, que tens nome de que estás vivo, mas estás morto.
- 2 Desperta, e fortalece as coisas restantes, que estavam prestes a morrer; porque não achei as tuas obras completas diante do Meu Deus.
- 3 Lembra-te, pois, do que recebeste e ouviste; e guarda-o, e arrepende-te. Se, pois, não despertares, virei sobre ti como um ladrão, e não saberás a que hora sobre ti virei.
- 4 Mas tens em Sardes algumas poucas pessoas que não contaminaram as suas vestes; e andarão comigo vestidas de branco; porque são dignas.
- 5 O que vencer será assim vestido de vestes brancas; e não apagarei o seu nome do Livro da Vida, e confessarei o seu nome diante de Meu Pai e diante dos Seus anjos.
- 6 Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas.

1 Ao bispo da igreja em Sardes, Cristo anuncia a Si mesmo como Aquele **que tem os sete Espíritos de Deus**. Como vimos (em 1:4), este é um termo para o Espírito Santo que, como o Credo Niceno declara, “procede do Pai e do Filho”. Cristo também possui **as sete estrelas**, os anjos das igrejas (1:16, 20). Os líderes das igrejas são de Sua propriedade e são em todos os aspectos responsáveis perante Ele. E os presbíteros em Sardes precisavam desesperadamente ser lembrados disso, pois haviam permitido que a igreja morresse.

Conheço tuas obras, o Senhor lhes diz. **Tens um nome de que estás vivo**. A igreja de Sardes tinha a reputação de ser uma congregação ativa, “viva” para Cristo. Sem dúvida, era bem conhecida na Ásia como representante da fé cristã em uma cidade rica e famosa. Era, talvez, famosa e popular na comunidade; não há evidências de que, em um período de crescente perseguição, a igreja em Sardes estivesse sendo atacada. Na realidade, as evidências são totalmente opostas, indicando que a igreja tinha cedido quase totalmente à cultura circundante. Esta igreja ocupada, apa-

rentemente frutífera e crescente, estava, na verdade, **morta**. Devemos notar que a morte de Sardes não consistiu necessariamente em uma falta de atividades para jovens ou reuniões de comunhão (que é a razão pela qual as igrejas tendem a ser chamadas de “mortas” hoje). Em vez disso, a igreja havia se tornado, como Mounce corretamente observa, *secularizada*.¹ Sua visão de mundo fundamental não era diferente daquela da cultura pagã circundante. Sua perspectiva era semelhante à daqueles que são caracterizados em outras partes das Escrituras como “mortos em transgressões e pecados” (Ef. 2:1-3). Sardes tinha “se conformado completamente ao seu ambiente pagão”.²

2-3 O Senhor dá a Sardes duas admoestações. Primeiro, Ele diz: **Desperta!** G. R. Beasley-Murray aponta uma história interessante sobre a cidade de Sardes que serve como um pano de fundo apropriado para esta declaração: “Sardes foi construída sobre uma montanha, e uma acrópole foi construída em um esporão desta montanha, que era quase impenetrável. No entanto, duas vezes na história da cidade, ela foi pega de surpresa e capturada por inimigos. O paralelo com a falta de vigilância da igreja e sua necessidade de despertar para não cair sob juízo é impressionante.”³ Sardes não está completamente morta, mas essas coisas estão **prestes a morrer**. Embora o Senhor ainda não tenha eliminado a igreja inteira, o perigo é real e imediato. Os presbíteros de Sardes devem começar agora a **fortalecer as coisas restantes**.

Neste ponto, alguns membros de Sardes poderiam ter reclamado: “Por que você está nos repreendendo? Não fizemos nada!” E esse era precisamente o problema. Sardes tinha **obras**; mas elas **não** estavam **completas**; elas não eram plenas aos olhos de Deus. Certamente, Sardes pode ter parecido ser a igreja mais “viva” por esta mesma razão: como uma igreja morta, ela não experimentou nem controvérsia teológica nem perseguição. “Contente com a mediocridade, faltando-lhe tanto o entusiasmo para acolher uma heresia, quanto a profundidade de convicção que provoca in-

¹ Robert H. Mounce, *The Book of Revelation* (Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Co., 1977), pg. 112.

² Ibid., pg. 109.

³ G. R. Beasley-Murray, *The Book of Revelation* (Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Co., 1978] 1981), pd. 94.

tolerância, era inócua demais para valer a pena perseguir.”⁴ Satanás pode ter sentido que Sardes estava indo muito bem sem sua interferência, e era melhor deixá-la sozinha.

Em Sua segunda admoestação, Cristo ordena: **Lembra-te, pois, do que recebeste e ouviste** – o Evangelho, o ministério e os sacramentos, e (no caso dos presbíteros a quem isso é especificamente dirigido) os privilégios e responsabilidades de exercer cargos na Igreja de Jesus Cristo. Todas essas coisas eles deveriam **manter**, vigiar e guardar; e isso significava que eles deveriam se **arrepender** de sua atitude e conduta negligentes.

Se, pois, não despertares, Cristo avisa, **virei sobre ti como um ladrão, e não saberás a que hora sobre ti virei**. Para repetir o que foi cuidadosamente apontado acima (veja em 1:7; 2:5, 16), a ameaça da vinda de Cristo contra uma igreja local, ou mesmo contra uma nação ou grupo de nações, não é o mesmo que a Segunda Vinda (ou seja, o fim do mundo). Todos são acessíveis a Cristo, o Senhor, em todos os momentos, e qualquer indivíduo, família, igreja, empresa, sociedade ou nação desobediente está sujeito a ter Cristo vindo em juízo – um juízo que pode incluir qualquer uma ou todas as maldições pactuais listadas em Levítico 26 e Deuteronômio 28. Em todo caso, as palavras **sobre ti** indicam uma vinda local; a incapacidade de comentaristas e pregadores em entender esse fato simples é o resultado previsível de uma hermenêutica futurista superficial, que beira o analfabetismo bíblico.

4-6 Havia **algumas poucas pessoas em Sardes**, no entanto, que permaneceram fiéis ao que receberam e ouviram, e **não contaminaram suas vestes**; elas não se tornaram secularizadas e conformadas à cultura pagã circundante. Deles, Cristo diz: **andarão comigo vestidas de branco; porque são dignas**. O que vencer será assim vestido de **vestes brancas**. Os santos são vistos em **vestes brancas** sete vezes no Livro do Apocalipse (3:5, 18; 4:4; 6:11; 7:9, 13; 19:14), e é obviamente um símbolo nas Escrituras de pureza e retidão, com suas origens finais no brilho da Nuvem de Glória semelhante ao do Sol: Em Cristo, os santos são recriados à imagem de Deus, e são vestidos com o Novo Homem, Jesus Cristo (Gl. 3:27; Ef. 4:24; Cl. 3:10). Portanto, o fato de sermos vestidos com as vestes brancas da justiça acontece *definitivamente* em nosso batismo (Gl. 3:27),

⁴ G. B. Caird, *The Revelation of St. John the Divine* (New York; Harper & Row, Publishers, 1966), pg. 48.

progressivamente, à medida que operamos nossa salvação em obediência diária aos mandamentos de Deus, “vestindo” as graças e virtudes cristãs (Cl. 3:5-17), e *finalmente*, no Último Dia (Cl. 3:4; Jd. 24). Como acontece com todas as promessas aos vencedores em Apocalipse, esta também é simplesmente uma descrição de um aspecto da salvação, no qual todos os eleitos de Deus têm parte.

Na segunda promessa desta carta a respeito do vencedor, Cristo diz: **Não apagarei seu nome do Livro da Vida.** Esta declaração tem sido fonte de controvérsia por gerações. Um verdadeiro cristão pode cair? Você pode perder sua salvação? Ao menos três respostas errôneas foram oferecidas:

1. *Aqueles que foram verdadeiramente salvos pela redenção de Cristo podem cair e se perder para sempre.* Esta é a posição arminiana clássica, e é absoluta e categoricamente negada pelas Escrituras. A natureza da salvação fornecida por Cristo é eterna, e nossa justificação aos olhos de Deus não é baseada em nossas obras, mas na justiça perfeita e consumada e na expiação substitutiva de Jesus Cristo. (Veja Jo. 3:16; 5:24; 6:35-40; 10:27-30; Rm. 5:8-10; 8:28-39; Ef. 1:4-14; 1 Ts. 5:23-24; 1 Jo. 2:19).

2. *Todos os que “aceitaram Jesus” serão salvos; não importa o que façam depois, eles não podem ser condenados.* Esta é a posição clássica do evangélico “em cima do muro”, e também é contestada pelas Escrituras. Aqueles que adotam essa visão tentam ter “o melhor dos dois mundos”: eles não querem o Deus predestinador pregado pelo calvinista, mas também não têm coragem de afirmar o arminianismo completo. Eles querem que o homem seja soberano na escolha de sua salvação, sem interferência do decreto de Deus; porém, querem que a porta da salvação se feche assim que o homem entrar, para que não possa sair. Mas a Bíblia ensina que Deus predestinou absolutamente todas as coisas e governa soberanamente sobre tudo. Ele escolheu infalivelmente todos aqueles que serão salvos, estendendo Sua graça irresistível a eles; e Ele determinou quem será condenado, restando Sua graça deles (veja Mt. 11:25-27; 20:16; 22:14; Mc. 4:11-12; Lc. 4:25-27; 17:1; 22:22; Jo. 6:37-39, 44; 12:39-40; At. 4:27-28; 13:48; Rm. 9:10-26; 11:2, 5-10; 1 Co. 1:27-31; Ef. 1:4-5, 11; 1 Ts. 5:9; 2 Ts. 2:13; 2 Tm. 1:9; 2 Tm. 2:10; 1 Pe. 1:1-2; 2:8-9; Jd. 4).⁵

⁵ Os leitores que gostariam de estudar mais a fundo esse assunto devem consultar os seguintes livros: Arthur Pink, *Deus é Soberano*; John Cheeseman, et al., *The Grace of God*

No entanto, a Bíblia também ensina que há aqueles que professam Cristo, e que, para todos os efeitos, aparentam estar entre os eleitos, mas que, no fim, apostatarão da fé e herdarão a condenação em vez da salvação. Judas é o exemplo óbvio, mas ele de forma alguma é o único. O Antigo Testamento fornece inúmeros exemplos de membros da Pacto que se afastaram da fé, e o Novo Testamento nos adverte repetidamente sobre a ira de Deus contra aqueles que violam Seu pacto (ver Mt. 7:15-23; 13:20-21; 24:10-12; Mc. 4:5-17; Lc. 8:13; Jo. 15:1-10; 1 Co. 9:27; 10:1-12; 2 Ts. 2:3, 11-12; 1 Tm. 4:1-3; 2 Tm. 3:1-9; 4:3-4; Hb. 2:1-3; 3:12-14; 6:4-6; 10:26-31, 35-39; 2 Pe. 2:1-3, 20-22; 3:17). Como John Murray escreveu: “É completamente errôneo afirmar que um crente está seguro, independentemente de sua vida subsequente de pecado e infidelidade. A verdade é que a fé em Jesus Cristo é *sempre respectiva* à vida de santidade e fidelidade. Por isso, não é apropriado imaginar um crente sem levar em conta o contexto dos frutos de fé e santidade. Afirmar que o crente está seguro, qualquer que seja a extensão de sua entrega ao domínio do pecado em sua vida subsequente, é abstrair a fé em Cristo da sua própria definição e introduzir aquele abuso que transforma a graça em libertinagem. A doutrina da perseverança é a doutrina de que os crentes *perseveram*; deve-se enfatizar insistentemente que ela é a *perseverança* dos santos. E isto significa que os santos, aqueles que são unidos a Cristo por meio do chamamento eficaz do Pai e que são habitados pelo Espírito Santo, hão de perseverar até o fim. Se eles perseveram, eles sofrem com paciência, eles prosseguem. Ela não ensina que serão salvos independentemente de sua perseverança ou de seu prosseguimento, mas que eles seguramente hão de perseverar. Consequentemente, a segurança que é sua é inseparável da sua perseverança. Não foi isso que Jesus disse? ‘Aquele, porém, que perseverar até o fim, esse será salvo’.”⁶

3. *Todos no mundo estão escritos no Livro da Vida, mas os descrentes são apagados dele depois de terem entrado na idade da consciência.* Essa ideia é tão ridícula que a Bíblia nem mesmo se dá ao trabalho de refutá-la diretamente (embora as passagens já listadas demonstrem que é pura bobagem, para dizer de forma agradável). Onde nas Escrituras há um fragmento de

in the Gospel; John Murray, *Redenção Consumada e Aplicada*; J. Gresham Machen, *The Christian View of Man*; e R. B. Kuiper, *The Bible Tells Us So*.

⁶ John Murray, *A Redenção Consumada e Aplicada*, trad. Ivan G. Grahm Ross e Valter G. Martins (Editora Cultura Cristã, 1993), pp. 170-171

evidência para uma “idade da consciência”? Onde a Bíblia dá qualquer suporte à pequena pérola a seguir de um conhecido estudioso cristão?

Visto que Cristo morreu pelo pecado inerente a cada pessoa concebida, uma criança que morre antes de se tornar um pecador deliberado e consciente não precisa ser “salva” do pecado, visto que ela nunca pecou, e visto que Cristo fez propiciação por seu pecado inato.⁷

Há pelo menos cinco erros teológicos nessa frase, mas vamos nos concentrar no ponto principal: a noção de que crianças são basicamente sem pecado, ou sem pecado “deliberado”, quando nascem, e permanecem nessa condição até atingirem a mística “idade da consciência”. Em primeiro lugar, *a verdadeira idade da consciência é alcançada no momento da concepção: todos os homens, em todos os momentos, são culpáveis perante Deus* (ver Sl. 51:5; Rm. 3:23). Segundo, *todos os homens já estão sob a sentença de condenação; fora da graça salvadora de Deus, eles estão condenados desde o momento em que existem* (ver Jo. 3:18,36; Rm. 5:12-19).⁸ Por que outra razão os bebês morrem (Rm 6:23)? Terceiro, *as crianças são pecadoras deliberadas*: “Os perversos são afastados desde o útero; eles se extraviavam assim que nascem, falando mentiras.” (Sl. 58:3; cf. Sl. 53:2-3; Rm. 3:10-12, 23; Ef. 2:1-3). Agora, ou a doutrina da “idade da consciência” está errada, ou a Bíblia está errada. Em qual devemos acreditar? O fato é que a ideia da ausência inerente de pecado em crianças é uma noção pagã, sem apoio na Bíblia. É meramente um sentimentalismo anticristão, que se recusa a ouvir a Palavra de Deus e tenta substituí-la pela palavra do homem – ou, mais provavelmente, pela palavra de poetas efeminados em cartões de felicitações melosos. Está bem no mesmo nível da ideia de que toda vez que uma fada assoa seu narizinho, um bebê nasce.

Para concluir este ponto: a ameaça declarada por Jesus Cristo aqui é muito real. Aqueles que estão no Livro da Vida – ou seja, aqueles são membros batizados da Igreja que professam Cristo, e são, portanto, contados e tratados como cristãos – devem permanecer fiéis a Cristo. Caso

⁷ Por sincero respeito a este autor temente a Deus, que prestou valioso serviço à Igreja, omitirei seu nome.

⁸ Esta é a doutrina da *imputação* do pecado de Adão (que deve ser distinta da doutrina de pecado *inato*; mas a maioria dos evangélicos, incluindo pregadores e comentaristas, não parecem conhecer a diferença). Uma exposição útil disso está em John Murray, *A Imputação do Pecado de Adão* (Editora Monergismo, 2019).

apostatem em heresia, imoralidade ou simplesmente na “secularização” que assolou Sardes, serão apagados, removidos do registro dos redimidos. Mas o cristão que vence essas tentações, demonstrando assim que Cristo realmente o comprou para Si mesmo, não corre perigo – seu nome nunca será apagado.

A promessa final ao vencedor reforça a ideia: **Eu confessarei seu nome diante de Meu Pai e diante dos Seus anjos**. Isso ecoa as declarações de Jesus nos Evangelhos: “Portanto, qualquer que me confessar diante dos homens, eu também o confessarei diante de meu Pai que está no céu. Mas qualquer que me negar diante dos homens, eu também o negarei diante de meu Pai que está no céu.” (Mt. 10:32-33; cf. Mc. 8:38; Lc. 12:8-9). Muitos dos cristãos em Sardes estavam negando Cristo diante de sua comunidade, pois se esforçavam para serem louvados pelos homens em vez de Deus. No Juízo Final, eles ouviriam estas palavras do Filho de Deus: *Nunca vos conheci; apartai-vos de mim, vós que praticais a iniquidade* (Mt. 7:23, ACF). Mas aqueles que vencessem essas tentações seriam alegremente reconhecidos por Cristo como Seus. Esta mensagem é tão importante e necessária hoje quanto era há 2000 anos. Temos ouvidos para **ouvir o que o Espírito diz às igrejas?**

Filadélfia: Juízo sobre a Sinagoga de Satanás (3:7-13)

- 7 E ao anjo da igreja em Filadélfia escreve: Isto diz Aquele que é santo, que é verdadeiro, que tem a chave de Davi, que abre e ninguém fecha, e que fecha e ninguém abre:
- 8 Conheço as tuas obras. Eis que pus diante de ti uma porta aberta, que ninguém pode fechar, porque tens pouca força, e guardaste a Minha Palavra, e não negaste o meu nome.
- 9 Eis que farei com que os da sinagoga de Satanás, que se dizem judeus, e não o são, mas mentem – eis que farei com que venham, e prostrem-se aos teus pés, e saibam que eu te amei.
- 10 Porque guardaste a palavra da Minha perseverança, também eu te guardarei da hora da provação, a hora que está prestes a vir sobre o mundo inteiro, para provar os que habitam na Terra.
- 11 Eu venho rapidamente; guarda o que tens, para que ninguém tome a tua coroa.
- 12 Ao vencedor, eu o farei colunar no Templo do Meu Deus, e dali nunca mais sairá; e escreverei sobre ele o nome do Meu Deus,

e o nome da Cidade do Meu Deus, a nova Jerusalém, que desce do céu, da parte do Meu Deus, e o Meu novo nome.

13 Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas.

7 Assim como a igreja em Esmirna, a igreja em Filadélfia fora especialmente perseguida pelos judeus apóstatas. Cristo começa sua mensagem aos anciãos declarando-se como **Aquele que é santo**, um termo consagrado na Bíblia para Deus (cf. Is. 40:25), e **que é verdadeiro**, em contraste com os líderes mentirosos dos judeus, que rejeitaram a verdade. Jesus Cristo também **tem a chave de Davi**: Ele **abre e ninguém fecha**, e Ele **fecha e ninguém abre**. Esta é uma alusão a Isaías 22:15-25, em que Deus acusa um mordomo real de falsidade, de trair sua confiança. Deus declara: “E demitir-te-ei do teu posto, e te arrancarei do teu assento.” (v. 19, ACF; cf. Gn. 3:22-24). Além disso, Deus substituiria o falso mordomo por um fiel (cf. 1 Sm. 13:13-14):

E vesti-lo-ei da tua túnica, e cingi-lo-ei com o teu cinto, e entregarei nas suas mãos o teu domínio, e será como pai para os moradores de Jerusalém, e para a casa de Judá. E porei a chave da casa de Davi sobre o seu ombro, e abrirá, e ninguém fechará; e fechará, e ninguém abrirá. (Is. 22:21-22, ACF)

Cristo está, portanto, anunciando que os oficiais do Israel apóstata são falsos administradores: eles foram expulsos do cargo, removidos de toda autoridade legítima e substituídos por Aquele que é santo e verdadeiro. Os guardas da porta da sinagoga excomungaram os cristãos, declarando-os apóstatas. Na realidade, Cristo diz, são vocês da sinagoga os apóstatas; são vocês que foram expulsos do Pacto; e eu tomei o seu lugar como o Verdadeiro Administrador, o Pastor e Bispo do Pacto (cf. 1 Pe. 2:25).

8-9 E assim o Senhor pode confortar esses cristãos sofredores que, por seguirem fielmente Cristo, sofreram excomunhão injusta do Pacto. **Conheço tuas obras**, Ele os assegura. Vocês foram excluídos da porta pelos detentores das chaves, mas precisam se lembrar de que eu sou Aquele que tem a chave, e eis **que pus diante de ti uma porta que ninguém pode fechar**. O próprio Senhor do Pacto os admitiu à comunhão e expulsou aqueles que fingem possuir as chaves; os cristãos fiéis não têm nada a temer. A igreja de Filadélfia tem apenas **pouca força** – ela não é proeminente, elegante ou exteriormente próspera, em contraste com a impressi-

onante, aparentemente “viva”, igreja de Sardes, que fazia concessões à sua fé. No entanto, ela foi fiel com o que lhe foi dado (cf. Lc. 19:26): **Guardaste a Minha Palavra e não negaste o meu nome.**

Portanto, **farei com que os da sinagoga de Satanás, que se dizem judeus, e não o são, mas mentem – eis que farei com que venham, e prostrem-se aos teus pés, e saibam que eu te ameí.** Mais uma vez os judeus apóstatas são revelados em sua verdadeira identidade: a sinagoga de Satanás (cf. 2:9). Novamente, não existe judaísmo “ortodoxo”; não existe crença genuína no Antigo Testamento que seja consistente com a rejeição de Jesus Cristo como Senhor e Deus. Aqueles que não acreditam em Cristo também não acreditam no Antigo Testamento. O deus do judaísmo é o diabo. O judeu não será reconhecido por Deus como sendo parte de Seu povo escolhido até que abandone sua religião demoníaca e retorne à fé de seus pais – a fé que abraça Jesus Cristo e Seu Evangelho. Quando os judeus que rejeitam a Cristo afirmam seguir os passos de Abraão, Jesus diz, eles mentem. E, embora eles atualmente tenham a vantagem na Filadélfia, seu domínio sobre o verdadeiro povo do pacto não durará muito. O próprio Cristo os forçará a **vir e se prostrar** aos pés dos cristãos. Nesta declaração há uma referência irônica a Isaías 60:14, onde Deus dá esta promessa ao povo do pacto, que havia sido perseguido pelos pagãos:

Os filhos também daqueles que te afligiram virão, inclinando-se a ti. E todos aqueles que te desprezaram curvar-se-ão em direção às plantas dos teus pés e chamar-te-ão: A cidade do SENHOR, A Sião do Santo de Israel.

Aqueles que falsamente afirmam ser judeus estão, na realidade, na posição dos pagãos perseguidores; e serão forçados a reconhecer o status pactual da Igreja como herdeira das promessas a Abraão e Moisés. Pois a Igreja é o verdadeiro Israel e, ao se unir à Igreja, esses crentes “cheg[aram] ao monte Sião, e à cidade do Deus vivo” (Hb. 12:22). O Israel apóstata foi podado da árvore da vida do povo do pacto, enquanto os crentes em Cristo de todas as nações foram enxertados (Rm 11:7-24). A única esperança para aqueles fora da linhagem do pacto, independentemente de sua herança étnica ou religiosa, é reconhecer Cristo como o único Salvador e Senhor, submetendo-se a Ele. A menos e até que os judeus sejam enxertados na linhagem do pacto pela graça de Deus, eles permanecerão fora do povo de Deus e perecerão com os pagãos. A Bíblia promete que os descendentes

de Abraão retornarão à fé em Jesus Cristo (Rm. 11:12, 15, 23-32).⁹ Mas, até que isso aconteça, as Escrituras os classificam com os pagãos (com uma grande diferença, no entanto: a condenação do judeu apóstata é muito mais severa do que a do pagão que não conhece a Lei; veja Rm. 2:1-29).

10-11 **Porque** os cristãos perseguidos de Filadélfia **guardaram a palavra de perseverança**, seu Senhor promete em troca **guardá-los da hora da provação**. Observe bem: Cristo não está prometendo arrebatá-los ou levá-los embora, mas **guardá-los**. Em outras palavras, Ele está prometendo preservá-los na provação, para impedi-los de cair (Jd. 24). Embora este seja um dos versículos que os dispensacionalistas reivindicaram para apoiar a teoria do “arrebatemento pré-tribulacional”, em um exame mais detalhado, ele se revela, na realidade, como não sendo nada disso. Na verdade, ele não diz nada sobre o fim do mundo ou a Segunda Vinda: A “hora da provação” mencionada aqui é identificada como **a hora que está prestes a vir sobre o mundo inteiro, para provar os que habitam na Terra**. Está falando do período de tribulação que, na experiência dos leitores do primeiro século, estava **prestes a vir**. Faz sentido que Cristo promettesse à igreja na Filadélfia proteção de algo que aconteceria milhares de anos depois? “Tende bom ânimo, fiéis cristãos sofredores da Ásia Menor do primeiro século: não deixarei que esses mísseis soviéticos e abelhas assassinas do século XX vos atinjam!” Uma vez que os cristãos de Filadélfia estavam preocupados com questões mais práticas e imediatas – perseguição oficial, discriminação religiosa, ostracismo social e boicotes econômicos – por que eles se importariam com as lucrativas histórias de horror de Hal Lindsey? Ao distorcer passagens como essas para se adequarem às suas fantasias passageiras, certos dispensacionalistas modernos acrescentaram à Palavra de Deus e diminuíram sua mensagem; e assim ficam sob as maldições de Apocalipse 22:18-19.

Não, a hora de provação prometida estava no futuro imediato, como a Escritura testifica universalmente; uma mera **hora** de provação, a ser substituída por mil anos de governo (20:4-6). São João usa a expressão **aqueles que habitam na Terra** doze vezes em Apocalipse (uma vez para cada uma das doze tribos) para se referir ao *Israel apóstata* (3:10; 6:10; 8:13; 11:10 [duas vezes]; 13:8, 12, 14 [duas vezes]; 14:6; 17:2, 8). No Antigo Testamento grego (a versão usada pela Igreja primitiva), é uma expressão

⁹ Veja David Chilton, *Paraíso Restaurado* (Editora Monergismo, 2024), pp. 139ff.

profética comum para o *Israel rebelde e idôlatra prestes a ser destruído e expulso da Terra* (Jr. 1:14; 10:18; Ez. 7:7; 36:17; Os. 4:1, 3; Jl. 1:2, 14; 2:1; Sf. 1:18), baseada em seu uso original nos livros históricos da Bíblia para *pagãos rebeldes e idôlatras prestes a serem destruídos e expulsos da Terra* (Nm. 32:17; 33:52, 55; Js. 7:9; 9:24; Jz. 1:32; 2 Sm. 5:6; 1 Cr. 11:4; 22:18; Ne. 9:24); Israel se tornou uma nação de pagãos e está prestes a ser destruída, exilada e suplantada por uma nova nação, a Igreja. Todo o mundo romano seria lançado em imensas convulsões, parte das quais envolveria a perseguição de cristãos por um imperador enlouquecido e autodeificado, com a ajuda dos judeus. Dias estavam chegando em que o diabo – em suas manifestações romana e judaica – tentaria destruir o cristianismo de uma vez por todas. O resultado final seria a destruição de Israel e Roma, mas, enquanto isso, havia tempos difíceis reservados para os cristãos e muitas tentações para se afastarem da fé. Cristo está aqui prometendo a Seus fiéis seguidores que eles serão protegidos e capacitados a perseverar na próxima hora de provação. Então, novamente, Ele os lembra: **Eu venho rapidamente** – o julgamento prometido não está longe. Portanto, **guarda o que tens, para que ninguém tome sua coroa**. Cristo abriu a porta para a Igreja, concedendo a ela o privilégio de uma comunhão régia com Deus como Seus sacerdotes e reis; e eles devem perseverar por Sua causa, enquanto Seu Reino vindouro abala as nações da terra e expulsa Seus inimigos de suas fortalezas.

12-13 Novamente, a promessa ao vencedor envolve uma designação simbólica de salvação. Primeiro, Cristo diz: **Eu o farei uma coluna no Templo do Meu Deus**. Isso está relacionado à imagética complexa do Tabernáculo e do Templo, cujas estruturas arquitetônicas correspondiam às vestes dos sacerdotes.¹⁰ As duas ombreiras do Tabernáculo (as colunas do Templo) são chamados de *ombros*, enquanto a lâmina na mitra do sacerdote, inscrita com o nome de Deus, correspondia ao lintel que se estendia os pilares.¹¹ Assim como as duas colunas do templo foram nomeados *Ele estabelecerá* e *Nele há força* (1 Reis 7:20), assim também as ombreiras do éfode do sumo sacerdote foram inscritas com os nomes dos filhos de

¹⁰ Meredith G. Kline dedicou um capítulo inteiro a esse assunto. Veja “A Priestly Model of the Image of God”, em *Images of the Spirit* (Grand Rapids: Baker Book House, 1980), pp. 35-56.

¹¹ *Ibid.*, pp. 40., 44f. 54f.; cf. Ex. 27:14-15; 1 Rs. 6:8; 7:15. 21, 39; 2 Rs. 11:11; 2 Cr. 3:17; Ez. 40:18, 40ff.; 41:2, 26; 46:19; 47:1-2.

Israel (Êxodo 28:9-12). Tudo isso é reunido em Apocalipse, onde o vencedor fiel é concebido como uma coluna no Templo de Deus. **E dali nunca mais sairá:** O povo de Deus é caracterizado pela estabilidade e permanência (cf. Jr. 1:18; 1 Tm. 3:15). Fomos redimidos de nossas perambulações.

Continuando com essa imagem, Cristo diz: **Escreverei sobre ele o nome do meu Deus, e o nome da cidade do meu Deus, [...] e meu novo nome.** Tudo isso fala da restauração completa do povo de Deus à imagem de Deus, como vemos no capítulo final do Apocalipse: “E verão o Seu rosto, e o Seu nome estará nas suas testas” (Ap. 22:4). Uma das bênçãos básicas do pacto está contida na bênção familiar: “O SENHOR faça resplandecer o seu rosto sobre ti” (Nm. 6:25); ver o brilho do rosto de Deus significa participar da salvação e refletir a glória de Deus como portador da sua imagem (ver Ex. 34:29-35; Nm. 12:6-8; Sl. 80:3, 7, 19; 2 Co. 3:7-18; 4:6; 1 Jo. 3:2). Similarmente, como já vimos, o nome de Deus inscrito na testa simboliza a restauração do homem redimido à glória ética e física que pertence à imagem de Deus (cf. Gn. 3:19; Ex. 28:36-38; Dt. 6:4-9; e contraste com 2 Cr. 26:19).

A imagem é completada quando o cristão é declarado cidadão **da nova Jerusalém, que desce do céu, da parte do Meu Deus.** A velha Jerusalém, que havia apostatado da fé de Abraão, estava sob juízo, prestes a ser destruída; o velho Templo, que Deus abandonara, havia se tornado um santuário para demônios, e logo seria completamente demolido a tal ponto que não restaria pedra sobre pedra (Mt. 24:1-2). Mas agora a Igreja de Cristo é declarada a cidade de Deus, a nova Jerusalém, cuja origem não estava na terra, mas no céu. Os cidadãos da antiga Jerusalém seriam espalhados até os confins da terra (Lc. 21:24), enquanto o relacionamento do cristão com Deus é tão íntimo que ele poderia ser descrito como uma coluna no Templo, a morada de Deus – uma coluna, aliás, que não poderia ser movida de seu lugar, pois o cristão **dali nunca mais sairá.** Os filhos da antiga Jerusalém eram, como sua mãe, escravizados; enquanto “a Jerusalém do alto é livre; e esta é a nossa mãe” (Gl. 4:26, A21). Jesus dissera: “E eu vos digo que muitos virão do Oriente e do Ocidente, e sentarão com Abraão, Isaque e Jacó, no reino do céu. Mas os filhos do reino serão lançados em trevas profundas; ali haverá pranto e ranger de dentes.” (Mt. 8:11-12). E isso era verdade para os cristãos vencedores na Filadélfia. Embora perseguidos e discriminados pelo falso Israel, como Isaque o fora por Ismael (Gn. 21:8-14; Gl. 4:22-31), eles veriam os falsos filhos serem deser-

dados e expulsos, enquanto eles, por meio de Cristo, receberiam as bênçãos de seu pai Abraão e herdariam o mundo (Rm. 4:13; Gl. 3:29).

Laodiceia: Juízo sobre os Mornos (3:14-22)

- 14 E ao anjo da igreja em Laodiceia escreve: Isto diz o Amém, a Testemunha fiel e verdadeira, o Princípio da criação de Deus:
- 15 Conheço as tuas obras, que não és frio nem quente; quem dera fosses frio ou quente.
- 16 Assim, porque és morno, e nem quente nem frio, vomitar-te-ei da minha boca.
- 17 Porque dizes: Estou rico, e tornei-me próspero, e de nada tenho falta; e não sabes que és um desgraçado, e miserável, e pobre, e cego, e nu.
- 18 Aconselho-te que de mim compres ouro refinado pelo fogo, para que te tornes rico, e vestes brancas, para te vestires, e para que a vergonha da tua nudez não seja revelada; e colírio para ungir os teus olhos, para que vejas.
- 19 Aqueles a quem amo, repreendo e disciplino; sê, pois, zeloso e arrepende-te.
- 20 Eis que estou à porta e bato; se alguém ouvir a Minha voz e abrir a porta, entrarei a ele, e com ele cearei, e ele comigo.
- 21 Ao que vencer, eu lhe concederei que se assente comigo no Meu trono, assim como eu venci e me assentei com Meu Pai no Seu trono.
- 22 Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas.

14 A cidade mais rica da região, Laodiceia, era outro importante centro de adoração ao imperador. Em Sua mensagem aos presbíteros desta igreja, Cristo se identifica de três maneiras. Primeiro, Jesus diz: Ele é o **Amém**. Esta é uma palavra familiar a todos os cristãos: nós a repetimos no final de nossos credos, hinos e orações.¹² É geralmente entendido como *Assim seja*; mas sua força real, em termos da teologia da Bíblia, é muito mais forte. Ele é, na realidade, um juramento: dizer *Amém* significa invocar sobre si mesmo as maldições do Pacto (cf. Nm. 5:21-22; Dt. 27:15-26;

¹² Infelizmente, muitos fundamentalistas e evangélicos usam o termo hoje em dia com o sentido de 'Eu me sinto bem'. Tal uso, implicitamente (embora certamente não de forma intencional) beirando a blasfêmia, é apenas um sintoma da atitude subjetiva e centrada no homem em relação à vida que se tornou comum durante os últimos dois séculos

Ne. 5:12-13). Como nosso “Sim e Amém”, Jesus Cristo é a garantia das promessas do pacto, por Sua perfeita obediência, sacrifício expiatório e contínua intercessão na corte do céu (2 Co. 1:20; Gl. 3:13; Hb. 7:22-28; 9:24-28; 10:10-14). Assim, nosso *Amém* em resposta litúrgica à Palavra de Deus é tanto um juramento, quanto um reconhecimento de que nossa salvação depende totalmente não de nossa obediência ao Pacto, mas da perfeita obediência ao Pacto por parte de Jesus Cristo, que se colocou sob as estipulações e maldições do Pacto em nosso lugar.

Segundo, isso significa que Jesus também é a **Testemunha fiel e verdadeira**, de cuja Palavra podemos depender eternamente. “Ele é uma Testemunha *fiel* porque seu testemunho é verdadeiro; e ele é uma Testemunha *verdadeira* porque nele está a realização completa de todas as qualificações que fazem de alguém uma testemunha, de modo real e verdadeiro.”¹³ E é como esta Testemunha infalível e totalmente autoritativa que Cristo dá testemunho convincente contra a igreja de Laodiceia.

Terceiro, Jesus diz, Ele é o **Princípio da criação de Deus**: Ele é o *archê*, tanto a Origem quanto o Governante de toda a criação, como Paulo também escreveu em uma carta que ele especificamente pretendia que a igreja de Laodiceia lesse (veja Cl. 4:16):

O qual é a imagem do Deus invisível, o primogênito de toda criatura. Porque nele todas as coisas foram criadas, nos céus e na terra, visíveis e invisíveis, sejam elas tronos, ou dominações, ou principados, ou potestades; todas as coisas foram criadas por ele e para ele. E ele é antes de todas as coisas, e por ele todas as coisas subsistem. E ele é a cabeça do corpo, da igreja; é o princípio e o primogênito dentre os mortos, para que em todas as coisas tenha a preeminência. (Cl. 1:15-18)

Assim, Aquele que fala a Laodiceia é o Amém, o grande Fiador do Pacto, a Testemunha infalível que é a Própria Verdade, com toda a autoridade possuída pelo Criador e Rei do universo. E Ele veio para dar testemunho contra Sua igreja.

15-16 Laodiceia era **morna, e nem quente nem fria**. Isso tem sido frequentemente interpretado como se **quente** significasse *entusiasmo di-*

¹³ A. Plummer in *The Pulpit Commentary: The Revelation of St. John the Divine* (London: Funk and Wagnalls Company, n.d.), pg. 115.

vino e **frio** significasse *antagonismo ímpio*; mas há outra explicação que se encaixa melhor no contexto histórico e geográfico. Laodiceia estava situada entre duas outras cidades importantes, Colossos e Hierápolis. Colossos, encravada em um vale estreito na sombra de montanhas imponentes, era regada por riachos gelados que desciam em queda das alturas. Em contraste, Hierápolis era famosa por suas fontes termais minerais que fluíam da cidade e atravessavam uma planície alta até descenderem em cascada por um penhasco voltado para Laodiceia. Quando a água chegava ao fundo do vale, era morna, pútrida e nauseante. Em Colossos, portanto, era possível se refrescar com água potável limpa, fria e revigorante; em Hierápolis, podia-se ser curado ao se banhar em suas piscinas quentes e ricas em minerais. Mas, em Laodiceia, as águas não eram nem **quentes** (para a saúde) nem **frias** (para beber).¹⁴

Em outras palavras, a acusação básica contra Laodiceia é que ela é ineficaz, boa para nada. A igreja de Laodiceia não traz nem uma cura para doenças nem uma bebida para acalmar lábios secos e gargantas ressecadas. O tipo de cristianismo representado por Laodiceia não tem valor. A igreja não forneceu “nem refrigério para os espiritualmente cansados, nem cura para os espiritualmente doentes. Era totalmente ineficaz e, portanto, desagradável ao seu Senhor.”¹⁵ Assim, diz Mounce, “a igreja não está sendo repreendida por sua temperatura espiritual, mas pela esterilidade de suas obras.”¹⁶ Isso explica a declaração de Cristo: **Quem dera fosses frio ou quente**. Ele não está dizendo que a apostasia total é preferível ao meio-termo; em vez disso, Ele deseja que os cristãos de Laodiceia tenham influência sobre sua sociedade.

O dia do hipopótamo

Passa-se em sono; à noite caça;

Deus trabalha de uma forma misteriosa –

A Igreja pode descansar e alimentar-se ao mesmo tempo.¹⁷

¹⁴ C. J. Hener, “Seven Cities of Asia Minor”, em R. K. Harrison, ed., *Major Cities of the Biblical World* (Nashville: Thomas Nelson Publishers, 1985), pp. 246ff.

¹⁵ M. J. S. Rudwick e E. M. B. Green, “The Laodicean Lukewarmness”, em *Expository Times*, Vol. 69 (1957-58), pg. 178; citado em Mounce, pg. 125.

¹⁶ Mounce, pp. 125f.

¹⁷ From T. S. Eliot, “The Hippopotamus”, *Collected Poems 1909-1962* (New York: Harcourt Brace Jovanovich, 1963), pg. 42.

O chamado do cristão não é se misturar a um ambiente pagão, mas convertê-lo, reformá-lo, reconstruí-lo em termos de todo o conselho de Deus, conforme ordenado em Sua Palavra. Para citar apenas um exemplo de um laodiceanismo moderno, considere as muitas igrejas evangélicas alegam ser bíblicas – que estremeceriam com a sugestão de que seriam “mundanas” ou “liberais” – que continuam em seu estilo de vida complacente, organizando grupos de atividades e acampamentos de verão, completamente alheias ao assassinato de mais de 4.000 bebês não nascidos todos os dias. Muitas vezes, essas igrejas têm medo de fazer declarações “políticas” com base no fato de que podem perder suas isenções fiscais. Mas seja qual for a desculpa, tal igreja é desobediente à Palavra de Deus. Se uma igreja não está transformando sua sociedade, se não está cristianizando a cultura, para que ela serve? “Se o sal perder seu sabor, com que se há de salgar? Para nada mais é bom senão para se lançar fora, e ser pisado pelos homens.” (Mt. 5:13).

Então, porque és morno [...] vomitar-te-ei da minha boca. Este é um eco de Levítico 18:24-28:

Não vos contamineis com nenhuma destas coisas, porque em todas estas coisas são contaminadas as nações que eu lanço fora de diante de vós. E a terra está contaminada; portanto, eu visitarei sobre ela a sua iniquidade, e a terra em si vomitará os seus habitantes. Portanto, vós guardareis os meus estatutos e os meus juízos, e não cometereis nenhuma dessas abominações; seja alguém do seu próprio país, ou um estrangeiro que peregrina entre vós; (porque todas estas abominações fizeram os homens desta terra, que nela estavam antes de vós; e a terra está contaminada). Para que a terra não vos vomite também, quando a contaminardes, como vomitou as nações que foram antes de vós.

A mornidão laodicense é uma abominação ao Senhor. Por tornar-se sobremodo incapaz de causar um impacto no mundo (e, assim, se conformando aos padrões pagãos – ou não fazendo alarde sobre eles, o que equivale à mesma coisa), a igreja corre o risco de ser separada de Cristo, com sua própria liderança sendo ameaçada com excomunhão em massa.

17-18 A cidade de Laodiceia orgulhava-se de suas três características marcantes: sua grande riqueza e independência financeira como um importante centro bancário; sua indústria têxtil, que produzia “uma lã

preta e brilhante, de qualidade muito fina e renomada mundialmente”,¹⁸ e sua comunidade científica, renomada não apenas por sua prestigiosa escola de medicina, mas também por um colírio (chamado “Pó Frígio”) que era bem conhecido desde os dias de Aristóteles. Usando esses fatos para ilustrar os problemas na igreja, Cristo cita a atitude geral dos cristãos de Laodiceia: **Tu dizes: Estou rico, e tornei-me próspero, e de nada tenho falta.** Na realidade, apesar da riqueza da igreja e da posição social inquestionável, ela era ineficaz, não realizando nada para o reino de Deus. Não é pecado para uma igreja (ou um indivíduo) ser rico – na verdade, Deus quer que adquiramos riqueza (Dt. 8:18). O que é pecaminoso é deixar de usar nossos recursos para a propagação do reino. Quando uma igreja relativamente pobre como a de Esmirna (veja Ap. 2:9) estava tendo um rico efeito sobre sua comunidade, não havia desculpa para a impotência de Laodiceia. Seu problema não era riqueza, mas desobediência: **Não sabes que és um desgraçado, e miserável, e pobre, e cego, e nu.**

No entanto, em graça, Cristo faz uma oferta de misericórdia: **Aconselho-te que de mim compres ouro refinado pelo fogo, para que te tornes rico, e vestes brancas, para te vestires, e para que a vergonha da tua nudez não seja revelada; e colírio para ungir os teus olhos, para que vejas.** O simbolismo aqui deve ser óbvio. A verdadeira fé e as obras genuínas de obediência são mencionadas nas Escrituras em termos de joias, e especialmente **ouro** (1 Pe. 1:7; 1 Co. 3:12-15); a **nudez** é sintomática da desobediência (Gn. 3:7), ao passo que estar **vestido** com **vestes brancas** é um símbolo de justiça, com relação à justificação e santificação (Gn. 3:21; Mt. 22:11; Ap. 19:8); e a **cegueira** é um símbolo da impotência e queda do homem (Lv. 21:18; Dt. 29:4; Mt. 13:13-15; 16:3; 2 Co. 4:3-4; 1 Jo. 2:11) à parte da restauração dele por Deus à verdadeira visão – a capacidade piedosa e madura de julgar com reta justiça (Lc. 4:18; At. 26:18; 1 Co. 2:14-15).

19-20 Mas Laodiceia ainda não será rejeitada pelo Senhor. Por mais duras que sejam Suas palavras, Ele ainda professa Seu **amor** por Sua Noiva. Essa, de fato, é a fonte de Sua raiva: Porque eu te amo, Ele declara, **Eu repreendo e disciplino.** Uma característica dos que são verdadeiros filhos de Deus, e não bastardos (cf. Hb. 12:5-11) é sua resposta à repreensão

¹⁸ Charles F. Pfeiffer e Howard F. Vos, *The Wycliffe Historical Geography of Bible Lands* (Chicago: Moody Press, 1967), pg. 377.

e disciplina. Todos os cristãos precisam de repreensão e correção às vezes, e alguns mais do que outros; o que é importante é se atendemos ou não ao aviso e corrigimos nossos caminhos. Por mais que Laodiceia tenha caído, ela ainda pode ser restaurada se renovar sua obediência e se tornar fiel à Palavra de Deus: **Sê, pois, zeloso e arrepende-te!**

Neste ponto, Jesus fala algumas das palavras mais bonitas de toda a Bíblia, no que talvez seja o versículo mais conhecido do Novo Testamento, além de João 3:16. **Eis que estou à porta e bato; se alguém ouvir a Minha voz e abrir a porta, entrarei a ele, e com ele cearei, e ele comigo.** Vários comentaristas reformados têm apontado o abuso generalizado desta passagem por evangélicos modernos, que arrancam o versículo de seu contexto como uma mensagem aos presbíteros de uma igreja, e o transformam em um pedido arminiano diluído de uma divindade fraca e indefesa que está à mercê do homem. Devemos lembrar que Cristo está falando aqui como o Amém, a Testemunha fiel e verdadeira, o Criador e Senhor Soberano de tudo. Ele não está fazendo um apelo fraco, como se não governasse a história e predestinasse seus mínimos detalhes; Ele é o Rei dos Reis, que faz guerra contra Seus inimigos e os condena às chamas eternas. Ele também não está falando com as pessoas em geral, pois Ele está direcionando Sua mensagem para Sua Igreja; nem, novamente, ele está falando simplesmente aos cristãos como indivíduos, mas a eles *como membros da Igreja*. Este versículo não pode servir aos propósitos do individualismo arminiano subjetivo sem que seja arrancado violentamente de seu contexto factual e textual.¹⁹

No entanto, há uma distorção do outro lado que é igualmente séria. Não bastará apenas apontar as falhas dos arminianos em lidar satisfatoriamente com este texto, pois os calvinistas têm tradicionalmente falhado aqui também. A adoração reformada tende a ser excessivamente intelectual, centrada na *pregação*. Em nome de ser centrada na *Palavra*, ela se torna, na realidade, frequentemente centrada no *intelecto*. O racionalismo reformado produziu, portanto, uma reação igual e oposta ao avivalismo irracionalismo e anti-intelectualismo arminianos. As pessoas fugiram da ênfase estéril e excessivamente intelectual da adoração reformada e se de-

¹⁹ É claro que o Senhor também se oferece a pessoas de fora do Reino: até os cachorrinhos recebem migalhas da mesa dos filhos (Mt. 15:21-28); e o rei na parábola de Cristo (Lc. 14:23) enviou seus servos para obrigar os gentios a entrarem. Mas a oferta de salvação de Cristo nunca é feita fora do contexto da Aliança, do Reino e da Igreja.

pararam com as heresias antiteológicas daquilo que hoje é infelizmente conhecido como evangelicalismo (que tem, de fato, muito pouco do *evangelho* original).²⁰

Qual é a resposta? Precisamos levar a sério a doutrina bíblica da Presença Real de Cristo no sacramento da Eucaristia. Devemos retornar ao padrão bíblico de adoração centrado em *Jesus Cristo*, o que significa a celebração semanal da Ceia do Senhor, bem como o ensino sobre seu verdadeiro significado e eficácia.²¹ Devemos abandonar o platonismo grosseiro que dá forma à nossa adoração superficial e intelectualizada, e retornar a uma adoração verdadeiramente corporativa e litúrgica, caracterizada pela beleza artística e excelência musical.²²

Pois deveria ser óbvio que neste versículo Ele está estendendo à Igreja uma oferta de comunhão renovada com Ele. O próprio coração e centro de nossa comunhão com Cristo está em Sua mesa (isto é, nossa mesa terrena que Ele fez Sua). A mais básica, e mais profunda, oferta de salvação é a oferta de Cristo de cear conosco. Na Sagrada Comunhão, estamos genuinamente ceando com Jesus, elevados à Sua presença celestial; e, além disso, estamos nos alimentando d'Ele:

Então Jesus lhes disse: Na verdade, na verdade eu vos digo: Se não comerdes a carne do Filho do homem, e não beberdes o seu sangue, não tereis vida em vós mesmos. Quem come a minha carne, e bebe o meu sangue, tem a vida eterna, e eu o ressuscitarei no último dia. Porque a minha carne verdadeiramente é comida, e o meu sangue verdadeiramente é bebida. Quem come a minha carne, e bebe o

²⁰ Veja o ensaio de James B. Jordan "Holistic Evangelism" em sua obra *Sociology of the Church* (Tyler, TX: Geneva Ministries, 1986).

²¹ Veja Geddes MacGregor, *Corpus Christi: The Nature of the Church According to the Reformed Tradition* (Philadelphia: The Westminster Press, 1958); e Ronald S. Wallace, *Calvin's Doctrine of the Word and Sacrament* (Tyler, TX: Geneva Ministries, 1953/1982).

²² Um dos livros mais úteis sobre adoração a partir de uma perspectiva reformada é Richard Paquier, *Dynamics of Worship: Foundations and Uses of Liturgy* (Philadelphia: Fortress Press, 1967). Para pontos de vista de outras tradições, veja Louis Bouyer, *Liturgical Piety* (University of Notre Dame Press, 1955); Josef A. Jungmann, S.J., *The Early Liturgy to the Time of Gregory the Great* (University of Notre Dame Press, 1959); Alexander Schmemmann, *Introduction to Liturgical Theology* (Crestwood, NY: St. Vladimir's Seminary Press, 1966); Luther D. Reed, *The Lutheran Liturgy* (Philadelphia: Muhlenberg Press, 1947); Massey H. Shepherd Jr., *The Worship of the Church* (Greenwich, CT: The Seabury Press, 1952); e Cheslyn Jones *et al*, eds., *The Study of Liturgy* (New York: Oxford University Press, 1978).

meu sangue, permanece em mim, e eu nele. Assim como o Pai, que vive, me enviou, e eu vivo pelo Pai; assim quem de mim se alimenta também viverá por mim. (Jo. 6:53-57)

21-22 A promessa final ao vencedor é uma promessa de domínio com Cristo: **eu lhe concederei que se assente comigo no Meu trono, assim como eu venci e me assentei com Meu Pai no Seu trono.** Isso é apenas uma esperança futura? Certamente não. O privilégio de governar com Cristo pertence a todos os cristãos, no tempo e na terra, embora o domínio seja progressivo pela história até a consumação final. Mas Cristo já entrou em seu reino (Cl. 1:13); Ele já desarmou Satanás e os demônios (Cl. 2:15); e nós já somos reis e sacerdotes com Ele (Ap. 1:6); e assim como ele venceu, nós devemos prosseguir, vencendo em seu nome. Ele reina agora (At. 2:29-36), acima de toda a criação (Ef. 1:20-22), com todo o poder no céu e na terra (Mt. 28:18-20), e está engajado *agora* em colocar todos os inimigos debaixo dos Seus pés (1 Co. 15:25), até que Seu reino se torne uma grande montanha, enchendo toda a terra (Dn. 2:35, 45).

Assim, temos sido confrontados repetidamente nessas mensagens às igrejas com o comando fundamental do Apocalipse, aquele que São João nos admoestou a guardar (1:3): *Vença! Conquiste!* Mesmo deixando de lado o fato de que a profecia não é sobre o século XX, não compreenderemos o seu propósito se nos concentrarmos em perseguições ou culto ao imperador da mesma forma que os Hal Lindsey's desta era se concentram em embargos de petróleo, mercados comuns e bombas de hidrogênio: a mensagem básica não é sobre nenhum deles, mas sim sobre o dever da Igreja de conquistar o mundo. R. J. Rushdoony disse bem: "O propósito desta visão é dar consolo e garantia de vitória à Igreja, não confirmar seus medos ou as ameaças do inimigo. Ler o Apocalipse como algo diferente do triunfo do reino de Deus no tempo e na eternidade é negar a própria essência de seu significado."²³

O grande fracasso do que é comumente conhecido como "amilenismo" é sua relutância em aceitar essas implicações dominicais do reino mediador de Jesus Cristo. Os escritores do Novo Testamento constantemente exortam o povo de Deus a "vencer" à luz da vitória definitiva de Cristo. Tendo sido recriados à Sua imagem, de acordo com Sua seme-

²³ R. J. Rushdoony, *Thy Kingdom Come: Studies in Daniel and Revelation* (Tyler, TX: Thoburn Press, 11970]1978), pg. 90.

lhança (Ef. 4:24; Cl. 3:10), e nos tornando cada vez mais conformados à Sua imagem (Rm. 8:29-30), somos reis com Ele agora, nesta era. Ele nos deu título legal para todas as coisas (cf. Rm. 8:32; 1 Co. 3:21-22), e com base nisso devemos exercer domínio sob Seu senhorio em todas as áreas da vida. Os amilenistas, no entanto, embora professem acreditar na existência do Reino presente de Cristo, frequentemente negam caracteristicamente sua relevância prática para este mundo. Por exemplo, o brilhante estudo do Dr. Meredith G. Kline, *Images of the Spirit* [Imagens do Espírito], tem um excelente capítulo sobre “Um Modelo Profético da Imagem de Deus”, no qual ele mostra como a restauração da imagem de Deus para a Igreja por meio de Cristo significa que “todo o povo do Senhor é profeta” (cf. Nm. 11:29; At. 2:17-18).²⁴ Kline também tem um capítulo excelente sobre “Um Modelo Sacerdotal da Imagem de Deus”, uma exposição fascinante do sacerdócio de todos os crentes à imagem de Cristo, nosso Sumo Sacerdote definitivo.²⁵ Mas Cristo é Profeta, Sacerdote e *Rei* – ainda assim, significativamente, Kline deixou de escrever um ensaio sobre “Um Modelo Real da Imagem de Deus”. Mas se os cristãos portam a imagem de Cristo em Seu papel de Profeta e Sacerdote, eles também são reis, à imagem do Rei. Esse é precisamente a ideia principal dos versículos em discussão: O Senhor Jesus Cristo compartilha Sua conquista e entronização com Seu povo. Porque Ele venceu e assentou-se com o Pai em Seu Trono, Ele agora nos convoca para desfrutar do domínio real com Ele, herdando todas as coisas.

²⁴ Kline, *Images of the Spirit*, pp. 57-96.

²⁵ *Ibid.*, pp. 35-56.

Parte III

ESTIPULAÇÕES ÉTICAS: OS SETE SELOS

(Apocalipse 4-7)

Introdução

A terceira seção do tratado pactual (cf. Dt. 5:1-26:19)¹ declarava o modo de vida pactual exigido dos vassalos, as leis de cidadania no Reino. Como São Paulo declarou, todos os homens ‘vivem, se movem e existem’ em Deus (At. 17:28); Ele é o Fundamento do nosso próprio ser. Isso significa que nosso relacionamento com Ele está no centro de nossa existência, de nossas ações e pensamentos em todas as áreas da vida. E central para esse relacionamento é Seu Santuário, onde Seus súditos vêm adorá-Lo diante de Seu Trono. Assim, o principal interesse da seção de Estipulações é a consagração completa do povo a Deus, com importância especial colocada no estabelecimento de um Santuário central:

Mas buscareis o lugar que o SENHOR vosso Deus escolher de todas as vossas tribos, para ali colocar o seu nome, a sua habitação, e para lá ireis. (Dt. 12:5; cf. todo o cap. 12)

Como Meredith Kline observa, “O requisito de centralização deve [...] ser entendido em termos da natureza de Deuteronomio como um tratado de suserania. Tais tratados proibiam o vassalo de se envolver em qualquer diplomacia independente com uma potência estrangeira além do suserano da aliança. Em particular, o vassalo não deve pagar tributo a nenhum outro senhor.”² A centralidade do Santuário ajudou a ressaltar o fato de que era uma imagem do Santuário no céu (Ex. 25:9, 40; 26:30; Nm. 8:4; At. 7:44; Hb. 8:5; 9:23).

Esta também é a ênfase da seção de Estipulações do Apocalipse. A passagem abre com a ascensão de São João à Sala do Trono de Deus, e isso fornece a perspectiva central para a profecia como um todo: Todas as

¹ Veja Meredith G. Kline, *Treaty of the Great King: The Covenant Structure of Deuteronomy* (Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Co., 1963), pp. 62-120.

² Ibid., pg. 80.

coisas são vistas em relação ao Trono. Os julgamentos que são ligados na terra foram primeiro ligados no céu.³

Obviamente, um aspecto importante da seção Estipulações em Deuteronômio é a própria Lei, o sinal do senhorio pactual de Deus. Moisés se esmera em lembrar repetidas vezes a Israel do Pacto no Sinai, com os Dez Mandamentos gravados nas tábuas de pedra (Dt. 5, 9-10). Da mesma forma, esta seção do Apocalipse (cap. 5) lida com um documento pactual que, como as tábuas de pedra originais, é escrito na frente e no verso.

As leis do Pacto decretaram um programa de conquista das nações ímpias de Canaã: Israel derrotou seus inimigos por meio da aplicação do Pacto. A guerra santa simplesmente executou a sentença de morte declarada no tribunal; era fundamentalmente uma ação ética e judicial, trazendo a pena de morte contra os ímpios.⁴ O programa de conquista, baseado na lei de Deus, foi, portanto, emitido do Santuário central. (É interessante que, na forma em que este programa é exposto em Deuteronômio 7, Moisés fala simbolicamente de “sete nações” a serem destruídas.)⁵ Claro, a lei prevê não apenas o juízo para os cananeus, mas também para os israelitas que apostatam do Pacto: aqueles que repudiam a autoridade de Deus e seguem outros deuses devem ser mortos, um juízo que, como os outros, procede, em última análise, do altar no Santuário central (Dt. 13:1-18; 17:1-13).⁶

Como Deuteronômio 20 deixa claro, esse aspecto Santuário-judicial é central até mesmo para a guerra travada contra nações estrangeiras, além das fronteiras da teocracia: Batalhas eram consagradas pelo sacerdote para a glória de Deus e Seu Reino pactual (v. 1-4). Uma guerra desse tipo era sempre precedida por uma oferta de paz; se a oferta fosse recusada, todos os homens da cidade seriam passados à espada. Kline explica a tipologia: “A oferta de paz de Israel (v. 10) e a submissão da cidade gentia como um tributário da aliança a Yahweh (v. 11) representava uma imagem da missão salvadora do povo de Deus no mundo (cf. Zc. 9:7b, 10b; Lc. 10:5-16). O

³ Cf. Mt. 18:18, que literalmente diz: “Em verdade vos digo que tudo o que ligardes na terra *terá sido* ligado nos céus, e tudo o que desligardes na terra *terá sido* desligado nos céus.” (ARA) Ao proferir juízos com retidão, os ministros na terra estão manifestando o juízo do céu.

⁴ Veja Ray R. Sutton, *That You May Prosper: Dominion by Covenant* (Tyler, TX: Institute for Christian Economics, 1987).

⁵ Cf. Kline, pg. 68.

⁶ *Ibid.*, pp. 84ff., 94ff.

PARTE III: OS SETE SELOS

juízo daqueles que se recusam a fazer as pazes com Deus por meio de Cristo foi exibido no cerco, conquista e punição da cidade insubmissa (v. 13).”⁷

Encontramos tudo isso em Apocalipse também – com a diferença de que, sendo uma Ação Judicial do Pacto contra o Israel apóstata, os juízos outrora decretados contra os gentios ímpios agora são liberados sobre o povo pactual iníquo, que rejeitara a oferta de paz de Cristo. Quando o livro do Pacto é aberto, as criaturas angelicais que carregam o altar clamam: “Vem!” – e quatro cavaleiros partem para conquistar a Terra, trazendo destruição e morte em cumprimento às maldições pactuais, aplicando o juízo justo e santo do Santuário no céu.

Outro assunto importante da seção de Estipulações em Deuteronômio é a exigência de comparecer às festas sagradas, envolvendo três peregrinações anuais ao Santuário central: para as festas da Páscoa/Pães sem Fermento (16:1-8), Pentecostes [Semanas] (16:9-12) e Tabernáculos (16:13-15).⁸ A mesma ordem é seguida nesta seção do Apocalipse. O capítulo 5 contém imagens da Páscoa, onde vemos adoradores no santuário dando graças pelo “Cordeiro que foi morto”. O capítulo 6 aborda o tema do Pentecostes (o aniversário da entrega da Lei no Sinai): O livro de leis do Pacto é aberto, trazendo uma série de juízos modelados a partir de Habacuque 3, uma leitura da sinagoga para o Pentecostes.⁹ Então, o capítulo 7 nos leva a uma visão da Festa dos Tabernáculos escatológica,¹⁰ na qual as incontáveis multidões redimidas de todas as nações estão diante do Trono com palmas em suas mãos (cf. Lv. 23:39-43), louvando a Deus como seu Redentor-Rei (cf. Dt. 26:1-19)¹¹ e recebendo a plenitude da bênção pronunciada nesta festa: “E Aquele que está assentado no Trono estenderá o Seu Tabernáculo sobre eles. Eles não mais terão fome, nem mais terão sede; nem o sol os castigará, nem calor algum; porque o Cordeiro que está no centro do Trono será o seu Pastor, e os guiará às fontes da água da vida; e Deus enxugará dos seus olhos toda lágrima” (Ap. 7:15-17).

⁷ Ibid., pg. 106.

⁸ Ibid., pp. 91-94.

⁹ M. D. Goulder, *The Evangelists' Calendar: A Lectionary Explanation for the Development of Scripture* (London: SPCK. 1978), pg. 177.

¹⁰ Veja David Chilton, *Paraíso Restaurado* (Editora Monergismo, 2024), pp. 56ff., 72.

¹¹ Veja Kline, pp. 118ff.

O TRONO ACIMA DO MAR

O Padrão para Adoração (4:1-11)

- 1 Depois destas coisas, olhei, e eis que havia uma porta aberta no céu, e a primeira Voz que eu ouvira, como o som de uma trombeta ao falar comigo, disse: Sobe aqui, e eu te mostrarei o que deve acontecer depois destas coisas.
- 2 Imediatamente eu estava no Espírito; e eis um Trono posto no céu, e Um assentado
- 3 semelhante a uma pedra de jaspe e a um sárdio em aparência; e havia um arco-íris ao redor do Trono, semelhante a uma esmeralda em aparência.
- 4 E ao redor do Trono havia vinte e quatro tronos; e sobre os tronos vi vinte e quatro anciãos assentados, vestidos de branco, e com coroas de ouro em suas cabeças.
- 5 E do Trono procedem relâmpagos, e vozes, e trovões. E havia sete lâmpadas de fogo queimando diante do Seu Trono, que são os sete Espíritos de Deus;
- 6 e diante do Trono havia algo como um mar de vidro semelhante ao cristal; e, no meio do Trono e ao redor dele, havia quatro seres vivos cheios de olhos na frente e atrás.
- 7 E o primeiro ser vivo era semelhante a um Leão, e o segundo ser vivo era semelhante a um Touro, e o terceiro ser vivo tinha um rosto como o de um Homem, e o quarto ser vivo era semelhante a uma Águia voando.
- 8 E os quatro seres vivos, cada um deles tendo seis asas, estão cheios de olhos ao redor e por dentro; e não têm descanso nem de dia nem de noite, dizendo:
Santo, Santo, Santo, é o Senhor Deus, o Todo-Poderoso, que era, que é e que há de vir.
- 9 E quando os seres vivos derem glória, honra e ações de graças Àquele que está assentado no Trono, Àquele que vive para todo o sempre,
- 10 os vinte e quatro anciãos se prostrarão diante d'Aquele que está assentado no Trono, e adorarão Aquele que vive para todo o sempre, e lançarão as suas coroas diante do Trono, dizendo:

- 11 Digno és tu, nosso Senhor e Deus, o Santo, de receber glória, honra e poder; porque Tu criaste todas as coisas, e por Tua vontade elas existem e foram criadas.

1 Este versículo é usado por defensores do dispensacionalismo para apoiar sua “Teoria do Arrebatamento”, a noção de que a Igreja será arrebatada deste mundo antes de uma Tribulação vindoura; de fato, este versículo parece ser o principal texto de prova para um arrebatamento pré-tribulacional. O “arrebatamento” de São João para o céu é considerado um sinal de que toda a Igreja desaparecerá antes que as pragas registradas nos capítulos seguintes sejam derramadas. Parte da justificativa para esse entendimento é que a **Voz** que João ouviu era **como o som de uma trombeta**, e São Paulo diz que uma trombeta soará no “arrebatamento” (1 Ts. 4:16). Alguns defensores dessa posição parecem alheios ao fato de que Deus usa uma trombeta em inúmeras ocasiões. De fato, como vimos no primeiro capítulo, a conexão entre a Voz de Deus e o som de uma *trombeta* ocorre em toda a Escritura, começando com o julgamento no Jardim do Éden. Aliás, São João ouviu a voz como uma trombeta na primeira visão (Ap. 1:10). (Isso indica um possível “arrebatamento duplo”?)¹

A escola dispensacionalista de interpretação também apela para o fato de que, depois que a Voz disse **Sobe aqui**, “A palavra ‘igreja’ não ocorre novamente no Apocalipse até que tudo seja cumprido.”² Esta observação singular é apresentada como prova abundante de que o Livro do Apocalipse não fala da “Igreja” deste ponto até a Segunda Vinda (geralmente situada em 19:11), o que por sua vez prova que a Igreja foi arrebatada e está ausente, no céu, longe de toda a empolgação – tudo porque a *palavra* “Igreja”³ não aparece! Com base em um princípio tão curioso de interpretação, poderíamos dizer com segurança que o Apocalipse não nos diz nada

¹ Mas espere aí! Os capítulos 8-11 registram o soar de nada menos que mais *sete* trombetas – poderia haver nove arrebatamentos?

² *Bíblia de Referência Scofield* (New York: Oxford University Press, [1909] 1945), nota em Ap. 4:1; cf. Hal Lindsey, *There's a New World Coming: A Prophetic Odyssey* (Eugene, OR: Harvest House Publishers, 1973), pp. 74ff.

³ O uso dispensacionalista da palavra Igreja é muito diferente de seu uso na teologia histórica e ortodoxa. Veja O. T. Allis, *Prophecy and the Church* (Grand Rapids: Baker Book House, 1945, 1947), pp. 54-110; L. Berkhof, *Teologia Sistemática* (Editora Cultura Cristã, 2012), pp. 517-532; e Roderick Campbell, *Israel and the New Covenant* (Tyler, TX: Geneva Ministries, [1954] 1983).

sobre Jesus até o capítulo 12, porque o nome “Jesus” não ocorre até então (assim, “o Leão da tribo de Judá” e “o Cordeiro que foi morto” [5:5-6] devem ser termos para outra pessoa).⁴ Esse método de interpretação certamente envolve ainda mais problemas para o dispensacionalista: pois a palavra “Igreja” nunca mais aparece em todo o Livro do Apocalipse! Essa interpretação das palavras **Sobe aqui** não apoia, portanto, o *arrebatamento* pré-tribulacionista da Igreja; possivelmente até ensina a *aniquilação* pré-tribulacionista da Igreja. Após o último versículo em Apocalipse 3, a Igreja simplesmente desaparece e nunca mais se ouve falar dela.

Obviamente, isso não é verdade. A Igreja é conhecida por vários nomes e descrições em toda a Bíblia,⁵ e o simples fato de que o termo específico “Igreja” não aparece não é indicação de que o conceito de Igreja não esteja presente. Aqueles que veem neste versículo algum “arrebatamento” da Igreja estão introduzindo-o no texto. O único “arrebatado” é o próprio São João. O fato é que São João usa a palavra Igreja apenas com referência a congregações específicas – *não* para todo o corpo de Cristo.

No entanto, também devemos reconhecer que São João ascende a um culto no Dia do Senhor; e esta é uma imagem clara da ascensão *semanal* da Igreja ao céu a cada Dia do Senhor, onde ela se junta à comunhão de santos e anjos “em alegre reunião” (Hb. 12:22-23, NVI) para a liturgia celestial. A Igreja representa a experiência de São João todo domingo no *Sursum Corda*, quando o oficiante (refletindo o **Sobe aqui!** de Cristo) clama, *Elevem seus corações!* e a congregação canta em resposta, *Nós os elevamos ao Senhor!* Notamos em um capítulo anterior o comentário de São Germano de que “a Igreja é um céu terrestre”; o Patriarca continua: “As almas dos cristãos são convocadas para se reunirem com os profetas, apóstolos, e hierarcas para reclinarem-se com Abraão, Isaque e Jacó no banquete místico do Reino de Cristo. Assim, tendo chegado à unidade da fé e comunhão do

⁴ Este princípio pode ser aplicado frutuosamente em outros lugares nas Escrituras também. Por exemplo, a palavra *amor* não aparece em nenhum lugar no Livro de Rute; assim, sua história acaba não sendo, afinal, um dos maiores romances da Bíblia, pois Boaz e Rute não se amavam. Novamente, a palavra *Deus* não aparece no livro de Ester; com base nesses princípios, Ele não deve ter se envolvido naqueles eventos, e o livro não nos deve falar nada sobre Ele. Além disso, os primeiros quinze capítulos da carta de Paulo aos Romanos não dizem respeito à Igreja, pois a palavra *Igreja* também não aparece lá!

⁵ Paul Minear lista noventa e seis delas somente no Novo Testamento: *Images of the Church in the New Testament* (Philadelphia: The Westminster Press, 1960), pp. 222ff., 268f.

Espírito através da dispensação d'Aquele que morreu por nós e está assentado à destra do Pai, não estamos mais na terra, mas de pé junto ao Trono real de Deus no céu, onde Cristo está, assim como Ele mesmo diz: 'Pai justo, santifica em Teu nome aqueles que me deste, para que onde eu estiver, eles estejam comigo' (cf. Jo. 17)."⁶ João Calvino concordou: "Pois, para que as almas piedosas apreendam Cristo neste sacramento como convém, é preciso que elevem seu espírito ao céu. [...] E não havia outrora outra razão para que, antes da consagração, o povo fosse exortado em voz alta a levantar seus corações para o alto."⁷

Já vimos (em 1:10) que a expressão **no Espírito** (v. 2) é uma linguagem profética técnica, referindo-se não aos sentimentos subjetivos de São João, mas à sua experiência objetiva como um receptor inspirado da revelação divina. Estar "no Espírito" era o privilégio especial dos profetas bíblicos. Resumindo sua extensa pesquisa sobre este ponto, Meredith Kline escreve: "A criação de Adão como imagem-refletor da glória do Espírito-Criador foi recapitulada na história dos profetas. O evento crítico na formação de um profeta era um encontro transformador com o Espírito da Glória do qual o profeta emergia como um homem refletindo a Glória divina. [...] Ser arrebatado no Espírito era ser recebido na assembleia divina, a realidade celestial dentro do Espírito da Glória teofânico. A marca registrada do verdadeiro profeta era que ele havia se apresentado diante do Senhor da Glória no meio deste conselho deliberativo de anjos."⁸

Mas, com a vinda da Nova Aliança, o que antes era prerrogativa especial da classe profética dentro da comunidade da Aliança tornou-se privilégio de todos. O desejo de Moisés – "Quisera Deus que todo o povo do SENHOR fosse profeta, e que o SENHOR colocasse o seu Espírito sobre eles." (Nm. 11:29) – foi cumprido no derramamento do Espírito Santo no Dia de Pentecostes (At. 2:17-20). Assim como Moisés (o profeta *por excelência* da Antiga Aliança) tinha o privilégio único de falar com Deus face a face (Nm. 12:6-8), participando da Sua glória (Ex. 34:33-35), agora "*todos nós*, com a face descoberta, contemplando como em um

⁶ St. Germanus of Constantinople, *On the Divine Liturgy*, trans. Paul Meyendorff (Crestwood, NY: St. Vladimir's Seminary Press, 1984), pg. 101.

⁷ João Calvino, *A Instituição da Religião Cristã*, vol. 2, trad. Elaine C. Sartorelli (Editora UNESP, 2007), 4:17:36, pg. 810.

⁸ Meredith G. Kline, *Images of the Spirit* (Grand Rapids: Baker Book House, 1980), pp. 57f.

espelho a glória do Senhor, somos transformados na mesma imagem de glória em glória, como pelo Espírito do Senhor.” (2 Co. 3:18). Todo crente recebeu a unção profética (1 Jo. 2:20, 27); e a cada semana ascendemos no Espírito à assembleia celestial.⁹

Em parte, portanto, a “Teoria do Arrebatamento” é baseada em uma má compreensão da doutrina cristã da Ascensão da Igreja. A Ascensão *definitiva* ocorreu *posicionalmente* com Jesus Cristo, em quem estamos assentados nos lugares celestiais (Ef. 1:20; 2:6); a Ascensão *progressiva* (experiencial) ocorre *liturgicamente* com Jesus Cristo todas as semanas, na celebração da Eucaristia (Hb. 12:22-24); e a Ascensão *final* (culminativa) ocorre *escatologicamente* com Cristo a) espiritualmente, na morte (Ap. 20:4), e b) corporalmente, no fim da história (1 Co. 15:50-55; 1 Ts. 4:17).¹⁰

2-3 Para receber a revelação, São João é arrebatado ao **céu**, onde vê um **Trono** e **Um assentado**: João verá os eventos vindouros do verdadeiro ponto de vista, o Trono-Carruagem de Deus na Nuvem de Glória. Deus é o Determinador de todas as coisas, e uma compreensão correta do mundo deve começar de uma compreensão correta da centralidade de Seu Trono. “Na infinita sabedoria do Senhor de toda a Terra, cada evento cai com precisão exata em seu devido lugar no desenrolar do Seu plano eterno; nada, por menor que seja, por mais estranho que seja, ocorre sem Sua ordenação, ou sem sua peculiar adequação ao seu lugar na realização de Seu propósito; e o fim de tudo será a manifestação de Sua glória e o plenitude de Seu louvor.”¹¹

E Aquele que estava assentado era semelhante a uma pedra de jaspe e a um sárdio: Deus é visto como em um esplendor de luz inacessível (cf. 1 Tm. 6:16), pois São João foi arrebatado para o santo dos santos celestial, o Santuário interno do Templo cósmico na Nuvem de glória. Ressaltando isso está o fato de que João vê **um arco-íris ao redor do Trono, semelhante a uma esmeralda em aparência**. Vale a pena notar

⁹ Veja o artigo de George Vandervelde, “The Gift of Prophecy and the Prophetic Church” (Toronto; Institute for Christian Studies, 1984).

¹⁰ Sobre esse padrão definitivo-progressivo-final, veja David Chilton, *Paraíso Restaurado* (Editora Monergismo, 2024), pp. 36, 53-54, 84-85, 152, 162-172, 225-226, 228-229, 243.

¹¹ Benjamin B. Warfield, “Predestination” em *Biblical and Theological Studies* (Nutley, NJ: Presbyterian and Reformed Publishing Co., 1968), pgg. 285.

que essas três pedras, **jaspe** (talvez uma opala ou um diamante),¹² **sárdio** (uma pedra avermelhada) e **esmeralda**, representavam três das doze tribos de Israel no peitoral do sumo sacerdote (Ex. 28:17-19, LXX); elas também são mencionadas entre as joias que cobriam o chão no Jardim do Éden (Ez. 28:13, LXX). Compare a visão de João com a do profeta Ezequiel:

[...] havia o que parecia um trono de safira e, bem no alto – sobre o trono – havia uma figura que parecia um homem. Vi que a parte de cima do que parecia ser a cintura dele parecia metal brilhante, como se estivesse cheia de fogo, e a parte de baixo parecia fogo; e uma luz brilhante o cercava. Tal como a aparência do arco-íris nas nuvens de um dia chuvoso, assim era o resplendor ao seu redor. Essa era a aparência da figura da glória do Senhor.
(Ez. 1:26-28, NVI)

São João está, portanto, no verdadeiro Templo, o arquétipo celestial que formou o padrão para a construção do Tabernáculo por Moisés (Ex. 25:40; Hb. 8:1-2, 5; 9:23-24). Ele vê o Trono, correspondendo ao Propiciatório; as Sete Lâmpadas, correspondendo ao Candelabro de Sete Braços; os Quatro Seres Videntes, correspondendo aos Querubins; o Mar de Vidro, correspondendo ao “Mar” de Bronze; e os Vinte e Quatro Anciãos, correspondendo aos Vinte e Quatro Turnos de Sacerdotes. (Veja o Apêndice A para uma análise mais completa do simbolismo levítico aqui e em todo o Apocalipse.)

4 Ao redor do Trono São João vê **vinte e quatro tronos**, nos quais estão sentados **vinte e quatro anciãos**. Quem são esses anciãos? Em um ensaio bem conhecido, o grande estudioso do Novo Testamento Ned Stonehouse, do Seminário Westminster, defendeu a visão de que esses anciãos são “seres celestiais de uma categoria superior aos anjos em geral, como os querubins e serafins do Antigo Testamento, se não forem identificados especificamente com eles”.¹³ Apesar da defesa magistral de Sto-

¹² “Na antiguidade, o nome não se limitava à variedade de quartzo hoje chamada de jaspe, mas podia designar qualquer pedra preciosa opaca.” William F. Arndt e F. Wilbur Gingrich, *A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature* (Chicago: The University of Chicago Press, 1957), pg. 369.

¹³ Ned B. Stonehouse, “The Elders and the Living-Beings in the Apocalypse”, em *Paul Before the Areopagus, and Other New Testament Studies* (Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Co., 1957), p. 90.

nehouse de sua posição, ela se baseia em uma suposição sobre o texto que é certamente incorreta e, portanto, sua interpretação está seriamente equivocada. (Mais sobre essa questão textual e a opinião de Stonehouse serão abordados abaixo, na discussão sobre o v. 5:9).

Por outro lado, há razões convincentes para entender esses anciãos como representantes da Igreja no céu (ou, como São João progressivamente desenvolve em sua profecia, a Igreja terrena que adora no céu). Primeiro, o mero nome **anciãos** indicaria que esses seres representam a Igreja, em vez de uma classe de anjos. Em nenhum outro lugar da Bíblia o termo *ancião* é dado a alguém além de homens e, desde os primeiros tempos, ele representa aqueles que têm governo e representação dentro da Igreja (veja Ex. 12:21; 17:5-6; 18:12; 24:9-11; Nm. 11:16-17; 1 Tm. 3:1-7; Tt. 1:5-9; Hb. 13:17; Tg. 5:14-15). Assim, os anciãos em Apocalipse pareceriam, à primeira vista, representantes do povo de Deus, o senado sentado em conselho ao redor do seu bispo.

Essa consideração é reforçada por uma segunda observação sobre esses anciãos: eles são vistos sentados em **tronos**. Já nos foi dito nesta profecia que os cristãos estão reinando com Cristo (1:6), que eles usam coroas (2:10; 3:11), que eles receberam autoridade real com Ele sobre as nações (2:26-27), que os apóstatas serão forçados a se curvar diante deles (3:9), e que eles estão sentados com Cristo em Seu Trono (3:21). Agora, no capítulo 4, vemos anciãos sentados em tronos; isso não é uma continuação dos ensinamentos já apresentados?

Terceiro, devemos considerar o simbolismo do número **vinte e quatro**. Em geral, uma vez que vinte e quatro é um múltiplo de doze, há novamente uma razão *prima facie* para supor que esse número tenha algo a ver com a Igreja. *Doze* é um número bíblicamente associado ao povo de Deus: Israel foi dividido em doze tribos; e até mesmo a administração da Igreja da Nova Aliança é mencionada em termos de “doze tribos”, porque a Igreja é o Novo Israel (ver Mt. 19:28; Mc. 3:14-19; At. 1:15-26; cf. Tg. 1:1). São João usa a palavra *ancião* doze vezes em Apocalipse (4:4, 10; 5:5, 6, 7, 11, 14; 7:11, 13; 11:16; 14:3; 19:4). O número *vinte e quatro* é, portanto, uma “porção dobrada” de doze. Múltiplos de doze também são construídos na estrutura simbólica da Nova Jerusalém, como lemos na visão final da profecia (21:12-14):

E tinha uma grande e alta muralha, com doze portões, e, junto aos portões, doze anjos; e nomes escritos neles, que são os das doze

tribos dos filhos de Israel. [...] E a muralha da cidade tinha doze pedras fundamentais, e sobre elas estavam os doze nomes dos doze apóstolos do Cordeiro.

Mas a imagem dos vinte e quatro anciãos é baseada em algo muito mais específico do que a mera noção de multiplicar doze. Na adoração da Antiga Aliança, havia **vinte e quatro** divisões de sacerdotes (1 Cr. 24) e vinte e quatro divisões de cantores no Templo (1 Cr. 25). Assim, a imagem de vinte e quatro líderes de adoração não era uma ideia nova para aqueles que leram o Apocalipse pela primeira vez: era uma característica da adoração do povo de Deus por mais de mil anos.¹⁴ De fato, São João reuniu duas imagens que apoiam nossa conclusão geral: (1) Os anciãos sentam-se em tronos – eles são *reis*; (2) Os anciãos são vinte e quatro em número – eles são *sacerdotes*. O que São João vê é simplesmente o Presbitério do Céu: a assembleia representativa do Sacerdócio Real, a Igreja.¹⁵

Que esses anciãos são sacerdotes e reis mostra que o sacerdócio de Arão da Antiga Aliança foi substituído e transcendido; o sacerdócio da Nova Aliança, com Jesus Cristo como Sumo Sacerdote, é um sacerdócio de Melquisedeque. Assim, São João nos diz que esses sacerdotes-anciãos estão usando **coroas**, pois a coroa do sumo sacerdote foi dada a todos. Os dois testemunhos independentes do segundo século de que São Tiago em Jerusalém e São João em Éfeso usavam a coroa de ouro do sumo sacerdote geralmente foram desconsiderados por estudiosos modernos;¹⁶ mas essas tradições podem refletir a prática real da Igreja primitiva.

Isso nos leva a outro ponto que deve ser mencionado antes de prosseguirmos. Já notamos (veja em 3:20) vários problemas causados pelas tendências racionalistas de certos grupos que surgiram da Reforma. Infelizmente, tornou-se comum nesses mesmos grupos dispensar o uso das

¹⁴ Veja Alfred Edersheim, *The Temple: Its Ministry and Services as They Were at the Time of Jesus Christ* (Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Co., 1980), pp. 75, 86ff. Ezequiel viu vinte e cinco homens servindo no Templo: os representantes dos vinte e quatro turnos do sacerdócio, mais o Sumo Sacerdote (Ez. 8:16).

¹⁵ Um argumento mais aprofundado para essa interpretação será desenvolvido na discussão do v. 5:9. Veremos que o cântico dos anciãos registrado ali afirma claramente que eles estão entre os remidos – um grupo que não inclui anjos (Hb. 2:16). Os anciãos, portanto, devem ser tomados no sentido mais comum, significando os representantes da Igreja.

¹⁶ Veja Dom Gregory Dix, *The Shape of the Liturgy* (New York: The Seabury Press, [1945] 1982), pg. 313; W. H. C. Frend, *The Rise of Christianity* (Philadelphia: Fortress Press, 1984), pg. 127.

vestes de ofício dos presbíteros. Embora a preocupação fosse com a “espiritualidade”, os efeitos reais foram platonizar a doutrina e a adoração, e democratizar o governo e o ministério – mais passos na longa e poeirenta estrada em direção à esterilidade reformada. Como Richard Paquier nos lembra, “A cor nos ensina através da visão, e cria estados de espírito. Nós entendemos mal a natureza humana e o lugar da percepção em nossa vida interior quando rebaixamos esse fator psicológico na adoração da Igreja.”¹⁷ Deus nos criou dessa maneira, e a validade contínua das vestes oficiais segue adequadamente os padrões estabelecidos no Antigo Testamento: O caráter oficial do presbítero é enfatizado pelo uso de vestes oficiais, da mesma forma que os juízes em nossa cultura ainda usam togas – uma prática, aliás, que surgiu da prática da Igreja.

Paquier continua: “É natural, portanto, que o homem que oficia no culto da Igreja esteja vestido de uma maneira correspondente à tarefa atribuída a ele e que expresse visivelmente o que ele faz. Além disso, quem preside no ato de adoração não atua como particular, mas como ministro da Igreja; ele é o representante da comunidade e o porta-voz do Senhor. Portanto, uma vestimenta especialmente prescrita, uma espécie de ‘uniforme’ eclesiástico, é útil para lembrar tanto aos fiéis quanto a si mesmo que neste ato ele não é o Sr. Fulano de Tal, mas um ministro da Igreja no meio de uma multidão de outros. O que não era menos indispensável nos tempos antigos, quando o senso de comunidade e da objetividade da ação cultural prevalecia, tornou-se em nosso tempo uma ajuda muito útil e, de fato, verdadeiramente necessária, uma vez que o individualismo e a subjetividade se tornaram tão profundamente enraizados na piedade das igrejas reformadas.”¹⁸

5-8 São João descreve a corte celestial em termos dos efeitos acústicos e visuais familiares que acompanham a Nuvem de Glória, como no Sinai (Ex. 19:16-19): **Do Trono procedem relâmpagos, e vozes e trovões.** Novamente, como em 1:4-5, a imagem é revelada como o original

¹⁷ Richard Paquier, *Dynamics of Worship: Foundations and Uses of Liturgy* (Philadelphia: Fortress Press, 1967), pg. 143.

¹⁸ *Ibid.*, pg. 138. Como se viu, algumas dessas igrejas da Reforma que mantiveram o uso de vestes litúrgicas escolheram a toga acadêmica preta, talvez em parte em reação contra o que era percebido como excessos da Igreja Romana, e para enfatizar a função de ensino do ministro. Mas, como Paquier observa, “não há uma única referência a túnicas pretas na Bíblia, enquanto túnicas e vestimentas brancas são mencionadas muitas vezes, seja de forma real ou simbólica.”

celestial da estrutura do Tabernáculo (Hb. 8:5; 9:23): Como o Candelabro com suas sete lâmpadas queimando dentro do Lugar Santo, há sete **lâmpadas de fogo queimando diante do Seu Trono**, as sete lâmpadas representando **os sete Espíritos de Deus**, o Espírito Santo em Sua sétupla plenitude de atividade. Aqui, novamente, está a combinação dos três aspectos da imagem da Nuvem de Glória: a *Voz* (v. 1), a *Glória* radiante (v. 3) e o *Espírito* (v. 5).

Então, **diante do Trono**, São João vê, **algo como um mar de vidro semelhante ao cristal**. Este é outro ponto em que esta visão se cruza com aquela registrada em Ezequiel 1. Mas o Trono é visto de duas perspectivas diferentes. Enquanto São João está de pé na própria corte celestial, olhando para *baixo* em direção ao “mar” de vidro (que corresponde, em relação à mobília do Tabernáculo, à Pia, também chamada de “mar”: Ex. 30:17-21; 1 Rs. 7:23-26), Ezequiel está de pé na parte *inferior* da Nuvem de Glória, olhando para *cima* através de seu cone, e o “mar” em seu topo aparece como um *firmamento* azul¹⁹ acima dele:

E eu olhei, e eis que um redemoinho de vento veio do norte, uma grande nuvem, e um fogo se revolvendo, e um brilho estava sobre ele, e saía do seu meio como cor de âmbar, que saía do meio do fogo. Também saído do seu meio veio a semelhança de quatro seres viventes. [...] E a semelhança do firmamento sobre as cabeças da criatura vivente era como a cor de um terrível cristal, estendido por cima, sobre as suas cabeças. [...] E sobre o firmamento, que estava sobre suas cabeças, havia a semelhança de um trono, como a aparência de uma pedra de safira; e sobre a semelhança do trono [...] (Ez. 1:4-5, 22, 26)

Outra semelhança com a visão de Ezequiel é que São João vê **quatro seres viventes** em pé **no meio do Trono e ao redor dele**, apoiando o Trono-Carruagem em seu voo (cf. Sl. 18:10), assim como os quatro querubins em Ezequiel (note que eles estão ambos “no meio” e “ao redor” do Trono; cf. a estreita conexão entre o Trono e os seres viventes em 5:6). Esses seres viventes (não “animais”, como na Almeida Corrigida) são **cheios de olhos na frente e atrás**, e aparecem nas formas de um **Leão**, um **Touro**, um **Homem** e uma **Águia**. Uma comparação detalhada destes

¹⁹ Para Moisés e os anciãos de Israel, o mar-firmamento parecia uma *pavimentação* cor de safira (azul) (Ex. 24:10).

versículos com Ezequiel 1 e 10 revelará muitos paralelos interessantes, bem como diferenças entre os relatos (referência também deve ser feita à visão dos serafins de seis asas em Isaías 6:1-4). O fato de haver **quatro** deles indica alguma relação com a terra em forma de altar (compare as ideias bíblicas de quatro cantos da terra, quatro ventos, quatro direções, os quatro rios do Éden que regavam toda a terra, e assim por diante). Michael Wilcock explica: “Os querubins da Bíblia estão muito longe de serem bebês gordinhos com asas e covinhas. Eles são criaturas impressionantes, indicações visíveis da presença de Deus. Então, quando nos é dito (Sl. 18:10) que o Senhor viaja tanto em um querubim quanto nas asas do vento, podemos começar a ver uma ligação entre as quatro criaturas vivas de 4:6 e os quatro ventos de 7:1. Podemos chamar essas criaturas querubins de ‘natureza’, desde que nos lembremos do que a natureza realmente é – uma imensa construção pulsando com a atividade incessante de Deus. [...] Talvez seus rostos (4:7; Ez. 1:10) representem Sua majestade, Sua força, sua Sabedoria e Sua elevação, e seus inúmeros olhos Sua vigilância incessante sobre cada parte de sua criação. É apropriado, então, que haja quatro deles, correspondendo aos pontos cardeais e aos cantos da terra, e representando o mundo de Deus, assim como os vinte e quatro os anciãos representam a Igreja.”²⁰

Embora João Calvino concorde com Wilcock, suas observações sobre o significado das quatro faces dos querubins são ainda mais radicais: “Por meio dessas cabeças todas as criaturas vivas foram representadas para nós [...] Esses animais abrangem dentro de si todas as partes do universo por meio daquela figura de linguagem pela qual uma parte representa o todo. Enquanto isso, uma vez que os anjos são criaturas vivas, devemos observar em que sentido Deus atribui aos próprios anjos a cabeça de um leão, uma águia e um homem: pois isso parece estar pouco de acordo com sua natureza. Mas ele não poderia expressar melhor a conexão inseparável que existe no movimento dos anjos e de todas as criaturas. [...] Devemos entender, portanto, que, enquanto os homens se movem e cumprem seus deveres, eles se aplicam em diferentes direções ao objeto de sua busca, e o mesmo acontece com os animais selvagens; porém, há movimentos ange-

²⁰ Michael Wilcock, *I Saw Heaven Opened: The Message of Revelation* (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1975), pg. 64.

licais por detrás, de modo que nem os homens nem os animais se movem, mas todo o seu vigor depende de uma inspiração secreta.”²¹

Como Calvino diz algumas páginas depois, com mais força, “*todas as criaturas são animadas pelo movimento angélico*”.²² Isso vai diretamente contra as noções humanísticas de “natureza” e “lei natural”, mas é o ensino bíblico. A razão pela qual isso soa estranho para nós é que nossa visão de mundo foi permeada por uma filosofia que tem muito em comum com o antigo baalismo. James B. Jordan escreveu: “Os detalhes do culto a Baal não são de muita importância para nós agora. É a filosofia subjacente do Baalismo que hoje reina na educação e na vida americana, e que é ensinada nos departamentos de ciências de quase todas as faculdades cristãs hoje, e não apenas nos departamentos de ciências. As Escrituras ensinam que Deus sustenta a vida diretamente, não indiretamente. Não existe tal coisa como Natureza. Deus não deu nenhum poder inerente de desenvolvimento ao universo como tal. Deus criou o universo e toda a vida por *ações* imediatas, não por *processos* mediatos. Quando Deus retira Seu Sopro (que é o Espírito Santo, o Senhor e Doador da vida), a morte segue imediatamente (Gn. 7:22). A ideia de que Deus encerrou o universo e então o deixou seguir seu curso, de modo que existe tal coisa como Natureza que possui um poder intrínseco, é Deísmo, não Cristianismo. A evolução teísta é Deísmo, não Cristianismo. Na medida em que os processos da Natureza substituem os atos de Deus em qualquer sistema, nessa medida o sistema se tornou baalístico.”²³

“Por causa de a influência do neobaalismo (humanismo secular) em nossa cultura moderna, tendemos a pensar que Deus, quando criou o mundo, instalou certas ‘leis naturais’ ou processos que funcionam de forma automática e impessoal. Esta é uma visão deísta, não cristã, do mundo. O que chamamos de lei natural ou física é, na verdade, uma gene-

²¹ João Calvino, *Commentaries on the First Twenty Chapters of the Book of the Prophet Ezekiel* (Grand Rapids: Baker Book House, 1979), Vol. 1, pp. 334f.

²² *Ibid.*, p. 340; cf. pp. 65-74, 333-340. Calvino foi atacado por seu próprio tradutor por fazer essas e outras declarações semelhantes (ver Vol. 1, pp. xxvf.; Vol. 2, pp. 421f., 448-55, 466-68, 473f.) No entanto, esses pensamentos são muito cuidadosamente elaborados no curso de sua exposição, e este comentário, que Calvino não viveu para terminar, representa seu pensamento maduro sobre o assunto. É um dos volumes mais fascinantes que já li, e é um rico depósito de ensinamentos valiosos.

²³ James B. Jordan, *Judges: God's War Against Humanism* (Tyler, TX: Geneva Ministries, 1985), pp. 37f.

realização aproximada da atividade ordinária de Deus no governo de Sua criação. Matéria, espaço e tempo são criados por Deus e são governados direta e ativamente por Ele. Seu governo é chamado de 'lei'. Deus quase sempre faz com que as coisas sejam feitas da mesma maneira, de acordo com as regularidades pactuais (o equivalente cristão das leis naturais), as quais foram estabelecidas em Gênesis 8:22. Ciência e tecnologia são possíveis porque Deus não muda as regras, para que assim o homem possa explorar o mundo com confiança e aprender a trabalhar nele. Essa confiança, porém, é sempre uma forma de fé, fé ou na Natureza (Baal) e na lei natural, ou em Deus e na confiabilidade de Seu compromisso de manter as regularidades pactuais.”²⁴

Há outro aspecto do simbolismo conectado com as quatro criaturas vivas que deve ser mencionado: sua correspondência com os signos do Zodíaco. Os escritores bíblicos estavam familiarizados com o mesmo sistema de constelações que conhecemos hoje, exceto que o nome da constelação do Escorpião parece ter sido geralmente substituído pela Águia. A razão para isso pode ser que a antiga associação entre o Escorpião e a Serpente (cf. Lc. 10:17-19) levou os escritores bíblicos a substituí-lo pela Águia; alguns estudiosos, no entanto, argumentaram que “nos dias de Abraão, Escorpião era concebido como uma Águia”, de acordo com o sistema caldeu então em voga.²⁵ As faces dos querubins, tanto em Ezequiel quanto em Apocalipse, são os signos do meio nos quatro quadrantes do Zodíaco: o **Leão** é Leão; o **Touro** é Touro; o **Homem** é Aquário, o Portador de Água; e a **Águia**, como vimos, é “Escorpião”. São João os lista aqui em ordem anti-horária, em sentido inverso ao redor do Zodíaco (provavelmente porque ele os está vendo de cima, no céu, em vez de a partir de baixo, na terra); mas, quando ele os usa na estrutura de sua profecia em si, ele os lista na ordem direta das estações do ano.²⁶ Após o Preâmbulo (capítulo 1), o Apocalipse é dividido em quatro quadrantes, cada um “governado” por uma dessas criaturas. O primeiro quadrante (capítulos 2-3) foi

²⁴ Ibid., pg. 102. V. tb. João Calvino, *Commentaries on the Last Four Books of Moses* (Grand Rapids: Baker Book House, 1979), Vol. I, pp. 385-87; *Commentary on a Harmony of the Evangelists* (Grand Rapids: Baker Book House, 1979), Vol. I, pp. 213-15.

²⁵ Richard Hinckley Allen, *Star Names: Their Lore and Meaning* (New York: Dover Publications, [1899] 1963), pg. 57; cf. pg. 362.

²⁶ A propósito, o termo *Zodíaco* não é uma palavra vinda do ocultismo; significa simplesmente *círculo* e se refere ao caminho aparente do sol pelos céus. As doze principais constelações são os grupos de estrelas dispostas ao longo do caminho do sol.

governado por Touro; daí a ênfase nas Sete Estrelas, no ombro do Touro. O segundo quadrante (capítulos 4-7) é governado pela figura do “Leão da Tribo de Judá”, que venceu para abrir o Livro selado. A Águia voa no meio do céu com gritos de ais ao longo do terceiro quadrante (capítulos 8-14). E o quarto quadrante (Capítulos 15-22) é governado pelo Homem, Aquário, o “Derramador de Água” (cf. o derramamento dos Cálices da ira e o Rio da Vida fluindo do Trono).

Não há nada de ocultista em nada disso. De fato, a Bíblia condena fortemente todas as formas de ocultismo (o desejo por sabedoria esotérica ou autônoma), incluindo o ocultismo astrológico (Dt. 18:9-13; 2 Rs. 23:3-5; Is. 8:19-20; 44:24-25; 47:8-15).²⁷ Mas isso não significa que as constelações em si sejam más, assim como a adoração pagã ao sol não nos proíbe de ver o sol como um símbolo de Cristo (Sl. 19:4-6; Mt. 4:2; Lc. 1:78; Ef. 5:14). Pelo contrário: as constelações foram criadas por Deus e manifestam Sua glória (Sl 19:1-6). Elas não são simplesmente grupos aleatórios de estrelas (nada no universo de Deus é aleatório, no sentido último); ao invés disso, eles foram especificamente colocadas ali por Deus (Jó 9:7-9; 26:13; 38:31-33; Am. 5:8).²⁸ O arranjo das doze tribos de Israel ao redor do Tabernáculo (Números 2) correspondia à ordem do Zodíaco;²⁹ e, como os querubins, quatro das tribos representavam os signos do meio de cada quadrante: Judá era o Leão; Rúben. o Homem; Efraim, o Touro e Dã, a Águia.³⁰ A razão para as correspondências entre Israel e as estrelas é explicada por Gordon J. Wenham: “A Bíblia frequentemente se refere aos astros como hostes celestiais de Deus (v.g. Dt 4:19), enquanto que os exércitos de Israel são as Suas hostes terrestres (v.g. Js 5:14 e Nm cap. 1). O tabernáculo terrestre era uma réplica da habitação celestial de Deus (Ex 25:9, 40). Ambos eram frequentados pelos exércitos de Deus. Finalmente, Gênesis 37:9 compara Jacó e seus filhos (ancestrais das doze tribos) ao sol, à lua e a doze

²⁷ A melhor refutação cristã da ilusão astrológica está na obra de Sto. Agostinho, *A Cidade de Deus*, Livro V, capítulos 1-11.

²⁸ Para um estudo da relação das constelações com a mensagem bíblica, veja Joseph A. Seiss, *The Gospel in the Stars* (Grand Rapids: Kregel Publications, [1882] 1972).

²⁹ Ou, como bons agostinianos, podemos dizer que o Zodíaco corresponde à ordem das doze tribos!

³⁰ Veja Ernest L. Martin, *The Birth of Christ Recalculated* (Pasadena, CA: Foundation for Biblical Research, second ed., 1980), pp. 167ff.; cf. J. A. Thompson, *Numbers*, in D. Guthrie and J. A. Motyer, eds., *The New Bible Commentary* (Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Co., third ed., 1970), p. 173.

estrelas.”³¹ O exemplo mais famoso de simbolismo astronômico na Bíblia, é certamente o fato de que o nascimento do próprio Messias foi anunciado aos Magos pelas estrelas (Mt. 2:2), como havia sido predito (Nm. 24:17; Is. 60:1-3).³²

São João descreve a seguir a adoração realizada pelos quatro seres viventes, usando um trecho coral para nos interpretar o significado dos símbolos em sua visão do Trono – um dispositivo que ele repete ao longo do livro. Ele chama nossa atenção para as **seis asas** dos seres viventes, a fim de associá-los aos serafins da visão de Isaías:

No ano em que o rei Uzias morreu, eu vi também o Senhor assentado sobre um trono, alto e exaltado; e o seu séquito enchia o Templo. Acima estavam os serafins. Cada um tinha seis asas; com duas cobriam sua face e com duas cobriam seus pés e com duas voavam. E um clamava ao outro, e dizia: Santo, santo, santo, é o SENHOR dos Exércitos; toda a terra está cheia da sua glória. (Is. 6:1-3)

Similarmente, os seres viventes no Apocalipse têm como seu principal fim glorificar a Deus e desfrutar Dele para sempre, louvando-O – aparentemente de forma antifonal, como os serafins de Isaías o fizeram – por Sua santidade, Seu poder todo-poderoso e Sua eternidade: **Santo, Santo, Santo, é o Senhor Deus, o Todo-Poderoso, que era, que é e que há de vir**. Isso também tem sua contraparte na liturgia cristã padrão, na qual o *Sanctus* segue o *Sursum Corda*:

Oficiante: Portanto, com os Anjos e Arcanjos, e com toda a companhia do céu, louvamos e magnificamos Teu glorioso Nome; louvando-Te sempre e dizendo:

³¹ Gordon J. Wenham, *Números: Introdução e Comentário*, trad. Adiel A. de Oliveira (Edições Vida Nova, 1985), pg. 70. Wenham não está se referindo às constelações do Zodíaco, mas a algo ainda mais surpreendente: o fato de que os números do censo das tribos de Israel correspondem aos períodos sinódicos dos planetas! Como Wenham aponta, os números do censo “afirmam o caráter sacro de Israel. Fazem-nos lembrar que as promessas de Deus a Abraão foram cumpridas, e que o povo santo de Deus é chamado para lutar por Ele na terra, da mesma forma como as estrelas lutam por Ele nos lugares celestiais” (ibid.). As informações de Wenham são baseadas em M. Barnouin, “Les recensements du Livre des Nombres et l’astronomie babylonienne” *Vetus Testamentum* 27, 1977, pp.280-303.

³² Veja Martin, *The Birth of Christ Recalculated*, pp. 4-25.

Todos: SANTO, SANTO, SANTO, Senhor Deus dos Exércitos; O céu e a terra estão cheios de Tua glória; Hosana nas alturas!

9-11 Mas o louvor celestial não termina com o cântico dos seres viventes; pois **quando eles dão glória, honra e ações de graças** a Deus, **os vinte e quatro anciãos** se unem a eles em louvor antifonal (ou responsivo). Eles **se prostrarão diante d'Ele [...] e O adorarão [...] e lançarão suas coroas diante do Trono**, reconhecendo que sua autoridade e domínio derivam d'Ele. Eles continuam a louvá-Lo por Suas obras na criação e na história: **Digno és Tu, nosso Senhor e Deus, o Santo, de receber glória, honra e poder; porque Tu criaste todas as coisas, e por Tua vontade elas existem e foram criadas.**

Para apreciar o sentido pleno desta afirmação direta da doutrina da criação, vamos contrastá-la com uma declaração emitida há alguns anos pelos oficiais de uma das maiores igrejas dos Estados Unidos:

NO PRINCÍPIO – ESCOLHA

No princípio, criou Deus a escolha. Antes de Deus fazer qualquer coisa – terra, céu ou homem – ele já havia decidido que o homem deveria ter uma escolha. Não uma escolha limitada, como a cor das meias que usaria hoje. Deus deu ao homem poder completo de seleção, tão completo que o homem poderia escolher – ou rejeitar – a Deus. Deus se colocou em uma posição bastante arriscada quando armou o homem com tal ferramenta. Ele deu ao homem uma arma para usar contra Deus.

Você consegue imaginar algo que você fez dizendo: “Eu não quero você, nem mesmo como amigo.” Deus deu ao homem essa mesma opção, mesmo sabendo qual seria a escolha do homem. Deus sabia que sua criação se afastaria dele, o odiaria. Mas ele também percebeu que não há melhor maneira de provar amor do que arriscar a alternativa da rejeição. O amor genuíno requer decisão, porque o amor genuíno não pode ser exigido, ordenado ou mesmo regulado. Ele deve ser voluntário.

Isso nos diz algo sobre Deus. Deus não faz nada apenas por diversão. Ele deve ter sentido, de alguma maneira, uma necessidade de ser amado. Você acha justo concluir que Deus “precisa” de nós? Eu

acho que sim. Mas ele nunca diminui o calibre do seu amor tentando nos forçar a amá-lo. [...] ³³

Falando caridosamente, isso é um absurdo blasfemo. A única coisa honesta sobre isso é a falta de referências bíblicas. Há muitos pontos questionáveis que poderíamos considerar, mas o principal para nossos propósitos é a questão da soberania e independência de Deus. Deus *precisava* criar? Deus é solitário? Ele precisa de Sua criação? Deixe as Escrituras falarem:

Todas as nações perante ele são como nada, e para ele elas são consideradas menos do que nada e vaidade. (Is. 40:17)

Eu sou Deus, e não há outro Deus, não há outro semelhante a mim. Que anuncio o fim desde o princípio, e desde a antiguidade as coisas que ainda não sucederam; que digo: O meu conselho será firme, e farei toda a minha vontade. (Is. 46:9-10, ACF)

O Deus que fez o mundo e todas as coisas que nele há, visto que ele é o Senhor do céu e da terra, não habita em templos feitos por mãos; nem é adorado por mãos de homens, como se necessitasse de alguma coisa, visto que ele dá a todos a vida, a respiração e todas as coisas. (At. 17:24-25) ³⁴

Em sua adoração divinamente sancionada, os anciãos proclamaram a verdade: A criação existe, não porque Deus precisava criar, ou é dependente de Sua criação de alguma forma, mas simplesmente porque era Sua *vontade* criar; *aprouve* a Ele fazê-lo. Deus é soberano, totalmente independente da criação. A distinção bíblica entre o Criador e a criatura é absoluta.

O culto celestial aqui nos mostra o que Deus quer na adoração terrena. Primeiro, *a adoração deve ser corporativa*. A adoração bíblica não é individualista, quietista ou unicamente interna. Isso não quer dizer que não haja lugar para adoração particular; mas significa que a ênfase bíblica na adoração corporativa está muito longe da “adoração” bastardizada de muitos

³³ Folheto publicado por volta de 1978 por uma igreja em Santa Ana, Califórnia, anunciando suas apresentações musicais de sábado à noite.

³⁴ Um ponto adicional deveria receber ao menos uma menção em uma nota de rodapé: É verdade, como o panfleto alega, que “o amor genuíno não pode ser exigido, ordenado ou mesmo regulado”? Veja Dt. 6:5-6; Mt. 22:37-40; Ef. 5:25; 1 Jo. 4:19.

evangélicos, que veem a adoração individual como tendo prioridade sobre a adoração corporativa, e que até mesmo concebem a adoração corporativa como simplesmente uma agregação de adoradores individuais.³⁵ Outro aspecto esquecido da necessidade de adoração corporativa é o fato de que os chamados “cultos de adoração” nas igrejas modernas são, na realidade, ou apresentações num auditório ou entretenimentos de circo. Em ambos os casos, há artistas famosos e espectadores – mas a Igreja, *como Igreja*, não está adorando corporativamente. Em contraste, o padrão de adoração bíblica é o culto de adoração corporativa, com participação total entre os membros unidos da congregação, demonstrando uma harmonia de unidade e diversidade.

Segundo, *a adoração deve ser responsorial*. Veremos mais disso à medida que prosseguirmos no Livro do Apocalipse – que é sobre adoração tanto quanto qualquer outra coisa – mas isso já é o caso com a passagem que acabamos de estudar. Os anciãos e os quatro seres viventes são mostrados cantando respostas musicais alternadamente, mantendo um diálogo. E, na adoração da Igreja na terra, é isso que fazemos (ou deveríamos fazer) também. Respondemos liturgicamente à leitura das Escrituras, às orações, ao canto de Salmos e hinos, ao ensino e aos Sacramentos. Pois é isso que vemos na adoração celestial, e nossa adoração deve ser estruturada tanto quanto possível em imitação do padrão celestial, de acordo com a oração que Cristo nos ensinou: “Seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu” (Mt. 6:10).

Terceiro, *a adoração deve ser ordeira*. Os anciãos e os seres viventes não interrompem uns aos outros ou tentam ofuscar um ao outro. Embora a adoração deva ser *corporativa*, envolvendo toda a Igreja, ela não deve ser *caótica*. Um padrão básico para a adoração é estabelecido em 1 Cor. 14:40: “Todas as coisas sejam feitas decentemente e com ordem.” Os carismáticos tendem a ter certos instintos corretos – que a adoração deve incluir toda a congregação – mas sua prática real tende à confusão e desordem, com todos *individualmente* “adorando” ao mesmo tempo. A solução, reconhecida tanto no Antigo quanto no Novo Testamento, e pela Igreja ao longo

³⁵ Um exemplo disto no campo reformado, entre muitos que poderiam ser citados, é B. M. Palmer, *The Theology of Prayer* (Sprinkle Publications, [1894] 1980). Essa obra extensa (352 pgs.), que pretende fornecer “uma articulação completa da oração no sistema da graça”, concentra-se inteiramente apenas em devoções individuais; ela não menciona a oração corporativa nem mesmo uma única vez.

da história, é fornecer uma liturgia comum, com orações e respostas formais, para que as pessoas possam adorar juntas de forma inteligente de uma maneira que seja, simultaneamente, corporativa e ordenada.

A adoração pública bíblica é muito diferente da adoração privada ou familiar; é radicalmente diferente de um mero grupo de estudo da Bíblia, por mais importante que seja. A adoração dominical da Igreja é qualitativamente única: é o povo de Deus entrando no palácio para uma cerimônia formal diante do Trono, uma audiência oficial com o Rei. Nós nos aproximamos d'Ele para confessar nossa fé e fidelidade, para fazer juramentos solenes, para receber perdão, para oferecer orações, para sermos instruídos pelos oficiais de Deus, para comer em Sua mesa e render graças por todos os Seus benefícios; e devemos responder a tudo isso com música e canto. Tudo isso é *corporativo*, e isso necessariamente significa *liturgia*. Isso pode significar certas mudanças complexas e envolventes em nossos hábitos e padrões de adoração. Mas Deus não deve receber nada menos que o melhor. Ele é o Rei, e adorar significa servi-Lo.

CHRISTUS VICTOR

O Cordeiro e o Livro (5:1-14)

- 1 E vi na destra d'Aquele que estava assentado no Trono um Livro escrito na frente e no verso, selado com sete selos.
- 2 E vi um anjo forte proclamando com grande voz: Quem é digno de abrir o Livro e de romper os seus selos?
- 3 E ninguém no céu, na terra, ou debaixo da terra, era capaz de abrir o Livro ou de olhar para ele.
- 4 E comecei a chorar muito, porque ninguém foi achado digno de abrir o Livro ou de olhar para ele;
- 5 e um dos anciãos me disse: Pare de chorar; eis que o Leão da tribo de Judá, a Raiz de Davi, conquistou a vitória para abrir o Livro e os seus sete selos.
- 6 E vi no meio do Trono e dos quatro seres viventes, e no meio dos anciãos, um Cordeiro em pé, como que morto, tendo sete chifres e sete olhos, que são os sete Espíritos de Deus, enviados a toda a terra.
- 7 E veio, e o tomou da destra d'Aquele que estava assentado no Trono.
- 8 E quando tomou o Livro, os quatro seres viventes e os vinte e quatro anciãos prostraram-se diante do Cordeiro, tendo cada um deles uma harpa e taças de ouro cheias de incenso, que são as orações dos santos.
- 9 E cantavam um Novo Cântico, dizendo:
Digno és de tomar o Livro, e de abrir os seus selos; porque foste morto, e nos compraste para Deus com o Teu sangue de toda a tribo, e língua, e povo e nação.
- 10 E os fizeste reis e sacerdotes para nosso Deus; e eles reinarão sobre a terra.
- 11 E olhei, e ouvi como que a voz de muitos anjos ao redor do Trono e dos seres viventes e dos anciãos; e o número deles era miríades de miríades, e milhares de milhares,
- 12 dizendo em alta voz:
Digno é o Cordeiro que foi morto de receber poder e riquezas e sabedoria e força e honra e glória e louvor.
- 13 E toda criatura que está no céu e na terra e debaixo da terra e no mar, e todas as coisas que neles há, ouvi dizendo:

Àquele que está sentado no Trono, e ao Cordeiro, sejam o louvor e a honra e a glória e o domínio para todo o sempre. Amém.

- 14 E os quatro seres viventes continuaram dizendo: Amém. E os anciãos prostraram-se e adoraram.

1-4 São João vê Aquele que está assentado no Trono segurando **um Livro [...] selado com sete selos**. Como Theodor Zahn observou, os sete selos indicam que este documento é um testamento. Embora esta não seja a explicação completa, é importante para uma compreensão adequada do Livro. Zahn escreveu: “A palavra *biblion* [livro] em si permite muitas interpretações, mas, para os leitores daquela época, o seu sentido era identificado pelos sete selos em seu verso fora da possibilidade de erro. Assim como na Alemanha, antes da introdução das ordens de pagamento, todos sabiam que uma carta selada com cinco selos continha dinheiro, o membro mais simples das igrejas asiáticas sabia que um *biblion* fechado com sete selos era um testamento. Quando um testador morre, o testamento é apresentado e, assim que possível, aberto na presença das sete testemunhas que o selaram; ou seja, ele era aberto, lido em voz alta e executado. [...] O documento com sete selos é o símbolo da promessa de um reino futuro. A disposição ocorreu há muito tempo, foi documentada e selada, mas ainda não foi executada.”¹

O Livro também foi **escrito na frente e no verso**. Qualquer leitor cristão² teria imediatamente entendido o significado desta descrição, pois é baseado na descrição dos Dez Mandamentos. As duas tábuas do Testemunho, que eram *cópias duplicadas*,³ foram inscritas na frente e no verso (Ex. 32:15). Um análogo disso é encontrado nos tratados de suserania do Antigo Oriente Próximo: Um rei vitorioso (o suserano) imporia um tra-

¹ Theodor Zahn, *Introduction to the New Testament*, Vol. III, pp. 393f.; citado em in G. R. Beasley-Murray, *The Book of Revelation* (Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Co., revised ed., 1978), pp. 121.

² Ao dizer isso, estou assumindo que o cristão médio do primeiro século tinha mais discernimento do que o comentarista médio do século XX. Dificilmente há um único comentário que sequer dê uma olhada rápida nos Dez Mandamentos nesse contexto.

³ Veja Meredith G. Kline, *Treaty of the Great King: The Covenant Structure of Deuteronomy* (Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Co., 1963), pp. 13ff.; idem, *The Structure of Biblical Authority* (Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Co., second ed., 1975), pp. 113ff.

tado/pacto ao rei conquistado (o vassalo) e a todos aqueles sob a autoridade do vassalo. Duas cópias do tratado eram redigidas (como nos contratos modernos), e cada parte colocava sua cópia do contrato na casa de seu deus, como um documento legal testemunhando a transação. No caso de Israel, é claro, o SENHOR era tanto Suserano quanto Deus; então ambas as cópias do Pacto eram colocadas no Tabernáculo (Ex. 25:16, 21; 40:20; Dt. 10:2).

Meredith Kline explica: “O propósito da cópia do pacto pertencente a Israel era o de uma testemunha documental (Dt. 31:26). Era testemunha a favor e contra Israel, lembrando das obrigações juramentadas e repreendendo as obrigações violadas, declarando a esperança da bem-aventurança pactual e pronunciando a condenação das maldições pactuais. Sua proclamação pública foi projetada para ensinar o temor do Senhor a todo Israel, especialmente às crianças (Dt. 31:13; cf. Sl. 78:5ff.). [...] Considerada em relação ao juramento e promessa divinos, a tábua duplicada do pacto de Yahweh serviu a um propósito análogo ao do arco-íris em sua aliança com Noé (Gn. 9:13-16). Contemplando esta tábua, ele se lembrou de seu juramento a seus servos e fielmente trouxe a bênção prometida.”⁴

Vimos que São João organizou esta profecia em termos da estrutura pactual estabelecida. Mais do que isso, muitas das informações específicas em Apocalipse indicaram que a ideia do pacto é central para sua mensagem. O livro se apresenta desde o início como parte do Cânone, escrito principalmente para ser lido na liturgia (1:3). Imagens do Tabernáculo são usadas na Doxologia de abertura (1:4-5), e a Igreja é declarada como constituída como o novo Reino de sacerdotes, como Israel o fora no Sinai (1:6). O tema do livro, declarado em 1:7, é a vinda de Cristo na Nuvem de Glória; então, quase imediatamente, São João usa três palavras que quase sempre ocorrem em conexão com a atividade de estabelecimento do pacto: *Espírito*, *Dia* e *Voz* (1:10). A visão a seguir de Cristo como o glorioso Sumo Sacerdote (1:12-20) combina muitas imagens do Antigo Testamento – a Nuvem, o Dia do SENHOR, o Anjo do SENHOR, o Criador e Soberano universal, o Filho do Homem/Segundo Adão, o Conquistador das nações, o Possuidor da Igreja – todos os quais estão relacionados com as profecias da vinda da Nova Aliança. A visão é seguida pela própria mensagem de Cristo às igrejas, estilizada como uma recapitulação da história do Pacto

⁴ Kline, *Treaty of the Great King*, pp. 21, 24; *The Structure of Biblical Authority*, pp. 123f., 127.

(Capítulos 2-3). Então, no Capítulo 4, São João vê o Trono, apoiado pelos Querubins e cercado pelo sacerdócio real, todos cantando louvores a Deus ao acompanhamento de relâmpagos, vozes e trovões semelhantes aos do Sinai. Não deveríamos nos surpreender ao encontrar essa magnífica variedade de imagens relacionadas ao estabelecimento do pacto culminando na visão de um documento de testamento/tratado escrito na frente e no verso, na mão d'Aquele que está sentado no Trono. O Livro é nada menos que o Testamento do Cristo ressurreto e ascendido: a Nova Aliança.

Mas a vinda da Nova Aliança implica o fim da Antiga Aliança e o julgamento do Israel apóstata. Como vimos na Introdução, os profetas bíblicos falaram em termos da estrutura do tratado pactual, agindo como promotores em nome do Suserano divino, movendo ações judiciais do pacto contra Israel. A imagem do documento inscrito em ambos os lados é usada na profecia de Ezequiel, na qual São João modelou sua profecia. Ezequiel conta sobre receber um pergaminho contendo uma lista de juízos contra Israel:

E disse-me: Filho do homem, eu te envio aos filhos de Israel, às nações rebeldes que se rebelaram contra mim; eles e seus pais transgrediram contra mim até este mesmo dia. [...] Então vi, e eis que uma mão se estendia para mim, e eis que nela havia um rolo de livro. E estendeu-o diante de mim, e ele estava escrito por dentro e por fora; e nele estavam escritas lamentações, e suspiros e ais. (Ez. 2:3-10, ACF)

Assim como São João vê a abertura da Nova Aliança, ele, portanto, também verá as maldições da Antiga Aliança cumpridas sobre o povo pactual apóstata. Esta conclusão se torna mais clara quando olhamos para o movimento geral da profecia. Os Sete Selos do Livro são rompidos para revelar o conteúdo do Livro; mas o rompimento do Sétimo Selo inicia o soar das Sete Trombetas (8:12). A visão final da seção Trombetas fecha com uma cena horripilante de uma grande Vindima, na qual as “uvas da ira” humanas são pisoteadas e toda a Terra é inundada com uma torrente de sangue (14:19-20). Isso leva diretamente à seção final do Apocalipse, na qual São João vê o sangue do Lagar sendo derramado dos Sete Cálices da ira (16:1-21). Parece, portanto, que devemos entender os Sete Cálices como o conteúdo da Sétima Trombeta, “o último Ai” a cair sobre a Terra (cf. 8:13; 9:12; 11:14-15; 12:12). Todos esses – Selos, Trombetas e Cálices – são o conteúdo do Livro selado com sete selos, a Nova Aliança.

Mas há uma crise: **ninguém** em toda a criação – **no céu, na terra ou debaixo da terra** – é **capaz** (ou, como explica São João, **digno**) **de abrir o Livro ou de olhar para ele**. Ninguém pôde cumprir as condições exigidas para ser o Mediador da Nova Aliança. Todos os mediadores anteriores – Adão, Moisés, Davi e os outros – acabaram se mostrando inadequados para a tarefa. Ninguém poderia tirar o pecado e a morte; pois todos pecaram e continuamente carecem da Glória de Deus (Rm. 3:23). O sacrifício de animais não poderia realmente tirar pecados, pois tal coisa é *impossível* (Hb 10:4); e o sumo sacerdote que oferecia os sacrifícios era ele próprio um pecador, “rodeado de fraquezas” (Hb. 5:1-3; 7:27) e tinha de ser substituído após sua morte (7:23). Ninguém que pudesse garantir uma aliança melhor poderia ser encontrado. Com o anseio profético e a tristeza da Igreja da Antiga Aliança, São João **começou a chorar muito**. A Nova Aliança fora oferecida por Aquele que estava assentado no Trono, mas ninguém era digno de agir em nome de Deus e do homem para ratificar a Aliança. O Livro selado com sete selos permaneceria fechado.

5-7 São João é consolado por **um dos anciãos**, que diz (como se lê literalmente): **Pare de chorar; eis que Ele conquistou!** Assim a Igreja prega o Evangelho a São João; e parece que o ancião está tão animado com sua mensagem que ele deixa escapar o clímax antes mesmo de explicar *quem* conquistou. Ele continua sua fala, descrevendo Cristo, o Conquistador: **o Leão da tribo de Judá**, o forte e poderoso cumprimento da antiga profecia de Jacó para seu quarto filho:

Judá é um leão novo.
Você vem subindo, filho meu,
depois de matar a presa.
Como um leão, ele se assenta;
e deita-se como uma leoa;
quem tem coragem de acordá-lo?
O cetro não se apartará de Judá,
nem o bastão de comando de seus descendentes,
até que venha aquele a quem ele pertence,
e a ele as nações obedecerão. (Gn. 49:9-10, NVI)

Foi Davi, o Leão conquistador de Judá da Antiga Aliança, a quem Deus revelou tanto o plano do Templo (1 Cr. 28:11-19) quanto o plano da aliança eterna, a “Carta Magna da Humanidade” pela qual o vindouro Rei-Sacerdote traria a bênção de Abraão a todas as nações (2 Sm. 7:18-29; 23:2-

5; 1 Cr. 17:16-27; Sl. 16; 110; At. 2:25-36).⁵ Por fim, o Filho maior de Davi veio e conquistou, estabelecendo domínio eterno e abrindo a Aliança. Incorporando e cumprindo todas as suas promessas, Ele é Aquele “a quem pertence”.

Cristo também é chamado de **Raiz de Davi** – uma expressão estranha, para nossa maneira de pensar. Podemos entender mais facilmente o termo de Isaías: “ramo do tronco de Jessé” (Is 11:1). Como descendente de Jessé e Davi, Jesus poderia ser chamado de “ramo” ou “renovo” (Jr. 23:5; Zc. 3:8); mas como Ele poderia ser chamado de **Raiz**? Nossa perplexidade se origina em nossas visões não bíblicas de como a história funciona. Estamos acostumados a pensar na história como se fosse uma engenhoca cósmica: acione uma alavanca em um lado, e uma série de bugigangas e geringonças batem umas nas outras como se fossem dominós, finalmente produzindo sei-lá-o-que no outro lado da máquina. Por pura causa e efeito, cada evento causa outros eventos, em sucessão cronológica direta.

Agora, isso é verdade – mas não é toda a verdade. Na verdade, tomado isoladamente e autonomamente, não é verdade de forma alguma, pois tal tese é evolucionária em suas suposições, ao invés de bíblica. História não é simplesmente uma questão do passado causando o futuro; também é verdade que *o futuro causa o passado*, como R. J. Rushdoony explica: “O movimento do tempo, de acordo com a Bíblia, provém da eternidade, uma vez que é criado por Deus, e se move a partir e em termos de Seu decreto eterno. [...] Como o tempo é predestinado, e porque seu começo e fim já estão estabelecidos, o tempo não se desenvolve de forma evolucionária do passado para o presente e para o futuro. Em vez disso, ele se desdobra do futuro para o presente e para o passado.”⁶

Uma ilustração simples pode nos ajudar a entender isso. Digamos que alguém o encontre preparando um lanche em uma manhã quente de sábado e pergunte o motivo disso. Você responde: “Porque vou fazer um piquenique no parque hoje.” O que aconteceu? Em certo sentido, *o futuro*

⁵ Veja Walter C. Kaiser Jr., “The Blessing of David: The Charter for Humanity”, em John H. Skilton ed., *The Law and the Prophets: Old Testament Studies Prepared in Honor of Oswald Thompson Allis* (Presbyterian and Reformed Publishing Co., 1974), pp. 298-318.

⁶ R. J. Rushdoony, *The Biblical Philosophy of History* (Nutley, NJ: Presbyterian and Reformed Publishing Co., 1969), pg. 11; cf. Rushdoony, *The One and the Many*, pg. 145; Sto. Agostinho, *A Cidade de Deus*, Lv. XII, Cap. 13-15; Nathan R. Wood, *The Secret of the Universe* (Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Co., U936] 1955), pp. 43-45.

– o piquenique planejado – *determinou o passado*. Porque você queria um piquenique no parque, então planejou um almoço. Logicamente, o piquenique precedeu e causou a preparação do almoço, embora o tenha seguido cronologicamente. Da mesma forma, Deus desejou glorificar a Si mesmo em Jesus Cristo; portanto, Ele criou Jessé e Davi, e todos os outros ancestrais da natureza humana de Cristo, a fim de trazer Seu Filho ao mundo. A Raiz da própria existência de Davi era o Filho de Davi, Jesus Cristo. O “efeito” determinou a “causa”!⁷

O Senhor Jesus Cristo é, portanto, apresentado da maneira mais radical possível como o Centro de toda a história, a Raiz divina, bem como o Ramo, o Princípio e o Fim, Alfa e Ômega. E é como o Leão conquistador e a Raiz determinante que Ele prevaleceu **para abrir o Livro e seus sete selos**.

São João se vira para ver Aquele que é descrito dessa maneira e, em vez de ver um Leão ou uma Raiz, ele vê **um Cordeiro em pé diante do Trono**. Este é o padrão que notamos pela primeira vez em 1:11, no qual João primeiro *ouve*, depois *vê*. Obviamente, Aquele sobre o qual São João ouviu no versículo 5 é idêntico a quem ele agora contempla no versículo 6. O Leão é o Cordeiro.

Em que sentido Jesus Cristo é um Cordeiro? A passagem não está se referindo a Jesus em Sua Natureza – Ele não é “semelhante a um cordeiro” no sentido de ser gentil, doce ou suave, como alguns erroneamente entenderiam este texto.⁸ Cristo é chamado de Cordeiro, não em vista de Sua Pessoa (que é degradada ao conceito moderno de “personalidade” pela teologia popular, de qualquer forma), mas em vista de Sua *obra*. Ele é o Cordeiro que foi **morto**, “que tira o pecado do mundo” (João 1:29, ACF). Assim, o centro da história é a *obra sacrificial e consumada de Cristo*. O fundamento para Sua realza mediadora (Cristo como o Leão) é Sua expiação mediadora (Cristo como o Cordeiro). É por causa de Seu sacrifício que Ele foi exaltado ao lugar de governo e autoridade supremos. Cristo alcançou a vitória por meio de Seu sofrimento sacrificial e morte em nosso favor.

⁷ Uma das exposições mais claras desta ideia está em Gordon H. Clark, *Biblical Predestination* (Nutley, NJ: Presbyterian and Reformed Publishing Co., 1969), esp. pp. 18-30.

⁸ Hal Lindsey fala nesse sentido sobre a “mansidão e gentileza [de Cristo] como as de um cordeiro” em *There’s a New World Coming: A Prophetic Odyssey* (Eugene, OR: Harvest House Publishers, 1973), pg. 94.

São João enfatiza isso por sua linguagem específica: **um Cordeiro em pé, como que morto**. Philip Carrington sugere que a palavra grega vertida como *em pé* (*hestēkos*) é “uma tradução grega aproximada do hebraico Tamid, que significa ‘em pé’ ou ‘contínuo’, e se refere à oferta queimada diária no Templo. É o termo técnico regular e forma o título da seção da Mishná que trata desse sacrifício. O Cordeiro do Tamid é uma expressão inteligível, que pode muito bem ter sido transformada no *Arnion Hestēkos* do grego. A palavra grega *Hestekos* não significa ‘contínuo’, mas apenas ‘em pé’ no sentido literal; mas pode ser um equivalente aproximado como *Christos* (untado), que representa Messias. *Arnion Hestēkos* pode, portanto, ser um grego rudimentar para Cordeiro do Sacrifício.

“A palavra *Arnion* também despertou discussão. Nosso Senhor é chamado Cordeiro de Deus no quarto evangelho (1:29), assim como ele é aqui chamado Cordeiro do Tamid; mas as duas palavras são diferentes, *Arnion* aqui e *Amnos* no evangelho. É possível que, enquanto *Amnos* é a palavra mais comum e natural para Cordeiro, *Arnion Hestēkos* pode ser um termo técnico do Templo Judaico. [...]”⁹

São João continua a imagem simbólica: Cristo, o Cordeiro, tem **sete chifres**. O chifre nas Escrituras é um símbolo compreensível de força e poder (cf. Sl. 75:10); mais do que isso, no entanto, o pensamento do leitor biblicamente alfabetizado teria sido estimulado a lembrar os sete chifres de carneiros que foram usados para anunciar o julgamento de Deus sobre Seus inimigos e a vitória e salvação do povo da aliança na batalha histórica de Jericó (Js. 6:2-5). Da mesma forma, o grande Cordeiro Sacrificial, para quem todos os outros sacrifícios apontavam, agora fornece poder, força e vitória para Seu povo em sua guerra pelo domínio sobre a terra. É a vitória definitiva de Cristo que garante as vitórias progressivas da Igreja e o domínio final de todo o território atribuído a ela – que, nesta era, não é apenas a Palestina, mas todo o mundo (Mt. 28:18-20).

O Cordeiro também tem **sete olhos, que são os sete Espíritos de Deus enviados a toda a terra** (cf. Zc. 6:5). Para entender isso, temos que voltar a Gênesis 1, onde encontramos a primeira menção do **Espírito**: pairando sobre a **terra**, pairando sobre ela, formando-a e enchendo-a, chamando a vida. À medida que a criação progride, o Espírito realiza **sete** atos de *visão* – os sete **olhos** do Espírito, se preferir. Sete vezes nos é dito

⁹ Philip Carrington, *The Meaning of The Revelation* (London: SPCK, 1931), pp. 119f.

que “Deus viu que isto era bom.” (Gn. 1:4, 10, 12, 18, 21, 25, 31). Enquanto Deus estava criando Seu mundo, Ele também o estava julgando, avaliando e aprovando, até que o julgamento final e climático foi feito como o prelúdio para o início do sétimo dia.¹⁰ Aqui em Apocalipse, Cristo é apresentado como o Centro da história, o Vencedor que recebe a Nova Aliança para os homens; e, como tal, Ele é visto como Criador e Juiz, com plenitude de conhecimento por meio de Sua porção imensurável do Espírito de visão e discernimento (Jo. 3:34). Mesmo no princípio, quando o Espírito saiu para moldar a terra e avaliá-la, Ele “procedeu do Pai e do Filho”. A compreensão de Cristo sobre a criação e a história não se origina da história em si, mas do fato de que Ele é tanto o Criador quanto o Redentor do mundo. Assim, com base em Sua Pessoa, Sua obra e Sua posição exaltada como Salvador e Governante do Mundo, Jesus Cristo ascendeu ao céu, deu um passo à frente até o Trono de Seu Pai e **tirou o Livro da destra d’Aquele que estava assentado no Trono**. Foi assim que o profeta Daniel descreveu este acontecimento:

Eu vi nas visões noturnas, e eis que um semelhante ao Filho de homem veio com as nuvens do céu, e veio até o Ancião de dias, e trouxeram-no diante dele. E foi-lhe dado domínio, e glória e um reino, para que todo povo, nações e línguas o servissem; o seu domínio é um domínio eterno, o qual não passará, e o seu reino, o que não será destruído. (Dn. 7:13-14)

A mensagem central da Bíblia é a salvação por meio de Jesus Cristo, o Mediador da Nova Aliança. Fora de Sua obra, por meio da qual Ele adquiriu e possui eternamente a Aliança, não há esperança para a humanidade. Ele conquistou a vitória de forma absoluta para abrir o Tratado do Grande Rei; e, por meio d’Ele, nós também somos mais que vencedores.

8-10 Com isso, a companhia de santos e anjos no céu irrompeu em louvor: **Os quatro seres viventes e os vinte e quatro anciãos prostraram-se diante do Cordeiro** em reverência, enquanto se preparavam para adorá-Lo em cânticos, **tendo cada um uma harpa**. Outro aspecto importante da cena envolve as **taças de ouro cheias de incenso, que são** (isto é, que representam, ou expõem simbolicamente) **as orações dos santos** (cf. Sl. 141:2; Lc. 1:10). Geerhardus Vos explicou: “O simbolismo

¹⁰ Veja Meredith G. Kline, *Images of the Spirit* (Grand Rapids: Baker Book House, 1980), pp. 107ff.

está parcialmente na fumaça que é, por assim dizer, a quintessência refinada da oferta, e, parcialmente, no movimento ascendente da mesma. O altar do incenso colocado como o mais próximo da cortina antes do ‘Santo dos santos’ significa a especificidade religiosa da oração para se chegar mais perto do coração de Deus. A oferta era de caráter perpétuo. A noção do cheiro do incenso queimado agradável às narinas de Yahweh é de alguma maneira distante do gosto próprio da nossa imaginação religiosa, mas que não deveria ser negligenciada por causa disso, uma vez que ela não é, nem nos mínimos detalhes, tida como inapropriada para o senso hebreu de religião.”¹¹

Os seres vivos e os anciãos então cantam **um Novo Cântico**, e novamente uma seção coral é usada para explicar os símbolos. De fato, nossa interpretação é confirmada pela expressão que São João usa aqui. O **Novo Cântico** é mencionado sete vezes no Antigo Testamento (Sl. 33:3; 40:3; 96:1; 98:1; 144:9; 149:1; Is. 42:10), sempre em referência aos atos redentores/criativos de Deus na história. O Novo Cântico celebra o estabelecimento da Aliança e prediz a vinda de Cristo para trazer salvação às nações e vitória universal aos piedosos:

Cantai ao Senhor um cântico novo,
porque ele tem feito maravilhas;
a sua destra e o seu braço santo
lhe alcançaram a vitória.
O Senhor fez notória a sua salvação;
manifestou a sua justiça perante os olhos das nações.
Lembrou-se da sua misericórdia e da sua fidelidade
para com a casa de Israel;
todos os confins da terra viram
a salvação do nosso Deus.
(Sl. 98:1-3, ARA)

Cantem ao Senhor um novo cântico,
seu louvor desde os confins da terra [...]
Deem glória ao Senhor
e nas ilhas proclamem seu louvor.
O Senhor sairá como homem poderoso,
como guerreiro despertará o seu zelo;

¹¹ Geerhardus Vos, *Teologia Bíblica: Antigo e Novo Testamentos*, trad. Alberto A. de Paula (Editora Cultura Cristã, 2010), pp. 187-188.

com forte brado e seu grito de guerra,
triunfará sobre os seus inimigos.
(Is. 42:10-13, NVI)

Cada vez que um novo estágio na história da redenção é alcançado na Bíblia (como o Êxodo, a fundação do reino teocrático, etc.), há um período correspondente de revelação canônica; como Geerhardus Vos disse, “A revelação segue os eventos.”¹² Mais especificamente, o surgimento da Escritura canônica acompanha a redenção vitoriosa de Deus de Seu povo, como Meredith G. Kline aponta com relação ao “nascimento da Bíblia”: “No meio de um mundo caído e diante da hostilidade satânica manifesta de diversas maneiras ao longo da história, um povo eleito de Deus não poderia atingir o status de reino sem os juízos redentores que os livram do poder do adversário. Apenas quando o Senhor Deus realizasse esse triunfo salvífico é que o caminho estaria preparado para ele promulgar seu tratado de reino, estabelecendo seus mandamentos entre seu povo eleito e ordenando sua existência de reino sob o domínio de sua vontade soberana. [...]”

“A revelação pactual já foi dirigida a Abraão, Isaque e Jacó, com suas famílias, oferecendo-lhes o reino como promessa. Mas a Escritura exigiu para seu surgimento mais do que meramente a promessa de um reino. Era necessário que a promessa e o juramento dado aos patriarcas fossem cumpridos; o povo escolhido deveria realmente atingir o status de uma nação propriamente dita. Somente após Deus criar a comunidade-reino de Israel, tirada da tirania do Faraó e conduzida à assembleia do Sinai, é que ele poderia emitir um pacto canônico do tipo bíblico. O surgimento da Escritura canônica, portanto, teve que aguardar a vitória do êxodo de Yahweh. Essa vitória sinalizou a plenitude do tempo para o nascimento da Palavra do tratado de Deus.

“A determinação da natividade da Palavra escrita precisamente naquela conjuntura histórica nos aponta para a peculiar qualidade da Escritura canônica. Originando-se dessa maneira, em consequência de uma exibição impressionante do poder de Yahweh na salvação e no juízo, de acordo com as promessas proféticas dadas aos patriarcas, a Escritura desde o início carrega o caráter de uma palavra de cumprimento triunfal. É a declaração incontestável de que o nome do Deus de Israel é Yahweh, o poderoso Senhor do pacto. Embora o reino mosaico estabelecido no Sinai

¹² Ibid., pg. 227.

fosse ele próprio ainda apenas provisório e promissório em relação às realidades messiânicas da era do Novo Testamento, ainda assim, inequivocamente, a Palavra de Deus do Antigo Testamento que anunciou o reino israelita era, para o estágio pré-messiânico da história redentora, uma palavra de promessas manifestamente cumpridas e da realeza triunfante de Yahweh decisiva e dramaticamente manifesta. Portanto, desde seu surgimento inicial no desdobramento da vitória, a Escritura canônica confronta os homens como uma palavra divina de triunfo.”¹³

O que o Sinai mostrou em forma provisória, o Calvário e o Monte das Oliveiras revelaram definitivamente: a redenção vitoriosa do povo eleito de Deus na Nova Aliança, quando o Leão da Tribo de Judá conquistou a vitória para abrir o Livro. E porque Jesus Cristo conquistou a Nova Aliança para Seu povo, Ele comissionou a escrita das Escrituras canônicas do Novo Testamento como a exibição decisiva e dramática de Sua realeza triunfante, Sua “palavra divina de triunfo”.

Junto à nova revelação escrita, este novo e final estágio da história redentora trazido pela Nova Aliança requeria **um Novo Cântico**, uma nova resposta litúrgica pela assembleia adoradora de Deus. Assim como as épocas anteriores na história pactual evocaram um Novo Cântico,¹⁴ o estabelecimento definitivo da nova nação com seu novo tratado de reino necessitava de uma nova adoração, uma que fosse um verdadeiro cumprimento da antiga, uma transcendência de tudo o que ela prenunciava. O novo vinho da Nova Aliança não poderia ser contido nos odres do Antigo; a nova redenção requeria para sua expressão plena e adequada o Novo Cântico da liturgia cristã. É exatamente isso que o Novo Cântico proclama como sua base:

Tratado de Reino: **Digno és de tomar o Livro, e de abrir os seus selos.**

Redenção: **Porque foste morto, e nos compraste para Deus com o Teu sangue.**

¹³ Meredith G. Kline, *The Structure of Biblical Authority* (Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Co., second ed., 1975), pp. 77ff.

¹⁴ Cânticos produzidos pela redenção no Êxodo incluem os registrados em Ex. 15, Dt. 32 e Sl. 90; a nova organização do reino teocrático sob um governante humano, e os eventos que culminaram no estabelecimento do Templo, resultaram no Saltério (a coletânea definitiva de “novos cânticos” sob a Antiga Aliança).

Estabelecimento da Nação: **Tu os fizeste reis e sacerdotes para nosso Deus.**

Domínio: **E eles reinarão sobre a terra.**

Um aspecto do Cântico levantou uma séria questão interpretativa: como observamos em 4:4, Ned Stonehouse (com uma série de outros) sustentou que **os vinte e quatro anciãos** são uma classe de anjos. A base para a opinião de Stonehouse se resume ao fato de que um manuscrito grego do Novo Testamento contém uma variação textual que, segundo ele, indica isso. Enquanto a maioria dos manuscritos diz que Cristo **nos** comprou, a leitura variante preferida por Stonehouse diz que Cristo comprou os *homens*. A diferença, obviamente, seria que os cantores no primeiro caso são definitivamente identificados como estando entre os redimidos, enquanto, na segunda leitura, eles não necessariamente se incluíam entre os comprados pelo sangue de Cristo.

Infelizmente para a interpretação de Stonehouse, há dois fatos que, logo de início, argumentam contra ela. Em primeiro lugar, mesmo que todos os manuscritos contivessem a leitura preferida de Stonehouse, isso não provaria o seu argumento; Stonehouse estava simplesmente fazendo uma suposição que *pode* seguir de sua premissa, mas não necessariamente o faz. (Afinal, qualquer crente ainda poderia orar pela “Igreja” ou pelo “povo de Deus” sem se excluir; o mero fato de os anciãos agradecerem a Deus por redimir “os homens” não significaria necessariamente que eles próprios não foram redimidos.)

Em segundo lugar, no entanto, das centenas de manuscritos que contém o Livro do Apocalipse, apenas *um* carrega essa leitura extremamente duvidosa. A variante não é encontrada em nenhuma “família” de manuscritos, e certamente não se encontra em nada que pudesse ser chamado de tradição textual; ocorre em apenas um manuscrito solitário. Basear uma interpretação em um alicerce tão instável é, no mínimo, um método extremamente subjetivo e precário de estudo da Bíblia.

Sem dúvida, a leitura tradicional (“**nós**”) é a verdadeira. Mas dizer isso parece levantar dois problemas adicionais: (1) Diz-se que os quatro seres viventes, que não parecem representar a Igreja, estão cantando este cântico; (2) o cântico muda para a terceira pessoa entre os versos 9 e 10. No verso 9 lemos: “Tu **nos** compraste”; e no verso 10 lemos: “Tu **os** fizeste reis... e **eles** reinarão.” Na verdade, esses dois problemas resolvem um ao outro. Isso é aparentemente um exemplo do que já vimos neste livro, e

algo que se tornará mais familiar à medida que progredimos nosso estudo nele: *louvor antifonal*. Esse padrão de respostas corais continua neste capítulo (cf. v. 11-14). Uma provável estrutura dessa porção da liturgia celestial seria a seguinte:

Anciãos e Seres Viventes: **Digno és de tomar o Livro, e de abrir os seus selos.**

Anciãos: **Porque foste morto, e nos compraste para Deus com o Teu sangue de toda a tribo, e língua, e povo e nação.**

Seres Viventes: **E os fizeste reis e sacerdotes para nosso Deus; e eles reinarão sobre a terra.**¹⁵

Cristo comprou Seu povo das nações, não apenas para redimi-los do pecado, mas para capacitá-los a cumprir o Mandato de Domínio original de Deus para o homem. Como o Segundo Adão, Cristo delega à Sua Nova Criação a tarefa que Adão perdeu – desta vez, no entanto, sobre o fundamento inabalável de Sua morte, ressurreição e ascensão. A salvação tem um propósito, uma salvação *para*, bem como uma salvação *de*. Cristo **fez** de Seu povo **reis e sacerdotes para nosso Deus**, e garantiu seu destino: **eles reinarão sobre a terra**. Isso nos mostra a direção da história: os remidos do Senhor, já uma nação de sacerdotes reais, avançam em direção ao domínio completo que Deus havia planejado como Seu programa original para o homem. Em Adão, ele havia sido perdido; Jesus Cristo, o Segundo Adão, nos redimiou e nos restaurou ao nosso sacerdócio real, para que reinemos **sobre a terra**. Por meio da obra de Cristo, a vitória definitiva sobre Satanás foi conquistada. Temos a promessa de vitórias crescentes, e governo e domínio crescentes, à medida que levamos o Evangelho e a lei do grande Rei à fruição em todo o mundo.

11-14 Em resposta ao louvor dos quatro seres vivos e dos vinte e quatro anciãos, todo o coro de **anjos**, composto de **miríades de miríades**,¹⁶ e **milhares de milhares**, se une a eles **em alta voz**, proclamando que **o Cordeiro que foi morto** é, com base em Sua Pessoa e obra, **digno**

¹⁵ Este esboço também é sugerido por Moses Stuart, *A Commentary on the Apocalypse*, 2 vols. (Andover: Allen, Morrill and Wardwell, 1845), Vol. 2, pg. 134.

¹⁶ Literalmente, uma *miríade* é 10.000; mas o termo é, especialmente no plural, frequentemente usado num sentido mais vago para significar “um número muito grande”. *Miríades de miríades* obviamente significa simplesmente “incontáveis milhares”.

de herdar todas as coisas (os sete itens enumerados indicando plenitude) no céu e na terra: **poder e riquezas e sabedoria e força e honra e glória e louvor**. E, como se numa resposta alegre a esta grande declaração da herança universal de Cristo, toda a criação (quádrupla) responde com louvor, como um clímax para esta seção da liturgia. **Toda criatura que está a) no céu e b) na terra e c) debaixo da terra e d) no mar, e todas as coisas que neles há, ouvi dizendo** – toda a realidade criada se torna parte do coro cósmico, cantando: **Àquele que está sentado no Trono, e ao Cordeiro, seja a) bênção e b) honra e c) glória e d) domínio para todo o sempre**. Um dia, toda a criação reconhecerá Cristo como Senhor (Fp. 2:10-11); no entanto, isso já está estabelecido em princípio pelo sacrifício e vitória do Cordeiro. Novamente, São João nos revela o objetivo da história como o reconhecimento universal do Senhorio de Cristo e da glória eterna de Deus por meio de Jesus Cristo.

A Igreja nos dias de São João estava prestes a experimentar um tempo de severa provação e perseguição. Eles já viam aquilo que, em uma época de bom senso, dificilmente poderia ser imaginado: uma união entre Israel e a Besta anticristã de Roma. Esses cristãos precisavam entender a história como não governada pelo acaso ou por homens maus ou mesmo pelo diabo, mas sim governada a partir do Trono de Deus por Jesus Cristo. Eles precisavam ver que Cristo estava reinando *agora*, que Ele já havia arrancado o mundo das garras de Satanás, e que, mesmo agora, todas as coisas no céu e na terra estavam destinadas a reconhecê-Lo como Rei. Eles precisavam se ver à luz da verdade: não como tropas esquecidas em um posto avançado solitário, combatendo em uma batalha perdida, mas como reis e sacerdotes já agora, travando guerra e vencendo, predestinados à vitória, com a absoluta certeza de conquista e domínio ao lado do Grande Rei sobre a terra. Eles precisavam da filosofia bíblica da história: que toda a história, criada e controlada pelo governo pessoal e total de Deus, move-se inexoravelmente em direção ao domínio universal do Senhor Jesus Cristo. A nova e final era da história chegou; a Nova Aliança chegou. Eis que Ele conquistou a vitória!

6

NO CAMINHO DO CAVALO BRANCO

São João nos leva agora à abertura dos Sete Selos do Livro (seis dos Selos são rompidos no Capítulo 6; o Sétimo Selo é rompido em 8:1, e está conectado às Sete Trombetas). Vimos que o Livro representa o documento do tratado da Nova Aliança, cuja abertura resultará na destruição do Israel apóstata (veja em 5:1-4). O que, então, a abertura dos Selos representa? Alguns pensaram que isso significa uma leitura cronológica do Livro, e que os eventos descritos estão em uma ordem histórica direta. Isso é improvável por dois motivos. Primeiro, os Selos parecem estar na *borda externa* do Livro (que está na forma de um pergaminho): não se pode realmente começar a ler o Livro até que todos os Selos sejam rompidos. O Sétimo Selo, consistindo em um chamado à ação pelo sopro das Sete Trombetas, é o que na verdade abre o Livro para que possamos ler seu conteúdo.

Segundo, uma leitura cuidadosa dos eventos mostrados por cada Selo revela que eles não estão listados em ordem cronológica. Por exemplo, no Quinto Selo – depois de toda a devastação causada pelos Quatro Cavaleiros – os mártires que clamam por juízo são instruídos a esperar. Mas o juízo é imediatamente derramado no Sexto Selo, com toda a criação sendo despedaçada de alto a baixo. No entanto, depois de tudo isso, Deus ordena aos anjos que retenham o juízo até que os servos de Deus sejam protegidos (7:3). Obviamente, os Selos não pretendem representar uma cronologia progressiva. É mais provável que eles revelem as principais ideias do conteúdo do Livro, os principais temas dos juízos que vieram sobre Israel durante os Últimos Dias, de 30 a 70 d.C.

R. H. Charles destacou a estreita similaridade estrutural entre os Seis Selos deste capítulo e os eventos do chamado *Pequeno Apocalipse* registrados nos Evangelhos Sinóticos. Como seu esboço (adaptado abaixo) demonstra, “eles apresentam praticamente o mesmo material.”¹

¹ R. H. Charles, *A Critical and Exegetical Commentary on the Revelation of St. John*, 2 vols. (Edinburgh: T. & T. Clark, 1920), Vol. I, pg. 158.

Apocalipse 6

1. Guerra (v. 1-2)
2. Conflito internacional (v. 3-4)
3. Fome (v. 5-6)
4. Peste (v. 7-8)
5. Perseguição (v. 9-11)
6. Terremoto; De-criação (v. 12-17)

Mateus 24

1. Guerras (v. 6)
2. Conflito internacional (v. 7a)
3. Fomes (v. 7b)
4. Terremotos (v. 7c)
5. Perseguições (v. 9-13)
6. De-criação (v. 15-31)

Marcos 13

1. Guerras (v. 7)
2. Conflito internacional (v. 8a)
3. Terremotos (v. 8b)
4. Fomes (v. 8c)
5. Perseguições (v. 9-13)
6. De-criação (v. 14-27)

Lucas 21

1. Guerras (v. 9)
2. Conflito internacional (v. 10)
3. Terremotos (v. 11a)
4. Pragas e fomes (v. 11b)
5. Perseguição (v. 12-19)
6. De-criação (v. 20-27)

Isto é muito perceptivo por parte de Charles, e dos muitos comentaristas que seguiram seu raciocínio. O que é surpreendente é que eles não compreenderem o propósito de São João em apresentar “o mesmo material” que os escritores sinóticos: profetizar os eventos que levaram à destruição de Jerusalém. Enquanto todos admitem prontamente que o *Pequeno Apocalipse* é uma profecia contra Israel (veja Mt. 23:29-39; 24:1-2, 15-16, 34; Mc. 13:2, 14, 30; Lc. 21:5-6, 20-24, 32), poucos parecem capazes de fazer a conexão óbvia: O *Grande Apocalipse* é uma profecia contra Israel também!

PARTE III: OS SETE SELOS

Os Quatro Cavaleiros (6:1-8)

- 1 E vi que o Cordeiro rompeu um dos Sete Selos, e ouvi um dos quatro seres viventes dizendo, como com voz de trovão: Vem!
- 2 E olhei, e eis um cavalo branco, e O que estava assentado sobre ele tinha um Arco; e uma coroa foi-lhe dada; e Ele saiu conquistando, e para conquistar.
- 3 E quando Ele rompeu o Segundo Selo, ouvi o segundo ser vivente dizendo: Vem!
- 4 E outro, um cavalo vermelho-sangue, saiu; e ao que estava assentado sobre ele foi concedido tirar a paz da Terra, e que os homens matassem uns aos outros; e uma grande espada foi-lhe dada.
- 5 E quando Ele rompeu o Terceiro Selo, ouvi o terceiro ser vivente dizendo: Vem! E olhei, e eis um cavalo preto; e o que estava assentado sobre ele tinha uma balança na mão.
- 6 E ouvi uma Voz no centro dos quatro seres viventes dizendo: Uma medida de trigo por um denário, e três medidas de cevada por um denário; e não danifiquem o azeite e o vinho.
- 7 E quando Ele rompeu o Quarto Selo, ouvi a voz do quarto ser vivente dizendo: Vem!
- 8 E olhei, e eis um cavalo verde; e o que estava assentado sobre ele tinha o nome de Morte; e o Hades o seguia. E foi-lhe dada autoridade sobre a quarta parte da Terra, para matar com espada, e com fome, e com morte, e pelas feras da Terra.

A passagem central do Antigo Testamento por trás da imagem dos “Quatro Cavaleiros do Apocalipse” é Zacarias 6:1-7, que retrata os Quatro Ventos como carruagens de Deus conduzidas por Seus agentes, que vem e vão patrulhando a terra. Seguindo e imitando a ação do Espírito (veja 5:6), eles são os meios de Deus para controlar a história (veja abaixo em 7:1, onde os Quatro Ventos são identificados com, e controlados por, anjos; cf. também Sl. 18:10, onde as “asas do vento” são ligadas aos “querubins”). O simbolismo bíblico vê a terra (e especialmente a Terra de Israel) como o altar de quatro cantos de Deus e, portanto, frequentemente representa juízos nacionais abrangentes de uma maneira quádrupla. Os Cavaleiros, portanto, nos mostram os meios de Deus para controlar e trazer juízos sobre a nação desobediente de Israel.

Os comentários de Milton Terry são úteis: “A verdadeira interpretação desses quatro primeiros selos é aquela que os reconhece como uma representação simbólica das ‘guerras, fomes, pestes e terremotos’ que Jesus declarou que seriam ‘o princípio das dores’ na desolação de Jerusalém (Mt. 24:6-7; Lc. 21:10-11, 20). A tentativa de identificar cada figura separada com um evento específico ignora tanto o espírito quanto o método do simbolismo apocalíptico. O objetivo é dar uma imagem quádrupla e mais impressionante daquela terrível guerra em Jerusalém que estava destinada a vingar o sangue justo dos profetas e apóstolos (Mt. 23:35-37), e envolver uma ‘grande tribulação’, como nunca antes havia ocorrido (Mt. 24:21). Como as quatro nuvens sucessivas, mas intimamente conectadas, de gafanhotos em Joel 1:4; como os quatro cavaleiros em cavalos de cores diferentes em Zacarias 1:8, 18, e os quatro carros puxados por outros tantos cavalos de cores diferentes em Zacarias 6:1-8, esses quatro juízos severos de Jeová avançam sob o comando dos quatro seres viventes no Trono para executar a vontade d’Aquele que declarou que os ‘escribas, fariseus e hipócritas’ de Seu tempo eram ‘serpentes e descendência de víboras’ e lhes assegurou que ‘todas essas coisas viriam sobre esta geração’ (Mt. 23:33, 36). Os escritos de Josefo mostram de forma exaustiva quão terrivelmente todas essas coisas foram cumpridas na sangrenta guerra de Roma contra Jerusalém.”²

Tão importante quanto Zacarias no contexto desta passagem é a Oração de Habacuque (Habacuque 3), a leitura tradicional da sinagoga para o segundo dia de Pentecostes,³ na qual o profeta relata uma visão de Deus vindo em julgamento, brilhando como o sol, reluzindo com relâmpagos (Hc. 3:3-4; cf. Ap. 1:16; 4:5), trazendo pestilência e praga (Hc. 3:5; Ap. 6:8), destruindo as montanhas e derrubando as colinas (Hc. 3:6, 10; Ap. 6:14), cavalcando contra Seus inimigos (Hc. 3:8, 15; Ap. 6:2, 4-5, 8), armado com um Arco (Hc. 3:9, 11; Ap. 6:2), extinguindo o sol e a lua (Hc. 3:11; Ap. 6:12-13) e pisoteando as nações em Sua fúria (Hc. 3:12; Ap. 6:15). Habacuque interpreta claramente suas imagens como uma profecia da invasão militar de Judá pelos caldeus, os instrumentos pagãos de Deus para a manifestação da ira divina (Hc. 3:16; cf. 1:5-17). Sob imagens semelhantes, São João re-

² Milton Terry, *Biblical Apocalypics: A Study of the Most Notable Revelations of God and of Christ in the Canonical Scriptures* (New York: Eaton and Mains, 1898), pp. 329f.

³ M. D. Goulder, *The Evangelists' Calendar: A Lectionary Explanation for the Development of Scripture* (London: SPCK, 1978), pg. 177.

trata a destruição de Israel nas mãos dos exércitos invasores edomitas e romanos.

1-2 As visões do Livro começam, assim como as Mensagens, com Cristo segurando um conjunto de sete em Sua mão. Enquanto **o Cordeiro** rompe cada um dos quatro primeiros **Selos**, São João ouve **um dos quatro seres viventes dizendo, como com uma voz de trovão: Vem!** Isso não é dito como uma ordem para que São João “venha e veja.”⁴ Em vez disso, o que ocorre é que cada um dos seres viventes invoca um dos Quatro Cavaleiros. Os quatro cantos da terra, por assim dizer, em pé ao redor do altar, estão clamando para que os justos juízo de Deus venham e destruam os ímpios – assim como o clamor característico da Igreja apostólica por juízo e salvação era *Maranata! Ó Senhor, Venha!* – e traga *Anátema!*⁵

Quando o primeiro ser vivente chama, São João vê **um cavalo branco**, seu cavaleiro armado para a batalha, carregando **um Arco**. O Cavaleiro *já é vitorioso*, pois **uma coroa foi-Lhe dada** (São João geralmente usa o passivo impessoal ao longo da profecia para indicar que algo é feito por Deus; cf. 6:2, 4, 8, 11; 7:2, 4; 8:2, 3, etc.). Tendo alcançado a vitória, Ele cavalga para mais vitórias: **Ele saiu conquistando, e para conquistar**. Surpreendentemente, a interpretação dispensacionalista comum afirma que este cavaleiro no cavalo branco é o Anticristo.⁶ Mostrando onde está sua fé, Hal Lindsey vai ao extremo e declara que o Anticristo é “a única pessoa que poderia realizar todos esses feitos”.⁷

⁴ Ao contrário da leitura da Almeida Corrigida, que não é apoiada pela maioria dos manuscritos. [Para outras traduções do Novo Testamento que seguem o Texto Majoritário e trazem a mesma leitura que Chilton, v. Pickering, *O Soberano Senhor Já Falou*, pg. 442 e *English Majority Text Version* – N. R.]

⁵ 1 Co. 16:22 (cf. Ap. 6:10); de acordo com o *Didaquê* (cap. 10), *Maranata* era repetida no final da liturgia eucarística. Se a hipótese de John A. T. Robinson estiver correta (que o *Didaquê* foi escrito em 40-60 d.C.), isso representa a oração de encerramento de cada culto de adoração por décadas antes da Queda de Jerusalém. Veja sua obra *Redating the New Testament* (Philadelphia: The Westminster Press, 1976), pp. 324-27, 352.

⁶ Isso não é verdade para todos os dispensacionalistas. Entre os dissidentes neste ponto, fico feliz em mencionar Henry Morris, *The Revelation Record* (Wheaton, IL: Tyndale House, 1983), pg. 112, e Zane C. Hodges, “The First Horseman of the Apocalypse”, *Bibliotheca Sacra* 119 (1962), pp. 324ff.

⁷ *There's a New World Coming: A Prophetic Odyssey* (Eugene, OR: Harvest House Publishers, 1973), pg. 103.

Mas há vários pontos sobre este Cavaleiro que demonstram conclusivamente que Ele não pode ser outro senão o Senhor Jesus Cristo. Primeiro, Ele está cavalcando **um cavalo branco**, como Jesus o faz em 19:11-16. Segundo, Ele carrega **um Arco**. Como vimos, a passagem de Habacuque que forma a base para Apocalipse 6 mostra o Senhor como o Rei Guerreiro carregando um Arco (Hc. 3:9, 11). São João também está apelando aqui para o Salmo 45, uma das grandes profecias da vitória de Cristo sobre Seus inimigos, na qual o salmista alegremente clama a Ele, enquanto Ele cavalga adiante conquistando, e para conquistar:

Prende a espada à cintura, ó poderoso!
Cobre-te de esplendor e majestade.
Na tua majestade cavalga vitoriosamente
pela verdade, pela misericórdia e pela justiça;
que a tua mão direita realize feitos gloriosos.
Tuas flechas afiadas atingem o coração dos inimigos do rei;
debaixo dos teus pés caem nações.
(Sl. 45:3-5)

Deveríamos fazer uma pergunta bastante óbvia nesta altura – tão óbvia que somos capazes de relevá-la completamente: *Onde Cristo conseguiu o Arco?* A resposta (como geralmente é o caso) começa em Gênesis. Quando Deus fez a aliança com Noé, Ele declarou que não estava mais em guerra com a terra, por causa do “aroma suave” do sacrifício (Gn. 8:20-21); e como evidência disso, Ele desenrolou Seu Arco e o pendurou “na Nuvem” para todos verem (Gn. 9:13-17). Mais tarde, quando Ezequiel foi “arrebataado” para a Sala do Trono no topo da Nuvem de Glória, ele viu o Arco pendurado acima do Trono (Ez. 1:26-28); e ele ainda estava lá quando São João ascendeu ao céu (Ap. 4:3). Mas quando o Cordeiro aproximou-se para receber o Livro das mãos de Seu Pai, Ele também estendeu a mão e abaixou o Arco, para usá-lo em juízo contra os apóstatas de Israel. Para aqueles que “intencionalmente no pecado, depois de receber o pleno conhecimento da verdade, já não resta mais sacrifício pelos pecados, mas uma terrível expectativa de juízo e um fogo ardente que destruirá os adversários. Quando alguém rejeita a lei de Moisés, morre sem misericórdia pela palavra de duas ou três testemunhas. Imaginai quanto maior castigo merecerá quem insultou o Filho de Deus e tratou como profano o sangue da aliança pelo qual foi santificado e afrontou o Espírito da graça? Pois conhecemos aquele que disse: ‘Minha é a vingança, eu retribuirei.’ E outra

vez: 'O Senhor julgará o seu povo.' Coisa terrível é cair nas mãos do Deus vivo!" (Hebreus 10:26-31, A21). Era, portanto, necessário que o primeiro Cavaleiro fosse visto carregando o Arco da vingança de Deus, para significar o desencadeamento da Maldição sobre o solo de Israel; para esses apóstatas, a aliança de Noé está desfeita.

Os primeiros leitores de São João teriam imediatamente entendido sua referência a este Cavaleiro com o Arco como falando de Jesus Cristo, com base no que já vimos. Mas, terceiro, há o fato de que o Cavaleiro recebe uma **coroa**, e isso também concorda com o que sabemos sobre Cristo a partir do Apocalipse (14:14; 19:11-13).⁸ O quarto e último ponto, no entanto, deve tornar esta interpretação completamente segura: o Cavaleiro sai **conquistando**.⁹ Esta é a mesma palavra no grego que foi usada nas cartas às sete igrejas para *vencer* ou *conquistar* (ver Ap. 2:7, 11, 17,26; 3:5, 12,21). Considere como o Apocalipse usou esta palavra até este ponto:

Ao que *vencer*, eu lhe concederei que se assente comigo no Meu trono, assim como eu *venci* e me assentei com Meu Pai no Seu trono. (3:21)

O Leão da tribo de Judá, a Raiz de Davi, *conquistou a vitória* para abrir o Livro e os seus sete selos. (5:5)

E olhei, e eis um cavalo branco, e O que estava assentado sobre ele tinha um Arco; e uma coroa foi-Lhe dada; e Ele saiu *conquistando*, e para *conquistar*. (6:2)

É Cristo o Conquistador *por excelência*. Todos os eventos na história estão sob Seu comando, e é inteiramente apropriado que Ele seja o Único representado aqui como o líder dos julgamentos de Deus. Ele é o Centro da história, e é Ele quem traz juízos sobre a Terra. Sua abertura da Nova Aliança garantiu a queda de Israel; assim como Ele conquistou para abrir o Livro, Ele cavalgou em vitória para realizar o significado do Livro na história. Ele cavalgou em Sua Ressurreição e Ascensão como o Rei já vitorioso, conquistando e para conquistar, estendendo as aplicações de Sua vitória definitiva de uma vez por todas por toda a terra. E devemos prestar

⁸ Esta palavra para *coroa* (*stephanos*) é usada sete vezes em Apocalipse com referência a Cristo e Seu povo (2:10; 3:11; 4:4, 10; 6:2; 12:1; 14:14).

⁹ Cf. Sto. Irineu, *Contra as Heresias*, 4:21:3.

uma atenção especial aos terríveis juízos que O seguem. Os Cavaleiros representam as forças que Deus sempre usa para quebrar nações desobedientes, e agora eles se voltaram contra Seu povo pactual. O mesmo vale, é claro, para todos os homens e nações. Todas as tentativas de encontrar paz e segurança longe de Jesus Cristo estão fadadas ao fracasso. A nação que não se submeter será esmagada por Seus exércitos, pelas forças históricas que estão constantemente à Sua absoluta disposição.

Há diferenças entre esta visão de Cristo e aquela em Apocalipse 19. A principal razão para isso é que no Capítulo 19, Cristo é visto com uma espada saindo de Sua boca, e a visão simboliza Sua conquista das nações após 70 d.C. com o Evangelho. Mas isso não está em vista durante a quebra dos selos. Aqui, Cristo está vindo contra Seus inimigos em juízo. Ele está vindo, não para salvar, não para curar, mas para destruir. Os implacáveis e aterrorizantes cavaleiros que O seguem não são mensageiros de esperança, mas de ira. Israel está condenado.

3-4 O Cordeiro rompe o Segundo Selo, e São João ouve o segundo ser vivente dizendo: Vem! Em resposta ao chamado, um cavaleiro em **um cavalo vermelho-sangue** sai, a quem Deus **concedeu** o poder de **tirar a paz da Terra, e que os homens matassem uns aos outros; e uma grande espada foi-lhe dada.** Este segundo cavaleiro, representando a *guerra*, mostra o quão completamente depravado o homem é. Deus não precisa incitar os homens a lutarem uns contra os outros; Ele simplesmente ordena que Seus anjos tirem as condições de paz. Em um mundo pecaminoso, por que não há mais guerras do que há? Por que não há mais derramamento de sangue? É porque há *restrições à maldade do homem*, à liberdade do homem de agir de acordo com as implicações consistentes de seu ódio e rebelião. Mas se Deus remove as restrições, a degeneração ética do homem é revelada em toda a sua feiura. João Calvino escreveu: “A mente do homem está tão afastada da justiça de Deus que não concebe, deseja e projeta nada que não seja ímpio, distorcido, sujo, impuro, escandaloso; o coração, tão completamente impregnado pelo veneno do pecado, que não busque senão o que exala um mal cheiro corrupto. Pelo que, se alguma vez ostentam algo na aparência de bem, a

mente, entretanto, sempre permanece envolvida por uma obliquidade hipócrita e falaz, e a alma, amarrada por uma perversidade interior.”¹⁰

Tudo isso se cumpriu abundantemente em Israel e nas nações vizinhas durante os Últimos Dias, quando a Terra estava cheia de assassinos, revolucionários e terroristas de toda espécie; quando “todas as cidades estavam expostas às desordens e às violências dos vários exércitos e por isso todos procuravam a salvação, derramando rios de sangue. Os dias passavam-se nesses atos tão desumanos, que as leis da guerra autorizam; o temor e o horror tornavam a noite ainda mais terrível que o dia [...] Viam-se, com horror, as cidades cheias de cadáveres de velhos, crianças e mulheres, nus e sem sepulturas. Por toda a parte, inacreditável miséria; e outras, ainda maiores, se temiam”¹¹

5-6 Seguindo o galopar da guerra está o terceiro cavaleiro angelical, em **um cavalo preto**, segurando **uma balança na mão**, um símbolo de fome da profecia de Ezequiel, na qual os habitantes famintos de Jerusalém foram forçados a pesar sua comida cuidadosamente (Ez. 4:10). Este Cavaleiro traz *dificuldades econômicas*, uma situação descrita como completamente caótica. Uma voz **do centro das criaturas vivas** – ou seja, do Trono de Deus – diz: **Uma medida de trigo por um denário, e três medidas de cevada por um denário; e não danifiques o azeite e o vinho**. Esta maldição, portanto, significa uma escassez dos alimentos básicos necessários – uma medida de trigo subindo para mais de 1000% do seu preço anterior, consumindo o salário de um dia inteiro,¹² de modo que todo o trabalho de um homem seria gasto na obtenção de alimentos. Esta é a maldição de Deus sobre os homens sempre que eles se rebelam: A própria terra os vomita (Lv. 18:24-28; Is. 24). A Maldição devora a produtividade em todas as áreas, e a cultura ímpia perece pela fome, doença e opressão (Dt. 28:15-34). É assim que Deus controla os ímpios: Eles devem gastar tanto tempo apenas sobrevivendo que são incapazes de exercer domínio

¹⁰ João Calvino, *A Instituição da Religião Cristã*, vol. 1, trad. Carlos E. de Oliveira (Editora UNESP, 2007), 2:5:19, pg. 322.

¹¹ Flávio Josefo, *A Guerra dos Judeus*, 2:18:2, em *A História dos Hebreus [HDH]*, trad. Vicente Pedroso (CPAD, 1990), 2:2:33:316; para se ter um retrato preciso (e, portanto, horripilante) do quão estreitamente paralelos s profecias no Apocalipse e nos Evangelhos Sinóticos o são aos eventos dos Últimos dias de Israel, que culminaram no cerco de Jerusalém por Tito, é necessário ler os Livros II-IV da história de Josefo.

¹² Robert H. Mounce, *The Book of Revelation* (Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Co., 1977), pg. 155.

ímpio sobre a terra. A longo prazo, esta é a história de toda cultura que se afasta da Palavra de Deus.¹³

Josefo descreve a busca frenética por comida durante o cerco final: “Entretanto, a carestia, crescendo sempre, fazia crescer também o furor dos revoltosos; e à medida que se avançava, mais esses dois males juntos produziam terríveis efeitos. Como não havia mais trigo [...] entravam à força nas casas para procurá-lo. E, se o encontravam, acusavam-nos de o ter ocultado, maltratavam-nos, fazendo-os sofrer, para obrigá-los a lhes revelar o esconderijo e era suficiente proceder bem, para logo ser tido como culpado desse pretenso crime. Aqueles que estavam reduzidos ao extremo, eles deixavam-nos morrer de fome, poupando a si mesmos o trabalho de matá-los. Vários ricos venderam secretamente todos os seus bens por uma medida de trigo; e os mais desprendidos, por apenas uma medida de cevada. Encerravam-se depois nos lugares mais ocultos de suas casas, onde alguns comiam esse grão, sem ser moído, outros reduziam-no a farinha segundo a necessidade ou temor lho permitia. Não se viam mais mesas postas; cada qual tirava de debaixo do carvão o que comer, sem se dar ao trabalho de o deixar cozer. Jamais se poderia ver miséria tão deplorável.”¹⁴

Por outro lado, no entanto, nesta maldição específica sobre Jerusalém, os luxos do azeite e do vinho não são afetados pelo aumento geral de preços; o Cavaleiro negro é proibido de tocá-los. As **balanças** são o signo de Libra, abrangendo setembro e outubro; Farrer deduz que, se a colheita de grãos falhasse em abril e maio, “os homens poderiam começar a apertar os cintos em outubro. Eles estariam, então, terminando a coleta de frutas e poderiam observar a ironia da natureza, que uvas e azeitonas não foram danificadas; da tríade tradicional de grãos, vinho e óleo, os grãos, em uma pequena quantidade, manterá você vivo sem os outros dois, mas não eles sem os grãos.”¹⁵ Com toda a probabilidade, outra dimensão da importância dessa expressão é que os mensageiros de destruição de Deus são impedidos

¹³ Veja David Chilton, *Productive Christians in an Age of Guilt Manipulators: A Biblical Response to Ronald J. Sider* (Tyler, TX: Institute for Christian Economics, 3rd ed., 1985), pp. 921f.

¹⁴ Josefo, *A Guerra dos Judeus*, 5:10:2 em HDH, 2:5:27:417.

¹⁵ Austin Farrer, *The Revelation of St. John the Divine* (Oxford: At the Clarendon Press, 1964), pg. 100. J. Massyngberde Ford menciona uma ordem de Tito durante o cerco de Jerusalém de que olivais e vinhedos não deveriam ser perturbados (*Revelation: Introduction, Translation, and Commentary* [Garden City, NY: Doubleday and Co., 1975], pg. 107).

de prejudicar os justos: as Escrituras frequentemente falam das bênçãos de Deus sobre os justos em termos de **óleo e vinho** (cf. Sl. 104:15); e, claro, óleo e vinho são usados nos ritos da Igreja (Tg. 5:14-15; 1 Co. 11:25). Isso seria então paralelo àquelas outras passagens nas quais os piedosos são protegidos da destruição (cf. 7:3).

7-8 Finalmente, o **Quarto Selo** é rompido, e o **quarto ser vivente** invoca o último Cavaleiro do juízo, que monta **um cavalo verde** – a cor verde¹⁶ conotando uma palidez doentia, um presságio de morte. Assim, o quarto cavaleiro, com uma comissão muito mais ampla e abrangente, é chamado **Morte**; e ele é seguido por **Hades** (a sepultura) – ambos tendo sido soltos pelo Filho do Homem, que os destrancou com Sua chave (1:18). **E foi-lhe dada autoridade** para trazer quatro pragas sobre a Terra de quatro cantos: **matar com espada, e com fome, e com morte, e pelas feras da Terra**. Este é simplesmente um resumo de todas as maldições pactuais em Levítico 26 e Deuteronômio 28. Além disso, é paralelo à lista de Deus de Suas quatro categorias básicas de maldições com as quais Ele pune nações ímpias e desobedientes – “Quanto mais, se eu enviar os meus quatro maus juízos, a espada, a fome, as feras, e a peste, contra Jerusalém, para cortar dela homens e feras?” (Ez. 14:21, ACF; cf. Ez. 5:17). No entanto, neste estágio preliminar – e mantendo o padrão “quádruplo” da passagem como um todo – a Morte e a sepultura recebem autoridade para engolir apenas **a quarta parte da Terra**. Os juízos das Trombetas tomarão um terço da Terra (cf. 8:7-12), e os juízos dos Cálices devastarão tudo.

Talvez o obstáculo mais significativo para uma interpretação correta desta passagem tenha sido que os comentaristas e pregadores ficaram com medo e tornaram-se incapazes de ver que é *Deus* quem está trazendo esses juízos sobre a Terra – que eles são chamados do Trono, e que os mensageiros do julgamento são os próprios anjos de Deus. Especialmente cruel e prejudicial é qualquer interpretação que pareça colocar o Filho de Deus contra a corte do céu, de modo que as maldições registradas aqui sejam vistas como, de alguma forma, estando abaixo de Seu caráter. Mas é Jesus,

¹⁶ A palavra grega é *chloros*, e simplesmente significa *verde*; ela é usada mais duas vezes no Apocalipse (8:7; 9:4), e uma vez em Marcos (6:39). Tradutores geralmente a vertem como *pálido*, aparentemente sob a firme convicção de que, uma vez que não existe algo como um cavalo verde, São João não poderia possivelmente ter visto um. [A maioria das traduções em português vertem como *amarelo*, LTT e NTIA trazem ‘verde amarelado’ – N. R.]

o Cordeiro, que rompe os selos do julgamento, e é Jesus, o Rei dos reis, que cavalga em conquista, liderando os exércitos angelicais contra as nações, para destruir aqueles que se rebelam contra Seu governo universal.

Era crucial para os cristãos primitivos entenderem isso, pois esses juízos estavam sendo liberados sobre o mundo deles. Em todas as épocas, os cristãos devem encarar o mundo com confiança, com a convicção inabalável de que *todos* os eventos da história são predestinados, originários do Trono de Deus. Quando vemos o mundo convulsionado com guerras, fomes, pragas e desastres naturais, devemos dizer, com o salmista: “Vinde, contemplai as obras do SENHOR, que desolações ele causou na terra.” (Sl. 46:8). Em última análise, a atitude do cristão em relação aos juízos de Deus sobre um mundo perverso é a mesma dos quatro seres ao redor do Trono, que alegremente clamam aos mensageiros do juízo de Deus: “*Vem!*” Nós também, em nossas orações, devemos implorar a Deus para trazer Sua ira sobre os ímpios, para manifestar Sua justiça na terra. Diante dessas revelações impressionantes sobre o juízo de Deus, qual é nossa resposta adequada? Somos informados, em 22:17: O Espírito e a Noiva dizem: “*Vem!*”

Os Mártires Vingados (6:9-17)

- 9 E quando Ele rompeu o Quinto Selo, vi debaixo do altar as almas daqueles que foram mortos por causa da Palavra de Deus e por causa do Testemunho que mantiveram;
- 10 e eles clamaram em alta voz, dizendo: Até quando, ó Senhor, santo e verdadeiro, não julgas e vingas o nosso sangue sobre os que habitam na Terra?
- 11 E foi dada a cada um deles uma veste branca; e foi-lhes dito que repousassem por mais um pouco, até que o número de seus conservos e seus irmãos que haviam de ser mortos, assim como eles o foram, também fosse completado.
- 12 E eu olhei quando Ele rompeu o Sexto Selo, e houve um grande terremoto; e o sol tornou-se negro como saco de cilício, e a lua toda tornou-se como sangue;
- 13 e as estrelas do céu caíram sobre a terra, como uma figueira lança seus figos verdes quando abalada por um forte vento.
- 14 E o céu desapareceu como um pergaminho quando é enrolado; e todas as montanhas e ilhas foram movidas de seus lugares.

- 15 E os reis da terra, e os grandes homens, e os comandantes, e os ricos, e os fortes, e todo escravo e homem livre se esconderam nas cavernas e entre as rochas das montanhas;
- 16 e disseram às montanhas e às rochas: Caí sobre nós e esconden-nos da presença d'Aquele que está assentado no Trono, e da ira do Cordeiro;
- 17 porque é chegado o grande Dia da Sua ira; e quem poderá su-portar?

9-10 Para os leitores deste livro no primeiro século, as tribulações descritas nele estavam se tornando muito reais: Cada igreja logo conheceria a angústia de ter alguns de seus líderes mais corajosos e capazes presos e executados **por causa da Palavra de Deus e por causa do Testemu-nho que mantiveram**. Para muitos cristãos, em todo o império, os próximos meses e anos envolveriam grande angústia, pois famílias seriam separadas e entes queridos mortos. Quando a tragédia acontece, somos tentados a perguntar: Deus se importa? Esta questão se torna especial-mente intensa quando a dor é causada por inimigos cruéis da fé empenha-dos em destruir o povo de Deus, e a injustiça do sofrimento se torna apa-rente. Se os cristãos fossem realmente servos do Rei, quando Ele agiria? Quando Ele viria para punir os apóstatas que primeiro usaram o poder do Estado Romano para crucificar o Senhor, e agora estavam usando esse mesmo poder para matar e crucificar os “profetas, homens sábios e escri-bas” (Mt. 23:34) que Cristo havia enviado?

Assim, a quebra **do Quinto Selo** revela uma cena no céu, onde **as almas daqueles que foram mortos** estão **debaixo**, ou ao redor da base **do altar**. A imagem é tirada dos sacrifícios do Antigo Testamento, nos quais o **sangue** da vítima morta escorria pelas laterais do altar e formava uma poça ao redor de sua base (“a *alma* [Heb. *nephesh*] da carne está no sangue”, Lv. 17:11, ARC).¹⁷ O sangue dos mártires foi derramado (cf. 2 Tm. 4:6), e, enquanto enche a vala abaixo do altar, ele clama do chão **em alta voz, dizendo: Até quando, ó Senhor, santo e verdadeiro, não julgas e vingas o nosso sangue sobre os que habitam na Terra?** A Igreja no céu concorda com os querubins em invocar os juízos de Deus: **Até quando?** é uma frase padrão em toda a Escritura para invocar a justiça divina para os

¹⁷ Veja R. J. Rushdoony. *Thy Kingdom Come: Studies in Daniel and Revelation* (Tyler, TX: Thoburn Press. [1970] 1978), pg. 145.

oprimidos (cf. Sl. 6:3; 13:1-2; 35:17; 74:10; 79:5; 80:4; 89:46; 90:13; 94:3-4; Hc. 1:2; 2:6). O contexto específico para seu uso aqui, no entanto, está novamente na profecia de Zacarias (1:12): Após os Quatro Cavaleiros patrulharem a terra, o anjo pergunta: “Ó SENHOR dos Exércitos, até quando não terás misericórdia de Jerusalém [...]?” São João inverte isso. Após seus Quatro Cavaleiros serem enviados em sua missão, ele mostra os mártires perguntando até quando Deus continuaria a tolerar Jerusalém. Os leitores de São João não teriam deixado de notar outro ponto sutil: se o sangue dos mártires está fluindo ao redor da base do altar, devem ser os sacerdotes de Jerusalém que o derramaram. Os oficiais do Pacto mataram os justos. Como Jesus e os apóstolos testemunharam, Jerusalém foi a assassina dos profetas (Mt. 23:34-37; Lc. 13:33; At. 7:51-52). A conexão com “o sangue de Abel” clamando do chão perto do altar (Gn. 4:10) é outra indicação de que esta passagem como um todo se refere ao juízo sobre Jerusalém (cf. Mt. 23:35-37). Como Caim, os “irmãos mais velhos” da Antiga Aliança invejaram e assassinaram seus justos “irmãos mais novos” da Nova Aliança (cf. 1 Jo. 3:11-12). E assim o sangue dos justos clama: Os santos oram para que a profecia de Cristo sobre “os dias de vingança” (Lc. 21:22) se cumpra.

Que esse clamor contundente por vingança nos pareça estranho apenas mostra o quanto nossa era pietista se degenerou da cosmovisão bíblica. Se nossas igrejas estivessem mais familiarizadas com o hinário fundacional da Igreja, os Salmos, em vez dos refrãos açucarados, melosos, doces e leves que caracterizam os hinários evangélicos modernos, entenderíamos isso muito mais facilmente. Mas caímos em uma ilusão pagã de que é de alguma forma “anticristão” orar para que a ira de Deus seja derramada sobre os inimigos e perseguidores da Igreja. No entanto, é isso que vemos o povo de Deus fazendo, com a aprovação de Deus, em ambos os Testamentos das Escrituras Sagradas.¹⁸ Com efeito, é uma característica do homem piedoso desprezar os réprobos (Sl. 15:4). O espírito expresso nas orações imprecatórias das Escrituras é um aspecto necessário da atitude do cristão (cf. 2 Tm. 4:14). Grande parte da impotência das igrejas hoje é diretamente atribuível ao fato de que elas se tornaram emasculadas

¹⁸ Veja, por exemplo, Sl. 5, 7, 35, 58, 59, 68, 69, 73, 79, 83, 109, 137, 140. O termo comum para essas e outras passagens é *Salmos Imprecatórios*; tal expressão pode ser enganosa, no entanto, uma vez que a maioria dos Salmos tem seções imprecatórias (*maldições*) neles (cf. Sl. 1:4-6; 3:7; 6:8-10; 34:16; 37:12-15; 54:7; 104:35; 139:19-22), e todos os Salmos são implicitamente imprecatórios, pois as bênçãos dos justos são mencionadas com o corolário presumido: Os ímpios são amaldiçoados.

e efeminadas. Tais igrejas, incapazes até mesmo de confrontar o mal – muito menos de “vencê-lo” – acabarão sendo capturadas e dominadas por seus inimigos.

11 Os santos justos e fiéis no céu são reconhecidos como reis e sacerdotes de Deus, e assim é **dado a cada um deles uma veste branca**, simbolizando o reconhecimento de Deus de sua pureza diante Dele, um símbolo da vitória dos vencedores (cf. 3:4-5). A brancura das vestes é parte de um padrão já estabelecido em Apocalipse (as Sete Cartas) em que os últimos três itens em uma estrutura sétupla correspondem aos primeiros quatro itens. Assim:

<i>Primeiro Selo:</i> Cavalo branco	<i>Quinto Selo:</i> Vestes Brancas
<i>Segundo Selo:</i> Cavalo vermelho	<i>Sexto Selo:</i> Lua como sangue
<i>Terceiro Selo:</i> Cavalo preto	Sol escurecido
<i>Quarto Selo:</i> Cavalo verde	<i>Sétimo Selo:</i> Vegetação queimada

Em resposta ao apelo dos santos por vingança, Deus responde **que devem repousar por mais um pouco, até que o número de seus conservos e seus irmãos que haviam ser mortos, assim como eles o foram, também fosse completado**. O número total de mártires ainda não foi completado; a iniquidade total de seus perseguidores ainda não foi alcançada (cf. Gn. 15:16), embora esteja se aproximando rapidamente da condenação da ira de Deus sendo derramada de forma definitiva sobre eles (1 Ts. 2:14-16). Devemos lembrar que a aplicação primária disso é relacionada ao Israel apóstata – **aqueles que habitam na Terra** – que (em cooperação com as autoridades romanas) estava assassinando os santos. Os mártires são instruídos a esperar **um pouco**, e o juízo de Deus certamente será derramado, trazendo a prometida “Grande Tribulação” sobre o Israel que violou o pacto.

12-14 Quando o **Sexto Selo** é rompido, somos mais claramente levados aos eventos finais dos Últimos Dias. O Cordeiro revela o próximo grande aspecto de Seus julgamentos da aliança, em um símbolo frequentemente usado na profecia bíblica: a *descrição*. Assim como a salvação do povo de Deus é falada em termos de criação (cf. 2 Cor. 4:6; 5:17; Ef. 2:10; 4:24; Col. 3:10),¹⁹ assim os juízos de Deus (e a revelação de Sua presença como Juiz sobre um mundo pecador) são falados em termos de descrição,

¹⁹ Veja David Chilton, *Paraíso Restaurado* (Editora Monergismo, 2024), pp. 35ff.

o colapso do universo – Deus rasgando e dissolvendo o tecido da criação.²⁰ Assim, São João usa as estruturas fundamentais da criação ao descrever a queda de Israel:

1. Terra
2. Sol
3. Lua
4. Estrelas
5. Firmamento
6. Território
7. Homem

Esses sete juízos são detalhados em termos das imagens proféticas familiares do Antigo Testamento. Primeiro, a desestabilização: **um grande terremoto** (cf. Ex. 19:18; Sl. 18:7, 15; 60:2; Is. 13:13-14; 24:19-20; Na. 1:5). Segundo, o eclipse e o luto de Israel: **O sol tornou-se negro como saco de cilício** (Ex. 10:21-23; Jó 9:7; Is. 5:30; 24:23; Ez. 32:7; Jl. 2:10, 31; 3:15; Am. 8:9; Mq. 3:6). Terceiro, a imagem contínua de um eclipse, com a ideia de *contaminação* adicionada: **E a lua toda tornou-se como sangue** (Jó 25:5; Is. 13:10; 24:23; Ez. 32:7; Jl. 2:10, 31). O quarto juízo afeta as estrelas, que são imagens de governo (Gn. 1:16); elas também são relógios (Gn. 1:14), e sua queda mostra que *o tempo de Israel acabou*: **As estrelas do céu caíram sobre a terra, como uma figueira lança seus figos verdes quando abalada por um forte vento** (Jó 9:7; Ec. 12:2; Is. 13:10; 34:4; Ez. 32:8; Dn. 8:10; Jl. 2:10; 3:15); o **forte vento**, é claro, foi trazido pelos Quatro Cavaleiros, que na imagem original de Zacarias eram os Quatro Ventos (Zc. 6:5), e que serão reintroduzidos a São João dessa forma em 7:1; e a **figueira** é o próprio Israel (Mt. 21:19; 24:32-34; Lc. 21:29-32). Quinto, Israel agora simplesmente desaparece: **O céu desapareceu como um pergaminho quando é enrolado**²¹ (Is. 34:4; 51:6; Sl. 102:25-26; sobre o simbolismo de Israel como “céu”, veja Is. 51:15-16; Jr. 4:23-31; cf. Hb.

²⁰ Ver *ibid.*, pp. 110ff., 149ff.

²¹ Referindo-se às imagens bíblicas (cf. Gn. 1:7) de um céu “sólido”, Ford explica: “O céu ter sido ‘desfeito como um pergaminho enrolado’ leva a uma imagem não de um papiro ou rolo de couro, mas sim de um pergaminho como os dois de cobre encontrados em Qumran. A ideia de ruído é transmitida de forma mais dramática se é esperado que o leitor imagine um pergaminho de metal se fechando repentinamente.” J. Massyngberde Ford, *Revelation: Introduction, Translation, and Commentary* (Garden City, NY: Doubleday and Co., 1975), pg. 100.

12:26-27). Sexto, os poderes gentios também são abalados: **todas as montanhas e ilhas foram movidas de seus lugares** (Jó 9:5-6; 14:1819; 28:9-11; Is. 41:5, 15-16; Ez. 38:20; Na. 1:4-8; Sf. 2:11).²² A “velha criação” de Deus, Israel, deve ser descrida, pois o Reino é transferido para a Igreja, a Nova Criação (cf. 2 Pe. 3:7-14). Porque os governantes na Vinha de Deus mataram Seu Filho, eles também serão mortos (Mt. 21:33-45). A própria Vinha será quebrada, destruída e devastada (Is. 5:1-7). Na justa destruição de Israel por Deus, Ele abalará até o céu e a terra (Mt. 24:29-30; Hb. 12:26-28) para entregar Seu Reino à Sua nova nação, a Igreja.

15-17 As imagens proféticas do Antigo Testamento ainda estão em vista quando São João descreve aqui os apóstatas sob juízo. Esta é a sétima fase da descrição: a destruição dos homens. Mas este sétimo item na lista se abre para revelar outros “sete” dentro dele (assim como o Sétimo Selo e a Sétima Trombeta contém o próximo conjunto de sete juízo), pois sete classes de homens são nomeadas aqui, mostrando que a destruição é total, afetando pequenos e grandes igualmente: **os reis da terra, e os grandes homens, e os comandantes, e os ricos, e os fortes, e todo escravo e homem livre**. Ninguém será capaz de escapar, independentemente de status privilegiado ou insignificância. A Terra inteira rejeitou Cristo, e a Terra inteira está sendo excomungada. Novamente, os paralelos mostram que o juízo sobre Israel é pretendido por esta profecia (cf. Is. 2 e 24-27), embora outras nações (“os reis da terra”) também sejam afetadas.

À medida que a terra é descrida, e a revelação natural mediadora é removida – colocando os pecadores face a face com a revelação nua do Deus santo e justo – os homens de Israel tentam fugir e buscar proteção em qualquer coisa que pareça oferecer refúgio. Fugir para o subsolo e para cavernas é um sinal de estar sob uma maldição (cf. Gn. 19:30-38). Assim, eles **se esconderam** (cf. Gn. 3:8) **nas cavernas e entre as rochas das montanhas** (a lei de talião por seus maus-tratos aos justos: Hb. 11:38; cf.

²² Em contraste com as interpretações populares dos textos que falam da fé movendo montanhas (Mt. 17:20; 21:21; Mc. 11:23), deve-se notar que essa expressão ocorre em passagens que falam do julgamento vindouro sobre a, e da queda da apóstata Jerusalém. Jerusalém é frequentemente chamada de “a montanha” nas Escrituras (por exemplo, Dn. 9:16); assim, os santos no altar (6:9-11) são retratados clamando, com fé, para que esta grande montanha caia. A destruição de Jerusalém é, portanto, retratada, em parte, como uma montanha em chamas sendo lançada ao mar (8:8; cf. Zc 14:4).

Jz. 7:25),²³ **e disseram às montanhas e às rochas: Caí sobre nós e escondei-nos da presença d'Aquele que está assentado no Trono, e da ira do Cordeiro; porque é chegado o grande Dia da Sua ira;**²⁴ e (Na. 1:6; Ml. 3:2) **quem poderá suportar?** A interpretação dada aqui é novamente confirmada: Esta passagem não está falando do Fim do Mundo, mas do *Fim de Israel* em 70 d.C. A origem do simbolismo usado aqui está na profecia de Oseias contra Israel:

Efraim sofrerá humilhação;
e Israel será envergonhado por causa do seu ídolo de madeira.
Samaria e seu rei serão arrastados
como um graveto nas águas.
Os altares da impiedade,
que foram os pecados de Israel,
serão destruídos.
Espinhos e ervas daninhas crescerão
e cobrirão os seus altares.
Então eles dirão aos montes: "Cubram-nos!",
e às colinas: "Caíam sobre nós!" (Os. 10:6-8, NVI)

Jesus citou este texto a caminho da crucificação, afirmando que ele se cumpriria sobre o Israel idólatra durante a vida daqueles que estavam presentes:

E seguia-o uma grande multidão de povo e de mulheres, que também pranteavam e lamentavam por ele. Mas Jesus, voltando-se para elas, disse: Filhas de Jerusalém, não choreis por mim; mas chorai por vós mesmas e por vossos filhos. Porque eis que virão dias em que dirão: Abençoadas são as estéreis, e os ventres que nunca geraram, e os peitos que nunca amamentaram. Então, eles começarão dizer para os montes: Caíam sobre nós; e aos outeiros: Cubram-nos. (Lc. 23:27-30)

²³ Veja James B. Jordan, *Judges: God's War Against Humanism* (Tyler, TX: Geneva Ministries, 1985), pp. 114, 140.

²⁴ G. B. Caird atinge o impressionante *ne plus ultra* de comentário absurdo com sua afirmação surpreendente de que "a ira de Deus no Apocalipse, como em outros lugares do Antigo e Novo Testamento, representa não a atitude pessoal de Deus para com os pecadores, mas um processo impessoal de retribuição que se desenvolve no curso da história." *A Commentary on the Revelation of St. John the Divine* (New York: Harper and Row, 1966). pg. 91.

Enquanto as igrejas na Ásia Menor liam esta visão pela primeira vez, os juízos profetizados já estavam acontecendo; o Fim derradeiro se aproximava rapidamente. A geração que havia rejeitado o Filho do Senhorio (cf. Mt. 21:33-45) logo estaria gritando estas mesmas palavras. O Senhor crucificado e ressurreto estava vindo para destruir os apóstatas. Este seria o grande Dia da ira derramada do Cordeiro, a quem eles mataram.

O VERDADEIRO ISRAEL

As duas visões deste capítulo (v. 1-8 e v. 9-17) ainda fazem parte do Sexto Selo, fornecendo uma resolução do problema da queda de Israel. No entanto, elas também formam um interlúdio ou intervalo, um período de atraso entre o sexto e o sétimo selos que serve para aumentar a sensação de espera que levou ao clamor dos santos em 6:10, uma vez que esta seção é, em parte, a resposta divina à sua oração (cf. o atraso entre a sexta e a sétima trombetas, 10:1-11:14). Antes da Queda de Jerusalém, o Cristianismo ainda era amplamente identificado com Israel, e os futuros de ambos estavam interligados. Os cristãos não eram separatistas; eles se consideravam os verdadeiros herdeiros de Abraão e Moisés, e a sua religião como o cumprimento de todas as promessas feitas aos patriarcas. A ideia de a Igreja existir completamente separada da nacionalidade israelita e da Terra Santa era praticamente inimaginável. Assim, se a ira de Deus fosse liberada sobre Israel com toda a fúria sem mistura retratada no Sexto Selo, trazendo a descriação do céu e da terra e a aniquilação da humanidade, o que aconteceria com a Igreja? E os fiéis que se encontram no meio de uma civilização em colapso? O remanescente fiel seria destruído na conflagração vindoura junto com os inimigos da fé?

A resposta dada nessas visões é que “Porque Deus não nos destinou para a ira, mas para a aquisição da salvação, por nosso Senhor Jesus Cristo” (1 Ts. 5:9, ACF): A Igreja será preservada. Em termos do juízo vindouro sobre Israel, o Senhor certamente deu instruções explícitas sobre como escapar da Tribulação (ver Mt. 24:15-25; Mc. 13:14-23; Lc. 21:20-24). Os cristãos que viviam em Jerusalém obedeceram ao aviso profético e foram preservados, como Marcellus Kik apontou em seu estudo de Mateus 24: “Uma das coisas mais notáveis sobre o cerco de Jerusalém foi a fuga milagrosa dos cristãos. Foi estimado que mais de um milhão de judeus perderam suas vidas naquele terrível cerco, mas nenhum deles era cristão. Isso nosso Senhor indicou no versículo 13: ‘Mas aquele que perseverar até o fim, esse será salvo.’ Que o ‘fim’ falado não era o término da vida de um cristão, mas sim o fim de Jerusalém é evidente pelo contexto. Imediatamente após este versículo, Cristo continua a relatar o tempo exato do fim. Os cristãos que vivessem até o fim seriam salvos da terrível tribulação. Cristo indica também o tempo para o cristão fugir da cidade, para que

pudesse ser salvo durante sua destruição. Isso é verificado em uma passagem paralela (Lc. 21:18): ‘Mas nem um fio de cabelo da vossa cabeça perecerá.’ Em outras palavras, durante a desolação de Jerusalém, os cristãos seriam poupados, embora alguns perderiam suas vidas por causa da perseguição no período anterior a isso.”¹

Os 144.000 Selados (7:1-8)

- 1 E depois disto vi quatro anjos em pé nos quatro cantos da Terra, retendo os Quatro Ventos da terra, para que nenhum vento soprasse sobre a Terra, ou sobre o mar, ou sobre qualquer árvore.
- 2 E vi outro anjo subindo do nascente do sol, tendo o Selo do Deus vivo; e ele clamou com grande Voz aos quatro anjos a quem fora concedido causar dano à Terra e ao mar,
- 3 dizendo: Não danifiqueis a Terra, nem o mar, nem as árvores, até que selemos os servos do nosso Deus em suas testas.
- 4 E ouvi o número dos que foram selados, cento e quarenta e quatro mil selados de todas as tribos dos filhos de Israel:
- 5 Da tribo de Judá, doze mil foram selados, da tribo de Rúben, doze mil, da tribo de Gade, doze mil,
- 6 Da tribo de Aser, doze mil, da tribo de Naftali, doze mil, da tribo de Manassés, doze mil,
- 7 Da tribo de Simeão, doze mil, da tribo de Levi, doze mil, da tribo de Issacar, doze mil,
- 8 Da tribo de Zebulom, doze mil, da tribo de José, doze mil, da tribo de Benjamim, doze mil foram selados.

1-3 São João vê **quatro anjos em pé nos quatro cantos da Terra**, mensageiros divinos **a quem fora concedido causar dano à Terra e ao mar**; no entanto, aqui eles estão **retendo os Quatro Ventos da terra, para que nenhum vento soprasse sobre a terra, ou sobre o mar, ou sobre qualquer árvore**. Enquanto *Terra* e *mar* estão no caso genitivo, *árvore* está no acusativo, indicando que São João deseja chamar atenção especial para isso. Por toda a Bíblia, árvores são imagens de homens (Jz.

¹ J. Marcellus Kik. *An Eschatology of Victory* (Nutley, NJ: The Presbyterian and Reformed Publishing Company, 1971), pp. 96f.

9:8-15). Especificamente, são símbolos para os justos (Ex. 15:17; Sl. 1:3; 92:12-14; Is. 61:3; Jr. 17:5-8).²

O vento nas Escrituras é usado em conexão com a vinda de Deus e a ação de Seus anjos em bênção ou maldição (cf. Gn. 8:1; 41:27; Ex. 10:13, 19; 14:21; 15:10; Nm. 11:31; Sl. 18:10; 104:3-4; 107:25; 135:7; 147:18; 148:8; Jo. 3:8; At. 2:2). Neste caso, o anjo está falando do siroco, a rajada quente do deserto que queima a vegetação como uma figura do juízo ardente de Deus sobre os ímpios (cf. 16:9, e contraste com 7:16):

Embora Efraim floresça entre os seus irmãos.
Um vento oriental virá da parte do Senhor,
soprando desde o deserto;
sua fonte falhará, e seu poço secará.
Todos os seus tesouros serão saqueados dos seus depósitos.
O povo de Samaria carregará sua culpa,
porque se rebelou contra o seu Deus.
Eles serão mortos à espada;
seus pequeninos serão pisados e despedaçados,
suas mulheres grávidas
terão rasgados os seus ventres. (Os. 13:15-16)

Como vimos,³ a associação de anjos com a “natureza” não é “mera” evocação de imagens. Deus, por meio de Seus anjos, realmente controla os padrões climáticos, e Ele usa o clima como um instrumento de bênção e juízo. Desde o primeiro versículo, a Bíblia é escrita em termos do que Gary North chama de *personalismo cósmico*: “Deus não criou um universo autossustentável que agora é deixado para operar em termos de leis autônomas da natureza. O universo não é um mecanismo gigante, como um relógio, que Deus deu corda no princípio dos tempos. O mundo em que vivemos não é mecanicista, nem é uma entidade biológica autônoma, que cresce de acordo com algum código genético do cosmos. Ele é um mundo que é ativamente sustentado por Deus em tempo integral (Jó 38-41). Toda a criação é inescapavelmente *pessoal* e *teocêntrica*. ‘Porque as coisas invisíveis, desde a criação do mundo, são claramente vistas, sendo entendidas por meio das coisas que são feitas; o seu eterno poder e divindade [...]’ (Rm. 1:20).

² Veja os estudos de James B. Jordan, *Studies in Food and Faith* (Biblical Horizons, 1989) e *Trees and Thorns: Studies in the First Four Chapters of Genesis* (Theopolis Books, 2020).

³ Veja os comentários sobre os v. 4:5-8, acima.

“Se o universo é inescapavelmente pessoal, então não pode haver fenômeno ou evento na criação que seja independente de Deus. Não se pode dizer que exista algum fenômeno que esteja à parte do plano todo-inclusivo de Deus para as eras. Não há nenhuma ‘factualidade bruta’ não-interpretada. Nada no universo é *autônomo*. [...] Nada na criação gera suas próprias condições de existência, incluindo a estrutura de lei sob a qual algo opera ou é operado. Cada fato no universo, do começo ao fim, é exaustivamente interpretado por Deus em termos de Seu ser, plano e poder.”⁴

Os quatro anjos estão retendo o juízo em obediência ao comando de **outro anjo**, a quem São João vê **subindo do nascente do sol**, de onde as ações de Deus na história tradicionalmente vieram (cf. Is. 41:1-4, 25; 46:11; Ez. 43:1-3). Este anjo vem como o representante de Cristo, o Nascer do Sol do alto que nos visitou (Lc. 1:78), o Sol da justiça que nasceu com cura em Suas asas (Mt. 4:2; cf. Ef. 5:14; 2 Pe. 1:19). Ele possui o Espírito sem medida (Jo. 3:34), **o Selo do Deus vivo** com o qual Ele marca o povo de Sua própria possessão, e por Sua ordem os juízos sobre a Terra não são totalmente derramados **até que nós** – Cristo e Seus mensageiros – **selemos os servos de nosso Deus em suas testas**: O Selo do Espírito (Ef. 1:13; 4:30) é aplicado aos justos antes que os Selos da ira sejam aplicados aos ímpios; Pentecostes precede o Holocausto.

O selo no mundo bíblico significava uma concessão de autoridade e poder, uma garantia de proteção e uma marca de propriedade (cf. 2 Co. 1:21-22; 2 Tm. 2:19). O principal pano de fundo do Antigo Testamento para as imagens de São João é Ezequiel 9:1-7, que mostra Deus comissionando carrascos para destruir todos na cidade de Jerusalém; os primeiros a serem mortos são os anciãos do Templo. Primeiro, porém, Ele ordena que outro anjo “Vá pelo meio da cidade, pelo meio de Jerusalém, e põe uma marca sobre as testas dos homens que suspiram e choram por causa de todas as abominações que são feitas em seu meio.” (v. 4). Os piedosos são marcados para proteção, a fim de que os apóstatas em Jerusalém possam ser destruídos.

A marca na testa é, portanto, um símbolo do homem restaurado à comunhão com Deus. Um exemplo marcante disso foi o Sumo Sacerdote,

⁴ *The Dominion Covenant: Genesis* (Tyler, TX: Institute for Christian Economics, 1982), pp. 1-2; cf. pp. 2-11, 425-54; v. tb. R. J. Rushdoony, *The Mythology of Science* (Nutley, NJ: The Craig Press, 1967).

cuja testa era marcada com letras de ouro proclamando que ele era *SANTO PARA O SENHOR* (Ex. 28:36). Além disso, em Deuteronômio 6:6-8, todo o povo de Deus é selado na testa e na mão com a lei de Deus, assim como eles são caracterizados na vida pela obediência fiel em pensamento e ação a cada palavra de Deus.

A “marca” protetora em Ezequiel 9 é literalmente *tav*, a última letra do alfabeto hebraico. A antiga forma hebraica do *tav* era +, uma cruz – um fato que não passou despercebido pela Igreja primitiva, que o via como “uma referência quase profética ao sinal da cruz usado pelos cristãos, e é possível que o uso desse sinal no batismo possa ter se originado nesta passagem.”⁵ Tertuliano acreditava que Deus havia dado a Ezequiel “a própria forma da cruz, que Ele previu que seria o sinal em nossas testas na verdadeira Jerusalém católica”.⁶ O Santo Batismo, o Selo do Espírito (2 Co. 1:21-22; Gl. 3:27; Ef. 1:13-14; 4:30; cf. Rm. 4:11), marca esses crentes como os **servos do nosso Deus** e cumpridores do pacto, que serão preservados da ira de Deus enquanto os ímpios são destruídos. “O propósito do selamento era preservar o verdadeiro Israel de Deus como uma semente santa. Não foi projetado para salvá-los da tribulação, mas para preservá-los no meio da grande tribulação que estava prestes a vir e para glorificá-los por meio dela. Embora o antigo Israel seja rejeitado, um novo e santo Israel deve ser escolhido e selado com o Espírito do Deus vivo.”⁷

4-8 O número dos que foram selados é lido para São João: **cento e quarenta e quatro mil selados de todas as tribos dos filhos de Israel**, com **doze mil** de cada uma das doze tribos. O número 144.000 é obviamente simbólico: *doze* (o número de Israel) ao quadrado, então multiplicado por *1000* (*dez* e seus múltiplos simbolizando *muitos*; cf. Dt. 1:11; 7:9; Sl. 50:10; 68:17; 84:10; 90:4). São João retrata para nós o Israel ideal, Israel como ele deveria ser, em toda a sua perfeição, simetria e completude; o santo Exército de Deus, reunido para a batalha de acordo com seus

⁵ E. H. Plumptre, *The Pulpit Commentary: Ezekiel* (London: Funk and Wagnalls Co., n.d.), Vol. I, pp. 162f.

⁶ Tertuliano, *Contra Marcião*, 3:22, em Alexander Roberts e James Donaldson, eds., *The Ante-Nicene Fathers* (Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Co., 1973), Vol. III, pp. 340f. Sobre a legitimidade do sinal da cruz como um ato simbólico, veja James B. Jordan, *The Sociology of the Church: Essays in Reconstruction* (Tyler, TX: Geneva Ministries, 1986), pp. 207ff.

⁷ Milton Terry, *Biblical Apocalypics: A Study of the Most Notable Revelations of God and of Christ in the Canonical Scriptures* (New York: Eaton and Mains, 1898), pg. 336.

milhares (cf. 1 Cr. 4-7). Os “mil” eram a divisão militar básica no acampamento de Israel (Nm. 10:24, 35-36; 31:1-5, 48-54; 2 Sm. 18:1; 1 Cr. 12:20; 13:1; 15:25; 26:26; 27:1; 28:1; 29:6; 2 Cr. 1:2; 17:14-19; Sl. 68:17). Este é o significado da famosa profecia de Miquéias sobre a Natividade: Embora Belém seja pequena demais para ser contada “entre os milhares de Judá”, insignificante demais para ser considerada seriamente na estratégia militar da nação, ainda assim “de ti me sairá o que governará em Israel”, o Rei que estabelecerá a justiça e a paz de Deus até os confins da terra (Mq. 5:1-15, ACF). É em termos dessa imagem bíblica que São João ouve os nomes das tribos proclamados em alta voz: Ele está ouvindo a chamada militar dos Exércitos do Senhor. Neste caso, cada uma das doze tribos é capaz de mobilizar doze divisões completas, um exército numericamente perfeito de **144.000** soldados do Senhor.

A visão de São João de um exército israelita é, portanto, nas palavras de Milton Terry, “uma imagem apocalíptica daquela ‘semente sagrada’ da qual Isaías fala em Is. 6:13 – aquele remanescente sobrevivente que estava destinado a permanecer como o toco de um carvalho caído depois que as cidades fossem devastadas e toda a terra se tornasse uma desolação – aquele ‘remanescente de Jacó’, que deveria ser preservado da ‘destruição determinada no meio de toda a terra.’ (Is. 10:21-23). É o mesmo ‘remanescente de acordo com a eleição da graça’ do qual Paulo fala em Romanos 9:27-28; 11:5. Deus não destruirá Jerusalém e tornará os lugares outrora santos desolados até que Ele primeiro escolha e sele um número seletivo como o início de um novo Israel. A primeira Igreja Cristã foi formada por servos escolhidos de Deus das ‘doze tribos da dispersão’ (Tg. 1:1), e o fim da era judaica não viria até que, pelo ministério dos apóstolos e profetas judeus cristãos, o evangelho do reino fosse pregado no mundo inteiro, em testemunho a todas as nações (Mt. 24:14).”⁸

São João conforta seus leitores: O julgamento certamente será derramado sobre os apóstatas da Antiga Aliança, mas a própria Igreja não está em perigo. De fato, o verdadeiro povo do Pacto está seguro, íntegro e intacto. Embora Deus esteja prestes a destruir Jerusalém, aniquilando cada último vestígio da ordem mundial e do sistema de adoração da Antiga Aliança, Israel perdura. As promessas do Pacto a Abraão, Isaque e Jacó não estão nem um pouco ameaçadas. Na realidade, o derramamento da ira de Deus na destruição de Jerusalém servirá apenas para revelar o verdadeiro

⁸ *Ibid.*, pp. 34lf.

Israel em maior glória do que nunca. Jerusalém é saqueada e queimada, seus habitantes mortos e dispersos; mas *Israel* – todo o seu povo, em todas as suas tribos – é selado e salvo. “O julgamento, portanto, não é apenas o outro lado da moeda para a salvação, mas também é um ato de graça e misericórdia para o povo de Deus. Por mais devastadora que tenha sido a queda de Jerusalém para o remanescente fiel, sem essa queda nenhum remanescente teria permanecido.”⁹

A Ordem das Doze Tribos no Apocalipse

[Coloquei exposição numa seção separada porque, sem dúvidas, será a parte mais cansativa do livro para se ler. O leitor que se cansa facilmente deve dar uma olhada rápida e seguir em frente. Embora eu tenha tentado simplificar a discussão o máximo possível, temo que ainda pareça excessivamente complexa. Tudo isso seria muito mais fácil se conhecêssemos nossas Bíblias tão bem quanto as crianças nas sinagogas do primeiro século: se soubéssemos de cor os nomes dos filhos de Jacó e suas mães, e as mais ou menos vinte diferentes ordens em que eles estão listados no Antigo Testamento (e as razões para cada variação), entenderíamos quase imediatamente o que São João fez com sua lista e por quê.

Algumas observações de Austin Farrer são especialmente pertinentes aqui: “O propósito dos símbolos é que eles sejam imediatamente compreendidos, o propósito de expô-los é restaurar e desenvolver tal compreensão. Esta é uma tarefa que requer certa delicadeza. O autor não pensara com sua mente consciente em cada sentido, cada interconexão de sua imagética. Elas operaram em seu pensamento, porém elas próprias não haviam sido pensadas de forma direta. Se nos esforçarmos em expô-las, correremos o risco de intelectualizar demais o processo de sua mente, representando um nascimento imaginativo como uma construção especulativa. Tal representação não apenas deturpa, mas também destrói a crença, pois ninguém pode acreditar no processo quando ele é assim representado. Percebemos que nenhuma mente poderia *pensar* com tal complexidade, sem destruir a vida do produto do pensamento. No entanto, se não intelectualizarmos dessa maneira, não poderemos

⁹ R. J. Rushdoony, *Salvation and Godly Rule* (Vallecito, CA: Ross House Books, 1983), pg. 141.

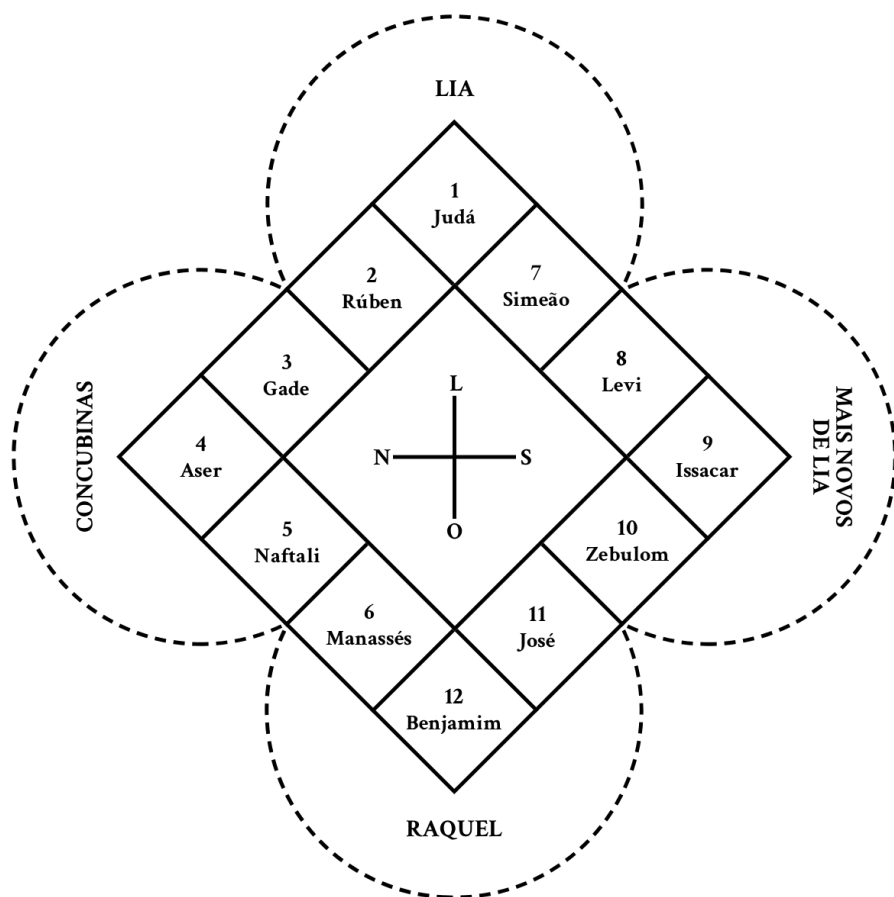
expor de forma alguma; é uma distorção necessária do método e deve ser pacientemente suportada pelo leitor. Que seja dito de uma vez por todas que a convenção da intelectualização não deve ser tomada literalmente. Não pretendemos distinguir entre o que foi discursivamente pensado e o que intuitivamente concebido em uma mente que penetrou suas imagens com inteligência e enraizou seus atos intelectivos na imaginação. [...]

“O leitor que persevera nas análises que se seguem pode naturalmente perguntar: ‘Quanto de tudo isso as congregações das Sete Igrejas compreenderam, quando a pastoral apocalíptica de seu arcebispo foi lida para elas?’ A resposta é, sem dúvidas, que da análise esquemática à qual recorremos eles não entenderam nada, porque estavam ouvindo o Apocalipse de São João, e não as elucubrações do presente escritor. Eles eram homens de sua própria geração, ouviam constantemente o Antigo Testamento em suas assembleias e eram treinados pelo pregador (que poderia ser o próprio São João) para interpretá-lo por certas convenções. E assim, sem análise intelectual, eles receberiam os símbolos simplesmente pelo que eram. Eles entenderiam o que entenderiam, e isso seria o máximo que teriam tempo para digerir.”¹⁰

Os estudiosos há muito tempo têm quebrado a cabeça com a ordem das tribos na lista de São João. Obviamente, Judá é nomeada primeiro porque essa é a tribo de Jesus Cristo; além disso, muitos supõem que a lista é arbitrária (dada a extrema atenção aos detalhes por parte dos escritores bíblicos – especialmente de São João –, isso é altamente improvável) ou então permanentemente obscurecida em mistério (isso é pura arrogância; devemos sempre lembrar que, se não pudermos responder a uma pergunta, provavelmente alguém surgirá nos próximos cem anos ou mais que o fará). Como de costume, no entanto, a explicação de Austin Farrer tem mais a oferecer. Observando que os nomes das doze tribos estão escritos nos portões da Nova Jerusalém de quatro cantos (21:12), ele propõe que a ordem das tribos corresponde à ordem em que os portões são listados: *leste, norte, sul, oeste*. Como podemos ver no primeiro diagrama (que, como

¹⁰ Austin Farrer, *A Rebirth of Images: The Making of St. John's Apocalypse* (Gloucester, MA: Peter Smith, [1949] 1970), pp. 20f.

os mapas do mundo antigo, é orientado em direção ao leste),¹¹ São João começa no canto leste com **Judá** (porque o anjo selador vem do leste, v. 2), passa por **Rúben** e **Gade** até **Aser** no canto norte, depois desce pelo lado noroeste com **Naftali** e **Manassés**; começando de novo (veremos o porquê em um momento), ele lista **Simeão** e **Levi** no lado sudeste até **Issacar** no sul, então vira a esquina e passa por **Zebulom** e **José**, terminando com **Benjamim** no canto oeste.



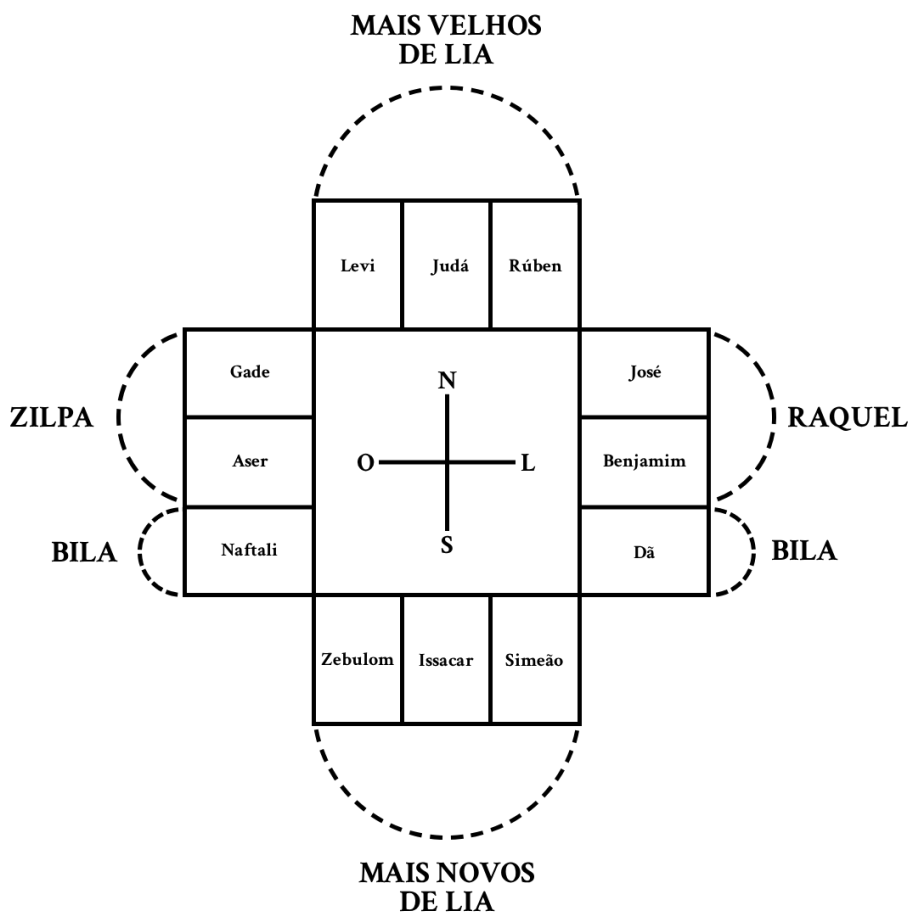
Por que São João organizou a lista de tribos dessa maneira? A resposta mais provável (a de Farrer) é encontrada em Gênesis e Ezequiel. As doze tribos descendem dos doze filhos de Jacó, que ele gerou por meio de suas

¹¹ *Oriente* significa leste; portanto, se você estiver realmente “orientado”, você estará “lesteado”, posicionado de modo que esteja voltado para a direção correta (que geralmente é, mas nem sempre, o leste).

esposas Lia e Raquel, e suas respectivas servas, Zilpa e Bila (legalmente, os filhos das servas pertenciam a Lia e Raquel; veja Gênesis 29:31-30:24 e 35:16-18). A lista dos filhos de Jacó é a seguinte:

<i>LIA:</i>	Rúben	Gade (de Zilpa)
	Simeão	Aser (de Zilpa)
	Levi	Issacar
	Judá	Zebulom
<i>RAQUEL:</i>	Dã (de Bila)	José
	Naftali (de Bila)	Benjamim

Quando o profeta Ezequiel expôs sua visão da Jerusalém ideal, ele também mostrou doze portas, uma para cada tribo (Ez. 48:30-35).



À primeira vista, ela não parece ter muito em comum com a de São João; no entanto, quando as analisamos em conjunto, elas parecem muito próximas. A lista de Ezequiel é organizada de forma muito simétrica. Ezequiel dividiu os filhos de Lia em dois grupos principais de três (“mais velhos” e “mais novos”), de modo que se equilibram entre norte e sul. Os dois filhos de Raquel no leste são postos do outro lado dos dois filhos de Zilpa no oeste; e abaixo de cada par está um dos filhos de Bila. Ezequiel também posicionou Judá (a tribo real) na fileira superior de três, fazendo-o trocar de lugar com Simeão.

Farrer explica a revisão de Ezequiel feita por São João: “Ele concede um verdadeiro trio para Raquel, substituindo o nome de Dã pelo de Manassés. Na realidade, a tribo de José havia se tornado duas tribos, Efraim e Manassés. Como Efraim era o principal herdeiro de José, José cobre Efraim; Manassés é adicionado. Um subproduto dessa melhoria é o desaparecimento de Dã na lista, um dos Doze. Talvez isso não tenha desagradado a São João; que Dã seja, assim, o Judas dos patriarcas. Dã tinha, certamente, uma reputação duvidosa (Gn. 49:17; Lv. 24:10-11; 1 Rs. 12:28-30; Jr. 4:15 e 8:16). No final (Ap. 21:12-14), São João coloca os nomes dos apóstolos ao redor da cidade, pareando-os com as tribos. Não podemos supor que o nome de Iscariotes estaria ali, não mais do que o de Dã.

“Então, quanto à promoção artificial de Judá: em vez de trocar Judá e Simeão, São João simplesmente coloca Judá duas posições acima. O resultado é que Levi, não Simeão, é empurrado para fora dos três primeiros. A alteração é presumivelmente deliberada, pois, na nova dispensação, Levi é degradado. O sacerdócio é unido à realeza na tribo de Judá, como o escritor aos Hebreus tão copiosamente explica; Levi não tem posição especial (veja especialmente Hb. 7:11-14).”¹²

A Grande Multidão (7:9-17)

- 9 Depois destas coisas olhei, e eis uma grande multidão, que ninguém podia contar, de todas as nações, e de todas as tribos, e povos, e línguas, em pé diante do Trono e diante do Cordeiro, vestidos de vestes brancas, e com palmas em suas mãos;
- 10 e clamavam em alta voz, dizendo:

¹² Austin Farrer, *The Revelation of St. John the Divine*, pg. 108.

Salvação ao nosso Deus, que está assentado no Trono, e ao Cordeiro!

- 11 E todos os anjos estavam em pé ao redor do Trono e ao redor dos anciãos e dos quatro seres viventes; e prostraram-se diante do Trono e adoraram a Deus,
- 12 dizendo:
Amém! Louvor, e glória, e sabedoria, e ação de graças, e honra, e poder, e força sejam ao nosso Deus para todo o sempre! Amém!
- 13 E um dos anciãos respondeu, dizendo-me: Estes que estão vestidos de vestes brancas, quem são eles, e de onde vieram?
- 14 E eu disse-lhe: Meu senhor, tu o sabes. E ele me disse: Estes são os que vieram da Grande Tribulação, e lavaram as suas vestes e as branquearam no sangue do Cordeiro.
- 15 Por esta razão, eles estão diante do Trono de Deus; e O servem dia e noite em Seu Templo; e Aquele que está assentado no Trono estenderá Seu Tabernáculo sobre eles.
- 16 Eles não mais terão fome, nem mais terão sede; nem o sol os castigará, nem calor algum;
- 17 porque o Cordeiro que está no centro do Trono será o seu Pastor, e os guiará às fontes da Água da Vida; e Deus enxugará toda lágrima de seus olhos.

9 Já notamos um recurso literário que São João usa para exibir suas imagens a partir de vários ângulos: *ouvir*, depois *ver*. Por exemplo, em 1:10-13, São João *ouve* uma Voz, então se vira para ver o Senhor; em 5:5-6, ele *ouve* sobre o Leão de Judá, e então *vê* o Cordeiro; em 6:1-8, ele *ouve* uma criatura viva dizer “Vem!” – e então *vê* o objeto do comando da criatura. O mesmo padrão ocorre aqui neste capítulo: São João nos diz, **ouvi o número dos que foram selados** (v. 4); então, **depois destas coisas** – depois de ouvir o número dos redimidos – **eu olhei, e eis uma grande multidão** (v. 9). Esse padrão, e o fato de que as bênçãos atribuídas a ambos os grupos são bênçãos que pertencem à Igreja, indicam que esses dois grupos são, até certo ponto, dois aspectos diferentes da una Igreja universal. Assim, de um ponto de vista, o povo de Deus é numerado definitivamente; nenhum dos eleitos está faltando, e a Igreja é perfeitamente simétrica e plena. De outro ponto de vista, a Igreja é inumerável, uma grande **hoste que ninguém poderia contar**. Vista de uma perspectiva, a Igreja é o novo, o *verdadeiro* Israel de Deus: os filhos de Jacó reunidos em todas as

suas tribos, plenos e completos. De outra perspectiva, igualmente verdadeira, a Igreja é o mundo inteiro: uma grande multidão redimida **de todas as nações e de todas as tribos, povos e línguas**.

Em outras palavras, os 144.000 são o Remanescente de Israel; ainda assim, o cumprimento das promessas a Israel ocorre por meio da salvação do mundo, trazendo os gentios para compartilhar das bênçãos de Abraão (Gl. 3:8). O número do Remanescente é preenchido pelas multidões dos salvos de todas as nações, assim como a Nova Jerusalém – cujas dimensões são medidas em doze e cujos portões estão inscritos com os nomes das doze tribos – é preenchida com a glória e a honra das nações do mundo (21:12-27). Farrer diz: “Pelo contraste entre as tribos numeradas e a hoste inumerável, São João exprime dois temas antitéticos, ambos igualmente tradicionais. Deus conhece o número de Seus eleitos; aqueles que herdaram a bênção de Abraão são tão inumeráveis quanto as estrelas (Gn. 15:5). No entanto, São João não pode querer dizer que o número de santos gentios é desconhecido para Deus, ou que o número de israelitas justos pode ser contado pelos homens. O que ele nos diz é que seu ouvido recebe um número resultante de um censo angélico; e que aos seus olhos é apresentada uma multidão que ele não pode contar, como aos de Abraão, quando chamado a olhar para as estrelas. A visão da hoste vestida de branco, purificada pelo martírio, deve, em todo caso, refletir Daniel 11:35. O tema é continuado em Daniel 12:13, onde as mesmas pessoas são descritas como ‘registradas no livro’ e como ‘como as estrelas’; é fácil concluir ‘numeradas, portanto, mas incontáveis’.”¹³

Na visão de São João, portanto, o Remanescente selado de Israel é a semente santa, as “primícias” (14:4) da nova Igreja, destinada a se expandir em uma multidão inumerável reunida em adoração diante do Trono no céu. O núcleo de Israel se torna a Igreja, redimida de todas as nações em cumprimento da promessa abraâmica (Gn. 15:5; 22:17-18); e assim a Igreja se torna o mundo inteiro. A salvação de Israel sozinha nunca foi a intenção de Deus; Ele enviou seu Filho “para que o mundo fosse salvo por Ele” (Jo. 3:16-17, ACF). Como o Pai disse ao Filho, ao planejar o Pacto da Redenção:

Pouco é que sejas o meu servo, para restaurares as tribos de Jacó, e tornares a trazer os preservados de Israel; também te dei para luz

¹³ Ibid. pg. 110.

dos gentios, para seres a minha salvação até à extremidade da terra.
(Is. 49:6, ACF)

O número real dos salvos, longe de ser limitado a meras dezenas de milhares, é na realidade **uma multidão que ninguém poderia contar**, tão vasta que não pode ser compreendida. Pois o fato é que *Cristo veio para salvar o mundo*. Tradicionalmente – embora os calvinistas tenham estado tecnicamente corretos ao declarar que os benefícios completos da expiação foram destinados apenas aos eleitos – tanto os calvinistas quanto os arminianos tendem a não compreender o significado de João 3:16. Este foi lindamente resumido por Benjamin Warfield: “Você não deve imaginar, então, que Deus permanece parado e impotente enquanto o mundo, que Ele criou para Si mesmo, avança irremediavelmente para a destruição, e Ele só consegue arrancar com dificuldade aqui e ali um tição do meio do fogo universal. O mundo não O governa em um único de seus atos: Ele o governa e o conduz firmemente para o fim que, desde o início, ou mesmo desde quando a primeira de suas vigas foi estabelecida, Ele havia determinado. [...] Ao longo de todos os anos, um propósito *crescente* avança, um propósito crescente: os reinos da terra se tornam cada vez mais o Reino do nosso Deus e Seu Cristo. O processo pode ser lento; o progresso pode parecer arrastado aos nossos olhos impacientes. Mas é Deus quem está construindo: e sob Suas mãos a estrutura se ergue tão firmemente quanto lentamente e, no devido tempo, a pedra angular será posta em seu lugar e, aos nossos olhos atônitos, será revelado nada menos que um mundo salvo.”¹⁴

Infelizmente, muitos não foram capazes de apreciar completamente as implicações desta passagem. Por mais de um século, o cristianismo tem sido atormentado por um derrotismo totalmente injustificado: acreditamos mais na depravação do homem do que na soberania de Deus. Temos mais fé no poder de uma criatura não regenerada de resistir à Palavra de Deus do que no poder do Criador todo-poderoso de transformar o coração de um homem de acordo com Sua vontade. Tal atitude impotente nem sempre caracterizou o povo de Deus. Charles Spurgeon encorajou uma reunião de missionários com estas palavras: “Eu mesmo acredito que o Rei Jesus reinará, e os ídolos serão completamente abolidos; mas espero que

¹⁴ Benjamin B. Warfield, de um sermão sobre João 3:16 intitulado “O amor incomensurável de Deus”, em *Biblical and Theological Studies* (Philadelphia: Presbyterian and Reformed Publishing Co., 1968), pp. 518f.

o mesmo poder que virou o mundo de cabeça para baixo uma vez ainda continue a fazê-lo. O Espírito Santo nunca permitiria que a imputação de que Ele não foi capaz de converter o mundo repousasse sobre Seu santo nome.”¹⁵

Por causa da Ressurreição e Ascensão de Cristo, esta é a era do triunfo do Evangelho. As indicações claras das Escrituras são que a tendência das nações, ao longo do tempo, será em direção à conversão. Os salvos superarão em muito os perdidos. Ao longo do Livro do Apocalipse, como no resto da Bíblia, encontramos Satanás continuamente derrotado diante do grande exército dos eleitos. Mesmo quando Satanás parece ser dominante, ele sabe que “tem apenas pouco tempo” (12:12). O período do aparente triunfo de Satanás é contado em dias e meses (12:6; 13:5), e mesmo assim não passa de um embate louco e fútil por poder passageiro; em contraste marcante, o período do domínio dos santos é medido em *anos* – mil deles – e desde o primeiro (1:6) ao último (20:4-6) eles são designados como *reis*. Jesus é o Vencedor! Ele veio para salvar o mundo, para redimir as nações, e não ficará desapontado: “Ele verá sua descendência; ele prolongará seus dias e a vontade do SENHOR prosperará nas mãos dele.” (Is. 53:10).

São João vê o mundo redimido de santos vitoriosos **em pé diante do Trono e diante do Cordeiro** em adoração. Eles estão **vestidos com vestes brancas**, simbolizando a retidão, com **palmas em suas mãos**, como o símbolo bem conhecido da restauração do povo de Deus ao Paraíso. Isso também lembra a Festa dos Tabernáculos, iniciada durante o Êxodo: Não é por acaso que a palavra *tabernáculo* ocorre nesta passagem (veja no v. 15 abaixo).¹⁶ R. J. Rushdoony mostra quão extensa é a imagem do Êxodo no simbolismo do Apocalipse: “Jesus é tanto o verdadeiro Moisés (o Cântico de Moisés é citado em Apocalipse 15:2ff.), quanto o Josué maior. Ele é o libertador do povo de Deus. Simeão no templo declarou que seus olhos tinham visto a salvação de Deus, tendo visto o salvador infante (Lc. 2:30; cf. Is. 52:10), pois ele era um daqueles ‘que aguardavam a redenção de Jerusalém’ (Lc. 2:38), ou seja, sua libertação do cativeiro, do Egito espiritual. A matança das crianças pelo Faraó é paralela à ordem assassina de Herodes (Ex. 1:16; 2:15; 4:19; Mt. 2:16). O infante Cristo é chamado de verdadeiro Israel chamado para fora do Egito (Mt. 2:14f.; cf. Ex. 4:22; Os. 11:1). Os 40

¹⁵ Citado em Iain Murray, *The Puritan Hope: Revival and the Interpretation of Prophecy* (London: The Banner of Truth Trust, 1971), pg. 258.

¹⁶ Veja David Chilton, *Paraíso Restaurado* (Editora Monergismo, 2024), pp. 56-58, 72.

anos de tentação de Israel no deserto, e seu fracasso, correspondem aos 40 dias de tentação de Cristo no deserto, terminando em vitória; Jesus resistiu citando Moisés. Jesus enviou 12 discípulos, para serem o novo Israel de Deus, os novos líderes de uma nova nação ou povo. Jesus também enviou 70 (Lc. 10:1ff.), assim como Moisés reuniu 70, a quem Deus deu o Espírito (Nm. 11:16ff.). Nos são dados paralelos à conquista de Canaã, e a destruição de suas cidades pelo fogo do juízo (Mt. 10:15; 11:20ff.; Lc. 10:12ff.; Dt. 9:1ff.; Mt. 24). A velha Jerusalém agora tem o papel de Canaã e deve ser destruída (Mt. 24). O mundo inteiro é a nova Canaã, a ser julgada e conquistada: 'Ide por todo o mundo...' Tanto o Êxodo quanto o Apocalipse concluem com o Tabernáculo, o primeiro com o tipo, o segundo com a realidade."¹⁷

Há outros paralelos aqui também. A Festa da Dedicção (Hanukkah) comemorava a purificação do Templo por Judas Macabeu em 164/165 a.C., após sua profanação por Antíoco IV Epifânio, quando os judeus se alegraram "entre aclamações e palmas, ao som de cítaras, címbalos e harpas, e entoando hinos e cânticos, porque um grande inimigo havia sido esmagado e expelido fora de Israel." (1 Mac. 13:51, BJ). Jesus compareceu a esta festa (Jo. 10:22), e no Domingo de Ramos Ele imitou a ação de Judas Macabeu ao limpar o Templo de sua profanação pelos cambistas (Mt. 21:12-13; Mc. 11:15-17; Lc. 19:45-46; cf. Jo. 2:13-16).

Em paralelo à purificação do Templo, a cena da multidão redimida em Apocalipse também inverte a imagem; pois, diferentemente da grande multidão que saudou Jesus com ramos de palmeiras (Mt. 21:8), mas possuía apenas folhas e nenhum fruto (Mt. 21:19), a multidão de Apocalipse 7 é a nova nação de Cristo, dando frutos e herdando o Reino (Mt. 21:43). Que São João pretende que vejamos tal paralelo fica claro pelo fato de que a palavra traduzida como **palma** (*phoenix*) ocorre apenas duas vezes no Novo Testamento – aqui e na história do Domingo de Ramos no Evangelho de João (12:13).

10 Unindo-se à liturgia celestial, a multidão inumerável grita: **Salvação** (i.e., **Hosana!** cf. João 12:13) **ao nosso Deus que está sentado no Trono, e ao Cordeiro!** – atribuindo a Deus e ao Cordeiro o que Roma reivindicou para os Césares. Marco Antônio disse sobre Júlio César que

¹⁷ R. J. Rushdoony, *Thy Kingdom Come: Studies in Daniel and Revelation* (Tyler, TX: Thoburn Press, [1970] 1978), pp. 149f.

seu “único trabalho era salvar onde alguém necessitasse de salvação”;¹⁸ e agora Nero estava no trono, a quem Sêneca (falando como “Apolo”) havia elogiara como o divino Salvador do mundo:

Ele é como eu em muitos aspectos, em forma e aparência, em sua poesia e canto e habilidade com instrumentos. E, como o vermelho da manhã dissipa a noite sombria, já que nem a névoa nem a neblina resistem diante dos raios do sol, pois tudo se torna brilhante quando minha carruagem aparece, assim também é quando Nero ascende ao trono. Seus cachos dourados, seu belo semblante, brilham como o sol quando ele irrompe pelas nuvens. Guerra, injustiça e inveja desabam diante dele. Ele restaura o mundo à era dourada.¹⁹

Em contradição direta com as blasfêmias de adoração ao Estado de Roma e Israel, a Igreja declara que a salvação é a província de Deus e de Seu Filho somente. Em todas as épocas, esta tem sido uma questão básica. Quem é o Dono e Determinador da realidade? A palavra de quem é a lei? O Estado é o provedor da salvação? Para nós, assim como para a Igreja primitiva, não há meio termo seguro entre fé e apostasia.

11-12 Os **anjos** também são vistos aqui neste culto celestial, cercando a congregação ao redor do Trono e dando um louvor sétuplo a Deus – um louvor precedido por e terminado em um juramento: **Amém! Louvor, e glória, e sabedoria, e ação de graças, e honra, e poder, e força sejam ao nosso Deus para todo o sempre! Amém!** Como em muitas outras descrições bíblicas de adoração, a posição dos adoradores é notada aqui: **Eles prostraram-se diante do Trono.** A adoração oficial e pública nas Escrituras nunca mostra os participantes sentados em oração; A oração pública é sempre realizada nas posições reverentes de ficar de pé ou prostrar-se. O platonista nominalista moderno, pensando ser mais espiritual que os personagens bíblicos (até mesmo os anjos!), responderia que a posição corporal é irrelevante, desde que a atitude adequada preencha o coração. Mas isso ignora o fato de que as Escrituras conectam a atitude do coração com a atitude do corpo. Na adoração *pública*, no mínimo, nossas

¹⁸ Ethelbert Stauffer, *Christ and the Caesars* (Philadelphia: The Westminster Press, 1955), pg. 52.

¹⁹ Ibid., pg. 139. Nero, no fim, retribuiu Sêneca por sua vida de idolatra servil ordenando com que ele cometesse suicídio.

igrejas devem seguir o padrão bíblico de reverência física na oração.

Quando os protestantes racionalistas abandonaram o uso do ajoelhador no culto, eles contribuíram para os surtos de pietismo individualista que trouxeram tanta ruína à Igreja. *O homem precisa de liturgia e simbolismo*. Deus nos criou dessa forma. Quando a Igreja nega ao homem esse aspecto de sua natureza dada por Deus, ele buscará cumpri-la por substitutos inadequados ou pecaminosos. Um retorno à liturgia baseada na Bíblia não é uma cura para tudo; mas se mostrará como um corretivo para a “espiritualidade” superficial, frenética e deslocada que tem sido o legado de séculos de pobreza litúrgica.

13-14 Um dos anciãos agora desafia São João a lhe dizer a identidade desta grande multidão de todas as nações. São João confessa sua incapacidade, e o ancião explica: **Estes são os que vieram da Grande Tribulação**. Embora este texto possa e deva ser usado para confortar os cristãos que passam por qualquer período de sofrimento e perseguição, sua referência principal é a “hora da provação, a hora que está prestes a vir sobre o mundo inteiro, para provar os que habitam na Terra” (3:10), a “Grande Tribulação” da qual Jesus alertou ao falar aos Seus discípulos no Monte das Oliveiras (Mt. 24:21; Mc. 13:19) – uma tribulação que Ele declarou que ocorreria durante a geração que então existia (Mt. 24:34; Mc. 13:30; Lc. 21:32); a maior tribulação que jamais houve ou jamais haverá (Mt. 24:21; Mc. 13:19).

O ponto, para os cristãos do primeiro século que o leram, era que a Tribulação que eles estavam prestes a sofrer não os destruiria. Ao enfrentar a perseguição, eles deveriam se ver, primeiro, como “o Israel de Deus” (Gl. 6:16), selado e protegido; e segundo, como uma multidão inumerável e vitoriosa. Como Deus os via, eles não eram grupos dispersos e isolados de indivíduos pobres e perseguidos acusados como criminosos por um Estado-poder implacável e demoníaco; eles eram, do contrário, uma vasta multidão de conquistadores, que **lavaram suas vestes e as branquearam no sangue do Cordeiro**, de pé diante do Trono de Deus e vestidos com a justiça de Jesus Cristo. São João provavelmente está se baseando no ritual de ordenação-investidura após o rigoroso exame para o sacerdócio. Primeiro, o candidato ao sacerdócio era examinado quanto à sua genealogia. “Se ele não conseguisse satisfazer a corte sobre sua perfeita legitimidade, o candidato era vestido e coberto de preto, e removido permanentemente. Se ele passasse nessa prova, a investigação era feita em seguida

quanto a quaisquer defeitos físicos, dos quais Maimônides enumera cento e quarenta que permanentemente, e vinte e dois que temporariamente desqualificavam para o exercício do ofício sacerdotal. [...] Aqueles que fossem aprovados no teste duplo eram vestidos com vestes brancas, e seus nomes permanentemente inscritos.”²⁰ As vestes brancas desses sacerdotes, portanto, correspondem às vestes brancas de seu Sumo Sacerdote; e assim como é dito que Sua veste foi “embebida em sangue”, as deles foram **lavadas e embranquecidas no sangue do Cordeiro**.

Num contraste marcante com o que alguns grupos cristãos nos últimos anos foram ensinados, a Igreja primitiva não esperava ser milagrosamente preservada de todas as dificuldades desta vida. Eles sabiam que seriam chamados a sofrer perseguição (2 Tm. 3:12) e tribulação (Jo. 16:33; At. 14:22; Rm. 5:3; 8:35; Ap. 1:9). O apóstolo Pedro já havia escrito para preparar a Igreja para a Grande Tribulação: “Amados, não estranheis a ardente prova que vem a vós para vos testar, como se coisa estranha vos acontecesse. Mas alegrai-vos no fato de serdes participantes dos sofrimentos de Cristo, para que quando sua glória for revelada, também vos regozijeis com excessiva alegria.” (1 Pe. 4:12-13). Em um sentido secundário, isso certamente se aplica aos cristãos em todos os lugares que sofrem em tribulação. Não devemos ver a salvação como uma fórmula mágica para evitar problemas. Como o exército de Cristo vestido de branco, somos mais que vencedores. Nosso chamado é para suportar e vencer.

Em seu estudo influente sobre a expansão da Igreja primitiva, Adolf Harnack escreveu: “O notável é que, embora os cristãos não fossem numerosos até depois de meados do segundo século, eles reconheciam que o cristianismo formava o ponto central da humanidade como o campo da história política, bem como seu fator determinante. Tal autoconsciência é perfeitamente inteligível no caso do judaísmo, pois os judeus eram realmente uma grande nação e tinham uma grande história por trás deles. Mas é realmente incrível que um pequeno grupo de pessoas confrontasse todo o poderio do império romano, visse na perseguição aos cristãos o papel principal daquele império e fizesse a história do mundo culminar em tal conflito. A única explicação para isso está no fato de que a Igreja simplesmente tomou o lugar de Israel e, conseqüentemente, sentiu-se um *povo*; isso implicava que ela também era um fator político e, de fato, o fator

²⁰ Alfred Edersheim. *The Temple: Its Ministry and Services as They Were at the Time of Jesus Christ* (Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Co., 1980), pg. 95; cf. Ap. 3:5.

que figurava como decisivo ao lado do estado e pelo qual, no fim, o estado seria vencido.”²¹

15-17 O ancião continua sua explicação: **Por esta razão** – por causa de sua redenção e união com o Cordeiro por meio de Seu sangue, **eles estão diante do Trono de Deus** em adoração. Imitando os querubins (4:8), esses sacerdotes vestidos de branco **O servem dia e noite em Seu Templo** (cf. 1 Cr. 9:33; 23:30; Sl. 134:1). Eles recebem assim a bênção mais característica do Pacto, a Sombra do Todo-Poderoso: **Aquele que está assentado no Trono estenderá Seu Tabernáculo sobre eles**. Isso se refere à sombra fornecida pela Nuvem de Glória, que pairava sobre a terra em sua criação (Gn. 1:2) e sobre Israel no deserto (Dt 32:10-11).²² Repleta de “milhares de anjos” (Sl. 68:17; cf. 2 Rs. 6:17), a Nuvem fornecia um abrigo alado, “um refúgio em meio à tempestade, uma sombra em meio ao calor” (Is. 25:4; cf. Sl. 17:8; 36:7; 57:1; 61:4; 63:7; 91:1-13; 121:5-6). Tudo isso foi resumido em uma profecia sobre a vinda da Igreja da Nova Aliança: “Quando o Senhor lavar a imundícia das filhas de Sião e limpar Jerusalém da culpa do sangue do meio dela, com o Espírito de justiça e com o Espírito purificador. Criará o Senhor, sobre todo o monte de Sião e sobre todas as suas assembleias, uma nuvem de dia e fumaça e resplendor de fogo chamejante de noite; porque sobre toda a glória se estenderá um dossel e um pavilhão” (Is. 4:4-5, ARA; cf. 51:16).

Esta Nuvem/dossel da presença de Deus também é chamada de *cobertura*[†] (2 Sm. 22:12; Sl. 18:11; Lm. 3:44; Sl. 91:4), a mesma palavra usada para descrever a posição dos querubins esculpidos que pairavam sobre a Arca da Aliança (Ex. 25:20). Este termo também é a palavra traduzida como *cabanas* ou *tabernáculos* em Levítico 23:33-43, onde Deus ordena que Seu povo erga cabanas de galhos frondosos para habitar durante a Festa dos Tabernáculos. Como os profetas da Restauração viram, esta festa foi uma profecia encenada da conversão de todas as nações, o preenchimento do povo do Pacto com o mundo inteiro. No último dia da Festa dos Tabernáculos, Deus falou por meio de Ageu: “E farei tremer todas as nações, e virão coisas preciosas de todas as nações, e encherei esta casa [o Templo]

²¹ Adolf Harnack, *The Mission and Expansion of Christianity in the First Three Centuries*, James Moffatt, trans. (Gloucester, MA: Peter Smith, [1908] 1972), pp. 257f.

²² Veja Meredith G. Kline, *Images of the Spirit* (Grand Rapids: Baker Book House, 1980), pp. 131ff.; cf. Chilton, *Paraíso Restaurado*, pp. 70ff.

[†] Trad. literal do autor. [N. R.]

de glória, diz o Senhor dos Exércitos.” (Ag. 2:7, ACF). Zacarias também profetizou sobre o significado desta festa em termos da conversão das nações e da santificação de todas as áreas da vida (Zc. 14:16-21).

Nos Últimos Dias, durante a celebração da mesma festa, Jesus Cristo novamente expôs seu significado: o derramamento do Espírito sobre o crente restaurado, para que a Igreja se torne um meio de restauração para o mundo inteiro. A promessa da Festa dos Tabernáculos estava prestes a ser cumprida, após a gloriosa Ascensão do Filho ao Trono: “E no último dia, o grande dia da festa, Jesus pôs-se em pé, e clamou, dizendo: Se alguém tem sede, venha a mim, e beba. Quem crê em mim, como diz a Escritura, rios de água viva correrão do seu ventre. E isto disse ele do Espírito que haviam de receber os que nele cressem; porque o Espírito Santo ainda não fora dado, por ainda Jesus não ter sido glorificado.” (João 7:37-39, ACF).

A visão de São João do mundo redimido revela o resultado inevitável da Ascensão de Cristo, a consumação do Paraíso: **Eles não mais terão fome, nem mais terão sede; nem o sol os castigará, nem calor algum; porque o Cordeiro no centro do Trono será o seu Pastor, e os guiará às fontes da Água da Vida; e Deus enxugará toda lágrima dos seus olhos.** Observamos anteriormente as palavras do Pai ao Filho em Isaías 49, dando a promessa da salvação do mundo, bem como de Israel. A passagem continua:

Eu o guardarei e farei que você seja uma aliança para o povo,
para restaurar a terra e distribuir suas propriedades abandonadas,
para dizer aos cativos: ‘Saíam’,
e àqueles que estão nas trevas: ‘Apareçam!’
Eles se apascentarão junto aos caminhos
e acharão pastagem em toda colina estéril.
Não terão fome nem sede;
o calor do deserto e o sol não os atingirão.
Aquele que tem compaixão deles os guiará
e os conduzirá às fontes de água.
Transformarei todos os meus montes em estradas,
e os meus caminhos serão erguidos.
Veja, eles virão de bem longe;
alguns do norte, alguns do oeste, alguns de Assuã.
Gritem de alegria, ó céus, regozije-se, ó terra;
irrompam em canção, ó montes!

Pois o Senhor consola o seu povo
e terá compaixão de seus afligidos. (Is. 49:8-13, NVI)

As igrejas do primeiro século estavam à beira da maior Tribulação de todos os tempos. Muitos perderiam suas vidas, suas famílias, suas posses. Mas São João escreve para dizer às igrejas que a Tribulação não é uma morte, mas um Nascimento (cf. Mt. 24:8), o prelúdio para o estabelecimento do Reino mundial de Cristo. Ele lhes mostra a cena do outro lado: a inevitável celebração da vitória.

No Circo Máximo de Nero, a cena de seus sangrentos e revoltantes massacres de cristãos – por feras, por crucificação, por fogo e espada – havia um grande obelisco de pedra, testemunha silenciosa da conduta valente daqueles bravos santos que suportaram a tribulação e consideraram todas as coisas como perda por causa de Cristo. O bestial Nero e seus capangas há muito passaram dessa vida para sua recompensa eterna, mas o Obelisco ainda está de pé, agora no centro da grande praça em frente à Basílica de São Pedro. Esculpidas em sua base estão estas palavras, retiradas do hino de triunfo dos mártires vencedores:

CHRISTUS VINCIT
CHRISTUS REONAT
CHRISTUS IMPERAT

– que, interpretando, diz: Cristo está conquistando; Cristo está reinando; Cristo governa sobre tudo.

Parte IV

SANÇÕES PACTUAIS: AS SETE TROMBETAS

(Apocalipse 8-14)

Introdução

A quarta seção do documento de tratado padrão tratava das sanções (maldições e bênçãos) do pacto (cf. Dt. 27:1-30:20).¹ Em Deuteronômio, essas sanções são estabelecidas no contexto de uma cerimônia de ratificação, na qual o Pacto entre Deus e o povo é renovado. Moisés instruiu o povo a se dividir em dois grupos, seis tribos no Monte Gerizim (o símbolo da bênção) e seis em um altar construído no Monte Ebal (o símbolo da maldição). A congregação deveria fazer um juramento solene, repetindo *Amém* enquanto os levitas repetiam as maldições da Aliança, invocando essas maldições sobre si mesmos se eles abandonassem a lei (Dt. 27:1-26). Moisés deixou claro que esse juramento do Pacto envolvia não apenas as pessoas que juraram a ele, com suas esposas, filhos e servos, mas também as gerações futuras (Dt. 29:10-15).

Deuteronômio 28 é praticamente a seção paradigmática de bênção/maldição de toda a Bíblia. As bênçãos pela obediência são listadas nos versículos 1-14, e as maldições pela desobediência são enumeradas (com mais detalhes) nos versículos 15-68. *A Guerra dos Judeus* de Josefo lê quase que como um comentário sobre esta passagem, pois a Grande Tribulação que culminou na Queda de Jerusalém em 70 d.C. e a subsequente dispersão dos judeus por toda a terra foi o cumprimento definitivo de suas maldições. Quando a multidão judaica gritava para que Jesus fosse crucificado, eles invocaram os infortúnios deste capítulo: “E, respondendo todo o povo, disse: O seu sangue seja sobre nós e sobre nossos filhos.” (Mt. 27:25). Quando os dias de vingança finalmente chegaram para aquela geração, eles foram amaldiçoados em todos os aspectos da vida (Dt. 28:15-19); castigados com toda espécie de pestilências (Dt. 28:20-26); visitados com pra-

¹ Veja Meredith G. Kline, *Treaty of the Great King: The Covenant Structure of Deuteronomy* (Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Co., 1963), pp. 121-34; cf. Ray R. Sutton, *That You May Prosper: Dominion By Covenant* (Tyler, TX: Institute for Christian Economics, 1987).

gas, violência e opressão (Dt. 28:27-37); atingidos por colheitas ruins, dificuldades econômicas e a perda de seus filhos (Dt. 28:38-48); sitiados por inimigos e levados à fome ao ponto de praticar canibalismo (Dt. 28:49-57); escravizados e dispersos pelas nações do mundo, vivendo com medo e desespero noite e dia (Dt. 28:58-68).

Moisés alertou que a Terra de Israel se tornaria uma desolação se o povo abandonasse o Pacto; como Sodoma e Gomorra, um monumento ao juízo de Deus. “Assim dirá à geração que vier dos vossos filhos, que se levantará depois de vós, e o estrangeiro que vier de uma terra distante, quando virem as pragas daquela terra, e as enfermidades que o -SENHOR lançou sobre ela, e toda a sua terra for enxofre e sal, e abrasada, que não está semeada, nem produz, nem nela crescerá erva alguma, assim como foi a destruição de Sodoma e de Gomorra, de Admá e de Zeboim, que o SENHOR destruiu na sua ira e no seu furor, e todas as nações dirão: Por que o SENHOR fez isto a esta terra? O que significa o calor desta grande ira? Então, os homens dirão: Porque eles abandonaram o pacto do SENHOR Deus de seus pais, que ele fez com eles, quando os tirou da terra do Egito, porque foram e serviram a outros deuses, e os adoraram, a deuses a quem não conheciam e que lhes não foram dados; e a ira do SENHOR se acendeu contra esta terra, para trazer sobre ela todas as maldições que estão escritas neste livro; e o SENHOR os arrancou de sua terra com ira, e com furor, e com grande indignação, e os lançou a outra terra, como é neste dia.” (Dt. 29:22-28).

As Sete Trombetas do Apocalipse anunciam que este juízo está prestes a ser derramado sobre Israel por sua rejeição a Cristo. Por toda esta seção voa o querubim-águia com seu grito de Ai, um lembrete da nação conquistadora avisada em Deuteronômio 28:49. A Águia é um símbolo bíblico tanto da bênção do Pacto (cf. Ex. 19:4; Dt. 32:11) quanto da maldição do Pacto (cf. Jr. 4:13; Hc. 1:8). Assim como na abertura da seção Sanções/Ratificação do Pacto em Oseias (Os. 8:1), a Águia no Apocalipse está conectada com o toque das Trombetas anunciando desastre; porém, a Águia traz também salvação aos fiéis ao pacto (cf. Ap. 12:14).

Como em Deuteronômio, esta seção do Apocalipse nos mostra duas montanhas: o Monte da Maldição no Capítulo 8, que é aceso com brasas do altar e jogado no Abismo; e o Monte da Bênção no Capítulo 14, o Monte Sião, onde o Cordeiro se encontra com Seu exército de 144.000, o Remanescente da Terra de Israel. Deuteronômio 30:1-10 promete uma

PARTE IV: AS SETE TROMBETAS

restauração final do povo, quando Deus verdadeiramente circuncidaria seus corações, e quando Ele novamente os abençoaria abundantemente em todas as áreas da vida. Kline comenta: “Como o desenvolvimento deste tema nos profetas mostra, a renovação e restauração que Moisés prediz é aquela realizada por Cristo na Nova Aliança. A profecia não diz respeito estritamente a judeus étnicos, mas à comunidade do pacto, aqui concretamente denotada em sua identidade do Antigo Testamento como Israel. Dentro da esfera da Nova Aliança, no entanto, o muro de distinções étnicas desaparece. Consequentemente, a figura do Antigo Testamento usada aqui de israelitas exilados sendo reunidos a Yahweh em Jerusalém (v. 3b, 4; cf. 28:64) encontra seu principal cumprimento na reunião universal do Novo Testamento de pecadores da raça humana, exilados do Paraíso, de volta ao Senhor Cristo entronizado na Jerusalém celestial.”²

Assim, a imagem central desta seção do Apocalipse é uma cerimônia de ratificação da Aliança (Capítulo 10), na qual o Anjo da Aliança está no Mar e na Terra, levantando Sua mão direita para o céu, fazendo um juramento e proclamando a vinda da Nova Aliança, a inauguração de uma nova administração do mundo sob “o Senhor e seu Cristo; e Ele reinará para todo o sempre” (Ap. 11:15).

² Kline, pp. 132f.

LITURGIA E HISTÓRIA

O livro é aberto (8:1-5)

- 1 E quando Ele rompeu o Sétimo Selo, houve silêncio no céu por cerca de meia hora.
- 2 E vi os sete anjos que estão diante de Deus; e Sete Trombetas foram dadas a eles.
- 3 E outro anjo veio e se pôs no altar, segurando um incensário de ouro; e muito incenso foi dado a ele, para que ele o acrescentasse às orações de todos os santos sobre o altar de ouro que estava diante do trono.
- 4 E a fumaça do incenso, com as orações dos santos, subiu diante de Deus da mão do anjo.
- 5 E o anjo tomou o incensário; e ele o encheu com o fogo do altar e o lançou sobre a Terra; e seguiram-se trovões, e vozes, e relâmpagos, e um terremoto.

1-2 Finalmente, o **Sétimo Selo** é rompido, abrindo-se para revelar as **sete trombetas** que anunciam a ruína de Jerusalém, a outrora santa Cidade que se tornou paganizada e que, como sua precursora Jericó, cairá pelo toque de sete trombetas (cf. Js. 6:4-5). Mas primeiro, nesta grande liturgia celestial que compõe o Livro do Apocalipse, há **silêncio no céu por cerca de meia hora**. Milton Terry comenta: “Talvez a ideia desse silêncio tenha sido sugerida pela cessação dos cantores e trombetas quando o rei Ezequias e aqueles que o acompanhavam se curvaram em adoração reverente (2 Cr. 29:28-29), e a *meia hora* possa ter alguma referência à oferta de incenso descrita nos versículos 3 e 4, pois esse seria o tempo necessário para um sacerdote entrar no templo, oferecer incenso e retornar (comp. Lv 16:13-14; Lc 1:10, 21).”¹

A descrição de Alfred Edersheim dessa cerimônia do Templo nos ajuda a entender o cenário refletido aqui: “Lentamente, o sacerdote incen-

¹ Milton S. Terry, *Biblical Apocalypics: A Study of the Most Notable Revelations of God and of Christ in the Canonical Scriptures* (New York: Eaton and Mains, 1898), pp. 343f. V. tb. Alfred Edersheim, *The Temple: Its Ministry and Services as They Were at the Time of Jesus Christ* (Grand Rapids: William B. Eerdmans, 1980), pp. 167f.

sador e seus assistentes subiam os degraus para o Lugar Santo, precedidos pelos dois sacerdotes que, anteriormente, tinham preparado o altar e o candelabro, e que agora removiam os vasos que haviam deixado para trás e, adorando, retiravam-se. Em seguida, um dos assistentes espalharia reverentemente as brasas no altar de ouro; o outro arrumaria o incenso; e então o sacerdote oficiante chefe seria deixado sozinho dentro do Lugar Santo, para aguardar o sinal do sacerdote que presidia a cerimônia antes de queimar o incenso. Foi provavelmente enquanto estava assim expectante que o anjo Gabriel apareceu a Zacarias [Lc. 1:8-11]. Quando este dava a palavra de comando, que marcava que ‘a hora do incenso chegara’, ‘toda a multidão do povo de fora’ retirava-se do pátio interno e prostrava-se diante do Senhor, estendendo as mãos² em oração silenciosa.

“É este período mais solene, quando, por todos os vastos edifícios do Templo, um profundo silêncio repousava sobre a multidão que adorava, enquanto dentro do próprio santuário o sacerdote colocava o incenso no altar de ouro, e a nuvem de ‘aroma’ [5:8] se erguia diante do Senhor, que serve como a imagem das coisas celestiais nesta descrição.”³

Após este silêncio cheio de reverência, **os sete anjos que estão diante de Deus**⁴ recebem **Sete Trombetas** (a liturgia do Templo usava sete trombetas: 1 Cr. 15:24; Ne. 12:41). São João parece supor que reconheceremos esses sete anjos; e bem que deveríamos, pois já os conhecemos. As cartas de Apocalipse 2-3 foram escritas para “os sete anjos” das igrejas, e são eles que são representados aqui (admitindo, é claro, que essas figuras não são necessariamente “idênticas” aos anjos das igrejas). Eles são claramente destinados a estar relacionados entre si, como podemos veja quando nos afastamos do texto (e de nossas ideias preconcebidas) e permitimos que o panorama inteiro se apresente a nós. Quando fazemos isso, vemos o Apocalipse estruturada em setes, e em padrões recorrentes de setes. Um desses padrões recorrentes é o de **sete anjos** (capítulos 1-3, 8-11, 14, 15-16). Assim como a adoração terrena é modelada de acordo com a adoração celestial (Hb. 8:5; 9:23-24), assim é o governo da Igreja (Mt. 16:19; 18:18; Jo. 20:23); além disso, de acordo com

² Edersheim observa aqui que “a prática que juntar as mãos em oração data do século V de nossa era, e é de origem puramente saxã.”

³ Alfred Edersheim, *The Temple*, pg. 167.

⁴ Tobias 12:15 fala “dos sete anjos que assistem diante da glória do Senhor e têm acesso à sua presença” (TEB).

as Escrituras, há inúmeras correspondências entre atividades humanas e angelicais (cf. 21:17). Os anjos estão presentes nos cultos de adoração da Igreja (1 Co. 11:10; Ef. 3:10) – ou, mais precisamente, no Dia do Senhor, estamos reunidos em adoração ao redor do Trono de Deus, na corte celestial.

Assim, Livro do Apocalipse nos mostra que o governo da Igreja terrena corresponde ao governo celestial e angelical, assim como nossa adoração oficial corresponde àquela que é conduzida ao redor do Trono celestial pelos anjos. Além disso, os juízos que são derramados sobre a Terra são trazidos por meio das ações dos sete anjos (novamente, não podemos divorciar os anjos humanos de suas contrapartes celestiais). Os oficiais da Igreja são comissionados e capacitados para trazer as bênçãos e maldições de Deus à sua realização na terra. Os oficiais da Igreja são os administradores divinamente nomeados da história mundial. As implicações desse fato, como veremos, são literalmente de abalar a terra.

3-5 São João vê **outro anjo** de pé no **altar** celestial de incenso, **segurando um incensário de ouro**. Uma grande quantidade de **incenso**, simbólico **das orações de todos os santos** (cf. comentários sobre 5:8), é dada ao anjo para **que o acrescentasse** às orações do povo de Deus, assegurando que as orações serão recebidas como uma oferta de cheiro suave ao Senhor. Então **a fumaça do incenso, com as orações dos santos**, sobe **diante de Deus da mão do anjo**, enquanto o ministro oferece as petições de sua congregação.

O que acontece a seguir é surpreendente: o anjo enche o incensário com brasas de fogo do altar de incenso e lança o fogo na terra em juízo; e isso é seguido por **trovões, e vozes, e relâmpagos e um terremoto**. Esses fenômenos, é claro, devem ser familiares para nós como os acompanhamentos normais da Nuvem de Glória: “E aconteceu que, ao terceiro dia, ao amanhecer, houve trovões e relâmpagos sobre o monte, e uma espessa nuvem, e um somido de trombeta mui forte [...] E todo o monte Sinai fumegava, porque o Senhor descera sobre ele em fogo; e a sua fumaça subiu como fumaça de uma fornalha, e todo o monte tremia grandemente.” (Ex. 19:16, 18, ACF).

A ironia dessa passagem se torna óbvia quando temos em mente que é uma profecia contra o Israel apóstata. Na adoração do Antigo Testamento, o fogo no altar de holocaustos se originou no céu, descendo sobre o altar quando o Tabernáculo e o Templo foram preparados (Lv. 9:24; 2

Cr. 7:1). Esse fogo, iniciado por Deus, era mantido aceso pelos sacerdotes e era levado de um lugar para outro para que pudesse ser usado para iniciar outras fogueiras sagradas (Lv. 16:12-13; cf. Nm. 16:46-50; Gn. 22:6). Agora, quando o povo de Deus recebeu a ordem de destruir uma cidade apóstata, Moisés ordenou ainda: "Ajuntarás todo o seu despojo no meio da sua praça e a cidade e todo o seu despojo *queimarás por oferta total* ao SENHOR, teu Deus" (Dt. 13:16, ARA; Jz. 20:40; cf. Gn. 19:28). A única maneira aceitável de queimar uma cidade como uma oferta total ao Senhor era com o fogo de Deus – fogo do altar.⁵ Assim, quando uma cidade deveria ser destruída, o sacerdote pegaria fogo do altar de Deus e o usaria para acender a pilha de despojos que serviria como lenha, oferecendo assim a cidade inteira como um sacrifício. É essa prática de 'consagrar a cidade à destruição', para que nada sobrevivesse à conflagração (Dt. 13:12-18), que o Livro do Apocalipse usa para descrever o julgamento de Deus contra *Jerusalém*.⁶

Deus faz chover Seus juízos sobre a terra, especificamente como resposta à adoração litúrgica de Seu povo. Como parte do culto formal e oficial no céu, o anjo do altar oferece as orações do povo de Deus reunido; e Deus responde às petições, agindo na história em nome dos santos. A conexão íntima entre liturgia e história é um fato inescapável, que não podemos ignorar. Isso não quer dizer que o mundo esteja em perigo de deixar de existir quando a adoração da Igreja for desagradável. Na verdade, Deus usará forças históricas (até mesmo os pagãos) para castigar a Igreja quando ela não cumprir seu alto chamado como o Reino de sacerdotes. O ponto aqui é que a adoração oficial da comunidade do pacto é cosmicamente significativa. A história da Igreja é a chave para a história mundial: quando a assembleia adoradora invoca o Senhor do Pacto, o mundo experimenta Seus juízos. A história é administrada e dirigida do altar de incenso, que recebeu as orações da Igreja.⁷

Na minha aflição clamei ao Senhor;

⁵ Oferecer um sacrifício com "fogo estranho" (isto é, fogo feito pelo homem, não do altar) era punido com a morte: Lv. 10:1-4.

[†] Cf. Js. 6:17 (NVI) [N. R.]

⁶ Para um estudo aprofundado desse assunto como um todo, v. James B. Jordan, *Sabbath-Breaking and the Death Penalty: A Theological Investigation* (Tyler, TX: Geneva Ministries, 1986), esp. caps. 3-5.

⁷ O uso simbólico do incenso é, portanto, apropriado (mas, claro, não obrigatório) na liturgia da Nova Aliança.

gritei por socorro ao meu Deus.
Do seu templo ele ouviu a minha voz;
meu grito chegou à sua presença, aos seus ouvidos.
A terra tremeu e agitou-se,
e os fundamentos dos montes se abalaram;
estremeceram porque ele se irou.
Das suas narinas subiu fumaça;
da sua boca saíram brasas vivas e fogo consumidor.
Ele abriu os céus e desceu;
nuvens escuras estavam sob os seus pés.
Montou um querubim e voou,
deslizando sobre as asas do vento.
Fez das trevas o seu esconderijo;
das escuras nuvens, cheias de água,
o abrigo que o envolvia.
Com o fulgor da sua presença
as nuvens se desfizeram em granizo e raios,
quando dos céus trovejou o Senhor,
e ressoou a voz do Altíssimo.
Atirou suas flechas e dispersou meus inimigos,
com seus raios os derrotou.
O fundo do mar apareceu,
e os fundamentos da terra foram expostos
pela tua repreensão, ó Senhor,
com o forte sopro das tuas narinas. (Sl. 18:6-15, NVI)

Vários aspectos do significado simbólico das **trombetas** estão em vista nesta passagem. Primeiro, as trombetas eram usadas na liturgia do Antigo Testamento para procissões cerimoniais, especialmente como uma escolta para a Arca da Aliança; o exemplo óbvio e principal disso é a marcha ao redor de Jericó antes de sua queda (Js. 6; cf. 1 Cr. 15:24; Ne. 12:41). Como G. B. Caird diz, “João deve ter tido essa história em mente quando escreveu; pois ele nos conta que com o toque da sétima trombeta a arca apareceu (11:19), e também que uma das consequências dos toques de trombeta foi que um décimo da grande cidade caiu (11:13).”⁸

Segundo, trombetas foram tocadas para proclamar o governo de um novo rei (1 Rs. 1:34, 39; cf. Sl. 47:5): “A sétima trombeta de João é o sinal

⁸ G. B. Caird, *The Revelation of St. John the Divine* (New York: Harper & Row, Publishers, 1966), pg. 108.

para o coro celestial cantar seu hino de coroação, louvando a Deus porque Ele assumiu a soberania e começou a reinar (11:15).”⁹

Terceiro, a trombeta soava um alarme, advertindo Israel sobre o juízo iminente e exortando ao arrependimento nacional (Is. 58:1; Jr. 4:5-8; 6:1, 17; Ez. 33:1-6; Jl. 2:1, 15). “João também acreditava que o propósito dos toques de trombeta e dos desastres que eles anunciavam era chamar os homens ao arrependimento, mesmo que esse propósito não fosse alcançado. ‘O restante da humanidade que sobreviveu a essas pragas mesmo assim não renunciou aos deuses de sua própria criação’ (9:20; cf. Am. 4:6-11).”¹⁰

Quarto, Moisés foi instruído a usar duas trombetas de prata, ambas “para a convocação da congregação” à adoração e para dispor os acampamentos ao “pelejar contra o inimigo” (Nm. 10:1-9, ACF). É significativo que esses dois propósitos, guerra e adoração, sejam mencionados na mesma passagem. Gordon Wenham observa que “da mesma forma como a ordem do acampamento com o tabernáculo no meio, e a ordem das tribos em formação de batalha, as trombetas de prata declaram que Israel é o exército do Rei dos reis, preparando-se para uma guerra santa de conquista.”¹¹ A ironia em Apocalipse, é claro, é que Deus agora está ordenando que as trombetas da guerra santa sejam tocadas contra o próprio Israel.

Quinto, trombetas também eram tocadas nas festas e no primeiro dia de cada mês (Nm. 10:10), com ênfase especial em Tishri 1, o Dia do Ano Novo civil (no ano eclesiástico, o primeiro dia do sétimo mês); este Dia das Trombetas era o reconhecimento litúrgico especial do Dia do Senhor (Lv. 23:24-25; Nm. 29:1-6). Claro, o pano de fundo mais básico para tudo isso é a Nuvem de Glória, que é acompanhada por toques de trombetas angelicais anunciando a soberania e o julgamento do Senhor (Ex. 19:16); a liturgia terrena do povo de Deus era uma recapitulação da liturgia celestial, outra indicação de que o povo redimido de Deus fora restaurado à Sua imagem. (Esta foi a razão do método que o exército de Gideão usou para derrotar os midianitas, em Juízes 7:15-22: Ao cercar o inimigo com luzes, gritos e o toque de trombetas, os israelitas eram um reflexo terreno do exército celestial de Deus na Nuvem, vindo em vingança contra os

⁹ Ibid.

¹⁰ Ibid., pg. 109.

¹¹ Gordon J. Wenham, *Números: Introdução e Comentário* (Edições Vida Nova, 1985), pg. 109.

inimigos de Deus.) O simbolismo bíblico teria sido muito familiar aos leitores de São João do primeiro século, e “em todo caso, o próprio João lhes disse claramente que as trombetas eram uma escolta para a arca, uma proclamação da soberania divina e uma convocação ao arrependimento geral; e, ao colocá-las nas mãos dos Anjos da Presença, ele indicou sua estreita associação com a adoração.”¹²

Como J. Massyngberde Ford observa,¹³ há quatro “reversões” marcantes no texto:

1. Do Trono e altar, o “propiciatório”, vem a ira;
2. O incenso, o “cheiro suave ao SENHOR” (Lv. 1:13), torna-se um agente de morte (cf. 2 Co. 2:14-16);
3. As trombetas, que chamavam Israel para adorar, agora se tornam arautos de sua destruição;
4. A própria liturgia celestial, designada para a santificação de Israel, torna-se o meio de sua derrubada e dissolução.

A Primeira Trombeta (8:6-7)

- 6 E os sete anjos que tinham as Sete Trombetas se prepararam para tocá-las.
- 7 E o primeiro tocou, e houve granizo e fogo, misturados com sangue, e foram lançados na Terra; e a terça parte da Terra foi queimada, e a terça parte das árvores foi queimada, e toda a erva verde foi queimada.

6-7 Não apenas nos lembrando da queda de Jericó, os juízos trazidos pelo som dessas trombetas também são uma reminiscência das pragas que vieram sobre o Egito antes do Êxodo. Juntos, são representados como destruindo um terço da Terra. Obviamente, uma vez que o julgamento não é total nem final, não pode ser o fim do mundo físico. No entanto, a devastação é tremenda e serve para trazer o fim da nação judaica, o assunto destas terríveis profecias. Israel se tornou uma nação de egípcios e cananeus, e pior: uma terra de apóstatas do pacto. Todas as maldições da Lei estão prestes a ser derramadas sobre aqueles que um dia foram o povo de

¹² Caird, pg. 111.

¹³ J. Massyngberde Ford, *Revelation: Introduction, Translation, and Commentary* (Garden City, NY: Doubleday & Co., 1975), pp. 135f.

Deus (Mt. 23:35-36). As quatro primeiras trombetas aparentemente se referem à série de desastres que devastaram Israel nos Últimos Dias, e, principalmente, aos eventos que levaram à deflagração da guerra.

Assim como os julgamentos dos Selos foram medidos em quartos, os julgamentos das Trombetas são medidos em terços. A Primeira Trombeta soa, e uma maldição *tripla* (granizo, fogo, sangue) é lançada, afetando um *terço* da Terra; *três* objetos em particular são destacados. São João vê **granizo e fogo, misturados com sangue, e foram lançados na Terra**. O sangue das testemunhas mortas é misturado com o fogo do altar, trazendo ira sobre os perseguidores. O resultado desta maldição, que tem algumas semelhanças com a sétima praga egípcia (Ex. 9:22-26), é a queima da **terça parte da Terra** e da **terça parte das árvores**, e de **toda a erva verde** (ou seja, toda a vegetação na terça parte da Terra; cf. 9:4). Se as árvores e a grama representam o remanescente eleito (como parece ser o caso em 7:3 e 9:4), isso indica que eles não estão isentos de sofrimento físico e morte quando a ira de Deus é visitada sobre os ímpios. No entanto, (1) a Igreja não pode ser completamente destruída em nenhum juízo (Mt. 16:18), e (2) ao contrário dos ímpios, o destino final do cristão não é a ira, mas a vida e a salvação (Rm. 2:7-9; 1 Ts. 5:9).

Para aqueles pagãos que zombavam, alegando que Deus fracassara em resgatar os cristãos de seus inimigos, Sto. Agostinho respondeu: “Toda a família do verdadeiro Deus soberano tem a sua consolação, uma consolação não falaz nem assente em bens caducos e passageiros. De forma nenhuma deve estar desgostosa mesmo da vida temporal. É nela que aprende a conseguir a eterna e, como peregrina que é, a utilizar-se dos bens terrenos, mas não a deixar-se por eles cativar. E quando aos males – é neles posta à prova ou é por eles corrigida. Aos que insultam a sua probidade e dizem, quando lhe advém algum mal temporal: ‘*Onde está o teu Deus?*’ [Sl. 42:10], perguntem, por sua vez, onde é que estão os seus deuses quando sofrem de males semelhantes, eles que, para evitarem tais males, os adoram ou pretendem convencer-nos de que devem ser adorados.

“Ela lhes responderá: ‘O meu Deus está em toda a parte presente; todo em toda parte; em parte nenhuma encerrado; pode estar presente sem que saibamos; pode ausentar-se sem se mover. Quando me atormenta com a adversidade – está submetendo à prova os meus merecimentos ou castigando os meus pecados; - mas, em compensação dos meus males temporais, piedosamente suportados, tem-me reservada uma recompensa

eterna. Mas vós, quem sois vós para merecerdes que convosco se fale sequer dos vossos deuses, e muito menos do meu Deus, que ‘é mais terrível que todos os deuses, pois os deuses dos gentios são demônios, ao passo que o Senhor fez os Céus’ [Sl. 96:4-5]”¹⁴

Os ímpios, por outro lado, têm apenas ira e angústia, tribulação e aflição pela frente (Rm 2:8-9). Literalmente, a vegetação da Judeia, e especialmente de Jerusalém, seria destruída através das táticas romanas de ‘terra arrasada’: “[...] jamais a terra ficou tão desfigurada. Onde outrora havia bosques e árvores frondosas, jardins deliciosos, não havia agora uma única árvore, e não somente os judeus, mas os estrangeiros, que antes admiravam aquela formosa parte da Judeia, agora não seriam capazes de reconhecer, nem ver os maravilhosos arrabaldes daquela grande cidade, convertidos em terrenos abandonados e silvestres, sem que tão deplorável mudança os fizesse derramar lágrimas. Foi assim que a guerra de tal modo destruiu uma região tão favorecida por Deus, que já não lhe restava o menor vestígio de sua beleza antiga e podia-se perguntar em Jerusalém, onde então estava Jerusalém.”¹⁵ No entanto, isso era apenas o começo; muitas outras agonias – e coisas muito piores – estavam por vir (cf. 16:21).

A Segunda Trombeta (8:8-9)

- 8 E o segundo anjo tocou a trombeta, e algo semelhante a uma grande montanha ardendo em fogo foi lançado no mar; e a terça parte do mar tornou-se sangue;
- 9 e morreu a terça parte das criaturas que estavam no mar e tinham vida; e a terça parte dos navios foi destruída.

8-9 Com o toque da trombeta **do segundo anjo**, vemos um paralelo à primeira praga no Egito, na qual o Nilo se transformou em **sangue** e os peixes **morreram** (Ex. 7:17-21). A causa dessa calamidade foi que **uma grande montanha queimando com fogo foi lançada no mar**. O significado disso fica claro quando lembramos que a nação de Israel era o “Monte Santo” de Deus, o “monte da herança de Deus” (Ex. 15:17). Como o povo remido de Deus, eles foram trazidos de volta ao Éden, e o uso re-

¹⁴ Sto. Agostinho, *A Cidade de Deus*, vol. 1, trad. J. Dias Pereira (Fundação Calouste Gulbenkian, 1996), 1:29, pp. 179-180.

¹⁵ Josefo, *A Guerra dos Judeus*, 6:1:1, em *HDH* 2:6:1:433, pg. 1340.

petido de imagens de montanhas ao longo de sua história (incluindo o fato de que o Monte Sião era o símbolo aceito da nação) demonstra isso vividamente. Mas agora, como apóstatas, Israel havia se tornado uma “montanha destruidora”, contra a qual a ira de Deus havia se voltado. Deus agora está falando de *Jerusalém* na mesma linguagem que Ele usou para falar da *Babilônia*, um fato que se tornará central para as imagens deste livro:

Estou contra você, ó montanha destruidora,
você que destrói a terra inteira,
declara o SENHOR.
Estenderei a mão contra você;
eu a farei rolar dos penhascos
e farei de você uma montanha queimada...
O mar se levantará sobre a Babilônia;
as suas ondas agitadas a cobrirão.
(Jr. 51:25, 42, NVI).

Conecte isso com o fato de que Jesus, no meio de uma longa série de discursos e parábolas sobre a destruição de Jerusalém (Mt 20-25), amaldiçoou uma figueira infrutífera, como um símbolo de julgamento sobre Israel. Ele então disse aos seus discípulos: “Jesus, porém, respondendo, disse-lhes: Em verdade vos digo que, se tiverdes fé e não duvidardes, não só fareis o que foi feito à figueira, mas até se a este monte disserdes: Ergue-te, e precipita-te no mar, assim será feito; e, tudo o que pedirdes em oração, crendo, o recebereis.” (Mt. 21:21-22, ACF). Jesus estava sendo leviano? Ele realmente esperava que seus discípulos saíssem por aí orando para mover montanhas literais? Claro que não. Mais importante, Jesus não estava mudando de assunto. Ele ainda estava dando a eles uma lição sobre a queda de Israel. Qual era a lição? Jesus estava instruindo Seus discípulos a fazerem orações imprecatórias, implorando a Deus para destruir Israel, secar a figueira, lançar a montanha apóstata no mar.¹⁶

E foi exatamente isso que aconteceu. A Igreja perseguida, sob a opressão dos judeus apóstatas, começou a orar pela vingança de Deus sobre Israel (6:9-11), pedindo que a montanha de Israel “se erguesse e se precipitasse no mar”. Suas ofertas foram recebidas no altar celestial de

¹⁶ Segundo William Telford, *esta montanha* era uma expressão padrão entre o povo judeu para o Monte do Templo, “a montanha por excelência”; veja *The Barren Temple and the Withered Tree* (Department of Biblical Studies, University of Sheffield, 1980), pg. 119.

Deus e, em resposta, Deus ordenou que Seus anjos lançassem Seus juízos sobre a Terra (8:3-5). Israel foi destruída. Devemos notar que São João está escrevendo isso antes da destruição, para a instrução e encorajamento dos santos, para que eles continuem a orar com fé. Como ele lhes dissera no começo, “Bem-aventurado aquele que lê e os que ouvem as palavras da profecia e guardam as coisas que nela estão escritas; porque o tempo está próximo” (1:3).

A Terceira Trombeta (8:10-11)

- 10 E o terceiro anjo tocou a trombeta, e uma grande estrela caiu do céu, ardendo como uma tocha, e caiu sobre a terça parte dos rios e sobre as fontes das águas;
- 11 E o nome da estrela é Absinto; e a terça parte das águas tornou-se em absinto; e muitos homens morreram por causa das águas, porque se tornaram amargas.

10-11 Como o símbolo anterior, a visão da Terceira Trombeta combina imagens bíblicas da queda do Egito e da Babilônia. O efeito desta praga – as águas se tornando **amargas** – é semelhante à primeira praga no Egito, na qual a água se tornou amarga por causa da multidão de peixes mortos e em decomposição (Ex. 7:21). A amargura das águas é causada por uma **grande estrela** que **caiu do céu, queimando como uma tocha**. Isso é paralelo à profecia de Isaías sobre a queda da Babilônia, falada em termos da Queda original do Paraíso:

Como caíste do céu,
ó estrela da manhã, filha da alva!
Como foste lançado por terra,
tu que enfraquecias as nações!
Tu dizias a ti mesmo:
Subirei ao céu,
elevarei o meu trono
acima das estrelas de Deus
e me assentarei no monte da congregação,
nas extremidades do norte.
Subirei além das nuvens
e serei semelhante ao Altíssimo.
Contudo, serás levado ao Sheol,

ao mais profundo do abismo.
(Is.14:12-15, A21)

O **nome** desta estrela caída é **Absinto**, um termo usado na Lei e nos Profetas para alertar Israel sobre sua destruição como punição pela apostasia (Dt. 29:18; Jr. 9:15; 23:15; Lm. 3:15, 19; Am. 5:7). Novamente, ao combinar essas alusões do Antigo Testamento, São João deixa evidente sua mensagem: Israel é apóstata e se tornou um Egito; Jerusalém se tornou uma Babilônia; e os violadores do pacto serão destruídos, tão certamente quanto o Egito e a Babilônia foram destruídos.

A Quarta Trombeta (8:12-13)

- 12 E o quarto anjo tocou a trombeta, e a terça parte do sol, e a terça parte da lua, e a terça parte das estrelas foram feridos, para que a terça parte deles fosse escurecida, e o dia não brilhasse em sua terça parte, e a noite da mesma forma.
- 13 E olhei, e ouvi uma Águia voando no meio do céu, dizendo com grande voz: Ai; Ai; Ai dos que habitam na Terra, por causa dos toques de Trombeta restantes dos três anjos que estão prestes a tocar!

12 Como a nona praga egípcia de “trevas que se possam apalpar” (Ex. 10:21-23, ACF), a maldição trazida **pelo quarto anjo** atinge os portadores da luz, o **sol**, a **lua** e as **estrelas**, **para que a terça parte deles fosse escurecida**. A imagem aqui foi usada por muito tempo nos profetas para descrever a queda de nações e governantes nacionais (cf. Is. 13:9-11, 19; 24:19-23; 34:4-5; Ez. 32:7-8, 11-12; Jl. 2:10, 28-32; At. 2:16-20. Em cumprimento a isso, Farrar observa, “governante após governante, líder após líder do Império Romano e da nação judaica foi assassinado e arruinado. Gaio, Cláudio, Nero, Galba, Otão, Vitélio, todos morreram por assassinato ou suicídio; Herodes, o Grande, Herodes Antipas, Herodes Agripa e a maioria dos príncipes herodianos, juntamente com não poucos dos principais sumos sacerdotes de Jerusalém, pereceram em desgraça, ou no exílio, ou por mãos violentas. Todos esses foram sóis apagados e estrelas escurecidas.”¹⁷

¹⁷ F. W. Farrar, *The Early Days of Christianity* (Chicago: Belford. Clarke and Co., Publishers, 1882). pg. 519.

13 O querubim-águia voador (4:7) governa a seção das Trombetas do Apocalipse (cf. Os. 8:1), e é apropriado que São João agora veja **uma águia**[†] **voando no meio do céu**, alertando sobre a ira que está por vir. A águia, como muitos outros símbolos pactuais, possui uma natureza dupla. De um lado, ela significa a salvação que Deus providenciou para Israel:

Pois a porção do SENHOR é o seu povo,
Jacó é a herança que lhe coube.
Em uma terra deserta, ele o encontrou,
em uma região árida e de ventos uivantes.
Ele o protegeu e dele cuidou;
Guardou-o como a menina dos seus olhos;
Como a águia que desperta a sua ninhada,
paira sobre os seus filhotes
e depois estende as asas para apanhá-los,
levando-os sobre elas.
(Dt. 32:9-11, NVI; cf. Ex. 19:4).

Mas a águia também é uma temível ave de rapina, associada ao sangue, à morte e à carne podre:

Seus filhos chupam sangue;
Onde há mortos, ela aí está. (Jó 39:30, ARA)

Os avisos proféticos da destruição de Israel são frequentemente expressos em termos de águias descendo sobre carniça (Dt. 28:49; Jr. 4:13; Lm. 4:19; Os. 8:1; Hc. 1:8; Mt. 24:28). De fato, um aspecto básico da maldição do pacto é o de ser devorado pelos pássaros do ar (Gn. 15:9-12; Dt. 28:26, 49; Pv. 30:17; Jr. 7:33-34; 16:3-4; 19:7; 34:18-20; Ez. 39:17-20; Ap. 19:17-18). O Querubim-águia reaparecerá nesta seção do Apocalipse como uma imagem de salvação (12:14), e no final será substituído por (ou visto novamente como) um anjo **voando no meio do céu** proclamando o *Evangelho para aqueles que habitam na Terra* (14:6), pois sua missão é, em última instância, redentora em seu escopo. Mas a salvação do mundo acontecerá por meio da queda de Israel (Rm. 11:11-15, 25). Assim, a Águia começa sua mensagem com ira, proclamando três **Ais** que virão sobre **os que habitam na Terra**.

[†] Leitura conforme o Texto Majoritário do Novo Testamento Grego (cf. NTIA, pg. 931; Pickering, *O Soberano Criador Já Falou*, pg. 444). [N. R.]

Como as pragas originais no Egito, as maldições estão se intensificando e tornando-se mais específicas em sua aplicação. São João conduz o panorama a um clímax, usando os três ais da Águia (correspondendo ao quinto, sexto e sétimo **toques de Trombeta**; cf. 9:12; 11:14-15) para dramatizar os crescentes desastres que estão sendo visitados sobre a Terra de Israel. Após muitas postergações e muita longanimidade por parte do zeloso e santo Senhor dos Exércitos, as terríveis sanções da Lei são finalmente liberadas contra os violadores do Pacto, para que Jesus Cristo possa herdar os reinos do mundo e trazê-los ao Seu Templo (11:15-19; 21:22-27).

9

INFERNO NA TERRA

A Quinta Trombeta (9:1-12)

- 1 E o quinto anjo tocou a trombeta, e vi uma estrela do céu que caíra na terra; e a chave do poço do Abismo foi dada a ele.
- 2 E ele abriu o poço do Abismo; e fumaça subiu do poço, como a fumaça de uma fornalha ardente; e o sol e o ar foram escurecidos pela fumaça do poço.
- 3 E da fumaça saíram gafanhotos sobre a terra; e poder foi dado a eles, como o poder que os escorpiões da terra têm.
- 4 E foi-lhes dito que não causassem dano à erva da terra, nem a qualquer coisa verde, nem a qualquer árvore, mas somente aos homens que não têm o selo de Deus em suas testas.
- 5 E não lhes foi permitido matar ninguém, mas que fossem atormentados por cinco meses; e seu tormento era como o tormento de um escorpião quando pica um homem.
- 6 E naqueles dias os homens buscarão a morte e não a encontrarão; e eles desejarão morrer e a morte fugirá deles.
- 7 E a aparência dos gafanhotos era como cavalos preparados para a batalha; e em suas cabeças havia como que coroas semelhantes ao ouro, e seus rostos eram como os rostos dos homens.
- 8 E eles tinham cabelos como os cabelos de mulheres, e seus dentes eram como os dentes de leões.
- 9 E eles tinham couraças como couraças de ferro; e o som de suas asas era como o som de carros, de muitos cavalos correndo para a batalha.
- 10 E eles tinham caudas como escorpiões, e ferrões; e em suas caudas está seu poder para ferir os homens por cinco meses.
- 11 Eles têm como rei sobre eles o anjo do Abismo; seu nome em hebraico é Abadom, e no grego tem o nome de Apoliom.
- 12 O Primeiro Ai passou; eis que dois Ais ainda estão por vir depois destas coisas.

1-6 Com o primeiro Ai, as pragas se tornam mais intensas. Embora essa maldição seja semelhante às grandes nuvens de **gafanhotos** que vieram sobre o Egito na oitava praga (Ex. 10:12-15), esses “gafanhotos” são diferentes: são *demônios do Abismo*, o poço sem fundo, mencionado sete

vezes em Apocalipse (9:1, 2, 11; 11:7; 17:8; 20:1, 3). A Septuaginta usa o termo pela primeira vez em Gênesis 1:2, falando das profundezas e trevas originais que o Espírito criativamente ofuscou (e metaforicamente “venceu”; cf. João 1:5). O Abismo é o extremo mais distante do céu (Gn. 49:25; Dt. 33:13) e das altas montanhas (Sl. 36:6). É usado nas Escrituras como uma referência às partes mais profundas do mar (Jó 28:14; 38:16; Sl. 33:7) e aos rios e reservatórios subterrâneos de água (Dt. 8:7; Jó 38:16), de onde vieram as águas do Dilúvio (Gn. 7:11; 8:2; Pv. 3:20; 8:24), e que nutriam o reino da Assíria (Ez. 31:4, 15). A travessia do Mar Vermelho por parte do povo do pacto é repetidamente comparada a uma passagem pelo Abismo (Sl. 77:16; 106:9; Is. 44:27; 51:10; 63:13). O profeta Ezequiel ameaçou Tiro com uma grande desolação da terra, na qual Deus traria o Abismo para cobrir a cidade com um novo Dilúvio, levando o seu povo para o poço nas partes mais baixas da terra (Ez. 26:19-21), e Jonas falou do Abismo em termos de excomunhão da presença de Deus, um banimento do Templo (Jn. 2:2-6). O domínio do Dragão (Jó 41:31; Sl. 148:7; Ap. 11:7; 17:8), a prisão dos demônios (Lc. 8:31; Ap. 20:1-3; cf. 2 Pe. 2:4; Jd. 6), e o reino dos mortos (Rm. 10:7) são todos chamados pelo nome de *Abismo*. São João está, portanto, alertando seus leitores de que o inferno está prestes a ser irrompido sobre a Terra de Israel; como com Tiro de antigamente, o Abismo está levado à superfície para cobrir a Terra com seus espíritos imundos. O Israel apóstata deve ser expulso da presença de Deus, excomungado do Templo e cheio de demônios. Uma das mensagens centrais do Apocalipse é que a Igreja tabernacula no céu; o corolário disso é que a falsa igreja tabernacula no inferno.

Por que a praga de gafanhotos dura **cinco meses**? Este número é, antes de tudo, uma referência ao período de cinco meses, de maio a setembro, quando os gafanhotos normalmente apareciam. (A característica incomum é que *esses* gafanhotos *permanecem* por todo o período, atormentando constantemente a população.) Segundo, isso pode se referir em parte às ações de Gêssio Floro, o procurador da Judeia, que, por um período de cinco meses (começando em maio de 66 com o massacre de 3.600 cidadãos pacíficos), aterrorizou os judeus, buscando deliberadamente incitá-los à rebelião. Ele foi bem-sucedido: Josefo data o início da Guerra Judaica a partir desta ocasião.¹ Terceiro, o uso do termo *cinco* está associado nas Escrituras ao poder, e especificamente à organização militar – a

¹ Flávio Josefo, *A Guerra dos Judeus*, 2:14:9-19:9.

disposição da milícia israelita em pelotões de cinco esquadrões (Ex. 13:18; Nm. 32:17; Js. 1:14; 4:12; Jz. 7:11; cf. 2 Rs. 1:9ff.).² Pela direção de Deus, Israel seria atacado por um exército demoníaco do Abismo.

Durante o ministério de Cristo, Satanás **caíra na terra como uma estrela do céu** (cf. 12:4, 9, 12); **e a chave do poço do Abismo foi dada a ele. E ele abriu o poço do Abismo.** O que tudo isso significa é exatamente o que Jesus profetizou durante Seu ministério terrestre: a Terra que recebera os benefícios de Sua obra e então O rejeitou, ficaria saturada de demônios do Abismo. Devemos notar aqui que a chave é *dada* a Satanás, pois é Deus quem envia os demônios como um flagelo sobre Seu povo rebelde.

Os homens de Nínive se levantarão no juízo com esta geração, e a condenarão, porque se arrependeram com a pregação de Jonas. E eis que está aqui um que é maior do que Jonas. A rainha do sul se levantará no dia do juízo com esta geração, e a condenará; porque veio dos confins da terra para ouvir a sabedoria de Salomão. E eis que está aqui um que é maior do que Salomão.

Quando um espírito imundo sai de um homem, anda por lugares áridos, buscando repouso, e não o encontra. Então ele diz: Eu voltarei para a minha casa, de onde saí. E voltando, a encontra vazia, varrida e adornada. Então ele vai, e leva consigo outros sete espíritos piores do que ele, e, eles entrando, habitam ali; e o último estado desse homem vem a ser pior do que o primeiro. *Assim também há de acontecer a esta geração perversa.* (Mt. 12:41-45)

Por causa da rejeição de Israel ao Rei dos reis, as bênçãos que eles receberam se transformariam em maldições. Jerusalém havia sido “varrida” pelo ministério de Cristo; agora se tornaria “morada de demônios e prisão de todo espírito imundo, e prisão de toda ave imunda e detestável” (18:2). A geração inteira se tornou cada vez mais possuída por demônios; sua progressiva insanidade nacional é aparente à medida que se lê o Novo Testamento, e seus terríveis estágios finais são descritos nas páginas de A

² A palavra hebraica nesses textos é geralmente traduzida como *arregimentado*, *armado* ou *organizado como um exército*, mas a tradução literal é simplesmente *cinco em fileira* (isto é, cinco esquadrões de dez homens em cada esquadrão). Veja James B. Jordan, *The Law of the Covenant: An Exposition of Exodus 21-23* (Tyler, TX: Institute for Christian Economics, 1984), pp. 264f.; idem, *Judges: God's War Against Humanism* (Tyler, TX: Geneva Ministries, 1985), pg. 17.

Guerra dos Judeus de Josefo: a perda de toda capacidade de raciocínio; bandos frenéticos atacando uns aos outros; multidões iludidas seguindo os profetas mais visivelmente falsos; a busca enlouquecida e desesperada por comida; os assassinatos, execuções e suicídios em massa; pais massacrando suas próprias famílias e mães comendo seus próprios filhos. Satanás e as hostes do inferno simplesmente invadiram a terra de Israel e consumiram os apóstatas.

A vegetação da terra é especificamente isenta da destruição causada pelos “gafanhotos”. Esta é uma maldição sobre os *homens* desobedientes. Somente os cristãos são imunes à picada de *escorpião* dos demônios (cf. Mc. 6:7; Lc. 10:17-19; At. 26:18); os israelitas não batizados, **que não têm o selo de Deus em suas testas** (veja 7:3-8), são atacados e atormentados pelos poderes demoníacos. E o propósito imediato de Deus em desencadear esta maldição não é a morte, mas meramente **tormento**, miséria e sofrimento, enquanto a nação de Israel era sujeita a uma série de convulsões demoníacas. São João repete o que ele nos disse em 6:16, que **naqueles dias os homens buscarão a morte e não a encontrarão; e eles desejam morrer e a morte fugirá deles**. Jesus havia profetizado especificamente esse anseio pela morte entre a geração final, a geração de judeus que O crucificaram (Lc. 23:27-30). Como a Sabedoria de Deus dissera muito antes: “Aquele que pecar contra Mim, arruinará a própria alma; todos aqueles que Me odeiam amam a morte.” (Pv. 8:36).

7-12 A descrição dos demônios-gafanhotos tem muitas semelhanças com os exércitos pagãos invasores mencionados nos profetas (Jr. 51:27; Jl. 1:6; 2:4-10; cf. Lv. 17:7 e 2 Cr. 11:15, onde a palavra hebraica para *demônio* é *peludo*[†]). Esta passagem também pode se referir, em parte, aos bandos satânicos de zelotes assassinos que atacavam os cidadãos de Jerusalém. Como Josefo nos conta, o povo tinha mais a temer dos zelotes do que dos romanos: “Tudo o que se encontrava de mais precioso nas casas dos ricos não era suficiente para contentar à sua insaciável ambição. Matar os homens e ultrajar as mulheres era para eles um divertimento e um gracejo. Eles borrifavam suas presas com sangue e encontravam prazer na multiplicação dos crimes. Depois de se terem abandonado aos que são praticados pelos maus, eles se aborreciam com os mesmos, com muito ordinários e comuns; para satisfazer à sua abominável brutalidade, não tinham

[†] H8163 - sa'iyar [N. R.]

vergonha de procurar outros, que causavam horror à mesma natureza. Vestiam-se de mulheres, penteavam os cabelos, adornavam-se como elas e não as imitavam somente em suas vestes e adereços, mas até na imprudência mais desavergonhada, superavam-nas ainda com ações de uma impudicícia abominável. Assim encheram Jerusalém de crimes execráveis, de tal modo que aquela grande cidade parecia um lugar público de prostituição, a mais detestável e a mais horrível de todas as infâmias. Mas ainda que esses monstros de impudicícia, de crueldade e de ambição tivessem rosto tão afeminado, suas mãos não estavam menos prontas a cometer assassinios. Ao mesmo tempo que andavam devagar e afetadamente, eram vistos puxar de suas espadas de sob as vestes de diversas cores e assassinar os que encontravam.”³

Um ponto particularmente interessante sobre a descrição do exército demoníaco é a declaração de São João de que **o som de suas asas era como o som de carros, de muitos cavalos correndo para a batalha**. Esse é o mesmo som feito pelas asas dos anjos na Nuvem de Glória (Ez. 1:24; 3:13; 2 Rs. 7:5-7); a diferença aqui é que o barulho é feito por anjos *caídos*.

São João continua identificando o **rei** dos demônios, **o anjo do Abismo**, dando seu nome em hebraico (**Abadom**) e grego (**Apoliom**) – uma das muitas indicações do caráter essencialmente hebraico do Apocalipse.⁴ As palavras significam *Destruição* e *Destruidor*; **Abadom** é usado no Antigo Testamento para o reino dos mortos, o “lugar de destruição” (Jó 26:6; 28:22; 31:12; Sl. 88:11; Pv. 15:11; 27:20). São João apresenta Satanás como a própria personificação da morte (cf. 1 Co. 10:10; Hb. 2:14). Claramente, toda a hoste de destruidores de Satanás ser solta sobre a nação judaica foi, de fato, um inferno na terra. E ainda assim São João nos diz que essa irrupção de demônios na terra é apenas **o primeiro Ai**. Mesmo isso não é o pior, pois **dois Ais** (isto é, a sexta e a sétima trombetas) **ainda estão por vir depois destas coisas**.

³ Flávio Josefo, *A Guerra dos Judeus*, 4:9:10 em HDH 2:4:34:354, pp. 1266-1267.

⁴ Para uma longa discussão da gramática de São João, com atenção particular ao estilo hebraico, v. R. H. Charles, *A Critical and Exegetical Commentary on the Revelation of St. John*, 2 vols. (Edinburgh: T. & T. Clark, 1920), Vol. I, pp. cxvii-clix. O resumo de Charles sobre a razão do estilo único de St. John é que “*enquanto escreve em grego, ele pensa em hebraico*” (pg. cxliii).

A Sexta Trombeta (9:13-21)

- 13 E o sexto anjo tocou a trombeta, e ouvi uma voz vinda dos quatro chifres do altar de ouro que está diante de Deus,
- 14 dizendo ao sexto anjo que tinha a trombeta: Solta os quatro anjos que estão presos junto ao grande rio Eufrates.
- 15 E os quatro anjos, que tinham sido preparados para a hora, e dia, e mês e ano, foram soltos, para que matassem a terça parte da humanidade.
- 16 E o número dos exércitos dos cavaleiros era de miríades de miríades; ouvi o número deles.
- 17 E foi assim que vi na visão os cavalos e os que neles estavam montados: tinham couraças de fogo, e de jacinto e de enxofre; e as cabeças dos cavalos eram como cabeças de leões; e de suas bocas saíam fogo, e fumaça e enxofre.
- 18 A terça parte humanidade foi morta por estas três pragas, pelo fogo, pela fumaça e pelo enxofre, que saíam de suas bocas.
- 19 Pois o poder dos cavalos está em suas bocas e em suas caudas; pois suas caudas são como serpentes e têm cabeças; e com elas causam dano.
- 20 E o restante dos homens, aqueles que não foram mortos por estas pragas, não se arrependeram das obras de suas mãos, para não adorarem demônios, e os ídolos de ouro, e de prata, e de bronze, e de pedra e de madeira, que não podem ver, nem ouvir, nem andar;
- 21 e eles não se arrependeram de seus assassinatos, nem de suas feitiçarias, nem de sua fornicação, nem de seus roubos.

13 Mais uma vez somos lembrados de que as desolações causadas por Deus na terra são em favor de Seu povo (Sl. 46), em resposta à sua adoração oficial e pactual: o comando **ao sexto anjo** é emitido por **uma voz vinda dos quatro chifres do altar de ouro** (ou seja, o altar de incenso) **que está diante de Deus**. A menção deste ponto é obviamente destinada a encorajar o povo de Deus na adoração e oração, assegurando-lhes que as ações de Deus na história procedem de seu altar, onde Ele recebeu suas orações. São João afirma que a voz veio **dos quatro chifres** (projeções semelhantes a chifres em cada canto do altar), referindo-se a um aspecto importante da liturgia do Antigo Testamento: a oferta de purificação. Esta oferta se referia à contaminação e impureza de *um lugar* pelo pecado. Se o lugar contaminado pelo pecado não for purificado, isso

trará morte. Em seu excelente estudo do sistema levítico, Gordon Wenham nos diz que “a oferta de purificação tratava da contaminação causada pelo pecado. Se o pecado contaminava a terra, ele contaminava especialmente a casa em que Deus habitava. A gravidade da contaminação dependia da gravidade do pecado, que por sua vez estava relacionada com a condição do pecador. Se um cidadão pecava de forma individual, sua ação contaminava o santuário somente até certo ponto. Por isso, o sangue da oferta de purificação era esfregado somente nas pontas (chifres) do altar do sacrifício queimado. Se, no entanto, toda a nação pecava ou o membro mais santo da nação, o sumo sacerdote, pecava, isso era mais grave. Era necessário levar o sangue para dentro do Tabernáculo e aspergi-lo no véu e no altar do incenso.”⁵

Os pecados da nação eram expiados oferecendo um sacrifício no altar de bronze, e então tomando o sangue e untando-o aos chifres do altar de ouro do incenso (Lv 4:13-21). Dessa forma, o altar era purificado, para que o incenso pudesse ser oferecido com a certeza de que Deus ouviria suas orações. Os leitores do Apocalipse do primeiro século teriam reconhecido o significado disto: o comando de Deus aos Seus anjos, em resposta às orações do Seu povo, é falado dos **chifres** do altar de ouro. Seus pecados foram cobertos e não impedem o livre acesso a Deus.

Um ponto adicional deve ser observado. As orações da Igreja no altar do incenso são orações imprecatórias contra a nação de Israel. O “Israel” que rejeitou Cristo está contaminado e impuro (cf. Lv. 18:24-30), e suas orações não serão ouvidas por Deus, pois rejeitou a única expiação pelo pecado. A terra impura de Israel será, portanto, julgada em termos das maldições de Levítico 26, um capítulo que repetidamente ameaça um juízo sétuplo sobre a nação se ela se tornar contaminada pelo pecado (Lv. 26:18, 21, 24, 28; vimos que esta é a fonte para os repetidos juízos sétuplos no Livro do Apocalipse). Mas a Igreja de Jesus Cristo é o novo Israel, a nação santa, o verdadeiro povo de Deus, que possui “ousadia para entrarmos no santíssimo lugar, pelo sangue de Jesus” (Hb. 10:19). Novamente, a Igreja do primeiro século é assegurada por São João que suas orações serão ouvidas e respondidas por Deus. Ele se vingará de seus perseguidores, pois a terra é abençoada e julgada pelas ações litúrgicas e decretos judiciais da Igreja.

⁵ Gordon J. Wenham, *Levítico: Comentário Exegético*, trad. Daniel H. Kroger (Edições Vida Nova, 2021), pp. 85-86.

A prontidão de Deus em ouvir e a disposição de atender às orações de Seu povo são continuamente proclamadas por toda a Escritura (Sl. 9:10; 10:17-18; 18:3; 34:15-17; 37:4-5; 50:14-15; 145:18-19). Deus nos deu inúmeros exemplos de orações imprecatórias, mostrando repetidamente que um aspecto da atitude de um homem piedoso é o ódio pelos inimigos de Deus e a oração fervorosa por sua queda e destruição (Sl. 5:10; 10:15; 35:1-8, 22-26; 59:12-13; 68:1-4; 69:22-28; 83; 94; 109; 137:8-9; 139:19-24; 140:6-11). Por que então não vemos a derrubada dos ímpios em nosso próprio tempo? Uma parte importante da resposta é a relutância da Igreja moderna em orar biblicamente; e Deus nos garantiu: *Nada tendes, porque não pedis*. (Tg. 4:2). Mas a Igreja do primeiro século, orando fiel e fervorosamente pela destruição do Israel apóstata, foi ouvida no altar celestial de Deus. Seus anjos foram comissionados a atacar.

14-16 O sexto anjo é comissionado a **libertar os quatro anjos** que estavam **presos no grande rio Eufrates**; eles então trazem contra Israel um exército consistindo de **miríades de miríades**. O Rio Eufrates formava a fronteira entre Israel e as temíveis forças pagãs que Deus usou como um flagelo contra Seu povo rebelde. “Era a fronteira norte da Palestina [cf. Gn. 15:18; Dt. 11:24; Js. 1:4], através da qual invasores assírios, babilônicos e persas vieram para impor sua soberania pagã ao povo de Deus. Todas as advertências bíblicas sobre um inimigo do norte, portanto, encontram seu eco na visão horripilante de João” (cf. Jr. 6:1, 22; 10:22; 13:20; 25:9, 26; 46:20, 24; 47:2; Ez. 26:7; 38:6, 15; 39:2).⁶ Deve ser lembrado também que o *norte* (a localização original do Éden)⁷ era a área do trono de Deus (Is. 14:13); e tanto a Nuvem de Glória quanto os agentes de vingança de Deus são vistos vindo do norte, ou seja, do Eufrates (cf. Ez. 1:4; Is. 14:31; Jr. 1:14-15). Assim, este grande exército do norte é o exército *de Deus*, e está sob Seu controle e direção, embora seja claramente demoníaco e pagão em caráter (sobre o aprisionamento dos anjos caídos, cf. 2 Pe. 2:4; Jd. 6). Deus é completamente soberano, e usa tanto demônios quanto pagãos para realizar Seus propósitos sagrados (1 Rs. 22:20-22; Jó 1:12-21; Ele, certamente, então pune os pagãos por seus motivos e objetivos perversos que os levaram a cumprir Seu decreto: cf. Is. 10:5-14). Os anjos presos no

⁶ G. B. Caird, pg. 122.

⁷ Veja David Chilton, *Paraíso Restaurado* (Editora Monergismo, 2024), pp. 41f.

Eufrates **tinham sido preparados para a hora, e dia, e mês e ano**, tendo seu papel na história totalmente predestinado e certo.

São João ouve o **número** dos cavaleiros: **miríades de miríades**. Observamos na Introdução deste volume algumas das interpretações mais fantasiosas desta expressão (ver pp. 49-51). Se mantivermos nossa imaginação atrelada às Escrituras, no entanto, observaremos que ela foi tirada do Salmo 68:17, que diz: “Os carros [de Deus] são *miríades*, e *milhares de milhares*” (BTX). Mounce observa corretamente que “as tentativas de reduzir esta expressão à mera aritmética não compreendem o seu significado. Uma ‘dupla miríade de miríades’ é um número indefinido de imensidão incalculável.”⁸ O termo significa simplesmente *muitos milhares* e indica uma vasta hoste que deve ser pensada em conexão com o exército angelical do Senhor de milhares e milhares de carros.

17-19 Evitando as especulações tecnológicas mirabolantes propostas por alguns comentaristas, notaremos simplesmente que, enquanto o *número* do exército pretende nos lembrar do exército de Deus, as *características* dos cavalos – **o fogo, a fumaça e o enxofre que saíam de suas bocas** – nos lembram do Dragão, o Leviatã cuspidor de fogo (Jó 41:18-20. “A imagem pretende ser inconcebível, horripilante e até mesmo revoltante. Pois essas criaturas não são da terra. Fogo e enxofre pertencem ao inferno (19:20; 21:8), assim como a fumaça é característica do poço (9:2). Somente monstros das profundezas expelem tais coisas.”⁹ Assim, para resumir a ideia: Um exército inumerável está avançando sobre Jerusalém a partir do Eufrates, a origem dos inimigos tradicionais de Israel; é uma força feroz, hostil e demoníaca enviada por Deus em resposta às orações de Seu povo por vingança. Em suma, esse exército é o cumprimento de todos os avisos na lei e nos profetas de uma horda vingadora enviada para punir os violadores do Pacto. Os horrores descritos em Deuteronômio 28 seriam visitados sobre esta geração maligna (veja especialmente os versículos 49-68). Moisés havia declarado: *Ficarás enlouquecido pelo que os teus olhos virem* (Dt. 28:34).

⁸ Robert H. Mounce, *The Book of Revelation* (Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Co., 1977), pg. 201.

⁹ G. R. Beasley-Murray, *The Book of Revelation* (Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Co., [1974] 1981), pp. 165f.

Como realmente aconteceu na história, a rebelião judaica em reação à “praga de gafanhotos” de Géssio Floro durante o verão de 66 provocou a invasão da Palestina por Céstio no outono, com um grande número de tropas montadas das regiões próximas ao Eufrates¹⁰ (embora o ponto principal da referência de São João seja o significado simbólico do rio na história e profecia bíblica). Depois de devastar o campo, suas forças chegaram aos portões de Jerusalém no mês de Tishri – o mês que começa com o Dia das Trombetas. O exército cercou a cidade: “[S]ustentaram por cinco dias, com tanta força, o ataque dos romanos, que os tornaram inúteis. No sexto dia, Céstio, com um grande número de tropas escolhidas e de soldados que atiravam flechas, atacou o Templo do lado do norte; os judeus lançaram-lhes dardos do alto dos pórticos e os obrigaram diversas vezes a recuar. Mas, por fim, os da primeira linha dos romanos, cobriram-se com os escudos, apoiando-os contra os muros; os que os seguiam uniram também os escudos a estes, e assim os outros fizeram em fila a mesma coisa e formaram aquela espécie de couraça a que dão o nome de tartaruga; pondo-se a salvo dos dardos e das flechas dos judeus, trabalharam com segurança para derribar o muro e incendiar as portas do Templo.

“Os sediciosos ficaram tão assustados que, se julgando perdidos, vários fugiram para fora da cidade; mas o povo, ao contrário, sentiu alegria e só pensava em abrir as portas a Céstio, que consideravam como seu benfeitor, porque lhes dava os meios de se libertar da tirania daqueles revoltosos¹¹.”¹² Então, no exato momento em que a vitória completa estava ao seu alcance, Céstio repentina e inexplicavelmente retirou suas forças. Encorajados, os judeus perseguiram os soldados em retirada e os atacaram, causando grandes baixas. Gaalya Cornfeld comenta que “o fracasso de Céstio transformou a revolta contra Roma em uma guerra real. Um sucesso tão inesperado e impressionante fortaleceu naturalmente as mãos dos que eram favoráveis à guerra. A maioria dos que se opunham à revolta se viu em minoria e tendeu a se aliar aos zelotes vencedores, apesar de não acreditarem que a vitória fosse possível. No entanto, embora não declarassem abertamente sua posição, achavam mais aconselhável dar a

¹⁰ Veja Josefo, *A Guerra Judaica*, 2:18:9-19:7; cf. J. Massyngherde Ford, *Revelation: Introduction, Translation, and Commentary* (Garden City, NY: Doubleday and Co., 1975), pg. 154.

¹¹ Os zelotes, que mantinham a cidade sob seu controle em oposição a Roma e contra a vontade dos mais prósperos e pacifistas dentre os judeus.

¹² Josefo, *A Guerra dos Judeus*, 2:19:5-6, em *HDH* 2:2:39:220, pp. 1152-1153.

aparência de aprovação por medo de perder o controle sobre o povo como um todo. Assim, a elite sacerdotal e os moderados, embora notórios em sua lealdade ao lado da paz, decidiram assumir a direção da guerra que agora era considerada inevitável. [...] O alívio obtido pelos judeus após a retirada de Céstio para a Síria foi explorado para organizar uma força de defesa nacional.”¹³

20-21 No entanto, **o restante dos homens, aqueles que não foram mortos por estas pragas, não se arrependeram [...] para não adorarem demônios e ídolos.** Os judeus tinham se entregado tão completamente à apostasia que nem a bondade de Deus nem Sua ira puderam desviá-los de seu erro. Em vez disso, como relata Josefo, até o fim – após a fome, os assassinatos em massa, o canibalismo, a crucificação de seus compatriotas judeus à taxa de 500 por dia – os judeus continuaram a dar ouvidos aos delírios insanos de falsos profetas que lhes asseguravam libertação e vitória: “Mas aquele povo infeliz é tanto mais digno de lástima, quanto prestando fé facilmente aos impostores que abusavam do nome de Deus para enganá-lo, fechava os olhos e tapava os ouvidos para não ver, nem ouvir os sinais certos e os verdadeiros avisos pelos quais Deus lhe tinha predito a própria ruína.”¹⁴

Que “verdadeiros avisos” Deus lhes dera? Além da pregação apostólica, que era tudo o que eles realmente precisavam (cf. Lc. 16:27-31), Deus enviara sinais e maravilhas milagrosas para testificar do juízo vindouro; Jesus alertara que, antes da Queda de Jerusalém, “haverá também coisas espantosas, e grandes sinais do céu” (Lc. 21:11, ACF). Isso era especialmente verdadeiro durante os tempos das festas do ano 66, como relata Josefo: “O povo reunira-se, a oito de [Nisã], para a festa da páscoa, e pelas nove horas da noite [3:00 da manhã] viu-se durante uma hora e meia, em redor do altar e do templo, uma luz tão forte que se teria pensado que era dia. Os ignorantes tiveram-na como um bom augúrio, mas os instruídos e sensatos, conhecedores das coisas santas, consideraram-na como um presságio do que depois sucedeu.”¹⁵

¹³ Gaalya Cornfeld, ed., *Josephus: The Jewish War* (Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1982), p. 201.

¹⁴ Josefo, *A Guerra dos Judeus*, 6:5:3, em HDH 2:6:30:475, pg. 1369.

¹⁵ Ibid., em HDH 2:6:31:476, pg. 1369.

Durante a mesma festa, outro evento chocante ocorreu: “Pelas seis horas da tarde [meia-noite] a porta do Templo que está do lado do oriente, que é de bronze e tão pesada que vinte homens mal a podem empurrar, abriu-se sozinha, embora estivesse fechada com enormes fechaduras, barras de ferro e ferrolhos, que penetravam bem fundo no chão, feito de uma só pedra. Os guardas do Templo avisaram imediatamente o magistrado do que acontecera e lhe foi bem difícil tornar a fechá-la.¹⁶ Os ignorantes interpretaram-no ainda como um bom sinal, dizendo que Deus abria em seu favor suas mãos liberais, para cobri-los de toda sorte de bens. Porém, os mais sensatos julgaram o contrário, isto é, que o Templo destruir-se-ia por si mesmo e que a abertura de sua porta era presságio, o mais favorável, que os romanos pudessem desejar.”¹⁷ (Um evento semelhante, incidentalmente, aconteceu em 30 d.C., quando Cristo foi crucificado e o véu externo do Templo – 7 metros de largura e cerca de 25 metros de altura! – rasgou-se de alto a baixo [Mt. 27:50-54; Mc. 15:37-39; Lc. 23:44-47]: O Talmude registra que em 30 d.C. os portões do Templo se abriram sozinhos, aparentemente devido ao colapso do lintel superior, uma pedra que pesava cerca de 30 toneladas.)¹⁸

Aqueles que não puderam comparecer à Festa regular da Páscoa eram obrigados a celebrá-la um mês depois (Nm. 9:9-13). Josefo relata uma terceira grande maravilha que aconteceu no final desta Segunda Páscoa em 66: “Um pouco depois da festa [...] aconteceu uma coisa que eu temeria relatar, de medo que a tomassem por uma fábula, se pessoas que também a viram, ainda não estivessem vivas e se as desgraças que se lhe seguiram não tivessem confirmado a sua veracidade. Antes do nascer do sol viram-se no ar, em toda aquela região, carros cheios de homens armados, atravessar as nuvens e espalharem-se pelas cidades, como para cercá-las.”¹⁹

Um quarto sinal ocorreu dentro do Templo no próximo grande dia de festa, e foi testemunhado pelos vinte e quatro sacerdotes que estavam em serviço: “No dia da festa de Pentecostes, os sacerdotes estando à noite,

¹⁶ Presumidamente com a ajuda dos duzentos porteiros que estavam em serviço na época.

¹⁷ Josefo, *A Guerra dos Judeus*, 6:5:3, em *HDH* 2:6:31:476, pg. 1369.

¹⁸ Yoma 39b; cf. Alfred Edersheim, *The Life and Times of Jesus the Messiah*, 2 vols. (McLean, VA: MacDonald Publishing Co, n.d.), Vol. 2, pp. 610f.; Ernest L. Martin, *The Place of Christ's Crucifixion* (Pasadena: Foundation for Biblical Research, 1984), pp. 9-14.

¹⁹ Josefo, *A Guerra dos Judeus*, 6:5:3, em *HDH* 2:6:31:476, pp. 1369-1370.

no Templo interior, para o divino serviço, ouviram um ruído e logo em seguida uma voz que repetiu várias vezes: ‘Saíamos daqui!’”²⁰

Houve um quinto sinal nos céus naquele ano: “Um cometa, que tinha a forma de uma espada, apareceu sobre Jerusalém, durante um ano inteiro.”²¹ Era óbvio, como diz Josefo, que Jerusalém “não mais era a morada de Deus.”²² Apelando quatro anos depois aos revolucionários judeus para que se rendessem, ele declarou: “Não tenho motivo de crer que Deus, vendo esses santos lugares, consagrados ao seu serviço, conspurcados por tanta abominação, vos abandonou, para se colocar do lado dos que vós combateis? Quando um homem de bem vê que tudo está corrompido em sua família, ele a deixa e muda em ódio o afeto que lhe tinha. Vós quereríeis que Deus, ao qual nada está em oculto e que, para conhecer os pensamentos mais secretos dos homens, não tem necessidade de que eles lho digam, ficassem convosco, embora sejais culpados dos maiores de todos os crimes [...]?”²³ No entanto, Israel não se arrependeu de sua maldade. Cega para seus próprios males e para os juízos crescentes que vinham sobre ela, ela permaneceu firme em sua apostasia, continuando a rejeitar o Senhor e se apegando a seus falsos deuses.

Os judeus realmente **adoravam demônios e ídolos**? Já notamos (veja em 2:9 e 3:9) o caráter satânico do judaísmo, que não é religião do Antigo Testamento, mas sim um falso culto que reivindica autorização bíblica (assim como o mormonismo, a Igreja da Unificação e outras seitas reivindicam ser bíblicas). Como Herbert Schlossberg aponta, “Idolatria em seu significado mais amplo é adequadamente entendida como qualquer substituição do criador por aquilo que é criado.”²⁴ Ao rejeitar Jesus Cristo, os judeus inescapavelmente se envolveram em idolatria; eles se

²⁰ Ibid., pg. 1370; cf. o resumo desses eventos pelo historiador romano Tácito: “No céu apareceu uma visão de exércitos em conflito, de armaduras brilhantes. Um relâmpago repentino vindo das nuvens iluminou o Templo. As portas do lugar sagrado se abriram abruptamente, uma voz sobre-humana foi ouvida para declarar que os deuses estavam deixando-o e, no mesmo instante, veio o tumulto impetuoso de sua partida” (*Histórias*, 5:13).

²¹ Ibid., pg. 1369.

²² Ibid., 5:1:3. Tradução a partir de citação do autor.

²³ Ibid., 5:9:4, em HDH 2:5:26:416, pg. 1320; cf. a discussão destes e de eventos relacionados dos Últimos Dias em Ernest L. Martin, *The Original Bible Restored* (Pasadena: Foundation for Biblical Research, 1984), pp. 154-60.

²⁴ Herbert Schlossberg, *Idols for Destruction: Christian Faith and Its Confrontation with American Society* (Nashville: Thomas Nelson Publishers, 1983), pg. 6.

afastaram da fé de Abraão e serviram deuses de sua própria criação. Além disso, como veremos, a idolatria judaica não era um “teísmo” vago, indefinido e apóstata. Abandonando Cristo, os judeus, na realidade, se tornaram adoradores de César.

Josefo dá testemunho eloquente disso, escrevendo repetidamente sobre a ira de Deus contra a apostasia da nação judaica como a causa de seus infortúnios: “Mas era pouco para eles calcar aos pés as leis de seus antepassados; vangloriavam-se em violar as da natureza e em ultrajar o mesmo Deus, com suas horríveis impiedades. [...] Aqueles homens animados pelos demônios não se contentavam de calcar aos pés tudo o que é mais digno de respeito; eles zombavam do mesmo Deus e tomavam como loucura e ilusão as predições dos profetas. Mas as consequências os fizeram ver que eram bastante verdadeiras.”²⁵

“Não creio que, desde a criação do mundo, se tenha visto outra cidade sofrer tanto, nem outros homens cuja malícia fosse tão fecunda em toda sorte de maldade.”²⁶

“Ouso dizer [que] se os romanos tivessem diferido em castigar pelas armas tão grandes criminosos, creio que a terra se teria aberto para tragar aquela miserável cidade; ou ela teria perecido por um outro dilúvio, ou teria sido destruída pelo fogo do céu como Gomorra, pois as abominações que ali se cometiam e que por fim causaram a ruína de todo o povo sobrepujavam as que obrigaram Deus a lançar seus raios vingadores sobre aquela outra detestável cidade.”²⁷

“Depois da construção do muro que rodeava toda a cidade, os pobres, não podendo mais sair para procurar ervas, tinham sido reduzidos a tal extremo, que iam mesmo nos esgotos, procurar velho esterco de boi para comer e outras imundícias cuja vista somente causa horror. Os romanos não puderam ouvir falar de tantas misérias sem se sentir movidos à compaixão. Mas os revoltosos tudo viam sem se arrepender, de lhes terem eles sido a causa, porque Deus os cegava de tal modo, que eles não viam o precipício em que iam cair com toda aquela desgraçada cidade.”²⁸

É dito que os **ídolos** de Israel são **de ouro, e de prata, e de bronze, e de pedra e de madeira**, um relato bíblico padrão dos materiais usados

²⁵ Josefo, *A Guerra dos Judeus*, 4:6:3 em HDH 2:4:22:326, pp. 1250-1251.

²⁶ Ibid., 5:10:5 em HDH 2:5:27:417, pg. 1323.

²⁷ Ibid., 5:8:6 em HDH 2:5:37:431, pg. 1336-1337.

²⁸ Ibid., 5:8:7 em HDH 2:5:37:431, pg. 1337.

na construção de deuses falsos (cf. Sl. 115:4; 135:15; Is. 37:19). A Bíblia ridiculariza consistentemente os ídolos dos homens como obras de suas mãos, meros troncos e pedras **que não podem ver, nem ouvir, nem andar**. Isto é um eco da zombaria do salmista em relação aos ídolos pagãos:

Têm boca, mas não falam;
Têm olhos, mas não veem;
Têm ouvidos, mas não ouvem;
Têm narizes, mas não cheiram;
Têm mãos, mas não apalpm;
Têm pés, mas não andam;
Da sua garganta não sai som algum.

Então, vem o desfecho:

Semelhantes a eles se tornarão os que os fazem,
bem como todo o que neles confia.
(Sl. 115:5-8, TB; cf. 135:16-18)

Schlossberg comenta: “Quando uma civilização se torna idólatra, seu povo é profundamente mudado por essa experiência. Em uma espécie de santificação reversa, o idólatra é transformado na semelhança do objeto de sua adoração. Israel ‘foi atrás da inutilidade e se tornou inútil’ (Jr. 2:5).”²⁹ Como o profeta Oséias trovejou, os idólatras de Israel “se tornaram abomináveis como aquilo que amaram.” (Os. 9:10).

A descrição de São João da idolatria de Israel está alinhada com a postura profética comum; mas sua acusação é uma referência ainda mais direta à condenação de Daniel à *Babilônia*, especificamente em relação à *sua adoração a deuses falsos com os utensílios sagrados do Templo*. Daniel disse ao rei Belsazar: “Porém te levantaste contra o Senhor do céu, e trouxeram-te os vasos da sua casa diante de ti; e neles beberam vinho tu e teus senhores, tuas esposas e tuas concubinas; e tu tens louvado os deuses de prata e ouro, de bronze e ferro, madeira e pedra, os quais não veem, nem escutam, nem sabem; e o Deus em cuja mão está o teu fôlego, e de quem são todos os teus caminhos tu não tens glorificado.” (Dn. 5:23).

A implicação de São João é clara: a nação de Israel se tornou uma Babilônia, cometendo sacrilégio ao adorar falsos deuses com os tesouros

²⁹ Schlossberg, pg. 295.

do Templo; como Babilônia, ela foi ‘pesada nas balanças e encontrada em falta’; como Babilônia, ela será conquistada e seu reino será possuído pelos pagãos (cf. Dn. 5:25-31).

Finalmente, São João resume os crimes de Israel, todos decorrentes de sua idolatria (cf. Rm. 1:18-32): Isso levou aos **assassinatos** de Cristo e dos santos (At. 2:23, 36; 3:14-15; 4:26; 7:51-52, 58-60); suas **feitiçarias** (At. 8:9, 11; 13:6-11; 19:13-15; cf. Ap. 18:23; 21:8; 22:15); sua **fornicação**, uma palavra que São João usa doze vezes com referência à apostasia de Israel (2:14; 2:20; 2:21; 9:21; 14:8; 17:2 [duas vezes]; 17:4; 18:3 [duas vezes]; 18:9; 19:2); e seus **roubos**, um crime frequentemente associado na Bíblia com apostasia e a resultante opressão e perseguição dos justos (cf. Is. 61:8; Jr. 7:9-10; Ez. 22:29; Os. 4:1-2; Mc. 11:17; Rm. 2:21; Tg. 5:1-6).

Ao longo dos Últimos Dias, até a vinda dos romanos, as trombetas soaram, alertando Israel para que se arrependesse. Mas o alerta não foi ouvido, e os judeus endureceram em sua impenitência. A retirada de Céstio foi, é claro, tomada como significando que as profecias de Cristo sobre a destruição de Jerusalém eram falsas: os exércitos do Eufrates tinham vindo e cercado Jerusalém (cf. Lc. 21:20), mas a “desolação” ameaçada não tinha acontecido. Em vez disso, os romanos tinham fugido, com o rabo entre as pernas. Cada vez mais confiantes na bênção divina, os judeus imprudentemente mergulharam em atos maiores de rebelião, sem saber que forças ainda maiores além do Eufrates estavam sendo preparadas para a batalha. Desta vez, não haveria retirada. A Judeia seria transformada em um deserto, os israelitas seriam massacrados e escravizados, e o Templo seria arrasado, sem deixar pedra sobre pedra.

A TESTEMUNHA FIEL

A Testemunha da Nova Criação (10:1-7)

- 1 E vi outro Anjo forte descendo do céu, vestido de uma nuvem; e o arco-íris estava sobre Sua cabeça, e Seu rosto era como o sol, e Suas pernas como colunas de fogo;
- 2 e Ele tinha em Sua mão um pequeno livro que estava aberto. E Ele colocou Seu pé direito sobre o Mar e Seu esquerdo sobre a Terra;
- 3 e Ele bradou com forte voz, como quando um Leão ruge; e, quando ele bradou, os sete trovões proferiram suas vozes.
- 4 E quando os sete trovões falaram, eu estava prestes a escrever; e ouvi uma Voz do céu dizendo: Sele as coisas que os sete trovões disseram, e não as escreva.
- 5 E o Anjo que vi em pé sobre o Mar e sobre a Terra levantou a Sua destra ao céu,
- 6 e jurou por Aquele que vive para todo o sempre, que criou o céu e as coisas que nele há, e a terra e as coisas que nela há, e o mar e as coisas que nele há, que não haverá mais demora,
- 7 mas, nos dias da voz do sétimo anjo, quando estiver para tocar a trombeta, então se cumprirá o Mistério de Deus, como Ele pregou o Evangelho aos Seus servos, os profetas.

1 O Anjo forte não pode ser outro senão o próprio Jesus Cristo, o “Anjo do SENHOR” que apareceu no Antigo Testamento. Isso ficará claro o suficiente se a descrição deste Anjo for comparada com a de Cristo em 1:14-16, e de Deus em Seu trono em Ezequiel 1:25-28. Há, no entanto, outras indicações da identidade divina deste Anjo forte.

Primeiro, o Anjo é visto **vestido de uma nuvem** – uma expressão que deve lembrar a Nuvem de Glória. E, embora a Nuvem seja cheia de inúmeros anjos (Dt. 33:2; Sl. 68:17), há apenas Um que poderia ser descrito como estando **vestido** dela. Compare com Salmo 104:1-3 (ARA):

Bendize, ó minha alma, ao Senhor!
Senhor, Deus meu, como tu és magnificante:
sobrevestido de glória e majestade,
coberto de luz como de um manto.

Tu estendes o céu como uma cortina,
pões nas águas o vigamento da tua morada,
tomas as nuvens por teu carro
e voas nas asas do vento. [...]

A referência básica para isso, é claro, é o fato de que Deus estava de fato “vestido com a Nuvem” no Tabernáculo (cf. Ex. 40:34-38; Lv. 16:2). Isso não poderia ser dito de nenhum anjo criado. Estar vestido com a Nuvem é estar vestido com toda a corte do céu; são, de fato, os anjos criados que formam a Nuvem. Jesus Cristo está vestido do exército do céu (cf. Gn. 28:12; Jo. 1:51).

Segundo, o Anjo tinha **o arco-íris sobre Sua cabeça**. Já vimos o arco-íris em 4:3, ao redor do trono de Deus; e Ezequiel diz daquele que viu entronizado que havia “um resplendor ao redor dele. Como o aspecto do arco que aparece na nuvem no dia da chuva, assim era o aspecto do resplendor em redor. Este era o aspecto da semelhança da glória do SENHOR.” (Ez. 1:27-28, ACF).

Terceiro, o **rosto do Anjo era como o sol**. Isso se encaixa na descrição de Cristo em 1:16, e em Mateus 17:2, o relato da transfiguração de Cristo (cf. Ez. 1:4, 7, 27; At. 26:13; 2 Co. 4:6). Ele é “o Sol da justiça” (Ml. 4:2), “o sol nascente das alturas” (Lc. 1:78, ARA; cf. Sl. 84:11; 2 Pe. 1:16-19). Em particular, a imagem do sol e do nascer do sol – como já notamos com as palavras *dia* e *luz* – é frequentemente usada para descrever a glória de Deus resplandecendo em juízos (cf. Sl. 19:4-6; Ez. 43:2; Zc. 14:7; Ml. 4:1-3; Rm. 13:12); e a “labareda de fogo” do juízo é mencionado por Paulo como a “face” e a “glória” de Cristo (2 Ts. 1:7-9, ACF).¹ Isto é especialmente apropriado aqui, uma vez que Cristo veio a São João para anunciar a aniquilação de Jerusalém.

Quarto, **Suas pernas eram como colunas de fogo**. Isso se refere a algumas das imagens mais complexas de toda a Bíblia. Obviamente, a frase tem a intenção de nos lembrar da “coluna de fogo e de nuvem” – a Nuvem-Glória do Êxodo (Ex. 14:24). Como vimos, é o Senhor que “veste” a Nuvem (Dt. 31:15), e a Nuvem também é identificada como o Anjo do SENHOR (Ex. 32:34; 33:2; Nm. 20:16). Parece que o aspecto duplo da Nuvem (a fumaça e o fogo) representava simbolicamente as pernas de Deus. As-

¹ Cf. Meredith G. Kline, *Images of the Spirit* (Grand Rapids: Baker Book House, 1980), pp. 108, 121.

sim, o SENHOR *andava* diante do povo na Nuvem (Ex. 13:21-22; 14:19,24; 23:20, 23); Ele veio na Nuvem e *esteve* diante deles (Ex. 33:9-10; Nm. 12:5; Ag. 2:5). Em termos dessa imagem, a Noiva descreve as pernas do Noivo como “pilares” (Ct. 5:15). Também devemos notar que a natureza dupla do pilar, representando as pernas de Deus, foi incorporada à arquitetura do Templo (1 Rs. 7:15-22; 2 Cr. 3:15-17); assim, “a arca da aliança localizada abaixo da Glória entronizada é, por conseguinte, chamada de escabelo de Deus (Is. 60:13).”² O significado de tudo isso, e sua relação com a passagem como um todo, se tornará claro abaixo. No entanto, já vimos o bastante para demonstrar além de qualquer dúvida razoável que este Anjo **descendo do céu**, com o arco-íris sobre Sua cabeça e vestido de nuvens, é (ou representa) o Senhor Jesus Cristo.

2-3 O Anjo, segurando **um pequeno livro**,³ então **colocou Seu pé direito no Mar e Seu esquerdo na Terra**. H. B. Swete comenta: “A postura do Anjo denota tanto seu tamanho colossal quanto sua missão para o mundo: ‘mar e terra’ é uma fórmula do AT para a totalidade das coisas terrestres (Ex. 20:4,11; Sl. 69:34).”⁴ Nós podemos modificar este ponto com a observação de que na Bíblia, e especialmente no Livro do Apocalipse, “Mar e Terra” parecem representar as *nações gentias* contrastadas com a *Terra de Israel* (2 Sm. 22:4-5; Sl. 65:7-8; Is. 5:30; 17:12-13; 57:20; Jr. 6:23; Lc. 21:25; Ap. 13:1, 11). Assim, esta imagem contém um significado cósmico e mundial; mas seu sentido, como veremos mais adiante, está ligado ao fato de que Cristo está de pé sobre Israel e as nações (cf. v. 5-7).

E Ele bradou com forte Voz, como quando um Leão⁵ **ruge**; a essa altura, é claro, já estamos familiarizados com a grande Voz vinda da Nuvem; como Kline diz, a Voz “é caracteristicamente alta, impressionantemente alta. É comparada ao crescendo do oceano e da tempestade, ao

² Ibid., pg. 19; cf. 1Cr. 28:2; Sl. 99:5; 132:7. No Templo cósmico maior (“os céus e a terra”), a terra é chamada de escabelo de Deus (Is 66:1), e assim se diz que a terra tem colunas (1 Sm. 2:8; Jó 38:4-6; Sl. 75:3; 104:5; Is. 51:13, 16; 54:11), e bases para sustentar as colunas (Jó 38:6; a mesma palavra é usada para as bases das colunas no tabernáculo, em Nm. 3:36-37; 4:31-32).

³ O significado do pequeno pergaminho será discutido abaixo, em conexão com os v. 8-11.

⁴ Henry Barclay Swete, *Commentary on Revelation* (Grand Rapids: Kregel Publications, 3rd ed., [1911] 1977), pg. 127.

⁵ Aqui está mais uma identificação do Anjo com Cristo: Ele é o Leão que “conquistou a vitória para abrir o Livro” (Ap. 5:5).

rugido retumbante do terremoto. É o barulho da guerra, o soar das trombetas de alerta e o estrépito da batalha. É o trovão da carruagem da tempestade do Senhor guerreiro, vindo em juízos que convulsionam a criação e confundem os reis das nações.”⁶ Em resposta reverente à Sua Voz, **os sete trovões proferiram suas vozes**. Este trovão sétuplo é identificado com a Voz no Salmo 29, onde alguns de seus efeitos fenomenais são notados: Ela despedaça os cedros, abala nações inteiras com terremotos, dispara poderosos raios, abre as entranhas da terra, faz animais parirem e derruba árvores, desnudando florestas inteiras. Isso acrescenta uma dimensão à nossa compreensão da natureza da Voz que sai da Nuvem: Consiste na antífona celestial, na qual o coro angélico responde às declarações do Senhor Soberano.

4 Claro, todos querem saber: O que os sete trovões *disseram*? Uma quantidade espantosa de tinta acadêmica foi desperdiçada na solução deste problema. Mas, pelo menos nesta vida, nunca podemos saber a resposta. São João **estava prestes a escrever** o que os trovões falaram, quando ouviu **uma Voz do céu dizendo: Sele as coisas que os sete trovões disseram, e não as escreva**. A mensagem era destinada apenas aos ouvidos de São João. Não era destinada à Igreja em geral. Mas o que é importante aqui é que Deus queria que São João registrasse o fato de que ele não deveria revelar o que quer que os sete trovões dissessem. Deus queria que a Igreja soubesse que há algumas coisas (muitas coisas, na verdade) que Deus não tem intenção de nos contar de antemão.

Isso serve bem como uma repreensão à tendência da maioria dos sermões e comentários sobre este livro – a de uma busca curiosa sobre aquelas coisas que Deus não considerou adequado revelar. “As coisas secretas pertencem ao SENHOR nosso Deus; mas as coisas que são reveladas pertencem a nós e aos nossos filhos para sempre, para que nós possamos cumprir todas as palavras desta lei.” (Dt. 29:29). Em outras palavras, “O homem recebeu a lei, que ele deve obedecer. Foi-lhe dito quais são as consequências da obediência e da desobediência. Mais do que isso, o homem não precisa saber.”⁷ R. J. Rushdoony escreve: “O homem é mais frequentemente movido pela curiosidade do que pela obediência.

⁶ Kline, pg. 101.

⁷ R. J. Rushdoony, *Salvation and Godly Rule* (Vallecito, CA: Ross House Books, 1983), pg. 388.

[...] Para cada pergunta que um pastor recebe sobre os detalhes da lei de Deus, ele normalmente recebe várias que expressam pouco mais do que uma curiosidade sobre Deus, a vida por vir e outras coisas que são aspectos das ‘coisas secretas que pertencem a Deus’ [...] Em oposição à curiosidade e à investigação sobre ‘coisas secretas’, somos claramente ordenados a obedecer à lei de Deus e a reconhecer que a lei nos dá um conhecimento legítimo do futuro.”⁸

No capítulo final do livro, São João é ordenado: “*Não sele* as palavras da profecia deste livro, pois o tempo está próximo” (22:10); a mensagem do Livro do Apocalipse como um todo é contemporânea por natureza, referindo-se a eventos prestes a acontecer. Em contraste, no entanto, a mensagem dos Sete Trovões nos aponta para um futuro muito distante: Daniel foi instruído a “fecha[r] as palavras e sela[r] o livro, até o tempo do fim” (Dn. 12:4), pela razão de que o tempo de seu cumprimento *não* estava próximo. Similarmente, quando São João é instruído a *selar* as palavras ditas pelos Trovões, é outra indicação de que o propósito do Apocalipse não é “futurístico”; a profecia se refere ao tempo do estabelecimento da Nova Aliança, e aponta além de si mesma para um “tempo do fim” que ainda estava muito distante para São João e seus leitores. Somos, portanto, ensinados duas coisas: primeiro, o Livro do Apocalipse é uma profecia contemporânea, que diz respeito quase inteiramente aos eventos redentivos-escatológicos do primeiro século; segundo, os eventos do primeiro século não foram exaustivos da escatologia. Ao contrário das teorias daqueles intérpretes que se autodenominariam “preteristas consistentes”, a Queda de Jerusalém não constituiu a Segunda Vinda de Cristo, o fim do mundo e a ressurreição final. Há mais por vir.⁹

5-7 São João agora nos mostra o propósito de Cristo em revelar-se desta forma: O Anjo **levantou a Sua destra ao céu** (a postura adequada para uma testemunha em um tribunal: Gn. 14:22; Ex. 6:8; Dt. 32:40; Ez. 20:5-6; Dn. 12:7) **e fez** um juramento. Alguns comentaristas tomaram esse

⁸ Ibid.

⁹ Veja, por exemplo, Max R. King, *The Spirit of Prophecy* (n.p., 1971). Embora a obra de King tenha muito valor para o estudante munido de discernimento, sua tese final – de que não há uma futura Vinda de Cristo ou Juízo Final – é herética. O cristianismo histórico e ortodoxo em todos os lugares, com uma só voz, sempre ensinou que Cristo “virá novamente, com glória, para julgar os vivos e os mortos” (*Credo Niceno*). Este é um artigo não negociável da fé cristã. Cf. David Chilton, *Paraíso Restaurado* (Monergismo, 2024), pp. 154-164.

fato como base para sustentar que esse anjo *não* é Cristo, aparentemente considerando o juramento como algo abaixo de sua dignidade ou fora do caráter. Poder-se-ia perguntar, em resposta, sobre a solidez das visões desses comentaristas a respeito das doutrinas da Trindade e da divindade de Cristo. Pois, certamente, o Senhor Deus faz juramentos por toda a Sagrada Escritura (cf. Gn. 22:16; Is. 45:23; Jr. 49:13; Am. 6:8), e de fato nossa salvação é baseada na fidelidade de Deus ao Seu juramento pactual, o fundamento da segurança e esperança do cristão (Hb. 6:13-20).

Devemos observar cuidadosamente que Cristo é apresentado aqui na posição de uma *testemunha*, como São João já nos informou em duas ocasiões (1:5; 3:14). Este é o ponto em que os vários detalhes da visão convergem. Notamos um pouco do significado de Suas pernas aparecendo como colunas de fogo (v. 1), e isso deve ser desenvolvido mais a fundo. Pois, em primeiro lugar, pilares são usados no simbolismo e ritual bíblico como *testemunhas* (cf. Gn. 31:45, 52; Dt. 27:1-8; Js. 8:30-35; 22:26-28, 34; 24:26-27). Similarmente, as duas tábuas de pedra contendo os Dez Mandamentos serviram como testemunhas (Dt. 31:26), documentos legais de testemunho das estipulações do pacto. Assim, a lei é chamada de *Testemunho* (Ex. 16:34; 25:16, 21-22; 32:15; 34:29; Lv. 16:13; 24:3; Nm. 1:50, 53; 4:5; Js. 4:16; 2 Rs. 11:12).¹⁰ Quando Deus se fez presente na coluna dupla de nuvem/fogo diante de Israel na “tenda do testemunho” (Nm. 9:15; 10:11), Ele estava se identificando como a Testemunha da Aliança (cf. 1 Sm. 12:5; Jr. 29:23; 42:5; Mq. 1:2; Ml. 2:14).

O Anjo-Testemunha jura **que não haverá¹¹ mais demora, mas, nos dias da voz do sétimo anjo, quando ele estiver para a tocar a trombeta, então se cumprirá o Mistério de Deus.** A palavra Mistério não significa algo “misterioso” em nosso sentido moderno, mas sim “algo antes oculto e agora revelado”.¹² É *revelação*: conhecimento que Deus antes reteve, mas que agora “tem sido revelado aos seus santos apóstolos e profetas

¹⁰ Meredith G. Kline, *The Structure of Biblical Authority* (Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Co., 1975), pp. 113-30. A lei exigia duas testemunhas (Dt. 17:6; 19:15) e, como observamos na Introdução, as duas tábuas eram cópias duplicadas da aliança.

¹¹ “O sentido aqui não é uma abolição do tempo e sua substituição pela atemporalidade, mas de ‘não haver mais tempo’ desde as palavras do anjo até a conclusão do propósito divino.” James Barr, *Biblical Words for Time* (Naperville, IL: Alec R. Allenson Inc., rev. ed. 1969), pg. 80.

¹² F. F. Bruce, *Commentary on the Epistle to the Colossians* (Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Co., 1957), pg. 218.

pelo Espírito” (Ef. 3:5), um mistério “que esteve oculto desde todos os séculos e gerações, mas agora, é manifesto aos seus santos” (Cl. 1:26). Este “Mistério” é um aspecto importante das cartas aos Efésios e Colossenses: *a união de judeus e gentios crentes numa única Igreja, sem distinção*; “que os gentios são coerdeiros, e de um mesmo corpo, e participantes da sua promessa em Cristo pelo evangelho” (Ef. 3:6). Os gentios, que eram forasteiros e estrangeiros à comunidade de Israel e às promessas da aliança, são agora, por meio da obra de Cristo, filhos plenos de Abraão, herdeiros da Aliança, em posição igual e indistinguível com os judeus crentes (Ef. 2:11-22; Gl. 3). Eles formam um “novo homem”, uma Igreja, um Corpo de Cristo, dentro de uma única Nova Aliança. E este único Reino pactual, o cumprimento das promessas do Antigo Testamento, terá domínio universal: todas as nações agora fluirão ao Monte do Senhor, à medida que os reinos do mundo se tornarem o único Reino de Cristo (11:15). O **Mistério de Deus**, a universalização do Reino de Deus, **se cumprirá – como Ele pregou o Evangelho**¹³ aos Seus servos, os profetas. O Mistério é simplesmente a revelação da mensagem do Evangelho.

É por isso que o Anjo se coloca como testemunha **no Mar e na Terra** (cf. v. 2), um fato que é repetido para ênfase no versículo 5. O Anjo faz o juramento com Suas pernas-pilares plantadas em Israel e nas nações, proclamando a Nova Aliança que unirá os dois em uma nova nação em Cristo. Além disso, Ele jura *em nome do Criador*: **por Aquele que vive para todo o sempre, que criou o céu e as coisas que nele há, e a terra e as coisas que nela há, e o mar e as coisas que nele há** (cf. Ex. 20:11; Sl. 146:6; Ne. 9:6). O Anjo jura dessa maneira porque Ele está se colocando como Testemunha divina da Nova Criação. Os detalhes da passagem nos lembram de dois outros eventos de “Nova Criação”: a aliança com Noé (o arco-íris) e a aliança no Sinai (a coluna de fogo). Ambos lembraram como “o Espírito no princípio cobriu a criação como uma testemunha divina da Aliança da Criação, como um sinal de que a criação existia sob a égide de seu senhorio pactual. Aqui está o pano de fundo para o uso posterior do arco-íris como um sinal da aliança de Deus com a terra.”¹⁴ “Na ratificação da antiga aliança no Sinai, esta forma de teofania em coluna de nuvem representou Deus se posicionando como testemunha de sua aliança com Is-

¹³ “Pregou o Evangelho”, em vez de “declarou” ou “pregou”, é a tradução literal do texto grego [V. tb. tradução desta passagem na LTT – N.R.].

¹⁴ Kline, *Images of the Spirit*, pp. 19f

rael. Mais uma vez na ratificação da nova aliança no Pentecostes, foi Deus-Espírito Santo, aparecendo em fenômenos que devem ser compreendidos como uma versão do Novo Testamento do fogo da Glória, que forneceu o testemunho divino confirmatório”¹⁵

Assim, vimos várias ideias bíblicas se unindo neste ponto para formar um padrão consistente: *aliança, juramento, criação, testemunho e testemunha*. O Espírito, aparecendo como a coluna de fogo e de nuvem original, estava presente na criação original e, então, nos eventos de recriação posteriores na história da redenção: o Dilúvio, o Êxodo, a construção do Tabernáculo e do Templo e o Dia de Pentecostes. A vinda do Espírito no Pentecostes foi profeticamente descrita por Joel em termos da Nuvem de Glória: “Mostrarei maravilhas no céu e na terra, sangue e fogo, e pilares de fumaça.” (Jl. 2:30); e o apóstolo Pedro, citando a declaração de Joel, declarou que o evento de Pentecostes foi o cumprimento da antiga profecia (At. 2:16-21).¹⁶

Os vários eventos de criação, portanto, interpretam e são reinterpretados uns pelos outros. O fato de que as alianças foram estabelecidas em termos da criação mostra que elas são recriações provisórias que apontam para a Nova Criação final em Cristo (2 Co. 5:17; Ef. 4:24). E o fato de os relatos da criação usarem linguagem e cenários pactuais (pilar-testemunha, juramento e testemunho) mostra que ela foi uma aliança (ou seja, se as *alianças* são *recriações*, então a *criação* foi uma *aliança*).¹⁷

Outro motivo comum à criação e à aliança é a forma sabática na qual ambas são estruturadas.¹⁸ O livro inteiro do Apocalipse é, como observamos anteriormente, estruturado em setes, revelando sua natureza como um registro de um processo de estabelecimento de alianças; e aqui vemos “o Mistério de Deus” declarado como sendo cumprido com o soar da Sétima Trombeta. O Sábado “é um dia de ação divina caracterizado pelo juízo divino com a dissipação das trevas pela luz da glória teofânica, é um dia de criação do céu e da terra e da consumação de um templo de Deus

¹⁵ Meredith G. Kline, *Kingdom Prologue*, Volume I (apostila publicada privadamente, 1981), p. 28. Kline também ressalta (pp. 5f.) que as palavras *juramento* e *aliança* são frequentemente usadas de forma intercambiável (cf. Dt. 29:12; Ez. 16:8).

¹⁶ Nenhuma outra construção pode ser legitimamente posta sobre as palavras do apóstolo. A vinda do Espírito foi o cumprimento de Joel 2:28-32. “Os Últimos Dias” tinham *chegado*. Veja Chilton, *Paraíso Restaurado*, pp. 129-135.

¹⁷ Veja Kline, *Kingdom Prologue*, Vol. I, pp. 33f

¹⁸ *Ibid.*, pg. 33.

feito à semelhança da Glória, é um dia de revelação da glória soberana do Senhor da aliança. Tomados em conjunto, os sete dias são a plenitude do tempo da criação, a plenitude sétupla do dia do Senhor. Na recriação redentiva, o dia do Senhor, em que as coisas antigas passam e tudo é feito novo, é novamente uma plenitude do tempo, em que, como Paulo declara, todo o mistério de Deus finalmente chega à realização escatológica” (ver Gl. 4:4; Ef. 1:9-10; cf. Mt. 13:11-17; Mc. 1:15; Cl. 1:15-20; Ap. 10:7).¹⁹

Apocalipse 10 serve, portanto, para nos introduzir ao primeiro grande clímax da profecia: o anúncio da destruição de Jerusalém. E, através do uso de imagens bíblicas com múltiplas camadas, ele declara que a queda de Jerusalém é um aspecto inescapável do evento de estabelecimento de Aliança grande e final. O toque de trombeta do sétimo anjo será o sinal irrefutável de que a prometida Nova Criação, a Nova Aliança, é um fato cumprido. O grande Mistério de Deus – a conclusão e o preenchimento de Seu novo e final Templo – terá sido revelado ao mundo (11:15-19).

O Livro Agridoce (10:8-11)

- 8 E a Voz que eu tinha ouvido do céu, ouvi novamente falar comigo, dizendo: Vai, toma o livro que está aberto na mão do Anjo que está em pé sobre o Mar e sobre a Terra.
- 9 E eu fui até o Anjo, dizendo-Lhe para me dar o livrinho. E Ele me disse: Toma-o, e come-o; e ele fará seu estômago amargo, mas em sua boca será doce como mel.
- 10 E eu tomei o livrinho da mão do Anjo e o comi, e foi em minha boca doce como mel; e, quando eu o comi, meu estômago ficou amargo.
- 11 E me disseram: Você deve profetizar novamente a respeito de muitos povos, e nações, e línguas e reis.

8-10 As instruções para **pegar** e **comer** o livro que o Anjo segura são baseadas em um incidente semelhante na vida de Ezequiel, que foi ordenado a comer um rolo simbolizando a denúncia profética da “casa rebelde” de Israel (2:8-10; 3:1-3). Esta referência nos permite identificar o livro dado a São João como sua comissão, com base na Nova Aliança, para

¹⁹ Kline, *Images of the Spirit*, pp. 114f.

profetizar “lamentos, e lutos, e ais” contra o Israel apóstata. Assim, O livro é, essencialmente, o próprio Livro do Apocalipse. Assim como com Ezequiel, a Ação Judicial do Pacto era **doce como mel** para São João (cf. Ez. 3:3), mas **seu estômago ficou amargo** (cf. Ez. 3:14). Isso não deve ser difícil de entender. São João foi chamado para profetizar sobre a vitória da Igreja e do reino de Deus. Um corolário necessário para o triunfo dos justos é a destruição dos ímpios. O padrão se mantém em toda a Escritura na história da salvação: os mesmos juízos que nos libertam também destroem os inimigos de Deus. “Salvação e juízo são dois aspectos do mesmo evento.”²⁰ O antigo Israel se afastara do Deus verdadeiro para adorar ídolos e demônios; a nação se tornara uma prostituta e uma perseguidora dos santos, e deveria ser destruída. E, embora São João pudesse se alegrar com a vitória da Igreja sobre seus inimigos, ainda seria uma experiência dolorosa ver a cidade outrora sagrada reduzida a ruínas, o Templo derrubado e queimado até as cinzas, e centenas de milhares de seus parentes e compatriotas famintos e torturados, assassinados ou vendidos como escravos. Todos os profetas experimentaram essa mesma angústia emocional – que geralmente não envolvia uma rebelião contra seu chamado (Jonas é uma exceção notável), mas sim um reconhecimento profundamente enraizado da natureza de dois gumes da profecia, do fato de que o mesmo “Dia do Senhor” traria bênçãos imensuráveis e infortúnios indescritíveis (cf. Am. 5:18-20). Deve-se notar ainda, no entanto, que um imenso abismo separa os profetas de muitos de seus intérpretes em nossos dias. Pois, enquanto os teólogos modernos ostentam uma atitude chorosa sobre os sofrimentos da “humanidade” em geral, ou no abstrato, os profetas não sofreram de tais impulsos humanitários.²¹ Os profetas lamentaram os filhos desobedientes da Aliança. A amargura que São João experimentará não é sobre o destino do Império Romano. Ele lamenta por Israel, considerado o povo da Aliança. Eles estão prestes a ser deserddados e executados, para nunca mais serem restaurados como a nação da Aliança.²² O divórcio do antigo

²⁰ Veja R. J. Rushdoony, *Salvation and Godly Rule*, pp. 19ff., 140f.

²¹ Para uma análise incisiva do humanitarismo, veja Herbert Schlossberg, *Idols for Destruction: Christian Faith and Its Confrontation with American Society* (Nashville: Thomas Nelson Publishers, 1983), pp. 39-87.

²² Que Israel um dia se arrependerá e se voltará para Cristo é, para mim, indiscutível (Rm. 11; cf. Chilton, *Paraíso Restaurado*, pp. 139-145). Isso não está em questão aqui. No entanto, permanece o fato de que, para serem restaurados à Aliança, os judeus devem se unir à Igreja de Jesus Cristo junto com todos os outros povos. Israel nunca terá uma identidade pactual distinta da Igreja. Para discussões mais aprofundadas sobre o papel de

Israel é necessário no plano de redenção de Deus, e São João tanto o recebe de bom grado, quanto o proclama com vigorosa alegria. No entanto, há tristeza legítima pelas ovelhas perdidas da casa de Israel.

11 No contexto do Antigo Testamento do Livro do Apocalipse, o Anjo do Senhor é identificado como o Profeta original (cf. Ex. 23:20-23; Dt. 18:15-19).²³ Como tal, Ele levantou e comissionou outros profetas à Sua imagem, reproduzindo-Se neles (Ex. 3:2ff.; 33:14; 34:5ff.; 29-35; 2 Rs. 1:3, 15; 1 Cr. 21:18). Por esta razão, os profetas são frequentemente chamados de **anjos** (mensageiros), expressando sua recriação à imagem do Profeta-Anjo divino (2 Cr. 36:15-16; Ag. 1:13; Ml. 3:1).²⁴ O mesmo padrão é continuado aqui: o Anjo-Profeta, que proclama Sua mensagem enquanto está de pé sobre a terra habitada, comissiona São João a **profetizar novamente sobre muitos povos, e nações, e línguas e reis**. A profecia de São João sobre a destruição de Israel e o estabelecimento da Nova Aliança abrangerá as nações do mundo. Cristo anunciou o Evangelho, a mensagem do domínio universal do Reino, a “Seus servos, os profetas” (v. 7), e agora Seu servo João deve estender a proclamação desse Evangelho a todas as nações. Cristo redimiu homens de todas as nações (7:9). O poderoso Império Romano em si é, em última instância, um instrumento da vontade de Deus (17:16-17), para, no fim, ser esmagado e jogado fora quando sua utilidade tiver cessado (19:17-21; cf. Dn. 2:44). “Os reinos do mundo são apenas o andaime para o templo espiritual de Deus, a serem derrubados quando seu propósito for cumprido.”²⁵

Israel na profecia, veja (em níveis ascendentes de complexidade) Iain Murray, *The Puritan Hope: Revival and the Interpretation of Prophecy* (Edinburgh: The Banner of Truth Trust, 1971); John Murray, *The Epistle to the Romans*, 2 vols. (Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Co., [1959, 1965] 1968), Vol. 2, pp. 65-108; Willem A. VanGemeren, “Israel as the Hermeneutical Crux in the Interpretation of Prophecy” (I), *Westminster Theological Journal* 45 (1983), pp. 132-44; idem, “Israel as the Hermeneutical Crux in the Interpretation of Prophecy” (II) *Westminster Theological Journal* 46 (1984), pp. 254-297

²³ Veja a discussão de Kline sobre isso em *Images of the Spirit*, pp. 75-81, 91-95.

²⁴ Ibid., pp. 57ff.

²⁵ Thomas V. Moore, *A Commentary on Haggai and Malachi* (London: The Banner of Truth Trust, [1856] 1968), pg. 80.

11

O FIM DO PRINCÍPIO

As Duas Testemunhas Contra Jerusalém (11:1-14)

- 1 E foi-me dado um caniço semelhante a uma vara; e me foi dito: Levanta-te e mede o Templo de Deus, e o altar, e os que nele adoram.
- 2 E lança fora o pátio que está fora do Templo, e não o meças; pois foi dado às nações; e elas pisarão a Cidade Santa por quarenta e dois meses.
- 3 E darei autoridade às Minhas duas Testemunhas, e elas profetizarão por mil duzentos e sessenta dias, vestidas de pano de saco.
- 4 Estas são as duas oliveiras e os dois candelabros que estão diante do Senhor da terra.
- 5 E se alguém quiser lhes fazer mal, fogo sai da sua boca e devora os seus inimigos; e se alguém quiser lhes fazer mal, desta maneira deve ser morto.
- 6 Estes têm o poder de fechar o céu, para que não caia chuva durante os dias da sua profecia; e têm poder sobre as águas para transformá-las em sangue, e para ferir a terra com toda praga, quantas vezes desejarem.
- 7 E, quando terminarem seu testemunho, a Besta que sobe do Abismo guerreará contra eles, e os vencerá, e os matará.
- 8 E seus corpos mortos jazerão na rua da Grande Cidade que Espiritualmente é chamada Sodoma e Egito, onde também seu Senhor foi crucificado.
- 9 E aqueles dentre os povos, e tribos, e línguas e nações olharão para seus corpos mortos por três dias e meio, e não permitirão que seus corpos mortos sejam sepultados.
- 10 E aqueles que habitam na Terra se regozijarão sobre eles e se alegrarão; e enviarão presentes uns aos outros, porque esses dois profetas atormentaram aqueles que habitam na Terra.
- 11 E, depois dos três dias e meio, o sopro de vida da parte de Deus entrou neles, e eles se puseram de pé; e grande temor caiu sobre aqueles que os viram.
- 12 E eles ouviram uma forte voz do céu dizendo-lhes: Subi aqui. E eles subiram ao céu na Nuvem, e seus inimigos os viram.

- 13 E naquele Dia houve um grande terremoto, e um décimo da Cidade caiu; e sete mil pessoas foram mortas no terremoto, e o restante ficou aterrorizado e deu glória ao Deus do céu.
- 14 O Segundo Ai passou; eis que Terceiro Ai vem rapidamente.

1-2 São João é ordenado a **medir o Templo de Deus** (literalmente, o **santuário interno** do Templo, o **lugar santo**), e o **altar, e os que nele adoram**. A imagem é tirada de Ez. 40-43, onde o sacerdote angélico mede o Templo ideal, o povo da Nova Aliança de Deus, a Igreja (cf. Mc. 14:58; Jo. 2:19; 1 Co. 3:16; Ef. 2:19-22; 1 Tm. 3:15; Hb. 3:6; 1 Pe. 2:5; Ap. 3:12). R. J. McKelvey explica como a ideia do Templo é interpretada na Carta aos Hebreus: “De acordo com o escritor aos Hebreus, o santuário no céu é o padrão (*typos*), ou seja, o original (cf. Ex. 25:8f.), e o que está na terra usado pelos judeus é uma ‘cópia e sombra’ (Hb. 8:5, RSV). O santuário celestial é, portanto, o verdadeiro santuário (Hb. 9:24). Ele pertence ao povo da nova aliança (Hb. 6:19-20). Além disso, o fato de Cristo, nosso Sumo Sacerdote, estar neste santuário significa que nós, embora ainda na terra, já participamos de sua adoração (10:19ff., 12:22ff.). O que é este Templo? O escritor fornece uma pista quando diz que o santuário celestial foi purificado (9:23), ou seja, tornado adequado para uso (cf. Nm. 7:1). A assembleia dos primogênitos (Hb 12:23), ou seja, a Igreja triunfante, é o Templo celestial.”¹

O fato de que este também seja o significado intencionado por São João deve ficar claro pelo que já vimos, pois grande parte da ação neste livro ocorreu ou se originou do santuário interno. Além disso, aqueles que adoram no altar de incenso no Lugar Santo são *sacerdotes* (Ex. 28:43; 29:44): São João nos disse que somos um reino de sacerdotes (1:6; 5:10; cf. Mt. 27:51; Hb. 10:19-20), e ele nos mostrou o povo de Deus oferecendo suas orações no altar de incenso (5:8; 6:9-10; 8:3-4).

São João deve **medir** o pátio interno, a Igreja, mas deve **lançar fora o pátio que está fora do Templo**, e é especificamente ordenado: **Não o meças**. Medir é uma ação simbólica usada nas Escrituras para “dividir entre o santo e o profano” e, assim, indicar proteção divina contra a destruição (ver Ez. 22:26; 40-43; Zc. 2:1-5; cf. Jr. 10:16; 51:19; Ap. 21:15-16). “Ao longo das Escrituras, os sacerdotes são aqueles que medem as dimensões

¹ R. J. McKelvey, “Temple”, in J. D. Douglas, ed., *The New Bible Dictionary* (William B. Eerdmans Publishing Co., [1962] 1965), pg. 1249.

do templo de Deus, sendo o homem com a vara de medição de Ezequiel 40ff. apenas o exemplo mais proeminente. Tal medição, assim como a ação de dar testemunho, envolve *ver*, e é a pré-condição para *julgar*, como vimos nas ações pactuais de Deus em Gênesis 1. O aspecto sacerdotal de medir e testemunhar pode ser visto no fato de que se correlaciona com guardar, porque define e estabelece limites, e dá testemunho sobre se esses limites foram observados ou não. Podemos dizer que a função real tem a ver com encher, e a sacerdotal com separar, a primeira com cultivo e a última com ciúme, propriedade e proteção.”²

Entre o Sexto e o Sétimo Selos, os 144.000 santos do Verdadeiro Israel foram protegidos do julgamento vindouro (7:1-8). Essa ação é paralela aqui à medição feita por São João do pátio interno entre a sexta e a sétima Trombetas, agora protegendo o Verdadeiro Templo do derramamento da ira de Deus. O pátio externo (o “pátio dos gentios”) representa, portanto, o Israel apóstata (cf. Is. 1:12), que deve ser cortado do número do povo fiel da Aliança, a morada de Deus. São João, como um sacerdote da Nova Aliança investido de autoridade, é ordenado a **lançar fora** (excomungar) os descrentes. Este verbo (*ekballō*) é geralmente usado nos Evangelhos para a expulsão de espíritos malignos (cf. Mc. 1:34, 39; 3:15; 6:13); também é usado para a expulsão dos cambistas do Templo por Cristo (Mt. 21:12; Mc. 11:15; Jo. 2:15). Jesus advertiu que o Israel descrente como um todo seria expulso da Igreja, enquanto os gentios crentes fluiriam para o Reino e receberiam as bênçãos prometidas à Semente de Abraão:

Esforçai-vos para entrar pela porta estreita; porque eu vos digo que muitos procurarão entrar, e não serão capazes. E uma vez que o dono da casa tiver levantado e fechado a porta, e vós começardes, de fora, a bater à porta, dizendo: Senhor, Senhor, abre-nos; ele respondendo, vos dirá: Eu não sei de onde vós sois;

Então, começareis a dizer: Nós comemos e bebemos na tua presença, e tu ensinaste nas nossas ruas.

Mas ele vos responderá: Digo-vos que eu não sei de onde vós sois; apartai-vos de mim, todos vós trabalhadores da iniquidade.

Ali haverá choro e ranger de dentes, quando virdes Abraão, e Isaque, e Jacó, e todos os profetas no reino de Deus, e vós lançados

² James B. Jordan, “Rebellion, Tyranny, and Dominion in the Book of Genesis”, em Gary North, ed., *Tactics of Christian Resistance*, Christianity and Civilization No.3 (Tyler, TX: Geneva Ministries, 1983), pg. 42.

fora [*ekballō*]. E eles virão do oriente, e do ocidente, e do norte, e do sul e assentar-se-ão no reino de Deus. (Lc. 13:24-29; cf. Mt. 8:11-12)

O Israel incrédulo foi excluído da medição protetora, **pois foi dado às nações; e elas pisarão a Cidade Santa por quarenta e dois meses.** (veja Lc. 21:24). Deus garante Sua proteção à Igreja, mas Jerusalém foi entregue à destruição. **Quarenta e dois meses** (que equivalem a *1.260 dias e três anos e meio*) são tirados de Daniel 7:25, onde simboliza um período limitado, durante o qual os ímpios triunfam; também fala de um período de ira e julgamento devido à apostasia, um lembrete dos três anos e meio de seca entre a primeira aparição de Elias e a derrota de Baal no Monte Carmelo (1 Rs. 17-18; cf. Tg. 5:17). Enquanto *sete* é usado para representar totalidade e completude, *três e meio* parece ser um *sete quebrado*: tristeza, morte e destruição (cf. Dn. 9:24; 12:7; Ap. 12:6, 14; 13:5). Os períodos de tempo mencionados na seção Trombetas estão dispostos quiasticamente, outra indicação de sua natureza simbólica:

- A. 11:2 – quarenta e dois meses
- B. 11:3 – mil e duzentos e sessenta dias
- C. 11:9 – três dias e meio
- C. 11:11 – três dias e meio
- B. 12:6 – mil e duzentos e sessenta dias
- A. 13:5 – quarenta e dois meses

Esse tipo de imagem é usado em toda a Bíblia.³ Em seu Evangelho, São Mateus deliberadamente se esforça para chamar nossa atenção para o número **quarenta e dois**, organizando sua lista de ancestrais de Cristo para que se chegue a esse número: “Portanto, todas as gerações, desde Abraão até Davi, são catorze gerações; e desde Davi até a deportação para a Babilônia, são catorze gerações; e desde a deportação da Babilônia até

³ Por exemplo, foi dito a Daniel: “E do tempo em que o sacrifício diário for retirado e a abominação da desolação estabelecida, haverá mil duzentos e noventa dias. Bendito é aquele que espera e chega aos mil trezentos e cinco, e trinta dias.” (Dn. 12:11-12). Esses números são baseados no período de 430 anos de opressão no Egito (Ex. 12:40) e os 45 anos desde o fim da escravidão até a conquista da Terra (Js. 14:6-10); os símbolos indicam que o próximo período de opressão, comparado ao do Egito, será breve (*dias* em vez de *anos*), mas *três vezes* mais intenso (3 x 430 = 1.290). Aqueles que perseverarem na fé, no entanto, alcançarão o 1.335º dia de vitória e domínio.

Cristo, são catorze gerações.” (Mt. 1:17)⁴ – com a soma resultando quarenta e dois, o número de espera entre a promessa e o cumprimento, da escravidão à redenção. Mas agora, no Apocalipse, o tempo foi encurtado: a Igreja não precisa mais esperar quarenta e duas gerações, mas apenas **quarenta e dois meses**. A mensagem desses versículos, portanto, é que a Igreja será salva através da vindoura Tribulação, durante a qual Jerusalém será destruída por uma invasão de gentios. O fim deste período significará o estabelecimento pleno do Reino. A passagem, portanto, é paralela ao Discurso do Monte das Oliveiras (Mt. 24, Mc. 13, Lc. 21), onde Jesus profetiza a destruição de Jerusalém, culminando na invasão romana de 70 d.C.⁵

3-4 Mas antes que Jerusalém seja destruída, São João ouve mais testemunhos de sua culpa, um resumo da história apóstata da Cidade, com foco em sua perseguição perene aos profetas. Deus diz a São João que Ele ordenou **duas Testemunhas a profetizarem por mil duzentos e sessenta dias**, o número de dias em quarenta e dois meses idealizados (de trinta dias cada). Este número, portanto, está relacionado (mas não é idêntico) aos quarenta e dois meses, e continua a expressar o simbolismo de ‘quarenta e dois’ essencial do período que precede o estabelecimento pleno do Reino.⁶ As Testemunhas estão **vestidas de pano de saco**, a vestimenta tradicional dos profetas de Elias até João Batista, simbolizando seu la-

⁴ São Mateus provavelmente escolheu dividir a genealogia em três grupos de quatorze para destacar o nome de Davi, que tem um valor numérico de 14 em hebraico. Davi é a figura central na genealogia de Cristo, e Cristo é apresentado em toda a Escritura como o Davi maior (cf. At. 2:25-36). Para chegar a esse arranjo simétrico, no entanto, São Mateus deixa de fora três gerações entre Jorão e Uzias no v. 8 (Acázias, Joás e Amazias; cf. 2 Rs. 8:25; 11:21; 14:1), e conta Jeconias duas vezes nos v. 11-12. São Mateus não era estúpido: ele sabia adicionar números corretamente (ele fora um cobrador de impostos!); além disso, ele sabia que as genealogias reais estavam disponíveis para seus leitores. Mas ele escreveu seu Evangelho para fornecer uma cristologia, não uma cronologia. Sua lista foi escrita para expor o simbolismo de ‘quarenta e dois’ do período que antecedeu o advento de Cristo, e o simbolismo de ‘quatorze’ do próprio Cristo – tudo revelando o Salvador como “o filho de Davi, o filho de Abraão” (1:1).

⁵ Curiosamente, o cerco romano de Jerusalém sob Vespasiano e Tito durou literalmente três anos e meio, de 67 a 70. Mas o ponto principal do termo é seu significado simbólico, que é baseado em seu uso nos profetas. Como em muitos outros casos, Deus obviamente causou os eventos históricos de uma maneira que se harmonizasse com o simbolismo bíblico que Ele criou.

⁶ Para alguns aspectos interessantes do número 1.260 e sua relação com o número da Besta (666), veja os comentários em 13:18.

mento pela apostasia nacional (2 Rs. 1:8; Is. 20:2; Jn. 3:6; Zc. 13:4; Mt. 3:4; Mc. 1:6). A lei bíblica exigia duas testemunhas (Nm. 35:30; Dt. 17:6; 19:15; Mt. 18:16; cf. Ex. 7:15-25; 8-11; Lc. 10:1); a ideia é um tema penetrante em toda a profecia e simbolismo bíblico. Uma conclusão preliminar sobre as duas Testemunhas, portanto, é que elas representam a linhagem de profetas, culminando em João Batista, que deu testemunho contra Jerusalém durante a história de Israel.

As duas Testemunhas são identificadas como **as duas oliveiras e os dois candelabros que estão diante do Senhor da terra**. Neste ponto, a imagem se torna muito mais complexa. São João retorna novamente à profecia de Zacarias sobre o candelabro (Zc. 4:1-5; cf. Ap. 1:4, 13, 20; 4:5). As sete lâmpadas no candelabro estão conectadas a duas oliveiras (cf. Sl. 52:8; Jr. 11:16), das quais flui um suprimento incessante de óleo, simbolizando a obra de enchimento e fortalecimento do Espírito Santo nos líderes do Seu povo pactual. O significado do símbolo é resumido em Zacarias 4:6: “Não por força, nem por poder, mas pelo meu Espírito, diz o SENHOR dos Exércitos.” A mesma passagem em Zacarias também fala de duas Testemunhas, dois *filhos do óleo* (“ungidos”), que lideram o povo de Deus: Josué, o sacerdote, e Zorobabel, o *rei* (Zc. 3-4; cf. Ed. 3, 5-6; Ag. 1-2). Em resumo, então, Zacarias nos fala de um complexo de oliveira/candelabro representando os oficiais da aliança: duas figuras de Testemunhas que pertencem à casa real e ao sacerdócio. O Livro de Apocalipse conecta tudo isso abertamente, falando de dois candelabros brilhantes que são duas oliveiras cheias de óleo, que também são duas Testemunhas, um rei e um sacerdote – todos representando o testemunho profético e inspirado pelo Espírito Santo do Reino de sacerdotes (Ex. 19:6). (Um aspecto importante da mensagem de São João, como vimos, é que a Igreja da Nova Aliança entra na herança plena das promessas como o verdadeiro Reino dos sacerdotes, o sacerdócio real no qual “todo o povo do SENHOR é profeta.”) O fato de que essas Testemunhas são membros da Antiga Aliança, em vez da Nova, é mostrado, entre outras indicações, pelo uso do pano de saco – a vestimenta característica da privação da Antiga Aliança em vez da plenitude da Nova Aliança.

5-6 São João agora fala das duas Testemunhas em termos das duas grandes testemunhas do Antigo Testamento, Moisés e Elias – a Lei e os Profetas. **Se alguém quiser lhes fazer mal, fogo sai da sua boca e devora os seus inimigos.** Em Números 16:35, fogo desceu do céu de acordo

com palavra de Moisés e consumiu os falsos adoradores que se rebelaram contra ele; e, similarmente, fogo caiu do céu e consumiu os inimigos de Elias quando ele assim falou (2 Rs. 1:9-12). Isso se torna um símbolo padrão para o poder da Palavra profética, como se fogo realmente procedesse das bocas das Testemunhas de Deus. Como o Senhor disse a Jeremias: “Eis que farei que minhas palavras em tua boca sejam em fogo, e a este povo, em madeira, e eles serão devorados” (Jr. 5:14).

Expandindo a imagem, São João diz que as Testemunhas **têm o poder de fechar o céu, para que não caia chuva durante os dias da sua profecia**, ou seja, pelos mil duzentos e sessenta dias (três anos e meio) – a mesma duração da seca causada por Elias em 1 Reis 17 (ver Lc. 4:25; Tg. 5:17). Como Moisés (Ex. 7-13), as Testemunhas **têm poder sobre as águas para transformá-las em sangue, e para ferir a terra com toda praga, quantas vezes desejarem**.

Ambas essas figuras proféticas apontavam para além de si mesmas para o Profeta Maior, Jesus Cristo. A última mensagem do Antigo Testamento as menciona juntas em uma profecia do Advento de Cristo: “Lembra-vos da lei de Moisés, meu servo [...] Eis que eu vos enviarei Elias, o profeta [...]” (Ml. 4:4-5). Malaquias prossegue declarando que o ministério de Elias seria recapitulado na vida de João Batista (Ml. 4:5-6; cf. Mt. 11:14; 17:10-13; Lc. 1:15-17). Mas João, como Elias, foi apenas um Precursor, preparando o caminho para Aquele que viria depois dele, o Primogênito, que teria uma porção dobrada – ou melhor, incomensurável – do Espírito (cf. Dt. 21:17; 2 Rs. 2:9; Jo. 3:27-34). E, como Moisés, João foi sucedido por um Josué, Jesus, o Conquistador, que levaria o povo da aliança para sua herança prometida. As duas Testemunhas, portanto, resumem todas as testemunhas da Antiga Aliança, culminando no testemunho de João.

7 Agora a cena muda: As Testemunhas são – ao que tudo indica – derrotadas e destruídas. **Quando terminarem seu testemunho, a Besta que sobe do Abismo guerreará contra eles, e os vencerá, e os matará.** Esta é a primeira menção **da Besta** neste livro, mas São João certamente parece esperar que seus leitores entendam sua referência. De fato, o tema da Besta é familiar na história bíblica. No começo, somos informados de como Adão e Eva se recusaram a se tornar “deuses” por meio da submissão

a Deus,⁷ e, em vez disso, buscaram a divindade autônoma e definitiva. Ao se submeterem a uma besta (a Serpente), eles próprios se tornaram “bestas” em vez de deuses, com a marca de rebelião da Besta exibida em suas testas (Gn. 3:19); mesmo na redenção eles permaneceram vestidos com as peles de animais (Gn. 3:21).⁸ Uma imagem posterior da Queda é exibida na queda de Nabucodonosor, que era, como Adão, “um rei de reis, pois o Deus do céu concedeu-te um reino, poder, e força, e glória.” (Dn. 2:37). No entanto, por meio do orgulho, por meio da busca pela divindade autônoma, ele foi julgado: “E ele foi levado dentre os homens, e comeu grama como bois, e o seu corpo foi molhado pelo orvalho do céu até os seus cabelos crescerem como penas de águias e as suas unhas como garras de pássaros.” (Dn. 4:33). A rebelião do homem contra Deus também é re-

⁷ A doutrina cristã da *divinização* (cf. Sl. 82:6; Jo. 10:34-36; Rm. 8:29-30; Ef. 4:13, 24; Hb. 2:10-13; 12:9-10; 2 Pe. 1:4; 1 Jo. 3:2) é geralmente conhecida nas igrejas ocidentais pelos termos *santificação* e *glorificação*, referindo-se à herança completa do homem da imagem de Deus. Esta doutrina (que não tem absolutamente nada em comum com teorias realistas pagãs da continuidade do ser, noções humanísticas sobre a “centelha de divindade” do homem, ou fábulas politeístas mórmons sobre a evolução humana para a divindade) é universal em todos os escritos dos Padres da Igreja; veja, p. ex., Georgios I. Mantzaridis, *The Deification of Man: St. Gregory Palamas and the Orthodox Tradition*, Liadain Sherrard, trans. (Crestwood, NY: St. Vladimir's Seminary Press, 1984). Sto. Atanásio escreveu: “O Verbo não é das coisas criadas, mas sim é Ele mesmo o Criador delas. Pois, portanto, Ele assumiu um corpo humano criado, que, tendo-o renovado como seu Criador, Ele pudesse deificá-lo em Si mesmo, e assim nos trazer todos para o Reino dos céus através da nossa semelhança com Ele. Pois o homem não teria sido deificado se unido a uma criatura, ou a menos que o Filho fosse o próprio Deus; nem o homem teria sido trazido à presença do Pai, a menos que Ele tivesse sido Seu Verbo natural e verdadeiro que se vestiu do corpo. E assim como nós não teríamos sido libertados do pecado e da maldição, se a carne que o Verbo assumiu não fosse humana por natureza (pois não teríamos nada em comum com o que é estranho a nós); assim também a humanidade não teria sido deificada, se o Verbo que se tornou carne não tivesse sido por natureza derivado do Pai e verdadeiro e próprio a Ele. Pois, portanto, a união era deste tipo, para que Ele pudesse unir o que é homem por natureza Àquele que naturalmente pertencia à Divindade, para que sua salvação e deificação fossem asseguradas” (*Discursos Contra os Arianos*, 2:70). Ele enunciou isso de forma mais sucinta em uma declaração famosa de sua obra clássica *A Encarnação do Verbo* (54:3): “[O Verbo] se fez homem para que fôssemos deificados.”

⁸ Representando a imagem restaurada de Deus, os sacerdotes eram vestidos com vegetais (linho) em vez de animais (lã); eles eram proibidos de usar peles de animais, porque produziam *suor* (Ez. 44:17-18; cf. Gn. 3:19). Sobre “divindade judicial” e as vestes de Adão e Eva com peles, veja James B. Jordan, “Rebellion, Tyranny, and Dominion in the Book of Genesis”, em Gary North, ed., *Christianity and Civilization* 3 (1983): *Tactics of Christian Resistance*, pp. 43-47.

tratada pela rebelião das bestas contra o homem; assim, os perversos perseguidores de Cristo na crucificação são chamados de “cães” e “tours de Basã”, e são comparados a “um leão voraz e rugidor” (Sl. 22:12-13, 16).

Outra imagem da natureza de ‘besta’ associada à rebelião estava contida nos requisitos sacrificiais/dietéticos da Antiga Aliança contra animais “impuros”, como James Jordan observa: “Todos os animais imundos se *assemelham à serpente* de três maneiras. Eles comem o que é deixado no ‘pó’ (carniça podre, esterco, lixo). Eles se movem em contato com o ‘pó’ (rastejando em suas barrigas, almofadas carnudas de seus pés em contato com o solo, sem escamas que isolem sua pela do contato com seu ambiente aquoso). Eles se revoltam contra o domínio humano, matando homens ou outras bestas. Sob o simbolismo da Antiga Aliança, tais bestas satânicas representam as nações satânicas (Lv. 20:22-26), pois os animais são ‘imagens’ de homens.”⁹ Comer animais satânicos, sob a Antiga Aliança, era ‘comer’ o estilo de vida satânico, ‘comer’ a morte e a rebelião.”¹⁰

Assim, o inimigo de Deus e da Igreja é sempre a **Besta**, em suas várias manifestações históricas. Os profetas frequentemente falavam de estados pagãos como bestas aterrorizantes que guerreavam contra o povo da Aliança (Sl. 87:4; 89:10; Is. 51:9; Dn. 7:3-8, 16-25). Tudo isso será reunido na descrição de Roma e Israel apóstata feita por São João em Apocalipse 13. No entanto, devemos lembrar que esses poderes perseguidores eram apenas as manifestações imediatas do inimigo secular da Igreja – o Dragão, que é oficialmente apresentado em 12:3,¹¹ mas que já era bem conhecido por qualquer pessoa bíblicamente alfabetizada no público de São João. Os cristãos já conheciam a identidade final da Besta que surge **do Abismo**. É o Leviatã, o Dragão, a antiga Serpente, que repetidamente sai de sua prisão no mar para atormentar o povo de Deus. O Abismo, o sombrio e furioso Abismo, é onde Satanás e seus espíritos malignos são mantidos presos, exceto durante suas solturas periódicas para atormentar os homens quando cometem apostasia.¹² (Observe que a legião de espíritos malignos no endemoninhado gadareno implorou para ser mantida fora do Abismo;

⁹ Cf. Pv. 6:6; 26:11; 30:15, 19, 24-31; Dn. 5:21; Ex. 13:2, 13.

¹⁰ James B. Jordan, *The Law of the Covenant: An Exposition of Exodus 21-23* (Tyler, TX: Institute for Christian Economics, 1984), pg. 122.

¹¹ Intimamente relacionada à doutrina bíblica da Besta está a “teologia dos dinossauros” da Bíblia; para isso, veja meus comentários em 12:3.

¹² Ver acima em 9:1-6.

empregando astúcia divina, Jesus os enviou para a manada de porcos, e os porcos se precipitaram de cabeça no mar: Lc. 8:31-33). A perseguição do povo da Aliança nunca é uma disputa meramente “política”, independentemente de como os estados malignos tentam colorir suas ações perversas. Ela sempre se origina nas profundezas do inferno.

Ao longo da história da redenção, a **Besta guerreou** contra a Igreja, especialmente contra suas testemunhas proféticas. O exemplo final disso no período da Antiga Aliança é a guerra de Herodes contra João, o Precursor, a quem **venceu e matou** (Mc. 6:14-29); e o ponto culminante desta guerra contra os profetas foi o assassinato de Cristo, o Profeta final, de quem todos os outros profetas eram imagens, e cujo testemunho eles deram. Cristo foi crucificado por meio da colaboração das autoridades romanas e judaicas, e esta parceria na perseguição continuou ao longo da história da Igreja primitiva (ver At. 17:5-8; 1 Ts. 2:14-17).¹³

8-10 Os corpos mortos das Testemunhas da Antiga Aliança, “do justo Abel até Zacarias” (Mt 23:35) jazem metaforicamente **na rua da Grande Cidade que Espiritualmente** [i.e., *pela revelação do Espírito Santo*] **é chamada Sodoma e Egito**. Esta Cidade é claramente Jerusalém; São João explica que é **onde também seu Senhor foi crucificado** (sobre Israel como Sodoma, veja Dt. 29:22-28; 32:32; Is. 1:10, 21; 3:9; Jr. 23:14; Ez. 16:46). Os comentaristas geralmente não conseguem encontrar referências bíblicas comparando Israel (ou Jerusalém) ao Egito, mas este é o velho problema de não ser capaz de ver a floresta por causa das árvores. Pois a prova está contida em toda a mensagem do Novo Testamento. Jesus é constantemente considerado o novo Moisés (At. 3:20-23; Hb. 3-4), o novo Israel (Mt. 2:15), o novo Templo (João 1:14; 2:19-21), e, com efeito, uma recapitulação/transcendência viva de toda a história do Êxodo (cf. 1 Co. 10:1-4).¹⁴ No Monte da Transfiguração (Lucas 9:31), Ele falou com *Moisés e Elias* (outro elo com esta passagem), chamando Sua morte e ressurreição

¹³ A tentativa da Besta de apagar o testemunho das testemunhas de Deus eventualmente levou ao seu ataque à terra de Israel, o local de nascimento da Igreja; Tito supôs que ele poderia destruir o cristianismo destruindo o Templo em 70 d.C. (veja em 17:14). O motivo religioso central por trás da guerra romana contra os judeus era seu ódio profundamente enraizado pela Igreja Cristã.

¹⁴ As evidências são extensas demais para serem repetidas aqui, mas veja Meredith G. Kline, *The Structure of Biblical Authority* (Eerdmans, 2nd ed., 1975), pp. 183-95; v. tb. Robert D. Brinsmead, *The Pattern of Redemptive History* (Fallbrook, CA: Verdict Publications, 1979), pp. 23-33.

vindouras em Jerusalém de um “Êxodo” (a palavra grega é *exodon*). Dando seguimento a tudo isso está a linguagem do próprio Apocalipse, que fala das pragas egípcias sendo derramadas sobre Israel (8:6-12; 16:2-12). A guerra das Testemunhas com Israel apóstata e os estados pagãos é descrita nos mesmos termos do Êxodo original do Egito (cf. também a Nuvem e a coluna de fogo em 10:1). Jerusalém, a cidade outrora santa, agora apóstata, tornou-se pagã e perversa, uma opressora do verdadeiro povo da Aliança, unindo-se à Besta para atacá-los e matá-los. É Jerusalém que é culpada do sangue das Testemunhas da Antiga Aliança; ela é, *por excelência*, a assassina de profetas (Mt. 21:33-43; 23:34-38). De fato, disse Jesus, “não pode um profeta perecer fora de Jerusalém.” (Lc. 13:33).

Com a morte das Testemunhas, sua voz de condenação é silenciada; e agora **aqueles dentre os povos, e tribos, e línguas e nações** consideram a própria Igreja como morta, exibindo abertamente seu desprezo pelo povo de Deus, cujos **corpos mortos** jazem insepultos **na rua**, sob uma maldição aparente, pois eles **não permitirão que seus corpos mortos sejam sepultados** (cf. I Rs. 13:20-22; Jr. 8:1-2; 14:16; 16:3-4). O desejo de inserção na Terra Prometida na morte era uma preocupação central para as fiéis Testemunhas da Antiga Aliança, como um sinal de sua futura ressurreição (Gn. 23; 47:29-31; 49:28-33; 50:1-14, 24-26; Ex. 13:19; Js. 24:32; 1 Sm. 31:7-13; At. 7:15-16; Hb. 11:22). A opressão sofrida pelo Reino de sacerdotes pelas mãos dos pagãos era frequentemente expressa nestes termos:

Ó Deus, as nações invadiram a tua herança,
 profanaram o teu santo templo,
 reduziram Jerusalém a um montão de ruínas.
 Deram os cadáveres dos teus servos
 por cibo às aves dos céus
 e a carne dos teus santos, às feras da terra.
 Derramaram como água o sangue deles
 ao redor de Jerusalém,
 e não houve quem lhes desse sepultura. (Sl. 79:-13, ARA)

A ironia, no entanto, é que agora são **aqueles que habitam na Terra** – os próprios judeus (cf. 3:10) – que se unem às nações pagãs para oprimir os justos. Os apóstatas de Israel **se regozijarão sobre eles e se alegrarão; e enviarão presentes uns aos outros, porque esses dois profetas atormentaram aqueles que habitam na Terra** (cf. a festa de Herodes, du-

rante a qual João foi preso e depois decapitado: Mt. 14:3-12). O preço da paz mundial foi a aniquilação da Testemunha profética; Israel e o mundo pagão se uniram em sua alegria maligna pela destruição dos profetas, cujo fiel testemunho duplo **atormentou** os desobedientes com convicção de pecado, levando-os a cometer assassinato (cf. Gn. 4:3-8; 1 Jo. 3:11-12; At. 7:54-60). Os inimigos naturais foram reconciliados entre si por meio de sua participação conjunta no assassinato dos profetas. Isto foi especialmente verdadeiro no assassinato de Cristo: “E, no mesmo dia, Pilatos e Herodes se tornaram amigos; porque antes tinham uma inimizade entre eles.” (Lc. 23:12). Na morte de Cristo, todos os tipos de pessoas se alegraram e zombaram: os governantes, os sacerdotes, as facções religiosas concorrentes, os soldados romanos, os servos, os criminosos; todos se uniram para celebrar Sua morte (cf. Mt. 27:27-31, 39-44; Mc. 15:29-32; Lc. 22:63-65; 23:8-12, 35-39); todos ficaram do lado da Besta contra o Cordeiro (Jo. 19:15). A tentativa de destruir as Testemunhas pareceu ser bem-sucedida, não apenas em silenciar profetas individuais, mas em abolir o próprio Testemunho da Aliança. A guerra progressiva contra a Palavra atingiu seu clímax com o assassinato de Cristo; este foi o crime final que trouxe a destruição de Jerusalém. Moisés instruiu o povo de Israel sobre o futuro Profeta, alertando-os de que seriam amaldiçoados caso se recusassem a ouvi-Lo (Dt. 18:15-19); o mártir Estêvão citou esta profecia (At. 7:37) e concluiu:

Duros de cerviz, e incircuncisos de coração e ouvidos; vós sempre resistis ao Espírito Santo; como fizeram vossos pais, assim fazei vós. A qual dos profetas não perseguiram vossos pais? Até mataram os que anteriormente anunciaram a vinda do Justo, do qual vós agora fostes traidores e assassinos. (At. 7:51-52)

Por enquanto, os perseguidores são vitoriosos e se alegram por **três dias e meio**. Este não é um período mais literal do que os números anteriores de 42 meses e 1.260 dias. Como observamos, “três e meio” representa um sete quebrado, um período de tristeza e opressão. Em cada seção do Apocalipse, as figuras de São João se harmonizam entre si: os julgamentos dos selos estão em *quartos*, os julgamentos das trombetas estão em *terços*, e os números nos capítulos 11-13 correspondem a *três e meio* (42 meses e 1.260 dias equivalem a três anos e meio). A simetria poética de São João continua esse simbolismo: os dias durante os quais os justos são oprimidos, seus corpos abusados, são um *três e meio*, um tempo de aflição

quando os ímpios triunfam. No entanto, o tempo do mal é breve, sendo limitado a meros três **dias** e meio. Assim, várias linhas de simbolismo convergem aqui; e São João manteve o período em concordância geral com os três dias da descida de Cristo ao inferno. Em Sua morte, toda a comunidade da Aliança e seu Testemunho jazem mortos nas ruas de Jerusalém, sob a Maldição.

11-12 Após os três dias e meio, as Testemunhas são ressuscitadas: **O sopro de vida da parte de Deus entrou neles** na Nova Criação (cf. Gn. 2:7; Ez. 37:1-14; Jo. 20:22) **e eles se puseram de pé** (cf. At. 7:55), causando terror e consternação aos seus inimigos. **Grande temor caiu sobre aqueles que os viram** (cf. At. 2:43; 5:5; 19:17; contraste com Jo. 7:13; 12:42; 19:38; 20:19), e com boa razão: Por meio da ressurreição de Cristo, a Igreja e seu Testemunho se tornaram imparáveis. Em união com Cristo em Sua Ascensão à glória (Ef. 2:6), **eles subiram ao céu na Nuvem, e seus inimigos os viram**.¹⁵ As Testemunhas não sobreviveram às perseguições; elas morreram. Mas na ressurreição de Cristo, elas ascenderam ao poder e domínio que não existiam por força, nem por poder, mas pelo Espírito de Deus, o próprio sopro da vida de Deus. “Não somos os senhores da história e não controlamos seu resultado, mas temos certeza de que há um senhor da história e ele controla seu resultado. Precisamos de uma interpretação teológica do desastre, uma que reconheça que Deus age em eventos como cativos, derrotas e crucificações. A Bíblia pode ser interpretada como uma sequência de triunfos de Deus disfarçados de desastres.”¹⁶

São João traça um paralelo importante aqui que não deve ser ignorado, pois está próximo do cerne do significado da passagem. A ascensão das Testemunhas é descrita na mesma linguagem que a da ascensão do próprio São João:

4:1 Depois destas coisas, olhei, e eis que havia uma porta aberta no céu, e a primeira Voz que eu ouvira, como o som de uma trombeta ao falar comigo, disse: Sobe aqui [...]

¹⁵ Isso tem certa semelhança com a experiência de Elias, com a grande diferença de que foi seu amigo, e não seus inimigos, que viu sua ascensão (2 Rs. 2:9-14).

¹⁶ Herbert Schlossberg, *Idols for Destruction: Christian Faith and Its Confrontation with American Society* (Nashville: Thomas Nelson Publishers, 1983), pg. 304.

11:11-12 E, depois dos três dias e meio [...] eles ouviram uma forte voz do céu dizendo-lhes: Subi aqui. [...]

A história das Duas Testemunhas é, portanto, a história da Igreja que dá testemunho, que recebeu o comando divino de **Subir aqui** e ascendeu com Cristo na Nuvem do céu, ao Trono (Ef. 1:20-22; 2:6; Hb. 12:22-24): Ela agora possui uma concessão imperial para exercer governo sobre os confins da terra, disciplinando as nações para a obediência da fé (Mt. 28:18-20; Rm. 1:5).

13-14 Um dos resultados da ascensão de Cristo, como Ele predisse, seria o tremor fatal para o Israel apóstata, o abalo do céu e da terra. As Escrituras conectam como um único Evento teológico – o Advento – o nascimento, vida, morte, ressurreição, ascensão de Cristo, o derramamento de Seu Espírito sobre a Igreja em 30 d.C., e o derramamento de Sua ira sobre Israel no Holocausto de 66-70 d.C.: Assim, **naquele Dia houve um grande terremoto** (cf. Ap. 6:12; Ez. 38:19-20; Ag. 2:6-7; Zc. 14:5; Mt. 27:51-53; Hb. 12:26-28). Como o triunfo de Cristo significou a derrota de Seus inimigos, **um décimo da Cidade caiu**. Na verdade, toda a Cidade de Jerusalém caiu em 70 d.C.; mas, como vimos, os julgamentos das Trombetas ainda não alcançam o fim derradeiro de Jerusalém, mas (aparentemente) vão apenas até o primeiro cerco de Jerusalém, sob Céstio. Em conformidade com a natureza da Trombeta como um alerta, o fato de Deus ter tirado um “dízimo” de Jerusalém no primeiro cerco foi um aviso à Cidade.

Por razões claramente simbólicas, bíblico-teológicas, São João nos diz que **sete mil pessoas foram mortas** no terremoto. No final das contas, o abalo do Céu e da Terra trazido pela Nova Aliança matou muito mais do que sete mil. Mas o número representa o exato oposto da situação nos dias de Elias. Em 1 Reis 19:18, Deus disse a Elias que 7.000 em Israel permaneceram fiéis à aliança. Mesmo assim, era provavelmente um número simbólico, indicando *completude* (sete) multiplicado por *muitos* (mil). Em outras palavras, Elias não deveria ser desencorajado, pois ele não estava sozinho. Os eleitos justos de Deus eram numerosos, e o número completo deles estava presente e contabilizado. Por outro lado, no entanto, eles eram minoria. Mas agora, na Nova Aliança, a situação é invertida. Os Elias dos últimos dias, as testemunhas fiéis na Igreja, não devem ficar consternados quando parece que Deus está destruindo todo Israel, e os fiéis são poucos em número. Pois desta vez são os apóstatas, os adoradores de Baal,

que são os “sete mil em Israel”. A situação se inverteu. No Antigo Testamento, apenas “7000” fiéis existiam; no Novo Testamento, apenas “7000” são perversos. Eles são destruídos, e o resto – a esmagadora maioria – é convertido e salvo: **O restante ficou aterrorizado e deu glória ao Deus do céu** – linguagem bíblica para conversão e fé (cf. Js. 7:19; Is. 26:9; 42:12; Jr. 13:16; Mt. 5:16; Lc. 17:15-19; 18:43; 1 Pe. 2:12; Ap. 14:7; 15:4; 16:9; 19:7; 21:24). A tendência na era da Nova Aliança é o *juízo para a salvação*.

São João encerra a seção da Sexta Trombeta com estas palavras: **O Segundo Ai passou; eis que Terceiro Ai vem rapidamente**. São João não nos diz explicitamente quando o Terceiro Ai chegará. Como o Primeiro e o Segundo Ai se referem aos avisos que Israel recebeu no ataque demoníaco em grande escala à Terra (9:1-12) e na primeira invasão romana sob Céstio (9:13-21), é possível tomar o Terceiro Ai como a Queda de Jerusalém em si; seis Ais (em três pares) são listados em rápida sucessão em 18:10, 16, 19. Está mais de acordo com a estruturação literária de São João, no entanto, ver o Terceiro Ai como uma consequência da Sétima Trombeta (assim como o Primeiro e o Segundo Ais correspondem à Quinta e Sexta Trombetas: cf. 8:13; 9:12); O Ai é declarado em 12:12, após Miguel derrotar o Dragão, e continua até o final do Capítulo 14, mostrando a “grande ira” do Dragão durante o seu “pouco tempo” de domínio.

A Sétima Trombeta (11:15-19)

- 15 E o sétimo anjo tocou a trombeta; e soaram fortes vozes no céu, dizendo:

O reino do mundo se tornou o Reino do nosso Senhor e do seu Cristo; e Ele reinará para todo o sempre.

- 16 E os vinte e quatro anciãos, que estão assentados em seus tronos diante de Deus, prostraram-se e adoraram a Deus,

- 17 dizendo:

Graças te damos, ó Senhor Deus, o Todo-Poderoso, que és e que eras, porque tomaste o Teu grande poder e reinaste.

- 18 E as nações se enfureceram, e veio a Tua ira, e chegou o tempo de os mortos serem vindicados, e o tempo de dar o seu galardão aos Teus servos, os profetas, e aos santos, e aos que temem o Teu nome, os pequenos e os grandes, e de destruir os que destroem a Terra.

- 19 E o Templo de Deus no céu foi aberto; e a arca da Sua aliança apareceu em Seu Templo, e houve relâmpagos, e vozes, e trovões, e um terremoto, e uma grande saraiva.

15 Em conformidade com o padrão bíblico que une as ideias de sábado e consumação, a Trombeta do **sétimo anjo** anuncia que “o Mistério de Deus” foi cumprido e realizado (cf. 10:6-7). Neste ponto da história, o plano de Deus se torna aparente: Ele pôs judeus e gentios em pé de igualdade na Aliança. A destruição do Israel apóstata e do Templo revelou que Deus havia criado uma nova nação, um novo Templo, como Jesus havia profetizado aos líderes judeus: “Portanto eu vos digo que o reino de Deus vos será tirado, e será dado a uma nação que dê os seus frutos.” (Mt. 21:43). Mais tarde, Jesus disse aos seus discípulos qual seria o efeito da destruição de Jerusalém: “E então aparecerá o sinal do Filho do Homem no céu” (Mt. 24:30, KJC). Marcellus Kik explica: “O juízo sobre Jerusalém foi o sinal do fato de que o Filho do homem estava reinando no céu. Houve mal-entendidos devido à leitura deste versículo, pois alguns pensaram que ele se referiria a ‘um sinal no céu’. Mas não é isso que o versículo diz; ele diz o sinal do *Filho do Homem no céu*. A frase ‘no céu’ define a localidade do Filho do Homem e não do sinal. Um sinal não deveria aparecer nos céus, mas a destruição de Jerusalém deveria indicar o governo do Filho do Homem no céu.”¹⁷

Kik continua: “O apóstolo Paulo declara no décimo primeiro capítulo de Romanos que a queda dos judeus foi uma bênção para o resto do mundo. Ele fala disso como o enriquecimento dos gentios e a reconciliação do mundo. A catástrofe de Jerusalém realmente sinalizou o início de um novo reino mundial, marcando a separação total da Igreja Cristã do judaísmo legalista. Todo o sistema de adoração, tão intimamente associado a Jerusalém e ao Templo, recebeu, por assim dizer, um golpe mortal do próprio Deus. Deus agora havia terminado com a Antiga Aliança feita

¹⁷ Marcellus Kik, *An Eschatology of Victory* (Nutley, NJ: The Presbyterian and Reformed Publishing Co., 1970, pg. 137. A tradução comum em versões modernas da Bíblia (“então aparecerá no céu o sinal do Filho do Homem”) simplesmente reflete os preconceitos não bíblicos de alguns tradutores e editores. A tradução mais literal na versão King James [KJC em língua portuguesa – N. R.] é o que o texto grego diz. Cf. a discussão em *Paraíso Restaurado* (Editora Monergismo, 2024), pp. 109-116.

no Sinai: o pleno domínio era o sinal da Nova Aliança.”¹⁸

Assim, o Reino de Deus, o “Quinto Reino” profetizado em Daniel 2, se torna universalizado, enquanto o coro celestial canta: **O reino do mundo se tornou o Reino do nosso Senhor e do seu Cristo; e Ele reinará para todo o sempre.** A dissociação final do Cristianismo do Judaísmo significa que agora é uma religião mundial. O Reino de Cristo agora começa o processo de abranger e envolver todos os reinos do mundo. A terra será regenerada. Isso ficou claro com a queda de Jerusalém, o sinal de que Cristo havia de fato ascendido ao Seu trono celestial e estava governando as nações, derramando ira e tribulação sobre Seus inimigos a pedido de Sua Igreja que clama. Os exércitos romanos que aniquilaram Jerusalém, massacrando e escravizando seus habitantes, eram Seus exércitos (Dn. 9:26), cumprindo Sua Palavra (Dt. 28:49-68).

Em termos do calendário bíblico, a “sétima trombeta” foi tocada em 1º de Tishri, o primeiro dia do sétimo mês do ano litúrgico, e do primeiro mês do ano civil: *Rosh Hashanah*, o Dia das Trombetas. Ernest L. Martin destacou uma série de aspectos interessantes do Dia das Trombetas que têm relação direta com o significado da Sétima Trombeta em Apocalipse: “Antes do período do Êxodo no tempo de Moisés, *este* era o dia que aparentemente dava início ao ano bíblico. Também parece que este era o dia em que muitas pessoas avançavam um ano de vida – não importando o mês do ano em que realmente nasceram. Observe que o patriarca Noé completou 601 anos de idade ‘no primeiro mês [Tishri], o primeiro dia do mês [mais tarde chamado de Dia das Trombetas]’ (Gn. 8:13). Esse foi o mesmo dia em que ‘Noé tirou a cobertura da arca, e olhou, e eis que a face da terra estava seca’ (v. 13). Este não era apenas o aniversário oficial de Noé, tornou-se um novo nascimento para a terra também. [...] Até mesmo o primeiro dia da criação mencionado em Gênesis 1:1-5 poderia corresponder a este mesmo dia [...] Uma vez que todos os anos bíblicos antes do Êxodo aparentemente começaram no Outono, e que todas as frutas estavam nas árvores prontas para Adão e Eva comerem (Gn. 1:29; 2:9,16-17), isso sugere que [...] o primeiro dia da criação mencionado em Gênesis foi também o primeiro de Tishri (pelo menos Moisés sem dúvida pretendia dar essa impressão). Isso significa que não apenas o dia do nascimento da nova terra na época de Noé foi o que mais tarde se tornou

¹⁸ Ibid., pg. 138.

o Dia das Trombetas, mas também foi o dia que inaugurou a criação original da terra.

“[...] A opinião majoritária dos anciãos judeus (que ainda domina os serviços das sinagogas) era que o Dia das Trombetas era o dia memorial que comemorava o início do mundo. A opinião autorizada prevaleceu de que o primeiro dia de Tishri era o primeiro dia de Gênesis 1:1-5. Ele ‘passou a ser considerado o dia do nascimento do mundo’ (M’Clintock & Strong, *Cyclopaedia*, vol. X, pg. 568). Era ainda mais do que um aniversário da criação física. ‘O judaísmo considera o Dia de Ano Novo não meramente como um aniversário da criação, mas – mais importante – como uma renovação dela. É quando o mundo renasce’ (Theodor H. Gaster, *Festivals of the Jewish Year*, pg. 109). [...]”

“Cada um dos meses judaicos era oficialmente introduzido pelo toque de trombetas (Nm. 10:10). Como o ano festivo (no qual todos os festivais mosaicos se encontravam) durava sete meses, o último mês (Tishri) era o último mês para a introdução de uma trombeta. Esta é uma das razões pelas quais o dia era chamado de ‘o Dia das trombetas’. A ‘última trombeta’ da série era sempre tocada *neste* dia – assim, era o dia das trombetas finais (Lv. 23:24; Nm. 29:1).

“Este foi o dia exato que muitos dos antigos reis e governantes de Judá consideraram como seu dia de posse do governo. [...] De fato, era costume que a cerimônia final na coroação de reis fosse o toque de trombetas. Para Salomão: ‘Tocai a trombeta e dizei: Deus salve o rei Salomão’ (1 Rs. 1:34). Para Jeú: ‘Eles tocaram as trombetas, dizendo: Jeú é rei’ (2 Rs. 9:13). Na entronização de Joás: ‘O povo da terra se alegrava e tocava trombetas’ (2 Rs. 11:14).”¹⁹

M. D. Goulder resume o significado do Rosh Hashaná: “O Ano Novo é o equivalente judaico do Advento cristão: ele combina a alegria do pensamento na vinda final do reino de Deus com penitência do pensamento no juízo que esse reino trará. É marcado pelo sopro do Shofar (Lv. 23:24), para proclamar o dia (*kéryxate*, Jl. 2:15); e por três bênçãos próprias, as Malkuyot, as Zikronot e as Shofarot. Cada uma delas compreende dez versículos das Escrituras: a primeira sobre a realeza de Deus, aguardando o seu reinado final (p. ex., Zc. 14:9); a segunda sobre Deus se lembrar dos

¹⁹ Ernest L. Martin, *The Birth of Christ Recalculated* (Pasadena: Foundation for Biblical Research, second ed., 1980), pp. 155ff.

feitos dos homens para julgar ou recompensar, e sua lembrança de sua aliança; a terceira sobre o toque do Shofar, do Sinai até a última trombeta que reunirá a dispersão em Jerusalém.”²⁰

Tudo isso estaria naturalmente nas mentes de São João e seu público do primeiro século com a menção da grande Sétima Trombeta. Agora, ele acrescenta uma nova dimensão de simbolismo, ao mostrar o significado cristão do Rosh Hashaná, aquilo para o qual sempre apontou: O Dia das Trombetas é o Início do Novo Mundo, a Nova Criação, o dia da coroação do Rei dos reis, quando Ele é entronizado como Juiz supremo sobre o mundo inteiro. De fato, como veremos no Capítulo 12, o significado de Tishri 1 é considerado por São João – teologicamente, se não “realmente” – como o dia do nascimento de Jesus Cristo. Por enquanto, no entanto, ele o apresenta como o Dia do Nascimento da Nova Criação, o fruto da Ressurreição e Ascensão de Cristo e Seus santos.

16-18 Os vinte e quatro anciãos, que estão assentados em seus tronos diante de Deus se unem à declaração coral do Senhorio universal de Cristo e o triunfo mundial de Seu reino é acompanhada pelos. (Observe a referência estrutural: A postura característica do mestre/governante no Novo Testamento é a *entronização*; Jesus *se levantou* para ler as Escrituras e *sentou-se* para ensinar, Lc. 4:16, 20.) Esses anciãos **prostraram-se e adoraram a Deus, dizendo: Graças te damos, ó Senhor Deus, o Todo-Poderoso**. O verbo para **dar graças** é *eucharisteō*, usado ao longo da história cristã para a Comunhão do Corpo e Sangue do Senhor: A Eucaristia. Este termo adquire seu significado técnico bem cedo (cf. *Didaquê* 9-10), com base em seu uso nos relatos do Novo Testamento sobre a Ceia do Senhor (Mt. 26:26-27; Mc. 14:22-23; Lc. 22:17, 19; 1 Co. 11:24). Seríamos realmente cegos se não o víssemos aqui. Pois São João nos mostrou que o padrão da ação redentora de Deus na história é o mesmo que o praticado em cada Dia do Senhor: A Igreja, tendo morrido e ressuscitado em Cristo (v. 7-11), ascende em meio a juízos cósmicos ao céu por ordem divina (v. 12-14). Cercados pela hoste celestial cantando louvores (v. 15), os Anciãos se prostram diante da majestade de Deus, proclamando: *Eucharistoumen! Graças damos!* (v. 16-17).

²⁰ M. D. Goulder, *The Evangelists' Calendar: A Lectionary Explanation of the Development of Scripture* (London: SPCK, 1978), pp. 245f.

Os Anciãos continuam a adoração com uma confissão de fé, louvando o Senhor pela inauguração de Seu Reino: **Tomaste o Teu grande poder e reinaste.** Foi Cristo, o Senhor, que estava incitando as nações do Império Romano a lutar contra Israel, pois Israel havia perseguido e massacrado Seus santos. Assim, **as nações se enfureceram, e veio a Tua ira,** e a Jerusalém apóstata e perseguidora sofre o peso de ambos; **e chegou o tempo de os mortos serem vindicados, e o tempo de dar o seu galardão aos Teus servos, os profetas, e aos santos, e aos que temem o Teu nome, os pequenos e os grandes.** Esta é apenas uma reformulação da declaração de Cristo a Jerusalém em seu último discurso público: “Para que sobre vós caia todo o sangue justo, que foi derramado sobre a terra, desde o sangue de Abel, o justo, até ao sangue de Zacarias, filho de Baraquias, que matastes entre o santuário e o altar. Em verdade vos digo que todas estas coisas hão de vir sobre esta geração.” (Mt. 23:35-36, ACF). Os **servos** de Deus, **os profetas** (termos equivalentes em Apocalipse: veja 1:1; 10:7; 16:6; 18:24; 19:2, 10; cf. Dn. 9:6, 10; Am. 3:7; Zc. 1:6) seriam vindicados e recompensados no juízo vindouro – não o juízo final no Último Dia, mas sim *a vindicação e vingança histórica dos santos mártires*, aqueles que sofreram nas mãos do ímpio Israel, como Jesus havia predito.²¹ Pouco antes da queda de Israel, o apóstolo Paulo havia escrito sobre os judeus, que estavam constantemente perseguindo os cristãos, que “lhes sobreveio a ira até o extremo” (1 Ts. 2:16, BTX). Agora, o vislumbre de São João sobre o futuro próximo mostra que, à medida que a ira acumulada de Deus caía em toda a sua fúria, a Igreja se regozijava. Ecoando o tema familiar da expulsão do Éden, a canção termina com a observação de que a destruição de Israel serviu para **destruir os que destroem a Terra** (cf. Lv. 18:24-30).

19 Aqui resume-se o significado teológico da queda de Israel: significou que **o Templo de Deus no céu foi aberto** (Mt. 27:51; Ef. 2:19-22; Ap. 8:1-6; 9:8). O Templo terrestre se foi, e agora apenas o verdadeiro Templo permanece. O Templo de Deus é revelado como sendo a Igreja; e agora **a arca da Sua aliança apareceu em Seu Templo**, pois a presença interior de Deus é manifestada ali (Ef. 2:22). Tecnicamente, um “santo” é alguém que tem *acesso ao santuário*, alguém com privilégios de santuário.

²¹ A palavra *juízo*, quando usada para o povo de Deus, geralmente significa *vindicação e vingança em seu favor* (ver 1 Sm. 24:15; 2 Sm. 18:19, 31; Sl. 10:18; 26:1; 43:1; Is. 1:17; Hb. 10:30-39).

Na Nova Aliança, somos todos santos; todos nós temos acesso ao Trono (Ap. 4:16; 10:19-25), tendo ascendido em Cristo (definitivamente em Sua Ascensão, progressivamente a cada Dia do Senhor em adoração). Na Antiga Aliança, os Dez Mandamentos estavam “escondidos” no Santuário, e ninguém tinha permissão para entrar (embora a revelação de Deus tenha sido publicada provisoriamente por Moisés). Mas agora, na Nova Aliança, o Mistério foi abertamente publicado, e o homem em Cristo tem acesso a ele. Com o soar da Sétima Trombeta, a revelação é completa e definitiva; o Mistério não é mais misterioso. São Paulo confiou os santos de Roma “àquele que é poderoso para vos estabelecer segundo o meu evangelho e a pregação de Jesus Cristo, conforme a revelação do mistério, que foi mantido em segredo desde o início do mundo, mas que agora se tornou manifesto, e pelas escrituras dos profetas, segundo o mandamento do Deus eterno, feito conhecido a todas as nações para obediência da fé” (Rm. 16:25-26).

Por esta razão, todos os fenômenos meteorológicos que tinham sido associados à Nuvem na revelação da Antiga Aliança (cf. Sl. 18) são agora falados por São João em relação à Igreja: **houve relâmpagos, e vozes, e trovões, e um terremoto, e uma grande saraiva**. Na Igreja de Jesus Cristo, a porta do céu se abriu para nós. Nossa santificação é por meio da Igreja, por meio de seu ministério e sacramentos, como escreveu Santo Irineu: “Nós guardamos fielmente, com cuidado, pela ação do Espírito de Deus, esta fé que recebemos da Igreja, como depósito de grande valor em vaso precioso, que se renova e renova o próprio vaso que a contém; Este dom de Deus foi confiado à Igreja, como o sopro da vida inspirado na obra modelada, para que sejam vivificados todos os membros que o recebem. É nela também que foi depositada a comunhão com Cristo, isto é, o Espírito Santo, penhor de incorrupção, confirmação da nossa fé e escada para subir a Deus. Com efeito, ‘Deus estabeleceu apóstolos, profetas e doutores na Igreja’ [1 Co. 12:18], e todas as outras obras do Espírito, das quais não participam todos os que não acorrem à Igreja [...] [Pois] onde está a Igreja, aí está o Espírito de Deus, e onde está o Espírito de Deus ali está a Igreja e toda a graça. E o Espírito é Verdade. Por isso os que se afastam dEle e não se alimentam para a vida aos seios da Mãe, não recebem nada da fonte puríssima que procede do corpo de Cristo”²²

²² Sto. Irineu, *Contra as Heresias*, 3:24:1 (Editora Paulus, 2014).

Os primeiros cristãos que leram o Livro do Apocalipse pela primeira vez, especialmente aqueles de origem judaica, tiveram que entender que a destruição de Jerusalém não significaria o fim da aliança ou do Reino. A queda do antigo Israel não foi “o começo do fim”. Em vez disso, foi o sinal de que o Reino mundial de Cristo havia realmente começado, que seu Senhor estava governando as nações a partir de Seu trono celestial e que a conquista final de todas as nações pelos exércitos de Cristo estava garantida. Para esses crentes humildes e sofredores, a era prometida do governo do Messias havia chegado. E o que eles estavam prestes a testemunhar na queda de Israel era o fim do Princípio.

12

A GUERRA SANTA

O Livro do Apocalipse, conforme observamos, é organizado em termos da estrutura de tratado de cinco partes do pacto bíblico. O Capítulo 12 situa-se quarta série principal de visões (Trombetas), proclamando o juízo de Deus sobre o falso rei e o falso profeta (capítulos 8-14). Mas o Capítulo 12 também marca a intersecção dessa estrutura quádrupla com outro padrão abrangente do livro: o tema do Noivo e da Noiva. Os capítulos 1-11 tratam da vitória de Cristo sobre Seus inimigos, culminando no glorioso estabelecimento da Igreja como Seu santo Templo. Os capítulos 12-22 tratam da vitória da Igreja sobre seus inimigos, terminando com seu glorioso estabelecimento como o santo Templo de Deus. Assim, a segunda metade do Livro do Apocalipse cobre praticamente o mesmo terreno que a primeira, mas de uma perspectiva diferente. Milton S. Terry comenta: “A Primeira Parte revelou o Cordeiro de Deus sob vários símbolos, glorioso em poder, abrindo o livro dos mistérios divinos, vingando os santos martirizados e exibindo os terríveis julgamentos destinados a vir sobre os inimigos de Deus. Tudo é visto como a partir trono do Rei do céu, que envia seus exércitos e destrói os insolentes assassinos de seus profetas e queima sua cidade (comp. Mt. 22:7).

“A Parte Dois revela a Igreja em conflito contra principados e poderes infernais e mundanos, sobrevivendo a toda perseguição e triunfando pela palavra de seu testemunho e, depois da Babilônia, a prostituta, cair e desaparecer de vista, aparecendo como a esposa do Cordeiro, o tabernáculo de Deus com os homens, gloriosa em sua beleza e imperecível como o trono de Deus.”¹

Assim, embora haja um desenvolvimento progressivo em direção a um clímax na segunda metade do Apocalipse, também veremos uma repetição de conceitos familiares e uma diversidade em retratá-los, um recurso frequentemente usado pelos profetas bíblicos (veja exemplos disso em Gn. 37:5-11; 41:18-25, 32; Dn. 2, 7). “O grande Dragão vermelho (12:3) não deve ser considerado diferente do anjo do abismo (9:11). Os cento e quarenta e quatro mil no Monte Sião (14:1) são os mesmos que os israelitas

¹ Milton S. Terry, *Biblical Apocalypics: A Study of the Most Notable Revelations of God and of Christ in the Canonical Scriptures* (New York: Eaton & Mains, 1896), pg. 381.

selados de 7:4-8. As sete últimas pragas (caps. 15 e 16) correspondem notavelmente às sete trombetas da condenação. ‘Babilônia, a Grande’ é a mesma que a grande cidade onde o Senhor foi crucificado (11:8), e a nova Jerusalém, cheia da glória de Deus e do Cordeiro, é apenas outro símbolo do templo de Deus no céu (11:19).”²

Este ponto na profecia é, portanto, como um novo começo; e para mostrar o conflito entre Satanás e a Igreja, São João volta ao começo, ao nascimento de Cristo e às tentativas malsucedidas de Satanás de destruí-Lo, terminando com a ascensão vitoriosa de Cristo ao céu. Isso prepara o cenário para, e revela a origem e o significado da perseguição de Satanás à Igreja Cristã em todo o mundo. A luta será feroz e sangrenta; mas Satanás já está condenado, pois Cristo reina a partir do Seu trono celestial, e Seu povo está destinado à vitória completa com base em Sua obra e por meio de sua própria proclamação fiel e destemida do Evangelho.

A Serpente e a Semente da Mulher (12:1-6)

- 1 E um grande sinal apareceu no céu: uma Mulher vestida do sol, e com a lua debaixo dos seus pés, e tendo na sua cabeça uma coroa de doze estrelas;
- 2 e, estando grávida, gritava, em trabalho de parto e com dores para dar à luz.
- 3 E outro sinal apareceu no céu: e eis um grande Dragão vermelho, tendo sete cabeças e dez chifres, e sobre suas cabeças sete diademas.
- 4 E sua cauda arrastou um terço das estrelas do céu, e as lançou à Terra. E o Dragão parou diante da mulher que estava para dar à luz, para devorar seu Filho quando ela desse à luz.
- 5 E ela deu à luz um Filho, um varão, que há de governar todas as nações com uma vara de ferro; e seu Filho foi arrebatado para Deus e para Seu Trono.
- 6 E a Mulher fugiu para o deserto, onde tem um lugar preparado por Deus, para que ali a alimentem por mil duzentos e sessenta dias.

1-2 São João nos alerta desde o início que devemos dar atenção cuidadosa ao assunto desta visão, pois o símbolo da Mulher aqui é **um**

² Ibid.

grande sinal.³ “Literalistas” diriam que o uso deste termo implica que “a maior parte do Apocalipse deve ser tomada literalmente”⁴ Mas isso demonstra uma incompreensão do que está sendo dito. São João não está dizendo que esta passagem, em contraste com o resto do livro, é um “sinal”, pois ele já nos disse que *o livro inteiro é composto por “sinais”* (1:1). A questão aqui é que este é um *grande sinal*, um símbolo importante, central para a interpretação da profecia como um todo. São João está dizendo a seus leitores para pensarem cuidadosamente sobre o significado bíblico do sinal.

Este símbolo central é **uma Mulher**,⁵ uma imagem bíblica familiar para a Igreja, o povo de Deus. (Especificamente, como veremos, a Mulher aqui representa a *Igreja na forma do Israel da Antiga Aliança*.) Os primeiros leitores de São João imediatamente teriam pensado em usos proféticos anteriores da Mulher como representando a Igreja (veja, por exemplo, Is. 26; 49-50; 54; 66; Jr. 3-4; Lm. 1; Ez. 16; Os. 1-4; Mq. 4). Algumas das passagens proféticas sobre a Mulher-Igreja não são especialmente elogiosas, pois Israel frequentemente caía em adultério com deuses pagãos. Mas o símbolo em Apocalipse 12 é uma visão gloriosa da Igreja em sua pureza, como a esposa de Deus: Ela é, à imagem do seu Marido (Sl. 104:2; Ap. 1:16; 10:1), **vestida** (a mesma palavra de 10:1) **do sol** (cf. Is. 60:1-2). **A lua debaixo dos seus pés** e sua **coroa de doze estrelas** realçam a imagem de glória e domínio – certamente, de sua ascensão de glória em glória (1 Co. 15:41; 2 Co. 3:18). Salomão proclama que a Noiva é “formosa como Jerusalém, terrível como um exército com bandeiras” (Ct. 6:4); ela

aparece como a aurora,

Formosa como a lua,

Pura como o sol,

Terrível como um exército com bandeiras (Ct. 6:10, TB)

³ A palavra *sinal* é usada sete vezes nos capítulos 12-19; três estão no céu (21:1, 3; 15:1), quatro estão na terra (13:13, 14; 16:14; 19:20).

⁴ Henry M. Morris, *The Revelation Record: A Scientific and Devotional Commentary on the Book of Revelation* (Wheaton: Tyndale House Publishers, Inc., 1983), pg. 213.

⁵ A palavra *mulher* (ou *mulheres*) é usada 19 vezes no Apocalipse, levando Ford a sugerir que “o símbolo da mulher é quase tão importante quanto o do Cordeiro” (*Revelation: Introduction, Translation, and Commentary* [Garden City: Doubleday and Company, 1975]), pg. 188.

Esta Mulher, diz São João, é a Mãe de Cristo: Ela é vista **grávida** (a mesma expressão grega usada para a Virgem Maria em Mateus 1:18, 23), carregando em seu ventre o Messias que está destinado a “governar todas as nações com uma vara de ferro” (v. 5). A imagem da Mulher/Mãe tem suas origens desde o Jardim do Éden e o *protoevangelho* – a primeira proclamação do Evangelho, na qual Deus revelou que por meio da Mulher viria o Redentor para esmagar a cabeça da Serpente (Gn. 3:15). A imagem então se torna um *motivo* regular na realização histórica dos propósitos de Deus com Israel. Um exemplo familiar ocorre na história de Jael e Sísera, que conta como o inimigo do povo de Deus é destruído, sua cabeça golpeada, por uma mulher (Jz. 4:9, 17-22; 5:24-27; cf. a morte de Abimeleque em Jz. 9:53). Este também é um tema importante na história de Ester e sua libertação de Israel. O cumprimento definitivo desta profecia ocorreu no Nascimento Virginal, como Maria claramente reconheceu:

Agiu com o seu braço valorosamente;
dispersou os que, no coração, alimentavam pensamentos soberbos.
Derribou do seu trono os poderosos
e exaltou os humildes.
Encheu de bens os famintos
e despediu vazios os ricos.
Amparou a Israel, seu servo,
a fim de lembrar-se da sua misericórdia
a favor de Abraão e de sua descendência, para sempre,
como prometera aos nossos pais. (Lc. 1:51-55, ARA)

A profecia de Isaías sobre a Virgem Mãe é o pano de fundo bíblico específico para a visão de São João sobre a Mulher, como Philip Carrington explica: “As palavras reais não são tiradas de nenhum mito pagão, mas do profeta Isaías, *Além disso, o SENHOR falou novamente a Acaz, dizendo: Pede um sinal ao SENHOR teu Deus. Pede-o, seja nas profundezas ou nas alturas. (7:10-11); ou, traduzindo para a linguagem joanina, no Abismo ou no Céu. Em Isaías, a linguagem parece ser puramente um ornamento retórico; mas é obviamente a origem do Sinal no Céu de São João.*

“Isso fica perfeitamente claro pelo que se segue em Isaías. O rei se recusa a pedir o Sinal, e Isaías responde: *Portanto, o Senhor mesmo vos dará um sinal: Eis que, uma virgem conceberá e dará à luz um filho e chamará seu nome Emanuel* [7:14]. As palavras de São João são simplesmente uma citação do profeta anterior: *Apareceu um grande Sinal no Céu, uma Mulher [...] grávida,*

e ela gritava em sua dor e estava em tormento para dar à luz. Mais do que isso, São João nos deu uma tradução muito mais próxima do hebraico do que nossa Versão Autorizada, que é influenciada pela Septuaginta; a tradução grega realmente diz: *Uma Virgem conceberá*, mas o hebraico original apenas diz: *Uma Mulher está grávida*, e São João nos deu exatamente isso. E, além disso, as palavras *gritando em sua dor e estava em tormento* vêm de Isaías também (26:17).

“São João está, portanto, anunciando o nascimento do menino, o rei guerreiro, predito por [...] Isaías.”⁶

São João reúne assim todas as imagens da Mulher da Bíblia para criar este retrato composto da comunidade da aliança, em dores de parto para dar à luz o Messias: Ela é Eva, a Mãe de todos os viventes, cuja Semente esmagará a cabeça do Dragão; ela também é Sara, Rebeca, Raquel, Joquebede, Ana e as outras mulheres da aliança que deram à luz libertadores, precursores da Semente; ela é a Virgem Maria, por meio de quem as promessas aos pais encontraram seu cumprimento. Mas esta grande figura cósmica não pode ser simplesmente identificada com qualquer uma dessas mulheres; em vez disso, cada uma delas individualmente incorporou e retratou diante do mundo uma faceta diferente do significado da Mulher, refletindo as dores de parto da Igreja para dar à luz o Messias:

Como a mulher grávida prestes a dar à luz
se contorce e grita de dor,
assim estamos nós na tua presença, ó Senhor. (Is. 26:17, NVI)

À medida que a revelação profética progride nas Escrituras, fica cada vez mais claro que a Igreja da Antiga Aliança estava em dores de parto para dar à luz o Cristo (cf. Mq. 4:9-5:9): Ele era a promessa básica da aliança abraâmica. Era isso que Israel aguardava, estando **em trabalho de parto e com dores** durante toda a sua existência. Este é o sentido mais essencial da história de Israel, além do qual não tem importância: o nascimento do Filho Varão (cf. Jo. 16:20-22), o Salvador do mundo. Do *protoevangelho* ao Dilúvio, da Aliança Abraâmica passando pela escravidão no Egito, o Êxodo, a colonização de Canaã, o Cativo Babilônico, o retorno do exílio e o sofrimento sob os gregos e os romanos, Israel estava em dores de parto para dar à luz o Cristo, para trazer a era messiânica.

⁶ Philip Carrington, *The Meaning of the Revelation* (London: SPCK, 1931), pp. 204f.

No meio das aflições da Igreja, portanto, **ela gritou**. Este verbo (*krazō*) tem importância especial nas Escrituras, sendo geralmente usado para um juramento ou a proclamação solene da revelação de Deus; é frequentemente usado para descrever os servos de Deus falando diante de oposição.⁷ Aqui, ele faz referência à declaração oficial da Palavra de Deus por parte da Igreja, a profecia que ela proferiu enquanto estava em trabalho de parto. Esta era a essência de toda revelação profética: dar testemunho do Cristo (Jo. 5:39, 45-46; Lc. 24:25-27; At. 3:24; 13:27).

É importante reconhecer a relação de tudo isso com o simbolismo astronômico muito óbvio no texto. A palavra que São João usa para **sinai** era o termo usado no mundo antigo para descrever as constelações do Zodíaco; o modelo de São João para essa visão da Igreja é a constelação de Virgem, que tem uma “coroa” de **doze estrelas**.⁸ Parece provável que as doze estrelas também representem os doze signos do Zodíaco, desde os tempos antigos considerados símbolos das doze tribos de Israel; no famoso sonho de José, seu pai, sua mãe e as doze tribos eram simbolizados pelo sol, a lua e doze estrelas ou constelações (Gn. 37:9).⁹ Já vimos como o arranjo divino das tribos de Israel ao redor do Tabernáculo. (Nm. 2) correspondia à ordem zodiacal das constelações.¹⁰ O Sétima Trombeta de 11:15 nos levou ao Rosh Hashaná: o Dia das Trombetas, o primeiro dia do sétimo mês, o primeiro dia do ano novo, o Dia da entronização do Rei dos reis na Nova Criação. A declaração de que Virgem é “coroadada” com as doze constelações, portanto, “significa que ela é aquele entre as doze que reina na época”, ou seja, durante o sétimo mês, logo quando “as garras do

⁷ Veja, p. ex., Mt. 27:50; Mc. 3:11; 5:7; 9:24; 10:48; 15:13; Jo. 1:15; 7:28; 12:13, 44; At. 19:28, 32, 34; Rm. 9:27; Gl. 4:6; Tg. 5:4; e veja seu uso especialmente em Apocalipse: 6:10; 7:2, 10; 10:3; 14:15; 18:2,18-19; 19:17.

⁸ As doze estrelas são: “(1) Pi, (2) Nu, (3) Beta (perto da eclíptica), (4) Sigma, (5) Chi, (6) Iota – essas seis estrelas formam o hemisfério sul ao redor da cabeça de Virgem. Então há (7) Theta, (8) Estrela 60, (9) Delta, (10) Estrela 93, (11) Beta (a estrela de segunda magnitude), (12) Ômicron – essas últimas seis formam o hemisfério norte ao redor da cabeça de Virgem. Todas essas estrelas são visíveis e poderiam ter sido vistas por observadores.” Ernest L. Martin, *The Birth of Christ Recalculated* (Pasadena, CA: Foundation for Biblical Research, 2nd ed., 1980), pg. 159.

⁹ Veja Josefo, *Antiguidades dos Judeus*, 3:7:7, onde ele explica as doze pedras no peitoral do sumo sacerdote, representando as doze tribos de Israel (Ex. 28:17-21), em termos do Zodíaco.

¹⁰ Veja comentários em Apocalipse 4:7; cf. Ernest L. Martin, *The Birth of Christ Recalculated*, pp. 168f.

Escorpião parecem estar prestes a capturar a Virgem.”¹¹ Em termos de simbolismo astral, portanto, o nascimento do Messias ocorre no Dia das Trombetas.

É interessante que, ao seguir várias linhas de evidências muito convincentes, o Prof. Ernest Martin delimita cuidadosa e meticulosamente a data provável do nascimento de Cristo para algum momento em setembro de 3 a.C.¹² Martin então acrescenta a cereja do bolo: “No período do nascimento de Cristo, o Sol entrou na posição da cabeça da Mulher por volta de 13 de agosto e saiu de seus pés por volta de 2 de outubro. Mas o apóstolo João viu a cena quando o Sol ‘veste’ ou ‘adorna’ a Mulher. Isso certamente indica que a posição do Sol na visão estava localizada em algum lugar no meio do corpo da Mulher – entre o pescoço e os joelhos. (Difícilmente poder-se-ia dizer que o Sol estaria ‘vestindo’ a Mulher se estivesse situado em seu rosto ou perto de seus pés.)

“A única vez no ano em que o Sol poderia estar em posição de ‘vestir’ esta Mulher celestial (estando no meio do corpo) é quando ele se situa entre cerca de 150 e 170 graus ao longo da eclíptica. Esta ‘vestimenta’ da Mulher pelo Sol ocorre por um período de 20 dias em cada ano. Esta extensão de 20 graus pode indicar o tempo geral em que Cristo nasceu. Em 3 a.C., o Sol teria entrado nesta região celestial por volta de 27 de agosto e saído dela por volta de 15 de setembro. Se João no Livro do Apocalipse está associando o nascimento de Cristo com o período em que o Sol está no meio do corpo da Mulher, então Cristo teria que ter nascido dentro desse período de 20 dias. Do ponto de vista dos Magos (que eram astrólogos), este seria o único sinal lógico sob o qual o Messias judeu poderia nascer – especialmente se ele devesse nascer de uma virgem. Mesmo hoje, os astrólogos reconhecem que o signo de Virgem é aquele que tem referência a um governante mundial messiânico que nasceria de uma virgem. [...]

“Mas há uma maneira de chegar a um momento muito mais preciso para o nascimento de Cristo do que um simples período de 20 dias. A po-

¹¹ Farrer, *The Revelation of St. John the Divine* (Oxford: At the Clarendon Press, 1964), pg. 141.

¹² É geralmente sustentado que Herodes, o Grande, morreu em 4 a.C. e, portanto, que Cristo nasceu em 6 ou 7 a.C. Martin, no entanto, apresenta um argumento detalhado e persuasivo para a morte de Herodes ter ocorrido em 1 a.C. Veja sua obra *The Birth of Christ Recalculated*, pp. 26-131

sição da Lua na visão de João poderia apontar a natividade com precisão de um dia – talvez para um período de uma hora ou menos. Isso pode parecer absurdo, mas é inteiramente possível.

“A chave é a Lua. O apóstolo disse que ela estava localizada ‘debaixo dos seus pés’. O que a palavra ‘debaixo’ significa neste caso? Significa que a Mulher da visão estava de pé na Lua quando João a observou ou significa que seus pés estavam posicionados ligeiramente acima da Lua? João não nos diz. Isso, no entanto, não é de grande consequência ao usar a Lua para responder à nossa pergunta, porque envolveria apenas a diferença de um ou dois graus. Como os pés de Virgem representam os últimos 7 graus da constelação (na época de Cristo, isso teria sido entre cerca de 180 e 187 graus ao longo da eclíptica), a Lua tem que estar posicionada em algum lugar abaixo desse arco de 7 graus. Mas a Lua também tem que estar naquele local exato quando o Sol está a meio corpo de Virgem. No ano 3 a.C., esses dois fatores coincidiram de forma precisa por menos de duas horas, conforme observado da Palestina ou Patmos, em 11 de setembro. O relacionamento começou por volta das 18h15 (pôr do sol) e durou até por volta das 19h45 (pôr da lua). Este é o *único* dia em o ano inteiro em que isso poderia ter ocorrido.”¹³

Um bônus adicional: o pôr do sol em 11 de setembro de 3 a.C., foi o início de Tishri 1 no calendário judaico – Rosh Hashaná, o Dia das Trombetas!¹⁴ Martin resume: “O tema central do Dia das Trombetas é claramente o da entronização do grande Rei dos reis. Este era o entendimento geral do dia no judaísmo primitivo – e certamente é o do Novo Testamento. Em Apocalipse 11:15, o sétimo anjo soa sua ‘última trombeta’ e os reinos deste mundo se tornam os de Cristo. Isso acontece em um momento em que uma mulher é vista no céu com doze estrelas ao

¹³ Ibid., pp. 146f. E quanto a 25 de dezembro, a data tradicional da Natividade? Como Martin demonstra, houve inúmeros fenômenos astronômicos surpreendentes ocorrendo durante os anos 3-2 a.C. O principal entre esses eventos celestiais foi o fato de que Júpiter, reconhecido por judeus e gentios como o “Planeta do Messias”, estava localizado no útero de Virgem e parado, diretamente sobre Belém, em 25 de dezembro de 2 a.C., quando a Criança tinha pouco mais de um ano de idade. (Mateus afirma que a sagrada família estava instalada em uma casa, não em um estábulo, na época em que os Magos a visitaram [Mt 2:11]. Além disso, Herodes ordenou o massacre dos inocentes “de dois anos para baixo, de acordo com o tempo que ele havia apurado dos Magos” [Mt 2:16], indicando que a Criança não era mais um recém-nascido.) Para um relato completo dos eventos astronômicos de 3-2 a.C., veja Martin, pp. 4-25, 144-77.

¹⁴ Ibid., pp. 152ff.

redor de sua cabeça e o Sol no meio do corpo para ela, com a Lua sob seus pés. Esta é claramente uma cena de Lua Nova para o Dia das Trombetas.”¹⁵

3 São João vê **outro sinal [...] no céu: um grande Dragão vermelho**. Como ele explica no v. 9, o Dragão não é outro senão “a antiga Serpente que é chamada de diabo e Satanás”, o inimigo de Deus e Seu povo. São João o revela como o poder por trás dos tronos imperiais do mundo antigo que perseguiu a Igreja; pois, assim como os quatro impérios-Besta da profecia de Daniel, o Dragão tem **sete cabeças e dez chifres**: as bestas de Daniel possuíam sete cabeças entre elas (a terceira besta tinha quatro), e a quarta besta tinha dez chifres (Dn. 7:3-7). Babilônia, Medo-Pérsia, Grécia e Roma foram todos estágios na tentativa do Dragão de estabelecer seu império ilegítimo sobre o mundo. (O significado das sete cabeças não é simplesmente que o Dragão é difícil de matar, mas sim que ele é identificado com as feras terríveis da visão de Daniel; cf. as “cabeças” do Dragão em Sl. 74:13-15.) Ele era a grande Besta, da qual tais impérios foram apenas imagens parciais. Foi ele o inimigo de longa data do povo de Deus. Em todas as lutas de Israel contra as Bestas, através de todas as tentativas dos impérios humanos de destruir a Semente da Aliança, o Dragão foi seu inimigo. Ele usou os **diademas** dos impérios perseguidores.

Por que o diabo é retratado como um dragão? Para entender isso, precisamos considerar a teologia bíblica dos dinossauros, que é surpreendentemente muito detalhada. Embora a Bíblia fale de dinossauros terrestres (cf. o *beemote* em Jó 40:15-24),¹⁶ nosso foco aqui será em *dragões e serpentes marinhas* (cf. Jó 7:12; 41:1-34).¹⁷ Essencialmente, como parte da boa criação de Deus (veja Gn. 1:21: *monstros marinhos*), não há nada de “maligno” nessas criaturas (Gn. 1:31; Sl. 148:7); mas, devido à Queda, elas são usadas nas Escrituras para simbolizar o homem rebelde no auge de seu poder e glória.

¹⁵ Ibid., pg. 158.

¹⁶ Alguns supõem erroneamente que se trata de um hipopótamo. Sua descrição no texto bíblico indica que era muito mais próximo de um brontossauro.

¹⁷ A criatura mencionada na última referência, um enorme dragão cuspidor de fogo chamado Leviatã, é na verdade considerado por alguns como um simples crocodilo! No entanto, fica claro pelas declarações em Jó que pelo menos alguns dos grandes dinossauros foram contemporâneos deste antigo patriarca. Para uma análise equilibrada de supostos avistamentos de monstros marinhos em tempos mais recentes, veja Bernard Heuvelmans, *In the Wake of the Sea-Serpents* (New York: Hill and Wang, 1968). Duane T. Gish propôs uma possível explicação para a biologia de “cuspir fogo” em sua obra *Dinosaurs: Those Terrible Lizards* (San Diego: Creation-Life Publishers, 1977), pp. 50ff.

Três tipos de dragões são mencionados nas Escrituras: *Tannin* (*Dragão*; Sl 91:13), *Leviatã* (Sl 104:26) e *Raabe* (Jó 26:12-13).¹⁸ A Bíblia relaciona cada um desses monstros à *Serpente*, que representa o inimigo sutil e enganoso do povo de Deus (Gn. 3:1-5, 13-15). Assim, para demonstrar a vitória divina e o domínio sobre a rebelião do homem, Deus transformou a vara de Moisés em uma “serpente” (Ex. 4:1-4), e a vara de Arão em um “dragão” (*tannin*; Ex. 7:8-12). O Dragão/Serpente, portanto, torna-se nas Escrituras um símbolo da cultura pagã rebelde e inspirada por Satanás (cf. Jr 51:34), exemplificada especialmente pelo Egito em sua guerra contra o povo da Aliança. Isto é especialmente verdadeiro com relação ao monstro Raabe (que significa *o orgulhoso*), que é frequentemente um sinônimo para o Egito (Sl. 87:4; 89:10; Is. 30:7). A libertação realizada por Deus de Seu povo no Êxodo, mediante a qual Ele estabeleceu a Aliança, é descrita em termos tanto da criação original quanto do triunfo de Deus sobre o Dragão:

Desperta! Desperta! Veste de força,
o teu braço, ó Senhor;
acorda, como em dias passados,
como em gerações de outrora.
Não foste tu que despedaçaste o Monstro dos Mares,
que traspassaste aquela serpente aquática?
Não foste tu que secaste o mar,
as águas do grande abismo,
que fizeste uma estrada nas profundezas do mar
para que os redimidos pudessem atravessar? (Is. 51:9-10, NVI)

A Bíblia também fala do Êxodo como uma salvação do Leviatã:

Tu dividiste o mar pelo teu poder;
quebraste as cabeças das serpentes das águas.
Esmagaste as cabeças do Leviatã
e o deste por comida às criaturas do deserto. (Sl. 74:13-14, NVI)

Assim, em cumprimento provisório da promessa no Éden, a cabeça do Dragão foi esmagada quando Deus salvou Seu povo do Egito. Claro, o ferimento na cabeça foi curado, e o Dragão (acompanhado pelo Estado-Dragão em sua imagem) continuou voltando para atormentar e perseguir

¹⁸ Em hebraico, esta é uma palavra completamente diferente do nome de Raabe, a prostituta cananea que salvou os espiões hebreus em Josué 2.

a Semente da mulher. Isso acontece repetidamente ao longo do Antigo Testamento, que registra numerosos esmagamentos provisórios da cabeça do Dragão (Jz. 4:21; 5:26-27; 9:50-57; 1 Sm. 5:1-5; 17:49-51; 2 Sm. 18:9; 20:21-22; Sl. 68:21; Hc. 3:13). Em termos disso, os profetas aguardavam a derrota definitiva do Dragão na obra de Cristo. Isaías viu Israel como uma mulher grávida, contorcendo-se e gritando em suas dores de parto, esperando o Libertador nascer (Is. 26:17-21); o próximo versículo diz:

Naquele dia o SENHOR com sua dolorosa, grande e forte espada punirá leviatã, a serpente sagaz, leviatã, aquela serpente tortuosa. E ele matará o dragão que está dentro do mar. (Is. 27:1)

Daniel repete a mesma ideia no que pode ser chamado de seu “comentário” sobre o relato de Moisés da criação em Gênesis 1. Escrevendo sobre o quinto e o sexto dias da criação, Moisés disse que Deus *criou*¹⁹ os “monstros marinhos” (*tannin*) no mar e os “animais domésticos” (*behemoth*) na terra (Gn. 1:20-25, TB); mas estes foram sucedidos pelo Homem, que, como a imagem de Deus, foi criado para o domínio sobre as criaturas (Gn. 1:26-28). Daniel 7 expande simbolicamente essa ideia ao nos mostrar uma série de Bestas – as poderosas e terríveis potências mundiais que exerciam domínio ímpio sobre a terra (v. 1-8). Mas Daniel vê que seu reinado é apenas “por uma estação e tempo” (v. 12); e, enquanto ele continua observando, as visões noturnas terminam com o Ancião dos Dias entregando o domínio do mundo ao Filho do Homem, o Segundo Adão – “domínio eterno, o qual não passará” (v. 13-14), pois Ele é a última Obra de Deus.

4 A cauda do Dragão arrastou um terço das estrelas do céu. São João se utiliza do fato de que o Escorpião, com o qual o Dragão/Serpente está associado,²⁰ “tem um terço das estrelas (zodiacais) em sua cauda, pois quatro dos doze signos vêm depois dele.”²¹ E quanto à declaração de que ele **as lançou à Terra?** Isso, como Farrer corretamente observa, “é teologia, não astronomia.”²² São João já associou estrelas a anjos, uma conexão bíblica familiar (veja comentários em 1:20); agora ele descreve simbolicamente a queda de Satanás e os anjos maus, um evento relatado em lingua-

¹⁹ A palavra hebraica aqui é *bara*, doutra maneira usada apenas para a criação dos céus e da terra, v. 1, e do homem, v. 27.

²⁰ Cf. Dt. 8:15; Lc. 10:19; 11:11-12; Ap. 9:3-11.

²¹ Farrer, pg. 143.

²² Ibid.

gem mais direta em 2 Pedro 2:4, Judas 6 e o próprio comentário de São João sobre sua alegoria no versículo 9. As “estrelas” do Dragão são os anjos caídos, que se juntaram a ele na rebelião.

Por que o Dragão arrasta **um terço** dos anjos? Primeiro, esta é a forma na qual os juízos das Trombetas são lançados (cf. 8:7-12; 9:15, 18). Cristo é o Primogênito; a porção de dois terços (cf. Dt 21:17) é reservada para Ele e Seu Reino. Segundo, o princípio bíblico das duas testemunhas também pode estar envolvido (São João usa alguma linguagem de tribunal neste capítulo): Para cada falsa testemunha que Satanás pode reunir contra a aliança, Deus tem dois anjos ao Seu lado; o relato maligno é mais do que anulado pelo testemunho que Deus e seus anjos podem dar.

O objetivo do Dragão é abortar a obra de Cristo, devorá-Lo e matá-Lo. Então **o Dragão parou** (cf. Gn. 3:14) **diante da mulher** para **devorar seu Filho**, para matar Cristo assim que Ele nascesse. Novamente São João está usando a astronomia para propósitos alegóricos; pois, como vimos, assim como o sol “veste” Virgem, as garras do Escorpião parecem estar prestes a pegá-la;²³ de fato, ele parece pronto para atacar seu Filho assim que Ele nascer. Este conflito entre Cristo e Satanás foi anunciado em Gênesis 3:15, a guerra entre as duas sementes, a Semente da Mulher e a semente da Serpente. Desde o primeiro livro da Bíblia ao último, esta é a guerra básica da história. O Dragão está em guerra contra a Mulher e sua Semente, principalmente Jesus Cristo. Ao longo de toda a história, Satanás estava tentando impedir que Cristo nascesse ou matá-Lo assim que Ele nascesse. É por isso que Caim matou Abel, sob a inspiração do Dragão: O ataque a Abel foi uma tentativa de destruir a Semente. Não teve sucesso, pois Eva então deu à luz Sete, o Designado, “no lugar de Abel” (Gn. 4:25), e a Semente foi preservada nele. A próxima tática de Satanás foi corromper a linhagem de Sete; assim, dentro de dez gerações de Adão, virtualmente todos os descendentes de Sete apostataram por meio de casamentos mistos com os pagãos (Gn. 6:1-12), e toda a terra foi corrompida, exceto por um homem justo e sua família. A fúria louca de Satanás para atacar a Semente foi tão grande que o mundo inteiro foi destruído, mas ainda assim ele fracassou. A Semente foi preservada dentro de uma única família na Arca.

²³ A constelação de Libra (a Balança) também era considerada no mundo antigo como as Garras de Escorpião; veja Richard Hinckley Allen, *Star Names: Their Lore and Meaning* (New York: Dover Publications, 1963), pp. 269ff.

O Dragão tentou novamente assassinar a Semente em seus ataques à família de Abraão. Em duas ocasiões, Satanás tentou fazer com que Sara fosse estuprada por um rei pagão (Gn. 12:10-20; 20:1-18); ele tentou novamente com Rebeca (Gn. 26:1-11). A inimizade dracônica contra a Semente é manifesta também na inimizade de Esaú contra Jacó, uma luta entre as duas sementes que começou no útero (Gn. 25:22-23). Também podemos ver as tentativas de Satanás de obstruir a Semente no plano pecaminoso de Isaque para privar Jacó de sua legítima herança divinamente designada (Gn. 27). Novamente, quando os filhos de Israel estavam no Egito, o Dragão tentou destruir a Semente matando todos os meninos (Êxodo 10:10). Quinhentos anos depois, a Semente estava sendo carregada em um pastorzinho, e novamente o Dragão atacou, inspirando por duas vezes um rei endemoninhado a atirar dardos nele (1 Sm. 18:10-11). De fato, todos os recursos do reino de Saul foram empregados apenas para tentar matar Davi (1 Sm. 18-27). Da mesma forma, a perversa Rainha Atalia “destruiu toda a semente real da Casa de Judá” (2 Cr. 22:10), mas a Semente foi preservada no infante Joás. Hamã, o maligno Primeiro-Ministro da Pérsia, teria tido sucesso em sua tentativa de lançar um expurgo em larga escala para destruir todos os judeus, se não fosse pela coragem e sabedoria da Rainha Ester (Et. 3-9). O exemplo mais marcante desse padrão em grande escala ocorre ao longo da história de Israel, desde o Êxodo até o Exílio: a tentação perene e consistente do povo da aliança de assassinar seus próprios filhos, de oferecê-los como sacrifícios a demônios (Lv. 18:21; 2 Rs. 16:3; 2 Cr. 28:3; Sl. 106:37-38; Ez. 16:20). Por quê? Era a guerra das duas sementes. O Dragão estava tentando destruir o Cristo.

Esse padrão chega a um clímax dramático no nascimento de Cristo, quando o Dragão possui o Rei Herodes, o governante edomita da Judeia, e o inspira a massacrar as crianças de Belém (Mt. 2:13-18); de fato, a visão de São João da Mulher, da Criança e do Dragão parece quase uma alegoria daquele evento. O Dragão persistiu, é claro: tentando o Senhor (Lc. 4:1-13), buscando assassiná-lo (Lc. 4:28-29), sujeitando-o à opressão humana e demoníaca durante todo o Seu ministério, possuindo um dos discípulos mais confiáveis para traí-lo (Jo. 13:2, 27) e, por fim, orquestrando Sua crucificação. Mesmo então – melhor, especialmente então – o Dragão foi derrotado, pois a Cruz era a maneira de Deus enganar Satanás para cumprir Seus propósitos, de acordo com Sua sabedoria – “a sabedoria oculta”, diz São Paulo, “a qual Deus ordenou antes do mundo para nossa glória; essa sabedoria nenhum dos príncipes deste mundo conheceu, pois, se a tives-

sem conhecido, não teriam crucificado o Senhor da Glória” (1 Co. 2:7-8, KJC). Ao ferir o calcanhar da Semente, a cabeça da Serpente foi esmagada.

5 E ela deu à luz um Filho, um varão (cf. Is. 66:7-8) **que há de governar todas as nações com uma vara de ferro.** São João retorna ao Salmo 2, um de seus textos favoritos, para explicar seu simbolismo. O Filho é, obviamente, Jesus Cristo, a Semente da Mulher, o Filho da Virgem, nascido de Israel para governar as nações. Neste versículo, São João resume toda a história do ministério terrestre de Cristo, afirmando (como se tivesse acontecido de uma só vez) que **seu Filho foi arrebatado para Deus e para o Seu Trono.** É como se a Encarnação de Cristo tivesse levado diretamente à Sua Ascensão ao Trono da glória. A intenção de São João não é menosprezar a expiação e a ressurreição, mas enfatizar que o Ungido do Senhor escapa completamente do poder do Dragão; e devemos notar que a ordem de São João segue a do Salmo. Contando sobre Sua exaltação ao Trono celestial, o Cristo diz:

Proclamarei o decreto do Senhor:

Ele me disse: Tu és meu Filho,

Eu, hoje, *te gerei*.²⁴

Pede-me, e eu te darei as nações por herança

e as extremidades da terra por tua possessão.

Com vara de ferro as regerás

e as despedaçarás como um vaso de oleiro. (Sl. 2:7-9)

“O Salmo faz da geração celestial do Messias uma com sua entronização; se ele é gerado por Deus, ele reina.”²⁵ Apesar de tudo o que o Dragão faz, a Semente é arrebatada ao Trono e agora governa as nações com uma vara de ferro, como se Ele tivesse ido direto da Encarnação para o Trono; Satanás não tinha poder para detê-Lo. A Ascensão era o objetivo do Advento de Cristo.

6 E a Mulher foi para o deserto, onde tem um lugar preparado por Deus. Como ficará claro abaixo, a fuga da Mulher para o deserto é uma imagem da fuga dos cristãos judeus da destruição de Jerusalém, de

²⁴ Alguns argumentarão que esta frase não se refere à encarnação ou nascimento físico de Cristo, mas à Sua geração eterna; quanto aos propósitos de alusão bíblica de João, no entanto, essa questão não vem ao caso. Sua ênfase é, com o salmista, que a Criança vai do nascimento ao reinado.

²⁵ Farrer, pg. 141

modo que a ira do Dragão é gasta sobre o apóstata em vez do Israel fiel. Enquanto ela está no deserto, a Mulher é alimentada **por mil duzentos e sessenta dias**,²⁶ um período equivalente ao “tempo, tempos e metade de um tempo” (3 anos e meio) do versículo 14, e simbolicamente relacionado aos 42 meses/1.260 dias de 11:2-3 e 13:5. Vimos em 11:2 que as Escrituras usam essa terminologia para falar de um período limitado de maldade ascendente e triunfante, um período de ira e juízo devido à apostasia do Pacto. Durante esse tempo, portanto, quando Satanás parece ser dominante, a Igreja é protegida. A fuga da Mulher para o deserto evoca associações com a estada de Elias no deserto durante os três anos e meio de seca, quando ele foi milagrosamente alimentado por corvos (1 Rs. 17:3-6); similarmente, São João diz, a fuga da Mulher não significa o abandono de Deus dela, mas sim Sua provisão amorosa. A Noiva fiel **tem um lugar preparado por Deus** (cf. 2 Sm. 7:10; 1 Cr. 17:9; Jo. 14:2-3). Ele dá aos Seus mensageiros uma incumbência a respeito dela (Sl. 91:11-13) e a envia para o deserto **para que ali a alimentem**. São João também quer que pensemos, como veremos abaixo, na fuga de Israel para o deserto, da face do Dragão egípcio; e na fuga da Virgem Maria para o Egito, da ira assassina do Rei Herodes (Mt. 2:13-20).

Guerra no Céu (12:7-12)

- 7 E houve guerra no céu, Miguel e seus anjos travaram guerra contra o Dragão. E o Dragão e seus anjos guerrearam,
- 8 e não eram fortes o suficiente, e não se achou mais lugar para eles no céu.
- 9 E o grande Dragão foi expulso, a antiga Serpente que é chamada o diabo e Satanás, que engana o mundo inteiro; ele foi lançado para a Terra, e seus anjos foram lançados com ele.
- 10 E ouvi uma forte Voz no céu, dizendo: Agora veio a salvação, e o poder, e o Reino do nosso Deus, e a autoridade do Seu Cristo, porque ele foi expulso - o acusador de nossos irmãos, que os acusava diante do nosso Deus dia e noite.
- 11 E eles o venceram pelo sangue do Cordeiro e pela palavra do seu testemunho, e não amaram suas vidas mesmo diante da morte.

²⁶ Para a relação dos 1.260 dias com o número da Besta (666), veja os comentários em 13:18.

- 12 Por esta razão, regozijai-vos, ó céus, e vós que neles tabernaculais. Ai da Terra e do Mar, porque o diabo desceu até vós, tendo grande ira, sabendo que pouco tempo lhe resta.

7-9 A cena muda abruptamente: São João agora vê **guerra no céu, Miguel e Seus anjos travando guerra com o Dragão**. Isso não é, como alguns supõem, uma continuação da visão anterior, como se Satanás, frustrado em sua tentativa de devorar o Messias, agora direcionasse seu ataque para o céu. Pelo contrário, São João revela essa cena para explicar o versículo anterior – para mostrar por que a Mulher teve que fugir para o deserto. Uma vez que isso é explicado, nos versículos 7-12, ele retorna ao tema da fuga da Mulher. Além disso, São João usa as imagens nesta passagem para mostrar outro aspecto do conflito do Filho Varão contra o Dragão. Cronologicamente, esta seção explicativa se encaixa entre os versículos 5 e 6.

Devemos notar para começar que a Guerra Santa é iniciada, não pelo Dragão, mas por **Miguel e Seus anjos**. Não deve haver dúvidas de que este Capitão da hoste angelical é um símbolo para a Semente da Mulher, o Filho de Deus – representado agora não como uma criança, mas como Miguel, o grande Guerreiro-Protetor que lidera os exércitos do céu na batalha contra os demônios. O simbolismo de São João não é casual; é intencional e muito preciso. Ele escolheu cuidadosamente revelar Cristo em termos das conotações bíblicas específicas associadas a Miguel.

O nome **Miguel** (que significa *Quem é como Deus?*) ocorre em outras partes das Escrituras apenas em Daniel e Judas. Miguel é retratado em Daniel como “o grande Príncipe” que se destaca como o Protetor especial do povo de Deus. A guerra irrompe no céu entre os anjos bons e maus, e até mesmo Gabriel é incapaz de vencer os demônios até que Miguel venha para lutar contra o inimigo (Dn, 10:12-13,20-21). Em vista do que é revelado sobre Miguel na última parte de Daniel 10, é provável que a visão, doutra maneira inexplicada, na primeira parte do capítulo se refira a Ele também: Daniel viu um homem

vestido em linho, cujos lombos estavam cingidos com fino ouro de Ufaz; seu corpo também era semelhante ao berilo, e a sua face como a aparência de um relâmpago, e os seus olhos como lâmpadas de fogo, e os seus braços e pés semelhantes em cor ao bronze polido, e a voz das suas palavras como a voz de uma multidão. (Dn. 10:5-6)

A passagem final da profecia de Daniel se refere a Miguel como o Guardião do povo de Deus, que se levantará para lutar em seu favor durante um tempo de grande tribulação, salvando todos cujos nomes estão escritos no Livro da Vida (Dn. 12:1).²⁷ O nome de Miguel não aparece novamente na Bíblia até uma menção casual por Judas, que nos diz que Ele “contend[eu] com o diabo disputando pelo corpo de Moisés” (Jd. 9).²⁸ Judas também o chama de *Arcanjo*, um termo que – ao contrário de algumas especulações que se desenvolveram sobre as várias classes de anjos – não significa necessariamente “membro de uma classe superior de anjos”, mas simplesmente “o Chefe dos anjos”, uma expressão equivalente a “capitão do exército do SENHOR” (Js. 5:13-15). Isso também tenderia a identificar Miguel com o Anjo do SENHOR (cf. Ex. 23:20-23), uma figura que é, na maioria dos casos, uma aparição pré-encarnada de Cristo.²⁹ A única outra ocorrência bíblica da palavra *Arcanjo* é em 1 Tessalonicenses 4:16, onde Cristo desce na Segunda Vinda “com brado, e com a voz de arcanjo”, ou, melhor, “com brado, e com Voz Arqui-angelical”. A implicação clara é que o próprio Cristo brada com a Voz de Arcanjo.³⁰ (O fato de haver classes superiores de anjos [cf. Rm. 8:38; Ef. 1:21; Cl. 1:16] significa que um uso mais geral do termo *arcanjo* é teologicamente válido. Mas a própria Bíblia não parece usá-lo dessa forma.) Carrington observa que o termo *Arcanjo* “pode até ser comparado com ‘Senhor dos exércitos’, e pode talvez ter significado aquela manifestação de Deus na qual Ele aparece como líder dos exércitos de Israel ou dos céus.”³¹ Assim, no Livro do Apocalipse, O encontramos liderando os exércitos do céu em um conflito vitorioso contra Satanás, ações claramente atribuídas a Cristo em todo o Novo Testamento (cf. Mt. 12:22-29; Lc. 11:14-22; Cl. 2:15; Ap. 2:14-15; 1 Jo. 3:8; Ap. 19:11-16).

²⁷ Calvino reconheceu que esta descrição de Miguel deve ser uma referência a Jesus Cristo; v. *Commentaries on the Book of the Prophet Daniel* (Grand Rapids: Baker Book House, 1979), Vol. 2, pp. 369ff.

²⁸ Por “Corpo de Moisés”, Judas provavelmente quer dizer a comunidade da Aliança do Antigo Testamento, o equivalente ao “Corpo de Cristo”: cf. as “casas” de Moisés e Cristo em Hb. 3:2-6.

²⁹ Veja a discussão deste ponto em Herman Bavinck, John Bolt, org., *Dogmática Reformada*, vol. 2: *Deus e a Criação* (Editora Cultura Cristã, 2012), pp. 269ff.

³⁰ Uma discussão muito útil sobre toda essa questão está em Carrington, pp. 218-24. V. tb. E. W. Hengstenberg, *The Revelation of St. John* (Cherry Hill, NJ: Mack Publishing Co., [1851] 1972), Vol. I, pp. 464-72.

³¹ Carrington, pg. 222.

Portanto, mesmo à primeira vista, há muito a elogiar na visão de que **Miguel** é uma representação simbólica de Cristo,[†] um nome que enfatiza Sua natureza e poder divinos; e que os “anjos” que O acompanham são Seus apóstolos, “junto com todas as forças angelicais em simpatia e cooperação com elas.”³² Essa visão explica e é reforçada pela passagem como um todo. Como Philip Carrington argumenta, “Ela dá sentido ao capítulo. Claro que, se você quiser que o livro seja um quebra-cabeça chinês, isso não vai pesar para você; mas se você acha que o autor (ou mesmo o editor final) do livro pretendia que este capítulo tivesse um significado, então você achará razoável considerar uma interpretação dele que remova a confusão. Uma mulher que é retratada como a Noiva do Senhor dá à luz um Filho; ela é a nova Eva e, portanto, seu filho deve esmagar a Serpente; ela é a Virgem de Isaías e, portanto, ele é um rei guerreiro. Segue-se uma guerra com a Serpente, na qual um oponente a expulsa do céu; a Serpente então *saiu para guerrear contra o resto da semente da mulher*. Claramente, então, a pessoa com quem ele lutou primeiro também era a semente da mulher. Por que arrastar outra pessoa para o texto?

“A batalha feroz é seguida por um cântico coral vindo do céu e, como vimos, a função desses cânticos corais é deixar clara a ação principal que é retratada em símbolos. Diz: *Agora chegou a Salvação e o Poder e o Reino do nosso Deus e a Autoridade do Seu Messias*, e então (pensando nos seguidores de Cristo em vez do próprio Cristo), *Eles o venceram através do Sangue do Cordeiro e da Palavra do Seu Testemunho*. Agora, isso significa, reconhecidamente, que Cristo é aquele cujo poder se manifestou, e que é através do seu sangue que a vitória foi obtida. Ele nos diz quem venceu Satanás e como; foi Jesus na cruz.”³³

[†] Tal identificação não é unanimidade entre comentaristas e expositores preteristas. O teólogo reconstrucionista Phillip G. Kayser comenta: “Recentemente tornou-se popular em alguns círculos acadêmicos evangélicos considerar Miguel, o arcanjo, como sendo Jesus Cristo. Discordo fortemente. [...] Miguel é chamado ‘um dos principais príncipes’ [Dn. 10:13] dos anjos celestiais. Fosse ele descrito apenas como o príncipe sobre os anjos, isso poderia se referir ao Filho de Deus pré-encarnado, mas não ‘um príncipe entre vários príncipes’.” (Phillip G. Kayser, *The Dragon’s War With Heaven*). Sobre a identidade de Miguel, o linguista e teólogo Samuel Lee, em seu tratado escatológico, comenta: “Podemos considerar Miguel, como mencionado por São João, como um guardião e servo ministrador da Igreja de Deus nestes tempos” (Samuel Lee, *An Inquiry into the Nature, Progress and End of Prophecy* [Cambridge: University Press, 1849], pg. 369) [N. R.]

³² Terry, pg. 386.

³³ Carrington, pg. 219

Já notamos que a Guerra Santa foi iniciada pelo ataque de Miguel e do exército do céu. Em resposta, **o Dragão e seus anjos guerrearam**. Mas essa ação defensiva das forças do mal se mostrou um fracasso total: **Eles não eram fortes o suficiente, e não se achou mais lugar para eles no céu. E o grande Dragão foi expulso**, em derrota abjeta. Para as forças do mal, a batalha está perdida. Isso é exatamente o que Jesus profetizou sobre as perspectivas para Sua Igreja Militante: “As portas do inferno não prevalecerão contra ela.” (Mt. 16:18). Jesus retrata a Igreja, não como uma cidade sitiada pelas forças do mal, mas sim como um grande exército, sitiando a capital e a sede do inimigo; e são as forças do mal que sucumbem ao ataque da Igreja. O povo de Deus é o agressor: Eles tomam a iniciativa na guerra e são bem-sucedidos em seu ataque às portas do inferno. Satanás e todas as suas forças **não são fortes o suficiente**, enquanto o cristão pode dizer com São Paulo: *Eu sou forte o suficiente para tudo, n’Aquele que me fortalece* (Fp. 4:13).[†]

São João insere informações detalhadas sobre a identidade do Dragão: Ele é **a antiga Serpente**, o antigo Tentador que seduziu Eva no princípio (Gn. 3:1-15). O Dragão é conhecido como **o diabo**, um termo que significa *O Caluniador*, pois ele é, como o Senhor disse, “mentiroso, e pai da mentira” (Jo. 8:44, ACF). Um termo relacionado para o Dragão é **Satanás** (ou, mais apropriadamente, *o satanás*), a palavra hebraica para um adversário, especialmente em questões legais. O ser a quem chamamos *Satanás* é o promotor, o Acusador que traz acusações legais contra os homens no tribunal de Deus, o maligno que incansavelmente acusa os irmãos “dia e noite” (v. 10). Satanás foi o acusador de Jó (Jó 1:6-11; 2:1-5) e de Josué, o sumo sacerdote (Zc. 3:1-10) – e, como pode ser visto em ambos os casos, suas supostas acusações legais não passavam de mentiras. O Acusador do povo de Deus é um caluniador, o Pai da Mentira.³⁴ Por ser o Mentiroso por excelência, ele engana o mundo inteiro. Foi Satanás quem estava por trás das acusações caluniosas contra os primeiros cristãos, dos rumores difamatórios e das acusações criminais alegando que eles eram apóstatas,

[†] Paráfrase do autor. [N. R.]

³⁴ Sobre o caráter essencial de Satanás como um “acusador dos irmãos” calunioso, veja Greg Bahnsen, “The Person, Work, and Present Status of Satan”, em *The Journal of Christian Reconstruction*, Vol. I, No.2 (Winter, 1974).

ateus, assassinos rituais, canibais, revolucionários sociais e odiadores da humanidade.³⁵

Mas, diz São João, o grande Dragão **foi lançado à Terra, e seus anjos foram lançados com ele**. Três vezes a expressão **lançado** ou **expulso** é usada no versículo 9, enfatizando o significado e a finalidade deste evento. O princípio de *lex talionis* (olho por olho) é posto em vigor aqui: Em 12:4 a cauda do Dragão varreu um terço das estrelas do céu e as lançou para a Terra; agora o próprio Dragão é lançado para a Terra com seus anjos malignos. Nos versículos seguintes, São João explica a visão, nos dizendo claramente quando essa grande expulsão dos demônios ocorreu.

10-11 A explicação vem, como frequentemente acontece com São João, em um chamado à adoração por **uma forte Voz no céu**, exortando a assembleia a louvar o Senhor por Suas maravilhosas obras. O resultado da vitória de Miguel sobre o Dragão é quádruplo, cobrindo a terra: **Agora veio a salvação** – a libertação vitoriosa para um “espaço amplo e aberto”[†] – **e o poder, e o Reino do nosso Deus, e a autoridade do Seu Cristo**. O resultado da Guerra Santa é este: O Reino chegou! O poder de Deus e a autoridade de Cristo **vieram**, foram manifestos na história, porque **o Acusador de nossos irmãos foi expulso, que os acusava diante do nosso Deus dia e noite**.

Esta grande batalha apocalíptica, a maior luta de toda a história, já foi travada e vencida pelo Senhor Cristo, diz São João, e o Dragão foi derrotado. Além disso, os mártires que gastaram suas vidas a serviço de Cristo não morreram em vão; eles são participantes da vitória: Eles **venceram** o Dragão **pelo sangue do Cordeiro** – por meio de³⁶ Sua vitória definitiva e definitiva – **e pela palavra de seu testemunho**. A fidelidade dos mártires a Cristo é demonstrada no fato de que **eles não amaram sua vida até a morte**, sabendo que “quem ama a sua vida perdê-la-á, e quem neste mundo odeia a sua vida, guardá-la-á para a vida eterna” (Jo. 12:25).

³⁵ Cf. Robert L. Wilken, *The Christians as the Romans Saw Them* (New Haven: Yale University Press, 1984), pp. 17ff., 117ff.

[†] Para a ligação entre salvação e a imagem de ser conduzido a um espaço amplo e aberto, v. Chilton, *Paraíso Restaurado*, pg. 66. Cf. Sl. 18:19, 31:8. [N. R.]

³⁶ *Sangue e palavra* estão ambos no caso acusativo, mas a preposição aqui deve ser lida no sentido de meios, bem como de fundamentos (cf. Mt. 15:6; Jo. 6:57; 15:3; Ef. 5:18; Ap. 13:14); veja Isbon T. Beckwith, *The Apocalypse of John: Studies in Introduction with a Critical and Exegetical Commentary* (Grand Rapids: Baker Book House, [1919] 1979), pg. 627.

A Guerra Santa entre Miguel e o Dragão, portanto, não pode ser um retrato da batalha final da história no fim do mundo. Não pode ser futura de forma alguma. Não é uma batalha que acontecerá na Segunda Vinda. A vitória sobre o Dragão, de acordo com São João, não acontece por meio de um evento cataclísmico no fim da história, mas por meio *do* evento cataclísmico que aconteceu no meio da história: o sacrifício do Cordeiro. A linguagem usada para descrever a base da conquista de Miguel não tem nada a ver com a Segunda Vinda, mas tem tudo a ver com a Primeira Vinda. Os mártires vencem por meio do sangue derramado de Cristo, e por meio da proclamação destemida do Evangelho. A vitória cósmica sobre o Dragão acontece por meio do Evangelho, e somente do Evangelho – o Evangelho em seu aspecto objetivo (a obra de Cristo), e o Evangelho em seu aspecto subjetivo (a proclamação da obra de Cristo).

Quando, portanto, Satanás caiu do céu? Ele caiu, definitivamente, durante o ministério de Cristo, culminando na expiação, na ressurreição e na ascensão do Senhor ao Seu trono celestial. Podemos ver os estágios da Guerra Santa em toda a mensagem dos Evangelhos. Enquanto a atividade de demônios parece relativamente rara no Antigo Testamento, o Novo Testamento registra numerosos surtos de demonismo. Abra as páginas do Novo Testamento, e os demônios são quase inevitáveis. Por quê? O que causou esta diferença? Foi a presença de Cristo. Ele partiu para a ofensiva, entrando na história para lutar contra o Dragão, e imediatamente o Dragão contra-atacou, revidando com todas as suas forças, provocando o máximo de destruição possível. E, quando vemos o Senhor guerreando contra o diabo, também O vemos recebendo assistência angelical (cf. Mt. 4:11; 26:53; Lc. 22:43). Como Miguel liderando os anjos, Cristo liderou Seus apóstolos contra o Dragão, expulsando-o de sua posição. A mensagem dos Evangelhos é que, no ministério terreno de Cristo e Seus discípulos, Satanás perdeu sua posição de poder e caiu na terra:

E os setenta retornaram com alegria, dizendo: Senhor, até os demônios se sujeitam a nós pelo teu nome. E ele disse-lhes: Eu vi Satanás cair como um relâmpago do céu. Eis que eu vos dou poder para pisar em serpentes e escorpiões, e sobre todo o poder do inimigo; e nada, de forma alguma, vos fará dano. Mas não vos alegreis por isto, de que os espíritos se sujeitam a vós, mas alegrai-vos, antes, porque vossos nomes estão escritos no céu. (Lc. 10:17-20)

O que Apocalipse 12 retrata é exatamente isso: não apenas a sujeição dos demônios aos santos, mas o registro dos nomes dos santos no céu – sua sentença de justificação, de condição de justiça no tribunal de justiça do céu, pois seu acusador foi expulso da corte, seu falso testemunho invalidado. A palavra para **vencer** neste versículo (*nikao*) carrega a conotação, não apenas de uma vitória militar, mas também de uma vitória legal; a obtenção de um veredito favorável (cf. Rm. 3:4). A realização definitiva disso, é claro, foi a expiação de Cristo pelos pecados de Seu povo; assim, logo antes de Ele se oferecer como sacrifício, nosso Senhor disse: “Agora é o juízo deste mundo; agora será expulso o príncipe deste mundo” (João 12:31). Na vitória de Cristo, a salvação e o Reino vieram à terra. Satanás foi derrotado.

A própria linguagem dos Evangelhos confirma isso. O termo padrão para a “expulsão” de demônios por Cristo ao longo de Seu ministério (*ekballo*; cf. Mt. 8:16, 31; 9:33-34; 10:1, 8; 12:24, 26-28) é simplesmente uma forma intensiva da palavra usada repetidamente em Apocalipse 12 para a “expulsão” do Dragão (*ballo*). E Jesus anunciou: “Se eu expulso os demônios pelo Espírito de Deus, então o reino de Deus é chegado a vós.” (Mt. 12:28). A mensagem do Apocalipse é consistente com a do Novo Testamento como um todo: Cristo chegou, Satanás foi expulso e o Reino veio. Por Sua morte e ressurreição, Cristo “desarmou” os demônios, triunfando sobre eles (Cl. 2:15, NVT). Satanás foi tornado impotente (Hb. 2:14-15), e assim São Paulo foi capaz de assegurar aos crentes em Roma que “o Deus de paz esmagará em breve a Satanás debaixo de vossos pés” (Rm 16:20). A cruz foi a marca, disse Jesus, do julgamento do mundo (Jo. 12:31) – ou, como verteu João Calvino, da reforma e restauração do mundo.³⁷ O governante ilegítimo do mundo foi expulso pela vinda de Cristo. Como Ele anunciou em Sua Ascensão, “Toda a autoridade (*exousia*) me foi dada no céu e na terra.” (Mt 28:18). A visão de São João declara a mesma coisa: **O Reino do nosso Deus e a autoridade (*exousia*) do Seu Cristo chegaram!**

12 A Voz do céu exorta a congregação à adoração exultante: **Por esta razão, regozijai-vos, ó céus, e vós que neles tabernaculais.** Quem são estes que *tabernaculam* (não apenas *habitam*) no céu? São João deixou

³⁷ John Calvin, *Commentary on the Gospel According to John* (Grand Rapids: Baker Book House, 1979), Vol. 2, pg. 36; cf. Ronald S. Wallace, *Calvin's Doctrine of the Christian Life* (Tyler, TX: Geneva Ministries, [1959] 1982), pg. 110.

claro a esta altura que a adoração da Igreja ocorre, real e verdadeiramente, diante do trono celestial de Deus (4:4-11; 5:8-14; 7:9-17). O Novo Testamento reflete claramente esse entendimento por parte dos apóstolos e da Igreja primitiva, declarando que Deus nos ressuscitou com Cristo para os lugares celestiais (Ef. 2:6), onde temos nossa cidadania (Fp. 3:20). Nossa adoração é contemplada pela multidão angélica (1 Co. 11:10; Ef. 3:10), pois chegamos à Jerusalém celestial, onde inúmeros anjos estão reunidos em alegre assembleia com a Igreja (Hb. 12:22-23, NVI). Portanto, aqueles que são chamados ao louvor alegre pela vinda do Reino e pela derrota do Dragão são a Igreja. Nós seguimos o Filho Varão em Sua Ascensão vitoriosa (Ef. 1:20-22; 2:6), e nos tornamos Seu Tabernáculo (cf. 7:15; 13:6).

Mas a derrota definitiva do Dragão por Cristo não significa o fim de sua atividade por completo. De fato, como um rato encurralado, ele se torna ainda mais freneticamente vicioso, sua raiva rosante aumentando com sua frustração e impotência. A Voz do céu assim declara: **Ai da Terra e do Mar, porque o diabo desceu até vós, tendo grande ira, sabendo que pouco tempo lhe resta.** A Sétima Trombeta soou (11:15), e veio o Terceiro Ai (veja 8:13; 11:14). O domínio do Dragão, após sua derrota na Ascensão de Cristo, agora se tornou a Terra e o Mar; ele perdeu para sempre o santuário edênico, que havia sido entregue a ele por Adão. Assim, no Capítulo 13, São João vê duas grandes Bestas na imagem do Dragão, surgindo do Mar e da Terra. O Mar, na imagem de São João, se revelará como as nações pagãs (veja abaixo, em 13:1-2), enfurecidas e espumando em seu ódio contra o Senhor e Seu Cristo (cf. Sl. 2:1). E, como vimos repetidamente, Israel é representado pela Terra. A Voz alerta que tanto Israel quanto o Império se tornarão demonizados no frenesi louco de Sata-nás para se agarrar aos restos decadentes e moribundos de seu governo ilícito. O Dragão tem apenas um breve período restante para causar a ruína da Igreja, enquanto ela ainda estiver conectada ao antigo Israel; ele buscará incitar a Terra e o Mar, primeiro em uma parceria demoníaca contra a Igreja, e então em uma guerra um contra o outro, a fim de esmagar a Igreja entre eles. Como um chefe de quadrilha em fuga, o Dragão tenta consolidar seu poder para uma última e desesperada resistência. Mas ele sabe que está condenado; o tempo está quase acabando.

O Dragão Ataca a Igreja (12:13-17)

- 13 E quando o Dragão viu que fora lançado à Terra, perseguiu a Mulher que dera à luz o Filho varão.
- 14 E duas asas da grande Águia foram dadas à Mulher, para que ela voasse ao deserto até o seu lugar, para que fosse alimentada por um tempo, e tempos e metade de um tempo, longe da presença da Serpente.
- 15 E a Serpente lançou água como um rio de sua boca atrás da Mulher, para que ela fosse arrastada pela inundação.
- 16 E a Terra ajudou a Mulher, e a Terra abriu sua boca e bebeu o rio que o Dragão lançou de sua boca.
- 17 E o Dragão ficou irado com a Mulher, e saiu para guerrear contra o restante de sua semente, que guarda os mandamentos de Deus e mantém o testemunho de Jesus.

13 São João retorna ao tema mencionado no versículo 6: a fuga da Mulher da face Dragão. Isso acontece como resultado direto da derrota do Dragão nas mãos de Miguel, pois **quando o Dragão viu que fora lançado à Terra, perseguiu a Mulher que dera à luz o Filho varão**. Deve-se ressaltar com máxima ênfase que para São João e seu público este é um dos pontos mais cruciais de todo o capítulo. *O Dragão persegue a Igreja precisamente porque Cristo o derrotou*. Devemos nos lembrar disso ao ler sobre o Dragão tramando conspirações, suas maquinações astutas nos bastidores para causar a destruição da Igreja; todos os seus ataques à Igreja estão enraizados no fato de que ele já foi vencido!

É importante para nossa interpretação observar também que a perseguição à Mulher surge em conexão com a queda do Dragão **na Terra** de Israel. É lá que ele busca primeiramente destruir a Igreja.

14 Mas a Mulher recebe o livramento, voando **ao deserto** nas **duas asas da grande Águia**. São João novamente usa imagens do Êxodo, nas quais os pilares cheios de anjos da Nuvem de Glória foram descritos como “asas de águia”, pelas quais Deus havia trazido Israel para Si mesmo no deserto, para ser um povo para Sua própria possessão, um Reino de sacerdotes para Deus, uma nação santa (Ex. 19:4-6; cf. 1 Pe. 2:9-10). A imagem é desenvolvida ainda mais quando Moisés, examinando a história do povo da Aliança no final de sua vida, fala de como Deus salvou Israel no deserto:

Achou-o numa terra deserta
e num ermo solitário povoado de uivos;
rodeou-o e cuidou dele,
guardou-o como a menina dos olhos.
Como a águia desperta a sua ninhada
e voeja sobre os seus filhotes,
estende as asas e, tomando-os,
os leva sobre elas. (Dt. 32:10-11, ARA)

Moisés usa duas palavras-chave nesta passagem: *ermo* e *voejar*. Ambas as palavras ocorrem apenas uma outra vez em todo o Pentateuco, e novamente ocorrem juntas, em Gênesis 1:2. *Ermo* é usado para descrever a condição inabitável da terra em sua criação (“sem forma”); e *voejar* ou *pairar* é o termo de Moisés para a atividade do Espírito de “mover-se” em poder criativo sobre a face do abismo. Deus não é descuidado com a linguagem. Seu profeta Moisés tinha uma razão específica para repetir essas palavras-chave em seu discurso de despedida. Ele estava ressaltando a mensagem de que a salvação de Israel era um evento de criação. A Aliança no Sinai foi uma recriação, uma reorganização do mundo.³⁸ Da mesma forma, São João toma emprestado a terminologia da mesma passagem em Moisés para apresentar essa mensagem à Igreja: Deus cumpriu de forma plena as recriações provisórias da antiga ordem. A vinda de Cristo trouxe a recriação definitiva, a Nova Aliança. E, como nos dias antigos, quando Deus preservou milagrosamente Israel em todas as suas aflições, fornecendo-lhe um Paraíso no meio de um deserto, assim Ele agora nutrirá e cuidará da Igreja, Sua Noiva e a Mãe de Seu Filho unigênito. Seu povo da Aliança habita na sombra da Nuvem de Glória, na sombra de Suas asas (Sl. 17:8; 36:7; 57:1; 61:4; 91:4, 11). As asas da Águia, que significam morte e destruição para os inimigos da aliança (Dt. 28:49; Jó 39:27-30; Jr. 48:40; Os. 8:1; Hc. 1:8; Mt. 24:28), são um emblema de paz, segurança e bênção para os herdeiros da graça da Aliança.

Novamente (cf. v. 6), São João ressaltava que a fuga da Mulher para o deserto não é evidência de seu abandono por Deus; não é um sinal de que ela perdeu a batalha, ou que os eventos estão fora de controle. Em vez disso, ela voa nas asas de águia sobre as águas (v. 15) **para seu lugar, para que ela fosse alimentada** durante o período de tribulação (cf. Lc. 4:25-

³⁸ David Chilton, *Paraíso Restaurado* (Editora Monergismo, 2024), pg. 71; Meredith G. Kline, *Images of the Spirit* (Grand Rapids: Baker Book House, 1980), pp. 13ff.

26), os três anos e meio padrão de juízo mencionados nos profetas ou, como São João expõe aqui na linguagem de Daniel 7:25 e 12:7, **um tempo, e tempos e metade de um tempo**.

Comentaristas adeptos do preterismo tradicionalmente viram esta passagem em termos da fuga da Igreja da Judeia das invasões edomitas e romanas durante a Guerra Judaica, quando, em obediência aos comandos de Cristo (Mt. 24:15-28), os cristãos escaparam para se abrigar nas cavernas do deserto.³⁹ Não há nada de errado com essa visão, até certo ponto, mas não vai longe o suficiente. Pois a alegoria da Mulher de São João é a história da Igreja, não apenas um ramo particular dela. O livramento concedido à Igreja da Judeia deve ser visto como o referente histórico primário deste texto, mas com a percepção de que sua experiência é representativa e ilustrativa do livramento da Igreja como um todo neste período difícil, quando o Senhor preparou uma mesa para ela **na presença** de seus inimigos (Sl. 23:5).

15-16 São João continua sua imagem do Êxodo, nos lembrando de quando os filhos de Israel ficaram presos “entre o diabo e o profundo Mar Vermelho”: **E a Serpente lançou água como um rio de sua boca atrás da Mulher, para que ela fosse arrastada pela inundação**. Farrer diz: “A mulher é tratada como a congregação de Israel, salva do Egito, erguida pelo Senhor nas asas de uma águia e levada ao Sinai. A perseguição do dragão contra ela, lançando uma inundação de água atrás dela, é uma imagem generalizada para a ação do Faraó, que (1) ordena que as crianças israelitas e especialmente Moisés sejam levadas pelo Nilo, (2) persegue o Israel em fuga com um exército e (3) conta com o Mar Vermelho para prender Israel.”⁴⁰ As imagens bíblicas eram familiares: um rio ameaçador buscando subjugar o povo de Deus, fluindo da boca de seus inimigos (Sl. 18:4, 16; 124:3-6; Is. 8:5-8; 59:19; Jr. 46:7-8; 47:2; Os. 5:10).

³⁹ Eusébio, *História Eclesiástica*, 3:5.

⁴⁰ Farrer, pg. 148. Farrer também aponta as imagens astronômicas envolvidas aqui: “Há a grande Águia do céu estrelado, com suas duas asas, e a Mulher pode muito bem receber sua ajuda para fugir do Escorpião que a persegue; pois todos nós esperamos escapar do presságio sinistro de seu nome aceitando a Águia em seu lugar, quando tomamos em consideração as quatro faces do céu. [...] É após mulher receber as asas da Águia que o Dragão lança um rio em sua direção. Isso também é astrológico; o grande rio do céu, a Via Láctea, sobe do Escorpião e varre a Águia” (ibid.).

Mas, novamente, como no Êxodo, o plano do Dragão é frustrado: **A Terra ajudou a Mulher, e a Terra abriu sua boca e bebeu o rio que o Dragão lançou de sua boca.**⁴¹ A imagem é parcialmente baseada no incidente registrado em Números 16:28-33, quando a terra abriu sua boca e engoliu os instigadores de uma rebelião contra Moisés. Milton Terry resume o objetivo das alusões do Antigo Testamento de São João nesta passagem: “O grande pensamento em todas essas imagens é que o poder divino é manifesto para livrar e sustentar a Igreja de Deus do Novo Testamento no dia de sua perseguição – o mesmo poder que, no passado, operou os milagres do Egito, do Mar Vermelho e do deserto.”⁴² Essa é certamente a ênfase de São João aqui. A Igreja é divinamente protegida e preservada em todas as suas tribulações. Não importa o que o Dragão faça em suas tentativas de destruir a Igreja – até mesmo provocar a Revolta Judaica, fazendo com que os Edomitas e os Romanos massacrassem os habitantes de Israel – a Igreja escapa de seu poder. Quando Roma ataca, a Mulher já se foi há muito tempo; a Terra de Israel engole o rio da ira, absorvendo o golpe em seu lugar. A destruição de Jerusalém deixou a verdadeira Cidade e o verdadeiro Templo ilesos, pois eles estavam seguros com a Mulher sob a sombra do Todo-Poderoso.

17 O Dragão teve apenas “pouco tempo” (v. 12) para destruir a Igreja, e ele fracassou novamente. Frustrado em sua tentativa de destruir a Igreja Mãe, ele **ficou irado com a Mulher, e saiu para guerrear contra o restante de sua semente**, os cristãos que permaneceram ilesos na guerra do Dragão contra a Mulher. Como a Igreja é simbolizada tanto pela Mulher quanto por seus filhos? “Essas distinções são facilmente feitas e mantidas. A Igreja, considerada como uma instituição e um corpo orgânico, é distinguível de seus filhos, como Is. 66:7-8 e Gl. 4:22-26 mostram claramente. [...] Observamos, portanto, que a Igreja é, em um ponto de vista, a totalidade de todos os seus membros de filhos; de outras maneiras,

⁴¹ Curiosamente, tanto Cristo quanto o Dragão são retratados em Apocalipse como cuspiendo pessoas de suas bocas: Cristo vomita os apóstatas (3:16), e o Dragão lança torrentes de exércitos (12:16-17) (assim como ele havia *lançado* as estrelas para a terra em 12:4). Em uma figura relacionada, a Terra vomita cananeus e israelitas apóstatas em Levítico 18:28, mas aqui ela engole o rio cuspidos pelo Dragão.

⁴² Terry, pg. 390.

familiares às Escrituras, seus membros individuais são considerados relacionados a ela como filhos a uma mãe.”⁴³

Tendo sido frustrado em seus desígnios de destruir tanto a Mãe quanto sua Semente, o Dragão se volta em fúria contra **o restante de sua semente**, a Igreja Cristã (predominantemente gentia) em todo o Império. Observemos bem a descrição de São João desses irmãos e irmãs do Senhor Jesus Cristo: Eles **guardam os mandamentos de Deus e mantêm o testemunho de Jesus**. A definição de cristão, a partir de certa perspectiva, é que ele é um membro da assembleia organizada do povo de Deus; tão importante quanto, ele é definido em termos de sua conformidade ética à lei de Deus.

E nisto sabemos que o conhecemos, se guardarmos os seus mandamentos. Aquele que diz: Eu o conheço, e não guarda os seus mandamentos, é mentiroso, e a verdade não está com ele. (1 Jo. 2:3-4)

Porque este é o amor de Deus: que guardemos os seus mandamentos; e os seus mandamentos não são pesados. (1 Jo. 5:3)

Como São João já nos informou, os santos vencem o Dragão por meio da palavra de seu testemunho e sua obediência fiel, até a morte (v. 11). Os capítulos seguintes detalharão vários estágios cruciais na guerra contínua entre a semente da Serpente e a semente da Mulher. A passagem não pretende ser cronologicamente precisa, como se o Dragão se voltasse contra o resto da Igreja somente após o fracasso da Guerra Judaica. Em vez disso, a fuga da Igreja da Judeia é apenas a culminação de uma série de libertações e livramentos ao longo dos Últimos Dias, simbolizados pela fuga da Mulher. São João descreve em imagens os vários estratagemas projetados por Satanás para destruir a Igreja, e mostra que todos eles são fracassos completos. O Dragão está travando uma batalha perdida, pois ele já foi derrotado na Cruz e no Túmulo. Não há um centímetro quadrado de território no céu ou na terra ou debaixo da terra onde haja paz entre a Serpente e a Semente da Mulher, e Cristo já venceu de forma absoluta em todas as frentes. Desde a ascensão de Cristo, a história mundial tem sido uma operação de limpeza. A Igreja Militante, enquanto for a Igreja Obediente, será a Igreja Triunfante também.

⁴³ Ibid., pg. 391. Um exemplo relacionado é o uso bíblico das expressões *Sião* e *Filha de Sião* (cf. Sl. 9:11, 14; Ct. 3:11) e *filhos de Sião* (cf. Sl. 149:2).

13

LEVIATÃ E BEEMOTE

O Livro do Apocalipse é um documento da Aliança. É uma profecia, como as profecias do Antigo Testamento. Isso significa que não tem como objetivo fazer “previsões” de eventos surpreendentes como tais. Como profecia, seu foco é redentor e ético. Ele diz respeito à Aliança. A Bíblia é a revelação de Deus sobre Sua Aliança com Seu povo. Foi escrita para mostrar o que Deus fez para salvar Seu povo e glorificar a Si mesmo por meio deles.

Portanto, quando Deus fala do Império Romano no Livro do Apocalipse, Seu propósito não é nos contar fofocas empolgantes sobre a vida na corte de Nero. Ele fala de Roma apenas em relação à Aliança e à história da redenção. “Devemos ter em mente que em todo esse simbolismo profético temos diante de nós *o império romano como um poder perseguidor*. Este Apocalipse não trata da história de Roma. [...] A Besta não é um símbolo de Roma, mas do grande *poder mundial romano*, concebido como o instrumento da antiga serpente, o Diabo, para perseguir os santos dispersos de Deus.”¹ O fato mais importante sobre Roma, do ponto de vista do Apocalipse, não é que seja um estado poderoso, mas que seja a Besta, em oposição ao Deus da Aliança; a questão não é essencialmente política, mas religiosa (cf. comentários sobre 11:7). O Império Romano não é visto em termos de si mesmo, mas somente em termos 1) da *Terra* (Israel) e 2) da *Igreja*.

A Besta do Mar (13:1-10)

- 1 E eu fui posicionado sobre a areia do mar. E vi uma Besta subindo do mar, tendo dez chifres e sete cabeças, e sobre seus chifres dez diademas, e sobre suas cabeças nomes blasfemos.
- 2 E a Besta que vi era semelhante a um leopardo, e seus pés eram como os de um urso, e sua boca como a boca de um leão. E o Dragão deu-lhe seu poder, e seu trono e sua grande autoridade.
- 3 E vi uma de suas cabeças como golpeada de morte, e sua ferida mortal foi curada. E toda a Terra se maravilhou após a Besta;

¹ Milton Terry, *Biblical Apocalypstics: A Study of the Most Notable Revelations of God and of Christ in the Canonical Scriptures* (New York: Eaton and Mains, 1898), pp. 393f.

- 4 e adoraram o Dragão, porque ele deu sua autoridade à Besta; e adoraram a Besta, dizendo: Quem é semelhante à Besta, e quem é capaz de guerrear contra ela?
- 5 E foi-lhe dada uma boca para falar grandes coisas e blasfêmias; e autoridade para guerrear por quarenta e dois meses foi-lhe dada.
- 6 E abriu a boca em blasfêmias contra Deus, para blasfemar o Seu Nome e o Seu Tabernáculo, os que tabernaculam nos céus.
- 7 E foi-lhe concedido guerrear contra santos e vencê-los; e foi-lhe dada autoridade sobre toda tribo, e povo, e língua e nação.
- 8 E todos os que habitam na Terra o adorarão, todos cujos nomes não estão escritos desde a fundação do mundo no Livro da Vida do Cordeiro que foi morto.
- 9 Se alguém tem ouvidos, ouça.
- 10 Se alguém está destinado ao cativeiro, ao cativeiro irá; se alguém matar à espada, à espada deve ser morto. Aqui está a perseverança e a fé dos santos.

1-2 São João nos conta que, assim como ele ascendeu à Sala do Trono de Deus para contemplar o mundo celestial (4:1; cf. Ez 3:14; 8:3), o Espírito agora o **posicionou na areia do mar**, o ponto de observação de onde ele é capaz de ver a **Besta subindo do mar**. Em um sentido visual e dramático, o poderoso Império Romano parecia surgir do mar, da península itálica, situada no outro lado do oceano em relação à Terra. Mais do que isso, no entanto, o simbolismo bíblico do mar está em vista aqui. O mar é, como vimos em 9:1-3, associado ao Abismo, a morada dos demônios, que foram aprisionados lá depois de terem sido expulsos do Jardim. Este Abismo é o mesmo de Gênesis 1:2, 'sem forma e vazio', inabitável pelo homem. Fica longe da terra seca do ambiente humano, e é o lugar onde os demônios são mantidos presos enquanto os homens permanecem fiéis a Deus. Quando os homens apostatam, os demônios são soltos; à medida que o homem é progressivamente restaurado, os espíritos malignos são enviados de volta ao Abismo (Lc. 8:26-33). Aqui vemos a fonte final da natureza bestial da Besta: em essência, ele vem do mar, das profundezas caóticas e sombrias do Abismo, que teve de ser vencido, formado e preenchido pela luz do Espírito (Gn. 1:2; Jo. 1:5). Isso não quer dizer que houve algum conflito real entre Deus e Sua criação; no começo, tudo era "muito bom". O mar é fundamentalmente uma imagem da vida. Mas, após

a Queda, a imagem do abismo furioso é usada e desenvolvida nas Escrituras como um símbolo do mundo em caos através da rebelião de homens e nações contra Deus: “Os perversos são semelhantes ao mar encapelado, quando não pode sossegar, cujas águas lançam em direção à costa lama e sujeira.” (Is. 57:20; cf. Isa. 17:12). Mais tarde, é dito a São João que “as águas que viste [...] são povos, e multidões, e nações e línguas” (17:15). Dessa massa caótica e rebelde da humanidade surgiu Roma, um império inteiro fundado na premissa de oposição a Deus.

A Besta tem **dez chifres e sete cabeças**, uma imagem espelhada (cf. Gn. 1:26) do Dragão (12:3), que dá à Besta **seu poder, seu trono e sua grande autoridade**. Os dez chifres coroados (poderes)² da Besta são explicados em 17:12 em termos dos governadores das dez províncias imperiais, enquanto as sete cabeças são explicadas como a sucessão dos Césares (17:9-11): Nero é uma das “cabeças”. Devemos ter em mente a distinção lógica já traçada entre *sentido* (o significado e as associações de um símbolo) e *referente* (o significado especial do símbolo como usado em um caso particular). As conotações de cabeças e chifres são as mesmas tanto no Dragão quanto na Besta, mas se referem a objetos diferentes.

Em uma paródia horripilante do Sumo Sacerdote bíblico, que usava o Nome divino em sua testa (Ex. 28:36-38), a Besta exhibe **em suas cabeças nomes blasfemos**: De acordo com a teologia imperial romana, os Césares eram deuses. Cada imperador era chamado *Augusto* ou *Sebastos*, significando *Um a ser adorado*; eles também assumiram o nome *divus* (deus) e até mesmo *Deus* e *Theos* (Deus). Muitos templos foram erguidos para eles por todo o Império, especialmente, como notamos, na Ásia Menor. Os Césares Romanos receberam honra pertencente somente ao único Deus verdadeiro; Nero exigia obediência *absoluta*, e até mesmo ergueu uma imagem de si mesmo de 120 pés de altura. Por esta razão, São Paulo chamou César de “o homem do pecado”; ele era, disse São Paulo, “o filho da perdição. O qual se opõe e se levanta contra tudo o que se chama Deus ou se adora; de modo que se assentará, como Deus, no templo de Deus, querendo parecer Deus.” (2 Ts. 2:3-4). São João enfatiza esse aspecto da Besta: **E foi-lhe dada uma boca para falar grandes coisas e blasfêmias [...] E abriu a boca em blasfêmias contra Deus** (13:5-6). Os cristãos foram

² Cf. 1 Rs. 22:11; Zc. 1:18-21; Sl. 75:10.

perseguidos porque se recusaram a participar deste culto idólatra ao Imperador.

O Império Romano é ainda simbolizado como um animal voraz e feroz, indomável e sob a Maldição. São João diz que a aparência da Besta era **semelhante a um leopardo, com pés como os de um urso** e uma boca como a boca de um leão: “Os três animais, assim combinados pelo escritor, simbolizam rapidez e ferocidade ao lançar-se sobre a presa, tenacidade em segurá-la e arrastá-la para longe, e um apetite voraz para devorá-la.”³ Esses também são os mesmos animais (listados em ordem reversa) usados para descrever os três primeiros dos quatro grandes impérios mundiais em Daniel 7:1-6 (Babilônia, Medo-Pérsia e Grécia; cf. descrição de Daniel dos mesmos impérios sob um símbolo diferente, em Dn. 2:31-45). O quarto império, Roma, participa das características malignas e bestiais dos outros impérios, mas é muito pior: “Eis aqui o quarto animal, terrível e espantoso, e muito forte, o qual tinha dentes grandes de ferro; ele devorava e fazia em pedaços, e pisava aos pés o que sobejava; era diferente de todos os animais que apareceram antes dele, e tinha dez chifres.” (Dn 7:7).⁴ Esta, conforme observamos em 12:3, é a origem dos **dez chifres e sete cabeças** (as três cabeças das bestas 1, 2 e 4, mais as quatro cabeças da besta 3: Dn. 7:6) do Dragão (e, portanto, da Besta). A Besta do Apocalipse é claramente o Império Romano, que “combinou em si todos os elementos do terror e da opressão, que existiram na soma dos outros grandes impérios que o precederam; sua extensão também era igual a todos eles unidos.”⁵

Esta Besta, no entanto, não é apenas uma instituição, mas uma pessoa; especificamente, como veremos, é o Imperador Nero. Isso ocorre porque, especialmente na maneira como a Bíblia vê as coisas, os dois podem ser considerados como um. Roma era, até certo ponto, factualmente identificada com seu líder, assim como a raça humana o era com Adão; o Império era personificado e representado no César reinante (Nero). Assim, a profecia de São João pode alternar entre eles, ou considerá-los juntos, sob a mesma designação. E tanto Nero quanto o Império estavam afundados

³ Moses Stuart, *A Commentary on the Apocalypse* (Andover: Allen, Morrill and Wardwell, 2 vols., 1845), Vol. 2, pg. 276.

⁴ De acordo com Moses Stuart e Milton Terry, as bestas de Daniel são Babilônia, Média, Pérsia e Grécia. Mesmo se esse fosse o caso (o que duvido), seu “renascimento” na imagem do Apocalipse significaria simplesmente que Roma combina as piores características dos quatro impérios mundiais precedentes.

⁵ Ibid.

em atividades degradantes, degeneradas e bestiais. Nero, que assassinou vários membros de sua própria família (incluindo sua esposa grávida, a quem ele chutou até a morte); que era homossexual, o estágio final da degeneração (Rm 1:24-32); cujo afrodisiaco favorito consistia em assistir as pessoas sofrerem as torturas mais horríveis e repugnantes; que se vestia como uma fera selvagem para atacar e estuprar prisioneiros homens e mulheres; que usou os corpos de cristãos queimando na fogueira como as “velas romanas” originais para iluminar suas festas imundas no jardim; que instaurou a primeira perseguição imperial aos cristãos por instigação dos judeus, a fim de destruir a Igreja; *esse* perverso animalesco era o governante do império mais poderoso da terra. E ele estabelecia o padrão de comportamento para seus súditos. Roma era o esgoto moral do mundo.⁶

3-4 E vi uma de suas cabeças como golpeada de morte, e sua ferida mortal foi curada. Alguns apontaram que, depois que Nero foi morto, o rumor começou a se espalhar de que ele voltaria à vida e retomaria o trono; de alguma forma, eles supõem, São João deve estar se referindo a esse mito *Nero redivivus*. Isso, me parece, é um método muito insatisfatório de lidar com as Escrituras. São João menciona a “ferida mortal” da Besta três vezes nesta passagem (ver v. 12, 14); claramente, isso é muito mais do que um símbolo casual, e devemos buscar uma explicação bíblica para isso.⁷

A Besta, como vimos, se assemelha ao Dragão. O fato de que ele recebe uma *ferida na cabeça* deve nos fazer pensar na cena no Jardim do

⁶ Veja Suetônio, *A Vida dos Doze Césares* (Edições do Senado Federal, 2012), pp. 205-232; Tácito, *Anais*, trad. José L. F. de Carvalho (Edições Colibri, 2022), pp. 273-428, Miriam T. Griffin, *Nero: The End of a Dynasty* (New Haven: Yale University Press, 1984).

⁷ Este ponto é levantado por praticamente todos os comentários que defendem a (ou mesmo reconhecem a existência da) interpretação preterista. É geralmente considerado um argumento crucial; dá-se impressão de que o caso como um todo depende intrinsecamente do mito *Nero redivivus*. Minhas objeções ao seu uso como o ponto crucial interpretativo são, resumidamente, as seguintes: João estava escrevendo enquanto Nero ainda estava vivo, e não poderia estar apelando para um mito que ainda não havia surgido; mais importante, tal abordagem é falha, pois usa fábulas pagãs em vez das Escrituras como sua fonte *primária* para interpretação. A própria Bíblia é o amplo contexto hermenêutico para os livros canônicos. O valor da literatura extrabíblica é, na melhor das hipóteses, secundário. (Assim, o mito *redivivus* pode ser de alguma importância menor como um complemento histórico para a perspectiva teológica; de fato, é possível que uma interpretação equivocada da profecia de João tenha dado origem ao mito em primeiro lugar.)

Éden, quando Deus prometeu que Cristo viria e esmagaria a cabeça do Dragão (Gn. 3:15). Daniel havia profetizado que, nos dias dos governantes romanos, o Reino de Cristo esmagaria os impérios satânicos e os substituiria, enchendo a terra. Consequentemente, o testemunho apostólico proclamou que o Reino de Cristo havia chegado, que o diabo havia sido derrotado, desarmado e amarrado, e que todas as nações começariam a fluir em direção ao monte da Casa do Senhor. Na primeira geração, o Evangelho se espalhou rapidamente pelo mundo, para todas as nações; igrejas surgiram em todos os lugares, e membros da própria casa de César uniram-se à fé (Fp. 4:22). Na verdade, Tibério César até solicitou formalmente que o Senado Romano reconhecesse oficialmente a divindade de Cristo.⁸ Por um tempo, portanto, parecia que um *golpe* estava em andamento: o cristianismo estava em ascensão, e logo assumiria o controle. A cabeça de Satanás havia sido esmagada e, com ela, o Império Romano havia sido ferido de morte com a espada (veja 13:14) do Evangelho.⁹

Mas então a situação se inverteu. Embora o Evangelho tivesse se espalhado por toda parte, o mesmo aconteceu com a heresia e a apostasia; e, devido à perseguição por parte dos judeus e do Estado Romano, grandes massas de cristãos começaram a se apostatatar (1 Tm. 1:3-7, 19-20; 4:1-3; 6:20-21; 2 Tm. 2:16-18; 3:1-9, 13; 4:10, 14-16; Tt. 1:10-16; 1 Jo. 2:18-19). O Novo Testamento dá a impressão definitiva de que a *maioria* das igrejas se desintegrou e abandonou a fé; sob a perseguição de Nero, a Igreja parecia

⁸ Isso é relatado por Tertuliano em sua *Apologia*, capítulo 5 (trad. J. F. Vidal e L. F. K. Pasquotto, Tertullian.org): “A não ser que os deuses deem satisfação aos homens, não lhe é reconhecida a divindade: Deus deve ser propício ao homem. Tibério, em cujos dias surgiu o nome Cristão no mundo, tendo recebido informações da Palestina sobre os acontecimentos que demonstraram claramente a verdade da divindade de Cristo, levou, adequadamente, o assunto ante o Senado com sua própria decisão a favor de Cristo. O Senado rejeitou sua proposta porque não fora ele mesmo que dera sua aprovação. O imperador manteve sua posição ameaçando com sua ira todos os acusadores dos cristãos. Consultai vossas histórias [...]” A. Cleveland Coxe comenta: “Grande ênfase deve ser colocada no fato de que Tertuliano era provavelmente um jurisconsulto, familiarizado com os arquivos romanos e influenciado por eles em sua própria aceitação da Verdade Divina. Não é de se supor que um homem como ele teria arriscado seu apelo ousado aos registros, ao protestar contra o Senado e diante da face do Imperador e de seus colegas, se não soubesse que as evidências eram irrefutáveis” (*The Ante-Nicene Fathers, Alexander Roberts and James Donaldson*, eds.; Eerdmans, 1973; pp. 57f.).

⁹ O tema bíblico de esmagar cabeças é especialmente proeminente no Livro dos Juízes; veja James B. Jordan, *Judges: God's War Against Humanism* (Tyler, TX: Geneva Ministries, 1985).

ter sido completamente extinta. A Besta havia recebido o ferimento na cabeça, o ferimento mortal – mas ainda vivia. A realidade, é claro, era que Cristo *já* derrotara o Dragão e a Besta; mas as implicações de Sua vitória ainda haviam de ser concretizadas; os santos ainda haviam de vencer e tomar posse (cf. Dn. 7:21-22; Ap. 12:11).

E toda a Terra se maravilhou após a Besta; e adoraram o Dragão, porque ele deu sua autoridade à Besta; e adoraram a Besta, dizendo: Quem é semelhante à Besta, e quem é capaz de guerrear contra ela?

São João não está falando do *mundo* seguindo a Besta; a palavra que ele usa aqui deve ser compreendida como se referindo à *Terra de Israel*. Sabemos disso porque o contexto identifica seus adoradores como *aqueles que habitam na Terra* (Ap. 13:8, 12, 14) – uma frase técnica usada doze vezes em Apocalipse para denotar o Israel apóstata (veja acima em 3:10). É verdade, claro, que Nero era amado em todo o Império como o benevolente provedor de bem-estar e entretenimento. Mas é *Israel* em particular que é condenado por adoração ao Imperador. Diante de uma escolha entre Cristo e César, eles proclamaram: *Não temos rei senão César!* (Jo. 19:15). “Com este grito, o judaísmo tornou-se, na pessoa de seus representantes, culpado de negação de Deus, de blasfêmia, de apostasia. Ele cometeu suicídio.”¹⁰ Sua reação à guerra aparentemente vitoriosa de César contra a Igreja (Ap. 11:7) foi de admiração e adoração. *Israel ficou do lado de César e do Império contra Cristo e a Igreja*. Em última análise, portanto, eles estavam adorando o Dragão, e por esta razão o próprio Jesus chamou suas assembleias de adoração de *sinagogas de Satanás* (Ap. 2:9; 3:9).

5-7 Novamente São João chama nossa atenção para as **blasfêmias** da Besta **contra Deus** (cf. 13:1). Especificamente, ele diz, a Besta busca **blasfemar o Seu Nome e o Seu Tabernáculo, os que tabernaculam nos céus**. Nossa cidadania está no céu (Fp. 3:20), lá estamos entronizados em Cristo, nosso representante (Ef. 1:20; 2:6) e, como vimos, a adoração oficial da Igreja acontece nos lugares celestiais, com miríades de anjos em alegre assembleia (Hb. 12:22-23; cf. comentários sobre 8:1-2). Em contraste com aqueles que rejeitam a fé, que “habitam na terra”, o povo da Nova Aliança tabernacula no céu ao redor do trono de Deus. Simultanea-

¹⁰ Alfred Edersheim, *The Life and Times of Jesus the Messiah* (McLean, VA: MacDonald Publishing Company, 2 vols., n.d.), Vol. 2, pg. 581.

mente, portanto, São João fala à Igreja tanto da cruel oposição da Besta a eles quanto de sua certeza de proteção ao redor do Trono na corte celestial.

Alexander Schmemmann chamou a atenção belamente para a natureza da adoração como a ascensão semanal da Igreja ao céu (cf. Ex. 24:9-11; 34:1-8, 29-35; Mc. 9:1-29): “Os primeiros cristãos perceberam que, para se tornarem o templo do Espírito Santo, eles *devem ascender* ao céu, onde Cristo ascendeu. Eles perceberam também que essa ascensão era a própria condição de sua missão no mundo, de seu ministério ao mundo. Pois ali – no céu – eles estavam imersos na nova vida do Reino; e quando, após essa ‘liturgia da ascensão’, eles retornassem ao mundo, seus rostos refletiriam a luz, a ‘alegria e paz’ daquele Reino e eles seriam verdadeiramente suas testemunhas. Eles não traziam planos nem teorias; mas onde quer que fossem, as sementes do Reino brotavam, a fé era acesa, a vida era transfigurada, coisas impossíveis eram tornadas possíveis. Eles eram testemunhas, e quando lhes perguntavam: ‘De onde brilha esta luz, onde está a fonte de seu poder?’ eles sabiam o que responder e para onde levar os homens. Na igreja hoje, muitas vezes encontramos apenas o mesmo velho mundo, não Cristo e Seu Reino. Não percebemos que nunca chegamos a lugar nenhum porque nunca deixamos nenhum lugar para trás.”¹¹

A Besta recebeu **autoridade para agir por quarenta e dois meses e guerrear contra os santos e vencê-los**. Como observei acima (veja os comentários sobre 11:2), o período de 42 meses (ou três anos e meio, um sete quebrado) é uma figura simbólica na linguagem profética, significando um tempo de angústia, quando os inimigos de Deus estão no poder, ou quando o juízo está sendo derramado, enquanto o povo de Deus espera pela vinda do Reino (como já observamos, a Besta oprimiu os santos da Antiga Aliança por 42 gerações, de acordo com Mateus 1:1-17). Seu uso profético não é primariamente literal, embora seja interessante que a perseguição de Nero à Igreja tenha durado de fato 42 meses completos, de meados de novembro de 64 até o início de junho de 68. Este período de 42 meses corresponde (mas não é necessariamente idêntico) aos 42 meses/1.260 dias de 11:2-3 e ao “tempo, e tempos e metade de um tempo” de 12:14. Durante o tempo do triunfo da Besta, ela exerce **autoridade sobre** a terra quádrupla: **toda tribo, e povo, e língua e nação**. Isso era verdade para o Império Romano, assim como era verdade para a *Besta* em geral.

¹¹ Alexander Schmemmann, *For the Life of the World: Sacraments and Orthodoxy* (New York: St. Vladimir's Seminary Press, revised ed., 1973), pg. 28

Satanás governou “todos os reinos do mundo” (cf. Mt. 4:8-9) como seu “príncipe” (Jo. 12:31; cf. Dn. 10:13, 20). Sua autoridade era “legal”, de certa forma, já que Adão havia abdicado do trono; no entanto, também era ilegítima. Os Pais da Igreja dão muita importância ao fato de que o Segundo Adão reconquistou o mundo do domínio de Satanás por meios justos e legais, e não pela força.¹²

8 São João repete o que nos disse nos v. 3-4: **Todos os que habitam na Terra** (isto é, os israelitas apóstatas) **o adorarão**. Devemos lembrar que a Bíblia fala de adoração em dois sentidos: adoração oficial e litúrgica (um “culto de adoração”) e a fidelidade e obediência cotidianas e práticas. Quando confrontados com a escolha prática entre César e seu Senhor, os judeus escolheram César. Idolatria – adoração à criatura em vez do Criador – é a marca daquele **cujo nome não foi escrito desde a fundação do mundo no Livro da Vida do Cordeiro que foi morto.**[†] Desde o início, os ímpios foram predestinados à condenação. Isto não é apenas um correlato necessário às doutrinas bíblicas da soberania de Deus e Sua eleição incondicional de Seu povo (veja, por exemplo, At. 13:48), mas é explicitamente ensinado como tal nas Escrituras (veja Pv. 16:4; Mt. 11:25; Mc. 4:11-12; Jo. 12:37-40; Rm. 9:13; 11:7-10; 1 Pe. 2:7-8; Jd. 4; Ap. 17:8, 17). O Registro de Membros da Igreja celestial de Deus existe desde a fundação do mundo, eterno e imutável. Do ponto de vista do decreto eterno de

¹² Cf. as palavras de Sto. Irineu: “O Verbo onipotente e fiel, na sua justiça, voltou-se contra a própria Apostasia, regatando o que era seu, não pela violência [...] mas pela persuasão, como era conveniente a Deus, e sem violência, tomou o que queria, para que, ao mesmo tempo, fosse salvaguardada a justiça, e não perecesse a antiga obra modelada por Deus” (*Contra as Heresias*, 5:1:1). Sto. Agostinho acrescenta: “Das duas coisas: justiça e poder, uma a executou morrendo; a outra, ressuscitando. Pode haver maior prova de justiça do que caminhar até a morte de cruz pela justiça? E que maior sinal de poder do que ressuscitar dentre os mortos e subir ao céu com o mesmo corpo com que sofreu a morte? Portanto, venceu primeiramente o demônio pela justiça, e depois pelo seu poder. Pela justiça, porque nele não houve pecado e, entretanto, foi morto por um ato injustíssimo. Pelo poder, porque reviveu após a morte para nunca mais morrer” (*A Trindade* [Editora Paulus, 1995], 13:18).

[†] Tradução válida a partir do texto grego: “Rv 13:8, em grego, pode ser interpretado (e isso concorda com 17:8) como que aquilo que foi feito desde a fundação do mundo foi a escrita (sobre o livro-rolô de a vida do Cordeiro) dos nomes daqueles que se haviam de salvar. [...] Com isto concordam Darby [inglês e francês], Diodati, Ostervald, e Berry” (Hélio de M. Silva, *Bíblia Literal do Texto Tradicional* [BV Books Editora, 2022], pg. 2063, n. 67). [N. R.]

Deus, portanto, esses violadores circuncisos da aliança que adoram a Besta nunca foram incluídos no Livro da Vida. Aqueles que buscam excomungar os seguidores do Cordeiro são eles próprios excluídos da Aliança.

9-10 São João interrompe sua descrição dos adoradores da Besta para exortar seus leitores a prestarem muita atenção ao que ele vai dizer a seguir: **Se alguém tem ouvidos, ouça** (a provável origem desta expressão é uma referência à “circuncisão”, ou perfuração, da orelha do escravo “nascido em casa”, representando a morte e ressurreição pactuais, renascimento e obediência renovada à palavra do mestre; veja Ex. 21:5-6; Dt. 15:16-17; Sl. 40:6-8).¹³ Ele então declara a condenação dos seguidores da Besta, daqueles que habitam na Terra: **Se alguém está destinado ao cativoiro, ao cativoiro irá; se alguém matar à espada, à espada deve ser morto. Aqui está a perseverança e a fé dos santos.** São João está citando livremente Jeremias 15:2, um versículo que ocorre em uma passagem estendida detalhando a rejeição de Jerusalém por Deus. Jeremias é instruído a não orar pela nação, porque eles foram destinados à destruição (Jr. 14:10-12); de fato, mesmo que aqueles grandes intercessores Moisés (cf. Ex. 32:11-14; Nm. 14:13-24) e Samuel (cf. 1 Sm. 7:5-9; 12:9-15) orassem por eles, Deus diz que não os ouviria (Jr. 15:1). Não haverá lugar para se esconder do julgamento, e quando o povo aterrorizado perguntou: “Para onde iremos?” Jeremias deveria responder:

Os destinados à morte, para a morte;
os destinados à espada, para a espada;
os destinados à fome, para a fome;
os destinados ao cativoiro, para o cativoiro.
(Jr. 15:2; cf. 42:11, no contexto)

Em linguagem que lembra as palavras pressagiosas de Jesus às mulheres de Jerusalém (Lc. 23:28-31), Jeremias prossegue descrevendo a destruição vindoura da Terra (Jr. 15:5-9). Lembrando seus leitores desta passagem e seu cumprimento histórico na destruição de Jerusalém e do primeiro Templo pelos babilônios (587 a.C.), São João enfatiza a certeza do juízo vindouro sobre os judeus apóstatas do primeiro século, aqueles

¹³ Para um estudo exaustivo sobre a circuncisão da orelha, veja James B. Jordan, *The Law of the Covenant: An Exposition of Exodus 21-23* (Tyler, TX: Institute for Christian Economics, 1985), pp. 77-84

que estão em conluio com a Besta na perseguição dos santos. Os perversos não podem escapar: eles foram destinados ao cativeiro e à espada.

A confiança no governo de Deus é a essência da fé paciente à qual o povo de Deus é chamado. Devemos depositar nossa confiança não no homem, não nas maquinações malignas de conspiradores diabólicos, mas em Deus, que governa o mundo para Sua glória. Seu juízo certamente virá. A expectativa paciente disso **é a perseverança e a fé dos santos.**

A Besta da Terra (13:11-18)

- 11 E vi outra Besta subindo da Terra; e tinha dois chifres como um Cordeiro, e falava como um Dragão.
- 12 E exerce toda a autoridade da Primeira Besta em sua presença. E faz a Terra e os que nela habitam adorarem a Primeira Besta, cuja ferida mortal foi curada.
- 13 E realiza grandes sinais, de modo que até faz descer fogo do céu à Terra, na presença dos homens.
- 14 E engana os que habitam na Terra por causa dos sinais que lhe foi dado que realizasse na presença da Besta, dizendo aos que habitam na Terra que fizessem uma Imagem à Besta que tem a ferida da espada e tornou a viver.
- 15 E foi-lhe dado infundir fôlego à Imagem da Besta, para que a Imagem da Besta pudesse falar e fazer com que todos os que não adorassem a Imagem da Besta fossem mortos.
- 16 E faz com que todos, os pequenos e os grandes, e os ricos e os pobres, e os homens livres e os escravos, recebam uma marca na sua mão direita, ou na sua testa,
- 17 e que ninguém possa comprar ou vender, exceto aquele que tiver a marca, seja o nome da Besta ou o número do seu nome.
- 18 Aqui está a sabedoria. Aquele que tem entendimento calcule o número da Besta, pois o número é o de um homem; e seu número é 666.

11 Assim como a Besta do mar era segundo a Imagem do Dragão, vemos outra criatura que é segundo a Imagem da Besta. São João viu esta **subindo da Terra**, surgindo de dentro do próprio Israel. Em 16:13 e 19:20, somos informados sobre a identidade desta Besta da Terra. Ele é o Falso Profeta, representando o que Jesus havia predito que aconteceria nos últimos dias de Israel: “Muitos virão em meu nome, dizendo: Eu sou

o Cristo; e enganarão a muitos [...] Surgirão muitos falsos profetas, e enganarão a muitos.” (Mt 24:5, 11). A ascensão dos falsos profetas foi paralela à dos anticristos; mas, enquanto os anticristos apostataram para o judaísmo de dentro da Igreja, os falsos profetas eram líderes religiosos judeus que buscavam seduzir os cristãos de fora. Como Cornelis Vanderwaal observou, “Nas Escrituras, a falsa profecia surge apenas dentro do contexto da aliança”,¹⁴ é a imitação da verdadeira profecia e opera em relação ao povo da Aliança. Moisés havia alertado que falsos profetas surgiriam *dentre* o povo da Aliança, realizando sinais e maravilhas (Dt. 13:1-5).

É importante lembrar que o judaísmo não é religião do Antigo Testamento; ao contrário, é uma rejeição da fé bíblica por completo em favor da heresia farisaica e talmúdica. Como os mórmons, as Testemunhas de Jeová, a Igreja da Unificação e outras seitas, ele afirma ser baseado na Bíblia; mas sua autoridade real vem das tradições dos homens. Jesus foi bem claro: o judaísmo nega *Cristo* precisamente porque nega *Moisés* (Jo. 5:45-47). *Somente* o cristianismo ortodoxo é a verdadeira continuação e cumprimento da religião do Antigo Testamento (veja Mt. 5:17-20; 15:1-9; Mc. 7:1-13; Lc. 16:29-31; Jo. 8:42-47).

Os falsos profetas judeus tinham a aparência de **um Cordeiro**, como Jesus havia alertado: “Cuidado com os falsos profetas, que vêm a vós vestidos como ovelhas, mas, interiormente, são lobos devoradores.” (Mt. 7:15). Esta é uma referência não apenas ao disfarce do falso profeta como um membro do rebanho de Deus, mas às suas pretensões especificamente messiânicas. Na realidade, ele era um lobo, uma Besta, que falava **como um Dragão**. Como o Dragão fala? Ele usa discurso enganoso, sutil e sedutor para afastar o povo de Deus da fé e levá-lo a uma armadilha (Gn. 3:1-6, 13; 2 Co. 11:3; Ap. 12:9); além disso, ele é um mentiroso, um caluniador e um blasfemador (Jo. 8:44; Ap. 12:10). O Livro de Atos registra vários exemplos de falso testemunho draconiano dos judeus contra os cristãos, um grande problema para a Igreja primitiva (At. 6:9-15; 13:10; 14:2-5; 17:5-8; 18:6, 12-13; 19:9; 21:27-36; 24:1-9; 25:2-3, 7).

12 Os líderes judeus, simbolizados por esta Besta da Terra, uniram forças com a Besta de Roma em uma tentativa de destruir a Igreja (At. 4:24-28; 12:1-3; 13:8; 14:5; 17:5-8; 18:12-13; 21:11; 24:1-9; 25:2-3, 9, 24). As-

¹⁴ Cornelis Vanderwaal, *Search the Scriptures*, Vol. 10: *Hebrews-Revelation* (St. Catherines, Ontario: Paideia Press, 1979), pg. 89; cf. pg. 100.

sim, a Besta da Terra **exerce toda a autoridade da Primeira Besta**: “Assim como a primeira besta é o agente do dragão, a segunda besta é o agente da primeira besta. ‘Toda a autoridade’ faz da segunda besta o instrumento pleno da primeira.”¹⁵ O judaísmo apóstata tornou-se completamente subserviente ao Estado Romano. Isso é enfatizado pela declaração de São João (repetida no v. 14) de que o Falso Profeta exerceu a autoridade da Besta **em sua presença**. Isso está em contraste direto com a função do verdadeiro profeta, que permanecia “diante [*da face*] do Senhor”, na presença de Deus, sob Sua autoridade e bênção (1 Sm. 1:22; 2:18; 1 Rs. 17:1; cf. Nm. 6:24-26; Os. 6:2; Jn. 1:3, 10), assim como é dito que os sete anjos que tocam as trombetas “estavam diante de Deus” (8:2). O profeta tinha o privilégio de entrar na sala do trono de Deus na Nuvem de Glória como um membro do conselho celestial, onde o plano divino era formulado (cf. Ex. 33:8-11; 1 Rs. 22:19-23; Jr. 23:18; Ez. 1, 10; Am. 3:7; isso também é indicado no fato de que os profetas são chamados de *anjos*: 2 Cr. 36:15-16; Ag. 1:13; Ml. 3:1).¹⁶ “O verdadeiro profeta vive na presença de Deus, recebendo d’Ele suas ordens e fazendo Sua vontade; o Falso Profeta está diante da Besta, cujo intérprete e servo ele é.”¹⁷ O fato de que tal coisa poderia ser dita da liderança religiosa de Israel, o povo da Aliança, mostra o quão gravemente se apostataram da fé de seus pais. Eles levaram Israel a adorarem ao Imperador, fazendo **a Terra e aqueles que nela habitam adorarem a Primeira Besta, cuja ferida fatal foi curada** (uma falsa Ressurreição de um falso Filho). Curiosamente, é a ressurreição da Besta que é dada (aqui e no versículo 14) como a razão para a adoração, assim como a adoração cristã é, em última análise, fundamentada na Ressurreição de Cristo como a prova de Seu caráter e ofício messiânico (1 Co. 15). A falsa ressurreição de Roma serviu como falso Testemunho de Israel, sua “prova” de que Cristo *não* era o Messias.

13-14 O Falso Profeta também realizou grandes milagres a serviço do Império: Ao contrário dos falsos profetas impotentes de Baal, **ele até faz descer fogo do céu à terra**; assim, este falso Elias **engana os que**

¹⁵ R. C. H. Lenski, *The Interpretation of St. John's Revelation* (Minneapolis: Augsburg Publishing House, 1943, 1963), pg. 404.

¹⁶ A exposição mais detalhada sobre isso encontra-se em Meredith G. Kline, *Images of the Spirit* (Grand Rapids: Baker Book House, 1980), pp. 57-96.

¹⁷ Henry Barclay Swete, *Commentary on Revelation* (Grand Rapids: Kregel Publications, 3rd ed. [1911] 1977). pg. 169.

habitam na Terra. Jesus havia alertado que “falsos cristos e falsos profetas, e farão tão grandes sinais e maravilhas que, se possível fora, enganariam até os eleitos.” (Mt. 24:24), e isso foi cumprido inúmeras vezes à medida que o período dos “Últimos Dias” de Israel progredia para seu clímax. O Livro de Atos registra vários casos de falsos profetas judeus que fizeram milagres e que entraram em conflito com a Igreja (cf. At. 8:9-24) e operavam sob a autoridade de oficiais romanos (cf. At. 13:6-11); como Jesus havia predito (Mt. 7:22-23), alguns deles até usaram Seu nome em seus encantamentos (At. 19:13-16). Imitando os profetas bíblicos, que invocavam a ira ardente de Deus contra os apóstatas e os infratores da lei (Lv. 10:1-2; Nm. 16:28-35; 1 Rs. 18:36-40; 2 Rs. 1:9-16; Am. 1:3-2:5; Ap. 11:5), os líderes judeus pareciam exercer o juízo de Deus contra a Igreja, excomungando os cristãos das sinagogas e perseguindo-os até a morte. Novamente, São João ressalta a condição apóstata desses profetas judeus, observando que eles realizam suas maravilhas **na presença de homens e na presença da Besta**, em vez de “diante do Trono e diante do Cordeiro” (7:9; cf. 3:5; 4:10; 5:8; 7:11, 15; 8:2; 11:4, 16; 14:3, 10; 15:4).

A perversidade da liderança de Israel é tal que eles encorajam **aqueles que habitam a Terra** – o povo judeu – **a fazer uma Imagem à Besta**, como Nabucodonosor erguera uma imagem para si mesmo (Dn. 3). Antes que possamos fazer uma identificação completa desta Imagem, será necessário examinar o pano de fundo e o contexto religioso em que ela está inserida. A profundidade da apostasia de Israel deve ser vista, antes de tudo, em sua rejeição do Senhor Jesus Cristo, o verdadeiro Deus e Salvador, em favor de César. São João revela isso em sua verdadeira natureza como idolatria (cf. 9:20). Não é necessário supor que os judeus literalmente se curvaram diante de uma imagem esculpida; o ponto é que eles estavam adorando e servindo a um deus estranho.

Alguns objetariam que os judeus nunca foram culpados de “idolatria” após o Exílio. Em resposta, repetimos novamente o excelente resumo de Herbert Schlossberg sobre a essência da idolatria: “A idolatria em seu significado mais amplo é adequadamente entendida como qualquer substituição do que é criado pelo criador. As pessoas podem adorar a natureza, o dinheiro, a humanidade, o poder, a história ou os sistemas sociais e políticos em vez do Deus que os criou a todos. Os escritores do Novo Testamento, em particular, reconheceram que o relacionamento não precisa ser *explicitamente* de adoração cultural; um homem pode colocar qualquer pessoa ou qualquer coisa no topo de sua pirâmide de valores, e é isso que

ele serve em última análise. A supremacia dessa devoção afeta profundamente a maneira como ele vive.”¹⁸ Ademais, é um fato que os profetas pós-exílicos consideravam os judeus de seus dias como idólatras (cf. Zc 13:1-3; Ml 3:5-7).

O caráter idólatra do Israel apóstata é presumido em toda a mensagem do Novo Testamento. O apóstolo Paulo acusa especificamente os judeus de iniquidade e apostasia em Romanos 2. Nos versículos 21-23, ele diz: “Tu, pois, que ensinas a outro, não te ensinas a ti mesmo? Tu, que pregas que não se deve furtar, furtas? Tu, que dizes que não se deve cometer adultério, o cometes? Tu, que *abominas ídolos, roubas os templos?*” (TB) Claramente, São Paulo está acusando o Israel apóstata de cometer idolatria (ou seu equivalente). É crucial observar que todas as acusações em Romanos 2 se referem a *Israel como um todo*; obviamente, se elas se aplicassem apenas a alguns poucos indivíduos seletos, seu argumento não teria força. (Já que ele também os acusa de cometer adultério, é pelo menos possível que ele tenha em mente adultério “religioso” contra seu verdadeiro Marido, Jesus Cristo). Em geral, os comentaristas supuseram que a acusação de idolatria significava que os judeus eram culpados de roubar templos pagãos (por exemplo, São Crisóstomo, Henry Alford, John Murray; cf. Atos 19:37, que indica que os judeus podem ter sido considerados responsáveis por essa ofensa), ou que estavam cometendo “sacrilégio” em um sentido mais geral, por sua impiedade, irreverência e descrença (por exemplo, João Calvino, Charles Hodge; cf. 1 Sm. 15:23; Nm. 13:4-12; Ml. 1:6-14; 3:8-9; Cl. 3:5). O que geralmente não é notado é que toda a lista de crimes em Romanos 2:20-23 é tirada de Malaquias 2-3, indicando que a acusação de “roubar templos” (e, portanto, de idolatria) está relacionada à falha dos israelitas em dizimar, sua recusa em honrá-Lo como Deus (cf. Mt. 15:7-9). Deus diz por meio de Malaquias:

Desde os dias de vossos pais vos tendes desviado das minhas ordenanças, e não as tendes guardado. Retornai para mim, e eu retornarei para vós, diz o SENHOR dos Exércitos; mas vós dizeis: Em que havemos de retornar? Roubará o homem a Deus? Todavia, vós me roubais. Mas vós dizeis: Em que te roubamos? Em dízimos e ofertas. Vós sois amaldiçoados com uma maldição; pois vós mesmos me roubastes, toda esta nação. (Ml. 3:7-9)

¹⁸ Herbert Schlossberg, *Idols for Destruction: Christian Faith and its Confrontation with American Society* (Nashville: Thomas Nelson, 1983), pg. 6.

Boa parte da definição de idolatria do Catecismo Maior de Westminster (praticamente cada palavra da qual é abundantemente referenciada às Escrituras) é aplicável ao caráter religioso de Israel durante os Últimos Dias: “Os pecados proibidos no segundo mandamento são: toda invenção, aconselhamento, comando, uso e de qualquer modo aprovação de qualquer culto religioso não instituído por Deus mesmo; tolerar uma religião falsa; [...] todas as invenções supersticiosas, corrompendo o culto de Deus, acrescentando a ele ou tirando dele, quer inventadas e assumidas por nós mesmos, quer recebidas por tradições de outros, embora sob o título de antiguidade, costume, devoção, boa intenção, ou qualquer pretensão que seja; simonia; sacrilégio; toda negligência, desprezo, obstrução e oposição ao culto e ordenanças que Deus instituiu” (cf. Mt. 15:3-9; At. 13:45; 1 Ts. 2:15-16).¹⁹ O ponto essencial para o nosso propósito é simplesmente que São Paulo está acusando o povo judeu de algum tipo de idolatria. É certamente um termo amplo o suficiente para cobrir sua rejeição a Jesus Cristo.

15-17 A extensão do poder demoníaco do Falso Profeta é tal que ele é capaz de **infundir fôlego** (ou **espírito**) à **Imagem da Besta, para que a Imagem da Besta pudesse falar**. Embora alguns argumentem que isso se refere a algum truque de maquinário ou ventriloquismo (e, portanto, uma aparente refutação do Salmo 135:15-16: “Os ídolos dos pagãos [...] têm boca, mas não falam”), é mais provável que a passagem como um todo tenha a intenção de transmitir a ideia de uma tentativa judaica apóstata de recriar o mundo. No princípio, quando Deus criou a terra, Ele deu fôlego/Espírito à Sua Imagem e o colocou em Seu templo-jardim (Gn. 2:7-8); e a primeira coisa que vemos a Imagem fazendo é *falar*, nomear e definir a criação em termos do mandato de Deus (Gn. 2:19-20).

A Imagem da Besta infundida de espírito é capaz de **fazer com que todos os que não adorassem a Imagem da Besta fossem mortos**. As sinagogas judaicas impunham a submissão ao Imperador. De fato, a acusação de seus líderes contra o próprio Cristo era que Ele era um rival da autoridade abrangente de César (Jo. 19:12-15). Similarmente, eles organizaram boicotes econômicos contra aqueles que se recusavam a se submeter a César como Senhor, com os líderes das sinagogas “proibindo

¹⁹ O Padrão de Westminster (Publicações O Pacto, 2024), pp. 130-131.

todas as relações com os excomungados”,²⁰ e chegando ao ponto de matá-los.

E faz com que todos, (observe as seis categorias), **os pequenos e os grandes, e os ricos e os pobres, e os homens livres e os escravos, recebam uma marca na mão direita ou na testa, e que ninguém possa comprar ou vender, exceto aquele que tiver a marca, seja o nome da Besta ou o número do seu nome.** O livro de Atos está repleto de incidentes de perseguição judaica organizada à Igreja (At. 4:1-3, 15-18; 5:17-18, 27-33, 40; 6:8-15; 7:51-60; 9:23, 29; 13:45-50; 14:2-5; 17:5-8, 13; 18:17; 20:3; 22:22-23; 23:12, 20-21; 24:27; 26:21; 28:17-29; cf. 1Ts. 2:14-16). Tudo isso, em última análise, serviu aos interesses de César contra Cristo e a Igreja; e a “marca da Besta”, é claro, é a paródia satânica do “selo de Deus” nas testas e mãos dos justos (3:12; 7:2-4; 14:1), a marca da obediência de todo o coração à Lei em pensamento e atitude (Dt. 6:68), a marca da bênção e proteção (Ez. 9:4-6), o sinal de que alguém é *SANTO AO SENHOR* (cf. Ex. 28:36, A21). Israel rejeitou a Cristo e é “marcado” com o selo do senhorio total de Roma; ela deu sua lealdade a César e é obediente ao seu governo e lei. Israel escolheu ser salvo pelo estado pagão e perseguiu aqueles que buscavam salvação em Cristo.

O Novo Testamento dá abundante testemunho desse fato. A hierarquia judaica estava envolvida em uma tentativa colossal e organizada de destruir a Igreja por meio do engano e da perseguição. Em busca desse objetivo diabólico, eles se uniram em uma conspiração com o governo romano contra o cristianismo. Alguns deles foram capazes de realizar milagres a serviço de Satanás. Tudo isso é exatamente o que nos é dito sobre a Besta da Terra. O Falso Profeta do Apocalipse representa ninguém menos que a liderança do Israel apóstata, que rejeitou Cristo e adorou a Besta.

Há uma interessante inversão de imagens no texto. O Livro de Jó nos preparou para a profecia de São João, pois ele também nos fala de uma Besta da Terra (*Beemote*, Jó 40:15-24) e uma Besta do Mar (*Leviatã*, Jó 41:1-34). No Antigo Testamento grego que a Igreja primitiva usava, *Beemote* é traduzido como *Thērion*, a mesma palavra que São João usa para *Besta*; e *Leviatã* como *Drakōn* (*Dragão*). Mas as visões de São João expandem as descrições de Jó desses dinossauros, e a ordem de sua aparição é invertida. Jó viu primeiro o *Beemote* (Jó 40), depois o *Leviatã* (Jó 41) e finalmente

²⁰ Austin Farrer, *The Revelation of St. John the Divine* (London: Oxford University Press, 1964), pg. 157.

Deus (Jó 42). No Apocalipse, São João nos mostra o inverso demoníaco desse padrão: primeiro vemos Satanás como o Dragão, o Leviatã; depois vem a Besta do Mar, que é segundo a imagem do Dragão; finalmente, seguindo-os e servindo-os, vem a Besta da Terra, na imagem da Besta do Mar, trazendo consigo outra Imagem da Besta. Ao listar as Bestas em ordem reversa, São João ressalta seu ponto: Israel, que deveria ter se tornado um reino de sacerdotes para as nações do mundo, entregou sua posição de prioridade ao Leviatã e à Besta. Em vez de colocar uma marca divina em cada cultura e sociedade, Israel foi refeito à imagem do Estado pagão e anticristão, tornando-se seu profeta. Os filhos de Abraão se tornaram a semente da Serpente.

Durante três anos de ministério em Éfeso, o apóstolo Paulo sofreu perseguição contínua por causa das “conspirações dos judeus” (At. 20:19, NVI); ao descrever seus conflitos com eles, ele os chamou de “feras” (1 Co. 15:32). A Besta Judaica foi o inimigo mais enganoso e perigoso da Igreja primitiva. São Paulo advertiu vigorosamente a Igreja sobre os judaizantes que propagavam “fábulas judaicas”: “Eles professam que conhecem a Deus, mas com as obras o negam, sendo abomináveis e desobedientes, e reprovados para toda boa obra.” (Tt. 1:14, 16).

Estamos agora em posição de tentar uma identificação mais precisa **da Imagem da Besta**, que é uma continuação da falsificação satânica, a inversão demoníaca da ordem de Deus. Assim como o Filho de Deus é a Imagem do Pai (Jo. 1:18; Cl. 1:15), assim a Igreja foi recriada redentivamente como a Imagem do Filho (Rm. 8:29; Ef. 4:24; Cl. 3:10). A visão da Igreja profética, sacerdotal e dominical vista por São João é paralela à do Senhor Jesus Cristo: Como seu Senhor, ela é vestida de luz gloriosa (cf. 1:13-16; 10:1; 12:1; 19:6-8; 21:9-22:5). Auxiliando o Filho em Sua obra ao longo do Apocalipse estão as Sete Estrelas/Anjos da Presença (8:2), guiadas pelo Espírito Santo (os Sete Espíritos, ligados aos anjos em 3:1). A ordem divina é assim:

Pai
Filho (Imagem do Pai)
Anjos/Bispos
Igreja (Imagem do Filho)

A paródia satânica disto é:

Dragão

Besta (Imagem do Dragão)

Falso Profeta

Sinagoga de Satanás (Imagem da Besta)

Ao longo do Livro do Apocalipse, a Igreja fala liturgicamente, e os anjos então agem na história para ligar e desligar pela Trombeta e Cálice, trazendo juízos sobre os desobedientes; similarmente, a Sinagoga “fala”, e o Falso Profeta traz seus falsos juízos sobre aqueles que desafiam sua autoridade. A Igreja foi ressuscitada, trazida à vida pelo próprio Espírito/Sopro de Deus (11:11; cf. Gn. 2:7; Jo. 20:22); a Sinagoga de Satanás foi animada por um espírito/sopro também (13:15). E, assim como o Anjo de Deus marcou as testas dos justos para proteção (7:3), assim o “anjo” da Besta selou os ímpios com sua própria marca de maldade. Os líderes de Israel trabalharam para impor a adoração, não ao Deus verdadeiro, como nas igrejas cristãs, mas à *própria Sinagoga – a Imagem da Besta*.

18 A essa altura, já estava claro para os leitores de São João que a Besta do Mar era o Império Romano. São João agora fornece aos seus leitores uma identificação da Besta de uma forma muito diferente: **Aqui está a sabedoria. Aquele que tem entendimento calcule o número da Besta, pois o número é o de um homem; e seu número é 666.** Como veremos, 666 (literalmente, $\chi\zeta\zeta'$)²¹ é o valor numérico do nome *Nero César*.²² Embora esta seja uma solução conveniente (e, até certo ponto, perfeitamente correta), ela também apresenta vários problemas. Se a Besta deve ser identificada com o Império Romano como um todo, em vez de apenas com Nero, isso não muda o “número da Besta” quando outro César

²¹ Nos tempos do Novo Testamento, a letra obsoleta ς (*stigma*, que produzia o som *st*) era usada para o numeral 6; veja A. T. Robertson e W. Hersey Davis, *A New Short Grammar of the Greek Testament* (New York: Harper & Brothers, 1931, 1933) pg. 109.

²² Às vezes, objeta-se que, usando vários sistemas de computação, é possível dar ao nome de praticamente qualquer pessoa o valor de 666; assim, os intérpretes identificaram a Besta com o Papa, Martinho Lutero, Napoleão, Adolf Hitler e Henry Kissinger (entre uma série de outros). O ponto a ser entendido, no entanto, é que “necessita-se não de uma solução possível do nome, mas sim uma solução relevante. Tendo já mostrado que o Império Romano é a Besta descrita nos versículos 1-8 deste capítulo, naturalmente procuramos algum nome que dê designação específica desse poder” (Milton Terry, *Biblical Apocalypics*, pg. 401).

está no trono? Além disso, isso não é meramente um exemplo de “exegese de jornal” – usando jornais do primeiro século?²³ A resposta é que o nome de Nero não é a referência primária de 666; em vez disso, o número da Besta é baseado em várias vertentes de dados bíblicos que apontam, em última análise, para o Império Romano. O nome *Nero César* de forma alguma esgota o significado do enigma. A própria Bíblia nos dá informações suficientes para nos permitir identificar Roma como a Besta, o cumprimento de 666.

Começamos com o número simples 6, que é associado tanto à *Besta* quanto ao *Homem* desde o início, já que ambos foram criados no sexto dia da semana (Gn. 1:24-31). Seis dias em sete são dados ao homem e à besta para trabalho (Ex. 20:8-11); o escravo hebreu ficava em cativeiro por seis anos antes de sua libertação no sétimo ano (Ex. 21:2); seis cidades de refúgio foram designadas para a morte accidental de um homem (Nm. 35:9-15). *Seis* é, portanto, **o número do Homem**, ou seja, **um número humano**. Lenski explica: “João escreve o número não em palavras, mas em letras gregas: $\chi' = 600$, $\xi' = 60$, $\varsigma' = 6$, portanto 666. Este é o número 6, mais seu múltiplo por 10, ou seja, 60, novamente mais seu múltiplo por 10 x 10 (completude intensificada), ou seja, 600 – portanto 666, três vezes alguém do divino 7. Em outras palavras, *não 777*, mas competindo com 777, buscando obliterar 777, mas fazendo isso abortivamente, seu fracasso sendo tão completo quanto sua expansão ao se inflar de 6 para 666.”²⁴ *Seis* é, portanto, o número com o qual o Homem nasceu, o número de sua criação; a repetição do número revela o Homem em oposição a Deus, tentando aumentar seu número, buscando transcender sua condição de criatura. Mas, por mais que tente, ele não pode ser nada mais do que um seis, ou uma série de seis.

E é exatamente isso que vemos nas Escrituras, quando o homem após-tata tenta se deificar. Golias, o antigo inimigo do povo de Deus, tem a altura de “seis côvados e um palmo” (1 Sm. 17:4) – ou seja, *seis, mais uma*

²³ Há, é claro, alguma justificativa para uma “exegese de jornal” do primeiro século, pois o próprio Livro do Apocalipse nos leva a esperar um cumprimento de suas profecias no primeiro século. *Devemos* procurar cuidadosamente por eventos históricos no primeiro século que correspondam às visões apocalípticas. Isso não necessariamente dá margem a especulação indevida, pois é simplesmente levar a sério as próprias declarações de João sobre seu livro. Ele disse que seria cumprido “em breve”.

²⁴ R. C. H. Lenski, *The Interpretation of St. John's Revelation* (Minneapolis: Augsburg Publishing House, 1943, 1963), pp. 411f.

mão tentando alcançar mais; a ponta de sua lança pesa 600 siclos de ferro. (Golias é, em vários aspectos, uma Besta; como a semente do Dragão, ele usa uma *armadura de escamas*, 1 Sm. 17:5; mas a Semente da Mulher o destrói infligindo um ferimento na cabeça, 1 Sm. 17:49-51.) Outro exemplo marcante desse padrão ocorre quando o Rei Nabucodonosor ergue uma imagem de si mesmo medindo 60 côvados de altura e 6 côvados de largura (Dn. 3:1).²⁵ O impacto disso é ampliado quando consideramos que o valor numérico das letras hebraicas²⁶ em Daniel 3:1 (que descreve a imagem de Nabucodonosor) somam 4.683 – que é 7 vezes 666 (4.662), mais 21, o *triangular* de 6 (a triangulação será explicada em breve).

Uma breve digressão aqui servirá para situar este ponto em sua estrutura simbólica maior, pois – em contraste com os seis multiplicados da imagem de Nabucodonosor – os nomes de Daniel e seus três amigos que se recusaram a adorar o ídolo somam 888 em hebraico.²⁷ Este também é o número de *Jesus* em grego.²⁸ A Queda do homem ocorreu no sétimo dia da criação (o primeiro dia completo de vida do homem); Jesus Cristo, o Segundo Adão, passou o sétimo dia na sepultura, para pagar pelo pecado de Adão. Sua Ressurreição ocorreu no oitavo dia, que se torna o Sábado subs-

²⁵ Santo Irineu vê 666 como uma combinação da idade de Noé no Dilúvio (600) – simbolizando “toda a mistura do mal que se desencadeou antes do dilúvio” – com o 60 + 6 da imagem de Nabucodonosor, simbolizando “toda a falsidade [...] depois do dilúvio, aquela que recomendava o culto dos ídolos, a matança dos profetas e o suplício do fogo infligido aos justos.” (*Contra as Heresias*, 5:29)

²⁶ No hebraico (como na maioria das línguas antigas), o alfabeto tinha dupla função: cada letra também era um numeral. Assim, qualquer palavra ou grupo de palavras tinha um valor numérico, que podia ser calculado simplesmente somando os numerais. O sistema de linguagem do Ocidente evita isso usando o alfabeto romano para suas letras e o alfabeto árabe para seus numerais. Portanto, é difícil e artificial para nós imaginarmos ir e voltar entre o uso como letras e o uso como numerais dos caracteres em nossa língua, mas para os antigos era bastante natural. Com toda a probabilidade, eles não precisavam mudar sua maneira de raciocinar de forma alternada, mas simplesmente viam e compreendiam ambos os aspectos ao mesmo tempo.

²⁷ Veja Ernest L. Martin, *The Original Bible Restored* (Pasadena, CA: Foundation for Biblical Research, 1984), pg. 110. Em sua visão da grande imagem que representava os impérios pagãos que levaram ao reino de Cristo, Nabucodonosor era a “cabeça de ouro” (Dn. 2:37-38); Martin destacou que 666 anos após Nabucodonosor inaugurar seu reinado (604 a.C.), o último ciclo sabático de Israel começou (outono, 63 d.C.), que terminou na destruição de Jerusalém e do Templo no outono de 70.

²⁸ ΙΗΣΟΥΣ (I = 10 + H = 8 + Σ = 200 + O = 70 + Υ = 400 + Σ = 200) = 888.

tituto para a Nova Criação.²⁹ Austin Farrer comenta: “Jesus ressuscitou no *terceiro* dia, sendo o *oitavo* daquela semana: ele é a Ressurreição e a Vida. Para *oito* significando ressurreição, veja 1 Pedro 3:20-21 e 2 Pedro 2:5. Mas o *terceiro* dia em que Jesus ressuscitou é o *terceiro* daquele *sexto* dia (sexta-feira) em que o Anticristo teve seu aparente triunfo; então se Cristo tem um nome que vale 888, o Anticristo deveria ter um nome que vale 666.”³⁰

Farrer se aprofunda nesse ponto: “Por que o Anticristo deveria ser tão enfaticamente ligado ao número *seis*? Todo o arranjo do Apocalipse explica isso. A obra divina com a qual ele lida é uma obra de juízo: é o juízo que tem o padrão sêxtuplo dos dias de trabalho, e sempre no *sexto* dia há a culminação dos juízos.³¹ No *sexto* dia da semana, e na *sexta* hora, diz São João [Jo. 19:13-22; Ap. 13:16-14:1], os reinos de Cristo e do Anticristo estiveram face a face corte de Pilatos, e os adeptos do falso profeta (Caifás) escreveram firmemente em suas testas a marca da Besta, quando disseram: ‘Não temos rei senão César.’ Logo depois, eles viram o Cordeiro erguido com seu verdadeiro Nome sobre sua cabeça, ‘Rei dos Judeus’: e apesar de tudo o que tentaram fazer, não conseguiram apagá-lo: ‘O que escrevi’, disse Pilatos, ‘escrevi’. A vitória de Cristo na *sexta*-feira é a manifestação suprema também do Anticristo.”³²

Há uma propriedade matemática interessante do número 666, que não teria escapado aos leitores de São João: 666 é o *triangular* do *quadrado* de 6. Ou seja, o *quadrado* de 6 (6 x 6) é 36. O *triangular* de 36 é 666. A triangulação é um método de computação que era popular no mundo antigo e muito familiar às pessoas no primeiro século, mas foi amplamente esquecido em nossos dias. Funciona da seguinte maneira:

²⁹ Ver James B. Jordan, *The Law of the Covenant: An Exposition of Exodus 21-23* (Tyler, TX: Institute for Christian Economics, 1984), pg. 164.

³⁰ Austin Farrer, *The Revelation of St. John the Divine* (Londres: Oxford University Press, 1964), pg. 156; Farrer está, é claro, se referindo à Besta pelo termo comum (mas tecnicamente impreciso) *Anticristo*, que é, na realidade, a designação dada por São João aos apóstatas da fé cristã.

³¹ Cf. Gn. 1:31; Ap. 6:12-17; 9:13-21.

³² Farrer, *A Rebirth of Images*, pg. 259.



Esses diagramas, ambos com seis unidades em cada lado, mostram que 36 é o *quadrado* de 6, enquanto 21 é o *triangular* de 6. Se estendermos o triângulo mais uma linha, obteremos o triangular de sete (28); outra linha nos dará o triangular de oito (36). Estendê-lo até 36 linhas resulta no número 666.³³ O número da Besta, portanto, é uma “exposição” completa do número do Homem.

Mas não é só isso. Se retirássemos a borda externa de quinze estrelas no triângulo acima, ficaríamos com um “triângulo dentro de um triângulo”, composto de seis estrelas; pode-se, portanto, dizer que o triangular 21 é o “preenchimento” ou cumprimento de 15 (o número de unidades no triângulo externo, ou periferia).

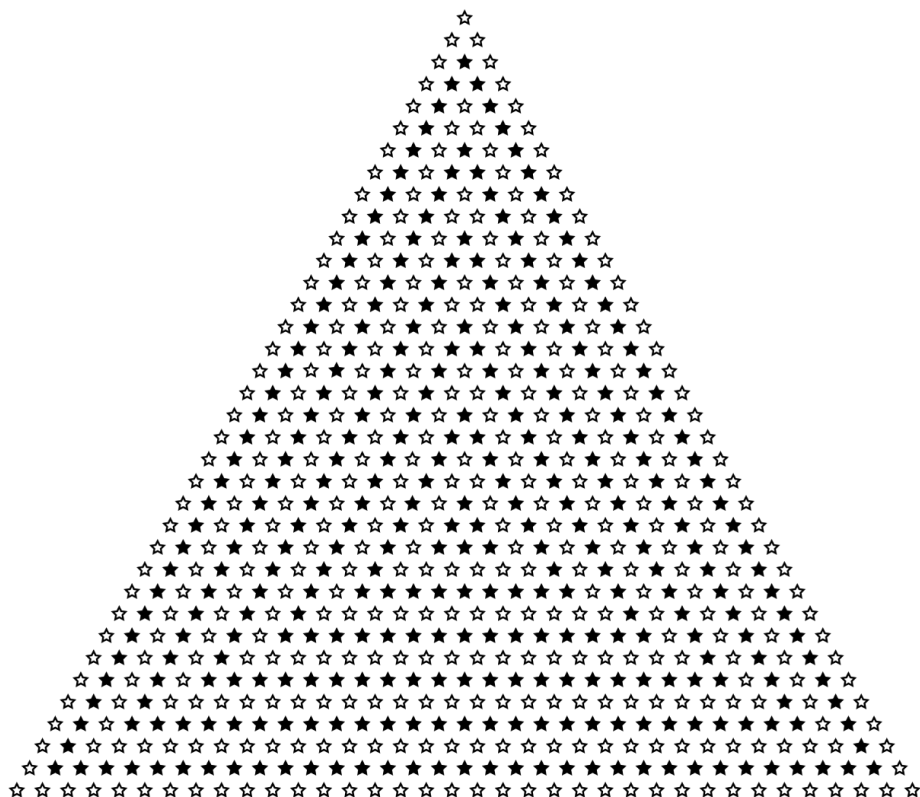


Agora, o triangular 666 contém 12 desses triângulos, um dentro do outro, com o triângulo mais externo composto de 105 unidades; assim, o triangular 666 é o “cumprimento” de 105. Isso nos leva à parte interessante, pois os fatores de 105 são $30 \times 3 \frac{1}{2}$. *Três anos e meio* de *doze* meses em cada ano e *trinta* dias em cada mês equivalem a *mil duzentos e sessenta* dias, o período do triunfo da Besta.

Austin Farrer explica: “666, portanto, é um triângulo de 12 vezes com uma periferia de $30 \times 3 \frac{1}{2}$ [...] A coincidência entre esse cômputo e os fatores do triângulo 666 não é mero acidente. O cômputo do período por São João é artificial, concebido para a conformidade com os fatores do

³³ Aliás, a maneira mais fácil de descobrir o triangular de qualquer número é multiplicá-lo pelo próximo número mais alto e depois dividi-lo por dois; assim $(36 \times 37) / 2 = 666$.

triângulo 666. Não há e nem houve algum calendário em que 3 ½ anos sejam 3 ½ vezes doze meses de trinta dias cada.³⁴ O propósito do cômputo artificial é exibir o reinado fatalmente limitado da Besta como uma função de seu número.”³⁵



F. W. Farrer descreveu como os primeiros leitores do Apocalipse teriam considerado o misterioso 666 (ϡϥϥ'): "A própria aparência dele era terrível. A primeira letra era a letra inicial do nome de Cristo. A última letra era a primeira letra dupla (*st*) da Cruz (*stauros*). Entre as duas, a Serpente estava confessada com seu sinal contorcido e som sibilante. O todo formava uma repetição tripla de 6, o número essencial da labuta e da

³⁴ A nota de Farrer neste ponto diz: "Um calendário solar requer que cada dois meses seja de 31 dias, não 30. Um calendário lunar deve ter cada dois meses de 29 dias e um mês intercalar um pouco mais frequentemente do que a cada três anos. Então, pelo cômputo lunar, 3 anos e meio são cerca de 1.270 ou cerca de 1.300 dias: ou, se negligenciarmos a intercalação completamente, são cerca de 1.240 dias. Em nenhum caso são 1.260 dias."

³⁵ Farrer, *A Rebirth of Images*, pp. 259f.

imperfeição; e este símbolo numérico do Anticristo, 666, estava em terrível oposição a 888 – os três 8 perfeitos do nome de Jesus.”³⁶

Mais do que tudo isso, o número 666 é explicitamente mencionado nos livros dos Reis e das Crônicas, dos quais, como vimos, São João tira muitos de seus números simbólicos (veja os comentários em 4:4). Esses escritos históricos inspirados nos dizem que Salomão (um tipo bíblico de Cristo e da Besta) recebeu *666 talentos de ouro* em um ano, no auge de seu poder e glória (1 Rs. 10:14; 2 Cr. 9:13). Esse número marca tanto o auge seu reinado quanto o início de sua queda; a partir daí, tudo desce ladeira abaixo para a apostasia. Uma por uma, Salomão quebra as três leis da realeza piedosa registradas em Deuteronômio 17:16-17: a lei contra a multiplicação de ouro (1 Rs. 10:14-25); a lei contra a multiplicação de cavalos (1 Rs. 10:26-29); e a lei contra a multiplicação de esposas (1 Rs. 11:1-8). Para os hebreus, 666 era um sinal terrível de apostasia, a marca de um rei e de um reino à imagem do Dragão.

Como já observamos, as línguas antigas usavam cada letra do alfabeto como um numeral também; assim, o “número” do nome de qualquer pessoa poderia ser calculado simplesmente somando o valor numérico de suas letras. Claramente, São João esperava que seus leitores *contemporâneos* fossem capazes de usar esse método para descobrir o nome da Besta – indicando, assim, novamente, a *mensagem contemporânea* do Apocalipse; ele não esperava que eles descobrissem o nome de algum oficial do século XX em um governo estrangeiro. Ao mesmo tempo, no entanto, ele lhes diz que não será tão fácil quanto eles podem pensar: exigirá alguém “que tenha entendimento”. Pois São João não deu um número que pudesse ser calculado em grego, que é o que um oficial romano que examinasse o Apocalipse em busca de conteúdo subversivo esperaria. O elemento inesperado no cálculo foi que ele teve que ser elaborado em *hebraico*, uma língua que pelo menos alguns membros das igrejas conheciam. Seus leitores já teriam adivinhado que ele estava falando de Nero, e aqueles que entendiam hebraico provavelmente compreenderam instantaneamente.

³⁶ F. W. Farrar, *The Early Days of Christianity* (Chicago and New York: Belford, Clarke & Co., 1882), pg. 539.

Os valores numéricos das letras hebraicas em *Neron Kesar* (Nero César) são:

$$\aleph = 50 \quad \beth = 200 \quad \daleth = 6 \quad \kappa = 100 \quad \omega = 60$$

assim:

$$\aleph \kappa \omega \aleph \omega \beth = 666$$

Como mencionei antes, o ponto não é que o nome de Nero seja a identificação primária de 666. O ponto é, em vez disso, o que o número significava para as igrejas. Os leitores bíblicamente informados de São João já terão reconhecido muitas indicações claras da identidade da Besta como Roma (na verdade, eles já sabiam disso a partir da leitura do Livro de Daniel). Agora Nero chegou à cena como o primeiro grande perseguidor da Igreja, a personificação da natureza de “666” do Império, e eis que seu próprio nome calculado resulta em 666!³⁷

É significativo que “todos os primeiros escritores cristãos sobre o Apocalipse, de Irineu até Vitorino de Pettau e Comodiano no século IV, e André no séc. V, e São Beato no séc. VIII, conectem Nero, ou algum imperador romano, com a Besta Apocalíptica.”³⁸ Não deve haver dúvida ra-

³⁷ Alguns levantam a acusação de que *Neron Kesar* é meramente um “erro ortográfico” conveniente do nome de Nero em hebraico. Essa objeção ignora o fato de que, antes da introdução moderna de dicionários, o mundo simplesmente não estava tão preocupado quanto nós com a uniformidade na grafia dos nomes. *Grafias alternativas* eram comuns (por exemplo, “Jorão” e “Jeorão” no Antigo Testamento), especialmente na transliteração de palavras para uma língua estrangeira. Mas a alegação de erro ortográfico é totalmente errada de qualquer maneira. A forma *Neron Kesar* (1) é a forma hebraica linguisticamente “correta”, (2) é a forma encontrada no Talmude e outros escritos rabínicos, e (3) foi usada pelos hebreus no primeiro século, como evidências arqueológicas mostraram. Como observou F. W. Farrar, “o cristão judeu teria testado o nome na forma na qual ele *pensava* no nome – isto é, em *letras hebraicas*. E, no momento em que ele fizesse isso, o segredo seria revelado. Nenhum judeu jamais pensou em Nero exceto como ‘*Neron Kesar*’, e isso dá imediatamente [...] 666” (*The Early Days of Christianity*, Chicago and New York: Belford, Clarke & Co., 1882, pg. 540). Convém notar também que, se o nome de Nero for escrito sem o *n* final (ou seja, da maneira como ocorreria a um gentio escrevê-lo em hebraico), ele produz o número 616 – que é exatamente a leitura variante em alguns manuscritos do Novo Testamento. A explicação mais razoável para essa variante é que ela surgiu da confusão sobre o *n* final.

³⁸ F. W. Farrar, *The Early Days of Christianity* (Chicago and New York: Belford, Clarke & Co., 1882), pg. 541. Veja, p. ex., Sulpício Severo (363-420 d.C.), que claramente cita Ap.

zoável sobre essa identificação. São João estava escrevendo aos cristãos do primeiro século, alertando-os sobre coisas que “em breve” aconteceriam. Eles estavam envolvidos na batalha mais crucial da história, contra o Dragão e o Império maligno que ele possuía. O propósito do Apocalipse era confortar a Igreja com a certeza de que Deus estava no controle, de modo que nem mesmo o poder impressionante do Dragão e da Besta prevaleceriam diante dos exércitos de Jesus Cristo. Cristo foi ferido no calcanhar na sexta-feira, o sexto dia, o Dia da Besta – mas esse é o dia em que Ele esmagou a cabeça do Dragão. Em seu momento mais poderoso, diz São João, a Besta é apenas um *seis*, ou uma série de seis; nunca um *sete*. Seus planos de domínio mundial nunca serão cumpridos, e a Igreja vencerá por meio de seu Senhor Jesus, o 888, que conquistou no Oitavo Dia.

13 em sua descrição de Nero: *Sacred History*, em *A Select Library of Nicene and Post-Nicene Fathers of the Christian Church* (Grand Rapids: Eerdmans, 1973 reprint), pp. 110f.

TABELA DE NUMERAIS EM USO DURANTE O PERÍODO BÍBLICO

	<i>Hebraico</i>	<i>Grego</i>
1	א	α
2	ב	β
3	ג	γ
4	ד	δ
5	ה	ε
6	ו	ς
7	ז	ζ
8	ח	η
9	ט	θ
10	י	ι
20	כ	κ
30	ל	λ
40	מ	μ
50	נ	ν
60	ס	ξ
70	ע	ο
80	פ	π
90	צ	ρ
100	ק	ρ
200	ר	σ
300	ש	τ
400	ת	υ
500	תק	φ
600		χ
700		ψ
800		ω

O REI NO MONTE SIÃO

São João acabou de revelar a tríade maligna de inimigos que enfrenta a Igreja primitiva: o Dragão, a Besta do Mar e a Besta da Terra. Ele deixou claro que esses inimigos são implacáveis, que o conflito com eles exigirá fidelidade até a morte. Novamente, a questão surge de forma natural: a Igreja sobreviverá a uma terrível investida como essa? Nesta seção final da quarta divisão principal de sua profecia, portanto, João novamente aborda esses medos de seu público. A ação do livro é interrompida, enquanto o apóstolo consola seus leitores e fornece razões para confiança na vitória vindoura da Igreja sobre toda a sua oposição. “A revelação dos três grandes inimigos, o dragão, a besta do mar e a besta da terra, é seguida imediatamente por uma revelação sétupla de vitória e juízo nos céus. O propósito dessas visões e vozes do céu é obviamente mostrar que os poderes dos céus são mais fortes do que os da serpente infernal e seus associados. A trindade de forças hostis, armadas com muitas maravilhas enganosas, pode parecer invencível a partir um ponto de vista humano. Mas João, como o jovem servo de Eliseu quando confrontado com os cavalos e carruagens e imensa hoste do rei da Síria, é aqui admoestado que aqueles que estão com a Igreja perseguida são mais e mais poderosos do que aqueles que fazem guerra contra ela (comp. 2 Rs. 6:15-17).”¹

O Cordeiro com Seu Exército Justo (14:1-5)

- 1 E olhei, e eis que o Cordeiro estava em pé sobre o monte Sião, e com ele cento e quarenta e quatro mil, tendo o Seu nome e o nome do Seu Pai escrito em suas testas.
- 2 E ouvi uma Voz do céu, como o som de muitas águas e como o som de um forte trovão, e a Voz que ouvi era como a de harpistas tocando suas harpas.
- 3 E cantavam um Novo Cântico diante do Trono e diante dos quatro seres viventes e dos anciãos; e ninguém podia aprender o Cântico, exceto os cento e quarenta e quatro mil que tinham sido comprados da Terra.

¹ Milton Terry, *Biblical Apocalypics: A Study of the Most Notable Revelations of God and of Christ in the Canonical Scriptures* (New York: Eaton and Mains, 1898), pg. 402.

- 4 Estes são os que não se contaminaram com mulheres, pois são homens castos. Estes são os que seguem o Cordeiro para onde quer que Ele vá. Estes foram comprados dentre os homens como primícias para Deus e para o Cordeiro.
- 5 E nenhuma mentira foi encontrada em sua boca, pois são ir-repreensíveis.

1 Estamos de volta ao Salmo 2 novamente: São João nos mostrou os pagãos furiosos contra o Senhor e contra Seu Cristo, rebelando-se contra a autoridade de Deus; e agora o Senhor diz: “Contudo, pus meu rei sobre o meu santo monte de Sião.”, garantindo que as nações se submeterão ao Seu governo abrangente. Em oposição às Bestas que surgem do Mar e da Terra, **o Cordeiro está de pé (cf. 5:6) no Monte Sião**, já entronizado como Rei dos reis, o Governante de todas as nações. A imagem do Monte da Bíblia é claramente uma referência ao Santo Monte original, a localização do Jardim do Éden (Ez. 28:13-14). As promessas proféticas da restauração do Monte à terra (Is. 2:2-4; Dn. 2:32-35, 44-45; Mq. 4:1-4), bem como as numerosas atividades redentoras nas montanhas (Gn. 22:2; Ex. 19:16-19; 2 Cr. 3:1; Mt. 28:16-20), significavam o cumprimento e a consumação do Paraíso por meio da expiação do Messias, quando o Reino de Deus encheria a terra (Is. 11:9).² O Cordeiro em pé no Monte é um símbolo da vitória de Cristo sobre todos os Seus inimigos, com Seu povo restaurado ao Éden e à comunhão com Deus. O fato de que o Monte é **Sião** (mencionada sete vezes no Novo Testamento: Mt. 21:5; Jo. 12:15; Rm. 9:33; 11:26; Hb. 12:22; 1 Pe. 2:6) serve para destacar essa vitória, pois Sião é o “monte santo” especial de Jerusalém, o símbolo da presença de Deus com Seu povo e Seu reinado vitorioso sobre a terra, quando todos os reinos são reunidos para servi-Lo na Nova Aliança (cf. Sl. 9:1-20; 14:7; 20:1-2; 48:1-14; 69:35; 87:1-3; 99:1-9; 102:13-22; Is. 24:21-23; 51-52; 59:16-20; Jr. 31:10-37; Zc. 9:9-17).³

² Veja David Chilton, *Paraíso Restaurado* (Editora Monergismo, 2024), pp. 41-44.

³ Assim que entendemos que o Jardim do Éden ficava em uma montanha, podemos compreender mais facilmente a base para a concordância surpreendente entre as mitologias das diferentes culturas. Todas as culturas se originaram da dispersão no Monte Ararate, e mais tarde em Babel; e levaram consigo as memórias do Paraíso original. Assim, em cada cultura antiga, há mitos da morada de Deus na Montanha Cósmica (por exemplo, Monte Olimpo), e da expulsão do homem do Paraíso, e suas tentativas de retornar (por exemplo, a obsessão quase universal com a construção de jardins-torre, pirâmides e

O Cordeiro não está sozinho em Sião, pois seu povo compartilha de Sua vitória. Eles estão lá com Ele, os **cento e quarenta e quatro mil**, o Remanescente de Israel ordenado para a batalha de acordo com os milhares de suas tribos (ver em 7:4-8). Vimos que a Marca da Besta (13:16-17) foi a paródia do selamento divino do verdadeiro Israel (7:2-8); agora São João nos lembra do selamento original, a marca da propriedade e proteção de Deus sobre Seu povo obediente. O fato de que os 144.000 são considerados membros da Igreja, e não, em última análise, como uma categoria separada de israelitas étnicos, é enfatizado pela combinação de imagens anteriores de João. Fomos informados anteriormente que os 144.000 são selados **em suas testas** (7:3), enquanto são todos os vencedores de Cristo que têm **Seu nome e o nome de Seu Pai escritos em suas testas** (3:12). Os 144.000, portanto, pertencem à Igreja, o exército dos vencedores. No entanto, eles também são um grupo especial: a Igreja-Remanescente da primeira geração.

2-3 Com os olhos no Cordeiro e em Seu exército, São João ouve **uma Voz do céu**, o lembrete familiar da presença de Deus na Nuvem de Glória: **como o som de muitas águas e como o som de um forte trovão, e [...] como o som de harpistas tocando suas harpas**, a orquestra celestial tocando o acompanhamento do cântico de vitória do exército de santos, que **cantam um Novo Cântico diante do Trono e diante dos quatro seres vivos e dos anciãos**. O Novo Cântico é, como vimos em 5:9, a nova liturgia necessária e trazida pela nova época na história da redenção. E esta liturgia, a resposta exultante dos redimidos, pertence somente à Igreja (cf. 2:17): **Ninguém podia aprender o Cântico, exceto os cento e quarenta e quatro mil que foram comprados da Terra**, remidos como escravos da tirania da Besta da Terra.

4-5 São João dá mais descrições dos remidos: **Estes são os que não se contaminaram com mulheres, pois são homens castos**. Várias linhas de imagens bíblicas estão envolvidas nesta declaração. Devemos dispensar a ideia de que João está falando de celibato literal ao chamá-los de “homens castos” (ou “virgens”), como Carrington apontou: “‘Virgens’ aqui

montes; cf. os “bosques” e “lugares altos” do Israel apóstata). Veja R. J. Rushdoony, *The One and the Many: Studies in the Philosophy of Order and Ultimacy* (Tyler, TX: Thoburn Press, [1971] 1978), pp. 36-53; cf. Mircea Eliade, *The Myth of the Eternal Return: or, Cosmos and History* (Princeton: Princeton University Press, 1954, 1971), pp. 12-17.

é obviamente um símbolo violento de pureza, assim como ‘eunucos’ em Mateus [19:12] é um símbolo violento de celibato; nenhum dos dois deve ser tomado literalmente. Eles não são homens que não tiveram relações sexuais com mulheres, mas homens *que não se contaminaram com mulheres*, o que é uma ideia bem diferente, e certamente não tem a intenção de descrever o casamento.”⁴ A palavra *Virgem* é frequentemente usada no Antigo Testamento para Sião, o povo de Deus (2 Rs. 19:21; Is. 23:12; 37:22; Jr. 14:17; 18:13; 31:4, 21; Lm. 1:15; 2:13). Mais especificamente, a castidade aqui é uma referência simbólica à exigência de abstinência sexual por soldados-sacerdotes durante a guerra santa (cf. Ex. 19:15; Lv. 15:16; Dt. 20:7; 23:10-11; 1 Sm. 21:4-5; 2 Sm. 11:8-11). Além disso, o contexto condena a “fornicação” cometida pelas nações, em conexão com a adoração da Besta (v. 8-10). Fornicação e prostituição, por toda a Bíblia, são metáforas potentes para apostasia e idolatria (cf. Is. 1:21; Jer. 2:20-3:11; Ez. 16:15-43; Ap. 2:14, 20-22), enquanto a fidelidade religiosa é chamada de castidade (2 Cr. 11:2). O exército do Cordeiro, reunido ao redor d’Ele no Monte Sião, é casto, fiel a Ele e consagrado exclusivamente à Guerra Santa.

São João nos diz ainda que esses soldados **são aqueles que seguem o Cordeiro para onde quer que Ele vá**, o termo **seguem** sendo uma metáfora típica para a obediência de um discípulo (Mt. 9:9; 10:38; 16:24; Mc. 9:38; 10:21, 28; Lc. 9:23; Jo. 8:12; 10:4-5, 27; 21:22). No entanto, uma declaração precisa daqueles que compõem esse grupo é dada na próxima frase: **Estes foram comprados dentre os homens como primícias para Deus e para o Cordeiro**. A expressão **primícias** se refere essencialmente a um sacrifício, a oferta da primeira colheita da terra ao Senhor, reivindicada por Ele como Sua propriedade exclusiva (Ex. 22:29; 23:16, 19; Lv. 23:9-21; Dt. 18:45; Ne. 10:35-37; Pv. 3:9-10); esses cristãos se ofereceram ao serviço de Deus por amor a Cristo. Mais do que isso, porém, o Novo Testamento usa *primícias* para descrever a Igreja dos Últimos Dias, a Igreja da “primeira geração” (Rm. 16:5; 1 Co. 16:15), especialmente o fiel Remanescente das doze tribos de Israel (Tg. 1:1, 18): “Os confessores e mártires da Igreja apostólica, que venceram por causa de seu testemunho e do sangue do Cordeiro, são assim declarados como *primícias*, a parte mais excelente dentre a inumerável companhia de santos. O propósito deste Apocalipse era dar encorajamento especial a esses espíritos vir-

⁴ Philip Carrington, *The Meaning of the Revelation* (London: SPCK, 1931), pg. 237.

gens.”⁵

As características deste grupo são notavelmente semelhantes às de Israel quando ela se tornou a Noiva de Deus:

Eu me lembro de sua fidelidade
quando você era *jovem*:
como *noiva*, você me amava
e me *seguia* pelo deserto,
por uma terra não semeada.
Israel, meu povo, era santo para o Senhor,
os *primeiros frutos de sua colheita* [...] (Jr. 2:2-3, NVI; cf. v. 32)

Finalmente, São João diz que **nenhuma mentira foi encontrada em sua boca, pois são irrepreensíveis**. É o Dragão que é o enganador, o falso acusador, o pai da mentira (Jo. 8:44; Ap. 12:9); o povo de Deus é caracterizado pela verdade (Ef. 4:24-27). Como São Paulo declarou sobre os pagãos, a mentira básica é a idolatria: “Dizendo-se sábios, tornaram-se loucos. E mudaram a glória do Deus incorruptível em semelhança da imagem de homem corruptível, e de aves, e de quadrúpedes, e de répteis. [...] Pois estes mudaram a verdade de Deus em mentira, e honraram e serviram mais a criatura do que o Criador, que é bendito eternamente. Amém.” (Rm. 1:22-25, ACF). Em sua raiz, a mentira é uma falsa profecia (cf. Jr. 23), o ato de prestar honra e glória à criatura no lugar do Criador. Vimos que o conflito entre a profecia verdadeira e a falsa, entre os servos-profetas que dão testemunho de Deus e o Falso Profeta, é central para as preocupações do Livro do Apocalipse. Em oposição aos seus inimigos, a Igreja carrega e proclama a Verdade. Como os profetas predisseram, Deus levantou um Remanescente fiel durante o tempo de ira e tribulação em Jerusalém:

Mas deixarei no meio da cidade
os mansos e humildes,
que se refugiarão no nome do Senhor.
O remanescente de Israel não cometerá injustiças;
eles não mentirão,
nem se achará engano em suas bocas. [...] (Sf. 3:12-13, NVI)

⁵ Terry, pg. 404.

Os comentaristas frequentemente são atormentados com a questão de se esta imagem pretende representar a Igreja como vista na terra, ou a Igreja como vista em descanso, no céu. Deve ser óbvio que ambos os aspectos da Igreja estão em vista aqui – especialmente porque, como vimos, a Igreja na terra está “no céu” (12:12; 13:6). A famosa declaração em Hebreus 12:22-23 fornece evidências convincentes: “*Chegastes ao monte Sião, e à cidade do Deus vivo, à Jerusalém celestial, e a uma companhia incontável de anjos; à igreja e assembleia geral dos primogênitos, que estão inscritos no céu [...]*” Milton Terry corretamente observa: “O céu do nosso apocaliptista é a esfera visionária da glória e triunfo da Igreja, e nenhuma distinção marcante é reconhecida entre os santos na terra e aqueles no céu. Eles são concebidos como uma grande companhia, e a morte nada significa para eles [...] Assim, toda a passagem serve para ilustrar como os santos ‘que habitam nos lugares celestiais em Cristo Jesus’ são todos um em espírito e triunfo, não importa qual localidade física ocupem.”⁶ Para São João, Sião “não está em Jerusalém nem acima das nuvens; é toda a assembleia dos santos, vivos e mortos.”⁷

De fato, Stuart Russell sustentou que Hebreus 12:22-23 foi baseado nesta passagem do Apocalipse: “Os pontos de semelhança são tão marcantes e tão numerosos que não podem ser acidentais. A cena é a mesma – Monte Sião; as *dramatis personae* são as mesmas – ‘a assembleia geral e a igreja dos primogênitos, que estão inscritos no céu’, correspondendo aos cento e quarenta e quatro mil que carregam o selo de Deus. Na epístola, eles são chamados de ‘a igreja dos *primogênitos*’; a visão explica o título – eles são ‘as *primícias* para Deus e para o Cordeiro’; os primeiros convertidos à fé de Cristo na Terra da Judeia. Na epístola, eles são designados ‘os espíritos dos homens justos aperfeiçoados’; na visão, eles são ‘vírgens imaculadas, em cuja boca não foi encontrada dolo; porque são irrepreensíveis diante do trono de Deus’. Tanto na visão quanto na epístola, encontramos ‘a inumerável companhia de anjos’ e ‘o Cordeiro’, por quem a redenção foi alcançada. Em suma, afirma-se além de qualquer dúvida razoável que, uma vez que não se pode supor que o autor do Apocalipse tenha tirado sua

⁶ Terry, pg. 404.

⁷ Carrington, pg. 236.

descrição da epístola, o escritor da epístola deve ter derivado suas ideias e imagens do Apocalipse.”⁸

Assim, ainda que a *aplicação* específica dos 144.000 seja para a Igreja da primeira geração, *fundamentalmente* eles são vistos como a Igreja em sua totalidade (o que, na época em que São João estava escrevendo, eles eram precisamente). Isso é confirmado por uma comparação dos paralelos entre esta passagem e a descrição dos remidos em 5:6-11:

14:1-5

- 1 E olhei, e eis que o Cordeiro estava em pé [...]
- 3 [...] diante do Trono e diante dos quatro seres viventes e dos anciãos
- 2 a Voz [...] era como a de harpistas tocando suas harpas.
- 3 E cantavam um Novo Cântico.
- 4 Estes foram comprados dentre os homens como primícias para Deus e para o Cordeiro.

5:6-11

- 6 E vi [...] um Cordeiro em pé [...]
- 6 [...] no meio do Trono e dos quatro seres viventes, e no meio dos anciãos–
- 8 os vinte e quatro anciãos [...] tendo cada um deles uma harpa
- 9 E cantavam um Novo Cântico.
- 9 [Tu] nos compraste para Deus [...] de toda a tribo, e língua, e povo e nação

O Evangelho e os Cálices Envenenados (14:6-13)

- 6 E vi outro anjo voando pelo meio do céu, tendo um Evangelho eterno para pregar aos que se assentam sobre a Terra, e a toda nação, e tribo, e língua, e povo;
- 7 e disse com uma forte Voz: Temei a Deus, e dai-lhe glória, porque é chegada a hora do Seu juízo; e adorai Aquele que fez o céu, e a terra, e o mar, e as fontes das águas.

⁸ J. Stuart Russell, *The Parousia: A Critical Inquiry into the New Testament Doctrine of Our Lord's Second Coming* (Grand Rapids: Baker Book House, [1887] 1983), pp. 469f. Pode-se admitir que Russell não provou seu argumento “além de qualquer dúvida razoável”. Mas ele estabeleceu claramente pelo menos uma relação conceitual (se não uma relação dependente) entre Hebreus 12 e Apocalipse 14.

- 8 E outro anjo, um segundo, o seguiu, dizendo: Caiu, caiu Babilônia, a Grande! Ela fez todas as nações beberem do vinho do ardor da sua fornicação.
- 9 E outro anjo, um terceiro, os seguiu, dizendo com uma forte Voz: Se alguém adorar a Besta e a sua imagem, e receber uma marca na sua testa ou na sua mão,
- 10 também beberá do vinho do ardor de Deus, que é misturado com força total no cálice da Sua ira; e será atormentado com fogo e enxofre na presença dos santos anjos e na presença do Cordeiro.
- 11 E a fumaça do seu tormento sobe para todo o sempre; e não têm descanso nem de dia nem de noite, os que adoram a Besta e a sua imagem, e quem quer que receba a marca da Besta.
- 12 Aqui está a perseverança dos santos que guardam os mandamentos de Deus e a fé de Jesus.
- 13 E ouvi uma Voz do céu, dizendo: Escreve: Bem-aventurados os mortos que desde agora morrem no Senhor! Sim, diz o Espírito, para que descansem dos seus labores; e as suas obras os sigam.

6-7 O restante deste capítulo é dividido em sete seções – uma visão do Cristo glorificado, ladeada de cada lado por três anjos. São João está prestes a fazer a transição entre as visões das Trombetas (proclamações de juízo) e as visões dos Cálices (aplicações dos juízos). Prenunciando essa mudança, os três primeiros anjos fazem *proclamações* especiais a respeito da vitória do Cordeiro, e os três últimos anjos realizam *ações* especiais para ajudá-Lo a implementar Sua conquista. Como seria de se esperar, essas proclamações e ações angélicas são paralelas aos deveres da Igreja, especificamente de seus governantes e líderes.

Primeiro, São João vê **outro anjo voando no meio do céu**, a esfera dos aís da Águia para a Terra (8:13). Mas este anjo prega a paz: O juízo vindouro não é um fim em si mesmo, mas parte da proclamação do **EvangELHO eterno**. Ao contrário das especulações de vários expositores, não há razão para supor que isso seja algo diferente do Evangelho do qual o Novo Testamento fala constantemente. É a mensagem da vinda do Reino, como João e Jesus anunciaram desde o início: “Naqueles dias, apareceu João o Batista pregando no deserto da Judeia, e dizendo: Arrependei-vos, porque está próximo o reino dos céus.” (Mt 3:1-2, ACF); “Ora, depois que João foi colocado na prisão, veio Jesus para a Galileia, pregando o evan-

gelho do reino de Deus, e dizendo: O tempo está cumprido, e o reino de Deus está próximo. Arrependei-vos, e crede no evangelho.” (Mc 1:14-15). E este é o Evangelho pregado pelo anjo, cada elemento nele um aspecto da mensagem do Novo Testamento: **Temei a Deus** (Lc. 1:50; 12:5; At. 10:35), **e dai-lhe glória** (Mt. 5:16; 9:8; 15:31), **porque é chegada a hora do Seu juízo** (Jo. 12:23, 31-32; 16:8-11); **e adorai Aquele que fez o céu, e a terra, e o mar** (o mundo, Gn. 1), **e as fontes das águas** (Paraíso, Gn. 2). Tudo isso tem uma semelhança impressionante com o que é registrado sobre o Evangelho apostólico (cf. At. 14:15; 17:24-31).

O anjo prega este Evangelho **aos que se assentam sobre a Terra**. A expressão usual para os apóstatas israelitas é *os que habitam na Terra* (3:10; 13:8, 12, 14; 17:2, 8). Desta vez, a atenção está focada na mensagem para as autoridades de Israel, aqueles que estão assentados ou entronizados sobre a Terra (o verbo é o mesmo usado no v. 14, do Filho do Homem entronizado na Nuvem). A mensagem do Evangelho ordenou que os governantes da Palestina se submetessem ao senhorio de Cristo, para honrá-Lo, em vez de César, como Deus. Mas os governantes e autoridades O rejeitaram, dizendo “Não queremos que este homem reine sobre nós.” (Lc. 19:14). O próprio Senhor proclamou a glória e o juízo de Deus às autoridades de Israel (Mt. 26:64), e alertou Seus discípulos de que eles pregariam um Evangelho impopular aos governantes: “Acautelai-vos, porém, dos homens; porque eles vos entregarão aos sinédrios, e vos açoitarão nas suas sinagogas; e sereis até conduzidos à presença dos governadores, e dos reis, por causa de mim, para lhes servir de testemunho a eles, e aos gentios.” (Mt. 10:17-18, ACF). Além disso, “E este evangelho do reino será pregado em todo o mundo, como testemunho para todas as nações; e então virá o fim.” (Mt. 24:14). E esta foi a ordem do Evangelho – primeiro aos judeus, e depois aos gentios (At. 3:26; 11:18; 13:46-48; 28:23-29; Rm. 1:16; 2:9): O anjo prega aos governantes da Palestina, e depois **a toda nação, e tribo, e língua e povo**. Antes que o fim viesse em 70 d.C., São Paulo nos conta, o Evangelho foi de fato pregado a todo o mundo (Rm. 1:8; 10:18; Cl. 1:5-6, 23). Apesar das tentativas do Dragão e suas duas Bestas de frustrar o progresso do Evangelho, a missão dos apóstolos, evangelistas, mártires e confessores da Igreja primitiva foi bem-sucedida. O mundo foi evangelizado.⁹

⁹ Veja David Chilton, *Paraíso Restaurado* (Editora Monergismo, 2024), pp. 102f.

8 Outro anjo, um segundo segue, apresentando outro aspecto da proclamação da Igreja primitiva: **Caiu, caiu Babilônia, a Grande!** Esta é a primeira menção de “Babilônia” no Apocalipse, uma referência proléptica prenunciando a exposição completa que viria em capítulos posteriores (semelhante à referência inicial à Besta em 11:7). É certamente possível, no entanto, que os leitores de São João tenham entendido seu significado imediatamente. Em sua primeira epístola, presumivelmente escrita antes do Apocalipse, São Pedro descreveu a igreja local da qual ele escreveu como “[aquela] que está em Babilônia” (1 Pe. 5:13). Muitos supuseram que esta fosse Roma, onde São Pedro foi (de acordo com a tradição) mais tarde martirizado; mas é muito mais provável que o apóstolo estivesse em Jerusalém quando escreveu estas palavras. Com base em dados do próprio Novo Testamento, nossa suposição natural deveria ser que “Babilônia” era Jerusalém, já que era lá que ele vivia e exercia seu ministério (At. 8:1; 12:3; Gl. 1:18; 2:1-9; cf. 1 Pe. 4:17). Além disso, a primeira epístola de São Pedro também envia saudações de Marcos e Silas [Silvano] (1 Pe. 5:12-13), ambos os quais viviam em Jerusalém (Atos 12:12; 15:22-40).¹⁰

Em todo o caso, o impulso primário da profecia foi direcionado contra Jerusalém; ela tratou de Roma apenas na medida em que Roma estava relacionada a Israel. João não nos dá nenhuma indicação de que o assunto foi alterado. Como veremos nos Capítulos 17 e 18, a evidência de que a **Babilônia** profética era Jerusalém é nada menos que esmagadora. O termo é usado para a cidade apóstata assim como “Sodoma” e “Egito” foram usados em 11:8 para descrever “a Grande Cidade [...] onde o Senhor foi crucificado” (note também que a mesma expressão *a Grande Cidade* é usada em 16:19 para descrever a “Babilônia”). A razão de São João para aplicar a palavra a Jerusalém é que Jerusalém se tornou uma Babilônia, uma réplica do opressor orgulhoso, idólatra e perseguidor do povo de Deus. Terry observa corretamente que “como Jesus em Mateus 24:14 disse que o fim desta cidade e a era pré-messiânica seguiriam a pregação do Evangelho entre as nações, assim neste Apocalipse a proclamação da queda da **Babilônia, a Grande**, segue imediatamente após a do Evangelho eterno.”¹¹

¹⁰ Para mais material sobre o significado da referência de São Pedro à “Babilônia”, veja J. Stuart Russell, *The Parousia*, pp. 346ff.

¹¹ Terry, pg. 407.

Esta grande Cidade-Prostituta (17:1) **fez todas as nações beberem do vinho do ardor da sua fornicção** (um contraste irônico com o legítimo e bendito “vinho do amor” celebrado por Salomão, Ct. 1:2-4; 4:10; 5:1; 7:2, 9). A palavra geralmente traduzida como *ira* (como na Almeida) significa basicamente *calor* ou *ardor* (NASV a traduz como *paixão*). No versículo 10 a ideia é definitivamente de ira, mas aqui João está simplesmente usando a imagem bíblica familiar do Israel apóstata como uma prostituta, inflamando as paixões dos homens com o calor da luxúria.

Israel abusou de sua posição privilegiada como “guia dos cegos” e “luz dos que estão em trevas” divinamente ordenados (Rm. 2:19). As nações olharam para ela em busca de instruções, mas acabaram blasfemando o nome de Deus por causa de sua maldade (Rm. 2:24). Deus pretendia que ela fosse a Senhora Sabedoria, convocando todos os homens a comerem de sua comida, beberem de seu vinho e viverem no caminho do entendimento (Pv. 9:1-6). Em vez disso, ela se tornou a Madame Loucura, usando bens roubados para tentar os homens para levá-los às profundezas do inferno (Pv. 9:13-18). Assim como a Besta da Terra (o Falso Profeta que fala como o Dragão), a ocupação primária da Babilônia é seduzir os outros à **fornicação**, a adoração de falsos deuses.

9-11 E outro anjo, um terceiro, os seguiu, com uma mensagem apropriada de condenação para aqueles que vierem a **adorar a Besta e a sua imagem, e receber uma marca na sua testa ou na sua mão** (veja acima, em 13:15-18). A grande ofensa da Besta da Terra – a liderança religiosa apóstata de Israel – foi a promoção e imposição da adoração da Besta (13:11-17). São João está, portanto, dando uma pista para a identidade da grande cidade ao repetir suas palavras sobre a Besta da Terra imediatamente após sua primeira declaração sobre “Babilônia”. Ele também está lembrando os cristãos, especialmente os “anjos”, os oficiais da Igreja, de seu dever em proclamar todo o conselho de Deus. Eles devem pregar a mensagem intransigente do senhorio exclusivo e abrangente de Jesus Cristo contra todos os pretendentes ao Trono. Eles devem falar profeticamente à sua geração, condenando severamente a adoração à Besta, alertando que aqueles que bebem do cálice herético da Babilônia de adoração ao Estado **também beberão do vinho da ira de Deus, que é misturado com força total** – literalmente, **misturado sem mistura**

(ou, como um comentarista traduz agradavelmente, **misturado puro**¹²) – no cálice de Sua ira. O aviso é claro: Você não pode beber um cálice sem o outro.

Moses Stuart explica a imagem: “Frequentemente menciona-se Deus dando o *cálice do furor* ou *indignação* às nações que Ele está prestes a destruir (por exemplo, Is. 51:17; Lm. 4:21; Jr. 25:15-16; 49:12; 51:7; Ez. 23:31-34; Jó 21:20; Sl. 75:8). Pessoas embriagadas são incapazes de destruir ou mesmo resistir àqueles que as atacam; de modo que representá-las como embriagadas no caminho da punição é representá-las como dedicadas à destruição irremediável. Ou podemos apresentar a questão sob outra luz. Frequentemente oferecia-se a criminosos prestes a sofrer, por compaixão de carrascos ou espectadores, uma poção entorpecente que diminuiria sua sensibilidade à dor, mas que, claramente, era o indício ou o prenúncio de morte certa. Assim, em Mc. 15:23, está registrado que Jesus se recusou a beber ‘o vinho misturado com mirra’, que foi oferecido a Ele quando Ele estava prestes a ser pregado na cruz. O santo Salvador não diminuiria nenhuma porção de Suas agonias pelo uso de uma bebida inebriante. Mas em qualquer uma dessas duas maneiras em que a expressão em nosso texto é interpretada, o significado permanece substancialmente o mesmo – pois beber de uma taça tão inebriante é o prelúdio para a morte certa.”¹³

Como vimos no versículo 8, a palavra traduzida como **ira** é, na realidade, **ardor** ou **calor**; aqueles que desejam o cálice de “calor” da Babilônia receberão uma bebida mais quente do que esperavam, o cálice da ira não diluída de Deus. Aqueles que fornicam com a Besta **serão atormentados com fogo e enxofre na presença dos santos anjos e na presença do Cordeiro. E a fumaça do seu tormento sobe para todo o sempre**. A imagem de sua condenação permanente é tirada da destruição total de Sodoma e Gomorra por fogo e enxofre, quando “a fumaça da terra que subia como fumaça de uma fornalha.” (Gn. 19:28; cf. seu uso simbólico em Is 34:9-10, descrevendo a queda de Edom). Incrivelmente, a Sra. Ford afirma que “a alusão ao Cordeiro é constrangedora para o cristão.”¹⁴ Não tão constrangedora quanto as observações tolas de certos comentaristas! A verda-

¹² Carrington, pp. 248f. Com o senso britânico de propriedade, Carrington admite um certo grau de trepidação nessa tradução.

¹³ Moses Stuart, *A Commentary on the Apocalypse* (Andover: Allen, Morrill and Wardwell, 1845), pp. 297f.

¹⁴ J. Massyngberde Ford, *Revelation: Introduction, Translation, and Commentary* (Garden City: Doubleday and Co., 1975), pg. 237.

deira razão para o constrangimento que alguns estudiosos sentem ao encontrar esses adoradores da Besta destruídos com fogo e enxofre na presença do Cordeiro é sua própria forma moderna de Marcionismo, uma dicotomia herética entre o Cristo “gentil e amoroso” do Novo Testamento e a Divindade “irada” do Antigo Testamento. Tal distinção é completamente estranha à Bíblia. São João, com sensatez (e sem constrangimento aparente), simplesmente foi fiel à sua fonte no Antigo Testamento, reformulando-a em termos do Novo Testamento: “Então, o *SENHOR* fez chover sobre Sodoma e sobre Gomorra enxofre e fogo *do SENHOR* desde o céu. *Ele derrubou* aquelas cidades, e toda a planície, e todos os habitantes das cidades, e o que crescia sobre a terra.” (Gn. 19:24-25). Certamente, o próprio texto enfatiza que o tormento dos sodomitas ocorreu na presença do *SENHOR* (assim como o Altar está diante do Trono no Tabernáculo). E São João está plenamente ciente, mesmo que seus comentaristas não estejam, de que o Cordeiro é o *SENHOR*.

Há um contraste sombrio aqui: Os adoradores da Besta, e aqueles que recebem sua marca, **não têm descanso nem de dia nem de noite** de seus tormentos. As palavras são repetidas da descrição dos querubins em 4:8, que **não têm descanso nem de dia nem de noite**, eternamente envolvidos em um sacrifício de louvor.

12-13 Aqui está a perseverança dos santos. A paciente confiança, esperança, expectativa e fé do povo de Deus está na justiça de Seu governo contínuo sobre a terra e na certeza de Seu juízo vindouro (cf. 13:10). Os santos não devem se preocupar por causa dos malfeitores, pois eles murcharão como a grama; devemos confiar no Senhor e fazer o bem, descansar no Senhor e esperar pacientemente por Ele, e finalmente herdaremos a terra (Sl. 37). Os perseguidores perversos serão destruídos, São João diz a seus leitores, e em breve; com São Tiago, ele pode dizer:

Sede pois, irmãos, pacientes até à vinda do Senhor. Eis que o lavrador espera o precioso fruto da terra, aguardando-o com paciência, até que receba a chuva temporã e serôdia. Sede vós também pacientes, fortalecei os vossos corações; porque já a vinda do Senhor está próxima. Irmãos, não vos queixeis uns contra os outros, para que não sejais condenados. Eis que o juiz está à porta.
(Tg. 5:7-9, ACF)

A perseverança dos santos está necessariamente ligada ao fato de que eles **guardam os mandamentos de Deus e a fé de Jesus**. Em oposição a todas as formas de adoração à criatura, os cristãos guardam os mandamentos; eles guardam a fé. O Novo Testamento desconhece um cristianismo sem lei, ou uma devoção que nega o conteúdo objetivo da “fé que uma vez foi entregue aos santos.” (Jd. 3). O cristianismo exige perseverança obediente e fiel diante da oposição. Naturalmente isso tem consequências, nem todas agradáveis. Os leitores de São João sabiam que guardar a fé poderia muito bem significar sua morte. Por causa deles, ele registra as próximas palavras da **Voz do céu, dizendo: Escreve: Bem-aventurados os mortos que desde agora morrem no Senhor!** Pela obra de Cristo, o céu foi aberto ao povo de Deus. O *limbus patrum*, a morada da vida após a morte dos fiéis do Antigo Testamento (o “seio de Abraão” de Lc. 16:22), foi destrancado e seus habitantes libertados (cf. 1 Pe. 3:19; 4:6). A morte é agora a entrada para a comunhão em glória com Cristo e os santos que partiram. Jesus Cristo nos livrou do medo supremo da morte; podemos dizer, nos famosos versos de “Death Be Not Proud” [Morte, não se orgulhe] de John Donne:

Um breve sono se passa, acordamos eternamente,
E a morte não mais existirá; morte, tu morrerás.

Os primeiros cristãos entenderam que a morte fora vencida pela ressurreição de Cristo; esse tema repete-se frequentemente em seus escritos. Vez após vez, somos atingidos pela marca de vitória na atitude dos mártires ao enfrentarem a morte. Santo Atanásio escreveu sobre esse fato em sua famosa defesa da fé cristã: “Todos os discípulos de Cristo a desprezam, marcham contra ela, sem temor, e pelo sinal da cruz e a fé em Cristo, calcam-na aos pés, como a um cadáver. Outrora, antes do advento divino do Salvador, os defuntos eram chorados porque destinados à corrupção. Entretanto, após ter o Salvador ressuscitado seu corpo, ela cessou de ser pavorosa. Os fieis de Cristo calcam-na aos pés como um nada, e preferem morrer a renegar a fé em Cristo. Estão cientes de que ao falecerem não perecem, mas vivem, e a ressurreição os fará incorruptíveis. E o diabo, que outrora pela morte insultava malignamente os homens, agora, uma vez supressas as dores da morte (cf. At. 2:24) é o único verdadeiramente morto. Comprova tal afirmação o seguinte fato: Antes de crerem em Cristo, os homens olhavam a morte qual coisa terrível e dela tinham pavor. Ao contrário, uma vez acolhidas a fé e a doutrina, de tal modo des-

prezam a morte que se lançam ardorosamente para ela, e tornam-se testemunhas da vitória do Salvados sobre a morte através da ressurreição. Apesar da idade, as crianças apressam-se para a morte, exercitam-se para ela não somente homens, mas também mulheres. A morte de tal forma se enfraqueceu que as próprias mulheres, outrora por ela iludidas, riem-se dela, como de ser inanimado e inerme. Se um tirano, vencido por um rei valoroso, acha-se ligado de mãos e pés, os transeuntes dele zombam, batem-no, maltratam-no, sem qualquer receio de sua raiva e crueldade, por causa do rei vencedor; assim também a morte, uma vez vencida e desonrada pelo Salvador, de mãos e pés amarrada, é pisoteada pelos que caminham em Cristo os quais lhe prestando testemunho, zombam da morte e insultam-na, repetindo as palavras da Escritura: ‘Morte, onde está a tua vitória? Inferno, onde está o teu aguilhão?’.”¹⁵

O bispo Eusébio, o grande historiador da Igreja, foi testemunha ocular de muitos martírios antigos e registrou o que frequentemente acontecia quando os cristãos eram levados a julgamento: “Então podíamos contemplar o ímpeto admirável e a força e fervor realmente divinos dos que creram e seguem crendo no Cristo de Deus. Efetivamente, ainda se estava ditando a sentença contra os primeiros e já de outras partes saltavam para o tribunal ante o juiz outros que se confessavam cristãos, sem preocupar-se em absoluto com os terríveis e multiformes gêneros de tortura, mas sim proclamando impassíveis, com toda liberdade, a religião do Deus do universo e recebendo a suprema sentença de morte com alegria, regozijo e bom humor, ao ponto de cantar salmos, hinos e ações de graças ao Deus do universo até exalar o último alento.”¹⁶

A mesma esperança alegre é evidente em Santo Inácio, bispo de Antioquia, o primeiro mártir que foi dilacerado por feras selvagens em Roma (por volta de 107 d.C.). Em uma de suas famosas cartas, ele implorou a seus irmãos cristãos em Roma que não buscassem sua libertação, mas que permitissem que ele fosse “sacrificado em nome de Deus, agora que o altar já está preparado”: “Eu escrevo às igrejas, e anuncio a todas que estou disposto a morrer por Deus, a menos que Ele me impeça. Eu vos peço que não demonstrei boa vontade a mim. Deixai que eu seja alimento para os animais selvagens, por meio dos quais eu alcançarei a Deus. Pois eu sou o

¹⁵ Sto. Atanásio, *A Encarnação do Verbo*, 27:1-3 em *Santo Atanásio* (Editora Paulus, 2014).

¹⁶ Eusébio de Cesareia, *História Eclesiástica*, 8:9:5, trad. Wolfgang Fischer (Fonte Editorial, 2005), pg. 281.

trigo de Deus, e devo ser triturado pelos dentes dos animais selvagens, para que eu possa ser considerado o pão puro de Cristo. Estimulai as bestas, para que elas se tornem o meu sepulcro e não deixem nada do meu corpo, para que, quando estiver morto, eu não seja incômodo para ninguém. Para que eu seja, de fato, o discípulo de Jesus Cristo, quando o mundo não puder mais ver o meu corpo. Orai, então, a Cristo, por mim, para que, desta forma, eu possa servir de sacrifício a Deus. Eu não ordeno nada a vós, como Pedro e Paulo. Eles eram Apóstolos, e eu sou um homem condenado. Eles eram livres, mas eu sou, até mesmo neste dia, um servo. Mas se eu sofrer, então eu me tornarei o homem livre de Jesus Cristo, e me tornarei livre de verdade. E agora, estando comprometido, eu aprendi a não desejar nada.

“Da Síria a Roma, eu luto contra bestas, no mar e na terra, dia e noite, sendo coibido por dez leopardos, ou seja, por um grupo de soldados, que, embora sejam tratados com bondade, são os piores que existem. Eu sou o que mais conhece suas injúrias, mas nem por isso me considero justificado. Que eu possa apreciar os animais selvagens que me são designados, e que eu possa também ocupar-me de toda a sua ferocidade. E, para esse fim, eu irei encorajá-los a me devorarem e não a me servirem, como fizeram alguns, que, por medo, não me tocaram. Mas, se eles não o fizerem de bom grado, irei provocá-los. Perdoai-me quanto a este assunto. Eu sei o que é conveniente para mim. Agora, eu começo a ser um discípulo. Nada que seja visível ou invisível pode me separar de Jesus Cristo. Deixai que venham a mim: o fogo, a cruz, os animais selvagens, o quebrar dos ossos, e o romper dos membros, o despedaçar do corpo, e todos os sofrimentos perversos do demônio. Permiti, apenas, que eu desfrute de Jesus Cristo.

“Todos os propósitos do mundo e os seus reinos não me beneficiarão com nada. Eu prefiro morrer por Jesus Cristo do que governar o canto mais distante da terra. Eu busco Aquele que morreu por nós, que ressuscitou por nós. Este é o benefício que está reservado a mim. Perdoai-me, irmãos, pois vós não podeis me impedir de viver. Nem se perceberdes que eu desejo juntar-me a Deus, podereis me separar dEle, pelo bem deste mundo. E nem submeter-me a nenhuma das vontades mundanas. Permiti que eu alcance a luz pura, pois uma vez que a tiver alcançado, eu me tornarei realmente o servo de Deus. Permiti que eu siga o sofrimento de meu

Deus. Se alguém O tem consigo, fazei com que Ele considere a minha vontade, e que Ele tenha piedade de mim, pois sabe o quão honrado eu sou.”¹⁷

Alexander Schmemmann nos lembra, no entanto, que “o cristianismo não é a reconciliação da morte. É a revelação da morte, e revela a morte porque é a revelação da Vida. Cristo é esta Vida. E somente se Cristo é Vida é que a morte se torna aquilo que o cristianismo proclama que ela o é, ou seja, o inimigo a ser destruído, e não um ‘mistério’ a ser explicado.”¹⁸

Sim, diz o Espírito, para que descansem dos seus labores; e as suas obras os sigam. Novamente, há um contraste com o destino dos adoradores da Besta, que *não terão descanso nem de dia nem de noite* de seus tormentos. Os santos que perseveram são encorajados a permanecer em fidelidade, pois seu descanso eterno está chegando e suas obras serão recompensadas. A perseverança bíblica é determinada pelas recompensas da eternidade, não pelas tribulações do momento. A esperança bíblica transcende a batalha. Isso não significa que a Bíblia ordene uma negligência da vida presente em nome da vida eterna; mas também não permite uma perspectiva que seja apenas, ou primariamente, dedicada a este mundo. Nossa tendência pecaminosa é ir em uma direção em vez de outra, mas Deus nos chama para sermos deste mundo e do mundo vindouro. A fé bíblica nos chama para trabalhar neste mundo pelo domínio com todas as nossas forças (Gn. 1:28; Ec. 9:10), e ao mesmo tempo nos lembra constantemente de nossa esperança eterna, nosso descanso final.

O Filho do Homem, a Colheita e a Vindima (14:14-20)

- 14 E olhei, e eis uma Nuvem branca, e assentado sobre a Nuvem Um semelhante ao Filho do Homem, tendo em Sua cabeça uma coroa de ouro e uma foice afiada em Sua mão.
- 15 E outro anjo saiu do Templo, clamando com forte Voz Àquele assentado sobre a nuvem: Lança a tua foice e ceifa, pois é chegada a hora de ceifar, porque a seara da Terra está madura.
- 16 E Aquele que estava assentado sobre a Nuvem lançou a sua foice sobre a Terra; e a Terra foi ceifada.

¹⁷ Sto. Inácio, *Epístola aos Romanos*, 1:6; 2, em Eduardo de Proença e Marcelo Carneiro, org., *Apócrifos e Pseudo-epígrafos da Bíblia*, vol. 3 (Fonte Editorial, 2018), pp. 416-418.

¹⁸ Alexander Schmemmann, *For the Life of the World: Sacraments and Orthodoxy* (Crestwood, NY: St. Vladimir's Seminary Press, 1973), pp. 99f.

- 17 E outro anjo saiu do Templo que está no céu, e ele também tinha uma foice afiada.
- 18 E outro anjo, aquele que tem poder sobre o fogo, saiu do altar; e clamou com grande brado àquele que tinha a foice afiada, dizendo: Lança a tua foice afiada, e ajunta os cachos da vinha da Terra, porque as suas uvas estão maduras.
- 19 E o anjo lançou a sua foice para a Terra, e vindimou a vinha da Terra, e lançou-a no grande lagar da ira de Deus.
- 20 E o lagar foi pisado fora da Cidade, e saiu sangue do lagar até aos freios dos cavalos, por mil e seiscentos estádios.

14-16 Esses versículos formam o ponto central de toda a seção, versículos 6-20. Vimos três anjos fazendo proclamações à Terra de Israel (v. 6-13); mais três aparecerão, para realizar ações simbólicas sobre a Terra (v. 15, 17-20); e no centro está **uma Nuvem branca, e assentado sobre a Nuvem Um semelhante ao Filho do Homem, tendo em Sua cabeça uma coroa de ouro**. Esta é a familiar Nuvem de Glória, com a qual Cristo foi vestido em 10:1; agora é **branca**, e não escura como no Sinai (Ex. 19:16-18; cf. Sf. 1:14-15). A razão de São João para se referir à Nuvem neste contexto pode ser discernida a partir de sua conexão com o **Filho do Homem**. A referência é à profecia de Daniel da Vinda do Messias para Sua inauguração como Rei universal – uma visão que segue sua profecia das Bestas com sete cabeças e dez chifres:

Eu estava olhando nas minhas visões da noite.
 E eis que vinha com as nuvens do céu
 alguém como um filho do homem.
 Ele se dirigiu ao Ancião de Dias,
 e o fizeram chegar até ele.
 Foi-lhe dado o domínio, a glória e o reino,
 para que as pessoas de todos
 os povos, nações e línguas o servissem.
 O seu domínio é domínio eterno, que não passará,
 e o seu reino jamais será destruído. (Dn. 7:13-14, NAA)

O ponto de São João é claro: Que as Bestas façam o seu pior – o Filho do Homem ascendeu nas Nuvens e recebeu domínio eterno sobre todos os povos e nações! Seu Reino nunca será derrubado; Ele nunca terá um sucessor. Também é claro que esta é uma visão, não de algum futuro vindo

à terra, mas do resultado da Ascensão original de Cristo nas Nuvens ao Pai – a *Parousia* definitiva.¹⁹ O Filho do Homem reina agora como o Segundo Adão, o Rei dos reis. São João não mostra Cristo *vindo* na Nuvem, mas de fato já *assentado* na Nuvem, instalado em Seu trono celestial. Anteriormente (v. 6), ele nos mostrou os oficiais israelitas *assentados* sobre a Terra; diante deles está assentado o Senhor Cristo, entronizado na Nuvem de Glória (cf. Sl 2:2-6).

O Rei não tem apenas uma coroa em Sua cabeça, mas também **uma foice afiada em Sua mão. E outro anjo saiu do Templo, clamando com forte Voz Àquele assentado sobre a nuvem: Lança a tua foice e ceifa, pois é chegada a hora de ceifar, porque a seara da Terra está madura.** O primeiro anjo desta tríade repete o que o primeiro anjo da outra tríade havia dito (v. 7): **É chegada a hora!** Desta vez, no entanto, a ênfase não recai sobre o juízo, mas sobre a bênção, a reunião dos eleitos. Isso também está conectado com a obra do Filho do Homem em Sua *Parousia*, quando Ele envia Seus “anjos”, Seus mensageiros apostólicos, para reunir os eleitos (Mt. 24:30-31). A palavra para *reunir* é, literalmente ‘*sinagogar*’; Seu significado é que Israel, que se recusou a ser sinagogado sob Cristo (Mt 23:37-38), será substituído pela Igreja como a nova Sinagoga. As primeiras igrejas eram simplesmente “sinagogas” cristãs (Tiago 2:2), e aguardavam ansiosamente o Dia que se aproximava quando o Israel após-tata seria completamente deserdado, e a Igreja revelada como a verdadeira Sinagoga, “reunida” na forma final da Nova Aliança (2 Ts. 2:1). Jesus descreveu o Reino de Deus como uma grande colheita (Mc. 4:26-29), e disse aos Seus discípulos: “Eis que eu vos digo: Levantai os vossos olhos, e vede os campos, porque eles já estão brancos para a colheita. E o que ceifa recebe salário [cf. Ap. 14:13], e ajunta fruto [cf. Ap. 14:4] para a vida eterna; para que o que semeia e o que ceifa possam juntamente se regozijar” (Jo. 4:35-36).

Assim, o primeiro anjo (representando suas contrapartes terrestres) clama ao Filho do Homem para que Ele lance Sua **foice** (mencionada sete vezes nesta passagem) e **ceife**, orando em obediência ao comando de Cristo: “A seara verdadeiramente é grande, mas poucos são os trabalhadores. Orai, pois, ao Senhor da seara, que envie trabalhadores para a sua seara.” (Mt. 9:37-38). De Seu Trono-Nuvem, o Rei responde à oração da Igreja: Lançando Sua foice sobre a terra, Ele envia ceifeiros; a Terra é co-

¹⁹ Veja David Chilton, *Paraíso Restaurado* (Editora Monergismo, 2024), pp. 80ff., 113ff.

lhida e o fruto é trazido para o Seu Reino. A imagem da foice é conectada nas Escrituras com o Pentecostes, celebrado após o grão ter sido colhido (Dt. 16:9), quando o Espírito é derramado em salvação e bênção (At. 2).

17-18 São João retorna ao tema do juízo, pois o concomitante da reunião da Igreja é a excomunhão de Israel. Gênesis 21 registra como o reconhecimento de Isaque como o filho da promessa exigiu a expulsão da escrava Hagar e de seu filho Ismael; e São Paulo viu nessa história uma alegoria da rejeição do antigo Israel e do reconhecimento da Igreja como a “herdeira da promessa”. Ele explicou isso às igrejas da Galácia, que haviam sido infiltradas pelos ensinamentos judaicos: “Porque está escrito, que Abraão teve dois filhos, um da escrava e outro de mulher livre. Mas aquele que nasceu da escrava nasceu segundo a carne, e aquele que nasceu da mulher livre nasceu da promessa. Tais coisas são uma alegoria; pois estes são os dois pactos: o do monte Sinai, que gerou para a escravidão, que é Agar. Porque Agar é o monte Sinai na Arábia, e corresponde à Jerusalém atual, que está em cativeiro com seus filhos. Mas a Jerusalém que está lá no alto é livre, e é a mãe de todos nós. [...] Agora nós, irmãos, como Isaque o foi, somos os filhos da promessa. Como naquele tempo, aquele que era nascido segundo a carne perseguia o que havia nascido do Espírito, o mesmo se dá hoje. Todavia, o que diz a escritura? Lança fora a escrava e o seu filho, porque o filho da mulher escrava não será herdeiro com o filho da mulher livre.” (Gl 4:22-30). A velha Jerusalém, a capital do judaísmo apóstata e perseguidor, foi expulsa, excomungada da Aliança, assim como a Igreja estava sendo reconhecida como a legítima herdeira da promessa. Os cristãos, nascidos do Espírito, são os verdadeiros filhos da Jerusalém celestial.

Um segundo anjo, portanto, sai **do Templo que está no céu** para ajudar na colheita com sua **foice afiada**. A princípio, isso parece ser simplesmente uma continuação da primeira colheita, mas São João faz uma mudança sutil, voltando até o início desta seção do Apocalipse a fim de recorrer à imagem de ira ali apresentada. Cristo instruiu seus discípulos a orar, não apenas pela conversão de Israel, mas também por sua destruição; e assim, em 6:9-11, vimos os santos reunidos ao redor do altar dourado de incenso, oferecendo suas orações imprecatórias por vingança. Pouco depois dessa cena, no início das visões das Trombetas, um anjo tomou o incensário das orações dos santos, encheu-o com o fogo do altar e lançou-o na Terra; “e seguiram-se trovões, e vozes, e relâmpagos, e um terremoto.”

(8:3-5). Agora, no final da seção das Trombetas, São João vê o mesmo anjo, **aquele que tem poder**, não apenas “sobre fogo”, como a maioria das traduções o verte, mas **sobre o fogo**, o fogo que queima no altar; e ele vem especificamente **do altar** das orações dos santos a fim de executar o juízo, trazendo à realidade a resposta histórica à adoração e às orações da Igreja. Ele também ora por uma colheita – mas desta vez será uma colheita dos ímpios, as “uvas da ira” (Joel 3:13 combina similarmente as imagens de colheita e vindima). Então, este terceiro anjo chama o segundo anjo, aquele que segura a foice, e diz: **Lança a tua foice afiada, e ajunta os cachos da vinha da Terra, porque as suas uvas estão maduras. A Vinha de Deus, Israel, está madura para o juízo.**

O meu amado tem uma vinha num outeiro fértil. E cercou-a, e limpando-a das pedras, plantou-a de excelentes vides; e edificou no meio dela uma torre, e também construiu nela um lagar; e esperava que desse uvas boas, porém deu uvas bravas. Agora, pois, ó moradores de Jerusalém, e homens de Judá, julgai, vos peço, entre mim e a minha vinha. Que mais se podia fazer à minha vinha, que eu lhe não tenha feito? Por que, esperando eu que desse uvas boas, veio a dar uvas bravas? Agora, pois, vos farei saber o que eu hei de fazer à minha vinha: tirarei a sua sebe, para que sirva de pasto; derrubarei a sua parede, para que seja pisada; E a tornarei em deserto; não será podada nem cavada; porém crescerão nela sarças e espinheiros; e às nuvens darei ordem que não derramem chuva sobre ela. Porque a vinha do Senhor dos Exércitos é a casa de Israel, e os homens de Judá são a planta das suas delícias; e esperou que exercesse juízo, e eis aqui opressão; justiça, e eis aqui clamor. (Is. 5:1-7, ACF)

19-20 A Vinha é julgada: **E o anjo lançou a sua foice para a Terra, e vindimou a vinha da Terra, e lançou-a no grande lagar da ira de Deus** para produzir a substância que será derramada dos cálices no Capítulo 16. As referências repetidas à **Terra** (seis vezes nos versículos 15-19), combinadas com a imagem da **vinha da Terra**, enfatizam que este é um julgamento sobre a Terra de Israel. Revendo o extenso contexto bíblico por trás da ideia da vinha, Carrington conclui: “Não parece possível supor que São João pudesse ter pretendido aplicar essas palavras a qualquer outro país que não Israel, ou a qualquer outra cidade que não Jerusalém. Elas ecoam as palavras de São João Batista, com as quais todo o movimento profético cristão começou, *Agora mesmo o machado está posto à*

raiz da árvore. O que é condicional no Batista é absoluto no Apocalipse. Israel é rejeitado.²⁰

A imagem dessa passagem é baseada na profecia de Isaías sobre a destruição de Edom, onde Deus é descrito como um homem esmagando uvas em um lagar. Ele explica por que Seu manto está manchado de sangue:

Sozinho pisei uvas no lagar;
das nações ninguém esteve comigo.
Eu as pisoteei na minha ira
e as pisei na minha indignação;
o sangue delas respingou na minha roupa,
e eu manchei toda a minha veste.
Pois o dia da vingança estava no meu coração,
e chegou o ano da minha redenção.
Olhei, e não havia ninguém para ajudar-me;
mostrei assombro, e não havia ninguém para apoiar-me.
Por isso o meu braço me ajudou,
e a minha ira deu-me apoio.
Na minha ira pisoteei as nações;
na minha indignação eu as embebedei
e derramei na terra o sangue delas. (Is. 63:1-6, NVI)

E o lagar foi pisado fora da Cidade, e saiu sangue do lagar até aos freios dos cavalos, por mil e seiscentos estádios. É lamentável que traduções como a Nova Versão Internacional, devido a pressupostos literaristas, transformem essa medida em uma medida moderna: *cerca de trezentos quilômetros*. Embora essa tradução forneça uma boa ideia da magnitude do derramamento de sangue, ela ignora completamente a importante quantia simbólica de *mil e seiscentos*, um número que novamente enfatiza a Terra: *quatro* ao quadrado (a Terra), vezes *dez* ao quadrado (vastidão). Mil e seiscentos estádios é um pouco mais do que o comprimento da Palestina: toda a Terra de Israel é assim representada como transbordando de sangue no juízo nacional vindouro. Os rios de sangue corrente tornam-se um grande Mar Vermelho, alcançando os freios dos cavalos em uma recapitulação da derrubada dos cavalos e carruagens do Faraó (Ex. 14:23, 28; 15:19; cf. o uso extensivo de imagens do Êxodo no capítulo seguinte). Zacarias havia predito um dia em que todas as coisas em toda a Terra se-

²⁰ Carrington, pg. 256. Sobre o uso que Cristo faz da imagem da vinha em Suas parábolas, veja Chilton, *Paraíso Restaurado*, pp. 89-94.

riam santas, quando a Terra estaria cheia de adoradores puros, quando *SANTO AO SENHOR* estaria inscrito até mesmo “nas campainhas dos cavalos” de Israel (Zc 14:20-21, ARA). Mas Deus havia levantado no Monte Sião um novo e puro Israel, em quem as promessas seriam cumpridas. O antigo Israel se tornara apóstata e impuro, e seus cavalos nadariam em sangue.

O derramamento de sangue cobre a Terra, porém está **fora da Cidade**. O cumprimento histórico disso foi, de uma perspectiva, quando “a Galileia estava toda cheia de fogo e sangue”, quando as tropas de Vespasiano e Tito invadiram o país. Toda a Terra, exceto Jerusalém, estava coberta de morte e devastação.²¹ Teologicamente, no entanto, o cumprimento deste texto também deve estar relacionado ao sacrifício de Cristo, pois este foi o derramamento de sangue “fora da Cidade” definitivo. No sistema sacrificial do Antigo Testamento, “os corpos dos animais, cujo sangue é, pelo pecado, trazido pelo sumo sacerdote para o santuário, são queimados fora do arraial. E por isso também Jesus, para santificar o povo pelo seu próprio sangue, padeceu fora da porta. Saíamos, pois, a ele fora do arraial, levando o seu vitupério. Porque não temos aqui cidade permanente, mas buscamos a futura.” (Hb. 13:11-14, ACF). Fora da cidade, portanto, estava o lugar do juízo, onde os corpos dos animais sacrificados eram descartados; e foi o Lugar do Juízo, onde o sangue de Cristo foi derramado pelo Israel rebelde. Assim, nessa imagem de múltiplas camadas, o sangue que flui para fora da cidade pertence a Cristo, sacrificado fora do arraial; e o mesmo deve suceder sangue do Israel apóstata, expulso e excomungado da “Jerusalém do alto” e deserdado pelo Pai. Aqui está a doutrina da Expição Limitada, e em toda a sua força: Sangue fluirá – se o sangue não for de Cristo, derramado em nosso favor, será nosso! “Em 70 d.C. a Videira de Israel foi cortada e pisoteada no Lagar; mas essa destruição é o ápice de um processo que durou mais de quarenta anos; começou Fora da Cidade, quando alguém a quem eles desprezavam e rejeitavam pisou sozinho o Lagar, e do povo não havia ninguém com Ele. Foi naquele momento que Jerusalém caiu.”²²

²¹ Veja Josefo, *A Guerra dos Judeus*, Livro III.

²² Carrington, pg. 261

Parte V

**SUCESSÃO E CONTINUIDADE DO
PACTO: OS SETE CÁLICES**

(Apocalipse 15-22)

Introdução

Como vimos, a seção final do Apocalipse corresponde à carta de Cristo ao anjo da igreja em Tiatira, que fala de Seu julgamento sobre “Jezebel”, a Falsa Noiva; e, assim como a carta ao anjo da igreja em Laodiceia, fala contra a igreja economicamente rica, mas espiritualmente miserável (judaísmo), que Cristo está prestes a vomitar de Sua boca. Esta seção também corresponde ao último dos quatro seres viventes, o querubim-homem, e (na ordem de São João) o último quadrante do Zodíaco, governado pela constelação de Aquário, o Derramador de Água; conseqüentemente, o símbolo do julgamento nesta seção é o dos anjos derramando a ira de Deus por meio de seus Cálices.

Também observamos que a última divisão no Apocalipse corresponde à quinta e última parte da estrutura do tratado pactual: os arranjos sucessórios. Isto lida com a continuidade do Pacto, a deserdação de membros ilegítimos e a herança dos fiéis às suas obrigações juramentadas (cf. Dt. 31-34).¹ Moisés começa esta seção de Deuteronomio com ordens para estender o Pacto para o futuro. Ele encarrega o povo (31:1-6), Josué (31:7-8) e os sacerdotes (31:9-13) com o dever de seguir as estipulações do Pacto e garantir sua transmissão para as gerações vindouras. Então (31:14-15) Deus aparece na Nuvem de Glória na porta do Tabernáculo para se encontrar com Moisés e Josué, e os instrui a ensinar um Cântico de Testemunho aos filhos de Israel. Ele diz a Moisés: “E o SENHOR disse a Moisés: Eis que, dormirás com teus pais; e este povo se levantará, e se prostituirá seguindo os deuses dos estrangeiros da terra, para onde irão para estar entre eles, e me abandonarão, e romperão o meu pacto que fiz com eles. Então nesse dia a minha ira se acenderá contra ele, e os abandonarei, e

¹ Veja Meredith G. Kline, *Treaty of the Great King: The Covenant Structure of Deuteronomy* (Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Co., 1963), pp. 135-49; cf. Ray R. Sutton, *That You May Prosper: Dominion By Covenant* (Tyler, TX: Institute for Christian Economics, 1987).

esconderei deles a minha face, e eles serão devorados, e muitos males e problemas lhes acontecerão [...] Agora, portanto, escrevei este cântico para vós, e ensinaí-o aos filhos de Israel; ponde-o em suas bocas, para que este cântico me possa ser um testemunho contra os filhos de Israel. [...] E acontecerá que, quando lhes vierem muitos males e problemas, que este cântico testemunhará contra eles, como uma testemunha.” (31:16-21).

Como Kline mostra, o Cântico do Testemunho (Dt. 32) é “a ação judicial do pacto de Yahweh contra seu povo ingrato e infiel, profeticamente entregue por meio de Moisés, ‘o homem de Deus’ (veja Dt. 33:1, sendo ‘o homem de X’ um título para os mensageiros de grandes reis).”² Sendo uma típica Ação Judicial do Pacto, o Cântico em si é estruturado de acordo com a forma padrão do documento do tratado. Assim, temos o esboço familiar:

- I. *Preâmbulo* (32:1-4)
- II. *Prólogo Histórico* (32:5-14)
- III. *Registro de Rebelião Contra Estipulações da Aliança* (32:15-18)
- IV. *Sanções*:
 - A. *Maldições Contra Violadores do Pacto* (32:19-25)
 - B. *Bênçãos Sobre o Remanescente Através do Juízo Redentor* (32:26-43)
- V. *Arranjos Sucessórios* (32:44-34:12)³

Tanto Moisés quanto Josué ensinaram o Cântico do Testemunho ao povo (32:44); ele poderia muito bem ser chamado de “o Cântico de Moisés e Josué”. Portanto, na quinta seção correspondente do Apocalipse, São João começa com uma manifestação da glória de Deus no “Santuário do Tabernáculo do Testemunho”, onde Deus dá uma comissão de aliança a sete anjos-sacerdotes; como acompanhamento coral a tudo isso, o Remanescente canta “o Cântico de Moisés, o servo de Deus, e o Cântico do Cordeiro”. O Cordeiro, como todos os leitores de São João sabem, é *Jesus*, a forma grega do nome hebraico *Josué*; o Cântico é, portanto, “o Cântico de Moisés e do Josué (Maior)”.

Em Apocalipse 15 e 16, o Tabernáculo é aberto e os sacerdotes são enviados para derramar seus juízos dos Cálices sobre Israel como punição por sua prostituição - o principal crime que suscitou o Cântico do Testemunho original (Dt. 31:16). Aqui, devemos observar um elemento impor-

² Kline, *Treaty of the Great King*, pg. 139.

³ Veja *ibid.*, pp. 140-49; alterei ligeiramente o esboço de Kline.

PARTE V: OS SETE CÁLICES

tante que liga os Capítulos 15-22 como uma unidade literária. Após os sete anjos derramarem seus Cálices de ira, um destes mesmos sete anjos vem mostrar a São João “o julgamento da Grande Meretriz” (17:1). Mais tarde, na visão final do livro, outro desses anjos dos Cálices mostra a São João o oposto da Meretriz: “a Noiva, a Esposa do Cordeiro” (21:9). Claramente, as visões relacionadas à Meretriz e à Noiva são extensões da seção dos Sete Cálices da profecia.

Como Deus havia declarado no Cântico de Testemunho de Moisés, Ele é o Marido Ciumento, traído pela infidelidade desta “geração perversa” (Dt. 32:5, 16, 20-21; cf. Mt. 17:17; At. 2:40). O castigo que Ele enviará será aquele já ameaçado em Deuteronômio 28:49-57: Uma nação inimiga aterrorizante surgirá para destruir Israel, trazendo vingança sobre a “esposa” apóstata de Deus (Dt. 32:21-25).⁴ Este tema é retomado e ampliado em Apocalipse 17-18, onde a Noiva Meretriz é destruída por sua infidelidade. No entanto, o Remanescente é salvo; e, como vimos, este “remanescente” é, em última análise, maior do que o original, sendo transformado em uma grande multidão que ninguém pode contar, superando em muito o antigo Israel (Ap. 7). Deus garante a sucessão da aliança ao estabelecer a Nova Aliança transcendente. Distinguindo Seus verdadeiros herdeiros, Ele os incorpora à Noiva do Cordeiro, a Nova Jerusalém; e Noiva e O noivo se encontram na refeição sacramental, a Ceia das Bodas do Cordeiro (Ap. 19:1-10).

Depois de cantar o Cântico do Testemunho, Moisés descreve o futuro das doze tribos em um Testamento final (Dt. 33; cf. Ap. 21:12), que proclama a Vinda do SENHOR em salvação (Dt. 33:2) e exulta no domínio sacerdotal e real que Deus proverá ao Seu povo:

Não há ninguém como o Deus de Jesurum,
que cavalga os céus para ajudá-lo,
e cavalga as nuvens em sua majestade!
O Deus eterno é o seu refúgio,
e para segurá-lo estão os braços eternos.
Ele expulsará os inimigos da sua presença,
dizendo: ‘Destrua-os!’
Somente Israel viverá em segurança;

⁴ No entanto, a nação usada como vara da ira de Deus será esmagada por sua própria desobediência, e o Remanescente de Israel será salvo (Dt. 32:26-43; cf. Is. 10:5-34; Ap. 17:16-17; 19:17-20).

a fonte de Jacó está segura
numa terra de trigo e de vinho novo,
onde os céus gotejam orvalho.
Como você é feliz, Israel!
Quem é como você,
povo salvo pelo Senhor?
Ele é o seu abrigo, o seu ajudador
e a sua espada gloriosa.
Os seus inimigos se encolherão diante de você,
mas você pisará as suas colinas.
(Dt. 33:26-19, NVI; cf. Ap. 19:11-22:5)

Por fim, o SENHOR leva Moisés ao topo do Monte Nebo, mostrando-lhe a Terra Prometida, mas informando-o novamente que ele não será capaz de liderar o povo para lá; seu lugar deve ser tomado por Josué, o Conquistador (Dt. 34:1-9). No entanto, o status de Moisés permanece único, pois “e desde então, não se levantou em Israel, um profeta como Moisés, *a quem o SENHOR conhecesse face a face*” (Dt. 34:10). A mensagem de São João no Apocalipse, no entanto, é que (como Moisés desejava), todo o povo do SENHOR é profeta (Nm. 11:29). Os cristãos, sendo “servos” como Moisés (Ap. 15:3; 19:2, 5), não são inferiores nem mesmo aos anjos em seus privilégios de santuário (19:10), mas têm acesso completo a Deus, exercendo a mesma liberdade de expressão franca (cf. Hb. 10:19) que ele desfrutava. Diante do Trono celestial de Deus, “os seus servos o servirão, *e verão o Seu rosto*, e nas suas testas estará o seu nome” (Ap. 22:4).

15

AS SETE ÚLTIMAS PRAGAS

O Cântico da Vitória (15:1-4)

- 1 E vi outro sinal no céu, grande e maravilhoso, sete anjos que tinham sete pragas, que são as últimas, porque nelas a ira de Deus é consumada.
- 2 E vi como que um Mar de vidro misturado com fogo, e aqueles que saíram vitoriosos da Besta, e de sua imagem e do número de seu nome, em pé sobre o mar de vidro, segurando as harpas de Deus.
- 3 E eles cantam o cântico de Moisés, o servo de Deus, e o cântico do Cordeiro, dizendo:
Grandes e maravilhosas são as Tuas obras,
Ó Senhor Deus, o Todo-Poderoso;
Justos e verdadeiros são os Teus caminhos,
Tu, Rei das nações.
- 4 Quem não Te temerá, ó Senhor, e não glorificará o Teu nome?
Pois só Tu és santo;
Pois todas as nações virão e adorarão diante de Ti,
Porque os Teus atos de justiça foram revelados.

1 São João agora nos fala de **outro sinal no céu, grande e maravilhoso**. Duas vezes antes ele nos mostrou um *grande sinal no céu*: a Mulher vestida com o sol (12:1), e o grande Dragão vermelho (12:3). Como Farrer diz, é “como se tudo em 12-14 tivesse sido o desenvolvimento daquele poderoso conflito, e o próximo ato fosse agora começar.”¹ Este novo sinal dá início ao clímax do livro: **sete pragas, que são as últimas, porque nelas a ira de Deus está terminada**. Não há razão para supor que estas devem ser as “últimas” pragas em um sentido final, absoluto e universal; em vez disso, em termos do propósito e escopo especificamente limitados do Livro do Apocalipse, elas compreendem o derramamento final da ira de Deus, Seu grande Juízo cósmico contra Jerusalém, abolindo

¹ Austin Farrer, *The Revelation of St. John the Divine* (Oxford: At the Clarendon Press, 1964), pg. 169.

a ordem mundial da Antiga Aliança de uma vez por todas. Como a das Trombetas, esta série de julgamentos será realizada por **sete anjos** (como veremos no capítulo seguinte, há vários paralelos entre as proclamações soadas pelas Trombetas e as libações derramadas dos Cálices). Esta declaração de abertura é, por assim dizer, a epígrafe do resto do livro, e é explicada nos versículos seguintes.

2 A visão começa: São João vê algo **como que um Mar de vidro**, o Mar de cristal diante do Trono de Deus (4:6), correspondendo ao “pavimento” de safira visto por Moisés no Monte Sagrado (Ex. 24:10), o “firmamento” de cristal azul através do qual Ezequiel passou em sua ascensão na Nuvem de Glória (Ez. 1:26), e o Mar de bronze (a Pia) no Templo (1 Rs. 7:23-26). Nesta visão, no entanto, o Mar não é mais azul, mas *vermelho*: O vidro é **misturado com fogo**. As imagens vinculam esta visão à última cena do Capítulo 14, a do grande rio de sangue correndo por toda a extensão da Terra, um verdadeiro Mar *Vermelho*, através do qual os justos foram libertados, mas no qual seus inimigos foram destruídos. Agora, São João retrata os santos se regozijando à margem das águas como Moisés e os israelitas após a travessia original do Mar Vermelho (Ex. 14:30-31; 15:1-21), **vitoriosos** sobre o monstro das profundezas; literalmente, eles são **aqueles que vencem** ou **os conquistadores**, “pois é o caráter permanente de ‘conquistador’ que é enfatizado, e não o fato da conquista.”² A descrição de sua conquista é tripla: Eles saíram vitoriosos **da Besta, e de sua imagem e do número de seu nome**.

Na orla do mar, na borda do batistério, os conquistadores oferecem louvor: **De pé sobre o Mar de vidro, segurando harpas de Deus**, eles compõem o novo coro sacerdotal do Templo que se põe de pé à Pia purificadora, pela qual foram santificados. São Paulo descreveu a libertação do Mar Vermelho como um “batismo” do povo de Deus (1 Co. 10:1-2), e a Tribulação foi de fato o batismo de fogo da Igreja: “Então a grande taça de vidro do mar é vista ‘cheia de uma mistura de fogo’”. O que os Israelitas são conduzidos a atravessar para salvação, seus perseguidores sofrem para sua destruição; Faraó e suas hostes perecem nas águas que retornam. E assim

² Henry Barclay Swete, *Commentary on Revelation* (Grand Rapids: Kregel Publications, [1911] 1977), pg. 194.

sabemos que o batismo de fogo deve cair sobre o povo do Anticristo; a visão das taças [Cálices] nos mostrará como.”³

Um outro aspecto interessante da imagem da Pia vem da história do Cronista sobre a dedicação do Templo pelo Rei Salomão: “E pôs-se em pé diante do altar do SENHOR na presença de toda a congregação de Israel, e estendeu as suas mãos; porque Salomão havia feito uma *plataforma*⁴ de bronze, de cinco côvados de comprimento, e cinco côvados de largura, e três côvados de altura, e a havia posto no meio do átrio; e pôs-se em pé sobre ela, e ajoelhou-se diante de toda a congregação de Israel, e estendeu as suas mãos em direção ao céu” para realizar a oração de dedicação (2 Cr. 6:12-13). Esta não era a grande Pia no canto sudeste do Templo (cujas dimensões são registradas em 2 Cr. 4:25), mas uma das várias pias de bronze construídas por Salomão (cf. 2 Cr. 4:6, 14). Salomão se pôs sobre este “mar” diante do Altar e ofereceu sua súplica, agradecendo a Deus por Suas obras poderosas, invocando Seus justos juízos e implorando a Ele pela conversão de todas as nações (2 Cr. 6:14-42; cf. Ap. 15:3-4). Imediatamente depois, lemos: “Quando Salomão terminou de orar, o fogo desceu do céu e consumiu a oferta queimada e os sacrifícios; e a glória do SENHOR encheu a casa. E os sacerdotes não conseguiam entrar na casa do SENHOR, porque a glória do SENHOR havia enchido a casa do SENHOR.” (2 Cr. 7:1-2). Da mesma forma, no final da oração dos santos em pé no Mar, os sete anjos recebem cálices cheios de ira ardente, que serão derramados sobre a Terra para consumir Israel apóstata como uma oferta total, um sacrifício queimado por inteiro; a Glória enche o Templo, e ninguém pode entrar até que o sacrifício seja consumido (Ap. 15:5-8).

Outra passagem paralela a esta é Zacarias 12, que retrata Jerusalém como um cálice de embriaguez para as nações (Zc. 12:2; cf. Ap. 14:8-10), uma *bacia de fogo* que consumirá os pagãos (Zc 12:6, BJ; Ap. 15:2). A ironia do Apocalipse, como vimos repetidamente, é que o próprio Israel do primeiro século tomou o lugar das nações pagãs nas profecias: Ela é consumida na pia de fogo – o Lago de Fogo – enquanto a Igreja, tendo passado pelo holocausto, herda a salvação.

3 Vimos na Introdução à Parte Cinco que o **Cântico de Moisés [...]** e o **Cântico do Cordeiro** se referem ao Cântico do Testemunho que Moi-

³ Farrer, pp. 170f.

⁴ Heb. traz *kiyyor*, a palavra padrão para pia: p. ex., Ex. 30:18, 28; 40:7, 11, 30.

sés e Josué (= Jesus, o Cordeiro) ensinaram aos filhos de Israel na fronteira da Terra Prometida (Dt. 31-32). A imagem, no entanto, é tirada de Êxodo 15, que registra o Cântico de triunfo de Moisés na derrota do Faraó e seu exército no Mar Vermelho (duas outras paráfrases bíblicas do Cântico de Moisés em Êxodo são Isaías 12 e Habacuque 3). É importante observar que ambos os Cânticos de Moisés estão firmemente enraizados na história: ambos proclamam que a salvação que Deus concede é Sua vitória neste mundo, sobre os pagãos deste mundo. Esses santos são *vencedores* em Cristo, no tempo e na terra. Como diz R. J. Rushdoony, “A terra pertence ao Senhor e é a área de Sua vitória. A questão da batalha do reino não será uma fuga da história, assim como a encarnação e a expiação não o foram. O Deus-Filho não entrou na história para entregá-la. Ele veio para redimir Seus eleitos, afirmar Seus direitos régios, tornar manifestas as implicações de Sua vitória e então recriar todas as coisas em termos de Sua vontade soberana.”⁵

Na realidade, o texto de São João do Cântico de Moisés não cita Êxodo 15 ou Deuteronômio 32 diretamente, embora algumas de suas expressões contenham ecos tênues deste último; no entanto, como Farrer observa, “é característico de São João contentar-se em fazer referências; o belo salmo que ele põe na boca dos santos é um centão composto de frases de todo o saltério e de outros lugares.”⁶ Edersheim comenta sobre a relação desta cena com os serviços de sábado no Templo: “É o sábado da Igreja; e como no sábado, além do salmo do dia [Sl. 92] no sacrifício ordinário, cantava-se no sacrifício sabático adicional [Nm. 28:9-10], pela manhã, o Cântico de Moisés em Deuteronômio 32 e, à noite, em Êxodo 15, assim a Igreja vitoriosa celebra seu verdadeiro sábado de descanso cantando este mesmo ‘Cântico de Moisés e do Cordeiro’, apenas em uma linguagem que expressa o significado mais pleno dos cânticos de sábado no Templo.”⁷

É provavelmente impossível rastrear completamente as alusões do Antigo Testamento no Cântico, mas pude notar pelo menos algumas delas: **Grandes e maravilhosas são as tuas obras, ó Senhor Deus, o Todo-Poderoso** (Ex. 34:10; Dt. 32:3-4; 1 Cr. 16:8-12; Sl. 92:5; 111:2; 139:14;

⁵ R. J. Rushdoony, *Thy Kingdom Come: Studies in Daniel and Revelation* (Tyler, TX: Thoburn Press, 11970] 1978), pg. 93.

⁶ Farrer, pg. 171.

⁷ Alfred Edersheim, *The Temple: Its Ministry and Services As They Were at the Time of Jesus Christ* (Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Co., 1980), pg. 76.

Is. 47:4; Jr. 10:16; Am. 4:13; cf. Ap. 1:8); São João deixa claro que os santos não estão apenas fazendo uma constatação geral, mas, em vez disso, se referem especificamente aos “grandes e maravilhosos” *juízos finais* nos quais “a ira de Deus é consumada” (15:1). **Justos e verdadeiros são os Teus caminhos** (Dt. 32:4; Sl. 145:17; Os. 14:9); novamente, Deus é declarado como “justo e verdadeiro” com referência especial aos Seus juízos salvadores, libertando a Igreja e destruindo Seus inimigos (cf. 16:7). “Em épocas de tribulação na terra, quando o poder mundano parece triunfar sobre a igreja, ela é frequentemente levada a duvidar da grandeza das obras de Deus, da justiça e verdade de Seus caminhos; a duvidar se Ele era realmente o rei dos pagãos. Agora, essa dúvida é envergonhada; é dissipada por Seus feitos; as nuvens, que velavam a glória de Deus de seus olhos, são extinguidas completamente.”⁸ **Tu, Rei das nações** (Sl. 22:28; 47:2, 7-8; 82:8; cf. 1 Tm. 1:17; 6:15; Ap. 1:5; 19:16); como Soberano de todas as nações, Ele move os exércitos da terra para cumprir Seus propósitos em juízo; Ele os esmaga por sua rebelião; e Ele os leva ao arrependimento.

4 Quem não te temerá, ó Senhor, e não glorificará o Teu nome? (Ex. 15:14-16; Jr. 10:6-7; cf. Ap. 14:7); isto significa, na linguagem com a qual estamos mais familiarizados: Quem não será convertido? Quem não servirá a Deus, não O adorará e não O obedecerá? A implicação clara (a ser explicitada na próxima frase) é que a esmagadora maioria de todos os homens chegará à salvação que Deus proveu em Jesus Cristo. Esta é a grande esperança dos patriarcas da Antiga Aliança, como inúmeras passagens abundantemente atestam. **Pois só Tu és santo** (Ex. 15:11; 1 Sm. 2:2; Sl. 99:3, 5, 9; Is. 6:3; 57:5, 15; Os. 11:9; cf. Mt. 19:17; 1 Tm. 6:16). A “santidade” de Deus nas Escrituras frequentemente se refere não tanto às Suas qualidades éticas quanto à Sua majestade única, Sua transcendência absoluta e “alteridade”. No entanto, essa mesma “inacessibilidade” é aqui declarada como a razão precisa para Sua imanência, Sua proximidade, Sua acessibilidade a todos os povos. A doutrina é declarada positivamente: **Pois todas as nações virão e adorarão diante de Ti, porque os Teus atos de justiça foram revelados** (1 Cr. 16:28-31; Sl. 2:8; 22:27; 65:2; 66:4; 67:1-7; 86:8-9; 117:1; Is. 26:9; 66:23; Jr. 16:19); a conversão de todas as nações é tanto o objetivo final quanto o resultado inevitável dos juízos de

⁸ E. W. Hengstenberg, *The Revelation of St. John*, 2 vols. (Cherry Hill, NJ: Mack Publishing Co., [1851] 1972), Vol. 2, pp. 146f.

Deus. A queda de Israel, São João diz à Igreja, trará a salvação do mundo (e São Paulo estendeu a lógica: a queda de Israel deve, portanto, produzir no fim sua própria restauração à aliança; Rm. 11:11-12, 15, 23-32).

O Santuário é Aberto (15:5-8)

- 5 Depois destas coisas olhei, e o Templo do Tabernáculo do Testemunho no céu foi aberto,
- 6 e os sete anjos que tinham as sete pragas saíram do Templo. Estavam vestidos de linho, puro e brilhante, e cingidos ao redor dos seus peitos com cintos de ouro.
- 7 E um dos quatro seres viventes deu aos sete anjos sete Cálices de ouro cheios da ira de Deus, que vive para todo o sempre.
- 8 E o Templo encheu-se de fumaça da Glória de Deus e do Seu poder; e ninguém podia entrar no Templo até que as sete pragas dos sete anjos fossem consumadas.

5 Agora a cena muda, e nos é mostrado o **Templo do Tabernáculo do Testemunho no céu**, o “*verdadeiro* Tabernáculo” (Hb. 8:2), o Padrão divino, do qual o Tabernáculo na terra era uma “cópia e sombra” (Hb. 8:5, NVI; 9:11-12, 23-24; 10:1; Ex. 25:9, 40; 26:30; Nm. 8:4; At. 7:44). São João é muito cuidadoso em usar expressões técnicas corretas para suas imagens aqui, com base na ordem da Antiga Aliança. O documento básico do tratado da Aliança era o Decálogo; ele era frequentemente chamado de **o Testemunho**, enfatizando seu caráter legal como o registro do juramento da Aliança (Ex. 16:34; 25:16, 21-22; 31:18; 32:15; cf. Sl. 19:7; Is. 8:16, 20). O Tabernáculo, no qual o Testemunho era mantido, era, portanto, chamado de **Tabernáculo do Testemunho** (Ex. 38:21; Nm. 1:50, 53; 9:15; 10:11; At. 7:44). Como vimos, em Apocalipse o **Templo** (grego *naos*) é o **Santuário**, ou Lugar Santo (cf. 3:12; 7:15; 11:1-2, 19; 14:15, 17).

Um aspecto importante da mensagem de São João no Apocalipse é a vinda da Nova Aliança. Em sua teologia (como no resto do Novo Testamento), a Igreja é o *naos*, o Templo. O escritor aos Hebreus mostra que o Tabernáculo Mosaico era tanto uma cópia do Original celestial quanto um prenúncio da Igreja na Nova Aliança (Hb 8:5; 10:1); São João tira a conclusão, mostrando que estes dois, o Padrão celestial e a forma final, se fundem na era da Nova Aliança: A Igreja tabernacula no céu. E, se o **Templo**

é a Igreja, o **Testemunho** é a Nova Aliança, o *Testemunho de Jesus* (1:2, 9; 6:9; 12:11, 17; 19:10; 20:4).

6-7 Os sete anjos que tinham as sete pragas saíram do Templo, a fim de aplicar as Maldições proclamadas pelas Trombetas. Como sacerdotes da Nova Aliança, esses anjos-ministros estão **vestidos de linho, puro e brilhante, e cingidos ao redor de seus peitos com cintos de ouro**, à imagem e semelhança de seu Senhor (1:13; cf. Ex. 28:26-29, 39-43; Lev. 16:4).

E um dos quatro seres viventes deu aos sete anjos sete Cálices de ouro; presumivelmente, este querubim é aquele com o rosto do homem (4:7), uma vez que os outros três já apareceram no palco do drama, e que São João prossegue sistematicamente pelos dos quadrantes do Zodíaco. Vimos que ele começou na Primavera (Páscoa), com o signo de Touro governando o Preâmbulo e as Sete Cartas; moveu-se pelo Verão com Leão governando os Sete Selos; continuou pelo Outono sob Escorpião (a Águia/Escorpião) e as Sete Trombetas; e agora ele chega no inverno, com Aquário, o Portador de Água, supervisionando o derramamento da ira de Deus por meio dos Sete Cálices.

Chamei esses sete recipientes de **Cálices** (em vez de *taças*, como na maioria das traduções) para enfatizar seu caráter como um “sacramento negativo”. De certa perspectiva, a substância nos Cálices (a ira de Deus, que é “quente”, cr. 14:10) parece ser *fogo*, e vários comentaristas, portanto, viram os recipientes como taças de incenso (5:8; cf. 8:3-5). No entanto, os ímpios são condenados em 14:10 a “beber do *vinho* da ira de Deus, que é misturado com força total no cálice de Sua ira”; e, quando as pragas são derramadas, o “Anjo das águas” exulta na adequação da justiça de Deus: “Porque derramaram o sangue dos santos e dos profetas, e Tu lhes deste *sangue* a beber” (16:6). Poucos versículos depois, São João retorna à imagem do “cálice do *vinho* da fúria de Sua ira” (16:19). O que está sendo modelado no céu para a instrução da Igreja na terra é a excomunhão final do Israel apóstata, quando a Comunhão do Corpo e Sangue do Senhor é finalmente negada a ela. Os anjos-bispos, encarregados das sanções sacramentais da aliança, são enviados do próprio Templo celestial e do Trono de Deus para derramar sobre ela o Sangue da Aliança. Jesus alertou os rebeldes de Israel que ele enviaria Seus mártires a eles para serem mortos, “para que *sobre vós caia todo o sangue justo*, que foi derramado sobre a terra, desde o *sangue* de Abel, o justo, até ao *sangue* de Zacarias, filho de Bara-

quias, que matastes entre o santuário e o altar. Em verdade vos digo que todas estas coisas hão de vir sobre esta geração” (Mt. 23:35-36, ACF). Beber Sangue é inevitável: Ou os ministros da Nova Aliança o servirão a nós na Eucaristia, ou eles o derramarão de seus Cálices sobre nossas cabeças.

Austin Farrer explica algumas das imagens da Antiga Aliança por trás do símbolo dos Cálices. “As ‘taças’, *phialae*, são taças de libação. Agora, a libação, ou oferta de bebida, era derramada no sacrifício diário logo após as trombetas começarem a soar, de modo que, ao colocar as taças em sequência às trombetas, São João mantém a sequência da ação ritual que começou com o Cordeiro imolado, continuou na oferta de incenso e passou para os toques de trombeta. Como a libação tinha tal posição, era o último ato ritual, completando o serviço do altar, e era emblemático nessa conexão (Fl. 2:17). A libação, como São Paulo sugere, era derramada sobre a vítima imolada, queimando no fogo. Como não há sacrifício sangrento no céu, os anjos derramam suas libações sobre o terrível holocausto de vingança que a justiça divina faz na terra.”⁹

Devemos nos lembrar neste contexto da oferta de purificação, destinada a expiar a contaminação de um *lugar*, para que Deus pudesse continuar a habitar com Seu povo (cf. comentários sobre 9:13). Se toda a nação pecasse, de modo que toda a Terra fosse contaminada, os sacerdotes eram obrigados a realizar ritos especiais de purificação: O sangue do sacrifício era aspergido sete vezes em direção ao véu diante do Santo dos Santos, então espalhado nos quatro chifres do altar, e o restante derramado ao pé do altar (Lv. 4:13-21).¹⁰ Mas nas pragas derramadas dos juízos dos Cálices, isso é revertido, como Philip Carrington aponta: “Este Sangue, em vez de trazer reconciliação, traz rejeição e vingança. Em vez de ser aspergido sete vezes em direção ao véu, ele é derramado sete vezes na Terra. Em vez da aparição do Sumo Sacerdote com o sangue da reconciliação, temos Sete Anjos com o Sangue da Vingança.”¹¹

Por que o sangue em Apocalipse não é mais aspergido em direção ao véu? Porque o sangue de Jesus já foi oferecido, e Israel o rejeitou. Como o escritor aos Hebreus alertou pouco antes do Holocausto: “Porque se pecamos voluntariamente, depois de termos recebido o conhecimento da ver-

⁹ Farrer, pg. 174.

¹⁰ Veja Gordon J. Wenham, *Levítico: Comentário Exegético* (Edições Vida Nova, 2021), pp. 78-93.

¹¹ Philip Carrington, *The Meaning of the Revelation* (London: SPCK, 1931), pg. 262.

dade, *já não resta mais sacrifício pelos pecados*. Porém uma expectativa terrível de juízo, e uma indignação ardente que há de devorar os adversários. Aquele que desprezou a lei de Moisés, morreu sem misericórdia, sob duas ou três testemunhas. Com quão maior castigo pensais vós que será julgado merecedor aquele que pisar o Filho de Deus, e tiver por profano o sangue do pacto com que foi santificado, e ultrajar ao Espírito da graça? Porque conhecemos aquele que disse: A vingança pertence a mim, eu retribuirei, diz o Senhor. E outra vez: O Senhor julgará o seu povo. Coisa terrível é cair nas mãos *do Deus vivo*.” (Hb. 10:26-31).

Esse é precisamente o ponto de São João aqui: Sangue e fogo estão prestes a ser derramados sobre a Terra de Israel dos Sete Cálices, que estão **cheios da ira de Deus, que vive para todo o sempre**. De fato, a natureza eterna de Deus (“Como eu vivo para sempre!”) foi dada no Cântico de Moisés como uma promessa de Sua vingança contra Seus inimigos e aqueles que derramaram o sangue de Seus servos (Dt. 32:40-43, TB). Assim, nos é mostrado que os sete anjos com as pragas vêm *do Tabernáculo do Testemunho*, carregando em suas mãos as maldições da Aliança; eles vêm *do Templo*, a Igreja, como ministros ligando na terra os decretos do céu contra aqueles que rejeitaram o Testemunho de Jesus; e eles vêm *do Trono do próprio Deus*, tendo recebido seus Cálices de ira de um dos querubins que carregam o Trono de Deus (cf. 4:6).

8 Na dedicação do Tabernáculo de Moisés e do Templo de Salomão, o Santuário **encheu-se de fumaça da Glória de Deus e do Seu poder; e ninguém podia entrar** (ver Ex. 40:34-35; 1 Rs. 8:10-11; 2 Cr. 5:11-14; 7:1-3). Como vimos, esse fenômeno aconteceu em associação com o fogo celestial descendo e consumindo os sacrifícios (Lv. 9:23-24; 2 Cr. 7:1-3). O enchimento do Templo foi, portanto, tanto um sinal da presença graciosa de Deus com Seu povo quanto uma revelação impressionante de Sua terrível ira contra os pecadores, um aviso de que Seu juízo ardente seria enviado do Templo contra aqueles que se rebelassem contra Ele (para exemplos disso, ver Lv. 10:1-3; Nm. 11:1-3; 16:35).

Com a vinda da Nova Aliança, a Igreja de Jesus Cristo se tornou o Templo de Deus. Este novo evento redentor foi sinalizado pelo Espírito enchendo a Igreja no Dia de Pentecostes, assim como Ele encheu o Tabernáculo e o Templo. Como São Pedro declarou, no entanto, o derramamento pentecostal seria acompanhado no fim dos tempos por um derramamento de holocausto também: “Sangue, fogo e vapor de fumaça” (At.

2:16-21; cf. Jl. 2:28-32). Para que a Igreja tomasse posse total de sua herança, para que ela assumisse seu devido lugar como o Templo da Nova Aliança, o andaime corrupto da Antiga Aliança teve que ser derrubado e demolido. Os cristãos da primeira geração foram continuamente exortados a aguardar o Dia que se aproximava rapidamente, quando seus adversários seriam consumidos, e a Igreja seria “sinagogada” como o Templo definitivo (cf. 2 Ts. 2:1; Hb. 10:25). No sentido completo da plenitude e “perfeição” da Nova Aliança (cf. 1 Co. 13:12), **ninguém podia entrar no Templo até que as sete pragas dos sete anjos fossem consumadas** na destruição do Israel da Antiga Aliança.

E. W. Hengstenberg menciona um aspecto relacionado deste símbolo: “Enquanto Israel era o povo do Senhor, a coluna de nuvem exclamava a todos os seus inimigos: ‘Não toqueis nos meus ungidos, e não façais mal aos meus profetas.’ Então aqui; que o templo está cheio de fumaça, e ninguém é capaz de entrar nele, este é ‘um sinal para os crentes, que o Senhor, por amor a eles, agora iria concluir a destruição de seus inimigos.’¹² Além disso, vemos claramente em Isaías 6 a razão pela qual ninguém poderia entrar. Se Deus se manifesta em toda a glória de Sua natureza, em toda a energia de Sua justiça punitiva, a criatura deve se sentir penetrada por um profundo sentimento de sua nulidade – não apenas o de uma criatura *pecadora*, como no caso de Isaías, mas também *finita*, de acordo com Jó 4:18; 15:15 [...] Bengel¹³ observa: ‘Quando Deus derrama Sua fúria, é adequado que mesmo aqueles que estão bem com Ele se retirem um pouco e contenham seus olhares inquisitivos. Todos devem recuar em profunda reverência, até que, aos poucos, o céu fique claro novamente.’ ”¹⁴

¹² C. F. J. Züllig, *Die Offenbarung Johannis erklärt* (Stuttgart, 1834-40).

¹³ J. A. Bengel, *Erklärte Offenbarung Johannis* (Stuttgart, 1740).

¹⁴ Hengstenberg, Vol. 2, pg. 153.

O JUÍZO VINDO DO SANTUÁRIO

A Sétima Trombeta foi o sinal de que “não haverá mais demora” (cf. 10:6-7). O tempo acabou; a ira até o extremo seria agora derramada sobre Israel. Deste ponto em diante, São João abandona a linguagem e as imagens de advertência, concentrando-se totalmente na mensagem da destruição iminente de Jerusalém. Ao descrever a ruína da Cidade, ele estende e intensifica as imagens do Êxodo que já tanto permeavam toda a profecia. Novamente ele menciona “a Grande Cidade” (16:19), lembrando seus leitores de uma referência anterior: “Grande Cidade que Espiritualmente é chamada Sodoma e Egito, onde também seu Senhor foi crucificado” (11:8). Jerusalém é chamada Sodoma por causa de sua apostasia sensual e ostentosa (cf. Ez. 16:49-50), e porque é consagrada à destruição completa como uma oferta total, em um sacrifício queimado por inteiro (Gn. 19:24-28; Dt. 13:12-18, ARA). Mas as metáforas mais comuns de São João para a Grande Cidade são tiradas do padrão do Êxodo: Jerusalém não é apenas o Egito, mas também os outros inimigos de Israel. Ele nos mostrou o Dragão Egípcio perseguindo a Mulher no deserto (Capítulo 12); um Balaque e Balaão revividos buscando destruir o povo de Deus por meio da guerra e da sedução à idolatria (Capítulo 13); os exércitos selados do Novo Israel reunidos no Monte Sião para celebrar as festas (Capítulo 14); e os santos em pé em triunfo à beira do “Mar Vermelho”, cantando o Cântico de Moisés (Capítulo 15). Agora, no Capítulo 16, sete juízos correspondentes às dez Pragas do Egito devem ser derramados sobre a Grande Cidade.

Há também uma correspondência marcante entre esses juízos dos Cálices e os juízos das Trombetas dos Capítulos 8-11.¹ Como as Trombetas eram essencialmente advertências, elas feriram apenas um terço da Terra; com os Cálices, a destruição é total.

¹ A correspondência não é exata, no entanto; e Russell caracteristicamente vai longe demais quando, após uma comparação superficial, declara categoricamente: “Isso não pode ser mera coincidência casual: é *identidade*, e sugere a pergunta: Por qual razão a visão é assim repetida?” (J. Stuart Russell, *The Parousia: A Critical Inquiry into the New Testament Doctrine of Our Lord's Second Coming* [Grand Rapids: Baker Book House, 1983], pg. 476).

<i>Cálices</i>	<i>Trombetas</i>	<i>Pragas do Egito</i>
1. Na Terra, causando feridas (16:2)	1. Na Terra; 1/3 da terra, árvores e vegetação queimadas (8:7).	1. Furúnculos (sexta praga: Ex. 9:8-12).
2. No mar, tornando-se sangue (16:3)	2. No mar; 1/3 do mar se torna sangue, 1/3 criaturas do mar morrerem, 1/3 dos navios são destruídos (8:8-9).	2. Águas se tornam sangue (primeira praga: Ex. 7:17-21).
3. Nos rios e fontes, tornando-se sangue (16:4-7)	3. Nos rios e fontes; 1/3 das águas se tornam absinto (8:10-11).	3. Águas se tornam sangue (primeira praga: Ex. 7:17-21).
4. No sol, fazendo-o queimar (16:8-9).	4. 1/3 do sol, lua e estrelas escurecem (8:12).	4. Trevas (nona praga: Ex. 10:21-23).
5. No trono da Besta, causando escuridão (16:10-11).	5. Gafanhotos demoníacos atormentando os homens (9:1-12).	5. Gafanhotos (oitava praga: Ex. 10:4-20).
6. No Eufrates, secando-o para preparar caminho para os reis do Oriente; invasão de demônios-rãs; Armagedom (16:12-16).	6. Exército do Eufrates mata 1/3 da humanidade (9:13-21).	6. Invasão de rãs do rio (segunda praga: Ex. 8:2-4).
7. No ar, causando tempestade, terremoto e saraiva (16:17-21).	7. Vozes, tempestade, terremoto, saraiva (11:15-19).	7. Saraiva (sétima praga: Ex. 9:18-26).

Os Quatro Primeiros Cálices: A Criação de Deus se Vingará (16:1-9)

- 1 E ouvi uma forte Voz vinda do Templo, dizendo aos sete anjos: Ide e derramai os sete Cálices da ira de Deus sobre a Terra.
- 2 E o primeiro anjo saiu e derramou seu Cálice sobre a Terra; e tornou-se uma chaga repugnante e maligna sobre os homens que tinham a marca da Besta e que adoravam sua imagem.

- 3 E o segundo anjo derramou seu Cálice no mar, e tornou-se em sangue como o de um homem morto; e toda alma vivente no mar morreu.
- 4 E o terceiro anjo derramou seu Cálice nos rios e nas fontes das águas; e tornaram-se em sangue.
- 5 E ouvi o Anjo das Águas dizendo: Justo és Tu, que és e que eras, ó Santo, porque julgaste estas coisas;
- 6 pois derramaram o sangue de santos e profetas, e Tu lhes deste sangue a beber: Eles são dignos!
- 7 E ouvi o altar dizendo: Sim, ó Senhor Deus, o Todo-Poderoso, verdadeiros e justos são os Teus juízos.
- 8 E o quarto anjo derramou o seu Cálice sobre o sol; e foi-lhe dado queimar os homens com fogo.
- 9 E os homens foram queimados com grande calor; e os homens blasfemaram o nome de Deus, o qual tem poder sobre estas pragas; e não se arrependeram, de modo a dar-Lhe glória.

1 O comando que autoriza os julgamentos é dado por **uma forte Voz vinda do Templo**, novamente ressaltando a origem divina e eclesiástica dessas terríveis pragas (cf. 15:5-8).² “Os juízos das taças são o transbordamento da ira de Deus irrompendo em fulgor e enchendo seu templo, uma visitação ou presença concedida em resposta às orações de seus santos.”³ Os **sete anjos** (cf. 15:1) são instruídos a **derramar** os Cálices da ira de Deus: A Septuaginta usa este verbo (*ekcheo*) nas instruções ao sacerdote para derramar o sangue do sacrifício ao redor da base do altar (cf. Lv. 4:7, 12, 18, 25, 30, 34; 8:15; 9:9). O termo é usado em Ezequiel com referência à fornicção do Israel apóstata com os pagãos (Ez. 16:36; 23:8), ao seu derramamento de sangue inocente por meio da opressão e idolatria (Ez. 22:3-4, 6, 9, 12, 27) e à ameaça de Deus de derramar Sua ira sobre ela (Ez. 14:19; 20:8, 13, 21; 21:31). No Novo Testamento, é usado de forma semelhante em contextos paralelos aos principais temas do Apocalipse: o derramamento de vinho (Mt. 9:17; Mc. 2:22; Lc. 5:37), o derramamento do sangue de Cristo (Mt. 26:28; Mc. 14:24; Lc. 22:20), o derramamento do sangue dos mártires (Mt. 23:35; Lc. 11:50; At. 22:20; Rm. 3:15) e o derramamento

² Cf. Is. 66:6 – “Uma voz de uma ruidosa insurreição desde a cidade; uma voz desde o templo; uma voz do SENHOR que executa retribuição aos seus inimigos.”

³ Austin Farrer, *The Revelation of St. John the Divine* (Oxford: At the Clarendon Press, 1964), pg. 175.

do Espírito (At. 2:17-18, 33; 10:45; Rm. 5:5; Tt. 3:6; cf. Jl. 2:28-29; Zc. 12:10). Todas essas diferentes associações estão no pano de fundo desse derramamento de pragas **sobre a Terra** que derramou o sangue de Cristo e Suas testemunhas, o povo que resistiu e rejeitou o Espírito: Os velhos odres de Israel estão prestes a se romper.

2 Quando o primeiro anjo derrama seu Cálice sobre a Terra, ele se torna **uma chaga repugnante e maligna sobre os homens que tinham a marca da Besta e que adoravam sua imagem**. As feridas são uma retribuição adequada pela apostasia, “um selo hediondo vingando a marca da Besta”⁴ – como se a marca tivesse “se convertido em uma infecção mortal.”⁵ Assim como Deus derramou furúnculos sobre os egípcios ímpios e adoradores do Estado que perseguiram Seu povo (Ex. 9:8-11), Ele agora atormenta esses adoradores da Besta na Terra de Israel – o povo do Pacto que agora se tornou os perseguidores egípcios da Igreja. Esta praga é mencionada especificamente por Moisés em sua lista de maldições do Pacto para idolatria e apostasia: “O SENHOR te ferirá com as úlceras do Egito, e com tumores, e com sarna, e com coceira, das quais não te poderás curar. [...] O SENHOR te ferirá nos joelhos, e nas pernas, com uma úlcera dolorosa que não pode ser curada, desde a sola de teu pé até o topo da tua cabeça.” (Dt. 28:27, 35).

3 O segundo anjo derrama seu Cálice **no mar**, e ele se torna **sangue**, como na primeira praga egípcia (Ex. 7:17-21) e na Segunda Trombeta (Ap. 8:8-9). Desta vez, no entanto, o sangue não é fluido, mas está **como o de um homem morto**: estagnado, coagulado e putrefato.⁶ O sangue é

⁴ Ibid., pg. 175.

⁵ J. P. M. Sweet, *Revelation* (Philadelphia: The Westminster Press. 1979), pg.244.

⁶ De passagem, podemos observar aqui um exemplo da tendência constante da chamada interpretação “literalista” de se entregar a especulações fantasiosas sobre o cumprimento dessas profecias. O Dr. Henry Morris, que escreveu o que seus editores chamaram de “a exposição mais literal do Apocalipse que você já leu!” oferece sua interpretação desse fenômeno: “É meramente uma solução química, água contendo ferro e outros produtos químicos que lhe dão uma aparência vermelho-sangue” (*The Revelation Record: A Scientific and Devotional Commentary on the Book of Revelation* [Wheaton: Tyndale House Publishers, 1983], pg. 298). Isso é especialmente interessante em luz de seu princípio declarado de interpretação: “Na realidade, uma ‘interpretação literal’ é uma contradição em termos, uma vez que não se *interpreta* (isto é, ‘traduzir’ dizendo ‘isso significa aquilo’) quando se aceita uma declaração como significando precisamente o que ela diz. Além

mencionado quatro vezes neste capítulo; ele cobre a face de Israel, derramando-se pelos quatro cantos da Terra.

Embora o significado primário desta praga seja simbólico, referindo-se à impureza do contato com sangue e morte (cf. Lv. 7:26-27; 15:19-33; 17:10-16; 21:1; Nm. 5:2; 19:11-19), há paralelos próximos nos eventos reais da Grande Tribulação. Em uma ocasião, milhares de rebeldes judeus fugiram para o Mar da Galileia do massacre romano de Tariqueia. Partindo para o lago em pequenos e frágeis barcos, eles logo foram perseguidos e alcançados pelas resistentes balsas de guerra das forças superiores de Vespasiano. Então, como relata Josefo, eles foram massacrados sem piedade: “Eles [os judeus] não ousavam vir por terra, porque lá tudo lhes era contrário; só podiam, com extrema desvantagem, combater sobre as águas [...] [Q]uando se aproximavam eram atirados à água, e suas barcas reviradas. Os romanos matavam a golpes de dardos os que lhes estavam ao alcance das armas e a golpes de espada, os que estavam nas barcas. Apri-sionaram ainda outros com barca e tudo, quando rodeados por mais de uma embarcação; matavam a golpes de flechas, ou faziam afundar com as barcas, os que procuravam salvar-se; cortavam a cabeça ou as mãos, aos que, no auge do desespero a eles vinham nadando. Assim aqueles infelizes iam perecendo um por um, de maneiras diferentes, até que, inteiramente derrotados e querendo fugir para a terra, foram mortos no lago, a flechadas, e os outros, que estavam perto da terra, bem como os que já tinham desembarcado não tiveram melhor sorte, de tal modo, que nem um só escapou com vida, naquela horrível matança.

“O lago estava todo vermelho de tanto sangue, suas margens, cheias de naufragos e ambos cobertos de cadáveres. Poucos dias depois, aqueles corpos inchados e lívidos corromperam o ar de tal modo, com seu mau cheiro, que toda aquela região ficou contaminada. O espetáculo era tão horrível que não somente causava espanto aos judeus, mas obrigava os romanos a se lastimarem também, embora eles mesmos fossem os culpados de tudo.”⁷

4-7 A praga do Terceiro Cálice se assemelha mais diretamente à primeira praga do Egito (e à Terceira Trombeta: cf. 8:10-11), pois afeta **os**

disso, é redundante dizer que uma leitura é ‘mais literal’ que outra, ou ‘a mais literal possível’. Literal é *literal*.” (pg. 24).

⁷ Flávio Josefo, *A Guerra dos Judeus*, 3:10:9 em *HDH*, 2:3:36:284, pg. 1213.

rios e as fontes das águas, transformando toda a água potável em **sangue**. A água é um símbolo de vida e bênção por toda a Escritura, começando desde a história da criação e do Jardim do Éden.⁸ Nesta praga, as bênçãos do Paraíso são invertidas e transformadas em um pesadelo; o que antes era puro e limpo se torna poluído e impuro por meio da apostasia.

O Anjo das Águas responde a essa maldição louvando a Deus por Seu julgamento justo: **Justo és Tu, que és e que eras, ó Santo, porque julgaste estas coisas**. Não deveríamos ficar envergonhados com uma passagem como esta. Toda a Bíblia é escrita a partir da perspectiva do personalismo cósmico – a doutrina de que Deus, que é personalidade absoluta, está constantemente ativo em toda a Sua criação, presente em toda parte com a plenitude do Seu ser, realizando todas as coisas de modo imediato, pelo Seu poder, e de modo mediato, através de Seus servos angélicos. Não existe tal coisa como “lei” natural; em vez disso, como Auguste Lecerf disse, “as relações constantes que chamamos de leis naturais são simplesmente ‘hábitos divinos’: ou, melhor, a ordem habitual que Deus impõe à natureza. São esses hábitos, ou esse processo habitual, que constituem o objeto das ciências naturais e físicas.”⁹

Isto é o que garante a validade e confiabilidade tanto da investigação científica quanto da oração: por um lado, os anjos de Deus têm *hábitos* – uma dança cósmica, uma liturgia que envolve todos os aspectos de todo o universo, na qual todos os empreendimentos tecnológicos do homem podem confiar, enquanto ele exerce domínio debaixo da ordem de Deus sobre o mundo. Por outro lado, os anjos de Deus são seres pessoais, que constantemente executam Seus comandos; em resposta às nossas petições, Ele pode e ordena que os anjos mudem a dança.¹⁰

Há, portanto, um “Anjo das Águas” (em termos da progressão zodiacal de São João, este é presumivelmente o querubim do quarto quadrante, Aquário);¹¹ ele, junto com toda a criação pessoal de Deus, se regozija no governo justo de Deus sobre o mundo. A justiça estrita de Deus, resumida no princípio de *lex talionis*, é evidenciada neste juízo; a punição é adequada

⁸ David Chilton, *Paraíso Restaurado* (Editora Monergismo, 2024), pp. 28ff., 42f.

⁹ Auguste Lecerf, *An Introduction to Reformed Dogmatics*, trans. André Schlemmer (Grand Rapids: Baker Book House, ([1949] 1981), pg. 147.

¹⁰ Cf. *ibid.*, pp. 147-49.

¹¹ A menção ao Anjo das Águas também serve como outra das muitas conexões sutis entre o Livro do Apocalipse e o Evangelho de São João; veja João 5:3-4.

ao crime. **Eles derramaram o sangue dos santos e profetas, e Tu lhes deste sangue a beber.** Como vimos, o crime característico de Israel sempre foi o assassinato dos profetas (cf. 2 Cr. 36:15-16; Lc. 13:33-34; At. 7:52): Jesus nomeou esse fato como a razão específica pela qual *o sangue dos justos* seria derramado em juízo sobre aquela geração (Mt. 23:31-36).

O Anjo das Águas conclui com uma declaração interessante: Pelo derramamento de sangue dos apóstatas, **eles são dignos!** Este é um paralelo deliberado à mensagem do Novo Cântico: “*Digno és de tomar o Livro, e de abrir os seus selos; porque foste morto, e nos compraste para Deus com o Teu sangue*” (5:9). Assim como o Cordeiro recebeu Sua recompensa com base no sangue que derramou, esses perseguidores agora receberam a justa recompensa por seu derramamento de sangue.

Deus havia prometido anteriormente aos oprimidos de Israel que retribuiria aos seus inimigos segundo as suas obras malignas:

“E eu alimentarei aqueles que te oprimem com suas próprias carnes. E eles estarão embriagados com seu próprio sangue, como com doce vinho. E toda carne saberá que Eu, o SENHOR, sou teu Salvador e teu Redentor, o Poderoso de Jacó.” (Is. 49:26)

Isso, como de costume, foi invertido: agora é Israel, o Perseguidor por excelência, que será forçado a beber seu próprio sangue e devorar sua própria carne. Isso foi verdadeiro em muito mais do que apenas num sentido figurado: como Deus havia predito por meio de Moisés (Dt. 28:53-57), durante o cerco de Jerusalém, os israelitas realmente se tornaram canibais; as mães literalmente comeram seus próprios filhos.¹² Porque eles derramaram o sangue dos santos, Deus lhes deu seu próprio sangue para beber (cf. 17:6; 18:24).

Unindo-se ao anjo em louvor, vem a voz do próprio **Altar**, onde o sangue dos santos e profetas foi derramado. O Altar se alegra: **Sim, ó Senhor Deus, o Todo-Poderoso, verdadeiros e justos são os Teus juízos!** Os santos reunidos ao redor da base do Altar clamaram por justiça, por vingança contra seus opressores (6:9-11). Na destruição de Israel, essa oração é respondida; as testemunhas são vindicadas. É mais do que coincidência que essas orações nos versículos 5-7 (junto com o texto do Cântico de Moisés em 15:3-4) sejam na verdade “baseadas no cântico cantado pelos sacerdotes e levitas durante o intervalo entre a preparação e a oferta do

¹² Ver Josefo, *A Guerra dos Judeus*, 6:3:3-4.

sacrifício.”¹³ Ironicamente – assim como o próprio Deus se preparava para a Oferta Total de 70 d.C. – os próprios anjos do céu cantavam a própria liturgia do Israel apóstata contra ela.

8-9 O quarto anjo agora derrama seu Cálice e **foi-lhe dado queimar os homens com fogo**. Enquanto a Quarta Trombeta resultou em uma praga de escuridão (8:12), agora o calor do sol é aumentado, de modo que **os homens foram queimados com grande calor**. Isso também é uma reversão de uma bênção básica da aliança que estava presente no Êxodo, quando Israel foi protegido do calor do sol pela Nuvem de Glória, a Sombra do Todo-Poderoso (Ex. 13:21-22; cf. Sl. 91:1-6). Esta promessa é repetida várias vezes ao longo dos profetas:

O Senhor é quem te guarda;
o Senhor é a tua sombra à tua direita.
De dia não te molestará o sol,
nem de noite, a lua.
O Senhor te guardará de todo mal;
guardará a tua alma. (Sl. 121:5-7, ARA)

Não terão fome nem sede;
o calor do deserto e o sol não os atingirão.
Aquele que tem compaixão deles os guiará
e os conduzirá às fontes de água.
(Is. 49:10, NVI)

Mas bendito é o homem
cuja confiança está no Senhor,
cuja confiança nele está.
Ele será como uma árvore plantada junto às águas
e que estende as suas raízes para o ribeiro.
Ela não temerá quando chegar o calor,
porque as suas folhas estão sempre verdes;
não ficará ansiosa no ano da seca
nem deixará de dar fruto (Jr. 17:7-8, NVI)

E Aquele que está assentado no Trono estenderá Seu Tabernáculo
sobre eles. Eles não mais terão fome, nem mais terão sede; nem o

¹³ J. Massyngberde Ford, *Revelation: A New Translation with Introduction and Commentary* (Garden City, NY: Doubleday and Co., 1975), pg. 266.

sol os castigará, nem calor algum; porque o Cordeiro que está no centro do Trono será o seu Pastor, e os guiará às fontes da Água da Vida; e Deus enxugará toda lágrima de seus olhos. (Ap. 7:15-17)

Já observamos várias vezes que São João usa a voz passiva para indicar controle divino. Ele novamente enfatiza a soberania de Deus ao nos dizer que **foi dado** ao sol queimar os homens; e, na linha seguinte, ele é ainda mais explícito: **Deus [...] tem o poder sobre essas pragas**. São João nada sabe sobre um “Deus” que fica sentado à margem, observando o mundo passar, sem fazer nada; nem reconhece ele um “Deus” que é bonzinho demais para enviar juízos sobre os ímpios. Ele sabe que as pragas que caem sobre Israel são “obras do SENHOR; que desolações tem feito na terra” (Salmo 46:8, ACF).

Em seu livro sobre a Trindade, Santo Agostinho enfatiza o mesmo ponto: “Toda a criatura é dirigida pelo seu Criador, do qual, pelo qual e no qual foi criada e subsiste. Consequentemente, a vontade de Deus é a causa primeira e suprema de todas as formas corporais e de todas as suas mudanças. Nada, pois, acontece de modo visível e sensível, nesta vastíssima e imensa república da criação que não seja ordenado ou permitido pelo palácio interior, invisível e inteligível do sumo Imperador, de acordo com a inefável justiça dos prêmios e castigos, das graças e recompensas.”¹⁴

Mas os apóstatas se recusaram a se submeter ao senhorio de Deus sobre eles. Como a Besta, cuja cabeça é coroada com “nomes blasfemos” (13:1) e cuja imagem eles adoram, **os homens blasfemaram o nome de Deus, o qual tem o poder sobre essas pragas**. E, como o impenitente Faraó (cf. Ex. 7:13, 23; 8:15, 19, 32; 9:7, 12, 34-35; 10:20, 27; 11:10; 14:8), **eles não se arrependeram, de modo a dar-Lhe glória**. Israel se tornou um Egito, endurecendo seu coração; e, como o Egito, será destruído.

Os Últimos Três Cálices: Está Consumado! (16:10-21)

- 10 E o quinto anjo derramou o seu Cálice sobre o trono da Besta; e o seu reino se tornou envolto em trevas; e eles mordiam as suas línguas por causa da dor,
- 11 e blasfemavam do Deus do céu por causa das suas dores e das suas chagas; e não se arrependeram das suas obras.

¹⁴ Sto. Agostinho, *A Trindade*, 3:9 (Editora Paulus, 1995), pg. 120.

- 12 E o sexto anjo derramou o seu Cálice sobre o grande rio, o Eufrates; e as suas águas secaram, para que se preparasse o caminho dos reis do nascente do sol.
- 13 E vi sair da boca do Dragão, e da boca da Besta, e da boca do Falso Profeta, três espíritos imundos semelhantes a rãs;
- 14 porque são espíritos de demônios, que operam sinais, os quais vão ao encontro dos reis do mundo inteiro, a fim de reuni-los para a guerra do Grande Dia de Deus, o Todo-Poderoso.
- 15 Eis que venho como ladrão. Bem-aventurado aquele que permanece desperto e guarda suas vestes, para que não ande nu e não vejam sua vergonha.
- 16 E eles os reuniram no lugar que em hebraico é chamado Armagedom.
- 17 E o sétimo anjo derramou seu Cálice no ar; e uma forte Voz saiu do Templo do céu, do trono, dizendo: Feito está.
- 18 E houve relâmpagos, e trovões e vozes; e houve um grande terremoto, tal como nunca houve desde que os homens vieram a estar na Terra, um terremoto tão poderoso e tão grande.
- 19 E a Grande Cidade foi dividida em três partes, e as cidades dos gentios caíram. E Babilônia, a Grande, foi lembrada diante de Deus, para dar a ela o cálice do vinho da fúria de Sua ira.
- 20 E toda a ilha fugiu, e os montes não foram achados.
- 21 E grande saraiva, com pedras que pesavam cerca de um talento, caiu do céu sobre os homens; e os homens blasfemaram contra Deus por causa da praga da saraiva, porque a sua praga era sobremaneira grande.

Os alvos simbólicos dos quatro primeiros Cálices eram os elementos da criação física: Terra, mar, águas e o sol. Com as últimas três pragas, as consequências do ataque angelical são mais “políticas” por natureza: a interrupção do reino da Besta; a Guerra do grande Dia de Deus; e a Queda de “Babilônia”.

10-11 Embora a maioria dos julgamentos em todo o Apocalipse sejam direcionados especificamente ao Israel apóstata, os pagãos que se uniram a Israel contra a Igreja também são condenados. De fato, a Grande Tribulação em si se revelaria como “da hora da provação, a hora que está prestes a vir sobre *o mundo inteiro*, para provar os que habitam *na Terra*” (3:10). O quinto anjo, portanto, derrama seu Cálice **sobre o trono da**

Besta; e, mesmo enquanto o calor do sol queima aqueles que adoram a Besta, as luzes se apagam em **seu reino**, e ele se torna **envolto em trevas** – um símbolo bíblico familiar para turbulência política e queda de governantes (cf. Is. 13:9-10; Am. 8:9; Ez. 32:7-8). O significado primário desta praga ainda é o juízo sobre Israel, pois (em termos da mensagem do Apocalipse) aquele era o **trono** e o **reino** da Besta. Além disso, como veremos, as pessoas que sofrem com o Quinto Cálice são identificadas como sofrendo também com o Primeiro Cálice, que foi derramado sobre a Terra, sobre os adoradores israelitas da Besta (v. 2).

Também é provável, no entanto, que este juízo corresponda parcialmente às guerras, revoluções, tumultos e “convulsões mundiais”¹⁵ que assolaram o Império depois que Nero cometeu suicídio em junho de 68. F. W. Farrar escreve a esse respeito sobre “os horrores infligidos a Roma e aos romanos nas guerras civis por governadores provinciais – já simbolizados como os chifres da Besta Selvagem, e aqui caracterizados como reis, mas sem reino. Esses eram os imperadores Galba, Otão, Vitélio e Vespasiano.¹⁶ Vespasiano e Muciano planejaram deliberadamente matar de fome a população romana;¹⁷ e na luta feroz dos vitelianos contra Sabino e Domiciano, e o massacre que se seguiu, ocorreu o evento que soou tão portentosamente aos ouvidos de todo romano – o incêndio do Templo de Júpiter Capitolino, em 19 de dezembro de 69 d.C.¹⁸ Foi um dos mais marcantes sinais dos tempos o fato de que, no espaço de um único ano, se tenham consumido em chamas os dois santuários mais sagrados do mundo antigo – o Templo de Jerusalém e o Templo do grande deus latino.”¹⁹

Uma breve passagem de Tácito nos fornece uma ideia das condições caóticas na capital: “[Testemunhando] de perto o conflito estava o povo de Roma, como o público em um espetáculo, torcendo e aplaudindo este ou aquele lado em turnos como se fosse uma batalha simulada na arena. Sempre que um lado cedia, os homens se escondiam em tabernas ou se refugiavam em alguma grande casa. Eles eram, então, arrastados para fora e mortos a mando da multidão, que tomavam a maior parte da pilhagem,

¹⁵ Cornélio Tácito, *As Histórias*, 3:49.

¹⁶ Os que governaram durante 69 d.C., “o ano dos quatro imperadores.”

¹⁷ Tácito, *As Histórias*, 3:48; Josefo, *A Guerra dos Judeus*, 4:10:5.

¹⁸ Tácito, *As Histórias*, 3:71-73; Josefo, *A Guerra dos Judeus*, 4:11:4.

¹⁹ F. W. Farrar, *The Early Days of Christianity* (Chicago and New York: Belfors, Clarke & Co., 1882), pp. 555f.

pois os soldados estavam decididos a derramar sangue e massacrar, e os espólios ficavam com a multidão.

“A cidade inteira se apresentava como uma caricatura assustadora de seu estado normal: combate e baixas de um lado, termas e estalagens de outro; aqui o derramamento de sangue e cadáveres espalhados por toda parte, perto de prostitutas e similares - todos os vícios associados a uma vida de ociosidade e prazer, todos os atos terríveis típicos de um saque implacável. Elas estavam tão intimamente ligadas que um observador pensaria que Roma estava sob o domínio de uma orgia simultânea de violência e devassidão. De fato, houve momentos no passado em que exércitos lutaram dentro da cidade: duas vezes quando Lúcio Sula assumiu o controle, e uma vez sob Cina. Não menos crueldade fora demonstrada então, mas agora havia uma indiferença brutal e nem mesmo uma única interrupção momentânea na busca pelo prazer. Como se isso fosse mais um entretenimento na temporada festiva, eles se regozijavam com os horrores e lucravam com eles, sem se importar com qual lado venceria e gloriando-se nas calamidades do estado.”²⁰

Novamente São João chama a atenção para a impenitência dos apóstatas. Sua resposta ao juízo de Deus é apenas uma rebelião maior – mas sua rebelião está se tornando cada vez mais impotente: **e eles mordiam as suas línguas por causa da dor, e blasfemavam do Deus do céu por causa das suas dores e das suas chagas; e não se arrependeram das suas obras**, de modo a dar-Lhe glória. Uma marca distintiva das pragas dos Cálices é que elas vêm todas de uma vez, sem “pausa para descanso” entre elas. As pragas são ruins o suficiente uma de cada vez, como nos juízos sobre o Egito. Mas essas pessoas ainda estão mordendo suas línguas e blasfemando contra Deus por conta de suas feridas – as feridas que vieram sobre eles quando o Primeiro Cálice foi derramado. Os juízos estão sendo derramados tão rapidamente que cada praga sucessiva é lançada sobre pessoas que ainda sofrem com todas aquelas que a precederam. E, porque seu caráter não foi transformado, elas não se arrependem. A noção de que grande sofrimento produz piedade é um mito. Somente a graça de Deus pode afastar os ímpios da rebelião; mas Israel resistiu ao Espírito para sua própria destruição.

²⁰ Tácito, *As Histórias*, 3:83; trans. Kenneth Wellesley (New York: Penguin Books, 1964, 1975), pp. 197f.

12 Correspondendo à Sexta Trombeta (9:13-21), o Sexto Cálice é derramado **sobre o grande rio, o Eufrates; e as suas águas secaram, para que se preparasse o caminho dos reis do nascente do sol.** Como vimos em 9:14, o Eufrates era a fronteira norte de Israel, de onde exércitos invasores viriam para devastar e oprimir o povo do Pacto. A imagem da secagem do Eufrates para um exército conquistador é tirada, em parte, de um estratagema de Ciro, o Persa, que conquistou a Babilônia desviando temporariamente o Eufrates de seu curso, permitindo que seu exército marchasse pelo leito do rio até a cidade, pegando-a de surpresa.²¹ A ideia mais básica, é claro, é a secagem do Mar Vermelho (Ex. 14:21-22) e do Rio Jordão (Js. 3:9-17; 4:22-24) para o povo vitorioso de Deus. Novamente, há a nota subjacente de ironia trágica: Israel se tornou a nova Babilônia, um inimigo de Deus que agora deve ser conquistado por um novo Ciro, enquanto o verdadeiro povo do Pacto é milagrosamente libertado e trazido para sua herança. Como Carrington observa, a vinda dos exércitos do Eufrates “certamente não representa nada além do retorno de Tito para sitiar Jerusalém com mais reforços”,²² e é certamente mais do que coincidência o fato de que milhares dessas mesmas tropas realmente tenham vindo do Eufrates.²³

13-14 São João agora vê **três espíritos imundos saindo da boca do Dragão, e da boca da Besta e da boca do Falso Profeta** (a Besta da Terra de 13:11; cf. 19:20). Uma conexão com a segunda praga egípcia é estabelecida aqui, pois a multidão de rãs que infestaram o Egito veio do rio (Ex. 8:1-7). São João combinou essas imagens nestes versículos: Primeiro, uma invasão a partir de um rio (v. 12); segundo, uma praga de **rãs** (nas leis alimentares da Antiga Aliança, rãs são **imundas**: Lv. 11:9-12, 41-47). Mas essas “rãs”, na realidade, são **espíritos de demônios, operando sinais** para enganar a humanidade. Novamente há uma ênfase múltipla no Dragão (imitado por seus companheiros) lançando coisas de sua **boca** (cf. 12:15-16; 13:5-6; contraste 1:16; 11:5; 19:15, 21); e a tripla repetição da **boca** aqui serve também como outro ponto de contato com a Sexta Trombeta (9:17-19). Esses espíritos imundos do diabo, do governo romano e dos líderes de Israel **vão ao encontro dos reis do mundo inteiro** (cf. Sl. 2) **a fim de reuni-los para a guerra do Grande Dia de Deus.** Através de

²¹ Heródoto, *História*, 1:191; veja as profecias sobre isso em Jr. 50:38; 51:32, 36.

²² Philip Carrington, *The Meaning of the Revelation* (London: SPCK, 1931), pg. 265.

²³ Veja Josefo, *A Guerra dos Judeus*, 3:1:3; 3:4:2; 5:1:6; 7:1:3.

suas falsas profecias e sinais milagrosos, eles incitam os exércitos do mundo a se unirem em guerra contra Deus. O que eles não percebem é que a batalha é do Senhor, e que os exércitos estão sendo reunidos para cumprir os propósitos de Deus, não os seus. É Ele quem prepara o caminho para eles, até mesmo secando o Eufrates para sua passagem.

O profeta Micaías deu uma mensagem muito semelhante ao maligno rei Acabe de Israel, explicando por que ele seria morto em batalha contra os arameus:

Eu vi o SENHOR assentado no seu trono, e todo o exército do céu de pé junto a ele à sua direita e à sua esquerda. E o SENHOR disse: Quem persuadirá Acabe para que ele possa subir e tombar em Ramote-Gileade? E um disse desse modo, e outro daquele modo. E veio ali um espírito, e se pôs de pé diante do SENHOR, e disse: Eu o persuadirei. E o SENHOR disse a ele: Com o quê? E ele disse: Eu sairei e serei um espírito mentiroso na boca de todos os seus profetas. E ele disse: Tu o persuadirás, e também prevalecerás; vai adiante, e faz assim. (1 Rs. 22:19-22)

Isto é ecoado na profecia de São Paulo aos Tessalonicenses:

Porque já o mistério da injustiça opera; somente há um que agora o retém até que do meio seja tirado. E então será revelado o iníquo, a quem o Senhor desfará pelo Espírito da sua boca, e aniquilará pelo esplendor da sua vinda; a esse cuja vinda é segundo a eficácia de Satanás, com todo o poder, e sinais e prodígios de mentira, e com todo o engano da injustiça para os que perecem, porque não receberam o amor da verdade para se salvarem.

E por isso Deus lhes enviará a operação do erro, para que creiam a mentira; para que sejam julgados todos os que não creram a verdade, antes tiveram prazer na iniquidade. (2 Ts. 2:7-12, ACF).

Em última instância, a “operação do erro” realizada por esses espíritos mentirosos é enviada por Deus para provocar a destruição de Seus inimigos **na Guerra do grande Dia de Deus**, um termo bíblico para um Dia de Juízo, de calamidade para os ímpios (cf. Is. 13:6, 9; Jl. 2:1-2, 11, 31; Am. 5:18-20; Sf. 1:14-18). Especificamente, este deve ser o Dia da condenação e execução de Israel; o Dia, como Jesus predisse em Sua parábola, quando o Rei enviaria Seus exércitos para destruir os assassinos e incendiar sua Cidade (Mt. 22:7). São João ressalta este ponto novamente ao se referir ao

Senhor **como Deus Todo-Poderoso**, a tradução grega da expressão hebraica *Deus dos Exércitos*, o Senhor dos *exércitos* do céu e da terra (cf. 1:8). Os exércitos que vêm para provocar a destruição de Israel – independentemente de sua motivação – são os exércitos de Deus, enviados por Ele (mesmo por meio de espíritos mentirosos, se necessário) para realizar Seus propósitos, para Sua glória. Os demônios-rãs malignos realizam suas falsas maravilhas e operações de erro porque o anjo de Deus derramou seu Cálice de ira.

15 A narrativa é repentinamente interrompida: **Eis que venho como um ladrão!** Este é o tema central do Livro do Apocalipse, resumindo as advertências de Cristo às igrejas nas Sete Cartas (cf. 2:5,16, 25; 3:3, 11). A vinda dos exércitos romanos será, na realidade, a Vinda de Cristo em terrível ira contra Seus inimigos, aqueles que O traíram e mataram Suas testemunhas. A formulação e as imagens específicas parecem ser baseadas na Carta à igreja em Sardes: “*Virei sobre ti como um ladrão, e não saberás a que hora sobre ti virei*” (3:3; cf. Mt. 24:42-44; Lc. 12:35-40; 1 Ts. 5:1-11). Essa Carta também diz: “*Desperta, e fortalece as coisas restantes, que estavam prestes a morrer; porque não achei as tuas obras completas diante do Meu Deus. [...] Mas tens algumas poucas pessoas que não contaminaram as suas vestes; e andarão comigo vestidas de branco; porque são dignas. O que vencer será assim vestido de vestes brancas [...]*” (3:2, 4-5). Da mesma forma, o texto do Sexto Cálice continua, na terceira bem-aventurança do Apocalipse: **Bem-aventurado aquele que permanece desperto e guarda suas vestes, para que não ande nu e não vejam sua vergonha** (cf. 3:18, na Carta a Laodiceia: “Aconselho-te que de mim compres [...] *vestes brancas, para te vestires, e para que a vergonha da tua nudez não seja revelada*”). John Sweet comenta: “Aqui o tempo na conjugação de **ir nu e ser visto** é presente subjuntivo = ‘andar nu habitualmente.’ O perigo é ser pego não momentaneamente, mas habitualmente desprevenido – não, para dizer de forma grosseira, com as calças abaixadas, mas sem mesmo estar de calças.”²⁴

Philip Carrington explica a origem da alusão de São João: “Havia um oficial em serviço no Templo cujo trabalho era percorrer o recinto e ver se aqueles que estavam de guarda permaneciam acordados; se ele os encontrasse dormindo, ele os espancava; se os encontrasse uma segunda

²⁴ Sweet, pg. 249.

vez, ele queimava suas roupas. Esta é a única explicação possível para esta passagem. Significa: Agora é a hora de aqueles que estão guardando o Templo ficarem acordados. Todo o simbolismo da Sexta Taça, portanto, do qual isso faz parte, tem a ver com um ataque ao Templo.”²⁵ O juízo e a destruição se aproximam rapidamente; não há mais tempo a perder. As igrejas deveriam permanecer despertas e em alerta.

16 A narrativa é retomada: Os demônios reúnem os reis da terra **no lugar que em hebraico é chamado Armagedom**.²⁶ Literalmente, isso é escrito Har-Magedon, significando Monte Megido. Um problema para os “literalistas” surge aqui, pois Megido é uma cidade em uma planície, não uma montanha. Nunca houve ou haverá uma literal “Batalha do Armagedom”, pois não existe tal lugar. A montanha mais próxima da planície de Megido é o Monte Carmelo, e isso é presumivelmente o que São João tinha em mente. Por que ele simplesmente não disse “Monte Carmelo”? Farrer responde: “Tudo o que se pode supor é que São João intenciona se referir a Megido e ao Carmelo simultaneamente”²⁷ – Carmelo por causa de sua associação com a derrota dos falsos profetas de Jezabel, e Megido porque foi o cenário de vários confrontos militares importantes na história bíblica. Megido está listada entre as conquistas de Josué (Js. 12:21), e é especialmente importante como o lugar onde Débora derrotou os reis de Canaã (Jz. 5:19). O rei Acázias de Judá, o neto maligno do rei Acabe de Israel, morreu em Megido (2 Rs. 9:27). Talvez o evento mais significativo que ocorreu lá, em termos das imagens de São João, foi o confronto entre o rei Josias de Judá e o faraó egípcio Neco. Em desobediência deliberada à Palavra de Deus, Josias enfrentou Neco na batalha em Megido e foi mor-

²⁵ Carrington, pp. 265f.; cf. Alfred Edersheim, *The Temple: Its Ministry and Services As They Were at the Time of Jesus Christ* (Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Co., 1980), pp. 142, 148.

²⁶ Cf. a expressão similar em João 19:13: “Pilatos [...] sentou-se no assento de julgamento, no lugar que é chamado Pavimento, mas, em hebraico, Gábatá.” Carrington (pg. 267) comenta: “Quaisquer que sejam nossas visões sobre a autoria da literatura joanina, é certo que as semelhanças em pensamento, plano, e dicção entre o Apocalipse e o Evangelho são às vezes extraordinariamente próximas, e aqueles estudiosos que sustentam que eles têm autores diferentes e foram inspirados por motivos distintos enfrentam, portanto, alguns pontos difíceis de explicar. No caso presente, há um contraste pretendido entre Jesus, julgado e indo para sua morte nas mãos do procurador do Imperador, e Jerusalém, julgada e indo para sua destruição nas mãos do Imperador.”

²⁷ Farrer, pg. 178.

talmente ferido (2 Cr. 35:20-25). Após a morte de Josias, a espiral descendente de Judá em apostasia, destruição e escravidão foi rápida e irrevogável (2 Cr. 36). Os judeus lamentaram a morte de Josias, mesmo durante o tempo de Esdras (veja 2 Cr. 35:25), e o profeta Zacarias usa isso como uma imagem do luto de Israel pelo Messias: Depois de prometer “destruir todas as nações que vierem contra Jerusalém” (Zc. 12:9), Deus diz:

Mas derramarei sobre a casa de Davi, e sobre os habitantes de Jerusalém, o espírito de graça e de súplicas; e olharão para mim, a quem transpassaram; e prantearão sobre ele, como quem pranteia pelo seu único filho; e estarão em amargura por ele, como aquele que está em amargura pelo seu primogênito. Naquele dia haverá grande pranto em Jerusalém, como o pranto de Hadade-Rimom no vale de Megido. E a terra pranteará, cada família à parte [...] (Zc. 12:10-12)

Isto é então seguido pela declaração de Deus de que Ele removerá de Israel os ídolos, os falsos profetas e os espíritos malignos (Zc. 13), e que Ele trará exércitos hostis para sitiar Jerusalém (Zc. 14).²⁸

Assim, “Megido” era para São João um símbolo de derrota e desolação, um “Waterloo” significando a derrota daqueles que se colocam contra Deus, como Farrer explica: “Em suma, o Monte Megido representa em sua mente um lugar onde a profecia mentirosa e os que foram enganados por ela encontram sua condenação; onde reis e seus exércitos são enganados para sua destruição; e onde todas as tribos da terra lamentam por vê-lo em poder, Aquele a quem haviam traspassado em fraqueza.”²⁹

17 Finalmente, o sétimo anjo derrama seu Cálice **no ar**. A razão para isso não parece ser o fato de que o ar seja o domínio de Satanás, “o príncipe das potestades do ar” (Ef. 2:2), mas sim que ele é o elemento no qual o relâmpago e o trovão (v. 18) e o granizo (v. 21) devem ser produzidos. Novamente uma **Voz vem do Templo do céu, do Trono**, significando o controle e a aprovação de Deus. São João nos disse em 15:1 que essas sete pragas seriam “as últimas, porque nelas a ira de Deus é consu-

²⁸ Carrington (pp. 268-71) fornece uma extensa lista de alusões de São João a Zacarias, observando que “depois de Ezequiel, [o livro de Zacarias foi o que] mais influenciou São João. É importante perceber, portanto, que ele fala da destruição desta Jerusalém e de uma vingança sobre seus habitantes; ele prediz a glória de uma Nova Jerusalém sob a casa de Davi, e os gentios vindo para adorar lá” (pg. 271).

²⁹ Farrer, pg. 178

mada”; com o Sétimo Cálice, portanto, a Voz proclama: **Feito está!** (cf. 21:6). “A declaração é uma única palavra, *ghegonen*, que é tão semelhante ao trovão quanto a palavra *uai* é como o grito de uma águia (8:13). ‘Está cumprido’ é o selo de uma realização, como aquele outro discurso de uma palavra, ‘Está consumado’, *tetelestai* (João 19:30), proferido pelo Cristo joanino, enquanto Ele morre na cruz.”³⁰

18 Novamente aparecem os fenômenos associados ao Dia do Senhor e à atividade de estabelecimento de alianças da Nuvem de Glória: **relâmpagos, e trovões e vozes; e houve um grande terremoto.** Sete vezes em Apocalipse, São João menciona um terremoto (6:12; 8:5; 11:13 [duas vezes]; 11:19; 16:18 [duas vezes]), enfatizando suas dimensões pactuais. Cristo veio para trazer o terremoto definitivo, o grande terremoto cósmico da Nova Aliança, um **tal como nunca houve desde que os homens vieram a estar na Terra, um terremoto tão poderoso e tão grande** (cf. Mt. 24:21; Ex. 9:18, 24; Dn. 12:1; Jl. 2:1-2).

Esta também foi a mensagem do escritor aos hebreus. Comparando a aliança feita no Sinai com a vinda da Nova Aliança (que seria estabelecida na destruição do Templo e na completa anulação da Antiga Aliança), ele disse:

Vede que não rejeiteis ao que fala; porque, se aqueles que rejeitaram o que na terra lhes falava não escaparam, muito menos nós escaparemos, se nos desviarmos daquele que nos fala lá de cima, nos céus; a voz do qual moveu a terra, mas agora prometeu, dizendo: Ainda uma vez sacudirei, não apenas a terra, mas também o céu. [Ag. 2:6] E esta palavra: Ainda uma vez mais, significa a remoção das coisas móveis, como as coisas que são criadas, para que as coisas que são imóveis permaneçam. Portanto, tendo recebido um reino que não pode ser removido, retenhamos a graça, pela qual podemos servir a Deus de forma aceitável, com reverência e temor divino. Porque o nosso Deus é um fogo consumidor. (Hb. 12:25-29)

O proeminente teólogo puritano John Owen comentou sobre este texto com relação a este “terremoto” definitivo: “É o trato de Deus com a igreja, e as alterações que Ele faria ao seu estado, o assunto do qual o apóstolo trata. São, portanto, *os céus e a terra da adoração mosaica*, e a igreja-estado judaica, com *a terra de seu estado político* pertencente a ela, que são

³⁰ Farrer, pg. 179.

aqui pretendidos. Estes foram os que foram abalados na vinda de Cristo, e abalados de tal maneira, que logo depois foram removidos e eliminados, para a introdução da adoração mais celestial do evangelho, e da igreja-estado evangélica inabalável. Esta foi a maior comoção e alteração que Deus já fez nos céus e na terra da igreja, e que deveria ser feita apenas uma vez. [...]

“Esta é a conclusão de toda a parte argumentativa desta epístola, aquilo que foi visado desde o início. Tendo provado plenamente a excelência do evangelho e do estado da igreja nele, acima daquele sob a lei, e confirmado isso por um exame de todos os assuntos de um e de outro, como vimos; ele agora declara a partir das Escrituras, de acordo com sua maneira comum de lidar com os hebreus, que todas as *antigas instituições* de adoração e toda a igreja-estado da antiga aliança, agora seriam *removidos e eliminados*; e que, para abrir caminho para um estado melhor, mais glorioso, e que nunca deveria ser odioso [isto é, sujeito] a mudanças ou alterações.”³¹

19 Como vimos, a **Grande Cidade** é a Velha Jerusalém, onde o Senhor foi crucificado (11:8; cf. 14:8); originalmente destinada a ser “a luz do mundo, uma Cidade situada sobre uma colina”, ela é agora uma assassina apóstata, condenada a perecer. Sob o juízo do Sétimo Cálice, ela deve ser **dividida em três partes**. A imagem é extraída do quinto capítulo de Ezequiel, no qual Deus instrui o profeta a encenar um teatro retratando a destruição vindoura de Jerusalém. Ezequiel deveria raspar sua cabeça com uma espada afiada e então cuidadosamente dividir o cabelo em três partes:

³¹ John Owen, *An Exposition of the Epistle to the Hebrews*, W. H. Goold ed., 7 vols. (Grand Rapids: Baker Book House, [1855] 1980), Vol. 7, pp. 366f. Owen observa ainda: “Embora a remoção da adoração mosaica e da antiga igreja-estado seja primariamente pretendida a qual foi efetuada na vinda de Cristo, e a promulgação do evangelho do céu por Ele, ainda assim todas as outras oposições a Ele e Seu reino estão incluídas nisso; não apenas aquelas que então existiam, mas todas as que deveriam ocorrer até o fim do mundo. As ‘coisas que não podem ser movidas’ devem permanecer e ser estabelecidas contra toda oposição. Portanto, assim como os céus e a terra do mundo idólatra foram abalados e removidos no passado, também serão aqueles do mundo anticristão, os quais, no presente, em muitos lugares, parecem prevalecer. Todas as coisas devem ceder, tudo o que está compreendido nos nomes do céu e da terra aqui embaixo, ao evangelho e ao reino de Cristo que nele se encontra. Pois se Deus abriu caminho para isso pela remoção de suas próprias instituições, que Ele designou por um tempo, o que impedirá seu estabelecimento e progresso até o fim?” (pg. 368).

Uma terça parte queimarás no fogo, no meio da cidade [...]; então tomarás outra terça parte, e feri-la-ás com uma faca ao redor dela; e a outra terça parte espalharás ao vento; porque desembainharei a espada atrás deles. Também tomarás dali um pequeno número, e atá-los-ás nas bordas do teu manto. E ainda destes tomarás alguns, e os lançarás no meio do fogo e os queimarás a fogo; e dali sairá um fogo contra toda a casa de Israel.

Assim diz o Senhor Deus: Esta é Jerusalém; coloquei-a no meio das nações e das terras que estão ao redor dela. Ela, porém, mudou em impiedade os meus juízos, mais do que as nações, e os meus estatutos mais do que as terras que estão ao redor dela; porque rejeitaram os meus juízos e os meus estatutos, e não andaram neles.

Portanto assim diz o Senhor Deus: Porque multiplicastes mais do que as nações, que estão ao redor de vós, e não andastes nos meus estatutos, nem guardastes os meus juízos, nem ainda procedestes segundo os juízos das nações que estão ao redor de vós. Por isso assim diz o Senhor Deus: Eis que eu, sim eu, estou contra ti; e executarei juízos no meio de ti aos olhos das nações. E farei em ti o que nunca fiz, e o que jamais farei, por causa de todas as tuas abominações. Portanto os pais comerão a seus filhos no meio de ti, e os filhos comerão a seus pais; e executarei em ti juízos, e tudo o que restar de ti, espalharei a todos os ventos.

Portanto, como eu vivo, diz o Senhor Deus, certamente, porquanto profanaste o meu santuário com todas as tuas coisas detestáveis, e com todas as tuas abominações, também eu te diminuirei, e o meu olho não te perdoará, nem também terei piedade. Uma terça parte de ti morrerá de peste, e se consumirá de fome no meio de ti; e outra terça parte cairá à espada em redor de ti; e a outra terça parte espalharei a todos os ventos, e desembainharei a espada atrás deles. (Ez. 5:2-12)

Embora a imagem de São João da divisão da Cidade em três partes seja claramente retirada de Ezequiel, o referente específico pode ser aquele conjecturado por Carrington: “Isso se refere à divisão em três facções, que se tornou acentuada após o retorno de Tito. Enquanto Tito a sitiava do lado fora, os três líderes de facções rivais lutavam ferozmente entre si do lado de dentro: se não fosse por isso, a cidade poderia ter evitado a derrota por um longo tempo, talvez até indefinidamente, pois nenhum grande

exército poderia se sustentar por muito tempo naqueles dias nas proximidades de Jerusalém; não havia água e nenhum suprimento. Essa luta dentro da cidade a entregou rapidamente nas mãos de Tito; ‘os dias foram abreviados’.”³²

Outra indicação de que a Grande Cidade é Jerusalém é o fato de São João distingui-la das **idades dos gentios**, que **caíram** com ela. Devemos nos lembrar que Jerusalém era a capital do reino dos sacerdotes, o lugar do Templo; dentro de seus muros, sacrifícios e orações eram oferecidos por todas as nações. O sistema da Antiga Aliança era uma *ordem mundial*, o alicerce sobre a qual o mundo inteiro era organizado e mantido em estabilidade. Ela representava factualmente todas as nações do mundo e, em sua queda, elas entraram em colapso. A nova organização do mundo seria baseada na Nova Jerusalém, construída sobre a Rocha.

E Babilônia, a Grande (cf. sobre 14:8) **foi lembrada diante de Deus, para dar a ela o cálice do vinho da fúria de Sua ira**. Como Ford observa, “a frase se adequa ao cenário litúrgico do texto. As libações foram derramadas, mas em vez do memorial ser um sinal de Deus voltando-se para seu povo com graça e misericórdia, é para juízo. A ‘lembrança’ de Deus é sempre um ato eficaz e criativo, não uma mera atividade intelectual; ele se lembra no ato de abençoar (transmitir vitalidade ou vida) e amaldiçoar (destruir). A ironia do v. 19 está na exortação a Israel para ‘lembrar’ a aliança e a bondade de Deus em geral. Ela foi especialmente admoestada, como em Deuteronômio 6, a manter um memorial perpétuo dos eventos do Êxodo e do Sinai, a relembrá-los dia e noite, e nunca se esquecer de Deus que os fez acontecer [...]”

“Neste capítulo, o autor sugere que, porque Israel se esqueceu e se tornou arrogante, as pragas egípcias voltaram-se contra ela. Mesmo assim ela não se arrependeu, mas blasfemou (cf. Jó 1:22; 2:10), e Deus se lembrou dela para o juízo.”³³

20 Neste juízo final, todo falso refúgio desaparece; os montes e rochas não podem mais esconder os ímpios “da presença d’Aquele que está assentado no Trono, e da ira do Cordeiro” (6:16): **Toda a ilha fugiu, e os montes não foram achados**.

³² Carrington, pg. 266; cf. Josefo, *A Guerra dos Judeus*, 5:5:l-5.

³³ Ford, pg. 275

21 Notamos várias vezes a estreita relação entre o Apocalipse e a profecia de Ezequiel. Aqui novamente há um paralelo: Ezequiel declarou que os falsos profetas de Jerusalém trariam sua destruição por uma violenta saraiva (Ez. 13:1-16). São João prediz o mesmo destino: **E grande saraiva, com pedras que pesavam cerca de um talento [45 kg], caiu do céu sobre os homens; e os homens blasfemaram contra Deus por causa da praga da saraiva, porque a sua praga era sobremaneira grande.** Assim como as outras pragas, a imagem é emprestada das pragas que Moisés trouxe sobre o Egito (neste caso, a sétima praga: Ex. 9:18-26). A praga das pedras de granizo também evoca associações com “as grandes pedras do céu” que Deus lançou sobre os cananeus quando a Terra estava sendo conquistada sob Josué (Js. 10:11); como Débora cantou, as próprias estrelas do céu fazem guerra contra os inimigos de Deus (Jz. 5:20).

Um referente histórico específico dessa “saraiva” pode ter sido registrado por Josefo, em seu estranho relato dos enormes projéteis de pedra lançados pelas catapultas romanas na cidade: “As menores dessas pedras pesavam pelo menos um talento; seu alcance era de dois estádios e ainda mais, e sua força era tão grande, que depois de ter derribado os que estavam nas primeiras filas, matava ainda outros atrás deles. Mas frequentemente os judeus as evitavam, tanto por causa do ruído que faziam como por sua alvura, o que lhes dava meios de evitar o perigo, por que haviam colocado vigias sobre as terras, os quais logo que as máquinas começavam a funcionar, eles os avisavam, gritando-lhes em hebraico: *O filho vem e toma tal caminho*. A esse sinal, eles se lançavam por terra e as pedras passavam além, sem lhes fazer mal. Os romanos, tendo-o notado, mandaram pintar as máquinas de uma cor escura, o que lhes valeu muito, pois uma só pedra matava quase sempre muitos judeus.”³⁴

Após considerar várias teorias sobre o significado desta frase, Stuart Russell escreve: “Não poderia deixar de ser bem conhecido pelos judeus que a grande esperança e fé dos cristãos era a rápida vinda do Filho. Foi mais ou menos nessa época, de acordo com Hegésipo, que São Tiago, o irmão de nosso Senhor, testemunhou publicamente no templo que ‘o Filho do Homem estava prestes a vir nas nuvens do céu’, e então selou seu testemunho com seu sangue. Parece altamente provável que os judeus, em sua desafiadora e desesperada blasfêmia, quando viram a massa branca voando pelo ar, levantaram o grito obsceno, ‘O Filho está vindo’, em

³⁴ Josefo, *A Guerra dos Judeus*, 5:6:3, em *HDH*, 2:5:18:404, pg. 1035.

zombaria da esperança cristã da Parousia, à qual eles poderiam estabelecer uma absurda semelhança na estranha aparência do projétil.”³⁵

E os homens blasfemaram contra Deus – sua reação consistente durante o derramamento dos Cálices, revelando não apenas sua maldade, mas sua estupidez absoluta: Quando pedras de 45 quilogramas estão caindo do céu, certamente é o momento errado para cometer blasfêmia! Mas Deus abandonou esses homens à sua própria autodestruição; sua rebelião cruel e odiosa os consome ao ponto de serem capazes de partir para a eternidade com maldições em seus lábios.

Os Cálices contendo as últimas pragas foram derramados; mas o fim ainda não chegou. Os capítulos que se seguem convergem para destruição da grande Cidade-Meretriz e seus aliados, e concluirão com a revelação da gloriosa Noiva de Cristo: a verdadeira Cidade Santa, Nova Jerusalém. (Os capítulos 17-22 podem, portanto, ser considerados uma continuação do Sétimo Cálice, ou uma exposição de seu significado; em todo caso, os eventos são claramente governados pelos anjos dos Cálices; veja 17:1; 21:9.) “Assim, todo o livro, do começo ao fim, ensina as grandes verdades – Cristo triunfará! Os inimigos de Cristo serão vencidos! Aqueles que o odeiam serão destruídos; aqueles que o amam serão abençoados inefavelmente. A condenação tanto de judeus quanto de gentios já é iminente. Sobre a Judeia e Jerusalém, sobre Roma e seu Império, sobre Nero e seus adoradores, o juízo cairá. Espada e fogo, fome e pestilência, tempestade e terremoto, agonia social e terror político nada mais são do que os infortúnios que estão inaugurando o reino messiânico. As coisas velhas estão passando rapidamente. A luz no rosto da velha dispensação está desaparecendo e desvanecendo na penumbra, mas o rosto d’Aquele que é como o sol já desponta no Oriente. A nova e final aliança deve ser instantaneamente estabelecida em meio a terríveis juízos; e deve ser estabelecida de modo a tornar impossível a continuação da Velha. Maranata! O Senhor está próximo! Ora vem, Senhor Jesus!”³⁶

³⁵ Russell, pg. 482.

³⁶ F. W. Farrar, *The Early Days of Christianity* (Chicago and New York: Belford, Clarke & Co., 1882), pg. 557.

A FALSA NOIVA

Enquanto alguns nos últimos anos tentaram ver a Grande Prostituta do Apocalipse como a Cidade de Roma, a Igreja ao longo da história cristã geralmente entendeu que ela é, em certo sentido, uma Falsa Noiva, uma paródia demoníaca da Verdadeira Noiva, a Igreja. O *motivo* bíblico da Noiva caindo em adultério (apostasia) é tão conhecido que tal identificação é quase inevitável. A metáfora da prostituição é usada exclusivamente no Antigo Testamento para uma cidade ou nação que abandonou a Aliança e se voltou para deuses falsos; e, com apenas duas exceções (veja em v. 1-2, abaixo), o termo é sempre usado para o Israel apóstata. A Prostituta é, claramente, a Falsa Igreja. Neste ponto, no entanto, a concordância se despedaça em faccionalismo. Para os hereges donatistas do século IV, a Igreja Católica era a Prostituta. Alguns teólogos ortodoxos gregos e protestantes a viram no papado romano, enquanto muitos fundamentalistas a viram no Conselho Mundial de Igrejas. Embora seja verdade que pode haver (e certamente houve) falsas igrejas à imagem da Prostituta, devemos lembrar o contexto histórico do Apocalipse e as exigências preteristas que ele faz a seus intérpretes. Simplesmente encontrar algum exemplo de uma falsa igreja e identificá-la como a Prostituta não é uma exegese fiel. São João estabeleceu nossos limites hermenêuticos firmemente dentro de sua própria situação contemporânea, no primeiro século. Ele de fato declarou definitivamente que a Prostituta era um fenômeno presente (17:18), do qual ele espera que seus leitores atuais se separem. Quaisquer que sejam as aplicações modernas feitas desta passagem, devemos vê-las apenas como isso: *aplicações*. O significado primário da visão deve se referir à Falsa Igreja dos dias de São João.

Vimos que o Livro do Apocalipse nos apresenta duas grandes cidades, postas em antítese uma contra a outra: *Babilônia* e *Nova Jerusalém*. Como veremos em um capítulo posterior, a Nova Jerusalém é o Paraíso Consumado, a comunidade dos santos, a Cidade de Deus. A outra cidade, que é continuamente contrastada com a Nova Jerusalém, é a *velha* Jerusalém, que se tornou infiel a Deus. Outra maneira de ver isso é entender que Jerusalém foi planejada desde o início para ser o verdadeiro cumprimento da *Babilônia*, uma palavra que significa “Portão de Deus”. O lugar da revelação graciosa de Deus de Si mesmo e de Sua aliança deveria ser uma ver-

dadeira Babilônia, um verdadeiro “Portão do Céu” e “Casa de Deus” como Jacó entendeu quando viu a escadaria de Deus para o céu, a verdadeira Torre de Babel, a verdadeira pirâmide que predisse Jesus Cristo (Gn. 28:10-22; cf. Jo. 1:51). Mas Jerusalém não andou digna do chamado com o qual fora chamada. Como a Babilônia original, Jerusalém virou as costas para o Deus verdadeiro e buscou glória e domínio autônomos; como a Babilônia original, ela se apostatou; e assim o “Portão de Deus” tornou-se “Confusão” (Gn. 11:9).

Como a Cidade fiel se tornou uma Prostituta? Tudo começou com a apostasia do sacerdócio em Israel. A principal responsabilidade do sacerdote (*representante* de Deus) é *re-apresentar* o Noivo à Noiva e protegê-la do perigo. Em vez disso, o sacerdócio levou o povo à apostasia de seu Senhor (Mt. 26:14-15, 47, 57-68; 27:1-2, 20-25, 41-43, 62-66). Devido ao fracasso do sacerdócio em trazer o Noivo a Israel, a Noiva se tornou uma Meretriz, em busca de outros maridos. A apostasia do sacerdócio é descrita em 13:11-17, sob a figura da Besta da Terra. Mas a Falsa Noiva não é absolvida de responsabilidade. Ela também é culpada, e a profecia de São João corretamente se volta agora para considerar seu julgamento e destruição.¹

A “Babilônia” simbólica foi destruída quando o sétimo anjo derramou seu Cálice, a libação da aniquilação (16:17-21). Como vimos, esta visão é parte do quarto Sete do Apocalipse - os Sete Cálices contendo as sete pragas. A conexão é dada em 17:1 (cf. 21:9), que nos diz que é um dos sete anjos dos Cálices que dá a São João a visão do juízo da Grande Prostituta. Esta visão, portanto, expõe o significado do Sétimo Cálice, a destruição de Jerusalém.

A Identidade da Prostituta (17:1-7)

- 1 E um dos sete anjos que tinham os Sete Cálices veio e falou comigo, dizendo: Vem, eu te mostrarei o julgamento da grande Meretriz que está assentada sobre muitas águas,
- 2 com quem os reis da terra cometeram fornicção, e os que habitam na Terra foram embriagados com o vinho da sua fornicção.

¹ O fracasso do sacerdócio e as consequências disso para a Noiva são temas recorrentes nas Escrituras. Veja James B. Jordan, *Judges: God's War Against Humanism* (Tyler, TX: Geneva Ministries, 1985).

- 3 E ele me levou em espírito para um deserto; e vi uma Mulher assentada sobre uma Besta escarlate, cheia de nomes blasfemos, tendo sete cabeças e dez chifres.
- 4 E a Mulher estava vestida de púrpura e escarlate, e adornada com ouro e pedras preciosas e pérolas, tendo na mão uma taça de ouro cheia de abominações e das coisas imundas da sua fornicação,
- 5 e na sua testa um nome escrito: MISTÉRIO, BABILÔNIA, A GRANDE, A MÃE DAS MERETRIZES E DAS ABOMINAÇÕES DA TERRA.
- 6 E vi que a mulher estava embriagada com o sangue dos santos e com o sangue das testemunhas de Jesus. E, quando a vi, maravilhei-me com grande admiração.
- 7 E o anjo me disse: Por que tu ficaste maravilhado? Eu te direi o mistério da Mulher e da Besta que a carrega, a qual tem sete cabeças e dez chifres.

1-2 A visão dos Sete Cálices continua: **Um dos sete anjos que tinham os Sete Cálices** mostra a São João a queda **da Grande Meretriz que se assenta sobre muitas águas**. Os leitores de São João já foram informados de uma Cidade-Meretriz chamada “Babilônia, a Grande” (14:8; 16:19), e a semelhança da Meretriz com a Babilônia original é ressaltada pela informação de que ela se **assenta sobre muitas águas**, uma imagem tirada da descrição de Jeremias da Babilônia em seu famoso oráculo de julgamento contra ela (Jr. 50-51). A expressão *muitas águas* de Jeremias 51:13 se refere tanto ao Eufrates, que corria pelo meio da cidade, quanto aos canais que o cercavam. Em última instância, se refere às bênçãos que Deus concedeu à Babilônia, e que ela prostituiu para sua própria glória. Assim, São João descreve a Grande Meretriz de sua época em termos de seu protótipo e modelo. Mais tarde, em 17:15, somos informados de um aspecto do significado simbólico das “muitas águas”, mas por enquanto o ponto é meramente a identificação da Meretriz com a Babilônia.

Ao mesmo tempo, no entanto, devemos reconhecer que em todos os outros pontos do Apocalipse onde a expressão **muitas águas** é usada, ela é definida dentro de uma descrição do relacionamento pactual de Deus e da interação litúrgica com Seu povo. Notamos que a Voz da Nuvem de Glória soa como muitas águas, e que esta Voz é produzida pelos incontáveis anjos no conselho celestial (Ez. 1:24). Similarmente, em Apocalipse

1:15 a Voz de Cristo é “como o som de muitas águas” (cf. Ez. 43:2); em 14:2 São João novamente ouve a Voz do céu como “o som de muitas águas”; e em 19:6 a grande multidão dos redimidos, tendo entrado no conselho an-gélico no céu, se junta em um cântico de louvor, que São João ouve como “o som de muitas águas”. A expressão é, portanto, uma reminiscência tanto da revelação graciosa de Deus quanto da resposta litúrgica de louvor e obediência de Seu povo. Dado o pano de fundo e o contexto bíblicos da frase, não seria nenhuma surpresa para os leitores de São João que a Mulher fosse vista assentada sobre “muitas águas”. A surpresa é que ela é uma prostituta. Ela tomou as boas dádivas de Deus e as prostituiu (Ez. 16:6-16; Rm. 2:17-24).

A Cidade-Meretriz **cometeu fornicção com os reis da terra**. Esta expressão é tirada da profecia de Isaías contra Tiro, onde se refere principalmente ao seu comércio internacional (Is. 23:15-17); Nínive também é acusada de uma “multidão de prostituições” com outras nações (Na. 3:4).² Mais frequentemente, no entanto, a imagem de uma cidade ou nação se prostituindo com os reinos do mundo é usada em referência ao povo da Aliança em rebelião. Falando contra a Jerusalém apóstata, Isaías lamentou:

Como se fez prostituta
a cidade fiel,
ela que estava cheia de justiça!
Nela habitava a retidão,
mas agora só restaram assassinos.
(Is. 1:21, NAA)

A imagem do adultério de Israel é bastante comum nos profetas, pois eles movem a Ação Judicial do Pacto de Deus contra a Noiva que abandonou seu Marido.³ Jeremias falou contra Israel como a Prostituta, buscando os falsos deuses dos pagãos no lugar de seu verdadeiro Marido:

² É digno de nota que Tiro e Nínive – as únicas duas cidades fora de Israel que são acusadas de prostituição – ambas estavam em aliança com Deus. O reino de Tiro no tempo de Davi e Salomão foi convertido à adoração do Deus verdadeiro, e seu rei estabeleceu uma aliança com Salomão e auxiliou na construção do Templo (1 Rs. 5:1-12; 9:13; Am. 1:9); Nínive foi convertida sob o ministério de Jonas (Jn. 3:5-10). A apostasia posterior dessas duas cidades poderia ser corretamente considerada prostituição.

³ Para uma breve pesquisa sobre o tema da prostituta nas Escrituras, veja o excelente pequeno livro de Francis Schaeffer, *The Church Before the Watching World* (Downers

Há muito tempo eu quebrei o seu jugo
e despedacei as correias que a prendiam.
Mas você disse: 'Eu não servirei!'
Ao contrário, em todo monte elevado
e debaixo de toda árvore verdejante,
você se deitava como uma prostituta. [...]
Você é como uma camela jovem e arisca
que corre para todos os lados;
como uma jumenta selvagem habituada ao deserto,
farejando o vento em seu desejo.
Quem é capaz de controlá-la quando está no cio?
Os machos que a procuram não precisam se cansar,
porque logo encontrarão a que está no mês do cio. [...]
A sua espada tem destruído os seus profetas
como um leão devorador.
Vocês, desta geração, considerem a palavra do Senhor:
Tenho sido um deserto para Israel?
Uma terra de grandes trevas?
Por que o meu povo diz: 'Nós assumimos o controle!
Não mais viremos a ti?'
Será que uma jovem se esquece das suas joias,
ou uma noiva, de seus enfeites nupciais?
Contudo, o meu povo esqueceu-se de mim
por dias sem fim.
Com quanta habilidade você busca o amor!
Mesmo as mulheres da pior espécie
aprenderam com o seu procedimento. [...]
"Se um homem se divorciar de sua mulher
e depois da separação ela casar-se com outro homem,
poderá o primeiro marido voltar para ela?
Não seria a terra totalmente contaminada?
Mas você tem se prostituído com muitos amantes
e, agora, quer voltar para mim?", pergunta o Senhor.
"Olhe para o campo e veja:
Há algum lugar onde você não foi desonrada?
À beira do caminho você se assentou à espera de amantes,
assentou-se como um nômade no deserto.

Grove, IL: InterVarsity Press, 1971), Capítulo 2: "Adultery and Apostasy –The Bride and the Bridegroom Theme."

Você contaminou a terra
com sua prostituição e impiedade.
Por isso as chuvas foram retidas,
e não veio chuva na primavera.
Mas você, apresentando-se declaradamente como prostituta,
se recusa a corar de vergonha.” (Jr. 2:20-24, 30-33, 3:1-3, NVI)

Os adultérios de Israel, disse Oséias, ocorreram “sobre todas as eiras de trigo” (Os. 9:1, ACF): A imagem é a de uma mulher se prostituindo por dinheiro no celeiro na época da colheita. Isso carrega um duplo significado. Primeiro, Israel estava apostatando na adoração a Baal, buscando bênçãos de colheita e fertilidade de deuses falsos (esquecendo que fertilidade e bênção em todas as áreas vêm apenas do único Deus verdadeiro). Segundo, o Templo foi construído em uma eira (2 Cr. 3:1), simbolizando a ação de Deus ao longo da história em separar a palha do Seu trigo sagrado (Jó 21:18; Sl. 1:4; 35:5; Is. 17:13; Lc. 3:17). A eira também é simbólica do relacionamento matrimonial: a união de Boaz e Rute ocorreu em sua eira (Rt. 3), e a ação de moer em um moinho é uma imagem bíblica de relações sexuais (Jó 31:10; Is. 47:2; Jr. 25:10).⁴ Assim, em vez de consumir seu casamento com Deus por meio da adoração em Sua eira, a Noiva foi se prostituir em todas as outras eiras, prostrando-se diante de deuses estranhos e altares de idolatria.

A Jerusalém apóstata é a cidade-meretriz; esse tema se torna ainda mais proeminente na profecia de Ezequiel, particularmente em Ezequiel 16 e 23, onde fica claro que seus “adultérios” consistem em alianças político-religiosas com poderosos reinos pagãos (veja, por exemplo, Ez. 16:26-29). O povo de Jerusalém nos dias de Ezequiel havia abandonado a fé verdadeira e se voltado para deuses pagãos e nações ímpias em busca de ajuda, em vez de confiar em Deus para ser seu protetor e libertador. É importante observar que, embora a própria Israel pareça ter considerado esses relacionamentos em termos primariamente políticos, os profetas enfatizaram que a questão religiosa era central. A dependência da nação do Pacto em poderes pagãos não podia ser vista como mera conveniência política; era nada menos que prostituição. Usando uma linguagem tão vívida e explícita a ponto de que a maioria dos pastores modernos não ou-

⁴ Para uma discussão completa deste ponto, veja Calum M. Carmichael, “Treading in the Book of Ruth”, *ZAW* 92 (1980), pp. 248-66.

saria pregar sobre estes capítulos,⁵ Ezequiel condena Jerusalém como uma prostituta degradada e devassa: “Envileceste tua formosura, abrindo-te as pernas ao primeiro que passava, prostituindo-te continuamente” (Ez. 16:25, BTX). O retrato sarcástico de Ezequiel sobre o adultério de Israel é afiado e vívido: Ela cobiça os egípcios (supostamente) bem-dotados, cujos órgãos sexuais são do tamanho dos genitais de jumentos, e que produzem sêmen em quantidades tão prodigiosas que rivalizam com o de um cavalo (16:26; 23:20). Seu desejo adúltero (inflamado por imagens pornográficas, 23:14-16) é tão grande que ela está disposta a pagar estranhos para virem até ela, em vez do contrário (16:33-34); ela até se masturba com as “imagens de homens” que ela fez (16:17). A profecia de Ezequiel foi áspera, e ele certamente ofendeu muitos de seus ouvintes; mas ele estava simplesmente dando a eles uma descrição fiel do quão ofensivos eles eram a Deus. Na visão do Deus completamente santo que falou por meio de Ezequiel, nada poderia ser mais obsceno do que a apostasia da Noiva de seu divino Marido.

O mesmo era verdadeiro para Israel no primeiro século. No exato momento em que o Noivo prometido chegou, Israel estava fornicando com César. A visão de seu verdadeiro Marido apenas a levou ainda mais para a união adúltera com “os reis da terra”. Rejeitando a realza de Cristo (cf. 1 Sm. 8:7-8), os principais sacerdotes clamaram: “Não temos rei, senão César!” (Jo. 19:15).

A apostasia de Jerusalém levou toda a nação à fornicção religiosa e política. **Os que habitam a Terra** – o povo judeu (veja os comentários em 3:10) – **foram embriagados com o vinho de sua fornicção**, sedu-

⁵ A atitude do Rev. H. Foster, Reitor de Clerkenwell no início do século XIX, é provavelmente representativa. Discutindo a conveniência de pregar a partir de Cantares, ele diz: “Preguei a partir de vários textos independentes nos Cânticos. Uma vez li Ezequiel 16, mas não ousei fazê-lo novamente.” Citado em John H. Pratt, ed., *The Thought of the Evangelical Leaders: Notes of the Discussions of the Eclectic Society, London, During the Years 1798-1814* (Edinburgh: The Banner of Truth Trust, [1856] 1978), p. 441. Em uma época mais pé no chão, João Calvino foi capaz de ser muito mais explícito em suas exposições – a ponto de que seu tradutor do século XIX simplesmente excluiu várias passagens, com esta nota: “O Reformador se detém tão minuciosamente na linguagem do Profeta, que o gosto refinado dos dias modernos não suportará uma tradução literal de algumas cláusulas.” Thomas Myers, em *Commentaries on the First Twenty Chapters of the Book of the Prophet Ezekiel* (Grand Rapids: Baker Book House, 1979 repr.), Vol. 2, pg. 127. Cf. a omissão de outro tradutor dos comentários de Calvino sobre Gênesis 38:8-10 (*Commentaries on the First Book of Moses*, Baker Book House, 1979, Vol. 2, pg. 280).

zidos a tal estupor espiritual que não reconheceram seu próprio Cristo. Inebriados por seu relacionamento aparentemente bem-sucedido com o Estado-poder imperial, os judeus não perceberam que era uma armadilha: eles estavam sendo drogados em preparação para sua própria execução.

3 Já vimos a Mulher no **deserto**, onde ela fugiu da opressão do Dragão de sete cabeças (12:6, 14). Mas essa estadia no deserto foi por necessidade, e por um tempo específico. A Verdadeira Noiva não habita no deserto – o sinal da Maldição, a habitação dos demônios (Mt 12:43)⁶ – por escolha própria. Para a Falsa Noiva, no entanto, o deserto é seu ambiente; ela escolhe permanecer lá em vez de seguir o Espírito para a terra prometida. O deserto é, portanto, sua herança, e seu destino (cf. Nm. 13-14; Zc. 5:5-11). Esta é, novamente, uma imagem profética familiar: a Jerusalém apóstata é uma prostituta, exercendo seu comércio obsceno ao longo de estradas do deserto como uma jumenta selvagem no cio (cf. Jr. 2-3; Os. 2).

É como se a Mulher de Apocalipse 12, tendo fugido para o deserto em busca de proteção, tivesse se acostumado à vida lá e estabelecido um relacionamento íntimo com o Dragão. São João a vê **assentada sobre uma Besta escarlate**. Não fica imediatamente claro se a Besta Escarlate é o Dragão ou a Besta do Mar. Como a Besta do Mar, ela está **cheia de nomes blasfemos** (cf. 13:1); e como o Dragão, ela tem **sete cabeças e dez chifres** (cf. 12:3; a ordem é invertida para a Besta do Mar, que tem *dez chifres e sete cabeças*, 13:1). Como ela está assentada “sobre muitas águas” (v. 1) e também na Besta Escarlate, a imagem parece sugerir que a Besta surgiu do mar (cf. 11:7; 13:1). A solução mais provável é simplesmente ver a passagem como uma referência à intimidade apóstata de Jerusalém com Satanás e o Império. Roma era a vigente encarnação política do diabo, e as duas certamente poderiam ser consideradas conjuntamente sob uma mesma imagem. Israel dependia do Império Romano para sua existência e poder nacional; pelo testemunho do Novo Testamento, não há dúvida de que Jerusalém estava política e religiosamente “na cama” com o paganismo institucionalizado, cooperando com Roma na crucificação de Cristo e na perseguição assassina de cristãos.

Aliás, este é um dos muitos indícios de que a Prostituta não é Roma, pois ambas são claramente distintas. Ela está *sentada* na Besta, sustentada

⁶ Veja comentários em 12:6; cf. observações sobre o tema do deserto em David Chilton, *Paraíso Restaurado* (Editora Monergismo, 2024), pp. 36, 58, 62-64.

e mantida por aquela cujas sete cabeças representam – entre outras coisas – as famosas “sete colinas” de Roma (17:9). Vale a pena observar também que há um contraste entre o Trono de Deus, apoiado pelas Criaturas Vivas que são “cheias de olhos” e que estão dia e noite engajadas no louvor a Deus (4:6-8; cf. Ez. 10:12), e a Rainha Meretriz, cujo trono é apoiado por uma Besta que está **cheia de nomes blasfemos**.

4 A Mulher está **vestida de púrpura e escarlate**, vestes de esplendor e realeza para alguém que se assenta como uma rainha (18:7; veja Jz. 8:26; 2 Sm. 1:24; Dn. 5:7, 16, 29; Lc. 16:19). Ela é **adornada com ouro e pedras preciosas e pérolas**, de acordo com as descrições bíblicas da gloriosa Cidade de Deus (Is. 54:11-12; 60:5-11; Ap. 21:18-21), com base ainda mais no padrão do Jardim do Éden repleto de joias (Gn. 2:11-12; Ez. 28:13). As joias também são uma característica tanto das vestes do sumo sacerdote (Ex. 28:9-29) quanto do trono de Deus (4:3-4). Portanto, não há necessidade de ver as vestes e joias da Mulher como meramente o adorno chamativo, ousado e extravagante do traje de uma prostituta. Em vez disso, essas são *originalmente* as roupas da Mulher justa - a Noiva que deve estar trajada de um vestido glorioso (cf. Ex. 3:22; Ez. 16:11-14; Pv. 31:21-22). São João quer que seus leitores vejam a Meretriz adornada com as belas vestes da Igreja. Ele quer que eles entendam que essa prostituta degenerada que fornicava com bestas ainda carrega os ornamentos da Noiva pura e casta. Devemos observar, no entanto, que o enorme véu cobrindo o portão do Templo (cerca de 25 metros de altura e 7 de largura) era uma “[tapeçaria] *abilônica*, [...] onde o azul, a *púrpura*, o *escarlate*, e o linho [cf. 18:16] estavam dispostos com tanta arte que causavam grande admiração.”⁷

A Falsa Noiva celebra uma espécie de comunhão: Ela segura **em sua mão uma taça de ouro cheia de abominações e das coisas imundas de sua fornicação**, combinando as imagens de *comida* imunda (cf. Lv. 11) e *casamento* imundo (cf. Lv. 20; veja esp. Lv. 20:22-26).⁸ A imagem é ligeiramente alterada daquela de Jeremias 51:7, onde a Babilônia original é des-

⁷ Josefo, *A Guerra dos Judeus*, 5:5:4 em HDH, 2:5:14:394, pg. 1299.

⁸ Para uma discussão estendida, embora preliminar, das relações entre pureza alimentar e sexual na Lei, veja Mary Douglas, *Purity and Danger: An Analysis of the Concepts of Pollution and Taboo* (Londres: Routledge & Kegan Paul, [1966] 1969), Cap. 3: “The Abominations of Leviticus” (pp. 41-57); idem, *Implicit Meanings: Essays in Anthropology* (Londres: Routledge & Kegan Paul, 1975), Cap. 16: “Deciphering a Meal” (pp. 249-75).

crita como “uma taça de ouro na mão do SENHOR, que embriagou toda a terra”, mas a ideia básica é semelhante. Jerusalém ainda tem o belo cálice da Aliança, mas a comunhão que ela oferece leva os homens à morte e à destruição. Sua taça está cheia de “abominações”, uma palavra que a Bíblia frequentemente usa em conexão com a adoração de deuses falsos (Dt. 29:17; Ez. 5:11). A Jerusalém farisaica se orgulhava de sua observância das ordenanças de pureza cerimonial, porém, na realidade, ela era radicalmente impura, contaminada por dentro por sua apostasia e fornicção (Mt. 23:25-28; Mc. 7:1-23). O quadro geral pode muito bem ser, como Ford observou, “uma paródia do sumo sacerdote no Dia da Expição usando as vestes especialmente reservadas para aquela ocasião e tendo a oferta de libação. No entanto, em vez do nome sagrado em sua testa, o ‘sacerdote-meretriz’ carrega o nome Babilônia, mãe das meretrizes e das abominações da terra, um título que ilustra Ez. 16:43-45 (RSV), onde Yahweh fala da lascívia de Jerusalém.”⁹

5 A Prostituta tem **na sua testa um nome escrito**. Agora, a escrita na testa é uma imagem familiar em Apocalipse. Nós o vimos nos santos (3:12; 7:3; 14:1) e nos seguidores da Besta (13:16-17). A testa é especialmente destacada como um símbolo de rebelião (Is. 48:4; Ez. 3:9); é dito que o Israel rebelde tinha “testa de uma prostituta” (Jr. 3:3). Mas o nome escrito ali começa com a palavra **Mistério**. Corsini notou corretamente o significado desse fato muito negligenciado: “Se a prostituta é chamada de ‘mistério’, isso significa que ela, mesmo no momento em que é julgada e condenada, ainda forma uma parte integral e importante no plano divino de salvação. Este não pode ser o caso de Roma ou de qualquer outra cidade pagã, mas apenas de Jerusalém. Somente ela, e nenhuma outra cidade, será renovada e descerá do céu sobre o Monte Sião para celebrar um casamento com o Cordeiro (21:2, 10ff.), porque ‘nos dias do toque da trombeta a ser soado pelo sétimo anjo, o mistério de Deus [...] deve ser cumprido’ (10:7).”¹⁰

O nome simbólico da Prostituta continua: **Babilônia, a Grande**, pois ela é herdeira e homônima da antiga cidade que foi o epítome da rebelião contra Deus (Gn. 11:1-9; Jr. 50-51). O nome também serve para nos lem-

⁹ J. Massyngberde Ford, *Revelation: A New Translation with Introduction and Commentary* (Garden City, NY: Doubleday and Co., 1975), pg. 288.

¹⁰ Eugenio Corsini, *The Apocalypse: The Perennial Revelation of Jesus Christ* (Wilmington, DE: Michael Glazier, 1983), pg. 335.

brar de seu alto chamado, que ela foi criada para ser a Verdadeira Babilônia, o Portão de Deus. Em vez disso, no entanto, ela seguiu o caminho da antiga Babilônia em sua rejeição apóstata do senhorio de Deus sobre ela. Agora identificada com bestialidade e confusão, ela se tornou “o Mistério da Iniquidade” (2 Ts. 2:7), **a Mãe das Meretrizes** (correspondendo a “Jezebel” e seus “filhos”, falados em 2:20-23; cf. a descrição de Jerusalém como mãe de prostitutas em Ez 16:44-48).

6-7 Agora vemos o que a Meretriz tem em seu cálice, a comunhão demoníaca com a qual ela e seus amantes (v. 2; cf. 14:8) estão se **embriagando: É o sangue dos santos, e [...] das testemunhas de Jesus.** Este é “o vinho de sua fornicação”, o sacramento de sua apostasia da verdadeira fé; o alimento impuro definitivo (cf. Lv. 17:10-14). Embora seja verdade que Roma se tornou uma grande perseguidora da Igreja, devemos lembrar que Jerusalém foi a transgressora preeminente neste quesito. A perseguição romana ocorreu por meio da instigação e conivência dos judeus, como o Livro de Atos constantemente nos informa. Toda a história de Jerusalém, de fato, foi de perseguição implacável aos piedosos, e especialmente aos profetas (Mt. 21:33-44; 23:29-35; At 7:51-53). Como São João nos conta em 18:24, “nela foi encontrado o sangue dos profetas e dos santos e de todos os que foram mortos na terra”. Jerusalém foi a perseguidora dos profetas *por excelência*.

Mas nem sempre é fácil olhar as coisas com olhos “teológicos”. No momento de sua glória, uma prostituta bem-sucedida é bela, atraente, sedutora. A Palavra de Deus é realista e não finge que o mal sempre parece repulsivo. A tentação de pecar, como todos sabemos, pode ser muito atraente (Gn. 3:6; 2 Co. 11:14). Quando São João viu a Grande Prostituta, portanto, ele ficou bastante impressionado, fascinado com sua beleza: Ele **se maravilhou com grande admiração** (cf. Ap. 13:3-4: “E toda a Terra se maravilhou após a Besta; e adoraram o Dragão...”). O anjo, portanto, o repreende: **Por que tu ficaste maravilhado?** São João registra isso para alertar seus leitores contra serem seduzidos pela Meretriz, pois ela é linda e impressionante. O antídoto para ser enganado pelas artimanhas da Falsa Noiva é compreender **o Mistério da Mulher e da Besta que a carrega**. O anjo agora revelará a natureza da aliança da Prostituta com a Besta, sua oposição a Cristo e sua destruição que se aproxima. Os leitores de São João devem entender que não há mais nenhuma esperança de “reforma por

dentro”. Jerusalém está implacavelmente em guerra contra Jesus Cristo e Seu povo. Aquela que outrora era a Cidade Santa agora é uma Prostituta.

O Anjo Explica o Mistério (17:8-18)

- 8 A Besta que viste era e não é, e está prestes a ascender do Abismo e a prosseguir para a destruição. E os que habitam na Terra se maravilharão, cujo nome não foi escrito no Livro da Vida desde a fundação do mundo, quando virem a Besta, que era e não é, e virá.
- 9 Aqui está a mente que tem sabedoria. As sete cabeças são sete montes nas quais a Mulher está assentada,
- 10 e são sete reis; cinco caíram, um existe, o outro ainda não veio; e, quando vier, deve permanecer por pouco tempo.
- 11 E a Besta que era e não é, é ela mesma também um oitavo, e é dos sete, e prossegue para a destruição.
- 12 E os dez chifres que viste são dez reis, que ainda não receberam um reino, mas recebem autoridade como reis com a Besta por uma hora.
- 13 Estes têm um só propósito e dão seu poder e autoridade à Besta.
- 14 Estes guerrearão contra o Cordeiro, e o Cordeiro os vencerá, porque é o Senhor dos senhores e o Rei dos reis, e os que estão com Ele são os chamados, e escolhidos e fiéis.
- 15 E ele me disse: As águas que viste, onde a Meretriz está assentada, são povos, e multidões, e nações e línguas.
- 16 E os dez chifres que viste, e a Besta, estes odiarão a Meretriz, e a farão desolada, e a farão despida, e comerão a sua carne e a queimarão com fogo.
- 17 Porque Deus pôs em seus corações executar o Seu propósito, tendo um propósito comum, e dando seu reino à Besta, até que as palavras de Deus se cumpram.
- 18 E a Mulher que viste é a Grande Cidade, que tem um Reino sobre os reis da terra.

8 O anjo começa sua explicação falando sobre a Besta, já que a intimidade da Prostituta com a Besta é tão integral ao seu caráter e destino. Novamente, devemos notar que esta é uma Besta composta (cf. v.3 acima), compreendendo os atributos tanto do Império Romano quanto de seu original, o Dragão. Milton Terry diz: “Em sua explicação, o anjo parece

direcionar nossa atenção especificamente para o espírito que impeliu o dragão, a besta do mar e o falso profeta; e assim o que é aqui afirmado sobre a besta tem uma referência especial às diferentes e sucessivas manifestações do próprio Satanás. [...] Portanto, entendemos pela besta que *era e não é* um retrato enigmático do grande dragão vermelho de 12:3. Ele é o rei do Abismo em 9:11, e a besta que matou as testemunhas em 11:7. Ele se manifesta por um tempo na pessoa de algum grande perseguidor, ou na forma de alguma iniquidade descomunal, mas é, depois de um tempo, expulso. Então, ele novamente encontra algum outro órgão para suas operações e entra nele com toda a malícia do espírito imundo que vagava por lugares áridos, buscando descanso e não encontrando nenhum até que descobriu sua velha casa, vazia, varrida e ornamentada como se para convidar seu retorno.”¹¹

O anjo representa a Besta como uma paródia de “d’Aquele que é, e que era e que há de vir” (1:4): **A Besta [...] era e não é, e está prestes a ascender do Abismo.** Neste ponto, é provável que o referente humano específico **da Besta** seja Vespasiano, que se tornou César após o caos que se seguiu à morte de Nero. Ford comenta: “A besta ‘era’ (Vespasiano tinha o favor de Nero) e ‘não é’ (caiu em desgraça) e virá do abismo (foi restaurado com a ajuda dos ‘homens do abismo, um epíteto para homens perversos de Qumran). Vespasiano está em paralelo com ‘aquele que há de vir’. Em certo sentido, o império passou pelos mesmos estágios; ‘era’, de César a Nero, ‘não era’ no ano crítico dos quatro imperadores, e voltou a ser com Vespasiano.”¹²

Em última instância, como vimos, esta é uma descrição da Besta original, o Dragão, o antigo inimigo de Deus e Seu povo. Se no momento há uma trégua temporária em sua oposição cruel, os cristãos devem estar cientes de que ela está prestes a subir do Abismo para atacá-los e persegui-los novamente; no entanto, São João os lembra que a derrota da Besta está garantida, pois sua ascensão não é para o poder e a glória à direita de Deus, mas apenas para **prosseguir para a destruição.** A palavra **destruição** é *apoleian*, a raiz de *Apoliom*, o “rei do Abismo” em 9:11. São João ressalta que, embora a Besta tenha permissão, por um tempo, para subir do

¹¹ Milton S. Terry, *Biblical Apocalypics: A Study of the Most Notable Revelations of God and of Christ in the Canonical Scriptures* (New York: Eaton & Mains, 1898), pp. 429f.

¹² Ford, pg. 289.

abismo, é igualmente certo que ela há de retornar para lá. Seu destino é a destruição total, e ela não pode ter sucesso em destruir a Igreja.

Mas o Dragão/Besta terá sucesso em arrastar o Israel apóstata para sua adoração idólatra. **E os que habitam na Terra se maravilharão [...] quando virem a Besta, que era e não é, e virá.** A palavra usada anteriormente para a ascensão da Besta do Abismo é *anabainō*, em imitação da *Ressurreição/Ascensão* de Cristo; a palavra *virá* aqui é *paristēmi* (a forma verbal de *parousia*), em imitação da *Vinda* de Cristo em poder e glória, trazendo juízo e salvação (a Parousia definitiva ocorreu na Ascensão, resultando na Parousia de Cristo contra Jerusalém em 70 d.C.). Dessa forma, assim como os cristãos do primeiro século viviam na expectativa da Parousia próxima de seu Senhor, os judeus apóstatas buscavam na Besta libertação e salvação. A “segunda vinda” do Dragão, após sua aparente (e real) derrota por Cristo, foi uma ocasião de admiração, espanto e adoração para os judeus que rejeitaram Cristo. A ascensão do Estado totalitário, em oposição ao Reino de Cristo, foi para o Israel rebelde uma ascensão à glória, uma parousia, um dia do senhor. A Besta era seu Messias, e sua Anti-Parousia os “libertou” – entregando-os nas mãos de Apoliom, a perdição e destruição do Abismo. A única questão última da ascensão da Besta do Abismo é a maior condenação dele mesmo e de seus adoradores.

Por que, em última instância, os judeus rejeitaram Cristo e adoraram o Dragão? Porque, em contraste com os eleitos de Cristo, que foram “escolh[idos] nele antes da fundação do mundo” (Ef. 1:4), o **nome** do Israel apóstata **não foi escrito no Livro da Vida desde a fundação do mundo** (cf. 13:8). São Pedro escreveu que Jesus Cristo, a grande Pedra Angular, era para os judeus “pedra de tropeço e rocha de escândalo, para aqueles que tropeçam na palavra, sendo desobedientes; para o que também foram destinados.” (1 Pe. 2:8, ACF).¹³ Em vez disso, a Igreja herdou o antigo sta-

¹³ No contexto (v. 6-8), São Pedro cita as profecias de Isaías sobre a rejeição de Cristo pelos judeus (Is. 8:14; 28:16; veja Mt. 28:12-15). John Brown de Edimburgo comentou sobre 1 Pedro 2:8: “A referência direta no termo desobediente é, sem dúvida, aos judeus descrentes. Quando Deus proclamou a eles: ‘Eis que eu ponho em Sião por alicerce uma pedra, uma pedra à toda prova, uma preciosa pedra de esquina, um alicerce inabalável. Aquele que crer não se apressará’, eles não creram na declaração. Eles desobedeceram à ordem. Eles rejeitaram a pedra. Eles não construiriam sobre ela. Eles não receberiam Jesus como o Messias; pelo contrário, eles ‘o tomaram, e com mãos perversas o crucificaram e mataram.’” (*Expository Discourses on 1 Peter*, 2 vols.; Edinburgh: The Banner of Truth Trust, [1848] 1975, Vol. 1, pg. 314).

tus (Ex. 19:6) que Israel detinha: “Vós, porém, sois raça eleita, sacerdócio real, nação santa, povo de propriedade exclusiva de Deus...” (1 Pe. 2:9, ARA).

9-10 O anjo passa agora a falar da encarnação do Dragão na Besta do Mar. **Aqui está a mente que tem sabedoria. As sete cabeças são sete montes nos quais a mulher está assentada.** Os “sete montes” novamente identificam a Besta como Roma, famosa por suas “sete colinas”;¹⁴ mas estas também correspondem à linha dos Césares, pois **são sete reis; cinco caíram:** Os primeiros cinco Césares foram Júlio, Augusto, Tibério, Calígula e Cláudio.¹⁵ **Um existe:** Nero, o sexto César, estava no trono enquanto São João escrevia o Apocalipse. **O outro ainda não veio; e, quando vier, deve permanecer por pouco tempo:** Galba, o sétimo César, reinou por menos de sete meses.

11 Mas a queda da dinastia Júlio-Claudiana e o severo caos político que a seguiu não devem ser interpretados pelos cristãos como significando o fim das aflições. Pois seu verdadeiro inimigo é **a Besta**, que se encarnará em outros Césares também. Ela **também é um oitavo rei**, mas **é dos sete:** a brutalidade anticristã dos tiranos sucessores os marcará como sendo da

¹⁴ Não é, de forma alguma, necessário – como sustenta Russell (*The Parousia*, pg. 492) – buscar sete montes em Jerusalém como o cumprimento desta declaração. A Meretriz está assentada sobre a Besta, e assim nas sete colinas de Roma; em outras palavras, o judaísmo apóstata, centrado na Cidade de Jerusalém, é apoiado pelo Império Romano.

¹⁵ Isso foi questionado por alguns, já que, num sentido técnico, o Império começou com Augusto, não Júlio (cf. Tácito, *Os Anais*, 1:1). No entanto, essa era uma tecnicidade que, no que diz respeito ao modo comum de falar e escrever no primeiro século, era irrelevante. Para todos os efeitos práticos, Júlio César era Imperador: Ele reivindicou o título de *imperator*, e a maioria dos primeiros escritores romanos, cristãos e judeus o consideraram o primeiro Imperador. Suetônio começa suas *Vidas dos Doze Césares* com Júlio como o primeiro Imperador, assim como Dião Cássio em sua *História Romana*. O Livro 5 dos *Oráculos Sibilinos* chama Júlio de “o primeiro rei”, e 4 Esdras 12:15 fala de Augusto como “o segundo” dos imperadores. Para nossos propósitos, Josefo parece fornecer o testemunho mais convincente, já que ele escreveu para um público romano e judeu, na linguagem comum da época. Em suas *Antiguidades dos Judeus*, ele fala claramente de Augusto e Tibério como o segundo e terceiro imperadores (18:2:2), de Calígula como o quarto (18:6:10), e de Júlio como o primeiro (19:1:11). A discussão mais abrangente de todas as evidências encontra-se em Moses Stuart, *Commentary on the Apocalypse*, 2 vols. (Andover: Allen, Morrill, and Wardwell, 1845), Vol. 2, pp. 445-52; cf. Isbon T. Beckwith, *The Apocalypse of John: Studies in Introduction with an Exegetical and Critical Commentary* (Grand Rapids: Baker Book House, [1919] 1979), pp. 704f.

mesma linhagem de seus predecessores. *Oito* é o número da ressurreição na Bíblia; São João está alertando que, embora o Império pareça se desintegrar após o governo dos sete reis, ele será “ressuscitado” novamente, para viver em outros perseguidores da Igreja. No entanto, o retorno do Império não resultará em vitória para a Besta, pois mesmo o oitavo, a Besta ressuscitada, **prossegue para a destruição**. A Igreja terá que exercer paciência durante o período de ascensão da Besta, mas ela tem a garantia de que seus inimigos não terão sucesso. Seu Rei será vitorioso; Seus servos foram predestinados a compartilhar de Seu triunfo.

12 Os dez chifres que São João viu na Besta **são dez reis**. O número *10* na Bíblia, como observamos em outras ocasiões, está relacionado ao conceito de “multidão”, de plenitude quantitativa ou numérica. O fato de que esses “reis” estão associados à Besta, adornando suas cabeças como “coroas”, e **recebem autoridade com a Besta** (ou seja, em virtude de seu relacionamento com ela) indica que são governantes sujeitos ou aliados ao Império. Roma na verdade tinha dez províncias imperiais, e alguns leram isso como uma referência a elas.¹⁶ Não é necessário, no entanto, tentar encontrar uma definição precisa desses dez reis súditos; o símbolo simplesmente representa “a *totalidade* daqueles reis aliados ou súditos que ajudaram Roma em suas guerras tanto contra o judaísmo quanto contra o cristianismo.”¹⁷ O propósito do texto é apontar para esses reis, com quem a Meretriz exerceu sua ocupação (v. 2), como os instrumentos de sua futura destruição (v. 16-17).

13-14 São João registra que os “dez reis” se juntam à Besta contra Cristo, perseguindo a Igreja por todas as províncias e reinos subordinados do Império: **Estes têm só um propósito, e dão seu poder e autoridade à Besta para guerrear contra o Cordeiro**, como Miguel e Seus anjos guerrearam com o Dragão (12:7). Este sempre foi o objetivo final do exercício de governo do homem réprobo: a tentativa de destronar Deus. Como o salmista predisse, “Os reis da terra se posicionam, e os governantes tomam conselhos juntos, contra o SENHOR e contra o seu *Ungido*” (Sl 2:2; cf. At. 2:26). O comentário apostólico sobre este texto é revelado em uma

¹⁶ Estas eram: Itália, Acaia, Ásia, Síria, Egito, África, Hispânia, Gália, Britânia e Germânia. Veja F. W. Farrar, *The Early Days of Christianity* (Chicago and New York: Belford, Clarke & Co., 1882), pg. 532.

¹⁷ Terry, pg. 433.

das primeiras orações da Igreja perseguida. Depois de citar o Salmo 2, eles disseram: “Porque, verdadeiramente eles se ajuntaram contra o teu santo filho Jesus, que tu ungiste, não só Herodes, mas Pôncio Pilatos, com os gentios e o povo de Israel, para fazerem tudo o que a tua mão e o teu conselho determinaram antes para ser feito.” (At. 4:27-28). Os ímpios estão unidos em torno do ódio contra o Filho de Deus, o Ungido. É por isso que nos é dito o resultado da conspiração de Herodes e Pilatos contra Cristo: “No mesmo dia, Pilatos e Herodes se tornaram amigos; porque antes tinham uma inimizade entre eles” (Lc. 23:12). Os inimigos se unirão na luta contra um inimigo comum, e no Advento de Cristo vemos o mundo de pagãos e apóstatas se unindo em rebelião contra Ele. Mas o salmista muito antes havia alertado reis e governantes: “Servi ao Senhor com temor, e alegrai-vos com tremor. Beijai o Filho, para que se não ire, e pereçais no caminho, quando em breve se acender a sua ira; bem-aventurados todos aqueles que nele confiam.” (Sl. 2:11-12, ACF). O resultado desta luta cósmica é assim assegurado e inevitável: **E o Cordeiro os vencerá, porque é o Senhor dos senhores e o Rei dos reis, e os que estão com Ele são os chamados, e escolhidos e fiéis.** São João assegura à Igreja que em seu terrível e aterrorizante conflito com o poder impressionante da Roma imperial, *a vitória do cristianismo é garantida.*

15 O anjo agora explica o significado **das águas [...]** onde a **Meretrix está assentada.** Elas são descritas em termos de uma designação quadrupla: **povos, e multidões, e nações e línguas,** ou seja, o mundo. A identificação das nações ímpias e rebeldes do mundo com o mar revoltado é familiar nas Escrituras (cf. 13:1). Isaías escreveu sobre “o bramido dos grandes povos que bramam como bramam os mares, e do rugido das nações que rugem como rugem as impetuosas águas. Rugirão as nações, como rugem as muitas águas, mas Deus as repreenderá e elas fugirão para longe; e serão afugentadas como a pragana dos montes diante do vento, e como o que rola levado pelo tufão” (Is. 17:12-13, ACF). “Mas os perversos são semelhantes ao mar encapelado, quando não pode sossegar, cujas águas lançam em direção à costa lama e sujeira. Para o perverso, diz o meu Deus, não há paz.” (Is 57:20-21).

Jerusalém poderia verdadeiramente ser retratada como assentada sobre “muitas águas” (isto é, as nações) por causa da grande e ampla influência que os judeus tinham em todas as partes do Império Romano antes da destruição de Jerusalém. Suas sinagogas estavam em todas as

cidades, e a extensão de sua colonização pode ser vista no registro do Dia de Pentecostes, que nos diz que “em Jerusalém estavam habitando judeus, homens religiosos, de todas as nações debaixo do céu.” (At. 2:5).¹⁸

16 Em sua guerra contra Cristo, as nações enfurecidas se voltam contra a Meretriz, *por causa de sua ligação com Ele*.¹⁹ O anjo retrata essa nova inimizade para com a Meretriz por meio de uma descrição quádrupla: Os povos do Império **odiarão a Meretriz, e a farão desolada, e a farão despida, e comerão a sua carne e a queimarão com fogo** (cf. Jr. 13:26; Lm. 1:8-9; Na. 3:5). Jerusalém havia cometido fornicção com as nações pagãs, mas em 70 d.C. elas se voltaram contra ela e a destruíram, tornando-a **desolada** (a mesma palavra é usada em Mt. 24:15, Mc. 13:14 e Lc. 21:20, refletindo a versão grega de Dn. 9:26-27: a abominação da desolação). Uma das punições para uma adúltera condenada no mundo antigo era a humilhação pública de ser **despida** (cf. Is. 47:2-3; Jr. 13:26; Lm. 1:8; Ez. 16:37, 39; 23:29; Os. 2:10; Na. 3:5).

Outra conexão com “Jezabel” (2:20; cf. comentário em 17:5) é feita aqui: As nações **comem sua carne**, como os cães (cf. 22:15) comeram a carne da Jezabel original (1 Rs. 21:23-24; 2 Rs. 9:30-37). Os profetas que falaram de Jerusalém como a Prostituta disseram que assim como a filha de um sacerdote que se tornasse uma prostituta seria “queimada com fogo” (Lv 21:9), assim Deus usaria os antigos “amantes” de Jerusalém, as nações pagãs, para destruí-la e **queimá-la** completamente (Jr. 4:11-13, 30-31; Ez. 16:37-41; 23:22, 25-30). Russell observou que “Tácito fala da amarga animosidade contra os judeus com a qual os auxiliares árabes de Tito estavam cheios,²⁰ e temos uma prova terrível do intenso ódio sentido contra os judeus pelas nações vizinhas nos massacres em massa daquele povo infeliz perpetrados em muitas grandes cidades pouco antes do início da guerra. Toda a população judaica de Cesareia foi massacrada em um só dia. Na

¹⁸ Lucas prossegue listando algumas dessas nacionalidades: “Partos e medos, elamitas e os que habitam a Mesopotâmia, a Judeia e a Capadócia, o Ponto e a Ásia, a Frígia, a Panfília, o Egito e as partes da Líbia, junto a Cirene, e estrangeiros de Roma, judeus e prosélitos, e cretenses, e árabes” (At. 2:9-11).

¹⁹ A destruição da Prostituta por seus antigos “amantes” é inexplicável, além da hipótese de que ela seja Jerusalém. Há claramente uma conexão contextual entre a guerra das nações contra Cristo e sua guerra contra a Prostituta. A oposição delas é, antes de tudo, contra Ele; a destruição dela é representada como um aspecto de sua tentativa de destruí-Lo.

²⁰ Cornélio Tácito, *As Histórias*, 5:1.

Síria, cada cidade foi dividida em dois campos, judeus e sírios. Em Citópolis, mais de treze mil judeus foram massacrados; em Ascalão, Ptolemaida e Tiro, atrocidades semelhantes ocorreram. Mas em Alexandria a carnificina contra os habitantes judeus excedeu todos os outros massacres. Todo o bairro judeu foi inundado de sangue, e cinquenta mil cadáveres jaziam em montões horríveis nas ruas.²¹ Este é um comentário terrível sobre as palavras do anjo intérprete: 'Os dez chifres que viste na besta, estes odiarão a prostituta', etc."²²

É importante perceber, como observamos acima, que a Besta destruiu Jerusalém como parte de sua guerra contra Cristo; o motivo dos líderes romanos em destruir o Templo não era apenas reprimir a rebelião judaica, mas obliterar o cristianismo, como Sulpício Severo registrou:

Diz-se que Tito, após convocar um concílio, primeiro deliberou se deveria destruir o templo, uma estrutura de obra tão extraordinária. Pois parecia bom para alguns que um edifício sagrado, distinto acima de todas as realizações humanas, não deveria ser destruído, na medida em que, se preservado, forneceria uma evidência da moderação romana, mas, se destruído, serviria como uma prova perpétua da crueldade romana. Mas do lado oposto, outros e o próprio Tito pensavam que o templo deveria ser especificamente derrubado, a fim de que a religião dos judeus e dos cristãos pudesse ser mais completamente subvertida; pois essas religiões, embora contrárias entre si, procediam, todavia, dos mesmos autores; que os cristãos tinham surgido entre os judeus; e que, se a raiz fosse extirpada, o rebento pereceria rapidamente.²³

A Besta pensou que poderia matar a Prostituta e a Noiva de uma só vez! Mas, quando a poeira baixou, o andaime da velha e apóstata Jerusalém ficou em ruínas, e a Igreja foi revelada como o novo e mais glorioso Templo, a morada eterna de Deus.

²¹ Josefo, *A Guerra dos Judeus*, 2:18.

²² J. Stuart Russell, *The Parousia: A Critical Inquiry into the New Testament Doctrine of Our Lord's Second Coming* (Grand Rapids: Baker Book House, [1887] 1983), pg. 503.

²³ *The Sacred History of Sulpitius Severus*, em *A Select Library of Nicene and Post-Nicene Fathers of the Christian Church* (Grand Rapids: Eerdmans, [n.d.] 1973), Second Series, Vol. 11, pg. 111. Essas informações de Sulpício parecem ter sido derivadas do registro de Tácito de relatos de testemunhas oculares. Veja Michael Grant, *The Twelve Caesars* (New York: Charles Scribner's Sons, 1975), pp. 228f.

17 O Senhor soberano não está, portanto, à mercê da Besta e seus asseclas; em vez disso, todos esses eventos foram predestinados para a glória de Deus, por meio da execução de Seus decretos. **Porque Deus pôs em seus corações executar o Seu propósito, tendo um propósito comum, e dando seu reino à Besta.** Obviamente, é um *pecado* para esses reis darem seus reinos à Besta, com o propósito de fazer guerra contra o Cordeiro. E ainda assim foi Deus quem colocou isso em seus corações! Alguns reclamarão, é claro, que isso faz de Deus “o Autor do pecado”. A resposta óbvia a tal objeção é que o texto *diz* que Deus colocou o propósito maligno em seus corações; ao mesmo tempo, temos a garantia de que “o SENHOR é justo em todos os seus caminhos”. Se cremos na Bíblia, devemos crer tanto em Apocalipse 17:17 quanto em Salmo 145:17. Devemos nos apegar firmemente a dois pontos (aparentemente contraditórios): Primeiro, Deus não é responsável pelo pecado; Segundo, *nada* acontece apesar d’Ele, ou em oposição ao Seu propósito.²⁴ Assim, para aqueles que lutam contra a Palavra de Deus, a resposta bíblica é direta: “Mas, ó homem, quem és tu, para que contestes a Deus? Dirá a coisa formada ao que a formou: Por que tu me fizeste assim? Não tem o oleiro poder sobre o barro, para da mesma massa fazer um vaso para honra e outro para desonra?” (Rm. 9:20-21). Santo Agostinho observou: “Está, portanto, no poder dos ímpios pecar; mas que, ao pecar, eles façam isto ou aquilo não está em seu poder, mas em Deus, que divide as trevas e as regula; de modo que

²⁴ Elas parecem contraditórias para nós porque somos *criaturas*. Problemas como a relação da soberania de Deus e a responsabilidade humana, ou da soberania de Deus e a justiça de Deus, ou da unidade e diversidade dentro da Trindade, não podem ser “resolvidos” por nós porque não somos capazes de compreender Deus. Cornelius Van Til escreve: “O conhecimento humano nunca pode ser um conhecimento completamente abrangente. Toda transação de conhecimento tem em algum lugar um ponto de referência para Deus. Agora, uma vez que Deus não é totalmente compreensível para nós, estamos fadados a entrar no que parece ser uma contradição em todo o nosso conhecimento. Nosso conhecimento é analógico e, portanto, deve ser paradoxal” (*The Defense of the Faith*, Philadelphia: Presbyterian and Reformed, 3rd ed., 1967, pg. 44). Por esta razão, “todo o ensino da Escritura é aparentemente contraditório” (*Graça Comum e o Evangelho*, Editora Cultura Cristã, 2018, pg. 201; cf. pp. 62ff.; cf. Van Til, *Introduction to Systematic Theology*, Presbyterian and Reformed, pp. 247ff.). Para uma consideração completa deste assunto, veja John Frame, “O Problema do Paradoxo Teológico”, em Gary North, ed., *Foundations of Christian Scholarship* (Vallecito, CA: Ross House Books, 1976), pp. 295-330.

mesmo o que eles fazem contrário à vontade de Deus não é cumprido, a menos que seja a vontade de Deus."²⁵

Todo o propósito na ira dos reis pagãos, na sua união em conspiração contra a Noiva e a Prostituta, na sua entrega de seus reinos à Besta e recebimento de poder por uma hora com ela, agora é revelado. Deus colocou em seus corações para cumprir Seu propósito, **até que as palavras de Deus se cumpram**. A guerra entre Cristo e a Besta, culminando na desolação da Prostituta, ocorreu em cumprimento aos alertas de Deus por meio de Seus profetas. As maldições do Pacto (Dt. 28) foram executadas em Israel por meio da Besta e dos dez chifres. Eles eram os instrumentos da ira de Deus, como Cristo havia predito em Seu discurso no Monte das Oliveiras. Durante esses horríveis "dias de vingança", Ele disse que *tudo o que está escrito* seria cumprido (Lc. 21:22). A visão e a profecia seriam seladas e completadas na destruição da antiga ordem mundial (Dn. 9:24).

18 O anjo agora identifica a Prostituta como **a Grande Cidade**, que, como vimos, é usado por São João como um termo para Jerusalém, onde o Senhor foi crucificado (11:8; 16:19). Além disso, diz o anjo, esta Cidade **tem um Reino sobre os reis da terra**. É talvez este versículo, mais do que qualquer outro, que confundiu os expositores a supor, contra todas as outras evidências, que a Prostituta é Roma. Se a Cidade é Jerusalém, como se poderia dizer que ela exerce esse tipo de poder político mundial? A resposta é que *Apocalipse não é um livro sobre política; é um livro sobre o Pacto*. Jerusalém *reinou* sobre as nações. Ela *possuía* um Reino que estava acima de todos os reinos do mundo. Ela tinha uma prioridade pactual sobre os reinos da terra. Israel era um Reino de sacerdotes (Ex. 19:6), exercendo um ministério sacerdotal de tutela, instrução e intercessão em nome das nações do mundo. Quando Israel era fiel a Deus, oferecendo sacrifícios pelas nações, o mundo estava em paz; quando Israel violava o Pacto, o mundo estava em tumulto. As nações gentias reconheceram isso (1 Rs. 10:24; Ed. 1; 4-7; cf. Rm. 2:17-24).²⁶ No entanto, perversamente, eles

²⁵ St. Augustine, *Anti-Pelagian Works*, Peter Holmes and Robert Ernest Wallis, trans. (Grand Rapids: William B. Eerdmans, repr. 1971), pg. 514, itálicos adicionados; cf. João Calvino, *A Instituição da Religião Cristã*, 2:4:4.

²⁶ Josefo aponta repetidamente que as nações tinham reconhecido historicamente a santidade e centralidade do Templo: "Este célebre lugar [...] era estimado como santo por toda a humanidade" (*A Guerra dos Judeus*, 5:1:3; cf. 5:9:4; 5:13:6). De fato, a ação dos rebeldes judeus, no verão de 66 d.C., de interromper os sacrifícios diários para o Imperador

buscariam seduzir Israel a cometer prostituição contra o Pacto – e quando ela o fizesse, eles se voltariam contra ela e a destruiriam. Esse padrão foi repetido várias vezes até a excomunhão final de Israel em 70 d.C., quando Jerusalém foi destruída. A desolação da Prostituta foi o sinal final de Deus de que o Reino havia sido transferido para Seu novo povo, a Igreja (Mt. 21:43; 1 Pe. 2:9; Ap. 11:19; 15:5; 21:3). O Reino sobre os reinos nunca mais será possuído pelo Israel nacional.

(em violação, conforme aponta Josefo, de uma prática de longa data) foi o evento singular que finalmente precipitou a guerra romana contra os judeus (2:17:2-4). Mesmo nos últimos momentos, enquanto Tito se preparava para destruir a cidade, ele ainda rogava aos sacerdotes judeus para que oferecessem os sacrifícios, que agora haviam sido totalmente descontinuados (6:2:1).

18

BABILÔNIA CAIU!

Sai Dela! (18:1-8)

- 1 Depois destas coisas, vi outro Anjo descendo do céu, tendo grande autoridade, e a terra foi iluminada com a Sua glória.
- 2 E Ele bradou com poderosa voz, dizendo: Caiu, caiu Babilônia, a grande! E ela se tornou morada de demônios e prisão de todo espírito imundo, e prisão de toda ave imunda e detestável.
- 3 Pois todas as nações beberam do vinho da ira da sua fornicação, e os reis da terra cometeram fornicação com ela, e os mercadores da terra se enriqueceram com a riqueza da sua sensualidade.
- 4 E ouvi outra voz do céu, dizendo: Sai dela, povo Meu, para que não sejas participantes dos seus pecados e para que não recebas das suas pragas;
- 5 porque os seus pecados se acumularam até o céu, e Deus se lembrou das suas iniquidades.
- 6 Pagai-lhe de volta como ela pagou, e retribuí em dobro segundo as suas obras; no cálice que ela misturou, misturai em dobro para ela.
- 7 Na medida em que ela se glorificou e viveu sensualmente, na mesma medida dai a ela tormento e luto; pois ela diz em seu coração: Estou assentada como uma rainha e não sou viúva, e nunca verei luto.
- 8 Por esta razão, em um só Dia suas pragas virão, pestilência, e luto e fome, e ela será queimada com fogo; porque forte é o Senhor Deus que a julga.

1 Outro Anjo é agora apresentado a São João – provavelmente o Senhor Jesus Cristo, considerando a descrição d’Ele, comparada com declarações sobre Cristo no Evangelho de João: Ele **desce do céu** (Jo. 3:13,31; 6:38,58), Ele **tem grande autoridade** (Jo. 5:27; 10:18; 17:2), **e a terra foi iluminada com Sua glória** (Jo. 1:4-5,9, 14; 8:12; 9:5; 11:9; 12:46; cf. 1 Tm. 6:16). As expressões são paralelas às de 10:1, que, como vimos, falam claramente do Filho de Deus. A última frase é praticamente uma repetição de Ezequiel 43:2, onde diz de Deus que “a terra brilhou com a Sua glória.” O próprio Cristo, que traz a ira de Deus sobre a Cidade-Meretriz, vem

para proclamar seu julgamento. A destruição dos apóstatas do pacto manifesta Sua autoridade e glória na Terra.

2 A proclamação do Mensageiro de Deus é consistente (cf. 14:8): **Caiu, caiu Babilônia, a grande!** Sua condenação é certa, e assim é falada como já realizada. Isso é semelhante ao canto fúnebre que Amós cantou contra Israel:

Caída para nunca mais se levantar,
está a virgem Israel.
Abandonada em sua própria terra,
não há quem a levante. (Am. 5:2, NVI)

A apostasia de Jerusalém se tornou tão grande que seu julgamento é permanente e irrevogável. Ela é **Babilônia**, a inimiga implacável de Deus, tendo **se tornado morada de demônios e prisão de todo espírito imundo, e uma de toda ave imunda e detestável**, em contraste com a Nova Jerusalém em 21:27 (“nada imundo [...] jamais entrará nela”). A prostituta está em um *deserto* (17:3), tendo sido *desolada* por seus pecados (17:16; cf. Mt. 24:15; nossas palavras *ermo*, *deserto*, *desolação* e *desolado* são basicamente a mesma palavra em grego). O deserto é, como já observamos, o lugar do pecado e dos demônios (Mt. 12:43; cf. Lc. 8:27). Uma fonte importante para isso é a desolação original do mundo por meio da rebelião inspirada por demônios contra Deus (Gn. 3:17-18). Disto se segue que, no Dia da Expição, um bode era levado ao deserto, carregando os pecados do povo. Esse “bode expiatório” era, literalmente, dito ser enviado *a* ou *para* “Azazel” (Lv. 16:8, 10, 26)¹ um nome para o “demônio-bode” que vivia no deserto.² Isaías havia profetizado sobre a desolação da Babilônia:

Animais selvagens do deserto repousarão lá, e suas casas estarão cheias de criaturas pesarosas. E corujas habitarão lá, e sátiros lá dançarão. (Is. 13:21)

¹ Veja a discussão deste ponto em Gordon J. Wenham, *Levítico: Comentário Exegético* (Edições Vida Nova, 2021), pp. 231, 234f., 244.

² Isso não deve ser interpretado como um sacrifício para o demônio em si (Lv. 17:7). Séculos mais tarde, os Israelitas do norte apóstatas sob Jeroboão verdadeiramente ofereceram adoração a esse demônio-bode (2 Cr. 11:15).

A ira de Deus contra Edom foi expressa na mesma linguagem:

Não será extinta nem de noite nem de dia,
E sua fumaceira subirá perpetuamente, de geração em geração
Permanecerá desolada por séculos de séculos.
O pelicano e o alcaravão se apossarão dela,
A coruja e o corvo a habitarão.
Porque o prumo do caos e o nível do vazio
foram aplicados sobre ela [...]
Em seus palácios crescerão os espinhos,
E em suas grandes torres urtigas e abrolhos,
Converter-se-á em covil de chacaís, e em cercado de avestruzes.
Ali se darão encontro as hienas e os chacaís,
E os sátiros chamarão seus companheiros,
Para que ali venha a descansar Lilite,
E ache para si o lugar de seu repouso. (Is. 34:10-14, BTX)

Agora, o decreto do Anjo aplica as antigas maldições aos judeus rebeldes do primeiro século. Porque Israel rejeitou a Cristo, a nação inteira se torna possuída por demônios, completamente além de qualquer esperança de reforma (cf. Mt. 12:38-45; Ap. 9:1-11). O uso do termo **morada** (*katoikētērion*) por João ressalta a tragédia disto, uma palavra usada em outro contexto para o lugar da Presença especial de Deus, no céu, na cidade santa, no Templo e na Igreja; “[o] *lugar (katoikētērion)*, ó SENHOR, que fizeste para nele habitar; no Santuário, ó Senhor, que tuas mãos estabeleceram.” (Ex. 15:17; cf. 1 Rs. 8:39, 43, 49; 2 Cr. 30:27; Sl. 33:14; 76:2; 107:7; Ef. 2:22). Jerusalém, que antes fora a morada de Deus, agora se tornou a morada imunda dos demônios.

3 O abandono e a perversão de Israel de seu chamado como mestre-sacerdote para as nações é novamente declarado como a razão de sua destruição (cf. 14:8; 17:2, 4). Ela cometeu **fornicação** com as **nações**, com os **reis** e com os **mercadores**, prostituindo seus dons em vez de levar as nações para o Reino, unindo-se a elas na tentativa de derrubar o Rei. A ênfase sobre os mercadores provavelmente está relacionada às atividades comerciais ao redor do Templo (veja abaixo, em 18:11-17a). A corrupção do comércio do Templo afetou a liturgia da nação. Toda a vida flui do

centro religioso da cultura;³ se o núcleo estiver podre, o fruto não tem valor. É por isso que Jesus entrou em conflito com os cambistas do Templo (Mt 21:12-13; Jo 2:13-22). Observando que muitos dos comércios pertenciam à família do sumo sacerdote, Ford cita a caracterização de Josefo do sumo sacerdote Ananias como “o grande angariador de dinheiro”. Em particular, “o pátio dos gentios parece ter sido o cenário de um comércio florescente de sacrifício animal, talvez apoiado pela família do sumo sacerdote.”⁴ Isso concordaria com a observação feita anteriormente de que Babilônia não é uma prostituta comum: sua punição pelo fogo indica que ela é da classe sacerdotal (veja em 17:16).

4-5 Como Israel seria destruído, os apóstolos passaram muito do seu tempo durante os Últimos Dias convocando o povo de Deus para uma separação religiosa dela, instando-os a se alinharem com a Igreja (cf. At. 2:37-40; 3:19-26; 4:8-12; 5:27-32). Esta é a mensagem de São João em Apocalipse. O povo de Deus não deve buscar reformar Israel, que agora segue sua nova religião do judaísmo, mas deve abandoná-la ao seu destino. Os judeus “experimentaram a bondade da palavra de Deus e os poderes da Era que há de vir” – a Era trazida pelo ato redentor de Cristo – e caíram. Seria “impossível [reconduzi-los] ao arrependimento”. Judaísmo – a tentativa vã de continuar a Antiga Aliança enquanto rejeita Cristo “é inútil e logo será amaldiçoada; [e] seu fim é ser queimada.” (Hb 6:4-8, NVI). A religião da Antiga Aliança não pode ser revivida; é impossível ter a Aliança sem Cristo. Não pode haver “retorno” a algo que nunca existiu, pois até mesmo os pais sob a Antiga Aliança adoraram a Cristo sob os sinais e selos da era provisória (1 Co. 10:1-4). Agora que “a Era que há de vir” chegou, a salvação está com Cristo e a Igreja. Somente a destruição aguarda aqueles que são identificados com a Meretriz: **Sai dela, povo Meu, para que não sejais participantes dos seus pecados e para que não recebeis das suas pragas** (cf. Hb. 10:19-39; 12:15-29; 13:10-14). O tempo para o arrependimento de Israel acabou, e agora **seus pecados se acumularam** [literalmente, *aderiram*] **até o céu** (cf. Gn. 19:13; 2 Cr. 28:9; Ed. 9:6; Jr. 51:9; Jn. 1:2). Jesus profetizara que esta geração crucificadora “encheria a medida

³ Veja Henry R. Van Til, *O Conceito Calvinista de Cultura* (Editora Cultura Cristã, 2010); Abraham Kuyper, *Lectures on Calvinism* (Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Co., 1931).

⁴ J. Massyngberde Ford, *Revelation: Introduction, Translation, and Commentary* (Garden City: Doubleday and Co., 1975), pp. 30lf.

de pecado” de seus pais rebeldes, e assim sobre eles cairia “todo o sangue justo derramado na terra” (Mt. 23:32-35, NVI). Esta profecia foi cumprida no primeiro século, como observou São Paulo: “[Eles] não agradam a Deus, e são hostis a todos os homens, proibindo-nos falar aos gentios para que sejam salvos, de maneira que *sempre enchem a medida de seus pecados, porém lhes sobreveio a ira até o extremo*” (1 Ts. 2:15-16, NVI).

Portanto, não apenas exigiu-se a separação religiosa – **para que não sejais participantes dos seus pecados** – mas também a separação física e geográfica era necessária (cf. Mt. 24:16-21), **para que não recebais das suas pragas**. A linguagem é uma reminiscência do chamado de Deus ao Seu povo para sair da Babilônia no final do cativeiro. Os textos do Antigo Testamento falam em termos de três ideias: a destruição vindoura da Babilônia, a redenção vindoura do povo fiel da Aliança e a reconstrução do Templo (Ed. 1:2-3; Is. 48:20; 52:11-12; Jr. 50:8; 51:6, 9, 45). Similarmente, o povo da Nova Aliança deveria se separar de Israel. Os perseguidores estavam prestes a sofrer destruição nas mãos de Deus, a redenção da Igreja estava se aproximando (Lc. 21:28, 31) e o novo Templo estava prestes a ser plenamente estabelecido.

6-8 O justo Juiz exige restituição total: **Pagai-lhe de volta como ela pagou, e retribuí em dobro segundo as suas obras; no cálice que ela misturou, misturai em dobro para ela** (cf. Jr. 50:15, 29; Sl. 137:8; Is. 40:2). Esta ordem, presumivelmente, é falada ou aos anjos do céu, ou aos exércitos romanos que são os agentes da ira de Deus. A expressão traduzida como **retribuí em dobro** tem, na realidade, uma duplicação hebraica do termo, fornecendo um “testemunho duplo”, para fins de ênfase: **Dobre para ela o dobro**. Esta é a restituição comum exigida pela lei bíblica (Ex. 22:4, 7).⁵ Assim, **na medida em que ela se glorificou e viveu sensualmente, na mesma medida dai a ela tormento e luto**. Restituição dupla (ou múltipla) na Bíblia não é mais do que o criminoso

⁵ Cf. a declaração de Deus sobre o juízo contra Judá: “Eu lhes *retribuirei em dobro* pela sua impiedade e pelo seu pecado, porque contaminaram a minha terra” (Jr. 16:18, NVI); “Sobre eles traz o dia do mal e destrua-os com dupla destruição.” (Jr 17:18). Contraste com isto Is. 40:2: “Falai agradavelmente a Jerusalém, e gritai-lhe que sua contenda há terminado de forma favorável, que a iniquidade dela está perdoada, porque ela tem recebido da mão do SENHOR o dobro por todos os seus pecados.” Sobre o pleonismo como uma dupla testemunha, veja James B. Jordan, *The Law of the Covenant: Na Exposition of Exodus 21-23* (Tyler, TX: Institute for Christian Economics, 1984), pp. 96, 106; sobre as leis de restituição, veja pp. 134ff.

merece. É exatamente o que ele merece – uma retribuição estrita e proporcional de ira, segundo o princípio de equivalência da *lex talionis* de Deus: “vida por vida, olho por olho, dente por dente, mão por mão, pé por pé, queimadura por queimadura, ferida por ferida, golpe por golpe.” (Ex. 21:23-25).

Esta punição vem sobre a prostituta porque **ela diz em seu coração: Estou assentada como uma rainha e não sou viúva, e nunca verei luto** – em paralelo com o orgulho da igreja de Laodiceia: “Estou rico, e tornei-me próspero, e de nada tenho falta” (3:17). O texto é baseado na condenação de Deus à Babilônia em Isaías 47:6-11 (NVI), um pronunciamento do juízo que viria sobre ela por maltratar o povo da Aliança:

Você não mostrou misericórdia para com eles.
 Mesmo sobre os idosos você pôs um jugo muito pesado.
 Você disse: ‘Continuarei sempre sendo a rainha eterna!’
 Mas você não ponderou estas coisas,
 nem refletiu no que poderia acontecer.
 Agora, então, escute, criatura provocadora,
 que age despreocupada e preguiçosamente em sua segurança
 e diz a si mesma:
 ‘Somente eu, e mais ninguém.
 Jamais ficarei viúva
 nem sofrerei a perda de filhos’.
 Estas duas coisas acontecerão a você
 num mesmo instante, num único dia,
 perda de filhos e viuvez;
 virão sobre você com todo o seu peso,
 a despeito de suas muitas feitiçarias
 e de todas as suas poderosas palavras de encantamento.
 Você confiou em sua impiedade e disse: ‘Ninguém me vê’.
 Sua sabedoria e seu conhecimento a enganam
 quando você diz a si mesma:
 ‘Somente eu, e mais ninguém além de mim’.
 A desgraça a alcançará
 e você não saberá como esconjurá-la.
 Cairá sobre você um mal
 do qual você não poderá proteger-se com um resgate;
 uma catástrofe que você não pode prever
 cairá repentinamente sobre você.

Jerusalém cometeu o pecado de Eva, que cometeu fornicação com o Dragão, ao procurar fazer-se Deus (Gn. 3:5); pois quando ela diz: “Eu sou”, ela contradiz a declaração do Deus Altíssimo: “Eu, eu sou o SENHOR e fora de mim não há salvador.” (Is 43:11). **Por esta razão, em um só Dia suas pragas virão, pestilência, e luto e fome, e ela será queimada com fogo; porque forte é o Senhor Deus que a julga.** O Dia do Senhor viria sobre Israel num juízo ardente, trazendo rápida destruição (1 Ts. 5:2-3). O termo **Dia** aqui não significa alguma duração específica de tempo; mas é usado aqui para indicar relativa rapidez, bem como enfatizar que a destruição de Jerusalém não seria uma ocorrência aleatória: ela viria como o Dia do Juízo. Como a filha do sacerdote que se tornou Meretriz, ela seria queimada com fogo (Lv. 21:9). Depois que aquele dia terrível chegou, “não ficou sinal algum que mostrasse haver ali existido um centro tão populoso.”⁶

Reações à Queda da Babilônia (18:9-20)

- 9 E os reis da terra, que cometeram fornicação e viveram libidinosamente com ela, chorarão e se lamentarão sobre ela quando virem a fumaça do seu incêndio,
- 10 ficando de longe por causa do medo do seu tormento, dizendo: Ai, ai da grande Cidade, Babilônia, a Cidade forte! Pois em uma só hora veio o seu julgamento.
- 11 E os mercadores da terra choram e se lamentam sobre ela, porque ninguém mais compra suas mercadorias;
- 12 mercadorias de ouro, prata, pedras preciosas e pérolas; de linho fino, púrpura, seda e escarlata; e toda espécie de madeira aromática, todo artigo de marfim e todo artigo feito de madeira de grande valor, bronze, ferro e mármore;
- 13 e canela, incenso, perfume e olíbano; e vinho, azeite, farinha refinada e trigo; e ovelhas e gado, de cavalos, de carros e de corpos; e almas de homens.
- 14 E o fruto do desejo da tua alma se foi de ti, e todas as coisas que eram suntuosas e esplêndidas se foram de ti, e os homens não mais as encontrarão.
- 15 Os mercadores dessas coisas, que se enriqueceram com ela, ficarão de longe por causa do medo do seu tormento, chorando e lamentando,

⁶ Josefo, *A Guerra dos Judeus*, 7:1:1 em HDH, 2:7:1:501, pg. 1385.

- 16 dizendo: Ai, ai da Grande Cidade, aquela que estava vestida de linho fino, púrpura e escarlata, e adornada com ouro, pedras preciosas e pérolas;
- 17 pois em uma hora tamanha riqueza foi devastada! E todo capitão de navio e todo aquele que navega, e todo marinheiro, e todos os que vivem do mar, se puseram de longe,
- 18 e clamavam ao verem a fumaça do seu incêndio, dizendo: Quem é como a Grande Cidade?
- 19 E eles lançaram pó sobre suas cabeças e clamavam, chorando e lamentando, dizendo: Ai, ai, da Grande Cidade, na qual todos os que tinham navios no mar se enriqueceram por sua opulência, pois em uma hora ela foi devastada!
- 20 Regozijai-vos sobre ela, ó céus, e vós santos, e apóstolos e profetas, porque Deus julgou o vosso julgamento contra ela!

9-10 Três classes de pessoas lamentam a destruição de Jerusalém. O primeiro grupo compreende **os reis da terra**, as nações do império que ajudaram e encorajaram o povo infiel da Aliança em sua apostasia de Deus. A destruição da Meretriz é um sinal terrível para eles do julgamento rigoroso e inexorável de Deus. Eles veem **a fumaça de seu incêndio** – um símbolo emprestado da destruição de Sodoma (Gn. 19:28) e da descrição metafórica posterior da queda de Edom (Is. 34:10) – e são lembrados de que um juízo semelhante sobre eles não demorará a chegar. Deus declarou ao profeta Jeremias que as nações da terra seriam forçadas a beber o cálice da fúria de Sua ira: “E será que, se não quiserem tomar o copo da tua mão para beber, então lhes dirás: Assim diz o Senhor dos Exércitos: Certamente bebereis. Porque, eis que na cidade que se chama pelo meu nome começo a castigar; e ficareis vós totalmente impunes? Não ficareis impunes, porque eu chamo a espada sobre todos os moradores da terra, diz o SENHOR dos Exércitos.” (Jr. 25:28-29, ACF).

O lamento de cada grupo termina com as palavras: **Ai, ai da Grande Cidade!** Esta expressão acabaria tendo grande significado para aqueles que viviam em Jerusalém nos anos antes e durante a Tribulação. Josefo fala de um profeta judeu (curiosamente, seu nome era Jesus) nos Últimos Dias, cujo clamor de “Ai, ai!” se tornou um aspecto familiar da vida na Cidade.

Quatro anos antes do começo da guerra, quando Jerusalém gozava ainda de profunda paz e de fartura, Jesus, filho de Anano, que era

então um simples camponês, tendo vindo à festa dos Tabernáculos, que se celebra todos os anos no Templo, em honra a Deus, exclamou: “Voz do lado do oriente, voz do lado do ocidente, voz do lado dos quatro ventos, voz contra Jerusalém e contra o Templo, voz contra os recém-casados e as recém-casadas, voz contra todo o povo.” Dia e noite ele corria por toda a cidade.

Algumas pessoas de condição, não podendo compreender essas palavras de tão mau presságio, mandaram prendê-lo e vergastá-lo; mas ele não disse uma só palavra para se defender, nem para se queixar de tão severo castigo e repetia sempre as mesmas coisas. Os magistrados, então, pensando, como era verdade, que naquilo havia algo de divino, levaram-no a Albino, governador da Judeia. Ele mandou açoitá-lo até verter sangue e nem assim conseguiram arrancar-lhe um único rogo, nem uma só lágrima, mas a cada golpe que se lhe dava, ele repetia com voz queixosa e dolorida: “desgraça sobre Jerusalém”. Quando Albino lhe perguntou quem ele era, de onde era, o que o fazia falar daquela maneira, ele nada respondeu. Assim despediu-o como um louco e não o viram falar com ninguém, até que a guerra começou.

Ele repetia somente e sem cessar as mesmas palavras: “Desgraça, desgraça sobre Jerusalém”, sem injuriar nem ofender aos que o maltratavam, nem agradecer aos que lhe davam de comer. Todas as suas palavras reduziam-se a tão triste presságio e as proferia com uma voz mais forte nos dias de festa.

Dessa forma continuou durante sete anos e cinco meses, sem interrupção alguma, sem que sua voz se enfraquecesse ou se tornasse rouca. Quando Jerusalém foi cercada, ele se pôs ainda a clamar: “Desgraça, desgraça sobre a cidade, desgraça sobre o povo, desgraça sobre o Templo.” Tendo acrescentado “desgraça sobre mim”, uma pedra atirada por uma máquina derrubou-o por terra e ele expirou proferindo ainda essas mesmas palavras.⁷

11-17a O segundo e maior grupo de lamentadores é composto **pelos mercadores da Terra**, que choram **porque ninguém mais compra suas mercadorias**. A riqueza de Jerusalém era um resultado direto das bênçãos prometidas em Levítico 26 e Deuteronômio 28. Deus a tornara

⁷ Josefo, *A Guerra dos Judeus*, 6:5:3 em HDH, 2:6:31:476, pg. 1370.

num grande centro comercial, mas ela abusara do presente. Embora haja semelhanças entre a lista de bens aqui e aquela em Ezequiel 27:12-24 (uma profecia contra Tiro), é provável que os itens reflitam principalmente o Templo e o comércio em torno dele. Ford observa que “o comércio estrangeiro teve uma grande influência na cidade sagrada, e o templo recebia a maior parte. Os principais itens eram alimentos, metais preciosos, artigos de luxo e materiais de vestuário.”⁸ Josefo descreveu a riqueza luxuosa da fachada do Templo (cf. Lc. 21:5): “Seu primeiro pórtico que era de setenta côvados de altura e de vinte e cinco de largura não tinha portas, porque representava o céu que é visível e aberto para todos. Toda parte anterior desse pórtico era dourada e tudo o que se via no Templo também o era, de sorte que os olhos mal lhe podiam suportar o brilho [...] A porta do interior estava coberta de lâminas de ouro, como já disse, e os lados do muro que a acompanhavam eram dourados. Viam-se no alto ramos de videira do tamanho de um homem, de onde pendiam cachos de uva; tudo isso era de ouro. A outra parte da divisão do Templo, a mais interior, era mais baixa. Suas portas, que eram de ouro, tinham cinquenta côvados de altura e dezesseis de largura. Havia na frente um [véu de tapeçaria] babilônica, do mesmo tamanho, onde o azul, a púrpura, o escarlata e o linho estavam dispostos com tanta arte que causavam grande admiração. [...] Nada havia na face exterior do Templo, que não arrebatasse os olhos de admiração e não enchesse a alma de espanto. Estava todo recoberto de lâminas de ouro, tão espessas, que quando desapontava o dia, ficava-se tão arrebatado pela sua beleza como pelos dourados raios do sol. Quanto aos outros lados, onde não havia ouro, as pedras eram tão brancas, que aquela soberba massa parecia, de longe, aos estrangeiros que ainda não as tinham visto, um monte coberto de neve.”⁹

Josefo também registra que um dos sacerdotes, chamado Jesus, entregou os tesouros do Templo a Tito: “[Ele] saiu e deu, do alto do muro do Templo, dois candelabros, mesas, taças e alguns vasos de ouro maciço, muito pesados, como também véus, vestes sacerdotais, pedras preciosas e vários vasos próprios para os sacrifícios. Prenderam também, por esse tempo, Fineias, guarda do tesouro, e ele mostrou um lugar onde havia, em grande quantidade, vestes e cintos dos sacerdotes, púrpura e escarlata destinados aos véus do templo, canela e cássia e outras matérias odoríferas,

⁸ Ford, pg. 305.

⁹ Josefo, *A Guerra dos Judeus*, 5:5:4-6, em *HDH*, 2:5:14:394, pg. 1298-1299.

com que se faziam os perfumes que eram queimados nos turíbulos. Ele deu também várias outras coisas de grande valor, quer presentes oferecidos a Deus, como ornamentos do Templo.”¹⁰

No meio de uma longa passagem descrevendo o amplo comércio de Jerusalém, Edersheim relata: “Nessas ruas e vielas, tudo podia ser comprado: o que era produzido na Palestina ou importado de terras estrangeiras – de fato, até os artigos mais raros das partes mais remotas. Taças, anéis e outros obras de artesanato de metais preciosos com formas requintadas, curiosamente projetados e cobertos de joias; vidro, sedas, linho fino, tecidos de lã, púrpura e tapeçarias caras; essências, unguentos e perfumes, tão preciosos quanto ouro; artigos de comida e bebida de terras estrangeiras – em suma, o que a Índia, a Pérsia, a Arábia, a Média, o Egito, a Itália, a Grécia e até mesmo as terras distantes dos gentios produziam, podia ser encontrado nesses bazares. Os antigos escritos judaicos nos permitem identificar nada menos que 118 artigos diferentes de importação de terras estrangeiras, cobrindo mais do que até mesmo o luxo moderno chegou a inventar.”¹¹

A lista de mercadorias de São João se divide em várias seções, geralmente de quatro itens cada; a enumeração prosaica e metódica conclui com um choque:

- 1) mercadorias de ouro, prata, pedras preciosas e pérolas;**
- 2) de linho fino, púrpura, seda e escarlate;¹²**
- 3) e toda espécie de madeira aromática, todo artigo de marfim e todo artigo feito de madeira de grande valor, bronze, ferro e mármore;**
- 4) e canela, incenso, perfume e olíbano;**
- 5) e vinho, azeite de oliva, farinha refinada e trigo;**
- 6) e ovelhas e gado, de cavalos, de carros e de corpos;**
- 7) e almas de homens.**

¹⁰ Ibid, 6:8:3, em *HDH*, 2:6:41:490-491, pg. 1379.

¹¹ Alfred Edersheim, *The Life and Times of Jesus the Messiah*, 2 vols. (McLean, VA: MacDonald Publishing Co., n.d.), Vol. 1, pg. 116.

¹² Conforme mencionado anteriormente (em 17:4), isso pode muito bem ser uma referência ao véu do Templo, uma “[tapeçaria] babilônica, do mesmo tamanho, onde o azul, a púrpura, o escarlate e o linho estavam dispostos com tanta arte que causavam grande admiração”. Josefo, *A Guerra dos Judeus*, 5:5.4 (*HDH*, 2:5:14:394).

A frase final, adaptada da descrição do tráfico de escravos de Tiro em Ezequiel 27:13, é aplicada à escravidão espiritual de Jerusalém às almas dos homens. Como São Paulo observou em seu contraste da Jerusalém terrena e apóstata com a Igreja, a Cidade celestial de Deus: “[A] Jerusalém que agora existe [...] é escrava com seus filhos”, enquanto “a Jerusalém que é de cima é livre; a qual é mãe de todos nós” (Gl. 4:25-26, ACF). Jerusalém comercializava muitos bens, de todo o mundo. De acordo com as promessas de Levítico 26 e Deuteronômio 28, Deus a transformara em um grande centro comercial. Mas ela abusou dos dons de Deus: seu comércio mais básico era com almas humanas. Em vez de cumprir sua função adequada como mãe de toda a humanidade, ela se prostituiu e levou seus filhos à escravidão demoníaca, opressão estatista e, finalmente, aniquilação.

Resumidamente, a narrativa se volta para a própria Jerusalém: **E o fruto do desejo da tua alma se foi de ti, e todas as coisas que eram suntuosas e esplêndidas se foram de ti, e os homens não mais as encontrarão.** Ao dar ouvidos à Serpente e buscar se tornar como Deus, a Noiva cometeu apostasia e, assim, perdeu o acesso ao fruto que desejava [cf. Mt. 21:19, 43]; separada da Árvore da Vida, ela perdeu também as outras bênçãos do Jardim, “todas as coisas que eram suntuosas e esplêndidas”.

Os mercadores de Israel enriqueceram-se, espiritualmente e (portanto) materialmente, através de seu relacionamento com Jerusalém; agora, à vista de sua destruição, eles nada podem fazer além de chorar e lamentar pela **Grande Cidade, aquela que estava vestida de linho fino, púrpura e escarlata, e adornada com ouro, pedras preciosas e pérolas.** Novamente, a descrição da Cidade Meretriz indica sua identidade como Jerusalém apóstata, vestida na glória do Templo e vestida com o linho fino da Noiva justa (19:8). Aqueles que lucraram com as riquezas de Jerusalém ficam chocados com a rapidez de sua destruição: **pois em uma hora tamanha riqueza foi devastada!** A expressão traduzida como **devastada** é, como deveríamos esperar a essa altura, **desolada**: É a promessa *desolação* de Jerusalém (Mt. 23:38; 24:15, etc.) que está sendo descrita. O termo **hora** não deve ser tomado em um sentido estritamente literal aqui, mais do que em muitos outros usos metafóricos da palavra; em vez disso, é frequentemente usado, especialmente em São João, para se referir a um tempo especialmente crítico (cf. Mt. 25:13; Mc. 14:41; Jo. 2:4; 5:25, 28; 7:30; 8:20; 12:23; 17:1; 1 Jo. 2:18). Há, no entanto, o sentido de rapidez. A destruição de Jerusalém foi repentina e até inesperada: até o fim, o povo esperava uma libertação milagrosa. O mundo do judaísmo apóstata ficou

atônito com a desolação de sua Cidade e Templo. A queda de Jerusalém foi um choque para o sistema do qual ele nunca se recuperou.

17b-19 O terceiro grupo que lamenta a Cidade caída é composto por **todo capitão de navio e todo aquele que navega, e todo marinheiro, e todos os que vivem do mar**. Eles também choram pela perda de Jerusalém, porque **todos os que tinham navios no mar se enriqueceram por sua opulência**. Obviamente, o investimento na economia de Israel deixou de ser lucrativo depois de 70 d.C., mas parece provável que o lamento dos “marinheiros” aponte para as nações do mundo (das quais os homens do mar seriam, em todo caso, representantes).

São João já falou do mar em relação à Grande Cidade: as águas, sobre as quais a Prostituta está montada na Besta, “são povos, e multidões, e nações e línguas” (17:15). Ele também listou três classes de pessoas afetadas pela destruição da Prostituta: “os reis da terra”, “os mercadores da Terra” e “todos os que tinham navios no mar”. Estes parecem corresponder à designação tripla daqueles que foram corrompidos pela Prostituta, dada no versículo 3: *todas as nações... os reis da terra... os mercadores da Terra*. “Os que descem ao mar em navios, que negociam nas grandes águas” deveriam ter sido instruídos nos caminhos do Senhor, para que O invocassem em sua angústia, e Ele lhes mostrasse Sua misericórdia pactual (Sl. 107:2332). E, de fato, quando Israel andou dignamente seu chamado, o mundo inteiro foi enriquecido por sua riqueza: ela fora “guia dos cegos, luz daqueles que estão em trevas, instruidor dos ignorantes, mestre das crianças, tendo na Lei a forma da ciência e da verdade” (Rm 2:19-20, TB). Quando Israel estava em comunhão com Deus e sob Sua bênção espiritual e material, as nações vinham a ela tanto em busca de sabedoria quanto de comércio e negócios (Dt. 28:12; 1 Rs. 10:23-25). Na apostasia, no entanto, o comércio se tornou uma armadilha, um meio de cometer fornicação com idólatras, e Israel corrompeu não apenas seus próprios filhos, mas também as nações do mundo. Ela arrogara para si as honras da divindade, de modo que os navegadores clamavam: **Quem é como a Grande Cidade?** (cf. o clamor dos adoradores em 13:4: “Quem é como a Besta?”). Mas porque ela dissera em seu coração: “Ascenderei em direção ao céu [...] serei semelhante ao Altíssimo”, Jerusalém foi lançada ao inferno (Is. 14:13-15). Em **uma hora** ela foi **devastada**, desolada, para nunca mais ser a Grande Cidade.

20 Há uma quarta resposta à queda de Jerusalém: a da Igreja. O povo de Deus é instruído pelo anjo a se **alegrar por ela**. A Igreja que tabernacula no **céu – santos, e apóstolos e profetas** – orou pela destruição da Cidade apóstata e endemoninhada que instigou o mundo a rebelar-se contra Deus e perseguir os Seus filhos. À medida que a fumaça do holocausto sobe ao céu, os santos devem se alegrar que suas orações foram atendidas: **Deus julgou o vosso julgamento contra ela!**, anuncia o anjo anuncia, empregando um pleonasma hebraico para expressar o “duplo testemunho” da Corte divina contra ela. Novamente descobrimos que a imagem bíblica da Igreja, que tabernacula no céu, é firme em sua oposição ao mal, orando para que Deus vindicasse Seu povo na terra. Observe bem: o julgamento da Prostituta é chamado de “*vosso* julgamento”, o julgamento da Igreja. Foi a justa retribuição a Israel por sua opressão aos santos, apóstolos e profetas ao longo de sua história, e culminando nos Últimos Dias em sua guerra contra Cristo e Sua Igreja. Foi ela quem inspirou a perseguição romana aos cristãos; mas a ira pagã que ela aticara foi derramada sobre sua cabeça. Para que Igreja em nossa era prossiga de vitória em vitória como a Igreja na era apostólica o fez, ela deve recuperar a perspectiva triunfalista dos primeiros santos. A Igreja deve orar pela derrota de seus inimigos – uma derrota que deve vir ou pela conversão ou pela destruição. Estamos em guerra, uma guerra na qual a vitória definitiva foi conquistada por nosso Rei. Toda a história é agora uma operação de limpeza em termos dessa vitória, que se encaminha para conversão do mundo e a vitória final sobre a própria Morte. Nossa oposição está condenada a perecer, e a Igreja é chamada a se alegrar no conhecimento certo de sua vindicação terrena e triunfo final.

Babilônia é Lançada ao Mar (18:21-24)

- 21 E um anjo forte levantou uma pedra como uma grande mó e lançou-a no mar, dizendo: Assim será lançada Babilônia, a grande Cidade, com violência, e nunca mais será encontrada.
- 22 E o som de harpistas, e músicos, e flautistas e trombeteiros não mais será ouvido em ti; e nenhum artesão de ofício algum será mais encontrado em ti; e o som de um moinho não mais será ouvido em ti;
- 23 e a luz de uma lâmpada não mais brilhará em ti; e a Voz do Noivo e da Noiva não mais será ouvida em ti; porque os teus

mercadores eram os grandes homens da Terra, porque todas as nações foram enganadas por tua feitiçaria.

- 24 E nela foi encontrado o sangue dos profetas e dos santos e de todos os que foram assassinados na terra.

21 Jesus havia instruído Seus discípulos a orar para que o monte de Jerusalém fosse lançado no mar (Mt. 21:21); Ele alertara os fariseus que, para o homem que se opôs ao Evangelho e impediu os “pequeninos” de recebê-lo, melhor seria “que se lhe pendurasse ao pescoço uma pedra de moinho, e que ele fosse lançado ao mar” (Lc. 17:2; cf. Mt. 18:6; Mc. 9:42). Aqui, em linguagem semelhante, a destruição de Jerusalém é simbolicamente retratada pela ação dramática de **um anjo forte**, a terceira e última ocorrência dessa expressão em Apocalipse. Na primeira (5:2), ouve-se ele chamando por alguém que abra pergaminho declarando os juízos pactuais de Deus sobre Jerusalém; no segundo (10:1ff.), ele é visto como a Testemunha da Nova Criação, segurando o “pequeno pergaminho” que falava da Nova Aliança e do papel da Igreja na história da redenção, no “cumprimento” do “Mistério de Deus” nos Últimos Dias. Uma expressão relacionada é usada em 18:1-2, na qual um anjo com uma “voz poderosa” anuncia a condenação final da Babilônia. Agora, em cumprimento de tudo isso, o anjo forte lança **uma grande mó [...] no mar**. Toda a produtividade (a mó) se foi (cf. v. 23); em contraste com a Igreja (1 Co. 15:58), o trabalho de Jerusalém *foi* em vão. Ela e suas obras são lançadas no Abismo. O pano de fundo do Antigo Testamento desta imagem vem da destruição dos egípcios no Mar Vermelho, de acordo com o cântico de Moisés à beira do mar, ecoado pelo cântico dos levitas no retorno do cativeiro babilônico:

O SENHOR é homem de guerra;
SENHOR é o seu nome.
Lançou no mar os carros de Faraó e o seu exército;
e os seus capitães afogaram-se no mar Vermelho.
Os vagalhões os cobriram;
desceram às profundezas como pedra. [...]
Sopraste com o teu vento, e o mar os cobriu;
afundaram-se como chumbo em águas impetuosas.
(Ex. 15:3-5, 10, ARA)

E viste a aflição dos nossos pais no Egito, e ouviste o seu clamor junto ao mar Vermelho [...] E dividiste o mar diante deles, de modo que seguiram pelo meio do mar em terra seca; e os seus perseguidores lançaste tu nas profundezas, como uma pedra nas águas poderosas. (Ne. 9:9-11)

O símbolo também é baseado na encenação profética realizada por Seraías, o mensageiro do juízo de Jeremias (Jr. 51:61-64, NAA). Após ler a profecia da “desolação perpétua” da Babilônia, ele amarrou o pergaminho a uma pedra e o jogou no Eufrates, declarando: “Assim será afundada a Babilônia e não se levantará [...]” Aplicando as palavras de Seraías à prostituta, o anjo diz: **Assim será lançada Babilônia, a grande Cidade, com violência, e nunca mais será encontrada.** Como isso se cumpriu em 70 d.C., se “Jerusalém” ainda está de pé no século XXI? Num sentido físico, é claro, Jerusalém não foi destruída *para sempre* em 70 d.C., assim como Babilônia, Edom ou Egito não foram destruídos “para sempre”. Mas a profecia é orientada ética e factualmente; ela não diz respeito primariamente à geografia como tal. Por exemplo, considere a profecia de Isaías contra Edom:

Os riachos de Edom se transformarão em piche,
em enxofre, o seu pó;
sua terra se tornará betume ardente!
Não se apagará de dia nem de noite;
sua fumaça subirá para sempre.
De geração em geração ficará abandonada;
ninguém voltará a passar por ela. (Is. 34:9-10, NVI)

Esta é uma linguagem evocativa, associando a desolação de Edom com a destruição de Sodoma e Gomorra. Num sentido “literal” e físico, a profecia não foi cumprida; mas foi cumprida, em termos de seu significado e intenção reais. O antigo território de Edom ainda contém árvores e flores, partes dele são usadas como terras de cultivo, e viajantes continuam a passar por ele. Como Patrick Fairbairn observou, “Edom seria atingido pela pobreza e ruína: Edom, no entanto, não simplesmente, nem principalmente como um território, mas como um povo. Isso foi o que a profecia previu, e foi amplamente verificado. [...] O Edom da profecia – Edom considerado como o inimigo de Deus e o rival de Israel – pereceu para sempre;

tudo, a esse respeito, é um ermo desolado, uma ruína irremediável; e *ali*, a veracidade da palavra de Deus encontra sua justificação.”¹³

Fairbairn explicou como Edom é usado no simbolismo profético: “Nos últimos estágios da história de Israel, os edomitas superaram todos os seus inimigos em avidez e intensidade de malícia; e, portanto, eles naturalmente passaram a ser vistos pelo Espírito da profecia como a personificação daquela malignidade e orgulho ímpios que não se satisfariam com nada menos do que o extermínio total da causa de Deus – os chefes e representantes de todo o exército dos estrangeiros, cujo destino era levar junto consigo a queda e destruição de tudo que se opôs e se exaltou contra o conhecimento de Deus. Este é manifestamente o aspecto apresentado da questão no versículo 15 da profecia de Obadias; o destino de todos os pagãos está ligado ao de Edom:

Porque o dia do SENHOR está perto, sobre todos os pagãos;
Como tu [Edom] fizeste, assim será feito contigo.
A tua recompensa voltará sobre a tua própria cabeça.

– isto é, em Edom, a quintessência do paganismo, todo o paganismo receberia, por assim dizer, seu golpe mortal.”¹⁴

Além disso, o profeta Amós predisse a subjugação de “Edom” sob o governo da Casa de Davi (Am. 9:11-12), e a interpretação do Novo Testamento deste texto o explica como uma profecia da conversão das nações sob o governo de Cristo (At. 15:14-19). “Isto implica claramente que o Edom da profecia, que estava condenado à prostração total e à ruína eterna, é apenas o Edom da hostilidade amarga e implacável à causa e ao povo de Deus; que, na medida em que os filhos de Edom cessassem de praticar isso, e entrassem em uma relação amigável com o pacto de Deus, e se submetessem ao jugo da soberania universal delegado à casa de Davi, em vez de quebrá-lo de seus pescoços, como antigamente, eles participariam da bênção, e teriam seus interesses fundidos naqueles do povo em quem Deus coloca Seu nome para lhes fazer o bem. Uma promessa e prospecto como esta nunca poderia ser harmonizada com o resultado que é obtido dos juízos previstos sobre Edom, conforme lidos pelo estilo estritamente literal de interpretação; pois, de acordo com ele, não deveria exis-

¹³ Patrick Fairbairn, *The Interpretation of Prophecy* (London: The Banner of Truth Trust, [1865] 1964), pg. 221.

¹⁴ Ibid., pp. 221f.

tir nenhum remanescente a ser possuído, nenhuma semente ou lugar de bênção, como conectado com Edom, mas uma cena terrível de esterilidade, desolação e maldição.”¹⁵

Similarmente, a desolação de Jerusalém “para sempre” significa que Israel, como o povo da aliança, deixará de existir. Jerusalém – como *a Grande Cidade*, a *Cidade Santa* – **nunca mais será encontrada**.¹⁶ É verdade, como Romanos 11 mostra claramente, os descendentes de Abraão serão enxertados na aliança novamente.¹⁷ Mas eles *não* serão uma nação distinta e santa de sacerdotes especiais. Eles se unirão aos povos do mundo na multidão salva, sem distinção (Is 19:19-25). Por Sua obra consumada, Cristo “de ambos [crentes hebreus e gentios] fez um” (Ef. 2:14). Eles foram unidos “em um [só] Corpo”, a Igreja (Ef. 2:16). Há uma única salvação e uma única Igreja, na qual todos os crentes, independentemente da herança étnica, tornam-se filhos de Deus e herdeiros das promessas feitas a Abraão (Gl. 3:26-29; cf. Ef. 2:11-22). A Antiga Jerusalém, a prostituta apóstata, foi substituída pela Nova Jerusalém, a Noiva pura de Cristo. Não há salvação fora da Igreja.

22-23 Como uma indicação adicional da remoção do status pactual da Prostituta, o anjo anuncia que as bênçãos do Jardim do Éden serão tiradas para sempre. Aludindo tanto às profecias de Jeremias contra a Jerusalém rebelde de seus dias (Jr. 7:34; 16:9; 25:10; cf. Is. 24:7-12), quanto à profecia de Ezequiel contra o rei de Tiro (Ez. 28:11-19), ele pronuncia a ruína da Cidade em cinco partes:

Primeiro, há uma descrição quádrupla da perda da música em toda a Terra: **E o som de harpistas, e músicos, e flautistas e trombeteiros não mais será ouvido em ti** (cf. a menção de “pandeiros” e “flautas” em Ez. 28:13).

Segundo, a produtividade da Terra desaparece, pois o trabalhador é tirado de Israel e lançado no Abismo: **Nenhum artesão de ofício algum será mais encontrado em ti**. De acordo com Zacarias, a tirania das nações pagãs sobre Israel seria contida por seus artesãos (Zc. 1:18-21). Mas,

¹⁵ Ibid., pp. 224f.

¹⁶ Esta expressão é usada seis vezes nos versículos 21-23, denotando o fato de que Jerusalém foi achada em falta – que, como a antiga Babilônia, foi pesada na balança e reprovada, e está prestes a ser derrubada, com seu reino dado a outros (Dn. 5:25-28).

¹⁷ Veja David Chilton, *Paraíso Restaurado* (Editora Monergismo, 2024), pp. 139-145

para o Israel apóstata, esse baluarte contra a opressão não existirá mais.

O terceiro item, situado no meio da lista, é significativo: **O som de um moinho não mais será ouvido em ti**. A imagem do Moinho era, em todo o mundo antigo, um símbolo da fundação do cosmos, moendo paz e prosperidade; a destruição do Moinho significa o Fim da Era.¹⁸ A centralidade do **moinho** nesta passagem pode indicar que o Templo, como o Moinho que sustenta o mundo, deve ser destruído; Cristo trouxe a Era Final.

Quarto, Israel sofrerá a perda da Palavra de Deus, do discernimento e da sabedoria, e da esperança escatológica: **A luz de uma lâmpada não mais brilhará em ti**.

Quinto, o resumo da desolação de Jerusalém é que, como a esposa infiel, a Prostituta, ela foi expulsa e substituída por outra: **A Voz do Noivo e da Noiva não mais será ouvida em ti**.

Esses cinco pontos marcam várias características importantes do Templo de Jerusalém:

1. *Música* – a orquestra e o coro levíticos (1 Cr. 25)
2. *Artesãos* – cf. Bezalel, Aoliabe, Hirão, etc. (Ex. 31:1-11; 1 Rs. 5)
3. *Moinho* – o próprio Templo (a “eira”; 2 Cr. 3:1)
4. *Lâmpada* – o(s) Candelabro(s) (Ex. 25:31-40; 2 Cr. 4:19-22)
5. *Casamento* – o casamento do Senhor e Israel (Ez. 16:1-14)

É dito que a desolação de Jerusalém cairá sobre ela por dois motivos. Primeiro, seus **mercadores eram os grandes homens da Terra**. Isso não deveria parecer estranho à primeira vista; o mesmo poderia ser dito de qualquer cidade na história. Em qualquer economia próspera, os mercadores serão proeminentes. Mas, em última análise, com o que os “mercadores” de Israel estavam negociando? As almas dos homens (v.13). Como Jesus trovejou aos “grandes homens da Terra”: “Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas! Porque percorreis o mar e a terra para fazer um prosélito, e depois de o terdes feito, o fazeis duas vezes mais filho do inferno do que vós!” (Mt. 23:15).

¹⁸ Veja Giorgio de Santillana e Hertha von Dechend, *Hamlet's Mill: An Essay on Myth and the Frame of Time* (Ipswich: Gambit, 1969). Sobre o simbolismo da moagem de Sansão no moinho (Jz. 16:21), veja James B. Jordan, *Judges: God's War Against Humanism* (Tyler, TX: Geneva Ministries, 1985), pg. 273.

O segundo motivo para a punição de Jerusalém decorre do primeiro: **todas as nações foram enganadas por tua feitiçaria**. Israel fora o sacerdote das nações do mundo, ordenado tanto para levar-lhes a luz da salvação quanto para oferecer sacrifícios em seu favor. Isso deveria ter culminado na apresentação de Cristo às nações como a Luz do mundo e o verdadeiro sacrifício por seus pecados. Em vez disso, Israel rejeitou Cristo, a soma e a substância da religião bíblica. Ao tentar reter a estrutura formal da Antiga Aliança em sua rejeição da Nova, Israel essencialmente criou uma religião híbrida de adoração satânica oculta e estatismo.¹⁹ E ela foi despedaçada por seus próprios deuses.

24 São João fornece uma pista final para a identidade da Meretriz neste versículo, confirmando nossa interpretação de que ela representa Jerusalém: **Nela foi encontrado o sangue dos profetas e dos santos e de todos os que foram assassinados na terra**. Esta é uma alusão clara à condenação de Cristo a Jerusalém, no final de Seu discurso final no Templo:

Portanto, eis que eu vos envio profetas, homens sábios e escribas; a alguns deles matareis e crucificareis; e a outros açoitareis nas vossas sinagogas e os perseguireis de cidade em cidade. Para que sobre vós possa vir *todo o sangue justo, que foi derramado sobre a terra*, desde o sangue do justo Abel até o sangue de Zacarias, filho de Baraquias, que matastes entre o templo e o altar. Na verdade eu vos digo que todas estas coisas sobrevirão sobre esta geração. *Ó Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas, e apedrejas os que te são enviados!* (Mt. 23:34-37)

Esta linguagem não pode ser usada para Roma ou qualquer outra cidade. Somente Jerusalém era culpada de “todo o sangue justo que foi derramado sobre a terra”, de Abel em diante. Historicamente, foi Jerusalém que sempre foi a grande prostituta, caindo continuamente em apostasia e perseguindo os profetas (At. 7:51-52); Jerusalém era o lugar onde os profetas eram mortos: como o próprio Jesus disse: “Não pode um profeta perecer fora de Jerusalém. Ó Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas e apedrejas os que a ti são enviados!” (Lc. 13:33-34). A “Ação Judicial do Pacto” enunciada por João era verdadeira e eficaz. Jerusalém foi consi-

¹⁹ Sobre a íntima relação histórica entre ocultismo e estatismo, veja Gary North, *Unholy Spirits: Occultism and New Age Humanism* (Ft. Worth, TX; Dominion Press, 1986).

derada culpada conforme a acusação, e entre 66-70 d.C. ela sofreu os “dias de vingança”, o derramamento da ira de Deus pelo seu derramamento de sangue inocente por séculos.

19

AS FESTAS DO REINO

A Ceia das Bodas do Cordeiro (19:1-10)

- 1 Depois destas coisas ouvi como que uma forte voz de uma grande multidão no céu, dizendo: Aleluia! A salvação, e o poder e a glória pertencem ao nosso Deus;
- 2 porque os Seus juízos são verdadeiros e justos; pois Ele julgou a grande Meretriz que corrompia a terra com a sua fornicação, e vingou o sangue dos Seus servos de suas mãos!
- 3 E uma segunda vez disseram: Aleluia! A sua fumaça sobe para todo o sempre!
- 4 E os vinte e quatro anciãos e os quatro seres vivos prostraram-se e adoraram a Deus que está assentado no trono, dizendo: Amém! Aleluia!
- 5 E uma voz veio do Trono, dizendo: Louvai ao nosso Deus, todos os Seus servos e os que O temem, tanto os pequenos como os grandes.
- 6 E ouvi como que a voz de uma grande multidão, e como o som de muitas águas, e como o som de poderosos trovões, dizendo: Aleluia! Pois o Senhor nosso Deus, o Todo-Poderoso, reina.
- 7 Regozijemo-nos, alegremo-nos e demos-Lhe glória, porque as bodas do Cordeiro chegaram, e a Sua Noiva se aprontou.
- 8 E foi-lhe dado vestir-se de linho fino, resplandecente e puro; porque o linho fino são os atos justos dos santos.
- 9 E ele me disse: Escreve: Bem-aventurados os que são convidados para a ceia das bodas do Cordeiro. E ele me disse: Estas são as verdadeiras palavras de Deus.
- 10 E prostrei-me aos seus pés para adorá-lo. E ele me disse: Não faças isso! Sou conservo teu e de teus irmãos que guardam o Testemunho de Jesus; adora a Deus! Pois o Testemunho de Jesus é o Espírito da profecia.

Há várias similaridades na linguagem entre esta passagem e aquela em 11:15-19, o anúncio do tema do sétimo anjo da conclusão do “Mistério de Deus”: a abertura do Reino e do Templo celestial para o mundo inteiro na Nova Aliança. Podemos facilmente ver a mensagem desses versículos como uma expansão dessa ideia quando observamos os paralelos:

11:15 – fortes vozes no céu	19:1 – uma forte voz de uma grande multidão no céu
11:15, 17 – Ele reinará para todo o sempre. [...] tomaste o Teu grande poder e reinaste.	19:1, 6 – Aleluia! A salvação, e o poder e a glória pertencem ao nosso Deus [...] Aleluia! Pois o Senhor nosso Deus, o Todo-Poderoso, reina.
11:16 – Os vinte e quatro anciãos [...] prostraram-se e adoraram a Deus	19:4 – E os vinte e quatro anciãos e os quatro seres viventes prostraram-se e adoraram a Deus.
11:18 – Chegou o tempo de os mortos serem vindicados, e o tempo de dar o seu galardão aos Teus servos, os profetas, e aos santos.	18:24-19:2 – Nela foi encontrado o sangue dos profetas e dos santos [...] Seus juízos são verdadeiros e justos; pois Ele [...]vingou o sangue dos Seus servos.
11:18 – Teus servos [...] os que temem o Teu nome, os pequenos e os grandes.	19:5 – Todos os Seus servos e os que o temem, tanto os pequenos como os grandes.
11:19 – Houve relâmpagos, e vozes, e trovões [...]	19:6 – A voz de uma grande multidão, e como o som de muitas águas, e como o som de poderosos trovões

A aparição da Noiva, preparada para o casamento, é, portanto, equivalente à abertura do Templo e ao estabelecimento pleno da Nova Aliança. Essas mesmas imagens são reunidas novamente no final desta série de visões, quando a Cidade de Deus desce do céu, “preparada como uma Noiva adornada para seu Marido; e ouvi uma forte voz do Trono, dizendo: Eis que o Tabernáculo de Deus está entre os homens, e Ele habitará entre eles [...]” (21:2-3). A Igreja, a Noiva de Cristo e Cidade de Deus, é o Templo da Nova Aliança – ou melhor, “o Senhor Deus, o Todo-Poderoso, e o Cordeiro, são seu Templo” (21:22).

1-2 O povo de Deus orou pela destruição de Jerusalém (6:9-11). Agora que suas orações foram respondidas, a grande multidão dos redimidos irrompe em louvor antifonal, em obediência ao comando angélico em 18:20: “Regozijai-vos sobre ela, ó céus, e vós santos, e apóstolos e profetas, porque Deus julgou o vosso julgamento contra ela!” Devemos ob-

servar cuidadosamente o que São João está fazendo aqui. O Apocalipse é uma profecia e, portanto, destinado “para edificação, exortação e consolação” (1 Co. 14:3): Seus leitores foram ordenados a “*guardar* as coisas que nela estão escritas” (Ap. 1:3). Ao revelar as orações imprecatórias da Igreja celestial contra seus inimigos, São João estava instruindo seus irmãos na terra a fazerem o mesmo; agora, tendo revelado a destruição certa da Meretriz, ele mostra à Igreja do primeiro século qual deve ser seu dever quando Jerusalém cair. Eles não devem lamentar o seu fim, mas louvar a Deus pela execução de Sua vingança sobre ela. A vontade de Deus deve ser realizada na terra como é realizada no céu. Ao mostrar o padrão de adoração celestial, São João revela a vontade de Deus para a adoração terrena também.

A liturgia antifonal é dividida em cinco partes distintas. O número cinco é, como vimos (cf. 9:5), conectado com força, especialmente em termos de ação militar. Apropriadamente, esta canção de cinco partes é um “hino de batalha”, baseado em cânticos de triunfo sobre os inimigos de Deus e da Aliança no Antigo Testamento. A multidão celestial canta: **Aleluia!** Os únicos usos do Novo Testamento desta expressão hebraica (que significa *Louvai ao SENHOR!*) estão nesta passagem, onde ocorre quatro vezes, em louvor à reconquista divina da terra. Como Hengstenberg observa, “a preservação da palavra hebraica, como no caso também de *Amém* e *Hosana*, serve como um sinal visível para marcar a conexão interna entre a Igreja do Novo Testamento e a do Antigo.”¹ A palavra em si lembra os Salmos de *Hallel* do Antigo Testamento (Sl. 113-118), cânticos de vitória que eram cantados nas festas da Páscoa e dos Tabernáculos. Esses salmos celebravam a grandeza de Deus, especialmente conforme revelada na libertação de Seu povo do Egito e sua restauração à adoração verdadeira; e têm em vista o dia em que todas as nações louvarão o Senhor. Exceto por pequenas alusões a alguns Salmos de *Hallel* nos versículos 5 e 7, São João não constrói essa liturgia em seu padrão; em vez disso, o uso de *Aleluia!* por si só é suficiente para fazer a conexão. A primeira ocorrência bíblica da expressão, no entanto, está no Salmo 104:35 (ARA), que é surpreendentemente paralelo à justaposição de juízo e louvor em Apocalipse:

¹ E. W. Hengstenberg, *The Revelation of St. John*, 2 vols. (Cherry Hill, NJ: Mack Publishing Co., n.d.), vol. 2, pg. 238.

Desapareçam da terra os pecadores,
e já não subsistam os perversos.
Bendize, ó minha alma, ao Senhor!
Aleluia!

A destruição da Jerusalém apóstata em nome de Cristo e Sua Igreja será a demonstração de que a **salvação, e o poder e a glória pertencem ao nosso Deus** – uma frase que lembra a exultação de Davi quando os preparativos para a construção do Templo foram concluídos: “Tua, ó SENHOR, é a grandeza, e o poder, e a glória, e a vitória, e a majestade; porque tudo o que está no céu e na terra é teu; teu é o reino, ó SENHOR, e tu és exaltado como cabeça acima de tudo.” (1 Cr. 29:11; Cristo também aludiu ao texto de Davi na Oração do Senhor, Mateus 6:13: “Teu é o reino, e o poder, e a glória, para sempre. Amém.”). O cântico também cita a celebração de Davi da autoridade todo-abrangente da Lei no Salmo 19:9: “os julgamentos do SENHOR são verdadeiros e justos juntamente.” No cumprimento das maldições da Lei sobre a cidade apóstata, o novo Israel de Deus assume o cântico, afirmando que **Seus juízos são verdadeiros e justos**.

A destruição de Israel é a demonstração da justiça de Deus. A honra de Deus não poderia suportar a blasfêmia de Seu nome ocasionada pela rebelião de Seu povo (Rm. 2:24). A prova de que “Seus juízos são verdadeiros e justos” é precisamente o fato de que Ele se vingou de Seu próprio povo, rejeitando aqueles que haviam sido chamados por Seu nome: **pois Ele julgou a Grande Meretriz que estava corrompendo a terra com sua fornicação, e Ele vingou o sangue de Seus servos de suas mãos!** Isso estabelece a conexão entre a Prostituta e a “Jezabel” que estava buscando destruir as igrejas (veja 2:20-24). Jezabel, a rainha prostituta (2 Rs. 9:22), havia atraído Israel para fora da adoração ao Deus verdadeiro a um culto de estatismo e idolatria (1 Rs. 16:29-34). Ela perseguiu e assassinou os profetas (1 Rs. 18:4, 13) e levantou falsas testemunhas para caluniar os justos no tribunal (1 Rs. 21:1-16). Assim, Jeú foi ordenado pelo mensageiro de Deus para destruir a casa de Acabe, “*para que eu vingue o sangue de meus servos, os profetas, e o sangue de todos os servos do Senhor, da mão de Jezabel.*” (2 Rs. 9:7, ACF). Os flertes adúlteros e os casos de Israel com o paganismo são comparados pelos profetas às “prostituições e feitiçarias” de Jezabel (2 Rs. 9:22): assim como ela “pintou a face, e ataviou a cabeça” em

uma tentativa inútil de evitar sua destruição (2 Rs. 9:30-37), Israel fez o mesmo em vão:

Agora, pois, que farás, ó assolada? Ainda que te vistas de carmesim, ainda que te adornes com enfeites de ouro, ainda que te pintes em volta dos teus olhos, em vão te farias bela; os amantes te desprezam, e procuram tirar-te a vida. (Jr. 4:30, ACF; cf. Ez. 23:40)

Nada menos que arrependimento poderia ter salvado Jerusalém. Ela se recusou terminantemente a fazê-lo, e então Deus se vingou dela por sua perseguição aos justos. Novamente, deve-se enfatizar que Jesus marcou especificamente Jerusalém como o objeto da ira vingativa de Deus. Falando do derramamento de maldições da aliança que culminariam na destruição de Jerusalém em 70 d.C., Ele disse: “*Estes são dias de vingança*, para que tudo o que está escrito seja cumprido” (Lc. 21:22). Por meio de Moisés, Deus havia alertado sobre a futura apostasia de Israel, quando eles O deixariam com ciúmes ao servir a outros deuses (Dt. 32: 15-22), trazendo destruição certa sobre si mesmos e sua terra (Dt. 32:23-43). Quatro vezes nesta passagem, Deus ameaça que Sua vingança alcançará os apóstatas: “A mim me pertence a *vingança*, a retribuição” (v. 35, ARA); “Tomarei vingança contra os meus adversários e retribuirei aos que me odeiam” (v. 41, ARA); “Alegrai-vos, ó nações, com o seu povo; porque *ele vingará o sangue dos seus servos*, e trará *vingança* aos seus adversários, e será misericordioso com a sua terra, e para o seu povo.” (v. 43).

3 Na segunda divisão do cântico, a grande multidão repete o refrão: **Aleluia!** O motivo do louvor é, novamente, uma alegria piedosa pela destruição do inimigo da Igreja, pois **sua fumaça sobe para todo o sempre**. Como observamos (ver em 14:11; 18:2, 9), esta expressão é baseada na destruição de Sodoma e Gomorra (Gn. 19:28), enquanto a fraseologia específica é emprestada da descrição de Isaías sobre a punição de Edom (Is 34:10). É usada aqui para indicar a natureza permanente da queda da Babilônia.²

4 A terceira seção da liturgia mostra **os vinte e quatro anciãos e os quatro seres vivos** – representando a Igreja e toda a criação terrena (ver em 4:4-11) – assumindo seu papel distintivo no cântico. Pri-

² A frase, portanto, não pode ser utilizada como uma descrição literal do estado eterno dos ímpios em geral. As chamas reais que consumiram “Babilônia” queimaram há muito tempo; mas sua punição foi eterna. Ela nunca será ressuscitada.

meiro, é-nos dito que eles **se prostraram e adoraram**; novamente notamos a importância da postura, da atitude física, em nossa atividade religiosa. A aflição da Igreja moderna do neoplatonismo “espiritualista” – para não mencionar a simples preguiça – resultou em sua aproximação demasiado casual ao Altíssimo. No mínimo, nossa posição física na adoração pública e oficial deve ser aquela que corresponde ao temor e reverência piedosos que são apropriados para aqueles que são admitidos a uma audiência com o **Deus que está assentado no trono**.

5 Não nos é dito qual **Voz** pronuncia a quarta seção da liturgia **do Trono**. Pode ser a de um dos anciãos, liderando a congregação de uma posição próxima ao trono; mas é mais provável que seja o de Jesus Cristo (cf. 16:17), chamando Seus irmãos (Rm. 8:29; Hb. 11-12) para **louvar nosso Deus** (cf. Jo 20:17, onde Jesus diz: “Eu subo para meu Pai, e vosso Pai; e para meu Deus, e vosso Deus”). O fato de que isso é dirigido à Igreja como um todo fica claro pela descrição dos adoradores: **Seus servos**, aqueles **que O temem, os pequenos e os grandes**.

6-8 À medida que toda a Igreja responde ao convite do oficiante, ela fala com a familiar Voz da Nuvem de Glória (cf. Ex. 19:16; Ez. 1:24), indicando sua plena identificação com a gloriosa Imagem de Deus: São João ouve **como que a voz de uma grande multidão, e como o som de muitas águas, e como o som de poderosos trovões**. A Nuvem assumiu a Igreja em si mesma.

O primeiro *Aleluia!* da “grande multidão” louvou a Deus por Sua soberania, como demonstrada no juízo da grande Prostituta. O quarto *Aleluia!*, nesta quinta e última porção da liturgia, louva a Deus novamente por Sua soberania, desta vez como demonstrada no **casamento do Cordeiro com Sua Noiva**. *A destruição da Meretriz e o casamento do Cordeiro e da Noiva* – o divórcio e o casamento – *são eventos correlatos*. A existência da Igreja como a congregação da Nova Aliança marca uma época inteiramente nova na história da redenção. Deus não estava agora meramente levando os crentes gentios para a Antiga Aliança (como Ele frequentemente fizera sob a economia do Antigo Testamento). Em vez disso, Ele estava introduzindo “a era vindoura” (Hb 2:5; 6:5)[†], a era do cumprimento, durante estes Últimos Dias. O Pentecostes foi o início de uma *Nova Aliança*. Com o divórcio final e a destruição da esposa infiel em 70 d.C., o

[†] Trad. de citação do autor. [N. R.]

casamento da Igreja com seu Senhor foi firmemente estabelecido; a celebração eucarística da Igreja foi plenamente revelada em sua verdadeira natureza como “a Ceia das Bodas do Cordeiro” (v. 9).

A multidão dos remidos exulta: **Sua Noiva se aprontou!** O dever dos apóstolos durante os Últimos Dias era preparar a Igreja para suas núpcias. Paulo escreveu sobre o sacrifício de Cristo como a redenção da Noiva: Ele “amou a igreja e a si mesmo se entregou por ela, para a santificar, purificando-a com a lavagem da água, pela palavra, para a apresentar a si mesmo igreja gloriosa, sem mácula, ou ruga, ou coisa semelhante, mas santa e irrepreensível.” (Ef. 5:25-27). Paulo estendeu essa imagem ao falar aos coríntios sobre o objetivo de seu ministério: “Porque tenho ciúme sobre vós com ciúme divino; porque vos desposei com um marido, para vos apresentar como uma virgem pura a Cristo.” No entanto, havia o perigo de que a Igreja fosse seduzida à fornicção com o Dragão; o Apóstolo temia “que, de algum modo, assim como a serpente enganou Eva com a sua sutileza, que as suas mentes sejam corrompidas da simplicidade que há em Cristo.” (2 Co. 11:2-3). À medida que a crise daqueles dias se aproximava do seu fim, quando muitos estavam abandonando a fé e seguindo várias heresias, Judas escreveu uma mensagem de emergência apressada para a Igreja (veja Jd. 3), na qual ele ordenou à Noiva que permanecesse fiel ao seu Senhor, entregando-a “àquele que é poderoso para impedir-vos de cair, e para apresentar-vos sem defeito, diante da presença de sua glória, com abundante alegria” (Jd. 24).

Mas agora São João vê uma visão da Igreja em sua glória e pureza, tendo enfrentado com sucesso suas provações e tentações, tendo passado por grandes tribulações para sua posse do Reino como a Noiva de Cristo. Ao contrário das expectativas de Roma, a destruição de Jerusalém não foi o fim para a Igreja. Em vez disso, foi o estabelecimento pleno da Igreja como o novo Templo, a declaração final de que Deus havia tomado para Si uma nova Noiva, uma virgem fiel e casta que resistira com sucesso às tentações sedutoras do Dragão. Ela havia se preparado, e este era o dia de seu casamento. Os primeiros cristãos aprenderam bem a lição que mais tarde foi declarada pelo bispo do século III, São Cipriano: “A Esposa de Cristo não pode tornar-se adúltera; ela é incorruptível e casta. Conhece apenas uma casa e observa, com delicado pudor, a inviolabilidade de um só tálamo. É ela que nos guarda para Deus e torna partícipes do Reino os filhos que gerou. Aquele que, afastando-se da Igreja, une-se a uma adúltera, fica privado dos bens prometidos à Igreja. Quem abandona a Igreja

de Cristo não alcançará os prêmios de Cristo. Torna-se estranho, profano, inimigo. Não pode ter Deus por Pai quem não tem a Igreja por mãe. Como ninguém pôde salvar-se fora da arca de Noé, assim ninguém se salva fora da Igreja. O Senhor nos alerta: ‘Quem não está comigo está contra mim, e quem comigo não recolhe, dissipa’ [Mt. 12:30]. Quem rompe a paz e a concórdia de Cristo trabalha contra Cristo. Quem faz colheita alhures, fora da Igreja, dissipa a Igreja de Cristo [...] Quem não observa essa unidade não observa a lei de Deus, não observa a fé do Pai e do Filho, e não possui nem a vida nem a salvação”³

O cântico de louvor continua: **E foi-lhe dado vestir-se de linho fino, resplandecente e puro; porque o linho fino são os atos justos dos santos.** Já vimos o linho usado como um símbolo (15:6; cf. 3:4; 4:4; 7:9, 14); agora, seu significado simbólico é explicitamente declarado como sendo os **atos justos dos santos**.⁴ Dois pontos importantes são feitos aqui sobre a obediência dos santos: primeiro, foi dado a ela – nossa santificação deve-se inteiramente à obra de graça do Espírito Santo de Deus em nossos corações; segundo, ela foi graciosamente capacitada a **vestir-se** com o linho dos atos de justiça – nossa santificação é realizada por nós mesmos. Essa ênfase dupla é encontrada em todas as Escrituras: “Santificai-vos [...] Eu sou o SENHOR que vos santifica” (Lv. 20:7-8); “Operai a vossa salvação com temor e tremor; porque Deus é o que opera em vós tanto o querer como o efetuar, segundo a sua boa vontade.” (Fp. 2:12-13, ACF).

9 São João é instruído a escrever a quarta e central bem-aventurança do Livro do Apocalipse: **Bem-aventurados os que são convidados para a Ceia das Bodas do Cordeiro.** O povo de Deus foi salvo das prostituições do mundo para se tornar a Noiva do Seu Filho unigênito; e o símbolo constante deste fato é a celebração semanal da Igreja da sua festa sagrada, a Sagrada Eucaristia. A fidelidade absoluta desta promessa é sub-

³ São Cipriano, *Sobre a Unidade da Igreja*, 6:1-5 (Ecclesia, 2025), pp. 8-9.

⁴ A palavra grega é geralmente usada no Novo Testamento para significar “preceito” ou “ordenança” de Deus (Lc. 1:6; Rm. 1:32; 8:4; Hb. 9:1, 10; Ap. 15:4); o significado relacionado, usado aqui, é “cumprimento do preceito de Deus” (cf. Rm. 5:18). Um significado adicional é a “sentença judicial de que alguém atendeu à exigência de Deus” e, portanto, “justificação” (cf. Rm. 5:16). Embora alguns tenham argumentado que “justificação” é o significado apropriado aqui, tanto o contexto quanto o fato de que a forma plural da palavra é empregada indicam que seu significado mais natural é “atos justos”.

linhada pela garantia do anjo a São João de que **estas são as verdadeiras palavras de Deus.**

Não deveria ser necessário dizer (mas, infelizmente, ainda o é), que a Eucaristia é o centro da adoração cristã; a Eucaristia é o que somos ordenados a fazer quando nos reunimos no Dia do Senhor. Todo o restante é secundário. Isso não quer dizer que as coisas secundárias não sejam importantes. O ensino da Palavra, por exemplo, é muito importante e verdadeiramente necessário para o crescimento e bem-estar da Igreja. A doutrina tem sido reconhecida há muito tempo como uma das marcas essenciais da Igreja. A instrução na fé é, portanto, uma parte indispensável da adoração cristã. Mas não é o coração da adoração cristã. O coração da adoração cristã é o Sacramento do Corpo e Sangue de nosso Senhor Jesus Cristo. Isso é pressuposto por São Paulo em 1 Coríntios 10:16-17 e 11:20-34. Podemos ver isso refletido na declaração simples de Lucas em Atos 20:7: “No primeiro dia da semana, ajuntando-se os discípulos para partir o pão [...]” Também é descrito na *Didaquê*: “Reúna-se no dia do Senhor para partir o pão e agradecer após ter confessado seus pecados, para que o sacrifício seja puro.”⁵ Justino Mártir relata o mesmo padrão como o padrão para todas as assembleias cristãs: “No dia que se chama do sol [i.e., o Domingo], celebra-se uma reunião de todos os que moram nas cidades ou nos campos, e aí se leem, enquanto o tempo o permite, as memórias dos apóstolos ou os escritos dos profetas. Quando o leitor termina, o presidente faz uma exortação e convite para imitarmos esses belos exemplos. Em seguida, levantamo-nos todos juntos e elevamos nossas preces. Depois de terminadas, como já dissemos, oferece-se pão, vinho e água, e o presidente, conforme suas forças, faz igualmente subir a Deus suas preces e ações de graças e todo o povo exclama, dizendo: ‘Amém’. Vem depois a distribuição e participação feita a cada um dos alimentos consagrados pela ação de graças e seu envio aos ausentes pelos diáconos.”⁶

O maior privilégio da Igreja é sua participação semanal na refeição eucarística, a Ceia das Bodas do Cordeiro. É uma tragédia que tantas igrejas em nossos dias negligenciem a Ceia do Senhor, observando-a apenas em raras ocasiões (algumas chamadas igrejas até abandonaram a Comunhão completamente). O que devemos perceber é que o culto oficial da

⁵ *Didaquê: A instrução dos doze apóstolos* (Instituto Fide, 2024), 14:1, pg. 21.

⁶ Justino Mártir, *Primeira Apologia*, 67:3-5, em Justino de Roma, *Patrística - I e II Apologias / Diálogo com Trifão* (Editora Paulus, 2014).

Igreja no Dia do Senhor não é meramente um estudo bíblico ou uma reunião informal de almas com ideias semelhantes; ao contrário, é a festa formal de casamento da Noiva com seu Noivo. É *por isso* que nos reunimos no primeiro dia da semana. De fato, uma das principais questões na controvérsia da Reforma Protestante foi o fato de que a Igreja Romana admitia seus membros à Eucaristia apenas uma vez por ano.⁷ Ironicamente, a prática da Igreja Romana agora supera a da maioria das igrejas “protestantes”; na questão da comunhão frequente, pelo menos, é Roma que se “reformou”.

Comentando sobre o ditado do filósofo materialista alemão Ludwig Feuerbach de que “o homem é o que ele come”, o grande teólogo ortodoxo Alexander Schmemmann escreveu: “Com esta declaração [...] Feuerbach pensou ter posto fim a todas as especulações ‘idealistas’ sobre a natureza humana. Na verdade, porém, ele estava expressando, sem saber, a ideia mais religiosa do homem. Pois muito antes de Feuerbach a mesma definição de homem foi dada pela Bíblia. Na história bíblica da criação, o homem é apresentado, antes de tudo, como um ser faminto, e o mundo inteiro como seu alimento. Atrás apenas da direção para propagar e ter domínio sobre a terra, de acordo com o autor do primeiro capítulo de Gênesis, está a instrução de Deus aos homens para comerem da terra: ‘Eis que vos dei toda erva que dá semente [...] e toda árvore, que é fruto de uma árvore que dá semente; para vós será para alimento [...]’ O homem deve comer para viver; ele deve tomar o mundo em seu corpo e transformá-lo em si mesmo, em carne e sangue. Ele é de fato aquilo que come, e o mundo inteiro é apresentado como uma mesa de banquete todoabrangente para o homem. E esta imagem do banquete permanece, por toda a Bíblia, a imagem central da vida. É a imagem da vida em sua criação e também a imagem da vida em seu fim e cumprimento: ‘[...] que comais e bebais à minha mesa no meu Reino’.”⁸

A Eucaristia está no centro da nossa vida, e toda a vida flui dessa liturgia central. A “forma” da liturgia eucarística, portanto, dá forma ao resto da vida, a liturgia diária que seguimos enquanto seguimos o nosso

⁷ Veja João Calvino, *A Instituição da Religião Cristã*, 4:17:43-46; cf. idem., *Selected Works: Tracts and Letters*, ed. by Henry Beveridge and Jules Bonnet, 7 vols. (Grand Rapids: Baker Book House, repr. 1983), Vol. 2, pg. 188.

⁸ Alexander Schmemmann, *For the Life of the World: Sacraments and Orthodoxy* (New York: St. Vladimir's Seminary Press, 1973), pg. 11.

chamado para exercer domínio sobre a terra. O “rito da vida” é modelado de acordo com o ritual central da comunhão, que, por sua vez, é modelado de acordo com a liturgia da criação estabelecida em Gênesis 1: Deus tomou posse da criação, separou-a, distribuiu-a, avaliou o trabalho e desfrutou dela no descanso sabático. E este é o padrão da Sagrada Comunhão, como observa James B. Jordan: “Quando realizamos este rito no Dia do Senhor, estamos nos tornando reajustados, reabilitados, retreinados na maneira correta de usar o mundo. Pois Jesus Cristo, na noite de Sua traição, (1) tomou pão e vinho, (2) *deu graças*, (3) partiu o pão, (4) distribuiu o pão e o vinho, nomeando-o Seu corpo e sangue; então os discípulos (5) provaram e avaliaram, onze aprovando e um rejeitando; e finalmente (6) os fiéis descansaram e desfrutaram.

“É porque o ato de ação de graças é a diferença central entre o cristão e o não cristão que a liturgia das igrejas cristãs é chamada de ‘Santa Eucaristia’. Eucaristia significa Ação de Graças. É a restauração da verdadeira adoração (ação de graças) que restaura o trabalho do homem (a ação sextupla em toda a vida). Isso explica por que a restauração da verdadeira adoração tem primazia sobre os esforços culturais.”⁹

10 São João se prosta aos pés do anjo **para adorá-lo**, e o anjo responde sucintamente: **Não faças isso!** Por que esse incidente (repetido em 22:8-9) é registrado no Livro do Apocalipse? Embora possa parecer não ter relação com as grandes questões cósmicas da profecia, na realidade, está próximo do cerne da mensagem de São João. À primeira vista, parece ser uma polêmica contra a idolatria, certamente um assunto central do Livro do Apocalipse. Em uma inspeção mais detalhada, no entanto, tal interpretação apresenta sérias dificuldades. Em primeiro lugar, devemos lembrar que é um Apóstolo inspirado que realiza esse ato de adoração, no curso do recebimento da revelação divina; embora não seja absolutamente impossível que São João cometesse o crime de idolatria em tal uma situação, parece altamente improvável. Em segundo lugar, a razão do anjo para recusar a adoração parece estranha. Por que ele simplesmente não cita o mandamento contra ter falsos deuses, como Jesus

⁹ James B. Jordan, “Studies in Genesis One: God’s Rite for Life,” em *The Geneva Review*, No. 21 (August 1985), p. 3; cf. idem, “Christian Piety: Deformed and Reformed,” *Geneva Papers* (New Series), No.1 (September 1985); sobre a centralidade da adoração, v. idem, *The Law of the Covenant: An Exposition of Exodus 21-23* (Tyler, TX: Institute for Christian Economics, 1984), pp. 10f., 41f., 217f.

fez (Mt. 4:10) quando o diabo exigiu que Ele o adorasse? Em vez disso, ele se lança numa breve explicação da natureza da profecia: **Sou conservo teu e de teus irmãos que guardam o Testemunho de Jesus; adora a Deus! Pois o Testemunho de Jesus é o Espírito da profecia.**

A solução deve ser encontrada, primeiro, no fato de que o termo *adorar* (em grego, *proskuneō*) significa simplesmente “o costume de prostrar-se diante de uma pessoa e beijar seus pés, a orla de suas vestes, o chão, etc.”,¹⁰ e pode ser usado não apenas para a homenagem prestada a Deus (ou, pecaminosamente, a um deus falso), mas também para a reverência adequada devida a superiores (veja, por exemplo, o uso da LXX em Gn. 18:2; 19:1; 23:7, 12; 27:29; 33:3, 67; 37:7, 9-10; 42:6; 43:26, 28; 49:8). Era completamente apropriado para Ló “adorar” os anjos que o visitaram, e para os filhos de Israel “adorar” José. Mateus usa a palavra para descrever a obediência de um escravo diante de seu mestre (Mt. 18:26), e São João a emprega para registrar a promessa de Cristo aos fiéis de Filadélfia, de que os judeus seriam forçados “a vir e se prostrar [*proskuneō*]” a seus pés (Ap. 3:9).

Portanto, partindo do pressuposto de que São João não estava oferecendo adoração divina ao anjo, mas sim reverência a um superior, a resposta do anjo pode ser mais claramente entendida. Um tema comum em todo o Livro do Apocalipse é que “todo o povo do SENHOR é profeta” (cf. Nm. 11:29). Todos ascenderam à presença do Senhor, tomando seus lugares no Conselho celestial ao redor do trono na Nuvem de Glória. Antes do Pentecostes, era apropriado que meros homens se curvassem diante de anjos, mas não mais. “Não faças isso!”, o anjo grita: **Sou conservo teu e de teus irmãos que guardam o Testemunho de Jesus.** O anjo está em um nível igual a São João e o resto da comunidade cristã; assim, ele exorta São João a adorar a Deus, a se “aproxim[ar] do trono da graça com toda a confiança” (Hb. 4:16, NVI). O fato de os irmãos de São João **guardarem o Testemunho de Jesus** demonstra que eles são membros do Conselho, habitados pelo Espírito; pois o **Testemunho de Jesus é o Espírito da profecia**; o Espírito está onde quer que o Testemunho de Jesus seja mantido e proclamado.

“Com perfeita justiça, portanto, Bossuet observa, ‘que o anjo rejeita a adoração para colocar o ministério apostólico e profético em pé de

¹⁰ William F. Arndt e F. Wilbur Gingrich, *A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature* (Chicago: University of Chicago Press, 1957), pg. 723.

igualdade com o dos anjos.’ [...] A dissuasão não se baseia na consideração de que a adoração infringe a glória de Deus, mas na consideração de que infringe a honra de João. É como se fosse dito, vai diretamente a Deus com sua adoração, para que não lances na sombra a gloriosa dignidade concedida a ti e representada por ti.”¹¹

Mas o que há na proclamação do anjo que induziu São João a se curvar aos seus pés em primeiro lugar? “É a referência eucarística que ela contém. A Igreja primitiva consagrava a eucaristia através da grande oração de ação de graças que nomeia o rito. Elevando seus corações ao céu, eles louvavam a Deus por seus poderosos atos de salvação, assegurando assim sua posse final de Cristo e tornando real o antegosto que estavam prestes a receber em seu corpo e sangue sacramentais. A exultação da vitória deu lugar à oração eucarística em 19:1-8, mas é a bem-aventurança do anjo que primeiro torna explícita a alusão àquela ceia abençoada, que é comida no reino de Deus e antecipada na Igreja. São João se prosta em adoração, e todo intermediário desaparece entre ele e Cristo.”¹²

O Filho de Deus Sai para a Guerra (19:11-21)

- 11 E vi o céu aberto; e eis um cavalo branco, e O que estava assentado sobre ele se chama Fiel e Verdadeiro; e com justiça Ele julga e peleja.
- 12 E os Seus olhos são chamados de fogo, e sobre a Sua cabeça há muitos diademas; e tem um nome escrito que ninguém conhece senão Ele mesmo.
- 13 E está vestido de um manto embebido em sangue; e o seu nome se chama o Verbo de Deus.
- 14 E os exércitos que estão no céu, vestidos de linho fino, branco e puro, seguiam-No em cavalos brancos.
- 15 E da Sua boca sai uma espada afiada de dois gumes, para com ela ferir as nações; e Ele mesmo as regerá com vara de ferro; e Ele mesmo é quem pisa o lagar do vinho da fúria da ira de Deus, o Todo-Poderoso.
- 16 E no Seu manto e na Sua coxa tem um nome escrito: *REI DOS REIS E SENHOR DOS SENHORES*.

¹¹ E. W. Hengstenberg, *The Revelation of St. John*, 2 vols. (Cherry Hill, NJ: Mack Publishing Co., [1851] 1972), Vol. 2, pg. 256.

¹² Austin Farrer, *The Revelation of St. John the Divine* (Oxford: At the Clarendon Press, 1964), pp. 195f.

- 17 E vi um anjo em pé no sol; e ele clamou com uma forte voz, dizendo a todas as aves que voam pelo meio do céu: Vinde, reuni-vos para a grande ceia de Deus;
- 18 para que comais carne de reis, e carne de comandantes, e carne de poderosos, e carne de cavalos e dos que neles se assentam, e carne de todos os homens, tanto livres como escravos, e pequenos e grandes.
- 19 E vi a Besta e os reis da terra e os seus exércitos reunidos para guerrearem contra Aquele que estava assentado sobre o cavalo, e ao Seu exército.
- 20 E a Besta foi capturada, e com ela o Falso Profeta, que fizera os sinais em sua presença, com os quais enganou os que receberam a marca da Besta e os que adoraram a sua imagem; estes dois foram lançados vivos no lago de fogo que queima com enxofre.
- 21 E os restantes foram mortos com a espada que saía da boca d'Aquele que estava assentado sobre o cavalo, e todas as aves se fartaram das suas carnes.

11 Isso inicia a seção final de sete visões, cada uma abrindo com a frase *kai eidon*, **E eu vi** (19:11, 17, 19; 20:1, 4, 11; 21:1). Com a revelação da Sagrada Eucaristia, São João vê, como nunca viu antes, o **céu aberto** e, como Farrer observa, “todo intermediário desaparece entre ele e Cristo”. É o convite à Comunhão com Cristo que abre o céu para a Igreja e revela seu Senhor.

São João vê **um cavalo branco**, o símbolo da vitória e domínio de Cristo (6:2; cf. 14:14). É importante para a compreensão adequada desta passagem notar que **O que estava assentado sobre ele se chama Fiel e Verdadeiro**: Cristo cavalga para a vitória em Seu caráter como “a *Testemunha* fiel e verdadeira” (3:14), como “o Verbo de Deus” (19:13). São João não está descrevendo a Segunda Vinda no fim do mundo. Ele está descrevendo o progresso do Evangelho por todo o mundo, a proclamação universal da mensagem de salvação, que segue o Primeiro Advento de Cristo. A conexão com a mensagem para Laodiceia (3:14-22) é estabelecida de forma mais profunda quando entendemos que esta parte da profecia contém vários paralelos com a mensagem de Laodiceia. Farrer diz: “O orgulho infundado devido às suas posses presente feita pelo anjo de Laodiceia em 3:17 é ecoado pelo orgulho da cidade-Jezabel em 18:7ff. E São João, tão logo terminou com Jezabel em 19:3, provê aos santos vestes puras (19:8,

3:18), os convida para a ceia do Cordeiro (19:9, 3:20) e, abrindo as portas do céu, revela Cristo como o Amém, o Fiel e Verdadeiro (19:9-13, 3:14).¹³

Com justiça, Ele julga e peleja: Cristo cavalga para a batalha na terra, subjugando-nos a Si mesmo, governando e defendendo-nos, “restringindo e conquistando todos os Seus e nossos inimigos”, como diz o Breve Catecismo de Westminster (Pergunta 26), fazendo justiça em todo o mundo de acordo com a lei de Deus, em cumprimento às profecias messiânicas:

Ele julgará o teu povo com justiça,
e aos teus pobres com juízo. (Sl. 72:2)

Alegrem-se os céus, e a terra exulte;
ruja o mar e a sua plenitude.
Folgue o campo e tudo o que nele há;
regozijem-se todas as árvores do bosque,
na presença do Senhor,
porque vem, vem julgar a terra;
julgará o mundo com justiça
e os povos, consoante a sua fidelidade. (Sl. 96:11-13, ARA)

Não julgará pela aparência,
nem decidirá com base no que ouviu;
mas com retidão julgará os necessitados,
com justiça tomará decisões em favor dos pobres.
Com suas palavras, como se fossem um cajado, ferirá a terra;
com o sopro de sua boca matará os ímpios. (Is. 11:3-4, NVI)

Dias virão, declara o Senhor,
em que levantarei para Davi um Renovo justo,
um rei que reinará com sabedoria
e fará o que é justo e certo na terra.
Em seus dias Judá será salva,
Israel viverá em segurança,
e este é o nome pelo qual será chamado:
O SENHOR é a Nossa Justiça. (Jr. 23:5-6, NVI)

12 A figura no cavalo branco é a mesma do Filho do Homem, o Primeiro e o Último, o Vivente, da primeira visão de São João, pois **Seus**

¹³ Ibid., pg. 85.

olhos são chamas de fogo (cf. 1:14): Ele é o Senhor onisciente cujo escrutínio perspicaz é “apto para discernir os pensamentos e intenções do coração.” (Hb. 4:12, ACF). Esta figura majestosa já é vitoriosa, muitas vezes, como simbolizado pelos **muitos diademas** que Ele usa.

A lâmina de ouro na testa do sumo sacerdote trazia o Nome sagrado do SENHOR; apropriadamente, após mencionar os muitos diademas na testa de Cristo, São João vê que **Ele tem um nome escrito**. Mas este é um nome **que ninguém conhece senão Ele mesmo**. Como devemos entender isso? Como vimos em 2:17, o uso no Novo Testamento das palavras para *conhecer* (*ginōskō* e *aida*) é influenciado por uma expressão idiomática hebraica, na qual o verbo conhecer adquire significados relacionados: *reconhecer*, *reconhecer como próprio* e *possuir* (veja, por exemplo, Gn. 4:1; Ex. 1:8; Sl. 1:6; Jr. 28:9; Ez. 20:5; Zc. 14:7; Mt. 7:23; Jo. 10:4-5; Rm. 8:29; 1 Co. 8:3; 2 Tm. 2:19),¹⁴ Assim, o ponto neste versículo não é que ninguém pode saber qual é o nome (pois, de fato, como veremos, nós “conhecemos” o nome, no sentido cognitivo), mas que somente Ele possui o nome propriamente; ele pertence somente a Ele. Isso é reforçado pela estrutura quiástica da passagem:

- A. Ele tem um nome escrito que ninguém possui, senão Ele mesmo (v. 12b)
 - B. Ele está vestido de um manto embebido em sangue (v. 13a)
 - C. Seu nome é chamado de o Verbo de Deus (v. 13b)
 - C. Da Sua boca sai uma espada afiada de dois gumes (v. 15a)
 - B. Ele pisa o lagar do vinho da fúria da ira de Deus (v.15b)
- A. Em Seu manto e em Sua coxa Ele tem um nome escrito: REI DOS REIS E SENHOR DOS SENHORES (v.16)

A espada afiada de dois gumes de 15a responde à descrição de Cristo como o Verbo de Deus em 13b; a informação de 15b de que Cristo pisa o lagar da ira explica como Seu manto se tornou embebido de sangue em 13a; e 16 nos diz o nome que 12b diz que Cristo possui exclusivamente.¹⁵

13 Como notamos acima, o **manto de Cristo embebido em sangue** é explicado pelo v. 15b. O sangue é, claramente, o dos inimigos de Cristo, as “uvas da ira”; ainda assim (como vimos em 14:20), há um sentido

¹⁴ Veja a breve discussão em Meredith G. Kline, *Images of the Spirit* (Grand Rapids: Baker Book House, 1980), pg. 130.

¹⁵ Ibid.

em que o manto ensanguentado é manchado pelo próprio sacrifício de Cristo de Si próprio também. Pois a visão é verdadeiramente uma alegoria da Encarnação: somente aqui no Apocalipse, como no Prólogo do Seu Evangelho (Jo. 1:1, 14), São João chama Cristo de **o Verbo**, falando de Sua pré-existência e natureza divina, e de Sua encarnação, tabernaculando entre nós. Além do mais, na passagem em pauta temos não apenas uma alegoria de Sua Encarnação, mas também de Sua Expição, Ressurreição, Ascensão e Entronização. Esta não é “apenas” a história do derramamento da ira sobre Israel. É a história de Jesus Cristo, o Rei dos reis. Vemos aqui o Advento do Filho do Homem: os céus se abrem, e Ele desce à terra para lutar contra Seus inimigos; manchado de sangue, Ele vence.

14 Mas Cristo não está sozinho nesta vitória. Ele é seguido **pelos exércitos que estão no céu**, “os chamados, e escolhidos e fiéis” que estão com Ele na batalha (17:14). Novamente, devemos lembrar que, da perspectiva do Novo Testamento, a Igreja está “no céu”: somos o tabernáculo de Deus no céu (7:15; 12:12; 13:6), estamos assentados com Cristo nos lugares celestiais (Ef. 2:6), viemos à Jerusalém celestial, e a miríades de anjos em assembleia festiva, e à Igreja dos primogênitos que estão inscritos no céu (Hb. 12:22-23). Os exércitos são compostos de cristãos (é possível que anjos também estejam em vista aqui), cavalgando **cavalos brancos** com seu Senhor em Sua campanha agressiva e triunfante pela terra, levando a Palavra de Deus ao mundo. Porque os exércitos do céu são a Noiva, eles estão **vestidos de linho fino, branco e puro**.

15 Da **boca** do Verbo de Deus encarnado procede **uma espada afiada de dois gumes**. São João já usou essa imagem antes (1:16; 2:16); a espada (especialmente quando sai da *boca*) é um símbolo bíblico claro para a poderosa “palavra profética que é criativa e dinâmica e faz acontecer o que pronuncia. A palavra de um verdadeiro profeta, como o cavaleiro, transforma palavra em ação; a do falso profeta, como a segunda besta, é ineficaz.”¹⁶ A Palavra de Deus é usada não apenas na batalha, para matar os inimigos de Deus (Ef. 6:17), mas também na Igreja, para cortar o sacrifício (Rm. 12:1-2): “Porque a palavra de Deus é viva e eficaz, e mais penetrante do que espada alguma de dois gumes, e penetra até à divisão da alma e do espírito, e das juntas e medulas, e é apta para discernir os pensamen-

¹⁶ J. Massyngberde Ford, *Revelation: Introduction, Translation, and Commentary* (Garden City, NY: Doubleday & Co., 1975), pg. 323.

tos e intenções do coração. E não há criatura alguma encoberta diante dele; antes todas as coisas estão nuas e patentes aos olhos daquele com quem temos de tratar.” (Hb. 4:12-13, ACF). O Cristo pré-encarnado diz:

Ouçam, ó ilhas, a mim, e escutai vós povos, de longe; o SENHOR me tem chamado desde o útero. Desde o ventre de minha mãe tem ele feito menção do meu nome. E ele tem feito minha boca como uma espada afiada. (Is. 49:1-2)

Da mesma forma, Deus empunha Seus profetas como uma espada:

Por isso eu os despedacei por meio dos meus profetas,
eu os matei com as palavras da minha boca. (Os. 6:5, NVI)

Cristo usa a Espada do Espírito para **ferir as nações**: Ele conquista por Sua boca. Novamente, não é a Segunda Vinda que é retratada aqui, mas sim a derrota das nações por Cristo por Sua Palavra desembainhada. Em Mateus 24:29-31, é “imediatamente após” a destruição de Jerusalém que a conversão das nações começa, quando Cristo envia seus anjos/ministros por todo o mundo para reunir os eleitos.¹⁷

A *Sabedoria de Salomão* (18:15-16, BJ) fala da libertação de Israel do Egito por Deus com imagens semelhantes à imagem empregada São João nesta passagem: “Tua Palavra onipotente lançou-se, guerreiro inexorável, do trono real dos céus para o meio de uma terra de extermínio. Trazendo a espada afiada de tua ordem irrevogável, deteve-se e encheu de morte o universo: de um lado tocava o céu, de outro pisava a terra.” Como Isaías escreveu, “Ele golpeará a terra com a vara da sua boca, e com o sopro de seus lábios ele matará o perverso.” (Is. 11:4). “A ‘boca como espada afiada’ é o símbolo do profeta, cuja declaração tem um fio cortante, porque ele fala a palavra de Deus. [...] Assim, a única arma que o Cavaleiro precisa, para que ele quebre a oposição de seus inimigos e estabeleça o reino de justiça e paz de Deus, é a proclamação do evangelho.”¹⁸ Assim, “todo o curso da ‘expansão do cristianismo’ está aqui em uma figura: a conversão do Império; a conversão das nações ocidentais que se ergueram sobre as ruínas do Império; a conversão do Sul e do Extremo Oriente, ainda se desenvolvendo na história do nosso próprio tempo. Em tudo isso, São João

¹⁷ Veja David Chilton, *Paraíso Restaurado* (Editora Monergismo, 2024), pp. 114ff.

¹⁸ G. B. Caird, *A Commentary on the Revelation of St. John the Divine* (New York: Harper and Row, 1966), pg. 245.

teria visto Cristo usando a Espada de Sua boca; o cavalo branco e seu Cavaleiro, a cabeça coroada com diademas, os exércitos invisíveis do céu.”¹⁹

Cristo conquista as nações para **governá-las** [ou **pastoreá-las**] com uma vara de ferro. “A obra do Pastor, o Guia e Governante das almas (1 Pe. 2:25), segue a do Evangelista; os pagãos devem primeiro ser reduzidos à obediência, e então trazidos sob a disciplina de Cristo.”²⁰ Seu Pai O ordenara:

Pede-me, e eu te darei as nações por herança
e as extremidades da terra por tua possessão.
Com vara de ferro as regerás²¹
e as despedaçarás como um vaso de oleiro. (Sl. 2:8-9)

O Salmo 2 prossegue declarando que os reis da terra devem se submeter ao Filho ou então perecer sob Sua ira. Cristo entrou em Sua herança; Ele recebeu Seu Reino do Pai (Dn. 7:13-14), tendo sido entronizado em Seu trono celestial “muito acima de todo principado, e poder, e potestade, e domínio” (Ef. 1:21). Como Soberano universal, **Ele mesmo é quem pisa o lagar do vinho da fúria da ira de Deus, o Todo-Poderoso** (cf. 14:19-20):

Quem é aquele que vem de Edom,
que vem de Bozra, com as roupas tingidas de vermelho?
Quem é aquele que, num manto de esplendor,
avança a passos largos na grandeza da sua força?
“Sou eu, que falo com retidão,
poderoso para salvar.”
Por que tuas roupas estão vermelhas,
como as de quem pisa uvas no lagar?
“Sozinho pisei uvas no lagar;
das nações ninguém esteve comigo.
Eu as pisoteei na minha ira
e as pisei na minha indignação;

¹⁹ H. B. Swete, *Commentary on Revelation* (Grand Rapids: Kregel Publications, [1911] 1977), pg. 254.

²⁰ Ibid.

²¹ O verbo no hebraico pode ser lido tanto como *quebrar* quanto como *reger* (*pastorear*), dependendo dos pontos vocálicos utilizados. A LXX traduziu como *reger/governar*, e essa leitura foi adotada pelos escritores do Novo Testamento.

o sangue delas respingou na minha roupa,
e eu manchei toda a minha veste.
Pois o dia da vingança estava no meu coração,
e chegou o ano da minha redenção.
Olhei, e não havia ninguém para ajudar-me;
mostrei assombro, e não havia ninguém para apoiar-me.
Por isso o meu braço me ajudou,
e a minha ira deu-me apoio.
Na minha ira pisoteei as nações;
na minha indignação eu as embebedei
e derramei na terra o sangue delas.” (Is. 63:1-6, NVI)

O texto em Isaías enfatiza que Cristo realiza sozinho esta obra: “Sozinho pisei”; “não havia ninguém para ajudar-me”; “Meu braço me ajudou”, etc.; São João usa similarmente a expressão **Ele mesmo** duas vezes neste versículo, enfatizando que, embora Cristo seja acompanhado por Seus exércitos celestiais, a vitória é baseada somente em Sua obra. A obra da salvação é realizada somente pelo Senhor Jesus Cristo; as bênçãos e juízos que acompanham a salvação dos eleitos são estabelecidos por Ele.

Vinde, contemplai as obras do Senhor,
que assolações efetuou na terra.
Ele pôe termo à guerra até aos confins do mundo,
quebra o arco e despedaça a lança;
queima os carros no fogo. (Sl. 46:8-9, ARA)

“Assim, somos obrigados a acreditar que esses eventos pelos quais as nações culpadas são castigadas por seus pecados, não são apenas trazidos pela providência, mas ordenados e dirigidos pelo Mediador. E, portanto, se contemplarmos a espada devastadora cortando os habitantes, ou o mîldio arrasando as colheitas, ou a estagnação comercial obstruindo as fontes de riquezas, ou a doença devastadora percorrendo uma terra com poder terrível, ou as agitações populares derrubando os fundamentos da ordem social, reconhecemos a sabedoria, o poder e a justa retribuição do Príncipe Messias, executando o decreto divino, *A nação e reino que não te servirem perecerão: sim, essas nações serão totalmente destruídas.*” (Is. 60:12).²²

²² William Symington, *Messias, o Príncipe: O Domínio Mediador de Jesus Cristo*, trad. Joelson G. Pinheiro (Publicações O Pacto, 2023), pg. 196.

16 São João vê o título de Cristo “que ninguém conhece senão Ele mesmo” (v. 12) escrito **em Seu manto e em Sua coxa**, o lugar onde a espada é usada (cf. Sl. 45:3). “O título é o fundamento, não o resultado, da vitória vindoura; ele vencerá o monstro e os reis porque ele já é **Rei dos reis e Senhor dos senhores**.”²³ Cavalgando em Seu cavalo de guerra, seguido por Seu exército de santos, Ele conquista as nações com a Palavra de Deus, o Evangelho. Esta é uma declaração simbólica de esperança, a garantia de que a Palavra de Deus será vitoriosa em todo o mundo, para que o governo de Cristo seja estabelecido universalmente. Jesus Cristo será reconhecido em todos os lugares como Rei de todos os reis, Senhor sobre todos os senhores. Desde o início do Apocalipse, a mensagem de Cristo à Sua Igreja tem sido uma ordem para vencer, para *conquistar* (2:7, 11, 17, 26-28; 3:5, 12, 21); agora Ele assegura à Igreja sofredora que, independentemente da perseguição feroz de Israel e Roma, Ele e Seu povo serão de fato vitoriosos sobre todos os inimigos.

Todas as nações são absolutamente obrigadas a ser cristãs, tanto em sua capacidade oficial quanto no caráter pessoal de seus cidadãos individuais. Qualquer nação que não se submeter ao governo abrangente do Rei Jesus perecerá; todas as nações *serão* cristianizadas algum dia. É apenas uma questão de tempo. Jesus Cristo é o Soberano universal, e Ele será reconhecido como tal em toda a terra, neste mundo e no próximo, no tempo e na eternidade. Ele prometeu: “Serei exaltado entre os pagãos, serei exaltado na terra” (Sl 46:10). O SENHOR dos Exércitos está conosco.

17-18 Esta é a segunda das sete visões finais, cada uma das quais começa com a frase **E vi**; portanto, embora esteja certamente relacionada ao assunto da visão anterior, não é simplesmente uma continuação dela. Como vimos, o capítulo começa com uma festa, a Ceia das Bodas do Cordeiro, a sagrada refeição eucarística da Igreja diante de seu Senhor. Mas outra grande festa é proclamada aqui. O Sol da Justiça surgiu, com cura em Suas asas (Ml. 4:2); mas Ele também traz **um anjo em pé no sol** (o governante do Dia, Gn. 1:16) que emite um convite **a todas as aves que voam pelo meio do céu**, as aves de rapina. Vimos o “meio do céu” como o lugar em que a Águia pronunciou os ais (8:13), e em que um anjo convidou os governantes da terra a abraçar o Evangelho eterno (14:6). Agora o anjo convida as águias para a **Grande Ceia de Deus**, onde elas poderão se

²³ Caird, pg. 246.

fartar da carne dos inimigos de Cristo: **carne de reis, e carne de comandantes, e carne de poderosos, e carne de cavalos e dos que neles se assentam, e carne de todos os homens**. Notamos em 8:13 que uma maldição básica da aliança é a de ser comido por aves de rapina (cf. Dt. 28:26, 49). Israel é agora um cadáver sacrificial (Mt. 24:28), e não há mais ninguém que possa afastar os necrófagos (cf. Gn. 15:11; Dt. 28:26).²⁴ A linguagem de São João é emprestada do convite de Deus por meio de Ezequiel “às aves de toda espécie, e a todos os animais do campo” para devorar os cadáveres de Seus inimigos, os exércitos dos pagãos que fizeram guerra a Israel:

Ajuntai-vos e vinde, congregai-vos de toda parte para o meu sacrifício, que eu ofereci por vós, um sacrifício grande, nos montes de Israel, e comei carne e bebei sangue. Comereis a carne dos poderosos e bebereis o sangue dos príncipes da terra; dos carneiros, dos cordeiros, e dos bodes, e dos bezerros, todos cevados de Basã. E comereis a gordura até vos fartardes e bebereis o sangue até vos embebedardes, do meu sacrifício que ofereci por vós. E, à minha mesa, fartar-vos-ei de cavalos, de carros, de poderosos, e de todos os homens de guerra, diz o Senhor DEUS.

O significado é claro: aquelas nações que se recusarem a se submeter ao senhorio de Cristo, como o Salmo 2 ordena, serão completamente destruídas. Deus requer de todos os homens e instituições nada menos que a completa subserviência à Sua Cristocracia ordenada.

Peter J. Leithart observa que o banquete dos necrófagos em Ezequiel 39 tem um efeito purificador na Terra. “O convite expandido às aves de rapina nos versículos 17-20 vem imediatamente após uma discussão sobre a purificação da terra por meio do sepultamento dos mortos (cf. Dt 21:22f.) Talvez as aves ajudem a purificar a terra alimentando-se dos corpos mortos que a contaminam. Além disso, o Senhor convida as aves a comerem uma refeição sacrificial. Sacrifício implica purificação e restauração. As-

²⁴ Gênesis 15 descreve a cerimônia de ratificação do pacto de Deus com Abrão. Depois que Abrão corta os animais do sacrifício e dispõe as metades opostas uma à outra, as aves de rapina impuras descem para atacar as carcaças, e Abrão as afasta (v. 11). Gordon Wenham interpreta isso como uma promessa de que Israel, por meio da fé e obediência de Abrão (cf. Gn. 26:5), será protegido dos ataques de nações impuras; Gordon Wenham, “The Symbolism of the Animal Rite in Genesis 15: A Response to G. F. Hasel, *JSOT* 19 (1981) 61-78,” em *Journal for the Study of the Old Testament* 22 (1981), 134-37.

sim, em Ezequiel 39, a imagem das aves de rapina não apenas enfatiza a totalidade do juízo, mas também aponta para o anverso do juízo, purificação e redenção.”²⁵

Leithart continua: “A ideia de purificação é também encontrada em Apocalipse 19:17-18? Não há menção direta de purificação, nem de sacrifício. Ainda assim, por várias razões, a passagem do Apocalipse pode ser entendida como uma purificação. Primeiro, os eventos de 20:4-6 sugerem que, por Sua vitória, o Guerreiro purifica a terra da influência da besta e do falso profeta, e isso, combinado com a queda da Babilônia e a prisão do dragão, inaugura um período de poder sem precedentes para a Igreja. Segundo, a totalidade da vitória do Guerreiro é tão grande que nem mesmo os corpos mortos de Seus oponentes permanecem. Todos os vestígios dos exércitos da besta são obliterados. Finalmente, considerado sistematicamente, o juízo nunca ocorre sem a graça que o acompanha. O julgamento do Faraó é a libertação de Israel. Assim também aqui, o julgamento das bestas e seus exércitos limpa a terra de sua idolatria e liberta os santos.”²⁶

19-21 A terceira visão nesta seção, marcada novamente pelas palavras **E vi**, revela a derrota do Leviatã e do Beemote em sua guerra contra o Reino de Cristo: As duas Bestas são **capturadas e lançadas vivas no lago de fogo**, a Pia ardente (cf. 15:2) **que queima com enxofre**. A imagem é emprestada da história da destruição de Sodoma e Gomorra (“fogo e enxofre”) combinada com a dos rebeldes Coré, Datã e Abirão, que com suas famílias foram engolidos pela boca da terra: “Eles e todos os que lhes pertenciam, vivos, desceram ao Sheol; a terra cobriu-os, e pereceram do meio da assembleia” (Nm. 16:31-33, TB). O ponto de São João, portanto, não é fornecer uma escatologia pessoal detalhada da Besta e do Falso Profeta; menos ainda ele tenta descrever a Queda de Roma em 410 ou 476. Em vez disso, o Lago de Fogo é sua descrição simbólica da derrota total e destruição completa desses inimigos em sua tentativa de tomar o Reino: As personificações malignas da Roma pagã e do Israel apóstata são arruinadas e derrubadas. Roma, como Sodoma, é destruída por fogo e enxofre; os falsos profetas de Israel, como Coré, Datã e Abirão, são engolidos vivos.

²⁵ Peter J. Leithart, “Biblical-Theological Paper: Revelation 19:17-18,” Westminster Theological Seminary, 1985, pg. 11.

²⁶ Ibid., pg. 12.

Há um contraste notável, no entanto: ao passo que o resto dos seguidores de Coré foram consumidos por fogo vindo “do SENHOR”, **os restantes** dos seguidores das Bestas – os reis da terra – **foram mortos com a espada que saía da boca d’Aquele que estava assentado sobre o cavalo**. A mensagem do Evangelho, a Palavra-espada do Espírito, sai da boca de Cristo e destrói Seus inimigos convertendo-os, perfurando-os até a divisão da alma e do espírito, das juntas e medulas, julgando os pensamentos e intenções de seus corações. As Bestas são duplamente perdedoras: não somente são derrotadas, mas as próprias nações que elas lideraram na batalha contra Cristo são conquistadas por Sua Palavra vitoriosa.

No auge de sua maldade, Leviatã, Beemote e seus co-conspiradores não puderam fazer mais do que cumprir os decretos do Deus soberano (17:17). Ele ordenou cada movimento deles, e Ele ordenou sua destruição. As nações se enfurecem, mas Deus ri: Ele já estabeleceu Seu Rei em Seu santo monte, e todas as nações serão governadas por Ele (Salmo 2). *Todo o poder no céu e na terra* foi dado a Cristo (Mt. 28:18); como Martinho Lutero cantou, Ele “triunfa na batalha”.[†] À medida que o Evangelho progride por todo o mundo, ele alcançará vitórias crescentes, até que todos os reinos se tornem os reinos de nosso Senhor e de Seu Cristo; e Ele reinará para todo o sempre. Não devemos ceder ao inimigo nem mesmo um centímetro quadrado de solo no céu ou na terra. Cristo e Seu exército avançam, conquistando e para conquistar, e nós, por meio Dele, herdaremos todas as coisas.

[†] Citação do hino ‘Castelo Forte’. [N. R.]

O MILÊNIO E O JULGAMENTO

Qual é a posição da Igreja histórica e ortodoxa sobre a questão do Milênio? A doutrina da Igreja pode ser descrita com precisão como pós-milenista ou amilenista? Em geral, a diferença entre aqueles tradicionalmente chamados “amilenistas” e aqueles tradicionalmente chamados “pós-milenistas” foi definida em termos de suas interpretações dos “mil anos” (o ‘milênio’, do latim *millennium*) de Apocalipse 20. “Amilenistas” geralmente veem este texto como uma referência à condição dos santos reinando no céu, enquanto “pós-milenistas” o entendem como uma descrição do domínio dos santos na terra. Como veremos, no entanto, esta maneira de enquadrar a questão pode realmente obscurecer alguns fatos muito importantes sobre a visão *cristã* do “Milênio”. Se desejamos obter uma compreensão da posição ortodoxa, devemos entender que a resposta para esta questão específica não pode ser determinada *primordialmente* pela exegese de textos particulares. Por exemplo, “amilenistas” frequentemente discordam entre si sobre a natureza precisa da(s) ressurreição(ões) em Apocalipse 20 (para citar apenas um dos vários pontos principais em disputa). E Benjamin Warfield, talvez o principal estudioso “pós-milenista” do início deste século, propôs uma exegese de Apocalipse 20 que a maioria dos teólogos consideraria como classicamente “amilenista”!¹

Nossa formulação da questão, portanto, deve ser ampla o suficiente para abranger diversidade de abordagens entre os vários campos amilenistas e pós-milenistas. Em essência, a questão do Milênio se concentra no Reino mediador de Cristo: Quando o Reino de Cristo começou (ou começará)? E uma vez que colocamos a questão dessa forma, algo surpreendente acontece – algo quase inédito nos círculos cristãos: Unidade! Do Dia de Pentecostes em diante, os cristãos ortodoxos reconheceram que o reinado de Cristo começou em Sua Ressurreição/Ascensão e continua até que todas as coisas tenham sido completamente subjugadas sob Seus pés, como São Pedro declarou claramente (At. 2:30-36). “O Milênio”, nesses termos, é simplesmente o Reino de Cristo. Foi inaugurado no Primeiro Advento de Cristo, existe há quase dois mil anos e continuará até o Se-

¹ Benjamin B. Warfield, “The Millennium and the Apocalypse,” *Biblical Doctrines* (New York: Oxford University Press, 1929), pp. 643-64.

gundo Advento de Cristo no Último Dia. Na terminologia “milenar”, isso significa que o retorno de Cristo e a ressurreição de todos os homens ocorrerão *após* “o Milênio”. Neste sentido objetivo, portanto, *o cristianismo ortodoxo sempre foi pós-milenista*. Ou seja, independentemente de como “o Milênio” tenha sido concebido (seja em um sentido celestial ou terrestre) – ou seja, independentemente da exegese técnica de certos pontos em Apocalipse 20 – os cristãos ortodoxos sempre confessaram que Jesus Cristo retornará após (“*pós*”) o término do período designado como “os mil anos”. Neste sentido, todos os “amilenistas” também são “pós-milenistas”. Ao mesmo tempo, *o cristianismo ortodoxo sempre foi amilenista* (isto é, não milenar). A Igreja histórica sempre rejeitou a heresia do milenarismo (em séculos passados, isso era chamado de *quiliasmo*, significando *mil-anos-ismo*). A noção de que o reinado de Cristo é algo totalmente futuro, a ser trazido através de um grande cataclismo social, não é uma doutrina cristã. É um ensinamento heterodoxo, geralmente sustentado por seitas heréticas à margem da Igreja Cristã.² Agora, o Milenarismo pode assumir

² O pré-milenismo parece ter se originado pelo arqui-herexe ebionita Cerinto, um “falso apóstolo” que era um oponente tanto de São Paulo quanto de São João. Cerinto alegou que sua doutrina do Milênio lhe fora revelada por anjos; e é interessante que a epístola de São Paulo aos Gálatas – que trata amplamente de refutar as heresias legalistas de Cerinto – começa com estas palavras: “Porém, ainda que alguém, nós *ou um anjo do céu*, vos pregasse algum outro evangelho além do que vos pregamos, que seja ele amaldiçoado.” (Gl. 1:8)! Sto. Irineu registra que São João saiu correndo de uma terma pública ao encontrar Cerinto e gritou: “Fujamos, para que as termas não desmoronem, porque Cerinto, o inimigo da verdade, está dentro!” Para um relato de Cerinto e suas heresias, veja Sto. Irineu, *Contra as Heresias*, 1:26:1-2; 3:3:4; cf. Eusébio, *História Eclesiástica*, 3:28:1-6; 4:14:6; 4:25:2-3. Como Louis Bouyer observa em *The Spirituality of the New Testament and the Fathers* (Minneapolis: The Seabury Press, 1963, pg. 173), alguns dos Pais da Igreja primitiva (por exemplo, Justino Mártir) adotaram o literalismo pré-milenar por procederem de um contexto pagão, e assim não tinham familiaridade com os gêneros literários e imagens bíblicas. A visão ortodoxa, “agostiniana”, representa uma compreensão mais madura do simbolismo das Escrituras e uma cosmovisão cristã mais consistente. [N.R.: Apesar de a hipótese de Chilton de uma origem ‘cerintia’ para o quiliasmo ser questionada (cf. Gary North, *Febre de Arrebatamento*, pg. 175), a ideia de prevalência absoluta ou transmissão apostólica de tal doutrina não pode ser validada historicamente (cf. Alan P. Boyd, *A Dispensational Premillennial Analysis Of the Eschatology of The Post-Apostolic Fathers [Until the Death of Justin Martyr]*; Albertus Pieters, “Chiliasm in the Writings of the Apostolic Fathers” em *The Calvin Forum*, vol. IV, no. 1 [Aug. 1938], pp. 9-11 e *ibid.*, no. 2 [Sept. 1938], pp. 37-39); Fenton N. Lee, *Always Victorious!: The Earliest Church not Pre- but Postmillennial*, pp. 6, 8-10). Com relação a Papias, o principal proponente do quiliasmo na era pós-apostólica, é digno de nota que quando sua descrição de uma “fertilidade da terra dez mil vezes maior” em seu quiliasmo é “comparada com uma passagem no *Apoca-*

PARTE V: OS SETE CÁLICES

duas formas gerais: o *Pré-milenarianismo* (com a Segunda Vinda sendo o cataclismo que inaugura o Milênio) ou o *Pós-milenarianismo* (com a Revolução Social como o cataclismo). Exemplos do primeiro tipo de quili- asmo seriam, é claro, o movimento ebionita do período da Igreja Primi- tiva e o Dispensacionalismo moderno da escola Scofield-Ryrie.³ Exemplos da heresia pós-milenariana também seriam fáceis de nomear: a Revolta de Münster de 1534, o Nazismo e o Marxismo (seja “Cristão” ou não).⁴ O cristianismo ortodoxo rejeita ambas as formas da heresia milenariana. O cristianismo se opõe à noção de qualquer novo cataclismo redentor ocor- rendo antes do Juízo Final. O cristianismo é antirrevolucionário. Assim,

lipse de Baroque”, torna-se aparente que ele “na realidade registra uma tradição apocalíp- tica judaica e não uma real tradição apostólica cristã” (Ned B. Stonehouse, *The Apocalypse in the Ancient Church: A Study in the History of the New Testament Canon*, pg. 16). Também é questionável se ele de fato conheceu algum dos apóstolos (cf. Eusébio, *História Eclesiás- tica*, 3:39; Kenneth L. Gentry Jr., *Before Jerusalem Fell*, pg. 63)]

³ Talvez o argumento mais básico contra o pré-milenismo seja simplesmente que a Bíblia nunca fala de um reinado de mil anos dos santos – fora de Apocalipse 20, uma passagem altamente simbólica e complexa no livro mais altamente simbólico e complexo da Bíblia! Graeme Goldsworthy observa em *The Lamb and the Lion: The Gospel in Revelation* (Nas- hville: Thomas Nelson Publishers, 1984): “É, no mínimo, altamente improvável que algo tão dramaticamente significativo como um reinado de mil anos de um Cristo reaparecido na Terra antes do fim desta era não seja mencionado em nenhum outro lugar no Novo Testamento” (pg. 127). Algumas obras que refutam o pré-milenismo, a partir de várias perspectivas, são: Jay Adams, *The Time Is at Hand* (Nutley, NJ: Presbyterian and Reformed Publishing Co., [1966] 1970); Oswald T. Allis, *Prophecy and the Church* (Nutley, NJ: Pres- byterian and Reformed Publishing Co., 1945, 1947); Loraine Boettner, *The Millennium* (Phillipsburg, NJ: Presbyterian and Reformed Publishing Co., rev. ed., 1984); David Brown, *Christ’s Second Coming: Will It Be Premillennial?* (Grand Rapids: Baker Book House, [1876] 1983); W. J. Grier, *The Momentous Event: A Discussion of Scripture Teaching on the Second Advent* (Edinburgh: The Banner of Truth Trust, [1945] 1970); Arthur H. Lewis, *The Dark Side of the Millennium: The Problem of Evil in Rev. 20:1-10* (Grand Rapids: Baker Book House, 1980); R. J. Rushdoony, *O Plano de Deus para a Vitória: O Significado do Pós-Milenismo* (Editora Monergismo, 1997); Ralph Woodrow, *His Truth is Marching On: Advanced Studies on Prophecy in the Light of History* (Riverside, CA: Ralph Woodrow Evangelistic Association, 1977).

⁴ Para relatos sobre movimentos heréticos (pós-)milenarianos, veja Igor Shafarevich, *The Socialist Phenomenon*, William Tjalsma, trans. (New York: Harper and Row, Publishers, 1980); Norman Cohn, *The Pursuit of the Millennium: Revolutionary Millenarians and Mystical Anarchists of the Middle Ages* (New York: Oxford University Press, 1957; revised, 1970); Otto Friedrich, *The End of the World: A History* (New York: Coward, McCann & Geoghegan, 1982), pp. 143-77; David Chilton, *Productive Christians in an Age of Guilt-Manipulators: A Biblical Response to Ronald J. Sider* (Tyler, TX: Institute for Christian Eco- nomics, 3rd ed., 1985), pp. 321-42.

embora os cristãos sempre tenham ansiado pela salvação do mundo, crendo que Cristo morreu e ressuscitou para esse propósito, eles também viram a obra do Reino como uma influência fermentadora, que transforma gradualmente o mundo à imagem de Deus. *O cataclismo definitivo já ocorreu na obra consumada de Cristo*. Portanto, dependendo da questão específica que é feita, o cristianismo ortodoxo pode ser considerado ou amilenista ou pós-milenista – porque, na realidade, é ambos.

Um ponto adicional deve ser compreendido: além de ser tanto “amilenista” quanto “pós-milenista”, a Igreja cristã ortodoxa tem sido geralmente *otimista* em sua visão do poder do Evangelho para converter as nações. No meu livro *Paraíso Restaurado* (Editora Monergismo, 2024), eu abri cada capítulo com uma citação do grande Sto. Atanásio sobre a vitória do Evangelho em todo o mundo e a inevitável conversão de todas as nações ao cristianismo. O ponto não era destacar Santo Atanásio como tal; inúmeras declarações expressando a Esperança da Igreja com relação ao triunfo mundial do Evangelho podem ser encontradas ao longo dos escritos dos grandes Pais e mestres, em todas as eras do cristianismo.⁵ Ainda mais significativamente, a crença universal na vitória vindoura pode ser vista na *ação* da Igreja na história. Os cristãos nunca supuseram que sua alta vocação era trabalhar por algum tipo de distensão com o Inimigo. “Pluralismo” nunca foi considerado pelos ortodoxos como um objetivo digno. A Igreja sempre reconheceu que Deus enviou Seu Filho unigênito para redimir o mundo, e que Ele não ficará satisfeito com nada menos do que aquilo pelo qual pagou.

⁵ Veja St. Agostinho, *A Cidade de Deus*, Livro XX. Sobre Sto. Agostinho e a influência de sua filosofia pós-milenista da história, veja Peter Brown, *Augustine of Hippo* (Berkeley and Los Angeles: University of California Press, 1967); Charles Norris Cochrane, *Christianity and Classical Culture: A Study of Thought and Action from Augustus to Augustine* (London: Oxford University Press, [1940, 1944], 1957); Robert Nisbet, *History of the Idea of Progress* (New York: Basic Books, 1980), pp. 47-76. Sobre a extensa herança reformada do pós-milenismo, desde John Calvin até o final do séc. XIX, veja Greg L. Bahnsen, “The *Prima Facie* Acceptability of Postmillennialism”, *The Journal of Christian Reconstruction*, Vol. III, No.2 (Winter, 1976-77), pp. 48-105, esp. pp. 68-105; James B. Jordan, “A Survey of Southern Presbyterian Millennial Views Before 1930”, *The Journal of Christian Reconstruction*, Vol. III, No.2 (Winter, 1976-77), pp. 106-21; J. A. de Jong, *As the Waters Cover the Sea: Millennial Revival and the Interpretation of Prophecy* (Kampen: J. H. Kok, 1970); J. Marcellus Kik, *An Eschatology of Victory* (Nutley, NJ: Presbyterian and Reformed Publishing Co., 1971), pp. 3-29; Iain Murray, *The Puritan Hope: A Study in Revival and the Interpretation of Prophecy* (London: The Banner of Truth Trust, 1971).

PARTE V: OS SETE CÁLICES

Quando os primeiros missionários do Oriente se aventuraram nas terras demonizadas de nossos antepassados pagãos, eles não tinham a menor intenção de desenvolver uma coexistência pacífica com feiticeiros e suas divindades aterrorizantes. Quando São Bonifácio enfrentou o carvalho sagrado de Thor em sua missão aos alemães pagãos, ele simplesmente o cortou e construiu uma capela com a madeira. Milhares de adoradores de Thor, vendo que seu deus não havia conseguido atingir São Bonifácio com um raio, se converteram ao cristianismo na hora. Quanto a São Bonifácio, ele não se abalou com o incidente. Ele sabia que havia apenas um verdadeiro Deus do trovão – o Jeová Triúno.

Não há nada de estranho nisso. A atitude de Esperança, a expectativa de vitória, é uma característica absolutamente fundamental do cristianismo.⁶ O avanço da Igreja através dos tempos é inexplicável à parte dele – assim como também é inexplicável à parte do fato de que a Esperança é *verdadeira*, o fato de que Jesus Cristo *derrotou* os poderes e *reinará* “desde o Rio até os confins da terra.” W. G. T. Shedd escreveu: “À parte do poder e da promessa de Deus, a pregação de uma religião como o cristianismo, para uma população como a do paganismo, é o mais absoluto quixotismo. Ela confronta todas as inclinações e condena todos os prazeres do homem pecador. A pregação do Evangelho encontra sua justificação, sua sabedoria e seu triunfo, apenas na atitude e relação que o Deus infinito e onipotente mantém para com ela. É a *Sua* religião e, portanto, deve, no fim, tornar-se uma religião universal.”⁷

Com o surgimento de escatologias divergentes nos últimos dois séculos, o otimismo evangélico tradicional da Igreja passou a ser identificado pelo termo “pós-milenismo”, quer os chamados “pós-milenistas” gostassem ou não. Isso teve resultados positivos e negativos. No lado positivo, é (como vimos) uma descrição *tecnicamente* precisa da ortodoxia; e carrega a conotação de otimismo. No lado negativo, pode ser muitas vezes confundido com o milenarismo herético. E, embora o “amilenismo” expresse corretamente a aversão ortodoxa à revolução apocalíptica, ele carrega (tanto pelo nome quanto pela associação histórica) uma forte conotação

⁶ Considere o fato de que os compiladores do *Livro de Oração Comum* forneceram “Tabelas para Encontrar Dias Santos” até 8400 d.C.! Claramente, eles estavam pensando no “longo prazo” e não esperavam um “arrebatamento” iminente da Igreja.

⁷ W. G. T. Shedd, *Sermons to the Spiritual Man* (London: The Banner of Truth Trust, [1884] 1972), pg. 421.

de derrotismo.⁸ O presente escritor portanto, se autodenomina um “pós-milenista”, mas também busca ser sensível às inadequações da terminologia teológica atual.⁹

Este pós-milenismo “genérico” sustenta que Jesus Cristo estabeleceu Seu Reino mediador através de Sua morte, ressurreição e ascensão ao Trono celestial, e governa sobre toda a criação como o Segundo Adão até o fim do mundo, quando Ele voltará para julgar os vivos e os mortos; que Ele está conquistando todas as nações pelo Evangelho, estendendo os frutos de Sua vitória por todo o mundo, cumprindo assim o mandato de domínio originalmente dado por Deus a Adão; que, no fim, através do derramamento do Espírito Santo, “a terra estará cheia do conhecimento do SENHOR, como as águas cobrem o mar” (Is. 11:9); e que as promessas bíblicas de bênçãos abundantes, em todas as áreas da vida, serão derramadas por Deus sobre o mundo inteiro, em resposta à fidelidade pactual de Seu povo.¹⁰

⁸ Alguns tentaram remediar isso se autodenominando “amilenistas otimistas”, um termo que não tem nada de errado, exceto pelo fato de ser grande demais (o termo “pós-milenista não quiliástico” sofre do mesmo problema).

⁹ O precedente não pretende minimizar certas outras áreas de disputa entre as várias escolas escatológicas de pensamento. A questão controversa da “graça comum” – que James Jordan denominou mais precisamente de “migalhas da mesa dos filhos” (Mc. 7:27-28) – é especialmente crucial para o debate, e por isso incluí o ensaio de Gary North sobre “Graça Comum, Escatologia e Lei Bíblica” como um apêndice a este volume.

¹⁰ Este é talvez um lugar tão bom quanto qualquer outro para comentar sobre o que atualmente é a “objeção” mais intelectualmente desrespeitosa ao pós-milenismo: a noção de que a Terra não pode experimentar um período futuro de grande bênção física porque os recursos naturais do planeta estão “se esgotando”, e o mundo está se tornando superpovoado e/ou sendo destruído pela poluição (etc.) – popularizada por “estudos” fortemente tendenciosos e até mesmo deliberadamente enganosos, como *Global 2000* e *Limits to Growth*. Em primeiro lugar, essa objeção desconsidera completamente o fato de que, de acordo com a Bíblia, tanto a abundância quanto a fome, produtividade e poluição, vêm da mão do Deus Todo-Poderoso; que Ele pode e recompensa a obediência com bênção, e a desobediência com maldição (Dt. 8:1-20; 28:1-68; Is. 24:1-6). Em segundo lugar, os argumentos de “esgotamento de recursos” e “superpopulação” (etc., etc.) são completamente infundados tanto em relação a dados concretos quanto em relação a teoria econômica sólida. Veja Warren T. Brookes, *The Economy in Mind* (New York: Universe Books, 1982); Edith Efron, *The Apocalypics: Cancer and the Big Lie* (New York: Simon and Schuster, 1984); Herbert I. London, *Why Are They Lying to Our Children?* (New York: Stein and Day, 1984); Charles Maurice e Charles W. Smithson, *The Doomsday Myth: 10,000 Years of Economic Crises* (Stanford: Hoover Institution Press, 1984); Julian L. Simon, *The Ultimate Resource* (Princeton: Princeton University Press, 1981); Julian L.

A Prisão de Satanás (20:1-3)

- 1 E vi um Anjo descendo do céu, tendo a chave do Abismo e uma grande corrente na mão.
- 2 E Ele deteve o Dragão, a antiga Serpente, que é o diabo e Satanás, que engana o mundo inteiro, e o amarrou por mil anos,
- 3 e o lançou no abismo, que fechou e selou sobre ele, para que não mais enganasse as nações, até que os mil anos se completassem; após estas coisas, ele deve ser solto por um pouco de tempo.

1 A importância das imagens nesta passagem é aumentada por sua centralidade como a quarta das sete visões introduzidas pela expressão **E vi** (*kai eidon*; cf. 19:11, 17, 19; 20:4, 11; 21:1). São João vê **um Anjo descendo do céu, tendo a chave do Abismo e uma grande corrente na mão**. Novamente, como em 10:1 e 18:1 (cf. 12:7), este é o Senhor Jesus Cristo, que como Mediador é o Anjo (Mensageiro) da Aliança (Mt. 2:7; 3:1). Seu controle e autoridade absolutos sobre o abismo são simbolizados pela **chave** e pela grande **corrente**. O autor estabelece um contraste marcante: Satanás, a estrela maligna que *caiu* do céu, *recebeu* brevemente a chave do abismo (9:1); mas Cristo **desceu** do céu, **tendo** como Sua posse legítima “as chaves da morte e do Hades” (1:18).

2-3 São João reúne as várias descrições do maligno que ele usou ao longo da profecia: **o Dragão** (12:3-4, 7, 9, 13, 16-17; 13:2, 4, 11; 16:13), **a antiga Serpente** (9:19; 12:9, 14-15), **o diabo** (2:10; 12:9, 12), **Satanás** (2:9, 13, 24; 3:9; 12:9), **o que engana o mundo inteiro** (2:20; 12:9; 13:14; 18:23; 19:20). Mas o poder aterrorizante deste inimigo serve apenas para exibir a grandeza insuperável de seu Conquistador, que tão facilmente o tornou impotente: Jesus Cristo, em Sua missão como o “Anjo do céu”, **deteve o Dragão [...] e o amarrou por mil anos, e o lançou no abismo, que fechou e selou sobre ele**. Como São João declarou em sua primeira epístola, Cristo “foi manifesto para este fim: para destruir as obras do Diabo.” (1 Jo. 3:8, KJC). Em termos deste propósito, o Senhor começou a “amarrar o valente” durante Seu ministério terrestre; tendo completado

Simon e Herman Kahn, eds., *The Resourceful Earth: A Response to “Global 2000”* (Oxford: Basil Blackwell, 1984); William Thcker, *Progress and Privilege: America in the Age of Environmentalism* (Garden City, NY: Anchor Press/Doubleday, 1982). O fato é que o cristianismo, ao produzir a ciência e a tecnologia do Ocidente, aumentou imensamente os recursos da terra.

com sucesso Sua missão, *Ele agora está saqueando a casa de Satanás e levando embora sua propriedade:*

Se eu expulso os demônios pelo Espírito de Deus, logo é chegado a vós o reino de Deus. Ou, como pode alguém entrar na casa do homem valente, e furtar os seus bens, se primeiro não amarrar o valente, saqueando então a sua casa?

(Mt. 12:28-29, ACF; cf. Lc. 11:20-22)

Herman Ridderbos comenta sobre o significado desta declaração e continua fornecendo um excelente resumo dos relatos do Evangelho sobre a vitória de Cristo sobre o diabo: “Essa [Mt. 12:28; Lc. 11:20] não é uma passagem isolada. Toda a luta de Jesus contra os demônios é determinada pela antítese entre o reino dos céus e o domínio de Satanás. Repetidas vezes, o poder superior de Jesus sobre Satanás e sobre o domínio de Satanás prova a entrada do reino de Deus no presente.

“Isso já havia sido demonstrado, no início, pela tentação no deserto. Não pode haver dúvida de que era a realeza messiânica de Jesus que estava em jogo. Por três vezes consecutivas, essa realeza é o ponto de partida de Satanás, retrocedendo às palavras divinas sobre Jesus no seu batismo (Mt. 3:17; Mc. 1:11; Lc. 3:22; Mt. 4:3, 6; Lc. 4:3, 9). Em especial, a tentação com respeito a ‘todos os reinos do mundo’ (Mt. 4:8ss; Lc. 4:5ss) mostra o que estava em jogo no conflito entre Jesus e Satanás. Aqui, Satanás aparece como ‘o príncipe deste mundo’ (cf. Jo. 12:31; 14:30; 16:11), que se opunha ao reino de Deus e que sabe que Jesus disputará esse poder com ele no nome de Deus. Nesse caso, então, junto com a messianidade, o reino de Deus está em jogo. Ao mesmo tempo, parece que a vitória sobre Satanás a ser obtida pelo reino de Deus não é somente uma questão de *poder*, mas, primeiro e acima de tudo, trata-se de uma questão de *obediência* da parte do Messias. O Messias não deveria fazer uso arbitrário da autoridade que lhe fora confiada. Ele tem de obter o poder que Satanás oferece somente da maneira determinada por Deus. É por esse motivo que a vitória de Jesus começa com a rejeição da tentação. Isso também marca a chegada do reino, embora essa vitória tenha que ser renovada, repetidas vezes, durante sua vida na terra (cf. Lc. 4:13; Mt. 16:23 e paral.; 26:38 e paral.; 27:40-43 e paral.).

“Desde o início da atividade pública de Jesus, seu poder sobre Satanás já havia se firmado. Isso é provado não só pela expulsão dos demônios em si, mas também *pela maneira pela qual os endemoninhados se comportavam em*

sua presença (cf. Mc. 1:24; Lc. 4:34; Mc. 5:7; Mt. 8:29; Lc. 8:28, 31). Quando Jesus se aproxima, eles levantam um clamor, obviamente de medo. Eles mostram que têm um conhecimento sobrenatural da sua pessoa e do significado da sua vinda (cf. Mc. 1:34; 3:11). Eles o chamam de ‘o santo de Deus’, ‘o filho de Deus’, ‘Filho do Altíssimo’. Com isso, eles reconhecem a sua dignidade messiânica (cf. Lc. 4:41). Eles consideram a vinda de Jesus como a destruição deles (Mc. 1:24; Lc. 4:34) e seu tormento (Mt. 8:29; Mc. 5:7; Lc. 8:28). Eles se sentem impotentes e tentam apenas prolongar sua existência na terra (Mt. 8:29; Mc. 5:10) e imploram a Jesus que não os mande para ‘o abismo’, isto é, o lugar da sua perdição eterna (Lc. 8:31; cf. Ap. 20:3ss). Tudo isso mostra que, na pessoa de Jesus, a vinda do reino se tornou uma realidade presente, pois a base do exercício do poder de Deus sobre o diabo e o seu governo é a vinda do reino.

“Finalmente, devemos nos referir, nesse contexto, a Lucas 10:18-19. Jesus havia enviado os setenta (ou 72) que retornaram para ele com júbilo, relatando o sucesso de sua missão. E, então, Jesus declara: ‘Eu via Satanás caindo do céu como um relampado. Eis aí vos dei autoridade para pisardes serpentes e escorpiões, e nada absolutamente vos causará dano.’ Assim, ele aceita o regozijo daqueles que havia enviado e mostra-lhes o fundamento do seu poder sobre os demônios. O sentido geral disso é claro: o próprio Satanás havia caído com grande força de sua posição de poder. Isso é o que Jesus viu com seus próprios olhos. Por isso os ajudantes de Satanás não podem manter-se de pé. [...] O que realmente conta é que o que foi dito nesse caso é essencialmente o mesmo que foi dito em Mateus 12:28 e Lucas 11:21: o grande momento da quebra do domínio de Satanás chegou ao mesmo tempo em que veio o reino dos céus. A redenção não é mais um acontecimento futuro, mas tornou-se *presente*.

“Nesse conflito, foi o próprio Jesus quem quebrou o poder de Satanás e continua a fazê-lo. Isso transparece do que se segue, quando ele expõe aos discípulos o poder que lhes havia dado para pisar serpentes e escorpiões e sobre todo o poder do inimigo, de tal maneira que, também no futuro, nada lhes seria impossível. O “inimigo”, mais uma vez, é Satanás. *Serpentes* e *escorpiões* são mencionados aqui como instrumentos dele (Sl. 91:13), por meio dos quais ele, traiçoeiramente, tenta destruir o homem. Porém, todo o poder que Satanás tem à sua disposição para trazer morte e destruição sobre a terra (cf., p. ex., Hb. 2:14) foi colocado em sujeição aos

discípulos. Tudo isso indica e confirma que o grande momento da salvação, o cumprimento da promessa, o reino dos céus, chegou.”¹¹

Toda a mensagem do Novo Testamento (cf. Ef. 4:8; Cl. 2:15; Hb. 2:14) enfatiza que Satanás foi definitivamente derrotado na vida, morte, ressurreição e ascensão de Jesus Cristo. É absolutamente crucial lembrar que ao falar da “Ascensão” de Cristo – Sua Vinda ao Trono do Ancião dos Dias (Dn. 7:13-14) – estamos falando não apenas de Seu único ato de ascender à Nuvem, mas também das consequências diretas e imediatas desse ato: o derramamento do Espírito sobre a Igreja em 30 d.C. (Lc. 24:49-51; Jo. 16:7; At. 2:17-18, 33) e o derramamento da ira sobre Jerusalém e o Templo em 70 d.C. (Dn. 9:24-27; At. 2:19-20). Pentecostes e Holocausto foram a Ascensão aplicada. O ato final no drama da prisão *definitiva* (como distinto da *progressiva* e *consumativa*)¹² de Satanás foi executado na destruição do sistema da Antiga Aliança. É por isso que São Paulo, escrevendo alguns anos antes do evento, pôde assegurar à Igreja que “o Deus de paz esmagará em breve a Satanás debaixo de vossos pés” (Rm. 16:20).

Por todas essas razões, é geralmente sugerido por autores pós-milenistas e amilenistas que a prisão de Satanás, **para que ele não engane mais as nações**, se refere à sua incapacidade de impedir que a mensagem do Evangelho alcance sucesso. E, até certo ponto, essa interpretação certamente tem garantia bíblica: antes da vinda de Cristo, Satanás controlava as nações,¹³ mas agora seu domínio mortal foi quebrado pelo Evangelho,

¹¹ Herman Ridderbos, *A Vinda do Reino*, trad. Augustus Nicodemus Lopes, Minka S. Lopes (Editora Cultura Cristã, 2010), pp. 64-66.

¹² Satanás é preso *progressivamente* à medida que o Reino de Cristo cresce ao longo da história, estendendo sua influência para transformar todos os aspectos da vida (Mt. 5:13-16; 13:31-33), e na experiência diária dos cristãos à medida que resistimos com sucesso ao diabo (Tg. 4:7) e proclamamos a Palavra de Deus (Ap. 12:10). Satanás será preso *consumadamente* no Último Dia, quando a própria morte for destruída na Ressurreição (Jo. 6:39-40; 1 Co. 15:22-26, 51-54). Sobre o padrão definitivo-progressivo-final em geral, veja David Chilton, *Paraíso Restaurado* (Editora Monergismo, 2024), pp. 36f., 53-54, 84-85, 152, 161ff., 225-226, 229, 243.

¹³ Um bom relato da difusão da atividade demoníaca e do controle por todo o antigo mundo pagão está contido nos primeiros dez livros da *Cidade de Deus* de Sto. Agostinho, mas o fato é óbvio até mesmo nos escritos dos próprios pagãos. Praticamente todas as páginas da *História* de Heródoto ou da *Eneida* de Virgílio trazem testemunho eloquente e explícito da tirania que os “deuses” exerciam sobre todos os aspectos da vida e do pensamento pagãos. No entanto, tudo parou com a Ressurreição de Cristo: os deuses de repente pararam de falar, como o escritor pagão Plutarco observou em sua obra *Sobre o Porquê dos Oráculos Fracassarem*, e como Sto. Atanásio constantemente observa em seu

à medida que as boas novas do Reino se espalharam por todo o mundo. O Senhor Jesus enviou o apóstolo Paulo às nações gentias “para abrir-lhes os olhos, e os converteres das trevas à luz, e do poder de Satanás a Deus, para que eles possam receber o perdão dos pecados, e herança entre os santificados pela fé em mim.” (At. 26:18). Cristo veio “para reger os gentios” (Rm. 15:12). O fato de Satanás ter sido preso não significa que toda a sua atividade cessou. O Novo Testamento nos diz especificamente que os demônios foram desarmados e presos (Cl. 2:15; 2 Pe. 2:4; Jd. 6) – mas eles ainda estão ativos. O que ocorre é que sua atividade está restrita. E, à medida que o Evangelho progride pelo mundo, sua atividade se tornará ainda mais limitada. Satanás é incapaz de impedir a vitória do Reino de Cristo. Nós venceremos (1 Jo. 4:4). “Seja, pois, de vosso conhecimento, que aos gentios é enviada a salvação de Deus, e que eles a ouvirão” (At. 28:28).

Os grandes pais e mestres da Igreja sempre reconheceram que Cristo derrotou definitivamente Satanás em Sua Primeira Vinda. Como disse Sto. Irineu, “O Verbo de Deus, o Artífice de todas as coisas, vencendo-o na sua humanidade e denunciando a sua rebelião, submeteu-o, por sua vez, ao homem, dizendo: ‘Eis que vos dou o poder de pisar serpentes, escorpiões e todo o poder do inimigo’ [Lc. 10:19], de forma que, tendo dominado o homem por meio da apostasia, assim por meio do homem que voltava a Deus, fosse eliminada a sua apostasia.”¹⁴ Santo Agostinho concordou: “O diabo foi vencido por seu próprio troféu de vitória. O diabo saltou de alegria quando seduziu o primeiro homem e o lançou à morte. Ao seduzir o primeiro homem, ele o matou; ao matar o último homem, ele perdeu o primeiro de sua armadilha. A vitória de nosso Senhor Jesus Cristo veio quando ele ressuscitou e ascendeu ao céu; então se cumpriu o que ouvistes quando o Apocalipse estava sendo lido, ‘O Leão da tribo de Judá venceu’ [Ap. 5:5]. [...] O diabo saltou de alegria quando Cristo morreu; e pela própria morte de Cristo o diabo foi vencido: ele mordeu, por assim dizer, a isca na ratoeira. Ele se alegrou com a morte, pensando ser o comandante da morte. Mas aquilo que causou sua alegria

tratado clássico *A Encarnação do Verbo*. Cf. a ampla discussão sobre o fim cosmovisão arcaica em Giorgio de Santillana e Hertha von Dechend, *Hamlet's Mill: An Essay on Myth and the Frame of Time* (Ipswich: Gambit, 1969), pp. 56-75, 275-87, 340-43.

¹⁴ Sto. Irineu, *Contra as Heresias*, 5:24:4.

foi-lhe apresentado como isca. A cruz do Senhor foi a ratoeira do diabo: a isca que o capturou foi a morte do Senhor.”¹⁵

Mas o impulso preciso de Apocalipse 20 parece lidar com algo muito mais específico do que uma amarração geral e derrota de Satanás. São João nos diz que o Dragão está **amarrado** com referência à sua capacidade de **enganar as nações** – em particular, como aprendemos no versículo 8, o poder do Dragão “para enganar as nações ... *para reuni-las para a guerra*”. O objetivo declarado do engano do Dragão é seduzir as nações a unir forças contra Cristo para a guerra final e total no fim da história. O desejo de Satanás desde o início tem sido frequentemente o de provocar um cataclismo escatológico prematuro, para trazer o fim do mundo e o Juízo Final *agora*. Ele quer apressar Deus para o julgamento a fim de destruí-Lo, ou, pelo menos, fazer o Seu programa entrar em curto-circuito e destruir o trigo com o joio (cf. Mt. 13:24-30). Em certo sentido, ele pode ser considerado seu próprio *agente provocador*, conduzindo suas tropas precipitadamente a uma rebelião do fim dos tempos que invocará o julgamento de Deus e impedirá o amadurecimento pleno do Reino de Deus.

Escrevendo sobre a parábola de Jesus sobre o fermento – “O reino do céu é semelhante ao fermento, que uma mulher tomou e escondeu em três medidas de farinha, até ficar tudo levedado.” (Mt. 13:33) – Gary North observa: “O reino de Deus é semelhante ao fermento. O cristianismo é a levedura, e tem um efeito de fermentação nas culturas pagãs e satânicas ao seu redor. Ele permeia toda a cultura, fazendo-o crescer. O pão que se produz por esse fermento é o *pão mais excelente*. Nos tempos antigos – na verdade, até o advento do industrialismo do final do século XIX e dos métodos agrícolas modernos – o pão fermentado era considerado o sustento da vida, o símbolo da mão sustentadora de Deus. ‘Dá-nos hoje o pão nosso de cada dia’, os cristãos têm orado por séculos, e eles têm comido pão fermentado em suas mesas. Assim como os antigos hebreus. O reino de Deus é a força que produz o pão de boa qualidade que todos os homens buscam. O simbolismo deve ser óbvio: *O cristianismo torna a vida uma alegria para homens piedosos. Ele provê aos homens o que há de melhor*.”

“O fermento leva tempo para produzir seu produto. Leva tempo para a massa carregada de fermento crescer. *O fermento é um símbolo de continui-*

¹⁵ Sto. Agostinho, *Sermões*, 261; trad. Henry Bettenson, ed., *The Later Christian Fathers: A Selection From the Writings of the Fathers from St. Cyril of Jerusalem to St. Leo the Great* (Oxford: Oxford University Press, 1970, 1977), pg. 222.

dade histórica, assim como o pão sem fermento era o símbolo de descontinuidade histórica de Israel. Os homens podem esperar que a levedura faça o seu trabalho. Deus dá ao homem tempo para o trabalho de Seu fermento espiritual. Os homens podem não entender exatamente como o fermento funciona – como o poder espiritual do reino de Deus se espalha por toda a cultura e a faz crescer – mas eles podem ver e saborear seus efeitos. Se realmente formos a analogia (ou sová-la, digamos assim), podemos apontar para o fato de que a massa é sovada várias vezes pelo padeiro antes do cozimento final, quase da forma como Deus, por meio dos agentes de Satanás no mundo, sova Seu reino na história. No entanto, o fermento faz seu trabalho maravilhoso, *desde que o fogo do forno não seja aceso prematuramente.* Se o calor total do forno for aplicado à massa antes que o fermento tenha feito seu trabalho, tanto o fermento quanto a massa perecem nas chamas. Deus espera para aplicar o calor final (2 Pe. 3:9-10). Primeiro, Seu fermento – Sua igreja – deve fazer seu trabalho, no tempo e na terra. O reino de Deus (que inclui a igreja institucional, mas é mais amplo do que a igreja institucional) deve crescer, tendo ‘descorrompido’ a massa satânica do reino de Satanás com o evangelho da vida, incluindo a reconstrução vivificante de todas as instituições da cultura.

“Que descrição maravilhosa do reino de Deus! Os cristãos trabalham dentro do material cultural disponível em qualquer cultura, buscando refiná-lo, permeá-lo e transformá-lo em algo fino. Eles sabem que serão bem-sucedidos, assim como o fermento é bem-sucedido na massa, no fim, se lhe for dado tempo suficiente para fazer seu trabalho. É isso que Deus implicitamente nos promete na analogia do fermento: *tempo suficiente para cumprir nossas tarefas individuais e coletivas.* Ele nos diz que Seu reino produzirá o pão desejável da vida. Levará tempo. Pode levar várias sovas, pois Deus, por meio da hostilidade do mundo, amassa a massa cheia de fermento das culturas dos homens. Mas o resultado final é garantido. Deus não pretende queimar Seu pão até ficar crocante e inútil, colocando-o prematuramente no forno. Ele é um padeiro melhor do que isso.”¹⁶

Como Tertuliano declarou em sua defesa magistral da fé cristã: “Nós somos um ‘corpo’ pela consciência de uma mesma crença e pela unidade de uma mesma disciplina, e pelo laço de uma mesma esperança. Nós vamos juntos formando um grupo e uma congregação, a fim de que assedi-

¹⁶ Gary North, *Moses and Pharaoh: Dominion Religion Versus Power Religion* (Tyler, TX: Institute for Christian Economics, 1985), pp. 169f.

emos a Deus com nossas orações como um batalhão de soldados. Esta virulência é agradável a Deus. Também oramos pelos imperadores, por seus ministérios e por seus poderes, pelo estado presente do mundo, *pela paz do mundo, pelo adiamento do fim*.¹⁷

O propósito específico da prisão do Dragão, portanto, é impedi-lo de incitar a escatológica “guerra para acabar com todas as guerras”, a batalha final – até que Deus esteja pronto. Quando a Cidade-Reino de Deus estiver totalmente amadurecida, então Ele libertará Satanás mais uma vez e permitirá que ele engane as nações para a conflagração final. Mas o fogo cairá de acordo com o cronograma de Deus, não o do Dragão. Em cada ponto, Deus está controlando os eventos para Sua própria glória.

Satanás deve permanecer preso, nos diz São João, por **mil anos** – um número grande e arredondado. Vimos que, assim como o número *sete* conota uma plenitude de *qualidade* no simbolismo bíblico, o número *dez* contém a ideia de uma plenitude de *quantidade*; em outras palavras, ele representa a *multidão*. Mil multiplica e intensifica isso (10 x 10 x 10), a fim de expressar grande vastidão (cf. 5:11; 7:4-8; 9:16; 11:3, 13; 12:6; 14:1, 3, 20).¹⁸ Assim, Deus afirma possuir “o gado sobre mil colinas” (Sl. 50:10). Isso, é claro, não significa que o gado na milésima primeira colina pertença a outra pessoa. Deus possui todo o gado em todas as colinas. Mas Ele diz “mil” para indicar que há muitas colinas e muito gado (cf. Dt. 1:11; 7:9; Sl. 68:17; 84:10; 90:4). Da mesma forma, os **mil anos** de Apocalipse 20 representam um vasto e indefinido período de tempo (embora sua natureza limitada e provisória como uma era pré-consumação seja salientada pelo fato de que a frase é mencionada apenas *seis* vezes neste capítulo). Já durou quase 2.000 anos e provavelmente continuará por muitos mais. Milton Terry observa: “Os *mil anos* devem ser entendidos como um número simbólico, denotando um longo período. É um número redondo, mas representa um período indefinido, um éon cuja duração seria uma loucura tentar calcular. Seu início é datado da grande catástrofe deste livro, a queda da Babilônia mística. É o éon inaugurado com o irromper do grande Conquistador de 19:11-16, e que continua até que ele tenha posto

¹⁷ Tertuliano, *Apologia*, 39 em *Patrística – Apologético / o Pálio*, trad. Luís Carlos L. Carpinetti (Editora Paulus, 2022).

¹⁸ Uma analogia desse uso das Escrituras é a maneira como nós, com uma mentalidade mais inflacionária, usamos o termo *milhão*: “Eu já te disse um milhão de vezes!” (Eu suspeito que até mesmo os “literalistas” falam dessa maneira ocasionalmente.)

todos os seus inimigos debaixo de seus pés (1 Co. 15:25). É o mesmo período necessário para a pedra da profecia de Daniel (Dn. 2:35) encher a terra, e a semente de mostarda da profecia de Jesus consumir seu crescimento mundial (Mt. 13:31-32). Por quanto tempo o Rei dos reis continuará Sua batalha contra o mal e postergará o último golpe decisivo, quando Satanás será ‘solto por um pouco de tempo’, nenhum homem pode sequer estimar aproximadamente. Pode até exigir um milhão de anos.”¹⁹

A prisão do Dragão o impede de continuar a enganar as nações, até que os mil anos se **completassem; após estas coisas, ele deve ser solto por um pouco de tempo**, no qual ele novamente sai para enganar as nações. A história do Dragão será retomada no versículo 7, e então aqui precisamos notar apenas o uso que São João faz da palavra **deve** (literalmente, **é necessário**; cf. 1:1; 4:1; 10:11; 11:5; 13:10; 17:10; 22:6). Em todos os momentos, a atividade de Satanás ocorre sob o governo estrito da Providência de Deus. Como Swete observa, “é em vão especular sobre os fundamentos dessa necessidade” (sobre os quais ele imediatamente passa a especular!),²⁰ é suficiente que Deus tenha decretado sua necessidade. O Dragão não é seu próprio mestre. Ele foi detido e amarrado e preso no Abismo, e um dia ele será solto por um breve período – mas tudo isso acontece de acordo com os bons e santos propósitos de Deus. Todo o ódio e a fúria do Dragão contra o Reino de Cristo são totalmente impotentes e ineficazes; ele é impotente para fazer qualquer coisa até que seja deliberadamente **solto** por Aquele que detém a chave do Abismo.

A Primeira Ressurreição (20:4-6)

- 4 E vi tronos, e assentaram-se sobre eles, e lhes foi dado julgamento. E vi as almas dos que foram decapitados por causa do testemunho de Jesus e por causa da Palavra de Deus, e dos que não adoraram a Besta nem a sua Imagem, e não receberam a sua marca nas suas testas e nem nas suas mãos; e viveram e reinaram com Cristo por mil anos.
- 5 (O restante dos mortos não viveu até que os mil anos se completassem.) Esta é a Primeira Ressurreição.

¹⁹ Milton Terry, *Biblical Apocalypics: A Study of the Most Notable Revelations of God and of Christ in the Canonical Scriptures* (New York: Eaton and Mains, 1898), pg. 451.

²⁰ Henry Barclay Swete, *Commentary on Revelation* (Grand Rapids: Kregel Publications, [1911] 1977), pg. 261.

- 6 Bem-aventurado e santo é aquele que tem parte na Primeira Ressurreição; sobre estes a Segunda Morte não tem poder, mas serão sacerdotes de Deus e de Cristo e reinarão com Cristo por mil anos.

4 A nova visão é do Reino de mil anos: **E vi tronos, e assentaram-se sobre eles.** Não nos é dito explicitamente quem são estes, mas não deve haver dúvidas sobre sua identidade, pois eles estão entronizados. São João usa a palavra **tronos** (plural) apenas com referência aos vinte e quatro anciãos:

E ao redor do Trono havia vinte e quatro tronos; e sobre os tronos vi vinte e quatro anciãos assentados, vestidos de branco, e com coroas de ouro em suas cabeças. (4:4)

E os vinte e quatro anciãos, que estão assentados em seus tronos diante de Deus, prostraram-se e adoraram a Deus. (11:16)

Como vimos, os vinte e quatro anciãos de São João são a assembleia representativa da Igreja, o Sacerdócio Real. Ao longo da profecia, o povo de Deus é visto reinando como sacerdotes com Cristo (1:6; 5:10), usando coroas (2:10; 3:11), possuindo autoridade real sobre as nações (2:26-27), assentados com Cristo em Seu Trono (3:21). Todas essas coisas são simbolizadas na imagem do presbitério celestial (4:4): Como *reis*, os anciãos sentam-se em tronos; como *sacerdotes*, eles são vinte e quatro em número (cf. 1 Cr. 24), e usam coroas (cf. Ex. 28:36-41).

A relação entre o sacerdócio dos anciãos e o da Igreja em geral foi bem resumida por T. F. Torrance em seu excelente estudo *Royal Priesthood* [Sacerdócio Real]: “Na Igreja do Antigo Testamento havia um sacerdócio duplo, o sacerdócio de todo o corpo por meio da iniciação pela circuncisão ao sacerdócio real, embora esse sacerdócio efetivamente funcionasse por meio dos primogênitos. Dentro desse sacerdócio real foi dado a Israel um sacerdócio institucional na tribo de Levi, e dentro dessa tribo, a casa de Aarão. O propósito do sacerdócio institucional era servir ao sacerdócio real, e o propósito do sacerdócio real, que é de Israel como um reino de sacerdotes, era servir ao propósito salvífico de Deus para todas as nações. Assim é com a Igreja Cristã. O verdadeiro sacerdócio é o de todo o Corpo, mas dentro desse Corpo ocorre uma separação para o sacerdócio corporativo, para a edificação de todo o Corpo, servindo a todo o Corpo, a fim

de que todo o Corpo como o próprio Corpo de Cristo possa cumprir Seu ministério de reconciliação proclamando o Evangelho entre as nações. Dentro do sacerdócio corporativo de todo o Corpo, então, há um sacerdócio particular separado para ministrar à edificação do Corpo até que o Corpo alcance a plenitude de Cristo (Ef. 4:13). [...] Este ministério é tão essencial para a Igreja quanto a Bíblia e as ordenanças sacramentais, mas, como elas, esta ordem do ministério passará na *parousia*, quando o verdadeiro sacerdócio do Corpo uno, distinto do sacerdócio institucional, será plenamente revelado.”²¹

Portanto, não somos forçados a escolher se aqueles que estão entronizados no Milênio são os anciãos *ou* a Igreja, porque ambos são verdadeiros. Na visão de São João, ele vê os anciãos em tronos – mas eles representam toda a Igreja.²² Relacionada a isso está a promessa que Jesus fez aos Seus discípulos: “Em verdade eu vos digo que vós, que me seguistes, que na regeneração, quando o Filho do homem se assentar no trono da sua glória, também vos assentareis sobre doze tronos, para julgar as doze tribos de Israel.” (Mt. 19:28; cf. Lc. 22:30, onde o termo *reino* é usado em vez de *regeneração*). Através de Sua morte, ressurreição e ascensão ao Seu glorioso Trono (Ef. 1:20-22), Jesus inaugurou a Era do Reino (Cl. 1:13) – a Regeneração – na qual todas as nações estão sendo trazidas para cear em Sua Mesa com os patriarcas e apóstolos (Is. 52:15; Lc. 13:28-29; 22:29-30). Nesta era, os apóstolos reinam sobre o Novo Israel; eles são o próprio fundamento da Igreja (Ef. 2:20), que em si é uma nação de sacerdotes reais (1 Pe. 2:9).

Jesus deu a Seus discípulos duas promessas a respeito da era messiânica: que eles se sentariam em *tronos* e que eles *julgariam*. É precisamente isso que São João nos mostra neste texto. Ele fala daqueles que se sentam nos tronos do Reino, e acrescenta que **lhes foi dado julgamento**, em paralelo com a sua declaração em 11:18 de que os santos são “julgados” ou “vindicados”; além disso, no entanto, há o sentido aqui de que o privilégio

²¹ T. F. Torrance, *Royal Priesthood* (Edinburgh: Oliver and Boyd Ltd., 1955), pg. 81.

²² Pode-se perguntar: Por que São João não *disse* simplesmente que aqueles que ele viu em tronos eram os vinte e quatro anciãos? Há pelo menos duas razões: primeiro, os vários indícios no texto (a menção de tronos, julgamento e um sacerdócio reinando com Cristo) tornam uma identificação explícita desnecessária; segundo, em consonância com o simbolismo da Igreja como o Novo Israel, São João usa o termo *ancião* doze vezes (4:4, 10; 5:5, 6, 7, 11, 14; 7:11, 13; 11:16; 14:3; 19:4). Neste ponto do Livro do Apocalipse, ele já usou sua “cota”!

de julgar (governar) é **dado** nas mãos dos santos. Antes da vitória de Cristo sobre Satanás, a Igreja era julgada e governada pelas nações pagãs, porque Adão abdicara de sua posição de julgamento e a entregara ao Dragão. Mas agora o Filho do Homem, o Segundo Adão, ascendeu ao Trono como o soberano dos reis da terra, e Seu povo ascendeu para governar com Ele (Ef. 2:6). Definitivamente – e em um nível cada vez maior à medida que a era avança – o julgamento é dado ao povo de Deus.²³ O Mandato de Domínio de Gênesis 1:26-28 (cf. Sl. 8; Hb. 2) será cumprido por meio do triunfo do Evangelho; à medida que o Evangelho progride, o mesmo ocorre com o domínio dos santos. Os dois andam juntos. Em Sua Grande Comissão (Mt 28:18-20), Jesus nos ordenou a *ensinar* e *discipular* as nações, e à medida que a terra for gradualmente discipulada nos mandamentos da Palavra de Deus, as fronteiras do Reino se expandirão. Inevitavelmente, por meio do evangelismo, o reinado dos cristãos se tornará tão extenso que “a terra estará cheia do conhecimento do SENHOR, como as águas cobrem o mar.” (Is 11:9). As bênçãos edênicas abundarão em todo o mundo à medida que a obediência à lei de Deus tornar-se cada vez maior em meio às nações convertidas (Lv. 26:3-13; Dt. 28:1-14).²⁴

Deve ser enfatizado, no entanto, que o caminho para o domínio cristão não passa primordialmente pela ação política. Embora a esfera política, assim como todos os outros aspectos da vida, seja uma área válida e necessária para a atividade e consequente domínio cristãos, devemos evitar a tentação perene de buscar poder político. O domínio no governo civil não pode ser obtido antes de termos atingido a maturidade em sabedoria – o resultado de gerações de *autogoverno* cristão. À medida que aprendemos a aplicar a Palavra de Deus a situações práticas em nossas vidas pessoais, nossos lares, nossas escolas e nossos negócios; à medida que as igrejas cristãs exercem o julgamento bíblico sobre seus próprios oficiais e membros, respeitando e aplicando a disciplina de outras igrejas; *então* os cristãos poderão ser confiados com maiores responsabilidades. Aqueles que são fiéis no pouco, sobre o muito serão colocados (Mt. 25:21, 23), mas

²³ Veja os dois ensaios de Gary North: “Witnesses and Judges”, *Biblical Economics Today*, Vol. VI, No.5 (Aug./Sept. 1983); “Christ’s Mind and Economic Reconstruction”, *Biblical Economics Today*, Vol. VII, No.1 (Dec./Jan. 1984).

²⁴ Iain Murray demonstrou em *The Puritan Hope: Studies in Revival and the Interpretation of Prophecy* (London: The Banner of Truth Trust, 1971) como essa visão da conversão mundial forneceu uma inspiração básica para a atividade missionária ao longo da história da Igreja, especialmente a partir da Reforma Protestante.

“a quem quer que muito for dado, muito será requerido dele” (Lc. 12:48; cf. Lc. 16:10-12; 19:17). Uma das marcas distintivas dos movimentos heréticos ao longo da história da Igreja tem sido a tentativa de tomar o manto do poder político antes que ele seja concedido.

Toda essa questão foi explorada cuidadosamente em um excelente ensaio de James Jordan, e o melhor serviço que posso prestar ao leitor interessado neste momento é simplesmente direcioná-lo a ele.²⁵ Jordan conclui seu estudo com estas palavras: “Quando estivermos prontos, Deus nos dará o manto. O fato de Ele não o ter feito prova que não estamos prontos. Afirmar nossa prontidão não O enganará. Oremos para que Ele não nos esmague dando-nos tal autoridade antes de estarmos prontos para isso. Planejemos para que nossos bisnetos estejam prontos para isso. Vamos cuidar de nossos negócios, adquirindo sabedoria na família, na igreja, no estado e nos negócios, e evitando confrontos com os poderes constituídos. [...] Pois tão certo quanto Cristo ressuscitou do túmulo e ascendeu à glória real nas alturas, tão certo é que Seus santos herdarão o reino e governarão em Seu nome, quando chegar a hora certa.”²⁶ *Quando chegar a hora certa.*

São João nos diz que, além dos anciãos entronizados, ele viu aqueles que os anciãos representam: Primeiro, **as almas dos que foram decapitados por causa do testemunho de Jesus e por causa da Palavra de Deus.** Esta expressão é quase idêntica à sua descrição dos mártires sob o altar:

²⁵ James B. Jordan, “Rebellion, Tyranny, and Dominion in the Book of Genesis”, em Gary North, ed., *Tactics of Christian Resistance*, Christianity and Civilization No.3 (Tyler, TX: Geneva Ministries, 1983), pp. 38-80.

²⁶ Ibid., pg. 74. Neste contexto, também vale a pena repetir as observações de Jordan sobre o chamado movimento “patriótico” de resistência fiscal: “Devemos ter em mente que o pagão está interessado principalmente no *poder*. Isso significa que a manutenção da força (o recrutamento) e a apreensão do *dinheiro* (tributação excessiva) são de interesse primário absoluto para ele. Se pensarmos que essas são as coisas mais importantes, então faremos delas o ponto de resistência (tornando-nos ‘patriotas fiscais’ ou algo assim). Pensar dessa forma é pensar como pagãos. Para o cristão, as coisas primárias são a retidão (guarda sacerdotal) e o trabalho diligente (domínio real). Em geral, os pagãos não se importam com o quão justos somos, ou o quão duro trabalhamos, contanto que recebam seu dinheiro de impostos. É por isso que a Bíblia em todos os lugares ensina a concordar com impostos opressivos, e em nenhum lugar sugere a legitimidade da resistência fiscal” (pg. 79).

Vi [...] as almas daqueles que foram mortos por causa da Palavra de Deus e por causa do Testemunho que mantiveram. (6:9)

Há uma diferença significativa, no entanto: o uso da palavra **decapitado**. Embora a maioria dos comentaristas esteja certamente correta em ver isso como uma referência geral a todos os mártires da Fé (por quaisquer meios que tenham sido mortos), devemos tentar dar o devido valor à escolha de São João desse termo em particular. O verbo grego (*pelekizō*) não é usado em nenhum outro lugar da Bíblia, mas o ato de decapitar é mencionado, sob um sinônimo (*apokephalizō*), em Mateus 14:10, Marcos 6:16, 27 e Lucas 9:9. O sujeito da decapitação, é claro, foi João Batista, o último dos profetas da Antiga Aliança e o Precursor de Jesus Cristo. Como o Elias dos últimos dias (Ml. 4:5; Mt. 11:14; 17:10-13; Lc. 1:17), ele resumiu a mensagem de todas as testemunhas precedentes: “Pois todos os profetas e a lei profetizaram até João.” (Mt. 11:13). Parece provável, portanto, que São João esteja aqui chamando nossa atenção para o fato de que as testemunhas da Antiga Aliança, simbolizadas por João, o Precursor, devem ser contadas entre os fiéis mártires que “vivem e reinam com Cristo”.

Uma questão surge imediatamente: os fiéis da Antiga Aliança realmente deram o Testemunho de *Jesus*? É impressionante que São João enfatize de forma incomum o nome de Jesus, como se quisesse destacar a posição especificamente *cristã* dessas testemunhas “decapitadas”. E o Novo Testamento deixa claro que, como João, todas as testemunhas da Antiga Aliança foram Precursoras de Jesus Cristo, testificando Dele:

Então, ele lhes disse: Ó tolos, e tardos de coração para crerdes em tudo o que os profetas falaram! Não convinha que o Cristo sofresse essas coisas e entrasse na sua glória? E, começando por Moisés e por todos os profetas, explicou-lhes em todas as escrituras as coisas a seu respeito. (Lc. 24:25-27)

Não penseis que eu vos hei de acusar para o Pai; há um que vos acusa, Moisés, em quem vós confiais. Porque se vós crêsseis em Moisés, teriam crido em mim, porque de mim ele escreveu. (Jo. 5:45-46)

A este dão testemunho todos os profetas, que por meio de seu nome, todo aquele que nele crer, receba a remissão dos pecados. (At. 10:43)

Paulo, servo de Jesus Cristo, chamado para ser apóstolo, separado para o evangelho de Deus (que ele antes prometeu pelos seus profetas nas santas escrituras), acerca de seu Filho [...] (Rm. 1:1-3)

Mas agora a justiça de Deus se manifestou sem a lei, tendo o testemunho da lei e dos profetas; a justiça de Deus, que é pela fé de Jesus Cristo para todos, e sobre todos os que creem. (Rm. 3:21-22)

As fileiras daqueles que reinam com Cristo também são preenchidas pelos fiéis da Nova Aliança, os vencedores dos dias de São João que também deram o Testemunho de Jesus: **que não adoraram a Besta nem a sua Imagem, e não receberam a sua marca nas suas testas e nem nas suas mãos** (cf. 1:2, 9; 2:13; 12:9-11, 17; 15:2; 19:10). Todos estes **viveram e reinaram com Cristo por mil anos**. A vida do homem sempre ficou aquém de mil anos: Adão viveu 930 anos (Gn. 5:5), e Matusalém, cuja vida foi a mais longa registrada na Bíblia, viveu apenas 969 anos antes de morrer no Grande Dilúvio (Gn. 5:27).²⁷ Se seus herdeiros tivessem sido fiéis, o reino de Davi deveria ter durado “para sempre” – o que significa que deveria ter durado mil anos, até a Vinda de Cristo (2 Sm. 7:8-29; 1 Cr. 17:7-27; 2 Cr. 13:5; 21:7; Sl. 89:19-37; Is. 9:7; 16:5; Jr. 30:9; Ez. 34:23-24; Os. 3:5; Lc. 1:32-33); mas, novamente, o homem ficou aquém. Ninguém foi capaz de trazer “o Milênio” – o Reino de Mil Anos – até que o Filho de Deus apareceu como o Filho do Homem (o Segundo Adão) e Filho de Davi. Ele conquistou o Reino para todo o Seu povo.

Este reinado dos santos acontece no céu ou na terra? A resposta deveria ser óbvia: *ambos*! Os tronos dos santos estão no céu, com Cristo (Ef. 2:6); ainda assim, com seu Senhor, eles exercem governo e domínio na terra (cf. 2:26-27; 5:10; 11:15). Aqueles que reinam com Cristo em Seu Reino são todos aqueles que Ele redimiu, toda a Comunhão dos Santos, estejam eles agora vivos ou mortos (incluindo os crentes da Antiga Aliança). Em Sua Ascensão, Jesus Cristo nos levou a todos ao Trono. Como o *Te Deum* exulta:

²⁷ Com base em uma cronologia rigorosa, esta parece ser uma conclusão razoável, já que Matusalém morreu no ano do Dilúvio (Matusalém tinha 187 anos quando seu filho Lameque nasceu, 369 quando seu neto Noé nasceu e, portanto, 969 quando o Dilúvio veio; veja Gênesis 5:25, 28; 7:6). Mais de um século antes do Dilúvio, Deus declarou que toda a raça humana (exceto Noé) era digna de destruição (Gênesis 6:1-8; 7:1); não há razão aparente para excluir Matusalém desta condenação abrangente.

Quando venceste o aguilhão da morte
Abriste o Reino dos Céus a todos os fiéis.

O reinado dos santos é, portanto, análogo à sua adoração: toda a Igreja, no céu e na terra, adora junto diante do Trono de Deus, “tabernaculando” no céu (7:15; 12:12; 13:6). Perguntar se a adoração dos santos é celestial ou terrena é propor um falso dilema, pois a Igreja é celestial e terrena. Da mesma forma, a esfera de governo da Igreja inclui a terra, mas é exercida *a partir do Trono no céu*. Jesus disse a Pilatos: “O meu reino não é deste mundo. Se o meu reino fosse deste mundo, os meus servos lutariam para que eu não fosse entregue aos judeus. Entretanto, o meu reino não é daqui.” (Jo. 18:36, A21). O texto *não* diz, como alguns ridiculamente ensinam, que o Reino de Cristo é irrelevante para o mundo; em vez disso, afirma que o Reino não é *procedente* da terra: “Ele estava falando da *fonte* de Sua autoridade, não do lugar de Seu reinado legítimo. Seu reino não é *deste* mundo, mas *está* neste mundo e sobre ele.”²⁸

5-6 A primeira parte do versículo 5 é uma declaração parentética sobre aqueles que são excluídos do privilégio de viver e reinar com Cristo. Agora, se “os que foram decapitados” (v. 4) são os fiéis da Antiga Aliança, **o resto dos mortos** são os *infiéis* (principalmente) da Antiga Aliança, os não-santos que estavam mortos na época em que São João escrevia. A figura pode ser logicamente estendida para incluir todos os não remidos, de todas as eras, mas esse não é a intenção específica de São João. Em vez disso, ele enfatiza o fato de que os crentes mortos da Antiga Aliança foram incluídos na Ascensão de Cristo e no reino glorioso do Trono celestial; eles vivem, enquanto os ímpios estão **mortos**.

Em última instância, São João nos diz que existem duas classes de pessoas: 1) Os anciãos e aqueles a quem eles representam (os fiéis da Antiga e da Nova Aliança), que vivem e reinam com Cristo “por mil anos” em Seu Reino; e 2) o restante dos mortos, os incrédulos. Estes **não viveram até que os mil anos se completassem**. Enquanto alguns intérpretes chegaram precipitadamente à conclusão de que “o restante dos mortos” viverá *após* o Milênio terminar, não há tal implicação aqui. O interesse de São João é simplesmente nos falar sobre o próprio Milênio, e sua frase não significa nada mais do que o restante dos mortos está excluído da vida e

²⁸ Gary North, *Backward, Christian Soldiers? An Action Manual for Christian Reconstruction* (Tyler, TX: Institute for Christian Economics. 1984), pg. 4.

do domínio por todo o período. Todos nós sabemos, de passagens como João 5:28-29 e Atos 24:15, que haverá uma ressurreição geral tanto dos justos quanto dos injustos; mas devemos lembrar que São João não está escrevendo uma Teologia Sistemática abrangente do fim do mundo. Ele está escrevendo uma Profecia para a Igreja, lidando com certos aspectos das bênçãos dos justos e das maldições dos ímpios.

A narrativa continua, portanto, com a definição de São João da vida milenar dos santos e do reinado com Cristo: **Esta é a Primeira Ressurreição** – a primeira tanto em ordem temporal quanto em importância. A imagem de duas ressurreições está solidamente enraizada nas Escrituras. No sistema levítico, foi tipologicamente estabelecida na lei que prescreve a purificação após a contaminação da morte:

Aquele que tocar em algum morto, cadáver de algum homem, imundo será sete dias. Ao terceiro dia e ao sétimo dia, se purificará com esta água e será limpo; mas, se ao terceiro dia e ao sétimo não se purificar, não será limpo. (Nm. 19:11-12, ARA)

Como James Jordan demonstrou, esse ritual de limpeza era uma *ressurreição* simbólica: o homem que era contaminado pelo contato com os mortos estava cerimonialmente morto e tinha que ser ressuscitado da morte.²⁹ A ressurreição era realizada pela aspersão de água (ver Nm. 19:13)³⁰ tanto no Terceiro quanto no Sétimo dia – em outras palavras, *após a primeira e a segunda ressurreição*. Esse padrão de “dupla ressurreição” é repetido de diferentes maneiras por toda a Bíblia. O Evangelho de São João registra as palavras de Jesus sobre o assunto:

Em verdade, em verdade vos digo: quem ouve a minha palavra e crê naquele que me enviou tem a vida eterna, não entra em juízo, mas passou da morte para a vida. Em verdade, em verdade vos digo que *vem a hora e já chegou, em que os mortos ouvirão a voz do Filho de Deus; e os que a ouvirem viverão.* [...]

Não vos maravilheis disto, *porque vem a hora em que todos os que se acham nos túmulos ouvirão a sua voz e sairão:* os que tiverem feito o

²⁹ James B. Jordan, *The Law of the Covenant: An Exposition of Exodus 21-23* (Tyler, TX: Institute for Christian Economics, 1984), pp. 56ff.

³⁰ Sobre a importância desta passagem para o modo de batismo, veja Duane Edward Spencer, *Holy Baptism: Word Keys Which Unlock the Covenant* (Tyler, TX: Geneva Ministries, 1984), pp. 14ff.

bem, para a ressurreição da vida; e os que tiverem praticado o mal, para a ressurreição do juízo. (Jo. 5:24-25, 28-29, ARA)

Jesus aqui afirma estar inaugurando a Era da Ressurreição, na qual aqueles que creem n'Ele *agora* serão participantes; mais tarde, outra "hora" virá na qual todos os homens, os justos e os injustos, ressuscitarão dos túmulos (cf. Jo. 11:24-25). São Paulo traçou a mesma distinção entre duas ressurreições:

Mas, agora é Cristo ressuscitado dos mortos, tornando-se as primícias dos que dormem. Pois desde que a morte veio por um homem, também por um homem veio a ressurreição dos mortos. Porque, assim como em Adão todos morrem, igualmente também em Cristo todos serão vivificados. Mas cada homem em sua própria ordem: Cristo, as primícias; depois os que são de Cristo, na sua vinda. (1 Co. 15:20-23)

Portanto, deve haver uma ressurreição no fim da história, na Segunda Vinda de Cristo no Último Dia (Jo. 6:38-40, 44, 54; At. 24:15; 1 Ts. 4:14-17). Mas antes dessa ressurreição final há outra, uma Primeira Ressurreição: a ressurreição de "Cristo, as primícias". Ele ressuscitou dos mortos e ressuscitou todos os crentes com Ele. Nota: São João não diz que o próprio crente como tal é ressuscitado, mas que ele **tem parte na Primeira Ressurreição**. Ele *participa* da Ressurreição de Outro – a Ressurreição do Senhor Jesus Cristo.³¹ São Paulo disse aos cristãos colossenses como eles foram feitos participantes da ressurreição de Cristo:

Sepultados com ele no batismo, onde também ressuscitastes com ele pela fé na operação de Deus, quem o ressuscitou dos mortos. (Cl. 2:12)

A ressurreição de Cristo é a ressurreição definitiva, a Primeira Ressurreição, que ocorreu no Terceiro Dia. Participamos de Sua ressurreição por meio do batismo da aliança, de modo que agora "andamos em novidade de vida" (Rm 6:4). Quando estávamos mortos em nossas transgressões, Deus "nos vivificou juntamente com Cristo [...] e nos ressuscitou juntamente com ele, e nos fez assentar nos lugares celestiais, em Cristo Jesus" (Ef. 2:5-6; cf. Cl. 3:1). É essa ressurreição definitiva no Terceiro Dia,

³¹ Veja Philip Edgcumbe Hughes, "The First Resurrection: Another Interpretation," *The Westminster Theological Journal*, XXXIX (Spring 1977) 2, pp. 315-18.

no meio da história, que garante e é consumada pela ressurreição do “Sétimo Dia” no final da história. Aqueles que são batizados em Cristo e, portanto, unidos a Ele na semelhança de Sua ressurreição (Rm. 6:4-14) serão unidos a Ele naquela ressurreição final também (Rm. 8:11).

No entanto, como Norman Shepherd observou, São João em Apocalipse 20 “nem mesmo descreve a ressurreição corporal dos justos expressamente como a segunda ressurreição. Isso pode muito bem ser indicativo do fato de que, ao contrário de muito do que se pensa sobre o assunto, o batismo é, com mais propriedade, ressurreição do que a própria ressurreição do corpo. Os justos que estiverem vivos no retorno do Senhor não serão ressuscitados no corpo, mas serão transformados. Os justos mortos que ressuscitam corporalmente no último dia não assumem novamente a mortalidade, mas a imortalidade. Não a ressurreição, mas a transformação é a principal característica da ressurreição, e a transformação e transição fundamentais ocorrem no batismo, a primeira ressurreição.”³²

A Primeira Ressurreição é, portanto, Espiritual e ética, nossa regeneração em Cristo e união com Deus, nossa recriação à Sua imagem, nossa participação em Sua Ressurreição. Esta interpretação é confirmada pela descrição de São João daqueles na Primeira Ressurreição – corresponde completamente a tudo o que ele nos diz em outros lugares sobre os eleitos: Eles são **bem-aventurados** (1:3; 14:13; 16:15; 19:9; 22:7, 14) e **santos** (5:8; 8:3-4; 11:18; 13:7, 10; 14:12; 16:6; 17:6; 18:20, 24; 19:8; 20:9; 21:2, 10); como Cristo prometeu a todos os fiéis, **a Segunda Morte** (v. 14) **não tem poder** sobre eles (2:11); e eles são **sacerdotes** (1:6; 5:10) que **reinam com Cristo** (2:26-27; 3:21; 4:4; 11:15-16; 12:10). De fato, São João começou sua profecia dizendo a seus leitores que todos os cristãos são reis e sacerdotes (1:6); e a mensagem consistente do Novo Testamento, como vimos repetidamente, é que o povo de Deus está agora assentado com Cristo, reinando em Seu Reino (Ef. 1:20-22; 2:6; Col. 1:13; 1 Pe. 2:9). O maior erro ao lidar com o Milênio de Apocalipse 20 é a falha em reconhecer que ele fala das realidades presentes da vida cristã. A Bíblia é clara: por meio do batismo, fomos ressuscitados para a vida eterna e governamos com Cristo agora, nesta

³² Norman Shepherd, “The Resurrections of Revelation 20”, *The Westminster Theological Journal*, XXXVII (Fall, 1974) I, pp. 37f. São Gregório de Nissa disse: “É por essa razão que devíamos sentir antecipadamente, mediante a água, a graça da ressurreição, em vista de aprender que é igualmente fácil ser batizados com a água e ressurgir novamente da morte” (*A Grande Catequese*, 35:12 em *Patrística - A Criação do Homem / A Alma e a Ressurreição / A Grande Catequese* [Editora Paulus, 2014])

era. A Primeira Ressurreição está acontecendo agora. Jesus Cristo está reinando agora (At. 2:29-36; Ap. 1:5). E isso significa, necessariamente, que *o Milênio também está acontecendo agora.*

A Última Batalha (20:7-10)

- 7 E quando os mil anos forem completados, Satanás será solto de sua prisão,
- 8 e sairá para enganar as nações que estão nos quatro cantos da terra, Gogue e Magogue, para reuni-las para a Guerra; o seu número é como a areia do mar.
- 9 E elas subiram sobre a largura da terra e cercaram o acampamento dos santos e a Cidade amada, e fogo desceu do céu e as devorou.
- 10 E o diabo que as enganava foi lançado no lago de fogo e enxofre, onde estão a Besta e o Falso Profeta; ali serão atormentados de dia e de noite para todo o sempre.

7-8 Por fim, **os mil anos são completados**, e o cronograma de Deus está pronto para a derrota final do Dragão. De acordo com o propósito soberano de Deus, o diabo é **solto de sua prisão** para **enganar as nações**. O pós-milenismo bíblico não é um universalismo absoluto; nem ensina que em algum ponto futuro da história absolutamente todos os vivos serão convertidos. A profecia de Ezequiel sobre o Rio da Vida sugere que algumas áreas remotas do mundo – os “lugares enlameados” e “pântanos” – não serão curados, mas serão “dados ao sal”, permanecendo sem ser renovados pelas águas vivas (Ez. 47:11). Para mudar a imagem: embora o “trigo” cristão seja dominante na cultura mundial, tanto o trigo quanto o joio crescerão juntos até a colheita no fim do mundo (Mt. 13:37-43). Nesse ponto, conforme o potencial de ambos os grupos chega à maturidade, conforme cada lado se torna plenamente consciente de sua determinação de obedecer ou se rebelar, haverá um conflito final. O Dragão será solto por um pouco de tempo, para enganar as nações em sua última tentativa de derrubar o Reino.

Observamos no versículo 3 que o propósito específico do engano de Satanás sobre as nações é **reuni-las para a Guerra**. Esse tinha sido pelo menos um dos objetivos de Satanás desde o início: provocar a guerra final entre Deus e Suas criaturas rebeldes, a fim de “frustrar” a obra de Deus e

impedi-la de atingir sua plena realização maturidade. É por isso que houve um surto repentino de atividade demoníaca quando Cristo começou Seu ministério terrestre; essa foi a motivação de Satanás ao tentá-Lo, ao entrar em Judas para traí-Lo e ao inspirar as autoridades judaicas e romanas a matá-Lo. Seu plano teve o efeito oposto, é claro (1 Co. 2:6-8), e a Cruz se tornou sua própria destruição. Ao longo do Livro do Apocalipse, São João mostrou o diabo trabalhando freneticamente para provocar a batalha final, e invariavelmente sendo frustrado em seus desígnios. Somente após o Reino de Deus concretizar seu potencial terrestre, quando os mil anos forem completados, é que Satanás será libertado para fomentar a última rebelião - gerando assim sua própria derrota final e destruição eterna.

Ao descrever a guerra escatológica, São João usa a vívida imagem “apocalíptica” de Ezequiel 38-39, que descreve profeticamente a derrota dos sírios pelos macabeus no segundo século a.C.: As forças ímpias são chamadas de **Gogue e Magogue**. De acordo com alguns escritores pré-milenistas[†] populares, essa expressão se refere à Rússia e prediz uma guerra entre os soviéticos e Israel durante uma futura “Tribulação”. Mesmo à parte do fato de que essa interpretação é baseada em uma leitura radicalmente imprecisa de Mateus 24 e das outras passagens da “Grande Tribulação”,³³ ela é cercada de inúmeras inconsistências internas. Primeiro, os pré-milenistas tendem a falar dessa guerra vindoura com a União Soviética como sinônimo da “Batalha do Armagedom” (16:16). No entanto, nas suposições pré-milenistas, a Batalha do Armagedom acontece antes do Milênio começar – mais de 1.000 anos antes de “Gogue e Magogue” de São João finalmente aparecerem! Assim, os aficionados por profecia pré-milenistas são brindados com discussões prolongadas sobre o atual poderio militar soviético e seus supostos preparativos para assumir o papel de “Gogue e Magogue.”³⁴ Ao mesmo tempo, há praticamente uma

[†] Deste ponto em diante do capítulo, menções ao ‘pré-milenismo’ referem-se ao dispensacionalismo, a forma mais prevalente deste à época de elaboração da obra. [N. R.]

³³ Isso deve ser óbvio a essa altura; cf. Chilton, *Paraíso Restaurado*, pp. 89-114.

³⁴ É certamente verdade que o imperialismo agressivo da União Soviética e seu patrocínio mundial ao terrorismo representam um grave perigo para as nações ocidentais; veja Jean-François Revel, *How Democracies Perish* (Garden City: Doubleday and Co., 1984). Isso, no entanto, não tem nada a ver com o cumprimento de profecias, e tudo a ver com o fato de que o Ocidente simultaneamente engajou-se em uma crescente renúncia à ética cristã e em um progressivo armamento militar e tecnológico de seus inimigos; sobre este último, veja Antony Sutton, *Technology and Soviet Economic Development, 1917-67*, 3 vols. (Stanford: Hoover Institution Press, 1968-73); idem, *National Suicide* (New Rochelle, NY:

negligência completa do que o Livro do Apocalipse realmente diz sobre a guerra contra Gogue e Magogue; aparentemente, os fatos específicos da revelação bíblica ocasionalmente são um obstáculo para a compreensão da “verdade profética”.³⁵

Segundo, aqueles que interpretam a guerra de “Gogue e Magogue” como uma guerra do fim dos tempos envolvendo a União Soviética geralmente se orgulham em serem “literalistas”. No entanto, devemos nos atentar para o que uma interpretação estritamente literal de Ezequiel 38-39 realmente exige:

1. A razão de Gogue para invadir Israel é saquear sua prata e ouro, e *tomar o seu gado* (38:11-13); ao contrário de muitas exposições pré-milenistas, nada é dito sobre expropriar o petróleo de Israel ou extrair minerais do Mar Morto.
2. *Todos* os soldados de Gogue estão a cavalo (38:15); não há soldados em caminhões, jipes, tanques, helicópteros ou jatos.

Arlington House, 1973); cf. Richard Pipes, *Survival Is Not Enough: Soviet Realities and America's Future* (New York: Simon and Schuster, 1984). Aqueles que estão chocados pelo fato de que a possível conquista futura dos EUA pelos soviéticos pode não estar incluída na profecia bíblica fariam bem em considerar o grande número de conflitos importantes ao longo dos últimos mil anos da história ocidental que também foram omitidos - como a Conquista Normanda, as Guerras das Rosas, a Guerra dos Trinta Anos, a Guerra Civil Inglesa, a Revolução Americana, a Revolução Francesa, a Guerra Napoleônica, a Guerra Seminole, as Revoluções de 1848, a Guerra da Crimeia, a Guerra Civil Americana, as Guerras Sioux, a Guerra dos Bôeres, a Guerra Hispano-Americana, a Revolução Mexicana, a Primeira Guerra Mundial, a Guerra Civil Espanhola, a Guerra Ítalo-Etíope, a Segunda Guerra Mundial, a Guerra da Coreia e a Guerra do Vietnã, para citar alguns; muitos dos quais foram vistos pelos apocalípticos contemporâneos como cumprimentos notáveis da profecia bíblica.

³⁵ O exemplo óbvio, é claro, é Hal Lindsey, cuja obra *A Agonia do Grande Planeta Terra* (Editora Mundo Cristão, 1973) gasta cerca de trinta páginas (pp. 54-65, 143-156) detalhando como a União Soviética em breve cumprirá a profecia de “Gogue e Magogue” na Batalha do Armagedom, e usa apenas duas ou três frases para lidar com Apocalipse 20:8 – sem menção alguma ao fato de que a *única* referência a Gogue e Magogue em todo o Livro do Apocalipse está naquele versículo. Cf. idem, *There's a New World Coming: A Prophetic Odyssey* (Eugene, OR: Harvest House, 1973), pp. 222-25, 278. Outro exemplo é o geralmente mais circunspecto Henry M. Morris, cuja obra *Revelation Record: A Scientific and Devotional Commentary on the Book of Revelation* (Wheaton: Tyndale House Publishers, 1983) discute Gogue e Magogue ao comentar sobre Ap. 6:1 (pp. 108-110) e 16:12 (pg. 310), mas se esforça vigorosamente para descartar o significado da referência em 20:8 (pp. 42-20).

3. *Todos os soldados de Gogue portam espadas, escudos de madeira e capacetes (38:45); suas outras armas são arcos e flechas de madeira, clavas e lanças (39:3, 9).*
4. *Em vez de usar lenha (aparentemente ninguém sequer considerava usar gás, eletricidade ou energia solar), os israelitas vitoriosos queimarão as armas de madeira de Gogue como combustível por sete anos (39:9-10).*

Terceiro, a expressão **Gogue e Magogue** não se refere, e nunca se referiu, à Rússia. Isso foi totalmente inventado do nada, e simplesmente repetido tantas vezes que muitos assumiram que é verdade. Razões aparentes para essa interpretação são baseadas em uma leitura peculiar de Ezequiel 38:3, que fala de “Gogue, principal príncipe de Meseque e de Tubal.” A palavra *principal* é, no hebraico, *rosh*; alguns, portanto, traduziram o texto como “Gogue, o príncipe de Rosh.” *Rosh* soa como *Rússia*; portanto, Gogue é o príncipe (ou primeiro-ministro) da Rússia. Infelizmente para essa interpretação engenhosa, *rosh* significa simplesmente *cabeça*, e é usado mais de 600 vezes no Velho Testamento – nunca significando “Rússia”.³⁶

Aqueles que sustentam que “Gogue” (um nome supostamente derivado da Geórgia soviética, já que ambos começam com “G”!) é o primeiro-ministro soviético geralmente fazem a afirmação adicional de que “Meseque” é, na realidade, Moscou, “Tubal” é Tobolsk e “Gomer” (de Ez. 38:6) é a Alemanha. Em sua análise muito proveitosa dessa questão,³⁷ Ralph Woodrow comenta: “Isso é improvável. ‘Moscou’ vem dos moscovitas e é um nome finlandês. Moscou foi mencionada pela primeira vez em documentos antigos em 1147 d.C., quando era uma pequena aldeia. Alguns acham que Tubal significa Tobolsk, mas isso é apenas uma semelhança no som. Tobolsk foi fundada em 1587 d.C. Alguns acham que Gomer [Ez. 38:6] significa Alemanha. É verdade que as palavras ‘Gomer’ e ‘Germânia’ começam com ‘G’, bem como gambiarra.”³⁸

³⁶ Aqui está uma lista completa de seus usos apenas em Ezequiel: 1:22, 25, 26; 5:1; 6:13; 7:18; 8:3; 9:10; 10:1, 11; 11:21; 13:18; 16:12, 25, 31, 43; 17:4, 19, 22; 21:19, 21; 22:31; 23:15, 42; 24:23; 27:22, 30; 29:18; 32:27; 33:4; 38:2-3, 39:1; 40:1; 42:12; 43:12; 44:18, 20.

³⁷ Ralph Woodrow, *His Truth Is Marching On: Advanced Studies on Prophecy in the Light of History* (Riverside, CA: Ralph Woodrow Evangelistic Association, 1977), pp. 32-46.

³⁸ *Ibid.*, pg. 41.

Woodrow prossegue listando razões pelas quais a guerra de “Gogue e Magogue” mencionada no Apocalipse não pode ser idêntica àquela profetizada em Ezequiel:

1. Em Ezequiel, Gogue é um príncipe. Em Apocalipse, Gogue é uma nação. [Mas veja a explicação alternativa de Farrer, abaixo.]
2. Em Ezequiel, menciona-se Gogue como vindo contra Israel com povos de vários países ao redor de Israel; em Apocalipse, Gogue e Magogue são retratados como nações nos quatro cantos da terra, em número como as areias do mar.
3. Em Ezequiel, Gogue e suas tropas vêm contra Israel, um povo que retornou do cativeiro e está habitando sem muros; em Apocalipse, Gogue e Magogue sobem na largura da terra e cercam a cidade dos santos.
4. Em Ezequiel, o inimigo é Gogue *da* terra de Magogue; em Apocalipse Gogue *e* Magogue.
5. Em Ezequiel, as tropas de Gogue são derrotadas em Israel e o povo queima as armas restantes por *sete anos*; em Apocalipse, Gogue e Magogue são destruídos pelo fogo de Deus vindo do céu. [...] Armas de madeira seriam destruídas *ali e naquele instante*.

Não é incomum que as imagens do Apocalipse sejam baseadas em assuntos ou lugares do Antigo Testamento. A “Jezabel” do Apocalipse não é a mesma mulher de Reis. A “Sodoma” do Apocalipse não é a mesma Sodoma de Gênesis. A “Babilônia” do Apocalipse não é a Babilônia de Daniel. A “Nova Jerusalém” do Apocalipse não pode significar a antiga Jerusalém. Mas, em cada instância, a primeira serve como um *tipo*. A mulher Jezabel já morrera, as cidades de Sodoma e Babilônia já haviam sido destruídas e (em nossa opinião) a batalha de Ezequiel 38 e 39 (se de fato se referir a batalha literal) já se cumprira dentro de um cenário do Antigo Testamento.³⁹

Como Caird aponta, nos escritos judaicos “Gogue e Magogue” era uma expressão frequente e padrão para as nações rebeldes do Salmo 2, que

³⁹ Ibid., p. 42; cf. T. Boersma, *Is the Bible a Jigsaw Puzzle? An Evaluation of Hal Lindsey's Writings* (St. Catherines, ant.: Paideia Press, 1978), pp. 106-25; v. tb. a discussão de Cornelis Vanderwaal sobre “Goguelogia” em *Hal Lindsey and Biblical Prophecy* (St. Catherines, ant.: Paideia Press, 1978), pp. 78-80.

se reúnem “contra o SENHOR e contra Seu Ungido.”⁴⁰ Austin Farrer comenta: “São João toma a história de Ezequiel e deixa o símbolo indecifrado. São João diz que as nações, ou ‘gentios’ enganados por Satanás estão ‘nos quatro cantos da terra’ e talvez ele queira dizer precisamente isso, ou seja, que os não-reconciliados estão escondidos em terras situadas a uma grande distância centro. A simples combinação de ‘Gogue e Magogue’ não deve ser tomada como implicando que São João incorreu erro de entender ambos os nomes como tribos ou como príncipes. Em Ezequiel, é perfeitamente claro que Gogue é o príncipe, Magogue o povo. São João é inocente deste erro; ele diz simplesmente ‘as nações nos quatro cantos da terra, Gogue e Magogue,’ ou seja, o poder assim descrito por Ezequiel – como um orador inglês poderia ter dito ‘as forças do nacionalismo frustrado, Hitler e a Alemanha’. É certamente curioso que São João equipare sem explicação as tribos nos quatro cantos com uma tribo em um canto; só que ele faz exatamente a mesma coisa na visão do Armagedom. O Eufrates torna-se seco para que os reis do Oriente passem; os três demônios *enganam todos os reis da terra* para virem ao Armagedom. A velha imagem bíblica da invasão proveniente dos lados do Norte e do Oriente recebe em ambos os casos uma interpretação ecumênica.”⁴¹

Isso é reforçado pela observação de São João de que **o seu número é como a areia do mar** – a mesma imagem hiperbólica usada para as nações cananeias conquistadas por Josué (Js. 11:4) e os midianitas derrotados por Gideão (Jz. 7:12) – dois dos maiores triunfos na história do povo da Aliança. Em vez de ser um motivo para pânico e fuga, o cerco dos santos por uma horda rebelde “como a areia do mar” é um sinal de que o povo de Deus está prestes a ser vitorioso, completa e magnificamente. A razão de Deus para trazer uma vasta multidão para lutar contra a Igreja não é para destruí-la, mas para que ela obtenha uma vitória mais rápida. Em vez de o povo de Deus ter que buscar seus inimigos e enfrentá-los em combate um por um, Deus permite que Satanás os incite a uma oposição conjunta, para que possam ser eliminados rapidamente, de uma só vez.

⁴⁰ G. B. Caird. *A Commentary on the Revelation of St. John the Divine* (New York: Harper & Row, Publishers, 1966), pg. 256. Caird cita as seguintes referências no Talmude: *Ber.* 7^b, 10^a, 13^a; *Shab.* 118^a; *Pes.* 118^a; *Meg.* 11^a; *San.* 17^a, 94^a, 97^b; *Abodah Z.* 3^b; *Ed.* II 10.

⁴¹ Austin Farrer, *The Revelation of St. John the Divine* (Oxford: At the Clarendon Press, 1964), pp. 207f

9-10 E elas subiram sobre a largura da terra: Isso é uma remissão da profecia de Isaías sobre uma invasão assíria vindoura, que “preencherá a largura de tua terra” (Is. 8:8); no entanto, como Isaías continua dizendo, a terra pertence ao *Emanuel*. Se o povo confiar n’Ele, todo o poder do inimigo será destruído. O Israel fiel pode zombar de seus atacantes:

Associai-vos, ó vós, povo, e vós sereis feitos em pedaços; e dai ouvidos, todos vós de países distantes; cingi-vos, e vós sereis feitos em pedaços; cingi-vos e vós sereis feitos em pedaços. Tomai conselho juntos e isto tornar-se-á em nada. Falai a palavra, e ela não prevalecerá, porque Deus está conosco. (Is. 8:9-10)

No entanto, a alusão de São João à profecia de Isaías também é um lembrete de que o antigo Israel agora é apóstata. Para ela, não há mais um Emanuel. Ela rejeitou definitivamente seu Criador e Marido, e Ele a abandonou. Em vez disso, Deus está agora com a Igreja, e são os oponentes da Igreja que serão despedaçados, embora sejam tão numerosos quanto as areias do mar (Gn. 32:12)! Jesus Cristo é a Semente de Abraão, e Ele posuirá o portão de Seus inimigos, em favor da Sua Igreja (Gl. 3:16, 29; Gn. 22:17).

A imagem de São João para o povo de Deus reunido combina o **acampamento dos santos** de Moisés com a **Cidade amada** de Davi e Salomão. Esta Cidade é a Nova Jerusalém, descrita em detalhes em 21:9-22:5. O significado disto não deve ser ignorado: A Cidade existe durante o Milênio (ou seja, o período entre o Primeiro e o Segundo Adventos de Cristo), o que significa que o “novo céu e a nova terra” (21:1) são uma realidade presente, bem como futura. A Nova Criação existirá em forma consumada após o Juízo Final, mas existe, definitiva e progressivamente, na era presente (2 Co. 5:17).

Os apóstatas se rebelam, e as forças de Satanás **cercam** brevemente a Igreja; mas não há um momento de dúvida sobre o resultado do conflito. Na verdade, não há conflito real, pois a rebelião é imediatamente esmagada: **Fogo desceu do céu e os devorou**, como aconteceu com os cidadãos perversos de Sodoma e Gomorra (Gn. 19:24-25), e os soldados de Acazias que vieram contra Elias (2 Rs. 1:10, 12). Isto deve ser um **fogo** literal no fim do mundo? Isso parece provável, embora devamos lembrar que São João está agora nos mostrando “um mundo de símbolos demasi-

ado nebuloso e distante para sequer ser discutido.”⁴² Reconhecendo que essa derramamento de fogo do céu pode se referir a “à praga com que devem ser atingidos os perseguidores da Igreja que Cristo, ao voltar, encontrar vivos na Terra”, Santo Agostinho propôs outra explicação: “Por este fogo do céu pode muito bem entender-se a própria firmeza dos santos [cf. 11:5], graças à qual eles não cederão aos que contra eles se assanham para que façam a sua vontade. O firmamento é o céu e a sua firmeza fará que se sintam atormentados por uma raiva ardente, porque não puderam atrair os santos de Cristo para o partido do Anticristo. Esta raiva é que será o fogo que os devorará – e ela vem de Deus pois que é por dádiva de Deus que os santos se tornarão invencíveis, e daí resulta também que os seus inimigos se sintam atormentados.”⁴³

Em todo caso, o ponto básico do texto é que, em contraste com os exércitos da Besta que foram “mortos” (ou seja, convertidos) pela espada da boca da Palavra de Deus (19:15, 21), esses rebeldes do fim, convictos e irredutíveis, são completamente destruídos. Toda oposição ao Reino de Deus é completamente eliminada. O Dragão nunca teve realmente uma chance – sua libertação do Abismo fora uma armadilha desde o início, destinada apenas a atrair suas forças para o campo aberto, para torná-las visíveis a fim de destruí-las. Terry comenta: “É uma grande imagem simbólica, e seu grande ensinamento é claro além da possibilidade de dúvida ou mal-entendido, a saber, que Satanás e suas forças devem todos perecer no final. Isto é escrito para o conforto e confiança dos santos. Mas essa vitória final está no futuro distante, no fim da era messiânica, e está aqui delineada de forma simples em símbolos apocalípticos. Qualquer presunção, portanto, de determinar eventos específicos do futuro a partir deste grandioso simbolismo deve ser considerada como, por sua própria natureza, uma espécie de especulação inútil e enganosa.”⁴⁴

Sem cair em “especulação enganosa”, é válido perguntar: *Por que* as nações se rebelarão depois de viver em uma ordem mundial cristianizada? Em seu estudo instigante sobre “Graça Comum, Escatologia e Lei Bíblica”, Gary North explica que tanto a cultura regenerada quanto a cultura não regenerada, como “trigo” e “joio”, desenvolvem-se historicamente em di-

⁴² Farrer, pg. 208.

⁴³ Sto. Agostinho, *A Cidade de Deus*, vol. 3, trad. J. Dias Pereira (Fundação Calouste Gulbenkian, 2000), 20:12, pp. 2029-30.

⁴⁴ Terry, *Biblical Apocalypics*, pg. 455.

reção a uma maior consistência com relação às suas pressuposições – na frase de Cornelius Van Til, “autoconsciência epistemológica”. Com o tempo, à medida que os cristãos se conformam mais plenamente aos mandamentos de Deus e, assim, recebem Suas bênçãos, eles se tornam mais poderosos e alcançam domínio crescente. Mas o que acontecerá com os descrentes, à medida que se tornam mais autoconscientes? North escreve: “Nos últimos dias desta era final na história humana [ou seja, no fim do Milênio], os satanistas ainda conservarão os aparatos da ordem cristã. Satanás terá de se sentar no colo de Deus, por assim dizer, para dar um tapa em Seu rosto – ou tentar fazê-lo. Satanás não pode ser consistente com sua própria filosofia de ordem autônoma e ainda ser uma ameaça a Deus. Uma ordem autônoma leva ao caos e à impotência. Ele sabe que não há terreno neutro na filosofia. Ele sabia que Adão e Eva morreriam espiritualmente no dia em que comessem o fruto. Ele é um teólogo bom o suficiente para saber que há um Deus, e ele e seu exército tremem ao pensar nisso (Tg. 2:19). Quando os homens demoníacos levam a sério suas mentiras sobre a natureza da realidade, eles se tornam impotentes, escorregando para fora (ou quase para fora) do colo de Deus. Os satanistas se tornam perigosos apenas quando percebem que a filosofia oficial de Satanás de caos e ilegalidade antinomiana é uma *mentira* [...] Eles aprendem mais sobre a verdade, mas a pervertem e tentam usá-la contra o povo de Deus.

“Assim, o significado bíblico da autoconsciência epistemológica não é que o satanista se torne consistente com a filosofia oficial de Satanás (caos), mas sim que a hoste de Satanás se torne consistente com o que Satanás *realmente* acredita: que a ordem, a lei e o poder são o produto da odiada ordem de Deus. Eles aprendem a usar a lei e a ordem para construir um exército de conquista. Em suma, *eles usam a graça comum* – conhecimento da verdade – *para perverter a verdade e atacar o povo de Deus*. Eles se afastam de um conhecimento falso oferecido a eles por Satanás e adotam uma forma pervertida da verdade para usá-la em seus planos rebeldes. Eles *amadurecem*, em outras palavras. Ou, como C. S. Lewis pôs na boca de seu personagem fictício, o demônio sênior Maldonado, quando os materialistas finalmente acreditarem em Satanás, mas não em Deus, então a guerra chegará ao fim. Não exatamente; quando eles acreditarem em Deus, saberão que Ele vencerá, porém atacarão com fúria – não uma

fúria cega, mas uma *fúria totalmente autoconsciente* – as obras de Deus, *então* a guerra chegará ao fim.”⁴⁵

North conclui: “O pós-milenista acredita que haverá fé em geral na Terra quando Cristo aparecer? Não se ele entender as implicações da doutrina da graça comum. Ele espera que toda a Terra seja destruída pelos rebeldes descrentes antes que Cristo os golpeie de morte – morte dupla? Não. O juízo vem antes que eles possam fazer seu trabalho. A graça comum é estendida para permitir que os descrentes encham seu cálice de ira. Eles são vasos de ira. Portanto, o cumprimento dos termos do pacto de domínio por meio da graça comum é o passo final no processo de encher esses vasos de ira. Os vasos de graça, os crentes, também serão preenchidos. Tudo estará cheio. Será que Deus destruirá Seu penhor preliminar dos Novos Céus e na Nova Terra? Será que Deus apagará o sinal de que Sua palavra foi obedecida, que o pacto de domínio foi cumprido? Terá Satanás, aquele grande destruidor, a alegria de ver a palavra de Deus frustrada, Sua obra destruída pelas próprias hordas de Satanás? O amilenista responde que sim. O pós-milenista deve negá-lo com todas as suas forças.

“Há continuidade na vida, apesar das descontinuidades. A riqueza do pecador é guardada para o justo. Satanás amaria incendiar o campo de Deus, mas sabe que não pode. O joio e o trigo crescem até atingir a maturidade, e então os ceifeiros saem para colher o trigo, cortando a palha e lançando a palha no fogo. [...] Quando [Satanás] usa seus dons para se tornar final e completamente destrutivo, ele é abatido do alto. *Esta culminação final da graça comum é a ruína de Satanás.*

“E os mansos – mansos diante de Deus, ativos em relação à Sua criação – finalmente herdarão a terra. Uma terra renovada e um céu renovado são o pagamento final de Deus Pai ao Seu Filho e àqueles que Ele deu ao Seu Filho. Esta é a esperança pós-milenista.”⁴⁶

Então **o diabo que os enganava foi lançado no lago de fogo e enxofre, onde estão a Besta e o Falso Profeta; ali serão atormentados de dia e de noite para todo o sempre.** A causa de Satanás será finalmente e completamente derrotada. Para retratar isso, São João novamente usa imagens baseadas no holocausto de Sodoma e Gomorra (Gn. 19:24-25, 28) e na destruição dos rebeldes no deserto de Cades (Nm. 16:31-33), com base

⁴⁵ Gary North, “Graça Comum, Escatologia, e Lei Bíblica”, Apêndice C, abaixo, pp. 684-685.

⁴⁶ Ibid., pp. 691-692.

no uso semelhante de Isaías para descrever a ruína total de Edom (Is. 34:9-10). Ele já representou a destruição eterna da Besta e do Falso Profeta e seus seguidores por tais imagens (ver 14:10-11; 19:20); agora ele mostra que o principal instigador da conspiração cósmica está inevitavelmente condenado a sofrer o mesmo destino.

O Julgamento dos Mortos (20:11-15)

- 11 E vi um grande Trono branco e Aquele que estava assentado sobre ele, de cuja face a terra e o céu fugiram, e nenhum lugar foi achado para eles.
- 12 E vi os mortos, os grandes e os pequenos, em pé diante do Trono. E livros foram abertos; e outro livro foi aberto, que é o Livro da Vida; e os mortos foram julgados pelas coisas escritas nos livros, de acordo com suas obras.
- 13 E o Mar entregou os mortos que nele havia, e a Morte e o Hades entregaram os mortos que neles havia; e eles foram julgados, cada um de acordo com as suas obras.
- 14 E a Morte e o Hades foram lançados no lago de fogo. Esta é a Segunda Morte, o lago de fogo.
- 15 E se alguém não foi achado escrito no Livro da Vida, foi lançado no lago de fogo.

11 A sexta visão começa com a fórmula familiar: **E vi** (*kai eidon*). A história terminou; fez-se ouvir o anúncio do juízo final; e agora a visão do apóstolo é preenchida por **um grande Trono branco, e Aquele que estava sentado nele**. Normalmente, está implícito no Apocalipse que Aquele sentado no Trono no céu é o Pai (cf. 4:2-3; 5:1, 7); mas neste caso São João pode ter em mente o Filho, já que Ele está assentado em um Trono **branco**, e Ele foi visto anteriormente assentado em uma nuvem branca (14:14) e um cavalo branco (6:2; 19:11). O Senhor Jesus Cristo é o grande “Pastor e Bispo” (1 Pe. 2:25); Farrer aponta que “a ideia de um ‘trono branco’ pode talvez ter sido familiar aos ouvintes de São João como o caráter distintivo da cadeira do bispo local na igreja. A prática de estender uma capa branca sobre ela era certamente antiga; se tão antiga quanto a época de São João, não podemos provar.”⁴⁷

⁴⁷ Farrer, pg. 208.

O Prof. Berkhof sumariza a evidência do Novo Testamento a respeito do Juiz no Último Dia: “Naturalmente, o juízo final, como todas as *opera ad extra* de Deus, é obra realizada pelo trino Deus, mas a Escritura a atribui particularmente a Cristo. Cristo em Sua capacidade mediatária será o futuro Juiz, Mt. 25:31-32; Jo. 5:27; At. 10:42; 17:31; Fp. 2:10; 2 Tm. 4:1. Passagens como Mt. 28:18; Jo. 5:27; Fp. 2:9-10 tornam mais que evidente que a honra de julgar os vivos e os mortos foi conferida a Cristo como Mediador como recompensa por Sua obra expiatória e como parte de Sua exaltação. Esta pode ser considerada como uma das honras culminantes da Sua realeza. Também em Sua capacidade de Juiz, Cristo está salvando Seu povo de forma suprema: Completará a redenção deles, justificá-los-á publicamente, e removerá as últimas consequências do pecado.”⁴⁸ Com isso concordam os grandes credos ecumênicos:

O Credo Apostólico:

[Jesus Cristo] Subiu aos céus;
Está sentado à direita de Deus Pai Todo-Poderoso;
De onde há de vir a julgar os vivos e os mortos.

O Credo Niceno:

[Cristo] subiu ao céu
E assentou-se à direita do Pai
E virá novamente, com glória, para julgar os vivos e os mortos,
E seu reino não terá fim.

O *Te Deum Laudamus*:

Vós estais sentado à direita de Deus,
no glorioso trono do vosso Pai!
Nós cremos e confessamos firmemente
que de lá haveis de vir a julgar no fim do mundo.
A Vós portanto rogamos que socorrais os vossos servos
a quem remistes como vosso preciosíssimo Sangue.
Fazei que sejamos contados na eterna glória,
entre o número dos vossos Santos.
Salvai, Senhor, o vosso povo e abençoai a vossa herança,
E regei-os e exaltai-os eternamente para maior glória vossa.

⁴⁸ L. Berkhof, *Teologia Sistemática* (Editora Cultura Cristã, 2012), pg. 674

O Credo Atanasiano:

Ascendeu ao céu, sentou à direita de Deus Pai onipotente,
de onde virá para julgar os vivos e os mortos.

Em cuja vinda, todo homem ressuscitará com seus corpos,
e prestarão conta de suas obras.

E aqueles que houverem feito o bem irão para a vida eterna;
aqueles que houverem feito o mal, para o fogo eterno.

Esta é a fé católica, a qual a não ser que um homem creia
firmemente nela, não pode ser salvo.

Enfatizei esse ponto porque se tornou popular em alguns círculos aparentemente ortodoxos adotar uma forma herética de “preterismo” que nega qualquer Ressurreição corporal ou Juízo universal futuros, afirmando que tudo isso se cumpre na Ressurreição de Cristo, na regeneração da Igreja, na vinda da Nova Aliança e na destruição de Jerusalém em 70 d.C.⁴⁹ Independentemente do que se possa dizer a respeito daqueles que sustentam tais noções, está claro que elas não estão em conformidade com nenhuma forma reconhecível de cristianismo ortodoxo. A Igreja una, santa, católica e apostólica sempre e em todos os lugares insistiu na doutrina do Juízo Final no fim dos tempos. Sua inclusão em todas as definições históricas da Fé é um testemunho universal de sua importância como um artigo de crença.

São João aumenta nosso senso de admiração pela terrível majestade do Juiz: **De cuja face a terra e o céu fugiram, e nenhum lugar foi achado para eles.** A alusão é ao Salmo 114, que nos mostra que é à luz do Juízo Final que podemos ver o significado de seus precursores na forma de juízos históricos preliminares:

⁴⁹ A figura mais influente neste movimento é Max R. King, um ministro da Igreja de Cristo (Stone-Campbell) que é autor de *The Spirit of Prophecy* (Warren, OH: ed. independente, 1971), uma obra que é simultaneamente perspicaz e frustrante. A hermenêutica de King é prejudicada por pressupostos neoplatônicos (Deus não se importaria em ressuscitar um corpo físico porque Ele está interessado apenas em coisas “espirituais”, isto é, incorpóreas) e por uma abordagem de “código” ao simbolismo bíblico. Cf. Jim McGuiggan e Max R. King, *The McGuiggan-King Debate* (Warren, OH: Parkman Road Church of Christ, n.d.). V. tb. as visões semelhantes defendidas por J. Stuart Russell, *The Parousia: A Study of the New Testament Doctrine of Our Lord's Second Coming* (Grand Rapids: Baker Book House, [1887] 1983).

Quando saiu Israel do Egito,
e a casa de Jacó, do meio de um povo de língua estranha,
Judá se tornou o seu santuário,
e Israel, o seu domínio.
O mar viu isso e fugiu;
o Jordão tornou atrás.
Os montes saltaram como carneiros,
e as colinas, como cordeiros do rebanho.
Que tens, ó mar, que assim foges?
E tu, Jordão, para tornares atrás?
Montes, por que saltais como carneiros?
E vós, colinas, como cordeiros do rebanho?
Estremece, ó terra, na presença do Senhor,
na presença do Deus de Jacó,
o qual converteu a rocha em lençol de água
e o seixo, em manancial. (Sl. 114, ARA)

A terra e o céu fogem de diante de Sua face, aterrorizados com Sua vinda; ainda assim, o povo da aliança não precisa ter medo. Para eles, o juízo de Deus é redentor, não destrutivo. Se a terra treme, é por nossa causa, para que Deus nos dê a água da salvação. De fato, como veremos, o juízo retratado nesses versículos diz respeito aos mortos ímpios, aqueles que estão sob o juízo da Segunda Morte. Os eleitos, que reinam com Cristo, não estão em vista aqui. Regozijando-se no fruto da vitória final de Cristo, eles não entram em juízo, mas passaram da morte para a vida (Jo. 5:24).

12 Embora ainda estejamos na sexta visão, o versículo 12 contém o sétimo *kai eidon*, **E vi** – permitindo que a sétima visão comece com o oitavo *kai eidon* (ver em 21:1). Devemos lembrar que São João não está escrevendo sobre o julgamento geral de todos os homens, mas sobre o destino dos ímpios, chamados aqui **de mortos** (cf. v. 5). Hengstenberg comenta: “Os *mortos* podem apenas ser os mortos ímpios. O fato de mortos ainda serem mencionados, apesar de terem sido ressuscitados para que pudessem estar de pé diante do trono, deve, por si só, parecer algo singular. Se apenas os mortos ímpios são os que se têm em vista, então não há

nada de estranho na questão. Pois *sua* vida após a ressurreição é apenas uma vida em aparência, como também o era antes no Hades.”⁵⁰

São João nos conta que viu homens de todas as classes e condições, **os grandes e os pequenos, em pé diante do Trono. E livros foram abertos; e outro livro foi aberto, que é o Livro da Vida**; o rol de membros do pacto, no qual os nomes dos eleitos estão inscritos (cf. 3:5; 13:8; 17:8). A função do Livro da Vida neste contexto é simplesmente revelar que os nomes dos “mortos” não aparecem nele.

E os mortos foram julgados pelas coisas escritas nos livros, de acordo com suas obras. Isso pode parecer estranho aos ouvidos evangélicos modernos; não estamos acostumados a ler tais declarações nas Escrituras, mas elas realmente existem em abundância (cf. Sl. 62:12; Pv. 24:12; Mt. 16:27; Jo. 5:28-29; Rm. 2:6-13; 14:12; 1 Co. 3:13; 2 Co. 5:10; Ef. 6:8; Cl. 3:25; Ap. 2:23; 22:12). A intenção do texto não é, é claro, “salvação pelas obras”, mas sim *condenação pelas obras*.

É verdade que não somos salvos pelas obras (Ef. 2:8-9), mas também é verdade que não somos salvos *sem* obras (Ef. 2:10; Fp. 2:12-13). O cristão é “justificado pela fé somente” – mas a fé justificadora genuína nunca está sozinha, como a *Confissão de Fé de Westminster* declara: “A fé, assim recebendo e descansando em Cristo e Sua justiça, é o único instrumento da justificação; ela, contudo, não está sozinha na pessoa justificada, mas está sempre acompanhada de todas as outras graças salvíficas; não é uma fé morta, mas uma fé que age pelo amor” (XI.2).[†] Em uma linha similar, John Murray escreveu: “Somente a fé justifica, mas uma pessoa justificada, tendo somente a fé, seria uma monstruosidade que nunca existe no reino da graça. A fé atua através do amor (Gl. 5:6). E fé sem obras é morta (cf. Tg. 2:17-20). É a fé viva que justifica, e a fé viva nos une a Cristo, tanto na virtude de sua morte como também no poder da sua ressurreição.”⁵¹

13 Para este julgamento **o Mar entregou os mortos que nele havia** – aqueles que pereceram nos juízos do Dilúvio e o Mar Vermelho simbolizando todos os ímpios, afogados nas “torrentes de Belial” (Sl. 18:4,

⁵⁰ E. W. Hengstenberg, *The Revelation of St. John*, 2 vols. (Cherry Hill, NJ: Mack Publishing Co., n.d.), Vol. 2, pg. 310

[†] Citado a partir de *O Padrão de Westminster* (Publicações O Pacto, 2024), pg. 50. [N. R.]

⁵¹ John Murray, *A Redenção Consumada e Aplicada*, trad. Ivan G. Grahm Ross e Valter G. Martins (Editora Cultura Cristã, 1993), pg. 145.

BTX); e a **Morte e o Hades**, as “cordas do Sheol” (Sl. 18:5, TB) **entregaram os mortos que neles havia**, Deus esvaziando repentinamente “todos os lugares imagináveis onde os mortos poderiam ser encontrados.”⁵² **E eles foram julgados, cada um de acordo com as suas obras**: Novamente São João enfatiza que as ações dos homens serão julgadas no Último Dia.

14-15 São Paulo proclamou que quando Cristo retornar no final de Seu Reino mediador, “o último inimigo que será destruído é a morte” (I Cor. 15:26). Assim, São João viu a **Morte e o Hades**, que foram mencionados em conjunto em 1:18 e 6:8, **lançados no lago de fogo**. Como Terry diz, “toda a imagem de juízo e perdição está envolta em simbolismo místico, e a única revelação certa é a derrubada final em ruína irremediável de todos os que vivem e morrem em sujeição ao pecado e à morte.”⁵³ Além disso, como Morris observa, “a morte e o Hades são, em última instância, tão impotentes quanto as outras forças do mal. No fim, não há poder real senão o de Deus. Todo o resto é completamente impotente.”⁵⁴

Esta é a Segunda Morte, o lago de fogo. E se alguém não foi achado escrito no Livro da Vida, foi lançado no lago de fogo. Universalistas têm tentado por séculos fugir do fato claro de que a Escritura fecha as portas da fornalha com força sobre aqueles que são impenitentes até o fim, cujos nomes não estão inscritos (desde a fundação do mundo, 13:8; 17:8) no Livro da Vida do Cordeiro. Usando uma metáfora semelhante à de São João, Jesus disse: “Se alguém não permanece em mim, ele é lançado fora como um ramo, e murcha; e homens os recolhem, e os lançam no fogo, e eles são queimados.” (Jo. 15:6). “O restante dos mortos” nunca viverá, pois não há vida fora de Jesus Cristo.

⁵² Milton Terry, *Biblical Apocalypics*, pg. 457.

⁵³ Terry, *Biblical Apocalypics*, pg. 458.

⁵⁴ Leon Morris, *The Revelation of St. John* (Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Co., 1969), pp. 241f.

21

A NOVA JERUSALÉM

A Bíblia é um Livro de Histórias, com uma História para contar. Essa História, que é a de Jesus Cristo e Sua salvação do mundo, é apresentada repetidamente por toda a Bíblia, com inúmeras variações sobre o mesmo tema básico. Um aspecto importante dessa história é de Deus como o Rei Guerreiro, que ressuscita o Seu povo da morte, derrota Seus inimigos, toma para Si os despojos da guerra e constrói Sua Casa. Por exemplo, há a história do Êxodo: “E Moisés disse ao povo: Não temais, aquietai-vos e vede a salvação do SENHOR, que ele hoje vos fará; porque aos egípcios que hoje vistes, nunca mais tornareis a ver. O SENHOR lutará por vós, e tereis vossa paz.” (Ex. 14:13-14). Consequentemente, após a travessia bem-sucedida do Mar Vermelho (a ressurreição batismal de Israel e a destruição batismal do Egito), Moisés exultou: “O SENHOR é varão de guerra!” (Ex. 15:3, ARC). O Egito e toda a sua riqueza e glória foram completamente destruídos; tudo o que restou foi o que os israelitas “saquearam”, de prata e ouro, e artigos de vestuário (Ex. 3:21-22; 11:1-2; 12:35-36). Muito disso foi mais tarde entregue ao Senhor para a construção do Tabernáculo, a Casa de Deus (Ex. 35:21-29; 36:3-8), na qual Ele entrou em Glória flamejante (Ex. 40:34).

O padrão é repetido muitas vezes, outro exemplo bem conhecido é a história de Davi e Salomão: Davi age como Guerreiro de Deus, lutando as batalhas do Senhor com Ele (cf. 2 Sm. 5:22-25), e seu filho Salomão constrói a Casa do Senhor (2 Sm. 7:12-13); e novamente, o sinal de que Deus se moveu é a descida do fogo (2 Cr. 7:1-3). Todas essas foram vitórias e construções de Casa de natureza provisória, antecipações da vitória definitiva na obra de Jesus Cristo.

Uma das declarações mais marcantes sobre o vindouro Rei Guerreiro ocorre na profecia de Ezequiel. Como vimos, o Livro do Apocalipse está explicitamente ligado a Ezequiel em muitos pontos; e os últimos doze capítulos de Ezequiel estão especialmente no pano de fundo dos capítulos finais de São João. Em Ezequiel 37, o profeta tem uma visão de Israel no exílio, representado como um vale cheio de ossos secos; humanamente falando, toda a esperança se foi. Mas enquanto Ezequiel prega aos ossos e intercede pelo povo com o Espírito de Deus, o Senhor realiza o milagre da recriação, ressuscitando o povo de Israel, tirando-os de seus túmulos e

transformando-os em “um exército extremamente grande”. Um Israel unido é restaurado ao seu Reino, com Davi governando novamente como Rei, para sempre.

Após esta Ressurreição, no entanto, há a Guerra: “Gogue da terra de Magogue” vem com os exércitos das nações pagãs para guerrear contra o Israel restaurado (Ez. 38). Ele é destruído pelo fogo e enxofre do céu, seus despojos são tomados pelos israelitas vitoriosos, e seus exércitos são devorados pelas aves do céu e pelos animais do campo (Ez. 39). Após esta cena, Ezequiel escreve alguns dos capítulos mais elaboradamente detalhados da Bíblia (Ez. 40-48), nos quais ele descreve uma Cidade-Templo ideal, uma Nova Jerusalém na qual o próprio Deus habita entre Seu povo e envia bênçãos a partir do Seu Trono para os confins da terra.

São João já usou o tema ressurreição-batalha-Templo várias vezes em Apocalipse (um dos exemplos mais notáveis é o Capítulo 11, no qual as duas testemunhas são ressuscitadas, o Reino vem, a ira de Deus cai sobre as nações, os destruidores são destruídos e o Templo é aberto). Mas a estrutura específica de Ezequiel está claramente em mente em Apocalipse 20: Os santos participam da Primeira Ressurreição e reinam no Reino com o seu “Davi” maior; então eles são atacados por Gogue e Magogue. O inimigo é destruído pelo fogo do céu - o sinal de que Deus está entrando em Seu santo Templo. Tudo isso nos leva a 21-22, a visão de São João do Templo final, o Paraíso consumado que se tornou a Cidade de Deus, onde Deus habita com Seu povo em perfeita comunhão. A tarefa original de Adão foi cumprida, e suas implicações culturais são plenamente realizadas à medida que as nações voluntariamente trazem seus tesouros para a Casa de Deus e o Rio da Vida flui para curar o mundo.

Tudo Se Fez Novo (21:1-8)

- 1 E vi um novo céu e uma nova terra; porque o primeiro céu e a primeira terra passaram, e o Mar não mais existe.
- 2 E vi a Cidade Santa, a Nova Jerusalém, descendo do céu, da parte de Deus, preparada como uma Noiva adornada para o seu Marido.
- 3 E ouvi uma forte Voz do céu, dizendo: Eis que o Tabernáculo de Deus está entre os homens, e Ele habitará entre eles, e eles serão o Seu povo, e o próprio Deus estará entre eles,

- 4 e Ele enxugará dos seus olhos toda lágrima; e não haverá mais morte; não haverá mais lamento, nem choro, nem dor; as primeiras coisas passaram.
- 5 E Aquele que está assentado no trono disse: Eis que faço novas todas as coisas. E disse: Escreve, porque estas palavras são fiéis e verdadeiras.
- 6 E disse-me: Feito está! Eu sou o Alfa e o Ômega, o Princípio e o Fim. Ao sedento, darei da fonte da Água da Vida sem custo.
- 7 O que vencer herdará estas coisas, e eu serei seu Deus e ele será Meu filho.
- 8 Mas para os covardes, e incrédulos, e pecadores, e abomináveis, e assassinos, e fornicadores, e feiticeiros, e idólatras, e todos os mentirosos, a sua parte será no lago que arde com fogo e enxofre, que é a Segunda Morte.

1 João começa esta, a última e mais longa na série final de visões, com as palavras **E vi**. Embora esta seja a sétima visão da série, é a oitava ocorrência da frase *kai eidon* – o número 8, como já notamos, sendo associado à ressurreição e regeneração (por exemplo, os homens hebreus eram circuncidados no oitavo dia; Jesus [888], ressuscitou no oitavo dia, etc.). São João as utiliza aqui para ressaltar a imagem da ressurreição e regeneração cósmica: Ele vê **um novo céu e uma nova terra; porque o primeiro céu e a primeira terra passaram**, tendo fugido da face do Juiz (20:11). O velho mundo é completamente substituído pelo **novo**; a palavra usada não é *neos* (novidade cronológica), mas *kainos* (novidade em espécie, de qualidade superior). A tarefa de Adão de celestializar a terra foi concluída, estabelecida em uma base inteiramente nova na obra de Cristo. A condição original inabitável de profundezas e escuridão da Terra foi completamente eliminada: **o Mar**, ou o Abismo, **não mais existe**. Há céu e terra, mas não há “debaixo da terra”, a morada do Leviatã. O que São João nos revela é o resultado escatológico da reconciliação cósmica abrangente celebrada por São Paulo: “Porque foi do agrado do Pai que nele toda a plenitude habitasse, e que, havendo por ele feito a paz pelo sangue da sua

cruz, por meio dele reconciliasse consigo mesmo todas as coisas; tanto as que estão na terra como as que estão no céu.” (Cl 1:19-20).¹

No entanto, essa visão do novo céu e da nova terra não deve ser interpretada como totalmente futura. Como veremos repetidamente ao longo do nosso estudo deste capítulo, aquilo que deve ser absoluta e completamente verdadeiro na eternidade é definitiva e progressivamente verdadeiro *agora*. Nosso desfrute de nossa herança eterna será uma continuação e perfeição do que é verdadeiro para a Igreja nesta vida. Não devemos simplesmente esperar pelas bênçãos de Apocalipse 21 em uma eternidade vindoura, mas apreciá-las, regozijar-nos nelas e estendê-las no aqui e agora. São João estava falando à Igreja primitiva sobre realidades presentes, sobre bênçãos que já existiam e que aumentariam à medida que o Evangelho avançasse e renovasse a Terra.

A salvação é consistentemente apresentada na Bíblia como *re-criação*.² É por isso que a linguagem e o simbolismo da criação são usados nas Escrituras sempre que Deus fala em salvar Seu povo. Vimos como as libertações realizadas por Deus de Seu povo no Dilúvio e no Êxodo são consideradas pelos escritores bíblicos como Novas Criações provisórias, apontando para a Nova Criação definitiva no Primeiro Advento de Cristo. Assim, Deus falou por meio de Isaías sobre as bênçãos do Reino vindouro de Cristo:

Pois eis que eu crio novos céus e nova terra;
e não haverá lembrança das coisas passadas,
jamais haverá memória delas.
Exultem e alegrem-se para sempre no que eu crio;
porque eis que crio para Jerusalém alegria
e para o seu povo, exultação.
Eu me alegrarei por causa de Jerusalém
e exultarei no meu povo,
e nunca mais se ouvirá nela
nem voz de choro nem de clamor.
Não haverá mais nela criança
que viva somente alguns dias,

¹ Veja John Murray, “The Reconciliation”, *The Westminster Theological Journal*, XXIX (1966) 1, pp. 1-23; *Collected Writings*, 4 vols. (Edinburgh: The Banner of Truth Trust, 1976-82), Vol. 4, pp. 92-112.

² Veja David Chilton, *Paraíso Restaurado* (Editora Monergismo, 2024), pp. 35-38.

nem velho que não complete os seus dias.
Porque morrer aos cem anos será morrer ainda jovem,
e quem pecar só aos cem anos será amaldiçoado.
Eles construirão casas e nelas habitarão;
plantarão vinhas e comerão o seu fruto.
Não construirão para que outros habitem,
nem plantarão para que outros comam.
Porque a longevidade do meu povo será como a da árvore,
e os meus eleitos desfrutarão ao máximo
as obras das suas próprias mãos.
Não farão o seu trabalho em vão,
nem irão gerar filhos para a calamidade,
porque são a descendência dos benditos do SENHOR,
e os seus filhos estarão com eles.
Antes mesmo que clamem, eu responderei;
estando eles ainda falando, eu os ouvirei.
O lobo e o cordeiro pastarão juntos,
e o leão comerá palha como o boi;
pó será a comida da serpente.
Não se fará mal nem dano algum
em todo o meu santo monte (Is. 65:17-25, NAA)

Isso não pode estar falando do céu, ou de um tempo após o fim do mundo; pois nestes “novos céus e nova terra” ainda há morte (embora em uma idade muito avançada – “a longevidade da árvore”); as pessoas constroem, plantam, trabalham e têm filhos. Isaías está claramente fazendo uma declaração sobre *esta* era, *antes* do fim do mundo, mostrando o que as gerações futuras podem esperar à medida que o Evangelho permeia o mundo, restaura a terra ao Paraíso e traz à realização os objetivos do Reino. Isaías está descrevendo as bênçãos de Deuteronômio 28 em seu maior cumprimento terrestre. Assim, quando São João nos diz que viu “um novo céu e uma nova terra”, devemos reconhecer que o significado *primário* dessa frase é simbólico e relaciona-se com as bênçãos da salvação.

Talvez o texto definitivo no Novo Testamento sobre o “novo céu e nova terra” seja 2 Pedro 3:1-14. Ali, São Pedro lembra seus leitores que Cristo e todos os apóstolos haviam alertado sobre a apostasia acelerada no fim dos “últimos dias” (2 Pe. 3:2-4; cf. Jd. 17-19) – que, como vimos, foi o período de transição de quarenta anos (cf. Hb. 8:13) entre a Ascensão de Cristo e a destruição do Templo da Antiga Aliança, quando as nações es-

tavam começando a fluir em direção ao Monte do SENHOR (Is. 2:2-4; At. 2:16-17; Hb. 1:2; Tg. 5:3; 1 Pe. 1:20; 1 Jo. 2:18). Como São Pedro deixou claro, esses “escarnecedores” dos últimos dias seriam *apóstatas da Aliança*: judeus que estavam familiarizados com a história e a profecia do Antigo Testamento, mas que abandonaram a Aliança ao rejeitar Cristo. Sobre esta geração má e perversa viria o grande “Dia do Juízo” predito nos profetas, uma “destruição dos homens ímpios” como a sofrida pelos ímpios dos dias de Noé (2 Pe. 3:5-7, A21; cf. a mesma analogia feita em Mt. 24:37-39; Lc. 17:26-27). Assim como Deus destruíra o “mundo” daqueles dias pelo Dilúvio, Ele destruiria o “mundo” de Israel do primeiro século pelo fogo na queda de Jerusalém.

São Pedro descreve isso como a destruição dos “céus e terra de agora” (2 Pe. 3:7, A21), abrindo caminho para “novos céus e uma nova terra” (v. 13). Por causa da terminologia de “universo em colapso” usada nesta passagem, muitos erroneamente assumiram que São Pedro está falando do fim derradeiro do céu e da terra físicos, em vez da dissolução da ordem mundial da Antiga Aliança. O grande teólogo puritano do século XVII John Owen respondeu a essa visão fazendo referência ao uso metafórico da Bíblia sobre *céus e terra*, como na descrição de Isaías da Aliança Mosaica:

Porque eu sou o SENHOR teu Deus, que agito o mar, de modo que bramem as suas ondas. O SENHOR dos Exércitos é o seu nome. E ponho as minhas palavras na tua boca, e te cubro com a sombra da minha mão; para plantar os *céus*, e para fundar a *terra*, e para dizer a Sião: Tu és o meu povo. (Is. 51:15-16, ACF)

Owen escreve: “A época em que a obra aqui mencionada, de plantar os céus e lançar os alicerces da terra, foi realizada por Deus, foi quando ele ‘dividiu o mar’ (v. 15), e deu a lei (v. 16), e disse a Sião: ‘Tu és meu povo’ – isto é, quando ele tirou os filhos de Israel do Egito, e os formou no deserto em uma igreja e estado. Então ele plantou os céus, e lançou os alicerces da terra – fez o novo mundo; isto é, criou ordem, governo e beleza, a partir da confusão na qual estavam anteriormente. Este é o plantio dos céus, e o estabelecimento os alicerces da terra no mundo.”³

Outro texto como esse, entre muitos que poderiam ser mencionados, é Jeremias 4:23-31, que fala da queda iminente de Jerusalém (587 a.C.) em

³ John Owen, *Works*, 16 vols. (London: The Banner of Truth Trust, 1965-68), Vol. 9, pg. 134.

linguagem semelhante de *descrição*: “Eu observei a *terra*, e eis que era sem forma e vazia, e os *céus*, não tinham luz. [...] Pois assim disse o SENHOR: A terra toda será desolada [cf. Mt. 24:15]. Contudo eu não a destruirei totalmente. Por isto a *terra* irá lamentar e os *céus* acima ficarão negros [...]” A Aliança de Deus com Israel havia sido expressa desde o início em termos de uma *nova criação*; assim, a ordem da Antiga Aliança, na qual o mundo inteiro era organizado em torno do santuário central do Templo de Jerusalém, poderia ser apropriadamente descrita, antes de sua dissolução final, como “os céus e terra de agora”.

Owen continua: “E, portanto, quando se faz menção à destruição de um estado e governo, isto se dá naquela linguagem que parece descrever o fim do mundo. Como em Isaías 34:4, que, no entanto, se refere apenas à destruição do estado de Edom. O mesmo é também afirmado com relação ao império romano, em Apocalipse 6:14, o qual os judeus constantemente afirmam ser aquilo que, nos profetas, está representado por Edom. E na predição de nosso Salvador Cristo sobre a destruição de Jerusalém, Mateus 24, ele a expõe através de expressões de igual significado. É evidente então que, na linguagem e modo de expressão proféticos, por ‘céus’ e ‘terra’, o estado civil e religioso e a combinação dos homens no mundo, e os homens deles, são frequentemente entendidos. Assim, os céus e a terra referiam-se àquele mundo que foi então destruído pelo dilúvio.

“Sobre este fundamento, afirmo que os céus e a terra aqui pretendidos nesta profecia de Pedro, a vinda do Senhor, o dia do juízo e perdição de homens ímpios, mencionados na destruição daquele céu e daquela terra, todos eles se relacionam, não com o último e definitivo julgamento do mundo, mas com aquela desolação e destruição total da igreja e do estado judaicos.”⁴

Esta interpretação é confirmada pelas informações adicionais de São Pedro: Neste iminente “Dia do Senhor” que está prestes a vir sobre o mundo do primeiro século “como um ladrão” (cf. Mt. 24:42-43; 1 Ts. 5:2; Ap. 3:3), “os elementos hão de derreter com calor intenso” (v. 10; cf. v. 12). O que são esses *elementos*? Os assim chamados “literalistas” dirão que o apóstolo está falando sobre física, associando o termo a átomos (ou talvez partículas subatômicas), os componentes físicos reais do universo. O que esses “literalistas” falham em reconhecer é que, embora a palavra *elementos*

⁴ Ibid.

seja usada várias vezes no Novo Testamento, ela *nunca* é usada em conexão com o universo físico! O termo é *sempre* usado em conexão com a ordem da Antiga Aliança (v. Gl. 4:3, 9; Cl. 2:8, 20). O escritor aos Hebreus os repreendeu: “Pois, com efeito, quando devíeis ser mestres, atendendo ao tempo decorrido, tendes, novamente, necessidade de alguém que vos ensine, de novo, quais são os princípios *elementares*[†] dos oráculos de Deus; assim, vos tornastes como necessitados de leite e não de alimento sólido” (Hb 5:12, ARA). No contexto, o escritor está claramente falando de verdades da Antiga Aliança – particularmente porque ele as conecta com o termo *oráculos de Deus*, uma expressão geralmente usada para a revelação provisória da Antiga Aliança (veja At. 7:38; Rm. 3:2). A mensagem de São Pedro, argumenta Owen, é que “os céus e a terra que o próprio Deus plantou – o sol, a lua e as estrelas do estado e igreja judaicos – todo o antigo mundo de adoração e adoradores, que persistiu em sua obstinação contra Senhor Cristo – serão visivelmente dissolvidos e destruídos.”⁵ Assim, “a Terra e as obras que nela há se queimarão” (v. 10).

Owen oferece mais duas razões (“dentre muitas sobre as quais poder-se-ia insistir a partir do texto”) para adotar a interpretação de 2 Pedro 3 sobre 70 d.C. Primeiro, ele observa, “tudo o que é aqui mencionado deveria ter sua influência particular sobre os homens daquela geração”. São Pedro tem sua preocupação especial em garantir que os crentes do primeiro século se lembrem dos avisos apostólicos sobre “os últimos dias” (v. 2-3); escarnecedores judeus, claramente familiarizados com as profecias bíblicas de juízo, se recusam a dar ouvidos aos avisos (v. 3-5); os leitores de São Pedro são exortados a viver vidas santas em luz deste juízo iminente (v. 11, 14); e são *esses* primeiros cristãos que mencionados de forma repetida como ativamente “aguardando e se apressando” para o juízo (v. 12, 13, 14). É precisamente a *iminência* da conflagração que se aproxima que São Pedro cita como um motivo para a diligência na vida piedosa.

Segundo, Owen cita 2 Pedro 3:13: “Mas nós, *de acordo com a sua promessa*, aguardamos novos céus e uma nova terra, onde habita a justiça.” Owen pergunta: “Qual é essa promessa? Onde podemos encontrá-la? Ora, nós a temos nas próprias palavras de Isaías 65:17. Agora, quando será que Deus criará esses ‘novos céus e nova terra, nos quais habita a justiça’? Diz

[†] Gr. *stoicheia*, a mesma palavra vertida como ‘elementos’ em 2 Pe. 3:10. (cf. NTIA, pp. 820, 879) [N. R.]

⁵ Ibid., pg. 135.

Pedro: ‘Será depois da vinda do Senhor, depois daquele juízo e destruição dos homens ímpios, que não obedecem ao Evangelho, que eu predigo.’ Mas agora é evidente, a partir desta passagem em Isaías, de capítulo 66:21-22, que esta é uma profecia apenas sobre os tempos do Evangelho; e que o plantio desses novos céus nada mais é do que a criação das ordenanças do Evangelho, que durarão para sempre. O mesmo é expresso em Hebreus 12:26-28.”⁶

Owen acertou o alvo em cheio ao fazer a pergunta que tantos expositores deixaram de fazer: *Onde* Deus prometeu trazer “novos céus e uma nova terra”? A resposta, como Owen corretamente afirma, está em Isaías 65 e 66 – passagens que claramente profetizam o período do Evangelho, trazido pela obra de Cristo. De acordo com Isaías, esta Nova Criação não pode ser o estado eterno, uma vez que contém nascimento e morte, construção e plantio (65:20-23). Os “novos céus e terra” prometidos à Igreja compreendem a era do triunfo do Evangelho, quando toda a humanidade virá a se curvar diante do Senhor (66:22-23). O encorajamento de São Pedro à Igreja de seus dias era para que mantivessem a paciência, e aguardassem o juízo de Deus para destruir aqueles que perseguiam a fé e impediam o seu progresso. Assim que o Senhor viesse para destruir o andaime da estrutura da Antiga Aliança, o Templo da Nova Aliança seria deixado em seu lugar, e a marcha vitoriosa da Igreja tornar-se-ia imparável. O mundo, no fim, seria convertido; os tesouros da terra seriam trazidos para a Cidade de Deus, à medida que o Mandato do Paraíso (Gn. 1:27-28; Mt 28:18-20) fosse consumado (Ap. 21:24-27).

É por isso que os apóstolos constantemente afirmavam que a era da consumação já havia sido inaugurada pela ressurreição e ascensão de Cristo, que derramou o Espírito Santo. Assim que a velha ordem fosse sido varrida, São Pedro declarou, a Era de Cristo seria plenamente estabelecida, uma era “onde habita a justiça” (2 Pe. 3:13). A característica distintiva da nova era, em forte contraste com aquela que a precedeu, seria a justiça – justiça *crescente*, à medida que o Evangelho fosse posto em ação livremente em sua missão às nações. Norman Shepherd mostra como isso é prenunciado na nova criação provisória após o Dilúvio: “Assim como Noé põe os pés com sua família após o primeiro batismo familiar (1 Pe. 3:20f.) em uma nova terra na qual mais uma vez a justiça habita, assim também Cristo por meio de seu batismo – sua morte e ressurreição – in-

⁶ Ibid., pp. 134f.

troduz seus filhos, através de seu batismo n'Ele, a uma nova existência na qual eles podem começar a ver e participar de uma nova terra caracterizada pela justiça e santidade. No poder do Espírito, eles cultivam a terra para a glória de Deus.”⁷

É certamente verdade que a justiça não habita na terra em um sentido absoluto; nem este mundo jamais será absolutamente justo, até que o inimigo final seja derrotado na Segunda Vinda de Cristo. A guerra entre Cristo e Satanás pelo domínio sobre a terra ainda não acabou. Houve muitas batalhas ao longo da história da Igreja, e muitas batalhas estão por vir. Mas elas não devem nos cegar para o progresso muito real que o Evangelho fez e continua a fazer no mundo. A guerra foi vencida definitivamente; a Nova Ordem Mundial do Senhor Jesus Cristo chegou; e, de acordo com a promessa de Deus, o conhecimento salvador d'Ele ainda encherá a terra, assim como as águas cobrem o mar.

Além disso, a frase *céu e terra* nesses contextos não se refere, como Owen apontou, ao céu físico e ao mundo físico, mas à *ordem mundial*, à organização religiosa do mundo, à “Casa” ou Templo que Deus constrói no qual Ele é adorado. A mensagem consistente do Novo Testamento é que a Casa da Nova Aliança, sobre a qual Jesus preside como Apóstolo e Sumo Sacerdote, é infinitamente superior à Casa da Antiga Aliança, presidida por Moisés (cf. 1 Co. 3:16; Ef. 2:11-22; 1 Tm. 3:15; Hb. 3:1-6). De fato, como o escritor aos Hebreus insiste, “o mundo vindouro” *chegou*; é a salvação presente, trazida pelo Filho de Deus nos Últimos Dias (Hb 1:1-2:5). Neste sentido específico, a justiça habita nos “céus e terra”.

2 São João vê em seguida, como o aspecto central desta Nova Criação, **a Cidade Santa, a Nova Jerusalém**. Novamente, devemos lembrar que Jesus Cristo realizou uma salvação, uma Nova Criação, com aspectos definitivos, progressivos e consumativos. A realidade final da Nova Criação escatológica é também a realidade presente da Nova Criação definitiva-progressiva. Nenhum aspecto desta salvação deve ser enfatizado em detrimento da exclusão ou minimização indevida dos outros. O Novo Testamento ensina que, com a Velha Jerusalém prestes a ser excomungada e executada por sua violação da aliança, os cristãos se tornaram cidadãos e herdeiros da Nova Jerusalém, a Cidade cuja origem está no céu, que

⁷ Norman Shepherd, “The Resurrections of Revelation 20,” *The Westminster Theological Journal*, XXXVII (Fall 1974) 1, pg. 40.

desce do céu, da parte de Deus (3:12; cf. Gl. 4:22-31; Ef. 2:19; Fp. 3:20; Hb. 11:10, 16; 12:22-23). O Novo Testamento então prossegue dizendo: Tudo isso, e o céu também! (cf. Fp. 3:21); a Nova Criação não é apenas um estado estabelecido definitivamente por Cristo, e que progressivamente se desdobrando agora; um dia será estabelecido finalmente, em perfeição absoluta e consumada!⁸

A Cidade está **preparada como uma Noiva adornada para o seu Marido**. A Noiva não está apenas *na* Cidade; a Noiva *é* a Cidade (cf. v. 9-10). A clara identificação de São João da Cidade como a Noiva de Cristo serve como outra demonstração de que a Cidade de Deus é uma realidade presente, bem como futura. A “Noiva” da Ceia de Casamento eucarística semanal (19:7-9) é a “Cidade amada” do Reino de Cristo (cf. 20:9). Estamos na Nova Jerusalém *agora*, como a Bíblia nos diz categoricamente: “*Chegastes ao monte Sião, e à cidade do Deus vivo, à Jerusalém celestial, e a uma companhia incontável de anjos; à igreja e assembleia geral dos primogênitos, que estão inscritos no céu [...]*” (Hb. 12:22-23).

3 Se somos cidadãos do céu, como São Paulo declarou (Ef. 2:19), também é verdade que o céu habita dentro de nós (Ef. 2:20-22). De fato, o próprio Verbo habitou entre nós (Jo. 1:14); Ele e Seu Pai fizeram Sua morada conosco (Jo. 14:23); e assim somos o Templo do Deus Vivo (2 Co. 6:16). Consequentemente, a visão de São João da Cidade Santa é seguida por **uma forte Voz do céu, dizendo: Eis que o Tabernáculo de Deus está entre os homens, e Ele habitará entre eles, e eles serão o Seu povo, e o próprio Deus estará entre eles**. Novamente, esta é uma repetição daquilo que já aprendemos nesta profecia (3:12; 7:15-17). Na Igreja do Novo Testamento, a promessa da Lei e dos profetas é cumprida: “E eu estabalecerei o meu tabernáculo no meio de vós, e a minha alma não vos abominará. E eu andarei no meio de vós, e eu serei o vosso Deus, e vós sereis o meu povo.” (Lv. 26:11-12); “Eu farei um pacto de paz com eles; será

⁸ Infelizmente, a interpretação quase exclusivamente futurista de tais passagens no passado recente – e a perspectiva neoplatônica que a acompanha, como se dissesse que é inútil e até pecaminoso trabalhar pela “celestialização” deste mundo – significou que uma ênfase adequada na realidade presente do Reino parece inverter o movimento do Novo Testamento. Onde a Bíblia diz: “não só neste mundo, mas também no que há de vir.”, nosso zelo em recuperar a perspectiva bíblica às vezes nos leva a dizer: “não só no mundo de há de vir, mas também neste mundo.” O perigo nisso, obviamente, é que pode produzir desprezo por uma escatologia verdadeiramente bíblica.

um pacto perpétuo com eles. E os estabalecerei, e os multiplicarei, e colocarei o meu santuário no meio deles para sempre. Meu tabernáculo também estará com eles; sim, e eu serei o seu Deus e eles serão o meu povo. E os pagãos saberão que eu, o SENHOR, santifico a Israel, quando meu santuário estiver no meio deles para sempre.” (Ez. 37:26-28).

Como o versículo 9 deixa explícito, esta passagem é a conclusão da seção dos Cálices da profecia. No início, São João viu o Santuário do Tabernáculo se enchendo de fumaça, de modo que ninguém conseguia entrar (15:5-8), e então ele ouviu “uma forte Voz” do Santuário ordenando aos sete anjos que derramassem seus Cálices de ira na Terra (16:1). No derramamento do sétimo Cálice, “uma forte Voz” novamente saiu do Santuário, dizendo: “Feito está!” – produzindo um grande terremoto, no qual as cidades caíram e cada montanha e ilha “fugiram” enquanto a visão se voltava para a destruição da Babilônia, a Falsa Noiva (16:17-21). Agora, no final da seção dos Cálices, a terra e o céu “fugiram” (20:11; 21:1), e novamente São João ouve **uma forte Voz do céu**, anunciando que o acesso ao Santuário foi fornecido no maior grau possível, pois **o Tabernáculo de Deus está entre os homens**. Em breve, a mesma Voz anunciará novamente: “Feito está” (v. 6), enquanto a visão direcionará nossa atenção para o estabelecimento da Verdadeira Noiva, a Nova Jerusalém.

4-5 A Voz que São João ouviu continua: **Ele enxugará dos seus olhos toda lágrima; e não haverá mais morte; não haverá mais lamento, nem choro, nem dor**. Aguardamos o cumprimento absoluto e perfeito desta promessa no Último Dia, quando o último inimigo for destruído. Mas, em princípio, já é verdade. Jesus disse: “Disse-lhe Jesus: Eu sou a ressurreição, e a vida; quem crê em mim, ainda que esteja morto, ele viverá; e todo aquele que vive e crê em mim nunca morrerá” (Jo. 11:25-26). Deus *já* enxugou nossas lágrimas, pois somos participantes de Sua Primeira Ressurreição. Uma evidência marcante disso é a diferença óbvia entre funerais cristãos e pagãos: Nós sofremos, mas não como aqueles que não têm esperança (1 Ts. 4:13). Deus tirou o aguilhão da morte (1 Co. 15:55-58).

Todas essas bênçãos vieram porque as primeiras coisas passaram. **E Aquele que está assentado no trono disse: Eis que faço novas todas as coisas**. Aqui está outra conexão com o ensinamento de São Paulo: “Assim que, se alguém está em Cristo, *nova criatura é; as coisas velhas já passaram; eis que tudo se fez novo*.” (2 Co. 5:17, ACF). Novamente, é claro, somos

confrontados com o fato de que isso é verdade agora, assim como no Último Dia. A única diferença essencial entre os assuntos de 2 Coríntios 5 e Apocalipse 21 é que São Paulo está falando *do indivíduo redimido*, enquanto São João está falando *da comunidade redimida*. Tanto o indivíduo quanto a comunidade são recriados, renovados e restaurados ao Paraíso na salvação, e essa restauração cósmica já começou. São João vê que aquilo que começou em instâncias aparentemente isoladas (aos olhos do primeiro século) é, na realidade, o prenúncio do futuro. A Nova Criação encherá a terra; toda a criação será renovada. Isto é verdadeiro definitivamente, será absolutamente verdadeiro escatologicamente – e nos dá o padrão para nosso trabalho neste ínterim, pois também deve ser operado progressivamente. A Nova Criação deve ser desdobrada, cada implicação dela compreendida e aplicada, pelo sacerdócio real nesta era.

O grande historiador da Igreja Philip Schaff entendeu isso: “Ao Senhor e ao seu reino pertence o mundo inteiro, com tudo o que vive e se move nele. *Tudo* é teu, diz o apóstolo [1 Co. 3:22]. A religião não é uma esfera única e separada da vida humana, mas o princípio divino pelo qual o homem em sua totalidade deve ser permeado, refinado e tornado completo. Ela se apodera dele em sua totalidade indivisa, no centro de seu ser pessoal; para levar luz ao seu entendimento, santidade à sua vontade e o céu ao seu coração; e derramar assim a consagração sagrada do novo nascimento e a liberdade gloriosa dos filhos de Deus sobre toda a sua vida interior e exterior. Nenhuma forma de existência pode resistir ao poder renovador do Espírito de Deus. Não há elemento racional que não possa ser santificado; nenhuma esfera da vida natural que não possa ser glorificada. A criatura, na mais ampla extensão da palavra, ardentemente aguarda pela manifestação dos filhos de Deus e anseia pela mesma libertação gloriosa. Toda a criação visa à redenção; e Cristo é o segundo Adão, o novo homem universal, não simplesmente em um sentido religioso, mas também em um sentido absoluto. A visão sustentada pelo monasticismo romanista e pelo pietismo protestante, pela qual o cristianismo passa a consistir numa oposição abstrata à vida natural, ou numa *fuga do mundo*, é bastante contrária ao espírito e poder do Evangelho, bem como falsa ao seu desígnio. O cristianismo é a redenção e renovação do *mundo*. Ele deve fazer novas *todas as coisas*.⁹”

⁹ Philip Schaff, *The Principle of Protestantism*, trans. John Nevin (Philadelphia: United Church Press, [1845] 1964), pg. 173.

6 E disse-me: Feito está! Este é o outro lado da declaração da destruição da Babilônia (16:17), ambos os textos servindo como ecos de Seu grito na Cruz: “Está consumado!” (João 19:30). Através de Sua redenção, Cristo conquistou a derrota eterna de Seus inimigos e a bênção eterna de Seu povo.

Aquele que está assentado no Trono se nomeia (como em 1:8) **o Alfa e o Ômega** (em português, “o A e o Z”), significando **o Princípio e o Fim**, a Fonte, o Objetivo e o Significado de todas as coisas, Aquele que garante que as promessas serão cumpridas. Isto é dito aqui para confirmar o que se seguirá, na promessa de Cristo da Eucaristia.

Observamos acima que o anúncio final de nosso Senhor da Cruz do Evangelho de São João (“Está consumado!”) é ecoado aqui; mas isso não é tudo, pois, após Jesus fazer essa proclamação, Ele entregou o espírito; e quando os soldados romanos vieram e viram que ele havia morrido, “um dos soldados lhe perfurou o lado com uma lança, e imediatamente saiu sangue e água” (Jo. 19:34). São João Crisóstomo comentou: “Não sem um propósito, nem por acaso, jorraram essas fontes, mas porque a Igreja foi formada a partir de ambas: Os iniciados renascem pela água e são nutridos pelo Sangue e pela Carne. Aqui está a origem dos Sacramentos; para que, quando te aproximares daquele cálice terrível, o faças como se estivesse bebendo do próprio lado do corpo de Cristo.”¹⁰ Por esta razão o Senhor diz: **Ao sedento, darei da fonte da Água da Vida sem custo.** “Sem custo”, isto é, para nós; porque a fonte da Vida brota de Sua própria carne. Nossa redenção foi comprada, “[não] com coisas corruptíveis, como prata ou ouro [...] mas com o precioso sangue de Cristo, como de um cordeiro sem defeito e sem mancha” (1 Pe. 1:18-19). A água nos alimenta sem custo, brotando dentro de nós e então fluindo de nós para dar Vida ao mundo inteiro (Jo. 4:14; 7:37-39).

7 O tema das Sete Cartas é repetido na promessa ao vencedor, o conquistador cristão vitorioso: **O que vencer herdará estas coisas.** Esta profecia nunca perdeu de vista seu caráter como uma mensagem prática e ética para as igrejas (em vez de uma mera “previsão” de eventos vindouros). Devemos também observar que a herança de todas essas bênçãos é direito exclusivo do vencedor. Como já vimos, São João não permite a existência de um cristianismo derrotista. Existe apenas um tipo

¹⁰ São João Crisóstomo, *Homílias em São João*, lxxxv.

de cristão: o conquistador. O filho de Deus é caracterizado pela vitória contra toda oposição, contra o próprio mundo (1 Jo. 5:4).

Além disso, Deus assegura ao vencedor Sua fidelidade à Sua promessa de aliança de salvação: **Eu serei seu Deus e ele será Meu filho** (cf. Gn. 17:7-8; 2 Co. 6:16-18). O mais elevado e pleno gozo da comunhão com Deus acontecerá no céu pela eternidade. Mas, definitiva e progressivamente, isso já é verdade agora. Já vivemos no novo céu e na nova terra; somos cidadãos da Nova Jerusalém. As coisas velhas já passaram, e tudo se fez novo.

8 Qualquer possibilidade de uma interpretação universalista é negada por este versículo sombrio. O próprio Deus dá nove¹¹ descrições dos irremediavelmente impenitentes e não redimidos – um resumo dos Seus inimigos, os seguidores do Dragão – que “não herdarão o Reino de Deus” (1 Co. 6:9; cf. Gl. 5:21), mas cuja **parte será no lago que arde com fogo e enxofre, que é a Segunda Morte**. Os condenados à perdição final são os **covardes**, em contraste com os conquistadores piedosos; os **incrédulos**, em contraste com aqueles que não negaram a fé (cf. 2:13, 19; 13:10; 14:12); os **pecadores**, em contraste com os santos (cf. 5:8; 8:3-4; 11:18; 13:7, 10; 14:12; 18:20; 19:8); **abomináveis** (cf. 17:4-5; 21:27; Mt. 24:15); **assassinos** (cf. 13:15; 16:6; 17:6; 18:24); **fornicadores** (cf. 2:14, 20-22; 9:21; 14:8; 17:2, 4-5; 18:3; 19:2); **feiticeiros** (*pharmakoi*, uma palavra que significa “magos envenenadores ou abortistas” (cf. 9:21; 18:23; 22:15));¹² **idólatras** (cf. 2:14, 20; 9:20; 13:4, 12-15); **e todos os mentirosos** (cf. 2:2; 3:9; 16:13; 19:20; 20:10; 21:27; 22:15). Como Sweet aponta, “a lista pertence, como listas semelhantes nas epístolas, ao contexto do batismo, o

¹¹ Nove, isto é, se a leitura do “Texto Majoritário” de *e pecadores* for aceita; tanto o Textus Receptus quanto o chamado “texto crítico” (Nestle, etc.) omitem essas palavras, deixando oito descrições. De acordo com alguns estudantes de simbolismo, o número 9 é associado ao julgamento na Bíblia, mas a evidência para isso parece tênue e arbitrária; veja E. W. Bullinger, *Number in Scripture* (Grand Rapids: Kregel Publications, [1894] 1967), pp. 235-42.

¹² J. Massyngberde Ford, *Revelation: Introduction, Translation, and Commentary* (Garden City, NY: Doubleday and Co., 1975), pg. 345. Sobre o uso de *pharmakeia* e seus cognatos com referência ao aborto em escritos pagãos e cristãos, veja Michael J. Gorman, *Abortion and the Early Church: Christian, Jewish, and Pagan Attitudes in the Greco-Roman World* (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1982), pg. 48.

despojamento do ‘velho homem’ e o revestimento do novo” (cf. Gl. 5,19-26; Ef. 4:17-5:7; Cl. 3:5-10; Tt. 3:3-8).¹³

A Nova Jerusalém (21:9-27)

- 9 E um dos sete anjos que tinham os Sete Cálices cheios das sete últimas pragas veio e falou comigo, dizendo: Vem, eu te mostrarei a Noiva, a Esposa do Cordeiro.
- 10 E ele me levou no Espírito a um grande e alto Monte, e me mostrou a Cidade Santa, Jerusalém, que descia do céu, da parte de Deus,
- 11 tendo a glória de Deus. Seu luminar era semelhante a uma pedra muito preciosa, como uma pedra de jaspe cristalina.
- 12 Ela tinha um grande e alto muro, com doze portões, e portões portas doze anjos; e nomes estavam escritos nelas, que são os das doze tribos dos filhos de Israel.
- 13 Havia três portões no leste, e três portões no norte, e três portões no sul e três portões no oeste.
- 14 E o muro da Cidade tinha doze pedras fundamentais, e nelas estavam os doze nomes dos doze apóstolos do Cordeiro.
- 15 E aquele que falava comigo tinha por medida uma vara de ouro para medir a Cidade, e seus portões e muro.
- 16 E a Cidade é disposta como um quadrado, e seu comprimento é tão grande quanto a largura; e ele mediu a cidade com a vara, doze mil estádios; seu comprimento, e largura e altura são iguais.
- 17 E ele mediu seu muro, cento e quarenta e quatro côvados, de acordo com medidas humanas, que também são medidas angelicais.
- 18 E o material do muro era jaspe; e a Cidade era de ouro puro, semelhante a vidro transparente.
- 19 As pedras fundamentais da cidade eram adornadas com todo tipo de pedra preciosa. A primeira pedra fundamental era jaspe; a segunda, safira; a terceira, calcedônia; a quarta, esmeralda;
- 20 a quinta, sardônica; a sexta, sárdio; a sétima, crisólita; a oitava, berilo; a nona, topázio; a décima, crisoprásio; a undécima, jacinto; a dudodécima, ametista.

¹³ J. P. M. Sweet, *Revelation* (Philadelphia: The Westminster Press, 1979), pg. 300.

- 21 E os doze portões eram doze pérolas; cada um dos portões era uma única pérola. E a rua da Cidade era de ouro puro, semeilhante a vidro transparente.
- 22 E não vi Santuário nela, pois o Senhor Deus, o Todo-Poderoso, e o Cordeiro são o seu Santuário.
- 23 E a Cidade não necessita do sol nem da lua para brilharem sobre ela, pois a glória de Deus a iluminou, e sua lâmpada é o Cordeiro.
- 24 E as nações andarão na sua luz, e os reis da terra trarão a ela sua glória e honra.
- 25 E durante o dia (pois lá não haverá noite) seus portões nunca serão fechados;
- 26 e trarão a ela a glória e a honra das nações;
- 27 e nela jamais entrará coisa alguma impura, nem aquele que pratica abominação e mentira, mas somente aqueles cujos nomes estão escritos no Livro da Vida do Cordeiro.

9 Este versículo une a seção final do Apocalipse, estabelecendo a relação literária dos capítulos 15-22. É **um dos sete anjos que tinham os Sete Cálices** que revela a São João a Nova Jerusalém, assim como um dos mesmos sete anjos lhe mostrou a visão da Babilônia (17:1); e aqui **a Noiva, a Esposa do Cordeiro**, é contrastada com a Meretriz, a esposa infiel.

10-11 São João é **levado no Espírito** (cf. 1:10; 4:2; 17:3) **a um grande e alto Monte**, um contraste deliberado com o deserto onde viu a Meretriz (17:3). Vimos (em 14:1) que a imagem do Monte fala do Paraíso, que estava localizado em um planalto elevado, de onde a água da vida fluía para o mundo inteiro (cf. 22:1-2). O apóstolo vê **a Cidade Santa, Jerusalém, que descia do céu, da parte de Deus**. A imagem não pretende, é claro, evocar imagens de estações espaciais ou de cidades literalmente flutuando no ar; em vez disso, ela indica a origem divina da “cidade que tem fundamentos, da qual o artífice e construtor é Deus” (Hb. 11:10).

Durante a apostasia de Judá, o profeta Ezequiel viu a Nuvem de Glória partir do Templo e dirigir-se para o leste, ao Monte das Oliveiras (Ez. 10:18-19; 11:22-23); mais tarde, em sua visão da Nova Jerusalém, ele vê a Nuvem de Glória retornando para habitar no novo Templo, a Igreja (Ez. 43:1-5). Isso foi cumprido quando Cristo, a Glória encarnada de Deus, ascendeu ao Seu Pai na Nuvem, estando no Monte das Oliveiras (Lc. 24:50-51), enviando então Seu Espírito para encher a Igreja no Pentecostes. Pro-

vavelmente houve uma imagem posterior dessa transferência da Glória de Deus para a Igreja quando no Pentecostes de 66 d.C., enquanto os sacerdotes no Templo ocupavam-se com seus deveres habituais, ouviu-se “um ruído” seguido por “uma voz que repetiu várias vezes: ‘Saíamos daqui!’”¹⁴ Ernest Martin comenta: “Esta partida da Divindade do Templo no Pentecostes de 66 d.C. ocorreu exatamente 36 anos (precisamente no mesmo dia) após o Espírito Santo ter sido dado pela primeira vez em poder aos apóstolos e aos outros no primeiro Pentecostes cristão registrado em Atos 2. E agora, no mesmo dia de Pentecostes, foi dado o testemunho de que o próprio Deus estava abandonando o Templo em Jerusalém. Isso significava que o Templo não era mais um santuário sagrado e que o edifício não era mais sagrado do que qualquer outro edifício secular. Notavelmente, até mesmo os registros judaicos mostram que os judeus passaram a reconhecer que a glória Shekinah de Deus deixou o Templo neste momento e permaneceu sobre o Monte das Oliveiras por 3 anos e meio. Durante este período, uma voz foi ouvida vindo da região do Monte das Oliveiras pedindo aos judeus que se arrependessem de seus atos (*Midrash Lam. 2:11*). Isso tem uma relação interessante com a história do cristianismo porque agora sabemos que Jesus Cristo foi crucificado e ressuscitou dos mortos no Monte das Oliveiras¹⁵ – a região exata na qual, de acordo com os registros judaicos, a glória Shekinah de Deus permaneceu pelos 3 anos e meio após sua partida do Templo em Pentecostes, 66 d.C. [...] A referência judaica afirma que os judeus falharam em dar ouvidos a esse aviso da glória Shekinah (que eles chamavam de *Bet Kol* – a voz de Deus), e que ela deixou a terra e recuou para o céu pouco antes do cerco final de Jerusalém pelos romanos em 70 d.C.

“[...] Desde o Pentecostes de 66 d.C., nenhuma pessoa pensante entre os cristãos, que respeitasse esses sinais miraculosos óbvios associados ao Templo, poderia acreditar que a estrutura ainda era um santuário sagrado de Deus. O próprio Josefo resumiu a convicção de muitas pessoas que passaram a acreditar que Deus ‘se afastara até mesmo de seu santuário’

¹⁴ Josefo, *A Guerra dos Judeus*, 6:5:3 em *HDH 2:6:31:476*, pg. 1370. Sobre este e outros eventos de 66 d.C., veja acima, pp. 287-289.

¹⁵ Veja Ernest L. Martin, *The Place of Christ's Crucifixion: Its Discovery and Significance* (Pasadena, CA: Foundation for Biblical Research, 1984).

(Guerra, II.539), que o Templo ‘não mais era a morada de Deus’ (Guerra, V.19), porque ‘a Divindade deixara os lugares sagrados’ (Guerra, V.412).”¹⁶

Escrevendo enquanto esses eventos ainda estavam vivos nas mentes dos judeus, São João declara que a *Shekinah*, **a Glória de Deus**, agora repousa no verdadeiro Templo/Cidade Sagrada, o Paraíso consumado – a Noiva de Cristo.

A Nova Jerusalém é descrita ainda como possuidora de um **luminar** (*phōstēr*) – literalmente, uma *estrela* ou portador de luz (cf. Gn. 1:14, 16 [LXX], onde é usada com referência ao sol, lua e estrelas); São Paulo usa o mesmo termo quando diz que os cristãos “resplandece[m] como *luminas* no mundo” (Fp 2:15, BTX; cf. Dn 12:3). Isso é paralelo ao sol com o qual a Mulher é vestida em 12:1 – exceto que agora o luminar da Noiva, mais brilhante do que o sol, brilha com a Glória do Próprio Deus: **semelhante a uma pedra muito preciosa, como uma pedra de jaspe cristalina**, à imagem d’Aquele que era “semelhante a uma pedra de jaspe e a um sárdio em aparência” (4:2-3). C. S. Lewis escreveu: “É coisa séria viver numa sociedade de possíveis deuses e deusas, e lembrar que a pessoa mais chata e desinteressante com quem você pode conversar poderá um dia ser uma criatura que, se você a visse agora, seria fortemente tentado a adorar; ou, então, um horror e uma corrupção tal qual você encontra agora, se for o caso, apenas num pesadelo. O dia todo, em certo sentido, ajudamos uns aos outros a chegar a um desses dois destinos. É à luz dessas possibilidades irrefutáveis, é com a reverência e a circunspecção que as caracterizam que deveríamos conduzir nossas interações uns com os outros, todas as amizades, todos os amores, toda a diversão, toda a política. Não existem pessoas *comuns*. [...] Muito próximo dos elementos do sacramento da Ceia do Senhor, seu próximo é o elemento mais santo percebido pelos sentidos. Se seu próximo for cristão, ele será santo num sentido quase tão semelhante, pois nele Cristo também está *vere latitat* – o glorificador e o glorificado, o próprio Deus da Glória está verdadeiramente oculto.”¹⁷

12-14 A Mulher de 12:1, além de suas vestes gloriosas, usava uma coroa de doze estrelas; esta agora deve ser substituída por outra coroa de doze estrelas – desta vez uma “coroa” de muros adornados de joias. Mas,

¹⁶ Ernest L. Martin, *The Original Bible Restored* (Pasadena, CA: Foundation for Biblical Research, 1984), pp. 157f.

¹⁷ C. S. Lewis, *O Peso da Glória* (Thomas Nelson Brasil, 2017), 2ª Edição Kindle, loc. 534f.

visto que as vestes da Noiva também correspondem às da Glória entronizada de 4:3, São João tem o cuidado de fazer sua “coroa” corresponder ao círculo de doze naquela passagem também. Lá, o Trono era circundado por dois dozes, os vinte e quatro anciãos entronizados. Assim, aqui a Cidade-Noiva também é coroada com um doze duplo: os patriarcas e os apóstolos. “A transição de uma coroa sobre a cabeça da senhora para um anel de muros da cidade era mera rotina para os contemporâneos de São João; o símbolo tradicional para uma cidade era a figura de uma senhora com uma coroa ameaçada.”¹⁸

Está implícito na visão de Ezequiel que a Cidade tem **um grande e alto muro**, pois “os portões dos quais o profeta fala [Ez. 48:31-34] são as portas fortificadas, pórticos ou torres de portão que constituem o muro de uma cidade”;¹⁹ isso é explícito no relato de São João. Os **doze portões** da Cidade são guardados por **doze anjos** (cf. os querubins que guardavam o portão do Éden em Gn. 3:24), e estão inscritos com os **nomes [...] das doze tribos dos filhos de Israel**, outra característica em comum com a visão de Ezequiel (Ez. 48:31-34). Sweet comenta: “Os doze portais do Zodiaco na cidade dos céus são colocados sob o controle da Bíblia: Israel é o núcleo da sociedade divina.”²⁰

A Cidade tem **três portões no leste, e três portões no norte, e três portões no sul e três portões no oeste**. Vimos na discussão em 7:5-8 que as doze tribos de Israel são listadas por São João (e antes dele, por Ezequiel) de tal forma a “equilibrar” os filhos de Lia e Raquel. A ordem em que os portões são listados (leste, norte, sul, oeste) corresponde a esta lista tribal – o que naturalmente esperaríamos, já que São João menciona os portões, com sua ordem incomum, imediatamente após mencionar as doze tribos. Em outras palavras, ele pretende que usemos as informações neste versículo para voltar e resolver o enigma de 7:5-8 (veja os gráficos nas pp. 245-46).

Há outro ponto intrigante sobre este versículo: São João nos diz que os portões são, literalmente, *desde o leste, desde o norte, desde o sul e desde o oeste* – dando, como Sweet sugere, “a imagem de muitos vindo desde os

¹⁸ Austin Farrer, *The Revelation of St. John the Divine* (Oxford: At the Clarendon Press, 1964), pg. 215.

¹⁹ Ford, pg. 341.

²⁰ Sweet, pg. 304.

quatro pontos cardeais (Is. 49:12; Lc. 13:29).”²¹ Como São João mostra mais tarde, as nações andarão pela luz da Cidade, os reis da terra trarão suas riquezas para ela, e seus portões estarão sempre abertos para eles (v. 24-26).

São João estende sua imagem: **O muro da Cidade tinha doze pedras fundamentais, e nelas estavam os doze nomes dos doze apóstolos do Cordeiro.** Isto, claramente, é pura teologia paulina: “Assim que já não sois estrangeiros, nem forasteiros, mas concidadãos com os santos e da família de Deus; e sois edificados sobre a fundação dos apóstolos e dos profetas, de que Jesus Cristo é a principal pedra da esquina; no qual todo o edifício, bem ajustado, cresce para templo santo no Senhor, no qual também vós juntamente sois edificados para habitação de Deus através do Espírito” (Ef. 2:19-22). Não é preciso dizer também que o conceito de São Paulo e São João sobre a Cidade de Deus, a Igreja, é que ela compreende os fiéis tanto da Antiga quanto da Nova Aliança dentro de seus muros. Como a histórica Igreja sempre reconheceu, há apenas um único caminho de salvação, um único Pacto da Graça; o fato de ter operado sob várias administrações não afeta a unidade essencial do único povo de Deus ao longo das eras.

15-17 E aquele que falava comigo – um dos sete anjos dos Cálices (v. 9) – **tinha por medida uma vara de ouro para medir a Cidade, e seus portões e muro.** O Santuário fora medido anteriormente, como uma indicação de sua santidade e proteção (11:1-2); agora a própria Cidade deve ser medida, pois toda a Cidade em si é o Templo. Para demonstrar isso, São João nos diz que **a Cidade é disposta como um quadrado, e seu comprimento é tão grande quanto a largura:** É perfeitamente quadrangular. **E ele mediu a Cidade com a vara [...]; seu comprimento, e largura e altura são iguais.** Como o Santo dos Santos – o modelo divino para toda cultura – a Cidade é um cubo perfeito (cf. 1 Rs. 6:20): a Nova Jerusalém é em si um Santo dos Santos cósmico. Ao mesmo tempo, no entanto, devemos notar outra dimensão dessa imagem. A combinação de um *quadrado* com um *monte* (v. 10) indica a ideia de uma pirâmide, o “monte cósmico” que aparece nas culturas antigas em todo o mundo. O Paraíso original foi a primeira “pirâmide”, uma Cidade-Templo-Jardim no topo de um monte; e quando os profetas falam da salvação e renovação da

²¹ Ibid.

terra, é quase sempre em termos dessa imagem (Is. 2:2-4; 25:6-9; 51:3; Ez. 36:33-36; Dn. 2:34-35, 44-45; Mq. 4:1-4).

Cada lado da Cidade – comprimento, largura e altura – mede **doze mil estádios**; o muro da Cidade tem **cento e quarenta e quatro côvados**. O absurdo do “literalismo” torna-se embaraçosamente evidente quando tenta lidar com essas medidas. Os números são obviamente simbólicos, os múltiplos de doze sendo uma referência à majestade, vastidão e perfeição da Igreja. Mas o “literalista” se sente compelido a *traduzir* esses números em medidas modernas, resultando em um muro de 2.200 quilômetros de comprimento e 65 metros de altura.²² Os símbolos claros de São João são apagados, e o desafortunado leitor da Bíblia fica apenas com uma confusão de números sem sentido (o que é que “65 metros” significa, afinal?). Ironicamente, o “literalista” se coloca na posição ridícula de apagar os números *literais* da Palavra de Deus e substituí-los por *símbolos* sem sentido!

São João faz a observação aparentemente casual, informal e intrigante de que essas **medidas humanas** (estádios e côvados) **também são medidas angelicais**. Mas isso não é tão misterioso quanto parece à primeira vista. São João está simplesmente tornando explícito o que foi assumido ao longo de sua profecia: que há *correspondências* divinamente ordenadas entre anjos e homens. A atividade angélica vista no Apocalipse é um padrão para nossa própria atividade; ao vermos a vontade de Deus sendo feita no céu, devemos imaginar essa atividade na terra. O céu é o padrão para a terra, o Templo é o padrão para a Cidade, o anjo é o modelo para o homem. Assim como o Espírito pairou sobre a criação original, moldando-a à imagem dos céus, nossa tarefa é “celestializar” o mundo, levando o projeto de Deus à sua mais completa realização.

18-21 A Cidade é agora descrita em termos de joias, como a consumação perfeita do padrão edênico original (cf. Gn. 2:10-12; Ez. 28:13):²³ **O material do muro era jaspe**, uma imagem do próprio Deus (4:3; 21:11); **e a Cidade era de ouro puro, semelhante a vidro transparente** (ouro é uma imagem da Glória de Deus, e era, portanto, usado no Tabernáculo e no Templo, e nas vestes dos sacerdotes; e o ouro associado ao Paraíso é descrito como sendo “bom”, ou seja, puro, sem mistura: Gn. 2:12). As doze

²² Veja, p. ex., a Nova Versão Internacional (2011) e a Nova Versão Transformadora.

²³ Veja Chilton, *Paraíso Restaurado*, pp. 44-47.

pedras fundamentais da cidade eram adornadas com todo tipo de pedra preciosa, como o peitoral do Sumo Sacerdote, que tem quatro fileiras de três gemas cada, representando as doze tribos de Israel (Ex. 28:15-21); A Noiva se tornou adornada para seu Marido (v. 2). A expressão **pedras preciosas** (ou **caras**) é usada em 1 Rs. 5:17 para as **pedras fundamentais** do Templo de Salomão; agora, na Cidade-Templo escatológica, elas são verdadeiramente “pedras preciosas”, em todos os sentidos.

A primeira pedra fundamental era jaspe; a segunda, safira; a terceira, calcedônia; a quarta, esmeralda; 1ª quinta, sardônica; a sexta, sárdio; a sétima, crisólita; a oitava, berilo; a nona, topázio; a décima, crisoprásio; a undécima, jacinto; a dudodécima, ametista. Houve várias tentativas de descobrir a razão de São João para listar as pedras nesta ordem, a mais conhecida sendo a sugestão de R. H. Charles de que as joias estão conectadas aos signos do Zodíaco, e que “*os signos ou constelações são dados em uma ordem específica, e que esta é exatamente a ordem inversa do caminho real do sol através dos signos.*” Isso demonstra, ele diz, que São João “*considera a Cidade Santa que ele descreve como não tendo relação alguma com as especulações étnicas de sua própria era e de eras passadas a respeito da cidade dos deuses.*”²⁴ Charles foi seguido neste ponto por diversos comentaristas,²⁵ mas pesquisas posteriores refutaram esta teoria.²⁶ Sweet aponta que “Fílon (*De Specialibus Legibus* I.87) e Josefo (*Ant.* III.186) ligam as joias ao Zodíaco, mas apenas como parte do simbolismo cósmico que eles reivindicam para as vestes do sumo sacerdote; cr. Sab. 18:24. O objetivo de João é semelhante. Qualquer referência astrológica direta é destruída por ele ligá-las não com os doze *portões* da cidade celestial, mas com as fundações.”²⁷

A explicação mais sensata para a ordem das pedras vem, como esperaríamos, de Austin Farrer. Ele mostra que as pedras são dispostas em quatro fileiras de três gemas em cada fileira, como no peitoral do sumo sacerdote: “São João não adere nem à ordem nem aos nomes das pedras

²⁴ R. H. Charles, *A Critical and Exegetical Commentary on the Revelation of St. John*, 2 vols. (Edinburgh: T. & T. Clark, 1920), pp. 167f. Itálicos do autor.

²⁵ Veja, p. ex., G. B. Caird, *The Revelation of St. John the Divine* (New York: Harper and Row, 1966), pp. 274-78; R. J. Rushdoony, *Thy Kingdom Come: Studies in Daniel and Revelation* (Tyler, TX: Thoburn Press, [1970] 1978), pp. 221f.

²⁶ Veja T. F. Glasson, “The Order of Jewels in Rev. xxi. 19-20: A Theory Eliminated”, *Journal of Theological Studies* 26 (1975), pp. 95-100.

²⁷ Sweet, pg. 306.

no grego da LXX do livro de Êxodo, e qualquer dúvida que pudéssemos levantar sobre traduções dos nomes hebraicos que ele poderia ter preferido aos oferecidos pela LXX nos levaria apenas a um abismo de incerteza. É razoável supor que ele não se preocupou em fazer mais do que fornecer uma lista eufônica, em certo nível de correspondência geral com o catálogo de Êxodo. Ele organizou os nomes gregos de modo a enfatizar a divisão por três. Todos, exceto três, terminam com sons de *s*, e as três exceções com sons de *n*. Ele pôs as terminações em *n* nos pontos de divisão, assim:

Jaspis, sapphiros, chalcedon;
 smaragdos, sardonyx, sardion;
 chrysolithos, beryllos, topazion;
 chrysoprasos, hyacinthos, amethystos.

“Por que ele se daria ao trabalho de fazer mais? Se ele tivesse feito uma lista perfeitamente elaborada, que outra coisa ela poderia fazer senão corresponder exatamente à lista de tribos que ele já organizou para nós no [Capítulo] 7? E como nossa sabedoria seria aumentada por isso? São João deseja dar corpo à sua visão listando as tribos; mas ele já listou as tribos. Então ele lista pedras que (como sabemos pelo Êxodo) devem ser consideradas equivalentes às tribos. Ele faz dois pontos: primeiro, que os nomes dos apóstolos podem substituir os das tribos – e, afinal, o novo Israel místico de doze partes é mais verdadeiramente descrito como as companhias reunidas em torno dos Apóstolos, do que como os reais descendentes de Rúben, Simeão, Levi e os outros. Segundo, ele põe o jaspe como o primeiro da lista, para assim, sem dúvidas, representar Judá e seu apóstolo (cf. 7:5). E o jaspe é tanto o material geral dos muros da cidade celestial, quanto a cor da glória divina. O significado da alegoria é claro. O Messias é a pedra angular principal; é por ser fundada nele que toda a cidade, ou Igreja, adquire a substância e a cor da glória divina.”²⁸

Em vez de estarem alinhados com os signos do Zodíaco e seus doze portais, **os doze portões eram doze pérolas; cada um dos portões era uma única pérola.** Obviamente, esses portões são apenas decorativos e ornamentais, não projetados para resistir a ataques; mas como a Cidade

²⁸ Farrer, *The Revelation of St. John the Divine*, pg. 219. Quinze anos antes, as opiniões de Farrer sobre o assunto eram muito mais complicadas, como evidenciado por seu capítulo sobre a ordem das joias em *A Rebirth of Images: The Making of St. John's Apocalypse* (Londres: Dacre Press, 1949), pp. 216-44.

deve compreender o mundo inteiro, em todo caso, não há risco de ataque. Enfatizando a tremenda riqueza e glória da Nova Jerusalém, São João nos diz que **rua da Cidade era de ouro puro, semelhante a vidro transparente**. Podemos observar aqui que o valor que os homens sempre deram ao ouro e às pedras preciosas deriva do valor anterior que Deus imputou a eles. Deus pôs em nós um desejo por joias, mas Sua Palavra deixa claro que a riqueza deve ser obtida como um subproduto do Reino de Deus e Sua justiça (Mt. 6:33). A Meretriz foi adornada com joias, e ela pereceu com elas; a Noiva é adornada com joias por causa de sua união com o Noivo. É Deus quem dá o poder de obter riqueza, para Sua glória (Dt. 8:18); quando transformamos nossa riqueza dada por Deus em um ídolo, Ele a tira de nós e a deposita para os justos, que a usam para o Reino de Deus e são generosos com os pobres (Jó 27:16-17; Pv. 13:22; 28:8; Ec. 2:26).

Oito séculos antes de São João escrever, o profeta Isaías descreveu a salvação vindoura em termos de uma Cidade adornada com joias:

Ó tu, afligida, arrojada com tempestade e não consolada. Eis que tuas pedras com belas cores eu irei colocar, e porei teus alicerces com safiras. E farei tuas janelas de ágata, e teus portões de carbúnculos, e todos os teus limites de agradáveis pedras. (Is. 54:11-12)

É interessante que a palavra traduzida como *belas cores* seja, no hebraico, *sombra para os olhos* (cf. 2 Rs. 9:30; Jr. 4:30); novamente, o muro da Cidade de Deus é meramente decorativo: construído com joias, com cosméticos por “argamassa”. O ponto é que o Construtor é fabulosamente rico e supremamente confiante contra ataques. Este, diz Isaías, é o futuro da Igreja, a Cidade de Deus. Ela será rica e estará protegida contra seus inimigos, como o resto da passagem explica:

E todos teus filhos serão discípulos do SENHOR, e grande será a paz de teus filhos. Em justiça tu serás estabelecida. Tu estarás longe da opressão, pois tu não temerás. E longe do terror, porquanto ele não se aproximará de ti. [...] Nenhuma arma que é forjada contra ti prosperará, e toda língua que vier a se levantar contra ti em juízo tu condenarás. Esta é a herança dos servos do SENHOR, e a justiça deles é proveniente de mim, diz o SENHOR. (Is. 54:13-17)

22-23 A Cidade inteira é o Templo, como vimos – mas não **Santuário nela, pois o Senhor Deus, o Todo-Poderoso, e o Cordeiro são o**

seu Santuário. Esta é, na realidade, outra maneira de declarar as bênçãos descritas anteriormente: “Ao vencedor, eu o farei coluna no Templo do Meu Deus, e dali nunca mais sairá” (3:12); “Por esta razão, eles estão diante do Trono de Deus; e O servem dia e noite em Seu Templo; e Aquele que está assentado no Trono estenderá Seu Tabernáculo sobre eles” (7:15). “Sua cidade de residência é seu templo; ela não contém dentro de si nenhum templo cujas paredes ou portas interponham-se entre eles e o Deus que eles adoram. Deus é templo para a cidade, e a cidade é templo para Deus.”²⁹

Habitada por Deus na Nuvem de Glória, a Cidade brilha com a Luz original e incriada do Espírito. Assim, **a Cidade não necessita do sol nem da lua para brilharem sobre ela, pois a glória de Deus a iluminou, e sua lâmpada é o Cordeiro**, conforme Isaías predisse:

Levante-se, refulja! Porque chegou a sua luz,
e a glória do Senhor raia sobre você.
Olhe! A escuridão cobre a terra,
densas trevas envolvem os povos,
mas sobre você raia o SENHOR,
e sobre você se vê a sua glória.
As nações virão à sua luz
e os reis ao fulgor do seu alvorecer. [...]
O sol não será mais a sua luz de dia,
e você não terá mais o brilho do luar,
pois o SENHOR será a sua luz para sempre;
o seu Deus será a sua glória [...]
e os seus dias de tristeza terão fim.
Então todo o seu povo será justo,
e possuirá a terra para sempre.
Ele é o renovo que plantei,
obra das minhas mãos,
para manifestação da minha glória.
(Is. 60:1-3, 19-21, NVI)

²⁹ Farrer, *The Revelation of St. John the Divine*, pg. 221.

24-27 Na mesma passagem, Isaías profetiza que as nações da terra fluirão para a Cidade de Deus, trazendo toda a riqueza de suas culturas:

A riqueza dos mares será trazida a você,
e a você virão as riquezas das nações.
Manadas de camelos cobrirão a sua terra,
camelos novos de Midiã e de Efá.
Virão todos os de Sabá
carregando ouro e incenso
e proclamando o louvor do SENHOR. [...]
Pois as ilhas esperam em mim;
à frente vêm os navios de Társis,
trazendo de longe os seus filhos,
com prata e ouro,
em honra ao Senhor, o seu Deus,
o Santo de Israel,
porque ele se revestiu de esplendor. [...]
As suas portas permanecerão abertas;
jamais serão fechadas, dia e noite,
para que tragam a você as riquezas das nações,
(Is. 60:5-6, 9, 11, NVI)

São João aplica esta profecia à Nova Jerusalém: **As nações andarão na sua luz, e os reis da terra trarão a ela sua glória e honra. E durante o dia (pois lá não haverá noite) seus portões nunca serão fechados; e trarão a ela a glória e a honra das nações; e nela jamais entrará coisa alguma impura, nem aquele que pratica abominação e mentira, mas somente aqueles cujos nomes estão escritos no Livro da Vida do Cordeiro.** Isto é o que Jesus ordenou que Sua Igreja fosse: a Cidade sobre o Monte (Mt. 5:14-16), a luz do mundo, brilhando diante dos homens para que eles glorifiquem ao Deus-Pai. Obviamente, a Nova Jerusalém não pode ser vista simplesmente em termos do futuro eterno, após o juízo final. Na visão de São João, as nações ainda existem como nações; ainda assim, todas as nações são convertidas, fluindo para a Cidade e trazendo seus tesouros para ela. Claro, “o outro lado do fato de os gentios trazerem sua honra e glória, é que eles não trazem suas abominações. [...] O acesso dos gentios aqui está em forte contraste com seu acesso em 11:2. A mera presença de pagãos não regenerados no pátio externo significava a ruína da Antiga Jerusalém; a Nova os admite santificados, ao seu recinto

indiviso.”³⁰ Em outra profecia marcante do efeito do Evangelho no mundo, Isaías escreveu:

Assim diz o Senhor Deus: Eis que levantarei a minha mão para os gentios, e ante os povos arvorarei a minha bandeira; então trarão os teus filhos nos braços, e as tuas filhas serão levadas sobre os ombros. E os reis serão os teus aios, e as suas rainhas as tuas amas; diante de ti se inclinarão com o rosto em terra, e lambeirão o pó dos teus pés; e saberás que eu sou o Senhor, que os que confiam em mim não serão confundidos. (Is. 49:22-23, ACF)

William Symington comentou: “A profecia se refere aos tempos do Novo Testamento, quando os gentios seriam reunidos ao Redentor. Uma característica proeminente desses tempos [será] a subordinação dos governantes civis à Igreja, o que certamente pressupõe a submissão a Cristo, seu Cabeça. ‘Os reis serão teus aios’ é uma imagem que implica no cuidado mais terno, na solicitude mais carinhosa; não é apenas proteção, mas nutrição e apoio ativo e incansável. Se, de acordo com as opiniões de alguns, o melhor que o Estado pode fazer pela Igreja é deixá-la em paz, deixá-la a si mesma, não se interessar por seus assuntos, é difícil ver como essa visão pode ser conciliada como a figura de uma ama, cujos deveres certamente seriam mal desempenhados por tal tratamento de seu frágil encargo.”³¹

À medida que a Luz do Evangelho brilha através da Igreja para o mundo, o mundo é convertido, as nações são disciplinadas e a riqueza dos pecadores é herdada pelos justos. Esta é uma promessa básica das Escrituras do começo ao fim; é o padrão da história, a direção para a qual o mundo se move. Este é o nosso futuro, a herança das gerações vindouras. O dom do Seu Espírito Santo garante o cumprimento da Sua promessa: não que Ele fará coisas novas, mas que Ele fará novas todas as coisas.³²

³⁰ Ibid.

³¹ William Symington, *Messias, o Príncipe: O Domínio Mediador de Jesus Cristo*, trad. Joelson G. Pinheiro (Publicações O Pacto, 2023), pg. 175

³² Veja Alexander Schmemmann, *For the Life of the World: Sacraments and Orthodoxy* (Crestwood, NY: St. Vladimir's Seminary Press), pg. 123

VEM, SENHOR JESUS!

Como vimos na Introdução, São João escreveu o Livro do Apocalipse como um ciclo anual de profecias, destinado a ser lido para a congregação (coincidindo com leituras litúrgicas sequenciais do Antigo Testamento, especialmente Ezequiel) de uma Páscoa para a outra.¹ O Capítulo 22, portanto, fecha o ciclo, com os versículos 6-21 sendo lidos exatamente um ano após o Capítulo 1 ter sido lido. Por essa razão, além de recapitular muitos dos temas da profecia, o Capítulo 22 também tem muito em comum com o Capítulo 1. Lemos novamente, por exemplo, que a profecia é sobre “coisas que devem acontecer em breve” (22:6; cf. 1:1); que é comunicada por um anjo (22:6; cf. 1:1) a São João (22:8; cf. 1:1, 4, 9); que é uma mensagem destinada aos “servos” de Deus (22:6; cf. 1:1); que há uma bênção especial para aqueles que “guardam” suas palavras (22:7; cf. 1:3); e que envolve especificamente o Testemunho de Cristo (22:16, 18, 20; cf. 1:2, 5, 9), o Alfa e o Ômega, o Primeiro e o Último (22:13; cr. 1:8, 17), que “vem rapidamente” (22:7, 12, 20; cf. 1:7).

Paraíso Restaurado (22:1-5)

- 1 E ele me mostrou um Rio da Água da Vida, claro como cristal, vindo do Trono de Deus e do Cordeiro,
- 2 no meio da sua rua. E em cada lado do Rio havia Árvore da Vida, que produz doze safras de fruto, dando seu fruto a cada mês; e as folhas da Árvore eram para a cura das nações.
- 3 E não haverá mais Maldição; e o Trono de Deus e do Cordeiro estará nela, e os Seus servos O servirão;
- 4 e verão a Sua face, e o Seu nome estará nas suas testas.
- 5 E não haverá mais Noite; e não necessitarão da luz de uma lâmpada nem da luz do sol, porque o Senhor Deus os iluminará; e reinarão para todo o sempre.

1-2 A visão da Nova Jerusalém continua: o anjo do Cálice (21:9) mostra a São João **um Rio da Água da Vida, claro como cristal, vindo**

¹ M. D. Goulder, “The Apocalypse as an Annual Cycle of Prophecies”, *New Testament Studies* 27, No. 3 (abr. 1981), pp. 342-67.

do Trono de Deus e do Cordeiro, no meio da sua rua. A cena é baseada, primeiro, no Jardim do Éden, no qual fontes borbulhavam do solo (Gn. 2:6) para formar um rio, que então se dividia em quatro cabeças e saía para regar a terra (Gn. 2:10-14). Esta imagem é posteriormente adotada por Ezequiel em sua visão do Templo da Nova Aliança. Na Antiga Aliança, era necessário viajar até o Templo para ser purificado, mas isso não será mais verdade; pois nos tempos da Nova Aliança a grande Pia de bronze no canto sudeste da Casa (2 Cr. 4:10) tomba e derrama seu conteúdo por baixo da porta, tornando-se um poderoso rio de graça e vida para o mundo, transformando até mesmo as águas do Mar Morto:²

Em seguida ele me levou novamente à porta da casa, e eis que águas surgiram por debaixo da soleira da casa em direção ao leste, porque a frente da casa ficava em direção ao leste, e as águas desciam de debaixo do lado direito da casa, ao lado sul do altar. Então, ele me levou para fora pelo caminho do portão em direção ao norte, e me conduziu pelo caminho de fora, até o portão exterior, pelo caminho que olha em direção ao leste; e eis que, ali corriam as águas do lado direito.

E quando o homem que tinha um cordel em sua mão saiu em direção ao leste, ele mediu mil côvados, e me levou através das águas; as águas estavam pelos tornozelos.

Novamente, ele mediu mil, e levou através das águas; as águas estavam pelos joelhos.

Novamente, ele mediu mil, e me trouxe através; as águas estavam pelos lombos.

Em seguida, ele mediu mil, e este era um rio pelo qual eu não conseguia passar, porque as águas eram profundas, águas para se nadar, um rio pelo qual não se podia passar.

E ele disse-me: Filho do homem, tu viste isto? Então, ele me trouxe, e me fez retornar para a margem do rio. Ora, quando eu havia retornado, eis que na ribanceira do rio havia muitas árvores, de um

² Sobre o simbolismo associado ao Mar Morto (o local de Sodoma e Gomorra), veja David Chilton, *Paraíso Restaurado* (Editora Monergismo, 2024), pp. 64f. Para outra ilustração da diferença entre a graça 'estática' da Antiga Aliança e a graça 'dinâmica' da Nova Aliança, compare Ageu 2:10-14 com Marcos 5:25-34.

lado e do outro lado. Então, ele me disse: Estas águas saem em direção a nação do leste, e desce para dentro do deserto, e vai para dentro do mar; que sendo levadas ao mar, as águas serão curadas. E sucederá que, cada coisa que vive, que se move, para onde quer que os rios venham, viverá; e ali haverá uma grande multidão de peixes, porque estas águas chegarão lá, porque serão curadas; e cada coisa viverá por onde este rio vier. (Ez. 47:1-9)

Ezequiel disse que “na ribanceira do rio havia muitas árvores, de um lado e do outro lado”; São João expande isso e nos diz que **em cada lado do Rio havia Árvore da Vida** – não apenas uma única árvore, mas florestas de Árvores da Vida ladeando as margens do rio. A bênção que Adão perdeu foi restaurada em superabundância esmagadora, pois o que ganhamos em Cristo é, como disse São Paulo, “muito mais” do que o que perdemos em Adão:

Porque, se pela transgressão de um muitos morreram, *muito mais* a graça de Deus, e o dom pela graça, que é por um homem, Jesus Cristo, abundou para muitos. [...] Porque, se pela transgressão de um homem, a morte reinou por meio de um, *muito mais* os que recebem a abundância da graça, e do dom da justiça, reinarão em vida por meio de um, Jesus Cristo. [...] Onde o pecado abundou, *superabundou* a graça; para que, assim como o pecado reinou na morte, também a graça reinasse pela justiça para a vida eterna, por Jesus Cristo, nosso Senhor. (Rm. 5:15-21; cf. v. 9-10)

O paraíso não é, portanto, apenas “restaurado”; ele é consumado, com cada implicação sendo trazida à plena realização e cumprimento.

A palavra **Árvore** é *xulon*, frequentemente usada com referência à Cruz (cf. At. 5:30; 10:39; 13:29; 1 Pe. 2:24); de fato, é provável que Cristo tenha sido crucificado em uma árvore viva, como Suas palavras em Lucas 23:31 implicam: “Pois se eles fazem estas coisas em uma árvore verde, o que se fará na seca?” São Paulo viu a crucificação de Cristo como o cumprimento da maldição do Antigo Testamento sobre alguém que é pendurado em uma árvore (Gl. 3:13; cf. Dt. 21:23; Js. 10:26-27).³ Santo Irineu viu

³ A palavra cruz (*stauros*) pode se referir tanto ao madeiro em si (considerado como o instrumento de execução) quanto ao patíbulo (a parte superior na qual as mãos de Cristo foram pregadas, e que foi então pregada no madeiro). Para uma discussão sobre toda essa questão, veja Ernest L. Martin, *The Place of Christ's Crucifixion: Its Discovery and Significance* (Pasadena, CA: Foundation for Biblical Research, 1984), pp. 75-82.

a Cruz como a Árvore da Vida, contrastando-a com a Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal, através da qual o homem caiu: Jesus Cristo “destruiu o título da nossa dívida, pregando-o na cruz [Cl 2:14], para que, como pelo lenho nos tornamos devedores a Deus, pelo lenho recebêssemos o perdão de nossa dívida.”⁴ A imagem foi rapidamente adotada no simbolismo da Igreja primitiva: “A arte cristã primitiva indica uma relação próxima entre a árvore da vida e a cruz. A cruz de Cristo, o madeiro do sofrimento e da morte, é para os cristãos uma árvore da vida. Nas pinturas de túmulos do século II, ela é assim retratada pela primeira vez como o símbolo da vitória sobre a morte. Isso, então, passa a se repetir continuamente. A ideia de que o tronco vivo da cruz produz galhos e folhas é um motivo comum na antiguidade cristã.”⁵

Como na visão de Ezequiel (Ez. 47:12), a Árvore da Vida é continuamente produtiva, **produzindo doze safras de fruto, dando seu fruto a cada mês** em um suprimento infinito de vida para os vencedores (2:7), aqueles que cumprem Seus mandamentos (22:14). São João prossegue, deixando claro que o poder da Árvore de Cristo transformará o mundo inteiro: **As folhas da Árvore eram para a cura das nações**. Novamente, São João não concebe isso como uma bênção reservada apenas para a eternidade, embora seus efeitos continuem na eternidade. A Árvore da Vida sustenta os crentes agora, enquanto eles participam de Cristo:

Na verdade, na verdade eu vos digo: Quem ouve a minha palavra, e crê naquele que me enviou, tem a vida eterna, e não entrará em condenação, mas já passou da morte para a vida. Na verdade, na verdade eu vos digo: Vem a hora, e agora é, em que os mortos ouvirão a voz do Filho de Deus, e os que a ouvirem viverão.
(Jo. 5:24-25)

Da mesma forma, São João espera que as virtudes de cura da Cruz deem Vida às nações como nações, neste mundo; as nações, ele nos disse, são compostas por “aqueles cujos nomes estão escritos no Livro da Vida do Cordeiro”, uma vez que as nações como tais são admitidas na Cidade Santa (21:24-27). O Rio da Vida flui agora (Jo. 4:14; 7:37-39), e continuará a fluir num fluxo cada vez maior de bênçãos para a terra, curando as na-

⁴ Sto. Irineu, *Contra as Heresias*, 5:17:3.

⁵ Johannes Schneider, em Gerhard Kittel e Gerhard Friedrich, eds., *Theological Dictionary of the New Testament*. 10 vols., trans. Geoffrey W. Bromily (Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Co., 1964-76), Vol. 5, pp. 40-41.

ções, trazendo um fim à iniquidade e à guerra (Zc. 14:8-11; cf. Mq. 4:1-4). Esta visão do futuro glorioso da Igreja, terreno e celestial, restaura o tecido que foi rasgado em Gênesis. No Apocalipse, vemos o Homem redimido, trazido de volta ao Monte, sustentado pelo Rio e pela Árvore da Vida, recuperando seu domínio perdido e governando como um rei-sacerdote sobre a terra. Este é nosso privilégio e herança agora, definitiva e progressivamente, nesta era; e será nosso completamente na era vindoura.

3-4 Assim não haverá mais Maldição, em cumprimento das antigas promessas:

Assim diz o Senhor DEUS: No dia em que eu vos purificar de todas as vossas iniquidades, então farei com que sejam habitadas as cidades e sejam edificados os lugares devastados. E a terra assolada será lavrada, em lugar de estar assolada aos olhos de todos os que passavam. E dirão: Esta terra assolada ficou como jardim do Éden: e as cidades solitárias, e assoladas, e destruídas, estão fortalecidas e habitadas. Então saberão os gentios, que tiverem ficado ao redor de vós, que eu, o SENHOR, tenho reedificado as cidades destruídas, e plantado o que estava devastado. Eu, o SENHOR, o disse e o farei. (Ez. 36:33-36, ACF)

O Trono de Deus e do Cordeiro estará na Cidade Santa, como São João sugeriu em 21:3, 11, 22-23. É impressionante que os cidadãos sejam chamados de **Seus servos** – uma expressão que é usada principalmente para descrever *profetas* (cf. 1:1; 10:7; 11:18; 15:3; 19:2, 5 [cf. 18:24]; 22:6, 9). Como vimos, este foi um tema significativo no Apocalipse, o cumprimento da esperança da Antiga Aliança de comunhão com Deus: Todo o povo do SENHOR é profeta, porque o SENHOR pôs o Seu Espírito sobre eles (Nm. 11:29). Portanto, **eles verão a Sua face, e o Seu nome estará nas suas testas**. Kline comenta: “Por trás das imagens de Apocalipse 22:4 estão as figuras de Moisés e Arão. Arão trazia na testa o nome do Senhor inscrito na coroa na frente da mitra sacerdotal. O próprio semblante de Moisés foi transformado em uma semelhança reflexiva da Face-Glória, o Nome-Presença de Deus, quando Deus falou com ele ‘boca a boca’ (Nm. 12:8) a partir da nuvem de Glória. Assim como o Nome e a Glória são designações semelhantes da Presença de Deus na nuvem teofânica, assim tanto o nome quanto a glória descrevem a semelhança refletida de Deus. Dizer que os vencedores na Nova Jerusalém trazem o nome de Cristo em sua testa é dizer que eles refletem a glória de Cristo, o que significa que

eles trazem a imagem do Cristo glorificado.”⁶ Assim, diz São Paulo, todos os santos agora veem Seu rosto: “Todos nós, com a face descoberta, contemplando como em um espelho a glória do Senhor, somos transformados na mesma imagem de glória em glória, como pelo Espírito do Senhor.” (2 Co. 3:18). E, porque todos os santos são sacerdotes (Ap. 1:6; 20:6), usamos Seu nome em nossa testa (3:12; 7:3; 14:1), servindo-O em Seu Templo (7:15).

5 Como São João nos disse em 21:22-25, dentro dos muros da Cidade Santa **haverá mais Noite; e não necessitarão da luz de uma lâmpada nem da luz do sol, porque o Senhor Deus os iluminará.** Em nosso estudo sobre “o novo céu e a nova terra” no Capítulo 21, observamos como São Pedro exortou as igrejas a uma vida santa em luz da era da justiça que se aproximava, que seria inaugurada na queda da Antiga Aliança com a destruição do Templo (2 Pe. 3:1-14). Da mesma forma, São Paulo exortou os cristãos de Roma a uma vida piedosa em vista do iminente amanhecer do Dia:

E então, conhecendo o tempo, que já é hora de despertarmos do sono; porque a nossa salvação agora está mais perto de nós do que quando cremos. A noite é passada, e o dia é chegado. Portanto, rejeitemos as obras das trevas e vistamo-nos da armadura da luz. (Rm. 13:11-12)

Da mesma maneira, ele escreveu aos tessalonicenses, argumentando que suas vidas deveriam ser caracterizadas pelo Alvorecer que se aproximava e não pela Noite que passava:

Porque vós mesmos sabeis perfeitamente que o dia do Senhor virá como o ladrão de noite. Porque quando disserem: Paz e segurança, então, repentina destruição virá sobre eles, como as dores de parto à mulher grávida; e não escaparão. Mas vós, irmãos, não estais em trevas, para que aquele dia vos surpreenda como um ladrão; porque todos vós sois filhos da luz e filhos do dia; nós não somos da noite nem das trevas. Portanto, não durmamos, como fazem os outros, mas vigiemos e sejamos sóbrios. Porque os que dormem, dormem de noite, e os que se embriam, embriam-se de noite. Mas nós, que somos do dia, sejamos sóbrios, vestindo-nos da couraça da fé e

⁶ Meredith G. Kline. *Images of the Spirit* (Grand Rapids: Baker Book House. 1980), pp. 54f.

do amor e por capacete a esperança da salvação. Porque Deus não nos designou para a ira, mas para a aquisição da salvação, por nosso Senhor Jesus Cristo. (1 Ts. 5:2-9)

A era da Antiga Aliança foi o tempo da Noite escura do mundo; com o Advento de Jesus Cristo chegou a era da Luz, o grande Dia do Senhor, estabelecido em Sua Ascensão e Sua plena inauguração da Nova Aliança:

Levante-se, refulja! Porque chegou a sua luz,
e a glória do Senhor raia sobre você.
Olhe! A escuridão cobre a terra,
densas trevas envolvem os povos,
mas sobre você raia o SENHOR,
e sobre você se vê a sua glória.
As nações virão à sua luz
e os reis ao fulgor do seu alvorecer. (Is. 60:1-3, NVI)

Pois eis que o dia vem, e queimará como um forno, e todos os orgulhosos, sim, e todos os que cometem perversidade serão como a palha; e o dia que vem os queimará, diz o SENHOR dos Exércitos, e isso não lhes deixará nem raiz nem ramo. Mas para vós, que temeis o meu nome, o Sol da justiça nascerá com cura nas suas asas; e saireis e crescereis como os novilhos da estrebaria. (Ml. 4:1-2)

Louvado seja o Senhor, o Deus de Israel,
porque visitou e redimiu o seu povo. [...]
Por causa das ternas misericórdias de nosso Deus,
pelas quais do alto nos visitará o sol nascente,
para brilhar sobre aqueles
que estão vivendo nas trevas e na sombra da morte,
e guiar nossos pés no caminho da paz. (Lc. 1:68, 78-79, NVI)

A vida estava nele e a vida era a luz dos homens. A luz resplandece nas trevas, e as trevas não prevaleceram contra ela. (Jo. 1:4-5, ARA)

Então, Jesus tornou a falar-lhes, dizendo: Eu sou a luz do mundo; quem me segue não andarás em trevas, mas terá a luz da vida. (Jo. 8:12)

Nos quais o deus deste século cegou os entendimentos dos incrédulos, para que lhes não resplandeça a luz do evangelho da glória de Cristo, que é a imagem de Deus. [...] Porque Deus, que disse que das trevas resplandecesse a luz, é quem resplandeceu em

nossos corações, para iluminação do conhecimento da glória de Deus, na face de Jesus Cristo. (2 Co. 4:4, 6, ACF)

Dando graças ao Pai, que nos fez dignos de sermos participantes da herança dos santos na luz. Ele nos livrou do poder das trevas, e nos transferiu para o reino do seu Filho amado. (Cl. 1:12-13)

Fiquemos, pois, firmes em nossa profissão de fé, sem nos abalar; (porque fiel é aquele que prometeu); e consideremo-nos uns aos outros, para nos estimularmos ao amor e às boas obras. Não abandonando a nossa assembleia, como é costume de alguns, antes exortando-nos uns aos outros; e tanto mais, à medida que vedes que aquele dia se aproxima. (Hb. 10:23-25)

E temos também uma palavra de profecia mais segura, à qual bem fazeis em estar atentos, como a uma luz que brilha em um lugar es-curo, até que o dia amanheça, e a estrela da manhã surja em vossos corações. (2 Pe. 1:19)

Novamente, devemos lembrar que a era da Nova Aliança é considerada nas Escrituras como definitiva e progressivamente uma era de Luz, em contraste com a relativa Escuridão dos tempos pré-messiânicos. No sentido absoluto e definitivo, a Luz virá somente no fim do mundo, na Segunda Vinda de Cristo. Mas, enquanto os apóstolos contemplavam o fim da era da Antiga Aliança, durante a qual as nações eram escravizadas por demônios, eles falavam do Alvorecer iminente como a era da retidão, quando o poder do Evangelho varreria a terra, esmagando a idolatria e inundando as nações com a Luz da graça de Deus. Relativamente falando, toda a história do mundo, da Queda de Adão à Ascensão de Cristo, era Noite; relativamente falando, todo o futuro do mundo é Dia brilhante. Isso segue o padrão estabelecido na criação, no qual os céus e a terra se movem escatologicamente da tarde para a manhã, a luz menor sendo sucedida pela luz maior, indo de glória em Glória (Gn. 1:5, 8, 13, 19,23, 31): Agora, São João nos diz, Jesus Cristo apareceu e está “vem rapidamente”, como a brilhante Estrela da Manhã (v. 16).

Em seu comentário final sobre a restauração do Paraíso, São João nos diz que o sacerdócio real **reinará**, não apenas por um “milênio”, mas **para todo o sempre**: “O reino dos mil anos (20:4-6) é apenas o começo de uma vida régia e uma felicidade que hão de continuar por todos os éons vindouros. E assim o reino dos santos do Altíssimo será verdadeiramente,

como Daniel escreveu, ‘um reino eterno’ (Dn. 7:27). Esta é a ‘vida eterna’ de Mateus 25:46, assim como a segunda morte, o lago de fogo, é o ‘castigo eterno’ para onde vão ‘malditos’.”⁷

Avisos e Bênçãos Finais (22:6-21)

- 6 E ele me disse: Estas palavras são fiéis e verdadeiras. E o Senhor, o Deus dos espíritos dos profetas, enviou o Seu anjo para mostrar aos Seus servos as coisas que em breve devem acontecer.
- 7 E eis que venho rapidamente. Bem-aventurado aquele que guarda as palavras da profecia deste livro.
- 8 E eu, João, sou aquele que ouviu e viu estas coisas. E quando ouvi e vi, prostrei-me aos pés do anjo que me mostrou estas coisas para adorá-lo.
- 9 E ele me disse: Não faças isso! Sou conservo teu e de teus irmãos, os profetas, e daqueles que guardam as palavras deste livro; adora a Deus.
- 10 E ele me disse: Não seles as palavras da profecia deste livro, porque o tempo está próximo.
- 11 Que o injusto continue a fazer injustiça, e o imundo continue a ser imundo, e o justo continue a praticar a justiça, e o santo mantenha-se santo.
- 12 Eis que venho sem demora, e o Meu galardão está comigo, para retribuir a cada um segundo as suas obras.
- 13 Eu sou o Alfa e o Ômega, o Primeiro e o Último, o Princípio e o Fim.
- 14 Bem-aventurados aqueles que praticam os Seus mandamentos, para que tenham direito à Árvore da Vida e possam entrar na Cidade pelos portões.
- 15 Fora estão os cães, e os feiticeiros, e os fornicadores, e os assassinos, e os idólatras e todo aquele que ama e pratica a mentira.
- 16 Eu, Jesus, enviei o Meu anjo para vos testificar estas coisas às igrejas. Eu sou a Raiz e a Descendência de Davi, a resplandecente Estrela da Manhã.
- 17 E o Espírito e a Noiva dizem: Vem. E o que ouve diga: Vem. E quem tiver sede, venha; e quem quiser, tome da água da vida sem custo.

⁷ Milton Terry, *Biblical Apocalypitics: A Study of the Most Notable Revelations of God and of Christ in the Canonical Scriptures* (New York: Eaton and Mains, 1898), pg. 471.

- 18 Eu testifico a todo aquele que ouve as palavras da profecia deste livro: Se alguém lhes acrescentar alguma coisa, Deus lhe acrescentará as pragas que estão escritas neste livro;
- 19 e se alguém tirar qualquer coisa das palavras do livro desta profecia, Deus lhe tirará a sua parte da Árvore da Vida e da Cidade Santa, que estão escritas neste livro.
- 20 Aquele que testifica estas coisas diz: Sim, venho rapidamente! Amém. Vem, Senhor Jesus!
- 21 A graça do Senhor Jesus Cristo seja com todos os santos. Amém.

6-7 A seção final do apóstolo recapitula e resume as mensagens centrais do livro. Apropriadamente, o guia angélico de São João começa testificando que **essas palavras são fiéis e verdadeiras**, de acordo com o caráter de seu Autor (1:5; 3:14; 19:11; cf. 19:9; 21:5); elas não podem deixar de ser cumpridas. **E o Senhor, o Deus dos espíritos dos profetas, enviou o Seu anjo para mostrar aos Seus servos as coisas que em breve devem acontecer.** A palavra **espíritos** aqui pode se referir aos “Sete Espíritos” (cf. 1:4; 4:5), ou seja, o Espírito Santo em Sua operação múltipla por meio dos profetas (cf. 19:10: “o Espírito da profecia”), mas também é possível entender a expressão no sentido de 1 Coríntios 14:32 – o espírito de cada profeta em particular. Em qualquer caso, São João enfatizou repetidamente ao longo de sua profecia que “todo o povo do SENHOR é **profeta**” nesta era, tendo ascendido com Cristo à câmara do Conselho celestial. A função do Livro do Apocalipse é a de um “memorando” oficial para todos os membros do Conselho, dizendo-lhes o que precisam saber sobre eventos iminentes. A mensagem consistente de todo o livro é que as coisas das quais ele fala – o fim derradeiro da Antiga Aliança e o firme estabelecimento da Nova – estão à beira do cumprimento, irrevogavelmente destinadas a acontecer **em breve**.

Falando em nome de Cristo, o anjo repete o tema da profecia, ressaltando sua imediatez: **Eis que venho sem demora** (cf. 1:7; 2:5, 16; 3:11; 16:15); de fato, a palavra *vem* ou *venho* (*erchomai*) é usada sete vezes somente no Capítulo 22: “A *frequência* da asseveração agora diante de nós mostra com quanta veemência ela foi feita.”⁸ Nosso estudo do Novo Testamento estará seriamente fora de rumo se deixarmos de levar em conta a

⁸ Moses Stuart, *Commentary on the Apocalypse*, 2 vols. (Andover: Allen, Morrill, and Wardwell, 1845), Vol. 2, pg. 390.

expectativa apostólica de uma iminente Vinda de Cristo (não a Segunda Vinda) que destruiria “esta geração” de Israel e estabeleceria plenamente a Igreja da Nova Aliança. Esta mensagem não deveria ser tratada com leviandade, e há um aviso implícito na Sexta Bem-aventurança do Apocalipse, uma promessa que ecoa a Primeira (1:3): **Bem-aventurado aquele que guarda as palavras da profecia deste livro.** Novamente, São João enfatiza a resposta ética de seu público às verdades que ouviram. Ele lhes deu mandamentos para obedecer (cf. v. 14), não apenas explicitamente, mas implicitamente: Ele revelou a atividade do céu como um padrão para a vida na terra (cf. Mt. 6:10).

8-9 São João enfatiza que ele, o Apóstolo, é **aquele que ouviu e viu essas coisas** (cf. sua linguagem semelhante em 1 João 1:1-3; 4:14). **E quando ouvi e vi, prostrei-me aos pés do anjo que me mostrou estas coisas para adorá-lo. E ele me disse: Não faças isso! Sou conservo teu e de teus irmãos, os profetas, e daqueles que guardam as palavras deste livro; adora a Deus.** Como em 19:10, é a declaração angélica de uma Bem-aventurança que faz com que São João se prostre em reverência diante do mensageiro. Como vimos naquela passagem, São João não estava oferecendo adoração divina ao anjo, mas sim honra a um superior. Mesmo assim, na era da Nova Aliança isso não é mais apropriado. A superioridade angélica sobre o homem foi destinada a ser apenas temporária, um arranjo provisório após Adão ter perdido sua responsabilidade como guardião do santuário (Gn. 2:15; 3:24). Agora que Cristo ascendeu ao Trono, Seu povo é santo, com acesso ao santuário como conselheiros e confidentes de Deus; de fato, diz São Paulo, os santos estão destinados a governar não apenas o mundo, mas também os anjos (1 Co. 6:1-3). O anjo, embora exaltado e poderoso, não é mais do que um **conservo** do apóstolo e de seus **irmãos, os profetas** – os outros membros da Igreja Cristã, todos **aqueles que guardam as palavras deste livro**. O crente é um membro do conselho celestial e pode **adorar a Deus** face a face (cf. v. 4). Novamente, isso mostra que as bênçãos enumeradas nesses capítulos finais não são reservadas apenas à consumação, mas já foram concedidas ao povo de Deus; caso contrário, o anjo teria aceitado o ato de reverência de São João. Temos acesso direto ao Trono de Deus.

O fato de que esse incidente teve de ser repetido quase palavra por palavra demonstra tanto a centralidade dessa questão para o apóstolo quanto a dificuldade que temos em aprendê-la. Pode-se muito bem dizer

que o ensinamento mais importante do Livro do Apocalipse é que Jesus Cristo ascendeu ao Trono; e a segunda lição mais importante é que ascendemos ao céu com Ele.

10 E ele me disse: Não seles as palavras da profecia deste livro, porque o tempo está próximo. Novamente o anjo enfatiza a iminência do cumprimento da profecia. Por essa razão, São João é proibido de selar as palavras do livro. Já tivemos ocasião (em 10:4) de contrastar isso com a ordem a Daniel de “fechar as palavras e selar o livro, até o tempo do fim” (Dn. 12:4). Como sua profecia falava do futuro distante, Daniel foi ordenado a selá-la; como a profecia de São João se refere ao futuro iminente, ele é ordenado a não mantê-la selada. “De fato, estes são exatamente os dias para os quais Daniel escreveu, e São João foi inspirado a ‘desselá-lo’.”⁹

11 Que o injusto continue a fazer injustiça, e o imundo continue a ser imundo, e o justo continue a praticar a justiça, e o santo mantenha-se santo. A grande batalha do primeiro século chegando ao seu clímax, e o anjo apela à distinção entre os justos e os ímpios, à obtenção da “autoconsciência epistemológica” através das respostas diferentes à graça de Deus;¹⁰ isso constitui em uma oração “para que o mundo possa se apresentar como claramente dividido entre bem e mal, de modo a estar maduro para o julgamento.”¹¹ A autoconsciência de ambos os lados da disputa é sempre um prelúdio para o juízo (cf. Ez. 3:27: “Aquele que ouvir, que ouça, e aquele que deixar de ouvir, que deixe”).

12-13 O Senhor novamente promete a iminência de Seu juízo vindouro sobre Israel e a libertação de Sua Igreja: **Eis que venho sem demora, e o Meu galardão está comigo, para retribuir a cada um segundo as suas obras** (cf. 2:23; 20:12-13). Cristo prometera que este seria o resultado de Sua Vinda em Seu Reino no primeiro século (Mt. 16:27-28). Confirmando a promessa com um juramento, Ele jura por Si mesmo como o Senhor da história, o Controlador soberano de todas as coisas: **Eu sou o Alfa e o Ômega, o Primeiro e o Último, o Princípio e o Fim.**

⁹ Austin Farrer, *The Revelation of St. John the Divine Oxford: At the Clarendon Press*, 1964), pg. 225.

¹⁰ Veja Gary North, “Graça Comum, Escatologia e Lei Bíblica”, Apêndice C (abaixo).

¹¹ Farrer, pg. 225.

14 Continuando a falar por meio do anjo, Cristo pronuncia a Sétima Bem-aventurança do Apocalipse: **Bem-aventurados aqueles que praticam os Seus mandamentos**, com o partícipio do presente no original enfatizando o dever contínuo de obediência. Deus requer não apenas uma única profissão de fé, mas uma vida contínua de arrependimento e confissão de Cristo. A obediência caracteriza os redimidos, como São João declara em outro lugar:

E nisto sabemos que o conhecemos, se guardarmos os seus mandamentos. Aquele que diz: Eu o conheço, e não guarda os seus mandamentos, é mentiroso, e a verdade não está com ele. Mas qualquer que guarda a sua palavra, nele verdadeiramente está o amor de Deus aperfeiçoado; nisto sabemos que estamos nele. Aquele que diz que está nele, deve ele mesmo andar da maneira como ele andou. (1 Jo. 2:3-6)

Somente estes **têm direito à Árvore da Vida** (prometida aos vencedores em 2:7) e **podem entrar na Cidade** (prometida aos vencedores em 3:12) **pelos portões**. Novamente, devemos observar que as nações da terra entrarão na Cidade (21:24-26), o que significa que as nações e seus governantes serão caracterizados pela retidão, pela fé do vencedor, que conquistou o mundo.

15 Cristo fornece outro catálogo (cf. 21:8), um sétuplo desta vez, daqueles que são excluídos da bênção, lançados para **fora** da Cidade, para a Geena de fogo (Is. 66:24; Mc. 9:43-48). Primeiro são mencionados **os cães**, necrófagos que são vistos com desgosto e repulsa por toda a Bíblia (cf. Pv. 26:11). Em Deuteronômio 23:18, os sodomitas são chamados de “cães”¹² e Cristo equiparou os cães às nações impuras (Mc. 7:26-28). São Paulo, no que deve ter sido uma referência chocante, aplica o termo à *falsa circuncisão*, os judeus que traíram a Aliança ao rejeitar Cristo (Fp. 3:2) e assim se juntaram aos pagãos e aos pervertidos. Essa é provavelmente a referência aqui (cf. 2:9; 3:9). Deus não dá o que é santo aos cães (Mt. 7:6). As outras categorias mencionadas neste versículo, **os feiticeiros, e os fornicadores, e os assassinos, e os idólatras e todo aquele que ama e pratica a mentira**, também estão listados em 21:8, 27. Os cristãos renun-

¹² Veja R. J. Rushdoony, *The Institutes of Biblical Law* (Nutley, NJ: The Craig Press, 1973), pp. 89f.

ciaram a todas essas ações ímpias através do seu batismo para novidade de vida.

16 Eu, Jesus, envie o Meu anjo para vos testificar estas coisas às igrejas; a palavra **vos** é plural, significando que o Senhor se dirige diretamente ao público de São João; e a mensagem é para **as igrejas** em geral (“todos os santos”, v. 21). Cristo repete a lição de 5:5, que Ele é o portador da Nova Aliança, a “Carta Magna da Humanidade” através da qual todas as nações serão abençoadas: **Eu sou a Raiz e a Descendência de Davi**, tanto a Fonte quanto a Culminação da linhagem davídica. Hengstenberg comenta: “Porque Jesus é a raiz, ele também é a *raça* de Davi. *Somente nele a raça é preservada*; enquanto, doutro modo, ela teria desaparecido sem deixar vestígios. A raça de Davi é mais do que sua descendência; isso indica que a raça de Davi deveria, exceto por Cristo, ter deixado de existir. A raça de Davi é aqui trazida à vista com respeito à força invencível e ao domínio eterno prometido por Deus (comp. Lc. 1:32-33). O que ele testifica, naquele em quem a raça gloriosa de Davi culmina, certamente se cumprirá.”¹³

Em Números 24:17, Balaão profetizou sobre Cristo sob os símbolos de uma estrela e um cetro; o cetro de Cristo é prometido ao vencedor em Tiatira (2:26-27), em uma alusão ao Salmo 2:8-9; então, conforme a promessa ao vencedor continua, Cristo se oferece como a **Estrela da Manhã** (2:28), e essa promessa é repetida aqui, em parte para complementar a promessa de Luz no versículo 5, e em parte para manter a harmonia com outras conexões que esta passagem compartilha com as Cartas para Pérgamo (a menção de idolatria e a alusão a Balaão) e Tiatira (a menção de feitiçaria e fornicção).

17 E o Espírito e a Noiva dizem: Vem! Esta é uma oração a Jesus, o Espírito inspirando a Noiva a chamá-Lo (cf. Ct. 8:14: “Vem depressa, meu amado!”) para vir em salvação e juízo, assim como os quatro seres viventes invocaram os Quatro Cavaleiros (6:1, 3, 5, 7). A resposta litúrgica é então apresentada: **E o que ouve diga: Vem!** Finalmente, a expressão é invertida (cf. 3:20-21, onde Cristo primeiro pede para cear conosco, então nos convida a sentar com Ele), pois a certeza da vinda de Cristo a nós em salvação nos permite vir a Ele para obtermos a Água da Vida: **E quem**

¹³ E. W. Hengstenberg, *The Revelation of St. John*, 2 vols., trans. Patrick Fairbairn Cherry Hill, NJ: Mack Publishing Co., n. d.), Vol. 2, pg. 373.

tiver sede, venha; e quem quiser, tome da água da vida sem custo. A expressão **sem custo** é *dōrean*, significando *como um presente*, usada por Cristo em uma referência particularmente reveladora: “Odiaram-me *sem causa*” (Jo. 15:25, ACF). Nossa salvação é gratuita, “sem causa” no que diz respeito ao nosso próprio mérito; sua fonte e razão estão inteiramente n’Ele, e não em nós. Somos “justificados *gratuitamente* pela sua graça, pela redenção que há em Cristo Jesus.” (Rm. 3:24, ACF).

18-19 Agora Jesus declara o que muitos consideram as palavras mais solenes e aterrorizantes de toda a profecia: **Eu testifico a todo aquele que ouve as palavras da profecia deste livro: Se alguém lhes acrescentar alguma coisa, Deus lhe acrescentará as pragas que estão escritas neste livro; e se alguém tirar qualquer coisa das palavras do livro desta profecia, Deus lhe tirará a sua parte da Árvore da Vida e da Cidade Santa, que estão escritas neste livro** (cf. Dt 4:2; 12:32; 29:20).¹⁴ Rushdoony comenta: “Em um sentido muito real, o Apocalipse conclui as Escrituras. Ele fala deliberadamente como uma palavra final. Moisés, em Deuteronômio 4:2, declarou: ‘Nada acrescentareis à palavra que vos mando, nem diminuireis nada dela. [...]’ Outros haveriam de adicionar *palavras*, mas a revelação seria uma *palavra* imutável. Agora, com a conclusão das Escrituras, adicionar ou remover as ‘palavras’ do livro é proibido; palavras não mais podem ser acrescentadas. O paralelo e a alteração autoconscientes são óbvios demais para serem acidentais. As últimas palavras da palavra imutável foram dadas.”¹⁵

20-21 **Aquele que testifica essas coisas**, a Testemunha Verdadeira e Fiel, **diz: Sim, venho rapidamente!** Nesta liturgia de encerramento, a Igreja responde: Amém! Vem, Senhor Jesus! A Igreja pede pelo juízo; ela pede especificamente que seu Senhor venha (*Maranata!*), trazendo *Anátema* para todos os Seus inimigos (1 Co. 16:22), mas com **graça** para **todos os santos**. Como vimos em 3:14, a palavra familiar **Amém** é um juramento, uma invocação sobre si mesmo das maldições da aliança e um reconhecimento solene de que não teríamos graça alguma, exceto pelo

¹⁴ Parece muito estranho que, de todos os lugares, esses dois versículos tenham alguma leitura variante; porém, na realidade, há, não apenas um, mas no mínimo *treze* pontos distintos em disputa! Veja Zane C. Hodges e Arthur L. Farstad, eds., *The Greek New Testament According to the Majority Text* (Nashville: Thomas Nelson Publishers, 1982).

¹⁵ R. J. Rushdoony, *Thy Kingdom Come: Studies in Daniel and Revelation* (Tyler, TX: Thoburn Press, [1970] 1978), p. 225. Itálicos adicionados.

fato de que Jesus Cristo é nosso “Amém”, que sofreu a Maldição por nós. Portanto, como Santo Ambrósio exortou, “O que a boca pronuncia seja reconhecido pela mente interna; que o íntimo sinta o que a palavra exprime.”¹⁶

¹⁶ Sto. Ambrósio, *Sobre os Mistérios*, 54 em *Patrística - Explicação dos símbolos / Sobre os sacramentos / Sobre os mistérios / Sobre a penitência* (Editora Paulus, 2014).

CONCLUSÃO: AS LIÇÕES DO APOCALIPSE

Se o Livro do Apocalipse é primordialmente uma profecia para a Igreja do primeiro século, ele tem algum valor para os cristãos de hoje? Na realidade, nos deparamos com essa pergunta com relação a todos os livros da Bíblia, não apenas o Apocalipse; pois toda a Escritura foi escrita “para” outras pessoas, e não “para” nós. Mas São Paulo declarou um princípio fundamental da interpretação bíblica: “Toda Escritura é dada pela inspiração de Deus, e é proveitosa para doutrina, para repreender, para corrigir, para instruir em justiça, para que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente instruído para toda boa obra.” (2 Tm. 3:16-17). O juízo de Deus sobre Israel por sua desobediência pode acontecer conosco também, se não perseverarmos na fé e nas obras. Se até *Israel* pôde ser separado da Árvore da Vida da aliança, nós também podemos: “Por sua incredulidade eles foram quebrados, e tu estás em pé pela fé. Não sejas arrogante, mas teme. Porque, se Deus não poupou os ramos naturais, cuida para que ele não poupe a ti também. Vê, pois, a bondade e a severidade de Deus; para com os que caíram, severidade, mas para contigo, a bondade, se permaneceres na sua bondade, do contrário, tu também serás cortado. E eles também, se não permanecerem na incredulidade, serão enxertados; pois Deus é capaz de enxertá-los novamente.” (Rm 11:20-23).

O Livro do Apocalipse, portanto, tem lições contínuas para a Igreja de todas as eras. Resumi algumas dessas lições abaixo, fornecendo referências às páginas no comentário onde são discutidas. O que se segue não deve ser tomado como uma lista exaustiva, mas como um esboço para estudo e revisão de tópicos.

A Interpretação da Profecia

O propósito da profecia não é simplesmente “predição”; em vez disso, é uma convocação para uma vida ética em termos dos padrões de Deus (pp. 48-49). Portanto, não é “história escrita com antecedência” (pp. 64-67). Nosso padrão para interpretar a profecia deve ser a própria Bíblia (pp. 67-69). O Livro do Apocalipse é escrito em “sinais”, ou seja, *símbolos* (p. 91). O simbolismo é inescapável; de fato, tudo é simbólico (pp. 69-71). O simbolismo é analógico, não realista; é fluido, não um “código” (pp. 71-

72). Os controles primários sobre especulação indevida devem ser a fidelidade ao *sistema de doutrina* da Bíblia e a fidelidade ao *sistema de simbolismo* da Bíblia (pp. 76-77).

O Livro do Apocalipse

O Livro do Apocalipse tem um foco contemporâneo; não é sobre a Segunda Vinda (pp. 77-82), mas sobre a inauguração da era da Nova Aliança durante os Últimos Dias – o período de 30-70 d.C., da Ascensão de Cristo até a queda de Jerusalém (p. 87). Escrito em algum momento da última década da história de Israel (pp. 41-44) na forma distinta da Ação Judicial do Pacto bíblica (pp. 48-58, 83-85, 87-88, 123-24, 177-79, 259-61, 407-10), suas principais profecias seriam cumpridas *em breve* (pp. 89-93). A profecia foi destinada a ser lida no ambiente litúrgico das igrejas do primeiro século (p. 92), e então começa com Sete Cartas para as igrejas da Ásia Menor. Cada Carta recapitula a estrutura de cinco partes dos pactos bíblicos históricos (pp. 123-24). Juntas, as Cartas recapitulam toda a história do Pacto, de Adão a Cristo (pp. 124-26); e também prenunciam toda a estrutura do Apocalipse (pp. 126-28). Os Sete Selos estabelecem o período dos Últimos Dias em geral (p. 217); as Sete Trombetas alertam sobre a Tribulação, até o primeiro cerco de Jerusalém sob Céstio (pp. 286-87, 319); e os Sete Cálices revelam o derramamento final da ira de Deus sobre Jerusalém e o Templo em 67-70 d.C. (pp. 411-12).

O Apocalipse foi escrito para confortar e instruir as igrejas que estavam atormentadas e oprimidas por uma forma oculta, gnóstica e estatista de judaísmo apóstata que capturara a hierarquia religiosa de Israel (pp. 129-30, 141-42, 150-51). São João chama esse movimento de vários nomes simbólicos – “nicolaítas”, “balaamitas”, “jezabelitas” e “a sinagoga de Satanás” – mas todas essas expressões se referem ao mesmo culto (pp. 133-34, 136-38, 142-44, 148-49, 162-63).

O significado dos principais símbolos do Apocalipse pode ser resumido da seguinte forma:

O Livro dos Sete Selos é a Nova Aliança, que Cristo obteve em Sua gloriosa Ascensão e “abriu” durante o período dos Últimos Dias, culminando na destruição de Jerusalém (pp. 202-12). (O “Pequeno Livro”, que explica o Livro dos Sete Selos, é a Revelação a São João: p. 302.) A multidão selada de 144.000 é o Remanescente, os judeus fieis do primeiro século (pp. 241-43, 385-89), o núcleo da multidão inumerável dos redimidos de

todas as nações (pp. 248-251). As “Duas Testemunhas” representam a Igreja fiel da Antiga Aliança, “a lei e os profetas” exemplificados em Moisés e Elias, culminando no testemunho de João, o Precursor (pp. 309-19). A Mulher vestida do Sol é o Israel fiel, a Mãe de Cristo (pp. 328-32). Apesar da ira do Dragão, o Messias ascende para governar o céu e a terra do Trono (p. 340). A derrota de Satanás por Cristo em Sua vida, morte e ressurreição é retratada pela “guerra no céu” de Miguel contra o Dragão (pp. 342-49).

A Besta do Mar é o Império Romano, personificado em Nero César (pp. 355-65); a Besta da Terra (também chamada de Falso Profeta) é a liderança religiosa de Israel (pp. 365-73); e a Imagem da Besta é a Sinagoga Judaica apóstata (pp. 367-73). Babilônia, a Grande Cidade-Meretriz, é a antiga Jerusalém apóstata (pp. 392-93, 439-41, 445-66). A Nova Jerusalém, a Cidade-Noiva pura, é a Igreja (pp. 494-96, 564-65, 571-582), que celebra sua Ceia de Casamento com o Cordeiro na Eucaristia, o Banquete da Comunhão (pp. 496-99); então ela segue seu Senhor, que, como o Verbo de Deus, conquista todas as nações pelo Evangelho (pp. 502-12).

Satanás foi preso no Primeiro Advento de Cristo e, portanto, impedido de instigar prematuramente a Guerra escatológica (pp. 519-27). O “Milênio” é o Reino de Cristo, que começou na Ressurreição/Ascensão e continua até o fim do mundo (pp. 514-18, 528-38). O “novo céu e nova terra” é uma imagem da salvação: trazida definitivamente pela obra consumada de Cristo, desenvolvendo-se progressivamente ao longo da presente era e chegando finalmente, em plenitude absoluta, na consumação de todas as coisas (pp. 555-64).

O Israel da Antiga Aliança

Todas as alianças bíblicas foram recriações provisórias, que prefiguravam a Nova Criação definitiva: a Nova Aliança (pp. 299-301). O significado da história de Israel é o nascimento do Filho Varão, Jesus Cristo (pp. 328-32). Os fiéis da Antiga Aliança carregavam o Testemunho de Cristo (pp. 531-32). A guerra entre a Semente da Mulher e a semente da Serpente atingiu o clímax na Cruz e na Ressurreição (pp. 338-40). O Israel incrédulo foi excomungado; e agora os gentios estão fluindo para a Nova Aliança (pp. 307-8). Israel nunca terá uma identidade pactual separada da Igreja (p. 302), pois a religião da Antiga Aliança não pode ser revivida; a salvação agora está somente com Cristo e a Igreja (pp. 470-71).

A Ressurreição, Ascensão e Reino da Nova Aliança de Cristo

O objetivo do Advento de Cristo era Sua gloriosa Ascensão ao Trono celestial (p. 340) – Sua “Vinda nas Nuvens” *definitiva* (pp. 102-4). Através de Sua Ressurreição e Entronização, Ele derrotou o diabo e destruiu suas obras (pp. 346-48, 521-24), abrindo o céu a todos os crentes (pp. 396-97). Tendo sido instaurado em Seu Primeiro Advento (p. 152), Cristo é o Soberano de todos os reis da terra (pp. 100-2); Seu Reino já teve início e continua em curso agora (pp. 100-2, 105-6).

A vitória definitiva de Jesus Cristo nos dá domínio progressivo (pp. 152-53, 213-14). Sua ressurreição é a Primeira Ressurreição, da qual todos os crentes participam (pp. 139-40, 535-38). O Reino é a Era da Regeneração (p. 529), a era a ser caracterizada pela justiça (pp. 563-64). Todos os cristãos são sacerdotes reais (pp. 100-2, 174, 528-29), ministrando e reinando tanto no céu quanto na terra (pp. 533-34).

A Ascensão de Cristo abriu a Nova Aliança (pp. 205-9), a Nova Criação do céu e da terra - uma descrição tanto da nossa herança presente quanto da futura (pp. 558-64). A Nova Jerusalém é a Cidade do Reino, a Igreja: a Noiva de Cristo agora e para sempre (pp. 544, 564-65). Assim como a Antiga Aliança correspondia à era da Noite (relativa), a Nova Aliança é a era do Dia, pois o mundo se move escatologicamente da Escuridão para a Luz (pp. 588-91). A Nova Aliança é, portanto, a prometida “era que há de vir” (p. 494).

Os cristãos ortodoxos concordam que o Reino de Cristo vai de Sua Ascensão até o fim do mundo (pp. 513-14). O cristianismo ortodoxo é tanto amilenista quanto pós-milenista (pp. 514-16): Pois, embora o cristianismo sempre tenha sido firmemente antirrevolucionário (p. 515), também tem sido fortemente otimista em relação ao poder do Evangelho para converter as nações do mundo (pp. 516-17). O cristianismo ortodoxo, portanto, não é “pluralista” com relação ao Reino, porém sustenta que todos os homens, nações e instituições devem se curvar diante do Senhor Jesus Cristo, obedecendo a Seus mandamentos em todas as áreas da vida e do pensamento (p. 516).

Judaísmo e a Queda de Jerusalém

O principal inimigo da Igreja nos tempos do Novo Testamento era o judaísmo apóstata (pp. 141-42). O judaísmo do primeiro século não era simplesmente uma continuação da religião da Antiga Aliança; em vez

disso, era uma religião apóstata, negando tanto o Antigo quanto o Novo Testamento (pp. 136-38, 365-66), promovendo a heresia da salvação através do caos (pp. 150-51), cometendo idolatria ao substituir a criação pelo Criador (pp. 289-90). A rejeição de Cristo por Israel corrompeu o resto do mundo (p. 479), transformou as bênçãos de Deus em maldições (pp. 279-80) e a levou à escravidão pelo ocultismo e o estatismo (p. 486). Metáforas bíblicas comuns para a violação do pacto são fornicação e adultério; A Jerusalém apóstata é, portanto, representada como a Grande Meretriz, a corruptora do mundo (pp. 143-44, 149, 392-93, 445-455). Judeus incrédulos, portanto, não são o povo escolhido de Deus (pp. 162-63).

O maior privilégio de Israel significava maior responsabilidade e, portanto, maior juízo (p. 163). Depois que o Evangelho foi pregado ao mundo inteiro (p. 391), Deus derramou a Grande Tribulação de 67-70 d.C. sobre a Jerusalém apóstata e seu Templo (p. 105), em resposta direta às orações de Sua Igreja (pp. 271-73). A destruição de Jerusalém foi o sinal para Israel e o mundo de que o Filho do Homem agora reina no céu (pp. 320); e foi o ato final necessário para inaugurar a Nova Aliança (p. 301). Cristo trouxe a Era de Justiça após a queda de Jerusalém (p. 588); a salvação do mundo veio através da queda de Israel (pp. 275-76); de fato, a queda de Israel acabará resultando em sua própria conversão (p. 415-16). O único caminho de salvação, para judeus e gentios, é em Jesus Cristo (p. 163).

A Igreja

Há apenas um Pacto da Graça, que opera por meio de diferentes administrações (pp. 574-75). Com a vinda da Nova Aliança, a Glória de Deus foi transferida do Templo para a Igreja (pp. 571-73), e os judeus e gentios fiéis se uniram em um único Corpo em Jesus Cristo (p. 298-99). A Igreja é o Verdadeiro Israel (pp. 137-38, 187), a Sinagoga escatológica (pp. 401, 120); como tal, ela não está mais ligada à Jerusalém terrena, mas multicentralizada em todo o mundo (p. 120-21). Na Antiga Aliança, o mundo estivera organizado em torno da Antiga Jerusalém; a Igreja é a Nova Jerusalém, a Cidade de Deus (p. 166), e agora o mundo está organizado em torno da Igreja (p. 441). Não podemos ter Deus como nosso Pai se não tivermos Sua Igreja como nossa Mãe (pp. 495-96). A santificação do povo de Deus é realizada por meio da Igreja, por meio de seu ministério e sacramentos (pp. 325-26).

A Igreja ascendeu ao céu com Cristo (p. 284), e agora “tabernacula” no céu (pp. 349, 361-62), com os santos e anjos (pp. 388-89). Um *santo* é alguém que tem privilégios de santuário; todos os cristãos através da Ascensão têm acesso ao santuário (pp. 324-25). Cristãos e anjos estão agora em um nível igual como membros do Conselho celestial (pp. 499-501): Todos os cristãos são profetas, vendo Deus face a face (p. 410).

A Igreja é a recriação definitiva do mundo, a Nova Aliança (p. 351); ela é a Cidade sobre o Monte, a Luz do mundo (pp. 581-82). A salvação fluirá de seus portões para converter o mundo (pp. 583-85). Todas as nações afluirão a ela com os frutos de sua cultura (p. 581); de fato, os governantes têm o dever de apoiar a Igreja (p. 582). Quando os estados abandonam sua responsabilidade e buscam destruir a Igreja, essa perseguição nunca é meramente “política”; é sempre religiosa (pp. 313-14). A perseguição de Satanás à Igreja não é um sinal de seu poder; em vez disso, ele ataca a Igreja precisamente porque Jesus Cristo já o derrotou (p. 350). Portanto, a Igreja será preservada em todas as suas tribulações e vencerá gloriosamente toda a sua oposição (p. 353). Portanto, não há desculpa para o fracasso: Cristo condena igrejas que são ineficazes (pp. 169-70).

O Templo celestial, o arquétipo do Tabernáculo e do Templo de Israel (pp. 185-86), foi herdado pela Igreja (pp. 306-8). Uma vez que a vontade de Deus deve ser realizada na Terra como no céu, a atividade angélica é o padrão para a nossa (pp. 188-89, 576); em particular, os anjos correspondem aos pastores/bispos da Igreja, e suas atividades de juízo/governo devem ser imitadas por seus equivalentes terrestres (pp. 118, 264-65, 391, 393).

Culto

A Nova Aliança inevitavelmente resultou em um Novo Cântico: a Liturgia da Nova Aliança (pp. 211-12). (O viés antilitúrgico é essencialmente pagão e muçulmano em caráter, não bíblico: pp. 61-63). O dia cristão de adoração, “o Dia do Senhor”, é a representação litúrgica do Dia do Senhor (pp. 107-8); é por isso que o Livro do Apocalipse historicamente estabeleceu o padrão para a adoração da Igreja (p. 61-62). A adoração bíblica é corporativa, responsorial e ordeira: isso requer uma liturgia formal (pp. 197-99). Toda semana, no Dia do Senhor, a Igreja adoradora segue Cristo em Sua Ascensão ao céu (pp. 183-84); os anjos estão presentes em nossa adoração porque a Igreja está na Corte celestial (p. 265). Tudo o que faze-

OS DIAS DE VINGANÇA

mos na adoração tem significado cósmico: de acordo com o padrão das Escrituras, nossa oração pública deve ser realizada em uma postura física reverente (p. 253-54); e até mesmo nosso simples *Amém* é considerado um juramento legal (pp. 167-68). Por causa da Ascensão, todos os cristãos são profetas, membros do Conselho Consultivo de Deus (pp. 184-85). A Igreja fiel faz orações imprecatórias contra seus opressores (pp. 229-30), e Deus traz juízos sobre a terra em resposta aos clamores da Igreja por justiça (pp. 265-66).

A adoração deve ser centrada em Jesus Cristo. Isso significa a celebração semanal da Eucaristia, o coração da adoração cristã (pp. 172-74, 497-98). A Eucaristia é o centro da vida e deve dar “forma” a tudo o mais que fazemos (pp. 498-99).

Domínio

O Mandato de Domínio, a incumbência que Deus designou a Adão, será cumprida através do triunfo do Evangelho em todo o mundo (pp. 529-30). Os cristãos governam com Cristo em Seu Reino agora, nesta era (pp. 101-2, 105-7, 174, 528-30, 533-34), e o cristianismo está destinado a assumir todos os reinos da terra (pp. 320-21). Deus deu ao Seu povo uma “concessão pactual” para tomar posse e exercer domínio sobre Sua criação (p. 123). Todos os cristãos recebem, portanto, a ordem de vencer toda a oposição; e, de fato, todos os cristãos *são* vencedores (pp. 134-35). O poder político, no entanto, não vem primeiro; a tentação de tomá-lo prematuramente deve ser resistida (pp. 530-31). A Igreja deve assumir a iniciativa na luta contra as forças do mal – ela deve *atacar*, e não apenas defender – e será bem-sucedida (pp. 344-46). Ela deve orar, esperar e se alegrar com a derrota de seus inimigos (p. 480). Deus dará à Sua Igreja tempo suficiente para cumprir sua tarefa (p. 525).

A Conversão do Mundo

Em sua maior parte, o mundo ainda é pré-cristão, não pós-cristão (p. 94). Jesus Cristo veio para salvar o mundo (pp. 248-50), e Sua Ressurreição e Ascensão garantem o triunfo do Evangelho (p. 251). Cristo está destinado a ferir e conquistar todas as nações por Sua Palavra (pp. 502-12). Sua Cruz, a Árvore da Vida, curará todas as nações (pp. 585-87), como a Festa dos Tabernáculos expressa simbolicamente (pp. 256-58). A esmagadora maioria das pessoas será salva (pp. 415-16), e até mesmo a queda de

Israel acabará resultando em sua conversão (pp. 415-16). A tendência na era da Nova Aliança é o juízo para a salvação (pp. 318-19).

Salvação e a Vida Cristã

A doutrina da “idade da consciência” é um mito; todos os homens são responsáveis perante Deus em todos os momentos de sua existência (pp. 159-60). A partir de certa perspectiva, o Livro da Vida é um rol batismal, um registro do Pacto do qual os apóstatas são apagados (p. 160-61); de outra perspectiva, no entanto, é o rol daqueles que Deus escolheu antes da fundação do mundo (pp. 363-64). A Bíblia ensina perseverança, não “segurança eterna” (pp. 106-7). Perseverança requer fé no governo justo de Deus no mundo (pp. 364-65).

A Bíblia não ensina salvação pelas obras, mas ensina condenação pelas obras. Somos justificados pela fé somente; mas a verdadeira fé nunca está sozinha (p. 552). Riqueza é um subproduto do Reino de Deus; buscá-la sem Cristo é idolatria (pp. 578-79). O cristianismo não nos isenta do sofrimento, mas nos capacita a superá-lo (pp. 254-55). O sofrimento não produz piedade; somente a graça de Deus o faz (p. 432). Nossos sofrimentos servem a um de dois propósitos: eles nos *provam* ou nos *melhoram* (pp. 270-71). Deus está mais do que disposto a responder nossas orações; nosso problema é que não oramos (pp. 283-84). Deus tem Seus segredos, mas Ele revelou o que precisamos saber para obedecê-Lo (pp. 296-97).

A salvação é a vitória de Deus sobre Seus inimigos, neste mundo e no próximo (p. 414). A salvação redime tanto o indivíduo quanto a comunidade na Cidade de Deus (pp. 566-67). Toda a vida e cultura fluem de um centro religioso (pp. 469-70). O cristianismo se aplica a todas as áreas da vida; ele renova o mundo (p. 567).

Deus e Seu Mundo

No sentido mais absoluto, Deus é independente de Sua criação (pp. 196-97). A unidade e a diversidade da ordem criada são reflexos da Trindade, na qual a unidade e a diversidade são igualmente absolutas (pp. 95-97). Deus conhece o futuro porque Ele o planejou (pp. 90-91). O significado da predestinação é que todos os fatos são *fatos criados*, com seu significado predeterminado e totalmente interpretado por Deus (p. 135-36). O oposto da predestinação não é a liberdade, mas a ausência de

sentido (pp. 135-36). Embora Deus não seja responsável pelo pecado, nada acontece fora de Seu controle (pp. 464-65).

A crença na “Lei Natural” autônoma é a forma moderna do Baalismo (pp. 191-93). Nada na criação é autônomo; todas as coisas são pessoais e centradas em Deus (pp. 239-40). Deus governa Sua criação direta e pessoalmente (pp. 191-93). A própria ordem das constelações manifesta a glória de Deus (pp. 193-95). Deus é o Rei das nações, e as usa para cumprir Seus propósitos (p. 415); Ele governa até mesmo os exércitos pagãos da terra (pp. 434-35). Os juízos sobre o mundo procedem, direta e pessoalmente, de Seu Trono (pp. 227-28). Deus impõe restrições à maldade do homem; sem elas não haveria limite para o ódio e a guerra (pp. 224-25). Deus aplica Seus padrões de justiça ao mundo, exigindo restituição múltipla (pp. 471-72).

Últimas Coisas

O diabo não é seu próprio mestre; em última instância, ele é governado por Cristo (pp. 525-27). Quando Deus escolher libertá-lo, Satanás trará a Guerra final no fim da história (pp. 538-44), mas esta última rebelião será esmagada imediatamente (pp. 544-45). Ambos os lados, os justos e os perversos, amadurecerão até o fim derradeiro; isso é chamado de *autoconsciência epistemológica* (pp. 545-47).

O cristianismo ortodoxo sempre sustentou uma Segunda Vinda de Cristo e Juízo Final de Deus sobre o mundo futuros (pp. 296-97, 549-50). A Bíblia não ensina um universalismo absoluto; algumas pessoas nunca serão convertidas e perecerão eternamente (p. 538). Todos aqueles fora de Cristo serão lançados em punição eterna (p. 553).

Deus é o grande Rei Guerreiro: Ele derrota Seus inimigos e usa os despojos de sua vitória para construir Seu Templo (pp. 555-56). O Mandato de Domínio será cumprido e a Terra será completamente “celestializada” (pp. 557-558). A Salvação abole a Maldição (pp. 587-88) e promete não apenas que o Paraíso será restaurado, mas que será completamente consumado (pp. 384-85): Nosso ganho em Cristo é muito maior do que o que perdemos em Adão (p. 585). Os cristãos reinarão com Cristo, não apenas por um “milênio”, mas para sempre (pp. 590-91).

CHRISTUS VINCIT
CHRISTUS REGNAT
CHRISTUS IMPERAT

APÊNDICES

Apêndice A

O SIMBOLISMO LEVÍTICO NO APOCALIPSE

PHILIP CARRINGTON[§]

O caráter litúrgico das seções do *Apocalipse* tem sido frequentemente apontado; mas não vi nenhuma tentativa de estudar e elucidar o andaime litúrgico no qual as visões são construídas. O Arcebispo Benson chegou muito perto disso quando tratou o livro como um drama e o imprimiu de modo a exibir a estrutura coral. Mas o *Apocalipse* não é um drama; é uma liturgia. Um drama lida com o desdobramento da personalidade, e os atores nele devem usar suas próprias personalidades para interpretá-lo. Na liturgia, os hierofantes devem submergir suas personalidades e identidades no movimento de toda a composição. É um verdadeiro triunfo literário que um poema contínuo como o *Apocalipse* prenda a atenção como faz sem a assistência do interesse humano por personagens; e esse triunfo é litúrgico em caráter.

O autor do *Apocalipse* frequentava o templo e amava sua liturgia; quando fechava os olhos em Éfeso, podia ver os sacerdotes realizando suas tarefas designadas no grande altar do holocausto. Essa visão forma o pano de fundo de todo o poema.

Fico surpreso em encontrar pouquíssimas discussões sobre o ritual do templo, não apenas em conexão com o *Apocalipse*, mas também com o pano de fundo palestino do Novo Testamento em geral. O avanço recente neste estudo tem-se concentrado na literatura escatológica e no ensino oral dos rabinos; tem, porém, negligenciado o templo, seu sacerdócio e adoração. Mas, no período do Novo Testamento, o sistema do templo era central; após sua destruição, os rabinos organizaram um novo judaísmo em moldes farisaicos mais racionais. Mas era uma nova religião, não a antiga. A antiga religião morreu no ano 70 d.C. e deu à luz dois filhos; o

[§] Reimpresso de Philip Carrington, *The Meaning of the Revelation* (Londres: SPCK, 1931). Não posso recomendar todas as opiniões de Carrington – por exemplo, sua ridícula “hipótese documental” no estilo JEDP da autoria do Apocalipse e suas visões sobre a suposta evolução e data tardia do texto, mas acredito que sua contribuição geral para nossa compreensão do sentido pretendido por São João é muito valiosa e mais do que compensa suas deficiências. Em vez de registrar minha discordância toda vez que Carrington faz uma declaração questionável, correrei o risco de esperar que o leitor pense por si mesmo.

mais velho era o judaísmo moderno sem templo, sacerdote ou sacrifício; o mais novo era o cristianismo, que se orgulhava de possuir todos os três.

O que liga *Hebreus* ao *Apocalipse* é sua insistência neste fato. O cristianismo é o verdadeiro herdeiro da antiga fé. Para ela foram transferidos o sacerdócio e o sacrifício.

O Novo Culto Universal

Quando São João começou a publicar suas visões vinte anos após a queda de Jerusalém, um de seus objetivos principais foi o de fornecer um esquema ou padrão para a adoração cristã. Não há dúvidas de que ele se propôs a fazer isso consciente e deliberadamente; além disso, ele foi bem-sucedido. A “Anáfora”, como a oração de consagração da Eucaristia é chamada no Oriente, segue o padrão que ele estabeleceu. O “Cânon” da Missa Romana e a Oração de Consagração do Livro de Orações Inglês também o fazem, embora com menos fidelidade.

Parece razoável supor que sua obra litúrgica não foi realizada de forma arbitrária ou em um espírito de teoria. Deve ter tido algum tipo de relação com a maneira na qual a adoração cristã era realmente conduzida na época; a analogia sugere que se a parte mais antiga do livro refletisse a adoração da antiga religião que passara, a parte mais nova refletiria a da nova religião que tomara o seu lugar. Agora, os capítulos iniciais 4 e 5, embora pertençam ao período mais tardio da inspiração de São João, parecem ser construídos sobre o fundamento de uma obra mais antiga, na qual as seguintes mudanças parecem ter sido feitas: (1) um Trono toma o lugar de um Altar, e (2) Vinte e quatro Anciãos em Tronos são adicionados. (Veja Charles, *ad. loc.*) Mas essas mudanças correspondem à imagem da congregação cristã do período sugerida nos escritos de Santo Inácio (veja Rawlinson em *Foundations*, sobre “As Origens do Ministério Cristão”). O Trono de Deus representa a cadeira do bispo, e ao redor dele agrupam-se os Presbíteros. O número é escolhido por causa das vinte e quatro turmas nas quais o Sacerdócio Hebreu (e até mesmo os Levitas e o povo) foram divididas; podemos estabelecer uma comparação com a imagem do Sumo Sacerdote Simão em *Eclesiástico* 1 com sua “guirlanda” de sacerdotes.

Podemos, portanto, sentir certa confiança de que temos diante de nós os reais arranjos da liturgia cristã, que, por sua vez, dependia de suas origens hebraicas.

APÊNDICE A

Eu tratei no texto dos paralelismos entre os Quatro Zoa [criaturas vivas], as Sete Lâmpadas, o Mar de Vidro, etc., e os Querubins, o Castiçal e a Pia do Templo. Em *São João*, eles são aplicados de várias maneiras à adoração universal de toda a criação. Esta adoração universal encontra expressão no Sanctus (Santo, Santo, Santo), que também é usado nas orações matinais da sinagoga, onde é associado ao pensamento da criação; no *Apocalipse*, o louvor a Deus por sua criação é proferido pelos Anciãos, que se prostram ao som do Sanctus.

Esta é a “primeira parte” da Anáfora, da Eucaristia Cristã, na qual os homens “se unem aos anjos e arcanjos e a toda a companhia do céu”. A maioria das liturgias gregas mostra vestígios do “Axios” ou “Axion” (digno) do *Apocalipse*; muito distante historicamente, isso se reflete na expressão “É justo e digno (*justum et dignum*) assim fazer”.

O *Apocalipse de João* então prossegue mostrando-nos o Cordeiro como tendo sido morto em Sacrifício; e as liturgias cristãs o seguem narrando a vida e a morte de Cristo, e assim levando à consagração e oferta. O termo ‘de pé’, que é aplicado ao Cordeiro, é uma tradução literal de Tamid, o nome técnico para o cordeiro que era oferecido todas as manhãs no templo como um holocausto inteiro. Era a “oferta perpétua”.

Isso é seguido pela oferta de Incenso, que representa a oração intercessória; e então vem um Novo Cântico. O Novo Cântico também foi mencionado em um hino usado no templo após a morte do cordeiro, e antes do Incenso. Tratarei dele posteriormente.

A liturgia termina com louvor a Deus e ao Cordeiro, e o canto do Amém, que era característico da Eucaristia nesta altura. Todas as liturgias seguem este esboço, e é deste ponto em diante que elas variam. As duas primeiras partes do Te Deum seguem as mesmas linhas de construção.

Voltemo-nos agora para o capítulo 7, versículos 9 a 17, uma curta passagem que também é obra do último período, antecipando o fim do livro. Ela representa a adoração dos Mártires no céu.

A ideia de martírio como sacrifício é tão antiga quanto o período dos Macabeus, e tem por trás dela *Isaías* 53. O homem que dá sua vida por Deus ou pelo país é tanto sacerdote quanto vítima; ele oferece, mas o que ele oferece é ele mesmo. No *Apocalipse*, seu sacerdócio depende do de Cristo.

No capítulo 1, Cristo foi mostrado como sacerdote e Rei. Ele está trajado da longa veste branca e do cinto no peito; ele está “no meio” das

sete lâmpadas; isto é, ele está no santuário onde está o candelabro de sete braços, e vestido como um sacerdote. Este linho simples era usado pelo sumo sacerdote no Dia da Expição. No final do *Apocalipse*, a mesma figura sai do santuário com a mesma veste embebida de sangue.

Os mártires também usam vestes brancas, que estão conectadas com a de Cristo pela declaração de que eles são lavados no sangue do cordeiro; o mesmo caráter misto de sacerdote e vítima pertence tanto aos mártires quanto ao seu senhor; mas suas mortes são elevadas ao nível de sacrifício pela associação com a dele.

Os mártires ofereceram seus corpos, e mais do que seus corpos: suas vidas, sua coragem, sua *perseverança paciente*; este é o *sacrifício vivo* de Romanos 12, *santo, aceitável, seu culto racional*. Dando à palavra corpo este sentido amplo, podemos muito bem concordar que as vestes brancas significam tudo o que os mártires ofereceram a Deus, purificado agora no sangue do sacrifício perfeito.

Mais tarde, as vestes brancas são chamadas de *linho fino*, que é material sacerdotal.

No texto do livro, comparei as palmas e a hosana (Salvação) à entrada triunfal de Cristo em Jerusalém, sua subida para ser sacrificado. Esta é apenas parte de uma comparação mais ampla. Ambos estão conectados com o ritual da Festa dos Tabernáculos, que ocorria na época da Colheita, quando a vindima e todas as outras colheitas estavam prontas. Neste festival, os sacerdotes circundavam o altar com palmas nas mãos e cantando Hosana; aqui os sacerdotes mártires estão no santuário com palmas nas mãos e cantando hosana ao redor do trono que tomou o lugar do altar.

A ideia dos Tabernáculos é levada adiante na declaração de que Deus *Tabernaculará sobre eles*; eles próprios devem ser seu Tabernáculo ou morada.

Tornemos nossa atenção ao final do livro para a quarta e última seção que trata da adoração cristã. Em 21:3, a última declaração é retomada. É, estranhamente, uma citação de *Levítico*, onde é dito que o Deus santo habitará entre um povo santo. Aqui é ampliado para significar que os homens no geral compõem o santuário de Deus; ele Tabernacula entre eles. O substantivo e verbo “Tabernacular” estão conectados com o hebraico *Shekinah*, a glória visível de Deus que é descrita como tendo enchido o tabernáculo no deserto e o templo quando Salomão o consagrou. São João está anunciando, portanto, que o antigo santuário local se foi, e doravante

APÊNDICE A

a Presença está com os homens no geral, e Deus se faz visível neles e por meio deles.

A ideia é desenvolvida no Epílogo que começa com o versículo 9. Ela é primeira repetida na linguagem do simbolismo. A cidade santa tem a Glória de Deus; seu brilho é como o da Pedra de Jaspe; no capítulo 4, Deus é descrito como tendo aspecto semelhante à Pedra de Jaspe, de modo que tudo isso apenas repete a declaração anterior sobre Deus Tabernacular entre eles. A Presença “visível” de Deus está nesta cidade. Ela substitui o antigo templo. Toda a cidade está cheia da Presença, não apenas uma parte sagrada dela. Até mesmo seu fundamento é de Jaspe – isto é, divina.

As pedras preciosas incrustadas em suas paredes significam as almas eleitas nas quais Deus habita; os doze fundamentos são os apóstolos do cordeiro. O ouro claro e brilhante de suas ruas significa que o tabernáculo de Deus é constituído dos puros de coração; esse simbolismo corresponde ao das vestes brancas.

Não havia santuário nela; isto é, a Presença não mais restrita a uma localidade específica. Não há alternância entre luz e escuridão sobre ela; não há necessidade de calcular sóis e luas; ela vive na luz perpétua da Presença. Nenhuma lâmpada de sete braços precisa ser acesa para queimar durante a noite; o Cordeiro é a lâmpada.

Por meio das vidas das almas eleitas nas quais Deus habita, a luz brilhará no mundo. A comunidade dos eleitos está totalmente aberta; seus portões nunca estão fechados. Não há nela distinções nacionais. Os reis da terra trazem sua glória para ela; uma referência aos sacrifícios oferecidos pelos imperadores romanos e outros em Jerusalém. A honra que eles deram a esse santuário virá a isso. Livres para todos serão as águas e os frutos do paraíso espiritual.

Nenhum sacerdócio hereditário e monopolista terá posse exclusiva deste santuário e mediará entre Deus e seu povo. Todos os seus servos ministrarão em Sua presença, e cada um deles será como o sumo sacerdote, e terá Seu nome em suas testas. Visão universal aberta: sacerdócio universal aberto.

Este epílogo desenvolve uma imagem da igreja católica na qual ela é contrastada em todos os pontos com o antigo templo judaico, e revelada como mais gloriosa, pois cada parte dela é preenchida com a iluminação da Presença que antes era confinada ao Santo dos Santos. São João evita deliberadamente todos os ornamentos da adoração do templo – vestes

brancas, cintos de ouro, harpas, incenso, altar; todos eles se foram. Observe também sua forma quadrada, seus portões e suas águas vivas, que são todos tomados do templo de Ezequiel.

O Sacrifício no Templo

Passamos pelas adições posteriores ao poema de São João e vimos quão esclarecedor é prová-las do ponto de vista litúrgico; agora nos voltamos para as visões mais antigas que são preservadas dentro deste andaime.

Os capítulos 1 a 5 são material novo que forma uma introdução a este sistema mais antigo; e, sem dúvida, elementos mais antigos podem ser encontrados neles. Já ressaltai como o Sumo Sacerdote deve ser visto na visão de Cristo no capítulo 1, o santuário e seus ornamentos no capítulo 4, e o cordeiro morto no capítulo 5.

Delinearei agora o curso do holocausto diário no templo; ele pode ser dividido da seguinte forma:

1. A imolação do cordeiro.
2. A preparação das ofertas.
3. *Intervalo* para oração.
4. A oferta de incenso.
5. A queima do sacrifício.
6. Salmos, etc. O “clamor”.
7. Banquetear-se com o sacrifício: se for uma oferta pelo pecado.

1. *A Imolação do Cordeiro.* – Quatro eventos ocorriam simultaneamente: a trombeta era tocada três vezes, e os portões do templo e os portões do santuário eram abertos; no mesmo momento, imolava-se o cordeiro e aspergia-se o seu sangue sobre o altar.

Por necessidade, São João deve começar com o cordeiro morto, pois ele deseja trabalhá-lo no esquema cristão de adoração que ele prefixou à sua série mais antiga de visões; o v. 6 é, portanto, o ápice de um e a abertura do outro. *Eu vi um cordeiro em pé como sacrificado.* Já indiquei que a palavra “em pé” é uma tradução literal de Tamid, o nome técnico para o holocausto matinal. O versículo deve, portanto, ser traduzido como “Eu vi o cordeiro do Tamid como morto”. A expressão é recorrente em 14:1.

APÊNDICE A

(Um “Novo Cântico” é entoado pelos Vinte e Quatro Anciãos, que agora têm harpas e incenso como sacerdotes; mas isso relaciona-se ao esquema cristão, que se sobrepõe neste ponto. O “Novo Cântico” no templo veio um pouco mais tarde; e São João o postergou até 14:3.)

Passando pelo episódio não litúrgico dos Quatro Cavaleiros, chegamos às almas sob o altar (6:9). Imediatamente após o cordeiro ser imolado, seu sangue era aspergido no altar; há uma forte conexão no pensamento hebraico entre sangue e alma, e as almas aqui são descritas como as almas dos sacrificados. Elas oram também por vingança pelo seu sangue. O sangue é considerado como derramado no chão; a alma-sangue é considerada como subindo a Jeová. A mesma ideia, em última instância, é subjacente ao sacrifício de sangue e à vingança pelo sangue. Vemos que já as mortes dos mártires inocentes são associadas à morte do Cordeiro; talvez eles sejam considerados purificados por Seu sangue, pois recebem vestes brancas (veja acima).

Passando pelo sexto selo e a passagem litúrgica cristã mais tardia que foi ligada a ele, chegamos às trombetas e à oferta de incenso (8:1). A oferta de incenso parece estar fora de seu lugar, e a deixaremos de lado por ora, observando, no entanto, a apreciação de São João por um cerimonial correto e belo. Uma das belezas do cerimonial é a ação simultânea projetada para evitar atrasos enquanto os preparativos estão sendo feitos.

1. Sete anjos recebem sete trombetas.
2. O incenso é oferecido.
3. As trombetas são tocadas.

A mesma particularidade é mostrada no caso das sete taças (ver 15:1).

Retornemos à imolação do cordeiro. O sinal para a imolação do cordeiro eram três toques de trombeta; esses três toques também eram um sinal para que os portões do templo e do santuário fossem abertos. Isto é o que encontramos em *São João*:

Sete Trombetas (8:1 a 11:18).

Abertura do Santuário de Deus no Céu (11:19).

Estamos justificados em concluir, portanto, que ele está seguindo, embora de forma aproximada, o cerimonial do templo. A semelhança se torna mais exata quando lembramos que o Dr. Charles deu uma razão muito boa para supor que no Apocalipse também o número de trombetas

era originalmente três. O argumento do cerimonial converte a hipótese do Dr. Charles em uma certeza. A série de sete selos e sete trombetas, como observei no texto do meu livro, não é uma chave para a construção do *Apocalipse*; ela o obscurece; foi introduzida para unir visões que não eram coerentes.

Ao lidar com o Naos ou Santuário no Céu, estamos num terreno muito delicado. Duas coisas parecem claras. Uma é que a Presença ou Glória “visível” se afastou de Jerusalém para que o Naos lá não seja mais um Naos; a outra é que o Naos no céu é o número de crentes eleitos nos quais a Presença doravante há de Tabernacular. É universal, nos “céus”, aberto a todos. Acredito que a série mais antiga de visões havia de terminar, ou talvez terminava, com a descida deste *Templo não feito por mãos*. Dois indícios disso, creio eu, podem ser encontrados: a promessa em 3:12, *Eu farei dele uma coluna no Naos do meu Deus*, e a declaração sobre os mártires triunfantes, 7:15, *Eles o servem dia e noite em seu Naos*.

Esta ideia do novo Naos do céu foi suplantada por algo melhor, a visão da Nova Cidade que não tem Naos, e nem dia ou noite.

Agora vemos por que a morte do cordeiro tinha de vir primeiro. Foi a morte de Cristo que abriu o caminho. *Quando venceste o aguilhão da morte, abriste o Reino do céu a todos os crentes*. Comparando São João com o ritual do templo, temos agora:

Templo. Simultâneo.

Três trombetas

Cordeiro morto.

Sangue aspergido no altar.

Portões abertos.

São João.

Cordeiro morto.

Sangue no altar.

Três trombetas.

Portões abertos.

A Oferta de Incenso (Ap. 8:3-5)

Por que, então, a oferta de incenso é posta no lugar errado?

Há uma ou duas sugestões que podem ser feitas sobre esta questão. A primeira é um ponto literário de certa importância. São João desenvolve diversos sistemas complexos neste livro, e a ordem lógica de um às vezes precisa dar lugar a outro. Eu mostrei quão fielmente a ordem do *Apocalipse* segue o livro de *Ezequiel*; agora esta passagem é baseada em uma visão de *Ezequiel* que vem neste ponto. Se ele permanecer fiel a *Ezequiel*, ela deve imediatamente suceder a visão do selamento.

APÊNDICE A

Além disso, havia um dia do ano em que a oferta de incenso era realizada mais cedo; e este dia era o Dia da Expição, o único dia em que o sumo sacerdote era obrigado a officiar pessoalmente. Encontraremos outras razões para supor que São João tem o Dia da Expição em mente. Já nos deparamos com uma. O sumo sacerdote (Cristo) nos foi mostrado no capítulo 1 usando uma veste branca, e o único dia em que o sumo sacerdote usava branco era o Dia da Expição.

Se essa sugestão for verdadeira, São João não se limitou ao cerimonial de apenas um tipo de sacrifício. Seu cerimonial é conflitante. Podemos observar que ele não poderia ter usado apenas o cerimonial do Dia da Expição, pois então ele teria de simbolizar Cristo por um bode.

A cerimônia descrita por São João parece ser baseada no ritual diário, pois é feita por um anjo, não por Cristo, o sumo sacerdote; mas, possivelmente, não é necessário insistir neste ponto, pois o anjo simboliza todo o processo de intercessão. O silêncio de meia hora que precedeu a oferta de incenso corresponde ao silêncio e à prostração que a seguiam no sistema do templo. Podemos observar que, no ritual diário, neste ponto entrava-se no Naos, e purificava-se o altar de incenso; o Naos celestial não necessitaria disso. Por outro lado, quando chegamos ao ponto onde a oferta de incenso acontecia no ritual diário, descobrimos que São João tem uma passagem muito significativa correspondente a ela.

Para resumir. São João desejava neste local simbolizar as orações dos mortos inocentes que eram dirigidas a Deus e respondidas. Ele, portanto, move a oferta de incenso para este ponto, como no Dia da Expição. Assim, ele preserva seu paralelismo com *Ezequiel*.

Segue-se uma longa passagem não litúrgica. As três trombetas tornam-se símbolos da voz da profecia em sua denúncia do pecado. Estendidas para sete, elas relembram a queda da cidade de Jericó (8:6 a 9:21).

Então vem a conclusão e o cumprimento do ministério profético no evangelho cristão, em conexão com a qual ele narra seu próprio chamado e sua obra peculiar e distinta que é profetizar contra Jerusalém. Jerusalém deve ser destruída; somente o Naos deve ser preservado; e vimos que São João, pelo Naos, se refere à comunidade de almas eleitas na qual a Presença de Deus Tabernacula. O verdadeiro Israel é agora a igreja cristã (10:1 a 11:13).

Tudo isso é concluído pela última trombeta e a abertura do Naos celestial (11:14-19).

O Grande Interlúdio também não é litúrgico. Ele narra a aparição do Libertador, sua vitória sobre Satanás, a perseguição de seus seguidores em Jerusalém e a aparição da besta (o sistema do deus-imperador romano) que persegue seus seguidores fora de Jerusalém (12 e 13).

2. *A Preparação do Sacrifício.* – Após a imolação do cordeiro e a aspersão do seu sangue sobre o altar, ainda havia muito a ser feito. Ele teria de ser esfolado e cortado em pedaços; suas entranhas e pernas eram, então, lavadas na pia; e ele era posto na rampa que conduzia ao altar. Os sacerdotes digiram-se então para a Sala de Pedras Lavradas[†] para Orações.

O capítulo 14 abre com o *cordeiro de pé no Monte Sião*, ou melhor, o *cordeiro do Tamid no Monte Sião*. Como o Monte Sião é o local do templo, não preciso discorrer sobre o aspecto sacrificial deste versículo.

Com ele estão os cento e quarenta e quatro mil que foram “selados”; eles *têm o nome de seu pai escrito em suas testas*. Estes são os mártires, que, junto com o cordeiro, formam o sacrifício. Eles também são sacerdotes. O sumo sacerdote carregava na testa uma lâmina de ouro, o petalon, com o nome sagrado de Jeová, *Santidade ao Senhor*. No versículo 4, eles são descritos como “primícias”, um termo definitivamente sacrificial; e no versículo 5, diz-se que são “sem defeito”; um material perfeito para o sacrifício.

Eu abordei no texto a declaração no versículo 4 de que eles não se contaminaram com mulheres. Os sacerdotes no sacrifício tinham de observar certos tabus cerimoniais que os mantinham tecnicamente “santos”; entre estes estava a abstinência de relações sexuais com mulheres.

Então segue o Novo Cântico, cantado não na Sala de Pedras Lavradas, mas diante do Trono; mas tratarei disso mais tarde.

Depois dos três ais que não são litúrgicos, encontramos a vinda de alguém como um filho do homem sobre uma nuvem branca, seguido pela colheita e vindima da terra. Estes são fortemente litúrgicos em tom. Analisemos esta seção liturgicamente.

E olhei e eis uma Nuvem Branca, e sobre a Nuvem um Assentado como um Filho do Homem, tendo sobre sua cabeça uma coroa de Ouro e em sua mão uma Foice afiada.

[†] Câmara situada no complexo do Segundo Templo, dividida em duas partes: a “sagrada”, utilizada pelos sacerdotes, e a “profana”, onde o Sinédrio se reunia (v. *Talmude*, Yoma 25a; *Mishná*, Middot 5:4, com os respectivos comentários rabínicos). [N. R.]

APÊNDICE A

E outro Anjo saiu do Naos, clamando em alta voz para aquele Assentado na Nuvem,

Lança tua Foice e ceifa: pois é chegada a hora de ceifar; pois a Colheita da Terra secou.

E aquele Assentado na Nuvem lançou sua Foice na Terra e a Terra foi ceifada.

E outro Anjo saiu do Naos no Céu tendo também uma Foice afiada.

E outro Anjo, que estava encarregado do Fogo, saiu do Altar e disse em alta voz para aquele que tinha a Foice, dizendo

Lança tua Foice afiada e corta os cachos da Videira da Terra; pois suas Uvas estão maduras.

E o Anjo lançou a sua Foice na Terra, e cortou a Videira da Terra, e a pôs no Grande Lagar da ira de Deus.

E o Lagar foi pisado fora da Cidade, e saiu Sangue do Lagar.

A forma litúrgica e o tom desta seção são óbvios e convidam a um estudo mais detalhado do que fomos capazes de dar no texto do livro. É uma passagem muito complexa.

1. Sua referência primária é a *Marcos 13:26*, que fala: (a) do Filho do Homem vindo nas Nuvens, (b) de seu envio de seus Anjos para reunir os eleitos em seu reino, e (c) do sol escurecido, etc., pelo qual se entende a queda de Jerusalém.

2. O sentido de uma ressurreição dos justos é impossível na forma em que o texto se encontra, embora pudesse ter significado isso em uma recensão inicial do poema. Na forma em que se apresenta, significa a separação dos eleitos e sua fuga da destruição de Jerusalém.

3. Há uma referência ao Calendário Judaico e ao sistema de festas observadas no Templo: (a) Páscoa no início do ano, marcando o início da colheita, e (b) Tabernáculos ou Colheita no final do ano, marcado pela vindima. Esta alusão relaciona a visão à nossa suposição anterior de que a recensão primitiva J terminou com simbolismo baseado na Festa dos Tabernáculos. O trecho em 14:1ff. teria seguido esta visão.

4. A forma litúrgica sugere que pode ser baseada no ritual de coleta na colheita. Agora, o corte do primeiro molho era em si um ritual, conhecido como Ômer das Primícias. Ocorria em 15 de Nisã, o “grande dia” de *João 19:31* e, como era feito à noite, foi contemporâneo com a ressurreição.

14 de Nisã	Cordeiro imolado.	Crucifixão Sepultamento
15 de Nisã	Grande dia. Corte da primícia.	Ressurreição.

No ano da crucifixão, aconteceu que 15 de Nisã também era um sábado; mas isso foi, é claro, uma coincidência. Eu datei a crucifixão, etc., de acordo com o quarto evangelho, o que considero correto; mas, em todo caso, as referências em *Apocalipse* são ao relato da crucifixão conforme narrado naquele evangelho.

5. Lightfoot, em sua descrição sobre o Templo e seus ritos, apresenta um esboço do ritual para o Ômer.

“Aqueles que o Sinédrio enviou sobre isso saíram na noite do Dia Santo (o primeiro dia da Semana da Páscoa); eles pegaram cestos e foices, etc.

“Eles saíram no Dia Santo quando começou a escurecer, e uma grande companhia saiu com eles; quando já estava escuro, alguém disse a eles:

“Neste Sábado, Neste Sábado, Neste Sábado.

“Nesta Cesta, Nesta Cesta, Nesta Cesta.

“O Rabino Eliezer, filho de Zadoque, disse: Com esta Foice, Com esta Foice, Com esta Foice; cada elemento repetido por três vezes,

“E eles lhe responderam: Bem, bem, bem; e ele os ordenou que colhessem.”

Isso talvez não seja, à primeira vista, um paralelo tão próximo quanto se poderia desejar da passagem que estamos discutindo; mas há pontos de semelhança: (a) Houve um diálogo que ocorreu no início da colheita. (b) Ele menciona explicitamente o tempo: Este Sábado = A Hora chegou. (c) Ele menciona explicitamente a Foice. (d) O ceifeiro é então ordenado a fazer seu trabalho; mas as palavras deste comando não são dadas. Os dois diálogos são do mesmo caráter, têm o mesmo propósito, envolvem oradores semelhantes e têm pontos de semelhança; não poderíamos esperar muito mais.

(A palavra Sábado exige uma nota. Creio que estou certo em dizer que 15 de Nisã, embora não necessariamente um Sabbath, pode ser chamado de Sábado, porque era em todos os aspectos igual a um Sábado e observado da mesma forma. A violação do Sábado envolvida no corte do primeiro molho era escusada.)

APÊNDICE A

6. Um paralelo muito interessante é fornecido pelo estágio que agora atingimos no Tamid, ou oferta diária. Aos pedaços do cordeiro adicionavam-se (a) a oferta de farinha fina, e (b) a oferta diária do sumo sacerdote, que consistia em pão e vinho. O Filho do Homem é, claramente, o sumo sacerdote cristão; a colheita do trigo e a vindima apresentam certo paralelo ao pão e ao vinho. A conexão, que parece um tanto fantasiosa a princípio, tornar-se-á inequívoca se aceitarmos a relação proposta no texto do livro entre o corte da Vinha da terra e o assassinato do sumo sacerdote Anano;[†] pois isso fornece um segundo ponto de contato com a ideia de sumo sacerdote.

Para um poeta do tipo de São João, a ideia da oferta de pão e vinho do sumo sacerdote demonstraria ser uma base para um simbolismo rico e complexo. (a) Considerando a crucificação, há a ideia do sumo sacerdote Jesus oferecendo a Si próprio no Calvário e, antiteticamente, a ideia de que sua oferta foi obra do sumo sacerdote oficial Caifás; e, ligado a isso, a instituição do sacramento do pão e do vinho na noite anterior à crucificação. (b) Tomando o assassinato de Anano como o ponto de partida da ruína de Jerusalém, há a ideia do sumo sacerdote oficial morto, sacrificado, como Josefo descreve, nos pátios do próprio templo; uma vingança pelo sangue.

7. A imagem do Lagar deixa claro o simbolismo da vingança pelo sangue e sugere imediatamente os edomitas que assassinaram Anano.

As palavras “fora da Cidade” são o elo com a crucificação, e fornecem uma conexão com a oferta pelo pecado quando era oferecida pelo sumo sacerdote ou por toda a nação, como no caso especial do Dia da Expição; pois era então que o corpo da vítima era levado para fora da cidade para ser queimado. (*Nota: o Dia da Expição segue o festival da Colheita.*)

Os paralelismos na segunda seção podem, portanto, ser resumidos da seguinte forma:

[†] Josefo, *A Guerra dos Judeus*, 4:5:2 em *HDH* 2:4:18:319, pg. 1243. [N. R.]

Templo

São João

Preparação do Cordeiro.

Pedaços postos na rampa do altar.

Oferta de alimentos.

Oferta do sumo sacerdote.

Pão

Vinho

Cordeiro do Tamid no Monte Sião.

Aparição do Filho do Homem.

Colheita.

Vindima

Os que estão junto ao Cordeiro em São João podem talvez ser comparados às numerosas ofertas voluntárias que acompanhavam o Tamid.

3. *Intervalo para Orações, etc.* – Neste ponto do ritual do templo, quando tudo estava pronto para o sacrifício, os sacerdotes se retiravam para a Sala de Pedras Lavradas para orações, que incluíam os Dez Mandamentos e Shemá. Entre eles estava uma “G’ullah”, que inclui os seguintes versos na forma ainda usada entre os judeus:

Verdadeiro e firme és tu, Jeová: nosso Deus e o Deus de nossos pais.

Teu Nome é desde a eternidade; e não há Deus além de ti.

Um novo cântico entoaram aqueles que foram libertos: cantam ao teu Nome na beira do mar.

Juntos todos te louvaram e te reconheceram como rei: e disseram que Jeová reinará, que redimiu Israel.

Não nos surpreendemos, portanto, ao encontrar São João introduzindo neste ponto o *cântico de Moisés, o servo de Deus e do Cordeiro*. Ele é entoado pelos mártires em pé junto ao mar vítreo no céu, que agora aparece como que misturado com fogo, uma referência clara ao Mar Vermelho da libertação Mosaica. O cântico de São João é muito semelhante ao cerimonial do templo:

Grandes e maravilhosas são as tuas obras; Jeová Deus dos exércitos.

Justos e verdadeiros são os teus caminhos; ó rei do mundo.

Quem não te temerá, ó Jeová; e não glorificará o teu Nome? Pois só tu és santo.

Pois todas as nações virão e adorarão diante de ti, porque os teus atos de justiça foram manifestos.

APÊNDICE A

O “Novo Cântico” mencionado no ritual do templo é aludido anteriormente em 14:3, na referência aos que estão de pé com o Cordeiro no Monte Sião; mas esse cântico é conhecido apenas por aqueles que o cantam. O cântico neste ponto, no entanto, serve para identificá-los como sacerdotes e também como vítimas.

Um “Novo Cântico” também foi dado aos vinte e quatro anciãos sacerdotais que lideram o culto cristão no capítulo 5. Isso também segue a revelação *do Cordeiro do Tamid como que morto para sacrifício* (5:9). “*Digno és de tomar o livro [...] porque foste morto para sacrifício e redimiste para Deus em teu sangue, de toda tribo, e língua, e povo e nação, e os fizeste um sacerdócio real para Deus e eles reinarão sobre a terra.*”

É impossível dizer o quanto dessa salmodia é baseada no ritual do templo, ou o quanto ela influenciou a liturgiologia cristã. Não poderia o Não poderia o “Verdadeiro e firme” ter sugerido o “Justo e digno”?

Uma forma do Verdadeiro e Firme ainda é usada nas orações matinais da Sinagoga.

4. *A Oferta de Incenso.* – A próxima seção do ritual diário do templo era a oferta do incenso no altar dourado dentro do Naos. Observamos que São João posicionou este aspecto do cerimonial num ponto anterior; mas isso o permitiu colocar algo muito mais significativo aqui.

Observemos primeiro que ele organizou o ritual das sete taças exatamente como organizou o ritual das sete trombetas. Uma comparação será suficiente para mostrar isso:

<i>As Trombetas</i>	<i>As Taças</i>
As Trombetas são recebidas	As Taças são preparadas
Incenso é oferecido	O Cântico de Moises e do Cordeiro
As Trombetas são tocadas	Os Anjos com as Taças aparecem
	A Fumaça da Glória
	As Taças são derramadas

É preciso notar que, no caso das taças, às quais agora chegamos, o ritual é mais elaborado, como a maior importância do evento justifica. Elas são, é claro, a resposta real às orações oferecidas com o incenso; as trombetas eram avisos.

O ponto que chegamos agora era o mais solene no ritual diário. O sacerdote com o incenso entrava com quatro assistentes, que colocavam

tudo em prontidão e então se retiravam; o sacerdote encarregado do incenso, que agora estava sozinho no Naos, jogava o incenso nas brasas, e o Naos se enchia de fumaça. Então vinha o silêncio solene para a intercessão, com as pessoas e os sacerdotes do lado de fora se prostrando. Este era o momento para a oração e resposta à oração. São Lucas dá um relato disso no primeiro capítulo de seu evangelho.

Em *São João*, lemos que o Naos se enchia de fumaça da Glória de Deus e seu Poder. Como na história da dedicação de Salomão, a Presença “visível” de Deus aparece no templo, os sinais externos que correspondiam à coluna de fumaça durante o dia e à coluna de fogo durante a noite no templo. A Glória e o Poder são ambas palavras que não significam nada mais no hebraico rabínico, exceto o próprio Deus em sua glória e poder. Depois do incenso e das trombetas no capítulo 8, lemos que o Naos apareceu no céu com a arca, que era o sinal externo da aliança de Deus; agora o Naos está cheio da Shekinah.

Assim como vimos certo paralelismo com o cerimonial do Dia da Expição no caso anterior, o mesmo pode ser encontrado aqui: *Ninguém poderia entrar no Naos até que as sete pragas dos sete anjos fossem concluídas*. No Dia da Expição, uma vez que o sumo sacerdote entrasse no Naos, ninguém poderia entrar até que ele concluísse seu trabalho.

Mas, nas cerimônias de São João, ainda não há sinal do sumo sacerdote. Tudo é confiado aos anjos; e o esplendor de sua vinda é adiado.

O Derramamento do Sangue

Agora chegamos a outro ponto em que São João abandona a ordem do Tamid, que não possui derramamento de sangue neste ponto; isso foi feito no começo.

Há várias razões para isso.

São João é obrigado a ter dois derramamentos de sangue, porque ele está usando o simbolismo da vingança pelo sangue; sangue foi derramado, e mais sangue deve vingá-lo.

Era neste ponto no Dia da Expição que o Sumo Sacerdote saía, depois de purificar o Naos e o Santo dos Santos, para pôr sangue sobre chifres do altar e purifica-lo, seguindo o costume em todas as ofertas pelo pecado.

APÊNDICE A

A oferta no Dia da Expição era uma versão especial da oferta pelo pecado, uma oferta pelo pecado para o Sumo Sacerdote e para toda a nação; em tais casos, foi determinado que a carcaça deveria ser levada e queimada “fora do Acampamento” – isto é, em tempos históricos, “fora da Cidade”. Eu ressaltei como nosso autor e o autor da *Epístola aos Hebreus* trouxeram à tona a semelhança entre esse costume e a crucifixão de nosso Senhor “fora da cidade”.

Na oferta pelo pecado, todo o restante do Sangue era derramado aos pés do altar; e essa cerimônia forneceu a base para o que se segue no *Apocalipse*. No Dia da Expição, o Sumo Sacerdote entrava no Lugar Santo e aspergia Sangue Sete vezes em direção ao véu; ele então saía com reconciliação e expiação pelo povo. Nada disso ocorre no *Apocalipse*, porque não há reconciliação. Nenhum Sumo Sacerdote aparece. Apenas uma “grande voz” de dentro do Naos direciona os sete anjos para derramar suas taças, e os sete anjos em “pedra branca” e cintos de ouro saem com uma libação sétupla para derramar sobre a terra. Presume-se que, no pensamento de São João, a terra que foi encharcada no sangue de Jesus e seus mártires é um grande altar de ofertas queimadas e de sangue.

É uma reversão de todos os valores e expectativas. Não há expiação, nem reconciliação; o que se segue é rejeição, retribuição e destruição.

O simbolismo da vingança de sangue se repete ao longo das sete taças. Sob a segunda, o mar se torna como o sangue de um cadáver. Sob a terceira, os rios se tornam sangue, e um versículo e uma resposta seguem:

E ouvi a voz do Anjo das Águas dizendo

Justo és tu, que és e que eras, o Santo; porque tu julgaste estas coisas.

*Porque o sangue dos santos e dos profetas eles derramaram; e sangue
Tu lhes deste a beber.*

Eles são dignos.

E ouvi o Altar dizendo:

Sim, Jeová Deus dos exércitos: verdadeiros e justos são os teus juízos.

Eu ressaltei no texto do livro que o altar aqui significa os mártires, ou seu sangue derramado na terra.

Quando o sétimo é derramado no ar, uma Grande Voz saiu do Naos e do Trono, dizendo: FEITO ESTÁ ... e Babilônia, a grande, foi lembrada diante de Deus para dar a ela o cálice do vinho da ira de sua ira. Aqui também

o tom litúrgico não pode ser ignorado. “Lembrada diante de Deus” é uma frase devocional; e retornaremos ao cálice.

5. *As Ofertas são Queimadas.* – O próximo estágio no ritual diário era a queima de todas as oferendas, exceto a libação, que era derramada ao pé do altar.

Babilônia é sacerdotisa e também vítima sacrificial. Seu linho fino é sacerdotal. Sua púrpura e ouro e escarlate e azul são sacerdotais. O linho fino lembra as pedras do templo reluzindo brancas como a neve. Ela é “coberta de ouro”, como o templo. Havia em frente à porta do Naos uma “tapeçaria babilônica na qual azul, púrpura, escarlate e linho eram mesclados com tal habilidade que não se podia olhar sem admiração”, como Josefo nos conta.

As mercadorias de 18:11, que os críticos dizem que nunca poderia ter chegado a uma cidade pequena como Jerusalém, teria sido usada na construção e mobília do templo; o comércio dessas coisas deve ter empregado muitos navios. E observe a ironia no final, *cavalos, e carros e escravos, sim, e as almas dos homens.*

A conjunção do deserto e do escarlate em 17:3 sugere o bode expiatório.

Seus antigos amantes a *deixarão desolada e nua, e comerão sua carne, e a queimarão no fogo*, e a única justificativa para esse simbolismo horrível é que ele é extraído da oferta pelo pecado.

Um verso de ironia magistral é encontrado em 18:5: *Suas ofertas pelo pecado subiram ao céu, e Deus se lembrou de sua injustiça.* Hattah em hebraico significa tanto pecado quanto oferta pelo pecado; não é até a última palavra da linha, quando lemos injustiça, que o significado do primeiro se torna aparente: significa pecados.

Babilônia, falsamente sacerdotal, é ela própria o holocausto. É outra inversão de expectativas. *No fogo ela será queimada, Quando virem a Fumaça de sua queima*; e finalmente quando o grito de triunfo subir, *Aleluia: pois sua Fumaça sobe para todo o sempre.* Ela é transformada em um holocausto contínuo. (Compare Lv. 6:13.)

Esse também não é o fim. Uma cerimônia ainda resta. O cálice de vinho do sumo sacerdote, a oferta de libação, deve ser derramado. Isso também não é esquecido, mas é transformado em uma comunhão. *Para dar-lhe o cálice do vinho da fúria de sua ira, pois ela está embriagada com o sangue*

dos santos e com o sangue dos mártires de Jesus. Retribua a ela como ela retribuiu; e dobre e redobre de acordo com suas obras. Assim termina a vingança pelo sangue. *Nela foi encontrado o sangue dos profetas e santos e de todos os que foram mortos como sacrifício na terra* (18 e 19).

6. *Os Salmos.* – Depois que a oferta de libação foi derramada, vieram os salmos; houve um “clamor”; houve trombetas; houve prostração e silêncio; houve pela primeira vez música instrumental. Tudo isso é refletido no coro de Aleluia que sobe após a queda da Babilônia. Não necessitamos de nos delongar nos detalhes aqui, exceto pelo fato de que os Aleluias relembram os últimos salmos do livro; e que cada coro começa com Aleluia, embora em um caso tenha sido traduzido como “Louvai ao nosso Deus” (19:1-10).

7. *O Banquete do Sacrifício.* – As ofertas pelo pecado eram seguidas pela ingestão de parte do sacrifício pelo sacerdote. Dois banquetes seguem a salmodia aqui, um para os amigos de Deus e outro para seus inimigos. A primeira é a ceia das bodas do cordeiro, com sua referência óbvia à eucaristia (19:9). A outra é o convite às do céu para se alimentarem da carne daqueles que caem nas guerras do messias (19:17).

A parte hebraica do livro tem mais dois pontos litúrgicos antes de sua conclusão: (1) *A Saída do Grande Sumo Sacerdote* (19:11) na qual o simbolismo litúrgico não mais está presente; ele sai do céu, não do Naos. O Naos no céu parece desaparecer com o templo terrestre. Eu abordei o simbolismo desta passagem; mas vale a pena observar novamente o linho fino e a vestimenta sacerdotal embebida de sangue. Um ponto importante é o nome escrito na coxa; dei uma explicação no texto, que acho que é a central. Mas é válido notar que a sacralidade sacerdotal estava ligada à coxa; era uma parte da oferta pelo pecado que ia para o sacerdote. Vi gravuras judaicas medievais com uma letra gravada na coxa. Mas não sei a explicação. (2) *O Novo Naos* (21:3). Aqui também o simbolismo litúrgico não se faz presente, embora a descrição da nova ordem que substitui a antiga Jerusalém seja tirada de Levítico: “Eis que o Tabernáculo de Deus está com os homens, e Ele Tabernaculará com eles, e eles serão seus povos, e Ele (Deus com eles) será seu Deus.”

A palavra Tabernáculo é usada, mas há apenas um fantasma do antigo simbolismo sacerdotal. O novo santuário é universal, humano, católico, não nacional ou local. Ele prossegue descrevendo-o mais completamente

no capítulo 22; mas isso pertence à parte posterior do livro, que trata da adoração cristã.

Tratei de modo bastante completo neste apêndice do pano de fundo litúrgico do livro, por ser um aspecto que parece ter sido negligenciado, apesar de sua grande importância. Ele lança muita luz sobre o tom e os motivos do livro. Ele reforça a visão de que a Babilônia é a Jerusalém sacerdotal. Pode lançar alguma luz sobre o desenvolvimento da adoração cristã, e mesmo sobre a adoração no templo.

Eu não posso afirmar que fiz mais do que abrir caminho através de uma densa floresta de obscuridades; e o que eu revelei, eu não professo entender. Até que saibamos o que um judeu sentiu quando viu o sangue sendo aspergido no altar, ou o fogo consumindo o cordeiro do Tamid, dificilmente podemos esperar adentrar nas complexidades da poesia litúrgica de São João.

A ESTRUTURA LITÚRGICA DO APOCALIPSE

A. SACRIFÍCIOS HEBREUS

<i>Apocalipse</i>	<i>Os Sacrifícios em Jerusalém</i>
1-3 Introdutório.	O Sumo Sacerdote.
4 Culto Cristão A. O Criador	Os Ornamentos do Templo
5 Culto Cristão B. O Cordeiro	1. O cordeiro imolado ao amanhecer
6 (Os Quatro Cavaleiros) <i>Almas debaixo do Altar.</i> (Sexto selo)	Sangue aspergido no altar.
7 Culto Cristão C. Os Mártires.	(Festa dos Tabernáculos)
8 <i>As Trombetas</i> <i>Oferta do Incenso.</i> Isso não ocorre neste ponto do ritual diário; mas ocorre no Dia da Expição. Veja abaixo. No ritual do Templo, o Silêncio segue a queima do Incenso.	Três Trombetas
9 (As Trombetas, originalmente três, simbolizam a mensagem profética)	
11 (O Chamado de S. João, e seu testemunho contra Jerusalém) <i>Abertura do Santuário no Céu</i>	Portões do Templo e Santuário abertos
12 e 13 (O Grande Interlúdio)	
14 <i>O Cordeiro e seus Seguidores no Monte Sião</i> Primícias. Sem mácula. <i>A Ceifa (Páscoa).</i> <i>A Vindima (Colheita).</i>	2. <i>Preparação do Sacrifício</i> Cordeiro esfolado, cortado, e posto no altar. Oferta de alimento. Pão. Oferta de libação. Vinho
15 <i>Cântico de Moisés e do Cordeiro</i> <i>O Santuário é Aberto.</i> <i>A Fumaça da Glória.</i> Ninguém pode entrar no Santuário	Pausa para oração e louvor. 3. <i>Oferta do Incenso</i> Silêncio. Intercessão
16 <i>Derramamento do Sangue.</i> <i>As Sete Taças.</i> No ritual diário, isso é feito no começo; mas no Dia da Expição, o Sumo Sacerdote untava o propiciatório e o altar com sangue neste ponto.	
17,18 <i>Babilônia Queimada.</i> <i>Seu Cálice.</i> 17:16 refere-se ao ritual da oferta pelo pecado; 17:2, 3 é remanescente do bode expiatório.	4. <i>A Queima da Vítima</i> O Cálice é derramado
19 <i>Coro de Aleluia.</i> <i>A Ceia das Bodas do Cordeiro.</i> <i>O Sumo Sacerdote sai do Céu</i> (cf. Sir. 50) <i>A Grande Ceia de Deus.</i>	5. <i>Os Salmos</i> Cântico e Instrumentos. 6. <i>O Banquete do Sacrifício.</i>
20 (Guerras do Messias e Juízos.)	
21 <i>O Tabernáculo de Deus com os Homens</i> (cf. Lv. 26:11-12). Culto Cristão D. A Adoração Universal da Humanidade.	

NOTA – Este diagrama mostra como a estrutura da parte mais antiga do Apocalipse segue os eventos do sacrifício diário, com variações sugeridas pelo ritual do Dia da Expição.

A ESTRUTURA LITÚRGICA DO APOCALIPSE

B. O CULTO CRISTÃO

1. ESQUEMA PARA O CULTO SACRIFICIAL CRISTÃO

A. *A Adoração do Criador*

4:1	“Sobe aqui” Em espírito, no céu.	Eleve seus corações.
4-6	Trono, Anciãos, Lâmpadas e Seres Videntes	O “Prefácio”: Com anjos e arcanjos.
8	SANTO, SANTO, SANTO. Anciões unem-se à adoração: Digno és Tu, etc.	O Sanctus. Conceito da comunhão com o céu. É justo e digno.

B. *A Adoração do Cordeiro*

5:6	O Cordeiro Sacrificado.	Recital da vida e morte redentoras.
8	Adoração do Cordeiro	
14	Amém.	Amém

2. A ADORAÇÃO DOS SANTOS TRIUNFANTES

Esta é uma antecipação literária da visão com a qual São João encerra seu poema; simboliza sua fé de que os mártires são triunfantes e antecipam a bem-aventurança preparada para todos

C. *Os Mártires em sua Adoração*

	Observe que eles não são incluídos sob A e B.	
7:9	Mantos e Palmas.	
10	Hosana.	Hosana.
15	Adorá-Lo dia e noite em Seu Santuário.	Extraído do ritual da Festa dos Tabernáculos.
	Deus “Tabernaculará sobre eles.”	

3. A ADORAÇÃO UNIVERSAL IDEAL

São João aqui esboça uma adoração livre das limitações de tempo e espaço ou de uma religião nacional e um sacerdócio hereditário. O simbolismo da adoração litúrgica judaica é deliberadamente excluído.

D. *A Adoração Universal da Humanidade.*

21:3	O Tabernaculamento com os Homens.	Não um templo feito com mãos.
10	A Glória de Deus.	Sua presença “visível”
22	Não há Santuário nela.	Não é local.
23	Seu Candelabro é o Cordeiro.	Candelabro de sete braços.
24	Os reis da terra.	Sacrifícios reais por reis gentios em Jerusalém
25	Não há noite.	Livres de tempos e estações.
22:4	Adorá-Lo: ver Sua Face. Nome em sua testa.	Petalon do sumo sacerdote: todos são sacerdotes.

NOTA – Em A e B, São João conscientemente constrói um padrão para o culto cristão, um padrão que foi seguido em toda liturgia eucarística da Igreja Católica. Ele é baseado no ritual hebraico e, sem dúvida, reflete o costume da própria época de São João.

Apêndice B

SIONISMO CRISTÃO E JUDAÍSMO MESSIÂNICO

JAMES B. JORDAN[§]

Um dos aspectos mais grotescos da sociologia do protestantismo americano moderno é o fenômeno do sionismo cristão. Embora relacionado à teologia do dispensacionalismo, o sionismo cristão é, na verdade, algo completamente diferente teologicamente. O propósito deste ensaio é explorar esse movimento e, em particular, apontar sua base teórica gravemente herética. Para facilitar a discussão, interagiremos com as crenças expressas de um sionista cristão, Jerry Falwell. Encerramos com uma breve nota sobre o judaísmo messiânico.

Sionismo

O sionismo é um movimento político fundamentado na crença de que o povo judeu merece por direito possuir a terra da Palestina. Durante a última parte do século XIX e a primeira parte do século XX, o sionismo ganhou apoio em todo o Ocidente cristão. Isso se deveu a dois fatores: a influência que a riqueza judaica poderia comprar entre os políticos e o apoio emocional que a história da tribulação judaica poderia suscitar em uma consciência pública cristianizada.¹

Com esse apoio, as guerrilhas sionistas tiveram êxito em lançar a Palestina no caos durante o final da década de 1940 e, por fim, tomaram conta daquela terra. O resultado foi a privação de direitos da população que historicamente habitara lá. Os palestinos muçulmanos foram formalmente destituídos de seus direitos, e os judeus palestinos foram efetivamente privados de representação como resultado de serem suplantados por um número maior de judeus europeus que imigraram para o novo Estado de Israel.

[§] Reimpresso de James B. Jordan, *The Sociology of the Church* (Tyler, TX: Geneva Ministries, 1986).

¹ Sobre o primeiro aspecto, veja Ronald Sanders, *The High Walls of Jerusalem: A History of the Balfour Declaration and the Birth of the British Mandate for Palestine* (New York: Holt, Rinehart, & Winston, 1984).

É importante perceber que os judeus mais conservadores eram anti-sionistas, acreditando que a Palestina não deveria se tornar uma terra judaica até que fosse feita assim pela vinda do Messias. (Este ponto de vista foi dramatizado no recente e gratificante filme, *A Escolha*.) Muitas das críticas mais severas ao movimento político sionista vieram de judeus anti-sionistas, sendo o mais conhecido Alfred M. Lilienthal.²

Críticas espúrias ao sionismo abundam na direita. Não desejo ser associado a elas, assim, logo de início, quero criticá-las antes de tratar da heresia do sionismo cristão. Primeiro de tudo, ouvimos de algumas fontes de direita que é um mito que 6.000.000 de judeus foram massacrados pelos nacional-socialistas. Argumenta-se que não havia tantos judeus na Europa, que seria logisticamente impossível acabar com tantas pessoas dado o tempo e as instalações que os nazistas tinham, e assim por diante. Isso pode ser verdade; não tenho absolutamente nenhuma maneira de saber. O argumento, no entanto, parece ser que praticamente nenhum judeu foi massacrado pelos nazistas, e isso é um absurdo. Mesmo que o número tenha sido 600.000 em vez de seis milhões, o evento ainda é um horror moral de magnitude assombrosa. Mesmo que apenas um homem tenha sido morto simplesmente por ser judeu, isso seria um horror moral. E não pode haver dúvida de que muitos, muitos judeus foram massacrados.

Claro, uma teologia blasfema foi erguida sobre este evento em alguns círculos judaicos, que é a noção de que as perseguições nazistas cumprem a profecia de Isaías 53, e que os judeus sofreram pelos pecados do mundo. Como cristãos, é nossa obrigação abominar tal construção, e devemos chamá-la pelo que é: uma mentira satânica. Ainda assim, não é necessário negar o evento em si para argumentar contra uma construção teológica maligna construída sobre ele.

Talvez mais comum seja a afirmação de que a maioria dos judeus modernos não são judeus: eles são cazares.³ A raça cazar parece estar por trás dos judeus asquenazes da Europa Oriental. Esse tipo de afirmação pode, é claro, ser debatido. O problema real na discussão é a noção de que a identidade judaica é um fenômeno de sangue ou racial. Não é.

² Lilienthal é autor de vários livros sobre o assunto. Sua obra-prima é *The Zionist Connection* (Nova York: Dodd, Mead, & Co., 1978).

³ Sobre os Cazares, veja Arthur Koestler, *The Thirteenth Tribe* (New York: Random House, 1976).

APÊNDICE B

Biblicamente falando, um judeu é alguém que é pactuado com o povo dos judeus pela circuncisão, para o bem ou para o mal. Quando Abraão foi ordenado a fazer a circuncisão, foi-lhe dito que circuncidasse toda a sua casa, incluindo seus 318 homens de guerra e seus outros servos domésticos (Gn. 14:14; 17:10-14). Estudiosos competentes imaginam que a casa do xequi Abraão provavelmente incluía pelo menos 3.000 pessoas. Esses servos se multiplicaram com o passar dos anos, e Jacó herdou todos eles (Gn. 27:37). Embora apenas 70 dos lombos de Jacó tenham descido para o Egito, tantos servos foram junto que tiveram que receber toda a terra de Gósen para viver.

Todas essas pessoas eram judias, mas apenas uma pequena fração realmente tinha algum sangue de Abraão nelas. Mais tarde, vemos muitas outras pessoas se juntando aos judeus; de fato, as listas dos homens de Davi incluem muitos estrangeiros, entre os quais Urias, o *hitita*, é apenas o mais conhecido. O que isso demonstra é que o pacto, não a raça, sempre foi a marca definidora de um judeu (como também é de um cristão). Registros genealógicos foram mantidos para a família imediata, é claro, já que o Messias deveria proceder do sangue real de Abraão e, mais tarde, de Davi; mas isso não poderia ter se aplicado a mais do que uma fração do número total de pessoas.

Assim, os judeus são aqueles que afirmam ser judeus, que estão pactuados com os judeus. Os cazares se converteram ao judaísmo na Idade Média, e eles são judeus, apesar das sandices do anglo-israelismo direitista.⁴ (Certamente, os sionistas modernos não entendem esse princípio religioso mais do que seus críticos anglo-israelitas. Ambos concebem tudo em termos de sangue e raça.)

Então, é espúrio criticar o sionismo baseando-se na alegação de que “os judeus realmente não sofreram durante a Segunda Guerra Mundial” ou que “ninguém sabe quem são os verdadeiros judeus.” É bem óbvio quem são os judeus, e eles são, como sempre, uma força a ser reconhecida.

⁴ O anglo-israelismo afirma que o povo anglo-saxão são os verdadeiros judeus e, portanto, herda as promessas da aliança apenas por meio da raça. Essa ideia estranha e estúpida é promovida pela seita de Armstrong [i.e., aderentes aos ensinamentos de Herbert W. Armstrong, fundador da *Worldwide Church of God* – N. R.], mas também surge em círculos cristãos de direita. Para uma análise e refutação refinadas desse ponto de vista, veja Louis F. DeBoer, *The New Phariseism* (Columbus, NJ: The American Presbyterian Press, 1978).

A terceira linha de crítica contra o sionismo diz respeito à legitimidade ou ilegitimidade de sua invasão e conquista da Palestina. Podemos ouvir argumentos no sentido de que os judeus roubaram a terra de seus habitantes, que perseguiram os palestinos, que cometeram horrores durante sua campanha de guerrilha e similares. Então podemos ouvir argumentos que dizem que os judeus na Palestina foram maltratados sob o domínio muçulmano, que os palestinos estão em melhor situação hoje sob o governo judaico esclarecido do que antes, que os judeus exerceram domínio sobre a terra e os muçulmanos não, perdendo assim seu direito a ela, e similares.

Na verdade, nada disso é da nossa preocupação direta como cristãos. Como cristãos, vemos tanto judeus quanto muçulmanos como grupos que rejeitaram Cristo como Messias e que se opuseram à verdadeira fé. Se eles quiserem se converter, nós nos alegramos. Se eles quiserem se matar, é lamentável, mas que façam – não há nada que possamos fazer sobre isso.

Porém, isso nos leva à questão: os cristãos que acreditam na Bíblia devem apoiar um Estado judeu, por razões teológicas? Essa é a afirmação de Jerry Falwell e da heresia do sionismo cristão. Voltemo-nos para essa doutrina.

Dispensacionalismo Ortodoxo vs. Sionismo Cristão

Durante o século XIX, surgiu uma noção doutrinária peculiar conhecida como “dispensacionalismo”. Seus principais expoentes foram Darby e Scofield; sua Bíblia era a Bíblia de Referência Scofield; e, nos últimos anos, sua sede principal tem sido o Seminário Teológico de Dallas. Tecnicamente, o dispensacionalismo ensina que Deus tem dois povos na história do mundo: Israel e a “Igreja”. Atualmente vivemos na “Era da Igreja”, e o povo de Deus hoje são os cristãos, a Igreja. Atualmente, os judeus são inimigos apóstatas de Deus e de Cristo, e estão sob o juízo de Deus até que se arrependam.

Em breve (é sempre em breve!), Cristo retornará à Terra invisivelmente e arrebatará todos os cristãos da Igreja (isso é chamado de “Arrebatamento” dos santos). Nesse ponto, Deus voltará a lidar com Israel. Haverá um período de sete anos chamado “A Tribulação” e, durante esse período, os judeus apóstatas formarão uma aliança anti-Deus com a Besta, mas Deus começará a converter os judeus e, com o tempo, a Besta se voltará contra eles e começará a perseguir esses judeus convertidos. Quando

APÊNDICE B

parecer que não há mais esperança, Cristo retornará e inaugurará o Milênio.

Outro ponto a ser observado: Não há absolutamente nenhum sinal de que o Arrebatamento da Igreja esteja próximo. Ele virá “como um ladrão na noite”.

Agora, todo esse esquema, embora popular nos últimos anos, não tem raízes na interpretação cristã histórica das Escrituras, e atualmente está entrando em colapso sob o peso das críticas de estudiosos que creem nas Escrituras e de uma persuasão historicamente mais ortodoxa. Mesmo assim, há vários pontos a serem observados.

Primeiro, ao ensinar que não há sinais que precedem o Arrebatamento, o dispensacionalismo implica claramente que o moderno Estado de Israel não tem nada a ver com a profecia bíblica. Se Israel entrasse em colapso amanhã, não faria diferença. A existência do Estado de Israel, embora possa encorajar os dispensacionalistas a acreditar que o Arrebatamento está próximo, não tem importância profética, teologicamente falando.

Segundo, o dispensacionalismo ensina que os judeus de hoje, e mesmo no período da Tribulação, são apóstatas, e isso certamente implica que eles estão sob a ira e o juízo de Deus. Os cristãos devem ministrar a eles, tentar convertê-los e mostrar-lhes toda a gentileza como seres humanos; mas os cristãos devem entender que, *durante a Era da Igreja, os judeus não são o povo de Deus*. Em vez disso, a Igreja é o povo de Deus hoje.

Terceiro, ao ensinar que Israel é “posto de lado” durante a Era da Igreja, o dispensacionalismo implica claramente que as promessas feitas a Israel também são “postas de lado” durante esse período. A promessa da terra e a promessa “abençoarei os que te abençoarem” foram postas de lado, até que reentremos no “tempo profético”. Assim, os judeus não têm direito à terra durante a Era da Igreja, e também não há bênção específica para os gentios que tratam os judeus com favor especial.

Quarto, os teólogos dispensacionalistas são mais rigorosos no ponto de que a Igreja é um “novo povo”, composto como um corpo unificado em Cristo de judeus e gentios. Durante a Era da Igreja, a distinção entre esses dois não deve ser sentida na Igreja. Assim, a teologia dispensacionalista é, por implicação, oposta ao tipo de ponto de vista articulado em muitos grupos “judeus messiânicos”.

O que expus é o dispensacionalismo padrão e consistente. No que me diz respeito, o dispensacionalismo está terrivelmente errado em sua visão profética, mas é pelo menos ortodoxo em sua visão de salvação e bênção. A bênção vem aos judeus quando eles se arrependem e aceitam a Cristo; até então, eles estão sob a maldição de Deus. Como poderia ser de outra forma? Todas as bênçãos estão em Cristo. Este é o ensinamento do cristianismo ortodoxo, e Darby e os primeiros dispensacionalistas eram cristãos ortodoxos neste ponto, até onde posso dizer.

Jerry Falwell e o Sionismo Cristão

Minha descrição do dispensacionalismo pode parecer um tanto estranha, porque este não é o ensinamento de Hal Lindsey, do moderno Seminário Teológico de Dallas ou de outros dispensacionalistas modernos. Eu chamo essas pessoas de “dispensacionalistas populares”, para diferenciar. Em contraste com o sistema dispensacionalista padrão, essas pessoas sustentam que Deus *atualmente* tem dois povos na terra: a Igreja e Israel. O sistema dispensacionalista consistente ensina que não há profecias cujo cumprimento ocorre durante a Era da Igreja, porque a Igreja existe fora do tempo profético, mas os dispensacionalistas populares modernos ensinam que o restabelecimento da nação de Israel em 1948 foi um cumprimento profético.

O dispensacionalismo consistente ensina que Deus está lidando com Seu povo “celestial” hoje (a Igreja), e que durante a Era da Igreja, Deus “pôs de lado” Seu povo “terreno” apóstata (Israel). O dispensacionalismo popular, contrário a isso, sustenta que, *embora apóstata, Israel ainda deve ser considerado como estando sob a bênção de Deus no presente*. Eles sustentam a noção herética de que os judeus não precisam se arrepender para obter as bênçãos do pacto de Deus. Eles sustentam a noção não-bíblica de que os judeus apóstatas não estão hoje sob a ira de Deus.

Um conhecido defensor dessa posição infeliz é o Rev. Jerry Falwell. Um sionista moderno, Merrill Simon, reconheceu esse fato e escreveu um livro, *Jerry Falwell and the Jews* [Jerry Falwell e os Judeus].⁵ Este livro é uma série de entrevistas com o Rev. Falwell, projetadas para apresentá-lo como um amigo do sionismo e para aliviar as suspeitas que os judeus sionistas

⁵ Middle Village, NY: Jonathan David Publishers, Inc., 1984.

APÊNDICE B

liberais naturalmente têm quando se trata de um pregador cristão supostamente ortodoxo e fundamentalista.

Gostaria de citar algumas citações deste livro e fazer alguns comentários apropriados. O livro diz, no entanto, “Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida de nenhuma maneira sem o consentimento prévio por escrito dos editores”, o que atrapalha meu estilo. Você terá que acreditar em mim, pois resumo os comentários de Falwell. Você sempre pode ir à sua biblioteca local e procurar por si mesmo.

Na página 13, Falwell é questionado se ele considera a destruição de Jerusalém em 70 d.C. como um sinal da rejeição de Israel por Deus. Falwell responde dizendo que ele certamente não acredita que um Deus “vingativo” trouxe o exército romano a Jerusalém para destruir os judeus. Em vez disso, Falwell atribui o evento ao antisemitismo.

Agora vamos ouvir o que a Bíblia diz sobre isso. Não precisamos citar Levítico 26 e Deuteronômio 28 na íntegra. Leia-os com calma e faça esta pergunta: vemos aqui um Deus irado e “vingativo” aqui ameaçando trazer horrores sobre Israel se eles apostatarem? Leia também o Salmo 69:21 e pergunte a Quem isso se refere, e então continue lendo até o final do Salmo, lembrando que os romanos cercaram Jerusalém na época da Páscoa. Observe que o Salmo 69:25 fala da “desolação” de Jerusalém, e considere isso em conexão com o pronunciamento de Jesus sobre a desolação de Jerusalém em Mateus 23:38. Falwell está completamente fora de sintonia com as Escrituras neste ponto.

Na página 25, Falwell diz que acredita que o antisemitismo é inspirado exclusivamente por Satanás, como parte de sua oposição a Deus. Contra isso, leia Jó capítulos 1 e 2. Aqui descobrimos que Satanás nunca tem permissão para fazer nada sem a permissão de Deus. Além disso, descobrimos no restante da Bíblia que Deus frequentemente levanta inimigos contra Seu povo, como flagelos para puni-los. Leia o Livro de Juízes. Leia Reis e Crônicas sobre a Assíria e a Babilônia. Leia Habacuque. Este não é um ponto menor escondido em alguma passagem obscura. Ao invés disso, esta verdade permeia todas as Escrituras.

É verdade que sentimentos antijudaicos não fazem parte da mensagem cristã, e que os cristãos devem ser tão atenciosos com os judeus quanto são com todos os outros homens. Também é verdade, no entanto, que é Deus quem incitou os babilônios e assírios. Até que os judeus se arrependam e se convertam (como Romanos 11 promete que um dia eles

farão), eles permanecem inimigos de Deus, e Ele incitará os pagãos contra eles. O antijudaísmo tem sido parte integrante do humanismo secular desde a época de Frederico II, passando pelo Renascimento, até os dias hoje. A igreja cristã protegeu os judeus durante a Idade Média, e continuou a fazê-lo.⁶

Na página 55, Falwell diz que judeus e cristãos podem diferir em alguns pontos, mas eles têm uma herança comum no Antigo Testamento. Falwell estaria disposto a dizer o mesmo a um muçulmano? De qualquer forma, a declaração está incorreta. O judaísmo considera o Talmude, não a Bíblia, como sua lei. Achar que os cristãos podem apelar para o Antigo Testamento como um ponto em comum demonstra extrema ignorância com relação ao judaísmo, seja medieval ou moderno. O judaísmo nunca se aproxima da Bíblia, exceto por meio do Talmude.

Na página 62, Falwell diz que o futuro do Estado de Israel é mais importante do que qualquer outra questão política. Ele diz que os judeus têm um direito teológico, histórico e legal à Palestina. Ele afirma seu compromisso pessoal com o sionismo e diz que aprendeu o sionismo no Antigo Testamento.

A Bíblia nos ensina que, quando Adão e Eva se rebelaram, eles perderam seu direito ao Jardim, e Deus os expulsou. Deus usou o mesmo princípio com Israel, dando-lhes a terra, mas alertando-os repetidamente que, se eles se rebelassem, seriam expulsos. Não consigo entender como Falwell pode ler as Escrituras do Antigo Testamento e não ver isso. Judeus apóstatas modernos não têm absolutamente nenhum direito teológico e, portanto, nenhum direito histórico e legal à terra da Palestina.

A igreja de todas as eras sempre ensinou que, em Cristo, o equivalente do Novo Testamento para a “terra” é o mundo inteiro e, em última instância, a Nova Terra. O povo de Deus, os que confessam a Cristo, recebem a terra inteira, em princípio, e progressivamente tomarão domínio sobre ela com o tempo. Mesmo se o dispensacionalismo estivesse correto em sua afirmação de que algum dia a terra da Palestina será devolvida aos judeus, ainda teríamos que dizer que eles devem se converter a Cristo primeiro!

⁶ Sobre a proteção dos judeus pela igreja, veja Harold J. Berman (ele próprio um judeu), *Law and Revolution: The Formation of the Western Legal Tradition* (Cambridge: Harvard U. Press, 1983), pp. 90, 222.

APÊNDICE B

Na página 68, Falwell diz que uma coisa no Israel moderno o perturba. É o fato de os cristãos não terem a liberdade de evangelizar. Em outras palavras, *Falwell está ciente de que os cristãos estão sendo perseguidos em Israel hoje, mas ele ainda apoia Israel!* Se isso não é uma traição à fé, o que seria?

Finalmente, na pg. 145, Falwell é questionado sobre o aborto, já que os judeus modernos defendem o aborto. Simon pergunta a ele se a pena de morte deve ou não ser usada contra uma mulher que faz um aborto e seu médico. Falwell responde que nunca pensou sobre isso antes e que acha que qualquer ação contra a mulher seria errada.

Bem, aí vemos. O Sr. Simon sabe quais são realmente os problemas, mas o Rev. Falwell está tão confuso, perplexo e cego que não consegue vê-los. Obviamente, se o aborto é assassinato, então temos que defender a pena de morte para isso! Claro, Falwell aqui soa como a maioria do resto do movimento antiaborto moderno: eles nunca pensaram em algumas das questões mais básicas e elementares envolvidas. “Aborto é assassinato”, eles gritam. “Reinstitua a pena de morte para assassinato”, diz a *Moral Majority* (grupo político de Falwell). Qualquer pessoa com um QI acima de 25 pode compreender as implicações dessas duas declarações, mas aparentemente Falwell nunca pensou nisso antes. Vivemos em tempos tristes, quando um iniciante é o porta-voz da Nova Direita Cristã!

O sionismo cristão é uma blasfêmia. É uma heresia. Os cristãos não têm razão teológica alguma para apoiar o Estado de Israel moderno. É uma nação anti-Deus e anti-Cristo. Até que se arrependa e diga “bendito O que vem em Nome do Senhor”, continuará sob a ira de Deus. O moderno Estado de Israel permite a perseguição de cristãos e missionários cristãos. Devemos orar para que Deus mude os corações dos judeus, assim como de todos os outros pagãos, para que recebam a Cristo. Mas apoiar os inimigos do Evangelho não é a marca de um ministro do Evangelho, mas de um anti-Cristo.

Tenho sido bem duro com Jerry. Alguém precisa sê-lo. Esse tipo de coisa é indesculpável e precisa ser arrependido. Há alguns anos, escrevi um ensaio defendendo Falwell contra um crítico um tanto liberal.⁷ O que eu disse aqui não muda o que escrevi então, porque o crítico de Falwell

⁷ Veja meu ensaio, “The Moral Majority: An Anabaptist Critique,” em James B. Jordan, ed. *The Failure of the American Baptist Culture, Christianity and Civilization* No. 1 (Tyler, TX: Geneva Ministries, 1982).

estava errado; mas certamente passei a ter uma visão mais sombria do Sr. Falwell desde então. Sua trombeta está emitindo um som incerto. Ele precisa limpá-la.

Judaísmo Messiânico

Nos últimos anos, um grande número de jovens judeus se voltou para Jesus Cristo como seu Senhor e Salvador. Muitos desses jovens formaram “Sinagogas Messiânicas” e articularam aqui e ali várias teologias de “Judaísmo Messiânico”. Para muitos, o Judaísmo Messiânico é simplesmente uma maneira de manter algumas tradições culturais judaicas enquanto se tornam cristãos, e não há nada de errado nisso. É apropriado para cristãos de várias tribos e línguas darem expressão à fé em uma variedade de formas culturais.

Infelizmente, para alguns, o Judaísmo Messiânico é visto como uma alternativa ao Cristianismo histórico. Isso se deve à influência do dispensacionalismo popular. Afinal, se o Milênio está chegando, e a cultura judaica será imperialisticamente triunfante durante o Milênio, então mesmo hoje as práticas judaicas antecipam essa superioridade. De fato, alguns judeus messiânicos aparentemente chegam ao ponto de crer que podem reivindicar apoio financeiro ilimitado de cristãos gentios, por causa dessa preeminência.⁸

A maior parte do que escrevi sobre o sionismo cristão acima se aplica a esse grupo de judeus messiânicos. Gostaria, no entanto, de chamar a atenção para outra faceta do assunto. Esses judeus messiânicos acreditam erroneamente que o cristianismo gentio (a igreja histórica) se afastou das formas bíblicas presentes nos primeiros dias da igreja. Eles veem como sua missão uma restauração desses costumes, os quais eles acreditam ter preservado.

Na realidade, isso é completamente falso. Qualquer um que tenha visto uma apresentação de “Cristo na Páscoa” fica surpreso com o número de ritos não bíblicos que são discutidos e exibidos (o uso de ovos, pão partido em três pedaços e escondido num pano[†], etc.). Esses costumes surgiram após o nascimento da igreja e não preservam o ritual do Antigo Tes-

⁸ Veja Gary North, “Some Problems with ‘Messianic Judaism’”, em *Biblical Economics Today* 7:3 (Apr./May, 1984).

[†] Referência ao afikoman na celebração da Páscoa no judaísmo moderno. [N. R.]

APÊNDICE B

tamento de forma alguma. Além disso, tentar colocar uma interpretação cristã nas várias características desses rituais é demasiado equivocado e artificial. Por mais inteligentes que sejam essas apresentações, elas são extremamente enganosas.

Na verdade, as principais características da adoração no Templo e na Sinagoga foram trazidas diretamente para a igreja, pois ela espoliou os novos inimigos de Deus: os judeus apóstatas. O período deste saque foi de 30 d.C. a 70 d.C. Assim que a igreja completou sua integração dos despojos da Antiga Aliança em seu novo corpo transfigurado, Deus destruiu completamente os remanescentes da Antiga Aliança. Os rituais e a música judaica moderna devem muito mais à herança racial/cultural dos povos da Europa Oriental do que à Antiga Aliança.⁹

Assim, embora não haja nada de errado com os judeus convertidos mantendo uma continuidade cultural com seu passado, não há fundamentos para a suposição de que os judeus pós-cristãos preservaram as formas musicais e litúrgicas da Bíblia. Essas formas foram preservadas na igreja, e somente nela. Os judeus que desejam recuperar sua herança fariam bem em estudar a Igreja primitiva, não as tradições das culturas da Europa Oriental.

⁹ Louis Bouyer demonstrou exaustivamente que a oração eucarística da igreja primitiva era uma modificação das orações da Sinagoga e do Templo. Veja Bouyer, *Eucharist* (Notre Dame: U. of Notre Dame Press, 1968). Similarmente, Eric Werner demonstrou que o cantochão da igreja cristã preserva o estilo de música conhecido entre os judeus do período do Antigo Testamento. Veja Werner, *The Sacred Bridge* (Columbia U. Press, 1959; a brochura de Schocken reproduz apenas a primeira metade deste importante estudo).

Por isso, guardarás os mandamentos do SENHOR teu Deus, para que andes nos seus caminhos, e para que o temas. Porque o SENHOR teu Deus te traz a uma boa terra, uma terra de ribeiros de água, de fontes e abismo, que jorram de vales e montes; uma terra de trigo, e cevada, e vinhas, e figueiras, e romãs; uma terra de azeite de oliva e mel; uma terra em que comerás pão sem escassez; não te faltará coisa alguma nessa terra; uma terra cujas pedras são ferro, e de cujas colinas poderás escavar cobre. Quando tiveres comido e estiveres saciado, então bendirás ao SENHOR teu Deus, pela boa terra que ele te deu. Cuidado para que não te esqueças do SENHOR teu Deus, não guardando os seus mandamentos, e os seus juízos, e os seus estatutos, que te ordeno neste dia; para que, quando tiveres comido e estiveres saciado, e tiveres edificado boas casas, e habitado nelas, e quando teus rebanhos e o teu gado tiverem se multiplicado, e se multiplicar a tua prata e o teu ouro, e tudo o que tiveres se multiplicar, então, se exaltar teu coração, e te esqueças do SENHOR teu Deus, que te tirou da terra do Egito, da casa de servidão; que te guiou por aquele grande e terrível deserto, onde havia serpentes ardentes, e escorpiões, e seca, onde não havia água; que fez sair água da rocha da pedreira; que te alimentou no deserto com o maná, que teus pais não conheciam, para que pudesse te humilhar, e para que pudesse te provar, para te fazer bem, no teu fim; e para que não digas em teu coração: O meu poder e a força da minha mão me trouxeram esta riqueza. Mas te lembrarás do SENHOR teu Deus; porque é ele que te dá o poder para obteres riqueza, para que ele possa estabelecer o seu pacto que ele jurou aos teus pais, como é neste dia. E acontecerá que se te esqueceres completamente do SENHOR teu Deus, e buscares outros deuses e os servires, e os adores, neste dia testemunharei contra vós, que certamente perecereis. Como as nações que o SENHOR destruiu diante de vossa face, também vós perecereis; porque não quisestes obedecer à voz do SENHOR vosso Deus.

– Deuteronômio 8:6-20

Porque não há acepção de pessoas para Deus. Porque todos os que pecaram sem lei, também perecerão sem lei; e todos os que pecaram na lei, serão julgados pela lei; (porque os que ouvem a lei não são justos diante de Deus, mas os praticantes da lei serão justificados. Porque quando os gentios, que não têm lei, fazem naturalmente as coisas contidas na lei, não tendo eles lei, são a lei para si mesmos; os quais mostram a obra da lei escrita em seus corações, testificando também a sua consciência, e os seus pensamentos, ou acusando-os, ou defendendo-os), no dia em que Deus julgar por meio de Jesus Cristo os segredos dos homens, conforme o meu evangelho.

– Romanos 2:11-16

Apêndice C

GRAÇA COMUM, ESCATOLOGIA E LEI BÍBLICA

GARY NORTH[§]

O conceito de graça comum raramente é discutido fora dos círculos calvinistas, embora todas as teologias cristãs devam, mais cedo ou mais tarde, lidar com as questões subjacentes ao debate sobre a graça comum. A frase em si remonta pelo menos aos dias do puritanismo colonial americano. Eu me deparei com ela em várias ocasiões quando estava pesquisando sobre as doutrinas e experimentos econômicos dos puritanos coloniais. O conceito remonta pelo menos aos escritos de João Calvino.¹

Antes de me aventurar pela floresta do debate teológico, permita-me declarar o que acredito ser o significado da palavra “graça”. A Bíblia usa a ideia de várias maneiras, mas o significado central da graça é este: Uma dádiva concedida às criaturas de Deus com base, primeiro, em Seu favor a Seu Filho, Jesus Cristo, a encarnação da segunda pessoa da Trindade, e segundo, com base na obra expiatória de Cristo na cruz. A graça não é estritamente imerecida, pois Cristo merece cada dádiva, mas em termos do mérito da criação – mérito merecido por uma criatura por causa de sua mera condição de criatura – não há nenhum. Em suma, quando falamos de qualquer aspecto da criação, além do Jesus Cristo encarnado, a graça é definida como uma *dádiva imerecida*. A essência da graça é transmitida em Tiago 1:17: “Toda a boa dádiva e todo o dom perfeito vêm do alto, e descem do Pai das luzes, em quem não há mudança, nem sombra de variação.”

Graça especial é a frase usada por teólogos para descrever o dom da salvação eterna. Paulo escreve: “Pois pela graça sois salvos por meio da fé; e isso não é de vós mesmos; isso é o dom de Deus. Não de obras, para que nenhum homem se glorie” (Ef. 2:8-9). Ele também escreve: “Mas Deus demonstra o seu amor para conosco, em que sendo nós ainda pecadores, Cristo morreu por nós” (Rm. 5:8). Deus seleciona aqueles de quem Ele terá misericórdia (Rm. 9:18). Ele escolheu essas pessoas para serem reci-

[§] A versão original deste ensaio provém da edição de inverno de 1976-77 do *The Journal of Christian Reconstruction*, publicado pela Chalcedon Foundation, P. O. Box 158, Vallecito, California 95251.

¹ João Calvino, *A Instituição da Religião Cristã* (1559), 2:2:16, 2:3:3, 3:14:2.

pientes de Seu dom de salvação eterna, e Ele as escolheu antes da fundação do mundo (Ef. 1:4-6).

Mas há outro tipo de graça, e ela é mal compreendida. A *graça comum* é igualmente um dom de Deus para Suas criaturas, mas se distingue da graça especial em várias maneiras cruciais. Um debate tem ocorrido por quase um século dentro dos círculos calvinistas sobre a natureza e a realidade da graça comum. Espero que este ensaio contribua com algumas respostas aceitáveis para o povo de Deus, embora eu tenha pouca esperança de convencer aqueles que estão envolvidos neste debate há 60 anos.

Por causa da confusão associada ao termo “graça comum”, oferecerei a descrição de James Jordan sobre ele. A graça comum é o equivalente às migalhas que caem da mesa do mestre que os cães comem. Foi assim que a mulher cananea descreveu seu pedido de cura por Jesus, e Jesus a curou por causa de sua compreensão e fé (Mt. 15:27-28).²

Contexto do Debate

Em 1924, a *Christian Reformed Church* debateu o assunto, e a decisão do Sínodo levou a uma divisão importante e aparentemente permanente dentro das fileiras da denominação. O debate foi de considerável interesse para os calvinistas holandeses em ambos os lados do Atlântico, embora os calvinistas americanos tradicionais mal estivessem cientes do assunto, e as igrejas arminianas estivessem (e ainda estão) completamente alheias à questão. Herman Hoeksema, que foi talvez o teólogo sistemático mais brilhante da América neste século, deixou a *Christian Reformed Church* para formar a *Protestant Reformed Church*. Ele e seus seguidores estavam convencidos de que, ao contrário do que a decisão da CRC afirmava, não existe graça comum.

A doutrina da graça comum, conforme formulada nos disputados “três pontos” da Igreja Reformada Cristã em 1924, afirma o seguinte:

1. Há uma “atitude favorável de Deus à humanidade em geral, e não somente aos eleitos, [...]” Além disso, há “também um certo

² Os cães em Israel não eram animais muito amados, então a analogia com a graça comum é bíblicamente legítima. “E sereis homens santos para mim; não comereis carne alguma dilacerada de animais no campo; a lançareis aos cães” (Ex., 22:30. Se assumirmos que Deus ama os pagãos da mesma forma que as pessoas modernas amam seus cães, então a analogia não se encaixará.

APÊNDICE C

favor ou graça de Deus que ele mostra a todas as suas criaturas em geral.”

2. Deus fornece “restrição ao pecado nas vidas do indivíduo e da sociedade, [...]”

3. Com relação à “*performance da chamada justiça cívica* [...] os não regenerados, embora sejam incapazes de praticar um bem que lhes valha a salvação [...] podem realizar esse bem cívico.”³

Esses princípios podem servir como ponto de partida para uma discussão sobre a graça comum. O cristão sério inevitavelmente se deparará com o problema de explicar o bem quando enfrentar a doutrina bíblica do mal. Tiago 1:17 nos informa que todos as boas dádivas e dons provém de Deus. O mesmo ponto é feito em Deuteronômio, capítulo 8, que é citado como introdução a este ensaio. É claro que os não regenerados são os beneficiários dos dons de Deus. Nenhum dos participantes do debate nega a existência dos dons. O que é negado pelos críticos protestantes reformados é que esses dons implicam o *favor de Deus* no que diz respeito aos não regenerados. Eles negam categoricamente o primeiro ponto dos três pontos originais.

Por enquanto, vamos nos abster de usar a palavra graça. Em vez disso, vamos nos limitar à palavra *dom*. A existência de dons vindos de Deus levanta toda uma série de questões:

Um dom de Deus implica Seu favor?

Um homem não regenerado possui o poder de fazer o bem?

A existência de bom comportamento por parte do descrente nega a doutrina da depravação total?

A história revela uma separação progressiva entre salvos e perdidos?

Tal separação levaria necessariamente ao triunfo dos não regenerados?

Existe, intelectualmente, um terreno comum entre cristãos e não cristãos?

³ Cornelius Van Til, *Common Grace* (Philadelphia: Presbyterian and Reformed Publishing Co., 1954), pp. 20-22. Este ensaio foi reimpresso em Van Til, *Graça Comum e o Evangelho* (Editora Cultura Cristã, 2018), pp. 72-75.

Cristãos e não cristãos podem cooperar com sucesso em certas áreas?

Os dons de Deus aumentam ou diminuem com o tempo?

O mandato cultural (pacto de domínio) de Gênesis 1:28 será cumprido?

O Favor de Deus

Este é um ponto-chave de disputa entre aqueles que afirmam e aqueles que negam a existência da graça comum. Desejo economizar tempo, se não problemas, então direi logo de início que a formulação de 1924 da *Christian Reformed Church* do primeiro ponto é defeituosa. A Bíblia não indica que Deus de alguma forma favorece os não regenerados. O oposto é afirmado: “Aquele que crê no Filho tem a vida eterna; e aquele que não crê no Filho não verá a vida, mas a ira de Deus permanece sobre ele” (Jo. 3:36). A oração de Cristo registrada em João 17 revela Seu favor para com os remidos e somente para com eles. Há uma separação ética fundamental entre os salvos e os perdidos. Deus odiou Esaú e amou Jacó, antes que qualquer um deles nascesse (Rm. 9:10-13).

O que devemos fazer com as passagens da Bíblia que foram usadas para apoiar a ideia de favor limitado para com as criaturas em geral? Sem exceção, eles se referem a *dons* de Deus para os não regenerados. Eles não implicam o favor de Deus. Por exemplo, há esta afirmação: “O SENHOR é bom para todos, e as suas tenras misericórdias são sobre todas as suas obras” (Sl. 145:9). O versículo que precede este nos diz que Deus é compassivo, tardio para se irar, gracioso. Romanos 2:4 nos diz que Ele é longânimo. Lucas 6:35-36 diz:

Amai, pois, a vossos inimigos, e fazei bem, e emprestai, sem nada esperardes de volta, e será grande a vossa recompensa, e sereis filhos do Altíssimo; porque ele é bondoso para com os ingratos e para com os maus. Sede, pois, misericordiosos, assim como vosso Pai também é misericordioso.

1 Timóteo 4:10 usa linguagem explícita: “Porque para isto trabalhamos e sofremos reprovação, porque confiamos no Deus vivo, que é o Salvador de todos os homens, especialmente daqueles que creem.” A palavra grega aqui traduzida como “Salvador” é transliterada *sōtēr*: alguém que salva, cura, protege ou torna completo. Deus salva (cura) a todos, *especial-*

APÊNDICE C

mente aqueles que creem. Inquestionavelmente, a salvação mencionada é universal – não no sentido de graça especial, mas, portanto, no sentido de graça comum. Este é provavelmente o versículo mais difícil da Bíblia para aqueles que negam a salvação universal do inferno e que também negam a graça comum.⁴

A passagem mais frequentemente citada por aqueles que defendem a ideia do favor de Deus aos não regenerados é Mateus 5:44-45:

Eu, porém, vos digo: Amai os vossos inimigos, abençoai os que vos amaldiçoam, fazei o bem aos que vos odeiam, e orai pelos que vos tratam com maldade, e vos perseguem; para que sejais filhos do vosso Pai que está nos céus; porque ele faz que o seu sol se levante sobre maus e bons, e faz chover sobre justos e injustos.

É compreensível como tais versículos, na ausência de outros versículos que expliquem mais completamente a natureza e a intenção dos dons de Deus, poderiam levar os homens a equiparar o favor e os dons de Deus. Certamente é verdade que Deus protege, cura, recompensa e cuida dos não regenerados. Mas nenhum desses versículos indica uma atitude de favor para com os beneficiários não regenerados de Seus dons. Apenas no uso da palavra “favor” em seu sentido comum de “faça-me um favor” podemos argumentar que um dom de Deus é o mesmo que Seu favor. Favor, no uso comum, significa simplesmente *presente* – um presente imerecido do doador. Mas se favor é compreendido como uma atitude favorável aos não regenerados, ou um compromisso emocional de Deus com os não regenerados em benefício deles, então deve ser dito que Deus não mostra favor aos injustos.

Brasas de Fogo

Um versículo na Bíblia, acima de todos os outros, nos informa sobre a atitude subjacente de Deus para com aqueles que se rebelam contra Ele, apesar de Seus dons. Esta passagem é o concomitante aos frequentemente citados Lucas 6:35-36 e Mateus 5:44-45. É Provérbios 25:21-22, que Paulo cita em Romanos 12:20:

⁴ Gary North, “Aren’t There Two Kinds of Salvation?”, Pergunta 75 em North, *75 Bible Questions Your Instructors Pray You Won’t Ask* (Tyler, Texas: Spurgeon Press, 1984).

Se o teu inimigo tiver fome, alimenta-o; se ele tiver sede, dá-lhe de beber; porque fazendo isto, amontoarás brasas de fogo sobre a sua cabeça.

Por que devemos ser gentis com nossos inimigos? Primeiro, porque Deus nos instrui a ser gentis. Ele é gentil com eles, e devemos imitá-Lo. Segundo, ao mostrar misericórdia, amontoamos brasas de fogo sobre suas cabeças rebeldes. Daquele a quem muito é dado, muito será cobrado (Lc. 12:47-48). Nosso inimigo receberá uma punição maior por toda a eternidade porque fomos misericordiosos com ele. Terceiro, nos é prometida uma recompensa de Deus, o que é sempre uma razão sólida para sermos obedientes aos Seus mandamentos. A linguagem não poderia ser mais clara. Qualquer discussão sobre graça comum que omita Provérbios 25:21-22 da consideração não é uma discussão séria do tópico.

A Bíblia é muito clara. O problema com a grande maioria dos intérpretes é que eles ainda são influenciados pelos padrões do autoproclamado humanismo autônomo. Biblicamente, *o amor é o cumprimento da lei* (Rm. 13:8). Ame o seu próximo, somos instruídos. Trate-o com respeito. Não o oprima ou engane. Não cobice seus bens ou sua esposa. Não roube dele. Ao tratá-lo como a Lei de Deus nos ordena, você cumpriu o mandamento de amá-lo. Ao fazê-lo, você o tornou indesculpável no dia do julgamento. O povo de Deus deve se tornar o canal dos dons de Deus para os não regenerados.

Isso não quer dizer que toda dádiva que damos aos perdidos deve ser dada em uma tentativa de amontoar brasas de fogo sobre suas cabeças. Não conhecemos o plano de Deus para as eras, exceto em seus contornos gerais. Não sabemos quem Deus pretende redimir. Então damos livremente, esperando que alguns sejam redimidos e outros condenados. Nós desempenhamos nossa parte na salvação de alguns e na condenação de outros. Por exemplo, cônjuges regenerados são explicitamente instruídos a tratar seus cônjuges fielmente e conforme a Lei. “Porque, como sabes, ó esposa, se tu salvarás teu marido? Ou, como sabes, ó homem, se tu salvarás tua esposa?” (1 Co. 7:16)? Tratamos nossos amigos e inimigos conforme a Lei, pois eles são feitos à imagem de Deus. Mas devemos entender que nosso tratamento honesto torna tudo muito pior no dia do julgamento para aqueles com quem lidamos com retidão do que se tivéssemos desobedecido a Deus e sido más testemunhas para eles, tratando-os de forma contrária à Lei.

APÊNDICE C

Deus dá aos rebeldes corda suficiente para se enforcarem por toda a eternidade. Esta é uma implicação fundamental da doutrina da graça comum. A lei de Deus condena alguns homens, mas simultaneamente serve como um meio de arrependimento e salvação para outros (Rom. 5:19-20). A mesma lei produz resultados diferentes em pessoas diferentes. O que separa os homens é a graça salvífica de Deus na eleição. A lei de Deus serve como uma ferramenta de *destruição* final contra os perdidos, mas também serve como uma ferramenta de *reconstrução* ativa para o cristão. A lei rasga o reino de Satanás, à medida que serve como base para o reino de Deus na Terra.

Cristo é de fato o salvador de todas as pessoas antes do dia do juízo (1 Tm. 4:10). Cristo sustenta todo o universo (Cl. 1:17). Sem Ele, nenhum ser vivo poderia sobreviver. Ele concede às Suas criaturas dons como *tempo, lei, ordem, poder e conhecimento*. Ele concede todos esses dons a Satanás e sua hoste rebelde. Em resposta à pergunta: “Deus mostra Sua graça e misericórdia a toda a criação?” a resposta é enfaticamente sim. Para a próxima pergunta: “Isso significa que Deus de alguma forma demonstra uma atitude de favor para com Satanás?” a resposta é enfaticamente não. Deus não é mais favorável a Satanás e seus demônios do que aos seguidores humanos de Satanás. Mas isso não significa que Ele não lhes conceda dons – dons que eles de forma alguma merecem.

Depravação Total e a Mão Restritiva de Deus

A lei é um meio de graça: graça comum para os que perecem, graça especial para os eleitos. *A lei também é uma forma de maldição:* maldição especial para os que perecem, maldição comum para os eleitos. Estamos todos sob a lei como criaturas e, por causa da maldição de Adão e da criação, sofremos os fardos *temporais* da transgressão de Adão. O mundo inteiro geme sob essa maldição (Rm. 8:18-23). No entanto, “sabemos que todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o seu propósito.” (Rm. 8:28, ARA). Como homens, estamos todos sob a lei e a restrição da lei, tanto física quanto moral, e podemos usar esse conhecimento da lei para nos trazer bênçãos externas ou para nos rebelar e trazer destruição. Mas sabemos também que todas as coisas cooperam para o mal daqueles que odeiam a Deus, daqueles que são rejeitados segundo o seu propósito (Rm. 9:17-22). Graça comum–maldi-

ção comum, graça especial–maldição especial: devemos afirmar todas as quatro.

A transgressão da lei traz uma *maldição especial* para o não regenerado. É uma maldição de duração eterna. Mas essa mesma transgressão traz apenas uma *maldição comum* para o eleito. Um cristão fica doente, sofre perdas, é levado pela tempestade, sofre tristeza, mas não sofre a segunda morte (Ap. 2:11; 20:6, 14). Para o crente, as maldições comuns da vida são o castigo de Deus, sinais do favor de Deus (Hb. 12:6). A diferença entre maldição comum e maldição especial não é encontrada na intensidade da dor humana ou na extensão da perda; a diferença está na *atitude* de Deus para com aqueles que gemem sob os fardos externos e psicológicos. Há uma atitude de favor para com o eleito, mas nenhuma para com o não regenerado. A maldição comum do não regenerado é, de fato, uma parte da maldição especial sob a qual ele gemerá para sempre. A maldição comum do homem eleito é uma parte da graça especial em termos da qual ele, no fim, prospera. A maldição comum é, no entanto, comum, apesar de seus diferentes efeitos no estado eterno dos homens. A lei de Deus é segura. Deus faz acepção de pessoas (Rm. 2:11), com uma exceção: a pessoa de Jesus Cristo. (Cristo era perfeito, mas foi punido.)

Mas, se os efeitos da lei são comuns na maldição, então os efeitos da lei também são comuns na graça. É por isso que precisamos de uma doutrina da graça comum. Esta doutrina dá sentido à doutrina da maldição comum, e vice-versa. A lei de Deus restringe os homens em seus maus caminhos, sejam regenerados ou não regenerados. A lei de Deus restringe “o velho homem” ou a velha natureza pecaminosa nos cristãos. A restrição da lei é uma verdadeira bênção para todos os homens. Na verdade, é até mesmo uma bênção temporária para Satanás e seus demônios. Todos aqueles que odeiam a Deus amam a morte (Pv. 8:36b). Este ódio a Deus é restringido durante a história. Homens maus recebem poder, vida e tempo que não merecem. Satanás também. Eles não conseguem desenvolver plenamente as implicações de sua fé rebelde e suicida, pois a restrição de Deus não permitirá isso.

A graça comum que restringe o caráter totalmente depravado de Satanás e todos os seus seguidores é, de fato, parte da *maldição especial* de Deus sobre eles. Cada dom retorna para condená-los no dia do juízo, amontoando brasas de fogo sobre suas cabeças. Por outro lado, a graça comum de Deus na lei também deve ser vista como parte do programa de

graça especial para Seus eleitos. Os dons especiais de Deus para Seus eleitos, de pessoa a pessoa, são a fonte de recompensas variadas no dia do julgamento (1 Co. 3:11-15). A graça comum serve para condenar os rebeldes de forma proporcional aos benefícios que receberam na terra, e serve como pano de fundo operacional para a graça especial dada aos eleitos. As leis de Deus oferecem uma fonte de ordem, poder e domínio. Alguns homens usam essa graça comum para sua destruição final, enquanto outros a usam para seu benefício eterno. Todavia, ela ainda é comum, apesar de seus diferentes efeitos no estado eterno dos homens.

O Bem que os Homens Fazem

A Bíblia ensina que não há nada de bom inerente ao homem caído; seu coração é perverso e enganoso (Jr. 17:9). Toda a nossa autoproclamada justiça é como trapos de imundície aos olhos de Deus (Is. 64:6). No entanto, também sabemos que a história tem significado, que há padrões permanentes que nos permitem distinguir a vida de Joseph Stalin da vida de Albert Schweitzer. Há diferentes punições para diferentes homens não regenerados (Lc. 12:45-48). Isso não significa que Deus de alguma forma favorece uma alma perdida mais do que outra. Significa apenas que no plano eterno de Deus deve haver uma afirmação eterna da validade e permanência de Sua lei. É pior ser um assassino do que um mentiroso ou um ladrão. Nem todo pecado é um pecado para a morte (1 Jo. 5:16-17). A história não é uma massa amorfa e indiferenciada. Não é uma ilusão. Ela tem implicações para a eternidade. Portanto, a lei de Deus serve como um lembrete aos homens não regenerados de que é melhor se conformar em parte do que não se conformar de forma alguma, mesmo que o resultado final da rebelião seja a destruição. Existem graus de punição (Lc. 12:47-48).

Mas qual é a fonte do bem que os homens maus fazem? Não pode ser outro senão Deus (Tg. 1:17). Ele é a fonte de todo o bem. Ele restringe os homens de diferentes maneiras, e os efeitos dessa restrição, de pessoa para pessoa, de demônio para demônio, podem ser vistos por toda a eternidade. Não o favor para com os não regenerados, mas sim a justiça perfeita da lei e o respeito total para com a lei de Deus por parte do próprio Deus são as fontes das boas ações que os homens perdidos podem realizar no tempo e na terra. Usando o dito popular, há para “cada cabeça, uma sentença”, não porque Deus faça acepção de pessoas, mas porque as ações de homens diferentes são diferentes.

O Conhecimento da Lei

A obra da lei está escrita no coração de cada homem. Não há escapatória. Nenhum homem pode alegar ignorância (Rm. 2:11-14). Mas a história de cada homem tem sentido, e alguns homens receberam conhecimento mais claro do que outros (Lc 12:47-48). Há um *conhecimento comum* da lei, mas também há um *conhecimento especial* da lei – historicamente único na vida de cada homem. Cada homem será julgado por suas obras, por cada palavra que proferiu (Rm. 2:6; Mt. 12:36). Deus testifica Sua fidelidade à Sua palavra distinguindo cada tom de mal e bem na vida de cada homem, salvo ou perdido.

Talvez um exemplo bíblico possa esclarecer essas questões. Deus deu ao povo que habitava na terra de Canaã uma geração extra de soberania sobre sua terra. A mentalidade de escravo dos hebreus, com as exceções de Josué e Calebe, não lhes permitiu entrar e conquistar a terra. Além disso, Deus revelou especificamente a eles que Ele expulsaria o povo, cidade por cidade, ano após ano, para que os animais selvagens não pudessem tomar conta da terra, deixando-a desolada (Ex. 23:27-30). Isso revelou o favor de Deus para com os cananeus? Dificilmente. Ele instruiu os hebreus a destruí-los, raiz e ramo. Eles deveriam ser expulsos de sua terra para sempre (Ex. 23:32-33). No entanto, eles receberam uma bênção temporal: uma geração extra ou mais de paz. Isso manteve os animais selvagens sob controle. Permitiu que os hebreus amadurecessem sob a lei de Deus. Também permitiu que os hebreus amontoassem brasas de fogo sobre as cabeças de seus inimigos, pois, como Deus disse a Abraão, os hebreus não tomariam o controle da terra prometida em seus dias, “pois a iniquidade dos amorreus ainda não está completa” (Gn. 15:16). Durante aquela geração final, a iniquidade dos amorreus foi preenchida até transbordar. Então veio a destruição.

Os cananeus receberam mais do que mereciam. Eles permaneceram na terra de seus pais por uma geração extra. Eles foram os beneficiários? Nos dias de peregrinação dos hebreus, os cananeus foram os beneficiários. Então o dia do pagamento da última parcela, culturalmente falando, chegou, e ela foi cobrada por Deus por meio de Seu povo, assim como os egípcios aprenderam para sua consternação. Eles cuidaram da terra até que os hebreus estivessem aptos a tomar posse dela. Como a Bíblia afirma, “a riqueza do pecador é depositada para o justo” (Pv. 13:22b). Mas isso de forma alguma nega o valor da riqueza do pecador durante o período em

APÊNDICE C

que ele a controla. O fato de que ele tenha alguma coisa é um dom de Deus. Deus impediu os pecadores de dissipar suas riquezas em uma onda de destruição suicida. Ele os deixa servir como administradores até o dia em que ela seja transferida para o regenerado.

Os heveus de Gibeão escaparam da destruição. Eles eram sábios o suficiente para ver que o povo de Deus não poderia ser derrotado. Eles enganaram Josué para fazer um tratado com eles. O resultado foi sua servidão perpétua como trabalhadores braçais, mas eles receberam a vida e o direito de buscar a felicidade, embora tenham perdido a liberdade. Eles foram autorizados a viver sob as restrições da lei de Deus, um arranjo cultural muito melhor do que viviam antes da chegada dos hebreus. Eles passaram a receber as bênçãos culturais dadas aos hebreus, e talvez alguns deles se tornaram fiéis a Deus. Nesse caso, o que foi uma maldição para todos eles – servidão – tornou-se um meio de graça especial. Seu engano valeu a pena (Js. 9). Somente os heveus escaparam da destruição (Js. 11:20).

No dia em que Adão e Eva comeram da árvore do conhecimento, eles morreram espiritualmente. Deus lhes dissera que morreriam naquele mesmo dia. Mas eles não morreram fisicamente. Eles podem ou não ter sido regenerados individualmente pelo Espírito de Deus. Mas eles foram os beneficiários de uma promessa (Gn. 3:15). Ser-lhes-ia ter permissão para ter filhos. Antes do início dos tempos, Deus ordenara a crucificação. Cristo foi, neste sentido, morto desde o princípio (Ap. 13:8). Deus lhes concedeu tempo na terra. Ele estendeu seu contrato de vida; se eles não tivessem pecado, eles teriam sido capazes de possuir a vida eterna. Deus os abençoou grandemente e seu filho assassino Caim com uma suspensão da execução. Deus fez acepção da obra de Cristo na cruz. Cristo se tornou um salvador para Caim, não um salvador pessoal ou salvador regenerador, mas um salvador de sua vida. Deus concedeu proteção a Caim (Gn. 4:15), uma das tarefas de um salvador.

Sentido na História

Mais uma vez, vemos que a história tem um sentido. Deus tem um propósito. Ele concede favores aos rebeldes, mas não porque Ele é favorável a eles. Ele fez acepção do Seu Filho, e Seu Filho morreu pelo mundo inteiro (Jo. 3:16). Ele morreu para salvar o mundo, ou seja, para dar-lhe tempo, vida e bênçãos externas. Ele não morreu para oferecer uma promessa hipotética de regeneração aos “vasos de ira” (Rm. 9:22), mas Ele

morreu para se tornar um salvador no mesmo sentido descrito na primeira parte de 1 Timóteo 4:10 – não um salvador especial, mas um salvador sustentador e restritivo. Deus lidou misericordiosamente com Adão e a família de Adão porque Ele tinha favor para Seu povo escolhido, aqueles que recebem as bênçãos da salvação. Mas essa salvação é expressamente *histórica* em natureza. Cristo morreu no tempo e na terra pelo Seu povo. Eles são regenerados no tempo e na terra. Ele, portanto, preserva a terra e dá a todos os homens, incluindo rebeldes, tempo.

Com relação à restrição de Deus à depravação total dos homens, considere Sua maldição à terra (Gn. 3:17-19). O homem deve trabalhar no suor do seu rosto para comer. A terra dá seus frutos, mas somente por meio do trabalho. Ainda assim, essa maldição comum também envolve graça comum. Os homens são compelidos a cooperar uns com os outros em um mundo de escassez se desejam aumentar sua renda. Eles podem ser assassinos em seus corações, mas devem conter suas emoções e cooperar. A divisão do trabalho torna possível a especialização da produção. Isso, por sua vez, promove o aumento da riqueza para todos aqueles que trabalham. Os homens são restringidos pela escassez, o que parece ser uma maldição unilateral. Não é assim; ela é igualmente uma bênção. Este é o significado da graça comum; maldição comum e graça comum andam juntas.

A cruz é o melhor exemplo da fusão de graça e maldição. Cristo foi totalmente amaldiçoado na cruz. Ao mesmo tempo, este foi o ato de graça incomparável de Deus. Justiça e misericórdia estão ligadas na cruz. Cristo morreu, experimentando assim a maldição comum a todos os homens. No entanto, por meio dessa morte, Cristo propiciou a Deus. Essa é a fonte da graça comum na terra – vida, lei, ordem, poder – bem como a fonte da graça especial. A maldição comum da cruz – morte – levou à *graça especial* para os eleitos de Deus, mas também é a fonte dessa *graça comum* que torna a história possível. Cristo sofreu a “primeira morte”, não para salvar Seu povo da primeira morte, e não para salvar os não regenerados da segunda morte do lago de fogo. Ele sofreu a primeira morte para satisfazer a penalidade do pecado – a primeira morte (que Adão não pagou imediatamente, já que ele não morreu fisicamente no dia em que pecou) e a segunda morte (os eleitos de Deus nunca perecerão).

Em algum momento no futuro, Deus deixará de restringir o mal dos homens (2 Ts. 2:6-12). Assim como Ele entregou Israel às suas concupiscências (Sl. 81:12; 106:15), da mesma forma Ele desistirá dos não regene-

rados que estão atualmente refreados de parte do mal que seriam capazes de praticar. Isso não significa necessariamente que os não regenerados esmagarão o povo de Deus. Na verdade, significa exatamente o oposto. Quando Deus deixou de restringir Israel, Israel foi disperso. (É verdade, por um tempo as coisas foram mal para os profetas de Deus.) Mas o próprio ato de libertá-los de Sua restrição permitiu que Deus os deixasse encher sua própria taça de iniquidade. O resultado final de Deus cessar em refrear Israel foi sua queda na iniquidade, rebelião e impotência (At. 7:42-43). Eles foram dispersos pelos assírios, pelos babilônios e, finalmente, pelos romanos. A igreja cristã se tornou a herdeira do reino de Deus (Mt. 21:43). Os romanos também foram entregues às suas próprias concupiscências (Rm. 1:24, 26, 28). Embora tenha levado três séculos, eles foram finalmente substituídos pelos cristãos. O império entrou em colapso. Os cristãos juntaram os pedaços.

Quando Deus deixa de restringir os homens do mal que eles são capazes de cometer, isso sela sua condenação. Separados da restrição, eles violam a obra da lei escrita em seus corações. Separados da lei de Deus, os homens perdem a ferramenta de domínio cultural de Deus. Homens que se veem como estando sob a lei podem então usar a lei para atingir seus fins. Os antinomianos precipitam-se de cabeça na impotência, pois, ao negar que estão sob a lei e as restrições da lei, eles jogam fora a ferramenta crucial da conquista externa e das bênçãos externas. Eles se rebelam e são destruídos.

Trigo e Joio

A parábola do joio é instrutiva ao lidar com a questão: A história revela uma *separação progressiva* entre os salvos e os perdidos? A parábola começa com o campo que é plantado com trigo, mas que é semeado com joio por um inimigo durante a noite (Mt. 13:24-30, 36-43). A parábola se refere ao reino de Deus, não à igreja institucional. “O campo é o mundo”, como Cristo explicou (Mt. 13:38). O bom trigo, os filhos de Deus, agora devem operar em um mundo no qual o joio, os não regenerados, opera. Os servos (anjos) reconhecem instantaneamente a diferença, mas são instruídos a não arrancar o joio ainda. Um ato tão violento destruiria o trigo ao arar o campo. Para preservar o trigo em crescimento, o dono permite que o joio se desenvolva. O que é preservado é o *desenvolvimento histórico*.

Somente no fim do mundo é feita uma separação final. Até então, *por causa do trigo*, o joio não é arrancado.

A chuva cai sobre o trigo e o joio. O sol brilha sobre ambos. A praga atinge ambos, assim como os gafanhotos. Graça comum e maldição comum: a lei de Deus traz ambos na história. Uma parte importante do desenvolvimento histórico é o cumprimento do pacto de domínio pelo homem. Novas técnicas produtivas podem ser implementadas por meio da graça comum de Deus, uma vez que o cuidado do campo é confiado aos homens. As regularidades da natureza ainda desempenham um papel importante, mas fertilizantes, sistemas de irrigação, cuidados regulares, gestão científica e até mesmo pesquisas por satélite cada vez mais se tornam parte integral da vida do campo. Os homens exercem domínio crescente sobre o mundo. Surge então uma questão: se os seguidores do diabo governarem, eles cuidarão ternamente das necessidades dos piedosos? Eles exercerão domínio para o benefício do trigo, por assim dizer? Por outro lado, o joio será cuidado pelos cristãos? Se os cristãos governarem, o que acontece com os injustos?

Este é o problema da *diferenciação na história*. Os homens não são passivos. Eles são ordenados a serem ativos, a buscar domínio sobre a natureza (Gn. 1:28; 9:1-7). Eles devem administrar o campo. À medida que tanto os bons quanto os maus realizam seus destinos ordenados por Deus, que tipo de desenvolvimento pode ser esperado? Quem prosperará mais, os salvos ou os perdidos? Quem se tornará dominante?

A separação final acontece no fim dos tempos. Até lá, os dois grupos devem compartilhar o mesmo mundo. Se a imagem de trigo e joio implica crescimento lento até a maturidade, então temos que concluir que o evento radicalmente descontínuo da separação não marcará o tempo do desenvolvimento histórico. É um evento do último dia: o juízo final. É um evento descontínuo, que é o fecho da continuidade histórica. A morte e ressurreição de Cristo foi o último evento historicamente significativo que pode ser propriamente descrito como descontínuo (possivelmente, o dia de Pentecostes poderia servir como o último evento que abalou a terra e o reino). A próxima grande descontinuidade escatológica é o dia do ju-

ízo. Então, devemos esperar crescimento em nossa era, o tipo de crescimento indicado pelas parábolas agrícolas.⁵

O que deve ser enfatizado é o elemento do desenvolvimento contínuo. “O reino do céu é semelhante a um grão de semente de mostarda, que um homem tomou, e semeou no seu campo. Que, na verdade, é o menor que todas as sementes; mas quando crescido, é o maior entre as hortaliças, e torna-se uma árvore, de modo que vêm as aves do céu, e se aninham nos seus ramos.” (Mt. 13:31-32). Enquanto esse reino avança para a maturidade, não há separação física entre salvos e perdidos. Essa separação total virá somente no fim dos tempos. Pode haver grandes mudanças, mesmo que as estações acelerem ou retardem o crescimento, mas não devemos esperar uma separação radical.

Embora eu não tenha espaço para demonstrar este ponto, isso significa que a separação falada pelos pré-milenistas – o Arrebatamento – não está de acordo com as parábolas do reino. O Arrebatamento vem no fim dos tempos. O “trigo” não pode ser removido do campo até o dia final, quando seremos arrebatados para encontrar Cristo nas nuvens (1 Ts. 4:17). De fato, há um Arrebatamento, mas ele vem no fim dos tempos – quando os ceifeiros (anjos) colhem o trigo e o joio. Há um Arrebatamento, mas é um Arrebatamento pós-milenar.

Por que um Arrebatamento pós-milenar, o amilenista poderia dizer? Por que não simplesmente apontar que o Arrebatamento vem no fim dos tempos e encerrar o assunto? A resposta é importante: devemos lidar com a questão do desenvolvimento do trigo e do joio. Devemos ver que esse processo de tempo leva à vitória cristã na terra e no tempo.

Conhecimento e Domínio

Isaías 32 é uma porção negligenciada das Escrituras em nossos dias. Ele nos informa sobre um dia notável que virá. É um dia de “autoconsciência epistemológica”, para usar a frase de Cornelius Van Til. É um dia em que os homens conhecerão os padrões de Deus e os aplicarão com precisão à situação histórica. Não é um dia além do julgamento final, pois fala de pessoas avarentas e generosas. No entanto, não pode ser um dia inaugurado por uma separação radical entre salvos e perdidos (o Arrebatamento).

⁵ Gary North, *Moses and Pharaoh: Dominion Religion vs. Power Religion* (Tyler, Texas: Institute for Christian Economics, 1985), cap. 12: “Continuity and Revolution.”

mento), pois tal separação ocorre apenas no fim dos tempos. Este dia virá antes que Cristo retorne fisicamente à Terra em julgamento. Lemos nos primeiros oito versículos:

Eis que um rei reinará em justiça e príncipes governarão em juízo. E um homem será como um esconderijo para o vento e abrigo contra a tempestade. Como rios de água em um lugar seco, como a sombra de uma grande rocha em uma terra cansada. E os olhos daqueles que veem não estarão escurecidos, e os ouvidos daqueles que ouvem escutarão. Também o coração do precipitado entenderá conhecimento, e a língua dos que gaguejam estará pronta para falar claramente. A pessoa vil não mais será chamada de generosa, nem o avarento dito ser dadivoso. Porque a pessoa vil falará vilania, e seu coração obrará iniquidade para praticar hipocrisia, e para pronunciar erro contra o SENHOR. Para fazer vazia a alma do faminto; e ele fará acabar a bebida do sedento. Também os instrumentos do avarento são maus. Ele planeja planos perversos para destruir o pobre com palavras mentirosas, mesmo quando o necessitado fala o que é correto. Porém, o generoso planeja coisas generosas, e por meio de coisas generosas ele ficará de pé.

Para repetir, “A pessoa vil não mais será chamada de generosa, nem o avarento dito ser dadivoso” (v. 5). Os avarentos persistem em sua avareza; os generosos continuam a ser benevolentes. A passagem não diz que todos os avarentos serão convertidos, mas também não diz que os generosos serão destruídos. Os dois existem juntos. Mas a linguagem da promessa indica que Isaías sabia muito bem que em seus dias (e em nossos dias), os tolos são chamados liberais e vice-versa. Os homens se recusam a aplicar seu conhecimento dos padrões de Deus ao mundo em que vivem. Mas nem sempre será assim.

Neste ponto, enfrentamos duas questões cruciais. As respostas separaram muitos comentaristas cristãos. Primeiro, devemos esperar que esse conhecimento venha instantaneamente? Segundo, quando este mundo profetizado de autoconsciência epistemológica finalmente alvorecer, qual grupo serão os vencedores terrestres, os avarentos ou os generosos?

O amilenista deve responder que esse desenvolvimento paralelo do conhecimento é gradual. O pós-milenista concorda. O pré-milenista deve discordar. A posição pré-milenista é que o dia da autoconsciência vem somente após o Arrebatamento e o estabelecimento subsequente do reino

terrestre, com Cristo governando a terra pessoalmente. A posição amilenista não vê nenhuma era de justiça anterior à consumação e ao juízo final. Portanto, ele deve concluir que o crescimento da autoconsciência separa os salvos dos perdidos culturalmente, mas, como não há uma era vindoura de vitória divina culturalmente, o amilenista precisa dizer que essa separação ética e epistemológica leva à derrota dos cristãos nos campos de batalha da cultura. O mal triunfará antes do juízo final e, como esse processo é contínuo, o declínio para a escuridão deve ser parte do processo de diferenciação ao longo do tempo. Esse aumento no autoconhecimento, portanto, leva à vitória das forças de Satanás sobre a igreja.

O pós-milenista rejeita categoricamente tal visão do conhecimento. À medida que a capacidade dos cristãos de fazer julgamentos precisos e que honrem a Deus na história aumenta ao longo do tempo, mais autoridade é transferida para eles. À medida que os pagãos perdem sua capacidade de fazer tais julgamentos, como resultado direto de sua negação e guerra contra a lei bíblica, a autoridade será removida deles, assim como foi removida de Israel em 70 d.C. O verdadeiro conhecimento na estrutura pós-milenista leva à bênção na história, não à maldição. Ele leva à vitória do povo de Deus, não à sua derrota. Mas o amilenista tem que negar isso. O aumento do verdadeiro autoconhecimento é uma maldição para os cristãos no sistema amilenista. Van Til torna isso fundamental em seu livro sobre a graça comum – seu único livro sistematicamente errôneo e debilitante.

Versão Amilenista de Van Til da Graça Comum

Retornemos agora à questão da graça comum. A lenta deriva descendente da cultura é paralela ao crescimento da autoconsciência, diz o amilenista. Isso tem que significar que a graça comum deve ser retirada conforme o tempo avança. A mão restritiva de Deus será progressivamente removida. Já que o amilenista acredita que as coisas pioram antes do juízo final, ele tem que ver a graça comum como graça *anterior* (assumindo que ele admite a existência da graça comum). Isso foi afirmado com mais veemência por Van Til, que sustenta uma doutrina da graça comum e que é um amilenista:

Toda graça comum é graça anterior. Seu caráter comum está na anterioridade. Ela se refere não apenas às dimensões inferiores da vida. Ela se refere a todas as dimensões, da mesma forma e em todos

os estágios da história. Ela se refere a todas as dimensões da vida, mas de forma decrescente na medida em que a história avança. No primeiro estágio da história há muita graça comum. Há uma natureza comum boa sob o favor comum de Deus. Mas essa graça da criação requer uma resposta. Ela não pode continuar sendo o que é. Ela é condicional. A diferenciação deve ser estabelecida. Ela vem, primeiro, na forma de uma rejeição a Deus. Não obstante, a graça comum continua; ela está em um nível “inferior” agora; é com paciência que as pessoas podem ser levadas ao arrependimento. [...] A graça comum diminuirá ainda mais no curso da história. Com todo ato condicional, a importância restante do condicional é reduzida. Deus permite que os homens sigam o caminho de sua voluntária rejeição a ele mais rapidamente na medida em que se aproxima a consumação final. Deus aumenta a sua atitude de ira sobre os réprobos na medida em que o tempo passa, até que, no fim dos tempos, na grande consumação da história, sua condição se iguale ao seu estado.⁶

Van Til afirma a realidade da história, mas é a história do declínio contínuo. Os não regenerados se tornam cada vez mais poderosos à medida que a graça comum declina. Mas por quê? Por que a autoconsciência epistemológica descrita em Isaías 32 necessariamente levaria à derrota para os cristãos? Ao manter uma doutrina de graça comum que envolve a ideia do favor comum de Deus para com todas as criaturas (exceto Satanás, diz Van Til), ele então argumenta que esse favor é retirado, deixando os não regenerados com liberdade total para atacar os eleitos de Deus. Se a graça comum está ligada ao favor de Deus, e o favor de Deus declina constantemente, então esse outro aspecto da graça comum, a saber, a restrição de Deus, também deve ser retirado. Além disso, a terceira característica da graça comum, a justiça cívica, também deve desaparecer. As palavras de Van Til são bastante enfáticas:

Mas quando todos os réprobos foram epistemologicamente autoconscientes, virá a ruína. Os réprobos totalmente autoconscientes farão tudo que puderem em cada dimensão para destruir o povo de Deus. Assim, enquanto procuramos, com todas as nossas forças, acelerar o processo de diferenciação em cada dimensão, sejamos gratos, por outro lado, pelo “dia da graça”, o dia da diferenciação

⁶ Van Til, *Graça Comum e o Evangelho*, pp.143-145.

APÊNDICE C

pouco desenvolvida. Essa tolerância que recebemos da parte do mundo se deve ao fato de que vivemos no estágio anterior, não posterior, da história. E essa influência que podemos exercer sobre a situação pública, seja na sociedade, seja no estado, pressupõe esse estágio de desenvolvimento não diferenciado.⁷

Considere as implicações do que Van Til está dizendo. *A história é uma ameaça terrena ao homem cristão*. Por quê? Seu argumento amilenista é que a graça comum é a graça anterior. Ela declina com o tempo. Por quê? Porque a atitude de favor de Deus declina com o tempo em relação aos não regenerados. Com o declínio do favor de Deus, os outros benefícios da graça comum são perdidos. Homens maus se tornam mais completamente maus.

O argumento de Van Til é o geralmente aceito nos círculos reformados. O que ele propôs é a declaração padrão da posição da graça comum. No entanto, como o leitor deve entender agora, ele é profundamente falho. Começa com *falsas suposições*: 1) que a graça comum implica favor comum; 2) que essa graça-favor comum é reduzida com o tempo; 3) que essa perda de favor necessariamente destrói os fundamentos da retidão cívica dentro da cultura geral; 4) que a visão amilenista do futuro é precisa. Assim, ele conclui que o processo de diferenciação está levando à impotência dos cristãos em todas as esferas da vida, e que podemos ser gratos por termos vivido no período da graça “anterior”, significando maior graça comum.

É irônico que a visão de Van Til sobre a graça comum seja implicitamente oposta ao pós-milenismo de R. J. Rushdoony, mas sua visão seja igualmente oposta ao amilenismo do teólogo amilenista anti-Chalcedon (e ex-colega de Van Til), Meredith G. Kline, que rejeita abertamente a escatologia pós-milenista de Rushdoony.⁸ É duplamente

⁷ Ibid., pp. 146-147.

⁸ Kline rejeita a asserção de Van Til de que a graça comum declina com o tempo. Kline diz que é isso que os pós-milenistas da escola Chalcedon [i.e., aderentes à visão de R. J. Rushdoony – N. R.] ensinam – o que simplesmente não é verdade, nem mesmo implícito em sua escatologia – e, ao fazê-lo, Kline rompe radicalmente com Van Til. É improvável que Kline sequer reconheça as implicações anti-Van Til do que ele escreveu. “Junto com as deficiências hermenêuticas do milenarismo da escola Chalcedon, há um problema teológico fundamental que o aflige. E aqui nos deparamos novamente com a confusão de Chalcedon dos conceitos bíblicos do sagrado e do comum. Como vimos, o tipo de pós-milenarismo sustentado pela escola Chalcedon prevê como o clímax do milênio algo

irônico que Rushdoony tenha adotado a versão antipós-milenista de Van Til sobre a graça comum, significando “graça anterior.”⁹

O amilenismo de Van Til influencia toda a sua doutrina da graça comum. Talvez inconscientemente, ele estruturou seletivamente a evidência bíblica sobre essa questão para fazê-la se conformar com sua herança amilenista holandesa. É por isso que todo o seu conceito de graça comum está incorreto. É imperativo que abandonemos o conceito de “graça anterior” e adotemos uma doutrina de graça comum (migalhas para os cães).

Uma Resposta Pós-milenista

Em resposta a Van Til, ofereço três críticas. Primeiro, Deus não favorece o não regenerado em nenhum momento após a rebelião do homem. O homem é totalmente depravado, e não há nada nele que mereça louvor ou favor, nem Deus olha favoravelmente para ele. Deus concede favores ao homem não regenerado (não favor) para amontoar brasas de fogo sobre sua cabeça (se ele não fizer parte dos eleitos) ou então chamá-lo ao

mais do que um alto grau de sucesso na missão evangelística da igreja para o mundo. Uma perspectiva milenar adicional (que eles particularmente apreciam) é a de uma prosperidade material e uma eminência e domínio mundial do reino estabelecido de Cristo na terra, com uma submissão divinamente imposta das nações ao governo mundial da Cristocracia. [...] A objeção teológica insuperável a toda e qualquer construção quiliástica é que ela implica a suposição de um eclipse prematuro da ordem da graça comum. [...] Ao postular assim o término da ordem da graça comum antes da consumação, o pós-milenarismo da escola Chalcedon efetivamente atribui infidelidade a Deus, pois Deus se comprometeu em sua antiga aliança a manter essa ordem enquanto a Terra durar.” Meredith G. Kline, “Comments on an Old-New Error”, *Westminster Theological Journal*, XLI (outono de 1978), pp. 183, 184.

⁹ Uma das estranhezas no movimento reconstrucionista é que R. J. Rushdoony rejeita categoricamente o amilenismo, chamando-o de “religião impotente” e “blasfêmia”, mas ainda assim afirma a validade da posição de Van Til sobre a graça comum, defendendo a substituição da compreensão padrão de “graça comum” pelo conceito de “graça anterior” de Van Til. O ensaio anti-amilenista de Rushdoony (e, portanto, por implicação, anti-Van Till) foi publicado no *The Journal of Christian Reconstruction*, III (Inverno 1976-77): “Postmillennialism versus Impotent Religion.” Sua declaração pró-“graça anterior” apareceu em sua resenha do livro de E. L. Hebden Taylor, *The Christian Philosophy of Law, Politics and the State*, no *The Westminster Theological Journal*, XXX (Nov. 1967): “Um conceito de ‘graça anterior’ torna a ideia de remanescentes de justiça, direito e comunidade sustentáveis; um conceito de ‘graça comum’ não” (pg. 100). “O termo ‘graça comum’ se tornou um chibote da teologia holandesa e um meio de passagem através do Jordão para o território Reformado daqueles que podem fingir o sotaque exigido. Será que não chegou a hora de abandonar o conceito em si e começar do zero?” (pg. 101).

arrependimento (o que a graça especial de Deus realiza). Assim, Deus é uniformemente hostil ao rebelde ao longo da história. Deus odeia os homens não regenerados com um ódio santo do começo ao fim. “Anterior” não tem nada a ver com isso.

Segundo, uma vez que a bagagem teológica excessiva do suposto favor de Deus para com os não regenerados é removida, as outras duas questões podem ser discutidas: a restrição de Deus e a justiça cívica do homem. A atividade do Espírito de Deus é importante para entender a natureza da restrição de Deus, mas não nos é dito praticamente nada sobre a operação do Espírito. O que *nos* é dito é que *a lei de Deus restringe os homens*. Eles praticam a obra da lei escrita em seus corações. Esta lei é o principal meio das bênçãos externas de Deus (Dt. 28:1-14); a rebelião contra Sua lei traz destruição (Dt. 28:15-68). Portanto, à medida que o reino da lei bíblica é estendido por meio da pregação de todo o conselho de Deus, à medida que a lei é escrita nos corações dos homens (Jr. 31:33-34; Hb. 8:10-11; 10:16), e à medida que não-regenerados passam a viver sob o domínio e influência da lei, a graça comum deve *aumentar*, não diminuir. A questão central é a restrição de Deus inerente à obra da lei. Esta obra está no coração de cada homem.

Lembre-se, isso não tem nada a ver com o suposto favor de Deus para com a humanidade em geral. Simplesmente, à medida que os cristãos se tornam mais fiéis à lei bíblica, eles recebem mais pão da mão de Deus. À medida que aumentam a quantidade de pão em suas mesas, mais migalhas caem para os cães debaixo delas.

Terceiro, a visão amilenista do processo de separação ou diferenciação é seriamente falha por uma falta de compreensão do poder que a lei bíblica confere àqueles que buscam cumprir seus padrões. Novamente, devemos olhar para Deuteronômio, capítulo oito. A conformidade com os preceitos da lei traz bênçãos externas. As bênçãos podem (embora não necessariamente) servir como uma armadilha e uma tentação, pois os homens podem esquecer a fonte de suas bênçãos. Eles podem esquecer de Deus, reivindicar autonomia e se afastar da lei. Isso leva à destruição. O povo anteriormente fiel é disperso. Assim, o paradoxo de Deuteronômio 8: fidelidade pactual à lei – bênçãos externas de Deus em resposta à fidelidade – tentação de confiar nas bênçãos como se elas fossem o produto das mãos do homem – juízo. As bênçãos podem levar ao desastre e à imo-

tência. Portanto, *a adesão aos termos da lei bíblica é fundamental para o sucesso externo.*

Ética e Domínio

À medida que os homens se tornam epistemologicamente autoconscientes, eles devem encarar a realidade – a realidade de Deus. O nosso universo é um universo moral. Ele é governado por uma lei-ordem que reflete o próprio ser de Deus. Quando os homens finalmente percebem quem são os avarentos e quem são os generosos, eles farão uma descoberta significativa. Eles reconhecerão a relação entre os padrões de Deus e as decisões éticas dos homens. Em suma, eles compreenderão a lei de Deus. *A lei* está escrita nos corações dos cristãos. *A obra da lei* está escrita nos corações de todos os homens. Os cristãos estão, portanto, cada vez mais conectados com a fonte do poder terreno: a lei bíblica. Para estar à altura do poder dos cristãos, os não regenerados deverão conformar suas ações externamente à lei de Deus como pregada pelos cristãos, cuja obra eles já têm em seus corações. Os não-regenerados passarão a ter, portanto, um grau de responsabilidade muito maior diante de Deus, simplesmente porque terão mais conhecimento. Eles desejam poder. Os cristãos algum dia possuirão poder cultural por meio de sua adesão à lei bíblica. Portanto, os homens não regenerados terão que imitar a fidelidade especial da aliança aderindo às exigências das alianças externas de Deus. Os não-regenerados, assim, trarão a ira final de Deus sobre suas cabeças, mesmo que ganhem bênçãos externas devido à sua maior conformidade com as *exigências externas* da lei bíblica. No fim dos tempos, eles se revoltarão.

Os não regenerados têm duas escolhas: conformar-se à lei bíblica, ou, pelo menos, à obra da lei escrita em seus corações, ou, segundo, abandonar a lei e, assim, abandonar o poder. Eles podem obter poder somente nos termos de Deus: reconhecimento da e conformidade com a lei de Deus. Não há outra maneira. Qualquer afastamento da lei traz impotência, fragmentação e desespero. Além disso, deixa aqueles com um compromisso com a lei no volante. A diferenciação crescente ao longo do tempo, portanto, não leva à impotência dos cristãos. Leva à sua vitória culturalmente. Eles veem as implicações da lei mais claramente. Assim como seus inimigos. Os injustos podem obter acesso às bênçãos somente aceitando o universo moral de Deus como ele é.

Os hebreus foram instruídos a se separarem das pessoas e dos deuses da terra. Esses deuses eram os deuses de Satanás, os deuses do caos, da dissolução e da história cíclica. O mundo pagão era fiel à doutrina dos ciclos: não pode existir progresso linear. Mas os hebreus foram instruídos de forma diferente. Se fossem fiéis, Deus disse, não sofreriam os fardos da doença, e ninguém e nenhum animal sofreria abortos espontâneos (Ex. 23:24-26). A graça especial leva a um compromisso com a lei; o compromisso com a lei de Deus permite que Deus reduza o elemento de maldição comum da lei natural, deixando proporcionalmente mais graça comum – o reino da *lei comum benéfica*. A maldição da natureza pode ser reduzida continuamente, mas somente se os homens se conformarem à lei revelada ou às obras da lei em seus corações. A bênção vem na forma de uma natureza mais produtiva e menos dominada pela escassez. Pode haver *retroalimentação positiva* na relação entre lei e bênção: as bênções confirmarão a fidelidade de Deus à Sua lei, o que por sua vez levará a uma maior fidelidade pactual (Dt. 8:18). Esta é a resposta ao paradoxo de Deuteronômio 8: isso não precisa se tornar uma espiral cíclica. Claro, graça especial é necessária para manter um povo fiel a longo prazo. Sem graça especial, a tentação de esquecer a fonte da riqueza toma conta, e o resultado final é a destruição. É por isso que, no final da era milenar, os não regenerados tentarão mais uma vez asseverar sua autonomia de Deus. Eles atacarão a igreja dos fiéis. Eles exercerão poder. E a ruína virá – para os não-regenerados.

Diferenciação e Progresso

O processo de diferenciação não é constante ao longo do tempo. Ele avança e recua. Sua tendência geral é em direção à autoconsciência epistemológica. Mas os cristãos nem sempre são fiéis, assim como os hebreus não o foram nos dias dos juízes. A igreja primitiva derrotou Roma, e então os remanescentes seculares de Roma comprometeram a integridade da igreja. A Reforma deu início a uma nova era de crescimento cultural, a Contrarreforma contra-atacou, e o secularismo da Renascença engoliu ambos – por um tempo. Isto não é história cíclica, pois a história é linear. Houve uma criação, uma queda, um povo chamado para fora da escravidão, uma encarnação, uma ressurreição, um Dia de Pentecostes. Haverá um dia de autoconsciência epistemológica, como prometido em Isaías 32. Haverá uma rebelião e um juízo final. Houve uma nação cristã chamada

Estados Unidos. Houve uma nação secular chamada Estados Unidos. (A linha divisória foi a Guerra Civil, ou Guerra da Secessão do Sul, ou Guerra entre os Estados, ou Guerra da Agressão do Norte – chame pelo nome que desejar.) Para frente e para trás, avanço e recuo, mas com um objetivo de longo prazo.

Houve progresso. Veja o Credo dos Apóstolos. Então veja a Confissão de Fé de Westminster. Só um tolo poderia negar o progresso. Houve um crescimento em riqueza, conhecimento e cultura. O que deveríamos dizer, que a tecnologia como tal é do diabo, que, uma vez que a graça comum é retirada de maneira contínua, o desenvolvimento do mundo moderno é o trabalho criativo de Satanás (já que a graça comum de Deus não pode explicar esse progresso)? Satanás é criativo – autonomamente criativo? Se não, de onde vem nossa riqueza, nosso conhecimento e nosso poder? Não é de Deus? Satanás não é o grande imitador? Mas de quem ele imitou o progresso? De quem ele tentou tomar emprestado, distorcer e destruir o desenvolvimento cultural? Houve progresso desde os dias de Noé – não progresso linear, não crescimento composto puro, mas progresso mesmo assim. O cristianismo o produziu, o secularismo o tomou emprestado, e hoje parecemos estar em outra encruzilhada: os cristãos podem sustentar o que começaram, dadas suas concessões ao secularismo? E os secularistas podem sustentar o que eles e os cristãos construíram, agora que seu capital espiritual está acabando, e a conta bancária cultural dos cristãos está quase vazia?

Os cristãos e secularistas hoje são, no campo da educação e outros reinos “seculares”, como um par de bêbados que se apoiam um no outro para não cair. Parece que estamos no estágio de “bênçãos para a tentação”, com “rebelião para a destruição” se aproximando. Já aconteceu antes. Pode acontecer novamente. Nesse sentido, é a *falta* de autoconsciência epistemológica que parece ser responsável pela redução da graça comum. No entanto, é a visão de Van Til que o aumento da autoconsciência epistemológica é responsável por, ou pelo menos é paralelo, à *redução* da graça comum. O amilenismo prejudicou sua análise da graça comum. Assim como o fato de ele igualar os dons de Deus ao suposto favor de Deus à humanidade em geral.

A separação entre o trigo e o joio é progressiva. Não é uma progressão linear. A praga atinge um e depois o outro. Às vezes, atinge os dois ao mesmo tempo. Às vezes, o sol e a chuva ajudam ambos a crescer ao mesmo

tempo. Mas há maturidade. O joio cresce até a destruição final, e o trigo cresce até a bênção final. Nesse meio tempo, ambos têm papéis a desempenhar no plano de Deus para as eras. Pelo menos o joio ajuda a evitar que o solo sofra erosão. É melhor ter joio do que a destruição do campo em si, pelo menos por ora. Eles servem a Deus, apesar de ser o que são. Houve progresso tanto para o trigo quanto para o joio. A ciência grega e romana se tornaram estáticas; os conceitos cristãos de otimismo e de um universo ordenado criaram a ciência moderna. Agora o joio comanda o mundo científico, mas por quanto tempo? Até uma guerra? Até que os conceitos de evolução darwinista sem sentido e a física moderna indeterminada destruam o conceito de lei regular – o fundamento de toda a ciência?

Por quanto tempo podemos continuar assim? Resposta: até que a autoconsciência epistemológica traga os cristãos de volta à lei de Deus. Então os pagãos deverão imitá-los ou desistir. Apenas a obediência a Deus traz o domínio de longo prazo.

Lei e Graça

A relação dupla entre lei comum e maldição comum é um pano de fundo necessário para o plano de Deus das eras. Tomemos, por exemplo, a maldição de Adão. Adão e seus herdeiros carregam o fardo de corpos frágeis que adoecem e morrem. Inicialmente, havia uma expectativa de vida maior para a humanidade. A vida mais longa registrada na Bíblia, aquela dada a Matusalém, avô de Noé, foi de 969 anos. Matusalém morreu no ano em que o grande dilúvio começou.¹⁰ Assim, no que diz respeito à vida humana, o maior sinal da graça comum de Deus foi dado aos homens pouco antes da maior remoção da graça comum registrada na história.

Isso é extremamente significativo para a tese deste ensaio. A *extensão da graça comum ao homem* – as bênçãos externas de Deus que são dadas à humanidade em geral – é um *prelúdio para uma grande maldição para os não*

¹⁰ Matusalém tinha 969 anos quando morreu (Gn. 5:27). Ele tinha 187 anos quando seu filho Lameque nasceu (5:25) e 369 anos quando o filho de Lameque, Noé, nasceu (5:28-29). Noé tinha 600 anos na época do grande dilúvio (7:6). Portanto, do nascimento de Noé, quando Matusalém tinha 369 anos, até o dilúvio, 600 anos depois, Matusalém viveu o resto de seus anos (369 + 600; 969). A Bíblia não diz que Matusalém pereceu no dilúvio, mas apenas que ele morreu no ano do dilúvio. Esta é uma cronologia tão notável que o ônus da prova está sobre aqueles que negam o relacionamento de pai para filho nessas três gerações, argumentando em vez disso por uma lacuna não declarada na cronologia.

regenerados. Como lemos no oitavo capítulo de Deuteronômio, bem como no vigésimo oitavo capítulo, os homens podem ser e são atraídos para uma armadilha ao olhar para os dons externos de Deus enquanto esquecem da fonte celestial dos dons e dos *termos pactuais* sob os quais os dons foram dados. O dom da vida longa foi dado à humanidade em geral, não como um sinal do favor de Deus, mas como um prelúdio para Sua destruição quase total da semente de Adão. Somente Sua graça especial a Noé e sua família preservou a humanidade.

Assim, a mera existência de bênção externa não é prova de uma atitude favorável em relação ao homem por parte de Deus. No primeiro estágio, o da *fidelidade pactual*, a graça especial de Deus é amplamente estendida dentro de uma cultura. O segundo estado, o das *bênçãos externas* em resposta à fidelidade pactual, tem como objetivo reforçar a fé dos homens na realidade e validade das alianças de Deus (Dt. 8:18). Mas esse segundo estágio pode levar a um terceiro estágio, *esquecimento* ético ou pactual. O fato fundamental que deve ser levado em conta é que este terceiro estágio não pode ser distinguido do segundo estágio em termos de medições das bênçãos recebidas (indicadores de crescimento econômico, por exemplo). Um aumento de bênçãos externas deve levar à retroalimentação positiva de uma cultura fiel: vitória após vitória. Mas pode levar ao estágio três, a saber, esquecimento. Isso leva ao estágio quatro, *destruição*. Portanto, a graça *especial* é necessária para que se mantenha o relacionamento “fidelidade-bênção-fidelidade-bênção...” de retroalimentação positiva e crescimento composto. Mas a graça comum desempenha um papel claro no reforço do comprometimento dos homens com a lei-ordem de Deus.

Todos na sociedade hebraica, incluindo o estrangeiro que estava dentro dos portões, poderiam beneficiar-se do aumento das bênçãos externas. Portanto, o aspecto de maldição da relação entre “graça comum” e “maldição comum” poderia ser progressivamente removido, e a graça comum aumentaria, ou então a mera remoção da maldição comum daria a impressão de que a graça comum estaria aumentando. (Teólogos melhores do que eu podem debater este ponto.)

O Reforço da Graça Especial

No entanto, sem graça especial sendo estendida por Deus – sem conversões contínuas de homens – a retroalimentação positiva de Deutero-

nômio 8 não pode ser mantida. Uma redução desastrosa de bênçãos pode ser esperada por aqueles que não são regenerados se seus números estão se tornando dominantes na comunidade. Quando o regenerado Ló foi removido de Sodoma, e os homens não regenerados que tinham sido preparados para a destruição por Deus não estavam mais protegidos pela presença de Ló entre eles, a ruína *deles* veio logo depois (Gn. 18, 19). E os efeitos foram sentidos na família de Ló, pois sua esposa olhou para trás e sofreu as consequências de sua desobediência (19:26), e suas filhas cometeram pecado (19:30-38). Mas foi a presença de Ló entre eles que deteve a destruição (19:21-22).

O mesmo foi verdadeiro para Noé. Até que a arca fosse concluída, o mundo estava a salvo do grande dilúvio. O povo parecia estar prosperando. Matusalém viveu uma vida longa, mas depois dele, a expectativa de vida da humanidade declinou constantemente. Arão morreu aos 123 anos (Nm. 33:39). Moisés morreu aos 120 anos (Dt. 31:2). Mas essa longevidade não era normal, mesmo em seus dias. Em um salmo de Moisés, ele disse que “Os dias dos nossos anos são setenta anos; e se por causa do vigor, chegam a oitenta anos, mas toda sua força é afã e tristeza, porque logo passam, e voamos para longe” (Sl. 90:10). A maldição comum de Deus podia ser vista até mesmo na bênção de anos extras, mas a longevidade, que é uma bênção (Ex. 20:12), estava sendo removida por Deus da humanidade em geral.

O Livro de Isaías nos fala de uma futura restauração da longevidade. Esta bênção será dada a todos os homens, santos e pecadores. É, portanto, um sinal de graça comum estendida. É um presente para a humanidade em geral. Isaías 65:20 nos diz: “Não haverá mais naquele lugar um bebê de dias, nem um homem velho que não tenha completado os seus dias. Porque a criança morrerá com cem anos de idade; todavia, o pecador tendo cem anos de idade estará sob maldição.” O dom da longevidade virá, embora a maldição comum da vida longa se estenderá ao pecador, cuja longevidade será simplesmente tempo extra para ele preencher seus dias de iniquidade. No entanto, os bebês não morrerão, o que é um cumprimento da promessa de Deus a Israel, a saber, a ausência de abortos espontâneos (Ex. 23:26). Se há alguma passagem nas Escrituras que refuta absolutamente a posição amilenista, é esta. Esta não é uma profecia dos Novos Céus e Nova Terra em sua forma posterior ao juízo final, mas é uma profecia da manifestação anterior ao juízo final dos estágios preliminares dos Novos Céus e Nova Terra – um penhor (pagamento inicial) de nossas ex-

pectativas. Ainda há pecadores no mundo, e eles recebem vida longa. Mas para eles é uma maldição final, significando uma *maldição especial*. É uma maldição especial porque essa vida excepcionalmente longa é uma bênção comum – a redução da *maldição comum*. Novamente, precisamos do conceito de graça comum para dar sentido tanto à graça especial quanto à maldição comum. A graça comum (maldição comum reduzida) traz maldições especiais aos rebeldes.

Haverá paz na terra estendida aos homens de boa vontade (Lc. 2:14). Mas isso significa que também haverá paz na terra estendida aos homens maus. A paz é dada aos justos como uma recompensa por sua fidelidade à aliança. É dada aos não regenerados para amontoar brasas de fogo sobre suas cabeças e também para atrair rebeldes que vivem nos últimos dias para uma rebelião final contra Deus.

Juízo Final e Graça Comum

Uma compreensão da graça comum é essencial para uma compreensão do ato final da história humana antes do juízo de Deus. Na medida em que este ensaio contribua com algo novo para a teologia cristã, esta contribuição está em sua compreensão da rebelião final dos não-regenerados. A rebelião final tem sido usada por aqueles que se opõem ao pós-milenismo como prova final de que não haverá fé na terra entre as massas de homens quando Cristo retornar. O diabo será solto por um pequeno período no fim dos tempos, significando que seu poder sobre as nações retorna a ele com força total (Ap. 20:3). No entanto, essa rebelião é de curta duração. Ele cerca a cidade santa (ou seja, a igreja dos fiéis), apenas para ser abatido no juízo final (Ap. 20:7-15). Portanto, concluem os críticos do pós-milenismo, há uma resposta negativa retumbante à pergunta de Cristo: “Quando, porém, vier o Filho do homem, porventura achará fé na terra?” (Lc. 18:8). Onde, então, está a suposta vitória?

A doutrina da graça comum nos fornece a resposta bíblica. *A lei de Deus é a principal forma de graça comum*. Ela está escrita nos corações dos crentes, conforme lemos em Hebreus, capítulos oito e dez, mas a obra da lei está escrita no coração de cada homem. Assim, a obra da lei é universal – comum. Este acesso à lei de Deus é o fundamento do cumprimento do pacto de domínio para subjugar a terra (Gn. 1:28). O comando foi dado a todos os homens por meio de Adão; foi reafirmado por Deus com a família de Noé (Gn. 9:1-7). As promessas de bênçãos externas de Deus são condi-

APÊNDICE C

cionais ao cumprimento das leis externas pelo homem. A razão pela qual os homens podem obter as bênçãos é porque o conhecimento da obra da lei é comum. É por isso que pode haver cooperação externa entre cristãos e não cristãos para certos fins terrenos.

De tempos em tempos, os incrédulos são capacitados por Deus a aderir mais estreitamente à obra da lei que está escrita em seus corações. Esses períodos de adesão cultural podem durar séculos, pelo menos com relação a alguns aspectos da cultura humana (artes, ciência, filosofia). Os gregos mantiveram um alto nível de cultura dentro dos limites estritos das cidades-estado gregas por alguns séculos. Os chineses mantiveram sua cultura até que ela estagnou, em resposta à filosofia confucionista, no que chamamos de Idade Média. Mas no Ocidente, a capacidade dos não regenerados de agir em conformidade mais próxima com a obra da lei escrita em seus corações tem sido o resultado da liderança histórica fornecida pelo triunfo cultural do cristianismo. Em suma, a graça especial aumentou, levando a uma extensão da graça comum por toda a cultura ocidental. O crescimento econômico aumentou; de fato, o conceito de crescimento linear e composto é exclusivo do Ocidente, e os fundamentos dessa crença foram lançados pelos reformadores que sustentaram a escatologia conhecida como pós-milenismo. Expectativas de vida mais longas também surgiram no Ocidente, principalmente devido à aplicação da tecnologia às condições de vida. A tecnologia aplicada é, por sua vez, um produto do cristianismo¹¹ e especialmente do cristianismo protestante.¹²

Na era profetizada por Isaías, os incrédulos mais uma vez conhecerão os benefícios da lei de Deus. Eles não mais distorcerão a revelação de Deus para eles. *O avaro não será mais chamado de generoso*. A lei será respeitada pelos incrédulos. Isso significa que eles se afastarão de uma adoração aberta e consistente dos deuses do caos e da filosofia da aleatoriedade absoluta, incluindo a aleatoriedade evolucionária. Eles participarão das bênçãos trazidas a eles pela pregação de todo o conselho de Deus, inclusive

¹¹ Stanley Jaki, *The Road of Science and the Ways to God* (Chicago: University of Chicago Press, 1978); *Science and Creation: From eternal cycles to an oscillating universe* (Edinburgh and London: Scottish Academic Press, [1974] 1980).

¹² Robert K. Merton, *Social Theory and Social Structure* (rev. ed.; New York: Free Press of Glencoe, 1957), cap. 18: "Puritanism, Pietism, and Science"; E. L. Hebdon Taylor, "The Role of Puritanism-Calvinism in the Rise of Modern Science," *The Journal of Christian Reconstruction*, VI (Verão de 1979); Charles Dykes, "Medieval Speculation, Puritanism, and Modern Science," *ibid.*

Sua lei. A terra será sujeita à glória de Deus, inclusive o mundo cultural. Os incrédulos cumprirão seus papéis na realização dos termos do pacto de domínio.

É por isso que uma teologia que é ortodoxa deve incluir uma doutrina de graça comum que esteja intimamente relacionada à lei bíblica. A lei não salva as almas dos homens, mas *salva seus corpos e sua cultura*. Cristo é o salvador de todos, especialmente aqueles que são os eleitos (1 Tm. 4:10).

Avivalismo Antinomiano vs. Reconstrução

As bênçãos e a vitória cultural ensinadas pela Bíblia (e adequadamente frisadas pelos pós-milenistas) não serão produtos de alguma forma de reavivamento pietista e semimonástico. A pregação “meramente soteriológica” do pietismo – a salvação de almas pela graça especial – não é suficiente para trazer as vitórias preditas na Bíblia. Todo o conselho de Deus deve e será pregado. Isso significa que a lei de Deus será pregada. As bênçãos externas virão em resposta à fidelidade pactual do povo de Deus. A maioria dos homens será convertida. Os não convertidos não seguirão sua filosofia do caos às suas conclusões lógicas, pois tal filosofia leva à impotência absoluta. Ela joga fora a ferramenta de reconstrução, a lei bíblica.

O grande defeito do reavivamento pós-milenista inaugurado por Jonathan Edwards e seus seguidores no século XVIII foi sua negligência da lei bíblica. Eles esperavam ver as bênçãos de Deus virem como resultado de uma pregação meramente soteriológica. Veja o *Tratado sobre as Afeições Religiosas* de Edwards. Não há nada sobre a lei de Deus na cultura. Página após página se encontra repleta das palavras “doce” e “doçura”. Um leitor diabético quase arriscaria sofrer uma recaída ao ler aquele livro de uma só vez. As palavras às vezes aparecem quatro ou cinco vezes em uma página. E, enquanto Edwards pregava a doçura de Deus, os semianalfabetos armínianos estavam “evangelizando fervorosamente” a Santa Comunidade de Connecticut em direção ao antinomianismo político.¹³ Quando se trata de doçura e de arroubos emocionais, a pregação calvinista não é páreo para

¹³ Sobre a oposição à tolerância de Edwards ao avivalismo, não por parte de teólogos liberais, mas pastores calvinistas ortodoxos, veja Richard L. Bushman, *From Puritan to Yankee* (Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1967). Bushman também explica como o Grande Despertar foi um desastre para os remanescentes legais da lei bíblica na colônia de Connecticut. A ordem política foi forçada a se amoldar ao neutralismo teológico, o que por sua vez auxiliou a ascensão do deísmo e do liberalismo.

sermões antinomianos. O esperado avivamento do séc. XVIII se tornou o avivamento arminiano do início do séc. XIX, deixando distritos queimados pelo emocionalismo, seitas e o movimento abolicionista[†] como seu legado devastador. Como a pregação pós-milenista dos edwardianos era culturalmente antinomiana e pietista, ela paralisou os remanescentes da ordem política calvinista nas colônias da Nova Inglaterra, ajudando a produzir um vácuo que o arminianismo e depois o unitarismo preencheram.

O progresso cultural, econômico e político está intimamente ligado à extensão e aplicação da lei bíblica. As bênçãos prometidas em Romanos, capítulo onze, a respeito dos efeitos da conversão prometida de Israel (não necessariamente o estado de Israel) ao evangelho, serão em parte o produto da lei bíblica.¹⁴ Mas essas bênçãos não incluem necessariamente a regeneração universal. As bênçãos requerem apenas a expansão da cultura cristã. Para o progresso de longo prazo da cultura, é claro, esse aumento da graça comum (ou redução da maldição comum) deve ser reforçado (rejuvenescido e renovado) por meio da graça especial – conversões. Mas

[†] North aqui refere-se ao secularismo e ao distanciamento dos fundamentos bíblicos para lei e ordem política inerentes a tais movimentos, os quais, no fim, entre outros fatores, contribuíram para o desencadeamento da Guerra Civil Americana (cf. Gary North, *Political Polytheism* [Institute for Christian Economics, 1989], pg. 264) [N. R.]

¹⁴ O excelente comentário de John Murray, *The Epistle to the Romans* (Grand Rapids, Michigan: Eerdmans, 1965), contém uma análise extensa de Romanos 11, a seção que trata da futura conversão dos judeus. Murray enfatiza que a reintegração de Israel por Deus leva a bênçãos da aliança sem paralelo na história humana. Mas o Israel mencionado em Romanos 11, argumenta Murray, não é o Israel nacional ou político, mas a semente natural de Abraão. Isso parece significar o Israel genético.

Um grande problema histórico surge neste ponto. Há algumas evidências (embora não conclusivas) de que a maior parte dos conhecidos hoje como judeus asquenazes são herdeiros de uma tribo convertida do povo turco, os cazares. É bem conhecido entre os estudiosos da história europeia que tal conversão ocorreu por volta de 740 d.C. Os judeus da Europa Oriental e da Rússia podem ter vindo dessa linhagem. Eles se casaram com outros judeus, no entanto: os judeus sefarditas ou da diáspora, que fugiram principalmente para a Europa Ocidental. Os judeus iemenitas, que permaneceram na terra da Palestina, também são descendentes de Abraão. A contra-evidência contra essa tese dos cazares como judeus modernos é principalmente linguística: o iídiche não carrega vestígios de nenhuma língua túrquicas. Sobre o reino dos cazares, veja Arthur Koestler, *The Thirteenth Tribe: The Khazar Empire and Its Heritage* (Nova York: Random House, 1976). Se o Israel mencionado em Romanos 11 é primordialmente genético, então pode não ser necessário que todos os judeus sejam convertidos. Qual é o sentido, então, de judeu em Romanos 11? Pactual? Escrevi para Murray no final dos anos 1960 para obter sua opinião sobre as implicações dos cazares para sua exegese de Romanos 11, mas ele não respondeu.

as bênçãos podem permanecer por uma geração ou mais após a graça especial ter sido removida, e até onde os benefícios externos podem ser medidos, não será possível dizer se as bênçãos são parte do *programa de retroalimentação positiva* (Dt. 8:18) ou um *prelúdio para o juízo de Deus* (Dt. 8:19-20). Deus respeita Suas alianças condicionais e externas. A conformidade externa à Sua lei ganha bênçãos externas. Estas, em última análise (e no juízo final), produzem brasas para cabeças não regeneradas.

Regeneração Universal?

O sistema pós-milenista requer uma doutrina de graça comum e maldição comum. Não requer uma doutrina de regeneração universal durante o período de bênçãos milenares. Na verdade, nenhum calvinista pós-milenista pode se dar ao luxo de ficar sem uma doutrina de graça comum – uma que vincule bênçãos *externas* ao cumprimento de pactos *externos*. É necessário que haja um período de bênçãos externas durante a geração final. Algo deve manter essa cultura unida para que Satanás possa mais uma vez sair e enganar as nações. O calvinista nega que os homens possam “perder sua salvação”, ou seja, seu status de regenerado. Os rebeldes não são homens “anteriormente regenerados”. Mas são homens com poder, ou pelo menos com a aparência de poder. Eles são poderosos o suficiente para se iludirem de que podem destruir o povo de Deus. E o poder, como tentei enfatizar ao longo deste ensaio, não é o produto de uma filosofia antinômiana ou orientada para o caos. A própria existência de uma cadeia de comando militar exige um conceito de lei e ordem. Satanás comanda um exército naquele dia final.

A visão pós-milenista do futuro pinta um quadro de bênçãos historicamente incomparáveis. Ela também fala de uma rebelião final que leva ao juízo total e final de Deus. Como os homens longevos nos dias de Matusalém, o juízo vem sobre eles em meio ao poder, prosperidade e bênçãos externas. Deus tem sido gracioso com todos eles ao máximo de Sua graça comum. Ele tem sido gracioso em resposta à fidelidade da aliança deles à Sua lei-ordem *civil*, e para amontoar o máximo possível de brasas sobre suas cabeças. Em contraste com a visão amilenista do futuro de Van Til, devemos dizer: *Quando a graça comum é estendida aos seus limites máximos possíveis na história, então chega a ruína – ruína para os rebeldes.*

Autoconsciência Epistemológica e Cooperação

APÊNDICE C

Van Til escreve: “Mas quando todos os réprobos foram epistemologicamente autoconscientes, virá a ruína. Os réprobos totalmente autoconscientes farão tudo que puderem em cada dimensão para destruir o povo de Deus.” No entanto, Van Til escreveu em outro lugar que o rebelde contra Deus é como uma criança pequena que tem que sentar no colo do pai para dar um tapa em seu rosto. O que, então, pode significar o conceito de aumento da autoconsciência epistemológica?

À medida que o trigo e o joio crescem até a maturidade, argumenta o amilenista, o joio se torna cada vez mais forte culturalmente, enquanto o trigo se torna cada vez fraco. Considere o que está sendo dito. À medida que os cristãos operam sua própria salvação com temor e tremor, aprimorando seus credos, aprimorando sua cooperação uns com os outros com base na concordância sobre os credos, à medida que aprendem sobre a lei de Deus conforme ela se aplica em sua própria era, à medida que se tornam habilidosos em aplicar a lei de Deus que aprenderam, eles se tornam culturalmente impotentes. Eles também se tornam inférteis, ao que parece. Eles não se tornam frutíferos e se multiplicam. Ou se eles fazem o melhor para seguir este mandamento, eles são deixados sem a bênção de Deus – uma bênção que Ele prometeu àqueles que seguem as leis que Ele estabeleceu. Em suma, o aumento da autoconsciência epistemológica por parte dos cristãos leva à impotência cultural.

Estou diante de uma conclusão desagradável: *a versão amilenista da doutrina da graça comum é inescapavelmente antinomiana*. Ela argumenta que Deus não respeita mais Sua lei-ordem pactual, que o ensino de Deuteronômio sobre a lei pactual é inválido nos tempos do Novo Testamento. A única maneira de o amilenista evitar a acusação de antinomianismo é abandonar o conceito de autoconsciência epistemológica crescente. Ele deve encarar o fato de que, para atingir a impotência cultural, os cristãos, portanto, não devem aumentar em conhecimento e fidelidade ao pacto. (Admitidamente, a condição do cristianismo do século XX parece reforçar essa atitude sobre a autoconsciência epistemológica entre os cristãos.)

Considere a outra metade do dito de Van Til. À medida que a autoconsciência epistemológica dos não regenerados aumenta, e eles aderem cada vez mais às suas premissas epistemológicas das origens da matéria a partir do caos, e o retorno final de toda a matéria à aleatoriedade pura, essa filosofia do caos os torna confiantes. O cristão é humilde diante de Deus, mas confiante diante da criação que ele deve sujeitar. Essa confiança

leva o cristão à derrota e ao desastre final, dizem os amilenistas, que creem no aumento da autoconsciência epistemológica. Por outro lado, o rebelde é arrogante diante de Deus e alega que toda a natureza é governada pelas leis probabilidades desprovidas de sentido – caos absoluto. Ao mergulharem na filosofia do caos, os descrentes são capazes de emergir totalmente vitoriosos por toda a face da terra, diz o amilenista, uma vitória que é interrompida apenas pela intervenção física de Jesus Cristo no juízo final. Um compromisso com a iniquidade, na versão amilenista da graça comum, leva à vitória externa. Como pode ser assim?

O Amilenismo Inverte as Coisas

Deve estar claro agora que a versão amilenista da relação entre a lei bíblica e a criação está completamente invertida. Sem dúvida, Satanás desejaria que fosse uma visão verdadeira. Ele quer que seus seguidores acreditem nisso. Mas como um cristão consistente poderia fazê-lo? Como um cristão poderia acreditar que a adesão à lei bíblica produz impotência cultural, enquanto o comprometimento com o caos filosófico – a religião da revolução satânica – leva à vitória cultural? Não há dúvida em minha mente de que os amilenistas não querem ensinar tal doutrina, mas é para lá que seu pessimismo amilenista inevitavelmente leva. Os calvinistas holandeses pregam o mandato cultural (o pacto de domínio), mas simultaneamente pregam que ele não pode ser cumprido. Mas a lei bíblica é fundamental para o cumprimento do mandato cultural. Portanto, o amilenista que prega a obrigação de tentar cumprir o mandato cultural sem a lei bíblica, se mergulha ou no campo dos cultos do caos (místicos, revolucionários) ou no campo dos filósofos da lei natural e do terreno comum. Existem apenas quatro possibilidades: lei revelada, lei natural, caos ou uma mistura.

Isso me leva ao meu próximo ponto. É um tanto especulativo e pode não ser completamente preciso. No entanto, é uma ideia que deve ser desenvolvida, para que vejamos se é precisa. Acho que a razão pela qual a filosofia de Herman Dooyeweerd, o filósofo holandês do direito, teve algum impacto temporário nos círculos intelectuais calvinistas holandeses no final dos anos 1960 e início dos anos 1970 é que a teoria de Dooyeweerd sobre a soberania das esferas – leis de esferas que *não* devem ser preenchidas por meio da lei revelada do Antigo Testamento – é consistente com a versão amilenista (holandesa) do mandato cultural. O sistema de Dooye-

APÊNDICE C

weerd e o amilenismo holandês são essencialmente antinomianos. É por isso que escrevi meu ensaio de 1967, “Antinomianismo Social”, em resposta ao professor dooyeweerdiano da Universidade Livre de Amsterdã, A. Troost.¹⁵

Ou os Dooyeweerdianos acabarão como místicos, ou então tentarão criar um novo tipo de “filosofia do terreno comum” para conectar crentes e incrédulos. É a resistência declarada de Dooyeweerd à autoridade do Antigo e do Novo Testamento sobre o *conteúdo* de suas hipotéticas leis de esferas que levou seus seguidores cada vez mais radicais e antinomianos a caminhos anticristãos. Você não pode pregar o pacto de domínio e então dar meia-volta e negar a eficácia da lei bíblica na cultura. No entanto, é isso que todos os adeptos holandeses do conceito de graça comum fizeram. Eles negam a eficácia cultural da lei bíblica, por necessidade, porque suas interpretações escatológicas os levaram a concluir que não pode haver vitória cultural externa no tempo e na terra por cristãos fiéis. A autoconsciência epistemológica aumentará, mas as coisas só pioram com o tempo.

Se você prega que a lei bíblica produz “retroalimentação positiva”, tanto pessoal quanto culturalmente – que Deus recompensa os que guardam o pacto e pune os que o violam no tempo e na terra – então você está pregando um sistema de crescimento positivo. Você está pregando o pacto do domínio. Somente por meio da negação de que há qualquer relação entre a obediência ao pacto e o sucesso externo na vida – uma negação tornada explícita por Meredith G. Kline¹⁶ – é que se torna possível fugir das implicações pós-milenistas da lei bíblica. É por isso que é estranho que Greg Bahnsen insista – talvez por razões estratégicas – em apresentar sua

¹⁵ Gary North, *The Sinai Strategy: Economics and the Ten Commandments* (Tyler, Texas: Institute for Christian Economics, 1986), Apêndice C: “Social Antinomianism.”

¹⁶ Kline diz que qualquer conexão entre bênçãos e obediência ao pacto é, humanamente falando, arbitrária. “E, nesse meio tempo, [a ordem da graça comum] deve seguir seu curso dentro das incertezas dos princípios mutuamente condicionantes da graça comum e da maldição comum, com prosperidade e adversidade sendo experimentadas de uma forma em grande parte imprevisível, por causa da soberania inescrutável da vontade divina que as dispensa de maneiras misteriosas.” Kline, *op. cit.*, p. 184. O Dr. Kline obviamente nunca considerou por que os prêmios de seguro de vida e de saúde são mais baratos em sociedades influenciadas pelo cristianismo do que em sociedades pagãs. Aparentemente, as bênçãos de longevidade prometidas na Bíblia são suficientemente não-arbitrárias e “escrutáveis” para que os estatísticos que aconselham as companhias de seguros possam detectar diferenças estatisticamente relevantes entre as sociedades.

defesa da lei bíblica à parte de seu conhecido pós-milenismo.¹⁷ Kline atacou ambas as doutrinas de Bahnsen em sua crítica à *Teonomia*,¹⁸ e Bahnsen, em seu ensaio de refutação, respondeu às críticas de Kline à sua escatologia pós-milenista, mas ele novamente nega que a escatologia seja logicamente relacionada à ética bíblica.¹⁹ Mas Kline estava correto: há inquestionavelmente uma conexão necessária entre um conceito *pactual* da lei bíblica e escatologia. Kline rejeita a ideia de uma lei-ordem pactual do Novo Testamento, e ele também rejeita o pós-milenismo.

Os calvinistas amilenistas continuarão a ser afligidos por dooyeweerdianos, místicos, defensores de concessões à lei natural e antinomianos de todos os tipos até que finalmente abandonem sua escatologia amilenista. Ademais, a lei bíblica deve ser pregada. Deve ser vista como a ferramenta de reconstrução cultural. Deve ser vista como operando *agora*, nos tempos da Nova Aliança. Deve ser reconhecido que há uma relação entre fidelidade pactual e obediência à lei – que sem obediência não há fidelidade, não importa o quão emocionais os crentes possam se tornar, ou quão doce o evangelho seja ao paladar (por um tempo). E há bênçãos que seguem a obediência à lei-ordem de Deus. Os amilenistas, ao pregarem a impotência escatológica no que tange à cultura, afundam assim em areia movediça – a areia movediça do antinomianismo. Algumas areias são mais movediças do que outras. Eventualmente, elas engolem qualquer um que seja tolo a ponto de tentar atravessá-las. O antinomianismo leva aos abismos da impotência e do recuo.

Autoconsciência Epistemológica

O que significa autoconsciência epistemológica? Significa uma maior compreensão ao longo do tempo das pressuposições adotadas, e uma

¹⁷ O que esses estudos apresentam é uma posição para a *ética* (normativa) cristã. Eles *não* comprometem logicamente os que concordam com eles a nenhuma escola específica de interpretação *escatológica*.” Greg L. Bahnsen, *By This Standard: The Authority of God’s Law Today* (Tyler, Texas: Institute for Christian Economics, 1985), pg. 8. Ele está correto: logicamente, não há conexão. Pactualmente, as duas doutrinas são inescapáveis: quando a lei é pregada, há bênçãos; bênçãos inescapavelmente levam à vitória.

¹⁸ Kline, *op. cit.*

¹⁹ Greg L. Bahnsen “M. G. Kline on Theonomic Politics: An Evaluation of His Reply,” *Journal of Christian Reconstruction*, VI (Winter, 1979-80), No. 2, esp. pg. 215.

maior disposição para colocá-las em prática. Ela afeta tanto o trigo quanto o joio. De que maneiras o trigo se assemelha ao joio? De que maneiras eles são diferentes? Os anjos viram as diferenças imediatamente. Deus, portanto, os impediu de arrancar o joio. Ele queria preservar o solo – o processo histórico. Portanto, o desenvolvimento pleno do trigo e do joio é permitido por Deus.

O que deve ser compreendido aqui é que *a doutrina da graça especial na história envolve necessariamente a doutrina da graça comum*. À medida que os cristãos se desenvolvem até a maturidade, eles se tornam mais poderosos. Este não é um desenvolvimento em linha reta. Há tempos de gafanhotos, pragas e secas, tanto para os cristãos quanto para os satanistas (humanistas). Há avanço e recuo, mas sempre há direção para o movimento. Há maturidade. Os credos são aprimorados. Isso, por sua vez, dá aos cristãos poder cultural. Por acaso é de se admirar que a Confissão de Fé de Westminster tenha sido elaborada no auge do controle dos puritanos sobre a Inglaterra? Melhorias nos credos são culturalmente inúteis? Melhorias nos credos e no entendimento teológico levam necessariamente à impotência cultural? Bobagem! Foi a Reforma que tornou possível a ciência e a tecnologia modernas.

Do outro lado do campo – de fato, bem ao lado do trigo – a autoconsciência dos incrédulos também aumenta. Mas eles nem sempre se tornam mais convencidos de suas raízes no caos. O Renascimento foi bem-sucedido em engolir os frutos da Reforma apenas na medida em que era um pálido reflexo da Reforma. Os líderes do Renascimento rapidamente abandonaram os magos demonicamente inspirados como Giordano Bruno.²⁰ Eles podem ter mantido o humanismo de um Bruno, mas, depois de 1600, o compromisso aberto com o que é de natureza demoníaca recuou. Em seu lugar, veio o racionalismo, o deísmo e a lógica de um mundo ordenado. Eles usaram premissas roubadas e ganharam poder. Tão convincente era essa visão de uma realidade matematicamente autônoma que cristãos como Cotton Mather aclamaram a nova ciência da mecânica newtoniana como essencialmente cristã. Estava tão próxima das visões cristãs do ser ordenado de Deus e do reflexo de Sua ordem na criação, que os cristãos abraçaram a nova ciência sem hesitação.

²⁰ Sobre a magia do início do Renascimento, veja Frances Yates, *Giordano Brnno and the Hermetic Tradition* (Nova York: Vintage, [1964] 1969).

O que vemos, então, é que os cristãos não eram totalmente autoconscientes epistemologicamente, e nem os pagãos. Na época dos apóstolos, havia uma maior consciência epistemológica entre os líderes de ambos os lados. A igreja foi perseguida e venceu. Houve então um declínio, e ambos os lados recaíram em pensamento confuso. A tentativa, por exemplo, de Juliano, o Apóstata, de reviver o paganismo no final do século IV foi ridícula – era um paganismo desprovido de convicção, na melhor das hipóteses. Dois séculos antes, Marco Aurélio, um verdadeiro rei-filósofo na tradição de Platão, fora um grande perseguidor dos cristãos; Justino Mártir morreu sob seus anos como imperador. Mas seu filho depravado, Cómodo, estava ocupado demais com suas 300 concubinas e 300 homens²¹ para se preocupar com perseguições sistemáticas. Quem era mais autoconsciente, epistemologicamente falando? Aurélio ainda tinha a luz da razão diante de si; seu filho estava imerso na religião da revolução – culturalmente impotente. Ele estava mais disposto do que seu pai filósofo-perseguidor a seguir a lógica de sua fé satânica. Ele preferia a devassidão ao poder. Cómodo foi assassinado 13 anos depois de se tornar imperador. O senado determinou que seu nome fosse execrado.²²

Se um investigador moderno desejasse ver uma cultura pagã tão plenamente consistente quanto se poderia imaginar, ele poderia visitar a tribo africana, os Ik. Colin Turnbull o fez, e seu livro, *The Mountain People* [O Povo da Montanha] (1973), é um clássico. Ele encontrou uma rebelião quase total contra a lei – lei familiar, lei cívica, toda lei em si. No entanto, ele também encontrou um povo totalmente impotente e derrotado que estava se extinguindo rapidamente. Eles eram inofensivos para o Ocidente porque eram mais autoconsistentes do que os satanistas do Ocidente.

O Desafio Marxista

Os marxistas, por outro lado, *são* uma ameaça. Eles acreditam na história linear (pelo menos oficialmente – todavia, seu sistema é, em essência, cíclico).²³ Eles acreditam em lei. Eles acreditam em destino. Eles acreditam

²¹ Edward Gibbon, *The History of the Decline and Fall of the Roman Empire*, Milman edition, 5 Vols. (Philadelphia: Porter & Coates, [1776]), I, pg. 144.

²² Ethelbert Stauffer, *Christ and the Caesars* (Philadelphia: Westminster Press, 1955), pg. 223.

²³ Gary North, *A Religião da Revolução de Max: Regeneração Através do Caos* (Editora Senso Comum, 2024), pp. 171-173

APÊNDICE C

que a história possui um sentido. Eles acreditam em estágios históricos, embora não em estágios eticamente determinados, como os que encontramos no Deuteronômio. Eles acreditam na ciência. Eles acreditam na literatura, na propaganda e no poder da palavra escrita. Eles acreditam no ensino superior. Em suma, eles têm uma filosofia que é uma espécie de imagem espelhada perversa da ortodoxia cristã. Eles são perigosos, não porque agem consistentemente com sua filosofia última do caos, mas porque limitam a função do caos a uma única área: a transformação revolucionária da cultura burguesa. (Refiro-me aqui principalmente dos marxistas soviéticos.) E onde eles estão ganhando adeptos? No Ocidente cada vez mais impotente, existencialista e antinomiano. Até o Ocidente abandonar seu remanescente de cultura cristã, o marxismo pôde florescer apenas nas áreas subdesenvolvidas e basicamente pagãs do mundo. Uma filosofia essencialmente ocidental de otimismo encontrou adeptos entre os intelectuais do Extremo Oriente, África e América Latina, que viram a infrutífera estagnação e relativismo confucionista, a impotência do ritualismo demoníaco ou a ausência de perspectiva de futuro do culto a demônios. O marxismo é poderoso apenas na medida em que possui os aparatos do agostinianismo, juntamente com subsídios, especialmente subsídios tecnológicos e crédito de longo prazo, da indústria ocidental.

Há ironia aqui. Marx acreditava que o “socialismo científico” triunfaria apenas nas nações que tivessem experimentado o desenvolvimento total do capitalismo. Ele acreditava que, na maioria dos casos (possivelmente com exceção da Rússia), as áreas rurais tinham que abandonar o feudalismo e desenvolver uma cultura totalmente capitalista antes que a revolução socialista fosse bem-sucedida. No entanto, foi principalmente nas regiões rurais do mundo que as ideias e grupos marxistas foram bem-sucedidos pela primeira vez. O Ocidente industrializado ainda era muito cristão ou muito pragmático (reconhecendo que “a honestidade é a melhor política”) para capitular aos marxistas, exceto imediatamente após uma guerra perdida.

Os marxistas há muito dominam os corpos docentes das universidades latino-americanas, mas não das universidades dos EUA. Em 1964, por exemplo, não havia meia dúzia de economistas marxistas declarados ensinando em universidades americanas (e possivelmente apenas um, Paul Baran, de Stanford). Desde 1965, no entanto, os acadêmicos de persuasão marxista da Nova Esquerda se tornaram uma força a ser reconhecida em

todas as ciências sociais, inclusive a economia.²⁴ O ceticismo, o pessimismo, o relativismo e a irrelevância da educação “neutra” moderna deixaram os corpos docentes sem uma defesa adequada contra marxistas confiantes, estridentes e vociferantes, principalmente marxistas jovens, que começaram a aparecer nos campi depois de 1964. A putrefação epistemológica deixou os acadêmicos liberais ligados ao establishment com pouco mais do que estabilidade no emprego para protegê-los.²⁵

Desde 1965, no entanto, o marxismo fez mais incursões entre os jovens intelectuais do Ocidente industrializado do que em qualquer outro momento desde a década de 1930 – uma era anterior de pessimismo e ceticismo sobre valores e tradições estabelecidos. Os marxistas são bem-sucedidos entre os selvagens, seja na África ou em Harvard – selvagens epistemológicos. O marxismo oferece uma alternativa ao desespero. Ele tem os aparatos do otimismo. Ele tem os aparatos do cristianismo. Ele ainda é um sistema do século XIX, que se aproveita do capital intelectual de um universo intelectual mais cristão. Esses aparatos da ordem cristã são a fonte da influência do marxismo em um mundo cada vez mais relativista.

A Rebelião Final de Satanás

Nos últimos dias desta era final na história humana, os satanistas ainda conservarão os aparatos da ordem cristã. Satanás terá de se sentar no colo de Deus, por assim dizer, para dar um tapa em Seu rosto – ou tentar fazê-lo. Satanás não pode ser consistente com sua própria filosofia de ordem autônoma e ainda ser uma ameaça a Deus. Uma ordem autônoma leva ao caos e à impotência. Ele sabe que não há terreno neutro na filosofia. Ele sabia que Adão e Eva morreriam espiritualmente no dia em que comessem o fruto. Ele é um teólogo bom o suficiente para saber que há um Deus, e ele e seu exército tremem ao pensar nisso (Tg. 2:19). Quando os homens demoníacos levam a sério suas mentiras sobre a natureza da realidade, eles se tornam impotentes, escorregando para fora (ou quase para fora) do colo de Deus. Os satanistas se tornam perigosos apenas

²⁴ Martin Bronfenbrenner, “Radical Economics in America: A 1970 Survey,” *Journal of Economic Literature*, VIII (Sept. 1970).

²⁵ Gary North, “The Epistemological Crisis of American Universities,” em Gary North (ed.), *Foundations of Christian Scholarship: Essays in the Van Til Perspective* (Vallecito, Califórnia: Ross House Books, 1976).

quando percebem que a filosofia oficial de Satanás de caos e ilegalidade antinomiana é uma *mentira* (Marxistas, mais uma vez, são mais perigosos para a América do que os Ik.) Eles aprendem mais sobre a verdade, mas a pervertem e tentam usá-la contra o povo de Deus.

Assim, o significado bíblico da autoconsciência epistemológica não é que o satanista se torne consistente com a filosofia oficial de Satanás (caos), mas sim que a hoste de Satanás se torne consistente com o que Satanás *realmente* acredita: que a ordem, a lei e o poder são o produto da odiada ordem de Deus. Eles aprendem a usar a lei e a ordem para construir um exército de conquista. Em suma, *eles usam a graça comum* – conhecimento da verdade – *para perverter a verdade e atacar o povo de Deus*. Eles se afastam de um conhecimento falso oferecido a eles por Satanás e adotam uma forma pervertida da verdade para usá-la em seus planos rebeldes. Eles *amadurecem*, em outras palavras. Ou, como C. S. Lewis pôs na boca de seu personagem fictício, o demônio sênior Maldonado, quando os materialistas finalmente acreditarem em Satanás, mas não em Deus, então a guerra chegará ao fim.²⁶ Não exatamente; quando eles acreditarem em Deus, saberão que Ele vencerá, porém atacam com fúria – não uma fúria cega, mas uma *fúria totalmente autoconsciente* – as obras de Deus, *então* a guerra chegará ao fim.

Cooperação

Como, então, podemos cooperar com tais homens? Simplesmente com base na graça comum. *A graça comum ainda não se desenvolveu plenamente*. Mas essa cooperação deve ser pelos interesses do reino de Deus. Devemos determinar se uma associação *ad hoc* específica é benéfica ou não em termos de padrões estabelecidos na lei bíblica. A graça comum não é um terreno comum; não há um terreno comum unindo os homens, exceto pela imagem de Deus em cada homem.

Devido ao fato de que a conformidade externa aos termos da lei bíblica produz resultados visivelmente bons – contrários à teoria do Prof. Kline sobre a misteriosa vontade de Deus na história – os incrédulos, por um tempo, estarão dispostos a adotar esses princípios, uma vez que buscam os frutos da cultura cristã. Em suma, alguns satanistas éticos respondem ao conhecimento da lei de Deus escrita em seus corações. Eles têm

²⁶ C. S. Lewis, *Cartas de um diabo a seu aprendiz* (Thomas Nelson Brasil, 2017), Carta 7.

um grande grau de conhecimento sobre a criação de Deus, mas ainda não estão dispostos a atacar o mundo da lei de Deus. Eles têm conhecimento por meio da graça comum, mas ainda não veem o que isso significa para suas próprias ações. (Até certo ponto, os comunistas veem, mas ainda não levaram isso adiante; eles não lançaram um ataque final contra o Ocidente.)

A essência da rebelião de Adão não era intelectual; era *ética*. Ninguém argumentou isso com mais força do que Van Til. A mera adição de conhecimento ao ou pelo homem não-regenerado não altera a essência de seu status diante de Deus. Ele ainda é um rebelde, mas pode possuir conhecimento. O conhecimento pode ser aplicado à criação de Deus e produzir resultados benéficos. O conhecimento também pode produzir um holocausto. O problema é ética, não o conhecimento. Assim, os homens podem cooperar em termos de conhecimento mutuamente compartilhado; em última instância, eles não podem cooperar em termos de uma ética mutuamente compartilhada.

E quanto à *maldição especial*? Qual é a relação ética do rebelde ético com Deus? A graça comum aumenta a maldição especial do homem não-regenerado. Quando a graça comum aumenta ao máximo, a maldição especial de Deus é revelada: rebelião total do homem contra a *verdade* de Deus e *em termos da graça comum* – conhecimento, poder, riqueza, prestígio, etc. – de Deus, levando ao juízo final. Deus remove parte de Sua restrição no final: a restrição à destruição suicida. Ele permite que eles alcancem a morte que amam (Pv. 8:36b). Mas eles ainda têm poder e riqueza, como no Império Babilônico na noite em que caiu.

Os pagãos podem nos ensinar sobre física, matemática, química e muitos outros tópicos. Como isso é possível? Porque a graça comum aumentou. Eles tiveram vários séculos de liderança de cristãos, bem como figuras do Iluminismo que adotaram uma filosofia de coerência que, no mínimo, se assemelhava à doutrina cristã da providência. Eles não podem manter a cultura unida em termos de sua filosofia do caos – o ponto de vista oficial de Satanás – mas ainda podem fazer descobertas importantes. Eles usam capital roubado, em todos os sentidos.

Os Cristãos Devem Liderar

Quando há avivamento cristão e a pregação e aplicação de todo o conselho de Deus, então os cristãos podem novamente assumir a posição de

liderança real. Os incrédulos também podem fazer contribuições à sujeição da terra porque serão chamados de volta à obra da lei escrita em seus corações. A graça comum aumentará em todo o mundo. Mas os cristãos devem ser extremamente cuidadosos para observar sinais de desvio ético por parte daqueles que aparentemente são colaboradores úteis no reino. Pode haver cooperação para objetivos externos – o cumprimento do pacto de domínio que foi dado a todos os homens – mas não no reino da ética. Devemos observar os soviéticos para ver como *não* construir uma sociedade. Devemos construir medidas defensivas em resposta às suas ofensivas militares. Não devemos adotar sua visão da ética proletária, mesmo que seus enxadristas ou matemáticos possam nos mostrar muita coisa. A lei de Deus conforme revelada na Bíblia deve ser dominante, não a obra da lei escrita nos corações dos injustos. A forma de cooperar deve ser fundamentada na lei bíblica. A lei nos fala dos limites impostos ao homem. Ela nos mantém humildes diante de Deus e dominantes sobre a natureza. Determinaremos a precisão e utilidade das obras de homens não regenerados que exercem seus talentos dados por Deus, operando sua condenação com temor e tremor.

Estrangeiros dentro dos portões receberam muitos dos benefícios da graça comum – a resposta de Deus à conversão dos hebreus. Eles receberam proteção legal completa nas cortes hebraicas (Ex. 22:21; 23:9; Dt. 24:17). Eles não tinham permissão para comer alimentos sagrados especiais (Ex. 29:33; Lv. 22:10), isolando-os assim das celebrações religiosas do templo. Mas eles comiam dos dízimos das festas, em celebração diante do Senhor (Dt. 14:22-29). Assim, eles eram beneficiários da ordem civil que Deus estabeleceu para Seu povo. Eles também podiam produzir bens e serviços com a confiança de que os frutos de seu trabalho não seriam confiscados deles por um governo civil iníquo. Isso tornava todos mais ricos, pois todos os homens na comunidade podiam desenvolver os termos do pacto de domínio.

Somos informados de que o homem natural não recebe as coisas do Espírito (1 Co. 2:14-16). Somos informados de que a sabedoria de Deus é vista como loucura pelos não regenerados (1 Co. 1:18-21). Somos informados de que devemos ter cuidado “para que nenhum homem vos deteriore pela filosofia e vaidade, segundo a tradição dos homens, segundo os rudimentos do mundo e não segundo Cristo” (Cl. 2:8). Há uma separação intransponível de natureza filosófica entre incrédulos e crentes. Eles começam com diferentes pontos de partida: caos vs. criação, Deus vs. homem.

Somente a graça comum pode reduzir o conflito entre a filosofia pagã e a cristã *na aplicação*. A rebelião ética do não regenerado permanece por trás das aparências, latente, pronta para explodir em ira, mas ele é contido por Deus e pela lei de Deus. Ele precisa do poder que a lei fornece. Portanto, ele concorda com alguns dos princípios da lei bíblica aplicada e se conforma com parte da obra da lei que está escrita em seu coração. Mas, com relação a princípios fundamentais, ele não pode concordar. E mesmo perto do fim, quando os homens no geral confessarão a existência de um único Deus e tremerão com este pensamento, eles não submeterão seus egos a esse Deus. Lutarão até a morte – até a segunda morte – para negar as reivindicações que o Deus da Bíblia tem sobre cada parte de seu ser.

Assim, pode haver cooperação na sujeição da terra. Mas os cristãos devem estabelecer a estratégia e as táticas. O homem não regenerado será como um consultor pago; ele fornecerá seus talentos, mas o Senhor construirá a cultura.

Graça Comum vs. Terreno Comum

Não devemos argumentar em favor de um terreno comum a partir da graça comum. Não podemos fazê-lo porque com o aumento da graça comum nos aproximamos daquela rebelião final em todo o seu poder satânico. A graça comum combina os esforços dos homens na sujeição da terra, mas os cristãos trabalham para a glória de Deus abertamente, enquanto os não regenerados trabalham (oficialmente) para a glória do homem ou a glória de Satanás. Eles, de fato, trabalham para a glória de Deus, pois naquele último dia todo joelho se dobrará a Ele (Fp. 2:10). A riqueza dos ímpios é depositada para os justos (Pv. 13:22). Portanto, não há fatos comuns, eticamente falando.

Naquele dia final, quando sua rebelião começar, todas as hostes de Satanás saberão sobre os fatos do mundo de Deus, pois a graça comum estará em seu nível máximo. No entanto, eles darão as costas para Deus e se rebelarão. Todos os fatos são fatos interpretados, e a *interpretação*, não os fatos como tais – não há “fatos como tais” – é o que separa os perdidos dos eleitos. Inevitavelmente, o homem natural *retém* (ativamente suprime) a verdade em injustiça (Rm 1:18).²⁷ Nenhuma “prova” filosófica de Deus (exceto uma prova que se inicie assumindo a existência do Deus revelado na

²⁷ Murray, *Romans*, comentando sobre Romanos 1:18.

Bíblia) é válida, e mesmo a suposição da existência do Deus da Bíblia não é suficiente para salvar a alma de um homem.²⁸ Somente Deus pode fazê-lo (Jo. 6:44). Não há terreno comum filosoficamente, apenas metafisicamente. Somos feitos à imagem de Deus por um Criador comum (At. 17:24-31). Todo homem sabe disso. O que podemos fazer, como homens, é apenas lembrar a todos os homens do que eles sabem. Deus usa esse conhecimento para redimir os homens.

O incrédulo usa *capital intelectual roubado* para raciocinar corretamente – corretamente no sentido de ser capaz de usar esse conhecimento como uma ferramenta para sujeitar a terra, não no sentido de conhecer a Deus como um filho adotivo o conhece. Suas conclusões podem corresponder suficientemente à realidade externa para permitir que ele opere sua fé rebelde para uma destruição ainda maior do que se ele não tivesse conhecimento preciso (Lc. 12:47-48). Ele “sabe” de alguma forma que “2 mais 2 é igual a 4”, e também que esse fato de simetria mental pode ser usado para causar efeitos desejados no reino externo da natureza. Por que essa simetria mental deveria existir, e por que ela deveria ter qualquer relação com o reino externo da natureza, é inexplicável pelo conhecimento do homem natural, um fato admitido pelo físico ganhador do prêmio Nobel, Eugene Wigner.²⁹

Os cristãos, por terem uma doutrina adequada da criação, podem explicar ambos. Então, o incrédulo usa capital intelectual emprestado em cada passo. Os cristãos podem usar parte de seu trabalho (ao verificar suas descobertas com base na revelação contida na Bíblia), e o incrédulo pode usar o trabalho dos cristãos. A terra será subjugada. Quanto mais próximas as pressuposições do incrédulo estiverem daquelas reveladas na Bíblia (como a suposição do economista conservador do fato da escassez econômica, correspondendo a Gn. 3:17-19), mais provável será que as descobertas feitas em termos dessa suposição sejam úteis. Por útil, quero dizer útil

²⁸ Van Til, *The Defense of the Faith* (Philadelphia: Presbyterian and Reformed, 1963), ataca as provas tradicionais católicas romanas e arminianas de Deus. Elas não provam o Deus da Bíblia, ele argumenta, apenas um deus finito da mente humana.

²⁹ Eugene Wigner, “The Unreasonable Effectiveness of Mathematics in the Natural Sciences,” *Communications on Pure and Applied Mathematics* XIII (1960), pp. 1-14. V. tb. Vern Poythress, “A Biblical View of Mathematics,” em Gary North (ed.), *Foundations of Christian Scholarship*, op. cit., cap. 9. V. tb. seu ensaio no *The Journal of Christian Reconstruction*, I (Verão de 1974).

na tarefa comum de todos os homens, sujeitar a terra. Assim, pode haver cooperação entre cristãos e não cristãos.

Conclusão

Os incrédulos parecem ser culturalmente dominantes hoje. Os crentes recuaram para o pietismo antinomiano e o pessimismo, pois abandonaram a fé nas duas características da filosofia social cristã que tornam o progresso possível: 1) a dinâmica do *otimismo escatológico* e 2) a ferramenta do pacto de domínio, a *lei bíblica*. Devemos concluir, então, que ou a dissolução da cultura está próxima (pois a graça comum dos não-regenerados não pode ser sustentada por muito tempo sem liderança no campo da cultura por parte dos regenerados), ou então os regenerados devem recuperar a visão de suas verdades perdidas: o pós-milenismo e a lei bíblica. Para que a graça comum continue, e para que a cooperação externa entre crentes e incrédulos seja frutífera ou mesmo possível, os cristãos devem agir para que as diretrizes da cultura externa retornem à lei de Deus. Eles devem recuperar a liderança que perderam para as especulações de autoproclamados apóstatas “razoáveis”. Se isso não for feito, então retrocederemos mais uma vez, até que os incrédulos se assemelhem aos Ik e os cristãos possam começar o processo de dominação cultural mais uma vez. Para que a graça comum continue a aumentar, ela deve ser sustentada pela graça especial. Ou os descrentes serão convertidos, ou a liderança fluirá de volta para os cristãos. Se nenhuma das duas coisas acontecer, inevitavelmente retornaremos à barbárie.

Compreensivelmente, oro pela regeneração dos ímpios e pela redescoberta da lei bíblica e de uma escatologia bíblica precisa por parte dos cristãos atuais e futuros convertidos. Se vermos tal reavivamento em nossos dias é algo desconhecido para mim. Há razões para acreditar que isso pode e vai acontecer. Há também razões para duvidar desse otimismo. O Senhor sabe.

Devemos abandonar o antinomianismo e as escatologias que são inerentemente antinomianas. Devemos chamar os homens de volta à fé no Deus de toda a Bíblia. Devemos afirmar que o plano de Deus anuncia a chegada de um dia de maior autoconsciência, quando os homens chamarão os avaros de vis e os generosos de graciosos (Is. 32). Este será um dia de grandes bênçãos externas – as maiores da história. Longas eras de tal autoconsciência se desdobrarão diante de nós. E, no fim dos tempos,

virá uma geração de rebeldes que distinguirá os avarentos dos generosos e atacará os piedosos. Eles perderão a guerra.

Portanto, a *graça comum* é essencialmente *graça futura*. Há um avanço e recuo ao longo da história, mas essencialmente é graça futura. Não deve ser vista como graça essencialmente passada ou anterior. Somente amilenistas podem sustentar tal posição – amilenistas antinomianos, aliás. O juízo final surge no fim dos tempos contra o pano de fundo da graça comum. A *maldição comum* estará em seu ponto *mais baixo*, o prelúdio para uma *maldição especial* de duração eterna. O juízo final vem, assim como o grande dilúvio veio, contra um pano de fundo dos benefícios externos de Deus para a humanidade em geral. A iniquidade dos amorreus finalmente estará completa.

O pós-milenista acredita que haverá fé em geral na Terra quando Cristo aparecer? Não se ele entender as implicações da doutrina da graça comum. Ele espera que toda a Terra seja destruída pelos rebeldes descrentes antes que Cristo os golpeie de morte – morte dupla? Não. O juízo vem antes que eles possam fazer seu trabalho. A graça comum é estendida para permitir que os descrentes encham seu cálice de ira. Eles são vasos de ira. Portanto, o cumprimento dos termos do pacto de domínio por meio da graça comum é o passo final no processo de encher esses vasos de ira. Os vasos de graça, os crentes, também serão preenchidos. Tudo estará cheio. Será que Deus destruirá Seu penhor preliminar dos Novos Céus e na Nova Terra? Será que Deus apagará o sinal de que Sua palavra foi obedecida, que o pacto de domínio foi cumprido? Terá Satanás, aquele grande destruidor, a alegria de ver a palavra de Deus frustrada, Sua obra destruída pelas próprias hordas de Satanás? O amilenista responde que sim. O pós-milenista deve negá-lo com todas as suas forças.

Há continuidade na vida, apesar das descontinuidades. A riqueza do pecador é guardada para o justo. Satanás amaria incendiar o campo de Deus, mas sabe que não pode. O joio e o trigo crescem até atingir a maturidade, e então os ceifeiros saem para colher o trigo, cortando a palha e lançando a palha no fogo. Satanás gostaria de reverter a ruína, retornar ao marco zero, retornar ao jardim do Éden, quando o pacto de domínio foi dado pela primeira vez. O cumprimento do pacto de domínio é o ato final de Satanás que é positivo – uma extensão da graça comum. Depois disso, a graça comum se tornará malévola – absolutamente malévola – à medida que Satanás usa o que resta de seu tempo e o que resta de seu poder para

atacar o povo de Deus. Quando ele usa seus dons para se tornar final e completamente destrutivo, ele é abatido do alto. *Esta culminação final da graça comum é a ruína de Satanás.*

E os mansos – mansos diante de Deus, ativos em relação à Sua criação – finalmente herdarão a terra. Uma terra renovada e um céu renovado são o pagamento final de Deus Pai ao Seu Filho e àqueles que Ele deu ao Seu Filho. Esta é a esperança pós-milenista.

Posfácio

Até o momento, eu alienei todos os grupos cristãos conhecidos. Eu alienei os membros restantes da *Christian Reformed Church* que são ortodoxos ao ficar do lado da *Protestant Reformed Church* contra o Ponto I do Sínodo de 1924. Não há favor na graça comum de Deus. Eu alienei a *Protestant Reformed Church* ao defender o pós-milenismo. Eu alienei os pré-milenistas ao argumentar que a separação entre o trigo e o joio deve ocorrer no fim da história, não mil anos antes do fim (ou, na estrutura pré-milenista dispensacionalista e pré-tribulacionista, 1007 anos antes). Eu alienei os pietistas pós-milenistas que leem e se deleitam com as obras de Jonathan Edwards ao argumentar que a tradição de Edwards foi destrutiva para a lei bíblica em 1740 e ainda o é. Ela não leva a lugar nenhum a menos que amadureça e adote o conceito de lei bíblica como uma ferramenta de vitória. Eu alienei a *Bible Presbyterian Church*, já que seus líderes negam o pacto de domínio. Eu esqueci de alguém? Ah, sim, eu alienei arminianos pós-milenistas (carismáticos da “confissão positiva”) ao argumentar que os rebeldes nos últimos dias não são cristãos apóstatas.

Tendo feito isso, espero que outros desenvolvam o esquema que esbocei relacionando graça comum, escatologia e lei bíblica. Que os poucos que levarão este ensaio a sério evitem as minas terrestres teológicas que ainda entulham a paisagem. Há refinamentos que devem ser feitos, implicações que devem ser descobertas e então trabalhadas. Espero que minha contribuição torne as tarefas de outros homens muito mais fáceis.

BIBLIOGRAFIA SELECCIONADA

Estudios sobre o Apocalipse

- Barclay, William. *The Revelation of John*. 2 vols. Philadelphia: The Westminster Press, revised ed., 1960.
- Beasley-Murray, G. R. *The Book of Revelation*. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Co., [1974] 1981.
- Beckwith, Isbon T. *The Apocalypse of John: Studies in Introduction with a Critical and Exegetical Commentary*. Grand Rapids: Baker Book House, [1919] 1979.
- Caird, G. B. *The Revelation of St. John the Divine*. New York: Harper and Row, Publishers, 1966.
- Carrington, Philip. *The Meaning of the Revelation*. London: SPCK, 1931.
- Charles, R. H. *A Critical and Exegetical Commentary on the Revelation of St. John*. 2 vols. Edinburgh: T. and T. Clark, 1920.
- Corsini, Eugenio. *The Apocalypse: The Perennial Revelation of Jesus Christ*. Trad. Francis J. Moloney, S.D.B. Wilmington, DE: Michael Glazier, 1983.
- Farrar, F. W. *The Early Days of Christianity*. Chicago: Belford, Clarke and Co., 1882.
- Farrer, Austin. *A Rebirth of Images: The Making of St. John's Apocalypse*. London: Dacre Press, 1949; Gloucester, MA: Peter Smith, 1970.
- _____. *The Revelation of St. John the Divine*. Oxford: At the Clarendon Press, 1964.
- Ford, J. Massyngberde. *Revelation: Introduction, Translation, and Commentary*. Garden City, NY: Doubleday and Co., 1975.
- Goldsworthy, Graeme. *The Lamb and the Lion: The Gospel in Revelation*. Nashville: Thomas Nelson Publishers, 1984.
- Goulder, M. D. "The Apocalypse as an Annual Cycle of Prophecies," *New Testament Studies* 27, No. 3 (April 1981), pp. 342-67.
- Hendriksen, William. *More Than Conquerors: An Interpretation of the Book of Revelation*. Grand Rapids: Baker Book House, 1939.
- Hengstenberg, E. W. *The Revelation of St. John*. 2 vols. Translated by Patrick Fairbairn. Cherry Hill, NJ: Mack Publishing Co., [1851] 1972.

- Hughes, Philip Edgcumbe. "The First Resurrection: Another Interpretation." *Westminster Theological Journal* 39 (Spring 1977) 2, pp. 315-18.
- Jenkins, Ferrell. *The Old Testament in the Book of Revelation*. Grand Rapids: Baker Book House, [1972] 1976.
- Johnson, Alan. *Revelation*. In Vol. 12 of *The Expositor's Bible Commentary*, ed. Frank E. Gaebelein. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1981.
- Kallas, James. *Revelation: God and Satan in the Apocalypse*. Minneapolis: Augsburg Publishing House, 1973.
- King, Max. *The Spirit of Prophecy*. Warren, OH: Max King, 1971.
- Leithart, Peter J. "Biblical-Theological Paper: Revelation 19:17-18." *Westminster Theological Seminary*, 1985.
- Lenski, R. C.H. *The Interpretation of St. John's Revelation*. Minneapolis: Augsburg Publishing House, 1943, 1963.
- Lindsey, Hal. *There's a New World Coming: A Prophetic Odyssey*. Eugene, OR: Harvest House Publishers, 1973.
- MacDonald, James M. *The Life and Writings of St. John*. London: Hodder and Stoughton, 1877.
- MacKnight, William J. *The Apocalypse: A Reappearance*. Boston: Hamilton Brothers, Publishers, 1927.
- Makrakis, Apostolos. *Interpretation of the Book of Revelation*. Translated by A. G. Alexander. Chicago: The Orthodox Christian Educational Society, [1948] 1972.
- Morris, Henry M. *The Revelation Record: A Scientific and Devotional Commentary on the Book of Revelation*. Wheaton: Tyndale House Publishers, 1983.
- Morris, Leon. *The Revelation of St. John*. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Co., 1969.
- Mounce, Robert H. *The Book of Revelation*. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Co., 1977.
- Plummer, A. *The Revelation of St. John the Divine*. London: Funk and Wagnalls Co., n.d.
- Ramsey, James B. *The Book of Revelation: An Exposition of the First Eleven Chapters*. Edinburgh: The Banner of Truth Trust, [1873] 1977.
- Rudwick, M. J. S., and Green, E. M. B. "The Laodicean Lukewarmness," *Expository Times* 69 (1957-58).

- Rushdoony, Rousas John. *Thy Kingdom Come: Studies in Daniel and Revelation*. Tyler, TX: Thoburn Press, [1970] 1978.
- Russell, J. Stuart. *The Parousia: A Critical Inquiry into the New Testament Doctrine of Our Lord's Second Coming*. Grand Rapids: Baker Book House, [1887] 1983.
- Shepherd, Massey H. Jr. *The Paschal Liturgy and the Apocalypse*. Richmond: John Knox Press, 1960.
- Shepherd, Norman. "The Resurrections of Revelation 20." *Westminster Theological Journal* 37 (Fall 1974) 1, pp. 34-43.
- Stonehouse, Ned B. *Paul Before the Areopagus, and other New Testament Studies*. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Co., 1957.
- Stuart, Moses. *Commentary on the Apocalypse*. 2 vols. Andover: Allen, Morrill and Wardwell, 1845.
- Sweet, J. P. M. *Revelation*. Philadelphia: The Westminster Press, 1979.
- Swete, Henry Barclay. *Commentary on Revelation*. Grand Rapids: Kregel Publications, [1911] 1977.
- Tenney, Merrill C. *Interpreting Revelation*. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Co., 1957.
- Terry, Milton S. *Biblical Apocalypstics: A Study of the Most Notable Revelations of God and of Christ in the Canonical Scriptures*. New York: Eaton and Mains, 1898.
- Vanderwaal, Cornelis. *Search the Scriptures*. 10 vols. St. Catherines, Ont.: Paideia Press, 1979.
- Vanhoye, Albert. "L'utilisation du Livre d'Ezechiel dans l'Apocalypse," *Biblica* 43 (1962), pp. 436-76.
- Victorinus. *Commentary on the Apocalypse of the Blessed John*. Trad. Robert Ernest Wallis. Alexander Roberts and James Donaldson, eds., *The Ante-Nicene Fathers*. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Co., 1970. Vol. VII, pp. 344-60.
- Wallace, Foy E. Jr. *The Book of Revelation*. Fort Worth: Foy E. Wallace Jr. Publications, 1966.
- Wilcock, Michael. *I Saw Heaven Opened: The Message of Revelation*. Downers Grove, IL: Inter-Varsity Press, 1975.

Estudos Relacionados

- Adams, Jay. *The Time Is at Hand*. Nutley, NJ: The Presbyterian and Reformed Publishing Co., [1966] 1970.
- Allen, Richard Hinckley. *Star Names: Their Lore and Meaning*. New York: Dover Publications, [1899] 1963.
- Allis, Oswald T. *Prophecy and the Church*. Grand Rapids: Baker Book House, [1945] 1947.
- Ambrose. *Sobre os Mistérios*.
- Atanásio. *A Encarnação do Verbo*.
- _____. *Orations Against the Arians*.
- Agostinho, Aurélio. *Anti-Pelagian Works*. Translated by Peter Holmes and Robert Ernest Wallis. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Co., 1971.
- _____. *A Cidade de Deus*.
- _____. *A Trindade*.
- Bahnsen, Greg L. *Theonomy in Christian Ethics*. Phillipsburg, NJ: The Presbyterian and Reformed Publishing Co., [1977] 1984.
- _____. "The Person, Work, and Present Status of Satan." *The Journal of Christian Reconstruction*, edited by Gary North. Vol. 1, No. 2 (Winter, 1974).
- _____. "The *Prima Facie* Acceptability of Postmillennialism." *The Journal of Christian Reconstruction*, Vol. 3, No. 2 (Winter, 1976-77).
- Baldwin, Joyce G. *Haggai, Zechariah, Malachi: An Introduction and Commentary*. Downers Grove, IL: Inter-Varsity Press, 1972.
- Barr, James. *Biblical Words for Time*. Naperville, IL: Alec R. Allenson Inc. Revised ed., 1969.
- Bavinck, Herman; Jonh Bolt, org. *Dogmática Reformada*. 4 vols. Trad. Vagner Barbosa. Editora Cultura Cristã, 1ª ed, 2012.
- Berkhof, Louis. *The History of Christian Doctrines*. Edinburgh: The Banner of Truth Trust, [1937] 1969.
- _____. *Teologia Sistemática*. Trad. Odayr Olivetti. Editora Cultura Cristã, quarta ed., 2012.
- Bettenson, Henry, ed. *Documents of the Christian Church*. Oxford: Oxford University Press, second ed., 1963.

- _____. *The Early Christian Fathers: A Selection from the Writings of the Fathers from St. Clement of Rome to St. Athanasius*. Oxford: Oxford University Press, 1956.
- _____. *The Later Christian Fathers: A Selection from the Writings of the Fathers from St. Cyril of Jerusalem to St. Leo the Great*. Oxford: Oxford University Press, [1970] 1977.
- Boettner, Loraine. *The Millennium*. Philadelphia: The Presbyterian and Reformed Publishing Co., 1957; revised, 1984.
- Boersma, T. *Is the Bible a Jigsaw Puzzle? An Evaluation of Hal Lindsey's Writings*. St. Catherines, Ont.: Paideia Press, 1978.
- Bouyer, Louis. *Eucharist: Theology and Spirituality of the Eucharistic Prayer*. Notre Dame: University of Notre Dame Press, 1968.
- _____. *Liturgical Piety*. Notre Dame: University of Notre Dame Press, 1955.
- _____. *The Spirituality of the New Testament and the Fathers*. Minneapolis: The Seabury Press, 1963.
- Brandon, S. G. F. *The Fall of Jerusalem and the Christian Church: A Study of the Effects of the Jewish Overthrow of A.D. 70 on Christianity*. London: SPCK, 1968.
- Bray, Gerald. *Creeds, Councils, and Christ*. Downers Grove, IL: Inter-Varsity Press, 1984.
- Brinsmead, Robert D. *The Pattern of Redemptive History*. Fallbrook, CA: Verdict Publications, 1979.
- Brown, David. *Christ's Second Coming: Will It Be Premillennial?* Grand Rapids: Baker Book House, [1876] 1983.
- Brown, John. *Expository Discourses on 1 Peter*. 2 vols. Edinburgh: The Banner of Truth Trust, [1848] 1975.
- Bruce, F. F. *Commentary on the Epistle to the Colossians*. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Co., 1957.
- Calvino, João. *Commentaries*. 45 vols. Grand Rapids: Baker Book House, 1979.
- _____. *A Instituição da Religião Cristã*. Trad. Carlos E. de Oliveira, et al. 2 tomos. Editora UNESP, 2008.
- _____. *Selected Works: Tracts and Letters*. 7 vols. Edited by Henry Beveridge and Jules Bonnet. Grand Rapids: Baker Book House, 1983.

- Campbell, Roderick. *Israel and the New Covenant*. Tyler, TX: Geneva Ministries, [1954] 1983.
- Chilton, David. *Paraíso Restaurado*. Trad. Marcelo Herberts. Editora Monergismo, 2024.
- Crisóstomo, João. *Homilies on St. John*.
- Clark, Gordon H. *Biblical Predestination*. Nutley, NJ: The Presbyterian and Reformed Publishing Co., 1969.
- Cochrane, Charles Norris. *Christianity and Classical Culture: A Study of Thought and Action from Augustus to Augustine*. London: Oxford University Press, [1940, 1944] 1957.
- Cronk, George. *The Message of the Bible: An Orthodox Christian Perspective*. Crestwood, NY: St. Vladimir's Seminary Press, 1982.
- Cipriano. *Sobre a Unidade da Igreja*.
- Didaquê (O Ensino dos Doze Apóstolos).
- Dix, Gregory. *The Shape of the Liturgy*. New York: The Seabury Press, [1945] 1983.
- Douglas, Mary. *Implicit Meanings: Essays in Anthropology*. London: Routledge and Kegan Paul, 1975.
- . *Purity and Danger: An Analysis of the Concepts of Pollution and Taboo*. London: Routledge and Kegan Paul, [1966] 1969.
- Edersheim, Alfred. *The Life and Times of Jesus the Messiah*. 2 vols. McLean, VA: MacDonald Publishing Co., n.d.
- . *The Temple: Its Ministry and Services as They Were at the Time of Christ*. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Co., 1980.
- Eliade, Mircea. *The Myth of the Eternal Return: or, Cosmos and History*. Princeton: Princeton University Press, (1954) 1971.
- Eusebius. *Ecclesiastical History*.
- Fairbairn, Patrick. *The Interpretation of Prophecy*. Edinburgh: The Banner of Truth Trust, (1865] 1964.
- Frend, W. H. C. *The Rise of Christianity*. Philadelphia: Fortress Press, 1984.
- Gaston, Lloyd. *No Stone on Another: The Fall of Jerusalem in the Synoptic Gospels*. Leiden: E. J. Brill, 1970.
- Goulder, M. D. *The Evangelists' Calendar: A Lectionary Explanation of the Development of Scripture*. London: SPCK, 1978.

- Grant, Michael. *The Twelve Caesars*. New York: Charles Scribner's Sons, 1975.
- Harnack, Adolf. *The Mission and Expansion of Christianity in the First Three Centuries*. Translated by James Moffat. Gloucester, MA: Peter Smith, [1908] 1972.
- Harrison, R. K., ed. *Major Cities of the Biblical World*. Nashville: Thomas Nelson Publishers, 1985.
- Irineu. *Contra as Heresias*.
- Jordan, James B. "Christian Piety: Deformed and Reformed." *Geneva Papers* (New Series), No. 1 (September 1985).
- _____. *Judges: God's War Against Humanism*. Tyler, TX: Geneva Ministries, 1985.
- _____. *The Law of the Covenant: An Exposition of Exodus 21-23*. Tyler, TX: Institute for Christian Economics, 1984.
- _____. "Rebellion, Tyranny, and Dominion in the Book of Genesis." Em *Tactics of Christian Resistance, Christianity and Civilization* No. 3. Ed. Gary North. Tyler, TX: Geneva Ministries, 1983.
- _____. *Sabbath-Breaking and the Death Penalty: A Theological Investigation*. Tyler, TX: Geneva Ministries, 1986.
- _____. *The Sociology of the Church*. Tyler, TX: Geneva Ministries, 1986.
- _____, ed. *The Failure of the American Baptist Culture* (Christianity and Civilization 1). Tyler, TX: Geneva Ministries, 1982.
- _____, ed. *The Reconstruction of the Church* (Christianity and Civilization 4). Tyler, TX: Geneva Ministries, 1985.
- Josefo, Flávio. *The Jewish War*. Edited by Gaalya Cornfeld. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1982.
- _____. *Works*. Translated by William Whiston. Four vols. Grand Rapids: Baker Book House, 1974.
- Jungmann, Josef A., S.J. *The Early Liturgy to the Time of Gregory the Great*, Translated by Francis A. Brunner, C.S.S.R. Notre Dame: University of Notre Dame Press, 1959.
- Justino Mártir. *Primeira Apologia*.
- Kaiser, Walter C. Jr. "The Blessing of David: The Charter for Humanity." Em *The Law and the Prophets: Old Testament Studies Prepared in Honor of*

- Oswald Thompson Allis, edited by John H. Skilton. Philadelphia: The Presbyterian and Reformed Publishing Co., 1974.
- Kik, J. Marcellus. *An Eschatology of Victory*. Nutley, NJ: The Presbyterian and Reformed Publishing Co., 1971.
- Kline, Meredith G. *By Oath Consigned: A Reinterpretation of the Covenant Signs of Circumcision and Baptism*. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Co., 1968.
- _____. *Images of the Spirit*. Grand Rapids: Baker Book House, 1980.
- _____. *Kingdom Prologue*, two vols. Privately published, 1981, 1983.
- _____. *The Structure of Biblical Authority*. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Co., second ed., 1975.
- _____. *Treaty of the Great King: The Covenant Structure of Deuteronomy*. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Co., 1963.
- Kuyper, Abraham. *Lectures on Calvinism*. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Co., 1931.
- Lecerf, Auguste. *An Introduction to Reformed Dogmatics*. Translated by Andre Schlemmer. Grand Rapids: Baker Book House, [1949] 1981.
- Lee, Francis Nigel. *The Central Significance of Culture*. Nutley, NJ: The Presbyterian and Reformed Publishing Co., 1976.
- Lewis, C. S. *O Peso da Glória*. Thomas Nelson Brasil, 2ª ed., 2017.
- Lightfoot, J. B. *The Christian Ministry*. Edited by Philip Edgcumbe Hughes. Wilton, CT: Morehouse-Barlow Co., 1983.
- Lindsey, Hal. *A Agonia do Grande Planeta Terra*. Trad. David A. de Mendonça. Editora Mundo Cristão, 2ª ed., 1973.
- MacGregor, Geddes. *Corpus Christi: The Nature of the Church According to the Reformed Tradition*. Philadelphia: The Westminster Press, 1958.
- Mantzaridis, Georgios I. *The Deification of Man*. Translated by Liadain Sherrard. Crestwood, NY: St. Vladimir's Seminary Press, 1984.
- Martin, Ernest L. *The Birth of Christ Recalculated*. Pasadena: Foundation for Biblical Research, 1980.
- _____. *The Original Bible Restored*. Pasadena: Foundation for Biblical Research, 1984.
- _____. *The Place of Christ's Crucifixion: Its Discovery and Significance*. Pasadena: Foundation for Biblical Research, 1984.

- McGuiggan, Jim, e King, Max. *The McGuiggan-King Debate*. Warren, OH: Parkman Road Church of Christ, n.d.
- McKelvey, R. J. "Temple." Em J. D. Douglas, ed. *The New Bible Dictionary*. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Co., [1962] 1965, pp. 1242-50.
- Miner, Paul. *Images of the Church in the New Testament*. Philadelphia: The Westminster Press, 1960.
- Moore, Thomas V. *A Commentary on Haggai, Zechariah, and Malachi*. Edinburgh: The Banner of Truth Trust, [1856] 1968.
- Morris, Leon. *Apocalyptic*. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Co., 1972.
- _____. *The Apostolic Preaching of the Cross*. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Co., 1955.
- Murray, Iain. *The Puritan Hope: A Study in Revival and the Interpretation of Prophecy*. Edinburgh: The Banner of Truth Trust, 1971.
- Murray, John. *Collected Writings*. 4 vols. Edinburgh: The Banner of Truth Trust, 1976-82.
- _____. *The Epistle to the Romans*. 2 vols. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Co., 1968.
- _____. *A Imputação do Pecado de Adão*. Editora Monergismo, 2019.
- _____. *A Redenção Consumada e Aplicada*. Trad. Ivan G. Grahm Ross e Valter G. Martins. Editora Cultura Cristã, 1993.
- Negev, Avraham, ed. *The Archaeological Encyclopedia of the Holy Land*. Nashville: Thomas Nelson Publishers, revised ed., 1986.
- Nisbet, Robert. *History of the Idea of Progress*. New York: Basic Books, 1980.
- North, Gary. *Backward, Christian Soldiers? An Action Manual for Christian Reconstruction*. Tyler, TX: Institute for Christian Economics, 1984.
- _____. *Conspiracy: A Biblical View*. Fort Worth: Dominion Press, 1986.
- _____. *The Dominion Covenant: Genesis*. Tyler, TX: Institute for Christian Economics, 1982.
- _____. *Moses and Pharaoh: Dominion Religion Versus Power Religion*. Tyler, TX: Institute for Christian Economics, 1985.
- _____. *The Sinai Strategy: Economics and the Ten Commandments*. Tyler, TX: Institute for Christian Economics, 1986.

- _____. *Unconditional Surrender: God's Program for Victory*. Tyler, TX: Geneva Ministries, 1983.
- _____. *Unholy Spirits: Occultism and New Age Humanism*. Fort Worth: Dominion Press, 1986.
- _____, ed. *Foundations of Christian Scholarship: Essays in the Van Til Perspective*. Vallecito, CA: Ross House Books, 1976.
- _____, ed. Symposium on the Millennium. *The Journal of Christian Reconstruction*, Vol. III, No. 2 (Winter, 1976-77).
- Owen, John. *An Exposition of the Epistle to the Hebrews*. 7 vols. Edited by W. H. Goold. Grand Rapids: Baker Book House, [1855] 1980.
- _____. *Works*. 16 vols. Edited by W. H. Goold. London: The Banner of Truth Trust, [1850-53] 1965-68.
- Paher, Stanley W. *If Thou Hadst Known*. Las Vegas: Nevada Publications, 1978.
- Paquier, Richard. *Dynamics of Worship: Foundations and Uses of Liturgy*. Philadelphia: Fortress Press, 1967.
- Pfeiffer, Charles F., and Vos, Howard F. *The Wycliffe Historical Geography of Bible Lands*. Chicago: Moody Press, 1967.
- Plumptre, E. H. *Ezekiel*. London: Funk and Wagnalls Co., n.d.
- Ridderbos, Herman. *A Vinda do Reino*. Trad. Augustus N. Lopes e Minka S. Lopes. Editora Cultura Cristã, 2010.
- Roberts, Alexander, and Donaldson, James, eds. *The Ante-Nicene Fathers*. 10 vols. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Co., 1970.
- Robinson, John A. T. *Redating the New Testament*. Philadelphia: The Westminster Press, 1976.
- Rushdoony, Rousas John. *The Biblical Philosophy of History*. Nutley, NJ: The Craig Press, 1969.
- _____. *Fundamentos da Ordem Social: Estudos Sobre os Credos e Concílios da Igreja Primitiva*. Trad. Fabrício T. de Moraes. Editora Monergismo, 2019.
- _____. *The Institutes of Biblical Law*. Nutley, NJ: The Craig Press, 1973.
- _____. *The Mythology of Science*. Nutley, NJ: The Presbyterian and Reformed Publishing Co., 1967.
- _____. *The One and the Many: Studies in the Philosophy of Order and Ultimacy*. Tyler, TX: Thoburn Press, [1971] 1978.

- _____. *Salvation and Godly Rule*. Vallecito, CA: Ross House Books, 1983.
- Ryken, Leland. *How to Read the Bible as Literature*. Grand Rapids: Zondervan, 1984.
- Santillana, Giorgio de, and Dechend, Hertha von. *Hamlet's Mill: An Essay on Myth and the Frame of Time*. Ipswich: Gambit, 1969.
- Schaeffer, Francis A. *The Church Before the Watching World*. Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1971.
- Schaff, Philip. *The Principle of Protestantism*. Translated by John W. Nevin. Philadelphia: United Church Press, (1845] 1964.
- Schaff, Philip, ed. *A Select Library of the Nicene and Post-Nicene Fathers of the Christian Church*. 14 vols. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Co., 1969.
- Schaff, Philip, and Wace, Henry, eds. *A Select Library of Nicene and Post-Nicene Fathers of the Christian Church: Second Series*. 14 vols. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Co., 1971.
- Schlossberg, Herbert. *Idols for Destruction: Christian Faith and Its Confrontation with American Society*. Nashville: Thomas Nelson Publishers, 1983.
- Schmemmann, Alexander. *Church, World, Mission: Reflections on Orthodoxy in the West*. Crestwood, NY: St. Vladimir's Seminary Press, 1979.
- _____. *For the Life of the World: Sacraments and Orthodoxy*. Crestwood, NY: St. Vladimir's Seminary Press, revised ed., 1979.
- _____. *Introduction to Liturgical Theology*. Crestwood, NY: St. Vladimir's Seminary Press, 1966.
- Seiss, Joseph A. *The Gospel in the Stars*. Grand Rapids: Kregel Publications, [1882] 1972.
- Severus, Sulpitius. *Sacred History*.
- Stauffer, Ethelbert. *Christ and the Caesars*. Philadelphia: The Westminster Press, 1955.
- Suetonius. *The Twelve Caesars*.
- Sutton, Ray R. *That You May Prosper: Dominion By Covenant*. Tyler, TX: Institute for Christian Economics, 1987.
- Symington, William. *Messias, o Príncipe: O Domínio Mediador de Jesus Cristo*. Trad. Joelson G. Pinheiro. Publicações O Pacto, 2023.
- Tácito, Cornélio. *Anais*.

_____. *As Histórias*.

Telford, William. *The Barren Temple and the Withered Tree*. Sheffield: Department of Biblical Studies, University of Sheffield, 1980.

Terry, Milton S. *Biblical Hermeneutics: A Treatise on the Interpretation of the Old and New Testaments*. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1974.

Tertuliano. *Contra Marciano*.

_____, *Apologético*.

Thurian, Max. *The Mystery of the Eucharist: An Ecumenical Approach*. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Co., 1984.

Toon, Peter. *The Ascension of Our Lord*. Nashville: Thomas Nelson Publishers, 1984.

_____. *Heaven and Hell: A Biblical and Theological Overview*. Nashville: Thomas Nelson Publishers, 1986.

Torrance, T. F. *Royal Priesthood*. Edinburgh: Oliver and Boyd Ltd., 1955.

Vandervelde, George, "The Gift of Prophecy and the Prophetic Church." Toronto: Institute for Christian Studies, 1984.

Vanderwaal, Cornelis. *Hal Lindsey and Bible Prophecy*. St. Catherines, Ont.: Paideia Press, 1978.

VanGemeren, Willem A. "Israel as the Hermeneutical Crux in the Interpretation of Prophecy." *The Westminster Theological Journal*, 45 (1983), pp. 132-44; 46 (1984), pp. 254-97.

Van Til, Cornelius. *Apologetics*. Philadelphia: Westminster Theological Seminary class syllabus, 1959.

_____. *Graça Comum e o Evangelho*. Trad. Vagner Barbosa. Editora Cultura Cristã, 2018.

_____. *The Defense of the Faith*. Philadelphia: The Presbyterian and Reformed Publishing Co., third revised ed., 1967.

_____. *Introduction to Systematic Theology*. Philadelphia: The Presbyterian and Reformed Publishing Co., 1974.

Vos, Geerhardus. *Teologia Bíblica: Antigo e Novo Testamentos*. Trad. Alberto A. de Paula. Editora Cultura Cristã, 1ª ed., 2010.

_____. *The Pauline Eschatology*. Grand Rapids: Baker Book House, [1930] 1979.

- _____. *Redemptive History and Biblical Interpretation: The Shorter Writings of Geerhardus Vos*. Edited by Richard B. Gaffin Jr. Phillipsburg, NJ: Presbyterian and Reformed Publishing Co., 1980.
- Wallace, Ronald S. *Calvin's Doctrine of the Christian Life*. Tyler, TX: Geneva Ministries, [1959] 1982.
- _____. *Calvin's Doctrine of the Word and Sacrament*. Tyler, TX: Geneva Ministries, [1953] 1982.
- Warfield, Benjamin B. *Biblical Doctrines*. New York: Oxford University Press, 1929.
- _____. *Biblical and Theological Studies*. Philadelphia: The Presbyterian and Reformed Publishing Co., 1968.
- _____. *The Plan of Salvation*. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Co., 1984.
- _____. *Selected Shorter Writings*. 2 vols. Edited by John E. Meeter. Nutley, NJ: The Presbyterian and Reformed Publishing Co., 1973.
- Webber, Robert E. *Worship: Old and New*. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1982.
- Weeks, Noel. "Admonition and Error in Hebrews." *The Westminster Theological Journal* 39 (Fall 1976) 1, pp. 72-80.
- Wenham, Gordon J. *Levítico: Comentário Exegético*. Trad. Daniel H. Kroker. Edições Vida Nova, 2021.
- _____. *Números: Introdução e Comentário*. Trad. Adiel A. de Oliveira. Edições Vida Nova, 1ª ed., 1985.
- Woodrow, Ralph. *His Truth Is Marching On: Advanced Studies on Prophecy in the Light of History*. Riverside, CA: Ralph Woodrow Evangelistic Association, 1977.

